

O Anjo das  
**TREVAS**

CALEB CARR





# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e*

*poder, então nossa sociedade poderá enfim  
evoluir a um novo nível."*

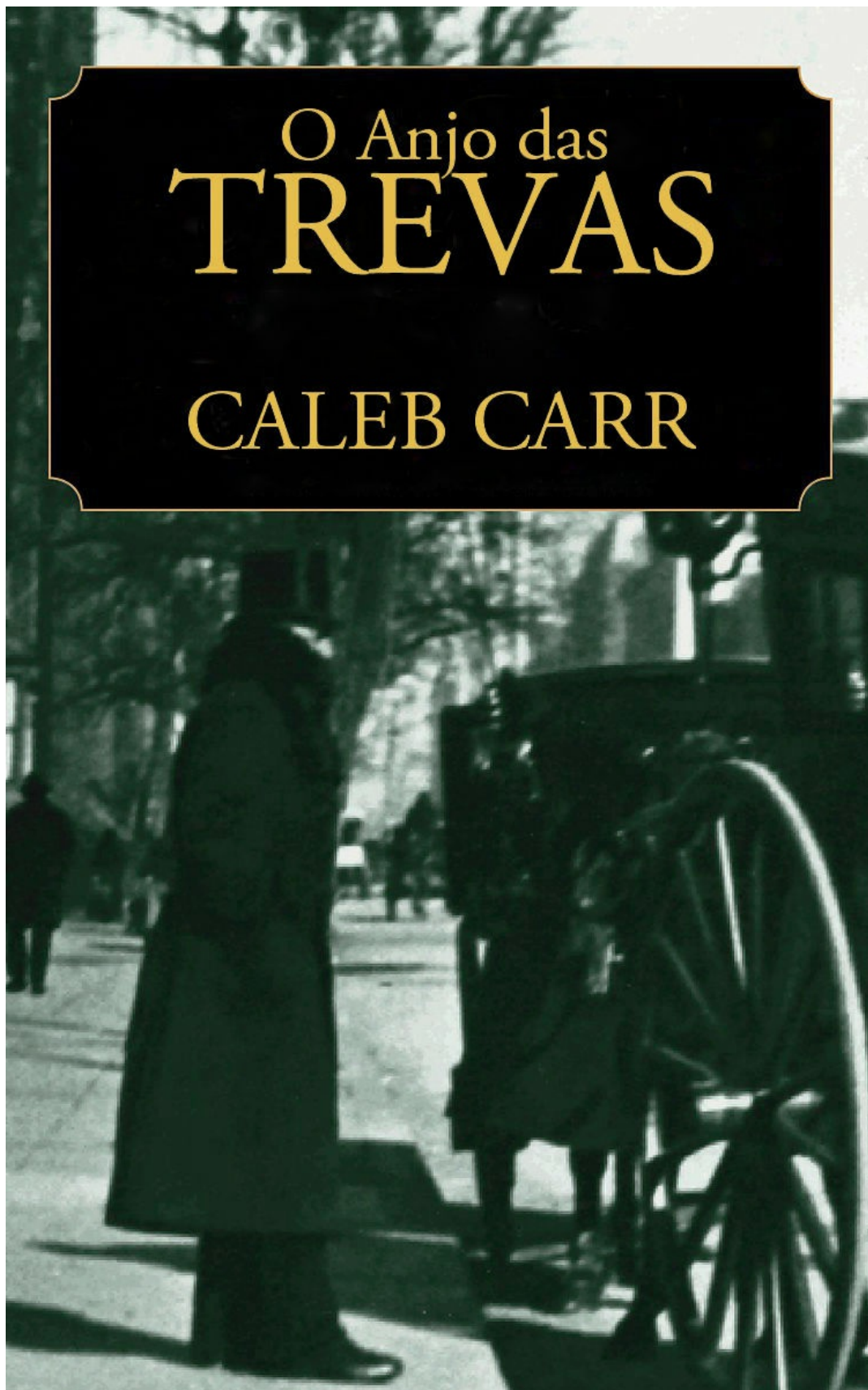
---





O Anjo das  
**TREVAS**

CALEB CARR



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[eLivros.info](#)

[eLivros.info](#)

[eLivros.info](#)

**Outra obra do autor publicada pela Editora Record** *O alienista*

CALEB CARR

O Anjo das  
TREVAS

*Tradução*  
Raquel Zampil



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C299a Carr, Caleb, 1955-

O anjo das trevas / Caleb Carr; tradução de Raquel Zampil. —  
Rio de Janeiro; Record, 2000.

Tradução de: The angel of darkness

ISBN 85-01-05370-8

1. Romance norte-americano. I. Zampil, Raquel. II. Título.

00-0354

CDD: 813

CDU: 820(73)-3

Título original norte-americano

THE ANGEL OF DARKNESS

Copyright © 1997 by Caleb Carr

Copyright Endpaper map © 1997 Anita Karl e Jim Kemp

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo  
ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para  
o Brasil adquiridos pela DISTRIBUIDORA RECORD DE  
SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.:  
585-2000



que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 85-01-05370-8

*A minha mãe e meu pai*

“Não é o fato de ter estado na casa escura  
que conta, mas sim o de ter saído de lá.”

— THEODORE ROOSEVELT



## **CAPÍTULO 1**

*19 de junho de 1919*

É provável que haja uma maneira refinada de começar uma história como esta, uma jogada sagaz que iluda as pessoas com mais certeza do que o melhor apostador da cidade. Mas a verdade é que não possuo a sutileza da língua ou a argúcia da mente para esse tipo de jogo. As palavras não se fizeram muito presentes em minha vida e, embora no decorrer dos anos eu tenha encontrado muitos dos que o mundo conta como os grandes pensadores e oradores de nossa época, continuo sendo o que a maioria chamaria de um homem simples. E, assim, um começo simples irá condizer comigo.

A primeira coisa a fazer, ao longo destas linhas simples, é dizer por que fechei a loja e vim para o escritório nos fundos, numa noite em que há ainda muitos negócios que poderiam ser feitos. Uma noite agradável, do tipo para o qual eu costumava viver: uma noite em que se pode observar tudo que se passa na avenida em mangas de camisa, nada mais, soprando a fumaça de uma dúzia de cigarros finos para as estrelas que pairam sobre a cidade e sentindo, no final das contas, que talvez haja um sentido em se viver neste hospício. O tráfego — atualmente de automóveis e caminhões a gasolina, e não apenas de cavalos velhos e estrepitosos, arrastando carruagens e tálburis — tornou-se um bocado mais lento, passada a meia-noite, e logo, finda a ceia, as senhoras e os cavalheiros virão do Albemarle Hotel e da Hoffman House buscar seus fumos de fina mistura. Irão se perguntar por que terei fechado cedo, mas não se demorarão muito tempo no assunto antes de se dirigir a outra loja; e, depois que se forem, o silêncio irá cair propositadamente sobre este grandioso edifício — o Flatiron, que ainda reina absoluto sobre a Madison Square, com sua silhueta peculiar e solitária e a elaborada fachada de pedra,

elementos que, por ocasião de sua construção, fizeram arquitetos e críticos atracarem-se com unhas e dentes. A Metropolitan Life Tower, do outro lado do parque, pode ser mais alta, porém não chega perto em estilo ou presença; e, próximos do Flatiron, edifícios como o Madison Square Garden, encimado por sua outrora escandalosa estátua de Diana nua, parecem remanescentes de uma outra época, uma era que, olhando em retrospecto, parece ter transcorrido no espaço de uma noite. Uma noite festiva, muita gente diria; mas, para alguns de nós, aqueles foram tempos estranhos e perigosos, quando aprendemos coisas sobre o comportamento humano que a maioria das pessoas mais sensatas nunca desejaria saber.

Mesmo os poucos que porventura fossem curiosos viram na Grande Guerra toda a crueldade que podiam suportar. O que as pessoas desejam agora é alegria, e querem-na a qualquer custo.

Certamente é esse impulso que move o tipo de gente que estará a caminho da minha loja para comprar os fumos de que irão precisar para as longas horas nas mesas de jogo e nos salões de baile da cidade. O clima, por si só, excluiria quaisquer outras motivações mais sombrias. Os braços leves e frescos da noite irão envolver todas essas almas esperançosas e ansiosas, e elas

irão avançar noite adentro como um cão que fareja um pedaço de osso debaixo de uma pilha de cinzas na porta de um açougue. A maior parte de suas atividades irá dar em nada, naturalmente, mas isso não tem importância; parte do estranho prazer de se ter a ilusão de que qualquer coisa é possível nas ruas sujas e batidas desta cidade é saber que, se não achar o que procura esta noite, muito mais importante é que se tente outra vez amanhã.

Lembro-me dessa sensação; eu mesmo a experimentei muitas vezes antes de chegar ao meu atual e lastimável estado. Estar sempre prestes a expelir um pulmão com a tosse tirou muito da minha alegria de viver, pois é difícil regozijar-se com os prazeres do mundo quando se deixa poças de sangue e pus aonde quer que se vá, como um animal ferido e desgraçado.

Ainda assim, porém, minha memória continua tão boa quanto antes e, para ter certeza disso, posso lembrar da alegria crua que noites como esta costumavam me trazer, a sensação que se tem de andar sozinho lá fora, com o mundo inteiro estendendo-se diante de você, à espera. É, mesmo com a tosse seca, sei que, numa noite como esta, não se fica entre quatro paredes sem uma droga de uma razão muito boa. Mas foi exatamente isso o que o Sr. John Schuyler Moore me deu.

Ele esteve aqui há cerca de uma hora, bêbado como um gambá (o que não irá surpreender absolutamente ninguém que conheça o homem) e cuspiendo grande virulência sobre a covardia dos editores e do povo americano em geral. A julgar-se pelo que ele falou (ou talvez eu devesse dizer: a julgar-se pelo que o vinho e o uísque falaram), é um milagre que este país tenha chegado aonde chegou, com todos os horrores, tragédias e violência que infestam em segredo nossa sociedade. Veja bem, não estou contestando o ponto de vista do homem; vivi muitos anos na casa do Dr. Laszlo Kreizler, a serviço do eminente alienista e amigo tanto meu quanto do Sr. Moore, para que descartasse os sombrios juízos de meu visitante como delírios de bêbado. Mas, como frequentemente acontece com os ébrios, meu amigo não iria deixar sua amargura manter-se generalizada por muito tempo: ele estava à procura de alguém específico para alvo de seu ataque e, na ausência de outro, era bastante óbvio que eu serviria.

Sua queixa específica tinha a ver com o livro que vinha escrevendo nos últimos meses, desde a morte do presidente Roosevelt. Li o livro em questão, todos nós lemos; demos ao Sr.

Moore nossa opinião a respeito e lhe desejamos boa sorte; mas não havia um só de nós, o Doutor inclusive, que acreditasse seriamente que ele tivesse chance de encontrar um editor. O

manuscrito contava a história dos assassinatos do caso Beecham, o primeiro de que o Doutor, o Sr. Moore, a Srta. Sara Howard, os dois detetives Isaacson, Cyrus Montrose e eu tivemos ocasião de nos encarregar juntos: não exatamente o tipo de história que qualquer editor em seu juízo perfeito vá colocar à disposição do público. É verdade que existem aqueles que gostam de experimentar um pouco de medo em sua leitura noturna; mas há também um limite para esse gosto, e o caso Beecham, para os dias de hoje, ultrapassava em todos os aspectos possíveis esse limite. Talvez seja mesmo uma história que precise ser contada, como alega o Sr. Moore; mas existem muitas outras que precisam e nunca o foram, simplesmente porque as pessoas não suportariam ouvi-las.

Meu primeiro erro desta noite foi fazer essa pequena observação ao Sr. Moore.

Ele me dirigiu o que nele é um olhar raro: duro e verdadeiramente furioso. Conheço John Schuyler Moore desde os meus onze anos, o que soma cerca de 24 anos, e precisaria estar sob grande pressão para citar um homem mais justo, mais decente ou em geral mais gentil. No

entanto, ele é muito profundo, e como a maioria dos que são assim, há dentro dele um poço de mágoa e amargura que às vezes não se pode evitar que transborde. Já vi diversas

coisas fazerem com que isso aconteça, mas nunca com tamanha força como nesta noite: ele *queria* que a história de Beecham fosse contada e experimentava uma ira genuína por todos aqueles que quisessem impedi-lo de contá-la, sem falar naquele que pudesse sequer tentar entender tal leviandade. Que nesse caso — infelizmente — era eu.

O Sr. Moore já não é jovem e as pregas de pele avermelhada em torno do colarinho engomado denunciam seu modo de vida; nos olhos zangados, porém, ardia o mesmo fogo que sempre o guiou quando defrontado com a injustiça e com o que vê como estupidez. E, aos sessenta e poucos anos, o homem não recua, não mais do que quando tinha a minha idade.

Ciente de tudo isso, calculei que uma apresentação de opiniões seria necessária, e subi numa das escadas de madeira da loja a fim de apanhar um jarro grande contendo uma mistura particularmente cara de folhas turcas e georgianas. Em seguida, coloquei uma segunda cadeira de vime do lado de fora, sob o pequeno toldo listrado que cobre minhas duas vitrines — S.

TAGGERT, TABACARIA, MISTURAS FINAS NACIONAIS E IMPORTADAS no melhor ouro em folha — e pus-me a enrolar o produto em meus mais elegantes papéis ingleses. Nesse cenário nós dois nos enfrentamos, a brisa de maio continuando a levar os odores mais ofensivos da cidade para o leste.

— Então, Stevie — declara o grande jornalista, no mesmo tom de voz que motivou sua demissão de diversos jornais, de norte a sul da Costa Leste —, presumo que, no fim, você também irá revelar-se um parceiro sequioso à conspiração de silêncio que cerca os horrores secretos da sociedade americana.

— Sirva-se de um cigarro, Sr. Moore — respondo, o conspirador desaparecido —, e reflita sobre o que acaba de dizer. Este sou *eu*, Stevie, o mesmo que participou de ímpias perseguições, como no caso Beecham, com o senhor, quando era ainda um menino.

— Foi com quem eu *pensei* que estivesse falando — comenta meu companheiro, vacilante

—, mas o seu tom levou-me a especular se não estaria enganado.

— Fogo? — pergunto, riscando um fósforo na calça, enquanto o Sr. Moore vasculha os bolsos. — Não é que o senhor esteja errado — prossigo —, mas precisa saber como se dirigir ao povo.

— Ah! — exclama ele. — Com que então agora eu, que já trabalhei para os melhores jornais deste país, que no momento escrevo sobre os maiores acontecimentos atuais nas páginas do *The New York Times*, agora *eu* não sei como me dirigir ao meu público!

— Não precisa se dar esses ares de importância — respondo. — O *Times* já lhe mostrou a porta da rua duas vezes, que eu saiba, exatamente porque o senhor não sabe como se dirigir ao seu público. O caso Beecham foi matéria pesada, talvez pesada demais para seus leitores.

Talvez o senhor devesse tê-los preparado para isso, começando com alguma coisa que não envolvesse a discussão da chacina de meninos prostituídos, canibalismo e globos oculares num jarro.

Um silvo fumegante escapa do grande escriba e um gesto mínimo da cabeça indica que ele acha que talvez eu tenha razão: talvez a história de um assassino perturbado, que



descarrega sua ira sobre alguns dos rapazes mais infelizes desta cidade, não fosse a melhor forma de familiarizar as pessoas com as teorias psicológicas do Dr. Kreizler e tampouco com os pecados

secretos da sociedade norte-americana. Essa percepção (caso eu tenha razão em achar que ele esteja compreendendo) obviamente não entusiasma muito o Sr. Moore. Um gemido profundo e queixoso que ele emite parece querer dizer: estou me aconselhando profissionalmente com um reles ladrãozinho que se transformou em vendedor de tabaco. Eu rio diante disso; tenho de rir, pois agora o Sr. Moore está mais para uma criança birrenta do que para um velho enraivecido.

— Vamos fazer um rápido retrospecto — sugiro, sentindo-me melhor agora que sua raiva vai cedendo lugar a certa resignação. — Vamos lembrar todos aqueles casos e ver se não conseguimos encontrar um que pareça menos uma novela sensacionalista, mas que ainda sirva ao propósito.

— Isso não é possível, Stevie — murmura o Sr. Moore, deprimido. — Você sabe tanto quanto eu que o caso Beecham foi o primeiro e melhor exemplo daquilo que Kreizler vem tentando dizer todos esses anos.

— Talvez — replico. — Por outro lado, talvez haja outros tão bons quanto este. O senhor sempre reconheceu que eu tinha a melhor memória de todos nós... Talvez eu possa ajudá-lo a lembrar-se de um.

Agora estou sendo um tanto fingido: já sei o caso que apresentaria como o mais fascinante e intrigante de todos em que trabalhamos. Mas, se eu o advogar com rapidez e veemência exageradas, bem, isso só irá funcionar como o pano vermelho diante do touro para um homem no estado do Sr. Moore. Ele apresenta um frasco e está prestes a tomar

um trago, quando então dá um pulo de uns trinta centímetros no ar, no momento em que um caminhão Ford aberto estrondeia como um canhão na avenida. Os mais velhos reagem assim a essas coisas; ainda não se acostumaram aos sons dos tempos modernos. Seja como for, depois que volta a se acomodar na cadeira com um resmungo, o Sr. Moore concede a si mesmo um minuto para refletir sobre a minha sugestão. No entanto, um lento abano da cabeça indica que ele voltou ao ponto de partida, chegando à mesma conclusão impossível: dentre todas as nossas experiências juntos, não há nenhuma tão boa, nenhuma tão clara quanto o caso Beecham. Respiro fundo, tiro uma tragada do meu cigarro e então pergunto baixinho:

— O que me diz de Libby Hatch?

Meu amigo empalidece um pouco e me olha como se a mulher pudesse aparecer aqui em pessoa, vinda do interior da loja, e atacá-lo, caso ele dissesse a coisa errada. Seu nome irá produzir o mesmo efeito em qualquer um cujo caminho ou intenção tenha cruzado com o dela.

— Libby Hatch? — ecoa o Sr. Moore em voz baixa. — Não. Não, impossível. Não é...

bom, isso... ora, simplesmente não se pode...

Ele prossegue nesse espírito até eu conseguir uma chance de falar, perguntando exatamente *por que* é impossível.

— Ora — responde ele, ainda parecendo uma criança semiaterrorizada —, como se poderia... como alguém poderia...

E então uma parte do seu cérebro, ainda não empanada pela bebida, lembra que a mulher está morta há mais de vinte

anos: ele enfuna o peito e ganha um pouco mais de coragem.

— Em primeiro lugar — começa ele (e um dedo sobe, com outros de prontidão, para indicar que há todo um arsenal de argumentos vindo por aí) —, pensei que você estivesse falando de uma história que não fosse tão horripilante quanto a de Beecham. No caso Hatch,

temos não só sequestros, como bebês assassinados, túmulos saqueados... e fomos *nós* que os saqueamos, pelo amor de Deus...

— É verdade — digo —, mas...

Mas não existem “mas...” O Sr. Moore não vai deixar a razão tomar parte nisso. Ergue-se um outro dedo e ele dá prosseguimento a suas especulações:

— Em segundo lugar, as implicações morais — ele adora essa expressõezinha — do caso Hatch são, na verdade, ainda mais perturbadoras do que as do caso Beecham.

— Exato — concordo —, e é justamente por isso que...

— E, finalmente — ressoa ele —, ainda que a história não fosse tão horripilante e perturbadora, *você*, Stevie Taggert, não seria o homem indicado para contá-la.

Esse argumento é, para mim, um pouco confuso. Na verdade, nunca ocorreu que eu *fosse* o homem indicado para contar a história, mas não me agrada muito a afirmação de que eu não poderia sê-lo. Parece haver algo subentendido ali.

Torcendo para ter entendido mal suas palavras, pergunto sem rodeios o que me impede de relatar a terrível saga de

Libby Hatch, se eu assim desejar. Para meu grande desapontamento, o Sr. Moore responde que não tenho para isso a instrução e tampouco a prática.

— O que você acha? — replica ele, seu cabedal de orgulho ferido ainda não de todo drenado. — Que escrever um livro é como preencher uma nota de compra? Que o ofício do escritor é o mesmo que vender tabaco a varejo?

Nesse ponto, o ébrio ao meu lado já não me parece mais tão divertido; mas vou lhe oferecer uma última chance.

— O senhor está se esquecendo — pergunto, sereno — de que o Dr. Kreizler cuidou pessoalmente de minha educação depois que fui morar com ele?

— Apenas alguns anos de aprendizado informal — irrita-se o Sr. Página Editorial. — Nada que se equipare a uma educação em Harvard.

— Ora, o senhor me diga se eu estiver enganado — devolvo —, mas a educação em Harvard não contribuiu muito para fazer com que *o seu* manuscritozinho fosse publicado. —

Seus olhos estreitam-se com essas palavras. — Naturalmente — prossigo, esfregando sal na ferida —, nunca fui muito chegado ao álcool, o que parece ser o principal pré-requisito para os cavalheiros de sua profissão. Mas, afóra isso, creio que estou à altura, se comparado a seus gazeteiros.

Essa última palavra merece uma certa ênfase, tratando-se de um insulto ao qual meu companheiro é especialmente sensível. Mas não exagero. Trata-se de um comentário destinado mais a espetar do que a perfurar, e obtém sucesso: o Sr. Moore nada diz durante alguns segundos e, quando volta a abrir a boca, sei que daí virá alguma coisa

que se iguale a meu golpe ou mesmo o supere. Como dois cães numa arena no velho bairro em que fui criado, nós já latimos, mordiscamos e medimos força o suficiente — é hora de abocanhar uma orelha.

— A covardia e a estupidez dos editores de Nova York e do público leitor americano nada tem a ver com uma falta de habilidade de *minha* parte em narrar a história — espumou o Sr.

Moore. — E quando chegar o dia em que eu tiver alguma coisa a aprender sobre literatura, sobre a obra de Kreizler ou sobre *qualquer coisa* que não sejam folhas de tabaco com *você*, Taggert, ficarei feliz em pôr um avental e trabalhar em seu balcão por uma semana inteira!

Nesse momento, é preciso que se saiba de uma coisa: tanto o Sr. Moore quanto eu somos ambos dados às apostas. Ganhei dinheiro com faraó pela primeira vez aos oito anos de idade, jogando pelos outros garotos do bairro, e o Sr. Moore sempre foi o tipo que aposta em praticamente qualquer jogo de azar interessante. Ora, foi o jogo que assentou a primeira base de nossa amizade: o homem me ensinou tudo que sei sobre corrida de cavalos e eu lhe sou grato por isso, mesmo *com* todo o seu paternalismo. Assim, quando ele faz esse último desafio, não acho graça; não o desconsidero; nada faço a não ser fitá-lo no olho e dizer:

— Fechado.

E cuspimos sobre a aposta, coisa que lhe ensinei, e apertamos as mãos, selando a aposta, coisa que ele me ensinou. E ambos sabemos que isso é tudo. Ele se ergue, tira uma última tragada de sua guimba e diz “Boa noite, Stevie”, de maneira quase agradável, como se nossa conversa anterior não tivesse acontecido. A questão toda já passou para um outro nível: já não se trata mais do que ele

chamaria de um exercício intelectual, agora é uma aposta, e falar mais sobre o assunto só serviria para profaná-lo. Desse ponto em diante só vai haver o jogo, a corrida para a linha de chegada, com um de nós terminando como vencedor e o outro, como perdedor; e provavelmente eu não o verei muito ou não o verei em absoluto até sabermos qual de nós ocupará qual lugar.

O que me deixa sozinho por esta noite (e, já prevejo, por muitas outras por vir), com minhas lembranças do caso Hatch: das pessoas que nos ajudaram e das que se puseram em nosso caminho, dos amigos (e dos mais que amigos) perdidos durante a caçada, dos estranhos lugares a que fomos levados — e da própria Libby Hatch. E não me importo em dizer, agora que o Sr. Moore se foi e tenho a chance de pensar um pouco a respeito, que a maior parte de suas afirmações acertou com precisão na mosca: em muitos aspectos, a história de Libby Hatch foi mais atemorizante e perturbadora do que qualquer outra coisa com que deparamos na caçada ao carnicheiro John Beecham. Em circunstâncias comuns, de fato, o arrepio em minha pele e o tremor na minha alma que neste exato momento multiplicam-se com minhas lembranças poderiam até me tentar a desistir da aposta.

Mas eis que vem um acesso de tosse: do nada, violento, torturante, cuspiendo pedaços de sangue e Deus sabe o que mais na página à minha frente. E, o que é engraçado, me dou conta de que é a tosse que irá me fazer escrever, não importa que perturbações mentais eu venha a sofrer. O Dr. Kreizler me disse o que essa tosse provavelmente significa; não estou bem certo de quantos anos ou mesmo meses ainda tenho neste mundo. Portanto, que Libby Hatch me venha pegar por tentar contar sua história. Que seu fantasma estranho e mísero arranque de mim o sopro da vida por ousar revelar essa trama. O mais certo é que ela

estaria me fazendo um favor — pois, com a tosse, também as lembranças cessariam...

O Destino, porém, não seria assim tão misericordioso, e tampouco Libby o seria. O único lugar que sua memória irá assombrar são as folhas de papel que tenho diante de mim, que não servirão aos propósitos de um editor, mas à decisão de uma aposta. Depois disso, eu as deixarei para quem quer que por acaso as encontre após minha partida, e que se dê ao trabalho de passar os olhos por elas. Você poderá ficar horrorizado, Leitor, e talvez esta vá lhe parecer uma história por demais antinatural para que tenha de fato acontecido. Essa foi uma palavra muitíssimo utilizada durante os dias em que o caso sucedeu: *antinatural*. Minha memória, porém, não definhou com meus pulmões, e você pode acreditar no que digo: se a história de

Libby Hatch tem alguma coisa a nos ensinar, é que o domínio da Natureza inclui todas as formas do que a sociedade denomina comportamento “antinatural”; que, na verdade, exatamente como o Dr. Kreizler sempre disse, não existe nada de fato natural *ou* antinatural sob o sol.

## **CAPÍTULO 2**

Foi o ruído de alguma coisa arranhando que deu início a tudo: o leve raspar de uma bota contra a fachada de pedra e tijolo da casa do Dr. Kreizler, no número 283 da Rua 17 Leste. O barulho

— familiar a qualquer garoto que tenha tido uma infância como a minha — entrou pela janela do meu quarto, na noite de um domingo, dia 20 de junho de 1897: há 22 anos, quase exatamente. Eu estava deitado em minha cama pequena, tentando estudar, mas sem muita sorte. Aquela noite também estava carregada demais com as brisas e os cheiros da primavera e excessivamente banhada em luar para

permitir que pensar em coisas sérias (ou mesmo dormir) fosse uma opção. Como era e ainda é comum em Nova York, o começo da primavera tinha sido úmido e frio, deixando-nos uma quase certeza de que teríamos apenas uma semana ou duas de uma temperatura tolerável antes do calor de verdade chegar. Aquele domingo em particular tinha começado chuvoso, mas a noite começava a clarear e parecia trazer a promessa do início daqueles poucos e preciosos dias balsâmicos. Portanto, se disserem que captei o ruído do lado de fora da minha janela em parte porque eu estava justamente à espera de uma desculpa para sair, não irei negar; a verdade maior, porém, é que, desde que me entendo por gente, estou sempre atento aos barulhos noturnos, onde quer que eu esteja.

Meu quarto na casa do Doutor ficava no quarto e último andar, dois andares e meio mundo distante de seu esplêndido salão e da sala de jantar, e mais uns seis metros verticalmente do quarto grandioso porém um tanto frugal do dono da casa, e do estúdio abarrotado no terceiro piso. Lá, na despretensão das trapeiras do último andar (que a maioria das pessoas descreveria levianamente como “o alojamento dos criados”), Cyrus Montrose — que dividia comigo a função de motorista do Doutor e outras tarefas domésticas — ocupava o quarto grande dos fundos, ao lado do qual ficava um menor, que usávamos como depósito. Meu quarto era de frente e nem de perto tão grande quanto o dos fundos; mas eu também não era nem de perto tão grande quanto Cyrus, que tinha mais de 1,80m. E o espaço de frente era ainda bastante suntuoso para os padrões de um garoto de treze anos, acostumado, desde o nascimento, a dividir um quarto alugado num cortiço próximo a Five Points com a mãe e sua fieira de homens, a dormir num pedaço qualquer de calçada ou viela que oferecesse a paz de algumas horas (tendo primeiro deixado a dita mãe e seus homens aos três anos de idade e, mais tarde, definitivamente, aos oito) e



então a lutar para escapar de uma cela que os tiras, rindo, gostavam de chamar de “quartel” da Casa de Refúgio de Meninos, na Randalls Island.

Falando desse lugar miserável, é bom que deixe uma coisa bem clara desde agora, posto que poderá vir a esclarecer outras à medida que prosseguimos. Alguns de vocês talvez tenham lido nos jornais que eu quase matei um guarda que tentou me sodomizar, quando me encontrava encarcerado na ilha; e não me vejam como desumano, quando digo que, em alguns aspectos, ainda lamento não tê-lo matado, pois que o homem tinha feito o mesmo com outros garotos e, tenho certeza, continuou a fazer depois que o meu caso foi varrido para debaixo do

tapete, e ele, reintegrado ao cargo. Talvez isso me faça parecer amargo, não sei; não gostaria de pensar em mim como um homem amargo. Mas acredito de fato que as coisas que me enraiveciam quando eu era garoto ainda me causam exasperação depois de todos esses anos.

Assim, se parecer que parte do que irei dizer nas páginas a seguir não reflete o amolecimento da idade, isso se deve apenas ao fato de eu nunca ter acreditado que a vida e as lembranças reagem ao tempo da mesma maneira que o tabaco.

Só havia mais um outro quarto no último andar da residência do Dr. Kreizler, embora, para qualquer propósito prático da casa, o aposento tivesse há muito deixado de existir. Separado do aposento de Cyrus e do meu por um corredor próprio e curto, em geral era ocupado pela criada da casa; mas, fazia já um ano que o cômodo se encontrava desabitado de qualquer alma viva.

Digo “de qualquer alma viva” porque ainda estava, de fato, ocupado pelos poucos e tristes pertences e pela ainda mais

triste memória de Mary Palmer, cuja morte durante o caso Beecham partira o coração do Doutor. Desde então, vimos sendo servidos por várias cozinheiras e criadas, que chegam antes do café da manhã e se vão após o jantar, algumas delas eficientes, outras um completo desastre; entretanto, nem Cyrus nem eu jamais nos queixamos dessa mudança, pois não tínhamos mais interesse do que o Doutor em empregar alguém em caráter permanente. Vejam bem, nós dois — embora de maneiras diversas daquela do Doutor, naturalmente — também amávamos Mary...

Seja como for, por volta das onze da noite daquele 20 de junho, eu estava em meu quarto, tentando ler algumas lições que o Dr. Kreizler me tinha designado para aquela semana —

exercícios com números e leituras de História —, quando ouvi a porta de entrada, no primeiro andar, se fechar. Senti meu corpo retesar-se, como sempre acontecia e ainda acontece quando ouço o ruído de uma porta à noite; e então, atento, distingui uma série de passadas fortes e pesadas sobre o tapete persa azul e verde da escada. Relaxei: o andar de Cyrus era tão facilmente reconhecível quanto a respiração profunda e o suave zumbido que sempre o acompanhava. Deixei-me cair de volta na cama e, com o braço estendido, segurei o livro acima de mim, sabendo que meu amigo logo meteria a cabeça negra e ampla pela porta a fim de ver se estava tudo bem comigo. Fiquei esperando que ele assim fizesse.

— Tudo tranquilo, Stevie? — perguntou ele quando alcançou o meu quarto, naquela voz grave e retumbante, que era ao mesmo tempo forte e gentil.

Fiz que sim com a cabeça e então olhei para ele.

— Ele está no Instituto, imagino.

Cyrus devolveu meu gesto afirmativo.

— Sua última noite por algum tempo. Quer aproveitar o tempo que tem... — Fez-se uma pausa silenciosa, preocupada, e então Cyrus bocejou. — Não vá ficar acordado até tarde, viu?

Ele quer que você vá buscá-lo de manhã. Eu trouxe a carruagem de volta... Creio que você vai querer levar a caleche e dar um descanso a um dos cavalos.

— Certo.

Em seguida, ouvi as pernas e os pés pesados arrastando-se em direção aos fundos da casa e o barulho da porta de Cyrus se fechando. Deixei meu livro de lado e comecei a olhar o nada, primeiro fitando o papel de parede simples de listras azuis e brancas à minha volta, em seguida a pequena trapeira aos pés da cama, diante da qual eu podia ver as copas folhudas e farfalhantes das árvores do Stuyvesant Park, do outro lado da rua.

Para mim não fazia mais sentido então do que faz agora como a vida pode acumular problemas sobre um homem que não os merece, enquanto permite que alguns dos maiores imbecis e canalhas vivos sigam seu caminho valsando em meio a vidas longas e serenas. Eu podia ver o Doutor naquele momento, claro como se estivesse ao lado dele no Instituto (este sendo o Instituto Kreizler para Crianças, na East Broadway): há muito ele já teria se certificado de que todas as crianças estavam seguras em suas camas, assim como também já teria dado as últimas instruções à equipe de funcionários em relação a novas chegadas ou casos problemáticos e, a essa altura, ele se encontraria sentado à grande escrivaninha em seu consultório, trabalhando numa montanha de papéis, em parte por necessidade e em parte para fugir ao pensamento de que tudo aquilo poderia estar

chegando ao fim. Ele ficaria ali, sob a luz de seu abajur Tiffany verde e dourado, puxando os fios do bigode e da pequena moita de barba sob a boca, e de vez em quando esfregando o braço esquerdo ruim, que parecia incomodá-lo à noite mais do que em outras horas. Mas era provável que muitas horas se passassem antes que o cansaço começasse a transparecer naqueles olhos negros astutos e, se conseguisse dormir um pouco, seria somente quando deitasse os longos cabelos negros sobre os papéis à sua frente, cochilando intermitentemente.

Veja bem, aquele fora um ano de tragédia e controvérsia para o Doutor, começando, como eu já disse, com a morte da única mulher que ele amou de verdade e culminando com o recente e inexplicado suicídio de um de seus jovens tutelados no Instituto. Uma audiência do tribunal para discutir o estado geral de coisas no Instituto seguiu-se a este último incidente, resultando num mandado de segurança. Durante sessenta dias, o Doutor deveria afastar-se do lugar, enquanto a polícia investigava a questão, e esses sessenta dias estavam firmados para começar na manhã seguinte. Entretanto, terei muito mais a dizer sobre tudo isso mais tarde.

Foi quando eu estava ali, enumerando os problemas do Doutor, que ouvi o leve e súbito ruído que mencionei, de algo raspando, vindo do lado de fora de minha janela. Como disse, identifiquei o som imediatamente — meus próprios pés haviam-no produzido demasiadas vezes para que não fosse assim. Quando meu coração começou a bater com um pouco de nervosismo, porém com uma excitação ainda maior, pensei por um segundo em ir buscar Cyrus; mas, então, uma rápida sucessão de deslizes amadores nos passos que escalavam lá fora me fez perceber que não estava prestes a receber a visita de alguém que eu não

pudesse enfrentar. Assim, simplesmente deixei o livro de lado, deslizei até a janela e pus o alto da cabeça para fora.

Às vezes me faz sorrir a lembrança daqueles dias — e ainda mais daquelas noites — e o me dar conta de quanto tempo nós todos passávamos rastejando pelos telhados, entrando e saindo das janelas alheias, enquanto a maior parte da cidade dormia a sono solto. Aquela, naturalmente, não era para mim uma atividade nova ou surpreendente: minha mãe me pusera para trabalhar entrando escondido nas casas e afanando objetos que encontrassem receptadores assim que aprendi a andar. Mas a imagem dos respeitáveis jovens de sociedade amigos do Doutor forçando janelas e espremendo-se por elas, como uma leva de gatunos comuns — bem, eu achava então e acho ainda agora divertida. E nada me trouxe um sorriso mais amplo ao rosto do que o que vi naquela noite:

Ali estava a Srta. Sara Howard, quebrando praticamente todas as regras da bíblia do arrombador de casas, se é que isso um dia existiu, e praguejando como um marinheiro, o

tempo todo. Ela vestia seu traje habitual para o dia — um vestido escuro simples, sem muitos enfeites, roupas de baixo elegantes —, mas, por menos complicadas que fossem suas vestimentas, ela estava passando maus momentos agarrada à calha da chuva e às pedras angulares salientes da casa, e a um fio de despencar no jardim do Doutor e com toda probabilidade quebrar todos os ossos de seu corpo. Seus cabelos, obviamente, haviam começado num coque apertado, mas, assim como o restante dela, estava se desfazendo; e seu rosto bonito, ainda que um tanto despretensioso, era um retrato de frustração acalorada.

— Tem sorte de eu não ser um tira, Srta. Howard — falei, passando de gatinhas para o peitoril da janela. Isso ocasionou uma rápida virada de sua cabeça e uma luz

abrasadora nos olhos verdes capazes de causar inveja a qualquer esmeralda. — Eles a levariam para a Torre Octogonal antes do café da manhã. — A Torre Octogonal era uma estrutura abobadada, de aparência sombria, na Blackwells Island, no East River, que, ao lado de duas asas que dela se dividiam, formava o notório manicômio e presídio feminino da cidade.

A Srta. Howard limitou-se a franzir o cenho e fazer um gesto com a cabeça na direção dos pés.

— São estas malditas botas — disse ela e, olhando na mesma direção que ela, pude ver qual era o problema: em vez de usar um sensato par de sapatos leves ou chinelos, que permitiriam que ela enfiasse os dedos dos pés nas fendas da alvenaria, ela, sendo novata, calçara um par de botas pesadas, tachonadas, de alpinista. Não eram diferentes daquelas que o assassino John Beecham tinha usado para escalar muros, e calculei que foi daí que ela tirou a ideia.

— Precisa de corda e acessórios para estas — disse eu, agarrando a moldura da janela com a mão direita e estendendo o braço esquerdo para ela. — Lembre-se: Beecham escalava muros de tijolo a prumo. E, além do mais — acrescentei com um sorriso, enquanto a puxava para o peitoril da janela —, ele sabia o que estava fazendo.

Ela acomodou-se, recuperou o fôlego e mal me lançou um olhar de esguelha.

— Isso é golpe baixo, Stevie — replicou. Aí então a expressão irritada tornou-se divertida, à maneira que sua aparência e suas disposições de espírito sempre mudavam: de repente, com a velocidade de um gato encharcado. Ela me retribuiu o sorriso. — Tem um cigarro?

— Assim como um cão tem pulgas — respondi, voltando ao interior do quarto em busca de um maço e entregando-lhe um. Tirei um também para mim, risquei o fósforo no peitoril da janela e ambos acendemos. — A vida deve estar ficando maçante na Broadway.

— Muito pelo contrário — afirmou ela, soprando a fumaça para fora, na direção do parque, e tirando um par de sapatos mais convencionais de uma sacola que carregava pendendo do pescoço. — Acho que finalmente consegui um caso que não diz respeito a um marido infiel ou um fedelho rico fazendo travessuras.

Uma ligeira explicação aqui: depois do caso Beecham, todos os membros de nosso pequeno bando de investigadores, exceto a Srta. Howard, voltaram às suas atividades normais.

O Sr. Moore conseguira o velho emprego de volta, fazendo reportagens policiais para o *Times*, embora continuasse a dar cabeçadas com os editores com a mesma frequência de antes. Lucius e Marcus Isaacson, por sua vez, tinham voltado para o Departamento de Polícia, onde, tendo sido promovidos pelo comissário Roosevelt, foram prontamente rebaixados outra vez a sargentos-detetives, quando o Sr. Roosevelt foi para Washington a fim de se tornar secretário-

assistente da Marinha e o Departamento de Polícia de Nova York voltou aos velhos dias. O Dr.

Kreizler regressara ao Instituto e ao seu trabalho de consulta nos casos criminais, e Cyrus e eu nos ocupamos outra vez da administração da casa do Doutor. A Srta. Howard, porém, não pôde enfrentar o retorno à vida de secretária, ainda que na Central de Polícia. Assim, ela havia assumido o aluguel de nosso antigo quartel-general, no número 808 da Broadway, e abrira seu próprio escritório de investigação particular. Restringia sua clientela às mulheres, que em geral tinham

muita dificuldade em contratar tais serviços naquela época (não que isso lhes seja tarefa fácil agora). O problema era que, como tinha acabado de dizer, praticamente as únicas senhoras que podiam se dar ao luxo de contratá-la tendiam a ser velhas tagarelas da cidade alta, que queriam saber se seus maridos estavam sendo infiéis (a resposta normalmente sendo afirmativa) ou o que os volúveis herdeiros das fortunas de suas famílias estavam fazendo nas horas vagas. Em um ano de atividade, a Srta. Howard não tinha se envolvido em um único caso suculento de assassinato, ou mesmo num belo e sórdido episódio de chantagem, e acredito que estivesse começando a se sentir desencantada com o negócio de investigação particular.

Nessa noite, porém, seu rosto refletia a afirmação de que alguma coisa verdadeiramente picante talvez tivesse surgido em seu caminho.

— Bem — disse eu —, se é tão importante assim, a senhorita poderia ter tentado a porta da frente. Teria lhe poupado algum tempo. E as chances de quebrar o pescoço também seriam muito menores.

Ora, se algum homem adulto dirigisse uma caçada como aquela a Sara Howard, ela sacaria a pequena pistola que estava sempre escondida em algum lugar de seu corpo e a posicionado, desconfortavelmente, diante do nariz do sujeito; mas provavelmente por eu ser tão mais jovem, ela sempre agia de maneira diferente comigo e, assim, podíamos falar de modo franco.

— Eu sei — respondeu ela, rindo um pouco de si mesma, enquanto tirava as botas tachonadas, jogando-as dentro da sacola, e calçava os sapatos mais sensatos. — Só pensei em aproveitar para praticar. Se você vai caçar bandidos, é preciso ser um pouco bandido também, foi o que pensei.



— Não é mesmo?

A Srta. Howard terminou de amarrar o cadarço, apagou o cigarro e espalhou o fumo que restara na guimba ao vento. Em seguida, enrolou o papel restante numa minúscula bola e a atirou para o ar com um piparote.

— Pois bem, o Dr. Kreizler não está, não é, Stevie?

— Sem chances — respondi. — Está no Instituto. Tem de sair de lá amanhã de manhã.

— É, eu sei. — A Srta. Howard inclinou a cabeça com simpatia e pesar sinceros. — Ele deve estar arrasado — acrescentou, em voz baixa.

— E um pouco mais. Quase tão mal quanto... bem, você sabe.

— Sei... — Os olhos verdes voltaram-se na direção do parque com uma expressão distante, e então ela estremeceu com força. — Bem, com o Doutor ausente, você e Cyrus estarão disponíveis para me dar uma mão. Se estiverem dispostos.

— Aonde vamos?

— Ao apartamento do Sr. Moore — disse ela, tornando a arrumar o cabelo no coque de costume. — Ele não está atendendo à campainha. Ou ao telefone.

— Provavelmente não está em casa, então. A senhorita conhece o Sr. Moore... devia ir até a área do Tenderloin e dar uma olhada nas casas de jogo. A avó dele morreu faz apenas seis meses. Ele não pode já ter gastado *toda* a herança.

A Srta. Howard balançou a cabeça negativamente.

— O porteiro do prédio dele diz que John chegou em casa há uma hora. Com uma moça.

Não saíram outra vez. — Um sorrisinho malicioso surgiu em seu rosto. — Ele está em casa, isso é certo, só não deseja interrupções. *Você*, porém, vai conseguir a nossa entrada.

Por um brevíssimo momento, pensei no Doutor, em como ele vinha tentando com tanto empenho me desencorajar dessa minha tendência vitalícia em me envolver nesse tipo de diligência que a Srta. Howard sugeria nesse momento; como já disse, porém, meu momento de reflexão foi breve.

— Cyrus acabou de chegar — disse eu, retribuindo o sorriso.  
— Vai aceitar de pronto.

Essa casa parece um necrotério nos últimos tempos. Um pouquinho de diversão viria bem a calhar.

O sorriso dela se abriu.

— Ótimo! Eu sabia que tinha o homem certo para o trabalho, Stevie.

Assenti com a cabeça.

— É — concordei, me arrastando de volta para o interior do quarto. — A senhorita só tinha os sapatos errados.

A Srta. Howard deu outra risada e me acertou um tapa, quando seguíamos para acordar Cyrus.

Eu não me enganara ao pensar que, depois de um ano em que as coisas iam mal na casa da Rua 17, Cyrus estaria pronto para qualquer coisa que quebrasse a rotina. Em questão de segundos ele estava de novo dentro do seu terno leve de *tweed*, de camisa engomada e gravata, e, enquanto

descíamos para a porta da frente, pôs na cabeça o velho chapéu-coco, seu favorito.

Nós dois escutávamos, atentos, a Srta. Howard explicar que era urgente que levássemos o Sr.

Moore ao número 808 da Broadway, onde uma senhora aflita esperava pelo seu retorno. O

caso, declarou a Srta. Howard, tinha “não só implicações criminais, como também possivelmente internacionais”. Mais do que isso ela ainda não queria nos contar, e mais do que isso nem eu nem Cyrus precisávamos saber — o que desejávamos era um pouco de ação e ambos sabíamos, por experiência própria, que, haja vista a nossa guia, era bem provável que conseguíssemos. Explicações prolongadas poderiam esperar. Positivamente atravessamos voando o vestíbulo e o pátio cercado pela grade de ferro, Cyrus — sempre cuidadoso —

fazendo uma pausa suficiente apenas para se certificar de que a casa estava seguramente trancada antes de atravessarmos o pequeno caminho até o portão. Tomamos a direção oeste na calçada da Rua 17 e então viramos para o norte na Terceira Avenida.

Não havia sentido nem em ir buscar os cavalos e a caleche na pequena cocheira ao lado da casa, nem em perder tempo tentando tomar um fiacre, posto que tínhamos apenas uma caminhada de quatro quadras e meia até o número 34 do Gramercy Park, onde o Sr. Moore havia adquirido um apartamento no início do ano, após a morte da avó. Avançando de um arco de luz ao outro, sob os postes de iluminação que se enfileiravam ao longo da Terceira Avenida, e passando por edifícios simples de três e quatro andares e sob o ocasional toldo de um armazém ou de uma barraca de frutas que cobria a calçada, a Srta. Howard seguia de braços

dados com Cyrus à sua esquerda e comigo à direita. Começou a comentar sobre as cenas de atividade noturna que víamos pelo caminho, claramente tentando controlar sua agitação ao falar sobre nada em particular. Eu e Cyrus falávamos pouco em resposta e, antes de percebermos, havíamos dobrado na Rua 20 e alcançado a massa de pedra escura do número 34

do Gramercy Park, as janelas quadradas de ângulo e de torreão de alguns de seus apartamentos ainda acesas com iluminação a gás ou elétrica. Aquele era um dos edifícios de apartamentos mais antigos da cidade e também um dos primeiros do tipo a que chamavam “cooperativa”, o que significava que todos os moradores eram proprietários. Após a súbita morte da avó, o Sr.

Moore havia acalentado por algum tempo a ideia de mudar-se para um dos elegantes edifícios residenciais da cidade alta, o Dakota ou algum outro no gênero, mas, afinal, não creio que ele pudesse enfrentar uma mudança para tão longe dos arredores de sua juventude. Depois de perder o segundo dos dois únicos membros de sua família a que fora ligado (o outro, o irmão, caíra de um barco depois de injetar-se morfina e de beber insensatamente, muitos anos antes), o Sr. Moore lutara para manter a posse da casa da avó na Washington Square, porém o testamento declarava que a propriedade devia ser vendida e o dinheiro apurado dividido entre os contenciosos herdeiros de sangue azul. Ver-se de repente completamente só, de maneira tão absoluta, já era confuso o bastante para que o Sr. Moore ainda se aventurasse em um bairro desconhecido: no fim, ele acabou voltando para o Gramercy Park, para a área onde havia crescido e onde aprendera suas primeiras lições sobre o lado mais desagradável da vida, quando na adolescência corria pelo pobre Gashouse District, ao leste.

Enquanto subíamos os degraus até as colunas de mármore marrom que circundavam o vitral da entrada do edifício, eu mantinha um olho atento no trecho envolto pelas sombras de árvores, sebes e alamedas — com duas quadras de largura e uma de comprimento — que era o Gramercy Park, às nossas costas. Ah, o parque era cercado por casas luxuosas e clubes de elite como o Players, é claro, e protegido por uma cerca de ferro batido de cerca de dois metros de altura, ainda por cima; mas qualquer malfeitor do Gashouse que honrasse as calças que vestia poderia transpor aquela cerca com facilidade e usar o parque como esconderijo para atacar de surpresa transeuntes incautos. Foi só quando vi um tira fazendo a sua ronda que me tranquilizei o suficiente para dar as costas à massa escura e juntar-me a Cyrus e à Srta. Howard à porta.

Esta estava trancada àquela hora, mas havia um pequeno botão elétrico embutido na ombreira. A Srta. Howard pôs o dedo ali e então ouvimos uma campainha soar em algum ponto no interior do edifício. Logo pude distinguir uma pequena silhueta movendo-se lentamente em nossa direção por trás do vitral, e dali a mais alguns poucos segundos estávamos diante de um velho com um colete listrado e calças pretas, com cara de que deveria ter sido enterrado há uns dez anos. O rosto enrugado ganhou uma expressão rabugenta quando nos viu.

— Sinceramente, Srta. Howard, isso é muito estranho — grunhiu ele, numa voz rouca e ofegante. — Muito estranho. Se o Sr. Moore não está respondendo à campainha, então tenho certeza...

— Está tudo bem, Stevenson — respondeu a Srta. Howard, fria como gelo. — Falei com o Sr. Moore por telefone e ele mandou que eu e meus amigos subíssemos. Parece que a

campainha está com problema. Ele me contou onde deixou a chave de reserva, para o caso de tornar a acontecer.

O velho defunto lançou um olhar demorado e cheio de empáfia a mim e a Cyrus.

— Ele falou isso? — resmungou. — Bem, estou certo de que não serei o responsável se houver alguma coisa de impróprio nisso. É muito estranho, mas... — Virou-se para a porta do elevador atrás dele. — É melhor subirem, então.

Seguimos o homem quando ele abriu primeiro a porta de madeira externa e em seguida a grade de metal interna do suntuoso elevador. Tomando assento no pequeno banco com almofada de veludo do cubículo só para importunar o velho porteiro (no que tive sucesso), passei a examinar o mogno e o bronze polidos à minha volta, perguntando-me que pobre alma tinha de passar metade de sua vida mantendo o elevador naquelas condições. Se era o velho à nossa frente, então eu reconhecia que havia boas razões para a sua rabugice. Fechando a grade e em seguida a porta, o homem calçou um par de luvas de couro gastas e manchadas e então deu um puxão forte no bem lubrificado cabo do elevador — que surgia do chão e atravessava o teto num dos cantos — a fim de pôr a coisa em movimento. Começamos a deslizar suavemente até o quinto andar, onde o Sr. Moore ocupava o apartamento que ficava de frente para o parque, no lado norte do edifício.

Quando a grade e a porta tornaram a se abrir com estrépito, eu e Cyrus seguimos a Srta.

Howard por um corredor de paredes bege, interrompido em vários pontos por portas de madeira ainda mais lustrosas. Chegando à porta do Sr. Moore, a Srta. Howard bateu e então fingiu estar à espera de que o Sr. Moore a abrisse.

Voltando-se para o porteiro, que continuava a nos observar com atenção, ela disse:

— Já é tarde, Stevenson. Não queremos prendê-lo por mais tempo.

O porteiro assentiu, relutante, voltou a fechar a porta do elevador e tornou a descer.

Tão logo ele se foi, a Srta. Howard encostou o ouvido à porta e então olhou para mim com aqueles olhos verdes dançando.

— Muito bem, Stevie — sussurrou ela. — É a sua vez.

Ainda que reformado desde que fora morar com o Dr. Kreizler dois anos antes, eu ainda carregava comigo algumas das ferramentas de meu antigo ofício, pois estas poderiam, de vez em quando, vir a ter alguma utilidade. Entre elas, encontrava-se um pequeno conjunto de palitos, que usei para começar a descartar com rapidez os tambores relativamente simples no interior da fechadura da porta do Sr. Moore. Com um suave e breve estalido, a porta se abriu, fazendo a Srta. Howard sorrir, deliciada.

— Você precisa me ensinar a fazer isso — murmurou ela, dando palmadinhas nas minhas costas e empurrando a porta. — Pois bem... aqui vamos nós.

O Sr. Moore havia decorado o apartamento com o máximo da mobília da avó que a família lhe permitira levar, bem como com algumas peças no estilo *country* inglês, que o Dr. Kreizler o ajudara a escolher. Assim, o apartamento tinha uma espécie de caráter duplo, parecendo, em alguns pontos, a casa de uma velha senhora e, em outros, o austero apartamento de um solteirão. Havia umas sete salas ao todo, dispostas numa ordem maluca que, numa casa normal,

não faria muito sentido. Numa pequena e furtiva fila, atravessamos o corredor principal mergulhado na escuridão, tomando cuidado para nos manter o tempo todo na passadeira, e deparamos com diversos artigos do vestuário masculino e feminino. A Srta.

Howard franziu o cenho ao ver aquilo e os vincos em sua testa só se tornaram mais profundos quando, ao nos aproximarmos da porta do quarto, começamos a ouvir risadinhas e gargalhadas

vindas dali. Detendo-se diante da porta, a Srta. Howard fechou uma das mãos e preparou-se para dar uma boa batida na madeira, mas nesse momento a porta se abriu de repente e surgiu uma mulher.

E aquela era, agora posso dizer com uma opinião mais abalizada do que então, uma *mulher*. Com cabelos longos e dourados descendo até a cintura e enrolada apenas numa colcha, que ela segurava com uma das mãos na lateral do corpo, possuía um par de pernas que começavam em dois delicados tornozelos e pareciam terminar em algum ponto do teto — e o teto naquele edifício era bem alto, lembre-se disso. Ela ainda estava dando sua risadinha quando saiu, e podíamos ouvir o Sr. Moore dentro do quarto, implorando-lhe que voltasse.

— Vou voltar, John, vou voltar — disse a mulher melodiosamente, através dos lábios vermelhos carnudos. — Mas me dê um minutinho. — Ela tornou a fechar a porta, voltando-se na direção do banheiro, que ficava no fim do corredor, e foi então que nos avistou.

Ela não disse coisa alguma, limitando-se a dar uma espécie de sorrisinho intrigado. A Srta.



Howard sorriu-lhe de volta, embora eu pudesse perceber que fosse um esforço para ela, e então levou um dedo aos lábios, instando a mulher a ficar em silêncio. A mulher imitou o mesmo gesto, deu mais uma risadinha — estava obviamente bêbada — e então prosseguiu, sem qualquer palavra de explicação de ou para nós, em seu caminho para o banheiro. Com isso a Srta. Howard exibiu um sorriso bem mais autêntico — para não dizer um pouquinho perverso

— e abriu a porta do quarto.

A luz pálida do corredor não nos deixava ver muito mais do que uma massa confusa de lençóis sobre uma cama muito grande, embora estivesse claro que houvesse uma pessoa sob aquela massa. Eu e Cyrus ficamos junto à porta, mas a Srta. Howard seguiu diretamente para a cama, parando ao lado desta como se estivesse esperando alguma coisa. Logo, logo a massa debaixo dos lençóis começou a se mexer e a parte superior do corpo nu do Sr. Moore apareceu, os cabelos curtos revoltos, o rosto atraente um retrato da felicidade. Seus olhos estavam fechados e, de uma maneira um tanto infantil, ele esticou-se e passou o braço em torno da cintura da Srta. Howard. Ela não pareceu muito contente com isso, mas tampouco se esquivou; e, então, sentindo-lhe o vestido, o Sr. Moore murmurou:

— Não, não, Lily, não *pode* se vestir, não *pode* ir embora, esta noite não pode terminar *jámais*...

Isso fez aparecer a pistola. Até hoje não sei dizer onde era que a Srta. Howard conseguia guardá-la para que a arma estivesse sempre escondida e ao mesmo tempo tão acessível; mas, num piscar de olhos, lá estava a arma diante dos olhos fechados e do rosto sorridente do Sr.

Moore. O sorriso desapareceu e os olhos se abriram de súbito, porém, quando a Srta. Howard armou o cão da

pistola.

— Eu acho, John — disse ela serenamente —, que mesmo através dos lençóis eu conseguiria arrancar seus dois testículos com um único tiro. Portanto, aconselho-o a tirar as mãos de mim.

O Sr. Moore afastou-se dela com um berro e então cobriu-se totalmente com o lençol, como um garoto que acabasse de ser apanhado se masturbando.

— Sara! — gritou ele, em parte por medo, em parte por raiva. — Que diabos você acha que está fazendo? E como foi que conseguiu entrar aqui?

— Pela porta da frente — respondeu a Srta. Howard simplesmente, enquanto a pistola voltava a desaparecer nas dobras de seu vestido.

— Pela porta da frente? — berrou o Sr. Moore. — Mas a porta está trancada, tenho certeza de que eu... — Olhando na direção da porta do quarto, o Sr. Moore avistou primeiro Cyrus e depois a mim... e isso era tudo que ele precisava saber. — Stevie! Então é isso! — Abaixando o cabelo com as mãos e tentando compor-se, pôs-se de pé, ainda coberto pelo lençol, e empertigou-se em sua altura máxima. — Eu pensaria, Taggert, que os elos da honra masculina impediriam que você tomasse parte numa trama como esta. E o que foi que vocês fizeram com Lily?

— Ela está no banheiro — respondeu a Srta. Howard. — Não pareceu absolutamente desapontada em nos ver. Você deve estar perdendo a forma, John.

O Sr. Moore limitou-se a franzir o cenho e voltou a olhar para a porta.

— É melhor eu me dirigir a você, Cyrus. Sabendo-o um homem íntegro, presumo que haja um bom motivo para a sua presença aqui.

Cyrus assentiu, com o sorriso ligeiramente condescendente que sempre surgia em seu rosto quando falava com o Sr. Moore.

— A Srta. Howard diz que há, senhor — respondeu ele. — É o bastante para mim. É

melhor perguntar a ela sobre o assunto.

— Supondo que eu não queira falar com ela... — grunhiu o Sr. Moore.

— Então, senhor, vai levar muito tempo para ter uma explicação...

Sem qualquer outra alternativa, o Sr. Moore fez uma pausa, deu de ombros e então deixou-se cair outra vez na cama.

— Muito bem, Sara. Diga-me o que há de tão importante que a fez arrombar a minha casa.

E, pelo amor de Deus, Stevie, me dê um cigarro.

Enquanto eu acendia um e o entregava ao Sr. Moore, a Srta. Howard andava de um lado para o outro na frente dele.

— Tenho um caso, John.

O Sr. Moore deixou escapar um suspiro profundo e fumarento.

— Esplêndido. Você faz questão da primeira página ou uma nota interna serve?

— Não, John — disse a Srta. Howard, grave. — Acho que isso é sério. Acho que é importante.

O seu tom eliminou uma boa parte do sarcasmo da voz do Sr. Moore.

— Bem... e o que é?

— Esta noite uma mulher veio ao número 808. A *señora* Isabella Linares. O nome lhe diz alguma coisa?

O Sr. Moore esfregou a testa com força.

— Não. Vamos, Sara, deixe de brincadeiras, quem é ela?

— O marido dela — respondeu a Srta. Howard — é o *señor* Narciso Linares. E, então, este lhe diz alguma coisa?

O Sr. Moore ergueu os olhos lentamente, intrigado de uma maneira que, estava claro, agradava a Srta. Howard.

— Ele não é... ele ocupa um posto no consulado espanhol, não ocupa?

— Na verdade, é secretário particular do cônsul.

— Muito bem. E o que é que a mulher dele está fazendo no número 808?

A Srta. Howard começou propositadamente a andar de um lado para o outro do quarto.

— Ela tem uma filhinha de pouco mais de um ano. Ou tinha. A criança foi sequestrada. Há três dias.

A expressão do Sr. Moore tornou-se de ceticismo.

— Sara. Estamos falando da filha do secretário particular do cônsul do Império da Espanha na cidade de Nova York. O mesmo império espanhol que o Sr. William Randolph Hearst, nosso amigo do Departamento da Marinha — e ele se referia ao Sr. Roosevelt —, alguns dos meus patrões, determinados líderes empresariais e grande parte da população deste país vêm, durante anos, insultando e tentando incitar à guerra abertamente. Você acredita com sinceridade que, se essa criança fosse sequestrada em Nova York, o dito Império da Espanha não tiraria o máximo de proveito da oportunidade de denunciar a barbaridade de seus críticos americanos? Por muito menos guerras foram travadas e evitadas, você sabe.

— É exatamente essa a questão, John. — Enquanto a Srta. Howard prosseguia, tanto eu quanto Cyrus nos aproximamos, agora muitíssimo interessados no que ela estava dizendo e sem querer perder um só lance. — Seria de se esperar que os diplomatas espanhóis reagissem assim, não é mesmo? Mas em absoluto. A *señora* Linares afirma que o sequestro aconteceu quando ela caminhava sozinha com o bebê no Central Park à noite. Ela não conseguiu ver o raptor, que veio por trás e a atingiu na cabeça com alguma coisa. Mas quando foi para casa contar ao marido o que acontecera, ele reagiu de maneira estranha, anormal. Mostrou-se pouco preocupado com a mulher e menos ainda com a filha. Disse a ela que não deveria contar a ninguém o que havia acontecido; eles esperariam um bilhete com o pedido de resgate e, se este não viesse, isso significaria que a criança fora roubada por um lunático e assassinada.

O Sr. Moore deu de ombros.

— Essas coisas acontecem *mesmo*, Sara.

— Mas ele nem tentou ir à polícia! Passou-se um dia inteiro, o pedido de resgate não veio e finalmente a *señora* Linares anunciou que, se o marido não fosse procurar as

autoridades, ela iria. — A Srta. Howard fez uma pausa, torcendo um pouco as mãos. — Ele a espancou, John.

Com violência. Você devia vê-la... Na verdade, você *irá* vê-la. Ela não sabia o que fazer... O

marido disse que faria pior se ela voltasse a falar em ir à polícia. Finalmente, ela confiou numa amiga do consulado francês, uma mulher a quem ajudei numa bobagem conjugal sem importância, faz alguns meses. A francesa falou à *señora* Linares sobre mim. E ela está nos esperando. Você precisa ir lá e conversar com ela...

— Espere, espere, espere aí — replicou o Sr. Moore, segurando no ar o cigarro e tentando salvar sua noite de prazer. — Você está se esquecendo de algumas coisinhas. Em primeiro lugar, essas pessoas são oficiais diplomáticos. As leis são diferentes. Não sei exatamente quais são num caso destes, mas são diferentes. Em segundo lugar, se esse tal Linares não deseja ir adiante, então quem somos nós para...

O Sr. Moore foi interrompido pela súbita aparição, atrás de mim e de Cyrus, da mulher que há poucos minutos estivera na cama com ele. Aparentemente, ela havia recolhido as roupas no corredor e já estava de todo vestida e pronta para ir embora.

— Com licença, John — disse ela, baixinho. — Eu não sabia bem o que estas pessoas queriam, mas parecia importante... Então, achei melhor ir embora. Não precisa me

acompanhar.

Ela virou-se para ir embora e, de repente, parecia que o Sr. Moore havia passado alguns segundos na cadeira elétrica:

Ele gritou “Não!”, desesperado, segurou o lençol em torno do corpo e disparou em direção à porta do quarto.

— Não, Lily, espere!

— Vá falar comigo no teatro amanhã! — a mulher respondeu da porta de entrada. — Eu adoraria retomar do ponto onde paramos numa outra ocasião! — E com isso ela se foi.

O Sr. Moore marchou até onde estava a Srta. Howard e lançou-lhe um olhar que se poderia chamar de fuzilante.

— *Você*, Sara Howard, acaba de destruir aquela que estava bem adiantada no sentido de se tornar uma das três melhores noites de minha vida!

A Srta. Howard limitou-se a dar um sorrisinho.

— Não vou perguntar quais foram as outras duas. Não, lamento sinceramente, John. Mas a situação é de extrema urgência.

— É *melhor* mesmo que seja.

— Mas é, acredite em mim. Você ainda não ouviu a melhor parte.

— Ah, *não*...?

— A *señora* Linares me procurou dentro do maior sigilo, após o encerramento do horário comercial. A fim de se assegurar de que não estava sendo seguida por ninguém do consulado, ela tomou o trem elevado na Terceira Avenida, no sentido do centro da cidade. Quando saltou do trem na Rua 9, caminhando ao longo da plataforma na direção da escada que leva à rua, por acaso, olhou o interior do último vagão.

A Srta. Howard se calou por um momento, fazendo com que o Sr. Moore ficasse um pouco agitado.

— Sara, pode dispensar todas essas pausas dramáticas. Elas não irão melhorar o meu humor. *O que* foi que ela viu?

— Ela viu a filha, John.

O rosto do Sr. Moore se contorceu.

— Você quer dizer que ela *achou* que viu a filha. Teve a ilusão de vê-la, esse tipo de coisa.

— Não, John. Era a *filha dela*. Nos braços de uma mulher. — A Srta. Howard permitiu-se mais uma pausa, risonha. — Uma mulher branca *americana*.

O Sr. Moore digeriu aquela pequena curiosidade com uma espécie de gemido de angústia e ao mesmo tempo de interesse: o jornalista prevalecia sobre o libertino. Ele voltou-se para mim, ainda não parecendo muito mais feliz, mas claramente resignado ao seu destino.

— Stevie, como forma de compensar esta invasão, pode me ajudar a encontrar minhas roupas? Em seguida iremos para o número 808 e, se Deus quiser, descobriremos o que está por trás dessa história. Mas juro, Sara, que, com ou sem pistola, se este caso for uma pândega, você irá se arrepender do dia em que nos conhecemos!

— Ah, já me arrependi disso há séculos — respondeu a Srta. Howard com uma risada, que eu e Cyrus acompanhamos. — Venha, Stevie. Vamos ver se conseguimos deixar nosso tresloucado amigo aqui apresentável. Precisamos nos apressar.

### **CAPÍTULO 3**



Era um caminho que eu não percorria há um ano, aquele que levava ao número 808 da Broadway, mas ninguém o diria pela maneira como meu corpo se movia ao longo do trajeto.

Lembro-me de ler em *Os princípios da psicologia* — aquele tijolo de livro que o velho mestre do Dr. Kreizler na Harvard, professor William James, escrevera há alguns anos, e cujas páginas eu vencera a duras penas, bem como o restante do nosso grupo durante o caso Beecham — que o cérebro não é o único órgão que armazena memória. Algumas das partes mais primitivas do corpo — os músculos, por exemplo — têm seus próprios métodos de acumular experiências e de recordá-las instantaneamente. Se assim é, minhas pernas o provavam naquela noite, pois eu poderia ter percorrido aquele trajeto ainda que alguém houvesse cortado meu cordão espinhal abaixo do córtex cerebral e me mantivesse vivo graças apenas ao tronco cerebral, como uma daquelas pobres rãs de laboratório que o professor James e seus alunos pareciam estar sempre picando em pedacinhos.

Enquanto seguíamos ao longo do Gramercy Park e descíamos então a Irving Place, eu mais uma vez mantinha um olho bem aberto para o caso de algum garoto de Gashouse estar por ali para interceptar grã-finos bêbados a caminho de casa, vindos das casas de jogo do Tenderloin.

Mas nada de suspeito pairava no ar, somente o mesmo cheiro limpo e úmido que se seguira ao dia de chuva; e, à medida que nos dirigíamos para o sul, comecei a relaxar. A Srta. Howard não queria divulgar nenhuma outra informação sobre o seu caso até chegarmos ao número 808

para o encontro de fato com a senhora em questão, portanto nossos esforços voltavam-se para o único propósito de levar o Sr. Moore àquele local. Essa tarefa era um pouco mais complicada do que poderia parecer. Escolhêramos ir para o centro da cidade pela Irving Place porque sabíamos que, se

seguíssemos para a Quarta Avenida e em seguida para a Union Square, ao sul, passaríamos pelo Brübacher's Wine Garden, onde muitos dos camaradas de copo do Sr.

Moore ainda estariam, sem a menor dúvida, ocupando-se com a costumeira atividade do estabelecimento: fazer apostas se os pedestres, carruagens e carroças que passavam por ali conseguiriam ou não evitar graves colisões com os bondes que vinham gritando pela Broadway, contornando a praça na velocidade máxima. Confrontado com tamanha tentação, o Sr. Moore provavelmente não teria resistido. A Irving Place, porém, tinha sua própria distração, na forma da Pete's Tavern, na Rua 18, um antigo e aconchegante ponto de encontro, que outrora fora um refúgio favorito do Chefe Tweed e seus garotos do Tammany, e onde em dias mais recentes o Sr. Moore podia ser visto com frequência bebendo durante a noite com vários de seus amigos do meio jornalístico e literário. Assim que as brilhantes luzes alaranjadas nas janelas enfumaçadas da Pete's ficaram para trás, porém, pude ver que o Sr.

Moore tinha consciência de que sua última chance de salvação também havia passado: seus resmungos transformaram-se decididamente em lamúria.

— O que estou querendo dizer é que amanhã é segunda-feira, Sara — protestou ele, quando alcançamos a Rua 14. A fachada enganosamente jovial do Tammany Hall surgiu à nossa esquerda, parecendo a mim o que sempre parecera: um armário de tijolo de algum gigante maluco. — E acompanhar o que Croker e aqueles porcos estão fazendo — o Sr. Moore apontou na direção do prédio — requer um esforço constante e irritante. Para não falar da questão espanhola.

— Besteira, John — replicou a Srta. Howard vivamente. — A política nesta cidade está estagnada neste momento, e você

sabe disso. Strong é o maior incompetente que já se sentou na Prefeitura, e nem Croker nem Platt — com o que ela se referia aos líderes democrata e republicano, respectivamente, de Nova York — estão dispostos a permitir que outro prefeito favorável à reforma ganhe em novembro. Quando chegar o inverno, vamos voltar à sordidez habitual da cidade, e ninguém precisa que você lhe diga isso.

Como se para pontuar o ponto de vista da Srta. Howard, um súbito estouro de gargalhadas cortou a noite, enquanto atravessávamos a duras penas a camada de fezes e urina de cavalo, diluídas pela chuva, que cobria a Rua 14. Uma vez transposta esta rua, todos nos voltamos para trás a fim de ver um pequeno grupo de homens alegres, bêbados e bem-vestidos, saindo de Tammany Hall, um grosso charuto projetando-se da boca de cada um.

— Humm — disse o Sr. Moore com certo abatimento, observando os homens, enquanto nos seguia na direção oeste. — Não tenho tanta certeza de que seja assim tão simples, Sara. E, mesmo que seja, isso não esclarece a questão maior da crise cubana. Estamos num ponto crítico em nossas relações com Madri.

— Tolice. — A Srta. Howard fez uma pausa suficiente apenas para agarrar a manga do Sr.

Moore e puxá-lo, fazendo com que andasse mais rápido. — Mesmo que a sua área fosse relações exteriores e não questões metropolitanas, você estaria imobilizado por ora. O general Woodford — referindo-se ao novo ministro norte-americano na Espanha — ainda nem mesmo *partiu* para Madri, e McKinley não pretende mandá-lo antes de obter um relatório completo do enviado especial a Cuba... Qual é mesmo o nome dele? O tal Calhoun.

— Como esperam que eu discuta com uma garota que lê mais o meu maldito jornal do que *eu* mesmo...? — resmungou o Sr. Moore, desalentado.

— Tudo isso — concluiu a Srta. Howard — significa que você não terá mais nada para ocupar sua atenção amanhã na redação além da usual onda de violência do verão. Ah, e ainda tem o jubileu da rainha Vitória. Não resta dúvida de que o *Times* irá explorar o evento ao máximo.

O Sr. Moore não pôde deixar de rir.

— Uma coluna à direita, durante todo o tempo das festividades. Vai haver fotos especiais no domingo também. Meu Deus, Sara, às vezes não é *chato* saber de tudo?

— Eu não sei neste caso, John — respondeu a Srta. Howard, quando começávamos a descer a Broadway. Os ruídos das carruagens na rua tornavam-se um pouco mais suaves, quando os veículos alcançavam o calçamento russo da avenida, mas o ligeiro abrandamento do tropel não diminuiu a inquietação da Srta. Howard. — Não me importo de lhes dizer que isso me assusta. Tem alguma coisa terrível nesse negócio...

Mais alguns segundos de caminhada apreensiva e eles surgiram à vista: primeiro a agulha gótica da torre da Grace Church, erguendo-se acima dos edifícios à sua volta com uma espécie

de majestade natural, e então os tijolos amarelos e janelas de claustro do número 808. Nosso velho quartel-general estava, na verdade, mais perto do que a Grace, limitando-se com o pátio da igreja do lado norte, mas, naquela parte da cidade, sempre se via a agulha da torre antes de qualquer outra coisa. Nem mesmo as janelas sempre brilhantes da loja de departamentos McCreery, do outro lado da Broadway,

ou o imenso monumento à mascateagem em ferro fundido que era a velha loja Stewart, na Rua 10, eram capazes de fazer frente à igreja. O único edifício que chegava perto era o número 808, e isso porque fora projetado pelo mesmo arquiteto, James Renwick, que evidentemente tinha em mente que essa pequena encruzilhada da Broadway deveria ser um monumento aos nossos ancestrais medievais em vez de um ponto mercantil puro e simples.

Aproximamo-nos do belo trabalho em ferro espiralado da porta de entrada do número 808

— *art nouveau*, era assim que chamavam, um nome que sempre me pareceu bastante despropositado, posto que eu imaginava que o próximo sujeito com pretensões artísticas que surgisse estaria sempre fadado a reivindicar a parte do *nouveau* — e então Cyrus, o Sr. Moore e eu fizemos uma pausa antes de entrar. Não era medo, em absoluto; mas é preciso lembrar que há apenas um ano esse lugar havia sido nossa segunda casa (às vezes até a primeira), durante uma investigação que vira horrores inimagináveis sendo trazidos à luz e amigos nossos impietosamente assassinados. Tudo na Broadway parecia quase o mesmo daqueles dias sombrios: as lojas de departamentos, o pátio e a casa paroquial da igreja, sombrios e fantasmagóricos; o elegante mas não excessivamente sofisticado St. Denis Hotel, do outro lado da rua (também desenhado pelo Sr. Renwick) — tudo estava como antes, e isso só tornava as lembranças ainda mais vívidas. E, assim, fizemos uma pausa de um minuto antes de entrar.

A Srta. Howard pareceu perceber nossa hesitação e, sabendo-a bem fundada, não nos pressionou.

— Sei que estou pedindo muito — disse ela, lançando um olhar pela rua à sua volta e falando com rara indecisão. — Mas eu lhes digo, a todos vocês, que, se virem essa mulher,

se falarem com ela por alguns poucos minutos, se a ouvirem descrever...

— Está tudo bem, Sara — interrompeu-a o Sr. Moore, deixando de lado as queixas e suavizando a voz a fim de condizer com o cenário. Ele voltou-se primeiro para mim e depois para Cyrus, como se para se certificar de que falava por todos nós. Não foi preciso dizer-lhe que sim. — Só precisamos de um instante, isso é tudo — prosseguiu ele, erguendo os olhos para a fachada do número 808. — Mas estamos com você. Assuma o comando.

Passamos pelo vestíbulo de mármore e entramos na grande gaiola que era o elevador; então começamos a lenta e penosa subida até o sexto andar. Olhando para Cyrus e para o Sr. Moore, eu podia ver que, assim como eu, eles também sabiam que, afóra todo o nervosismo, não sairíamos de lá sem termos nos envolvido em algo de que talvez nos arrependêssemos. Em parte, devido à nossa amizade mútua pela Srta. Howard; em parte, devido a... bem, algo que os nova-iorquinos carregam no sangue. Um faro para *a coisa*, chame-a como quiser: a história, o caso, a aventura — fosse lá o nome que tivesse, nela estávamos embarcando. Ah, é certo, podíamos rezar para que dessa vez não encontrássemos o tipo de destruição que encontráramos no caso Beecham; rezar, porém, era tudo que podíamos fazer, pois agora não tínhamos o poder de recuar.

O elevador parou à maneira pesada e súbita típica dos elevadores comerciais, pois o número 808 era um edifício comercial, cheio de carpintarias e estabelecimentos que trabalhavam muitas horas. Essa foi uma das razões por que o Dr. Kreizler o escolhera: pudemos realizar nossas investigações sob a inocente camuflagem dos pequenos negócios.

Mas o segredo já não era uma preocupação para a Srta. Howard e, através da grade do elevador, pude ver que ela mandara pintar um discreto anúncio na porta do sexto andar: AGÊNCIA HOWARD

## SERVIÇOS DE INVESTIGAÇÃO PARA MULHERES

Puxando a grade do elevador para o lado, ela destrancou a porta e então a manteve aberta, enquanto entrávamos todos em fila.

A grande extensão da sala, que ocupava quase todo o andar, estava escura; apenas a luz dos postes elétricos arqueados da Broadway e as janelas dos andares altos dos edifícios do outro lado da McCreery lançavam alguma claridade ali dentro. Mas era suficiente para ver que a Srta. Howard fizera apenas algumas mudanças na decoração do lugar. A mobília que o Dr.

Kreizler comprara num leilão de antiguidades no ano anterior — e que no passado pertencera à marquesa Luigi Carcano — ainda enchia a sala. O divã, a imensa mesa de mogno e as grandes poltronas descansavam sobre os tapetes orientais verdes, em seus lugares de hábito, dando ao lugar a súbita e inesperada sensação de familiaridade. A mesa de bilhar agora estava nos fundos, ao lado da cozinha, coberta por um tabuado e um cortinado de seda. Não era o tipo de coisa, imaginei, que teria inspirado muita confiança às clientes da Srta. Howard. Mas as cinco grandes mesas de escritório ainda estavam ali, embora a Srta. Howard as tivesse arrumado numa fileira e não mais em círculo; e o pequeno piano de cauda ainda se encontrava num canto, perto de uma das janelas góticas. Ao vê-lo, Cyrus dirigiu-se até ele e ergueu-lhe a tampa com um sorriso, tocando duas teclas delicadamente e então olhando para a Srta. Howard.

— Ainda afinado — disse, suavemente.

Ela assentiu e retribuiu o sorriso.

— Ainda afinado.

Cyrus tirou o chapéu-coco, sentou-se e mansamente começou a tocar. A princípio, calculei que ele escolheria uma das canções líricas que o Doutor o fazia tocar em nossa casa, mas logo percebi que se tratava de uma interpretação lenta e melancólica de alguma melodia popular que não consegui identificar de imediato.

O Sr. Moore, que olhava por outra janela para o quase invisível brilho do rio Hudson a distância, virou-se para Cyrus e dirigiu-lhe um breve sorriso.

— *Shenandoah* — murmurou baixinho, como se quisesse dizer que Cyrus encontrara a canção perfeita para resumir as estranhas e melancólicas sensações que haviam se tornado ainda mais fortes em cada um de nós com a visão daquela sala.

Num outro canto, às escuras, pude ver que a Srta. Howard tinha adicionado uma nova peça à mobília: um enorme biombo japonês, com as cinco folhas totalmente abertas. Espreitando por trás de uma das extremidades do biombo, um pedaço de um grande quadro-negro erguido sobre um cavalete, emoldurado em carvalho: o quadro, como sempre o conhecêramos. Por quanto tempo estaria ali, escondido?, perguntei-me.

A Srta. Howard, tendo-nos concedido alguns minutos para que nos ajustássemos ao retorno, nesse momento esfregou as mãos, em expectativa, e mais uma vez falou com uma espécie de hesitação que era pouco comum para ela.

— A *señora* Linares está na cozinha, tomando um chá. Vou buscá-la agora.



Ela moveu-se, furtiva, em direção aos fundos do edifício, onde um vão de porta mal iluminado indicava algum sinal de vida. Mais uma vez, automaticamente, me dirigi a uma das janelas que davam para o jardim da igreja, saltei para o parapeito — meu habitual poleiro no local — e tirei uma facinória do bolso, usando a lâmina para aparar as unhas, enquanto Cyrus continuava a tocar e ouvíamos as vozes aparentemente distantes das duas mulheres na cozinha.

Não demorou para que um par de silhuetas assomasse contra a débil luz no vão da cozinha e, mesmo na quase escuridão, eu podia ver que a Srta. Howard estava ajudando a outra senhora a andar — não tanto porque a mulher estivesse fisicamente inapta a manter-se em pé por si só (embora de fato parecesse sentir dor), porém mais para ajudá-la a superar o que eu pressentia uma espécie de terrível pavor. Quando chegaram ao meio da sala, pude ver que a mulher tinha uma figura elegante e que estava ricamente vestida de negro: camada sobre camada de cetim e seda, tudo coroado por um chapéu de abas largas, do qual pendia um pesado véu negro. Em uma das mãos, ela segurava uma sombrinha de cabo de marfim e, quando Sara soltou seu braço, foi nela que a mulher se apoiou.

Todos nos pusemos de pé, mas a atenção da *señora* Linares estava fixa em Cyrus.

— Por favor — disse ela, numa agradável inflexão da voz, que, evidentemente, havia sofrido os efeitos de muitas horas de choro. — Não pare. A canção é linda.

Cyrus obedeceu, mas passou a tocar de modo mais suave. O Sr. Moore nesse momento deu um passo à frente, estendendo a mão.

— *Señora* Linares, meu nome é John Schuyler Moore. Suponho que a Srta. Howard lhe tenha informado que sou

repórter...

— Do *The New York Times* — respondeu a mulher por trás do véu, enquanto apertava levemente a mão do Sr. Moore. — Devo lhe dizer com franqueza, *señor*, que se estivesse a serviço de qualquer outro jornal desta cidade, tais como os de propriedade de Pulitzer e Hearst, eu não teria concordado com este encontro. Eles vêm publicando mentiras abomináveis sobre a conduta de meus compatriotas em relação aos rebeldes em Cuba.

O Sr. Moore a fitou atentamente por um instante.

— Receio que sim, *señora*. Mas receio também que pelo menos parte do que eles vêm publicando seja verdade. — A cabeça da *señora* Linares pendeu ligeiramente à frente e podia-se sentir sua tristeza e vergonha mesmo através do véu. — Felizmente, porém — prosseguiu o Sr. Moore —, não estamos aqui para discutir política, mas sim o desaparecimento de sua filha.

Isto é, supondo-se que possamos ter certeza de que os dois assuntos não estão ligados.

A Srta. Howard lançou ao Sr. Moore um olhar rápido de surpresa e desaprovação, e a cabeça da *señora* Linares empertigou-se de pronto, com altivez.

— Eu dei a minha palavra à *señorita* Howard. Os fatos ocorreram exatamente como os apresentei.

A Srta. Howard abanou a cabeça.

— Francamente, John, como você pode...?

— Minhas desculpas — replicou ele. — A ambas. Mas precisam admitir que a coincidência é digna de nota. A

guerra entre nossos países está sendo discutida no momento tão banalmente quanto as condições do tempo, e, não obstante, de todos os filhos de diplomatas em Nova York, é a filha de um alto funcionário espanhol que desaparece.

— John — interveio a Srta. Howard, zangada —, talvez fosse melhor se eu e você...

Mas a *señora* Linares ergueu a mão.

— Não, *señorita* Howard. O ceticismo do *señor* Moore é compreensível, temos de reconhecer. Mas diga-me uma coisa, *señor*: se eu fosse um mero peão num jogo diplomático, iria tão longe assim? — Com isso a mulher jogou para trás o véu, passando-o sobre o chapéu preto, e caminhou até a claridade que entrava pela janela.

Ora, na área do Lower East Side onde nasci e passei meus primeiros oito anos de vida em geral a gente se acostuma à visão de mulheres tratadas com violência por seus homens; e, haja vista o gosto de minha mãe em relação a companhias masculinas, eu tivera oportunidade de ver bem de perto as consequências desse comportamento. Mas nada do que eu vira em todos aqueles anos excedia as atrocidades que alguém cometera contra aquela tão graciosa senhora.

Havia um enorme hematoma que começava acima do olho esquerdo e então descia, intumescendo o olho até fechá-lo, e terminava num talho na maçã do rosto. Um arco-íris de manchas púrpuras, pretas, amarelas e verdes espalhava-se de ambos os lados do nariz, chegando até a área sob o olho direito, o que ainda podia ver, e mostrando claramente que o nariz havia sido esmurrado. A pele do queixo estava coberta de arranhões, enquanto o lado direito da boca era puxado para baixo, num esgar contínuo, por outro corte feio. Pela maneira penosa com que ela se movia, era evidente que o

mesmo tipo de lesões havia sido infligido também ao restante do corpo.

Ao som dos silvos simultâneos que vieram do Sr. Moore, de Cyrus e de mim, a *señora* tentou sorrir, e uma leve centelha brilhou em seu olho direito, de um lindo castanho-escuro.

— Se vocês me perguntassem — murmurou ela —, eu deveria dizer que caí da escadaria de mármore do consulado, ao desmaiar de desgosto, em seguida à morte de nossa filha. Vejam, o meu marido e o cônsul Baldasano já decidiram que, nas ocasiões em que uma explicação a estranhos for inevitável, devo dizer que minha filha morreu por doença. Mas ela não está morta, *señor* Moore. — A *señora* cambaleou um ou dois passos adiante, apoiando-se na sombrinha. — Eu a vi! Eu... vi...

Nesse momento, ela pareceu prestes a desmaiar, e a Srta. Howard foi até ela rapidamente, conduzindo-a a uma das poltronas felpudas da marquesa Carcano. Eu me volvei para o Sr.

Moore e vi seu rosto iluminar-se com toda uma sucessão de reações: raiva, horror, simpatia, mas, acima de tudo, consternação. Ele agitou a mão no ar vagamente em minha direção.

— Stevie...

Eu já tinha apanhado o maço e já acendia um cigarro para cada um de nós. Entreguei-lhe o dele, fiquei observando-o andar de um lado para o outro por alguns instantes e então saí da frente quando ele correu para o telefone, que se encontrava numa mesa atrás de mim.

— Isso está fora de nossa competência — murmurou ele, apanhando o fone do aparelho.

Em seguida, numa voz mais forte: — Telefonista? O Departamento de Polícia na Mulberry Street. Escritório Central, Divisão de Detetives.

— *O quê?!* — gritou a Srta. Howard com urgência, enquanto uma expressão de terror tomava conta do rosto da *señora* Linares. — John, não, eu lhe disse...

O Sr. Moore ergueu a mão.

— Não se preocupem. Só quero descobrir onde estão. Você conhece os rapazes muito bem, Sara. Se pedirmos, irão manter a coisa extraoficial.

— Quem? — sussurrou a *señora* Linares; mas o Sr. Moore voltou sua atenção para o telefone.

— Alô? Central? Ouça, tenho uma mensagem particular urgente para os sargentos-detetives Isaacson. Pode me dizer onde se encontram?... Ah. Ótimo, obrigado. — Ele desligou o telefone e voltou-se para mim. — Stevie, parece que foi encontrado um corpo no píer da Cunard. Lucius e Marcus foram averiguar. Em quanto tempo você acha que pode ir até lá e voltar com eles?

— Se Cyrus me ajudar a confiscar um fiacre — respondi —, uma meia hora. Quarenta e cinco minutos, no máximo.

O Sr. Moore dirigiu-se a Cyrus.

— Vá.

Corremos para o elevador. Antes de entrar nele, porém, fiz uma parada suficiente para me dirigir ao Sr. Moore.

— Não acha que devemos...

O Sr. Moore apressou-se em abanar a cabeça.

— Ainda não sabemos do que se trata. Não vou pedir a ele que volte a este lugar até termos certeza.

Cyrus pousou a mão em meu ombro.

— Ele está certo, Stevie. Vamos embora.

Entrei no elevador, Cyrus fechou com força a grade e tornamos a descer.

Como o Hotel St. Denis ficasse exatamente do outro lado da rua, o número 808 sempre fora um ponto fácil para se tomar um fiacre, praticamente a qualquer hora do dia ou da noite.

Havia dois deles parados diante do hotel quando eu e Cyrus atravessamos a rua. O primeiro era uma carruagem de quatro rodas, capitaneada por um velhote num casaco de cocheiro vermelho desbotado e uma cartola muito surrada. Ele estava cochilando no seu banco e fedia a bebida a dois metros de distância. O cavalo, porém, era uma bela égua cinzenta, que parecia valente.

Virei-me para Cyrus.

— Leve ele para dentro — disse eu, saltando para o assento do cocheiro e começando a arrastar o homem para fora dele.

— Ei... ei, ande! Vamos lá, temos uma corrida para você!

O velho emitiu uns ruídos bêbados e confusos, enquanto eu o empurrava para o pequeno estribo de ferro no lado esquerdo da carruagem, na direção de Cyrus:

— O que... o que você acha... o que está fazendo?

— Guiando — respondi, sentando-me e segurando as rédeas da égua.

— Você não pode guiar! — protestou o homem, enquanto Cyrus o forçava a entrar no compartimento de passageiros e se sentava ao seu lado, fechando as portas.

— Vamos pagar o dobro do preço — respondeu Cyrus, continuando a segurar o homem com firmeza. — E não se preocupe, o garoto é um excelente cocheiro.

— Mas vocês vão me prejudicar com os tiras! — continuou a queixar-se o velho tolo, tirando a cartola e mostrando a licença presa a esta. — Não posso ter nenhum problema com a lei. Sou um cocheiro licenciado, está vendo?

— É? — Olhei para ele, virando-me para trás, agarrei a cartola e a enfiei na cabeça. —

Bem, agora *eu* é que sou. Então, trate de se sentar e calar a boca!

Ele fez uma coisa, mas não a outra, e ainda estava se lamuriando como um porco atolado quando estalei as rédeas no flanco da égua e saltamos para o calçamento da Broadway numa velocidade que mais do que justificava a rápida avaliação que eu fizera do animal.

## **CAPÍTULO 4**

No momento em que dobramos a esquina da Rua 9, seguíamos num ritmo tão louco — até mesmo para mim, confesso — que o fiacre quase virou. O píer da Cunard Line, naquele tempo em que ainda não haviam lançado ao mar os grandes navios da companhia de navegação (o *Mauretania* e o triste e velho *Lusitania*), localizava-se no fim da Clarkson Street, uma breve quadra acima da West Houston; mas eu queria evitar esta última via até onde fosse possível.

Mesmo tarde da noite de um domingo, haveria ali uma massa compacta de prostitutas, vigaristas e suas presas bêbadas, massa esta que só se tornara ainda mais compacta desde que o comissário Roosevelt fora para Washington. O volume de suas transações iria reduzir nossa velocidade drasticamente. Assim sendo, depois de percorrermos velozmente as tranquilas quadras residenciais da Rua 9, passado pela Sexta Avenida e seguido em sentido oeste pela Christopher, começamos a ver sinais perceptíveis do que a Srta. Howard mencionara mais cedo, em nossa caminhada até o número 808: os elementos marginais conduziam seus negócios fora de seus antros, covis e bordéis, em números consideráveis e totalmente esquecidos do cuidado que o Sr. Roosevelt havia, ainda que apenas brevemente, lhes inculcado.

Completando toda essa atividade, tinha-se a visão ocasional de policiais fazendo tudo aquilo que o comissário, ao percorrer pessoalmente as ruas à noite, em rondas de inspeção, lutara tanto para evitar: recolhendo subornos, bebendo diante de salões de baile e bares, brincando com prostitutas e dormindo em todos os lugares possíveis. É, a velha cidade estava mesmo acordando para o fato de que Roosevelt tinha ido embora e que seu chefe adepto da reforma, o prefeito Strong, logo logo o seguiria: o submundo começava a pôr as manguinhas de fora.

Quando alcançamos a Bleecker Street, uma coisa imobilizou meu olhar (e, confesso, minhas entranhas), e puxei as rédeas com força, freando, para alguma surpresa de Cyrus.

— O que aconteceu, Stevie? — gritou ele para mim; mas eu só conseguia, numa confusão momentânea, manter os olhos fixos do outro lado da rua, numa mancha de seda azul desbotada e numa enorme cabeleira loura. Pelo tom de voz



de Cyrus, pude perceber que ele vira o mesmo, e eu sabia que sua testa estava franzida: — Ah. *Kat*...

Tornei a agitar as rédeas e segui direto para a mancha de seda azul e cabelos louros, ambos pertencentes a Kat Devlin, uma... bem, vamos dizer por ora que era apenas uma amiga minha que trabalhava numa das espeluncas e antros que empregavam crianças, mais abaixo, na Worth Street. Ela estava acompanhada por um homem vestido com apuro e que tinha idade para ser seu avô, pois Kat tinha somente quatorze anos; e, quando tentavam atravessar a Bleecker, guiei a égua cinzenta de modo a obstruir-lhes o caminho.

— Não temos tempo para isso, Stevie — ouvi Cyrus dizer, delicadamente mas com decisão.

— Um minuto, isso é tudo — respondi prontamente.

Kat assustou-se com o súbito aparecimento da égua e olhou para cima, o rostinho bonito e os olhos azuis enfurecendo-se.

— Ei! Que diabos acha que está...? — Então ela me avistou. Sua expressão suavizou-se, mas ainda parecia perplexa. Um sorriso conseguiu abrir caminho até os lábios finos. — Ora, Stevie! O que está fazendo por aqui? E o que está pretendendo com este fiacre, além de tentar assustar meu cliente? — Com isso, ela voltou o sorriso para o velho que a acompanhava e prendeu o braço no dele com mais firmeza, fazendo meu coração queimar. O homem deu tapinhas no braço dela com a mão calçada com uma luva cara e exibiu um sorriso nauseante.

— Eu ia lhe fazer a mesma pergunta — disse eu. — Aqui já é um pouco longe para você, não é, Kat?

— Ah, estou subindo na vida — respondeu ela. — Na semana que vem, tiro minhas coisas do Frankie's de uma vez por

todas e vou trabalhar na Hudson Street. Na casa dos Dusters. —

De repente, ela fungou com força, dolorosamente, deu uma risadinha para disfarçar e apressou-se a limpar o nariz. Surgiu um vestígio de sangue na luva comida por traças. Então, como dizem, tudo ficou claro para mim.

— Dusters — repeti, a ardência no peito transformando-se em medo. — Kat, você não pode...

Ela percebeu o que eu iria dizer e recomeçou a atravessar a rua.

— É só um amigo meu — disse para o homem que a acompanhava. Em seguida, gritou para mim, sobre o ombro: — Dê uma passadinha no Frankie's para falar comigo esta semana, Stevie! — Aquele era ao mesmo tempo um aviso para eu me afastar e um convite. — E pare de roubar fiacres por aí!

Eu queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, para fazê-la deixar o cliente e vir conosco, mas Cyrus debruçou-se para a frente e agarrou meu ombro com força.

— Não adianta, Stevie — disse ele, no mesmo tom suave porém firme. — Não temos tempo.

Eu sabia que ele estava certo, mas não havia resignação nesse conhecimento, e eu podia sentir meu corpo retesando-se ao ponto de, por um instante, minha visão tornar-se totalmente distorcida. Em seguida, com um súbito e breve grito, apanhei o comprido chicote do cocheiro, levantei-o acima da cabeça e fustiguei-o na direção do homem que atravessava a rua com Kat.

O chicote alcançou-lhe o topo do chapéu alto, abrindo nele um belo buraco e mandando-o pelos ares uns dois metros adiante, onde o chapéu foi cair numa poça de água de chuva e mijo de cavalo.

Kat girou, voltando-se para mim.

— Stevie! Maldito seja! Você não pode...

Mas eu não ia ficar ali para ouvir mais: sacudi as rédeas e mandei a égua cinzenta de volta à Christopher Street, em disparada, as imprecações e protestos de Kat audíveis porém indistintos às minhas costas.

Suponho que a essa altura você já tenha calculado que Kat era algo mais do que uma simples amiga para mim. Mas ela não era minha namorada, de modo algum; na verdade, não era namorada de ninguém. Eu não saberia dizer então, e continuo não sabendo agora, que lugar ela ocupava em meu mundo. Talvez possa dizer que ela foi a primeira pessoa com quem tive relações íntimas, exceto pelo fato de que tal afirmação poderia evocar imagens felizes de um

amor juvenil, o que estava muito longe da realidade. A verdade é que ela era uma incógnita —

uma incógnita que viria a se tornar ainda mais desconcertante nos dias que estavam por vir, pois sua vida tomou um rumo inesperado, destinado a entrelaçar-se com o caso que estávamos apenas começando a desvendar.

No momento em que chegamos à Hudson Street, eu ainda estava agitadíssimo e não fiz o menor esforço em reduzir a velocidade da égua ao puxar as rédeas com força com o braço esquerdo e dar ordem ao animal de virar na direção do centro da cidade. Mais uma vez, quase viramos e, embora o cocheiro gritasse de medo, não ouvi qualquer protesto por

parte de Cyrus, que estava acostumado ao meu modo de guiar e sabia que eu jamais havia virado uma carruagem. Passando pelos tijolos vermelhos desbotados da velha capela de São Lucas, à nossa direita, e em seguida pelos bares e lojas da parte baixa da Hudson Street, alcançamos a Clarkson apenas alguns segundos depois e fizemos mais uma curva impetuosa, dessa vez para oeste. O rio e a zona portuária de repente surgiram à nossa frente, a água mais negra do que a noite e o píer no fim da rua extraordinariamente movimentado para a hora.

À medida que deixávamos para trás os armazéns e galpões de hospedagem de marinheiros que ladeavam as últimas quadras da Clarkson Street, podíamos começar a distinguir a silhueta de um grande vapor ancorado junto à comprida superestrutura de um verde profundo do píer da Cunard: aquele era o *Campania*, que ainda não completara cinco anos e descansava, altivo, com fileiras de pequenas luzes no convés do escaler, iluminando as duas chaminés de um vermelho intenso e negras extremidades, a bela ponte branca, os barcos salva-vidas e a linha imponente de seu casco, tudo sugerindo magnificamente as maravilhas que a companhia pioneira em viagens transatlânticas alcançaria num futuro não muito distante.

No cais do porto, perto do píer, via-se um grupo bastante grande de pessoas e, à medida que fomos nos aproximando, pude ver que muitas delas eram policiais, alguns detetives e alguns de uniforme. Havia marinheiros e estivadores também e, estranhamente, alguns garotos vestindo nada além de calças ensopadas, cortadas na altura dos joelhos. Eles tinham pedaços grandes de lona enrolados nos ombros e estavam tremendo e saltitando, em parte por causa do frio da água do rio, na qual evidentemente haviam estado nadando, e em parte devido à agitação. Algumas tochas e a lanterna elétrica de um estivador iluminavam o cenário, mas

por enquanto não havia o menor sinal dos sargentos-detetives Isaacson. O que nada significava, naturalmente — era bem possível que estivessem no fundo do Hudson, de capacete de mergulho, procurando pistas que a maioria dos detetives de Nova York teriam considerado inúteis.

Assim que alcançamos o cais, Cyrus tirou algum dinheiro da carteira, enfiou-o na mão trêmula do cocheiro, limitando-se a dizer: “Fique aqui”, um comando que o homem não tinha a mínima condição de desobedecer. Só para ter certeza de que ele não fugiria, porém, mantive a cartola e a licença na cabeça, enquanto começávamos a abrir caminho em meio à multidão.

Deixei que Cyrus falasse com os tiras, posto que, por menor que fosse o respeito que os policiais da cidade de Nova York tivessem por negros, era ainda menor o que tinham por mim.

Eu já avistara uns dois policiais com os quais meu caminho já cruzara durante os anos em que fora conhecido como “Stevepipe” e considerado, justificadamente, reconhecido, infame nas cercanias da Mulberry Street. Quando Cyrus perguntou pelos Isaacsons, foi direcionado, de uma forma que se poderia chamar relutante, para o que quer que estivesse acontecendo no

centro da aglomeração de pessoas, com um grito de “Tem um crioulo aqui querendo falar com os judeus!”. Então seguimos adiante, abrindo caminho a cotoveladas.

Fazia alguns meses que eu não via os sargentos-detetives, mas teria sido impossível imaginá-los num cenário mais típico. Na barragem de concreto do porto, eles encontravam-se agachados sobre um grande pedaço de oleado vermelho vivo. Marcus, alto e bonito, com a cabeleira escura e encaracolada e o nariz grande e aristocrático, tinha nas

mãos uma fita métrica e uns instrumentos de aço para aferição, e ocupava-se em registrar as dimensões de um objeto ainda irreconhecível no chão. O irmão mais novo, Lucius, mais baixo e robusto, manuseava algumas coisas que pareciam instrumentos médicos do tipo que o Dr. Kreizler possuía em sua sala de exames. Os dois eram supervisionados por um capitão que reconheci —

Hogan era o seu nome e ele abanava a cabeça, como todos os policiais da velha-guarda faziam quando diante do trabalho dos Isaacsons.

— Não tem o *suficiente* para se tirar alguma conclusão — disse o capitão Hogan com uma risada. — Seria melhor se dragássemos o rio para ver se conseguimos encontrar alguma coisa que possa nos dizer um pouco mais... como, por exemplo, quem sabe, uma *cabeça*. — Os policiais à volta dele puseram-se também a rir. — *Essa* coisa tem de ir direto para o necrotério, embora eu não faça ideia do que os rapazes de lá possam fazer com isso.

— Tem muitas pistas importantes no que há por aqui — respondeu Marcus, sem se voltar, a voz grave e segura. — Podemos pelo menos ter uma ideia de como a coisa foi feita.

— E levar tudo daqui só vai ter como resultado o prejuízo de sempre às provas circunstanciais — acrescentou Lucius, a voz rápida e agitada. — Assim, se o senhor tiver a bondade de manter essas pessoas afastadas e nos deixar terminar, capitão Hudson, vai haver tempo suficiente para sua entrega na capela mortuária.

Hogan deu outra risada e virou-lhes as costas.

— Vocês, judeus! Sempre pensando. Muito bem, pessoal, um passo para trás, andem.

Vamos deixar os *especialistas* fazerem seu trabalho.

Quando Hogan olhou em nossa direção, puxei a cartola sobre os olhos, ainda na esperança de não ser reconhecido, enquanto Cyrus se aproximava dele.

— Senhor — disse Cyrus, com um respeito maior do que o que eu sabia que ele sentia —, tenho um recado particular muito importante para os sargentos-detetives.

— É mesmo? Agora? — replicou Hogan. — Ora, eles não querem nenhum zulu tirando-os de seus estudos científicos...

Os Isaacsons, porém, ouvindo a voz de Cyrus, já haviam se voltado em nossa direção. Ao vê-lo, ambos sorriram.

— Cyrus! — gritou Marcus. — O que faz por aqui? — O sargento-detetive olhou à volta e eu sabia que estava me procurando. Eu já levava o dedo à frente da boca, para que, quando me visse, soubesse que não deveria dizer coisa alguma. Ele entendeu a mensagem e assentiu com a cabeça, ainda sorrindo, e então Lucius fez o mesmo. Ambos se levantaram e, pela primeira vez, pudemos ver o que havia sobre o oleado.

Era a parte superior do torso de um homem que havia sido cortado logo abaixo das costelas. O pescoço havia sido igualmente decepado, de uma maneira que até mesmo eu podia ver que não era o trabalho de um especialista. Os braços também tinham sido extirpados do

tronco, cuja carne parecia fresca. Isso, somado ao fato de não haver um fedor forte no ar, parecia indicar que aquela coisa não tinha ficado muito tempo na água.

Com um aceno de cabeça de Cyrus, Lucius e Marcus afastaram-se para um lado conosco, e então trocamos

cumprimentos amistosos em vozes sussurradas.

— Mudou de profissão, Stevie? — perguntou Lucius, apontando minha cartola, enquanto enxugava a cabeça com um lenço.

— Não, senhor — respondi. — Mas precisávamos chegar aqui rápido. A Srta. Howard...

— Sara? — interrompeu Marcus. — Ela está bem? Aconteceu alguma coisa?

— Ela está no número 808, senhor — respondeu Cyrus. — Com um cliente e com o Sr.

Moore. Trata-se de um caso no qual eles acreditam que vocês possam ajudá-los. É urgente...

mas tem de ser extraoficial.

Lucius suspirou.

— Como tudo mais que possa de fato favorecer a ciência legal atualmente. O que podemos fazer é apenas evitar que esse bando pegue esses restos mortais e dê como alimento para os leões no Central Park.

— O que aconteceu? — indaguei, tornando a olhar para o sinistro pedaço de cadáver sobre o oleado.

— Uns garotos o viram boiando no rio — explicou Marcus. — Um trabalho bastante grosseiro. Foi morto há apenas algumas horas, com certeza. Mas tem alguns detalhes interessantes e precisamos fazer um registro de todos eles. Podem nos dar cinco minutos?

Cyrus assentiu e então os sargentos-detetives voltaram ao trabalho. Eu podia ouvir Lucius começando a relacionar



vários detalhes daquela coisa para os outros tiras, seu tom de voz deixando claro que ele sabia que aquela era uma tarefa inútil e, em consequência, tornando-se um pouquinho insolente:

— Bem, então, capitão, como tenho *certeza* de que o senhor irá notar, tanto a carne quanto a coluna foram cortadas com algum tipo de serra rústica. Podemos excluir a possibilidade de um estudante de medicina ou anatomista roubando partes de um corpo. Eles não iriam querer danificar os órgãos dessa maneira. E esses cortes retangulares dos quais foi retirada a pele são muitíssimo interessantes: foram deliberadamente extirpados, com toda probabilidade para remover algum tipo de marca identificadora. Tatuagens, talvez, já que estamos na zona portuária, ou talvez simples sinais de nascença. Portanto, é quase certo que o assassino conhecesse bem a vítima...

Já tendo visto o bastante tanto da obra do carnicheiro ali no chão e do modo como os tiras alternadamente riam do que Lucius dizia sobre o crime e o ignoravam, voltei-me para olhar os garotos que haviam encontrado o corpo. Eles ainda estavam tomados pelo choque e a excitação do acontecimento e continuavam a pular de um lado para o outro e a rir nervosamente. Percebi que eu conhecia o mais magro do grupo e fui até lá para falar com ele.

— Ei, Narigudo — chamei baixinho, com o que o garoto magricela voltou-se e sorriu. Eu não precisava pedir para não dizer o meu nome em voz alta na frente dos tiras: ele fazia parte da gangue de garotos que andava com Butch Maluco, um dos lugares-tenentes dos Monk Eastman, um grupo ao qual eu servira por algum tempo antes de minha detenção na Randalls Island, e sabia que eu não iria querer qualquer contato com a polícia. Uma vez marcado por

eles como arruaceiro, os tiras sentiam uma espécie de prazer doentio em molestá-lo, onde quer que o encontrassem, tendo você feito ou não alguma coisa.

— Stevepipe! — sussurrou Narigudo, apertando o lenço de lona com mais força em torno do corpo e esfregando a protuberância grande e de estranho formato em seu rosto que lhe valera o apelido. — Você está de cocheiro de aluguel? Pensei que estivesse trabalhando para aquele médico maluco.

— E estou — respondi. — É uma história comprida. O que aconteceu por aqui?

— Bem — começou ele, os pés voltando a dançar, agitados. — Eu, o Sopapo e o Louie Náusea aqui — cumprimentei com um aceno de cabeça os outros garotos, quando Narigudo os apontou, e eles retribuíram o cumprimento —, a gente estava andando pelo cais, sabe, vendo se não encontrava nenhuma bagagem perdida pelo píer...

Dei uma risadinha.

— “Bagagem perdida”? Nossa, Narigudo, essa é boa.

— Ora, é preciso dizer alguma coisa se os tiras agarram você, certo? Bem, seja como for, a gente estava fazendo nosso percurso pelo píer e viu um pacote vermelho flutuando ali.

Achamos que pudesse ser alguma coisa apetitosa, então mergulhamos, já que a gente estava mesmo de calção. Conseguimos trazer para cá... mas acho que você pode imaginar o que aconteceu quando a gente abriu. — Ele assoviou e deu uma gargalhada. — Meu irmão... Louie Náusea deve ter posto os bofes para fora umas oito vezes... bem, ele só tem mesmo meio estômago...

— Ei, ei — protestou Louie Náusea —, eu já disse um milhão de vezes, Narigudo: é o meu intestino, eu nasci sem um pedaço do intestino, é esse o motivo!

— Está bem, está bem, que seja — replicou Narigudo. — Aí fomos procurar um tira, imaginando que talvez tivesse uma recompensa no caso. A gente devia ter adivinhado. Agora não querem deixar a gente ir embora... acham que podemos ter alguma coisa a ver com isso!

Agora eu pergunto: o que a gente ia estar fazendo serrando gente pelo meio? E como, pelo amor de Deus? Tenho um cara comigo que é um idiota — ele apontou um polegar para o garoto chamado Sopapo. Quando o olhei com mais atenção, não parecia estar entendendo muito do que acontecia à sua volta — e um outro com meio estômago...

— Eu já disse, Narigudo! — tornou a protestar Louie Náusea.  
— É o meu...

— Está bem, está bem, seu intestino! — devolveu Narigudo.  
— Agora cale a boca, por favor, está bem? — Ele virou-se para mim com um sorriso. — Porra de estúpidos. E então... e você, Stevepipe, o que está fazendo por aqui?

— Ah — comecei, olhando para trás, para a multidão que rodeava o pedaço de corpo, e vendo que ela começava a se dispersar. — Vim buscar uns camaradas. — Cyrus e os sargentos-detetives vinham se encaminhando em minha direção. — E agora tenho de ir. Mas esta semana vou dar uma passada no Frankie's. Você vai estar por lá?

— Se esses tiras liberarem a gente — respondeu Narigudo com outro sorriso alegre. —

Imagine, tentar segurar a gente por uma coisa dessas — continuou ele, enquanto eu me afastava. — Não tem a

menor lógica! Bem, mas também ninguém nunca disse que os tiras tinham lógica, hein, Stevepipe!

Sorri de volta para ele, levei a mão à aba da cartola e então tornei ajuntar-me a Cyrus e aos Isaacsons, correndo com eles de volta ao fiacre.

O cocheiro havia adormecido outra vez, mas quando Cyrus entrou na carruagem ele acordou com um sobressalto e deixou escapar um gemido, como se esperasse que a viagem até ali não tivesse passado de um sonho ruim.

— Ah, não... não, de novo, não! Ouçam, vocês dois, vou chamar a polícia se...

Marcus, que apoiava o pé no pequeno estribo de ferro num dos lados da carruagem, enquanto o irmão fazia o mesmo do outro lado, mostrou-lhe um distintivo.

— Nós somos a polícia, senhor — disse num tom decidido, enquanto passava uma sacola cheia de instrumentos pelo ombro e então segurava com firmeza na lateral do compartimento de passageiros. — Agora sente-se e fique quieto. A viagem não vai demorar.

— Não, não vai — gemeu o velho, resignado à difícil situação em que se encontrava. —

Não se a vinda até aqui servir de parâmetro...

Acomodei-me no assento do cocheiro, dei um tirão nas rédeas, e então saímos ruidosamente pelas pedras do calçamento da Clarkson Street, deixando para trás a estranha cena no cais e imaginando — erradamente, como veio a se comprovar — que não mais veríamos ou ouviríamos sobre o episódio.

Enquanto disparávamos para leste, minha mente continuava repleta de pensamentos tanto da cena sangrenta quanto de meu desalentador encontro com Kat e seu cliente.

Entretanto, quando tornamos a alcançar a Hudson Street e viramos para o norte, minha atenção finalmente foi atraída por um ruído familiar e — diante da situação e de minha cisma — bem-vindo: os irmãos Isaacsons lançando-se um contra o outro assim que não havia mais tiras à volta para escutar.

— Não conseguiu resistir, não foi? — ouvi Marcus dizer acima da barulhada dos cascos da égua sobre as pedras.

— Resistir a quê? — replicou Lucius numa espécie de guincho, já na defensiva, enquanto se agarrava com força na lateral da carruagem.

— Você tinha de aproveitar a oportunidade para fazer uma preleção para todos, como se estivéssemos numa sala de aula da escola elementar — respondeu Marcus, irritado.

— Eu estava fazendo o registro de evidências relevantes! — retrucou Lucius.

Olhando para trás, pude ver que ambos se inclinavam na direção um do outro, sobre Cyrus e o estupefato cocheiro, como duas crianças briguentas. Cyrus limitou-se a sorrir para mim; tínhamos assistido a uma centena de cenas como essa antes. O cocheiro, porém, parecia estar pensando que a estranha rusga era mais uma prova de que fora raptado por lunáticos.

— “Fazendo o registro de evidências relevantes” — ecoou Marcus. — Você estava era se exibindo! Como se já não tivéssemos problemas suficientes no departamento neste momento, sem você ficar agindo como uma velha professora primária!

— Isso é ridículo... — Lucius tentou defender-se. Marcus, porém, não queria ouvir.

— Ridículo? Você é assim desde os oito anos!

— Marcus! — Lucius estava tentando se controlar. — Isso não é lugar de falar...

— Todos os dias, quando chegávamos da escola: “Mãe! Papai! Eu sei recitar minhas lições de hoje, ouçam, ouçam!”

— ... não é lugar de falar de assuntos pessoais...

— Nunca lhe ocorreu que mãe e pai estavam cansados demais para ouvir suas lições do dia todo. Não, você ia em frente...

— Eles tinham orgulho de mim! — gritou Lucius, desistindo de qualquer tentativa de manter a compostura.

— O que você estava pensando? — berrou Marcus, enquanto eu conduzia a égua cinzenta, deixando para trás a Christopher Street e então tomando o sentido leste, na Rua 10, a fim de evitar qualquer possibilidade de encontrar Kat outra vez. — Que Hogan vai voltar para a Mulberry Street e dizer: “Jesus, Maria, José! Aqueles garotos, os Isaacsons, conhecem mesmo o trabalho... Eles nos ensinaram uma coisinha ou duas!”? Um passo mais próximos de sermos expulsos, é aí que estamos agora!

A “discussão” prosseguiu nesses moldes até o momento em que tomei a direção norte na Broadway e fiz meia-volta com a carruagem em frente ao Hotel St. Denis. Não havia dois detetives melhores no mundo do que os Isaacsons, isso eles haviam provado durante o caso Beecham: tinham treinamento em medicina e leis, além de criminalística, acompanhavam os avanços nas teorias e técnicas de

rastreamento de todos os cantos do mundo. Fora seu conhecimento da então ainda inaceitável ciência da dactiloscopia, por exemplo, que havia apontado a primeira pista no caso Beecham. Dispunham de um arsenal de câmeras, substâncias químicas e microscópios que punham em ação em qualquer problema que pudesse parecer totalmente incompreensível para o detetive comum; mas eles adoravam brigar e, na maior parte do tempo, caíam um sobre o outro como duas galinhas velhas.

Cyrus deu ao cocheiro uma quantia extra, eu lhe devolvi a cartola e então o deixamos para que se recuperasse diante do hotel. Em seguida, dirigimo-nos rapidamente para o número 808 e tornamos a entrar no elevador. Ali dentro, os sargentos-detetives reduziram o volume de sua altercação, mas não a intensidade desta.

— Marcus, pelo amor de Deus! — exasperou-se Lucius. — Podemos falar sobre isso em casa!

— Ah, claro — resmungou Marcus, endireitando o casaco e alisando o cabelo espesso. —

Quando você puder incluir mamãe.

— O que você quer dizer? — perguntou Lucius, um tanto chocado.

— Ela vai tomar seu partido. É o que faz sempre, porque não suporta ferir seus sentimentos. Claro, ela vai *dizer* que sempre adorou ouvir você recitando as lições. Mas, na verdade, ela morria de tédio. Acredite em mim... ela costumava dizer isso quando você não estava por perto.

— Ora, você...! — começou Lucius; nesse momento, porém, o elevador chegou ao sexto andar e, com um solavanco, parou da habitual maneira abrupta. A placa que Sara tinha

pintado na porta pareceu sacudir os irmãos, trazendo-os de volta à realidade adulta, e ambos ficaram em silêncio, esquecendo o assunto de modo tão súbito quanto o haviam começado. Quanto a mim e a Cyrus, fazíamos o máximo possível para não cair na gargalhada durante a subida no elevador. Entretanto, quando tornamos a pôr os pés no velho quartel-general, a seriedade de nosso propósito voltou a tomar conta também de nós.

## **CAPÍTULO 5**

Encontramos o Sr. Moore, a Srta. Howard e a *señora* mais ou menos onde os havíamos deixado, embora fosse claro, pelo modo como o Sr. Moore havia aproximado a cadeira da *señora* Linares e pela atenção com que a ouvia, que ela lhe causara forte impressão. Em grande parte isso se devia, naturalmente, ao fato de o Sr. Moore ter sido sempre presa fácil para uma mulher charmosa — e a *señora* Linares decididamente tinha charme, mesmo com os cortes, os hematomas e o véu, que ela tornara a baixar, cobrindo-lhe o rosto. A Srta. Howard, enquanto isso, andava de um lado para o outro e fumava, horrorizada, creio eu, não só com a violência que fora perpetrada contra essa mulher, mas com a frequência com que tal violência era praticada contra tantas outras mulheres, ricas ou pobres, sem que elas nada pudessem fazer a respeito.

A *señora* Linares observou os Isaacsons entrarem no escritório com a mesma inquietação que demonstrara ao ser apresentada ao restante de nós, mas o Sr. Moore apressou-se em tranquilizá-la.

— *Señora*, estes são os homens sobre os quais eu lhe falava. Os dois melhores detetives de todo o Departamento de Polícia da cidade de Nova York. Apesar de sua capacidade profissional, porém, podemos confiar totalmente em sua discricção. — Em seguida, ele ergueu o rosto, com um sorriso,



para trocar apertos de mão com Lucius e Marcus. — Olá, rapazes.

Notícias ruins na área do porto, ouvi dizer.

— John — cumprimentou Marcus, retribuindo o sorriso com um aceno da cabeça.

— É só mais um assassinato que parece insolúvel para a equipe de Hogan — acrescentou Lucius. — Embora, se quer saber, trate-se de um simples caso de...

— É, mas ninguém disse que queria saber, não é? — interrompeu-o Marcus, e Lucius fuzilou o irmão com um último olhar que prometia uma fúria verdadeira caso ele prosseguisse.

Marcus desistiu e voltou-se para a Srta. Howard, dando-lhe um abraço cortês porém muito sincero. — Olá, Sara. Você está linda.

— Você é um excelente mentiroso, Marcus — respondeu ela e em seguida foi até Lucius a fim de lhe dar um beijo no rosto, sabendo que ele nunca ousaria tentar um contato físico com ela por sua própria conta. — Olá, Lucius.

O beijo fez um rubor cobrir toda a cabeça do mais jovem dos Isaacsons e ele rapidamente puxou o lenço para enxugar a testa.

— Ah! Bem, olá, Sara. É... é maravilhoso revê-la.

— Gostaria que as circunstâncias fossem mais agradáveis — replicou a Srta. Howard, voltando-se para sua visitante. — Cavalheiros, esta é a *señora* Isabella Linares.

As sobrancelhas dos dois irmãos ergueram-se.

— A esposa do secretário particular do cônsul Baldasano? — indagou Marcus devagar.

A *señora* limitou-se a assentir brevemente; o Sr. Moore, por sua vez, olhou para o outro lado, abanou a cabeça e murmurou:

— Eu *sou* um repórter, *devia* saber essas coisas... — Em seguida, dirigindo-se aos Isaacsons em voz alta, continuou: — Ouçam, por que vocês dois não me acompanham até a cozinha para uma xícara de café? Eu os porei a par de tudo.

Os sargentos-detetives, confusos porém curiosos, concordaram prontamente e dirigiram-se para lá. O restante de nós ficou ali parado durante um momento de ligeiro constrangimento, o qual a Srta. Howard, sempre habilidosa nessas circunstâncias, apressou-se em desfazer.

— Cyrus? A *señora* elogiou muito a sua habilidade ao piano. Quem sabe você não conhece alguma coisa da terra natal dela?

— Não — disse a *señora*, agradecida mas com decisão. — Não, *señor*, eu não... estou no estado de espírito adequado a tais melodias. E a lembranças... A canção que o *señor* tocou, é típica de sua gente?

— É uma canção folclórica americana — explicou Cyrus, dirigindo-se ao piano e sentando-se. — Como a maioria delas, não pertence a nenhuma gente em particular.

— É muito comovente, de fato — afirmou a *señora*. — Poderia tocar outra?

Cyrus inclinou a cabeça, refletiu por um momento e então começou a tocar com suavidade a antiga canção *Lorena*. A mulher recostou-se na cadeira e deixou escapar um suspiro

profundo, entregando-se à música por alguns minutos. Em seguida, pousou a mão no braço da Srta. Howard.

— Rezo para que estejamos fazendo a coisa certa, Srta. Howard. E rezo para que eu, no fundo, não esteja louca.

— Não está louca — retrucou a Srta. Howard com firmeza. — Já tive uma certa...

*experiência* com lunáticos.

— O *señor* Moore, ele parece não ter tanta certeza.

— É o jeito dele. Ele é jornalista. E estes podem ser de dois tipos: os cínicos e os mentirosos. Ele pertence ao primeiro grupo.

A *señora* Linares conseguiu dar uma risada breve e dolorosa com aquelas palavras e então o Sr. Moore e os Isaacsons voltaram à sala. Marcus parou ao lado da mesa de sinuca coberta pelo cortinado e pousou sobre ela a sacola de instrumentos. Quando ele se aproximou de nós, acompanhando o Sr. Moore, Lucius abriu a sacola e começou a tirar cuidadosamente as peças reluzentes que se encontravam ali dentro.

Marcus ficou parado próximo da Srta. Howard, enquanto o Sr. Moore agachava-se ao lado da *señora* Linares.

— *Señora*, a fim de que possamos ajudá-la, precisamos ter certeza de várias coisas: primeiro, da extensão dos ferimentos em seu rosto e em sua cabeça, e segundo, dos detalhes do que aconteceu no Central Park e na estação do trem elevado. Com sua permissão, estes homens irão examinar seus ferimentos e lhe fazer algumas perguntas. A *señora* pode achar tal procedimento entediante, mas lhe asseguro que é necessário.

A *señora* Linares deixou escapar outro profundo suspiro e então empertigou-se na ponta da cadeira, ergueu o véu e tirou o chapéu, dizendo apenas:

— Muito bem.

Marcus imediatamente apanhou um abajur elétrico de pé que estava ali perto e posicionou sua cúpula acima da cabeça e do rosto da *señora*, e então falou com suavidade:

— Talvez prefira fechar os olhos, *señora*.

Ela aquiesceu, fechando a única pálpebra que conseguia mover e então ele acendeu a luz brilhante.

Vendo-lhe os ferimentos, o rosto de Marcus contraiu-se numa careta — e, veja bem, esse era um homem que tinha acabado de examinar um corpo decapitado, serrado ao meio e cujos membros foram decepados. A mulher estava de fato num estado deplorável.

Lucius juntou-se ao irmão, segurando vários instrumentos médicos e de medida, alguns dos quais entregou a Marcus. Embora a atenção de Cyrus estivesse concentrada na cena que se passava sob a pequena concha de luz brilhante no centro da sala, ele continuou a tocar, percebendo que a música acalmava a *señora* Linares. Quanto a mim, saltei de volta para o parapeito de minha janela e acendi um cigarro, sem querer perder um só minuto dos procedimentos.

— Sara — disse Lucius, enquanto se aproximava da cabeça da *señora* com o que pareciam duas sondas de aço —, você se importaria de tomar notas?

— Não, não, claro que não — respondeu a Srta. Howard, apanhando um bloco de papel e um lápis.

— Muito bem, então, começaremos pelo ferimento na nuca. Este ocorreu quando foi atacada no parque, *señora*?

— Foi — replicou ela, a dor transparecendo em seu rosto. No entanto, não se mexeu.

— E isso foi exatamente onde e quando? — indagou Marcus, também estudando a lesão.

— Quinta-feira à noite. Tínhamos acabado de sair do Museu Metropolitano de Arte. Eu sempre levo Ana... a minha filha... sempre a levo lá. Ela gosta muito do salão de esculturas, não sei bem por quê. As peças deixam-na muito agitada, sorrindo muito, admirada... Bem, em geral, quando saímos de lá, nos sentamos perto do obelisco egípcio, ao ar livre, e ela dorme. O

obelisco também sempre a deixa fascinada, embora de uma forma diferente.

— E vocês estavam ali... bem à vista?

— Sim.

— E no entanto não houve testemunhas?

— Parece que não. Tinha chovido naquele dia e a chuva ameaçava voltar a cair... talvez as pessoas não quisessem se arriscar. Mas havia várias pessoas solícitas à minha volta quando acordei.

Lucius olhou para Marcus.

— Está vendo o ângulo? E não há lacerações.

— Exato — replicou Marcus, num tom também profissional.

— Provavelmente não houve concussão. — Em seguida, para

a *señora*: — Algum sintoma físico incomum depois? Um zumbido nos ouvidos, talvez, ou pontos brilhantes na visão?

— Não.

— Tontura, pressão no interior do crânio?

— Não. Fui examinada por um médico — continuou a *señora* Linares, recuperando um pouco de confiança. — Ele me disse...

— Se não se importa, *señora* — interrompeu-a Lucius —, tentaremos desconsiderar outros relatórios. Já tivemos muita experiência com médicos nova-iorquinos, e com suas opiniões, em casos como este.

Com isto a *señora* calou-se, parecendo uma garotinha que falara na hora errada na sala de aula.

— Sem concussão, então — murmurou Marcus. — Um trabalho bastante limpo.

— Ângulo perfeito — afirmou Lucius. — Trabalho de profissional... a menos... *Señora*, disse que não viu a pessoa que a atingiu?

— Não. Perdi a consciência imediatamente, embora não acredite que tenha sido por muito tempo. Contudo, quando acordei, ele já havia fugido. Com Ana.

— A *señora* diz “ele” — observou Marcus. — Algum motivo?

A *señora* pareceu subitamente confusa.

— É... eu não sei. Nunca me ocorreu que...

— Está tudo bem — assegurou Marcus. — Perguntei por perguntar. — Nesse momento, porém, ele ergueu os olhos e

olhou para a Srta. Howard e, a julgar pela expressão apreensiva que surgiu no rosto de ambos, eu podia ver que não havia a menor possibilidade de que ele tivesse “perguntado por perguntar”.

Marcus voltou ao interrogatório:

— Qual é sua altura?

— Humm... pouco mais de um metro e sessenta e cinco.

Marcus assentiu, murmurando:

— Um golpe aplicado em linha reta. Sem romper a pele.

— O ponto de impacto é muito distinto, muito exato — concordou Lucius. — Um pedaço de cano, eu diria. Começaram uma reforma na ala do museu que dá para a Quinta Avenida.

Estão trabalhando no encanamento...

— Há muitos canos à mão. — Marcus olhou em minha direção. — Stevie. Venha até aqui.

Um pouco surpreso, obedeci e coloquei-me entre Marcus e Lucius a fim de dar uma espiada no feio galo que sobressaía na nuca da *señora*.

— Parece-lhe familiar? — perguntou-me Marcus com um leve sorriso.

— Andou olhando a minha ficha na Mulberry Street? — perguntei.

— Apenas responda — continuou Marcus, mantendo o sorriso.

Dei mais uma olhada e assenti.

— É. Decididamente pode ser. Um bom pedaço de cano de chumbo.

— Ótimo — disse Marcus, mandando-me de volta ao meu parapeito com um gesto da cabeça.

(Muito bem, agora todos já sabem como foi que ganhei o apelido de Stevepipe[1] — e aqueles que desejam uma explicação ainda mais detalhada, não se preocupem, isso faz parte da história também.)

Os Isaacsons, então, deram a volta, passando a examinar o rosto da *señora* Linares, com o que ela rapidamente voltou a fechar o olho direito. Lucius avaliou rapidamente os hematomas e o nariz quebrado, assentindo com a cabeça o tempo todo.

— E esse deve ser o trabalho do marido.

— Muito característico — observou Marcus. — E totalmente diferente do outro golpe.

— Exato — acrescentou Lucius. — O que sugere ainda...

— Exato — ecoou Marcus. — Disse que nem a *señora* nem qualquer outra pessoa recebeu um bilhete pedindo resgate, *señora*?

— Não, nunca.

Os Isaacsons trocaram olhares e acenos de cabeça um tanto confiantes, através dos quais os primeiros sinais de alvoroço mostravam-se claramente.

— Muito bem — prosseguiu Marcus, abaixando-se e apoiando-se sobre um dos joelhos. A *señora* assustou-se um



pouco quando ele segurou sua mão: parecia que ele só estava tentando tranquilizá-la, mas percebi que um de seus dedos subiu até a parte interna do pulso da mulher.

— Por favor, mantenha os olhos fechados — disse ele, tirando o relógio do bolso. — E conte-nos tudo que puder lembrar sobre a mulher que viu com sua filha no trem.

O Sr. Moore voltou-se para a Srta. Howard, murmurando algo entre dentes e deixando ver que seu ceticismo estava de volta.

— Tente ficar quieto, John — disse-lhe Lucius. — Vamos deixá-lo a par de tudo daqui a alguns minutos. Mas já está ficando muito tarde e vão sentir a falta da *señora* em casa...

— Quanto a isso não há problema — afirmou a *señora* Linares. — Irei daqui para a casa de uma boa amiga que trabalha no consulado francês. A mesma que me indicou a Srta. Howard.

Ela mandou reservar quartos no Astoria Hotel e dissemos a meu marido que passaríamos a noite no campo.

— No Astoria? — perguntou Marcus com um sorriso. — Ganha de qualquer noite que *eu* já tenha passado no campo. — A *señora* sorriu, pelo menos até onde sua boca contundida lhe permitia. — Agora — continuou Marcus —, sobre a mulher...

Aquelas palavras fizeram o rosto da *señora* Linares encher-se do mesmo pavor que pairara à sua volta durante toda a noite, e ela não pôde deixar de abrir o olho bom.

— Nunca senti tanto medo, *señor* — murmurou ela. — Nunca... o mal esteve tão perto de mim. — Marcus indicou com o dedo que deveria tornar a fechar o olho e ela seguiu

sua instrução. Quando ele então voltou a olhar o relógio. — No começo, não. Não, a princípio ela estava simplesmente sentada, com Ana nos braços. Vestia o que me pareceu um uniforme de babá ou governanta. Seu rosto, quando olhava para Ana, parecia bastante afetuoso... até mesmo amoroso, até certo ponto. Mas, quando ela levantou a cabeça e olhou pela janela — a *señora* agarrou com força o braço da poltrona com a mão que Marcus não segurava —, aqueles eram os olhos de um animal. Como os de um grande felino, fascinantes, e, não obstante... tão...

*famintos*. Achei que sentisse medo pelo que pudesse acontecer a minha Ana antes de ver aquele rosto, mas foi só naquele momento que conheci o verdadeiro pavor.

— Lembra-se de que cor era a roupa dela? — indagou Lucius. Pareceu-me que a pergunta continha para ele mais do que um pequeno detalhe. Mas a *señora* disse que não conseguia se lembrar da cor. — Ou se estava de chapéu? — Mais uma vez a mulher não se recordava.

— Sinto muito — disse ela. — Era o rosto... Eu estava tão concentrada no rosto que percebi muito pouco.

A Srta. Howard estava atarefada, anotando todas aquelas declarações, e vi o Sr. Moore olhar em sua direção e então revirar ligeiramente os olhos, como se pensasse que todos esses detalhes dramáticos fossem apenas os disparates de uma mulher histérica que tinha acabado de passar pelo que até ele admitia ser uma terrível tragédia. Os Isaacsons, porém, voltaram-se um

para o outro com expressões muito diferentes: entendimento, confiança, expectativa, estava tudo ali. E pude ver que o Sr. Moore sentia-se um pouco desalentado por lhe escapar o que quer que eles estivessem assimilando.

— E a *señora* tem certeza de que a mulher não a viu? — perguntou Lucius.

— Tenho, detetive. Eu estava bem debaixo do abrigo da plataforma, enquanto corria ao longo do trem, e já estava escuro. Cheguei a gritar e a bater na janela, quando o trem deixava a estação, mas ele já havia ganhado velocidade. Ela pode ter visto que havia *uma pessoa* ali, mas não poderia saber que era eu.

— A *señora* poderia calcular a altura e o peso da mulher? — indagou Lucius, voltando a olhar a contusão na nuca da *señora* mais uma vez.

Ela fez uma pausa, considerando a pergunta.

— Ela estava sentada — respondeu, por fim, falando lentamente. — Mas não diria que fosse muito mais alta do que eu. Talvez mais corpulenta, porém não muito.

— Lamento que isto esteja se prolongando — disse Marcus. — Mas só mais uma coisa: por acaso tem um retrato de sua filha? Pode abrir os olhos para apanhá-lo, se precisar.

— Ah... sim. — A *señora* Linares virou-se na cadeira. — Eu trouxe um para a Srta.

Howard, ela pediu... Srta. Howard, ainda está com a fotografia?

— Estou, sim, *señora* — respondeu a Srta. Howard, apanhando na mesa de mogno uma fotografia de uns sete por doze centímetros, montada numa moldura. — Está bem aqui.

Quando a Srta. Howard entregou o retrato à *señora* Linares, Marcus não moveu um único músculo, continuando a

segurar a mão direita da mulher, o que a obrigou a apanhar a fotografia com a esquerda. Marcus observou-a, enquanto ela olhava o retrato, o tempo todo verificando o relógio, e então ela passou a foto a Lucius, que a segurou diante do rosto de Marcus.

— Foi tirada há apenas algumas semanas — disse a *señora* Linares. — É uma fotografia extraordinária... Ana é tão cheia de vida e energia, e é raro encontrar um fotógrafo que consiga capturar o verdadeiro espírito de uma criança. Esse homem, porém, foi bastante feliz, não concordam?

Ambos os irmãos dirigiram à fotografia o que se poderia descrever como um brevíssimo olhar, e então Lucius, sem saber onde colocá-la, olhou em minha direção.

— Stevie... você poderia, por favor...?

Tornei a saltar da janela para apanhar a fotografia e devolvê-la à Srta. Howard, que estava novamente ocupada, tomando notas. Parando um segundo ou dois para olhar o retrato, fiquei um tanto... perplexo, de certa maneira. Nunca tive muita experiência com bebês e em geral eles não me atraem muito. Mas aquela garotinha, com uma moita de cabelos escuros e macios, os olhos imensos, quase redondos, e grandes bochechas avolumando-se em torno de um sorriso que dizia que estava pronta para praticamente toda diversão que a vida pudesse lhe oferecer —

bem, havia algo de comovente nela. Talvez isso se devesse ao fato de ela parecer ter mais personalidade do que a maioria das crianças; por outro lado, talvez fosse porque eu soubesse que tinha sido sequestrada.

— Muito bem — murmurou Marcus lentamente, os olhos ainda fixos no relógio, enquanto eu retornava ao parapeito de minha janela. Em seguida, ele soltou por fim a mão da

*señora* e se levantou. — Está muito bem. Agora, *señora*, acho que deve descansar. Cyrus? — Cyrus

deixou o piano e pôs-se de pé, indo até Marcus. — Estou certo de que o Sr. Montrose irá cuidar para que a *señora* chegue em segurança ao Astoria. Nada tem a temer sob a proteção dele.

A *señora* olhou para Cyrus com dócil confiança.

— É, sei que não. — A confusão tornou a estampar-se em seu rosto. — Mas, e quanto a minha filha?

— Não vou mentir para a *señora* — afirmou Marcus. — Este é um caso muito difícil. Seu marido a proibiu de procurar a polícia? — A *señora* Linares assentiu com a cabeça, infeliz. —

Fique calma agora — continuou Marcus, conduzindo-a até a porta, enquanto a Srta. Howard os acompanhava. — A longo prazo, talvez isso venha a ser uma vantagem.

— Mas vocês são policiais, não são? — perguntou a *señora*, confusa, enquanto Cyrus abria a grade do elevador para ela, que colocou o grande chapéu preto, prendendo-o ao cabelo com um grampo longo, em cuja cabeça havia uma pedra engastada.

— Sim... e não — respondeu Marcus. — O importante é que a *señora* não perca as esperanças. Acredito que as próximas vinte e quatro horas sejam tempo suficiente para lhe darmos uma ideia do que podemos fazer.

A *señora* voltou-se para a Srta. Howard, que então acrescentou:

— Por favor, acredite em mim quando digo que a *señora* não poderia estar em melhores mãos do que nas destes

cavalheiros.

A *señora* Linares tornou a assentir, em seguida entrou no elevador e puxou o véu sobre o rosto.

— Bem, então... irei esperar. — Ela correu os olhos pelo escritório mais uma vez e então acrescentou serenamente:  
— Ou melhor, acho que iremos *todos* esperar...

O Sr. Moore a olhou com uma certa surpresa.

— “Todos”? O que nós todos iremos esperar, *señora*?

Ela apontou para a sala com a sombrinha.

— São cinco mesas, correto? E vocês todos parecem... é, acho que iremos todos esperar.

Pelo homem que ocupa a quinta mesa. Ou que já a ocupou...

Não creio que um só de nós não tenha sentido um calafrio ao som daquelas palavras ditas com serenidade.

Sem nem mesmo pretender discutir o assunto, Marcus fez um gesto afirmativo com a cabeça para a *señora* e então dirigiu-se a Cyrus:

— Direto para o Astoria, e depois nos encontremos no Lafayette. Estaremos no terraço ao ar livre. Temos algumas perguntas que só você e Stevie podem responder.

Cyrus anuiu com a cabeça e pôs o chapéu-coco, enquanto a Srta. Howard lançava à *señora* Linares um último olhar de encorajamento antes de fechar a porta do escritório.

— Tente manter as esperanças, *señora*.

Esta limitou-se a fazer um gesto com a cabeça e, em seguida, ela e Cyrus se foram.

Marcus começou a andar pela sala, enquanto Lucius embalava os instrumentos médicos. A Srta. Howard caminhou até as janelas na fachada do prédio, fitando um tanto melancolicamente a Broadway lá embaixo. Apenas o Sr. Moore parecia muitíssimo ansioso.

— E então? — disse ele, por fim. — O que descobriram?

— Muitas coisas — respondeu Lucius, tranquilamente. — Embora não o bastante.

Fez-se outra pausa e então o Sr. Moore ergueu os braços para o ar.

— E vocês vão partilhar essas informações conosco, cavalheiros, ou trata-se de um segredo entre vocês e a *señora*?

Marcus deu uma risada, pensativo.

— É uma mulher muito esperta...

— É — concordou a Srta. Howard da janela, com um sorrisinho.

— Esperta? — replicou o Sr. Moore. — Ou simplesmente maluca?

— Não, não — Lucius apressou-se em responder. — Está muito longe de ser maluca.

O Sr. Moore parecia prestes a explodir.

— Muito bem. Ouçam, vocês vão me contar o que estão pensando ou não?

— Vamos, sim, John — disse Marcus. — Mas vamos para o Lafayette primeiro. Estou morrendo de fome.

— Então somos dois — acrescentou Lucius, apanhando a sacola de instrumentos. — E

você, Stevie?

— Eu comeria alguma coisa — foi tudo o que eu disse. A verdade era que eu também estava ansioso em saber o que os sargentos-detetives estavam pensando; mas eu fora igualmente atingido pelo impacto das palavras de despedida da *señora* Linares e não me encontrava no que se poderia chamar de estado de espírito otimista.

A Srta. Howard voltou para apanhar um casaco curto no cabide de madeira perto da porta.

— Então, vamos. Teremos de ir pelas escadas... Não tem mais ninguém no prédio para fazer o elevador subir.

Quando seguíamos em fila para a porta dos fundos, o Sr. Moore, ainda frustrado, ocupava a última posição.

— O que deu em vocês todos? — perguntou ele. — Ora, é uma pergunta muito simples: *temos* um caso aqui ou não?

— Ah, sim, temos um caso — respondeu Marcus, e então voltou-se para a Srta. Howard.

— O seu desejo foi realizado, Sara.

Ela tornou a sorrir, ainda com uma expressão melancólica.

— É preciso ter muito cuidado com os desejos...

O Sr. Moore pôs as mãos nos quadris.



— Ah, e o que você quer dizer com *isso*? Ouçam, eu não vou a *lugar nenhum* até *alguém* me explicar o que está acontecendo! Se temos um caso, então por que vocês todos estão tão desanimados?

Lucius deu um grunhido, enquanto passava a sacola pelo ombro.

— Resumindo, é o seguinte, John: temos um caso, certo, um caso muito complexo. E não preciso lhe dizer que, dadas as pessoas envolvidas, essa história pode vir a se tornar algo muito grande. Muito grande... e sinistro. Mas a *senhora* tem razão. Sem *ele* — Lucius virou-se para olhar a mesa que ficava à direita das outras quatro —, não temos a menor chance.

— E, tendo em vista o que ele tem passado — acrescentou a Srta. Howard, enquanto seguíamos em fila para a escada de incêndio que ficava perto da cozinha —, não creio que possamos dizer com certeza que ele irá nos ajudar. Ora bolas, não tenho certeza nem se temos o direito de *pedir* isso a ele. — Ela fez uma pausa e voltou-se para mim. — Essas são perguntas que, como Marcus disse, só você e Cyrus podem responder, Stevie.

Senti que a atenção de todos voltava-se para mim — posição esta em que jamais me senti confortável. Mas pareceu-me que eu precisava dizer alguma coisa.

— Bem, acho que eu devia esperar por Cyrus, mas...

— *Mas?* — instigou Marcus.

— Mas — continuei —, na minha opinião, tudo depende de amanhã de manhã. Como ele vai reagir à saída do Instituto. E a Srta. Howard está certa... não sei nem se é certo pedir isso a ele...

Ela assentiu e deu-me as costas, desaparecendo pela porta negra da escada; e, nesse estado de espírito hesitante, começamos a longa e escura descida até a Broadway.

## **CAPÍTULO 6**

Enquanto ceávamos em meio às treliças de ferro e folhagens suspensas do terraço descoberto do Café Lafayette, na esquina da Rua 9 com a University Place, os Isaacsons nos contaram o que acreditavam ter descoberto durante a entrevista com a *señora* Linares. A teoria expôs largamente o talento de ambos em extrair conclusões inesperadas do que parecia uma confusa mixórdia de fatos — e, como sempre, deixou o restante de nós abanando a cabeça, perplexos.

O golpe que a *señora* recebera na nuca, disseram os sargentos-detetives, oferecia-nos duas opções quanto ao atacante: ou este era um profissional, um especialista com muita experiência em deixar a vítima inconsciente, ou alguém de força muito mais limitada, que tivera sorte ao desferir um golpe sem causar danos de fato graves. A primeira alternativa apresentava alguns problemas: se o ataque fora obra de um especialista, este teria de ser da mesma altura da *señora*, levando-se em conta o ângulo e a localização do golpe. E também teria de ter optado por uma arma muito mais dura e perigosa, como um pedaço de cano. Mais importante, porém, era o fato de que havia corrido o risco de ser visto num local público e muito popular — bem diante do Museu Metropolitano —, numa hora do dia extremamente arriscada.

Dadas essas considerações, os sargentos-detetives estavam prontos a rejeitar a possibilidade de que o bebê dos Linares houvesse sido levado por um sequestrador profissional, fosse este alguém a quem o trabalho tivesse sido encomendado ou alguém que estivesse trabalhando por

conta própria. Esse tipo não se arriscaria a acertar alguém na cabeça com um pedaço de cano, sem nada que amortecesse o golpe, e certamente preferiria realizar seu trabalho num local mais isolado do que o obelisco egípcio do Central Park. Isso nos deixava com a alternativa de um amador, alguém provavelmente trabalhando sem um plano

—  
e era muito possível, talvez até mesmo provável, que este amador fosse uma mulher. O fato de a *señora* ter-se referido ao seu atacante como “ele” não tinha qualquer importância: ela havia admitido que não vira a pessoa e, vindo de uma família da classe alta, do meio diplomático, ela simplesmente deduzira que nenhuma mulher seria capaz de tal ato. O golpe, porém, era condizente com uma mulher de força mediana e que tivesse a altura aproximada da *señora* — e a descrição que ela dera da mulher no trem correspondia a essas especificações.

E quanto à tal descrição?, queria saber o Sr. Moore. O que fazia os sargentos-detetives aceitarem assim tão de pronto as palavras dela? Aquela não era uma história com detalhes excessivos para ser contada por alguém que estivesse enxergando somente com um olho e que houvesse vislumbrado rapidamente a filha desaparecida — e que, como resultado, estivesse em estado de choque? Em absoluto, respondeu Lucius; na verdade, a descrição feita pela *señora* não contava com certos detalhes que teriam sido incluídos por aqueles que ele chamava de

“mentirosos patológicos” (expressão que, pelo que eu sabia através do trabalho do Doutor, referia-se a pessoas que iam tão longe em suas mentiras que acabavam por acreditar nelas). Por exemplo, ela podia descrever no geral as roupas que a mulher estava vestindo, mas não a cor;

podia ter uma vaga ideia do tamanho da mulher, mas nada além disso; e nem mesmo se lembrava se a mulher usava chapéu ou não. E havia outras razões, mais sutis, para se pensar que ela estivesse dizendo a verdade àquele respeito — “razões psicológicas”, denominou-as Lucius.

Parecia que alguns expoentes no mundo da investigação haviam começado há pouco a divulgar a ideia de que as pessoas sofrem alterações físicas quando mentem. Alguns dos sintomas possíveis, diziam esses tipos, eram a aceleração dos ritmos cardíaco e respiratório, o aumento da transpiração e da tensão muscular, e algumas outras mudanças menos óbvias. Ora, não havia sustentação médica ou, como Lucius chamava, “clínica” real para essa teoria; mas, ainda assim, como eu tinha constatado, Marcus mantivera um dedo no pulso da *señora*, enquanto falavam sobre a mulher misteriosa no trem. Ao mesmo tempo, seu olho estivera fixo no relógio. Haviam falado sobre temas bastante perturbadores, mas em nenhum momento houve qualquer alteração na pulsação da *señora* Linares, nem mesmo quando ela olhou a fotografia da filha. Como tantas das técnicas e conclusões dos Isaacsons, essa nenhum significado teria num tribunal de justiça, mas a eles oferecia mais razões para acreditar no que a *señora* dizia.

Isso foi o suficiente para aquietar as dúvidas do Sr. Moore em relação à *señora* — a questão mais importante, porém, continuava a ser se o Dr. Kreizler estaria disposto a se envolver no caso. Depois que Cyrus voltou do Astoria, fui submetido junto com ele a um interrogatório sobre esse aspecto e confesso que, depois de algum tempo, ambos nos colocamos um pouco na defensiva. Por mais que estivéssemos fascinados pelo caso, nossa lealdade primeira era para com o Doutor, e o caso Linares estava rapidamente se transformando em algo mais profundo e mais desafiador do que a simples distração de uma noite. Nem eu nem Cyrus

tínhamos certeza se o Doutor estava em condições para se envolver numa aventura que tanto exigiria dele. Era verdade que, como salientara o Sr. Moore, em virtude do mandado judicial, nosso amigo e empregador disporia de algum tempo livre; mas também era verdade que o homem necessitava muitíssimo descansar e se recuperar. A Srta.

Howard respeitosamente observou que o Doutor parecia sempre encontrar paz e consolo em algum tipo de trabalho; Cyrus, porém, replicou que ele estava num estado de abatimento maior do que qualquer um de nós jamais o vira e que, mais cedo ou mais tarde, todo mundo tem de parar e se refazer. Simplesmente não havia como fazer uma avaliação antecipada e, ao fim da refeição, tínhamos voltado para a mesma conclusão que eu expusera aos outros quando saíamos do número 808: a reação do Doutor àquela ideia seria determinada pela dureza do golpe que seria para ele a saída do Instituto. Eu e Cyrus prometemos que um de nós telefonaria para o Sr. Moore, no *Times*, assim que o Doutor chegasse em casa. Em seguida, cada um de nós seguiu seu respectivo caminho, todos levando a estranha sensação de que as ações que empreendêssemos nos próximos dois dias poderiam vir a ter consequências que alcançariam muito além dos limites de Manhattan, uma ilha que, de repente, por alguma razão, parecia menor.

Consegui me forçar a algumas horas de sono quando chegamos em casa, embora estas não fossem de uma qualidade que se pudesse considerar deveras repousante. Às oito em ponto eu estava de pé — percebendo, ao sair da cama, que aquele era o primeiro dia oficial do verão —

e descobri que as últimas nuvens de chuva haviam desaparecido e que uma brisa fresca

soprava, vinda do noroeste. Enfiei-me numa roupa e consegui pentear os cabelos compridos de maneira a

aparentar um certo asseio; em seguida, dirigi-me à pequena e estreita cocheira do Doutor, ao lado da casa, para dar a Frederick, nosso sempre confiável capão preto, um pouco de aveia e uma escovada matinal, preparando-o para os trabalhos do dia. Voltando à casa, deduzi pelo retinido de panelas e pratos na cozinha que nossa última criada, a Sra. Leshko —

uma mulher que não conseguia nem ferver água em silêncio —, tinha chegado. Contentei-me com uma rápida xícara de seu café amargo e então subi na caleche e me pus a caminho.

Segui o trajeto habitual — pela Segunda Avenida em direção ao centro até a Forsyth Street, dobrando então à esquerda, na East Broadway —, mas não puxei muito por Frederick, sabendo que ele tinha trabalhado duro na noite passada. Essa era uma rota que me fazia passar por muitos dos salões de baile, antros, casas de tavolagem e botequins do Lower East Side, e a visão destes só tornava mais difícil entender como é que as coisas foram acontecer de tal maneira que vieram a tornar essa viagem necessária. Ah, a razão específica era bastante óbvia: um garoto de doze anos, Paulie McPherson, acordara no meio da noite, há algumas semanas, no Instituto do Dr. Kreizler, saíra do dormitório e se dirigira ao banheiro, onde se enforcou com uma extensão de corda de cortina, presa a um velho acessório da instalação de gás. O

garoto era um ladrãozinho insignificante, com uma ficha criminal tão sucinta que nenhum dos meus camaradas da gangue de Butch Maluco a teria confessado; ele tinha sido preso, pode acreditar, tentando bater a carteira de um tira à paisana. Graças à sua inexperiência, o juiz lhe dera a opção de passar alguns anos no Instituto Kreizler, depois de o Doutor examinar o garoto e fazer a oferta. Ora, Paulie era

insignificante, mas não era nenhum estúpido — ele sabia quais eram as alternativas, e aceitara imediatamente.

Nada havia de incomum nesse fato: vários dos alunos do Doutor tinham chegado ao Instituto por vias semelhantes. E tampouco houvera sinais externos de problemas com Paulie, desde a sua chegada à East Broadway. Ele era um pouco sorumbático e introvertido, certo; mas nada além disso. Certamente, nada que indicasse que ele estava se preparando para enforçar-se.

Seja como for, a notícia do suicídio correu até o governo municipal e os salões da sociedade nova-iorquina como, se me perdoa a rudeza, merda pelo esgoto. O incidente foi apresentado por muitos especialistas teóricos como prova positiva de que o Dr. Kreizler era incompetente e suas teorias, perigosas. Quanto ao Doutor, ele nunca havia perdido um garoto; esse fato, combinado à inesperada e inexplicada natureza do suicídio, dilacerou ainda mais em seu espírito a ferida aberta com a morte de Mary Palmer.

E por essa ferida se esvaíra grande parte do que sempre parecera uma fonte inesgotável de energia, com a qual o Doutor fora capaz, durante tantos anos, de enfrentar os ataques quase diários de seus colegas hostis, teóricos sociais, juízes, advogados e céticos habitualmente medíocres, com os quais se deparava na operação de seu Instituto e em seu trabalho como perito nos processos penais. Não que ele houvesse desistido; desistir não fazia parte de sua natureza. Mas perdera parte do ardor e da confiança, uma parcela da beligerância mental que sempre mantivera seus inimigos a distância. Para compreender a mudança, acredito que fosse preciso tê-lo visto em ação antes que ela ocorresse — como eu vira, em primeira mão, fazia uns dois anos. Ah, meu amigo, como eu vira...

Nosso encontro se dera no Jefferson Market, aquela imitação de castelo de príncipe boêmio, que sempre me parecera bonito demais para ser um juizado de pequenas causas. Como

já disse, eu vivia quase que por conta própria desde os três anos e sob minha exclusiva responsabilidade desde os oito, a essa altura já cansado de arrombar e entrar na casa alheia para sustentar minha mãe e seus vários amigos. A gota d'água viera quando o gosto da minha mãe ultrapassou o álcool, passando para o ópio, e ela começou a frequentar um antro em Chinatown dirigido por um traficante que todos chamavam Seu Gordo (seu verdadeiro nome em chinês era impronunciável e ele parecia não perceber o insulto contido no muito apropriado apelido). Eu disse a ela que não via por aí muitos meninos de oito anos que roubavam para sustentar o vício de álcool e droga de suas mães — o tipo de declaração que com toda certeza garante a uma criança uma boa sova. Enquanto me esmurrava, ela gritava que, se fosse para eu ser um desgraçadinho ingrato, eu podia era me virar sozinho; observei que era o que eu já vinha fazendo, na maior parte do tempo, e então saí de lá pela última vez para me juntar a um bando de crianças de rua na vizinhança. Minha mãe, enquanto isso, mudava-se para a casa de Seu Gordo, usando o próprio corpo em vez dos produtos de meus furtos para assegurar o fornecimento contínuo de sua droga.

De qualquer maneira, eu e minha gangue cuidávamos bem uns dos outros, dormindo abraçados sobre as saídas de vapor quente nas noites de inverno e tomando cuidado para não nos afogar ao nos refrescarmos nos rios da cidade durante o verão. Quando cheguei aos dez anos, já havia feito nome como jogador, batedor de carteiras e delinquente faz-tudo; e, embora não fosse grande, tornara-me bastante competente em me defender com um pequeno pedaço de



cano de chumbo, que foi de onde obtive o apelido, “Stevepipe”. Muitos garotos andavam com revólveres ou facas, mas acabei descobrindo que os tiras vão mais devagar quando não encontram você armado até os dentes; e Deus sabe que eu já tinha problemas demais com a lei na época para pensar seriamente no caso.

Na verdade, minha ficha e minha reputação acabaram por me levar ao ponto em que fui abordado por Butch Maluco, que, como já mencionei, era o responsável pelos garotos que trabalhavam para a gangue de Monk Eastman. Eu sempre gostara de Monk, com seus chapéus-cocos espalhafatosos e sua casa cheia de gatos e pássaros (ou, como ele dizia, “catos e passos”); e, embora Butch Maluco fosse excessivamente merecedor de sua alcunha para meu gosto, não desperdicei a oportunidade de subir no submundo. Em vez de bater carteiras sozinho, logo eu estava depenando multidões inteiras com meus companheiros de gangue, e também assaltando carruagens de entrega e roubando tudo que podíamos de lojas e armazéns.

Certo, eu era apanhado algumas vezes, mas em geral libertado em seguida; por sermos um grupo tão grande, costumava ser bem difícil para um promotor lançar uma acusação contra apenas um de nós. E, além de tudo, eu só tinha onze anos e podia bancar o órfão inocente quando preciso.

No entanto, o juiz que peguei naquele dia no Jefferson Market não estava disposto a engolir fingimentos ou desculpas. A polícia me apanhou por quebrar a perna do segurança de uma loja no B. Altman, na Rua 19, enquanto eu batia com a gangue as carteiras dos fregueses.

Eu costumava ter mais controle sobre a arma que era a minha marca registrada — geralmente procurava deixar um feio hematoma e não uma fratura —, mas o detetive da loja

me agarrara pela garganta e por um triz não sufoquei. Assim, num piscar de olhos, lá estava eu: na principal sala de audiências do Jefferson Market, ouvindo um sermão infernal, sentado debaixo do alto torreão onde ficava o relógio do elegante edifício.

O velho falastrão presidindo a sessão chamou-me de todos os nomes, de viciado em nicotina (eu fumava desde os cinco anos) e bêbado (o que mostrava o quanto ele sabia — eu nunca havia tocado em álcool) a “ameaça congenitamente destruidora”, expressão esta que, na ocasião, não significava absolutamente nada para mim — mas que estava, como veio a se provar, destinada a ser a chave da minha salvação. Veja só: aconteceu de um certo especialista em problemas mentais, um cruzado com interesse especial em crianças, encontrar-se do lado de fora da sala de audiências naquele dia, esperando a sua vez de testemunhar num outro caso; e, quando o juiz se saiu com aquela coisa do “congênito” e em seguida me sentenciou a dois anos na Randalls Island, de repente ouvi uma voz surgir às minhas costas. Eu nunca ouvira uma voz como aquela — pelo menos, não num tribunal, certamente. Com uma mistura de sotaques alemão e húngaro, ribombava com todo o alarde e a integridade de um pregador de épocas antigas.

— E *quais* são precisamente as qualificações do meritíssimo para chegar a uma definição psicológica tão precisa em relação a este menino? — quis saber a voz.

Nesse momento, todos os olhos, inclusive os meus, voltaram-se para os fundos da sala de audiências a fim de vislumbrar o que era, para a maior parte dos ali presentes, uma visão familiar: o renomado alienista Dr. Laszlo Kreizler, um dos homens mais odiados e ao mesmo tempo respeitados da cidade, investindo calorosamente, os cabelos compridos e o casaco esvoaçando atrás dele, e os olhos

queimando com um fogo negro como carvão. Eu não tinha como saber que um dia também eu estaria acostumado àquela visão; tudo que sabia então era que aquele era o homem mais atrevido e de maior audácia que eu já vira.

O juiz, por sua vez, pousou a testa nas mãos por um momento, num gesto de cansaço, como se o bom Deus tivesse acabado de mandar uma chuva de sapos em seu pequeno pedaço de terra.

— Dr. Kreizler... — começou ele.

Mas o Doutor já tinha erguido um dedo acusador.

— O menino passou por uma avaliação? Um de meus estimados colegas lhe deu alguma razão para usar tal linguagem? Ou o senhor, como a maioria dos magistrados desta cidade, simplesmente decidiu que está habilitado a falar como especialista em tais questões?

— Dr. Kreizler... — tentou o juiz novamente.

Mas sem melhor sorte.

— O senhor tem pelo menos uma vaga ideia de quais são os sintomas daquilo a que chama

“destrutividade congênita”? O senhor sabe se tal patologia sequer *existe*? A retórica intolerável, inepta, inflamatória...

— *Dr. Kreizler!* — berrou o juiz, esmurrando a mesa com o punho. — Este é o *meu* tribunal! O senhor nada tem a ver com este caso e exijo...

— Não, senhor! — devolveu o Doutor. — Sou *eu* quem exige! O senhor me *tornou* parte do caso... Eu e qualquer outro psicólogo digno de respeito, cujos ouvidos estejam ao alcance de suas declarações irresponsáveis! Este garoto... —

Nesse momento, ele apontou em minha direção e, pela primeira vez, olhou-me de fato... e não tenho muita certeza de que eu esteja à altura de descrever tudo que havia naquele olhar:

Seus olhos brilhavam com uma mensagem de esperança e o sorriso leve e ligeiro dizia-me que tivesse coragem. De súbito e pela primeira vez na vida, tive a sensação de que alguém com

mais de quinze anos dava alguma importância de fato à minha existência. Não se percebe que se tem vivido sem esse artigo até que alguém o faz ciente de que existe essa possibilidade; e, quando isso acontece, a sensação é muito incomum.

O rosto do Doutor tornou a mostrar-se franco e severo, enquanto ele se voltava novamente para o juiz:

— O senhor afirmou que este garoto é uma “ameaça congenitamente destrutiva”. Exijo que prove tal afirmação! Exijo que seja dada ao garoto uma nova audiência, baseada no laudo de pelo menos *um* alienista ou psicólogo qualificado!

— Pode exigir o que quiser, senhor! — retrucou o juiz. — Mas este é o *meu* tribunal, e a minha autoridade é que vale! Agora queira por gentileza aguardar o chamado do caso para o qual foi contratado ou eu o mandarei deter por desrespeito à autoridade!

Uma batida do martelo e lá estava eu a caminho da Randalls Island. Quando deixava o tribunal, porém, tornei a olhar para o homem misterioso que tinha surgido — do nada, como me parecera na ocasião — para defender a minha causa. Ele me devolveu o olhar com uma expressão que dizia que o assunto estava longe de encerrado.

E assim foi. Três meses mais tarde, no interior de minha cela de tijolos cheia de goteiras, na ala principal da Casa de Refúgio de Meninos, tive aquele “encontro” já mencionado com o guarda. Ora, o fato é que, quando se procura bastante, pode-se encontrar um pedaço de cano de chumbo praticamente em qualquer lugar, e eu encontrara um logo depois da minha chegada à ilha. Então o escondi dentro do colchão, calculando que chegaria o dia em que os outros meninos ou os guardas poderiam vir a me obrigar a usá-lo — e aquele guarda que acabou por fazê-lo irá se lamentar para sempre. Enquanto ele tinha as mãos ocupadas, tentando me segurar e abrir as calças, pus as mãos em meu pedaço de cano e, dentro de dois minutos, ele tinha três fraturas num braço, duas no outro, um tornozelo arreventado e uma massa de lascas de osso onde antes ficava o nariz. Eu ainda o estava atacando, sob os gritos de incentivo dos outros meninos, quando dois outros guardas finalmente me seguraram. O superintendente do lugar pediu uma audiência ao juiz para decidir se eu deveria ou não ser transferido para um asilo de loucos, e a notícia do incidente vazou para a imprensa. O Dr. Kreizler soube do ocorrido e apareceu na audiência, mais uma vez exigindo que nenhuma sentença fosse dada sem que primeiro se fizesse uma avaliação psicológica adequada. Dessa vez, o juiz foi muito mais razoável e o Doutor conseguiu o que queria.

Durante dois dias, eu e ele nos sentamos numa sala na ilha, fazendo pouco mais do que conversar — e, por quase todo o primeiro dia, nem mesmo falamos sobre os fatos específicos do meu caso. Ele me fez perguntas sobre a minha infância e, ainda mais importante, me falou muito sobre a dele, o que foi um grande passo para suavizar meu desconforto por estar na presença de um homem ao qual eu me sentia grato, mas que, não obstante, me enchia com uma espécie de reverência nervosa. Durante aquelas primeiras horas, na

verdade, tomei conhecimento de muitos fatos cruéis sobre a vida do Doutor que quase ninguém sabia ou sabe

— e agora sei que ele estava usando o próprio passado como forma de me persuadir a lhe contar o meu.

Era estranho: enquanto conversávamos, comecei a compreender — até onde um menino sem instrução é capaz — que eu podia não estar simplesmente fazendo coisas ao acaso, que talvez houvesse optado por uma vida de crimes e malfeitorias tanto por raiva quanto por

necessidade. Essa não foi uma ideia plantada em mim pelo Doutor; ele deixou que eu chegasse a ela por mim mesmo, mostrando compaixão por tudo que eu havia passado e até mesmo uma espécie de admiração por minha atitude. Na verdade, ele parecia considerar o fato de eu haver sobrevivido àquilo tudo e de estar fazendo as coisas que eu fazia não só extraordinário, como também de certa forma divertido; e logo experimentei a sensação de que estava oferecendo a ele algo mais do que estatística — o homem estava se divertindo.

Esse era o verdadeiro segredo de seu sucesso com as crianças: para ele, aquilo não era trabalho de caridade, não era o tipo de generosidade vazia que se recebia dos tipos missionários. O que fazia as crianças problemáticas, tanto ricas quanto pobres, confiarem tanto no Doutor era o fato de *e*le extrair alguma coisa da tarefa de ajudá-las. Ele gostava daquilo, gostava sinceramente de dedicar tempo e esforço aos seus jovens tutelados, de uma maneira que pelo menos parcialmente era egoísta. Era como se elas tornassem os locais miseráveis do mundo adulto que ele frequentava grande parte do tempo — prisões, hospícios, hospitais e tribunais — mais facilmente aceitáveis: davam-lhe esperança para o futuro, por um lado, e prazer puro e simples, de outro. E, quando se é criança, é isso que se

procura, o tipo de adulto que lhe estende a mão não só para cair nas graças de Jesus Cristo, mas porque sente prazer em fazê-lo. Todo mundo tem seus próprios interesses, é isso que estou dizendo, e o fato de os do Doutor serem tão óbvios e descomplicados fazia com que fosse mais fácil confiar nele.

No meu exame de sanidade mental, o Doutor usou todas as coisas sobre as quais falamos para liquidar a ideia de que eu era louco, reforçando suas afirmações com uma pequena teoria que ele formara no decorrer dos anos e a qual chamava de “contexto”. Aquela era a ideia central por trás de todo o resto de seu trabalho, e a essência básica da teoria era que os atos e motivos de uma pessoa não podem ser verdadeiramente compreendidos até que as circunstâncias completas de seus primeiros anos de vida e de seu crescimento sejam trazidas à luz na discussão. Muito simples e inofensivo, pode-se pensar; mas, na verdade, não era tarefa fácil defender esse conceito diante da acusação de que ele vai contra as convicções americanas tradicionais, ao oferecer desculpas para um comportamento criminoso. O Doutor, porém, sempre insistiu em que havia uma grande diferença entre uma explicação e uma desculpa, e que o que ele estava tentando fazer era compreender o comportamento das pessoas e não facilitar a vida dos criminosos.

Felizmente para mim, naquele dia específico, suas declarações encontraram uma audiência receptiva: os membros da junta de audiência aceitaram a análise que o Doutor fez da minha vida e do meu comportamento. Entretanto, quando ele em seguida propôs que eu fosse matriculado em seu Instituto, eles refugaram, evidentemente pensando ainda que um jovem delinquente tão notório quanto “Stevepipe” precisava ir para algum lugar onde fosse mantido em rédeas mais curtas. Perguntaram ao Dr. Kreizler se tinha alguma outra ideia; ele pensou na

questão por uns dois minutos, sem nunca olhar para mim, e então anunciou que estaria disposto a me dar emprego em sua casa e assumir a responsabilidade por minhas ações. Os membros da junta arregalaram um pouco os olhos diante disso e um deles perguntou ao Doutor se estava falando sério. Ele respondeu que sim e, após mais algumas consultas, o acordo foi fechado.

Pela primeira vez eu me sentia um tanto inseguro; não porque houvesse visto alguma coisa no Doutor que merecesse minha desconfiança, mas porque os dois dias que passara com ele

tinham-me levado a pensar em mim mesmo e a me perguntar se eu algum dia seria capaz de mudar de fato o meu comportamento. Essas dúvidas me incomodavam enquanto eu recolhia meus poucos pertences da cela e atravessava o pátio velho e sombrio da Casa de Refúgio, indo ao encontro do Doutor em sua carruagem (naquele dia, ele usava o veículo cor de vinho).

Minha confusão não serenou à vista de um negro enorme sentado no assento do cocheiro do veículo; o homem, porém, tinha uma expressão gentil e, quando o Doutor saltou da carruagem, sorriu e ergueu a mão na direção de sua companhia.

— Stevie, este é Cyrus Montrose — apresentou ele. — Talvez lhe interesse saber que ele estava a caminho da penitenciária, e de um destino muito pior do que o seu, quando nossos caminhos se cruzaram e ele veio trabalhar comigo. — (Mais tarde eu soube que Cyrus, quando bem jovem, havia matado um policial irlandês pervertido quando este espancava violentamente uma jovem prostituta negra num bordel onde Cyrus tocava piano. Os pais deste haviam sido assassinados por uma turba irlandesa durante os tumultos gerados pelo recrutamento de 1863 e, em seu



juízo, o Doutor argumentou com sucesso que, sendo este o contexto de sua vida, Cyrus havia sido mentalmente incapaz de qualquer outra reação à situação ocorrida no bordel.) Fiz um gesto de cabeça na direção do homenzarrão, que me cumprimentou inclinando o chapéu-coco e me lançou um olhar de simpatia em resposta.

— Então — disse eu, hesitante —, *eu...* também vou trabalhar para o senhor? É esse o acordo?

— Ah, sim, você vai trabalhar — respondeu o Doutor. — Mas também irá estudar. Vai ler, aprender matemática, investigar a história. Entre muitas outras coisas.

— Eu? — repliquei, engolindo em seco; afinal, nunca em minha vida passara um só dia na escola.

— Você mesmo — afirmou o Doutor, apanhando uma cigareira de prata, tirando dela um cigarro e acendendo-o. Ele ergueu os olhos e deparou comigo olhando com avidez para os cigarros. — Ah, mas receio que isso vá ter de parar. Nada de cigarros para você, meu jovem. E

quanto a isto — prosseguiu ele, dando um passo à frente e examinando a pequena trouxa de coisas que eu carregava —, não será mais necessário. — Ele puxou meu pedaço de cano de chumbo do meio de algumas roupas e o atirou longe, num pequeno gramado maltratado.

Estava parecendo que nada mais me restaria senão estudos, e isso não estava me deixando menos nervoso.

— Bem... e quanto ao trabalho? — perguntei, por fim. — O que vou fazer?

— Você contou que quando suas atividades com Butch Maluco envolviam o assalto a carros de entrega você em

geral era designado para conduzi-los — disse o Doutor, tornando a entrar na caleche. — Havia alguma razão especial para isso?

Dei de ombros.

— Gosto de cavalos. E aprendi a guiar bem.

— Então diga olá a Frederick e Gwendolyn — replicou o Doutor, apontando com o cigarro o capão e a égua à frente da carruagem. — E assumo as rédeas.

Meu estado de ânimo melhorou consideravelmente com aquelas palavras. Fui até lá, acariciei o comprido focinho do belo capão negro, corri a mão ao longo do pescoço da égua castanha e sorri.

— É sério? — perguntei.

— Parece que você acha a ideia de trabalhar mais agradável do que a de estudar —

observou o Doutor. — Então vamos ver como se sai. Cyrus, é melhor você descer e me ajudar com minha agenda. Estou um pouco perdido. Pelas minhas anotações, parece que eu deveria estar no fórum da Essex Street há duas horas. — Quando o negro grandalhão apeou do lugar do cocheiro, o Doutor olhou-me mais uma vez. — E então? Tem um trabalho a fazer, não é?

Dirigi-lhe outro sorriso e assenti com um rápido gesto da cabeça, em seguida saltei para o lugar do cocheiro e estalei as rédeas de encontro às ancas dos cavalos.

E, como costumam dizer, nunca olhei para trás.

É, bons tempos aqueles em que ainda não tínhamos ouvido o nome John Beecham e quando Mary Palmer ainda estava

viva. Bons tempos, de cujo retorno, me dei conta, agora tínhamos bons motivos para duvidar. Aquelas pessoas que haviam sempre combatido o Doutor e sua teoria do contexto (e que eram movidas, segundo me parecia, pelo medo da maneira como suas investigações do comportamento violento e ilegal o levavam a esquadrihar a questão de como os americanos educavam os filhos) costumavam rebater seus argumentos dizendo que os Estados Unidos haviam sido construídos com base na ideia de que todo homem é livre para escolher — sendo assim responsável por suas ideias e seus atos individuais, independentemente de quais pudessem ter sido as circunstâncias de seus primeiros anos de vida. Na verdade, o Doutor não discordava delas num nível legal; ele estava apenas procurando respostas científicas mais profundas. E, assim, durante muitos anos, houvera uma espécie de impasse na batalha entre o controverso alienista e aqueles a que ele irritava tão profundamente. Quando o pequeno Paulie McPherson se enforcara, porém, seu gesto dera aos inimigos do Doutor uma chance de romper o impasse — e eles a haviam aproveitado.

Entretanto, o juiz que presidira à primeira audiência sobre a questão era um homem justo e não encerrou de vez as operações do Doutor. Em vez disso, ordenou o período de investigação de sessenta dias que já mencionei, tornando as crianças no Instituto tutelados do tribunal durante esse tempo e pondo o local sob a responsabilidade temporária de um certo reverendo Charles Bancroft, superintendente de orfanato aposentado. O Doutor estava proibido de pôr os pés no Instituto nesse período: para um homem de seu temperamento impaciente, sessenta dias

— sem qualquer certeza do que viria depois — podiam ser uma verdadeira eternidade. E a questão de como encararia a saída do Instituto não dizia respeito apenas a ele tampouco.

As crianças também teriam um papel crucial, pois se uma só delas se alquebrasse durante a ausência dele — e algumas daquelas crianças estavam bastante frágeis —, o Doutor iria assumir toda a culpa, disso eu sabia. Ele sempre ensinara seus protegidos a tirar forças do fato de que pelo menos uma pessoa acreditava neles e a estar prontos para usar essa força em tempos difíceis no futuro. Mas será que eles conseguiriam fazê-lo quando havia tanta coisa em jogo e com um resultado tão incerto...?

O súbito estrondo de um tiro ecoou, vindo de um beco no exato momento em que dobrei a esquina, entrando na Forsyth Street, e fez com que Frederick se empinasse com medo e eu interrompesse meus devaneios e virasse a cabeça bruscamente, tentando localizar a origem do problema. O barulho viera de trás, das proximidades de um velho prédio de apartamentos alugados, a coisa mais próxima do Inferno que um ser humano podia chamar de casa. Saltei da caleche para acalmar Frederick, acariciando-lhe o pescoço musculoso e dando-lhe uns cubinhos de açúcar que sempre trazia no bolso quando estava guiando. Mantendo os olhos

grudados no beco, não demorei a ver o agente da balbúrdia: um homem de expressão enlouquecida, pequeno e magro, com um bigode grande e caído, e chapéu mole de aba larga.

Ele saiu do beco caminhando, carregando uma velha espingarda, descarado como se pode ser, sem qualquer preocupação aparente com quem pudesse estar vendo. Um grito ecoou às suas costas, mas sua única resposta foi declarar, sem sequer virar-se para trás:

— Agora vou dar um jeito no infeliz do seu namoradinho!

E então desapareceu com o mesmo passo rápido, dobrando a esquina da Eldridge Street.

Não havia um só guarda à vista, claro; era raro ver-se um nessa parte da cidade e, se houvesse um por perto, o barulho do tiro o teria, com toda probabilidade, mandado voando na direção oposta.

Voltei ao lugar de cocheiro da caleche e segui para o Instituto a passos rápidos. Chegando aos números 185-187 da East Broadway — os dois edifícios de tijolos vermelhos com remate preto que o Doutor havia comprado e convertido num único espaço há muitos anos —, descobri que havia um jovem guarda parado aos pés dos degraus que levavam à entrada principal. Saltando para o chão, dei a Frederick mais uns tapinhas no pescoço e outro torrão de açúcar, e então me aproximei do policial, que era novato e não me conhecia de vista.

— Não creio que esteja interessado em saber que há um desordeiro andando pela Eldridge Street com uma espingarda — disse eu.

— Não diga — foi a resposta do guarda, examinando-me com atenção. — E o que você tem com isso?

— Nada — respondi, dando de ombros. — Pensei apenas que você pudesse ter.

— Minha função é aqui — anunciou o guarda, endireitando o quepe leve de verão e enchendo o peito de tal forma que a túnica azul parecia perto de arrebentar. — Função *judicial*.

— Hã-hã. Bem, talvez pudesse dizer ao Dr. Kreizler que o cocheiro dele está aqui. Já que tirar ele daqui parece ser a principal preocupação judicial.

O policial voltou-se para a escada, fuzilando-me com o olhar.

— Sabe de uma coisa? — disse ele, enquanto se dirigia à porta. — Uma atitude assim pode colocar você numa enrascada, filhinho.

Deixei-o entrar antes de abanar a cabeça e cuspir na sarjeta.

— Vá se catar — murmurei. — *Filhinho*. — (Talvez eu devesse aqui fazer a observação de que uma das coisas que todos os meus anos com o Dr. Kreizler nunca afetaram — além do gosto pelo fumo — foi minha atitude em relação à polícia.) Dali a poucos minutos, o guarda reapareceu, seguido pelo Dr. Kreizler, um pequeno grupo de seus alunos e um velho magricela de expressão piedosa que supus fosse o reverendo Bancroft. As crianças, alguns dos tutelados mais novos do Doutor, eram bastante representativas da variedade de tipos que ele geralmente tinha ali: uma delas era uma garotinha proveniente de uma família rica do norte da cidade e que se recusara a vida toda a falar uma palavra a outra pessoa que não fosse a babá — isto é, até conhecer o Dr. Kreizler; outro, um menino cujos pais eram donos de um armazém em Greenwich Village, uma criança que já recebera muito mais do que seu quinhão merecido de surras por nenhum outro motivo senão o de a sua concepção ter sido um acidente e nenhum dos pais suportar tê-lo por perto; e havia ainda outra menina, encontrada por um amigo do Doutor trabalhando num prostíbulo adulto, embora não tivesse mais de dez anos (os detalhes de como o homem fora encontrá-la no tal

prostíbulo o Doutor nunca chegara a perguntar); outro era um menino vindo de um grande solar em Rhode Island e que passara a maior parte dos seus oito anos quebrando tudo em que conseguia botar as mãos, numa série infundável de acessos de fúria.

Estavam todos vestidos com o uniforme cinza e azul do Instituto, desenhado pelo próprio Doutor e que ele fazia

questão de que as crianças usassem para que as mais ricas não pudessem dominar as mais pobres. A primeira garotinha, a que nunca falara com a família, segurava-se com firmeza numa das pernas do Doutor, dificultando-lhe o passo, enquanto ele caminhava ao lado do reverendo e lhe dava as últimas instruções e conselhos. A outra menina trazia as mãos às costas e olhava à sua volta, como se não estivesse muito certa sobre o que estava acontecendo. Os dois garotos, enquanto isso, riam e socavam-se de brincadeira, cada um de um lado do Doutor, usando-o como escudo. Resumindo, uma cena bastante típica do lugar; mas, ao se olhar mais atentamente, viam-se indícios de que alguma coisa fora do comum estava acontecendo.

O principal destes era o próprio Doutor. Seu terno de linho preto estava amarfanhado e vincado em alguns pontos, deixando bem claro que ele passara a noite toda trabalhando. Ainda que a roupa não o houvesse denunciado, o rosto o teria: estava fatigado e exaurido, e a expressão de contentamento que podia ser encontrada em suas feições somente no Instituto não estava ali. Enquanto falava com o reverendo Bancroft, ele se inclinava à frente, com uma espécie de incerteza que não lhe era comum, e o reverendo pareceu perceber: pousou a mão nas costas do Doutor e lhe disse que relaxasse e tentasse tirar o melhor proveito das semanas seguintes, que tinha certeza de que tudo se resolveria da melhor maneira possível. Nesse momento, o Doutor parou de falar e limitou-se a abanar a cabeça em resignação, esfregando os olhos negros e subitamente tomando consciência das crianças ao seu redor.

Ele sorriu e tentou animar-se, enquanto primeiro soltava a garotinha de sua perna e depois fazia os dois meninos se acalmarem, falando com eles como fazia com todas as crianças, com afeição, mas objetivamente, como se a idade não fosse um muro entre eles. Quando levantou a cabeça e

me avistou junto ao meio-fio, pude perceber que tentava controlar-se o bastante para chegar até a caleche — mas a segunda menina adiantou-se, tornando aquela tarefa bem mais difícil. Tirando as mãos das costas, ela apresentou um buquê de rosas, embrulhado no papel simples de um florista local, mas ainda exibindo a glória plena do verão recém-chegado em suas pétalas brancas e cor-de-rosa. O Doutor sorriu e ajoelhou-se para recebê-las, embora, quando a menina lhe envolveu o pescoço com os bracinhos — aquele anjo caído do céu, ao qual o Doutor oferecera a chance de uma segunda infância —, o sorriso desapareceu e ele precisou de todas as forças para se controlar. Ele se ergueu rapidamente, disse aos meninos mais uma vez que se comportassem, em seguida apertou a mão do reverendo Bancroft e desceu os degraus quase correndo. Eu tinha a porta da carruagem aberta e ele entrou em disparada.

— Leve-me para casa, Stevie — foi tudo que conseguiu dizer e, como uma bala, eu estava de volta em cima da carruagem, o chicote na mão. As crianças continuavam a acenar, enquanto eu manobrava a caleche e tomava o caminho por onde viera; o Dr. Kreizler, porém, não respondeu. Apenas afundou-se ainda mais no assento de couro marrom da carruagem.

Ele permaneceu em silêncio durante todo o trajeto para o norte, mesmo quando mencionei minha quase colisão com o maníaco da espingarda. Olhei para trás umas poucas vezes, na primeira para ver se estava acordado. Estava; entretanto, embora a manhã estivesse ficando

ainda mais bonita, com a brisa continuando a espalhar pela rua os aromas de folhagens viçosas e frescas de tal maneira que estes quase sobrepujavam o fedor dos montes de lixo e de excremento e urina de cavalo, ele parecia não perceber. Sua mão direita estava fechada e a batia de encontro à



boca, enquanto ele olhava fixamente o nada, e com a esquerda segurava o buquê de rosas com tanta força que um dos espinhos o feriu. Eu o ouvi emitir um silvo de dor, mas não disse nada — não sabia o que *poderia* dizer. O homem estava arrasado, isso era claro, e a melhor coisa que eu podia fazer era levá-lo bem rápido para casa. Tendo isso em mente, agitei ligeiramente as rédeas de Frederick e lhe disse que acelerasse o passo. Logo estávamos contornando o Stuyvesant Park.

Assim que entrou na casa da Rua 17, o Doutor, cujo rosto a essa altura estava cinzento devido à exaustão, virou-se para Cyrus e para mim.

— Preciso tentar descansar um pouco — murmurou ele, começando a subir a escada. Então parou e encolheu-se ligeiramente ao som de um balde virando no corredor da cozinha, com o que era, até mesmo para a Sra. Leshko, um estrondo impressionante. Ao clangor seguiu-se uma longa série do que imaginei fossem imprecações russas.

O Doutor suspirou.

— Supondo-se que seja possível comunicar-se com aquela mulher, vocês poderiam por favor pedir-lhe que faça silêncio por algumas horas? Caso ela não seja capaz, deem-lhe a tarde de folga.

— Sim, senhor, Doutor — respondeu Cyrus. — Se precisar de alguma coisa...

O Doutor limitou-se a erguer a mão e assentir com a cabeça, em agradecimento, e a seguir desapareceu escada acima. Eu e Cyrus nos entreolhamos.

— E então? — sussurrou Cyrus.

— Nada bom — respondi. — Mas tenho uma ideia... — Mais barulho de coisas caindo e mais imprecações vieram da cozinha. — Você cuida da Sra. Leshko — disse eu. — Vou telefonar para o Sr. Moore.

Cyrus assentiu e então disparei pelo corredor da cozinha, passando pelo volume de linho azul e carne robusta, resmungando e esfregando, que era a Sra. Leshko. Continuei pelo piso de cerâmica branco, passando pelas painéis penduradas na cozinha propriamente dita e por fim cheguei à despensa, onde havia um telefone na parede. Fechando a porta, agarrei o pequeno receptor do aparelho, puxei a haste do bocal até minha altura e falei com a telefonista, pedindo-lhe que me conectasse com *The New York Times*. Em poucos segundos, estava com o Sr.

Moore do outro lado da linha.

— Stevie? — atendeu ele. — Temos algumas novidades. Bem interessantes.

— É? Alguma notícia sobre o bebê?

— Somente a confirmação de que a garotinha está de fato desaparecida. Nenhum dos empregados no consulado a vê há dias. No entanto, eu não quis questionar ninguém num nível hierárquico superior, não depois do que a *señora* passou. Mas me diga uma coisa... o que você quer me falar?

— Bem, neste exato momento ele está em péssimas condições — respondi. — Mas subiu para descansar. E acho...

O Sr. Moore ficou calado, esperando que eu prosseguisse, e eu podia ouvir o matraquear das máquinas de escrever ao fundo.

— Você acha...?

— Eu não sei... este caso. Se o senhor o apresentasse da maneira certa, ele talvez... isto é, toda essa conexão com a questão espanhola... e a *señora*, se pudéssemos convencê-lo a encontrá-la... e aquela foto da garotinha...

— O que está querendo dizer, Stevie?

— Só que... ele pode estar disposto, sim, senhor. E se este caso levar na direção que está apontando...

— Ahhh! — exclamou o Sr. Moore, num tom mais alegre. — *Entendo...* Bem, sua educação está começando a mostrar resultados, garoto.

— Está?

— Se entendi bem, você está dizendo que este caso pode acabar revelando algumas coisas bastante feias sobre o mesmo tipo de membros da sociedade que está tentando silenciar o Doutor. E o fato de um bebê inocente estar envolvido é mais um atrativo. Certo?

— Bem, é isso. Algo nesse sentido.

O Sr. Moore assoviou.

— Vou lhe dizer uma coisa, Stevie. Conheço Laszlo desde que éramos mais jovens que você. Não importa o quanto ele esteja aborrecido e exausto; se esse caso não lhe der algum estímulo, podemos começar a planejar o seu funeral *agora...* porque ele já estará morto.

— É. Mas precisamos lhe passar a ideia da maneira certa.

— Não se preocupe com isso. Já encontrei uma solução. Diga ao Doutor que nós todos vamos até aí para um drinque. — Ouvi uma voz chamando o Sr. Moore ao fundo. — Sim? —

respondeu ele, afastando-se do bocal. — O quê? *Bensonhurst*? Não, não, não, Harry. Eu cubro *Nova York*! Não me interessa o que o chefe Platt diz, *Bensonhurst* não é *Nova York*! Mas essa história não era minha, só para começar! Ah, está bem, está bem! — Sua voz soou mais nítida em meu ouvido. — Preciso ir, Stevie. Algum médico idiota tentou matar a família em *Bensonhurst* ontem à noite. Evidentemente as autoridades não gostaram da forma como contamos a história. Escute, não esqueça: vamos passar aí para um drinque.

— Mas o senhor não me contou sobre as novidades...

— Mais tarde — disse ele.

A linha ficou muda com um estalido, deixando-me sem outra escolha senão esperar até o fim da tarde para descobrir sobre o que o Sr. Moore poderia estar falando.

## **CAPÍTULO 7**

O Dr. Kreizler conseguiu dormir até o meio da tarde, quando então chamou Cyrus ao seu gabinete. Meti a cabeça pela porta também, para informar ao Doutor que o Sr. Moore, a Srta.

Howard e os Isaacsons pretendiam vir até aqui para um drinque, uma perspectiva que pareceu-lhe oferecer certo consolo. Em seguida, ele e Cyrus começaram a examinar toda a correspondência de que o Doutor não se encarregara nos últimos dias. Enquanto estavam trancados, ocupados neste trabalho, tentei dedicar-me aos estudos por algumas horas, embora meu esforço não fosse exatamente convicto. Desculpando-me com o argumento de que à maioria das crianças não se exigia que estudasse no verão, desci, dirigindo-me à cocheira, para fumar escondido e dar a Frederick um pouco mais de aveia e outra escovada. Depois

foi a vez de Gwendolyn, que esperou com sua habitual paciência. Era um bom animal, tão forte quanto Frederick, mas sem a sua energia, e a companhia dela ajudou-me a diluir um pouco da minha ansiedade.

Nossos convidados chegaram por volta das 18:30. O sol ainda brilhava por trás das duas torres quadradas e atarracadas da igreja de St. George, a oeste do Stuyvesant Park. Esse era o dia mais longo do ano e todas as previsões diziam que o tempo se manteria assim bom por quase toda a semana. O Sr. Moore e os outros subiram apressadamente a escada, dirigindo-se ao salão, onde o Doutor lia uma carta, enquanto ouvia Cyrus tocar e cantar uma canção lírica triste e solitária, que provavelmente falava de pessoas que se apaixonavam e depois morriam (este sendo o interesse geral das óperas, pelo pouco que consegui apreender desse gênero musical específico). Assisti à cena que se seguiu, como era de meu hábito, de um canto obscuro, no topo do lance de degraus seguinte.

O Doutor se levantou e apertou calorosamente a mão de cada um deles, enquanto o Sr.

Moore estalava um tapa nas costas dele.

— Laszlo... você está horrível — anunciou ele, dirigindo-se imediatamente a um estojo de prata repleto de cigarros contendo uma fina mistura de fumos negros da Virgínia e da Rússia.

— É bondade sua, Moore — replicou o Doutor com um suspiro, indicando a espreguiçadeira diante da sua para a Srta. Howard. — Sara, por favor.

— Como sempre, John é o tato em pessoa — disse a Srta. Howard, sentando-se. —

Levando tudo em consideração, Doutor, *eu* acho que o senhor está extraordinariamente bem.

— Humm, é — falou o Doutor, incerto. — Levando tudo em consideração... — A Srta.

Howard tornou a sorrir, dando-se conta do quão canhestro fora seu elogio, mas o Doutor retribuiu o sorriso, deixando-a à vontade e dizendo-lhe que agradecia a consideração. — E os sargentos-detetives também estão aqui — prosseguiu ele. — Esta é sem dúvida uma grata surpresa. Recebi uma carta de Roosevelt hoje... Estava acabando de ler.

— É mesmo? — disse Lucius, aproximando-se da cadeira do Doutor com seu irmão. — O

que ele diz?

— Aposto que não está aterrorizando os marinheiros da mesma maneira que fez com nossos tiras — acrescentou Marcus.

— Detesto interromper — anunciou o Sr. Moore do outro lado da sala —, mas viemos aqui beber um coquetel. Podemos ficar à vontade e preparar nós mesmos, Kreizler? — Apontou para um carrinho de vidro e mogno ali perto, repleto de garrafas. — Acredito que aquela megera lá embaixo não vá fazer isso. O que ela é, afinal? Uma refugiada ou alguma coisa desse tipo?

— A Sra. Leshko? — Enquanto falava, o Doutor fez um gesto com a cabeça na direção do carrinho de bebidas, e o Sr. Moore correu para lá como um moribundo no deserto. — Não, receio que na realidade ela seja a nossa atual criada. E, para meu frequente pesar, nossa cozinheira também. Pedi a Cyrus que tentasse encontrar outra posição para ela... Não vou deixá-la ir antes que tenha outra coisa.

— Você não está querendo dizer que come a comida que ela faz! — comentou o Sr.

Moore, dispondo seis copos e enchendo cada um deles com gim, um pouquinho de vermute e uma dose de *bitter*: martínis, era como os chamava, embora eu tivesse ouvido alguns barmen chamar a bebida de *martinez* também. — Laszlo, você sabe como é a cozinha russa —

prosseguiu ele, distribuindo as bebidas. — Isto é, eles só comem por lá porque *precisam*.

— Estou dolorosamente ciente disso, Moore, acredite.

— E quanto à carta, Doutor? — indagou a Srta. Howard, enquanto bebericava o coquetel.

— O que o nosso estimado secretário-assistente tem a dizer?

— Nada de bom, receio — respondeu o Doutor. — Da última vez em que tive notícias de Roosevelt, ele me disse que ele e Cabot Lodge estavam passando bastante tempo na casa de Henry Adams. O próprio Henry encontra-se na Europa, no momento, mas aquele seu irmão disparatado parece estar sendo cortejado em sua sala de jantar, durante a sua ausência.

— Brooks? — perguntou a Srta. Howard. — O senhor vê algum perigo nisso, Doutor?

— Certamente o senhor não acredita que alguém *dê ouvidos* a ele de verdade —

acrescentou Marcus.

— Não tenho muita certeza — replicou o Doutor. — Escrevi a Roosevelt, dizendo-lhe que acredito que Brooks Adams sofra de delírio, num nível talvez até patológico. Nesta carta aqui

ele diz que se sente inclinado a concordar comigo, mas que ainda assim vê mérito em muitas das ideias do homem.

Os olhos de Lucius se arregalaram.

— Isso é assustador. Toda aquela conversa sobre “espírito marcial” e “sangue guerreiro”...

— Tolices que não merecem atenção, não passa disso — afirmou o Doutor. — Quando homens como Brooks Adams clamam por uma guerra para revigorar nossos compatriotas, só estão revelando sua própria degenerescência. Ora, se aquele sujeito se visse um dia perto de um campo de batalha...

— Laszlo — interrompeu-o o Sr. Moore —, relaxe. Brooks é o modismo do momento, só isso. Ninguém o leva a sério.

— Não, mas homens como Roosevelt e Lodge estão levando suas *ideias* a sério. — O

Doutor se pôs de pé, começou a andar e parou perto de uma grande palmeira num vaso ao lado de uma das janelas de sacada abertas, balançando a cabeça todo o tempo. — Neste momento, eles estão lá em Washington, conspirando, como meninos de escola, para nos levar a uma

guerra com a Espanha... E, digo a todos vocês, uma guerra assim irá mudar este país.

Profundamente. E não para melhor.

O Sr. Moore sorria, enquanto bebia.

— Você fala como o professor James. Ele diz as mesmas coisas. Você não andou conversando com ele, andou?



— Não seja ridículo — retrucou o Doutor, ligeiramente constrangido diante da menção de seu velho professor, com o qual na verdade não falava havia muitos anos.

— Bem — disse Lucius, tentando ser imparcial —, os espanhóis têm de fato algum motivo para estar ressentidos... Nós já os chamamos de tudo, de porcos a açougueiros, pelo tratamento que eles têm dispensado aos rebeldes cubanos.

A Srta. Howard exibiu um sorriso confuso.

— Como é que alguém pode ser ao mesmo tempo um porco e um açougueiro?

— Não sei, mas eles conseguiram — respondeu o Sr. Moore.  
— Vêm agindo como selvagens sádicos, tentando reprimir a rebelião: campos de concentração, execuções em massa...

— É, mas os rebeldes por sua vez também têm agido com selvageria, John — contrapôs Marcus. — Massacres de soldados capturados... e também de civis, se não apoiam “a causa”.

— Marcus tem razão, Moore — interveio o Doutor, impaciente. — Essa rebelião não diz respeito à liberdade ou à democracia. Mas sim ao poder. Um dos lados o tem, o outro o quer. É

só isso.

— É verdade — admitiu o Sr. Moore, encolhendo os ombros.

— E nós parecemos desejar uma espécie de império americano — acrescentou Lucius.

— É. Que Deus nos ajude. — O Doutor retornou à sua cadeira, em seguida apanhou a carta do Sr. Roosevelt e a

examinou mais uma vez. Dobrando-a, enquanto voltava a se sentar, ele a pôs de lado com um murmúrio de desagrado. — Mas... chega disso. — Ele esfregou a mão sobre o rosto. — Muito bem, então, que tal vocês me contarem o que os traz aqui?

— O que nos *traz* aqui? — O Sr. Moore exibiu uma expressão fingida de inocência e espanto, que teria enchido de orgulho qualquer astro de espetáculo de variedades do Bowery.

— Ora, o que poderia nos trazer aqui? Preocupação. Apoio moral. Tudo isso.

— *Apenas* isso? — perguntou o Doutor, desconfiado.

— Não. Não apenas isso. — O Sr. Moore voltou-se para o piano por um momento. —

Cyrus, você acha que poderíamos ouvir alguma coisa menos fúnebre? Estou certo de que todos lamentamos que o velho Otelo tenha estrangulado por engano sua amada esposa, mas tendo em vista a demonstração que a natureza está fazendo lá fora, acho que deveríamos nos abster de tais sentimentos. Por acaso você não conheceria algo menos... bem... asfixiante? Afinal, amigos e companheiros, já é verão!

Cyrus respondeu atacando suavemente a canção *White*, popular na década de 1840, o que pareceu animar o Sr. Moore. Ele abriu um sorriso amplo para o Doutor, que se limitava a observá-lo com certa preocupação.

— Existem momentos — disse o Doutor — em que sinceramente chego a duvidar de sua sanidade, Moore.

— Ora, vamos, Kreizler! — replicou o Sr. Moore. — Estou lhe dizendo: tudo vai dar certo.

Na verdade, nós lhe trouxemos a prova viva de que as coisas estão começando a melhorar para

você. — O Sr. Moore indicou Marcus e Lucius com um leve aceno da cabeça.

— Os sargentos-detetives? — perguntou baixinho o Doutor, voltando-se para eles. — Mas o que vocês podem ter a ver com tudo isso?

Marcus lançou um olhar aborrecido ao Sr. Moore, entregando-lhe em seguida o copo vazio.

— Muito oportuno, John — afirmou ele. — Que tal você se limitar ao papel de barman?

— Com todo prazer! — retrucou o Sr. Moore, saltitando em direção ao carrinho de bebidas.

O Doutor desistiu de esperar bom senso de seu amigo jornalista e tornou a voltar-se para os Isaacsons.

— Cavalheiros? Terão os nervos de Moore sucumbido de vez, fazendo com que os trouxesse aqui por alguma razão imaginária?

— Ah, não foi John — Marcus apressou-se a responder.

— O senhor pode agradecer ao capitão O'Brien — acrescentou Lucius. — Se é que

“agradecer” é a palavra certa.

— O chefe da Divisão de Detetives? — perguntou o Dr. Kreizler. — E por que eu deveria agradecer a ele?

— Pelo fato de que estará nos vendo um bocado pelos próximos sessenta dias, receio —

replicou Marcus. — O senhor está ciente, Doutor, de que o tribunal ordenou uma investigação policial em sua clínica?

Naquele instante, compreendi o que viria a seguir; estou certo que o mesmo aconteceu também ao Doutor; não obstante, ele disse apenas:

— Sim?

— Bem — continuou Lucius pelo irmão —, nós somos a investigação.

— O quê? — Havia tanto espanto quanto alívio na voz do Doutor. — Vocês dois? Mas O'Brien não sabe...

— Que somos seus amigos? — completou Marcus. — De fato, sabe. E para ele, esse é mais um motivo de diversão. Veja... humm. Bem, como podemos começar?

Como a explicação dada pelos sargentos-detetives do que havia acontecido mais cedo naquele dia no Quartel-general da Polícia fosse apimentada com sua habitual altercação sobre quem fora responsável pelo quê, é melhor eu mesmo resumir a história.

Esta havia começado com o pedaço de corpo que Cyrus e eu havíamos visto no porto, junto ao píer da Cunard, na noite anterior. (Bem, na verdade, tudo começara quando os Isaacsons haviam ingressado na força policial, pois seus métodos avançados e atitudes peculiares, associados ao fato de serem judeus, haviam feito com que instantânea e quase universalmente fossem antipatizados. Mas, no que diz respeito a esse incidente em particular, foi o corpo a causa do começo de tudo.) Tinha ficado óbvio para todos, do guarda que fazia a patrulha no local ao capitão Hogan e então ao capitão O'Brien, da Divisão de Detetives, que o pedaço de torso viria provavelmente a tornar-se um caso

sensacional. Um verão em Nova York simplesmente não é completo sem um grande e espetacular mistério envolvendo um assassinato, e este tinha todos os sinais claros, começando com a probabilidade de que partes do corpo logo começariam a aparecer em outros pontos da cidade (o que de fato aconteceu). Já houvera, e provavelmente continuaria a haver, uma grande cobertura da imprensa ao caso e grande atenção seria dada a quem trabalhasse nele e o resolvesse. No entanto, a coisa tinha de

ser feita da forma correta: a polícia precisava apresentar o caso ao público como algo mais duro de trabalhar do que couro de sapato, de modo que pudessem cobrir-se de louros quando chegasse a hora.

Os Isaacsons haviam sido mandados para o local do crime no meio da noite, quando o capitão O'Brien estava dormindo e ninguém sabia o que esperava no píer; de outra forma, os dois nunca teriam chegado tão perto, só para começar. O'Brien morreria antes de dar o que parecia ser o maior caso do verão para uma dupla de detetives que passava praticamente todo o tempo lhe dizendo que seus métodos eram tão antiquados que chegavam a ser risíveis.

Entretanto, os Isaacsons tinham de fato liquidado qualquer chance que pudessem ter de trabalhar no caso ao escrever um relatório inicial semelhante ao que havíamos ouvido Lucius dizer na noite anterior: todos os indícios eram de que se tratava de um crime passional cujo autor era alguém íntimo da vítima, alguém que conhecia seus sinais identificadores e que os havia cuidadosamente eliminado — em outras palavras, alguém cuja principal preocupação era ocultar a identidade da vítima e, assim, livrar-se das suspeitas. Para os mandachugas da Divisão de Detetives, porém, isso não bastava. Eles preferiam a ideia de um anatomista ou estudante de medicina enlouquecido,

negociando partes de corpos humanos: o tipo de história aterradora que sempre desperta a imaginação do público. E fora exatamente isso que eles começaram a divulgar para os jornais naquela mesma noite. O fato de que todas as evidências no corpo apontavam diretamente contra tal ideia, bem, esse tipo de coisa nunca chegava a ser um grande incômodo para a Divisão de Detetives. A verdadeira solução de um crime nunca tinha valor se comparada a uma história inventada que pudesse ser usada em benefício da Divisão.

Seja como for, quando chegou a manhã de segunda-feira, o capitão O'Brien viu o relatório inicial dos Isaacsons e concluiu que, se ele iria extrair do "mistério do corpo sem cabeça" tudo que podia, teria de manter os dois irmãos o mais distante do caso possível. Acontece que ele também precisava designar naquela manhã dois detetives para investigar as condições no Instituto Kreizler para Crianças e o aparente suicídio do menino Paulie McPherson; e ele não desperdiçou nem um pouquinho do diabólico prazer irlandês de informar aos Isaacsons que não só eles estavam fora do caso do torso, como também estavam no episódio McPherson. Ele sabia que os dois eram conhecidos do Dr. Kreizler — mas, como a maioria dos policiais, O'Brien não tinha qualquer simpatia pelo Doutor, e seu prazer seria maior ao tornar a situação ainda mais difícil do que já era para ele. Se o resultado fosse ruim e os Isaacsons fossem obrigados a ir contra o amigo, bem, isso só seria um motivo de riso ainda maior; e, se as investigações viessem a dar em nada, O'Brien teria pelo menos tido êxito em manter os irmãos fora do caso mais importante, o do "corpo sem cabeça".

— E, assim — concluiu Marcus —, aqui estamos nós. Lamento, Doutor. Tentaremos fazer as coisas da forma mais conveniente e... bem, digna, que pudermos.

— Com certeza é o que faremos — acrescentou Lucius, ansioso.

O Doutor apressou-se em deixá-los à vontade.

— Não fiquem constrangidos com isso, vocês dois. Não havia nada que pudessem fazer.

Essa artimanha já devia ser esperada, na verdade. Devemos tentar tirar o máximo proveito dela. — Sua voz, por um momento, foi tomada por um tom de tristeza. — Já exauri minha própria mente, e as de minha equipe, em busca de alguma pista sobre o que teria levado o

menino McPherson a tirar a própria vida... sem sucesso, receio. Tenho tanta certeza quanto possível de que não houve qualquer incidente no Instituto que o instigasse àquele gesto, embora vocês devam, naturalmente, tirar suas próprias conclusões. Mas espero com sinceridade que saibam que não existem outras duas pessoas no mundo a quem eu entregaria a questão com mais confiança do que vocês.

— Obrigado, Doutor — murmurou Lucius.

— Certamente — corroborou Marcus. — Embora eu tema que venhamos a ser uma terrível amolação para o senhor.

— Bobagem — acrescentou o Dr. Kreizler, e eu podia perceber em sua voz que o alívio que sentia por as coisas tomarem aquele rumo estava se transformando numa certa alegria.

Lancei um olhar ao Sr. Moore e à Srta. Howard, e os encontrei sorrindo de uma maneira que deixava claro que ambos estavam positivamente encantados com o andamento dos fatos, e não era muito difícil adivinhar o

motivo: enquanto a nova incumbência dos Isaacsons só viria a aumentar as chances de o Doutor assumir o caso Linares, também asseguraria que teríamos o talento dos sargentos-detetives disponíveis 24 horas por dia. E isso era motivo para sorrisos, com certeza.

— De qualquer forma, é muito barulho por nada — disse o Sr. Moore, enquanto servia a todos uma segunda rodada de coquetéis. — O comentário no *Times* é de que tudo isso vai dar em nada.

— É? — murmurou o Doutor, não muito confiante.

— Certamente.

Quando o Sr. Moore chegou à cadeira do Doutor, percebi que ele se inclinou um tanto abruptamente para entregar a bebida ao Doutor e, ao fazê-lo, um maço de papéis e cartas caiu do bolso interno de seu casaco.

— Ah, droga! — exclamou o Sr. Moore, num tom que poderia ter soado completamente verdadeiro, se eu não soubesse que o propósito maior da noite era fazer com que o Doutor concordasse em participar do caso Linares. — Laszlo — continuou ele, apontando os papéis e entregando um copo a Lucius —, você se importaria...?

O Doutor abaixou-se e recolheu os documentos espalhados, dando uma olhada superficial, enquanto os reorganizava numa pilha. De repente ele se deteve, ao bater os olhos em algo: Era a fotografia da pequena Ana Linares.

Como estou certo que o finório Sr. Moore sabia que aconteceria, o Doutor parou para estudar a fotografia. E, ao fazê-lo, começou a abrir um sorriso.



— Que criança encantadora! — disse suavemente. — É filha de um amigo, John?

— Hein? — replicou o Sr. Moore, todo inocência.

— Bem, ela é linda demais para ser sua *parente* — prosseguiu o Doutor, com o que os outros riram ligeiramente: seu primeiro erro, pois o Doutor não havia mostrado a fotografia a nenhum deles. Se conheciam o rostinho bonito e sorridente mostrado ali, então alguma coisa estava acontecendo. O Doutor olhou para todos com atenção. — Assim sendo — disse ele, sereno, ainda se dirigindo ao Sr. Moore —, quem é ela?

— Ah — respondeu o Sr. Moore, apanhando o maço de cartas e documentos dobrados —, não é nada, Laszlo. Esqueça.

Enquanto essa pequena cena prosseguia, vi o sargento-detetive Lucius apanhar a edição vespertina do *Times* e colá-la ao rosto, nervosamente, embora fosse óbvio que não estivesse lendo uma só palavra.

O Doutor inclinou-se na direção do Sr. Moore.

— O que quer dizer com “não é nada”? Você agora deu para carregar fotografias de crianças anônimas?

— Não. Mas, é... bem, não é nada com que você deva se preocupar.

— Eu não estou preocupado — protestou o Doutor. — Por que deveria estar?

— Isso mesmo — disse o Sr. Moore. — Não há razão.

O Doutor o fitou.

— Trata-se de alguma coisa com que você está preocupado?

O Sr. Moore tomou um gole de sua bebida e ergueu uma das mãos.

— Laszlo, por favor... Você já tem muita coisa na cabeça. Vamos deixar isso de lado.

— John — respondeu o Doutor, pondo-se de pé e agora falando com interesse genuíno —, se você estiver com algum problema...

Ele se deteve quando a Srta. Howard estendeu a mão e tocou-lhe o braço.

— Não é preciso pressionar John, Doutor — disse ela. — A verdade é que se trata de uma pequena questão que *eu* estou tentando resolver. Ele está me dando uma ajuda, isso é tudo. Fui eu que lhe emprestei a fotografia.

Tornando a recostar-se e voltando-se para a Srta. Howard, o Doutor ficou menos preocupado e mais curioso.

— Ah! Um caso, Sara?

— É — foi a resposta simples dela.

Eu podia ver que o Doutor continuava a dar grande importância à hesitação de seus amigos e seu comentário seguinte foi um pouco mais evidente:

— Sargento-detetive — começou ele, dirigindo-se ao sempre nervoso Lucius —, acredito que você vá ter mais sucesso na leitura desse jornal se o virar de cabeça para cima.

— Ah! — respondeu Lucius, consertando o problema com um ruge-ruge do jornal, enquanto Marcus deixava escapar um leve suspiro. — É, eu... suponho que o senhor tenha razão, Doutor.

Fez-se outro momento de silêncio, depois do qual o Doutor tornou a falar:

— Suponho que vocês dois também estejam ajudando a Srta. Howard com o caso.

— Ah, na verdade, não — respondeu Marcus, pouco à vontade. — Isto é, não muito. No entanto, a coisa toda é... interessante, de certa maneira.

— Na realidade, Doutor — disse a Srta. Howard —, as suas ideias a respeito poderiam nos ser úteis. Informalmente, quero dizer. Isto é, desde que não seja uma imposição.

— Mas é claro — replicou o Doutor; e, pela forma como ele falou, pareceu-me que estava começando a ter uma ideia do que se passava e talvez estivesse começando a concordar em dar os primeiros passos na direção de um envolvimento.

Percebendo que o haviam fisgado, o Sr. Moore animou-se e olhou o relógio.

— Bem, é melhor discutirmos isso durante o jantar. Tenho uma mesa reservada no Mouquin's, Kreizler, e você vem conosco.

— Bem, eu... — Normalmente, nesses últimos dias, o Doutor teria encontrado uma forma de se esquivar a esse compromisso social; esta noite, porém, estava por demais intrigado para sequer tentar. — Seria um prazer.

— Certo — disse o Sr. Moore. — E Cyrus ficará contente em nos levar, não é, Cyrus?

— Sim, senhor — replicou Cyrus, alegremente.

O Sr. Moore voltou-se para a escada.

— Stevie!

— Já estou indo! — respondi, descendo aos pulos.

— A caleche, por favor — disse-me o Sr. Moore. — Cyrus, prepare o Doutor para uma noite na cidade, está bem?

Cyrus assentiu, enquanto eu corria para o térreo, saindo em disparada pela porta da frente, indo arrear Gwendolyn e Frederick e atrelá-los à caleche.

No momento em que eu chegava com a carruagem no portão da frente, os outros saíam da casa. Entreguei as rédeas a Cyrus e, quando embarcavam, o Doutor me recomendou que fizesse bom proveito da noite e que fosse para a cama cedo.

Enquanto se afastavam, não pude deixar de rir daquela ideia.

## **CAPÍTULO 8**

Uma expectativa do tipo que me havia consumido durante toda a tarde voltou a agir em minhas entranhas naquela noite. Desci até a cozinha e disse à Sra. Leshko que ela podia ir embora mais cedo, pois eu cuidaria dos copos e tal no salão. Ela me dirigiu um amplo sorriso e quase arrancou minhas bochechas, em gratidão; em seguida apanhou suas coisas e se foi. Subi para o salão e arrumei o carrinho de bebidas, levando os copos para baixo a fim de lavá-los.

Seguiram-se então várias horas de história da Roma antiga e de meio maço de cigarros, lá em cima, interrompidas com frequência por uma visita ocasional à nossa nova geladeira em busca de algo para beliscar, acessos periódicos em que andava, nervoso, de um lado para o outro, e longos minutos

nos quais me perguntava se o Doutor concordaria em ajudar a encontrar a pequena Ana Linares.

Depois de deixar os outros em suas respectivas casas, o Doutor retornou à Rua 17 por volta da meia-noite, o que era cedo segundo os padrões habituais do grupo; mas, nas últimas semanas, o Doutor não se havia permitido nada que se assemelhasse tanto a um descanso, e assim vi a hora de seu retorno como um bom sinal. Ele entrou na casa sozinho — Cyrus estava na cocheira ao lado, cuidando dos cavalos — e, quando o ouvi chegar, comecei a descer para o salão, onde eu sabia que ele estaria se servindo de um último drinque. Eu tomara a precaução de vestir roupas de dormir e um robe, e, enquanto descia vagarosamente os degraus, passei a mão pelos cabelos umas duas vezes a fim de desarrumá-los. Em seguida, esforcei-me ao máximo para parecer sonolento, bocejando silenciosamente no momento em que entrava no salão, encontrando o Doutor sentado em sua cadeira com um pequeno cálice de conhaque, mais uma vez revendo a carta do Sr. Roosevelt.

Ele ergueu os olhos quando entrei.

— Stevie? O que está fazendo de pé? Já é tarde.

— É só meia-noite — respondi, caminhando até a janela. — Mas devo ter cochilado.

O Doutor deixou escapar uma ligeira risada.

— Excelente tentativa, Stevie. Mas um pouquinho transparente.

Não respondi, apenas ri furtivamente e dei de ombros. Pondo o cálice de lado, o Doutor dirigiu-se à janela, parando diante dela. Depois de um momento, disse baixinho:

— Você se dá conta, Stevie, do que eles querem que eu faça?

A pergunta talvez parecesse surgida do nada, mas acho que eu estava esperando alguma coisa no gênero, posto que respondi, sem muita hesitação:

— Hum-hum. Certamente.

— E há quanto tempo você sabe?

— A Srta. Howard nos contou na noite passada.

O Doutor assentiu, sorrindo por um breve segundo, e então continuou fitando além da janela.

— Não estou muito certo de que possa fazer isso.

Tornei a dar de ombros.

— A decisão cabe ao senhor, acho. Isto é, eu entendo... com o que aconteceu...

— É. — Ele não se voltou ao acrescentar: — Nós quase perdemos você da última vez.

Essa afirmação foi uma surpresa: eu estivera tão convencido de que Mary Palmer estaria em primeiro lugar em seus pensamentos na hora de considerar o caso Linares que me tinha esquecido totalmente de que eu mesmo chegara bem perto da morte durante o mesmo ataque em que ela havia morrido — e também Cyrus, fato este que rapidamente lembrei ao Doutor.

— Cyrus é um homem adulto — respondeu ele. — Se ele me diz que está disposto a assumir os riscos envolvidos neste caso, a decisão é dele. Deus sabe que o caso Beecham deveria ter-lhe dado um... ponto de referência... — Ele fez

uma pausa, em seguida respirou fundo, cansado, e soltou o ar num silvo lento. — Mas com você é diferente.

Avaliei aquelas palavras.

— Nunca pensei... isto é, imaginei que o senhor pensaria em...

— Eu sei — respondeu o Doutor. — Não seria próprio de você pensar outra coisa. Você não teve muito tempo para acreditar que é importante, Stevie. Mas é. Mary também era, e não preciso dizer isso a você. Mas ela agora... se foi. — Aquilo era o máximo que ele podia suportar falar sobre ela, e mais do que jamais havia falado a mim.

— Ainda assim não parece natural — comentei, deixando as palavras fluírem antes que tivesse tempo de pensar — que ela não esteja mais aqui.

— Não. E nunca será. — O Doutor apanhou o relógio e começou a brincar com ele de uma maneira que não lhe era peculiar: como se não soubesse exatamente como dizer o que lhe ia na mente. — Eu... não espero ter filhos, Stevie. Meus próprios filhos, é o que quero dizer. Mas, se fosse ter um... eu só poderia torcer para que ele tivesse a sua coragem. Em todos os sentidos.

— Ele tornou a guardar o relógio. — Não posso permitir que minhas ações o coloquem em perigo novamente.

— É — falei. — Eu entendo. Mas... — As palavras estavam se tornando um problema para mim também. — Mas a minha vida toda estive em perigo. Isto é, antes de vir morar com o senhor. Não é nada assim tão extraordinário... desde que haja alguma razão sensata para o perigo. E este caso... bem, o senhor viu o retrato da garotinha. E está muito claro o que poderia estar por trás disso tudo. — Bati o pé no chão uma

vez, levemente, tentando ser claro. — Eu não gostaria de achar que o senhor ficou longe do caso por minha causa, isso é tudo. Os outros, eles todos sabem que precisam do senhor. Se sou eu que estou no caminho, o senhor pode...

não sei, pode me mandar para outro lugar. Mas precisa ajudá-los. Porque, como o sargento-detetive Lucius disse, essa história pode se transformar em algo muito grande e sinistro.

O Doutor sorriu a essas palavras e me lançou o que se poderia chamar de olhar de escrutínio.

— E quando foi que ele disse isso?

Dei uma risadinha, batendo o punho fechado levemente na testa.

— Ah. Certo. Deve ter sido na noite passada, creio.

— Ah.

Pelo que pareceu bastante tempo, mas que na verdade não poderia ter sido mais do que uns poucos minutos — tempo insuficiente até mesmo para Cyrus terminar na cocheira —, nos

limitamos a ficar ali parados, olhando o Stuyvesant Park. Em seguida, o Doutor disse:

— Os sargentos-detetives encontraram a arma hoje de manhã. Eles lhe disseram?

Voltei-me para ele, animado.

— Não. Mas o Sr. Moore disse que tinham novidades. O que era? Um pedaço de cano?



— Sua velha marca registrada — respondeu o Doutor com um aceno da cabeça, tirando a cigarreira do bolso. — Estava debaixo de um dos bancos que ficam à volta do obelisco egípcio.

Eles colheram as impressões digitais; encontraram várias. Havia também um pouco de sangue na coisa, embora seja impossível dizer de quem ou mesmo do quê. Receio que haja muito trabalho a ser feito nesse campo da ciência legal... — Ele acendeu o cigarro e então soprou a fumaça pela janela aberta com uma expressão preocupada e ao mesmo tempo fascinada. —

Quem iria raptar a filha de um alto funcionário diplomático espanhol e então deixar de se beneficiar disso de alguma maneira?

Um sorriso insinuou-se em meu rosto.

— Então o senhor *vai* ajudá-los.

O Doutor tornou a suspirar.

— Estou num dilema, ao que parece. Eu não gostaria de mandá-lo para longe, Stevie, mas tampouco posso ser o agente de mais ameaças à sua segurança. — Ele tornou a tragar prolongadamente o cigarro. — Diga-me... qual seria a *sua* solução para um problema dessa natureza?

— Minha solução?

— É. Como acha que devo tratar o assunto?

Tentei encontrar as palavras.

— O senhor deveria... bem, deveria fazer o que sempre fez. Simplesmente ser meu amigo.

Acredite que saberei cuidar de mim mesmo. Porque sei. — Deixei escapar um pequeno grunhido como risada. — Pelo menos, tão bem quanto o restante de vocês.

O Doutor sorriu, então se aproximou e revolveu levemente os meus cabelos.

— É mesmo verdade. E dita com seu costumeiro respeito pelos mais velhos.

Em seguida ouvimos a porta da frente abrir-se e fechar, depois do que Cyrus veio subindo rapidamente a escada. Ele parou quando me viu no salão, como se pensasse que a conversa poderia ser particular; o Doutor, porém, convidou-o a entrar.

— Você também pode saber, Cyrus — disse ele, apagando o cigarro no cinzeiro. — Parece que estamos reentrando no negócio de detetives... isto é, se for o que você quer.

Cyrus limitou-se a assentir com a cabeça uma vez.

— Muito mesmo, senhor.

— Vai ficar de olho em nosso amiguinho aqui, não vai? — acrescentou o Doutor. —

Parece que ele já andou perambulando pela cidade a altas horas da noite com os sargentos-detetives. — O Doutor ergueu os olhos do cinzeiro para Cyrus. — Você não saberia nada sobre isso, suponho.

Cyrus apenas sorriu, cruzou as mãos e olhou para o chão.

— Talvez eu saiba alguma coisa a respeito, sim, Doutor.

— Foi o que pensei — respondeu o Doutor, dirigindo-se à escada. — Bem... quanto a mim, pretendo dormir um pouco. Talvez em breve não tenha muitas oportunidades para isso. — Ele

se deteve antes de subir e voltou-se para nós. — Tenham cuidado... vocês dois. Só Deus sabe aonde essa história nos vai levar.

Eu e Cyrus murmuramos promessas solenes de que tentaríamos tomar cuidado; mas quando o Doutor já havia desaparecido no alto da escada, a caminho de seu quarto, não havia nada na Terra capaz de nos impedir de sorrir.

## **CAPÍTULO 9**

O Doutor telefonou para a Srta. Howard, o Sr. Moore e os sargentos-detetives na manhã seguinte para informá-los de sua decisão e para instruir a Srta. Howard que marcasse um encontro com a *señora* Linares para aquela noite, no número 808 da Broadway, a fim de que pudesse entrevistá-la pessoalmente. A Srta. Howard logo retornou a ligação, dizendo que marcara o encontro para as 20:30. Então o

Doutor se retirou para seu gabinete, a fim de começar a organizar os pensamentos e a elaborar a pesquisa para o trabalho que tínhamos à frente. De vez em quando expedia ordens para Cyrus e para mim, mandando um ou outro a várias lojas e bibliotecas com o intuito de rastrear livros e periódicos. Essa atividade quase me impediu de executar minha própria missão urgente da manhã: fazer apostas para mim e para o Sr. Moore na primeira corrida de cavalos verdadeiramente de classe da temporada, o Suburban Handicap na pista do Coney Island Jockey Club, na baía de Sheepshead. Mas consegui conciliar tudo, e eu e o Sr. Moore chegamos ao fim do dia com ganhos consideráveis.

Por volta das 19:45, o Doutor anunciou que seria melhor nos prepararmos para ir, pois ele queria ir caminhando até o centro comercial. Alegou que essa opção se devia ao bom tempo, mas creio que na verdade ele se sentia muito mais nervoso em relação à sua volta ao número 808 do que esperara. Entretanto, a caminhada até a Broadway pareceu de fato acalmá-lo, e no momento em que chegamos ao antigo quartel-general, o sol começava a se pôr, a intensa coloração dourada que se espalhava sobre os telhados tornando difícil imaginar que estivéssemos nos aventurando em alguma coisa verdadeiramente perigosa.

O Dr. Kreizler entrou no número 808 de maneira muito semelhante àquela que o restante de nós havia entrado dois dias antes: lenta e cautelosamente, deixando as lembranças exercerem pleno efeito antes de fazer qualquer movimento ou declaração definitivos. Enquanto o elevador nos levava ao sexto andar, o silêncio abundava, embora o Doutor, ao ver a placa que a Srta. Howard mandara pintar na porta, não pudesse deixar de rir discretamente e abanar a cabeça.

— Bastante eufemístico, eu diria — murmurou ele. — Sara certamente conhece seu público...

E então estávamos lá dentro, onde encontramos a Srta. Howard e a *señora* mais uma vez sentadas em duas das poltronas. A *señora* Linares usava o mesmo traje preto, e o véu estava levantado, mostrando que seus ferimentos haviam cicatrizado apenas levemente desde a última vez em que a vimos. Parecia muito aliviada em encontrar-se com o Dr. Kreizler e, enquanto conversavam, ela se abriu de uma forma que não acontecera quando o Sr. Moore e os Isaacsons a haviam examinado. Quanto ao Dr. Kreizler, ele permaneceu profundamente concentrado na visitante na maior parte do tempo, embora os olhares rápidos que ocasionalmente lançava à sua volta me denunciasses o fato de que pensava em outras coisas

também: coisas que ainda não estavam muito distantes no tempo para parecerem efetivamente terminadas.

O interrogatório feito pelo Doutor à *señora* levou pouco mais de uma hora e incluiu, naturalmente, perguntas que à maioria das pessoas teriam parecido totalmente alheias à questão que tinham em mãos: perguntas sobre a família, a infância, o lugar onde crescera, as circunstâncias em que havia conhecido o marido, por que se casara com ele. Em seguida vieram indagações mais profundas sobre a condição do casamento nos últimos anos. A *señora* respondeu a todas de bom grado, embora fosse visível sua confusão quanto ao propósito de tais perguntas. Creio que o Doutor teria se estendido ainda mais se pudesse, sendo a interrogada assim tão dócil; mas, quando a *señora* se deu conta de que já havia passado das 21:30, ficou muito ansiosa e agitada, dizendo que não tivera tempo de arquitetar uma boa desculpa para o encontro e que precisava voltar para casa depressa. Cyrus a acompanhou até um fiacre, retornando ao sexto andar no momento em que a escuridão de fato descia sobre a cidade.

Durante os poucos minutos de sua ausência, o Doutor começara a vagar silenciosamente pela sala, talvez repassando o que acabara de ouvir, talvez pensando outra vez em outras questões mais antigas, talvez fazendo um pouco de ambos; fosse o que fosse, porém, ninguém nem mesmo pensou em interrompê-lo. Somente o barulho da volta do elevador afinal o trouxe de volta de suas profundas considerações. Ele ergueu os olhos um tanto vagamente e então voltou-se para a Srta. Howard, que havia ligado uma pequena luminária elétrica e estava sentada na fímbria de seu brilho.

— Bem, Sara — começou o Doutor. — O que foi feito de nosso quadro?

A Srta. Howard deu um sorriso amplo e quase correu até o biombo japonês, apanhando o grande quadro-negro deslizante e arrastando-o de modo a posicioná-lo de frente para as mesas.

Estava claro que o quadro havia sido limpo recentemente.

O Doutor aproximou-se dele, fitando a superfície negra e vazia. Em seguida, tirou o casaco, apanhou um pedaço de giz novo em folha, quebrou-o ao meio e, em movimentos rápidos e vigorosos, escreveu as palavras POSSÍVEIS EXPLICAÇÕES POLÍTICAS no alto do quadro. Sacudindo a metade do giz numa das mãos fechadas, ele voltou-se para o restante do grupo.

— Receio que devemos começar com o fútil — anunciou ele. — A primeira tarefa que se nos apresenta é explorar qualquer possível componente político desse crime. Embora, eu deva lhes dizer, antes de prosseguirmos, que não acredite que tal componente exista.

O Sr. Moore, automaticamente, deslizou para trás de uma das mesas, enquanto perguntava:

— Você engole essa ideia de que a identidade da criança é somente uma coincidência, Kreizler?

— Eu não “engulo” nada, John... mas acredito, como os sargentos-detetives sugeriram, que se trate de um ato fortuito. E lhe digo que, se nosso objetivo é devolver a criança à mãe, como presumo que seja, então essa casualidade adquire uma dimensão muito assustadora. — Com um gesto único e amplo, o Doutor desenhou um círculo no centro do quadro e então assinalou alguns pontos principais, enquanto continuava a falar. — Como acredito que até mesmo você irá ver, Moore, qualquer tentativa de uma explicação política resulta em algo semelhante a um círculo lógico, que não leva a lugar algum. Começamos aqui. — Ele bateu no círculo, sobre a posição das doze horas. — A criança foi raptada do modo como a *señora* afirma... Não creio

que haja qualquer dúvida sobre o fato de ela estar falando a verdade. Ela é uma pessoa saudável e forte. Sua presença aqui, por si só, é prova disso. Fosse ela o tipo de mulher neurótica que anseia por compaixão e atenção — o Doutor de repente se deteve, olhando pela janela —, e tais criaturas de fato existem... — Então ele retornou de qualquer que fosse o lugar onde estivera. — Bem, nós dificilmente seríamos uma plateia adequada, e uma história inventada sobre um sequestro, acompanhada por um severo espancamento, dificilmente seria um veículo dramático conveniente. Não. A história da *señora*, sua posição, sua mentalidade, tudo isso aponta na direção da verdade. E, assim, a criança foi raptada e a mãe golpeada na cabeça. Por um perito, se formos aceitar a hipótese política de Moore.

— Perito este que escolhe um lugar público, em plena luz do dia — falou monótona e ceticamente Lucius, abrindo uma caderneta a fim de fazer um registro da discussão.

— Ah, meu querido sargento-detetive, compartilho de seu ceticismo — respondeu o Doutor. — Mas não devemos descartar essa teoria simplesmente pela intuição. — Ele apressou-se em escrever SEQUESTRO POR UM PROFISSIONAL COM PROPÓSITOS

POLÍTICOS no alto do círculo. — Afinal, talvez o sequestrador seja um homem de rara coragem e orgulho, que se apraz com o desafio de trabalhar em circunstâncias extraordinariamente perigosas.

— Com um pedaço de cano de chumbo — acrescentou Marcus, sua voz passando ao franco sarcasmo.

— Com um instrumento que ele pode facilmente descartar, de maneira que não seja encontrado em sua posse pela polícia, no caso de ser detido por alguma razão. Afinal, nosso jovem amigo no peitoril da janela — o Doutor apontou um polegar em minha direção —

carregava exatamente essa mesma arma por essa mesma razão. Não é, Stevie?

Lancei um olhar à minha volta e deparei com todos me fitando.

— Bem... é, acho. — Eles continuavam a me olhar fixamente e comecei a me sentir inquieto. — Mas eu não faço mais isso! — protestei, o que pareceu provocar uma risadinha furtiva da parte de todos.

— Pois bem — retomou o Doutor, desviando os refletores de mim. — Trata-se de um profissional. Que por acaso tem a



altura da vítima e possui um golpe extraordinariamente leve.

— O Doutor passou para o lado direito do círculo. — Mas quem poderia tê-lo contratado?

Moore? É você quem apoia essa interpretação... dê-me seus candidatos.

— Não são poucos — respondeu o Sr. Moore, de sua mesa. — Tem muita gente que gostaria de ver um incidente diplomático entre os Estados Unidos e a Espanha neste momento.

Podemos começar com aqueles favoráveis à guerra neste país...

— Muito bem — disse o doutor, listando-os no quadro como **CIDADÃOS NORTE-AMERICANOS FAVORÁVEIS À GUERRA**. — Aqueles americanos que não se importam com quem começa a guerra, desde que a terminemos.

— Exatamente — concordou o Sr. Moore, franzindo o cenho em seguida. — Embora eu duvide que eles queiram que os americanos saiam com uma imagem tão violenta.

— Quem mais? — perguntou o Doutor.

— Bem, tem os cubanos — replicou o Sr. Moore. — Os eLivross que vivem aqui em Nova York. Eles também seriam favoráveis a qualquer coisa que deflagrasse uma guerra.

— O Partido Revolucionário Cubano — acrescentou Marcus. — Eles têm um escritório na Front Street, perto das docas, no East Side. Num edifício velho e decadente. Fica no quarto andar. Eu e Lucius podemos dar uma olhada no lugar amanhã, se vocês quiserem.

— Sugiro que esta noite seria mais vantajoso — replicou o Dr. Kreizler. — Se estiverem com a criança, é muito mais provável que planejem seu destino na calada da noite do que à luz do dia. — REVOLUCIONÁRIOS CUBANOS foi escrito no lado direito do círculo.

— E então vêm os próprios espanhóis — afirmou o Sr. Moore. — Pessoalmente, são os meus favoritos... levam a criança, sem que a mãe saiba de nada, calculando que ela não vá aceitar tomar parte no plano.

— E não anunciam o que aconteceu? — perguntou a Srta. Howard. — Por que iriam incriminar nosso país e então deixar de denunciar o crime?

O Sr. Moore deu de ombros.

— Podem estar esperando pelo momento certo. Você conhece a situação em Washington, Sara... Foi você mesma quem disse: McKinley ainda está procurando uma saída para evitar essa maldita guerra. Talvez estejam esperando até que ele não *tenha* mais saída.

— Nesse caso, por que não levar a criança mais tarde? — indagou a Srta. Howard. — Ou antes? Havia uma histeria maior em relação à guerra na primavera do que neste exato momento.

— Talvez tenham simplesmente calculado mal a jogada — sugeriu o Doutor, escrevendo ESPANHÓIS FAVORÁVEIS À GUERRA no quadro. — Não se pode dizer que a Espanha esteja sendo governada por gênios atualmente. Aqueles que apoiam a guerra são ou sádicos psicopatas, como Weyler — ele se referia ao infame general Weyler, o governador-geral de Cuba, que dera início à prática de confinar os camponeses cubanos no que chamavam de

“campos de concentração”, onde não podiam ajudar os rebeldes, mas *podiam* morrer como moscas, de doenças e fome —, ou monarquistas delirantes, sonhando com os tempos dos conquistadores. — O Doutor afastou-se do quadro. — Assim... está completa a lista de suspeitos. Um dos grupos contrata um profissional para raptar a criança, que então é levada para um esconderijo. Pela...

— Mulher do trem — respondeu rapidamente a Srta. Howard. — Ela é a guardiã... a menos que pensem que a *señora* esteja enganada ao acreditar ter visto o bebê.

— Uma outra mulher talvez estivesse — replicou o Doutor.  
— Mas essa? Não. Ela tem a presença de espírito de vir aqui e discutir o caso em detalhes, embora esteja ciente das prováveis consequências, se o marido vier a descobrir. Essa não é uma mulher dada a delírios ou histeria. Não, quando diz que viu a criança, eu acredito nela. — Inclinando-se na direção da base do círculo no quadro, o Doutor escreveu A MULHER DO TREM:, os dois pontos indicando que ele tencionava escrever mais. — Muito bem, John — continuou ele. —

Explique essa mulher misteriosa num contexto político.

O Sr. Moore parecia confuso.

— Bem, ela... ela é exatamente o que Sara diz. Uma guardiã. Estava vestida como governanta, a *señora* contou... provavelmente outra profissional, contratada para o trabalho.

— Um trabalho do qual ela se incumba no último vagão de um trem na ferrovia elevada da Terceira Avenida, no meio da noite? Não combina, John, e você sabe disso. Embora eu me sinta inclinado a concordar com você quando diz que a mulher é profissional. — Ele escreveu

as palavras GOVERNANTA OU BABÁ após o último registro, enquanto acrescentava: —

Mas por motivos inteiramente diversos.

— Ela podia estar tomando o trem a caminho do quartel-general dos cubanos — protestou o Sr. Moore.

— John — interveio a Srta. Howard, um tanto condescendente —, qualquer um que se dê ao trabalho de contratar um sequestrador e uma babá certamente pode se dar ao luxo de pagar um *fiacre*.

— Você conhece aqueles camaradas do Partido Revolucionário Cubano, Sara? —

respondeu o Sr. Moore, podando a condescendência dela. — Eu conheço... Se existe no mundo um grupo miserável, é aquele. Seja lá qual for a quantia de dinheiro que Hearst está usando para espalhar a febre da guerra, não está dando muito a eles.

— John está certo nesse aspecto — afirmou Marcus. — Talvez suas reservas tenham se esgotado.

— O que ainda não explica que diabos ela estava fazendo no trem, para começar —

retrucou o Doutor. — A ideia geral é manter a criança escondida, não é? Não exibi-la por aí diante de metade da cidade. Deve haver uma razão por que permitiriam que fosse vista em público, e essa razão deve ter uma dimensão política.

Lucius pronunciou-se:

— Bem... existe apenas uma.

O Doutor voltou-se para ele.

— Sim?

— Eles *queriam* que a menina fosse vista.

O Dr. Kreizler assentiu com um gesto de cabeça.

— Certo. Obrigado, sargento-detetive. Essa é, de fato, a única possibilidade. — As palavras EXIBIÇÃO DELIBERADA então apareceram. — Alguém, em algum lugar... talvez até mesmo a *señora*... deveria ver a criança, para que os sequestradores pudessem provar que a menina de fato se encontra em seu poder e que eles não estão brincando. E o melhor lugar para fazer uma coisa dessas seria um muito movimentado. E assim chegamos a nosso destino final...

— O Doutor passou para a esquerda do círculo. — Tendo demonstrado que estão de posse da criança, nossos sequestradores dão a conhecer suas exigências. No entanto, a *señora* parece pensar que não.

— O cônsul Baldasano e Linares podem estar mentindo para ela — argumentou Lucius. —

Talvez tenham sido notificados das exigências e não pretendam atendê-las. Eles não querem escândalo, portanto mentem para a mãe.

O Doutor estava ocupado escrevendo EXIGÊNCIAS: enquanto pesava aquela possibilidade.

— Certo. Mais uma vez, Lucius, essa é mesmo a única possibilidade, a menos que Moore esteja certo e eles estejam esperando o momento propício. Mas estejam eles aguardando ou tenham sido rejeitados, o que cada grupo quereria? Um simples sequestro visando o resgate está

excluído aqui, pois é de se duvidar que os espanhóis não atenderiam uma mera exigência monetária. Devemos nos ater à dimensão política... e isso significa o quê?

— Bem — começou o Sr. Moore —, os jingoístas americanos e os cubanos querem uma única coisa: guerra. Não se trata na verdade de uma questão de “exigências”.

O Doutor fez meia-volta e apontou um dedo acusador para o velho amigo, sorrindo.

— Precisamente. Obrigado, Moore, por eliminar dois dos culpados que você mesmo sugeriu. — Ele voltou a se virar, escrevendo GUERRA debaixo de EXIGÊNCIAS:, enquanto outra expressão confusa tomava conta do rosto do Sr. Moore.

— Do que está falando, Kreizler?

— Você sequestra uma criança. Seu objetivo é provocar um incidente diplomático. O

desaparecimento da criança destina-se a ser a causa... a sua simples ausência é importante.

Além disso, a criança passa a ser um risco.

O rosto da Srta. Howard se iluminou.

— É. E nesse caso... *por que a criança ainda está viva?*

— Exato, Sara — respondeu o Doutor. — Tanto para os americanos favoráveis à guerra quanto para os cubanos, a criança é apenas um risco vivo, que só pode contribuir para a sua captura. Se um desses grupos fosse responsável, a garotinha Linares a essa altura estaria no fundo de um de nossos rios, ou talvez, como a descoberta feita pelos

sargentos-detetives no domingo à noite, seus pedaços estivessem no fundo de vários rios. De todos os potenciais culpados políticos, somente os espanhóis teriam algum interesse em manter a criança viva. No entanto, eles também têm o maior interesse em mantê-la longe das vistas e os maiores recursos disponíveis para certificar-se de que ela assim permaneça. E, assim — o Doutor traçou uma linha vigorosa de volta ao topo do quadro —, fechamos o círculo. Chegando a lugar nenhum.

O tempo, eu digo, talvez venha a revelar que essa seja a análise correta, mas... — Ele fez uma pausa, olhando seu trabalho no quadro; em seguida, falou: — Sargento-detetive? — e inclinou a cabeça na direção de Lucius.

— Sim, Doutor?

— Copiou este diagrama?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Guarde-o, para o caso, improvável, de precisarmos voltar a ele. — O Doutor apanhou um apagador.

— O que está querendo dizer, Dr. Kreizler? — indagou Marcus.

— Estou dizendo, Marcus — respondeu ele, começando a apagar o que escrevera com gestos enérgicos —, que isso tudo... não passa de... *conversa fiada!*

Quando o Doutor tornou a afastar-se do quadro, ali restavam apenas dois grupos de palavras: UM SEQUESTRO, no alto do quadro, e A MULHER DO TREM: GOVERNANTA OU BABÁ, na base.

— Retiremos todos os detalhes improváveis contidos no círculo e nos resta uma configuração geométrica bem mais proveitosa. — Ele passou a lenta e deliberadamente arrastar o pedaço de giz das palavras no alto do quadro até aquelas na base. — Uma linha reta.

Todos nós ficamos olhando aquilo por alguns segundos: de repente, parecia haver espaço vazio demais naquele quadro.

O Sr. Moore suspirou, apoiando os pés na mesa.

— E isso significa exatamente o quê, Kreizler?

O Doutor voltou-se, o rosto ensombrecido por uma apreensão genuína.

— É compreensível que você procure conferir uma explicação política a esse crime, John, porque a alternativa é, de fato, mais perturbadora e volátil. E, no entanto, é também muito mais

provável. — Ele apanhou a cigareira e ofereceu o conteúdo à Srta. Howard, a Marcus e ao Sr.

Moore, sucessivamente. Eu estava ávido para fumar, mas isso teria de esperar. Depois de todos terem acendido seus cigarros, o Doutor recomeçou a andar, como costumava sempre fazer, e ia de um lado para o outro, quando anunciou: — Acredito que a análise feita pelos sargentos-detetives da prova material esteja, como sempre, impecável. A *señora* Linares foi, com toda probabilidade, atacada por outra mulher, e o fato de esta ter usado um pedaço de cano que encontrou no local, assim como sua disposição em atacar num local público, em plena luz do dia, indica espontaneidade. Que ela não tenha ferido a *señora* de maneira mais grave é uma comprovação de pura



sorte e dos limites de sua própria força, eu suspeito, e não de qualquer habilidade profissional.

— Muito bem — replicou o Sr. Moore, embora fosse claro que não estivesse convencido.

— Nesse caso, Kreizler, tenho uma única pergunta a fazer, embora seja uma pergunta difícil: por quê?

— De fato. — O Doutor voltou ao quadro e escreveu POR QUÊ? em letras grandes no lado esquerdo do quadro. — Uma mulher rapta uma criança. Não pede nenhum resgate. E alguns dias depois é vista em público, aparentemente cuidando da menina como se... como se... — O

Doutor parecia estar procurando as palavras certas.

Foi a Srta. Howard quem as ofereceu a ele:

— *Como se fosse sua própria filha.*

O Doutor voltou os brilhantes olhos negros para a Srta. Howard por um momento.

— Como sempre, cavalheiros — disse ele —, a perspectiva única de Sara vai direto ao cerne da questão. Como se a menina fosse sua própria filha. Pensem nisso: quem quer que seja essa mulher, ela conseguiu sequestrar, de todas as crianças de Nova York, uma cujo desaparecimento poderia causar uma crise internacional. Faça um esforço mental por um instante, Moore... Se não há uma dimensão política para o sequestro, o que isso nos diz?

O Sr. Moore reagiu com troça.

— Que ela não estudou previamente a maldita lição, é isso que nos diz.

— O que significa...?

Foi a vez de Cyrus pronunciar-se:

— Significa, se me permite, Sr. Moore, que, ao se defrontar com aquela situação, ela não pôde fazer outra coisa senão obedecer ao impulso do momento. — Ele olhou os outros à sua volta, em seguida deu um ligeiro sorriso e olhou para o chão. — Um assunto do qual tenho algum conhecimento...

— Precisamente, Cyrus — disse o Doutor, começando algumas anotações sob o tópico POR QUÊ? — Obrigado. Significa que ela foi tomada por um impulso, um impulso espontâneo que destruiu qualquer possibilidade não só de autocontrole, como também de premeditação, de investigação de sua vítima. Como Moore expressou com grande sarcasmo, de estudar sua lição. Qual poderia ser a causa possível para tal imprudência?

— Bem, detesto dizer o óbvio — falou Marcus —, mas... ela evidentemente queria um bebê.

— Correto — disse o Doutor com um rápido aceno da cabeça, acrescentando essa ideia à coluna do POR QUÊ? Em seguida, apagou as anotações feitas na parte de baixo do quadro, refazendo-as no meio, no lado direito. Havia agora três categorias gerais na metade superior do

quadro: POR QUÊ?, UM RAPTO e A MULHER DO TREM: GOVERNANTA OU BABÁ, com um espaço reservado à extrema direita para mais uma.

— Mas não um bebê qualquer — acrescentou rapidamente Lucius. — É evidente que ela queria esse bebê.

— E o queria desesperadamente — completou a Srta. Howard.

— Ótimo — disse o Doutor; então, rabiscou A MENINA LINARES no canto superior direito do quadro. — Mas vamos mais devagar... estamos passando a carroça na frente dos bois. — Ele deu um passo atrás, examinando o quadro com os outros. — A coisa está começando a tomar forma — murmurou, apagando o cigarro no cinzeiro com profunda satisfação. — É, sargento-detetive, ela quer o bebê Linares. Mas, como disse John, ela não podia saber *quem* era aquele bebê... e a investigação realizada por vocês próprios demonstra a espontaneidade do ataque. Junte todos esses elementos e a que conclusão você chega?

Lucius dedicou à pergunta apenas alguns segundos de reflexão:

— Que o importante não é *quem* o bebê Linares era, mas o *quê* ela era.

— *O quê* ela era? — perguntou o Sr. Moore, confuso e ainda não totalmente convencido da utilidade de todo aquele exercício. — Ela era um *bebê*, apenas isso... e já dissemos que a mulher queria um.

A Srta. Howard riu.

— Palavras de um solteiro inveterado de fato. Ela não era apenas *um* bebê, John... cada bebê é diferente, todos têm suas próprias características. — Ela voltou-se para o quadro. — E, portanto, a personalidade da criança pode nos falar sobre a personalidade de seu sequestrador.

— Bravo! — quase gritou o Doutor, posicionando-se no lado direito do quadro. —

Continue, Sara... agora você assume o comando.

A Srta. Howard levantou-se e tomou a si a tarefa de andar de um lado para o outro diante do quadro.

— Bem — começou ela, enquanto o Doutor continuava parado de pé, segurando o giz. —

Sabemos que Ana era... uma criança feliz. Alegre por natureza. Agitada, talvez, mas de uma maneira que encantava as pessoas.

— Prossiga, prossiga — instou o Doutor, escrevendo no quadro.

— Além disso, era saudável... usufruía de todos os privilégios e parecia personificar todos eles.

— E o que mais?

— E muito inteligente. Numa idade bastante precoce, ela se divertia com coisas que consideramos grandes obras de arte, mas que eram, para ela, curiosas de uma maneira ingênua.

Isso é prova de sensibilidade.

— Vocês falam sobre ela como se fosse uma *pessoa*, pelo amor de Deus — resmungou o Sr. Moore.

— Ela é uma pessoa, John — replicou o Doutor, ainda escrevendo. — Por mais difícil que isso seja para você aceitar. Mais alguma coisa, Sara?

— Só... só que ela seria mesmo um alvo lógico, acho. Sua sociabilidade atrairia atenção...

atenção e admiração da maioria...

— Mas inveja cobiçosa de uma pessoa — completou Marcus, expelindo uma grande nuvem de fumaça que fez seu irmão tossir com força. — Ah, desculpe, Lucius — disse ele,

embora sem demonstrar muita preocupação.

— Excelente — disse o Doutor. — Mais do que suficiente para um bom começo. Pois bem... agora vamos voltar a luz destas observações para a mulher misteriosa do trem elevado.

Já determinamos que ela não investigou sua vítima. Em vez disso, experimentou um impulso espontâneo e evidentemente irresistível de sequestrar a criança de imediato, independentemente de quem ela fosse. Alguma outra conclusão?

— Provavelmente essa mulher não tem filhos — sugeriu Marcus.

— De acordo — disse o Doutor, anotando a sugestão. — No entanto, muitas mulheres não têm e são capazes de se refrear e não sequestrar uma criança.

— Talvez ela *não possa* ter filhos — opinou a Srta. Howard.

— Melhor. Mas por que não adotar uma? A cidade está repleta de crianças abandonadas.

— Talvez ela não possa fazer isso também — disse Lucius. — Alguma complicação com a lei... provavelmente uma ficha criminal, se tomarmos o seu comportamento nesse caso como indício.

O Doutor pesou aquela hipótese.

— Bem melhor. Uma mulher fisicamente incapaz de gerar um filho e que legalmente esteja impedida de adotar uma criança abandonada por causa de sua ficha criminal.

— Mas se trata de algo mais profundo do que isso — murmurou a Srta. Howard, pensativa.

— Ela não *quer* uma criança abandonada. Sente-se atraída para essa criança em particular, uma criança que não poderia ser mais amada. E com razão, haja vista sua personalidade vivaz e saudável. Portanto, se supusermos que tudo isso nos diz alguma coisa... — Ela fez uma pausa.

— Sara? — instigou o Doutor.

A Srta. Howard pareceu estremecer ligeiramente.

— Sinto muito. Mas há... quase se pode sentir um quê de tragédia nessa história. Ela não poderia ter *tido* filhos, Doutor, e então tê-los perdido... digamos, devido a uma doença ou à saúde frágil da criança?

O Doutor ficou ruminando aquela hipótese.

— Essa ideia me agrada — disse ele, por fim. — É coerente com a vítima escolhida. A maioria de nós, com exceção daqueles iguais ao nosso Moore aqui, sente um certo anseio quando vê uma criança como Ana Linares. Por mais inconsciente ou remoto que seja esse anseio. Será que a tragédia foi o que tornou a ânsia dessa mulher irresistível? Seria essa a criança alegre e saudável que ela sempre desejou?

— E a que, aparentemente, sente que tem direito — acrescentou Marcus.

— E quanto ao traje da mulher? — perguntou Lucius. — Se a *señora* Linares estiver certa e ela for uma espécie de babá ou governanta...

— Ah, sargento-detetive, você leu meus pensamentos — disse o Doutor. — O que foi que acabamos de descrever senão uma mulher que seria atraída a cuidar de crianças como profissão?

— Ah, não — afirmou o Sr. Moore, erguendo-se e recuando.  
— Não, não, não, estou vendo aonde isso vai...

O Doutor deu uma risada.

— De fato, Moore! Mas por que temer? Você provou durante o caso Beecham que possui um *talento* claro para esse tipo de trabalho!

— Não me interessa! — respondeu o Sr. Moore, seu horror apenas em parte teatral. —

Odiei cada minuto daquilo! Nunca tive de desempenhar uma tarefa tão enfadonha, tão desgraçada...

— Entretanto, vai ser por onde a parte árdua de nossa investigação irá começar — replicou o Doutor. — Vamos visitar todos os serviços que oferecem babás e governantas nesta cidade, assim como cada hospital, cada orfanato e cada maternidade. A mulher se encontra aqui, com a criança, e, se pudermos confiar nos olhos da *señora* Linares, como acredito que possamos, então ela tem um emprego nessa área em algum lugar.

O rosto de Lucius havia se retorcido, transformando-se num ponto de interrogação humano.

— Mas... Doutor. Não temos sequer um nome. Somente uma descrição verbal. Isto é, se tivéssemos uma fotografia, algum tipo de retrato...

O Doutor deixou o pedaço de giz de lado e então bateu a poeira branca das mãos e do colete.

— E por que não podemos ter?

Lucius pareceu ainda mais confuso.

— Por que não podemos ter o quê?

— Um retrato — respondeu o Doutor simplesmente. — Afinal, temos uma descrição muitíssimo vívida. — Apanhando o casaco, ele tornou a vesti-lo e continuou: — Vocês, cavalheiros, não compreenderam o principal aspecto deste caso. Qual foi a coisa mais importante que nos faltou no caso Beecham e que feita na maioria dos crimes dessa natureza?

Uma descrição precisa do criminoso. No entanto, agora temos uma... e o meu palpite é de que, se colocada à prova, a descrição feita pela *señora* Linares irá apresentar-se ainda mais detalhada do que até aqui.

— Mas de que forma iríamos traduzir isso numa imagem visual? — indagou a Srta.

Howard.

— Nós não faríamos isso — replicou o Doutor. — Deixaríamos a tarefa sob a responsabilidade de alguém treinado para isso. E é o que faremos. — Apanhando o relógio de prata, o Doutor o abriu e olhou, estreitando os olhos. — Eu preferiria alguém da capacidade de John Singer Sargent, mas ele se encontra em Londres e exigiria uma



quantia absurda. Thomas Eakins também serviria, mas está na Filadélfia... e mesmo isso é longe demais, dada a urgência de nosso trabalho. Nosso oponente pode fugir da cidade a qualquer momento. Precisamos agir com rapidez.

— Deixe-me ver se entendi, Kreizler — disse o Sr. Moore, cada vez mais confuso. —

Você irá encomendar um *retrato* dessa mulher, a partir de uma *descrição*?

— Um esboço deve ser suficiente, creio eu — respondeu o Doutor, voltando a guardar o relógio. — A pintura de um retrato é um processo imensamente complexo, Moore. Um bom retratista deve ter algo de psicólogo nato. Não vejo razão por que, passando o pintor tempo suficiente com a *señora*, uma semelhança muito razoável não pudesse ser criada. O primeiro passo é encontrar o artista certo. E acredito que sei onde obter uma referência. — Ele olhou em minha direção. — Stevie? Vamos fazer uma visita ao Reverendo? Creio que iremos encontrá-lo em casa e trabalhando com afinco a essa hora... supondo-se que não esteja numa de suas perambulações noturnas.

Fiquei animado.

— Pinkie? — perguntei, saltando do peitoril da janela. — Com toda certeza!

Marcus olhou de mim para o Dr. Kreizler.

— “Pinkie”? “Reverendo”?

— Um amigo — respondeu o Doutor. — Albert Pinkham Ryder. Ele tem muitos apelidos.

Assim como a maioria dos excêntricos.

— Ryder? — O Sr. Moore também não estava entendendo aquela ideia. — Ryder não é retratista... e leva anos para terminar uma tela.

— É verdade, mas tem um instinto psicológico aguçado. Ele poderá recomendar alguém, não tenho dúvidas. Se quiser vir conosco, Moore... você também, Sara.

— Com muito prazer — aceitou a Srta. Howard. — O trabalho dele é fascinante.

— Hummm, é — disse o Doutor, hesitante. — Mas receio que vá achar seus aposentos e o estúdio não tão fascinantes.

— Isso é verdade — acrescentou o Sr. Moore. — Pode me excluir... aquele lugar me causa arrepios.

O Doutor deu de ombros.

— Como quiser. Sargentos-detetives, detesto ter de lhes pedir que executem o que receio seja uma tarefa inútil, mas talvez valha a pena... como foi mesmo que vocês disseram?

— Dar uma olhada no escritório dos cubanos — respondeu Lucius, num tom que sugeria que não havia muitas outras coisas que ele gostaria menos de fazer. — Ah, vai ser um prazer...

Feijão-preto, alho e dogma. Bem, pelo menos não falo espanhol e assim não vou saber o que estão dizendo.

— Peço desculpas — disse o Doutor —, mas devemos, como vocês sabem, cobrir o maior número de possibilidades que pudermos. E o mais rápido possível.

Começamos todos a nos dirigir para a porta, Marcus vindo por último, caminhando lentamente.

— Só tem uma coisa, Doutor — murmurou ele, dando passos deliberados, enquanto revolia algo em sua cabeça.  
— O *señor* Linares. O que supomos... e concordo inteiramente com tal suposição... é que estamos tratando de um rapto perpetrado por alguém que não conhecia a identidade do bebê.

— Sim, Marcus? — replicou o Doutor.

— Nesse caso, por que Linares está tentando ocultá-lo? — O rosto do sargento-detetive espelhava preocupação. — O fato é que a mulher que estamos descrevendo, quaisquer que sejam suas peculiaridades psicológicas, é com toda probabilidade americana. Esse detalhe seria tão útil para o governo espanhol quanto um sequestro com motivação política. Então por que não o estão usando?

O Sr. Moore voltou-se com uma expressão um tanto presunçosa para o Doutor.

— E então, Kreizler?

O Doutor olhou para o chão e assentiu com a cabeça algumas vezes, sorrindo.

— Eu devia ter sabido que seria você a fazer essa pergunta, Marcus.

— Lamento — desculpou-se o sargento-detetive. — Mas, como o senhor diz, precisamos cobrir todos os ângulos.

— Não é preciso desculpar-se — respondeu o Doutor. — Eu simplesmente tinha esperança de evitar a pergunta. Porque é a única que não posso começar a responder. E, se viermos

a encontrar a resposta, temo que encontraremos também alguns fatos bastante desagradáveis... e perigosos. Mas não creio que devamos permitir que essa reflexão retarde nossa ação.

Marcus pesou aquelas palavras, e então anuiu com um ligeiro movimentos da cabeça.

— No entanto, trata-se de algo que devemos ter em mente.

— Assim faremos, Marcus. Assim faremos... — O Doutor permitiu-se mais uma volta lenta e pensativa pela sala, parando para descansar junto à janela. — Em algum lugar lá fora, neste mesmo instante em que conversamos, há uma mulher que inadvertidamente tem nos braços uma criança que pode vir a ser um instrumento de terrível devastação... tão destrutiva, em sua inocência, quanto o projétil de um assassino ou a bomba de um louco. A despeito de tudo isso, porém, o meu maior temor é da destruição que já ocorreu na mente de sua sequestradora. É, precisamos nos manter alerta para os perigos do mundo mais amplo, Marcus... mas devemos, mais uma vez, dedicar nossos maiores esforços a conhecer a mente e a identidade de nossa antagonista. Quem é ela? O que a criou? E, acima de tudo, será que a fúria selvagem que a impeliu a esse ato acabará por se voltar contra a criança? Desconfio que sim...

e mais cedo do que pensamos. — Ele voltou-se para nós. — Mais cedo do que pensamos...

## **CAPÍTULO 10**

Sempre me pareceu que existe nesta vida gente de duas espécies: aqueles que se divertem com o que se pode chamar de tipos mais excêntricos e os que não; e suponho que eu, diferentemente do Sr. Moore, tenha sempre pertencido ao primeiro grupo. Era preciso ser assim,

acredito, para apreciar de verdade a vida na casa do Dr. Kreizler, pois as pessoas que ali entravam e saíam — mesmo aqueles como o Sr. Roosevelt, que era muitíssimo inteligente e veio a obter grande fama e sucesso — eram alguns dos personagens mais peculiares que se podiam encontrar naqueles dias. E, de todas aquelas almas estranhas porém notáveis, nenhuma era mais estranha do que o homem que eu gostava de chamar de “Pinkie”, o Sr. Albert Pinkham Ryder.

Artista por religião além de profissão, o homem alto, benevolente e de fala mansa, com a barba comprida e os olhos inquietos, dava a impressão geral de um monge ou sacerdote, motivo por que era conhecido como “o Reverendo” ou “Bispo Ryder” pelos amigos. Ele vivia num apartamento no número 308 da Rua 15 Oeste e passava a maior parte das noites trabalhando ou percorrendo a cidade em longas caminhadas — pelas ruas, pelos parques e até pelos subúrbios —, estudando o luar e as sombras que preenchiam tantos de seus quadros. Era uma alma solitária, um recluso, segundo ele próprio, que havia sido criado na velha e fantasmagórica New Bedford — cidade que vivia da pesca da baleia, em Massachusetts.

Tivera uma quacre como mãe e uma coleção de irmãos por companhia — e tudo isso significava que uma de suas mais extremas peculiaridades era sua maneira de lidar com as mulheres. Ah, ele era muito cortês, de um modo que pareceria cavalheiresco se não fosse assim tão estranho. Houve uma ocasião, por exemplo, em que ouvira uma linda voz cantando em seu edifício e, quando descobriu a dona daquela voz, imediatamente lhe propôs casamento. Bem, a mulher era ótima cantora, com certeza, mas nas ruas e na delegacia de polícia do bairro era conhecida como outras coisas também, e foi só quando um grupo de amigos

interveio para refreá-lo que o pobre velho Pinkie foi salvo do que provavelmente teria sido um completo embuste.

Ele gostava de crianças; ele próprio era uma espécie de menino grande e estranho, e sempre ficava contente ao me ver (o mesmo não podia ser dito de alguns dos outros amigos do Doutor). Em 1897, já possuía bastante fama e sucesso entre os entendidos em arte para poder viver do modo que o aprazia — que basicamente era como um rato levando pequenos objetos para a toca. Ele nunca jogava coisa alguma fora, nem uma embalagem de comida, um pedaço de barbante ou um monte de cinzas, e seu apartamento às vezes podia mesmo parecer um pouco assustador para a maioria das pessoas. No entanto, sua bondade, gentileza e tranquilidade, e a definitiva atração de seus quadros nebulosos e etéreos, mais do que compensavam tudo isso, principalmente para mim, um garoto do Lower East Side, acostumado ao lixo amontoando-se no interior dos apartamentos. Isso, combinado ao fato de ele partilhar

meu gosto à mesa — mantinha um caldeirão de ensopado sempre quente no fogão e, quando saía, preferia ostras, lagosta e feijões assados num restaurante da zona portuária —, fazia de seu apartamento um local ao qual eu acompanhava o Doutor sempre com alegria.

Fomos somente nós três — a Srta. Howard, o Doutor e eu — que fizemos a peregrinação daquela noite, pois Cyrus (que admirava os quadros de Pinkie, mas que, como o Sr. Moore, não tinha os hábitos de vida do pintor em alta conta) pediu licença alegando preferir uma boa noite de sono. O edifício de Pinkie ficava a oeste da Oitava Avenida, na Rua 15, e era um dentre milhares de outros nas redondezas: uma simples série de casas de tijolos geminadas e antigas convertidas em apartamentos. Fomos até lá de fiacre, seguindo para o

norte em meio ao fluxo de trânsito que se avolumava em direção ao Tenderloin àquela hora da noite; quando nos separamos do tráfego, vimos que uma pequena lamparina de querosene queimava na janela da frente do apartamento de Pinkie.

— Ah, então ele está em casa — disse o Dr. Kreizler. Então pagou ao cocheiro do fiacre e tomou a Srta. Howard pelo braço. — Bem, Sara, preciso prepará-la para uma coisa... Sei que você considera a deferência obsequiosa ao seu sexo abominável, mas no caso de Ryder você precisa abrir uma exceção. É perfeitamente inocente e perfeitamente genuína... Não tem a intenção de ser uma tentativa velada de manter as mulheres numa posição frágil e inferior, eu lhe asseguro.

A Srta. Howard assentiu, não de todo convencida, enquanto subíamos para o alpendre do edifício.

— Estou disposta a dar a qualquer um o benefício de um julgamento justo — disse ela. —

Mas caso venha a se tornar insultuoso...

— É bastante justo — replicou o Doutor. — Stevie? Por que não vai na frente e avisa Ryder da nossa chegada?

Disparei pelo interior do prédio, subindo a escada escura até a porta do apartamento de Pinkie, em que bati com força, chamando-o em voz alta. Eu sabia que ele às vezes não deixava nem os bons amigos entrarem, quando se encontrava tomado por uma febre criativa, mas tinha certeza de que ele me responderia.

— Sr. Ryder? — gritei. — Sou eu, Stevie Taggert, senhor. Vim com o Doutor!

Lá de dentro ouvi o tipo de ruge-ruge que os esquilos fazem quando entram num monte de folhas secas caídas, e então uns passos lentos e pesados aproximaram-se da porta. Os passos pararam e houve uma longa pausa, acompanhada pela respiração pesada que eu podia ouvir até mesmo do corredor. Por fim, uma voz profunda e cheia, que era ao mesmo tempo lenta e nervosa, perguntou:

— Stevie?

— Sim, senhor — respondi.

A fechadura foi destrancada e, quando a porta se afastou de mim, uma forma grande deslocou-se, tomando conta do vão. Distingui primeiro a barba, em seguida a testa alta e brilhante, e finalmente os olhos, cuja cor — castanho-claro ou azul — eu nunca conseguia identificar.

Entrei, fazendo uma saudação.

— Olááá, Pinkie! — anunciei, passando por pilhas de livros, jornais e simples lixo amontoados na sala, dirigindo-me aos fundos do apartamento, onde o estúdio (e o caldeirão de ensopado) ficavam.

Ele sorriu de seu modo peculiar, que o Dr. Kreizler sempre chamava “enigmático”.

— Olá, meu jovem Stevie — respondeu ele, limpando as mãos cobertas de tinta num trapo.

Apesar de viver havia anos em Nova York, seu modo de falar ainda tinha muito de seu local de origem: a velha Nova Inglaterra. — O que o traz a estas bandas a essa hora?



— O Doutor está vindo aí — disse eu, deslocando-me entre paredes cobertas com telas sem moldura que, ao olho inexperiente, teriam parecido quadros acabados: lindas paisagens terrestres douradas, tempestuosas paisagens marítimas escuras (ou o que os entusiastas da arte chamavam “marinas”), assim como cenas da poesia, do drama e dos mitos que fascinavam o velho Pinkie. Ele próprio era um poeta e tanto e, como costume dizer, suas interpretações de

“A Floresta de Arden” ou de “A Tempestade” teriam dado a qualquer outra pessoa a impressão de estarem prontas para serem despachadas. No entanto, para Pinkie, era quase impossível considerar um quadro pronto e ele invariavelmente atarantava-se e detinha-se em minúcias de suas obras durante anos, como dissera o Sr. Moore, antes de enviá-las aos clientes, em geral exasperados, que tinham há muito pagado pelos quadros.

Apanhando uma colher de madeira, servi-me de uma boa porção do suculento ensopado de carneiro de Pinkie, que ele havia adocicado com maçãs frescas. Em seguida, dei uma volta pelo estúdio.

— Uma safra e tanto, Pinkie — gritei para ele. — Quantos já estão vendidos?

— O suficiente — respondeu ele da outra sala. Em seguida, ouvi as vozes do Doutor e da Srta. Howard e corri para lá, a fim de presenciar o ritual observado por Pinkie todas as vezes em que uma mulher vinha ao seu esconderijo.

— Estou profundamente honrado, senhorita — disse ele com reverberante sinceridade, fazendo uma solene reverência. Em seguida, estendeu a mão. — Por favor... — Pôs-se então a abrir rapidamente caminho em meio ao lixo acumulado na

sala até a única poltrona que possuía, uma peça surrada mas confortável que ficava diante da janela. Quando terminava de limpar o chão à frente da poltrona, ele apanhou um pequeno tapete oriental e o estendeu de forma que a Srta. Howard pudesse descansar os pés nele ao se sentar, como uma rainha boêmia num trono. Normalmente, ela não seria mulher de aceitar tal tratamento; mas vindas de Pinkie essas atitudes eram tão sinceras e peculiares que faziam com que qualquer pessoa fizesse uma trégua em suas reações habituais.

— Bem, Albert — disse o Doutor alegremente —, você está muito bem. Um pouco inchado, talvez, em alguns pontos. Como vai o reumatismo?

— Sempre me rondando — respondeu Pinkie com um sorriso. — Mas tenho aqui os meus tratamentos. Permitam-me oferecer-lhes algo para comer. Ou beber. Cerveja? Água?

— Certo, aceito um copo de cerveja, Albert — disse o Doutor, olhando para a Srta.

Howard. — A noite está agradável, embora não tão fresca quanto eu esperava.

— É, uma cerveja seria ótimo — aceitou a Srta. Howard.

Pinkie ergueu um dedo comprido, indicando que demoraria apenas um instante, e então se dirigiu aos fundos do apartamento. Quando seguia para lá, percebi que seus pés produziam leves ruídos, como se chapinhassem. Olhei para baixo, vendo que ele estava calçado com sapatos de tamanho maior do que o seu, cheios de palha e do que parecia, precisamente, aveia cozida.

— Ei, Pinkie — disse eu, seguindo-o —, acho que você sabe que está com aveia nos sapatos.

— É a melhor coisa para reumatismo — respondeu ele, apanhando duas garrafas de cerveja e correndo uns copos de aparência suspeita sob a torneira fria. — Minhas caminhadas estão um pouco dolorosas ultimamente. Palha e aveia fria... é essa a resposta. — Ele começou a voltar para a sala.

— OK — concordei, dando de ombros, ainda em seu encaço. — Você deve saber. Não tem ninguém em Nova York que ande tanto quanto você.

Locomovendo-se com pequenos bufidos, Pinkie pousou as garrafas de cerveja e os copos numa mesa que era um caixote velho de madeira e então começou a servir.

— Aqui está — disse ele, entregando os copos ao Doutor e à Srta. Howard. — À senhorita

— brindou ele, erguendo o copo. — “Eu miro tua juventude, linda donzela, miro tua juventude e imagino, Se uma fada eu fosse, Que com uma varinha de condão pudesse deter, Qualquer possível mal, e poupar teus anos vindouros, Intocados por chuvas de lágrimas, Com um brilho de arco-íris.”

— Muito bem dito, Albert — replicou o Doutor, erguendo o copo e bebendo sua cerveja.

— É seu? — indagou ele, embora eu visse que sabia que sim.

Pinkie inclinou a cabeça com humildade.

— Não é muito bom, mas é meu. E se ajusta à sua companhia.

A Srta. Howard pareceu genuinamente comovida — e isso não era coisa fácil: um representante do sexo masculino comovê-la.

— Obrigada, Sr. Ryder — disse ela, erguendo o copo e bebendo um gole. — É lindo.

— Diga, Pinkie — perguntei, sabendo que ele também era um entusiasta do turfe —, como se saiu no Suburban de hoje?

Um misto de desapontamento e entusiasmo estampou-se em seu rosto.

— Infelizmente não tive tempo de fazer uma aposta — respondeu ele. — Mas é estranho você mencionar as corridas, Stevie... — Ele tornou a erguer o mesmo dedo comprido e fez sinal para que o seguíssemos até o estúdio, no que obedecemos. — Uma coincidência muito estranha de fato! Veja bem, estou trabalhando numa coisa. Um quadro com uma história por trás dele, pode-se dizer. Há alguns anos, um garçom com o qual tive um conhecimento fortuito porém prazeroso apostou as economias de toda a sua vida numa corrida de cavalos... e perdeu.

Desesperado, ele então se matou com um tiro.

— Que coisa horrível! — comentou a Srta. Howard; seu choque, porém, não bastava para ocultar o fato de que ela começava a mostrar-se encantada com as pinturas que começaram a se avolumar à sua volta.

— De fato — concordou Pinkie. — Esse fato pôs meu cérebro para trabalhar, não sei dizer precisamente como... mas vocês devem ver o resultado, pois acredito que talvez ele tenha possibilidades.

Ele nos levou até um grande cavalete num canto do estúdio, sobre o qual descansava uma tela de cerca de 60 x 90cm, coberto com um pedaço de tecido leve e manchado. Pinkie apanhou um lampião a gás que estava ali perto, voltou a chama para cima e então deu um passo na direção do cavalete.

— Vejam bem, ainda não está acabado — disse —, mas... bem...

Ele puxou o tecido.

Sobre o cavalete encontrava-se um dos mais sinistros dentre todos os seus quadros que eu já vira. Representava uma pista oval descuidada, limitada por uma cerca igualmente tosca. No solo lamacento diante da pista via-se uma serpente grande e de aparência asquerosa; acima dela, a distância, alguns morros áridos e um céu tão sombrio que poderia tanto ser noite como dia; e, na pista propriamente dita, uma amazona solitária — a Morte em pessoa — montada em pelo, seguindo na direção errada, erguendo a foice no ar.

Bem, a maior parte dos quadros de Pinkie era misteriosa, mas aquele era positivamente horrendo — até mesmo assustador. Era claro, porém, que o Doutor e a Srta. Howard estavam impressionados, pois seus olhos brilhavam, fascinados, enquanto estudavam a pintura.

— Albert — disse o Doutor, devagar —, é brilhante. Aflitivo, porém brilhante.

Pinkie remexeu-se, constrangido, sobre a aveia, tornando a fazê-lo quando a Srta. Howard acrescentou:

— Extraordinário. Fascinante, de verdade... à sua maneira...

— Resolvi chamá-lo simplesmente de “A Pista de Corrida” — afirmou Pinkie.

Olhei do Doutor para a Srta. Howard e desta para Pinkie, e finalmente voltei ao quadro.

— Não entendo — disse eu.

Pinkie sorriu para mim e cofiou a barba.

— Ora, é *isso* que gosto de ouvir. O que é que você não entende, meu jovem Stevie?

— Por que a cobra? — perguntei, apontando-a.

— O que ela significa para *você*? — replicou ele.

— Tem de ser uma cobra rápida para acompanhar aquele cavalo. — Pinkie pareceu considerar essa resposta bastante satisfatória. — E, por falar no cavalo, Pinkie, ele está indo na direção errada... você deve saber disso.

— É — respondeu ele, olhando o quadro.

— E quanto ao céu? — indaguei. — É para ser dia ou noite?

— Sabe que eu não tinha pensado nisso? — respondeu Pinkie, estreitando aqueles olhos de cor estranha.

— Ah — murmurei, dando mais uma olhada no quadro. — Bem, me desculpe, Pinkie, mas ele me dá arrepios. Fico com aquele ali. — Apontei para um belo trabalho de cores vivas, que mostrava uma linda jovem de cabelos louro-avermelhados: espectral, sim, mas tranquilizante, não depressivo.

— Ah! — replicou Pinkie. — Minha “Pequena Donzela da Acádia”. É, também gosto muito dela... e está quase

concluída. Você tem um bom olho, meu jovem Stevie. — Ele tornou a cobrir o inquietante quadro no cavalete. — Pois bem, Laszlo, você veio só para saber da minha saúde ou por algum outro motivo? Acredito que pela última alternativa, pois você é um homem que sempre tem motivos.

O Doutor desviou o olhar, um tanto constrangido.

— Isso é cruel, Albert — disse, com um sorriso. — Mas verdadeiro. Eu lhe disse, Sara, que Albert poderia ser psicólogo se quisesse. — Pinkie apagou o lampião a gás e voltamos para a sala. — A questão, Albert, é que viemos em busca de uma recomendação.

— Uma recomendação?

— Precisamos de um retratista — disse o Doutor, enquanto a Srta. Howard tornava a sentar-se em seu trono surrado. — Alguém capaz de fazer um retrato a partir não de um modelo vivo, mas de uma descrição detalhada.

Pinkie parecia intrigado.

— Um pedido pouco comum, Laszlo.

— Na verdade, o pedido é meu, Sr. Ryder — interveio a Srta. Howard muito sabiamente, pois, enquanto Pinkie poderia ter farejado alguma coisa no ar se a sugestão viesse de um homem, a aceitaria como evangelho se viesse de uma mulher, principalmente uma mulher jovem e bonita. — Trata-se, ou melhor, tratava-se de um membro distante da família. Ela morreu de forma um tanto súbita. No mar. E percebemos que não temos nem um quadro, nem mesmo uma fotografia, para nos recordarmos dela. Eu e minha prima, que mora na Espanha, assim como nossa parenta falecida, comentávamos sobre o quanto gostaríamos de ter um retrato como lembrança, e o Doutor sugeriu que talvez

fosse possível fazer um a partir de lembranças e descrições.  
— Ela tomou um golinho da cerveja, de modo bastante cativante. —

O *senhor* acha possível? Tenho a maior admiração pelo seu trabalho e consideraria sua opinião como definitiva.

Ora, meu caro, Pinkie caiu direitinho: ele segurou as lapelas do velho casaco de lã que vestia, empertigou-se o máximo que pôde, e pôs-se a caminhar como se seus sapatos fossem feitos do melhor verniz, em vez de estarem cheios de palha e aveia.

— Sei — disse ele, pensativo. — Uma ideia interessante, Srta. Howard. A senhorita disse tratar-se de uma mulher, não é mesmo?

— Exato — respondeu a Srta. Howard.

— Existem muitos retratistas excelentes em Nova York. Normalmente, Chase seria a primeira opção... Você o conhece, Kreizler?

— William Merritt Chase? — perguntou o Doutor. — Estive com ele muito rapidamente, mas conheço seu trabalho. E você tem razão, Albert; trata-se de uma escolha esplêndida...

— Na verdade — cortou Pinkie —, não sou dessa opinião. Se o tema é uma mulher... e se vai trabalhar com base apenas na memória... acho que deveria contratar uma mulher para fazer o trabalho.

Isso fez surgir no rosto da Srta. Howard um sorriso que não era absolutamente fingido.



— Que ideia excelente, Sr. Ryder! — Ela olhou deliberadamente para o Doutor. — E que interessante... — O Doutor revirou os olhos e voltou-se para o outro lado. — O senhor por acaso conhece alguma?

— Meus colegas estão sempre fazendo troça por eu querer ver o trabalho do maior número de artistas possível — respondeu Pinkie —, qualquer que seja a formação deles. Ou o sexo.

Acredito que qualquer pintura séria tenha o seu mérito, independente de quem seja o pintor.

Sim, creio que conheço a pessoa certa para vocês. Seu nome é Cecilia Beaux. — A Srta.

Howard inclinou ligeiramente a cabeça, como se reconhecesse o nome. — A senhorita a conhece? — perguntou Pinkie, pronto a deixar-se impressionar.

— O nome não me é estranho — respondeu a Srta. Howard, esforçando-se para lembrar.

— Por acaso é professora?

— De fato, é. Na Pennsylvania Academy. Tem um futuro brilhante ali.

A Srta. Howard franziu o cenho.

— Não. Não é daí...

— Mas ela também dá aulas particulares — prosseguiu Pinkie. — Duas vezes por semana, em Nova York. Foi por isso que pensei nela.

— Onde ela dá as aulas? — indagou o Doutor.

— Na casa da Sra. Cady Stanton.

— Mas é claro! — exclamou a Srta. Howard, seu rosto se iluminando. — Eu e a Sra. Cady Stanton somos velhas amigas. Já a ouvi falar da Srta. Beaux... e em termos muito elogiosos.

— Não poderia ser de outra forma — opinou Pinkie. — A obra dessa mulher tem uma qualidade... bem, Laszlo, o melhor que posso dizer é que ela vê a própria essência da personalidade. É muito apreciada na Europa e será aqui, com o tempo. Retratos de fato extraordinários... principalmente os de mulheres e crianças. É, quanto mais eu penso, mais me convenço de que Cecilia Beaux é a pessoa que vocês estão procurando.

— E eu posso encontrá-la através da Sra. Cady Stanton — afirmou a Srta. Howard, olhando para o Doutor. — Primeira coisa a fazer de manhã.

— Bem, então — o Doutor voltou a erguer a cerveja —, nosso problema está resolvido. Eu sabia que estávamos certos em vir procurá-lo, Albert. Você é um compêndio ambulante. —

Pinkie corou e sorriu; em seguida, ficou sério, quando o Doutor disse: — E então, Albert, em relação à “Pista de Corrida”... já está vendido?

Os dois homens puseram-se a discutir o destino do quadro, bebendo mais cerveja. Pinkie ainda não tinha vendido o trabalho perturbador, mas insistia com o Doutor que nem pensaria em tal hipótese por muito tempo ainda, pois o quadro estava longe de se ver concluído. (Aliás, não o seria antes de 1913.) Era a mesma história com todas as suas telas e o Doutor mostrava a mesma frustração que a maior parte dos colecionadores ao tentar trazer Pinkie ao frio

mundo das coisas práticas. Por fim, o Dr. Kreizler deixou o assunto de lado e começaram todos a falar sobre a arte em geral, deixando-me voltar ao estúdio novamente e comer um pouco mais do delicioso ensopado. Enquanto comia, fiquei olhando para a “Pequena Donzela da Acádia” por algum tempo, percebendo pela primeira vez que, no estilo vago que era o de nosso anfitrião, aquela era a imagem de Kat.

Ficamos no apartamento de Pinkie por ainda mais uma hora aproximadamente, todos desfrutando aqueles momentos muito agradáveis em meio às pilhas de relíquias, objetos sem valor e lixo. Um estilo de vida engraçado aquele — o velho menino vivia apenas para seus quadros e sentia-se bastante feliz com isso. Que lhe dessem um pouco de comida simples e boa, um quarto onde trabalhar e a capacidade para fazer suas longas caminhadas, e ele ficaria bem. Simples, você poderia dizer; e eu então responderia: é, tão simples que somente um em milhão tem essa capacidade.

## **CAPÍTULO 11**

Na manhã seguinte a Srta. Howard telefonou para dizer que já entrara em contato com a Sra.

Elizabeth Cady Stanton, a famosa senhora que havia meio século vinha promovendo uma cruzada pelos direitos femininos. A Srta. Howard, ao que parecia, conhecia e admirava a Sra.

Cady Stanton (que insistira em usar o nome de solteira junto ao do marido) desde a infância; e, como a Sra. Cady Stanton tinha parentes de sangue azul no Hudson Valley, não muito longe da propriedade da família Howard, a senhorita pudera travar conhecimento com ela muito cedo

através de amigos mútuos. Sara havia prevenido o Doutor de que provavelmente haveria complicações com o fato de a Sra. Cady Stanton ser a agente de nosso encontro com a Srta.

Cecilia Beaux, pois a extraordinária e astuta mulher estava bastante ciente das conexões pessoais e profissionais da Srta. Howard. Ela sabia, por exemplo, que a Srta. Howard não tinha qualquer parenta morta recentemente, no caso de Sara tentar lançar essa mentira. Isso deixava nossa amiga com a tarefa de fazer nosso contrato com a retratista parecer totalmente inocente. No entanto, a Sra. Cady Stanton também sabia que a Srta. Howard era detetive particular e ficou instantaneamente fascinada com o que tinha certeza de tratar-se de alguma intriga — tanto assim que pediu abertamente para estar presente na sessão de esboço marcada pela Srta. Howard para a noite de quinta-feira, no número 808 da Broadway. Não lhe restando uma forma cortês de dizer à Sra. Cady Stanton que cuidasse de sua própria vida, Sara viu-se obrigada a concordar. Assim sendo, parecia que teríamos uma convidada adicional para a ocasião.

Nesse ínterim, a *señora* Linares enviou um bilhete à Srta. Howard dizendo que o marido estava decididamente desconfiando de suas ausências e era provável que essa fosse a última vez que ela conseguiria escapular: qualquer coisa de que precisássemos teríamos de obter na noite de quinta-feira. Quanto aos sargentos-detetives, sua visita aos cubanos não produziu resultado algum, exceto um bocado de sentimentos desagradáveis, e eles saíram do encontro convencidos de que ninguém no Partido Revolucionário Cubano tinha cérebro ou habilidade organizacional para levar a cabo algo como o sequestro de Ana Linares. Essa pequena confirmação de sua teoria de que o sequestrador era uma mulher agindo sozinha mandou o Doutor de volta

ao seu gabinete na tarde de quarta-feira e, na manhã seguinte, ele ainda não havia saído de lá; sua comida era levada em bandejas, e ele deixou ordens estritas para não ser perturbado. O Sr. Moore e a Srta. Howard chegaram por volta das duas na quinta-feira a fim de planejar a estratégia para a sessão de esboço do retrato. Ao encontrarem o Doutor ainda trancado no gabinete, perguntaram-me o que estava acontecendo, ao que respondi que, com sinceridade, não sabia, pois não o via havia 24 horas. No entanto, já era hora de prepararmos as coisas para a noite e, assim, nós três juntos resolvemos subir até o gabinete e descobrir o que estava se passando.

O Sr. Moore bateu à porta e obteve um ríspido “Vá embora, por favor!” como resposta. Ele olhou para mim, mas tudo que pude fazer foi dar de ombros.

— Kreizler? — insistiu o Sr. Moore. — Que diabos está acontecendo? Você está trancado aí faz dois dias... E já é hora de nos aprontarmos para o retrato!

Um grunhido longo e exasperado veio do interior do gabinete e então a porta foi destrancada por dentro. O Doutor, vestindo paletó e chinelos, abriu a porta, o rosto enterrado num livro.

— É, eu poderia ficar aqui dois anos antes de encontrar algo útil de verdade. — Ele nos olhou com uma expressão vaga e então, inclinando a cabeça, fez sinal para que entrássemos, seguindo-o.

O gabinete tinha três paredes cobertas por estantes e painéis de mogno, e a ampla mesa do Doutor ficava de frente para a janela que ocupava a quarta parede. Havia pilhas de livros abertos por toda parte, ao lado de periódicos e monografias, também abertos. Alguns pareciam ter sido

colocados nos lugares em que se encontravam; outros haviam sido claramente jogados ali.

— Estou tentando elaborar uma pesquisa que nos ponha em contato com as peculiaridades psicológicas inerentes ao relacionamento mãe-filho — anunciou o Doutor. — E, não pela primeira vez, sinto-me decepcionado por meus colegas.

O Sr. Moore sorriu e tirou alguns periódicos do sola, deixando-se cair em seguida sobre este.

— Bem, essa é uma boa notícia — disse ele. — Quer dizer que então não teremos de estudar coisa alguma dessa vez, é?

Ele se referia ao caso Beecham, durante o qual o Doutor fizera todos na equipe ler não só as obras básicas de psicologia do momento, como também artigos escritos por especialistas e que tinham aplicação específica na investigação. Eu e Cyrus também havíamos feito a maior parte da leitura, só para não ficar para trás; e, não me importo de confessar, essa foi uma tarefa dura. Não pode haver muitas pessoas no mundo mais dadas à verborragia do que os psicólogos e alienistas típicos.

O Doutor limitou-se a fechar a cara para o Sr. Moore.

— Supondo-se que você tenha fixado ao menos uma parte do que aprendeu no ano passado

— disse ele, desgostoso —, então, não, não creio que tenha muito mais a ser feito. É uma coisa idiota. Homens perfeitamente racionais e sadios, quando chegam a um instinto específico, o maternal, começam com um blablablá de idiotas! Ouçam o que diz o augusto *Herr G. H.*

Schneider, um dos preferidos de James, John: — (O Sr. Moore frequentara a Harvard com o Doutor e também estudara, embora por breve período, com o professor James.) — “Assim que uma esposa se torna mãe, todos os seus pensamentos e suas emoções, todo o seu ser, sofrem uma mudança. Até então, ela pensara exclusivamente em seu bem-estar próprio, na satisfação de sua vaidade; parecia que o mundo todo havia sido feito só para ela; tudo que acontecia à sua volta só era percebido até onde tivesse significação pessoal para ela. Agora, porém” — e, nesse ponto, uma espécie maliciosa de sarcasmo surgiu na voz do Doutor —, “o centro do mundo já não é ela, mas seu filho. Ela não pensa na própria fome; precisa primeiro assegurar-se de que a criança esteja alimentada. Agora ela tem toda a paciência com o bebê birrento e chorão, com

seus gritos estridentes, quando até aqui cada nota dissonante, cada ruído ligeiramente desagradável, a deixava nervosa.” Eu lhe pergunto, Sara, já ouviu tamanho disparate?

O rosto da Srta. Howard assumiu uma expressão resignada.

— Receio que essa seja a percepção comum.

O Doutor prosseguiu com sua arenga.

— Sim, mas ouça o que ele diz em seguida: “Isso, pelo menos, é o que acontece com todas as mães não pervertidas e de casta normal, que, infelizmente, parecem estar se tornando cada vez mais raras.” Mas, por acaso, ele segue avante discutindo a composição mental dessas cada vez mais numerosas mães “de casta anormal”? Não, não segue! — O Doutor deixou o livro de lado.

As engrenagens na cabeça da Srta. Howard haviam começado a girar durante essa invectiva: sua testa franzia-

se com uma ideia.

— Doutor... — começou ela.

Mas ele ainda não havia terminado. Apanhando outro livro, bramiu:

— E ouçam agora o próprio James: “O amor materno é um instinto mais forte do que o paterno. A devoção passional de uma mãe a um filho doente ou moribundo talvez seja o espetáculo moral mais puro e belo que a vida humana pode oferecer.” E aí termina a discussão!

Eu gostaria de saber como esses homens reagiriam se eu lhes mostrasse as dezenas de estudos de caso que venho compilando, no decorrer desses anos, de mulheres espancando os filhos, deixando-os passar fome, atirando-os em fornos acesos ou simplesmente matando-os de vez? É

inacreditável!

— Certo, Doutor — tentou a Srta. Howard novamente —, mas eu me pergunto: não haverá algo de útil nesse raciocínio preconceituoso?

— Somente por inferência, Sara — zombou o Doutor, atirando o livro que segurava sobre uma pilha de outros e então voltando a apanhar o primeiro volume. — Apenas um breve comentário de Schneider oferece um certo esclarecimento: “Ela”, referindo-se à mãe, “em suma, transferiu todo o seu egoísmo para o filho.”

— Sim, é isso... exatamente — disse a Srta. Howard. — Suponha que o senhor fosse uma dessas mães de casta anormal, uma mãe que perdeu os filhos e que não pudesse ter outros... O



senhor não experimentaria o desejo de adquirir outro de alguma forma, mesmo que apenas para provar que poderia adequadamente desempenhar aquela que é vista pela sociedade como a função feminina básica?

O rosto do Doutor assumiu uma expressão perplexa, suas mãos caíram ao longo do corpo e então ele atirou o livro de Schneider sobre a pilha, como fizera com o de James.

— E, dado o contexto individual correto — afirmou ele, assentindo com a cabeça —, esse impulso poderia crescer e destruir a força inibitória normal... Ora, onde foi que você andou nestes dois últimos dias, meu oráculo da psique feminina? — Ele caminhou até ela e pousou as mãos sobre seus ombros. — Levei Deus sabe quantas horas e páginas de leitura infrutífera para chegar a esta mesma conclusão! — O Doutor dirigiu-se à porta e gritou para o corredor: —

Cyrus! Prepare meu banho, se não se importa, e separe roupas limpas! — Ele tornou a voltar-se para a Srta. Howard. — Da última vez em que trabalhamos juntos, Sara, estudamos as leis conhecidas da psicologia. Dessa vez, desconfio que os preconceitos de nossa sociedade nos

obrigarão a escrever algumas novas. Você deve tomar notas minuciosas e estar sempre à mão, pois a sua é a perspectiva de que mais precisamos. O restante de nós não pode...

O Doutor foi interrompido pelo barulho de um ronco leve vindo do sofá; todos nos voltamos para lá, deparando com o Sr. Moore cochilando.

— Bem — suspirou o Doutor —, vamos dizer apenas que certos pontos de vista serão bem menos cruciais. Entretanto, deixe-o descansar por ora, pois, com um pouco de sorte, nós o mandaremos ao trabalho nas ruas amanhã.

Assim que o Doutor tomou banho e se vestiu, descobrimos que a única forma de despertar o Sr. Moore era oferecer-lhe um almoço tardio no Delmonico's, na Madison Square. O Dr.

Kreizler vinha passando menos tempo do que o habitual naquele estabelecimento, pois o Sr.

Charlie Delmonico, acompanhando o constante fluxo da moda e do dinheiro que seguia para o norte da cidade, tinha recentemente aberto um outro restaurante na Rua 44; e, embora jurasse não ter planos de fechar a sucursal da Madison Square, o Doutor acreditava que era só uma questão de tempo até que o lugar sucumbisse a esse destino. Assim, vinha boicotando o máximo possível o restaurante (embora não pudesse deixar totalmente de frequentá-lo) como método de protesto.

Eu e Cyrus caminhamos com os outros até a Madison Square. Embora nunca comêssemos de fato com o Doutor no restaurante — isso simplesmente não seria possível naquele tempo

—, gostávamos de acompanhá-lo, de qualquer forma, pois eu fizera amizade com o Sr.

Ranhofer, o tirânico chef francês, e em geral conseguia pescar dois recipientes de boa comida que podíamos saborear no parque. Levamos o Doutor e seus convidados até a entrada principal, onde Charlie Delmonico postava-se, cumprimentando os clientes. O Dr. Kreizler estendeu a mão e o Sr. Delmonico a apertou, mesmo enquanto o Doutor anunciava com um quê de seriedade:

— Ainda não estou falando com você, Charles.

Então, assim que se viram lá dentro, dobrei correndo a esquina até a porta de entregas.

Ziguezagueando entre homens que gritavam, carregando caixotes de frutas e verduras, assim como bandejas de madeira repletas de peixes e cobertas de gelo, e grandes peças de carne de vaca e de cordeiro, atravessei um corredor escuro e logo me vi na cozinha de tijolos, onde dezenas de panelas e caldeirões pendiam do teto abobadado. Dali eu já podia ouvir a voz do Sr. Ranhofer retumbando nas paredes azulejadas:

— Não, não, não! Porco! Eu não daria isso nem para um animal! Por que, por que é tão difícil para você aprender? — O alvo de seus berros, vi em seguida, era um jovem chef de *pâtisserie*, que parecia estar tomando a peito todos os insultos e dava ares de estar prestes a sucumbir. O Sr. Ranhofer, o imenso corpo roliço envolto em branco e o vasto bigode da mesma cor eriçado, tentou acalmar-se um pouco, e então se dirigiu à bancada de trabalho do jovem. — Aqui, venha, vou lhe mostrar... Mas só uma vez!

Esperando que a lição terminasse, olhei o enorme espaço à minha volta, onde cerca de vinte ou trinta chefs, assistentes de chefs e assistentes de assistentes trabalhavam todos feito loucos, gritando a plenos pulmões — às vezes para absolutamente ninguém, pelo menos que eu pudesse ver. Chamas de cores diversas de vez em quando brotavam dos fogões e as centenas de cheiros diferentes do lugar — alguns agradáveis, outros apenas peculiares — fundiam-se num único e inidentificável aroma. O lugar tinha a atmosfera geral de alguns dos asilos de

loucos que eu havia visitado com o Doutor — exceto pelo fato de que, nos elegantes salões lá de cima, as pessoas pagavam muito dinheiro pelo que saía desse hospício.

Por fim, vi uma abertura e agarrei o avental do Sr. Ranhofer.

— Ei! Sr. Ranhofer!

Ele voltou-se e, após um breve sorriso, franziu a testa.

— Por favor, Stevie, vá embora! Hoje, não, isto aqui está uma loucura... uma loucura!

— É, é o que parece — repliquei. — O que está acontecendo?

— Ele vai me matar... Esse Charles vai me matar! Três almoços particulares e então, para completar, um jantar para oitenta pessoas! Como, em nome de Deus, um ser humano pode conseguir fazer tudo isso?

— Ah, você vai conseguir — disse eu, o mais confiante que me foi possível. — Você sempre consegue, certo? É por isso que manda nesse bando de chefs.

Nesse momento eu o conquistei. Ele tornou a dar um sorriso rápido e gritou:

— Franz! Dois recipientes... com o siri-mole! *Agora!* — Ele começou a enxugar e retorcer as mãos, enquanto supervisionava toda aquela atividade na cozinha, e então tornou a baixar os olhos para mim. — Por favor, Stevie, pegue a comida e vá embora. Este não é o melhor dia para eu conversar... — Alguma coisa lhe chamou a atenção. — *Não!* Pare! Não faça isso, seu *imbecile*, como é que você pode... — E no instante seguinte o corpanzil havia desaparecido.

Apanhei os recipientes com a comida das mãos do homem chamado Franz, que mantinha um olho no chefe, como se se perguntasse quando seria a sua vez de levar uma bronca. Na saída, surripiei dois garfos e igual número de guardanapos numa prateleira e então saí disparado pelo

mesmo corredor, que agora estava ainda mais lotado de entregadores.

Cyrus encontrava-se sentado num banco no Madison Square Park, além de uma longa fila de fiacres que esperavam passageiros na Quinta Avenida. Ainda correndo, abri caminho entre os veículos, passando pelo gramado na margem do parque, e então saltei o banco, entregando a Cyrus um recipiente, um garfo e um guardanapo, sentando-me no chão ao lado dele.

Conversamos enquanto mastigávamos os siris — preparados naquele dia da forma como eu gostava, fritos apenas na manteiga — e saboreávamos os acompanhamentos: salada italiana e arroz com banana. Foi uma excelente refeição, melhor ainda por ter sido de graça, e depois de terminar, deitei-me na grama e fumei um cigarro.

— Cyrus — disse eu, olhando para o céu, além das grandes copas e dos galhos das árvores

—, quanto tempo você acha que vai levar para o Doutor mandar a Sra. Leshko embora?

— Não sei — respondeu ele, raspando os últimos vestígios de comida do prato. — Mas as coisas não podem continuar para sempre como estão.

— É. — Esperei um momento antes de dar voz ao que estava em minha mente desde que eu vira a “Pequena Donzela da Acádia”, o quadro de Pinkie, na noite anterior. — Cyrus?

— Estou aqui.

— Você acha que o Doutor poderia empregar Kat? Como criada, é o que quero dizer.

A longa pausa que se seguiu indicou-me claramente o que Cyrus pensava, mas ele logo o anunciou em palavras:

— Kat teria de querer o trabalho, Stevie. Ela pensa grande. Tem grandes planos para si mesma. Duvido que se interessasse.

— É. Acho que sim. Eu só pensei...

— Eu sei — disse ele, esforçando-se para mostrar-se solidário. — Você pode perguntar ao Doutor... Mas, como eu disse, ela teria de querer o trabalho.

Não insisti no assunto e, depois de alguns minutos de silêncio, passamos a falar de outras coisas. A ideia, porém, havia se plantado em minha cabeça e eu tinha a intenção de explorá-la.

Já passava das quatro quando o Doutor, o Sr. Moore e a Srta. Howard saíram do Delmonico's — e não pareciam muito satisfeitos naquele momento. O Doutor passou rapidamente por mim e Cyrus, dizendo “Vamos andando” com firmeza, e nós o seguimos.

Comecei a ficar para trás de propósito, arrastando os passos, assim como Cyrus e a Srta.

Howard, enquanto o Sr. Moore mantinha o mesmo ritmo do Doutor, conversando com ele.

Nem eu nem Cyrus precisamos perguntar o que acontecera; a Srta. Howard pôde ler a pergunta em nosso rosto.

— Foi horrível — disse ela. — A notícia sobre a investigação no Instituto espalhou-se por toda parte. Até mesmo amigos dele fingiram não conhecê-lo. Era como se nem estivéssemos ali. Graças a Deus por Charlie; se não fosse por ele, a situação teria sido intolerável.

Caminhávamos, descendo a Broadway.

Era uma reação previsível, suponho, vinda daqueles que gostam de se denominar

“sociedade” e, embora eu soubesse que o Doutor fingiria não dar importância, também sabia que, na verdade, isso o aborreceria profundamente. Pois, como disse a Srta. Howard, havia alguns poucos naquela “sociedade” que o Doutor considerava como amigos, e vê-los apelar para a descortesia junto com os outros... Bem, eu me sentia feliz por termos tempo de andar até o número 808 da Broadway. Só podia torcer para que o Sr. Moore conseguisse fazer o Doutor concentrar-se novamente em nosso propósito quando lá chegássemos.

E de fato ele conseguiu sair-se bem nessa tarefa, ou pelo menos tão bem quanto se poderia razoavelmente esperar. Quando chegamos ao prédio de tijolos amarelos, encontramos os irmãos Isaacson à espera, e o Doutor logo ocupou-se com eles. Quando subíamos para o sexto andar, a conversa voltou-se para o tema de como iríamos apresentar a sessão de desenho a nossos convidados. Evidentemente, a Srta. Howard havia advertido a *señora* Linares para que nada dissesse sobre a verdade, mas prosseguiu dizendo que “nada” seria suficiente para satisfazer a muitíssimo curiosa Sra. Cady Stanton. A Srta. Howard havia cogitado a ideia de dizer que a mulher do desenho era uma velha amiga — ou mesmo, mais uma vez, uma parenta

— da *señora*, mas isso não explicaria os hematomas e ferimentos desta última; e a Srta.

Howard sabia que a Sra. Cady Stanton iria fazer todas as perguntas sobre estes, pois a violência de maridos contra as mulheres era um tópico sobre o qual ela vinha fazendo conferências havia décadas. Na verdade, contou-nos a Srta. Howard, a Sra. Cady Stanton fora muitas vezes criticada por outras líderes dos direitos da mulher por tentar mudar as condições que propiciavam a violência no ambiente doméstico (o alcoolismo, por exemplo) e promover maneiras de permitir às mulheres livrarem-se de situações de violência, através do relaxamento das leis do divórcio, com o mesmo empenho com que tentava garantir o direito de voto às pessoas de seu sexo. Sinto-me obrigado a dizer que entendi o seu propósito: a maior parte das mulheres no bairro onde morei não ligava a mínima para quem era o presidente — estavam ocupadas demais tentando sobreviver à violência dos maridos.

Bem, de qualquer modo, a Srta. Howard e o Sr. Moore ainda estavam cismando sobre que mentira iriam apresentar à Sra. Cady Stanton quando o Doutor disse que deveriam deixar de

lado os subterfúgios e contar a ela a verdade — ou pelo menos a maior parte desta: não havia razão para se dizer quem a *señora* Linares era *exatamente* e para mencionar a filha.

Poderíamos apenas explicar que ela fora atacada e roubada por outra mulher no Central Park; se a Sra. Cady Stanton quisesse deduzir mais da história, que tentasse então. A Srta. Howard não gostou muito da ideia e só cedeu quando um dispositivo elétrico que era conectado a um botão no



saguão do prédio zumbiu, informando-nos de que a *señora* Linares havia chegado.

Quando desceu para buscar nossa primeira convidada, ficou óbvio que a Srta. Howard achava que “deduzir mais da história” era justamente o que a Sra. Cady Stanton provavelmente iria fazer.

A *señora* estava um tanto nervosa quando saiu do elevador, convencida de que fora seguida, ou pelo marido ou por outra pessoa. Cyrus desceu para observar a área, mas não viu ninguém que parecesse estar vigiando o número 808. Isso aliviou um pouco a *señora*, porém não muito, e ela se esforçou ao máximo para concentrar-se nas instruções que o Doutor lhe dava sobre o que deveria e o que não deveria dizer na presença das outras mulheres. O som da campainha tocando novamente a fez voltar a ser tomada por uma espécie de pânico, mas o Sr.

Moore ficou com ela e a acalmou, enquanto a Srta. Howard descia para buscar a promissora artista e a lenda viva.

## **CAPÍTULO 12**

Nenhum de nós sabia de fato o que esperar quando ouvimos o elevador voltar a subir ribombando. Acho que imaginei que uma velha rabugenta, cheirando a naftalina, iria entrar intempestivamente, como uma das Fúrias. Fiquei bastante surpreso então — assim como todos os outros, a julgar pela expressão estampada em seus rostos —, quando uma senhora vestida de maneira muito respeitável, porém elegante, entrou graciosamente pela porta principal, o cabelo penteado com esmero em pequenos cachos e a renda delicada em torno do pescoço e do peito adornada por um grande e bonito camafeu. Por um instante pensei que ela devia ser a pintora: com base no que eu vira de

mulheres revolucionárias, sabia que não eram muito adeptas de babados e joias. Então, vi que o cabelo era branquíssimo e a pele flácida e enrugada, e soube que era velha demais para ser a promessa artística de que falara Pinkie. Os olhos, porém, tinham uma expressão jovial e alerta, o que me sugeriu que, embora essa fosse uma avó, não era alguém que se tratasse como tal. Ela trazia uma bengala de cabo de bronze, mas sua postura era altiva e ereta, digna da célebre veterana que era: Sra. Elizabeth Cady Stanton, a única mulher que tivera coragem de reescrever a Bíblia da perspectiva feminina.

Atrás dela, vinha uma dama mais jovem, que poderia ser a irmã mais velha da Srta.

Howard, tão semelhantes eram sua aparência, traje e porte. A Srta. Cecilia Beaux possuía traços mais agradáveis do que bonitos, que convergiam para um par de olhos claros positivamente hipnóticos. Usava uma blusa de colarinho abotoado e enfeitado por uma fitinha, uma túnica leve de linho e uma saia simples combinando. Os pontos em comum entre ela e a Srta. Howard pareciam também mais do que apenas superficiais, pois as duas já estavam tagarelando como duas velhas amigas, a Srta. Howard contando à Srta. Beaux sobre nossa ida ao apartamento de Pinkie e aquela outra falando de uma visita similar que fizera ao pintor.

Além disso, mais tarde eu soube que compartilhavam uma formação semelhante, ambas oriundas de famílias abastadas (a da Srta. Howard, como eu disse, era do Hudson Valley, e a da Srta. Beaux, da Filadélfia) que desaprovavam totalmente o incomum estilo de vida das duas jovens mulheres.

As apresentações foram feitas entre todos; em seguida, me retirei rapidamente para meu peitoril de janela e não disse

uma só palavra. Dava para ver no rosto da Sra. Cady Stanton, enquanto ela olhava de uma pessoa para a outra, que estava tentando avaliar a situação, sem muito sucesso, porém. Quando a Srta. Beaux apanhava seu material de desenho e puxava uma cadeira para perto daquela onde a *señora* se encontrava sentada, a Srta. Howard dava a explicação inventada — ou, como o Doutor teria preferido chamá-la: incompleta — do que pretendíamos e por que havíamos contratado os serviços da Srta. Beaux. Os olhos da Sra. Cady Stanton estreitaram-se ao ouvir as palavras da Srta. Howard, mas, quando ela falou, sua voz era bastante agradável:

— Está dizendo que isso é obra de outra *mulher*, Sara? Isso é muito incomum... E o motivo foi dinheiro?

O Sr. Moore interveio, tentando rechaçar as perguntas com charme:

— Em Nova York, Sra. Cady Stanton, o motivo geralmente é dinheiro... Além disso, receio que haja muito pouca coisa nesta cidade que possa ser precisamente rotulado de “incomum”.

De estalo, a expressão da Sra. Cady Stanton esfriou e ela dirigiu um olhar severo ao Sr.

Moore.

— De fato, Sr... Moore, não é? Bem, já vivi muitos anos em Nova York, por períodos diversos, Sr. Moore, e nem sempre nos melhores bairros. E acho que posso afirmar com segurança que um ataque de uma mulher a outra no Central Park, em plena luz do dia, não é uma ocorrência comum. Talvez um desses policiais possa confirmar isso. — Ela inclinou a cabeça na direção dos Isaacsons, que, ao

mesmo tempo confusos sobre como lidar com a mulher, estavam visivelmente aborrecidos em ser assim rotulados.

— Ah! — exclamou Lucius, apanhando o lenço para enxugar a testa. — Eu não... isto é...

— Não é comum — disse Marcus, por fim, com tanta autoconfiança quanto imagino que alguém pudesse demonstrar em tal situação. — Mas não extraordinário, senhora.

— É mesmo? — A Sra. Cady Stanton não deu ouvidos àquela resposta. — Gostaria que alguém me citasse alguns exemplos.

No decorrer dessa conversa, a Srta. Howard transferira-se para um canto da sala com a Srta. Beaux e a *señora* Linares, e esta começou o trabalho efetivo de descrever à artista a aparência de sua agressora. Vendo que era provável que a discussão mantivesse a Sra. Cady Stanton fora da questão mais importante, o Doutor entrou na conversa:

— Se me der um ou dois dias, Sra. Cady Stanton, terei prazer em enumerar vários casos envolvendo ataques violentos perpetrados por mulheres.

A velha senhora virou-se contra ele:

— *Por* mulheres *contra* outras mulheres? — perguntou ela, incrédula.

— Contra outras mulheres — confirmou o Doutor, com um sorriso que advertia que ele falava a sério. — Filhas contra mães, irmãs contra irmãs, rivais no amor umas contra as outras, e, naturalmente, mães contra filhas. — Ele apanhou a cigareira. — Importa-se se eu fumar? E

aceitaria um?

— Não. Obrigada. Mas fique à vontade. — Estudando o Doutor mais um pouco, a Sra.

Cady Stanton ergueu um dedo, apontando para ele, enquanto acendia o cigarro. — Eu o conheço, Doutor. Já li parte de seu trabalho. O senhor é especializado em psicologia criminal e infantil.

— Exato — respondeu o Doutor.

— Mas não na psicologia feminina — afirmou a Sra. Cady Stanton. — Diga-me uma coisa, Doutor: por que é que nenhum cientista da mente fez da mulher a sua área de especialização?

— É estranho a senhora me fazer essa pergunta — replicou o Doutor. — Ultimamente venho refletindo sobre essa mesma questão.

— Bem, deixe-me responder para o senhor. — Mudando de posição na cadeira, de modo a ficar totalmente de frente para ele, a Sra. Cady Stanton começou a fazer uma exaustiva preleção ao Doutor. — Os psicólogos não estudam o comportamento feminino porque a maioria esmagadora desses profissionais é de homens e, caso se dispusessem a empreender tal

estudo, inevitavelmente descobririam que na base de todo esse comportamento que o senhor está descrevendo encontra-se a violência de um homem e a brutal escravização por parte deste da mulher em questão. — Os olhos tornaram a se estreitar, mas dessa vez de maneira mais amigável. — O senhor tem passado por maus bocados ultimamente, Dr. Kreizler. E eu sei por quê. Está tentando explicar as atitudes de criminosos em seus... como é

mesmo que o senhor chama?... seus “contextos individuais”. Só que as pessoas não querem explicações. Elas acham que o senhor só está dando desculpas.

— E qual a sua opinião, Sra. Cady Stanton? — indagou o Doutor, continuando a fumar.

— Acredito que nenhuma mulher venha ao mundo com o desejo de fazer outra coisa senão o que a natureza pretendeu: criar e nutrir. Como mães da raça, existe uma percepção espiritual, um poder divino de criação que pertence às mulheres. Se esse poder for pervertido, pode ter certeza de que, de alguma forma, o responsável é um homem.

— Suas palavras são persuasivas — disse o Doutor —, mas, para mim, as ideias por trás delas são um tanto... difíceis. Então as mulheres seriam uma espécie separada, imunes às emoções que movem outros seres humanos?

— Não, não imunes, Doutor. Longe disso. Na realidade, mais profundamente tocadas por essas emoções. E por seus motivos. Que, em minha opinião, são mais profundos do que até mesmo um homem culto e progressista como o senhor suspeita.

— Verdade?

A Sra. Cady Stanton assentiu, ajeitando os cachos brancos da maneira como as mulheres costumam fazer, mas — o que era estranho para alguém de sua idade e de suas opiniões —

nem um pouco constrangida por aquela breve exibição de vaidade.

— Concordo com parte do que escreveu, Doutor. Na verdade, com grande parte. O único problema, até onde posso ver, é que o senhor não leva seu conceito de contexto longe o bastante. — Ela pousou ambas as mãos, autoritariamente, na bengala. — Qual é sua opinião sobre o efeito do período pré-natal na formação do indivíduo?

— Ah, sim — disse o Doutor. — Um de seus temas prediletos.

— Então o senhor contesta essa ideia?

— Sra. Cady Stanton... não existe evidência clínica que sugira que, além do impacto de sua condição física, uma mãe exerça algum efeito formativo sobre o feto que carrega.

— Errado, senhor! Não poderia *estar* mais errado. Durante os nove meses da vida pré-natal, as mães imprimem cada pensamento e sentimento, tanto de suas mentes quanto de seus corpos, nos seres amoldáveis dentro delas!

O Doutor já mostrava a expressão que o general Custer deve ter assumido no momento em que seus homens lhe disseram que o número de índios que os cercava era um pouco maior do que haviam esperado a princípio. A Sra. Cady Stanton empurrava-o cada vez mais fundo numa discussão que ele pensara usar como uma maneira de distraí-la, mas que rapidamente se tornara um debate de grandes proporções. Depois de uns dez minutos, aquelas palavras deixaram de fazer sentido para mim, principalmente porque eu não estava de fato prestando atenção; queria ir até o outro lado da sala e ver o que as outras três mulheres estavam conseguindo. Assim, quando pensei que ninguém perceberia, deslizei do peitoril de minha janela e dei a volta pelo perímetro da sala, chegando

enfim ao ponto onde o esboço ia tomando forma. No momento em que me aproximava, ouvi a *señora* Linares dizer:

— Não... não, o queixo era menos... pronunciado. E os lábios ligeiramente mais finos...

isso, assim mesmo...

— Entendo — replicou a Srta. Beaux, o olhar brilhante fixo no grande bloco de papel à sua frente. — Em linhas gerais, então, a *señora* diria que os traços dela são mais anglo-saxões do que latinos. Correto?

A *señora* Linares refletiu sobre a pergunta e então assentiu com a cabeça.

— Eu não havia pensado a respeito, mas, sim, ela era muito americana, do tipo que se vê nas partes mais antigas do país... Na Nova Inglaterra, talvez.

Aproximei-me da Srta. Howard e, por trás de seu cotovelo, espiei o desenho. Ainda estava tão vago quanto um dos quadros de Pinkie, embora em alguns lugares a Srta. Beaux tivesse conseguido riscar linhas mais nítidas, mais definidas. O rosto que ia se formando era, exatamente como disse a *señora*, anguloso e de linhas marcantes, não feio, mas duro, do tipo que se poderia ver numa cidadezinha rural de Massachusetts ou Connecticut.

De repente a Srta. Howard percebeu a minha presença e sorriu.

— Olá, Stevie — sussurrou ela. Em seguida, lançou um olhar breve e malicioso ao centro da sala, onde o Doutor e a Sra. Cady Stanton ainda se empenhavam na discussão. —



Aposto que você está sonhando com um cigarro neste momento.

— Ah, se estou! — confirmei, ainda observando as delicadas mãos da Srta. Beaux moverem-se com rápida precisão sobre o bloco. Ela riscava um traço e em seguida tornava a cobri-lo ou esfumaçá-lo para dar um efeito de sombreado, conforme a necessidade, ou então o apagava por completo, caso a *señora* dissesse que não estava exato. Ela me viu observando e sorriu.

— Olá! — disse ela, também sussurrando. — Você é o Stevie, não é?

Só consegui fazer que sim com a cabeça; para falar a verdade, acho que me sentia um pouco enamorado por ela.

— Parece que estão se divertindo um bocado — prosseguiu ela, ainda desenhando, mas de vez em quando me oferecendo o mesmo sorriso delicado que era iluminado por aqueles olhos extraordinários. — De que será que estão falando?

— Não entendo direito — respondi. — Mas, sem sombra de dúvida, a Sra. Cady Stanton está tirando o Doutor do sério... e em tempo recorde.

A Srta. Beaux balançou a cabeça, ainda divertida.

— Ela estava tão ansiosa em conhecê-lo... Ela age sempre assim com as pessoas que acha interessantes... Tamanha é a sua vontade de trocar ideias com elas que acaba descaindo rapidamente numa discussão.

— É — concordou a Srta. Howard. — Receio que o mesmo aconteça comigo.

— E comigo idem! — afirmou a Srta. Beaux, ainda numa voz contida. — E depois passo dias inteiros me recriminando por isso. Principalmente em relação aos homens. A maioria deles é de uma condescendência tão absurda que, quando se conhece um que parece pensar diferente, você o sufoca com suas opiniões.

— E, sendo os pilares de força que são — concordou a Srta. Howard —, eles correm e se escondem atrás de um bando de beldades de cabeça oca.

— Ah! Isso é tão irritante... — A Srta. Beaux tornou a olhar para mim. — E quanto a você, Stevie?

— Eu, senhorita?

— É. O que acha das jovens? Prefere que sejam inteligentes ou gosta que modelem as opiniões pelas suas?

Levei a mão à cabeça e comecei a enrolar um feixe de cabelo, num gesto nervoso, que, quando percebi, parei rapidamente, sentindo-me infantil.

— Eu... não sei, senhorita — respondi, pensando em Kat. — Eu nunca... isto é, não conheço muitas...

— Stevie não suportaria uma tola, Cecilia — afirmou a Srta. Howard, tocando meu braço e procurando me tranquilizar. — Pode estar certa disso... Ele é um dos bons.

— Nunca duvidei disso — replicou a Srta. Beaux, com gentileza. Em seguida, voltou-se para a *señora* Linares. — Agora, então... os olhos. A *señora* disse que eram o traço mais impressionante na mulher?

— Exato — respondeu a *señora*. — E o único aspecto do rosto que era exótico... felino, como eu disse à Srta.

Howard. Quase... a senhorita já viu as antiguidades egípcias no Museu Metropolitano, Srta. Beaux?

— Certamente.

— Havia neles algo semelhante a elas. Não creio que fossem excessivamente grandes, mas os cílios eram bastante pesados e escuros, e davam aos olhos a impressão de ser maiores.

Também a cor era diferente... um âmbar brilhante, eu diria, quase dourado...

Fiquei olhando enquanto as mãos da Srta. Beaux lançaram-se ao trabalho na parte superior do desenho — e então ergui de súbito a cabeça ao ouvir meu nome sendo chamado no outro lado da sala.

— Stevie! O que está fazendo aí? — Era o Doutor. — A Sra. Cady Stanton gostaria de dar uma palavrinha com você!

— Comigo, Doutor? — perguntei, esperando que estivesse enganado.

— É, com você — repetiu ele com um sorriso, acenando para que eu me aproximasse. —

Venha até aqui!

Voltando-me para a Srta. Howard e dirigindo-lhe o último olhar de um homem condenado, me levantei e me arrastei até a espreguiçadeira em que se sentava a Sra. Cady Stanton. Quando cheguei lá, ela pôs a bengala de lado e segurou minhas duas mãos nas suas.

— Bem, meu rapaz — disse, olhando-me com atenção. — Então você é um dos tutelados do Dr. Kreizler, não é?

— Sim, senhora — respondi, o mais sem entusiasmo que pude.

— Ele diz que você já passou por maus pedaços durante seus poucos anos de vida. Diga-me uma coisa — ela aproximou-se mais de mim, tanto que pude ver pequeninos pelos brancos nas bochechas envelhecidas —, você culpa sua mãe por isso?

A pergunta me pegou desprevenido e olhei para o Doutor. Ele limitou-se a fazer um gesto com a cabeça, que dizia: vá em frente, diga a ela o que quiser.

— Eu... — Fiz uma pausa, enquanto considerava a pergunta.  
— Não sei se culpa é a palavra certa, senhora. Foi ela quem me pôs no caminho do crime, quanto a isso não tenho dúvida.

— Porque algum homem lhe dizia que fizesse assim, com certeza — afirmou a Sra. Cady Stanton. — Ou a obrigava.

— Minha mãe tinha muitos homens, senhora — disse eu rapidamente. — E, para lhe dizer a verdade, não creio que nenhum deles tenha forçado minha mãe a fazer qualquer coisa. Ela me iniciou naqueles trabalhos porque precisava de algumas coisas... Bebida, no começo.

Depois, drogas.

— Que os homens forneciam a ela.

Dei de ombros.

— Se é o que a senhora diz...

A Sra. Cady Stanton me estudou.

— Não a culpe demais, Stevie. Até mesmo as mulheres ricas têm muito poucas opções neste mundo. As pobres não têm virtualmente nenhuma.

— Imagino que sim — expliquei. — A senhora sabe melhor do que eu. Mas, como disse, não sei se culpo minha mãe, exatamente, senhora. Simplesmente a vida ficou mais fácil quando eu não tinha mais nada a ver com ela. Só isso.

A velha senhora me observou por um momento e assentiu com a cabeça.

— Uma declaração sábia, meu filho. — Em seguida, ela se animou e sacudiu meus braços.

— Aposto que você era sinônimo de encrenca antes de conhecer o Doutor. É sempre assim com vocês garotos. Meus três filhos mais velhos eram homens e os problemas nunca acabavam! Havia uma multidão de pessoas que não falavam comigo por causa do que eles aprontavam. — Então ela soltou minhas mãos. — Nada disso me faz mudar de opinião, Dr.

Kreizler...

Enquanto ela prosseguia, olhei novamente para o Doutor. Ele limitou-se a sorrir mais uma vez e indicou com uma rápida inclinação da cabeça que eu podia voltar ao que estivera fazendo. Enquanto isso, sua conversa com a Sra. Cady Stanton logo estava novamente fluindo a todo vapor.

Foram necessárias cerca de duas horas para que a Srta. Beaux completasse seu desenho, e passei o restante desse tempo sentado com as mulheres, falando quando me dirigiam a palavra, mas principalmente observando. Era um processo e tanto: as palavras saíam da boca da *señora* Linares, entravam pelo ouvido da Srta. Beaux e então se

transformavam em movimentos de suas mãos, que às vezes eram bastante fiéis à memória e intenção da *señora*, às vezes um pouco menos. A Srta. Beaux consumiu toda uma borracha no trabalho e gastou a ponta de uma pilha de pesados lápis de grafite; entretanto, por volta das oito horas, um rosto real e vivo havia tomado forma naquela folha de papel. E, quando todos nos reunimos à sua volta para olhá-lo, caímos numa espécie de silêncio perplexo, oferecendo uma muda confirmação ao que a *señora* Linares dissera inicialmente: aquele não era um rosto que se pudesse esquecer.

A *señora* conseguira lembrar-se de mais detalhes das feições da mulher quando se viu diante da possibilidade de ver suas lembranças ganharem vida, exatamente como o Doutor previra, e a mulher que nos olhava do bloco de desenho encaixava-se em cada um dos adjetivos que nossa cliente usara para descrevê-la. A primeira coisa que se percebia era inquestionavelmente os olhos, ou talvez eu devesse dizer a expressão dos olhos: famintos, dissera a *señora* Linares, e não havia dúvidas de que a sofreguidão estava presente neles. Mas isso não era tudo; os olhos felinos tinham uma expressão a mais, que me era por demais familiar, mas que eu não desejava nomear. Eu a vira em minha mãe, quando ela queria alguma coisa de mim ou de um de seus homens; e em Kat, quando estava no exercício de seu ofício;

tratava-se da *sedução*, a declaração tácita de que basta que você faça por ela algo que se saiba errado, para que ela lhe dê em retorno a atenção e o afeto por que você anseia. O restante do rosto — a mulher parecia ter uns quarenta anos — provavelmente já fora bastante belo, mas agora estava um tanto cansado, endurecido por anos de experiências difíceis, a julgar pela rigidez do maxilar. O nariz era pequeno, mas as narinas inflavam com raiva; os lábios finos

apertavam-se, formando pequenas rugas no canto da boca; e os malares altos insinuavam o formato do crânio, fazendo-me imediatamente pensar na pintura de Pinkie da Morte montada no cavalo.

Aquela era uma mulher que se ajustava a todas as especulações que o Doutor e os outros haviam feito: uma mulher dura, desesperada, que já enfrentara muitas dificuldades e estava preparada para responder na mesma moeda. Pinkie também acertara em sua previsão: a Srta.

Beaux, sem nunca ter visto o objeto de seu desenho, havia alcançado “a verdadeira essência da personalidade” deste.

Acredito que todos, inclusive a Srta. Beaux, ficaram um pouco chocados com o que ela havia criado; certamente a *señora*, que se deixou ficar em sua cadeira, assentindo com a cabeça, parecendo que teria começado a chorar, caso se sentisse à vontade para isso. O silêncio só foi quebrado quando a Sra. Cady Stanton falou:

— Aí está o rosto de duras experiências, cavalheiros. Um rosto que a sociedade masculina endureceu para sempre.

A Srta. Howard ergueu-se nesse momento e tomou a Sra. Cady Stanton pelo braço.

— É. De fato. Bem... eu não tinha percebido o quanto está tarde. A senhora já deve estar querendo jantar, Sra. Cady Stanton, e você também, Cecília. — Ela voltou-se para apertar a mão da jovem. — E eu estava falando a sério... Seria um grande prazer inscrever-me em suas aulas, ou simplesmente nos encontrarmos para um almoço ou jantar. Quando estiver na cidade...

A Srta. Beaux animou-se, de certa forma aliviada, pareceu-me, em se afastar de sua própria criação.

— Ah. Claro, eu adoraria, Sara. Foi um trabalho fascinante.

A Srta. Howard começou a conduzir as duas mulheres em direção à porta e todos se despediram. Eu me sentia um pouco tímido em me aproximar da Srta. Beaux, mas ela caminhou direto para mim e segurou minha mão, dizendo que tinha certeza de que voltaríamos a nos encontrar em breve — quem sabe eu não poderia ir ao almoço com ela e a Srta. Howard, sugeriu.

Quando entraram no elevador, a Sra. Cady Stanton virou-se para o Doutor.

— Acredito que *nós*, igualmente, nos veremos outra vez, Doutor. Foi uma conversa muito esclarecedora para mim... espero que para o senhor também.

— Sem dúvida — respondeu o Doutor, educadamente. — Vou esperar ansioso por um novo encontro. E, Srta. Beaux — ele tirou um cheque do bolso —, espero que considere a quantia satisfatória. A Srta. Howard me informou sua remuneração normal, mas, dadas as circunstâncias incomuns, e sua disposição em vir até nós... bem...

Os olhos da Srta. Beaux arregalaram-se quando ela deu uma olhada no cheque.

— Isso é... muito generoso mesmo, Doutor. Não sei se...

— Bobagem — disse ele, virando-se para trás e lançando um olhar ao desenho, que descansava sobre uma mesa diante da *señora*. — O que a senhorita nos deu não tem preço.

A grade de metal fechou-se com um estrondo diante das três mulheres e então o Doutor fechou a porta interna, ouvindo o zumbido do elevador enquanto meditava.



Expeli o ar dos pulmões com força.

— Não lamento que a velha tenha ido embora — disse eu, afastando-me da porta.

O Doutor e os outros riram.

— Que boca! — exclamou o Sr. Moore, deitando-se no divã.  
— Parecia uma máquina.

— É. Uma pena. — O Doutor caminhou até a *señora*. — Se o destino e nossa sociedade não a houvessem forçado a estreitar o pensamento com uma visão política, ela poderia ter desenvolvido uma excelente mente científica. — Ele ajoelhou-se ao lado da *señora* Linares. —

*Señora?* Não preciso lhe perguntar se é essa a mulher... sua expressão já me responde. Mas existe alguma coisa que eu possa fazer pela *señora*?

Os lábios da mulher tremeram ao responder:

— Minha filha, Doutor. O senhor pode me trazer minha filha.  
— Finalmente seus olhos desprenderam-se do desenho e ela começou a recolher a bolsa e o chapéu. — Preciso ir... já é tarde. É provável que não possa mais voltar. — Pondo-se de pé, ela dirigiu ao Doutor um último olhar de súplica. — Existe alguma chance, Doutor? Vocês podem conseguir isso?

— Eu acredito — disse ele, segurando-a pelo braço — que agora temos uma boa chance.

Cyrus?

Cyrus se levantou, pronto para escoltar a *señora* até um fiacre pela última vez. Ela murmurou seus agradecimentos a

nós todos da melhor maneira que pôde e então entrou no elevador quando a Srta. Howard o trouxe de volta. Vendo o estado da *señora*, Sara a abraçou, o que fez com que a mulher afinal começasse a chorar. Juntos, os três desceram em direção à Broadway.

Os sargentos-detetives aproximaram-se a furta-passo para dar mais uma olhada no desenho.

— Essa Srta. Beaux tem um futuro brilhante desenhando cartazes de bandidos procurados

— refletiu Marcus. — Se a carreira artística não der certo...

— É extraordinário — disse Lucius. — Já vi fotografias da Galeria de Criminosos nas delegacias de polícia que não são tão boas.

— É mesmo — concordou o Doutor. — E, por falar em fotografias, cavalheiros, iremos precisar de mais ou menos uma dúzia de cópias deste retrato. O mais rápido que vocês puderem fazê-las.

— Estarão prontas de manhã — garantiu Marcus, enrolando o desenho para levar com ele.

— Assim como nós.

— *Eu não!* — protestou o Sr. Moore do divã.

— Ora, vamos, Moore — adou o Doutor. — Esse é o verdadeiro trabalho de investigação. Você é o soldado de infantaria, o herói não festejado...

— Verdade? — replicou o Sr. Moore. — Ora, eu gostaria de ser o herói *festejado* para variar, Kreizler... Por que você não pode fazer o trabalho de porta em porta...

Ele foi interrompido pela porta da frente abrindo-se bruscamente. Cyrus entrou, apressado, amparando a Srta. Howard com um braço. Ela andava por conta própria, mas parecia muito

perturbada. Todos correram para ela, e o Doutor a observou atentamente.

— Cyrus! — exclamou ele. — O que aconteceu?

— Eu... estou bem — sussurrou a Srta. Howard, tentando recuperar o fôlego. — Foi só um susto... só isso...

— Um susto? — espantou-se o Sr. Moore. — Teria de ser um baita susto, Sara, para deixar você neste estado... O que foi?

— Tínhamos acabado de colocar a *señora* num fiacre — explicou Cyrus, levando a mão ao bolso do casaco — e estávamos entrando novamente no saguão do edifício. Isto aqui se cravou no batente da porta, perto da cabeça da Srta. Howard, no momento em que passávamos.

Estendendo a enorme mão, Cyrus exibiu uma das facas mais peculiares que já vi: com punho de ferro bruto e couro, possuía uma lâmina reluzente que se curvava, formando uma série de *ss*, como uma cobra coleante.

Lucius apanhou a arma, segurando-a contra a luz.

— Acha que tinha o propósito de acertar um de vocês? — perguntou ele.

— Não sei dizer, sargento-detetive. Não com certeza, pelo menos. Mas...

— Mas...? — instigou Marcus.

— Bem, pela maneira como acertou o lugar certo no batente, eu diria que não. Quem quer que tenha atirado a faca, tinha a intenção de chegar perto. Nada mais.

— Ou menos — completou o Doutor, apanhando a faca. — Bem... a *señora* disse que teve a impressão de que havia sido seguida até aqui.

— Você não viu ninguém? — perguntou o Sr. Moore a Cyrus.

— Não, senhor. Um garoto, dobrando a esquina correndo... mas não poderia ter sido ele.

Isso foi trabalho de um perito, se quer saber minha opinião.

O Doutor devolveu a faca a Lucius.

— Um *perito*, mandando um aviso. — Ele apontou para a faca. — Uma lâmina bastante incomum, sargento-detetive. Saberá identificá-la?

Lucius franziu o cenho.

— Sei, embora preferisse não saber. Chama-se *kris*. A arma dos nativos de Manila. Eles acreditam que tenha poderes místicos.

— Ah, então a *señora* estava certa — disse o Doutor. — O marido sabe aonde ela tem vindo. Só podemos torcer para que não saiba o motivo, e que ela invente uma história em que ele acredite.

— Espere — falei. — Como pode ter tanta certeza de que ela tinha razão? O que é essa coisa, afinal? Quem são os nativos de Manila?

— São piratas e mercenários — respondeu Marcus. — Alguns dos personagens mais cruéis do Pacífico ocidental. Seu nome é uma homenagem à capital das ilhas Filipinas.

— É? E daí?

O Doutor tornou a apanhar a faca.

— As ilhas Filipinas, Stevie, são uma das colônias mais importantes do Império Espanhol.

Uma joia muito prezada na coroa da rainha regente. Bem... — Ele andou até o centro da sala, ainda examinando a faca. — Parece que esta noite conquistamos uma vantagem... e perdemos outra. — Ele dirigiu a todos nós um olhar bastante grave. — Temos de *agir*.

## **CAPÍTULO 13**

A estranha faca das Filipinas pode não ter causado nenhum mal à Srta. Howard ou a Cyrus, mas desferiu um golpe mortal na relutância do Sr. Moore em dar início ao trabalho de encontrar a mulher de nosso retrato. Ele conhecia a Srta. Howard desde que ela era uma menina (a família dela tivera uma casa em Gramercy Park, além da propriedade em Hudson Valley) e, embora ela nunca hesitasse em afirmar que não precisava da ajuda de nenhum homem para se proteger — o que era verdade até onde possível —, não agradava ao Sr. Moore a ideia de filipinos ensandecidos, armados com *kris*, seguindo-a ou qualquer um de nós por aí.

E assim, bem cedo na manhã de sexta-feira, ele marchou para o número 808, levando uma longa lista de todas as agências da cidade que prestavam serviço de cuidados de bebês e crianças. Ele tinha dito aos patrões no *The New York Times* que iria se ausentar por algum tempo e que, caso não gostassem, que o despedissem. Eles não haviam ficado

muito surpresos com a declaração, pois, na redação, o Sr. Moore tinha fama de ser imprevisível; mas como os furos que ele periodicamente apresentava continuavam a fazer com que valesse a pena aturar seus abusos, não o demitiram, mas sim lhe deram férias indefinidas. (Houve apenas umas duas ocasiões em todos os seus anos no *Times* em que ele fora longe demais, chegando a ser posto no olho da rua, e mesmo então o exílio fora apenas temporário.) Os sargentos-detetives, a Srta. Howard e o Sr. Moore procederam à divisão da lista entre si e então cada um deles saiu em campo com cópias fotográficas do desenho da Srta. Beaux, preparados para longos dias de indagações frustrantes, em locais frequentemente dirigidos por pessoas muito pouco cooperativas. Todos nós da Rua 17 sabíamos que esse processo levaria algum tempo, tempo este que passaria mais rápido se o preenchêssemos com atividades construtivas. Para o Doutor, isso significava trancar-se de novo no gabinete e esquadrihar mais textos de psicologia, tentando determinar uma formação hipotética para a mulher que rastreávamos. Os gritos, xingamentos e imprecações ocasionais que vinham do gabinete, porém, indicavam que ele não estava conseguindo ir muito além do que alcançara antes, naquela mesma semana. Quanto a Cyrus, os sargentos-detetives haviam lhe pedido secretamente que preparasse um relatório sobre cada um dos membros da equipe do Doutor no Instituto, posto que tinham de conciliar aquela investigação com o caso Linares. Ninguém conhecia os assistentes do Doutor — professores, inspetores, até mesmo guardiães — melhor do que Cyrus, e ele tirava vantagem do tempo para elaborar uma série de resumos bastante detalhados.

Quanto a mim, durante o episódio da faca filipina, ficara perplexo com minha ignorância do que eram aquelas ilhas, de sua localização e de sua importância para o Império Espanhol.

Assim, pedi ao Doutor alguns livros e monografias que pudessem me ajudar a entender qual era exatamente a situação entre a Espanha e os Estados Unidos. Satisfeito com meu interesse genuíno, o Doutor concordou e levei o material para meu quarto e nele mergulhei.

Tão envolvido fiquei nessas rumações que, na noite de sábado, ainda estava às voltas com elas — dois dias de estudo contínuo, o período mais longo que eu já conseguira dedicar a essa atividade em meus dois anos a serviço do Doutor. Quando a noite caiu trazendo uma tempestade tardia vinda do noroeste, percebi com um sobressalto que já havíamos chegado ao fim da semana e lembrei-me de que Kat me contara que planejava mudar-se do Frankie's para o quartel-general dos Dusters na semana seguinte. Verificando que o Doutor ainda estava trancado no gabinete, eu disse a Cyrus que iria sair um pouco e dei início à longa e encharcada caminhada pelos meus antigos territórios de perambulações, perto do cruzamento das ruas Baxter e Worth.

A espelunca conhecida como Frankie's era localizada no número 55 da Worth e era o lugar mais sinistro onde um garoto podia passar suas horas ociosas. Também fora ali que eu vira Kat pela primeira vez, cerca de seis meses antes. As principais atrações da casa eram as sangrentas batalhas entre cães e ratos numa cova profunda, um elenco de garotas mais jovens do que o normal nos fundos, e a bebida que era uma asquerosa mistura de rum amanteigado, benzina e raspas de cocaína. Eu não costumava passar muito tempo ali durante meus dias de criminalidade, embora conhecesse muitos que passassem; no entanto, o conhecimento com Kat, lamento dizer, tinha provocado minha recaída nos últimos meses, fazendo-me passar mais horas no meio da violência e da sordidez do que seria aconselhável.

Aquela Kat... Ela havia chegado à cidade cerca de um ano antes de eu conhecê-la, na companhia do pai, um vigarista sem importância que, numa noite de inverno, bebeu demais e caiu no East River. Depois de sua morte, Kat tentara durante meses ganhar a vida honestamente, vendendo espigas de milho assadas, ainda quentes, num velho carrinho de bebê, pelas ruas do centro da cidade — trabalho esse que não era de maneira alguma tão simples quanto parecia. As vendedoras de milho de Nova York constituíam um certo enigma: a maior parte delas não era prostituta, mas, por algum motivo, quase todos — principalmente o forasteiro típico — estavam sempre convencidos do contrário. Ninguém parecia saber de onde viera aquela ideia. O Doutor diz que tinha a ver com “associações subconscientes” que a maioria das pessoas formava sobre jovens sozinhas nas ruas, vendendo alguma coisa “quente”

com um formato que os alienistas chamam de “fálico”. Quem sabe... A questão é que muitos dos homens que compravam milho dessas garotas imaginavam que elas estavam na verdade barganhando favores sexuais; e quando Kat abriu os olhos para o fato de que podia ganhar muito mais dinheiro vendendo de verdade tais favores, bem, ela aproveitou a oportunidade. Eu não a condenava por isso; ninguém que já tivesse vivido nas ruas o faria. Podia-se cair gravemente doente e sentir o verdadeiro cansaço andando pelas ruas descalço, no frio, apregoando milho o dia todo, sem ganhar dinheiro suficiente para pagar por uma cama nas piores espeluncas da cidade.

Em seus primeiros tempos de prostituição, Kat procurava clientes nas ruas. Mas acabou indo trabalhar no Frankie's, pois as casas de prostituição infantil tinham trabalho mais constante, mais seguro e, dizia ela, muito menos doloroso. Encontrei-a por acaso, quando parei no Frankie's para ver um velho amigo. É triste e estranho o que um ano nas ruas



e a venda do próprio corpo podem fazer com uma garota do interior: ela já havia se tornado insolente na ocasião em que fomos apresentados, tendo em sua curta vida visto mais dos meandros do mundo do que a maior parte dos cidadãos durante a vida inteira. Acho que me apaixonei por

ela no instante em que a vi, não tenho certeza; mas, se não foi naquele exato minuto, não demorou muito para que isso acontecesse. A sua insolência era essencialmente um disfarce que ocultava algo muito mais decente, eu podia perceber mesmo então, embora ela não admitisse.

Mas acho que talvez eu só quisesse ver uma daquelas pobres crianças do Frankie's conquistar um modo de vida melhor, desde que eu aprendera que isso, de fato, existia. Tudo não passava das tolices românticas de um garoto, é claro; mas não existem muitas coisas mais poderosas do que isso nesta vida.

Ela me fazia pagar pelo tempo que passava com ela; dizia que tinha de ser assim, senão Frankie, o dono da espelunca, ficaria aborrecido. No entanto, em quase todas aquelas noites, simplesmente íamos para os fundos daquele antro e conversávamos, ela me contando sobre os anos em que vivera com o pai, mudando-se de cidadezinha para cidadezinha, a polícia sempre em seus calcanhares. De minha parte, eu lhe contava sobre minha mãe, minha carreira no submundo e de como era no geral crescer em Nova York. Transcorreram meses antes que algo físico se passasse entre nós, e isso só aconteceu porque Kat estava sob o efeito estupefaciente da bebida adulterada do Frankie's. A experiência toda foi difícil para mim, pois eu nada sabia dessas coisas e ela já era perita, divertindo-se com minha ignorância e meu constrangimento.

Conseguimos completar o ato propriamente dito e ela disse que não tinha sido tão mau; mas não fora o que eu sonhara com ela. Nunca mais o repetimos, mas continuamos amigos, embora minhas contínuas tentativas de fazê-la deixar aquela profissão às vezes fossem motivo de uma raiva genuína por parte dela.

Quando andava pelo centro da cidade naquela noite, passei por muitas das ruas onde outrora eu havia morado e que agora, mais do que nunca, pareciam-me o que eram de fato: alguns dos piores trechos do inferno de cortiços da cidade. A chuva mantinha a maior parte das pessoas dentro de casa e assim eu não me preocupava muito com a possibilidade de ser assaltado; e, antes de me dar conta, estava dobrando a esquina da Worth Street e aproximando-me do Frankie's. As noites de sábado eram, é claro, especialmente desregradas por lá e, ao chegar, pude ver vários garotos saindo do porão escuro, em vários estágios de embriaguez e intoxicação por drogas. Abrindo caminho escada abaixo em meio a essa multidão e cumprimentando aqueles que eu conhecia, esbarrei em Narigudo, o garoto que encontrara no porto no início daquela semana. Ele me contou que os guardas o haviam mantido com os amigos até o dia seguinte sem nada que não fossem os calções, mas que pela manhã eles tinham sido liberados e que vinham dando boas risadas toda aquela semana com os artigos que continuavam a aparecer nos jornais atribuindo o "corpo sem cabeça" a um anatomista ou estudante de medicina enlouquecido. Até mesmo o imbecil que Narigudo chamava Sopapo sabia que aquela história era conversa fiada.

No interior do Frankie's a fumaça era tão espessa que eu não conseguia ver nem a parede dos fundos, e o barulho dos garotos gritando suas apostas, um cachorro latindo e uivando, e ratos guinchando sugeriram-me que uma disputa

acalorada estava acontecendo na cova. Não parei para olhar — aquele era um esporte que me provocava náuseas —, mas continuei a abrir caminho através da turba até o corredor dos fundos, chegando por fim à porta do quartinho que eu sabia que Kat dividia com duas outras garotas. Bati com força à porta e ouvi uma risadinha feminina vinda lá de dentro. Em seguida, a voz de Kat gritando, melodiosa:

— Entre, mas se é diversão que procura, está atrasado!

Abri a porta.

Kat estava de pé sobre o colchão imundo do quarto, uma pequena valise de vime aberta à sua frente. As outras duas garotas, que eu também conhecia, estavam bebendo e, obviamente, vinham fazendo isso havia algum tempo. A expressão nos olhos de Kat dizia que ela não estava muito atrás das duas. Um sorriso amplo estampou-se em seu rosto quando me viu e as duas outras garotas começaram a gargalhar ao me cumprimentarem; então Kat veio até mim e envolveu meu pescoço com os braços, o hálito cheirando a benzina.

— Stevie! — exclamou ela. — Você resolveu vir para minha festa de despedida! Quanta gentileza!

Eu a abracei, desajeitado, fazendo uma das garotas comentar:

— Vá em frente, Stevie, aproveite enquanto pode! — Em seguida, irromperam em mais uma série de risadinhas.

— Ei, Betty — disse eu para a que falara, dando-lhe dois dólares —, por que você e Moll não vão se divertir lá no bar?

— Por dois dólares? — Betty olhou para o dinheiro como se fosse um tesouro. — Feito, homem apaixonado! — Quando

saíam, ela murmurou: — Dê-lhe algo especial, Kat, como última chance! — Kat riu, a porta fechou-se e finalmente ficamos a sós.

— Falo sério — disse Kat, olhando-me languidamente nos olhos. — É muito gentil de sua parte vir, Stevie... — Ela interrompeu-se e então afastou os braços. — Ah, não. Espere um pouco. Estou furiosa com você. Quase me fez perder aquele cliente, você com seu maldito chicote. Por que fez aquilo, afinal? Ele era velho, bastaram uns poucos minutos para deixá-lo contente. Trabalhos fáceis assim são difíceis de encontrar, você sabe.

Eu estremeci internamente a essas palavras, mas tentei não demonstrar.

— As coisas vão ser ainda mais difíceis nos Dusters.

— Hã-hã — disse ela, balançando a cabeça. — Vou poder escolher meus clientes lá. É o que diz o meu novo homem.

— Novo homem? E quem seria esse?

— Ding Dong, é ele. — Ela colocou as mãos orgulhosamente nos quadris. — O que me diz *disso*, Sr. Moço de Recados?

Se seu comentário anterior me fizera estremecer, este me atingiu como uma martelada.

— Ding Dong — sussurrei. — Kat... você não pode...

— E por que não? Se está pensando que ele é velho demais, acontece que ele gosta que suas mulheres sejam jovens... foi o que me disse. E, como é um dos que começaram a gangue, vou ter proteção por toda a cidade. Também não vou servir a ninguém sem que ele aprove.

Durante alguns minutos, nada falei. Havia cruzado com esse tal Ding Dong muitas vezes em meus dias com Crazy Butch: ele liderava o grupo juvenil dos Hudson Dusters (cujo território era o West Side e a zona portuária abaixo da Rua 14) e o fazia por meio do truque simples mas brutal de viciar as crianças em cocaína e então controlar-lhes o acesso à droga. Os Dusters eram todos viciados em cheirar cocaína em pó, e alguns deles chegavam a injetar a droga: esta em geral os deixava descontrolados, inquietos e violentos, tanto que a maior parte das outras gangues simplesmente os evitava, já que nenhum território deles era o que se chamaria de vital. Eram os queridinhos da turma boêmia endinheirada, que partilhava do mesmo vício de cocaína e gostava de vir até seu quartel-general, uma velha espelunca na

Hudson Street; e a repugnante visão do líder dos Dusters, Goo Goo Knox, sendo louvado em canções e poemas escritos pelos tolos cultos e desencaminhados, não era, infelizmente, fato raro.

O sangue que eu vira na luva de Kat na noite em que a havíamos encontrado na Christopher Street me dera uma pista de como ela fora arregimentada pelos Dusters; e, se aquilo não bastasse, ela agora sentou-se na cama e apanhou uma latinha de balas cheia até a borda com o pó fino e branco.

— Quer um pouco? — ofereceu, à maneira meio constrangida de todos os viciados em droga quando não conseguem resistir em ir à fonte diante de outra pessoa. — Posso conseguir o quanto quiser.

— Não duvido — repliquei. Então a urgência fez meu sangue queimar nas veias. — Ouça, Kat — comecei, sentando-me na cama, ao lado dela. — Tenho uma ideia que pode tirar

você disse aqui. O Doutor precisa de uma criada, uma governanta que more lá. Acho que posso convencê-lo, se você estiver disposta a...

Fui interrompido pelo ruído sonoro de Kat cheirando o pó do pulso. Seu rosto contraiu-se com a ferroada, e então aquietou-se, aliviado. Finalmente ela começou a rir.

— Uma *criada*? Stevie... você não está falando *sério*!

— Por que não? — repliquei. — É um teto sobre sua cabeça, um bom teto, e trabalho estável...

— Ah, certo — disse ela —, e eu bem posso imaginar o que eu teria de fazer para esse Doutor para me *manter* lá.

Uma súbita onda de raiva me atravessou. Agarrei seu pulso com força, espalhando a cocaína depositada sobre ele.

— Não diga isso — rosnei, entre os dentes. — Nunca mais fale sobre o Doutor assim. Só porque você nunca encontrou gente como ele...

— Stevie, que droga! — berrou Kat, tentando salvar a cocaína que eu havia derrubado. —

Você não entende, não é mesmo? Então acha que nunca encontrei gente como ele? Tenho algo a lhe dizer, garoto: encontro pessoas como ele desde que vim para esta cidade, e estou cheia disso! Senhores de idade prontos a lhe dar alguma coisa, sim, já os encontrei... mas eles sempre querem alguma coisa em troca! E estou *cheia* disso! Eu quero um *homem*, Stevie, um homem meu, e este vai ser Ding Dong! Ele não é nenhum garoto, nenhum garotinho bobo com ideias tolas... — Ela calou-se nesse ponto e tentou recuperar o fôlego. — Ah! Me desculpe, Stevie. Eu gosto de você, você sabe disso... sempre gostei. Mas vou ser

alguém... Quem sabe, uma corista ou atriz, não sei... e mulher de um homem rico, algum dia. Mas não uma *criada*, pelo amor de Deus... Eu vou é *ter* criadas, muitas criadas!

Eu me levantei e caminhei em direção à porta.

— É — murmurei. — Foi só uma ideia...

Ela me seguiu, tornando a me abraçar.

— E foi uma ideia simpática... mas não é para mim, Stevie. É um lugar bom para você, está certo. Mas não é para mim.

Assenti.

— Hã-hã...

Ela me fez ficar de frente para ela e segurou meu rosto entre as mãos.

— Você pode ir me ver de vez em quando... mas tem de se comportar. Lembre-se... agora sou a garota de Ding Dong. Certo?

— É... Certo. — Comecei a abrir a porta.

— Ei! — Quando olhei para trás, ela estava sorrindo. — Não ganho um beijo de despedida?

Com certa relutância, mas o desejo sendo maior, inclinei-me para satisfazê-la; entretanto, no momento em que o meu rosto se aproximava do dela, uma grande gota de sangue escorreu de seu nariz, caindo no lábio.

— Droga! — praguejou Kat, virando-se rapidamente e limpando o sangue com a manga.

— Isso sempre acontece...

Eu não podia suportar mais um minuto daquilo.

— Adeus, Kat — disse, e saí correndo pela porta. Continuei correndo, atravessando o bar, passando pela cova de cães e finalmente saindo na rua. Garotos cujos rostos eu não conseguia distinguir me gritavam, mas continuei em frente, cada vez mais rápido, à beira das lágrimas, e não querendo que ninguém visse.

Quando parei de correr, estava perto do Hudson. Aproximei-me rapidamente da margem, o cheiro reconfortante do rio impedindo que eu sucumbisse e chorasse. Era tolice, eu dizia a mim mesmo, preocupar-me tanto com o destino de Kat, pois não era como se alguém mantivesse uma arma encostada em sua cabeça, forçando-a a tomar o caminho que ela estava seguindo.

Fora ela quem o escolhera; e, por mais que eu lamentasse, era absolutamente ridículo atormentar-me com isso. Devo ter repetido esse argumento para mim mesmo umas mil vezes, enquanto observava os barcos, barcaças e navios noturnos subirem, descerem e atravessarem as águas do Hudson. Mas não foi qualquer tentativa de ser racional que por fim restabeleceu meu ânimo; não, foi a visão do próprio rio, que sempre me fazia sentir que, de alguma forma, havia esperança. Ele possui essa qualidade, o Hudson, como imagino que todos os grandes rios possuam: o sentido profundo e persistente de que aquelas atividades que acontecem às suas margens, entre os seres humanos, são momentâneas, passageiras, e não as histórias através das quais a história maior deste planeta, no fim, será contada...

Finalmente caminhei de volta para a casa do Dr. Kreizler quando já passava das três da manhã e subi, tropeçando, a caminho da cama. A porta do gabinete do Doutor estava aberta e a de seu quarto, fechada, indicando que ele



deveria afinal estar descansando um pouco — nesse momento, porém, percebi uma luz pálida brilhando pela fresta debaixo da porta do quarto.

Quando passei, subindo a escada, vi a luz apagar-se; o Doutor, porém, não saiu para perguntar onde eu estivera ou por que estava chegando tão tarde. Provavelmente Cyrus já tinha deduzido o que acontecera e lhe contado, ou talvez ele estivesse apenas respeitando minha privacidade; fosse como fosse, senti-me grato por poder ir direto para o quarto, fechar a porta e desabar sobre a cama sem mais palavras.

Não se haviam passado muitas horas quando fui acordado por uns sacolejos um tanto violentos. Eu ainda estava vestido e precisei de vários segundos para emergir de um sono muito profundo. Identifiquei a voz de Cyrus mesmo antes de ver-lhe o rosto:

— Stevie! Ande, acorde, está na hora de irmos!

Com essas palavras, levantei-me de supetão, imaginando que houvesse dormido demais e esquecido de fazer alguma coisa, embora não conseguisse, por nada neste mundo, lembrar-me

do que poderia ser.

— Está bem — disse eu, sonolento, forçando os pés a entrarem nos sapatos. — Vou preparar os cavalos...

— Já fiz isso — respondeu Cyrus. — Vista uma roupa limpa, precisamos ir ao encontro dos outros.

— Por quê? — perguntei, indo apanhar uma camisa na cômoda. — O que aconteceu?

— Descobriram quem é ela.

Deixei cair um punhado de roupas no chão.

— Você quer dizer... a mulher do desenho?

— Isso mesmo — afirmou Cyrus. — E a Srta. Howard diz que há muitos detalhes interessantes. Vamos encontrá-los no museu. — Eu ainda estava tendo problemas com meus movimentos e Cyrus me estendeu uma camisa. — Vamos, ande, garoto, acorde logo... você vai guiando!

## **CAPÍTULO 14**

Quando deixamos a Quinta Avenida e entramos no Central Park, mantendo a direita para tomar a entrada de carruagens do Museu Metropolitano, compreendi pela primeira vez o grau de loucura, audácia ou desespero da mulher que acreditávamos houvesse sequestrado a menina Linares. O canteiro de obras da nova ala do museu, que dava para a Quinta Avenida, tomava toda a extensão entre as ruas 81 e 83, e, além dela, parque adentro, a massa quadrada de tijolos vermelhos formada pelas três outras alas do museu ocupava o equivalente a aproximadamente mais uma quadra a oeste. O Metropolitano era o que o Doutor e seus amigos arquitetos sempre chamaram de “uma miscelânea de estilos” — revitalizações góticas e renascentistas nas três primeiras alas, e o que chamavam de “Beaux Arts” no hall da Quinta Avenida —, porém, por mais diferentes que fossem as várias alas em cor e conceito, a primeira não era muito mais antiga do que a que estava atualmente em construção. Tudo isso significava que o precioso tempo para que árvores ou arbustos crescessem nessa parte do parque fora muito curto; além disso, muito do que fora plantado ou que brotara tinha sido arrancado pelo interminável processo de construção. Assim sendo,

quando os sargentos-detetives disseram que o crime fora cometido em plena luz do dia e num local público muito aberto, eles não estavam exagerando.

O único objeto que se erguia a uma altura considerável era o obelisco egípcio colocado além da entrada frontal (que logo viria a ser a entrada lateral) do museu, e a *señora* Linares fora atacada assim que chegou ali: como eu disse, o rapto fora um ato muito audacioso, desesperado ou insano, dependendo do ponto de vista por que se optasse.

Tínhamos coberto o trajeto até o norte da cidade o mais rápido que me fora possível e, no caminho, o Doutor tentara narrar algumas notícias da primeira página do *Times*, contando-me que os rebeldes cubanos haviam massacrado um grupo de cocheiros de diligências de Havana, enquanto o governo cubano afirmava que, num outro confronto hostil, havia matado um dos principais líderes rebeldes. (A primeira notícia veio a provar-se verdadeira; a segunda, mera ilusão.) Mas tínhamos dificuldade em nos concentrar em qualquer outro assunto que não fosse o caso que se nos apresentava e, continuando a incitar Frederick adiante, ao passar pelas igrejas na parte alta da Quinta Avenida, onde as famílias abastadas de Mansion Row estavam saindo dos primeiros ofícios, lancei o pânico entre algumas pessoas que imaginavam que as manhãs de domingo eram uma ocasião segura para passear distraidamente pelo bulevar. Fui alvo de alguns gritos de fúria e até mesmo de umas imprecações das senhoras e cavalheiros, por espirrar bosta e mijo de cavalo em suas roupas de domingo; por minha vez, gritei de volta algumas palavras “espirituosas”. Nada, porém, interrompeu nosso ímpeto e paramos junto aos degraus do Metropolitano pouco antes das onze.

Normalmente, o Doutor faria questão de ir verificar os progressos na nova ala: o arquiteto original, o Sr. Richard

Morris Hunt, falecido uns dois anos antes, fora outro velho amigo seu, assim como também o filho do Sr. Hunt, que assumira a direção do trabalho. No entanto, no pé

em que as coisas estavam, o Doutor simplesmente saltou da caleche e disparou pela escada do museu, passando entre um enorme par de luminárias de ferro e pela entrada quadrada de granito. Cyrus o seguiu, deixando-me com o problema do que fazer com a carruagem.

Avistando outro cocheiro ali perto, ofereci-lhe cinquenta *cents* para olhar nosso veículo pelo que eu disse seriam apenas alguns minutos. O valor estava acima do preço corrente para tal serviço — que eu mesmo às vezes também fazia para outros cocheiros — e o homem ficou feliz em ganhar o dinheiro. Em seguida, segui para a escada, erguendo os olhos para as paredes de tijolos vermelhos, as arcadas de granito cinza e o teto alto e em cume do prédio, experimentando a sensação que sempre me vinha quando visitava aquele lugar: como se estivesse entrando numa espécie de templo, cujos serviços e rituais antes me pareciam tão estranhos quanto os dos hindus com seus turbantes, mas que eu começava a entender cada vez melhor, mais tempo morava sob o mesmo teto do Doutor.

As galerias logo depois da entrada do museu estavam cheias daqueles que, para num, eram os objetos mais maçantes no local: esculturas, velhos (ou, melhor dizendo, antigos) vidros e cerâmicas e artefatos egípcios. O Doutor deduziu que, pela descrição que a *señora* fez da mulher que havia sequestrado sua filha, era no último salão que iríamos encontrar nossos amigos; e foi o que aconteceu. O Sr. Moore e a Srta. Howard estavam perto do rosto entalhado e pintado de uma mulher egípcia, segurando o desenho da Srta. Beaux junto a ele para compará-lo e assentindo com a cabeça, visivelmente concordando em que os olhos eram

bem semelhantes. No entanto, ao fazê-lo, o Sr. Moore por algum motivo insistia em irromper num riso cansado e leviano. Os sargentos-detetives, por sua vez, examinavam uma pequena pilha de papéis, animadamente, mas com seriedade. Não havia muitas outras pessoas no lugar àquela hora e, quando nos aproximamos de nosso grupo, todos eles se animaram.

— É a identificação mais positiva que já vi alguém fazer — disse Lucius, enquanto vinha ao nosso encontro, tentando manter a voz sob controle, mas parecendo prestes a explodir nas roupas suadas.

— Impressionante — acrescentou Marcus. — De um *esboço!* Doutor, se conseguíssemos fazer com que essa ideia fosse aceita pelo departamento, isso mudaria todo o processo de identificação e busca empreendido pela polícia.

A Srta. Howard e o Sr. Moore também vieram correndo.

— Bem, Doutor — começou a Srta. Howard —, levou alguns dias, mas...

— Você não vai acreditar! — exclamou o Sr. Moore, voltando a dar aquelas estranhas risadinhas. — É absurdo demais, Laszlo, você nunca vai acreditar, eu lhe digo!

O Doutor sacudia a cabeça, impaciente.

— Não vou se nenhum de vocês me contar que diabos está acontecendo! Por favor, controle-se um pouco, Moore... e um de vocês queira prosseguir.

O Sr. Moore simplesmente dobrou-se à frente, segurando a cabeça com uma espécie de assombro extenuado e tentando reprimir o riso. Coube a Marcus revelar o que haviam descoberto:

— Suponha que eu lhe dissesse, Doutor, que no ano passado, na mesmíssima ocasião em que investigávamos juntos o caso Beecham, a mulher que agora estamos procurando estivesse trabalhando na rua onde o senhor mora...

Eu podia sentir meu próprio queixo cair e vi que o mesmo acontecia com o Doutor e com Cyrus. Mas também estava claro que, embora chocados, todos sabíamos do que Marcus falava:

— Está se referindo... ao hospital? — murmurou o Doutor, fitando uma múmia egípcia sem vê-la. — A Maternidade?

Lucius exibiu um amplo sorriso.

— A Maternidade de Nova York — concordou ele. — Cujo principal benfeitor é...

— Morgan — completou o Doutor. — Pierpont Morgan.

— O que significa — acrescentou a Srta. Howard — que, no momento em que o senhor e John eram... *recebidos* na casa do Sr. Morgan, essa mulher estava efetivamente sendo paga por ele para cuidar de mães e recém-nascidos. — Ela olhou para o Sr. Moore com um sorriso que indicava dúvidas em relação ao atual estado mental dele. — Foi isso que provocou esse ataque de riso nele, sabe? Isso e pura fadiga. Ele está assim desde que descobrimos, e eu não sei bem como fazê-lo parar.

O divertimento do Sr. Moore era totalmente compreensível. Era provável que tivesse sido acentuado pelo alívio de localizar nossa antagonista, mas sua principal origem decididamente era a descoberta de que a mulher em questão já estivera a serviço (mesmo que de forma indireta) do grande financista que desempenhara papel crucial, e por

vezes importuno, em nossa investigação dos assassinatos Beecham. Esse fato continha uma certa justiça poética —

e, claro, divertida — em si. Veja bem, durante aquela investigação, o Sr. Moore e o Doutor haviam sido sequestrados e levados para a casa de J. Pierpont Morgan para que se pusessem as cartas na mesa em relação ao efeito que o caso estava exercendo sobre a cidade; e, embora o resultado de tal encontro houvesse sido proveitoso à nossa causa, havia deixado nos dois sentimentos não exatamente calorosos pelo empresário e banqueiro — e filantropo — mais poderoso do país.

Entre suas muitas outras atividades caritativas, o Sr. Morgan fora a principal fonte de fundos da transferência da Maternidade de Nova York para uma grande mansão anteriormente de propriedade do Sr. Hamilton Fish e que ficava, como Marcus dissera, a apenas meia quadra da casa do Doutor, na esquina da Rua 17 com a Segunda Avenida. Havia, porém, aquelas almas pouco caridosas mas perspicazes que diziam que Morgan possibilitara a expansão com o intuito de ter camas em número suficiente para acomodar todas as suas concubinas. Qualquer que fosse a verdade, o hospital era uma das poucas instituições médicas que trabalhavam com crianças com a qual o Doutor não tinha qualquer contato: em parte porque ela se ocupava de mães solteiras e pobres e seus filhos recém-nascidos, que estavam fora da área de especialização do Doutor, mas principalmente porque era dirigida pelo Dr. James W. Markoe, que vinha a ser médico particular do Sr. Morgan.

Uma impressionante série de coincidências, alguns poderiam dizer; mas o nova-iorquino nato sabe o quanto esta cidade é pequena, na verdade, e que tais coisas acontecem com relativa frequência. Assim, embora o Doutor

tenha levado uns bons trinta segundos para absorver todas essas informações, logo sua mente estava outra vez voltada para questões práticas.

— Você está dizendo que ela trabalhou lá no ano passado.  
— Seus olhos estavam fixos em Marcus. — Deduzo, então, que tenha sido dispensada ou que tenha se demitido.

— Um pouco de ambos — respondeu Marcus. — E, em circunstâncias que, se formos generosos, podem ser descritas como nebulosas. — Da pilha de papéis em sua mão, Marcus

puxou uma única folha. — O Dr. Markoe não se encontrava no hospital hoje de manhã e, quando falamos com ele em casa, recusou-se a nos ajudar. Podíamos tê-lo pressionado e feito uma visita em caráter oficial, mas tínhamos a intuição de que algum dinheiro distribuído entre as outras enfermeiras no hospital poderia ter melhores resultados. E teve... Aqui está o que descobrimos. — Ele indicou o papel, que estava repleto de anotações. — Para começar, todas as enfermeiras que trabalhavam no hospital no ano passado estavam absolutamente certas da identidade da mulher no desenho. O nome dela é Elspeth Hunter.

Marcus fez uma pausa de um segundo — mas foi um segundo longo, do tipo que eu passara a reconhecer a partir do caso Beecham. Quando uma pessoa desconhecida, sem nome, que você está procurando — sem sequer ter cem por cento de certeza de que ela existe —

deixa de ser um feixe de descrições e teorias, e se torna um indivíduo vivo, tem-se uma sensação sinistra, amedrontadora: de súbito você se dá conta de que está tomando parte numa corrida cujas apostas são muito altas, da qual não pode sair até ganhar ou ser derrotado.



— Conseguiram mais informações sobre ela? — indagou o Doutor.

— As enfermeiras não sabiam de nada — respondeu Marcus —, mas conseguimos preencher algumas lacunas com a ficha dela.

Lucius lançou um olhar significativo ao Doutor:

— A ficha dela... na polícia.

— Então... — O Doutor tomou fôlego. — Um passado criminoso, afinal?

— Não tanto baseado em fatos, mas em acusações — continuou Marcus. Antes que pudesse prosseguir, porém, um enxame de crianças conduzidas por várias governantas entrou voando na sala, fazendo uma algazarra, enquanto corriam para ver as múmias.

Vendo-as, o Doutor falou “Lá para cima” mais que depressa e todos seguimos para uma das escadarias centrais de ferro fundido, dirigindo-nos rapidamente para as galerias de quadros.

Atravessando as salas com o mesmo passo apressado, chegamos àquela dedicada às pinturas norte-americanas — e que estava deserta.

— Muito bem — disse o Doutor, atravessando, rápido, o assoalho simples e sentando-se num banco panorâmico à frente do enorme quadro do Sr. Leutze, *Washington cruzando o Delaware*. Ele olhou para o caminho por que viéramos ao ouvir alguém se aproximando, mas era apenas o Sr. Moore, que ainda cacarejava.

— Prossiga, Marcus — disse o Doutor.

Marcus apanhou vários outros papéis em sua pilha.

— Nós... pegamos emprestado a ficha na Mulberry Street. Parece que o Dr. Markoe denunciou a Sra. Hunter, que, por falar nisso, é casada... Isso depois que várias das outras enfermeiras expressaram suspeitas perturbadoras a respeito dos pacientes de que ela havia cuidado.

O Sr. Moore nesse momento nos alcançou e, tendo ouvido as últimas palavras de Marcus, empertigou-se com tanta rapidez que foi desconcertante: para um homem mudar o humor com tal rapidez, tinha-se a impressão de que alguma coisa terrível estava por vir.

— É melhor você se preparar para isso, Kreizler — disse ele, expirando o resto de seu humor e alívio com um suspiro profundo.

O Doutor limitou-se a erguer a mão para ele.

— Pacientes? — perguntou. — Você se refere às mães que ela atendia?

— As mães, não — respondeu a Srta. Howard. — Os bebês.

— Parece — continuou Marcus — que durante os oito meses em que esteve empregada na maternidade a enfermeira Hunter cuidou de um número extraordinariamente alto de bebês que morreram, a maior parte deles com apenas poucas semanas de vida.

— Morreram? — repetiu o doutor, em voz baixa mas com uma espécie de perplexidade frustrada. Era como se tivessem lhe dado um cubo de informação que simplesmente não se encaixava no buraco redondo de uma ideia que se formara em seu cérebro. — *Morreram...* —

O Doutor fitou o chão por um momento. — Mas... *como?*

— Difícil dizer com precisão — replicou Marcus. — O relatório da polícia não entra em detalhes. Mas as enfermeiras, sim. Elas afirmam que as crianças, nos quatro casos em que todas concordavam, além de outros questionáveis, estavam perfeitamente saudáveis ao nascer, mas de maneira muito rápida desenvolveram problemas respiratórios.

— Episódios inexplicáveis de respiração difícil — acrescentou Lucius —, resultando, uniformemente, em cianose.

— Hein? — espantei-me.

— Uma coloração azulada característica nos lábios, na pele e nas unhas — respondeu Lucius. — Causada por uma redução de hemoglobina nos pequenos vasos sanguíneos, o que em geral indica alguma espécie de sufocação. — Ele tornou a olhar para o Doutor. —

Aconteciam dois ou três episódios preliminares, seguidos então por um no qual a criança morria. Mas aqui está a chave: todas as vezes em que uma criança morreu, a enfermeira Hunter ou estava correndo com ela para um médico ou se encontrava sozinha com o bebê num quarto.

O Dr. Kreizler continuou a olhar para o chão.

— Os médicos no hospital chegaram a estabelecer uma conexão entre os fatos?

— O senhor sabe como são as coisas em instituições desse tipo — afirmou a Srta. Howard.

— Algumas vezes as mães já haviam deixado a maternidade, dando os bebês. Em circunstâncias assim é alta a taxa de mortalidade e ninguém num cargo de autoridade costuma fazer perguntas. O Dr. Markoe só procurou a polícia porque as enfermeiras levaram o fato ao seu conhecimento... Não que ele seja um homem mau, mas...

— Mas quando se tem um bebê morto, poucos leitos e enfermeiras — interveio o Sr.

Moore —, o negócio é mandar o corpo para a vala comum e passar ao caso seguinte.

— Na realidade — disse Marcus —, os médicos tinham sempre considerado os esforços da enfermeira Hunter em favor dos bebês cianóticos como bastante... bem, de certo modo, heroicos. Parecia-lhes que ela trabalhava incansavelmente a fim de prolongar a vida dos bebês.

— Entendo... — O Doutor levantou-se e caminhou até o quadro à sua frente, fitando os olhos de um dos remadores imóveis do general Washington. — O que, então, fez as enfermeiras pensarem que aí havia algo de errado?

— Bem — disse Marcus —, elas observaram todas as semelhanças entre os vários incidentes e concluíram que eram iguais demais para ser coincidência.

— A enfermeira Hunter era particularmente impopular? — indagou o Doutor.

Marcus fez que sim com a cabeça.

— Eis um problema. Parece que ela era muito autoritária, muito competitiva e capaz de guardar ressentimento contra qualquer um que se metesse com ela.

O Doutor assentiu, acompanhando o sargento-detetive.

— Pelo menos é o que dizem as outras enfermeiras. Receio, Marcus, que não devamos dar grande importância a essas declarações. A profissão médica gera ciúmes mesquinhos e rivalidades em *todos* os níveis.

— Então o senhor reluta em acreditar nas outras enfermeiras? — perguntou a Srta.

Howard.

— Não reluto — replicou o Doutor. — Não é isso. Só que não... — Ele balançou a cabeça uma vez, com firmeza. — Bem, continuem.

Marcus encolheu os ombros.

— Como diz Sara, o restante das enfermeiras fez uma barulhada com o Dr. Markoe. Ele foi à polícia e a enfermeira Hunter foi levada à delegacia, onde negou com veemência qualquer ato danoso. Na verdade, ficou tão exasperada que pediu demissão imediatamente. E não porque esses crimes, se de fato fossem crimes, pudessem ser provados. Todos os casos pareciam uma simples falência respiratória infantil espontânea. E, segundo a versão da enfermeira Hunter, ela mantivera os bebês vivos pelo tempo que lhe fora possível. Markoe sentiu-se inclinado a acreditar nela, mas... bem, ele tem de se preocupar com o levantamento de fundos. Não pode haver a menor insinuação de escândalo.

— É verdade, Marcus — disse o Dr. Kreizler, erguendo então um dedo admoestatório. —

Mas você deve lembrar-se de que os fatos *podem* ser interpretados de modo a sustentar as declarações apresentadas pela enfermeira Hunter.

— E com as quais, como eu disse, o Dr. Markoe aparentemente concordava. Ele não quis insistir na questão depois que a enfermeira Hunter se demitiu, portanto nada havia que a polícia pudesse fazer. Ela foi para casa, continuando livre.

— E temos alguma ideia de onde fica essa casa? — perguntou o Doutor.

— Temos... ou, pelo menos, onde ficava — respondeu Lucius. — O endereço está no relatório da polícia. Hummm... — Ele apanhou um pedaço de papel com o irmão. — Bethune Street, número 39. Em Greenwich Village.

— Fica perto do rio — informei.

— Vamos ter de conferir — disse o Doutor —, embora ela tenha, com toda probabilidade, se mudado. — Ele voltou a sentar-se, examinando toda uma parede de retratos americanos antigos com uma consternação genuína e um tanto amarga. — Morreram... — repetiu, ainda incapaz de aceitar. — *Desaparecer*, eu poderia ter esperado, mas *morrer*...

A Srta. Howard sentou-se ao lado dele.

— É. Não parece ter muita coerência, não é?

— Está além disso, Sara — respondeu o Doutor, erguendo as mãos num gesto de resignação. — Trata-se positivamente de um paradoxo. — Fez-se um momento de silêncio, durante o qual podíamos ouvir as crianças rindo e gritando lá embaixo; em seguida o Doutor mobilizou-se. — E então, sargentos-detetives, por que, depois de descobrirem tudo isso, vocês nos chamaram aqui?

— Pareceu-nos um lugar tão bom quanto outro qualquer para tentar entender tudo isso —

disse Lucius. — Ainda não tivemos chance de dar uma busca completa em toda a área ou de reconstituir os prováveis passos dessa tal Sra. Hunter. Assim, como hoje é domingo e não há muito mais que possamos fazer...

O Doutor deu de ombros.

— Verdade — disse ele, pondo-se de pé. — Podemos também determinar o que o método mecânico tem a oferecer. A *señora* Linares disse que a filha gostava de visitar a galeria de esculturas, correto?

— Sim, senhor — respondeu Lucius. — No primeiro andar, ala norte.

— Bem, então — o Doutor indicou a escada com o braço estendido —, mãos à obra.

Sargento-detetive, importa-se...

— Anotações para o quadro — disse Lucius, apanhando seu bloquinho de papel. — É

claro, Doutor.

Descemos, voltando ao que os funcionários do Metropolitano gostavam de chamar de as

“galerias de esculturas”, mas onde, na verdade, como me disse o Doutor numa de nossas primeiras visitas ao museu, a maior parte das obras expostas eram moldes de gesso de grandes estátuas de outras galerias e instituições espalhadas pelo mundo todo. Estavam ali, expostas em Nova York, para a gente que nunca teria a chance de viajar

e ver os originais. O que explicava a brancura brilhante e uniforme de muitas das peças e a maneira como estavam reunidas, quase como se estivessem num armazém. A luz do sol que entrava suavemente por grandes janelas retangulares refletia-se nos tetos e molduras, que também eram de um branco-neve, e no piso de mármore vermelho polido. O revestimento de madeira das paredes, contrastando, era escuro e, junto com as passagens em arco, dava ao lugar uma certa impressão majestosa. Entretanto, no que diz respeito às esculturas propriamente ditas, estas — como as peças no primeiro piso da ala sul — não me diziam muita coisa, e eu duvidava que fosse me sentir diferente se estivesse olhando para os originais. Deuses e deusas gregos e romanos, monstros e reis (ou partes deles, pelo menos); feras estranhas e homens da Babilônia sem expressão; ao lado de nus, cálices e vasos de toda parte... O que poderia haver ali de tão interessante para uma menina de pouco mais de um ano estava além do meu alcance. A questão mais importante, porém, pelo que eu ouvia da troca de ideias entre os outros, parecia ser o que aquilo tudo poderia significar para Elspeth Hunter.

— Supondo-se, naturalmente, que ela tenha de fato avistado a *señora* e Ana aqui, e não no parque — conjecturou o Sr. Moore.

— Ora, ora, John — alfinetou a Srta. Howard —, afinal você se referiu à menina pelo nome. Está fazendo progresso. Mas receio que sua sugestão não pareça muito provável. Se nos ativermos à teoria de que foi a conduta alegre e barulhenta de Ana que atraiu a atenção da raptora, então parece provável que ela a tenha visto aqui. Este era o lugar preferido de Ana.

— A observação de Sara é pertinente, John — afirmou o Doutor. — Qualquer que seja o motivo, este era o parque de



diversões particular da menina Linares. O que me pergunto, porém, é: o que traria uma enfermeira desacreditada aqui? — Ele olhou à sua volta, observando o local, que parecia uma combinação de mausoléu e zoológico. — O que Elspeth Hunter achou de tão urgente nesta sala?

A pergunta pairou no ar, sem resposta, por uns bons quinze minutos, até todos reconhecerem que não faziam a menor ideia e concordarem em passar para o ponto seguinte, no qual sabíamos que a enfermeira Hunter devia ter estado: o pátio de obras perto da Quinta Avenida, onde supostamente apanhara o pedaço de cano de chumbo. Quando saímos do prédio, caminhando na direção leste, fiz sinal para meu colega cocheiro a fim de informá-lo de que não demoraríamos muito mais. Em seguida, alcancei o Doutor e a Srta. Howard, que

seguiam o caminho calçado, enquanto os Isaacsons, o Sr. Moore e Cyrus dispersavam-se e começavam a esquadrihar a grama e os escombros que levavam ao local exato da construção.

Àquela altura, este não era muito mais que um imenso buraco no chão.

— O senhor viu os desenhos da nova ala? — perguntou a Srta. Howard ao Doutor, enquanto caminhávamos.

— Humm? — murmurou ele, a mente ainda fixa em outras questões. — Ah, sim, vi os originais antes do velho Hunt morrer. E também vi as últimas versões de seu filho.

Simplesmente espetacular.

— É — disse a Srta. Howard, assentindo com a cabeça. — Um amigo meu trabalha no escritório deles. É um projeto e tanto... com muitas estátuas.

— Estátuas?

— Decorando a fachada.

— Ah, sim.

— Sei que parece um tanto ilógico — observou a Srta. Howard com uma risada —, mas *existe* uma conexão entre o que estávamos discutindo e olhando, Doutor. Todas aquelas estátuas simbólicas projetadas para a fachada — as quatro principais disciplinas artísticas, as quatro grandes eras da arte —, são todas femininas. O senhor percebeu isso? Somente os medalhões de pedra menores serão masculinos... E, na verdade, serão retratos de grandes artistas.

O Doutor aproximou-se dela.

— De fato, percebo aí uma finalidade, Sara.

A Srta. Howard deu de ombros.

— Uma finalidade gasta, receio. Os símbolos são todos mulheres; as pessoas, todas homens. O mesmo acontece com aquelas estátuas lá no salão. A deusa incomum ou um ideal anônimo de beleza e feminilidade, que geralmente surge da cabeça de um homem... são essas as formas femininas. E as figuras com nomes, porém, os seres humanos vivos de alguma distinção histórica? Homens. Diga-me, o que isso ensina a uma garota, enquanto ela cresce?

— Nada de útil, creio eu. — Passando a mão afetuosamente pelo cotovelo dela, o Doutor sorriu, um tanto escusatório. — E o efeito cumulativo de milhares de anos dessa situação só torna as coisas exponencialmente piores. Mulheres sobre pedestais... No entanto, a mudança *está* vindo, Sara,

embora, eu lhe garanta, esteja se aproximando com velocidade glacial. Mas acabará chegando. Vocês não serão idealizadas para sempre.

— Mas trata-se de uma idealização *perversa*! — exclamou a Srta. Howard, batendo um pé e erguendo a mão livre. — Na verdade, há nessa atitude tanto de desabono quanto de veneração. Ouça, Doutor, não pretendo que esta seja uma conversa puramente filosófica. Estou tentando pensar no que trouxe a tal Sra. Hunter aqui. Olhe para todas aquelas estátuas lá dentro. Os babilônios e assírios, com sua Ishtar, a mãe da terra... que, ao mesmo tempo, era a deusa da guerra, uma megera cruel e punitiva. — Ela olhou rápido para mim. — Peço desculpas, Stevie...

Só me restou dar uma risada.

— Como se eu nunca tivesse ouvido pior!

A Srta. Howard sorriu e prosseguiu com veemência:

— E os gregos e romanos, com suas deusas maquinadoras, conspiradoras. Ou a divindade hindu Kali, a “Mãe Divina” que distribui morte e depravação. Parece que sempre há *duas* caras.

Os olhos do Dr. Kreizler se estreitaram.

— Você está pensando nas evidentes contradições no comportamento de Elspeth Hunter?

A Srta. Howard assentiu, lentamente.

— Acho que sim. Embora eu não esteja precisamente certa da conexão. Mas... a *señora* Linares disse que, quando viu a mulher no trem, ela parecia estar dispensando cuidados

sinceros a Ana. Por outro lado, também disse que a mulher parecia um animal predatório.

Agora descobrimos que ela era enfermeira e que trabalhava numa das áreas mais difíceis, e admiráveis, de sua profissão. Os médicos acham que ela era uma heroína; as enfermeiras acreditam que seja uma assassina.

Nesse momento, Cyrus veio correndo até onde estávamos, os outros três homens seguindo-o, sem pressa.

— Nada de interessante aqui, Doutor. No entanto, o sargento-detetive quer tentar fazer uma reconstituição.

— Está bem — disse o Doutor. — Diga-lhe que estamos à disposição. — Em seguida, voltando-se para a Srta. Howard, acrescentou: — Segure essa ideia, Sara. Também pressinto alguma coisa nisso, embora esteja ainda vago até aqui.

Os Isaacsons e o Sr. Moore juntaram-se a nós e Lucius ficou no centro de nosso pequeno círculo, ainda tomando notas.

— Muito bem — começou ele, apontando os degraus do Metropolitano. — A *señora* Linares sai do museu com Ana por volta das cinco horas. — Em seguida, ele indicou o imenso buraco que era o local da construção. — Os operários já foram embora ou estão indo. É quinta-feira e eles esperam voltar na manhã seguinte. Assim sendo, não se preocupam muito em limpar o local, como fariam para o fim de semana, e o lugar está bem mais entulhado do que vemos agora. — Ele caminhou até um monte de material de encanamento, parcialmente oculto por uma inútil cerca de madeira. — A enfermeira Hunter já sabe o que vai fazer, pelo menos tem uma ideia geral. Assim, toma a direção oposta da *señora*, o que explica por que, em momento algum, ela é notada por sua futura vítima. — Ele começa a tomar a direita, voltando ao obelisco egípcio. — Ela não se

apressa, esperando a *señora* alcançar o obelisco. — Todos nós o acompanhamos até lá. — É a única área por aqui onde as árvores oferecem alguma proteção, a única chance que ela vai ter para atacar, caso esteja preocupada em escapar. Passa um pouco das cinco horas. Daqui a mais quinze minutos ou meia hora as pessoas irão começar a atravessar o parque a caminho de casa, vindas do trabalho, ou simplesmente saindo para tomar o ar fresco da tarde, embora pareça que vá chover, o que reduz a probabilidade da segunda alternativa. Mas é primavera e a temperatura já está bastante quente, e muitas pessoas, munidas de sombrinhas, ainda vão atravessar o parque a caminho de casa. Assim, ela precisa agir com rapidez.

A essa altura já havíamos quase chegado ao grupo octogonal de bancos em torno do obelisco de mais de vinte metros. De fato, esse era o único lugar nas redondezas abrigado por árvores, já que o obelisco de granito vermelho (ou pelo menos assim nos disse Lucius) estava

ali desde 1881, quando fora dado de presente aos Estados Unidos pelo chefe de governo do Egito.

— As nuvens mantêm as pessoas afastadas do local — prosseguiu Lucius. — Afinal, ele fica fora do caminho e é puramente recreativo. Não é preciso passar por aqui para atravessar o parque ou seguir para o norte. Só se vem aqui em momentos de lazer. — O que era verdade: o obelisco ficava sobre uma pequena colina, afastado das principais alamedas do parque. — A enfermeira Hunter sabe que essa é sua única chance. Ela se aproxima da *señora* por trás, quando esta se prepara para sentar-se num banco, e a atinge uma vez, diretamente na nuca.

Então apanha a criança e vai... para onde? — O sargento-detetive olhou à sua volta, curioso. —

Voltar pela Quinta Avenida é o caminho mais rápido, mas ela pode não querer ser vista imediatamente. E, para voltar à Bethune Street, vai precisar atravessar em direção ao West Side, a fim de tomar o trem elevado da Sexta ou da Nona Avenida, supondo-se que esse seja o seu meio de transporte habitual.

— Se ela não tem mais emprego — acrescentou Marcus —, está justificado o uso do trem como uma necessidade de economia.

— É, mas a *señora* a viu na linha da Terceira Avenida — interveio o Sr. Moore. — O que sustenta a hipótese de ela ter se mudado de Bethune Street.

— Talvez, John — disse o Doutor lentamente, fitando o obelisco no alto. — Mas eu e Sara estávamos justamente discutindo algo que pode... — O Doutor parou, seus olhos tendo alcançado a base do obelisco. Ele caminhou devagar até lá, o olhar esquadrinhando uma fenda na base do grande bloco de pedra. Olhou fixamente a fissura profunda, erguendo a mão, como se quisesse introduzi-la ali; em seguida, retirou a mão e voltou-se para Marcus e Lucius.

— Sargentos-detetives? — chamou, começando a mostrar-se agitado. — Vocês poderiam vir até aqui, por favor? Parece que há alguma coisa aí *dentro*.

Marcus e Lucius correram para lá, Marcus surgindo com uma pequena pinça de aço. Ele examinou a fenda com atenção e em seguida introduziu ali lentamente o instrumento, segurou alguma coisa e puxou: uma minúscula trouxa de um tecido claro de algodão.

Ele colocou a trouxinha embolada no passeio perto da base do obelisco e então vestiu rapidamente um par de luvas muito leves. Todos nos comprimimos à sua volta, enquanto

ele abria a pequena bola, o tecido amarelo e branco sujo e úmido. Logo, a coisa que ali estava tornou-se identificável.

— Parece um... chapeuzinho — disse o Sr. Moore.

— Um chapéu de bebê — afirmou a Srta. Howard, indicando dois delicados cordões de algodão trançados, usados para amarrar o chapéu no queixo, e um remate de renda branca na frente.

— Tem mais alguma coisa — informou Marcus, ainda alisando o tecido. Ele desdobrou a parte de trás do chapéu, revelando um lindo bordado dourado na borda posterior. — A-N-A —

leu em voz alta. O restante de nós ficou simplesmente olhando fixamente a peça, enquanto o sargento-detetive erguia os olhos, voltando-os para além do parque. — Bem... parece que foi mesmo para o oeste. Ela se livrou do chapéu para o caso de alguém interceptá-la...

provavelmente era o único artigo capaz de identificar a menina.

— Não tire conclusões precipitadas, Marcus — disse Lucius. — Ela pode ter enfiado o chapéu aqui e então tomado outra direção.

— Não sei — interveio o Sr. Moore, de pé entre o obelisco e os bancos. — São uns bons dez ou doze metros saindo do caminho dela... Tempo que ela perdeu, escondendo isso aqui. Há inúmeros outros lugares em que poderia ter escondido se tivesse ido para o leste... a começar pelo pátio de construção.

— É verdade, Moore — disse o Dr. Kreizler, olhando o obelisco no alto. — Mas, além disso, há a questão de *onde*

ela escolheu escondê-lo... onde *precisamente*...

— O que está querendo dizer, Doutor? — perguntou Marcus.

O Doutor, porém, apenas voltou-se para a Srta. Howard.

— O obelisco egípcio. Faz parte de um par. O outro se encontra em Londres. Sabe como eles são conhecidos, Sara? — A Srta. Howard balançou a cabeça negativamente.

— “As Agulhas de Cleópatra” — continuou o Doutor, tornando a olhar para cima. — Um título sinistro... Cleópatra era uma mulher de desígnios mortais.

— E, ao mesmo tempo — prosseguiu a Srta. Howard, compreendendo aonde ele queria chegar —, a “Mãe do Egito”, no seu tempo. Para não mencionar amante de Júlio César e Marco Antônio. Ela chegou a gerar um filho de Júlio César.

— Cesário — disse o Doutor, assentindo com a cabeça.

— De que diabos vocês dois estão falando? — quis saber o Sr. Moore.

Mas o Doutor continuou falando com a Srta. Howard.

— Suponha, Sara — começou ele, aproximando-se dela —, que o aparente paradoxo não seja uma pergunta, mas sim a resposta? Algo serve de conexão entre os dois lados do caráter, as duas faces da moeda. Ainda não sabemos qual seja esse elemento conectivo, mas ele existe.

De modo que aquilo com que nos defrontamos agora não é tanto uma incoerência quanto uma unidade adulterada. Aspectos de uma condição... estágios relacionados, num *processo* único.



O rosto da Srta. Howard tornou-se sombrio.

— Então eu diria que nosso tempo está se esgotando.

O Doutor dirigiu-lhe um rápido olhar de concordância e então chamou:

— Marcus! As crianças das quais a enfermeira Hunter cuidou... de quanto tempo você disse que foi o intervalo entre seus nascimentos e mortes?

— Umas poucas semanas — respondeu Marcus.

— Laszlo — insistiu o Sr. Moore, da maneira como sempre fazia quando sentia que algo estava lhe escapando. — Ora, vamos, do que vocês dois estão falando?

O Doutor continuou a ignorá-lo e começou a contar nos dedos:

— Ela levou a criança numa quinta-feira... isso faz dez dias.  
— Tornou a olhar para a Srta.

Howard. — Você tem razão, Sara. A mulher pode estar entrando numa fase crítica. Stevie! —

Corri até ele. — Podemos ir todos na caleche?

— Não na velocidade máxima — respondi. — Mas não vejo nenhum fiacre pelas redondezas.

— Não quero um fiacre — replicou o Doutor em tom premente. — Vamos precisar desse tempo juntos para as explicações.

— Bem... o trânsito não deve estar muito ruim — calculei. — Deve dar para irmos num trote decente. Frederick teve alguns dias de folga, vai aguentar.

— Então vá buscá-lo... agora!

Enquanto eu disparava para trazer a caleche, ouvi o Sr. Moore perguntar mais uma vez o que estava acontecendo e o Doutor lhe dizer para se apressar e entrar na carruagem que, assim que nos pusessemos a caminho, ele explicaria o que vinha pensando com a Srta. Howard.

Levei a carruagem até eles e então Cyrus acomodou-se no alto comigo, enquanto a Srta.

Howard espremia-se entre Lucius e o Doutor, no assento. Marcus e o Sr. Moore empoleiravam-se nos estribos de ferro de ambos os lados da caleche, como os sargentos-detetives haviam feito durante nossa viagem no fiacre confiscado.

— Para onde? — perguntei, embora tivesse certeza de qual seria a resposta.

— Bethune Street, número 39 — respondeu o Doutor. — Com alguma sorte, a tal Sra.

Hunter e o marido não terão mudado... e, se tiverem, os novos moradores talvez saibam onde estão agora!

— Vai ser mais rápido se eu cortar pelo parque — sugeri. — E usar alguns... atalhos.

— Então faça isso, faça isso! — gritou o Doutor, com o que sacudi as rédeas de encontro às ancas de Frederick, saindo em disparada pela East Drive, no sentido sul.

## **CAPÍTULO 15**

Frederick tinha acabado de passar, num trote firme, da pista de carruagem do Central Park para o amplo gramado da Sheep Meadow (uma coisa discutível para eu pedir a ele, eu

sei, mas um atalho é um atalho), quando o Doutor começou a falar aos companheiros reunidos:

— Quando primeiro nos incumbimos de um trabalho de investigação juntos — disse ele

—, aceitamos como ponto de partida a ideia de que a mente criminosa poderia ser, do ponto de vista médico, sã e formada como a de qualquer outra pessoa saudável: através do contexto da experiência individual.

Profissionalmente, eu nada vi, durante estes últimos doze meses, que me convencesse de que a verdadeira incidência de doenças mentais entre os criminosos é mais alta do que pensava então. Tampouco ouvi qualquer coisa a respeito dessa Sra. Hunter que sugerisse que ela sofria de *dementia praecox* — que era o termo que os alienistas usavam naquela época para o que hoje começam a chamar “esquizofrenia” — ou de uma patologia mental mais branda. Ela pode ser extremamente impulsiva, mas a impulsividade, assim como a raiva ou a melancolia extremas, não indicam por si só uma enfermidade da mente. O fato de ela ser também capaz de cálculos elaborados, principalmente em prazos de tempo restritos, reforça a ideia de que estamos lidando aqui com alguém plenamente sã.

O Sr. Moore abanou a cabeça e olhou para o lado oeste do Central Park, no momento em que tornávamos a entrar na pista de carruagens.

— Por que me pego desejando que pudéssemos dessa vez enfrentar um lunático? —

perguntou ele, suspirando.

— Você tem um bom motivo para isso, John — disse Lucius.  
— Os lunáticos podem ser perigosos às vezes, mas são

muito mais fáceis de rastrear. — O sargento-detetive voltou a rabiscar em seu bloquinho. — Por favor, continue, Doutor.

— Começamos, então — prosseguiu o Doutor —, com a noção de que essa mulher é sadia.

Ela sequestrou uma criança e talvez tenha matado outras por razões que *podemos* presumir.

— E o que vamos fazer se a pegarmos? — indagou Marcus.  
— O senhor está falando sobre um verdadeiro mito, Doutor. Não importa quantas mulheres matam crianças em creches, não importa quantas megeras fazem fortuna dirigindo clínicas de aborto, não importa quantas mães matam seus rebentos, as pessoas não gostam de tomar conhecimento de casos que tratam do relacionamento de mulheres e crianças apresentando outro aspecto senão o saudável e protetor.

O senhor ouviu a Sra. Cady Stanton na outra noite. Essa é a opinião da maioria: se as mulheres estão fazendo algo de mau em relação a crianças, ou elas são loucas ou os homens e a sociedade por eles criada estão, de algum modo, por trás desse comportamento.

O Doutor estava tentando interromper Marcus com gestos impacientes da mão.

— Eu sei, eu sei, sargento-detetive, mas novamente será nossa tarefa ignorar o sentimento popular e nos concentrarmos nos fatos. E o mais notável destes é: estamos diante de uma mulher cujo comportamento encarna o que parecem ser duas atitudes diametralmente opostas.

Uma é protetora; a outra, destrutiva. Talvez até mesmo homicida. Se aceitarmos o fato de que sua mente é sã,

devemos ligar ambas as atitudes.

— Difícil — disse o Sr. Moore. — Muito difícil.

— Por quê, John? — perguntou o Doutor quando deixávamos o verdor reconfortante do parque em sua esquina sudoeste, passando em seguida pela Academia de Equitação e circulando, em meio ao tráfego pouco intenso, o Monumento a Colombo. — Quem entre nós pode afirmar que às vezes não corporifica necessidades e propósitos conflituosos? Veja o seu caso, por exemplo. Quantas noites você não sai e ingere uma enorme dose de veneno líquido, na forma de uma bebida alcoólica cara, ao mesmo tempo inalando dose após dose de um alcaloide tóxico chamado nicotina...?

— E quem é que muitas vezes me acompanha? — perguntou o Sr. Moore com indignação.

— Você não está me entendendo — replicou o Doutor. — Às vezes, depois desses acessos de autodestruição marginal, você precisa passar horas cuidando de si mesmo, tratando-se, como se fosse uma criança. Onde está a coerência *nisso*?

— Está bem, está bem — disse o Sr. Moore, contrariado. — Mas há uma grande distância entre ridicularizar meus maus hábitos e mostrar de que forma uma mulher pode ser zelosa...

uma enfermeira numa maternidade, pelo amor de Deus!... ao mesmo tempo em que nutre um desejo de matar bebês, e ser sã, tudo ao mesmo tempo.

— A sua pesquisa o ajudou de alguma forma, Doutor? — indagou Lucius.

— Receio que não — respondeu ele com o mesmo abatimento que demonstrara em relação ao assunto dias antes. — Como disse a Sara, existe muito pouco na atual literatura psicológica que aborde o tema. Tanto Krafft-Ebing quanto Freud dispõem-se a discutir a dimensão sexual do relacionamento da mãe com os filhos, principalmente no contexto de filhos do sexo masculino. Esses homens chegam mesmo a discutir o desejo dos filhos de destruírem os pais, seja literal ou figuradamente, mais uma vez enfatizando o caso dos meninos. Além disso, existem algumas investigações sobre a violência de homens contra crianças, embora estas ocorram no âmbito de discussões mais amplas dos efeitos secundários do alcoolismo e da dependência de drogas. Entretanto, pesquisei em vão em busca de discussões verdadeiramente significativas de mulheres atacando crianças que se encontram sob seus cuidados, sejam elas seus filhos ou não. O consenso geral é de que tais casos são manifestações extremas ou retardadas de psicose pós-parto, ou, onde tal hipótese não pode ser aplicada, uma doença mental de etiologia desconhecida. Temo que os registros e investigações legais tenham sido nesse aspecto bem mais úteis do que os psicológicos.

— É mesmo? — disse Marcus com alguma surpresa: ele tivera um considerável treinamento legal antes de alistar-se na força policial. — Pensamento progressista por parte dos advogados... é uma mudança.

— De fato — replicou o Doutor. — E não estou sugerindo que exista algo como um estudo sistemático do fenômeno nos círculos legais ou judiciais. No entanto, os tribunais são forçados a reconhecer a realidade que é colocada diante deles. E essa realidade, com grande frequência, inclui casos de mães, governantas e outras mulheres cometendo atos de violência contra crianças. Muitas vezes bebês.

— Mas, se não estou enganado — comentou Marcus —, o infanticídio em geral é atribuído a uma de duas origens no sistema legal: pobreza ou ilegitimidade.

— Certo, Marcus, mas existem casos, alguns inclusive célebres, que não poderiam ser explicados pelo fato de a mãe ser pobre demais para sustentar a criança ou por não ser casada.

Tampouco eles poderiam ser varridos para debaixo do tapete com uma sentença de algum tipo desconhecido de insanidade. Lembra-se do caso de Lydia Sherman?

Diante daquele nome infame, citado no momento exato em que passávamos pelo cruzamento da Rua 42 com a Oitava Avenida, os irmãos Isaacson e a Srta. Howard entraram numa espécie de enlevo.

— Lydia Sherman — disse Lucius, melancólico. — “A Rainha Envenenadora.” Ora, aquele foi um caso e tanto...

— Nunca vamos saber quantas pessoas ela assassinou de fato — observou Marcus no mesmo tom. — Podem ter sido *dezenas*.

— E algumas eram crianças... inclusive seus *próprios* filhos. E ela não era nem pobre nem solteira quando os envenenou.

— Exato, Sara — disse o Doutor. — Ela havia matado o pai das crianças, quis casar-se outra vez e descobriu que os filhos simplesmente estavam, como ela mesma expressou, “no caminho”. Os relatos nos jornais foram abundantes. Mas, para os alienistas da época, assim como dos anos subsequentes, foi como se o caso nem mesmo houvesse existido, ainda que muitos deles a houvessem considerado

perfeitamente são por ocasião do julgamento, e isso faz uns bons vinte e cinco anos.

— Detesto interromper este pequeno grêmio de admiração — interveio o Sr. Moore —, mas Lydia Sherman não era enfermeira... era uma caçadora de dotes mentirosa.

— Certo, John — concordou a Srta. Howard —, mas era também uma prova viva de que o simples acidente de se nascer mulher não traz necessariamente com ele o talento de um comportamento protetor... ou mesmo uma tendência para este.

— E, baseando-nos no caso de Lydia, assim como em exemplos semelhantes —

acrescentou o Doutor —, podemos dispensar as bobagens sentimentais do professor James sobre o instinto materno ser mais forte do que o paterno, e a nobreza da mãe cuidando do filho doente. Lydia Sherman tinha filhos doentes, com certeza, mas foi ela quem causou a doença, ao envenená-los com arsênico. E suas nobres administrações medicamentosas consistiam em outras doses do mesmo veneno. Não, cada vez mais sou levado a uma única declaração que encontrei há vários dias...

A Srta. Howard adivinhou a que ele estava se referindo.

— O comentário de *Herr* Schneider sobre o egoísmo maternal.

O Doutor assentiu com um gesto da cabeça.

— Para proveito nosso, Schneider observou que a mãe, uma vez tendo dado à luz, transfere, e eu cito suas palavras, “todo o seu egoísmo para a criança”.



— E como isso pode nos ajudar? — perguntou o Sr. Moore.  
— Os bebês na maternidade não eram da Sra. Hunter, e esse também é o caso da garotinha Linares.

— Mas a maneira como ela levou Ana — argumentou Lucius — indica que ela pode ter se sentido... como foi mesmo que você disse, Marcus? Que ela achava que tinha *direito* à menina?

— Correto. — Ouvi o Doutor fechar a cigarreira com um estalido. — E não se esqueça de seu comportamento no trem, cuidando da menina *como se fosse sua filha*. Além disso, tais

laços psicológicos com frequência ocorrem entre enfermeiras e pacientes, principalmente quando se trata de crianças. É indiscutível que essa é uma mulher que não deixaria que algo, como isso a que Sara se refere como “acidente de nascimento”, a impedisse de experimentar o sentimento maternal de uma maneira intensamente possessiva em relação a filhos de outras pessoas. Isso é óbvio, John.

— Ah — resmungou o Sr. Moore, acendendo um cigarro também. — Peço desculpas por não ter percebido então. — Eu podia ouvi-lo exalando a fumaça; em seguida, falou de forma mais contundente ao Doutor: — Mas vocês estão misturando uma coisa, Kreizler. Digamos que tudo isso seja verdade e que ela experimente esses sentimentos por qualquer criança por que se encante; que, por algum motivo, “transfira seu egoísmo para elas”. Ótimo, mas ao contrário do exemplo de *meus* hábitos pessoais, citado por você com tanta consideração, ela parte *de* uma atitude zelosa *para* uma destrutiva. Nenhuma das crianças está doente quando ela as toma aos seus cuidados, e no entanto acabam mortas. Por que isso? Não podem estar “no

caminho”, como os filhos de Lydia Sherman. Essas são crianças de quem ela escolheu aproximar-se. Então, por que isso acontece?

— Excelente, Moore — comentou o Doutor. — É esse o verdadeiro mistério deste caso. A mulher investe toda a sua autoestima nesses bebês; não obstante, ela os destrói. Por quê?

— Poderia ser uma forma de suicídio indireto? — perguntou Lucius.

— Não. Se você me perdoa dizer, Lucius, fácil demais — respondeu a Srta. Howard. —

Quantas vezes você pode se matar, mesmo que “por procuração”? Eu acho... acho que precisamos nos ater às ideias que estávamos discutindo no museu, Doutor. A dualidade... a mulher criadora lado a lado com a mulher destruidora.

Uma espécie de “Quê?” em uníssono foi emitida por todos e respondida pela Srta. Howard e pelo Doutor com um breve resumo dos pensamentos que partilharam do lado de fora do Metropolitano.

— Então vocês estão dizendo que uma parte dessa mulher se *identifica* com a noção da mulher detentora de poder destruidor? — indagou Marcus.

— Por que não? — replicou a Srta. Howard simplesmente. — Você nunca se identificou com uma figura masculina de destruição, Marcus?

— Bem, é claro, mas...

Não me virei para olhar, mas podia apostar que a Srta. Howard estava provavelmente abanando a cabeça, desapontada; eu esperava que ela não recorresse à pistola.

— Mas você era um *menino* — disse ela, com grande amargura.

Marcus não respondeu — não era preciso.

— O que significa que as meninas não têm pensamentos destrutivos ou de raiva —

prosseguiu a Srta. Howard —, e portanto nunca sonham em ter o poder de personificá-los.

Correto?

— Bem — disse Marcus, um tanto envergonhado —, falando *assim*, parece bastante estúpido.

— É — replicou a Srta. Howard —, parece mesmo.

— E é — acrescentou o Doutor. — Minhas desculpas, sargento-detetive. Mas, como Sara me disse, veja os exemplos paradoxais oferecidos às meninas enquanto elas crescem: por um lado, os adultos lhes ensinam que seu sexo é pacífico e protetor. Não se oferecem escapes para

sua raiva e agressividade. E, no entanto, elas são humanas. Como diz Sara, não passa de estupidez acreditar que elas não experimentam raiva, ódio, sentimentos de hostilidade. E, ao mesmo tempo, também ouvem outros tipos de histórias, de origens obscuras, como a mitologia, a história ou as lendas, de deusas cruéis e rainhas desumanas, cujo poder supremo ou criativo lhes permite entregar-se à ira, à vingança e à destruição. Que lição você tiraria disso tudo?

Fez-se uma pausa na conversa e então Lucius disse, em voz sussurrante:

— O punho de ferro na luva de veludo...

— Sargento-detetive — disse o Doutor, jovial. — Não creio que já o tenha ouvido chegar tão perto da poesia. Uma excelente imagem, de fato... É sua?

— Ah, não. Eu... — Lucius mostrava um certo embaraço — ... acho que ouvi isso em algum lugar.

— Bem, ajusta-se perfeitamente à situação — observou o Doutor. — Uma ira mortal oculta por trás de um véu que se aproxima o mais possível do conceito do comportamento feminino ideal, ou pelo menos aceitável, criado por nossa sociedade.

— Isso tudo é muito bonito — disse o Sr. Moore, impaciente. — Mas ainda não responde à pergunta: por que, se você sente toda essa raiva oculta, decide sair e se tornar mãe ou enfermeira numa maternidade, ou ainda raptar o filho de uma outra pessoa para cuidar como se fosse seu? Isso não me parece uma manifestação de raiva.

— Não estamos sugerindo que seja, John — afirmou a Srta. Howard. — Não nesse estágio.

Tomar conta da criança é a manifestação da primeira metade do caráter, aquela que é aceitável, que está respondendo à constante afirmação de que a mulher tem de ser protetora e que, caso contrário, não realiza seu papel básico. É aí que ocorre a transferência de ego.

— Certo — disse o Sr. Moore, agora batendo um pé no estribo da carruagem, fazendo todo o veículo sacudir-se. — Então, onde entra toda essa baboseira de “deusa do mal”?!

— Deixe-me propor um exemplo, John — sugeriu o Doutor.  
— Suponhamos que você seja uma dessas mulheres. Talvez tenha tido seus próprios filhos, mas os perdeu... por doença, acidente, quaisquer outros infortúnios que podem ou não ter sido falta sua, mas que certamente deixaram-lhe a sensação de que seu principal papel na vida e na sociedade lhe foi tirado. Você se sente absolutamente inútil, até mesmo para si mesma. Assim, procura outras maneiras de cuidar de crianças. Começa a trabalhar como enfermeira. Mas algo acontece, algo que ameaça sua capacidade renovada de satisfazer essa função primeva. Algo que a enfurece de tal forma que você acredita que tem o *direito*, para usar a expressão de Marcus, de tornar-se a deusa primitiva e colérica, aquela que ao mesmo tempo *dá* e *tira* a vida.

— E o que seria esse algo? — perguntou o Sr. Moore, ansioso, suspeitando agora de que estavam perto de uma resposta.

Havíamos chegado à Rua 23 e estávamos passando, na esquina noroeste, pela velha e decadente Grand Opera House. Presa à fachada que dava para a Oitava Avenida, via-se uma placa imensa e feia, composta de lâmpadas elétricas, que desenhavam o nome do principal produto de diversão da casa no momento: VAUDEVILLE.

— Ah, a velha Grand — ouvi o Doutor dizer, numa voz que fez com que eu me perguntasse se ele estaria de fato revendo lembranças agradáveis ou simplesmente torturando o Sr. Moore. — Produções maravilhosas costumavam ser levadas aí...

— Kreizler! — O Sr. Moore estava chegando ao limite. — *O que é esse algo?*

A voz do Doutor permaneceu serena:

— Sara?

— Existe apenas uma possibilidade — respondeu a Srta. Howard. — As crianças não cooperam. Pelo menos, do ponto de vista dela, elas não cooperam. Ela tenta cuidar delas, mas as crianças não aceitam. Choram. Desenvolvem problemas de saúde. Rejeitam sua atenção e seus cuidados, não importa o quanto ela se esforce. Ela diz para si mesma que a falha está nas crianças. Tem de fazer isso. Porque a alternativa...

O Sr. Moore por fim compreendeu:

— A alternativa... é admitir que não possui habilidades para cuidar delas. — Ele deixou escapar um assovio baixinho. — Meu Deus... você está querendo me dizer que essa mulher estruturou toda a sua vida em torno de uma coisa que não pode *fazer*?

— Dada a maneira como, com toda probabilidade, foi criada — disse o Doutor —, que escolha ela tem? Diante de um fracasso ela precisa sempre tentar novamente, com outro candidato e com mais empenho.

— Eu me pergunto, John — acrescentou a Srta. Howard, incisiva —, se você entende o quanto é difícil de fato, o quanto é insuportável, ser mulher e reconhecer que não se tem talento para a maternidade, nesta sociedade. Em *qualquer* sociedade. De que forma a maioria das mulheres poderia reconhecer esse fato até mesmo diante de si mesmas? Ah, você pode optar por dizer que não *será* mãe... mas ver abertamente exposto que *não pode*?

O Sr. Moore precisou de um minuto para pensar; e, quando voltou à conversa, não foi muito feliz:

— Mas... bom... e por que ela *não pode*? O que... ora, o que há de *errado* com ela?

Tive certeza de ter ouvido a pistola sendo engatilhada naquele momento; mas era só a Srta.

Howard estalando a língua. Sentindo o impulso de me virar, vi os outros olhando, perplexos, para o Sr. Moore.

— Você às vezes é intolerável, de verdade, John — bufou a Srta. Howard. — Essa é uma atitude muitíssimo esclarecida. “O que há de errado com ela?” Ora, eu devia era... — Ela cerrou o punho, mas o Doutor segurou sua mão.

— Moore, se com “O que há de *errado* com ela?” na verdade você quer dizer: que *contexto* poderia ter *produzido* uma mulher assim, então é exatamente isso que precisamos determinar

— disse o Doutor. — E essa tarefa não vai ser facilitada se atribuirmos uma deficiência ou um mal à mulher. Lembre-se: como em nosso último caso, temos de tentar ver a situação através dos olhos *dela*, compreendê-la e vivenciá-la como *ela*.

— Ah. — A voz do Sr. Moore adquirira um tom que se poderia definir como contrito. —

OK. Certo.

— Chegamos à Rua 14 — anunciou Lucius. — Faltam só umas poucas quadras para a Bethune.

Dobrando na direção oeste na 14 e seguindo para a Greenwich Street começamos a desfilarmos diante das fábricas de empacotamento do bairro, onde o fedor de sangue com o passar dos anos havia se infiltrado tão profundamente em

cada pedra do calçamento e em cada edifício que até mesmo numa tarde fresca e agradável de domingo era perceptível: não exatamente um bom augúrio para o que tínhamos pela frente. Assim que passamos da Horatio Street, seguindo pela

Greenwich, as estruturas ao nosso redor voltaram a ser prédios residenciais, alguns com três ou quatro andares, alguns apenas velhas construções de dois andares com águas-furtadas que pareciam tão grandes quanto a própria casa. Árvores de idades e tamanhos variados margeavam as quadras, e alguns dos galhos estendiam-se na direção da rua, apenas para ter as extremidades quebradas pelos veículos que passavam.

À medida que atravessávamos esse cenário, começamos a discutir a estratégia que deveríamos adotar tão logo chegássemos ao número 39 da Bethune Street. O primeiro passo, sugerido pelo Doutor, era que eu fizesse Frederick parar e saltasse a fim de levantar a capota do banco da caleche. Como nem todos nós iríamos bater à porta dos Hunters — isso pareceria um tanto ridículo —, seria melhor aqueles que ficassem para trás manter-se fora das vistas.

Esses vinham a ser eu, Cyrus e pelo menos uma outra pessoa; e, quando retomamos o caminho, parecia que a Srta. Howard era a única escolha lógica. Todos concordaram em que os sargentos-detetives deveriam tomar a frente e que o Doutor deveria acompanhá-los: se a enfermeira Hunter e o marido ainda morassem no número 39 e estivessem em casa, seria melhor deixar Lucius e Marcus agirem com autoridade policial, já que era provável que a menina Linares estivesse em algum lugar da casa. Encontrá-la seria relativamente fácil. E, no caso de a criança precisar de cuidados médicos, o Doutor já estaria presente.



Por outro lado, se os Hunters ainda morassem ali, mas *não* estivessem em casa, os Isaacsons interrogariam os vizinhos sobre a provável volta do casal, enquanto o restante de nós ficaria de olhos bem abertos para a chegada deles. Por fim, se os Hunters houvessem se mudado, mais uma vez Lucius e Marcus disseram que seria melhor deixá-los mostrar seus distintivos e amedrontar os novos inquilinos ou proprietários, levando-os a dizer para onde seus predecessores tinham ido.

Como não haveria espaço para que quatro de nós nos escondêssemos na carruagem, enquanto os sargentos-detetives e o Doutor fizessem a abordagem da casa, ficou decidido que também o Sr. Moore os acompanharia. A princípio, a Srta. Howard ficou um tanto amuada por não estar incluída na delegação que iria bater à porta. Contudo, o Doutor explicou que, dado o tipo de mulher que supúnhamos fosse a enfermeira Hunter, a presença de outra mulher só serviria para jogar areia nas engrenagens de nosso progresso. Principalmente pelo que a Sra.

Hunter havia passado com as outras enfermeiras na maternidade. Não havia como a Srta.

Howard discutir diante desse argumento, portanto ela se conformou. Como consolação, eu lhe disse que cuidaria de estacionar a caleche bem perto da entrada da casa, de modo que, mesmo que ela, Cyrus e eu ficássemos escondidos debaixo da capota erguida, poderíamos monitorar o que quer que acontecesse, se e quando a enfermeira Hunter viesse receber os outros.

No fim das contas, tudo parecia bastante simples; e, quando saímos da Greenwich Street, entrando na Bethune, e mais uma vez ganhamos a visão das águas do Hudson, comecei a me perguntar qual a necessidade de toda aquela conversa

filosófica. Parecia que os sargentos-detetives iriam apenas entrar, apanhar a menina se ela lá estivesse e então, discretamente, devolvê-la à mãe. Tudo muito fácil, alguém diria.

Isso, não tardei em descobrir, era a que os alienistas se referiam quando falavam sobre

“ilusões”.

## **CAPÍTULO 16**

O número 39 da Bethune Street era uma construção de três andares com tijolos vermelhos aparentes e umas poucas jardineiras nas janelas, cheias do que parecia fazer grande esforço para vir a ser flores. Isso deveria imediatamente ter me dado uma pista do que iríamos encontrar: aquele fora um junho fresco e úmido, mas que teve também seus dias de sol e calor, e não havia razão para as plantas naquelas jardineiras mostrarem uma aparência tão desgostosa

— a menos, é claro, que alguém não soubesse como cuidar delas. Bem, dei a volta com a caleche diante do prédio e parei assim que passamos os dois ou três degrauzinhos que levavam à porta da frente. O Sr. Moore e Marcus desceram de seus postos, deixando o Doutor e Lucius saltarem. Então eu e Cyrus tomamos o lugar deles no interior da carruagem e, ao lado da Srta.

Howard, ficamos observando pela pequena chapa de vidro costurada à parte traseira da capota da carruagem. Na calçada, os dois sargentos-detetives abotoaram o casaco, deixando os distintivos à mão, e tentaram mostrar seu ar mais profissional, enquanto o Doutor e o Sr.

Moore seguiam logo atrás deles.

Todos caminharam até a porta, onde Marcus bateu, com pancadas rápidas e bruscas.

— Aqui vamos nós... — sussurrou a Srta. Howard.

Alguns minutos se passaram. Marcus tornou a bater. Podíamos ouvir uma voz gritando de um dos andares superiores: um som áspero, queixoso, que eu atribuiria a um homem na casa dos cinquenta. A voz cessou; Marcus bateu novamente.

Num movimento súbito e brusco, a porta se abriu e no vão surgiu uma figura feminina bem-proporcionada, num vestido estampado de vermelho, com um avental cinza amarrado ao pescoço e à cintura. O tecido vermelho do vestido ia até a gola de renda preta e, acima desta, via-se um rosto com o qual, a essa altura, já estávamos todos familiarizados: Era a mulher no desenho da Srta. Beaux; a mulher cuja história já conhecíamos peculiarmente bem; era a enfermeira Elspeth Hunter em pessoa.

— Meu Deus! — sussurrou Cyrus ao meu lado. Voltei-me para ele um instante para ver seu rosto cheio de espanto e preocupação. — Será que vai ser assim tão fácil...?

No alto do pequeno alpendre, que não estava a mais de três metros de nós, os brilhantes olhos dourados da enfermeira Hunter pousaram de rosto em rosto, assimilando os homens à sua frente com uma expressão que dizia que seu cérebro estava trabalhando velozmente em toda uma série de problemas. Ela começou a enxugar as mãos molhadas no avental, e no momento em que eu esperava que sucumbisse com uma expressão de choque e alarme, ela sorriu: delicada e lentamente, e de modo muito, muito faceiro.

— *Ora...* — disse ela baixinho, num tom de voz complexo que combinava bem com seu rosto. Então suas mãos subiram para ajeitar o cabelo castanho espesso e bonito. — De repente fiquei muito popular. Posso fazer alguma coisa por vocês... *cavalheiros*? — O sotaque não era

o que eu esperara: não havia aquele tom arrastado típico da Nova Inglaterra, mas percebia-se um vestígio provinciano.

Marcus tomou a frente.

— Boa tarde. Estou certo em supor que é a Sra. Elspeth Hunter?

— Está — respondeu ela devagar, olhando Marcus de cima a baixo e franzindo os lábios.

— Supôs corretamente, senhor...

Ele ergueu o distintivo.

— Sargento-detetive Marcus Isaacson. Do Departamento de Polícia de Nova York.

A enfermeira Hunter examinou o distintivo sem piscar; se ela era quem estávamos procurando, então era mais fria que qualquer vigarista que eu tivesse visto durante meus anos de atividade no ramo.

— Sei — replicou ela, sem nunca deixar morrer o sorriso levemente coquete. — E esta é a sua tropa, sargento-detetive? — perguntou, voltando-se para Lucius e alargando o sorriso.

Era como se ela soubesse que Lucius começaria a se sentir constrangido com o flerte, como de fato aconteceu.

— Eu, hã... — ele ergueu o distintivo —, sou o sargento-detetive Lucius Isaacson.

Também do Departamento de Polícia de Nova York.

— Vocês não são *irmãos*? — exclamou a enfermeira Hunter, os olhos dourados dançando de um para o outro. — Que maravilha! E eles deixam vocês trabalharem juntos também! Mas vocês não são absolutamente o que eu esperaria... Pensei que os policiais nova-iorquinos fossem todos chamados Mahoney e que tivessem bigodes imensos.

— Os Isaacsons deram uma risadinha; era exatamente o tipo de piada com que se conseguia impressioná-los.

Os modos da enfermeira Hunter tornaram-se bem menos brincalhões quando ela olhou, além dos sargentos-detetives, para o Sr. Moore e o Doutor.

— E estes cavalheiros? — indagou ela. — Não podem ser da polícia.

— Não — respondeu Marcus. — Eles estão... nos dando assistência num caso. O Sr. John Schuyler Moore e o Dr. Laszlo Kreizler.

O rosto tornando-se grave com o que aparentemente era admiração e humildade autênticas, a enfermeira Hunter dirigiu seu olhar iluminado de sol para os olhos negros do Dr. Kreizler.

— Eu... não sei o que dizer... — Suas palavras pareciam sair com genuína dificuldade. —

Conheço o seu trabalho, naturalmente, Doutor. Eu era enfermeira, sabe, na Maternidade de Nova York, descendo um pouco a rua, perto de sua...

— Sim, eu sei — respondeu o Doutor com frieza, parecendo perturbado por a conversa estar se prolongando tanto.

— Espero que o senhor não pese esse fato contra mim — continuou a enfermeira. — Sei que o Dr. Markoe pensava... bem, eu mesma li algumas de suas monografias e as achei extremamente interessantes.

O Doutor limitou-se a fazer uma leve mesura, e mesmo assim só com a cabeça; mas, ainda que estivesse óbvio que ele tinha consciência de que ela estava tentando atingi-lo

de alguma forma, também era óbvio que ela havia de fato atingido.

Quando a enfermeira Hunter voltou-se para o Sr. Moore, seu rosto permaneceu grave por alguns segundos; então exibiu outro de seus sorrisos coquetes, que logo se transformou numa expressão abertamente provocadora.

— E o Sr. Moore...?

Ele retribuiu o sorriso, em seguida lhe mostrou o cartão, como um amador, o que decididamente não era.

— *New York Times* — disse, estendendo a mão.

Dentro da caleche, a Srta. Howard deixou escapar um assovio de perplexidade.

— Raios me partam! — murmurou ela. — Todos os quatro... ela é esperta, com certeza.

— Que sotaque é esse? — perguntei baixinho. — Não consigo identificar... Não é da Nova Inglaterra, mas também não é daqui.

— Não — concordou a Srta. Howard, sussurrando e assentindo com a cabeça, sorridente.

— É do norte do estado... da minha região, talvez um pouquinho mais ao norte. É, já ouvi esse tipo de voz antes...

Enquanto isso, à porta, o Doutor pigarreava.

— Sargento-detetive — disse ele —, acho que é melhor irmos direto ao assunto que nos trouxe aqui.

— Ah, é. Sra. Hunter, temos razões para acreditar... — começou Marcus.

— Por favor — interrompeu-o ela, dirigindo a Marcus o mesmo tipo de sorriso brincalhão que lhe oferecera antes. Em seguida, ergueu a mão, fazendo um gesto na direção do interior da casa. — Seja lá o que for, tenho certeza de que ficaremos mais à vontade conversando enquanto tomamos um chá.

Como num movimento ensaiado, os quatro homens na entrada da casa e nós três na carruagem nos entreolhamos, em estado de choque. Havíamos conspirado e planejado tão detalhadamente como entrar na casa, a fim de descobrir se a menina Linares ali se encontrava, que o convite explícito representou para nós um soco na boca do estômago.

— *O quê?* — sussurrou a Srta. Howard quando conseguiu falar.

— *Chá?* — acrescentou Cyrus, igualmente perplexo.

— Espero que eles sejam espertos o bastante para não tomar — foi tudo que me ocorreu dizer.

A enfermeira Hunter continuou parada no vão da porta, aguardando uma resposta; finalmente, Lucius conseguiu dizer:

— Senhora, não sei se compreende de fato a natureza da...

— Sargento-detetive — cortou ela, numa voz que era em parte maternal, mas que ainda guardava um tom jocoso. — Como suspeito que saibam, nos últimos anos tenho vivido problemas suficientes para perceber que vocês não podem ter sido trazidos aqui por um assunto agradável. Só estou sugerindo que ajamos da forma mais civilizada possível. É só isso.



Confuso, Lucius olhou para o Doutor, que se limitou a pesar a questão por um momento com a expressão pétrea. Em seguida, deu de ombros e fez um gesto afirmativo com a cabeça para o sargento-detetive, de uma forma que parecia dizer: se ela quer facilitar a situação para nós...

— Ah, meu Deus — sussurrou a Srta. Howard. — Eles vão entrar mesmo.

Os quatro homens começaram a entrar na casa em fila, o Doutor vindo por último. Quando ele transpôs a soleira, a enfermeira Hunter tocou seu ombro, mais uma vez dirigindo-se a ele com o que parecia um respeito de todo autêntico.

— Ah, hum... Doutor?

Ele voltou-se e ela olhou para nós três na carruagem; não em nossa direção, mas diretamente para nós.

— O senhor não gostaria que seus amigos entrassem também? Não quero parecer descortês...

O Doutor olhou de relance para nós, apanhado desprevenido por um breve instante; entretanto, apanhar o Doutor assim, mesmo que só por um instante, era um truque muito hábil.

— Ah — disse ele. — Não, creio que não. São meus criados. Vão ficar bem.

Dizendo isso, ele entrou.

A enfermeira Hunter olhou uma vez rua abaixo, para as bandas do rio, e outra vez na direção leste. Levantou o braço, parecendo acenar para alguém a distância e, em

seguida, voltou os olhos diretamente para nós na carruagem.

Todos os seus sorrisos e respeito haviam desaparecido; e, pela primeira vez, pude ver a crueldade inclemente e até mesmo homicida naqueles olhos cor de mel. Aquela visão por si só teria sido bastante para me deixar inquieto; mas, quando olhei à frente, a quadra seguinte, curioso em saber para quem ou o quê a enfermeira Hunter acenara, minha sensação de inquietude transformou-se de súbito num medo mais profundo e muito mais imediato.

Caminhando em nossa direção, com o andar agitado que caracteriza os consumidores de pó declarados, viam-se várias figuras: uma delas a de um adulto; as outras, de garotos poucos anos mais velhos do que eu. O homem era de estatura mediana e modos rudes e arrogantes, enquanto os garotos — todos vestidos em farrapos — balançavam seus porretes e velhos cabos de machado, de uma maneira que indicava claramente que tinham estado procurando encrenca e acreditavam, agora, ter acabado de encontrá-la. À medida que se aproximavam, fui distinguindo os detalhes do rosto do homem — o sorriso torto e doentio, e os olhos brilhantes e ensandecidos — e me dei conta, com uma onda de horror, de que o conhecia: Aquele era Ding Dong, entupido de cocaína como eu jamais tinha visto. Os garotos que o seguiam pareciam encontrar-se no mesmo estado. E, assim como a enfermeira Hunter fizera, todos olhavam diretamente para nós, e em suas expressões não havia a promessa de nada de bom.

Recostei-me no banco, querendo dar um alarme de urgência; mas, por algum motivo, tudo que saiu foi:

— Ah, merda!

## CAPÍTULO 17

— Quem são eles? — perguntou a Srta. Howard, minha pequena explosão de vulgaridade tendo-a feito desviar a atenção da casa da enfermeira Hunter.

— Amigos seus, Stevie? — indagou Cyrus, a voz muito tranquila; porém, quando as palavras ainda saíam de sua boca, ele já deslizava os dedos da mão direita por um soco-inglês que costumava carregar no bolso do casaco. Então, casualmente, a mão tornou a desaparecer de vista.

— Não exatamente — respondi. — Na verdade, conheço o idiota sorridente que vem na frente. Aquele é Ding Dong... é quem toma conta dos garotos dos Hudson Dusters.

— *Ding Dong?* — espantou-se a Srta. Howard, sorrindo em meio ao próprio nervosismo.

— Esse não pode ser o nome dele *de verdade*.

— Mas é, senhorita — repliquei. — E ele já fez soar uma campainha nos ouvidos de muita gente para merecê-lo.

— E o que eles podem querer *conosco?* — perguntou-se ela, a mão abrindo caminho em meio às dobras do vestido, para meu grande alívio.

— Não sei — disse eu —, mas me pareceu que essa tal Sra. Hunter fez sinal para eles. O

que quer que esteja acontecendo, Srta. Howard, é melhor manter essa pistola à mão.

O grupo dos Dusters chegava mais perto, e o sorriso semiensandecido de Ding Dong —

que tantas mulheres (Kat, ao que parecia, incluindo-se entre elas) achavam tão inexplicavelmente irresistível — ampliou-se ainda mais quando, ao ver a carruagem, se deu conta de que eu estava entre os ocupantes. Tentei manter os olhos afastados dele e fixos nos outros; e, não gostando muito dos olhares malignos que os garotos lançavam a Frederick, engoli meu medo pouco antes de nos alcançarem, saltei da carruagem e corri para segurar as rédeas do cavalo.

Ding Dong parou à minha frente e pôs as mãos nos quadris, enquanto Cyrus — que também pulara para o chão — contornava cuidadosamente o flanco de Frederick voltado para o meio-fio.

— Disseram que era verdade — riu Ding Dong, os olhos parecendo mais enlouquecidos a cada instante. — Disseram que era verdade, mas não acreditei... Stevepipe trabalhando como menino de recados! Está gostando de recolher a merda deste cavalo, Stevie?

Olhei de Ding Dong para os garotos.

— Mais do que eu gostaria de recolher a sua — respondi, e uns dois camaradas com porretes fizeram um movimento na minha direção.

Ding Dong, porém, ergueu os braços e deu uma gargalhada.

— Você sempre teve a língua afiada, Stevie — disse ele. — E, quando segurava um pedaço de cano, também tinha as mãos rápidas. Eu... hã... não creio que você tenha um agora, hein?

Antes que eu pudesse responder, Cyrus deu a volta pelo outro lado da cabeça de Frederick.

— Ele não precisa — disse meu amigo, a mão direita ainda no bolso do casaco. — Que tal você nos dizer o que deseja?

O sorriso de Ding Dong pareceu ampliar-se ainda mais, enquanto ele estudava Cyrus por um instante.

— Esse é um crioulo e tanto, Stevie — observou. — De que jaula de macacos *ele* saiu?

Ding Dong e os garotos deram uma risada, parecendo acreditar que Cyrus fosse reagir ao insulto, e então mostrando-se decepcionados quando ele nada fez.

— O que você *quer*, Ding Dong? — perguntei.

O sorriso de todos os Dusters começou a apagar-se e eles deram alguns passos em nossa direção.

— A questão, Stevepipe — disse Ding Dong —, é o que você quer. Quem deu permissão para você vir bisbilhotar essa casa?

— É da *sua* conta? — repliquei. — Por quê?

Ding Dong deu de ombros.

— Território dos Dusters... isso já basta.

Eu o olhei atentamente.

— Não... não basta. Qual o seu *verdadeiro* motivo?

O sorriso de Ding Dong voltou.

— Sempre esperto, seu patifezinho. Quem sabe eu não queira te dar o troco por quase arrebentar meu braço no nosso último encontro?

Ignorei esse comentário, ainda tentando entender como eles tinham vindo parar onde estávamos naquele exato momento.

— Você não sabia quem estava na carruagem quando veio descendo a rua — disse eu, pensando em voz alta. — A mulher que está lá dentro, ela fez sinal para você... por quê?

Quando os garotos retesaram os músculos e começaram a bater os porretes nas mãos abertas, Ding Dong veio se aproximando de mim lentamente.

— É melhor não mexer com essa mulher, Stevepipe, ouviu bem? Estou te dando um bom conselho, de verdade: fique longe dela e da casa dela também.

Há ocasiões em que aqueles que nascem com o que se costuma chamar língua ferina simplesmente não conseguem controlá-la. Por um segundo pensei em Kat; depois dirigi um sorrisinho perverso a Ding Dong.

— Não venha me dizer que ela é uma de *suas* garotas, Ding Dong — eu disse. — Você só tocaria uma mulher com mais de quatorze anos se ela fosse sua *mãe*.

Com isso, o sorriso de Ding Dong esvaiu-se e ele brandiu o porrete com força na direção da minha cabeça. Eu me abaixei, passando por debaixo de Frederick e indo em busca do chicote que ficava ao lado do assento do cocheiro. Ding Dong veio atrás de mim e então Cyrus postou-se na frente dos outros garotos, agitando o soco-inglês. Antes que começasse a troca de golpes, porém, a Srta. Howard saltou da carruagem, agarrou Ding Dong pelos cabelos e apertou o cano roliço da pistola com força de encontro à cabeça dele.

— Parem, agora! — gritou ela para os outros Dusters. — Todos vocês! Vão embora!

Estamos aqui a serviço da polícia!

Ding Dong tinha juízo para não tentar tomar a arma, mas ainda assim deixou escapar uma risada.

— “A serviço da polícia”? Uma pistoleira, um crioulo e um garoto? Eu nasci pela manhã, irmã, mas não foi na manhã de *ontem*...

Ding Dong gemeu quando a Srta. Howard bateu com a arma em sua cabeça, com força, voltando então a pressionar o cano perto da orelha.

— Se der mais uma palavra, vai ouvir uma bala calibre quarenta e um chocalhando dentro de seu crânio vazio! Agora diga a seus amigos que se *afastem*!

Sibilando de dor, Ding Dong assentiu.

— OK, garotos... Acho que já nos entenderam. Não há mais motivos para continuar aqui.

Os outros Dusters recuaram, relutantes, e Cyrus deixou a mão direita cair um pouco.

Mantive o chicote no alto, porém, conhecendo aqueles tipos melhor do que meus amigos, e ciente de que não estaríamos de fato seguros até que estivessem fora de nosso campo de visão.

A Srta. Howard empurrou Ding Dong na direção dos companheiros com um movimento brusco que o fez cambalear e então sorrir novamente.

— Durona a cadela, não é? — disse ele. — Vou me lembrar disso. E quanto a vocês todos, lembrem-se do que eu disse: fiquem longe desta casa e nunca... Jimmy!

Num movimento súbito, que tenho certeza já haviam praticado muitas vezes em situações semelhantes, um dos Dusters rapidamente atirou o cabo de machado para Ding Dong, que passou por Cyrus em disparada e atingiu com força as ancas de Frederick com a parte plana da madeira. O cavalo empinou com a dor e a confusão, e então, em grupo, os Dusters atacaram Cyrus, isolado do lado esquerdo de Frederick. Ding Dong conseguiu desferir um golpe forte com o cabo do machado nas costelas de Cyrus, enquanto outro dos meninos o atingia no peito com o porrete. O garoto agora desarmado chamado Jimmy pagou por tudo isso recebendo o soco-inglês na cara e Cyrus desviou-se de outro golpe de um terceiro delinquente.

A essa altura a Srta. Howard já dera a volta, aproximando-se deles, e ameaçava atirar, enquanto eu passava por baixo do ainda frenético Frederick e agitava o chicote, fustigando com ele o rosto de Ding Dong. Abri-lhe um belo buraco na bochecha esquerda, fazendo-o cair apoiado num joelho. Entretanto, antes que eu pudesse me regozijar, virei-me a tempo de ver que um dos Dusters abrira uma corrida suicida na direção da Srta. Howard, impossibilitando-a de fazer mira contra os companheiros, enquanto um outro já se encontrava pronto a desferir um golpe feroz e talvez letal na cabeça de Cyrus com uma prancha de madeira.

— Cyrus! — gritei e corri em direção ao Duster... mas sabia que era tarde demais. A madeira estava prestes a descer e o cacarejo insano e sedento de sangue que o garoto soltou indicava a força que teria a pancada. Num lampejo que mal se pôde perceber, porém...



Toda a fúria desapareceu do rosto do Duster e seus olhos se arregalaram. Ele fez uma pausa, os braços erguidos no ar, e então seu queixo despencou numa expressão de completa confusão. Ele conseguiu gritar: “*Ding Dong?* ” — assim mesmo, como uma pergunta — antes de cair, encolhido, no chão.

Aquilo foi tão estranho que todos pararam alguns segundos para assistir — com minha exceção. De todos, somente eu podia ver além do Duster caído, e rapidamente examinei a rua à nossa volta. Minha cabeça moveu-se a tempo de ver dobrar a esquina correndo um garotinho

negro — de uns dez anos, talvez, a julgar pelo tamanho, de cabeleira basta e usando roupas grandes demais para ele.

Ding Dong correu para o garoto caído, que a essa altura estava inconsciente. A Srta.

Howard por fim conseguiu, com a pistola, fazer com que o Duster que a atacava recuasse, enquanto Cyrus se preparava para disparar mais um golpe rápido do soco-ínglês contra Jimmy, que dessa vez teve o bom senso de fugir. Ding Dong virou o corpo inconsciente do Duster caído e puxou alguma coisa da parte posterior de sua perna.

— Que diabos...? — murmurou ele, voltando-se para mim.

Ele segurava um graveto liso e reto, de cerca de 25 centímetros — e era evidente que Ding Dong deduzira que eu havia espetado o garoto com aquilo.

— Que diabos você fez com ele, Stevie, seu miserável...?

Então correu em minha direção, mas nesse momento a Srta. Howard disparou a pistola para o alto. Isso foi o suficiente para os Dusters, que corretamente calcularam que ela

estivesse furiosa o bastante a essa altura para disparar outra vez a arma, imediatamente engatilhada.

Como a desgraçada matilha de cães enraivecidos que eram, todos se moveram como se fossem um só, a fim de carregar o companheiro inconsciente, e então Ding Dong atirou o graveto no chão à minha frente.

— Vou me lembrar disto, Stevie — disse ele baixinho, agora sem sorrir. — Vou me lembrar disto quando estiver dando uma boa trepada com Kat esta noite!

Com essas palavras foi a minha vez de disparar contra ele como louco; Cyrus, porém, segurou-me com os braços enormes e nada pude fazer senão ficar observando Ding Dong rir e desaparecer na esquina da Greenwich Street com seus garotos.

— E não se esqueçam! — ouvi quando ele gritou a uma quadra dali. — Fiquem longe dessa casa... e dessa mulher!

O disparo havia trazido os Isaacsons, o Doutor e o Sr. Moore para a rua, enquanto a enfermeira Hunter ficava parada na soleira da porta, fingindo-se chocada e horrorizada com o que estava acontecendo. Todos conseguimos nos acalmar, embora no meu caso isso fosse muito difícil, e, quando o Doutor perguntou à Srta. Howard o que havia se passado, ela limitou-se a dizer em voz baixa:

— Mais tarde, Doutor. Suponho que a menina não esteja aí, não é?

O Doutor a olhou um pouco surpreso.

— Supôs corretamente. Como?

— Essa história toda é mais complicada do que parece — respondeu ela, enquanto me instruía a apanhar o graveto que atingira o Duster. — E precisamos cair fora daqui. *Agora.*

O Doutor assentiu com a cabeça. Então os quatro homens tornaram a se aproximar da enfermeira Hunter, que viera para a calçada.

— Algum de vocês foi ferido, Doutor? — perguntou ela, ainda parecendo muito preocupada. — Posso ajudar? Tenho algumas ataduras lá dentro...

— Não, Sra. Hunter — disse ele, com severidade.

— Há alguns tipos muito perigosos nestas redondezas. — Os olhos cor de mel da enfermeira fixaram-se nos do Doutor por tempo suficiente para revelar que suas próximas palavras eram sinceras: — Talvez fosse melhor vocês irem, antes que eles voltem com os amigos.

O Doutor fez uma pausa, estudando-a.

— É — disse ele. — Talvez fosse.

— Vamos, pessoal, *agora!* — chamou-nos Marcus. — Se conheço os Dusters, eles *irão* voltar, e em grande número.

Começamos a nos amontoar de volta na caleche — todos, exceto o Doutor. Ele ficou parado olhando a enfermeira Hunter, esperando que dissesse mais alguma coisa. Ela não se abateu sob o seu olhar; e, após alguns segundos, simplesmente arqueou uma sobrancelha, esboçou um sorriso e disse:

— Lamento não ter podido ajudar em sua investigação.

O Doutor hesitou por um segundo antes de responder:

— Ah, mas ajudou, sim, Sra. Hunter. Ajudou, sim. — Ele deu um passo em sua direção e ela recuou também um passo, pela primeira vez parecendo não ter o controle total da situação.

— Nossa visita foi muito esclarecedora. E iremos continuar nosso trabalho. Pode contar... ou melhor, *tenha certeza* disso.

Finalmente ele virou-se e subiu na caleche. Assim que entrou, vi a enfermeira Hunter girar sobre os calcanhares, uma expressão letal tomando conta de seu rosto, e então entrar, passando impetuosamente pela porta e fechando-a com uma pancada forte.

Frederick agora já estava mais calmo, mas não seria preciso muito para instigá-lo outra vez. Assim, não sacudi as rédeas como forma de lhe dizer que começasse a andar; apenas estalei a língua e deixei-o adotar a marcha de sua escolha, sabendo que essa liberdade faria passar o que ainda lhe restava do susto. Para nós humanos, porém, essa tarefa seria bem mais difícil. No espaço de uns dez minutos, uma enormidade de fatos ocorrera, embora nenhum de nós por enquanto soubesse avaliar a sua extensão; tampouco alguém se encontrava em condições de lançar-se a qualquer outra coisa além de um breve relato dos fatos, tão assustadoras haviam sido nossas várias experiências.

A primeira medida a tomar, ao atravessarmos a Hudson Street, saindo do território dos Dusters, era uma questão mais prática: certificar-nos de que os golpes que Cyrus recebera não eram sérios. Em razão da grande afeição que todos tinham por ele, essa veio a ser uma distração eficaz e

tranquilizante. Cyrus e o Sr. Moore trocaram de lugar na carruagem — o Sr.

Moore vindo sentar-se ao meu lado no alto — para que o Doutor pudesse fazer um rápido exame das costelas e do peito de Cyrus, enquanto os outros perguntavam, ansiosos, como se sentia. Ele estava machucado, de fato, mas não havia ossos quebrados, graças às densas camadas de músculo que protegiam seus ossos. Tivera muita sorte — na verdade, todos que ficamos ali fora, na rua, tivemos, considerando-se os tipos que enfrentáramos. Quanto ao possível interesse que Ding Dong e os Hudson Dusters pudessem ter em Elspeth Hunter ou em sua casa, essa era, naturalmente, apenas uma das centenas de perguntas que haviam surgido, inesperadamente, como espíritos maléficos, durante nossa breve parada na Bethune Street; e, sem demora, os adultos decidiram que precisavam de uma bebida forte e talvez um pouco de comida antes de começar a peneirar tudo aquilo. A manhã agradável se transformara numa finda tarde, com um vento norte fresco mantendo a temperatura por volta dos 20° C. Em vista dessas condições, determinamos seguir mais uma vez para a atmosfera segura e convidativa do terraço ao ar livre do Café Lafayette, a fim de digerir o almoço, assim como nossas façanhas.

## **CAPÍTULO 18**

Quando entramos no Lafayette e chegamos à mesa na varanda coberta de folhagens, todos já nos havíamos recobrado o suficiente para começar a sorrir e até mesmo para rir um pouco do que tínhamos passado.

— Pois bem! — disse a Srta. Howard com um suspiro profundo e atônito, enquanto se sentava e recebia um cardápio das mãos do garçom. — Detesto ser a primeira a

fazer perguntas estúpidas, mas, se Ana Linares não está na casa da enfermeira Hunter, onde *está* afinal?

— Não sei — respondeu Marcus —, mas percorremos cada centímetro de cada piso daquela casa...

— Inclusive do porão — acrescentou Lucius, examinando o cardápio.

— ... e não havia o menor sinal de um bebê. — Marcus descansou a cabeça numa das mãos, num gesto de cansaço e perplexidade. — Absolutamente nenhum sinal.

— A única coisa que posso sugerir — disse o Sr. Moore, apanhando a carta de vinhos —, diante do que aconteceu com vocês três na rua, é que os Dusters estão metidos nisso, e escondem a menina em algum lugar.

Eu sentara no chão e começara a me arrastar em meio a uns arbustos de folhagens que cresciam ao longo do corrimão de ferro na extremidade da varanda (os garçons, afáveis, em geral me deixavam fazer isso); as palavras do Sr. Moore, no entanto, me detiveram.

— Os Dusters? — perguntei, surpreso. — *Nesse* tipo de coisa?

— Por que não? — replicou o Sr. Moore. — Acha que eles estão acima do sequestro, Stevie?

Senti-me um pouco como um peixe fora d'água, sem nada dizer, e olhei para o Doutor em busca de apoio; mas ele tinha o olhar fixo no tampo da mesa.

— Bem — respondi, inseguro —, não exatamente *acima*, não... apenas... bem, *estúpidos* demais para isso, é o que eu quis dizer. Ou loucos demais.

Lucius assentiu, balançando a cabeça diversas vezes.

— Stevie tem razão. Organização e planejamento não são o forte dos Dusters. É por isso que as outras gangues não mexem com eles: por não controlarem nenhuma operação que entre em choque com a delas ou de que algum outro grupo queira se apoderar. Eles são delinquentes e desordeiros... Não planejam sequestros e chantagens.

O Doutor falou com a voz firme, sem erguer os olhos.

— A menina está na casa daquela mulher. Posso apostar tudo nisso.

O Sr. Moore deixou escapar um silvo.

— Kreizler, você esteve lá... Ela nos deixou percorrer a porcaria da casa toda.

— E então? — perguntou a Srta. Howard.

— Então, a única outra pessoa que mora lá é o marido. Que deve ser uns quinze anos mais velho que ela e é semi-inválido. Foi ferido na Guerra Civil quando jovem, obviamente, e nunca

se recuperou.

— Ele se recuperou, sim — disse o Doutor, um tanto exasperado. — Ou pelo menos de seus ferimentos. O que lhe restou da guerra foi o vício em opiatos.

Marcus parecia confuso.

— Mas ele não se levanta da cama. E a mulher dele disse que...

— Aquela mulher não conseguiria falar uma só verdade ainda que sua vida dependesse disso — retrucou o Doutor.  
— Quanto ao fato de ele viver na cama, se eu tomasse tantas injeções de morfina quanto ele, também não me levantaria. Vocês não perceberam as marcas nos braços e o cheiro no quarto?

— Percebi — respondeu Lucius, recebendo um olhar aborrecido de seu irmão pela interrupção. — Bem, estava perfeitamente claro, Marcus... O homem vem tomando injeções de morfina há anos.

— Com a ajuda da mulher, disso não duvido — acrescentou o Dr. Kreizler. — A boa enfermeira Hunter.

— E o que me dizem dela? — indagou a Srta. Howard. — Como agiu depois que vocês entraram? Porque uma coisa tenho de dizer: ela fez o que quis com vocês na entrada.

Os outros pareceram constrangidos com o comentário, mas o Doutor desfez a carranca e deu uma risada.

— É verdade, Sara! Eu sabia o que estava acontecendo, mas ainda assim, no início, não consegui evitar.

— Então, como ela faz isso? — insistiu a Srta. Howard. — Que estilo adotou assim que os viu em seu covil?

— Bem... vou lhe dizer só uma coisa... — O Sr. Moore pôs de lado tanto a carta de vinhos quanto o cardápio, pronto para fazer seu pedido, mas apesar do tom de voz e dos modos aparentemente confiantes, parecia um pouco inseguro do que estava prestes a dizer. — Sei que você detesta quando os homens censuram a linguagem em sua presença, Sara, assim vou ser bem franco: eu não saberia dizer se aquela mulher queria foder comigo ou me matar.



Com isso Lucius engasgou, cuspidando a água que estava bebendo na parede externa do restaurante, onde o jato atingiu os tijolos acima de uma mesa que, felizmente, estava vazia.

Todos começaram a gargalhar e, quando o garçom se aproximou, não foi tarefa fácil para ele conseguir extrair pedidos coerentes do grupo. No fim, o garçom também começou a rir, sem saber por quê, e, ao voltar para a cozinha, ainda não tinha se controlado.

— Meu Deus, John — disse a Srta. Howard, tentando acalmar-se. — Sei que pedi a todos vocês que fossem francos na minha presença, mas...

— Ora, ora — interveio o Doutor, defendendo o Sr. Moore. — Não se pode ter as duas coisas, minha querida Sara. Ou você opta pela franqueza de John, ou não. — O Doutor, ainda rindo, pousou a mão nas costas do Sr. Moore. — Seus talentos estão mesmo sendo desperdiçados no *Times*, Moore. Uma declaração tão colorida e impublicável quanto exata.

Elsbeth Hunter é uma série interminável de aparentes paradoxos... alguns deles, inquestionavelmente, dotados de dimensões letais.

— E o senhor acredita mesmo que a criança esteja naquela casa, Doutor? — perguntou Marcus, secando dos olhos algumas lágrimas de riso com o guardanapo. — Mesmo depois de a termos revistado completamente, com a permissão da Sra. Hunter?

— Lembre-se de que investigamos na casa somente o que estava visível a olho nu — disse o Doutor, enquanto chegavam à mesa um vinho branco para os adultos e uma garrafa de refrigerante Hires para mim.

Marcus pareceu ainda mais perplexo.

— O que o senhor quer dizer?

Mas o Doutor dirigiu sua pergunta seguinte a Lucius.

— Sargento-detetive, se alguém suspeitasse que o número 39 da Bethune Street houvesse sido recentemente... *modificado* em sua estrutura, de uma forma que não sabemos e que não pudemos perceber, como essa pessoa poderia confirmar ou eliminar a suspeita?

Lucius deu de ombros, tomando um gole do vinho servido pelo Sr. Moore.

— Mesmo que ela pretendesse usar o espaço com propósitos criminosos, precisaria de uma licença de construção, caso se tratasse de uma reforma estrutural. Caso contrário, logo haveria inspetores por toda parte e sua casa seria interditada. Assim, é preciso ir à cidade, verificar os registros. Nada complicado.

O Sr. Moore deu uma risadinha.

— Em que está pensando, Kreizler? Que a mulher construiu um cômodo secreto na casa, onde mantém o bebê entocado?

O Doutor ignorou o comentário e continuou falando com Lucius.

— Mas os registros seriam específicos? Refiro-me ao trabalho realizado.

— Razoavelmente. Dariam pelo menos uma indicação. Por quê, Doutor?

Nesse momento, o Dr. Kreizler voltou-se para o ainda sorridente Sr. Moore, cuja expressão de súbito se tornou séria, enquanto fixava os olhos com obstinada determinação numa enorme travessa de prata repleta de ostras, que fora colocada no centro da mesa.

— Nem sequer *pense* nisso, Kreizler — disse ele. — Já gastei minhas solas de sapato. Não vou atrás de nenhuma ideia maluca que tirou de algum folhetim...

— Não tenha medo, Moore — replicou o Doutor. — Você terá Sara por companhia. — A Srta. Howard, que acabara de apanhar uma das ostras, não pareceu muito satisfeita, mas deixou escapar um suspiro de resignação. — Além disso — prosseguiu o Doutor —, duvido muito que gostassem da outra tarefa a ser realizada, nem tampouco vocês possuem os distintivos profissionais necessários para completá-la.

Lucius acabava de engolir uma ostra e, quando estendi a mão para apanhar uma para mim, eu o vi com um repentino ar de preocupação.

— Oh-oh — murmurou ele.

O Doutor assentiu.

— Mais uma... qual foi mesmo a expressão que você usou, Marcus? Mais uma “olhada”, acho. Precisamos saber por que os Hudson Dusters têm tanto interesse nas atividades que se passam no número 39 da Bethune Street e imediações. Eu sugeriria o patrulhamento da área deles por algumas noites, atormentando um ou dois dos membros menos ameaçadores da gangue. Não precisam empregar as táticas de tortura de nosso velho amigo inspetor Byrne, embora a ameaça de um tal tratamento possa...

— Entendemos, Doutor — respondeu Marcus. — Não deve ser um trabalho muito difícil.

— Ele voltou-se para o irmão. — Mas não esqueça seu revólver, Lucius.

— Como se eu fosse esquecê-lo — retrucou Lucius, contrafeito. — E quanto ao senhor, Doutor? Onde vai estar? Aprofundando suas pesquisas psicológicas?

— Se achasse que isso ajudaria, sim — disse o Doutor, engolindo uma ostra e tomando um gole do vinho. — E talvez haja mesmo uma mulher ou duas na Blackwells Island a quem uma visita nesse sentido poderia vir a ser útil. Mas há outro mistério que me preocupa mais de imediato. — Ele voltou-se para Cyrus e em seguida olhou para o chão, tentando me localizar.

— Stevie, venha aqui um minuto. — Obedeci à ordem, sorvendo ruidosamente o restante do suco ao mesmo tempo salgado e doce da concha de uma ostra, no instante em que me punha de pé ao lado de Cyrus. — Onde está o graveto? O que você disse que Ding Dong encontrou cravado no garoto da gangue atingido.

Eu esquecera por completo da coisa e rapidamente ergui um dedo; em seguida, saltei sobre o parapeito de ferro do pátio, corri até a caleche e olhei debaixo do assento do cocheiro.

Felizmente para mim, o graveto ainda estava ali. Eu o apanhei, tornei a saltar sobre o parapeito e entreguei ao Doutor o objeto ao mesmo tempo simples e estranho.

— Agora temos uma coincidência muitíssimo incomum — disse ele, examinando o graveto. — Na noite em que a faca filipina cravou-se na porta do número 808 da Broadway,

Cyrus disse que a única pessoa que ele viu foi um garoto dobrando a esquina em disparada.

— Isso mesmo — afirmou Cyrus. — Parecia ter uns dez, onze anos.

— E, Stevie, você diz que viu um garoto aproximadamente da mesma idade desaparecendo na Bethune Street logo depois que o Duster caiu?

— Vi. Mas esse garoto era negro... com certeza. Havia luz suficiente para eu ver.

O Doutor assentiu e apanhei outra ostra antes que os outros acabassem com elas.

— Cyrus, saberia dizer a etnia do menino que você viu? — perguntou o Dr. Kreizler.

Cyrus abanou a cabeça.

— Estava escuro demais. Mas ele *poderia* mesmo ser negro, não posso excluir essa possibilidade.

— E quanto ao traje dele?

— Normal, para um garoto de rua — respondeu Cyrus, dando de ombros. — Roupas largas... refugos, era o que pareciam.

— Ou, como disse Stevie, num tamanho maior que o dele?

— É possível.

O Doutor assentiu, embora em seu rosto não houvesse certeza; em seguida, ele voltou a examinar o graveto.

— Ou o mesmo garoto ou, então, dois, aparecendo em momentos críticos desta investigação. A primeira vez, num evento hostil, ou que pelo menos tinha a intenção de servir como aviso. A segunda, ao contrário... — Alguma coisa pareceu chamar a atenção do Doutor, cujo nariz começou a se franzir acima do bigode, como o de um coelho. — O que é isso?

O Sr. Moore levantou a cabeça e olhou ao redor, enquanto um garçom vinha levar a bandeja de ostras vazia.

— O que é o quê?

— Esse... *cheiro* — respondeu o Doutor. Olhou à sua volta e seus olhos voltaram ao graveto, que ele então aproximou do rosto, sacudindo a extremidade pontiaguda debaixo do nariz. — Humm... exato, inconfundível. Clorofórmio... — Ele tornou a cheirar o objeto. — E

alguma coisa mais... — Incapaz de identificar o outro cheiro, entregou o graveto a Lucius, enquanto chegavam mais pratos de comida. — Sargento-detetive? — chamou, quase espetando um belo pedaço de salmão *sauté* que Lucius havia pedido. — Consegue identificá-lo?

Lucius apanhou o graveto, mantendo-o a uma distância segura de seu peixe com vagem e batatas. Em seguida, aproximou o nariz da ponta do palito.

— É — disse, enquanto pensava —, estou sentindo o clorofórmio, sim. E o outro... — Seu rosto de repente iluminou-se, passando então a um ar de preocupação alvoroçada. — Stevie, você diria que o Duster estava morto quando eles o levaram?

— Morto? — repeti, recebendo do garçom o meu prato favorito: bife grelhado com batatas fritas. Então voltei à

minha pequena caverna verde. — Não. Inconsciente, sim, mas... estava respirando, sim senhor.

Lucius cheirou o graveto mais uma vez e então o entregou ao irmão.

— Nesse caso, supondo-se que ele *continue* respirando, quem quer que tenha atirado isso é tão perito quanto nosso homem da faca.

Marcus deu um leve sorriso de reconhecimento quando ele, também, cheirou o graveto.

— Fava-de-santo-inácio — murmurou ele, a expressão tão intrigada que ele ignorou o franguinho de leite grelhado com molho de estragão, que fumegava à sua frente.

— *O quê?* — perguntou a Srta. Howard, debruçando-se sobre a mesa e olhando o graveto, espantada.

— E isso explica o clorofórmio — acrescentou Lucius, começando a comer.

O Sr. Moore, que segundos antes parecia muito feliz com a truta ao molho de amêndoa que o garçom lhe trouxera, agora, frustrado, deixou de lado o garfo e a faca.

— Muito bem. Lá vou eu de novo, o débil mental do grupo.  
— Ele respirou fundo. — Do que vocês *estão* falando, por favor?

— Da fava-de-santo-inácio — respondeu a Srta. Howard, como se o primeiro idiota que parasse na calçada diante da varanda soubesse do que ela estava falando. — É uma das plantas em que a estricnina ocorre naturalmente.

— É isso! — disse o Doutor com um estalo dos dedos. — Estricnina! Eu sabia que conhecia o cheiro.

— É solúvel em água, moderadamente solúvel em álcool e muito solúvel em clorofórmio

— afirmou Lucius. — Supondo-se que a intenção aqui fosse incapacitar e não matar, nosso homem sabia exatamente quais proporções usar. E isso não é coisa fácil.

— Como? — perguntei, atacando vorazmente meu bife e dando um gole no refrigerante.

— Porque a estricnina é mais potente do que outras drogas usadas para propósitos semelhantes — disse Marcus, entregando o graveto à Srta. Howard e começando por fim a degustar seu franguinho. — O curare, por exemplo, é uma mistura de ingredientes, entre os quais se inclui a estricnina, e essa mistura facilita o seu controle. Em sua forma pura, porém, a estricnina é uma substância muito traiçoeira. É por isso que as pessoas a usam quando têm problemas sérios com pragas. É melhor do que arsênico.

— Mas tem mesmo certeza de que se trata de estricnina pura? — indagou o Doutor.

— O odor está bem nítido — respondeu Lucius. — E a presença do clorofórmio como solvente parece confirmar. Mas, se o senhor quiser, posso levar o graveto para casa e fazer

alguns testes. Muito simples. Um pouco de ácido sulfúrico, um pouco de dicromato de potássio...

— Ah, sei — disse o Sr. Moore, agora devorando a truta. — Faça isso o tempo todo...



— Muito bem — disse o Doutor. — Mas vamos, por ora, supor que esteja correto, sargento-detetive. Sabe dizer quem disporia desse conhecimento, assim de imediato?

— Bem — começou Lucius —, o graveto parece uma espécie de dardo ou seta de aborígines.

— Certo — concordou o Doutor. — Foi o que pensei.

— Mas quanto a quem usa estricnina pura na caça ou mesmo na guerra... isso eu desconheço.

— E é aí — disse o Doutor, lançando-se a uma travessa de bolinhos de siri — que está minha tarefa de amanhã.

— Ah-ha! — exclamou o Sr. Moore, levantando o garfo. — Finalmente um comentário enigmático que consigo decifrar: você vai falar com Boas!

— Exatamente, Moore. Boas. Tenho certeza de que ele vai ficar encantado em prestar seus serviços mais uma vez.

O Dr. Franz Boas era outro dos amigos do Doutor ligados às ciências: era chefe do Departamento de Antropologia do Museu de História Natural, um homem que ajudara nossa equipe a encontrar algumas dicas importantes num momento crucial da investigação do caso Beecham, no ano anterior. Como o Dr. Kreizler, Boas era alemão de nascimento, embora tivesse vindo para os Estados Unidos numa idade mais avançada do que a do Doutor. Ele estudara psicologia antes de mudar para a antropologia e para a América; assim, ele e o Doutor não tinham problemas em se comunicar em vários níveis; e sempre que ele visitava o Doutor, podia-se contar que a sala de jantar se transformaria no cenário de conversas animadas e discussões ocasionais, durante as quais o Dr. Boas às vezes resvalava para o alemão e o Dr.

Kreizler o seguia imediatamente, fazendo com que fosse impossível para mim dizer sobre que diabos eles estavam berrando. Mas o Dr. Boas era um homem bondoso e, como a maioria dos gênios autênticos, não deixava o cérebro transformá-lo num esnobe intelectual.

— Vou levar para ele tanto a faca quanto este projétil — disse o Dr. Kreizler —, e contar-lhe a história do garoto ou garotos que avistamos nas duas ocasiões em que as armas foram usadas. Talvez ele, ou alguém de sua equipe, possa nos dar uma luz. Confesso que essa questão toda é um mistério para mim.

Um ruído geral e mastigado de consentimento veio do restante de nós, mostrando que havíamos praticamente chegado aos limites do que podíamos concluir de nossas atividades matinais. Durante algum tempo, limitamo-nos a comer e beber, dando a nossos nervos e espíritos tempo para se refazerem. Mas o silêncio foi por fim quebrado pela Srta. Howard.

— Para uma mulher cuja atitude original parece ter sido tão impulsiva — disse ela lentamente, bebericando o vinho e brincando com um prato de morangos frescos e calda quente de chocolate servido como sobremesa —, a Sra. Hunter parece ter planejado como evitar a captura muitíssimo bem. — Ela mordeu delicadamente um morango mergulhado na calda. — Mais um paradoxo, não é mesmo, Doutor?

— De fato, Sara — respondeu o Dr. Kreizler, ele também passando um morango na calda.

— Mas, lembre-se... aliás, todos vocês, lembrem-se... esses paradoxos não devem ser vistos

como contraditórios. São parte de um processo único. Como uma cobra se impulsiona adiante impelindo o corpo lateralmente pela areia, primeiro para a esquerda e depois para a direita, também a enfermeira Hunter persegue seus objetivos desesperados. Ela é impulsiva, depois calculista. Lisonjeira e promíscua, depois súbita e mortalmente ameaçadora. Uma mulher aparentemente respeitável, com um marido confinado à cama, mas que, não obstante, parece ter alguma conexão importante com uma das gangues mais degeneradas e absurdamente violentas da cidade. Se comparado a ela, um comportamento criminoso mais visivelmente excessivo parece bastante compreensível. Até mesmo um assassino tão obsessivo quanto John Beecham seguia um curso que parece quase linear e coerente, embora fatal, quando comparado a essa mulher. Em muitos aspectos, ficamos num terreno ainda mais estranho quando defrontamos Elspeth Hunter. E dispondo de menos mapas...

A refeição logo chegou ao fim e — como fosse domingo e todos os lugares que o Dr.

Kreizler mencionara como possíveis fontes de informação estivessem fechados — todos concordaram em ir para casa, cuidar dos poucos detalhes que podiam e tentar descansar um pouco. Quando saímos do Café Lafayette, os Isaacsons chamaram um fiacre, enquanto o Doutor oferecia-se para deixar o Sr. Moore e a Srta. Howard em casa. Depois, era voltar à Rua 17 e, para mim, à cocheira, a fim de cuidar da caleche e pôr um pouco de bálsamo no local da anca de Frederick atingido por Ding Dong.

O golpe não deixara marca considerável, mas eu podia ver, ao aplicar o bálsamo, que o local ainda incomodava Frederick um pouco, e emiti alguns ruídos tranquilizantes e dei-lhe torrões de açúcar, enquanto esfregava o remédio.

Pensar que um homem que eu sempre tivera como um dos piores que conhecia — e que, desde a visita que eu fizera a Kat na noite anterior, passara a odiar ainda mais — causara tal dor e confusão a Frederick deixou-me ainda mais furioso, e, enquanto massageava a anca do animal, em silêncio eu lhe assegurava que providenciaria para que Ding Dong pagasse por isso no próprio couro um dia. E com juro...

Absorto em tais pensamentos amargos, mal percebi a entrada de Cyrus na cocheira. Ele se aproximou e acariciou o pescoço de Frederick, olhando diretamente nos olhos do cavalo e dirigindo-lhe algumas palavras de simpatia. Em seguida, me falou:

— Ele está bem?

— Está — respondi, levantando a pata esquerda traseira de Frederick e raspando a lama endurecida presa em sua ferradura. — Não foi muito forte a pancada. Ele ficou mais assustado do que outra coisa.

— É duro na queda — disse Cyrus, dando leves palmadinhas no focinho do cavalo. Em seguida, deu a volta e parou a meu lado. Tive a sensação de que ele queria dizer alguma coisa.

— A Srta. Howard não ouviu. O que Ding Dong falou sobre Kat, é o que quero dizer.

Meu coração disparou um pouco, mas continuei raspando.

— Não?

— Ela estava muito longe. E muito ocupada. — Cyrus abaixou-se ao meu lado. Num rápido olhar, vi uma certa curiosidade em seu rosto largo, porém o que encontrei mais ali foi solidariedade. — Mas *eu* ouvi.

— Ah — foi tudo que consegui dizer.

— Quer falar sobre isso, Stevie?

Tentei invocar uma risada leve e indiferente, mas fiquei muito longe disso.

— Não tem muito o que dizer. Ela vai ser a garota dele. — Quase engasguei com as palavras. — Eu disse a ela... sabe, sobre a ideia de ela trabalhar aqui. Mas você tinha razão. Ela tem outros planos...

Cyrus emitiu apenas um leve ruído, que dizia que havia entendido a situação. Em seguida, pousou a mão no meu ombro.

— Precisa de alguma coisa?

— Não — respondi, ainda olhando o casco do cavalo. — Vou ficar bem. Só preciso terminar isso aqui, só isso.

— Bem... não há razão para que o Doutor tome conhecimento dessa parte da história. Que eu saiba, não tem nada a ver com o caso.

— Certo. — Finalmente consegui lançar outro olhar rápido para o meu amigo — Obrigado, Cyrus.

Ele limitou-se a assentir com a cabeça, levantou-se e saiu da cocheira devagar.

Detive-me mais alguns minutos em meu trabalho, a lama endurecida da ferradura de Frederick saindo mais rápido à medida que se misturava às minhas lágrimas silenciosas.

## **CAPÍTULO 19**

É uma coisa estranha... você ir para a cama numa noite convencido de um fato e acordar na manhã seguinte e defrontar-se com o oposto...

Quando me recolhi logo após o pôr do sol naquela noite de domingo, tinha certeza absoluta de que nunca mais veria Kat: mesmo que meu coração pudesse suportar visitá-la na espelunca dos Dusters, eu havia de tal forma me desavindo com Ding Dong durante nossa ida a Bethune Street que mesmo tentar tal visita significaria para mim risco de vida. A percepção de que a porta de meu estranho relacionamento com ela havia se fechado fez com que em mim se alternassem raiva e tristeza, durante toda a tarde e a noite de domingo. Meu ânimo tornou-se tão acabrunhado que o Doutor — preocupado como estava com o caso — sentiu necessidade de vir me ver no quarto e perguntar se eu estava me sentindo bem. Não lhe contei a verdadeira história e ele, naturalmente, presentiu que eu estava ocultando alguma coisa; mas não insistiu, apenas me disse que dormisse bastante e visse como as coisas se apresentavam pela manhã.

Acordei pouco depois das 8:30 na segunda-feira e encontrei o Doutor e Cyrus preparando-se para seguir para o Museu de História Natural. A Sra. Leshko estava atrasada, não pela primeira vez, e Cyrus cuidava do preparo do café, tarefa que podia realizar com resultados bem mais felizes do que nossa cozinheira russa. Nós três sentamo-nos na cozinha e bebemos grandes canecas de um fino café sul-americano, o Doutor tentando me animar lendo em voz alta os detalhes de uma notícia do *Times* que tratava de novos desdobramentos do “mistério do corpo sem cabeça”. Parecia que a parte inferior do torso do cadáver ainda não identificado (envolto no mesmo oleado vermelho que eu e Cyrus víramos no píer da Cunard) tinha sido encontrada na margem pantanosa do bosque perto da Undercliff Avenue,

no norte de Manhattan. A polícia — cuja teoria de que o crime fora cometido por um anatomista ou estudante de medicina ensandecido havia sido rejeitada até mesmo pelo legista que eles haviam contratado, após o homem encontrar cerca de uma dúzia de ferimentos produzidos por um instrumento cortante e uns dois buracos de bala calibre 32 em várias partes do corpo —

havia mudado sua teoria e agora tentava provocar pânico e agitação, dizendo que o corpo pertencia a um dos dois lunáticos que haviam escapado do Asilo Estadual no King's Park, em Long Island, algumas semanas antes. Essa história, todos sabíamos, tinha tantas chances de provar-se verdadeira como a primeira; mas, qualquer que fosse a identidade real da infeliz alma cujo corpo fora distribuído por toda a cidade, a atenção que o caso continuava a receber só vinha a permitir que nos ocupássemos de nosso trabalho com mais facilidade.

O Doutor e Cyrus saíram pouco antes das nove e, embora uma visita ao Museu de História Natural, em circunstâncias normais, fosse do meu agrado, a manhã estava fria e cinzenta, e meu estado de espírito era tal que achei a ideia de ficar em casa sozinho um tanto confortadora.

E, naturalmente, era aconselhável que alguém ficasse em casa e tentasse determinar o que teria

sido feito da Sra. Leshko. Assim sendo, acompanhei os dois até a caleche e me despedi, parando para olhar o céu enevoado antes de voltar para a casa.

Eu havia acabado de abrir a porta quando uma voz sussurrou:

— Stevie!

Vinha de trás de algumas sebes no lado leste do pequeno jardim na frente da casa do Doutor. Tornando a fechar cuidadosamente a porta, fui sorratamente até a sebe, olhei acima e além desta e descobri...

Kat. Ela estava bem agachada e encolhida ao lado do prédio vizinho, as roupas parecendo muito amarfanhadas, o cabelo desarrumado e o rosto um retrato da exaustão. Eu não teria ficado mais surpreso se tivesse visto um fantasma ou uma daquelas sereias míticas, tão resignado eu havia ficado, ao longo das últimas doze horas, a nunca mais vê-la.

— Kat? — disse eu, também mantendo a voz baixa. Em seguida, contornei correndo a sebe até ela. — Que diabos está fazendo? Há quanto tempo está aqui?

— Desde as quatro mais ou menos — respondeu, olhando para cima e para baixo da quadra, mais para não ter de me fitar diretamente do que por interesse em localizar alguma coisa. — Acho. — Seus olhos tornaram-se úmidos, ela começou a fungar com força e dolorosamente; e, quando limpou o nariz com um lenço velho e imundo, este surgiu sujo de sangue.

— Mas por quê?

Ela deu de ombros, infeliz.

— Tive de sair de lá... Ele estava feito um maníaco ontem à noite. Na verdade, não tenho tanta certeza se ele *não* é mesmo um maníaco, às vezes...

— Ding Dong? — perguntei, e ela assentiu. Meus olhos voltaram-se para o chão. — É

minha culpa, não é?...



Ela abanou a cabeça rapidamente, as lágrimas espessando-se naqueles olhos azuis que ainda se recusavam a fitar os meus.

— Não foi isso. Pelo menos não foi o *principal*... — Por fim ela deixou escapar um soluço.

— Stevie, ele tem outras três garotas fixas... *três*! E eu sou a *mais velha*! Ele nunca me disse isso!

Eu não tinha ideia do que dizer; aquela informação não me surpreendia, é claro, mas não iria lhe dizer isso.

— Então — fiz uma tentativa —, vocês... vocês dois discutiram ou algo assim?

— Tivemos foi uma *briga*, isso sim! — replicou ela. — Eu disse a ele que não vou bancar a reserva de um monte de lixo de doze anos... — Ela bateu o punho na lateral da cabeça. —

Mas agora todas as minhas coisas ficaram lá...

Esbocei um sorriso.

— Todas as suas coisas? Kat, você só tem dois vestidos, um casaco e um xale...

— E a velha carteira de meu pai! — protestou ela. — A que tem a foto de minha mãe... e ficou lá também!

Eu a olhei com seriedade.

— Mas não é isso que está tornando a coisa difícil, certo? — Segurei seu cotovelo, tentando fazê-la olhar para mim. — Ele não quer lhe dar pó, não é?

— Canalha! — gemeu ela, voltando a soluçar. — Ele *sabe* o quanto preciso agora, *jurou* que nunca me deixaria sem! — Por fim, olhou-me rapidamente nos olhos, de uma forma patética, e então atirou-se sobre mim com impetuosidade. — Stevie, estou a ponto de estourar, de tanto que preciso de um pouco de pó.

Passei os braços em torno de seu ombros trêmulos.

— Venha — disse eu. — Vamos entrar... Um pouco de café forte vai fazer você se sentir melhor.

Ajudei Kat a se levantar e a conduzi, quase a carregando, para a porta de entrada da casa do Doutor, onde ela parou, temerosa.

— Eles... saíram todos, não é? — perguntou, olhando para as janelas do salão. — Esperei que saíssem. Não quero que você se meta em nenhuma encrenca...

— Eles saíram — disse eu, tranquilizando-a como podia. — Mas não teria nenhum problema. O Doutor não é assim.

Ela deixou escapar um murmúrio de dúvida enquanto entrávamos.

Levei-a para a cozinha, dando-lhe uma caneca do café de Cyrus. Seus olhos foram se arregalando à medida que ia bebendo e examinando a casa; e confesso que, vendo a expressão naqueles olhos, a ideia de trazê-la para trabalhar ali ressurgiu em minha mente. Assim, levei-a até o salão no segundo andar, para deixá-la absorver todo o impacto do lugar. Reanimada pelo café forte, ela começou a andar pelo cômodo com mais coragem e chegou mesmo a sorrir, assombrada diante de todas as coisas bonitas e fabulosas que o Doutor possuía — e ainda mais assombrada por eu morar num lugar assim.

— Ele deve tirar o seu couro — disse ela, abrindo a cigarreira de prata sobre a cornija de mármore da lareira.

— O trabalho não é assim tão duro — repliquei, sentando-me na poltrona do Doutor como se fosse senhor da casa. — Ele me faz é estudar.

— *Estudar?* — espantou-se Kat, o rosto tomado por uma expressão de quase desgosto. —

E para quê?

Dei de ombros.

— Diz que se algum dia eu quiser ter uma casa assim, é isso que vai me levar até lá.

— Quem ele está enganando? — replicou ela. — Aposto que não foram os estudos que deram isso a *e/e*.

Limitei-me a dar de ombros novamente, sem querer admitir que o Doutor veio de uma família com dinheiro.

— Mas entendo por que você gosta tanto daqui — continuou Kat, olhando à sua volta. —

Ganha de longe da Hudson Street, com toda certeza.

Ouvindo aquelas palavras, um pensamento de súbito me ocorreu, um pensamento que talvez devesse ter vindo à minha cabeça assim que vi Kat, se o fato de me preocupar com ela não houvesse, como sempre, deixado minha cabeça tão confusa.

— Kat — comecei lentamente, pesando a ideia —, há quanto tempo você vem frequentando o bar dos Dusters?

Ela sentou-se na grande espreguiçadeira à minha frente, apertando os braços, como se estivesse com frio, e então dando de ombros enquanto bebericava o café.

— Não sei... quem sabe um mês, mais ou menos. Pelo menos foi nessa época que conheci Ding Dong.

— Então suponho que você saiba bem quem entra e sai de lá, certo?

Ela tornou a encolher os ombros.

— Os frequentadores habituais, com certeza. Mas você conhece aquele lugar, Stevie. Eles recebem um mundo de gente da cidade inteira toda noite. Metade da cidade já passou por ali, numa ocasião ou noutra.

— Mas os habituais... você os reconheceria?

— Provavelmente. Por que você quer saber? — Ela se levantou e caminhou até mim. —

Que cara é essa, Stevie? De repente você está tão estranho.

Fiquei apenas olhando o tapete durante alguns segundos, a seguir segurei sua mão.

— Venha comigo.

Seguindo para a escada, praticamente arrastei Kat até o escritório do Doutor. As cortinas ainda estavam fechadas na sala revestida de madeira escura, e era difícil distinguir qualquer coisa com clareza. Tropecei algumas vezes no caminho até a janela e, quando dei um bom puxão no cordão do cortinado, vi que havia mais pilhas de livros espalhadas pelo chão: o estúdio estava ainda mais bagunçado do que na semana anterior.

Kat olhou ao redor, franzindo o cenho e enxugando o nariz.

— Esta sala não me diz muita coisa — observou, perplexa e desconcertada. — Afinal, para que ele quer tanta porcaria de livro?

Não respondi; estava ocupado demais examinando os papéis na mesa do Doutor, procurando algo, torcendo para que os sargentos-detetives houvessem deixado pelo menos uma cópia...

Encontrei-a debaixo de um livro grosso do Dr. Krafft-Ebing: uma das cópias fotografadas do desenho que a Srta. Beaux fizera da enfermeira Hunter.

Aproximando-a da luz que entrava pelas cortinas brancas transparentes que ainda cobriam as janelas, fiz sinal a Kat para que viesse até mim.

— Já viu essa mulher? — perguntei, mostrando-lhe o retrato.

Seu rosto mostrou reconhecimento imediato.

— Claro — disse Kat. — Esta é Libby.

— Libby?

— Libby Hatch. Uma das amantes de Goo Goo — continuou ela, referindo-se a Goo Goo Knox, o líder dos Dusters. O rosto de Kat se franziu, como sempre acontecia quando ela não compreendia alguma coisa. — Que diabos seu amigo médico está fazendo com um retrato de Libby? Um belo retrato, por sinal.

— Libby Hatch — repeti baixinho, olhando pela janela por alguns segundos... tempo suficiente para perceber que,

como dissera a Srta. Howard no dia anterior, essa história toda era mais complicada do que parecera a princípio.

Mais uma vez agarrei a mão de Kat.

— Venha!

Ela saiu voando atrás de mim, como uma boneca de pano, enquanto eu corria para a porta e então dava meia-volta, retornando à escrivaninha e abrindo um caderno de endereços e telefones com capa de couro, que o Doutor mantinha ali.

— Stevie! — gritou Kat. — Dá para você parar de me puxar de um lado para o outro assim? Não estou me sentindo exatamente cheia de energia, você sabe!

— Desculpe — disse eu, abrindo o livro na letra “I” com uma só mão, encontrando o número e então voltando correndo para a porta, ainda rebocando Kat.

— Ai! — gritou ela. — Stevie, você está me ouvindo?

Não respondi, enquanto voltávamos em disparada para a cozinha, atravessando-a e passando para a copa. Enfim, largando a mão de Kat, agarrei o telefone. Em alguns segundos eu estava com a telefonista na linha e lhe dei o número da casa dos sargentos-detetives, ou melhor, da casa de seus pais, que ficava na Rua 2, entre a Primeira e a Segunda Avenidas, perto do velho Marble Cemetery e não muito longe de duas ou três sinagogas.

O telefone do outro lado tocou e a voz de uma mulher atendeu, gritando no aparelho, da maneira como as pessoas que ainda o consideravam uma invenção fantástica costumavam fazer.

— Alô? — disse a mulher com forte sotaque. — Quem está falando?

— Eu gostaria de falar com um dos sargentos-detetives, por favor — respondi.

Kat recuou um passo, parecendo preocupada.

— Stevie... você não está me entregando à polícia, está? — Como sempre, sua primeira suposição era a de que tudo que acontecia tinha alguma coisa a ver com ela.

— Relaxe — falei, balançando a cabeça negativamente. — É um... negócio. — Gostei da sensação que experimentei ao lhe dizer essas palavras. — Vá pegar um pouco mais de café para você. Temos uma geladeira também, se quiser...

Parei quando me dei conta de que a mulher no telefone estava gritando comigo.

— Sargento-detetive... qual deles? Lucius ou Marcus?

— Hein? Ah, qualquer um, não... não faz diferença.

— Marcus não está aqui! Quartel da polícia! Vou chamar Lucius! Quem quer... *o que* quer falar com ele?

— Diga que é Stevie.

— Stevie? — repetiu ela, não parecendo muito impressionada. — Qual Stevie? Stevie de quê?

Eu estava ficando um pouco impaciente.

— *Doutor* Stevie! — respondi, arrancando uma risada de Kat, que tinha ido investigar a comida que havia na nova geladeira.

— *Negócio* — disse ela, lançando-me um astucioso olhar de esguelha. — Pois sim...

— Ah, oh, *doutor* Stevie! — exclamou, satisfeita, a mulher na linha. — Só um momento, por favor!

Ela pousou o telefone com um estrondo que ecoou em meu ouvido, fazendo-me afastar o fone.

— Meu Deus do céu! — exclamei, esperando que meu tímpano não tivesse estourado. —

A família toda é maluca...

Alguns segundos depois, o aparelho do outro lado chocalhou novamente e ouvi o sargento-detetive Lucius falando, embora não no fone.

— Não, Mama, Stevie não é médico, ele só... por favor, Mama, vá embora! — Houve alguns protestos não identificáveis vindos da mulher, e Lucius mais uma vez: — Mama! *Saia!*

— Ele respirou fundo e falou, dessa vez no fone: — Stevie?

— Eu mesmo.

— Sinto muito. Ela ainda não entende o telefone direito e não tenho muita certeza se um dia vai entender. O que aconteceu?

— Tenho novidades, e acho que elas vão poupar algum trabalho a você e ao sargento-detetive Marcus. Pode apanhá-lo e vir para cá?

— *Eu* posso ir — respondeu Lucius. — Estava efetuando a análise química da amostra que tirei da ponta daquele



graveto, mas acabei neste instante. É estricnina mesmo, por falar nisso.

Mas Marcus está fazendo hora no Departamento e depois vai para o Instituto do Doutor. Por quê?

— Acho melhor você dizer a ele que venha para cá — afirmei. — O que descobri... acho que é importante.

— Onde está o Doutor?

— Ele e Cyrus já foram para o museu. Mas não devem demorar muito. Vocês podem vir?

— Vou tomar um fiacre e tentar interceptar Marcus no Instituto. — Ele voltou a gritar, afastando o fone: — Não, Mama, esse cheiro é dos produtos químicos. Não tem nada para limpar... — Sua voz voltou a mim: — Tenho de ir antes que minha mãe ateie fogo nela mesma.

Vejo você daqui a meia hora.

Ouvi um estalido na linha e pousei o fone no gancho.

Voltando à cozinha, vi que Kat havia apanhado alguns ovos e um pouco de arenque, preparando-se para fritá-los numa grande frigideira.

— E então — disse ela com um sorriso —, como vão os “negócios”?

Eu estava pasmo demais com o que ela estava fazendo para dar atenção à pergunta.

— Kat... você sabe *cozinhar*?

— Não me olhe com essa cara — respondeu ela num tom brincalhão. — Eu e papai, acha que a gente tinha criados,

Sr. Stuyvesant Park? Eu cozinhava para ele o tempo todo. Ovos e arenque, isso *sim* é café da manhã. — Ela tentou quebrar um ovo na frigideira, mas suas mãos tremiam terrivelmente; nesse momento, seu sorriso desapareceu e ela respirou fundo. —

Stevie... me diga uma coisa — falou ela baixinho, novamente sem olhar para mim. — Seu amigo médico tem... bem, você sabe, ele consulta os pacientes aqui?

— Hã-hã — disse eu, sacudindo a cabeça, sabendo muito bem a que ela se referia com aquela pergunta. — Nada disso, Kat.

— É só... — Sua mão tornou a tremer e seus olhos encheram-se daquelas lágrimas doentias, desesperadas. — Não sei se consigo quebrar os ovos...

Naquele momento minha mente pareceu apoderar-se de um pensamento, algo que o Doutor dissera quando eu estava no Instituto e ele lidava com um garoto cujo estado era pior do que o de Kat: algo sobre o que a suspensão súbita de uma droga podia fazer com o corpo humano. Eu sabia que, na verdade, ele devia ter alguma cocaína escondida na pequena sala de exame que mantinha no primeiro andar, de frente para a rua, mas não ia deixar que Kat a usasse. Quando, porém, ela emitiu um grito repentino, agarrou a barriga e sentou-se rapidamente numa cadeira, achei que era melhor fazer alguma coisa; então, corri para a saleta de exames e abri um pequeno estojo de vidro que continha uma série de frascos. Examinando-os rapidamente, encontrei um pouco de elixir paregórico. Eu sabia que as pessoas davam aquilo aos bebês com

cólica e, assim, concluí que não poderia fazer mal a Kat. Voltei correndo ao saguão e depois até ela, que estava

curvada.

— Aqui — disse eu, estendendo-lhe o frasco. — Experimente um pouco disso.

Ela manteve uma das mãos na barriga e gemeu ao tomar um grande gole do líquido. Em seguida, afastou o frasco e pôs a língua para fora.

— Argh! Que diabos é isso?

— É só uma coisa para acalmar sua barriga.

— Eu preciso é de pó! — respondeu ela, batendo o pé no chão.

— Kat, não tem isso aqui. Tente ficar calma. Tome outro gole disso... — Levei o frasco até sua boca, enquanto ela sacudia a cabeça, tentando evitar o remédio de sabor ruim; no entanto, após outro trago, seus nervos pareceram acalmar-se um pouco. — Está melhor? — indaguei.

Ela assentiu com um gesto lento da cabeça.

— Um pouco. Ufa... — Finalmente afastou a mão da barriga, respirou fundo e levantou-se.

— É. Estou melhor.

— Que tal comer alguma coisa agora, hein? — Eu a acompanhei até o fogão. — Ainda não tenho muita certeza se caio nessa história de você cozinhar...

Kat conseguiu rir um pouco com isso; e quando apanhou outro ovo, suas mãos estavam firmes.

— Espere só, garoto — disse ela, quebrando habilmente a pequena casca marrom na borda da frigideira. — Você vai

querer um café da manhã desses todo dia. — Ela estremeceu mais uma vez e então virou-se para a mesa. — Pode me dar um pouco mais daquele negócio? O

gosto é horrível, mas melhora.

Enquanto preparava os ovos e o arenque, Kat tomou não um, mas vários outros goles do elixir paregórico, e seu estado de espírito animou-se consideravelmente. A meia hora seguinte foi uma das ocasiões mais felizes que me lembro de ter passado com ela, preparando o café da manhã e comendo na cozinha, como duas pessoas comuns, conversando, rindo e esquecendo, por ora, o que a levara à casa do Doutor. Ela começou a falar sobre o dia em que teria uma casa grande e bonita também, e embora eu não acreditasse que a prostituição algum dia a levasse a tal lugar, nada falei para atrapalhar seu sonho, tão alegre e sadia ela parecia.

Na verdade, lamentei um pouco quando a campainha da porta da frente por fim tocou, pouco depois das dez. Eu havia começado a lavar a louça e Kat acendera um cigarro, ainda fantasiando sobre seu futuro e até brincando, num determinado momento, dizendo que me contrataria para trabalhar em sua casa. Eu nunca havia pensado nisso antes: eu e Kat, adultos, sob o mesmo teto, nem mesmo em meus devaneios; tampouco podia evocar tal imagem naquela manhã, tão fora do reino das possibilidades ela parecia. A imaginação dela, suponho, era muito melhor do que a minha; tinha de ser, é a conclusão a que chego, quando paro para pensar a respeito.

Enxugando as mãos numa toalha de prato, corri para a porta da frente, Kat fingindo que eu era seu mordomo e mandando que eu dispensasse quem quer que fosse, pois ela não estava

“recebendo” ninguém nessa manhã. No entanto, endireitou-se quando cheguei na cozinha com os dois sargentos-detetives — ainda não estava totalmente convencida de que a visita de ambos nada tivesse a ver com ela.

Apresentei-os a Kat e, juntos, os quatro subimos para o salão, onde eles se sentaram. Quanto a mim, segui para o estúdio do Doutor a fim de buscar o retrato da

enfermeira Hunter. Quando desci com ele, encontrei os Isaacsons discutindo — à sua maneira habitual, exasperada e infantil — a exata proporção dos produtos químicos a ser empregados no teste que Lucius conduzira naquela manhã. Kat estava sentada na ponta da mesma espreguiçadeira de antes, observando os dois homens e se perguntando, tenho certeza, que tipo de policial poderia se comportar daquela forma.

— Pois bem — disse eu, levando o retrato até Kat, enquanto esta se punha de pé. — Kat, diga aos sargentos-detetives quem é esta mulher.

Ela limitou-se a nos fitar, os três, por um instante, e em seguida murmurou para mim:

— Mas já falei para você.

— Sim, eu sei — sussurrei de volta —, mas agora conte a *elas*. Não se preocupe, não vai ter nenhum problema para você.

— Já ouvi isso antes — respondeu Kat. Em seguida, falou em voz alta: — O nome dela é Libby Hatch. Ela é... bem, ela e Goo Goo...

— Goo Goo Knox? — perguntou Marcus. — Chefe dos Hudson Dusters?

— Isso mesmo — disse Kat. — É a garota dele. Bem, uma delas, pelo menos. Todos eles têm várias, os filhos da... — Kat se controlou e interrompeu sua manifestação de fúria. — Mas atualmente é a favorita dele.

— *Libby Hatch?* — indagou Lucius, apanhando o retrato. — Tem certeza?

— É claro que tenho certeza... Tenho olhos, não tenho?

Lucius examinou Kat com atenção.

— Por acaso você não saberia onde essa tal “Libby Hatch” mora, saberia?

Kat assentiu rapidamente.

— É só dobrar a esquina, saindo do quartel dos Dusters. Bethune Street. Ela é casada com um velho maluco, mas ele está mesmo semimorto, e ela tem de cuidar de si mesma. Goo Goo pôs a casa deles sob a proteção da gangue. Se alguém for apanhado, mesmo que só rondando o lugar, vai acabar dentro do rio. E não vai estar nadando, se entendem o que quero dizer.

Lucius estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas Marcus ergueu um dedo.

— Srta. Devlin? Desculpe... mas nos daria licença por um momento?

— Claro — disse Kat, parecendo ainda mais confusa e então dirigindo-se a mim: —

Stevie, posso ir lá embaixo tomar um pouco mais daquele remédio?

— Ah, claro, Kat — respondi. — Está exatamente onde deixamos.

Ela tentou sorrir para os sargentos-detetives.

— É só um probleminha estomacal. Volto já.

Lucius e Marcus observaram-na sair, Lucius parecendo muito entusiasmado com as notícias que recebemos. Ele estava prestes a expressar esse entusiasmo quando Marcus interveio mais uma vez.

— Stevie, como sabemos que podemos confiar nessa garota?

A pergunta me pegou um tanto desprevenido.

— Como... ora... sabendo. Ela é minha amiga. Eu conheço Kat há... bem, há muito tempo.

Por que não confiariam nela?

Marcus fitou-me nos olhos.

— Porque é prostituta e viciada em cocaína.

Meu orgulho ficou abalado por um instante; mas estava claro, pela expressão de Marcus, que ele não tencionava magoar ninguém, só queria ter certeza de que não estávamos, de fato, sendo precipitados.

— Nenhuma das duas coisas faz dela uma mentirosa, sargento-detetive — repliquei, olhando para o chão. — Eu respondo por Kat.

— O vício em cocaína eu entendo — disse Lucius ao irmão, parecendo intrigado. — Os indícios são bastante claros. Mas por que supõe que ela seja prostituta, Marcus?

— Uma garota dessa idade? Morando no antro dos Dusters? Aquilo não é uma casa de missionários, Lucius, pelo amor de Deus.

— Hummm — murmurou Lucius, sombrio. — É verdade. Mas ela sabe onde a tal Sra.

Hunter mora. E o que poderia ganhar em nos dizer tudo isso? Acho que devemos acreditar nela... e não menos porque isso pode facilitar muito a nossa vida.

— Como assim? — indagou Marcus.

Mas foi a mim que Lucius se dirigiu em seguida:

— Stevie, acha que essa garota poderia nos fazer... um favor?

Abanei a cabeça.

— Um favor, provavelmente não. Nós... *Eu* a deixei em maus lençóis ontem. De qualquer forma, a vida de Kat não fez dela uma pessoa de muitos favores. No entanto, se ganhar alguma coisa com isso... então, sim, acho que podemos pedir. — Olhei para ambos com gravidade. —

Mas só se não for perigoso.

— Não deve ser — afirmou Lucius, ansioso.

— O que é que você está tramando, Lucius? — perguntou Marcus.

Naquele instante, porém, Kat veio subindo a escada, correndo, e entrou na sala.

— Stevie, tem gente chegando!



— Não se preocupe — eu a tranquilizei, seguindo para a escada. — Provavelmente é só a governanta. Eu estava imaginando quando ela apareceria.

— Não, são dois homens — respondeu Kat rapidamente, indo atrás de mim. — Stevie, é o seu doutor! Eu não devia estar aqui, ele vai descontar em você!

Olhando para baixo, vi que os recém-chegados eram, de fato, o Doutor e Cyrus. Pousando a mão no braço de Kat, apertei delicadamente.

— Não se preocupe — repliquei, um tanto divertido com seu medo. — Eu já disse, está tudo bem; ele não é assim.

— Mas a gente estava comendo a comida dele e o remédio...

— Fique calma — tranquilizei-a, enquanto o Doutor começava a subir a escada, sem pressa. — Entre. Vai ficar tudo bem, estou lhe dizendo.

Kat assentiu, relutante, mas não se mexeu; e quando o Doutor alcançou o topo da escada, ela recuou para trás de mim, os olhos se arregalando atrás do meu ombro, enquanto observavam os cabelos escuros e longos do Doutor, os olhos negros e as roupas dessa mesma cor, embora fosse verão. Eu sorri; havia esquecido por completo o quanto ele podia parecer imponente — ou mesmo assustador — da primeira vez.

— Stevie! — exclamou o Doutor, parecendo satisfeito. — Voltamos mais rápido do que esperávamos. Aparentemente, essa área da antropologia está apenas começando: foi preciso chamar metade da equipe de Boas, mais vários alunos da Colúmbia, para analisar a seta, e

assim mesmo a explicação foi apenas parcial. A arma, de fato, é originária das ilhas do sudoeste do Pacífico, embora reste uma certa confusão sobre... — Ele parou de súbito quando distinguiu a pequena silhueta de Kat escondendo-se atrás de mim. — Ora. — O Doutor sorriu espontaneamente, mas diminuiu o passo. — Não sabia que você tinha companhia, Stevie. Peço desculpas por entrar assim de maneira tão descortês.

Cyrus veio subindo pesadamente os degraus, chamando-me:

— Stevie? Está se sentindo bem? Tem um frasco de elixir paregórico meio vazio na cozinha... — Nesse momento, ele também avistou Kat. — Ah! — exclamou, examinando-a.

Então sorriu ligeiramente e fez uma mesura com o chapéu. — Olá, Kat — disse, amável mas não exatamente simpático.

— Sr. Montrose — murmurou Kat atrás de mim, sem se mexer.

Os sargentos-detetives saíram do salão e o Doutor desviou os olhos de mim e de Kat para eles.

— Ah! Os sargentos-detetives também estão aqui... ótimo. Isso vai nos poupar algum tempo. — Ele voltou o sorriso solícito novamente em minha direção. — Stevie? Não vai me apresentar?

— Ah. Não, quero dizer, sim. Isto é...

Kat saltou de trás de mim muito brevemente e estendeu a mão, parecendo acreditar que o Doutor pudesse mordê-la.

— Katharine Devlin, senhor — disse ela. O Doutor apenas tocou-lhe a mão e Kat a recolheu, voltando a ficar atrás de

mim. — Stevie não me convidou, senhor. Vim por minha própria conta.

— Os amigos de Stevie são sempre bem-vindos — respondeu o Doutor. — Embora eu acredite que todos estaremos bem mais confortáveis no salão, não acham?

Eu podia sentir os pequenos seios de Kat subindo e descendo rapidamente, enquanto ela apertava o corpo de encontro às minhas costas.

— Acho melhor eu ir embora — disse, ansiosa.

Mas eu a detive.

— Kat, está tudo *bem* — tornei a insistir. — Venha, quero que você conte ao Doutor o que nos contou. E o sargento-detetive tem um pedido para lhe fazer.

Com grande relutância, Kat voltou com o grupo ao salão, embora em momento algum saísse de trás de mim. Os olhos azuis permaneceram fixos no Doutor: havia muito ela estava convencida de que ele não era sincero, e sua atitude generosa só servia para deixá-la mais nervosa e desconfiada. O Doutor foi até a lareira e apanhou um cigarro sobre o consolo, oferecendo um a Marcus; depois de acender o seu, sentou-se em sua cadeira.

— Por favor — disse ele, indicando um velho (ou, melhor dizendo, antigo) canapé francês que se encontrava perto de mim e de Kat. — Vocês não vão se sentar? — Ele parecia quase tão divertido pela atitude dela quanto eu, mas, muito educadamente, guardou o sentimento para si mesmo.

Kat fez um gesto de assentimento com a cabeça, em seguida sentou-se e quase quebrou meu braço e pescoço quando me puxou a camisa com força, fazendo com que eu

me sentasse no canapé ao seu lado. Comprimindo-se ao meu lado, ela consentiu que seu olhar de pânico deixasse o Doutor apenas o suficiente para ver o que os sargentos-detetives estavam fazendo.

— A Srta. Devlin nos trouxe informações muito úteis — anunciou Lucius, entregando o retrato ao Doutor. — Parece que ela tem uma certa familiaridade com Elspeth Hunter.

A cortesia do Doutor de repente aumentou, misturada à animação, fazendo seus olhos brilharem — o que só fez deixar Kat ainda mais nervosa, quando ele tornou a olhá-la.

— É verdade, Srta. Devlin? Conhece essa mulher?

— Não sei do que *ele* está falando — respondeu, fazendo um gesto rápido com a cabeça na direção de Lucius. — Mas, se *o senhor* se refere a Libby Hatch, então, sim, eu a conheço.

— Kat passa parte de seu tempo no estabelecimento dos Dusters — acrescentei, não querendo obrigá-la a explicar. — Ela diz que eles conhecem a enfermeira Hunter como “Libby Hatch” e que ela é uma das garotas de Goo Goo Knox.

— Goo Goo...? — perguntou o Doutor, confuso. — Ah, certo! Knox, o líder dos Dusters.

Não se pode deixar de especular a quantidade de cocaína que os membros dessa gangue precisam consumir a fim de inventar esses nomes absurdos.

Kat deixou escapar um ruído súbito que pensei pudesse ser de alarme, mas, quando me virei para ela, vi que estava sorrindo e que o som fora de algo parecido a uma risada. Pela primeira vez, parecia aceitar que não havia nada de errado com o Doutor.

O Dr. Kreizler riu junto com ela, encorajando-a.

— Então, Srta. Devlin — disse ele (e eu pude ver que Kat gostava de que a chamassem assim) —, está dizendo que a mulher nesse retrato tem um relacionamento romântico com Knox?

— Ela é a amante preferida dele no momento — respondeu Kat.

— É mesmo? — replicou o Doutor.

— E a casa dela está sob a proteção pessoal de Knox — acrescentou Lucius, incisivo.

— Verdade? — O Doutor tornou a dirigir-se a Kat. — Por alguma razão particular que lhe ocorra, Srta. Devlin?

Kat deu de ombros e afrouxou um pouco o aperto em meu braço.

— Ele é louco, aquele Goo Goo... e, pelo que já vi, Libby também. Eles passam muito tempo no segundo andar, no quarto dele. Ouço dizer que às vezes passam dos limites. Também já ouvi dizer que... bem, ela... *dança* para ele.

— “Dança”? — ecoou o Doutor, um tanto confuso.

Olhando pela janela, um pouco constrangida, Kat concordou.

— O senhor sabe... *dança*. Ele manda a banda subir e tocar diante da porta do quarto. E

ela... *dança*.

Finalmente o Doutor compreendeu que Kat se referia a algo conhecido naqueles dias por uma variedade de termos, mas

a que agora chamamos *strip-tease*.

— Entendo — disse o Doutor, baixinho. — Perdoe-me a ignorância, Srta. Devlin. Não tive intenção de ser estúpido.

— Ah, não, senhor — replicou ela, muito respeitosamente.  
— Não existe nenhum motivo por que o senhor *devesse* saber. De qualquer forma, como já disse, nesse momento, das garotas dele, é ela quem consegue acompanhá-lo... melhor do que as mais novas. Ela *trabalha* para isso, é o que Libby faz.

— Libby — repetiu o Doutor suavemente, batendo o nó do dedo indicador na boca, enquanto refletia. — Libby... — Voltou-se para os sargentos-detetives. — Um apelido?

Marcus considerou a pergunta, dando de ombros levemente.

— “Libby” poderia ser uma versão reduzida de “Elspeth”... é provável que ela tenha um apelido, pois “Elspeth” é um nome bastante arcaico.

— Hatch poderia ser o nome de solteira — acrescentou Lucius. — E ela o usa em situações em que não quer ser identificada. Ninguém vai conseguir muitas vagas de enfermeira se correr por aí a notícia de que se está... *dançando* para Goo Goo Knox. Mas tem um fator mais importante aqui, Doutor. — Lucius aproximou-se dele, olhando brevemente para Kat. — Há duas coisas que precisamos fazer nesse momento, em relação ao aspecto legal. Temos de provar que a criança está na casa da enfermeira Hunter e temos de demonstrar que a enfermeira Hunter foi de fato a responsável pelo ataque no Central Park. — Ele dirigiu outro olhar a Kat e um sorriso muito amistoso. — Acredito que a Srta. Devlin possa nos ajudar em ambos os casos.

Kat voltou-se para mim, falando baixinho.

— *Stevie*... você disse que não ia ter encrenca...

— E não vai, Kat — respondi mais que depressa. — Não para você.

— Então que história é essa de criança e de “ataque”?

— Essa “história” não é nada que você precise ter medo de se envolver, Srta. Devlin —

disse o Doutor, de sua poltrona. — Os sargentos-detetives estão investigando um caso. E

estamos dando uma ajuda a eles. Nossos motivos são simples assim.

Resmungando um pouco, enquanto mais uma vez se voltava para o Doutor, Kat assumiu um olhar desafiador.

— Não quero me envolver em nenhuma investigação da polícia — disse ela. —

Principalmente se tiver alguma coisa a ver com Goo Goo. Ele seria capaz de, num piscar de olhos, espancar alguém até a morte, mesmo quando *não está* cheirando pó.

— Talvez — começou Marcus, falando de maneira delicada — haja outra consideração substancial implícita, Srta. Devlin.

Kat fitou-o, estreitando os olhos.

— O senhor quer dizer... dinheiro, por exemplo? — Marcus assentiu. — Dinheiro não serve de muita coisa no hospital. E nem quando se está no fundo do rio.

— E se fosse dinheiro suficiente para garantir que a senhorita nunca tivesse de voltar à Hudson Street? — indagou o Doutor.

A expressão de Kat era de perplexidade.

— Como isso seria possível? Se eu trapacear com os Dusters, mesmo que só um pouquinho, não vai haver lugar nesta cidade onde eu possa me esconder.

O Doutor deu de ombros.

— Você é assim tão apegada à vida nesta cidade? Não tem parentes em outra parte do país?

— E eu lhe asseguro que não lhe pediríamos para fazer nada perigoso — afirmou Lucius.

— *Qualquer coisa* é perigosa quando se está lidando com aquele bando — respondeu Kat rapidamente. Em seguida, ela tornou a olhar para o Doutor. — Tenho uma tia. Mora em São Francisco... é cantora de ópera.

— É mesmo? — perguntou o Doutor com entusiasmo. — Eles têm uma companhia bastante promissora por lá. Ela é soprano? Meio-soprano?

— Uma *cantora de ópera*, é o que ela é — respondeu Kat, deixando claro que não sabia do que o Doutor estava falando. — Uma vez ela me mandou uma carta, depois que papai morreu, dizendo que podia conseguir um emprego como cantora para mim também. Eu sei cantar...

Stevie já me ouviu.

Kat voltou-se para mim, esperando apoio. Limitei-me a assentir com um movimento vigoroso da cabeça e disse:



— Ah, é, ela sabe cantar, é isso mesmo — embora eu nunca tivesse achado sua voz grande coisa. Mas não tenho um ouvido muito bom, nunca tive; então, não posso dizer com certeza.

Talvez ela *soubesse* mesmo cantar.

— Bem, então — disse o Doutor —, uma passagem para São Francisco... de trem ou navio, como quiser... e, digamos, algumas centenas de dólares para... *aclimatar-se*. — Eu nunca vira os olhos de Kat arregalarem-se tanto. — Tudo em troca de... — De repente o Doutor parou e voltou-se, confuso, para Lucius. — Sargento-detetive, isso tudo em troca de quê?

Lucius dirigiu-se novamente a Kat, mantendo o sorriso.

— Um traje com botões — foi tudo que ele disse.

Kat fitou-o, boquiaberta.

— Um traje? O senhor quer dizer... uma *roupa*?

— Pode ser uma roupa — respondeu Lucius. — Uma peça de vestuário externa seria melhor, porém. Alguma coisa que ela pudesse usar tanto em casa quanto no estabelecimento dos Dusters. E também na rua, se possível. Um casaco ou uma jaqueta, na verdade, seria o ideal.

— Entendi — disse Marcus, batendo com a mão espalmada na testa. — Mas é claro!

Kat olhou para ambos como se fossem ainda mais loucos do que ela julgara a princípio.

— Um casaco ou uma jaqueta — repetiu ela.

— Com botões — replicou Lucius, assentindo com a cabeça.

— Com botões — disse Kat, igualmente assentindo com a cabeça. — Algum *tipo* especial de botão?

— De preferência, dos grandes. Quanto maior, melhor.

— E lisos, se possível — acrescentou Marcus.

— Isso — concordou Lucius. — Exatamente.

Kat fitou-os durante alguns segundos e então abriu a boca para falar. Incapaz de encontrar palavras de imediato, ela virou-se para mim, voltando-se para eles em seguida; os olhos azuis estreitaram-se, enquanto a boca se encrespava num leve sorriso.

— Vamos ver se estou entendendo bem: vocês querem que eu afane uma jaqueta ou um casaco de Libby Hatch. Um que tenha botões grandes e lisos. E, por isso, irão me dar uma passagem para São Francisco e algumas centenas de dólares para eu me estabelecer?

— É exatamente o que estamos oferecendo — afirmou o Doutor, olhando um tanto inquieto para os Isaacsons.

Kat virou-se mais uma vez para mim.

— Eles falam sério, Stevie?

— Em geral, sim — respondi com um sorriso. A ideia de Kat sair da cidade não me deixava muito animado, isso era verdade; mas a ideia de vê-la fugir de Ding Dong, dos Dusters

e de toda aquela vida suplantava quaisquer outras considerações. — Vamos lá, Kat —

instiguei-a. — Afanar um *casaco*? Você pode fazer isso até dormindo.

Ela deu um tapa com força em minha perna.

— Não precisa contar isso ao mundo todo, Stevie Taggart — apressou-se em me repreender. Em seguida, olhou para os outros e se levantou. — Muito bem, garotos... hã, cavalheiros. Negócio fechado. Talvez eu precise de um ou dois dias...

— Quanto mais cedo, melhor — afirmou o Dr. Kreizler, também se erguendo e estendendo a mão. — Mas um ou dois dias me parece um bom prazo.

Kat apertou-lhe a mão, bem menos retraída dessa vez, e então ofereceu-lhe um amplo sorriso.

— Muito bem! — exclamou ela. — É melhor eu ir andando, então! — Virando-se para mim, afetou um certo ar recatado, representando, como fizera na cozinha. — Stevie... por favor... — Ela parou, dando-se conta de que não sabia as palavras.

— Eu a acompanharei — terminei por ela. — Sim, claro.

O Doutor tirou alguns dólares da carteira e os entregou a mim.

— Leve-a até um fiacre na esquina, Stevie. — Fez uma mesura para Kat. — Foi um prazer conhecê-la, Srta. Devlin. E aguardo ansioso um desfecho bem-sucedido para o nosso negócio.

— Ele olhou para Lucius uma vez mais. — O que quer que venha a ser tal negócio...

Tomei Kat pelo braço e saímos da casa.

Assim que chegamos à calçada e começamos a caminhar em direção à Segunda Avenida, ela começou a saltitar à minha volta como uma garotinha de quatro anos.

— Stevie! — Kat estava quase gritando. — Vou para a Califórnia! Você acredita? Imagine, só! *Eu*, em São Francisco!

— Você tem mesmo uma tia cantora de ópera? — perguntei, enquanto ela quase me estrangulava, passando os braços em torno de meu pescoço.

— Bem, praticamente — respondeu Kat. — Ela trabalha no teatro lírico. E um dia vai *ser* cantora, ela me disse.

— Hã-hã — murmurei, não totalmente convencido. — Ela não é nenhuma prostituta, não é, Kat?

— Não, ela não é nenhuma prostituta. Obrigada, Stevie — replicou Kat. — E eu também não vou ser... não mais! Minha vida vai mudar, Stevie, *mudar*... e tudo que tenho de fazer é roubar um casaco de Libby Hatch! Roubar um casaco de uma mulher que, pelo que sei, tem dificuldade em se manter *vestida*!

Havíamos chegado à esquina — diretamente à frente do Hospital Maternidade de Nova York, observei — e, enquanto eu fazia sinal a um fiacre, o rosto de Kat se franziu uma vez mais.

— Para que você acha que eles querem uma coisa assim, Stevie? O Doutor e os dois camaradas? Eles são muito estranhos, aqueles dois, para ser tiras.

— Não sei — disse eu, dando-me conta subitamente que de fato *não* sabia. — Mas vou descobrir. — Voltei-me para Kat, quando ela abria a pequena porta do fiacre. — Você vai ficar bem, Kat? Isto é, em relação a Ding Dong e tudo mais?

— Ding Dong? — replicou ela. — Ele vai ter sorte se botar os olhos em mim antes de eu terminar esse trabalho. Deixe ele com suas pequenas de doze anos... Eu vou é para a

Califórnia!

— É melhor escrever para sua tia primeiro — aconselhei. — E ver se ela ainda está lá, e se está tudo bem.

— Já pensei nisso — respondeu Kat, descendo do meio-fio. — É o que vou fazer esta noite. — Ela parou, antes de embarcar no veículo, para me dar um abraço. — Obrigada, Stevie

— sussurrou em meu ouvido. — Você é um amigo de verdade. — Afastando-se, ela olhou mais uma vez para a casa do Doutor. — E você tinha razão quanto ao seu patrão... é uma alma decente, com toda certeza. Apesar de *parecer* o próprio Demônio, vou lhe dizer!

Eu queria muito beijá-la, mas ela saltou para o fiacre, agitando os poucos dólares que eu lhe dera na direção do cocheiro.

— Hudson Street, cocheiro... e vá bem devagar. Quero aproveitar o passeio!

O cocheiro estalou o chicote, Kat deu-me um leve aceno e depois voltou-se para pegar a avenida. Ela parecia para todo mundo como se fosse a dona da cidade — e isso me fez sorrir.

Voltei-me e corri de volta a casa enquanto o fiacre desaparecia, querendo saber o que os sargentos-detetives estiveram falando.

## **CAPÍTULO 20**

Entrando novamente na casa, quase tropecei no Dr. Kreizler, que se encontrava diante da porta de sua saleta de exames segurando o frasco de elixir paregórico que eu deixara na cozinha. Ele lançou-se num sermão sobre o fato de eu me arvorar a receitar narcóticos: parecia que o elixir paregórico era um opiato, o que explicava por que era tão eficaz tanto em bebês com cólica quanto na desesperada Kat. Eu lhe disse que não fazia ideia de que fosse assim tão forte, já que qualquer um podia comprar o remédio praticamente em qualquer lugar. Ele respondeu que entendia por que eu fora levado a fazer uso dele, dado o estado de Kat (que ele, como os sargentos-detetives, havia rapidamente detectado); ainda assim, não queria que eu tornasse a apanhar quaisquer outros medicamentos da sala de exames sem sua permissão, pois não lhe agradava a ideia de ser obrigado a começar a trancar seu material.

Esse sermão merecido, mas nem por isso menos desagradável, foi abreviado pelo som da campainha. Os dois toques desta, produzidos por um pequeno martelo movido a eletricidade que acionava um par de tubos longos no vestíbulo, soaram particularmente altos, posto que nos encontrávamos muito perto, e assustaram tanto a mim quanto ao Doutor. Ele fechou bem o frasco do elixir, guardou-o na sala de exames e disse apenas:

— Espero que estejamos entendidos, Stevie.

Assegurei-lhe que sim e então seguimos para o vestíbulo.

Antes mesmo que ele tivesse aberto a porta da frente eu já podia ouvir os protestos da Srta.

Howard do outro lado da espessa madeira. Como resposta ela obteve algumas palavras resmungadas em voz baixa pelo Sr. Moore, depois das quais a Srta. Howard recomeçou a protestar. Quando o Doutor abriu a porta, ela entrou em disparada no vestíbulo, parecendo afogueada e aborrecida, mas com um leve sorriso, apesar de tudo.

— Já chega, John, o trabalho está feito. Você não precisa continuar.

O Sr. Moore entrou apressado, lançando à Srta. Howard um olhar vil que não parecia de todo sério.

— Não me importo — disse ele. — Duas horas naquele buraco... Vou fazer você pagar...

O Doutor olhou para ambos, perplexo.

— Está um pouco tarde demais para esse espírito primaveril, Moore. Que diabos vocês estão aprontando?

— O senhor por acaso não tem um sedativo, tem, Doutor?  
— perguntou a Srta. Howard. —

Ao que parece, esta manhã John chegou à conclusão de que, caso se comportasse como um porco nojento enquanto estivéssemos no Arquivo Público, talvez fosse liberado de sua tarefa.

Ele está me espezinhando a manhã toda...

— Ah, mas eu nem comecei — replicou o Sr. Moore, fazendo um gesto na direção da Srta.

Howard. — Você ainda não sabe o que é nojento, Sara...

— Moore — interveio o Doutor, agarrando o amigo levemente pela gola —, eu teria pensado que essa idiotice está aquém até mesmo de você. Queira, por favor, controlar-se.

Tivemos acontecimentos importantes e, agora que vocês estão aqui, podemos todos ir para o número 808 e revê-los juntos.

— Pois bem — disse o Sr. Moore, os olhos fixos na Srta. Howard. — Eu posso esperar.

Ela simplesmente virou-se e olhou no grande espelho na parede do vestíbulo, ajeitando o cabelo na nuca.

— Receio que um dia eu tenha mesmo de atirar em você, John. Ainda está com o diagrama?

— Claro, claro — respondeu o Sr. Moore, por fim deixando de fingimento e empertigando-se. Ele tirou um pedaço de papel dobrado do bolso interno do casaco. — Duas horas, Kreizler, naquele túmulo velho e bolorento... Você sabia que eles costumavam manter prisioneiros ali durante a Revolução? E tudo que conseguimos é uma porcaria de um esboço a lápis. Ainda assim... acho que poderia nos ter tomado dois *dias*.

— Então vocês encontraram alguma coisa — observou o Doutor, ignorando os lamentos do Sr. Moore. — Registros?

— Somente uma cópia da autorização — respondeu o Sr. Moore. — As plantas da construção desapareceram... muito misteriosamente, é claro.



O Doutor olhou do Sr. Moore para mim, com satisfação e entusiasmo óbvios.

— Bem... desdobramentos interessantes em todas as frentes! — Ele correu para a escada, chamando: — Sargentos-detetives! Cyrus! Vamos para o centro! — Em seguida, voltou-se para mim: — Você pode preparar a Gwendolyn e então nos seguir? Vamos andando pela Broadway até o número 808, para que os sargentos-detetives e eu possamos contar a esses dois suas descobertas desta manhã.

— Certo — disse eu, seguindo em direção à porta, a fim de cumprir a ordem. — Mas quero ouvir por que os sargentos-detetives querem aquele casaco!

A Srta. Howard pareceu confusa.

— Casaco?

Os sargentos-detetives e Cyrus haviam chegado à base da escada.

— De volta ao número 808, suponho? — indagou Marcus.

— Exato — respondeu o Doutor. — E rápido.

Todos começaram a sair, em fila, enquanto eu me dirigia à caleche, o Sr. Moore fechando a retaguarda em passo lento.

— Não creio que já seja hora do almoço — eu o ouvi resmungar pateticamente. — Deus, eu não sabia que o trabalho de detetive pudesse dar tanto apetite assim. Não é de se admirar que tantos policiais sejam gordos...

Dei a Gwendolyn uma escovada mais leve do que de hábito e coloquei os arreios sem me dar ao trabalho de limpá-los,

dizendo a mim mesmo que faria isso mais tarde. Em seguida saí, certificando-me de que a cocheira estivesse bem fechada, e segui descendo a Rua 17 em direção à Broadway, esquadrinhando as multidões de trabalhadores e compradores naquela manhã de segunda-feira, em busca de meus amigos. Alcancei-os por fim quando cruzavam a Rua 14, vindos da Union Square. Entretanto, cheguei um pouquinho atrasado: o Doutor e os sargentos-detetives haviam acabado de contar a história de Kat algumas quadras antes, e eu

também perdera o resumo feito pela Srta. Howard do que ela e o Sr. Moore tinham descoberto no centro. Ela, porém, muito decentemente, separou-se do grupo para me fazer uma breve recapitulação.

Cerca de dois anos antes, Elspeth Hunter e o marido, Micah, haviam de fato feito a requisição e recebido uma licença para uma reforma razoavelmente extensa na casa, principalmente no porão. No entanto, como os registros atuais referentes à construção estivessem faltando e a cópia da licença não fosse além de generalidades, aquilo era tudo que nos era possível determinar (e podíamos nos considerar com sorte por isso). Mas, depois dessa descoberta, a Srta. Howard fizera o Sr. Moore sentar-se e o forçara a lembrar-se de tudo que podia sobre o tal porão, que de fato a enfermeira Hunter o encorajara a examinar. A Srta.

Howard achava que tinha de haver algum tipo de pista ali e então fez um esboço e anotou as dimensões e tudo que o Sr. Moore lembrava-se de ter visto ali. Nada no lugar lhes havia chamado a atenção até ali, mas era possível que estivessem deixando passar ou interpretando mal alguma coisa que os sargentos-detetives talvez considerassem importante.

Tínhamos chegado ao número 808 da Broadway antes que Lucius começasse a explicar o que ele queria com o casaco de botões grandes de Elspeth Hunter (ou Libby Hatch), e o Doutor resolveu que deveríamos esperar até chegarmos ao nosso andar de destino para crivá-lo de perguntas. Lucius não era o que se chamaria de uma pessoa empolada ou vaidosa, mas, como dissera o irmão naquela noite em que fomos apanhá-los no píer da Cunard, ele apreciava os momentos ocasionais em que ocupava a tribuna de honra intelectual; e, enquanto subíamos no elevador, o amplo sorriso em seu rosto deixava claro que estava encantado com o fato de que nenhum de nós (exceto Marcus, naturalmente) houvesse deduzido qual era seu plano. Por mais curioso que eu estivesse, admirava Marcus por não entregar o ouro e por dar ao irmão mais moço uma oportunidade para brilhar: tratava-se de uma rara demonstração visível de que, por trás de tudo, os dois irmãos eram verdadeiramente unidos, como tinham mesmo de ser, para ter sobrevivido a todos aqueles anos em que lutavam em meio à hierarquia da força policial.

Chegamos à sala e, pelas janelas de frente do escritório, eu podia ver que as nuvens além do Hudson, a oeste, estavam se tornando mais densas, carregando-se do que parecia que iria ser uma chuva de verdade. Todos se sentaram e Lucius ficou de pé ao lado do quadro, apanhando um pedacinho de giz e sacudindo-o na mão fechada exatamente como o Doutor gostava de fazer: Lucius tinha grande admiração pelo Dr. Kreizler, de uma forma um tanto infantil, que às vezes fazia parecer que ele queria imitar o homem tanto nas grandes quanto nas pequenas coisas.

Repetindo, para o Sr. Moore e a Srta. Howard, sua convicção de que o que agora precisávamos acima de tudo era uma prova de que a enfermeira Hunter estava com o bebê dos Linares e que de fato havia atacado a *señora* no Central

Park, Lucius prosseguiu, explicando por que um traje tão simples quanto um casaco com botões poderia oferecer tal prova. O

detalhe dos botões, assim que eu soube, ficou bastante óbvio, e tive vontade de me socar por não ter pensado nisso: os sargentos-detetives haviam conseguido um bom conjunto de impressões digitais no pedaço de cano de chumbo que haviam encontrado no obelisco egípcio e precisavam colher impressões da enfermeira Hunter para compará-las. Eles não quiseram roubar nada da casa da mulher, pois ela parecia o tipo que perceberia até mesmo se a mais ínfima quinquilharia estivesse faltando. E, visto que a casa da Sra. Hunter se encontrava sob a

proteção pessoal de Goo Goo Knox, parecia ter sido um golpe de sorte terem tomado aquela decisão; mas ainda precisávamos de algo de onde pudessem tirar as impressões para comparar.

Uma peça do vestuário com botões seria o mais adequado, pois não era provável que houvesse outras impressões nos fechos, exceto as dela própria; e botões grandes e lisos teriam espaço suficiente para oferecer imagens completas de múltiplas impressões.

Isso nos deixava com a pergunta do motivo por que Lucius queria um casaco ou blusão, algo que a enfermeira Hunter vestisse tanto em casa quanto na rua. Esta pergunta, por sua vez, trouxe-nos ao que era, para o restante de nosso grupo, um misterioso mundo novo: a identificação de uma pessoa pelo cabelo. Parecia que a criminalística havia progredido ao ponto em que um microscópio podia ser usado para determinar se um fio de cabelo era humano ou animal e, no caso de ser humano, se viera de uma determinada pessoa — desde que uma amostra do cabelo

daquela pessoa se encontrasse acessível para a comparação. Bem, o chapeuzinho que o Doutor encontrara na base do obelisco egípcio continha o que Lucius acreditava ser alguns fios do cabelo de Ana Linares: o cabelo de bebê era, ao que parecia, o tipo mais fácil de se identificar, posto que era, nas palavras de Lucius, “de tamanho pequeno, de características rudimentares e possuidor de pigmentação extremamente pura”. Assim sendo, o que precisávamos agora era de outra amostra do cabelo de Ana — retirada diretamente de uma peça de roupa da enfermeira Hunter — que pudesse ser submetida ao “microscópio de comparação” do sargento-detetive, uma espécie de aparelho duplo que lhe permitiria estudar as duas amostras lado a lado e fazer uma combinação exata.

Mas, todos queríamos saber: por que Lucius havia se decidido por um casaco ou sobretudo como a melhor roupa para tentar recolher tal amostra? Não fazia mais sentido tentar conseguir uma camisa ou, quem sabe, algo até mesmo um pouco mais íntimo? A resposta do sargento-detetive foi sagaz e digna do homem. Nós já sabíamos que a enfermeira Hunter, numa atitude audaciosa, saíra com o bebê em público; supondo que ninguém jamais a prenderia pelo rapto (posto que ela não tinha qualquer interesse num resgate), provavelmente aproveitava todas as chances que tinha para fazer o mundo crer que ela era capaz de ter sua própria filha, uma criança feliz e saudável. Camisas, saias, roupas de baixo — tudo isso ela usava no covil dos Dusters e só Deus saberia onde mais. E, como agora sabíamos que a Sra. Hunter não sentia exatamente repulsa pelo contato físico íntimo com uma diversidade de tipos, essas roupas provavelmente conteriam numerosas amostras de pelos que levaria muito tempo para classificar. E o tempo estava nos pressionando: se suas experiências na Maternidade de Nova York tivessem algum significado, não levaria muito tempo para que a provada incapacidade da enfermeira Hunter de

cuidar eficientemente de uma criança começasse a se revelar. A essa altura, até mesmo um bebê como Ana Linares iria certamente tornar-se bem mais irritada do que o usual, condição esta que só viria a deteriorar-se. Se a enfermeira Hunter considerasse a criança responsável pelo fracasso de seu relacionamento (como o Dr. Kreizler acreditava que ela houvesse feito no passado e que tornaria a fazer), era só uma questão de tempo antes que a pequena Ana também começasse a sofrer episódios inexplicados de dificuldades respiratórias, até um episódio final, que resultaria em sua morte.

E, portanto, um sobretudo ou, como era mais provável mesmo naquele mês de junho comparativamente fresco, um casaco leve: uma peça que seria imediatamente despida sempre que a enfermeira Hunter entrasse num lugar onde outras pessoas estivessem reunidas,

reduzindo assim o número de amostras capilares que haveria na peça, mas que ela usaria ao carregar o bebê, como fizera no trem elevado da Terceira Avenida: firme, bem junto ao colo.

Era um raciocínio muito arguto; e, quando o sargento-detetive Lucius terminou, nós todos, inclusive seu irmão, oferecemos a ele uma pequena salva de palmas. Os outros estavam ansiosos para saber se Kat conseguiria ou não trazer a peça de roupa em questão, mas apaziguei todo aquele nervosismo: sem o dizer claramente, eu os fiz saber que, entre os itens do dia a dia, não havia muito que Kat não pudesse afanar, se tivesse bom motivo para isso.

Então veio a questão do que fazer em relação ao porão da enfermeira Hunter. A Srta.

Howard pregou na parede o diagrama que desenhara, e o examinamos atentamente. Depois, os outros passaram a investir contra o Sr. Moore com perguntas detalhadas, a maior parte das quais ele não sabia responder, embora tivesse tido livre acesso ao espaço.

— Eu estava procurando um bebê, pelo amor de Deus! — protestou ele depois que alguém lhe perguntou se havia notado alguma área de concreto ou alvenaria que parecesse mais nova do que o restante. — Eu não sabia que deveria estar dando uma busca arqueológica. Era um porão típico... tinha um forno, alguns armários, ferramentas de jardinagem e o chão de terra batida. Acho que havia uma prateleira de conservas também, embora não possa jurar que sim.

E o de hábito, vocês sabem, artefatos da vida doméstica: velhas peças de mobília, algumas molduras de quadros...

— E era assim que estava tudo disposto? — indagou o Doutor, estudando o diagrama.

— Isso mesmo.

O Doutor deixou escapar um murmúrio de desapontamento.

— Decerto nada há de extraordinário em tudo isso. A chave, creio, será encontrar o empreiteiro que fez a obra.

— Ah. — A Srta. Howard olhou para cima, os olhos arregalando-se, como se alguma coisa lhe tivesse passado despercebida. — Mas... ele morreu. Nós perguntamos.

O Doutor girou em sua direção.

— Ele o *quê*?

— Morreu — respondeu o Sr. Moore simplesmente. — Morreu logo depois de terminar o trabalho. Ao que parece, era amigo do funcionário com quem falamos no Arquivo Público.

Fazia um bocado de pesquisa lá embaixo.

O Doutor começou a esfregar as têmporas.

— Por acaso o funcionário disse do que ele morreu?

— Disse — replicou o Sr. Moore, distraidamente vasculhando os bolsos e apresentando um velho pedaço de caramelo embrulhado. — Ah... sustento!

— Moore — disse o Doutor, impaciente.

— Hein? Ah, sim. O empreiteiro. Tenho o nome dele bem aqui... estava na licença. — Ele tirou do bolso um pedaço de papel, enquanto chupava ruidosamente o caramelo. — Henry...

Bates. O escritório dele ficava no Brooklyn. Seja como for, ele sofreu um ataque cardíaco fulminante alguns dias depois que terminou a obra dos Hunters. E não o culpo. Trabalhar para aquela mulher também me faria ter um ataque cardíaco.

O Doutor limitou-se a abanar a cabeça, segurando-a entre as mãos, e suspirou. A Srta.

Howard foi ficando cada vez mais nervosa, enquanto o observava.

— Acha que isso é importante, Doutor?

Ele ergueu a cabeça, puxando a pele sob os olhos com os dedos.



— De fato me parece uma estranha coincidência, sim.

— Já tivemos uma coincidência neste caso — anunciou o Sr. Moore, agitando a mão, displicentemente. — Não se pode acreditar em *muitas* delas.

— Eu não deveria acreditar que *nenhuma* delas, Moore — devolveu o Doutor —, fosse de fato coincidência! Marcus, sugiro que você descubra o que puder sobre um empreiteiro chamado Henry Bates, do Brooklyn. Pode ser que ele tivesse família.

— E esta saberá seu histórico médico — afirmou Marcus, anotando o nome num bloco, com um aceno da cabeça.

A Srta. Howard levou a mão à testa.

— Mas é claro. Droga...

— Por que diabos vocês todos estão tão agitados? — indagou o Sr. Moore. E sinto-me inclinado a dizer que até mesmo *eu* pensei que ele estivesse sendo um pouco obtuso naquele momento. — Então o homem teve um ataque cardíaco. E daí?

— Moore — disse o Doutor, tentando ser o mais paciente possível. — Por acaso você se lembra do Dr. H. H. Holmes, o assassino em série cuja existência causou tanta aflição a sua avó no ano passado?

— É claro que sim — disse ele. — Quem não se lembra? Matou quem sabe quantas pessoas naquele seu “castelo de torturas”?

— Precisamente — replicou o Doutor. — O “castelo de torturas”. Um labirinto aparentemente interminável de salas

e câmaras secretas, cada uma delas desenhada pelo próprio Holmes para servir a algum propósito horrivelmente sádico.

— Bem... — disse o Sr. Moore — e o que isso tem a ver com este caso?

— Sabe qual foi a primeira coisa que Holmes fez assim que o castelo estava terminado?

A expressão do Sr. Moore continuava neutra.

— Matou alguém, eu imaginaria.

— Correto. Ele matou a única pessoa na face da terra, além dele, que conhecia a planta exata do lugar.

Finalmente, os ruidosos estalidos provocados pelo Sr. Moore ao chupar o caramelo cessaram.

— Hã-hã... — Ele ergueu os olhos lentamente. — Não seria o...

— Exato — respondeu rapidamente o Doutor. — O empreiteiro.

Olhando o rosto de cada um ali, o Sr. Moore de repente se pôs de pé.

— Estou indo para o Brooklyn — disse ele, correndo em direção à porta de entrada antes que qualquer insulto de verdade fosse lançado contra ele.

— Vou com você — decidiu Marcus, seguindo-o. — O distintivo pode vir a ser útil.

— Precisamos da causa *exata* da morte! — gritou o Doutor para eles, quando já fechavam a grade do elevador. —

Assim como quaisquer detalhes sobre a obra que ele possa ter contado à família, se é que tinha uma!

A porta da frente fechou-se com um estrondo e nós ficamos ouvindo, enquanto o Doutor resmungava, desalentado.

— Eu devia ter imaginado. Já é difícil manter a mente de John concentrada no frio, quanto mais no verão... — Ele fez uma pausa e olhou novamente para o diagrama na parede.  
— O

porão — disse baixinho. — O porão...

A Srta. Howard aproximou-se, parando ao lado dele.

— Lamento muito, Doutor. Era eu que devia ter pensado nisso.

O Doutor tentou ser indulgente.

— Duvido que isso tenha nos custado muito tempo, Sara — disse ele. — E mesmo que descobramos algum segredo terrível sobre a construção desse porão, permanece a pergunta: o que podemos fazer a respeito? Uma abordagem direta da polícia, dada a atitude do *señor* Linares, está excluída, não só em razão do perigo que representaria para a *señora*, mas também por causa da imunidade diplomática. Os policiais da Mulberry Street, ainda que conseguíssemos convencê-los a investigar o caso, nunca desafiariam a vontade de um dignitário estrangeiro. E os perigos que representaria ao nosso próprio grupo um retorno àquela casa agora estão bastante evidentes... uma palavra de Elspeth Hunter e nos encontraríamos, como disse a Srta. Devlin, no fundo do rio. E há ainda a questão de nosso amigo desconhecido com suas setas e facas...

— O senhor conseguiu descobrir alguma coisa a respeito disso tudo? — perguntou Lucius.

— Recebi partes de uma resposta — afirmou o Doutor. — Às quais é necessário acrescentar uma conjectura... uma conjectura bastante extravagante... a fim de se obter uma resposta provável. Estamos diante de duas armas. A primeira, como você disse, sargento-detetive, é a conhecida marca registrada dos piratas, mercenários e simples ladrões que rondam a zona portuária de Manila. A segunda é mais obscura... uma arma aborígine, como supusemos, que, a julgar apenas pelo pequeno tamanho, não poderíamos deixar de identificá-la como originária de uma das tribos de pigmeus do sudoeste do Pacífico, da África ou da América do Sul. É a estricnina que nos permite ser mais específicos... Sabe-se que só é utilizada dessa forma pelos nativos de Java.

— Java? — espantou-se Lucius. — Mas Java fica nas Índias Orientais holandesas... bem ao sudoeste das Filipinas. Não parece combinar com a *kris*.

— É verdade, sargento-detetive — respondeu o Doutor. — Mas lembre-se do que é a zona portuária de Manila... um caldeirão de tudo que é violento e criminoso, dos lugares mais distantes, como Europa, São Francisco e China. Um frequentador do lugar provavelmente terá familiaridade com armas de locais ainda mais distantes do que Java... e, caso ele tenha uma predisposição étnica para um determinado tipo de arma, são grandes as chances de que venha a adotá-la.

— O que o Senhor quer dizer? — perguntou a Srta. Howard.

O Doutor finalmente fez meia-volta e afastou-se do diagrama.

— Em certas regiões isoladas das Filipinas... a parte norte da ilha de Luzon, por exemplo, e a península de Bataan... existem pequenos grupos de pigmeus aborígenes. Os espanhóis e os filipinos chamam-nos *negritos*; seu nome tribal é “Aëtas”. São os mais antigos habitantes das ilhas e acredita-se que tenham vindo do continente asiático, quando ainda havia uma ponte de gelo sobre aquela parte do Pacífico. Eles têm as feições bastante negroides — o Doutor olhou para mim e para Cyrus — e sua altura média é inferior a um metro e quarenta. O que, a distância, pode fazer com que pareçam...

Cyrus assentiu.

— Pareçam um garoto de dez anos, neste país.

— Precisamente.

A Srta. Howard de repente deixou escapar um arquejo.

— Meu Deus! — sussurrou.

O Doutor voltou-se para ela.

— Sara? Suponho que tenha se lembrado de algum detalhe de uma conversa sua com a *señora* Linares?

— Sim — respondeu ela, perplexa, sem se dar ao trabalho de perguntar como o Doutor havia adivinhado. — O marido dela... ele vem de uma antiga família de diplomatas. Quando era rapazinho, o pai foi designado para a função de governador-geral... em *Manila*...

O Doutor apenas assentiu com a cabeça.

— Na ilha de Luzon. Tinha de haver uma conexão. Os Aëtas são considerados párias na sociedade filipina. Se um deles,

por alguma razão, se encontrasse em Manila, a zona portuária é virtualmente o único lugar onde sua presença seria tolerada. Ele teria trazido consigo as habilidades de caça e guerra de seu povo... e, com toda a probabilidade, aprendido outros métodos de combate necessários à sua sobrevivência. Ao mesmo tempo, como muitos aborígenes, os Aëtas dão grande valor à lealdade. Se tal homem viesse a ser empregado ou amparado por alguém numa posição de poder... — Ele virou-se na direção da Srta. Howard. —

Fica a seu encargo, Sara, entrar de alguma forma em contato com a *señora* Linares e determinar se seu marido teve ou não tal homem a seu serviço.

— Não vai ser fácil — disse a Srta. Howard. — Ela está sendo vigiada com muito cuidado, dia e noite.

— Então temos de ser criativos — respondeu o Doutor. — Mas precisamos saber. O

comportamento deste homenzinho misterioso tem sido marcado por duas intenções aparentemente contraditórias... Temos de descobrir por quê, para que possamos determinar quando ou se é provável que tornemos a encontrá-lo. — Enquanto cruzava a sala, voltando ao esboço preso à parede, sua voz mais uma vez soou desanimada. — Mas receio que nada disso solucione o problema desse maldito porão... Como podemos entrar lá? E, uma vez lá dentro, como descobrir o que ela construiu no lugar e se, de fato, está mantendo a criança ali?

Lucius soltou um grunhido.

— Não foram muitas as vezes em que defendi os métodos costumeiros do departamento —

resmungou ele. — Mas, neste caso... o que eu não daria para arrombar a porta e entrar lá com um bom e antiquado cão de caça para farejar o bebê!

Todos ficaram em silêncio por um ou dois minutos. Permaneci ali sentado no meu parapeito de janela, os joelhos enfiados debaixo do queixo, esperando que um deles surgisse com uma ideia mais prática. Em tal disposição, levei alguns minutos para perceber um pequeno ruído: era Cyrus, pigarreando levemente, ao que parecia, em minha direção. Olhei para ele e o flagrei me fitando, as sobrancelhas erguidas numa expressão que parecia dizer: “E

*então...?”* Eu não tinha a menor ideia do que ele queria dizer com aquele olhar, então franzi as sobrancelhas e curvei os ombros para que ele soubesse. Nesse momento ele olhou para os outros, certificando-se de que ainda estavam examinando o diagrama, em seguida se aproximou de mim, encostando-se na moldura da janela e olhando para fora, de modo que suas palavras não pudessem ser ouvidas.

— Ainda conhece aquele garoto na cidade? — murmurou ele, casualmente apoiando um braço na janela e pondo a mão diante da boca. — O que tinha o animal?

Durante um minuto fiquei confuso e, mesmo quando compreendi de quem estava falando, isso não me esclareceu muito.

— Hickie o Huno? — perguntei. — Claro, ainda conheço Hickie, mas...

— E você viu a casa da mulher — disse Cyrus. — Acha que pode arrombá-la?

Era um certo choque ouvir aquela pergunta — isto é, esperava-se que eu tivesse esquecido tudo sobre essas questões.

— *Aquela casa?* — por fim respondi. — Sim, claro, mas...

Cyrus por fim olhou-me com franqueza.

— *Essa é sua vez de jogar, Stevie.* Se quiser...

Ele voltou a se afastar, deixando-me um tanto perplexo.

— Mas Cyrus — sussurrei atrás dele com premência; premência bastante para fazer com que o Doutor desse meia-volta.

— Stevie? — chamou ele. — Tem alguma contribuição a fazer?

Voltando-me rapidamente, sacudi a cabeça com inocência.

— Não, senhor.

— Tem, sim — murmurou Cyrus em direção à parede.

— Não, *não* tenho — repliquei, falando pelo canto da boca.

— OK — disse ele. — Se é assim que você quer...

— O que está acontecendo? — indagou o Doutor, perplexo.

— Stevie, se tiver alguma ideia sobre como sair deste impasse, então, por favor... — Ele ergueu a mão na direção do diagrama.

Não me mexi de imediato, apenas deixei-me ficar ali sentado, passando a ideia em revista na minha cabeça. Em seguida, soltei um gemido e fiquei de pé. Não havia muito mais que fazer. Afinal, eu tivera participação na tarefa de



convencer o Doutor a tentar salvar o bebê Linares; e, enquanto me arrastava pela sala, concluí que, se sabia de uma maneira para dar o passo seguinte, devia contar ao homem. Assim, fuzilando Cyrus com um breve olhar que dizia

“Obrigado por nada” — ao qual ele respondeu apenas com um amplo sorriso —, juntei-me aos outros três em torno do diagrama.

— Hã — disse eu, sem saber por onde começar. — Talvez... hã... não seja preciso fazer como diz o sargento-detetive Lucius. Isto é, talvez vocês possam fazer o mesmo trabalho sem todo esse barulho. — Apontei para o diagrama. — Se o que estão dizendo é que o cheiro do bebê pode ser farejado no porão, mesmo que a gente não saiba exatamente onde a Sra. Hunter a trancou... bem, então, talvez não seja preciso entrar lá com a polícia e um cão de caça para descobrir. Alguém notou como eram as janelas nos fundos da casa?

— Notei — respondeu Lucius. — Prestei bem atenção. Têm grades. Não muito grossas, mas espaçadas a pequenos intervalos.

— Então é preciso um extensor — repliquei.

Lucius assentiu.

— É, mas mesmo que tivéssemos um, seria difícil criar uma abertura grande o bastante para uma pessoa.

— Para uma pessoa *adulta*, você quer dizer — repliquei. — É assim que eles costumam fazer as grades. Mas...

O Doutor olhou para mim e era como se ele não conseguisse se decidir se deveria mostrar-se entusiasmado ou severo.

— Stevie... está sugerindo que você poderia entrar lá?

Fiz que sim com a cabeça, de um modo que se poderia descrever como extremamente relutante.

— Tem uma cocheira bem ao lado da casa. Isso eu observei. Um bom lugar para se esconder e depois agir: abrir a grade, entrar e ir verificar o porão. Se encontrarmos a garota, posso tirá-la de lá.

— E *com* que você a encontraria? — indagou Lucius.

Dando de ombros, respondi:

— Tenho um amigo... — Senti o olhar do Doutor em mim. — Bem, eu *tinha* um amigo.

Um garoto que costuma entrar pelos andares mais altos das casas, como eu costumava fazer.

Nós o chamamos Hickie o Huno porque ele diz que sua família era de aristocratas alemães, muito tempo atrás. Mas eram holandeses, alguma coisa assim. Bem, ele tem uma doninha amestrada, chamada Mike. Quando vai fazer um servicinho, Hickie leva o bicho numa sacola.

Mike pode entrar por qualquer abertura estreita. — Tornei a apontar para o diagrama. — E eu podia levá-lo até lá. Tem um faro e tanto, aquele bichinho.

— Mas como ele sabe o que está procurando? — perguntou a Srta. Howard.

— Hickie tem um truque — respondi. — Ele põe alguma coisa que se pareça ou cheire com o que está tentando afanar na gaiola de Mike e não dá comida a ele até que

aprenda a ir buscar o objeto. Em geral não leva muito tempo. Uns poucos dias.

Lucius pesou a ideia por um minuto e então olhou para o Dr. Kreizler.

— Doutor — disse, seu tom de voz deixando claro que ele compreendia o risco, mas que estava entusiasmado, de qualquer forma. — Isso pode funcionar.

— Mas não teríamos de encontrar uma maneira de tirar os Hunters de casa? — quis saber a Srta. Howard.

— Só a mulher — respondi. — E se ela está andando com Goo Goo Knox, bem... tudo que temos a fazer é esperar uma noite que ela saia. Não acho que o marido tome conta da criança, se ele está tão doente como vocês todos dizem. É provável que ela esconda o bebê enquanto está fora. Eu entraria pelo térreo... pela cozinha, provavelmente. Depois disso, vou direto para o porão. Eles dormem no andar de cima, certo? Ouvimos o marido quando estávamos do lado de fora.

— Isso mesmo — disse Lucius imediatamente.

— Assim seria muito simples agir, mesmo ele estando lá. Fiz isso muitas vezes. Talvez não com uma criança, mas qual a diferença entre uma sacola de objetos e uma criança?

Não havia muito mais a dizer sobre o trabalho, portanto eu sabia o que viria a seguir.

— Vocês nos dariam licença, por favor? — perguntou o Doutor, levando-me pelo ombro para os fundos da sala. Ali chegando, cruzou os braços e me fitou por um segundo; em seguida, virou-se e ficou olhando pela janela.

— Stevie, tem muita coisa nesse plano que me deixa inquieto.

— A mim também — declarei. — Se tiverem outra ideia, sou totalmente a favor.

— É justamente esse o problema — replicou ele. — Não temos. E você sabe disso.

— É. Mas essa ideia não é minha, para começar. É de Cyrus. De qualquer maneira, isso não... não vai ser nada demais. O senhor me dá um dos sargentos-detetives para ficar de vigia e, se tivermos a caleche pronta na cocheira, vamos estar bem. Uma arma e um distintivo podem resolver problemas com qualquer um, menos com os Dusters. Mas, quando eles descobrirem o que está acontecendo, se é que vão descobrir, já estaremos longe.

Naturalmente, não havia como o Doutor ficar feliz com a ideia de eu me expor ao perigo e de voltar a minhas antigas atividades de ladrão; mas ele sabia, a julgar pela expressão em seu rosto, que não tínhamos escolha. O fato de a Srta. Howard e o sargento-detetive Lucius estarem totalmente favoráveis à tentativa só veio a torná-la mais aceitável. E, assim, por volta das duas, me vi mais uma vez seguindo para meu antigo bairro, a fim de tentar localizar Hickie o Huno e sua doninha Mike.

## **CAPÍTULO 21**

Calculei que encontraria Hickie nadando em algum ponto das margens do East River, mesmo naquela que era, para Nova York, uma fresca tarde de verão: o garoto gostava tanto de água quanto um peixe. Além disso, onde havia navios, havia cargas, e a melhor forma de rondar as docas era dar um mergulho inocente e ver o que elas tinham a oferecer. Não que cargas marítimas fossem o alvo

costumeiro de Hickie; como já disse, ele era um arrombador de casas, hábil em escalar os andares superiores, bom o bastante em seu ramo para operar independente de qualquer gangue, mas suficientemente respeitado para poder unir forças com qualquer grupo que lhe servisse a um determinado trabalho. No fundo, era um solitário, aquele Hickie

— exceto no que dizia respeito aos animais. Ele vivia num porão abandonado na Monroe Street, ao norte da ponte de Brooklyn, com toda uma coleção de cachorros, gatos, esquilos, cobras, guaxinins e não se sabe mais o quê. O único animal que ele não criava era rato; ao contrário, treinava seus outros bichinhos de estimação para manter a casa livre deles. Veja, quando tinha apenas dois ou três anos, a mãe e o pai de Hickie, que eram imigrantes, fabricantes de charutos numa casa de cômodos da Eldridge Street, haviam sido roubados e assassinados a tiros, e mais de 24 horas se passaram antes que alguém descobrisse o crime e o garotinho que a ele sobrevivera: tempo suficiente para que os ratos se pusessem a trabalhar nos corpos. Vendo os próprios pais serem comidos por aquelas coisas foi o bastante para levar Hickie a lançar-se numa campanha perpétua para matar todo rato que visse — o que, numa cidade como Nova York, significava que a ele nunca faltava o que fazer.

De fato, naquela tarde Hickie se encontrava atrás do mercado de peixes da Fulton Street —

um edifício grande de paredes revestidas por tábuas, com três torrinhas a que chamavam

“cúpulas” — nadando nu com outros meninos. Algumas escunas de carga e um vapor estavam atracados perto dos nadadores, junto à Fulton Ferry, cuja estação ficava ao lado

do mercado de peixe. Alguns dos meninos mais novos mergulhavam dos gurupés das escunas, arriscando-se a quebrar o pescoço nas docas. No entanto, ninguém parecia se importar, muito menos Hickie, que vivia repetindo que, até onde lhe dizia respeito, qualquer criança que fosse deixada nadando sozinha num rio com correntes tão perigosas quanto as do East River estava apta a decidir quando e onde estouraria a própria cabeça.

Abri caminho em meio a todo aquele comércio barulhento e malcheiroso que acontecia do lado de fora do mercado de peixes; então contornei a base do edifício, descendo ao local onde as crianças chapinhavam, entrando e saindo das águas eternamente sombrias e turvas lá embaixo.

— Ei, Hickie! — gritei, ao ver sua cabeça surgir na superfície. — Se quer morrer de pneumonia, encontrou a maneira certa!

Ele me dirigiu um sorriso, mostrando uma grande lacuna nos dentes da frente, deixada por dois policiais.

— O que esstá dizendo, Sstevie? — replicou ele, os ss escapando pela falha entre os dentes. — O dia esstá *perfeito* para um mergulho!

— Venha até aqui — respondi. — Tenho uma proposta de negócio para você!

Jogando os cabelos pretos para trás, ele começou a nadar, rápida e habilmente, até onde eu me encontrava sentado.

— Bem, tem hora para nadar e tem hora para fazer negócios — disse, saindo correndo da água, como um raio branco e pálido, indo até o pequeno monte de roupas. Ele se enxugou com um trapo que algum dia devia ter sido uma toalha, em seguida se vestiu apressadamente. —

Como vai você, Sstevie? Faz tempo que não aparece.

— É, não tenho mesmo — afirmei, observando que a voz de Hickie tinha ficado mais baixa. Provavelmente ele tinha um ou dois anos a mais do que eu, mas era pequeno para a idade. — Trabalhando. A vida honesta, você sabe... costuma manter você ocupado.

— E, por causa *disso*, fico longe dela — disse Hickie, agora vestido com uma velha camisa, calças de lã e suspensórios. Calçou um par de sapatos surrados e apertou minha mão, pondo a seguir um boné de mineiro na cabeça, deixando-o cair sobre um olho. — Se eu não pudesse vir dar um mergulho todas as vezes que tenho vontade, a vida não teria sentido para mim. O que você tem em mente, meu velho?

Apanhei algumas pedras e comecei a atirá-las no rio.

— Você ainda tem Mike?

— Mike? — repetiu Hickie, como se eu tivesse acabado de mencionar um membro de sua família. — Claro que sim! Mike ainda está comigo! Não poderia abrir mão dele, Sstevie. Ele é o meu garoto. Um matador de ratos inato, aquele Mike.

— Alguma vez você alugou Mike?

— Alugar Mike? — Hickie cruzou os braços, levou a mão ao queixo e tocou com o dedo o nariz, enquanto refletia. — Não... não, não acredito que eu pudesse considerar essa possibilidade. Não sei se eu me sentiria bem fazendo isso. Mike é dono dele mesmo, você sabe.

Ele falava absolutamente a sério; e era perda de tempo alguém tentar dizer a Hickie que os animais eram apenas

animais.

— Bem, eu podia usar os serviços dele — disse eu. — Por uma semana, talvez. E o pagamento seria dinheiro alto.

O dedo de Hickie continuou batendo no nariz.

— Uma semana? Bem... — Subitamente ele se animou. — O que acha de ir perguntar a ele? Se Mike for com a sua cara, Sstevie, vai ser sinal de que ele quer trabalhar... e, sendo assim, longe de mim querer impedir!

Vi Hickie começar a andar em direção à choça que ele chamava de casa, como o pequenino capitão da indústria do crime que era; e, quando o alcancei, passando a caminhar a seu lado, reconheci que o garoto teria um futuro brilhante, se pudesse manter-se um passo à frente do longo braço da lei.

Pusemo-nos a par das atividades de um e de outro durante o trajeto até a casa de Hickie, na Monroe Street, que ficava numa das áreas mais velhas e pobres da cidade. O prédio de Hickie, como a maioria à sua volta, era uma decrépita construção de madeira, remanescente do último século ou algo por aí; e o que ele chamava de “porão” estava mais para uma caverna.

Chegamos até lá contornando até uma viela nos fundos — coberta de pilhas de cinza e de roupas penduradas para secar — e então descendo por um velho lance de degraus de pedra até um espaço no subsolo com piso de terra batida. O lugar estava escuro, exceto pela luz quase indistinguível de uma janela alta e imunda na parede da frente — mas isso não impediu que um bando de cães começasse a latir assim que nos ouviu chegando. Uma vez lá dentro, Hickie acendeu uma lamparina a querosene e, tão logo o fez, o lugar ganhou vida: não eram apenas cães



latindo e saltando ao nosso redor, mas gatos fugindo deles e sibilando, e dezenas de outros animais, menores, movendo-se por toda parte, fazendo com que as próprias paredes parecessem vivas. Hickie cumprimentou a todos com grande entusiasmo, um processo que tomou algum tempo, enquanto eu esperava, cauteloso, sem saber quais dos bichos eram perigosos para estranhos e quais eram dóceis.

Um pouco além das escassas peças de mobília que Hickie possuía, via-se uma velha pia com um balde de lixo sob ela, cujo conteúdo havia sido espalhado pelo cômodo — e dali logo surgiu um guaxinim de tamanho médio, que lançou a Hickie um olhar de grande culpa.

— Willy! — gritou Hickie, dirigindo-se ao balde de lixo numa velocidade que tornava difícil (mas não impossível) a fuga do guaxinim pelo cano d'água da pia. — Quantas vezes preciso dizer a você que não quero mais lixo aqui? — Ele olhou para o animal que piscava dentro do cano, agarrando-se a ele. — Você age como se nunca tivesse comida aqui, seu pequeno ingrato...

Tive de rir.

— Hickie, ele é um guaxinim, pelo amor de Deus, o que você queria?

Hickie colocou as mãos nos quadris, enquanto continuava a olhar de cima o animal.

— Eu espero que ele aja com um pouco mais de civilidade e gratidão, caso contrário vai acabar dormindo na rua... é *isso* que espero! — Ele adiantou-se no cômodo e acendeu uma outra lamparina, levando-a consigo. — Eu o batizei em homenagem ao *Kaiser Wilhelm*, mas ele não perde tempo com nobrezas, não, senhor... — Hickie fez sinal para que eu

me aproximasse; e quando percebi que uma cobra de bom tamanho vinha em direção aos meus pés, resolvi enfrentar os outros animais e adentrar os recessos mais profundos do porão. —

Pois bem, agora, venha cumprimentar Mike — disse Hickie subindo numa imensa pilha de velhos baús.

Na escuridão, consegui distinguir uma armação grande e estruturada no topo dos baús, e quando Hickie ergueu a lamparina, pude ver que se tratava de uma gaiola, feita de ripas e tela de arame velhos. Dentro da gaiola, uma sombra comprida e esguia se movimentava, agitada, com uma cauda igualmente comprida e peluda seguindo-a.

— Mike! — Hickie finalmente havia chegado alto o bastante na pilha para pousar a lamparina, e então sentou-se num dos baús perto da gaiola. — Mike, trouxe um velho amigo para lhe fazer uma visita e uma proposita... ah, *Mike!* — O rosto de Hickie de repente abriu-se num amplo sorriso, o buraco entre os dentes sobressaindo ainda mais. — *Sstevie!* Venha olhar isso!

Pelo alto da gaiola, Hickie ergueu, pelo rabo, um rato morto. O bicho estava todo mordido e cheio de arranhões, e havia um rasgo imenso em seu pescoço.

— O que foi que eu lhe disse? — gritou Hickie, exultante. — Matou o safado pela tela!

Ninguém supera o velho Mike quando se trata de matar ratos! — Feliz além do que se pode

exprimir, Hickie jogou o rato no chão, abriu a gaiola e tirou dali a doninha cinza e branca, de cerca de sessenta centímetros. Os olhinhos pretos do animal fixaram-se no rosto de Hickie com uma expressão que parecia de

reconhecimento: ele virou-se de barriga para cima no colo de Hickie, e então subiu-lhe pelo braço, dando a volta pelos ombros de seu dono, com um movimento longo e rápido, como se tivesse sido despejado de uma garrafa. Hickie deu uma gargalhada e então a doninha voltou a pular em seu colo, coçando as orelhas arredondadas e o nariz pontudo com as curtas patas dianteiras. O animal olhou em minha direção, as pequenas adagas que eram os afiados dentes superiores aparecendo sobre o pelo do maxilar inferior.

— Você me faz cócegas, faz, Mike, meu garoto? — gritou Hickie, esfregando a barriga da doninha com afeto e entusiasmo genuínos. — Aí eu faço em você! — Mas a doninha parecia apenas deliciar-se com o carinho e, depois de alguns segundos, acalmou-se o bastante para que Hickie a segurasse. — Venha, Sstevie, suba até aqui para conhecer Mike da maneira adequada!

— Ele fitou os olhos da doninha. — Bem, Mike, esse é Sstevie Taggert, que você já conhece, mas a quem nunca foi devidamente apresentado. Sstevie... Mike. — E, antes que eu pudesse reagir, ele havia colocado o animal junto ao meu peito, fazendo-me abraçá-lo. — O que você acha, Mike?

A doninha ergueu a cabeça, fitando-me por um breve segundo, em seguida girou e subiu correndo pelo meu braço, as garras afiadas atravessando-me a camisa e ferroando levemente minha pele. Era uma sensação incômoda a princípio — não dolorosa, mas estranha; e, em poucos segundos apenas, os rápidos movimentos da doninha em torno do meu pescoço e pelos meus ombros tornaram-se mais leves, ao ponto de passarem, de fato, a fazer cócegas.

— O que... o que ele está fazendo, Hickie? — perguntei, começando a rir.

— Ora, ele está conhecendo você, Stevie. Mike é um severo juiz de caráter, e logo logo vai chegar a uma conclusão sobre você!

Mike desceu pelo meu outro braço, saltando num dos baús por um instante, e então voltou correndo para meu colo. Cheirando-me a camisa com o focinho que não parava de franzir, ele enfiou a cabeça entre dois dos meus botões — e de súbito desapareceu dentro da camisa.

Respirei fundo, assustado, enquanto sentia o pelo quente e as garras frias na minha pele nua.

— Hickie! — exclamei, meio divertido, meio apavorado.

— Ah, isso é difícil acontecer, é, sim — afirmou Hickie. — Esse é o seu sinal de afeto mais profundo. Eu diria que você encontrou um parceiro, Sstevie, meu velho! — Hickie bateu palmas e então esfregou as mãos nas pernas, obviamente satisfeito por Mike ter gostado de mim tão rápido. Quando a doninha reapareceu, saindo de dentro de minha camisa, comecei a acariciar-lhe as costas com a mão e senti a rapidez com que seu coração batia: como um pequeno motor a vapor, tão veloz que parecia querer explodir. Então Mike deitou-se, deixando-me esfregar sua barriga do jeito que Hickie fizera.

— Mike, Mike, Mike — disse Hickie, fingindo desaprovação. — Não quero você sendo assim tão fácil... lembre-se de sua dignidade, rapaz! — Rindo de si mesmo, Hickie levantou os olhos para mim. — Você trabalha com cavalos, não é, Sstevie?

— Trabalho — respondi. — Temos dois, uma égua e um capão. Por quê? Está sentindo o cheiro deles?

— Não — replicou Hickie, abanando a cabeça. Em seguida, fez um gesto indicando Mike.

— Mas ele esstá. E esse aí adora cheiro de cavalo. E com certeza gosstou de você. Bem, então,

Sstevie... que trabalho é esse que você mencionou?

Eu não sabia o quanto da história contar a Hickie, mas era preciso lhe informar os detalhes básicos, pois precisaria de suas instruções sobre como treinar Mike para a tarefa à frente.

Assim, mencionei apenas que eu e meu patrão estávamos tentando rastrear alguém, que tínhamos motivos para acreditar que estava sendo mantido contra a vontade numa certa casa, trancado num quarto. Mike seria capaz de descobrir se a pessoa estava de fato na casa e encontrar o quarto certo? É claro que sim, disse Hickie; na verdade, aquele trabalho seria uma moleza se comparado a alguns dos outros que Mike realizara no passado. Então, perguntei sobre o adestramento e fiquei surpreso em saber como seria simples: tudo que eu precisaria era de uma peça de roupa da pessoa que estava procurando — quanto mais íntima melhor, pois estaria mais impregnada do cheiro do dono. Mike já estava tão bem treinado que, quando começava a conectar um objeto ou cheiro à sua alimentação, ele rapidamente deduzia que deveria encontrar algo que tivesse a mesma aparência ou cheiro; bastariam uns dois dias para que estivesse pronto. Seria melhor se eu o levasse para minha casa por esse tempo, sugeriu Hickie, para que ele pudesse acostumar-se totalmente comigo. Respondi que não via nisso nenhum problema e então perguntei o que deveria dar de comer ao ativo animalzinho.

— Ele é car-ní-vo-ro, esse Mike — respondeu Hickie, com a atitude de um grande entendedor —, mas não me vá esstragá-lo com luxos. Nada de filé ou cossteletas de carneiro...

Basta pegar alguns camundongos, se puder; se não, uma lebrezinha serve. Três ou quatro vezes por dia, durante o treinamento, para que ele saiba o que você esstá querendo.

— E ele vai comigo na gaiola?

— Claro, claro — disse Hickie, apanhando a engenhoca no topo da pilha de baús e descendo com ela. — Vamos só encontrar um pedaço de tecido para cobrir a gaiola, pois ele não gossta muito da visão do trânsito da cidade. — Hickie começou a fuçar nas muitas pilhas de lixo em seu porão.

— E quanto ao dinheiro, Hickie? Dinheiro alto, como falei.

Encontrando um pedaço velho de encerado, Hickie teve de brigar com um de seus cães, um mastim de porte médio, pela posse do pano.

— O dinheiro? Humm... deixe eu pensar... Anda, Beauregard, solta essta porcaria! —

Finalmente, ele conseguiu puxar o encerado, tirando-o do cão, e, quando voltou até onde estava a gaiola, desci com Mike. — Isso é importante. — Hickie tirou cuidadosamente Mike dos meus braços e o ergueu, de modo a fitá-lo nos olhos. — Você faça um bom trabalho e se cuide bem, ouviu? — Ele beijou o alto da cabeça de Mike e o colocou na gaiola, cobrindo-a a seguir. — Deixe eu ver... Ele significa muito para mim, o Mike...

Era óbvio que Hickie estava esperando que eu fizesse uma oferta e tirei do ar o que me pareceu um número alto.

— O que me diz de cinquenta dólares? Pela semana?

Hickie adquiriu aquele brilho que os negociadores às vezes adquirem quando recebem uma oferta maior do que a esperada e imaginam que talvez possam conseguir ainda mais.

— Setenta, então, Stevie... só para dar sossego à minha alma, entenda... e saberei que você é de fato o cavalheiro que sempre acreditei que era.

Assenti com a cabeça uma vez e trocamos um aperto de mãos.

— Mas você vai ter de vir comigo para buscar o dinheiro — avisei. — Não tenho essa quantia toda comigo.

— E eu não deixaria Mike ir sem saber para onde ele está sendo levado — respondeu Hickie. Então apanhou a gaiola e indicou a porta. — Você primeiro, meu velho!

Voltamos à rua e deixamos para trás aqueles arredores miseráveis, seguindo para Park Row, onde era fácil tomar um fiacre no sentido norte. Foi uma viagem divertida, com Hickie contando muitas histórias de velhos amigos nossos, a doninha Mike enlouquecida dentro da gaiola coberta, sentindo o cheiro do cavalo à nossa frente, e o cocheiro perguntando-se o que duas figuras como nós poderiam estar aprontando — sem falar no que poderíamos estar levando na estranha caixa pousada no colo de Hickie.

Quando chegamos à casa da Rua 17, vimos que o Doutor, Cyrus e a Srta. Howard já haviam retornado — embora não houvesse ainda nenhum sinal da Sra. Leshko, fato este que estava começando a fazer o Doutor se perguntar se não deveria chamar a polícia. (Ele acabou não chamando e, por volta das 5:30 da tarde, a mulher finalmente apareceu,

arengando sobre cossacos, o czar russo e o marido dela. O Doutor simplesmente lhe disse que fosse para casa e voltasse pela manhã.) Hickie ficou mais do que impressionado com o lugar onde eu acabara indo parar depois de todos os meus anos de roubos e trapanças, e acho que por alguns segundos a vista da casa do Doutor fez com que se perguntasse se não haveria algum sentido na vida honesta, afinal. Ele causou uma profunda impressão aos outros, principalmente ao Doutor, que demonstrou grande interesse nos métodos próprios de Hickie de treinar animais.

— É mesmo extraordinário — disse o Doutor, depois de Hickie despedir-se de Mike em meu quarto e então voltar para o centro da cidade. — Sabe, Stevie, existe um fisiologista e psicólogo russo brilhante. Pavlov é seu nome, que encontrei em minha viagem a São Petersburgo. Ele está fazendo um trabalho numa linha semelhante à desse “Hickie”: as causas do comportamento animal. Acredito que uma conversa com seu amigo seria muito útil a ele.

— Não é muito provável — respondi. — Hickie não gosta muito de deixar o velho bairro, mesmo em seus trabalhos... e não creio que ele saiba ler *ou* escrever.

Dando uma risadinha, o Doutor pôs um braço em meu ombro.

— Eu estava falando hipoteticamente, Stevie...

O fato de Mike, a doninha, estabelecer residência em meu quarto me apresentou uma situação que eu nunca antes vivera. De repente, tinha um animalzinho de estimação, um companheiro de quarto, e nos dias que se seguiram minhas próprias atividades eram relativamente ditadas pela necessidade de treinar e alimentar o bichinho. Ele era uma responsabilidade viva, uma ideia que nunca antes me



atraíra; e, não obstante, descobri que não me desagradava de todo, assim que me vi de fato na situação. Na verdade, Mike tornou-se o centro de minha atenção e — graças a seus modos vivazes e afetuosos — minha alegria e diversão também. A Srta. Howard acabou levando mais do que um dia para entrar em contato com a *señora* Linares e mais outro para conseguir uma peça de roupa de dormir de Ana; e passei a maior parte desse tempo brincando ruidosamente em meu quarto com Mike, tentando encontrar camundongos em nosso porão para ele, ou conversando com o animalzinho, como se esperasse que ele me respondesse. Eu vira pessoas se comportando dessa maneira com seus bichos de estimação, mas, nunca tendo tido um, jamais entendera essa conduta; de súbito, o

encanto estava muito claro e, à medida que o tempo passava, eu me vi deliberadamente afastando da mente os pensamentos sobre a partida de Mike.

Havia inúmeros acontecimentos para tirar tais perspectivas de minha cabeça. O sargento-detetive Marcus e o Sr. Moore acabaram por localizar a viúva do empreiteiro Henry Bates, e as notícias que trouxeram do Brooklyn eram perturbadoras: a mulher de Bates declarou que ele nunca estivera doente na vida e que seu coração era forte como o de um touro. E ainda mais: ele não tinha morrido um ou dois dias depois de finalizado o trabalho para a enfermeira Hunter

— morrera no mesmo dia, cerca de seis meses antes, e *no* número 39 da Bethune Street. Tivera um ataque logo depois de tomar uma xícara de chá — reforçado com um pouco de uísque —

que lhe fora oferecida pela dona da casa. Aparentemente a própria enfermeira Hunter relatara tudo isso ao legista,

dizendo ainda que o ataque de Bates ocorrera quando ele levantava um pesado saco de ferramentas, saindo da casa. O legista dissera à Sra. Bates que casos assim de fato acontecem e que Bates poderia ter algum defeito oculto no coração que só se manifestou no fim. Ele havia perguntado à Sra. Bates se ela queria que fosse feita uma autópsia para confirmar a hipótese; mas ela era uma mulher supersticiosa e fanaticamente religiosa, que tinha algumas estranhas ideias sobre o que aconteceria à alma do marido se seu coração fosse removido do corpo sem vida.

Essa atitude ligeiramente insana fez com que o Sr. Moore e Marcus tivessem dificuldade em acreditar na teoria que a Sra. Bates lhes apresentou — a de que o marido fora seduzido pela enfermeira Hunter —, embora eles quisessem muito acreditar. A declaração da mulher de que o Sr. Bates fora instruído pela patroa no número 39 da Bethune Street a empregar e dispensar equipes de pedreiros regularmente, por outro lado, parecia fazer sentido: a enfermeira Hunter queria que o menor número de pessoas possível soubesse os detalhes completos do que ela estava construindo. O único homem que acabou de posse desse conhecimento foi o Sr. Bates; e o Doutor e o sargento-detetive Lucius eram de opinião que, se revistássemos a casa dos Hunters com cuidado, provavelmente encontraríamos um pouco de dedaleira púrpura seca.

Talvez a enfermeira Hunter até a cultivasse no jardim; onde quer que a tivesse obtido, a flor —

fonte da poderosa digitalina, droga capaz de fazer parar o coração até mesmo do mais forte dos homens — podia facilmente ter sido misturada àquela última e fatal xícara de chá, e qualquer cheiro incomum encoberto pelo aroma do uísque.

Essa história toda podia parecer o que o Doutor chamava de pensamento “hipotético” — e assim de fato era. Mas ninguém que já houvesse visto o olhar frio que podia surgir nos olhos dourados de Elspeth Hunter teria duvidado por um só segundo de que ela era capaz de tal ato.

Ainda assim, a ideia de que estivéssemos enfrentando alguém que agora tínhamos boa razão para acreditar houvesse matado não só um grupo inteiro de bebês, mas também um homem adulto, pelo menos, era mais do que um pouquinho assustadora. De fato, parecia que a cada um ou dois dias nos defrontávamos com alguma nova revelação sobre a mulher, provando que ela era perigosa de uma maneira que não havíamos previsto. Isso não tornava os preparativos para nossa entrada em sua casa mais fácil. Mas, a não ser carregar mais e maiores armas de fogo, não havia de fato muito que pudéssemos fazer para aperfeiçoar o plano: e quando a Srta.

Howard apareceu na manhã de quinta-feira com uma das camisolinhas de Ana Linares, minha parte naquele plano tornou-se mais premente: eu agora tinha de passar longas horas

certificando-me de que Mike estivesse devidamente treinado, visto que muita coisa dependia de seu focinho.

Além da camisolinha, a Srta. Howard trouxe a confirmação do que o Doutor havia especulado durante e depois de sua viagem ao Museu de História Natural: o *señor* Linares tinha de fato um aborígene filipino a seu serviço. Era um homenzinho fantasmagórico que provocava arrepios na *señora* e a quem ela não permitia dormir dentro de sua casa, obrigando-o, em vez disso, a passar as noites no quintal. O pigmeu, conhecido apenas como “El Niño”, fora um criado da família Linares durante muitos anos, mas a

*señora* não tinha muita certeza de quais eram exatamente suas funções — embora, quando a Srta. Howard lhe contou sobre nossos encontros com o homem, ela pudesse ter uma ideia melhor. Essa revelação feita pela Srta. Howard só veio aumentar a tensão no casamento dos Linares, que, ao que parecia, estava perto de desmoronar: a *señora* disse à Srta. Howard que, não fosse ela uma boa católica, já teria abandonado o marido.

Para rematar tudo isso, agora tínhamos manchetes diárias no *Times* sobre o “mistério do corpo sem cabeça”, seguindo o caso que começava a se desintegrar, diante dos olhos impotentes do Departamento de Polícia, no tipo de assassinato doméstico que o sargento-detetive Lucius havia originalmente previsto. Na terça-feira, a teoria de que a vítima era um dos lunáticos fugidos de Long Island havia sido praticamente derrubada e a polícia estava agora fomentando a ideia de que o crime fora cometido pelo mesmo carniceiro louco que havia assassinado e esquartejado, de forma semelhante, uma garota, Susie Martin, num caso famoso ocorrido havia alguns anos. Essa teoria, dada aos policiais como presente de Natal pelo patologista que investigara o caso Martin, levou cerca de dois minutos para vir abaixo: várias pessoas, com parentes e amigos desaparecidos, se haviam apresentado no necrotério para ver as partes do corpo sem cabeça e, na quarta-feira, nada menos do que nove dessas pessoas haviam positivamente identificado as partes como os restos de um tal William Guldensuppe, massagista nos Banhos Turcos Murray Hill.

Os policiais (relutantemente, eu podia apostar) tinham seguido essa pista e, na quinta-feira, haviam descoberto não só que Guldensuppe vivia por muito tempo com uma certa Sra. Nack, numa casa no cortiço Hell’s Kitchen, como também que essa mesma senhora havia recentemente

começado um relacionamento com outro morador de seu edifício, Martin Thorn.

Guldensuppe, Nack e Thorn tinham sido vistos e ouvidos por vizinhos discutindo abertamente a situação. A Sra. Nack foi rapidamente encontrada pelos tiras e recebeu uma dose do velho interrogatório sob coação: depois de 24 horas ininterruptas de tratamento brutal, ela confessou que, com a ajuda de Thorn, havia assassinado Guldensuppe e em seguida esquartejado o corpo.

Thorn, porém, não foi encontrado e a única maneira de a polícia manter o interesse de todos voltado para o caso foi instalar barreiras nas estações de trem e portos de embarque por toda a cidade, e pedir uma busca, primeiro nacional e depois internacional.

— Ele ainda está aqui — foi a reação do sargento-detetive Lucius a todo o barulho vindo da Mulberry Street. — Grave bem minhas palavras, Stevie: o homem nunca saiu nem nunca irá sair desta cidade. — Mais uma vez, somente o tempo iria dizer; mas eu não apostaria contra o sargento-detetive, isso era certo.

A sexta-feira trouxe notícias de Kat: ela já havia conseguido um dos casacos de Libby Hatch e estava pronta para entregá-lo; mas tinha a impressão de que Ding Dong sabia que ela

estava tramando algo, então queria fazer a entrega num outro lugar que não a casa da Rua 17: aparentemente, os Dusters sabiam que eu morava e trabalhava ali. Disse a ela que levasse o casaco, nessa noite, ao número 808 da Broadway, onde os sargentos-detetives haviam montado seu equipamento e estavam prontos para realizar os testes — testes que nos diriam, de uma vez por todas, se a

enfermeira Hunter havia levado Ana Linares com ela e se a mantinha em algum recesso secreto do número 39 da Bethune Street.

## **CAPÍTULO 22**

Kat apareceu pouco depois do cair da noite e desci no grande elevador para buscá-la. No saguão do edifício com piso de mármore, ela mudava o peso de um pé para o outro, assoviando uma canção e movimentando o corpo ao ritmo desta. Com a chegada do elevador, virou-se de frente para mim e, mesmo àquela distância, eu podia ver que ela andara às voltas com o pó novamente.

— Stevie! — gritou ela, com um sorriso largo e perturbador.  
— Trouxe a mercadoria! —

Ela ergueu um pacote de tamanho médio, de papel pardo, amarrado com barbante.

No momento em que puxei a grade, abrindo-a, Kat saltou para dentro do elevador e atirou-se sobre mim, rindo às gargalhadas sem nenhum motivo.

— Kat — comecei, tentando não demonstrar toda a minha decepção e até mesmo raiva —, controle-se, OK? Isso é sério.

Ela franziu a testa, zombeteira.

— Ah, me desculpe, inspetor.

Então fechei a grade e, quando começávamos a subir na quase escuridão, ela me abraçou, falando ao meu ouvido:

— Quer experimentar outra vez, Stevie? Bem aqui, no elevador? Faz muito tempo...

Puxei a alavanca de controle do elevador, levando-a à posição de PARE com tanta força que Kat foi empurrada para longe de mim. Ela soltou um gritinho, enquanto caía para trás.

— Kat! — exclamei, ainda tentando me controlar. — Por que diabos você teve de vir aqui neste estado?

Os olhos azuis tornaram-se malévolos, uma malevolência ainda mais acentuada pela cocaína.

— Não fale comigo nesse tom, Stevie Taggert! Não passei a semana toda arriscando meu pescoço para conseguir o que você e seus amigos queriam? Se me permito uma pequena comemoração, agora que acabou, então espero que possa ser perdoada por sua nobre pessoa!

Bufando de frustração, fiz um gesto em direção ao pacote.

— Talvez fosse melhor você deixar eu levar isso — sugeri. — Encontro você mais tarde e levo seu dinheiro e a passagem.

— Ah, não — devolveu Kat, segurando o pacote longe de mim. — Conheço essa história!

Vou receber agora, e pessoalmente! Se você tem tanta vergonha assim de mim, não se preocupe, não vou demorar! Quem iria querer isso? Um bando de tipos muito estranhos, é o que vocês são. E eu quero comemorar minha boa sorte esta noite com aqueles que sabem comemorar!

Empurrei novamente a alavanca do elevador e este recomeçou a subir.

— Está certo — falei —, se é assim que você quer.

— Assim que *eu* quero? É o que *você* quer, não é? — Ela virou-se para a grade do elevador e tentou ajeitar o cabelo.  
— Maldição... os ares que algumas pessoas se dão, só porque passam para o outro lado...

O restante da visita de Kat não transcorreu muito melhor. Sua raiva a fez restringir as palavras a um mínimo, mas ainda era óbvio para mim — e, tenho certeza, para todos os outros também — que ela estava drogada e que aquele não era um hábito à toa (ou seja, irregular).

Ah, ela trouxera a mercadoria prometida, é certo: abrimos o pacote sobre a mesa de bilhar, perto dos frascos de pó para impressões digitais e do microscópio de comparação dos sargentos-detetives, e descobrimos que continha um casaco de cetim vermelho-sangue, de talhe justo — com botões pretos, como pedido, grandes e lisos. Kat queria receber imediatamente e seu humor não melhorou quando o Doutor disse que ela teria de esperar que os sargentos-detetives verificassem que o casaco de fato pertencia à mulher que conhecíamos como Elspeth Hunter. Kat declarou que esperaria que o exame das impressões digitais fosse feito, não mais que isso, porém — ela não podia imaginar para que mais poderíamos querer a coisa, e não iria esperar para descobrir. O acordo que fechara exigia dela que trouxesse um casaco de Libby Hatch, disse ela; depois que todos concordássemos que havia cumprido sua parte do pacto, ela iria embora. Tendo dito isso, deixou-se cair, taciturna, numa das grandes espreguiçadeiras.

O processo de colher as impressões não levou muito tempo. Os botões sendo pretos, Marcus usou um pincel de pelo de camelo para cobri-los com um pó fino de alumínio, branco-acinzentado, soprando-o a seguir e revelando um claro desenho de linhas onduladas que ele comparou com uma



fotografia do cano de chumbo que haviam encontrado no Central Park.

— São iguais — limitou-se a dizer Marcus, assentindo para o Doutor.

Nisso, Kat, deduzindo que essa era sua deixa, levantou-se e caminhou até o Doutor.

— Estamos quites? — perguntou-lhe, um pouco agitada.

O Doutor — que, eu podia ver, estava preocupado tanto com o estado físico de Kat quanto com sua atitude — tentou ser cordial:

— De fato estamos quites, Srta. Devlin. Podemos lhe oferecer algo em agradecimento?

Café, chá ou talvez...

— Meu dinheiro e minha passagem — disse Kat, estendendo a mão. Em seguida, pensou um pouco e acrescentou: — Muito obrigada, senhor. — Olhando em minha direção, ela estreitou os olhos e disparou: — Eu não quereria abusar de minha boa acolhida ou ser motivo de constrangimento para ninguém.

O Doutor olhou dela para mim, voltando a ela. Acho que ele estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas por fim fez apenas um gesto afirmativo com a cabeça e tirou um envelope do bolso superior do paletó.

— Trezentos dólares em dinheiro — disse com um sorriso — e uma passagem para São Francisco. Válida dentro dos próximos seis meses. Ah — acrescentou, enquanto Kat praticamente agarrava o envelope —, e a passagem é de primeira classe. Para mostrar-lhe nossa gratidão.

Isso a abrandou um pouco, em relação a ele, pelo menos, se não a mim.

— É... muita gentileza de sua parte, senhor. Obrigada. — Ela olhou para o envelope e sorriu ligeiramente. — Nunca viajei de primeira classe. Meu pai costumava dizer... —

Parecendo se refrear, ela tornou a empertigar-se. — Estou de saída agora, senhor. Se isso é tudo.

O Doutor assentiu.

— Lamento que não possa ficar. — Ela acabara de dar meia-volta quando ele acrescentou:

— Srta. Devlin... — Apanhou um cartão de visitas num outro bolso do paletó e o entregou a ela. — Eu dirijo uma... espécie de *escola*, no centro da cidade. Para jovens que querem ou precisam de uma mudança na vida. Eis aqui o endereço e o número do telefone. Se algum dia a senhorita estiver outra vez em Nova York e se interessar por tal... assistência, por favor, não hesite em telefonar ou em nos fazer uma visita.

Kat olhou para o cartão e seu rosto readquiriu uma expressão perversa; mas ela se obrigou a sorrir.

— Sei. Ouvi falar nesse lugar, Doutor. — Ela ergueu os olhos para ele. — Ouvi dizer que o senhor não está mais por lá, foi isso que ouvi.

Nisso, intervim rapidamente.

— Kat, venha — chamei, empurrando-a em direção à porta.

— Então o que o senhor me diz, Doutor? — ela falou sobre o ombro. — Qual de nós dois precisa de... *assistência*?

Consegui enfiá-la, contorcendo-se, no elevador, bati a porta com força e fechei a grade com um estrondo. Quase arrancando a alavanca, comecei a descida.

— Você não precisava falar daquele jeito — censurei, entre dentes. — Droga, ele só estava tentando ajudar, Kat! O que há de errado com você? Por que nunca deixa ninguém ajudar?

— *Não quero a ajuda de ninguém!* — gritou ela de volta. — Quero cuidar de *mim mesma*, se não se importa!

— É mesmo? Bem, não está se saindo muito bem!

— Você pode achar que não... mas não sou criada de ninguém e ainda não caí morta no rio, bêbada feito um gambá! Portanto, me deixe em paz, está bem, Stevie? Me deixe em paz! —

Ela tornou a me dar as costas e engoliu as lágrimas, enquanto tentava recuperar o fôlego.

Olhando para o envelope em suas mãos, ela o abriu, rasgando-o. — Deixa eu contar isso aqui

— disse, procurando outras maneiras de me espicaçar. Despejou o conteúdo do envelope na mão, vendo primeiro a passagem de trem. — Ah. Primeira classe. Diabos, eu podia vender isto aqui e comprar *três* passagens... — Seus olhos perceberam umas letrinhas miúdas na borda do bilhete. — O que é isso... “não... transferível... não... reembolsável”? O que isso quer dizer?

Eu mesmo ainda estava bastante irritado, então falei simplesmente:

— Quer dizer que você não pode vender para outra pessoa nem trocar por dinheiro essa passagem, isso é o que quer dizer.

Aquelas palavras tiveram a intenção de magoar e ficou claro que conseguiram seu objetivo.

— Você quer dizer no caso de eu estar mentindo sobre minha tia e só querer mais dinheiro para comprar pó, é isso?

Havíamos chegado ao térreo. Segurei o puxador da grade, mas, antes de abri-la, lembrei-me de um último detalhe.

— Precisamos saber quando a mulher vai estar nos Dusters. À noite e com certeza.

— Muito bem — respondeu Kat baixinho, os dentes rangendo. — É só com isso mesmo que você se preocupa. Vai ter um grande rebuliço lá amanhã à noite. É o aniversário de Goo

Goo. Ela vai estar lá. Eu não. Posso ir agora?

Abri a grade para ela sem responder. Ela apenas me olhou e abanou a cabeça por um instante, então saiu pisando firme.

— Adeus, Stevie — disse, ainda bufando.

Normalmente eu teria saído correndo atrás dela, mas naquela noite não pude fazê-lo. Havia várias razões para que assim fosse, algumas das quais eu viria a compreender num futuro próximo, outras eu levaria anos para finalmente entender. Até hoje, porém, ainda me pergunto o que teria acontecido se eu *tivesse* ido...

Dei alguns minutos a mim mesmo e então tornei a subir. A Srta. Howard estava me esperando quando saí do elevador e, enquanto os outros se encontravam reunidos ao redor da mesa de bilhar, observando o sargento-detetive Lucius espiar através do microscópio, ela me puxou até a janela da frente.

— Stevie — disse ela baixinho —, está tudo bem?

Lutando para controlar uma onda de irritação diante do pensamento de que todos ali na sala se haviam imiscuído em meus assuntos pessoais, limitei-me a erguer as mãos e em seguida enxuguei o suor da testa.

— Está, sim, senhorita — respondi. — Vai ficar, pelo menos...

Como mantivesse os olhos voltados para o chão, eu não podia ter certeza, mas tive a sensação de que a Srta. Howard examinava meu rosto.

— Eu estava certa em relação a você — disse ela, fazendo-me levantar os olhos e encontrá-la sorrindo. — Você não se deixaria seduzir por uma tola.

— Não, senhorita — repliquei. — Acho que já tenho muito trabalho *sendo* um.

— Não — disse a Srta. Howard rapidamente, tocando-me o braço. — O comportamento dela não faz de você um tolo. A sua Kat é uma garota inteligente... inteligente e independente, num mundo que a quer estúpida e submissa. E é bonita também. Bonita o bastante para correr sérios riscos, tentando ganhar a vida por conta própria... e inteligente o bastante para acreditar que pode vencer os perigos que acompanham esses riscos. Mas não pode.

Ninguém pode. E, assim, seus planos acabam por magoá-la mais do que a todos... por mais que magoem você também.

Dei um soco na moldura da janela e, por pura frustração, fiz a pergunta para a qual já sabia a resposta:

— Mas... ela podia escolher outro caminho se quisesse, não podia?

— Teoricamente, sim — disse a Srta. Howard, assentindo com a cabeça. — Mas pergunte a si mesmo, Stevie: se o Doutor não tivesse lhe oferecido outro caminho, você o teria *escolhido*?

Desviei os olhos, sem querer responder com sinceridade, mas sem saber o que mais dizer.

Felizmente, o sargento-detetive Lucius permitiu que a conversa fosse interrompida ali mesmo.

— É — disse ele em voz alta, de onde se encontrava, no outro lado da sala. — É isso mesmo... isso mesmo! Combinam-se perfeitamente! — Eu e a Srta. Howard nos voltamos para vê-lo erguer os olhos das oculares duplas do microscópio, seu rosto suado radiante como o de uma criança. — Ela está lá... não resta dúvida, a garota está *naquela casa*!

Marcus quase arrancou o irmão da cadeira para poder olhar no microscópio, enquanto Cyrus e o Doutor apertavam a mão de Lucius. Eu e a Srta. Howard corremos até eles para fazer

o mesmo, e então esperamos nossa vez de dar uma olhada no aparelho sobre a mesa de bilhar.

Quando por fim me sentei para espiar, admito que fiquei um tanto desapontado, pois tudo que pude ver foi o que me pareceram dois pedaços esfiapados de barbante ou corda do mesmo tamanho; eu estava certo, porém, que ao olho treinado aquilo que eu olhava, aumentados muitas vezes, eram dois fios de cabelo da cabeça de um mesmo bebê: Ana Linares.

E, assim, finalmente tínhamos nossa prova e, ao lado dela, uma estrada aberta para a ação; e, por mais assustado que aquela perspectiva tivesse me deixado nos últimos dias, naquele momento particular a expectativa de deixar as outras preocupações de lado e apostar tudo na tarefa de entrar na casa fez com que eu me sentisse melhor.

— A única coisa que nos falta agora — disse o Doutor, indo até o quadro-negro para rever as notas e fazer alguns acréscimos — é termos certeza de uma hora em que a mulher estará fora de casa.

— Mas... isso já temos. — Mal ciente de ter proferido as palavras em voz alta, olhei em torno e vi que todos me fitavam. — Amanhã à noite — prossegui. — É o aniversário de Goo Goo Knox... Ela certamente vai estar nos Dusters.

O Doutor me dirigiu um olhar inquiridor e então assentiu lentamente com a cabeça.

— Pois bem, então — disse ele —, amanhã à noite. — Começou a jogar o pedaço de giz para o ar e apanhá-lo. — Amanhã à noite ela assume sua segunda personalidade... e, ao fazê-lo, nos dá a chance de examinar a primeira. A mulher de dois nomes, dois rostos, duas vidas, inconscientemente, pôs as suas duas metades em ação, uma contra a outra. Temos de rezar para que nosso trabalho esteja terminado antes que esse conflito chegue ao fim. — O Doutor fixou os olhos negros no quadro. — Precisamos interromper o trabalho da salvadora, antes que a destruidora tenha sua chance...

## **CAPÍTULO 23**

Vinte e quatro horas depois, tudo era escuridão.

Eu me encontrava deitado no chão da caleche, em companhia do sargento-detetive Marcus e da doninha Mike, que se contorcia dentro de uma sacola que eu havia passado pelo pescoço e pendurado no ombro. Nós três estávamos cobertos por um encerado, que não deixava entrar a pouca iluminação que atravessava as janelas da cocheira ao lado do número 39 da Bethune Street — e não deixava sair o calor viciado de julho. O sargento-detetive Lucius havia conduzido a carruagem até ali cerca de vinte minutos antes, dizendo ao cavaliariço que tinha negócios a tratar nas redondezas e que calculava estar de volta um pouco antes da meia-noite.

Em seguida, prendeu um saco de aveia no focinho de Frederick e saiu, enquanto o cavaliariço voltava para a calçada, observando os fogos de artifício que explodiam sobre o rio Hudson: a única coisa que nós todos havíamos



esquecido, no meio de todo o nosso plano, era que a noite que escolhêramos para entrar na casa era a véspera do Quatro de Julho, quando a cidade estava cheia de celebrantes bêbados soltando bombinhas e provocando desordens generalizadas.

Concluímos, assim que nos lembramos, que isso viria a ser uma vantagem para nós, pois a atenção da polícia e de toda a cidade — inclusive a do cavaliço — estaria voltada para a participação nos folguedos ou o controle destes: em resumo, essa era uma boa noite para se arrombar uma casa.

O dia fora dedicado às instruções de última hora, minhas a Mike e dos outros a mim. Eu não tinha dúvidas quanto a Mike: ele chegara ao ponto em que havia totalmente ligado a ideia de receber alimento ao cheiro da camisolinha de Ana Linares. (O fato de eu ter desobedecido às ordens de Hickie e começado a alimentar o animal com cortes de carne de primeira do açougue perto de casa havia elevado seu já considerável entusiasmo ao ponto da completa mania.) Quanto a mim, estava confiante na parte do plano que dizia respeito a entrar e sair da casa; o único aspecto que me preocupava era a esperança do Doutor de que eu pudesse não só trazer o bebê Linares, como também, ao mesmo tempo, fazer cuidadosas anotações mentais sobre qualquer coisa que eu visse e que pudesse ajudá-lo a compreender o comportamento da enfermeira Hunter em seu nível mais profundo. Eu compreendia seu desejo por essa informação e ansiava por não desapontá-lo. Mas ele simplesmente não sabia — e eu não achava que pudesse explicar — o que era ultrapassar a linha e invadir o território de outra pessoa: a atividade mental da variedade mais intelectual não tendia a figurar no topo da lista de prioridades do invasor.

Finalmente, a noite caiu e os sargentos-detetives e eu subimos a bordo da caleche. Eu ainda podia ver uma grande apreensão no rosto do Doutor quando partimos, e um pouco também nas feições de Cyrus; mas a Srta. Howard e o Sr. Moore estavam lá para não deixar que os ânimos esmorecessem, e no momento em que deixamos chocalhando a Rua 17, eles se mostravam genuinamente estimulados. Nossa chegada à cocheira transcorreu sem qualquer obstáculo —

ou, pelo menos, assim pareceu a mim e a Marcus, debaixo de nosso encerado —, e isso facilitou consideravelmente o primeiro período de ocultação e espera. O plano daquele ponto em diante era que Lucius — munido de um revólver New Service calibre 32, o modelo mais recente a sair da fábrica de armas do Sr. Samuel Colt — vigiasse a casa dos Hunters, escondido no vão da porta de uma fábrica do outro lado da Washington Street e, quando visse a enfermeira Hunter sair, que voltasse à cocheira, com a explicação de que havia esquecido algo. Então ele nos informaria que o caminho estava livre para entrarmos em ação e, em seguida, retomaria seu posto. Às 11:45 ele estava de volta, dando-nos algo como uma hora e meia para completar o trabalho — tempo mais do que suficiente, se tudo corresse bem.

Marcus e eu ficamos na caleche, por uns vinte minutos de calor e desconforto, após a primeira partida de Lucius. Ouvíamos o ruído ocasional de uma carruagem ou de um cavalo chegando ou saindo, porém mal movemos um músculo até finalmente ouvirmos uma batida na lateral da caleche. Sem tirar a lona de cima de nós, Lucius começou a fuçar no interior da carruagem, apanhando um pequeno estojo que deixara sob o assento do cocheiro e que continha uma espingarda de caça Holland and Holland calibre 12 e também uma caixa de cartuchos: enquanto esperava por

nós, Lucius calculava ser o homem armado com artilharia mais pesada nas redondezas — e, naquela época, em tais redondezas, isso não era pouca coisa.

— OK — sussurrou ele para nós através do encerado. — Ela acaba de sair. A luz se apagou no terceiro andar, parece que já pôs o marido na cama. Está usando uma quantidade tremenda de maquiagem e...

Mesmo na escuridão, sob o encerado, pensei que podia distinguir a expressão mal-humorada de Marcus.

— Lucius! — sussurrou ele para o irmão.

— Hein? — respondeu Lucius.

— Cale a boca e dê o fora daqui, por favor, está bem?

— Ah. Certo. O cavaliariço ainda está aí na frente. Acho que andou bebendo.

— Quer fazer o favor de *ir embora*?

— Tudo bem, tudo bem...

Ouvimos passos afastando-se de onde estávamos e então veio o silêncio, exceto pelo estrépito distante de bombinhas e o estrondo de fogos de artifício maiores acima do rio.

— Muito bem, Stevie — murmurou Marcus após alguns minutos, puxando o encerado um pouquinho. — Vou dar uma olhada... — Ele pôs a cabeça para fora, erguendo-a, e então voltou a esconder-se rapidamente debaixo do encerado. — Tudo certo... vamos sair!

Praticamente sem fazer barulho, saltamos da caleche. A noite estava quente, mas o pior do calor estival ainda não

havia chegado — e isso tornava as roupas escuras que estávamos usando um fardo menos pesado. Eu trazia nos pés um simples par de mocassins de couro leve, ao passo que, no momento, Marcus calçava apenas as meias. Em torno do pescoço, ele carregava uma sacola semelhante àquela onde Mike se contorcia, só que maior: dentro dela, um par de botas com pinos, próprias para alpinismo, um extensor, um rolo de corda grossa, um pé de cabra e um martelo pesado. Marcus trazia também um coldre preso aos quadris, no qual se encontrava uma pistola idêntica à do irmão, porém com câmara e cano calibre 38, a fim de oferecer uma ajuda extra no caso de as coisas virem a ficar feias. No meu bolso, eu trazia a

pistola Colt Number One da Srta. Howard, meia dúzia de cartuchos calibre 41 — e um belo pedaço de cano de chumbo de vinte centímetros.

Quando descemos da caleche, descobrimos que Lucius conseguira estacionar bem perto de uma das janelas nos fundos da cocheira, o mais distante possível da entrada e do cavaliço.

Graças a isso, não foi tarefa difícil abrirmos a janela e passar à viela para a qual davam os fundos da cocheira; no entanto, quando completamos a corrida silenciosa ao longo do edifício, ficamos cara a cara com um muro de tijolos de três metros que cercava o quintal atrás da casa dos Hunters. Parecia ter sido construído recentemente; decerto não tinha mais de dois anos.

— Bem — disse eu, esquadrinhando a coisa —, parece que *alguém* não quer ser visto fazendo *alguma coisa*...

Marcus assentiu, apanhando seu rolo de corda e os sapatos de alpinista.

— Vou levantar você e segurar esta ponta da corda. Você fica com a outra ponta, desce e encontra um lugar para prendê-la do outro lado.

— Calce os sapatos — repliquei, segurando a minha ponta da corda com os dentes e apoiando-me nos espaços entre os blocos de pedra que formavam o canto da cocheira. — Se eu não conseguir escalar este muro sem ajuda — continuei, através do cânhamo áspero —, então faz mesmo muito tempo que estou fora de atividade.

Usando as brechas entre as pedras no canto da cocheira, assim como uma calha bastante sólida, cheguei ao topo do muro de tijolos em apenas alguns minutos. Eu poderia tê-lo feito mais rápido, se não estivesse tão preocupado em evitar que Mike batesse em alguma coisa: nada mau para alguém que havia tanto tempo não fazia trabalho semelhante. De onde eu estava, tinha uma boa visão das casas que davam fundos para a viela e do quintal dos Hunters, da Bank Street para o sul. Somente umas duas janelas estavam iluminadas, mesmo assim vagamente. Mas não havia como saber quando alguém com boa visão poderia olhar para fora e nos avistar, portanto tínhamos de agir mais rápido nessa etapa do que em qualquer outra.

Sabendo disso, Marcus rapidamente calçara as botas com pinos e, no momento em que cheguei ao alto do muro, ele segurava com firmeza a corda e estava pronto para a minha descida. Dei um laço em torno da cintura e me pus a descer o muro, de costas, pelo lado da propriedade dos Hunters. Assim que alcancei o solo, disparei em direção a uma das janelas nos fundos da casa, experimentando a grade: era sólida, sem dúvida, mas nesse momento usaríamos esse fato a nosso favor. Passei uma laçada pela barra de ferro de três quartos de polegada, atando-a bem, e dei uns bons

puxões na corda: as barras aguentariam facilmente o peso de Marcus. Voltei ao muro e estalei os dedos algumas vezes.

Fora Marcus quem identificara o assassino John Beecham como exímio alpinista naquele primeiro caso, e ele mesmo acabara por se tornar bastante bom no esporte. Assim, não fiquei absolutamente surpreso quando ele chegou ao alto do muro, praticamente em silêncio absoluto, descendo em seguida e deixando-se cair num canteiro — que era praticamente só sujeira — da mesma maneira silenciosa. Nenhum dos dois parou por tempo suficiente para recuperar o fôlego ou examinar o quintal; no entanto, mesmo apressados como estávamos, não pudemos deixar de ficar um pouco chocados com a aparência árida do lugar. Estávamos no auge da estação de cultivo das plantas, mas aquele quintal — formado por caminhos de lajes e uns poucos canteiros de flores e ervas, além de um pouco de hera lutando para subir pelo muro —

dava-nos a impressão de que bem poderíamos estar saindo do inverno.

— Isso não é natural — sussurrei. — Tinha de haver pelo menos algum mato...

Marcus emitiu um ruído, concordando, então estremeceu e tocou meu braço. Fez um gesto de cabeça em direção à janela, tirando o extensor de sua sacola e entregando-o a mim. Tratava-se de duas armações de metal impelidas por varas de aço engatadas a uma grande tarraxa central, que era acionada ao se colocar o pé de cabra num encaixe em sua extremidade, girando-o em seguida. Posicionei o aparelho, ajustando-o bem, e girei as primeiras vezes, observando as barras na janela começarem a se afastar; mas, assim que o primeiro par de barras de ferro encostou naquelas que o ladeavam (o intervalo entre elas era de

apenas doze ou quinze centímetros), Marcus precisou vir em meu socorro e dar umas boas voltas no pé de cabra.

— Como sabe, está violando a lei, sargento-detetive — sussurrei, com um ligeiro sorriso.

— Eu sei — respondeu ele, retribuindo o sorriso. — Mas existem leis e leis...

As barras produziram uns rangidos doloridos que pareceram terrivelmente altos naquele quintal silencioso e morto; no entanto, algumas bombinhas explodiram cerca de meia quadra a oeste, tão alto que percebi que não estávamos fazendo barulho algum. Mais vinte segundos e a abertura era grande o bastante para que minha cabeça e meus ombros passassem. Era tudo de que eu precisava.

— OK — murmurei, e antes que Marcus tivesse colocado o extensor no chão, eu já tinha metade do corpo dentro da casa. Parei, entretanto, quando ele tocou meu ombro.

— Lembre-se, não suba ao segundo andar, mas qualquer coisa que achar interessante...

— É. Eu sei.

— Ah, e não se esqueça da escrivania na sala de estar... Estava coberta quando entramos lá.

— Sargento-detetive... já repassamos tudo isso.

Marcus deu um suspiro profundo, assentiu com a cabeça e então retirou-se para um canto sombrio ali perto. Enquanto isso, terminei de me espremer entre as barras, puxando Mike com cuidado atrás de mim. Finalmente, girei o corpo e me vi de pé na cozinha de Elspeth Hunter.

A primeira coisa que percebi foi o cheiro: um odor rançoso, levemente pútrido, não forte o bastante para se tornar nauseante, mas assim mesmo incômodo. Insalubre, poderíamos dizer —

um ar geral de sujeira, que nem mesmo muitas das mais pobres mães imigrantes que eu conhecera no Lower East Side teriam tolerado. A um canto, um balde repleto de lixo, descoberto, com insetos voejando em torno dele mesmo na semiescuridão. Passando pela pia suja, olhei para alguns tachos e panelas pendurados sobre ela e estendi a mão para tocá-los.

Estavam todos cobertos por uma fina camada de gordura — mais uma vez, não estavam exatamente sujos, mas tampouco estavam limpos. Esfregando os dedos na calça, segui adiante.

Os outros tinham me dito que um corredor estreito separava a cozinha da sala de estar, com uma porta debaixo do vão da escada da frente: esta vinha a ser o caminho que levava ao porão.

Rumei para a sala, mobiliada apenas com algumas peças antigas: uma espreguiçadeira, um sofá e uma cadeira de balanço. Sobre a pequena lareira havia um consolo de madeira gasto, e um tapete manchado e poeirento cobria o chão. Logo à esquerda da porta pela qual eu entrara, estava a escrivaninha que Marcus mencionara, uma peça revestida por um verniz barato, marcada por lascas e arranhões. Mas não estava coberta e, à meia-luz das lâmpadas dos postes que se filtravam na sala, pude ver que, por trás das portas de vidro da parte superior, havia

alguns livros, junto a velhas fotografias: daguerreótipos desbotados de um homem e uma mulher enrugados, ao



lado de um lote de outras mais novas, caprichosamente emolduradas, de crianças pequenas. Algumas destas últimas eram fotografias individuais de bebês, ao passo que outra era um retrato de um grupo de três crianças mais velhas.

Nenhuma delas sorria.

Puxei a tampa da parte inferior da escrivaninha, mas descobri que estava trancada. O

buraco da fechadura no alto da tampa era convidativo — não me tomaria mais de um minuto para abrir —, mas achei melhor cuidar primeiro da questão principal. Do outro lado da sala estava a escada e, debaixo desta, uma porta: a entrada para o porão. Caminhei levemente até a escada, lançando um olhar para cima a fim de me certificar de que estivesse tudo quieto, e então tirei um pequeno frasco de óleo de máquina do bolso da camisa. Cobrindo as dobradiças da porta do porão, tornei a guardar o frasco no bolso, limpei as mãos mais uma vez na calça, agarrei então a maçaneta, girei-a e puxei a porta, sem nenhum ruído.

Os degraus avançavam em meio à escuridão diante de mim. Eu não quisera trazer uma lanterna volumosa comigo, posto que Mike já me daria trabalho suficiente, embora tivesse uma vela e fósforos; mas havíamos observado que a lâmpada externa sobre a porta de entrada da casa era elétrica, e deduzimos que toda a estrutura, sendo tão pequena, provavelmente também era ligada à rede elétrica. Assim, pus a mão na parede e descii devagar em meio à escuridão, os olhos se ajustando e procurando lâmpadas elétricas. Na metade dos degraus avistei uma: bem ao lado da escada, aparafusada ao teto do porão, fácil de alcançar do ponto onde eu me encontrava. Voltando para fechar a

porta, curvei o corpo, liguei a luz e então continuei descendo até o pé da escada.

Eu mal chegara ao piso sujo quando os movimentos de Mike dentro da sacola tornaram-se mais agitados e ele começou a emitir pequenos guinchos.

— Está bem, Mike — sussurrei. — Só mais um minuto.

Olhando ao redor, vi que o esboço do porão feito pelo Sr. Moore fora preciso: praticamente, as únicas coisas que havia ali para serem vistas eram um forno, que se erguia por trás de uma sólida parede divisória de tijolos; alguns armários contendo o que pareciam ser velhas latas de tinta; algumas ferramentas de jardim (enferrujadas, o que não chegava a ser uma surpresa); algumas cadeiras e uma mesa em condições piores do que as lá de cima; uma pequena coleção de molduras, todas vazias; e uma grande estante de madeira cheia de vidros de conservas. A única coisa que ele errara era o piso, e assim mesmo seu erro era facilmente compreensível: embora aquilo fosse concreto, estava coberto por uma camada de poeira e sujeira tão espessa que facilmente podia ser tomado por terra batida.

Mas não havia sinal de nenhum bebê, nem tampouco indicação de que um já estivera ali.

A essa altura, Mike já estava tendo um verdadeiro ataque na sacola e, ao olhar para baixo, vi seu focinho projetando-se no espaço entre duas presilhas com fivela.

— OK, Mike, OK, é a sua hora, meu filho — anunciei, abrindo as fivelas da sacola. Eu só havia aberto uma delas, quando ele saltou dali de dentro, movendo-se como da primeira vez em que o vira: como se fosse líquido. Desceu pela minha perna e chegou ao chão, erguendo o nariz acima das patas

traseiras estendidas, e deu a volta correndo em torno do grande forno.

Parando apenas um segundo, sentou-se sobre as pernas traseiras, os olhinhos escuros

abarcando todo o porão em somente um segundo ou dois. Em seguida, deu a volta pelas peças de mobília, atravessou as molduras e subiu pela lateral de um velho armário.

Franzi a testa para ele.

— O que está acontecendo, Mike? — perguntei, mas ele se limitou a dar mais uma volta pelo porão, parecendo um cachorro cego num açougue: sentia o cheiro do que procurava, mas não conseguia encontrar.

Então, chegou à estante de conservas que se apoiava na parede divisória, perto do forno, e pensei que ele fosse cair sobre mim, numa crise de apoplexia. Subiu numa das prateleiras, então mergulhou por trás de uns vidros, reapareceu e passou para a prateleira de cima como um raio. No entanto, no mesmo instante estava de volta ao chão, correndo para a lateral do móvel.

E o tempo todo ele ia farejando e arranhando, farejando e arranhando, tentando encontrar, parecia, uma maneira de mover a estante.

Quanto tempo levei para compreender o que eu estava olhando, eu não sei ao certo; mas, seja como for, foi tempo *demais*, pois eu deveria ter entendido assim que vi a estante. Afinal, tivera pistas suficientes: as jardineiras nas janelas no domingo; o quintal desolador nos fundos da casa; a cozinha insalubre; a sala de estar pobre, tão aconchegante quanto o dormitório na Casa de Refúgio de Meninos; para não mencionar todas as conversas sobre o

caráter da enfermeira Hunter em que eu tomara parte. Tudo isso fazia parte de um padrão, assim como a estante de conservas — mas foi preciso uma doninha semienlouquecida para que a ideia entrasse em minha cabeça:

— Espere um pouco — murmurei, enquanto caminhava até a estante. — *Conservas?*

Quem ela está tentando enganar?

Apanhei um dos vidros na estante e desatarraxei a tampa de folha de flandres forrada com borracha: ali dentro, vi uma espessa camada de mofo sobre a superfície do conteúdo. Fazendo uma careta, rapidamente tornei a fechar o vidro e tentei um segundo, apenas para descobrir a mesma substância. Tentei dois outros vidros, tirados de diferentes pontos da estante, e, quando vi que estavam no mesmo estado, simplesmente recuei um passo e fiquei ali parado um segundo, avaliando a situação. Então olhei para Mike: ele ainda estava arranhando a base da estante, primeiro na frente, depois num dos lados, em seguida no outro, desesperadamente, sem conseguir encontrar nada que não fosse concreto.

— Hã-hã — disse eu, tornando a dar um passo à frente. — Bem, então... — Respirei fundo, segurei a quina da estante, fiz força para afastá-la da parede divisória e...

E nada. Tentei novamente, pondo todo o meu peso na tentativa, mas sem conseguir melhor resultado. Daria no mesmo se tentasse mover a casa. Olhando à minha volta, avistei as ferramentas de jardinagem enferrujadas e corri até elas, apanhando uma velha enxada. Tentei deslizar a borda da lâmina numa estreita fenda entre a parte posterior da estante e os tijolos.

Mas não entrava. Usei a base da mão para empurrar e, finalmente, obtive um pequeno êxito; mas, quando segurei a extremidade do cabo de madeira da enxada e o impeli de modo que a lâmina afastasse a estante da parede, a ferramenta quebrou em dois pedaços. E não foi o cabo de madeira que quebrou: foi a base de metal da lâmina, mais de um centímetro de aço forjado.

— Que *diabos*...? — murmurei, olhando para aquilo.

Era estranho, certamente; mas eu já tomara parte num número suficiente de roubos na vida para saber que, quando defrontado com um cofre e sem as ferramentas para abri-lo, não se parava para perguntar por quê. Apanhei Mike, que continuava a escarafunchar a estante.

Parecendo perceber que não tinha feito o trabalho para o qual fora contratado, tentou se desvencilhar quando o devolvi à sacola, fechando-a bem. Voltando à escada, já havia galgado metade dos degraus quando...

Tiros. Fiquei paralisado, já tentando imaginar como iria explicar minha presença no porão.

Então percebi: aquilo não era o som de tiros, mas de bombinhas, lá fora na rua. Deviam ter explodido bem em frente à casa, a julgar pelo barulho. Suspirando de alívio e voltando a me mover, estendi a mão, desligando a luz do porão e então, cuidadosamente, subi em direção à porta e a abri, as dobradiças lubrificadas girando em silêncio.

Uma vez de volta à sala de estar, pude ouvir a risada de um bando de crianças na rua.

Então mais algumas bombinhas explodiram, o barulho agudo e alarmante tendo ao fundo o estrondo distante e surdo dos fogos de artifício lançados sobre o rio. Olhei

rapidamente em torno. Não iríamos tirar o bebê dali naquela noite, disso eu sabia, mas não podia sair de mãos abanando. Tinha de haver *alguma coisa*...

Olhei para a escrivanhinha e lembrei-me do que Marcus dissera: se a Sra. Hunter se dera ao trabalho de cobrir o móvel antes de convidá-los a entrar, então logicamente havia ali algo que nos seria útil. Apanhei minha coleção de gazuas no bolso da calça e corri para a escrivanhinha, desfazendo o mecanismo de tranca da tampa mais rápido do que até mesmo *eu* pensara possível.

Quando puxei a tampa para baixo e abri, minha primeira reação foi de decepção: nada havia ali a não ser algumas cartas nos pequenos escaninhos de madeira e uma pilha de papéis num velho mata-borrão diante delas. Antes de voltar a trancar o móvel, porém, resolvi desconsiderar meu instinto de ladrão que me dizia que tais itens eram inúteis e apanhei alguns papéis para ler — sábia atitude, como veio a se provar.

A princípio, eles não fizeram sentido para mim. Os primeiros itens foram escritos em papel timbrado do St. Luke's Hospital: eram endereçados a Elspeth Hatch e pareciam um punhado de relatórios sobre o estado de um menino chamado Jonathan. Debaixo destes havia uma série de formulários de internação hospitalar, aparentemente relacionados à mesma criança. E, por fim, alguns jornais velhos, dobrados e datados de dois anos antes. Voltei aos formulários de internação hospitalar, sem saber exatamente o que estava vendo ou procurando: eram muito cheios de observações manuscritas ilegíveis, complicados demais...

No entanto, reconheci algumas palavras que me fizeram congelar. No pé de um dos formulários aparecia a palavra

DIAGNÓSTICO: — e ao lado desta alguém havia rabiscado  
FALÊNCIA RESPIRATÓRIA, CIANOSE.

Foi o suficiente para mim. Apanhei toda a pilha de papéis, enfiei-a dentro da camisa e fechei a escrivania. Eu tinha certeza de que havia encontrado alguma coisa, de que não tinha perdido...

— Não se mexa, seu safado!

Fiz o que me mandaram. Eu já havia sido apanhado antes e, quando se recebe um comando como esse, é melhor obedecê-lo até ter chance de ver quem e o quê está enfrentando. Erguendo

as mãos no ar, virei-me lentamente na direção do ponto de onde a voz lamurienta, desesperada e de algum modo familiar viera: a escada da frente.

Ali estava o que devia ser Micah Hunter. Parecia ter cinquenta e poucos anos e usava um camisolão de dormir branco muito velho. Duas pernas brancas e ossudas projetavam-se sob a bainha, e o rosto cinzento — com um bigode de cor semelhante despenteado — simplesmente exibia a expressão confusa e louca de um viciado em morfina no pico de uma dose. Ele segurava, vacilante, o que parecia um mosquete e, quando fiquei de frente para ele, olhou-me com desvairada incredulidade.

— *Você!* — exclamou. Então começou a olhar ao redor, nervoso, e gemidos de lamúria escaparam de sua garganta. — *Você...?* — repetiu, dessa vez com menos energia. — Onde...

onde está Libby? *Libby!* — Ele tornou a me olhar com muito medo. — Não pode ser... *não pode ser você...* Esta não é a

casa certa... — Sua voz ficou mais forte, embora não menos assustada. — Esta não é a casa certa... e *eu já matei você!*

## **CAPÍTULO 24**

Muitas coisas estranhas já me foram ditas na vida, mas nenhuma que se comparasse àquelas palavras. O pobre e tolo velho acreditava genuinamente que me havia matado, de fato, isso estava claro pelo medo desesperado que tomava conta de seu rosto devastado pela droga. Mas por que ele iria acreditar numa coisa dessas, eu não tinha a menor ideia.

Então, outra série de bombinhas explodiu na rua e Micah Hunter fez meia-volta, apontando o mosquete para a porta de entrada.

— Ah! — exclamou ele, a determinação substituindo parte do medo. — Então você não está sozinho, rebelde! — Apoiou o mosquete no ombro, parecendo pronto a travar uma batalha com quem quer que passasse por aquela porta. — Bem, vamos lá, seus patifes...

— Hunter!

Tanto Hunter quanto eu viramos bruscamente a cabeça na direção do corredor, de onde ribombara a voz do sargento-detetive Marcus.

— Hunter! — tornou a chamar Marcus pela janela da cozinha, fazendo o medo tomar conta do velho novamente. — Descanse, soldado! Isto é uma ordem!

— Capitão? — murmurou Hunter. — Capitão Griggs?

— Eu lhe disse para descansar, homem! Você está ferido... incapacitado! Não precisamos de você, soldado... Volte para



o hospital!

— Eu... não estou entendendo... — Hunter tornou a olhar para mim, então correu os olhos pela casa rapidamente. — Onde está Libby? Não estou me sentindo bem!

— Ande! — insistiu Marcus. — Abaixei essa arma e volte para o hospital!

— Mas eu... — Hunter baixou a arma, mantendo-a ao lado do corpo...

E isso era tudo de que eu precisava. Como um raio eu estava de volta ao corredor, disparando em direção à janela da cozinha. O velho Hunter gritou às minhas costas alguma coisa que não consegui entender, mas nada poderia ter-me impedido de passar entre aquelas barras como água. Marcus me ajudou e então fez uma concha com as mãos, impulsionando-me, para que eu subisse outra vez no muro: nesse momento, já me esquecera há muito de meu orgulho profissional. Usei a corda para voltar à viela, então agarrei a ponta que ainda estava daquele lado do muro. Olhando rapidamente à minha volta, encontrei um cano d'água com uma torneira ali perto. Amarrei nele a corda e então sussurrei "Agora!". As botas de Marcus raspavam contra o muro enquanto ele subia; chegando ao topo, o sargento-detetive praticamente se deixou cair no chão do outro lado, os pinos das botas batendo no concreto do calçamento com força e, a julgar pela expressão de seu rosto, dolorosamente.

— Puxe! — ordenou ele, e então entendi que ele havia desamarrado a outra ponta da corda.

Dei um puxão e ela veio com um ruído de açoite. Enrolando-a rapidamente em torno de meu braço, enquanto voltávamos correndo para a janela nos fundos da coqueira,

entreguei-a a Marcus, que guardou o rolo na sua sacola. Em seguida, passamos pela janela, fechando-a,

saltamos de volta à caleche e nos escondemos debaixo do encerado, ambos tão ofegantes quanto o pequeno Mike.

— O que vamos fazer? — perguntei, o peito subindo e descendo rapidamente, fazendo com que eu tivesse dificuldade em sussurrar.

— Psiu! — respondeu Marcus. Por alguns longos segundos ficamos ali deitados, esperando. Alguns cães latiam nos quintais atrás da cocheira e, a distância, podíamos ouvir Micah Hunter esbravejando, embora fosse impossível distinguir suas palavras exatas.

— Acho que vamos nos livrar dessa — disse Marcus por fim.  
— As pessoas por aqui devem estar acostumadas a esse tipo de comportamento dele. Não podemos entrar em pânico.

— Ele tirou um relógio do bolso e o consultou. — Lucius deve estar aqui em meia hora.

Recupere o fôlego e tente não se mexer.

Segui a ordem, inspirando grandes quantidades de ar, enquanto acariciava o confuso Mike através do couro da sacola.

— Merda — resmunguei, por fim, quando já podia falar baixinho. — Acho que o velho louco podia mesmo ter atirado em mim.

— Foram os fogos — afirmou Marcus. — E a morfina. Meu palpite é que ela lhe dá uma dose cavalgar quando sai à noite. Se você for acordado durante as primeiras horas após

uma injeção forte assim, costuma sofrer delírios. Ele parecia acreditar que estava de volta à guerra...

e você era um soldado confederado que em algum momento ele matou. — Marcus parou para respirar. — E quanto ao bebê?

— É uma longa história — repliquei. — Ela está lá embaixo, com certeza... não acho que estejamos errados quanto a isso. Mas chegar a ela vai ser difícil. Talvez impossível. A estante de conservas é uma espécie de porta mecânica, mas não cede. Entretanto, encontrei outra coisa...

Calei-me imediatamente quando ouvi umas leves batidas na lateral da caleche.

— Stevie? Marcus? — Era o sargento-detetive Lucius. — Vocês estão aí?

— Estamos — respondeu Marcus. — E estamos bem.

— Ouvi gritos — disse Lucius. — Vindos de dentro. O que aconteceu?

— Mais tarde — sussurrou Marcus. — Leve a gente daqui!

— E quanto à garota? Vocês a encontraram?

— Lucius! Leve-nos daqui... *agora!*

Em poucos segundos a caleche começou a deslizar em direção à frente da cocheira. Lucius parou para pagar ao cavaleiro e logo estávamos na rua, dobrando à esquerda: ele se decidira convenientemente por tomar a direção norte, seguindo o rio e passando o mais longe possível da espelunca dos Dusters. Uma quadra e meia adiante, ele já tinha Frederick num bom trote e, quando sentimos a

carruagem dobrar à direita, Marcus e eu concluimos que já era seguro sair de sob o encerado.

O céu acima do Hudson ainda resplandecia com os fogos de artifício e havia grupos de pessoas ao longo de toda a margem, assistindo ao espetáculo. Mas nós não paramos para admirá-lo, apenas seguimos a meio galope em direção ao número 808 da Broadway. Lucius tinha muitas perguntas, mas Marcus lhe disse que as guardasse até chegarmos lá. Abri minha sacola para ver se Mike estava OK e o encontrei me espiando lá de dentro, ainda muito agitado, mas afora isso bem. Assim, inspirei profundamente e recostei-me no banco da

caleche. Tirando os papéis roubados de dentro da camisa, entreguei-os a Marcus e então acendi um cigarro e lhe ofereci outro.

Estávamos ambos amargamente desapontados com o desfecho dos acontecimentos; e, por causa disso, as afetuosas boas-vindas que recebemos dos outros — cuja decepção não poderia ser muito menor do que a nossa —, quando chegamos ao número 808, foram ainda mais prezadas. Creio que tanto eu quanto Marcus, ao refletir sobre o acontecido, havíamos esquecido o quanto o episódio poderia ter saído ainda *mais* errado. Mas o alívio visível nos rostos de todos os nossos amigos serviu-nos de lembrete. A Srta. Howard me deu um grande abraço que me levantou do chão, enquanto o Doutor passou o braço em torno dos meus ombros e quase fez com que um encostasse no outro, de tanto apertar, sorrindo o tempo todo. O fato de não termos tido sucesso era obviamente muito menos importante do que o fato de haveremos sobrevivido — e, vendo tal pensamento refletido no rosto de todos, por sua vez, tornava muito mais fácil falarmos sobre a entrada na casa.

O Doutor havia encomendado o jantar ao Sr. Delmonico e mandado entregar em nosso quartel-general, o que devolveu a Marcus a alegria. Quanto a mim, estava profundamente agradecido porque o Doutor pedira não só bife grelhado com batatas fritas para mim, como também recomendara ao Sr. Ranhofer que mandasse algumas tiras de carne crua para Mike. O

Sr. Moore arrumou toda a comida na mesa de bilhar, como num bufê: havia azeitonas e aipo, enchovas em torradas, faisão e galinha-d'angola (com penas ornamentais e tudo), patê de *foie gras*, costeletas de carneiro, salada de lagosta e camarão, pudim de arroz, pequenos merengues com frutas, sorvete napolitano e, naturalmente, garrafas de champanhe, vinho e cerveja, assim como refrigerante para mim. Enquanto os adultos se serviam fartamente de seus suntuosos pratos, retirei-me para meu parapeito de janela com o bife, as tiras de carne e Mike, que provou estar quase tão faminto quanto este que lhes fala. Um a um, os outros foram se dirigindo às poltronas e mesas, com suas ceias e bebidas, e, todos já acomodados, começamos a repassar os estranhos eventos por que eu e Marcus acabávamos de passar, processo que começou com nós dois expondo os fatos básicos e terminou com Marcus entregando os papéis que eu havia surrupiado para o Doutor. Nesse momento, vi pela primeira vez uma sombra perpassar as feições do Dr. Kreizler.

— O que há de errado, Doutor? — perguntou Marcus, abrindo algumas janelas para deixar a tépida brisa noturna entrar, junto com os sons da celebração na rua. — Pelo que pude ver, esses documentos talvez sejam a evidência que precisamos para demonstrar um padrão no comportamento dessa mulher.

— Podem ser, Marcus — concordou o Doutor, examinando os papéis. — Ainda não posso dizer. Mas o que certamente *irão* fazer... ou melhor, o que a *ausência* deles irá fazer... é dizer à enfermeira Hunter quem entrou em sua casa e por quê.

— Ora, por favor, Kreizler — disse o Sr. Moore, cuidadosamente apoiando um prato superlotado no braço de uma das poltronas. — Se nossa visita no domingo não foi uma declaração aberta de hostilidade, não sei o que *poderia* ser.

— Não é hostilidade contra *nós* que me preocupa, Moore — respondeu o Doutor, ainda lendo os relatórios hospitalares. — É a possibilidade de que nossas tentativas de resgatar a criança acabem sendo interpretadas, na mente da enfermeira Hunter, como culpa da criança. É

essa sua habilidade particular, atribuir a responsabilidade de tudo que dá errado... em sua própria vida, assim como na das crianças que ela toca... às próprias crianças.

O Doutor passou para uma outra folha, enquanto o restante de nós absorvia aquela ideia perturbadora; então, de repente, seus olhos se arregalaram acentuadamente.

— Meu Deus... — De pronto ele deixou de lado o prato a fim de devorar a pilha de documentos com maior rapidez. — Meu Deus... — repetiu.

— O que descobriu, Doutor? — indagou a Srta. Howard por todos nós.

O Doutor, porém, limitou-se a olhar para Marcus.

— Quantas destas cartas você leu?

Marcus deu de ombros, roendo uma costeleta de carneiro.

— O suficiente para captar a ideia geral: uma criança chamada “Jonathan”, que estava aos seus cuidados, sofreu vários episódios cianóticos. O último deles foi fatal.

O Doutor bateu com um dedo sobre a pilha de papéis.

— Certo. Mas não se tratava de um relacionamento entre enfermeira e paciente. Este último formulário de internação revela o sobrenome do menino: “Hatch.” Esse era *Jonathan Hatch. Seu próprio filho.*

Até mesmo o meu queixo caiu diante disso e imediatamente lembrei-me da série de fotografias de bebês e crianças que eu vira na escrivania, no número 39 da Bethune Street.

— Ela não era *enfermeira* no St. Luke’s — prosseguiu o Doutor. — Ela levou a criança até lá *como paciente*. Três vezes.

Marcus ficou ali sentado, o osso da costeleta pendendo de sua mão.

— Mas... imaginei que...

O Doutor fez um gesto, interrompendo-o, o movimento da mão dizendo “Naturalmente, naturalmente” com tanta clareza quanto a voz poderia dizer. Ele continuou lendo e explorando.

E então um novo choque transpareceu em sua voz.

— Santo *Deus*... o endereço do trabalho que ela fornece é na Rua 57 Oeste, número um.

A taça de vinho do Sr. Moore espatifou-se no chão ruidosamente.

— Meu Deus! — exclamou ele, perplexo. — É a casa de Cornell Vanderbilt!

Cyrus ainda estava lutando para entender a primeira informação.

— Mas pensei que havíamos concluído que a mulher era incapaz de ter filhos.

O Doutor continuou acenando a mão.

— É verdade, Cyrus. E não há nada que diga que ela... espere. Aqui. — Ele havia apanhado os jornais na base da pilha e os entregou a Cyrus. — Veja o que pode depreender disso.

Com a boca cheia de faisão, Cyrus segurou o prato e, com a outra mão, apanhou os jornais, passando para uma das mesas, onde podia ler e comer ao mesmo tempo.

O Doutor mantinha os olhos nos relatórios hospitalares.

— Cada um dos eventos se ajusta precisamente ao padrão descrito pelas enfermeiras da Maternidade de Nova York. Todas as vezes em que a mulher apresentada aqui como “Sra.

Elspeth Hatch” chegou ao hospital, o menino Jonathan, de um ano e meio de idade, já estava asfixiado e cianótico. Todos os episódios ocorreram no meio da noite... a mãe afirmava ter sido acordada pelos arquejos do filho e corrido até ele, encontrando-o incapaz de respirar. As primeiras duas cartas eram bastante dramáticas: “Tivesse sido menor, Sra. Hatch, sua ligeireza



em trazer a criança aos cuidados profissionais”, escreve o médico de plantão na comunicação inicial, “ele certamente teria expirado. Sua angústia, enquanto esperava para saber do destino de seu filho, segundo nossa equipe, foi muito tocante.” Em nome de Deus, quem escreveu isso? — À medida que o Dr. Kreizler continuava a ler, eu lembrei que muitas vezes ele trabalhara com colegas que atendiam no St. Luke’s. — Humm... “Dr. J. Langham”. Não o conheço.

— Devia escrever romances água com açúcar — disse o Sr. Moore, limpando com um guardanapo o vinho e os cacos da taça que cobriam o chão perto de sua cadeira. — Aí diz mais alguma coisa sobre Vanderbilt?

— Não — respondeu o Doutor. — Mas parece que ela estava vivendo num apartamento perto da Rua 57... foi por isso que levou a criança para o St. Luke’s. O hospital nesse tempo ainda se localizava na Rua 54. Aqui tem mais alguns dados. Em “Idade”, ela escreve “trinta e sete”. “Ocupação: Criada.” “Naturalidade: Stillwater, Nova York.” — O Doutor levantou os olhos. — Alguém conhece?

— Fica ao norte? — arriscou Lucius.

— Não existe muita coisa “ao sul” daqui, Lucius — disse a Srta. Howard com um sorriso.

— Conheço a cidadezinha, Doutor. Fica mais acima, subindo o Hudson, perto de Saratoga. —

Ela pigarreou, orgulhosa, e levou uma pequena porção da comida à boca. — Exatamente, se alguém se recorda, a área de onde eu disse que ela vinha, pelo sotaque.

— Parabéns, Sara — disse o Doutor. — Vamos torcer para que tenha o mesmo êxito com o próximo conjunto de

mistérios. Cyrus? Conseguiu alguma coisa com esses jornais?

Cyrus não respondeu. Ele havia parado de comer por completo, embora ainda estivesse na metade do prato; e olhava fixamente a folha de jornal velha e amarelada, como se estivesse lendo a notícia de sua própria morte.

— Cyrus? — repetiu o Doutor. Quando se virou e viu a expressão no rosto do homem, levantou-se de imediato e correu para ele. — O que foi? O que você descobriu?

Erguendo lentamente os olhos, Cyrus pareceu olhar através do Doutor.

— Ela já fez isso antes...

— O que quer dizer com isso? — perguntou o Sr. Moore. — Fez o quê?

Mas o restante de nós ficou em silêncio, tendo compreendido o que Cyrus queria dizer, embora sem querer acreditar.

Cyrus tocou os jornais e voltou-se para o Sr. Moore.

— Tem quatro recortes aqui. Os três primeiros são do *Journal* e do *World*. Todos trazem histórias sobre um sequestro, ocorrido em maio de 1895. Um casal chamado Johannsen... eram donos de uma mercearia na Rua 55 Leste e tinham um filho, Peter. Um bebê de um ano e quatro meses. A mãe foi atacada numa rua lateral, quando levava o bebê para casa sozinha. O

garoto foi sequestrado, mas nunca receberam pedido de resgate.

Enquanto Cyrus contava tudo isso, o Doutor agarrou os jornais, ávido, e começou a esquadrinhá-los.

— E o último recorte? — indagou.

— Uma edição do *Times* — replicou Cyrus. — De dois meses depois. Traz uma nota no obituário... para Jonathan Hatch. Idade: um ano e meio. “Deixou mãe amantíssima...”

— *Libby* — concluiu o Doutor. Então, fez um gesto com o braço na direção de Lucius. —

Sargento-detetive... nesses formulários deve haver uma descrição física do menino...

Lucius correu e apanhou os formulários do hospital.

— Descrição, descrição... — murmurou ele, examinando os papéis. — Aqui temos: descrição.

— O que diz em cor do cabelo e dos olhos? — quis saber o Doutor.

— Vamos ver... tamanho... peso... ah! isso. Olhos: azuis. Cabelos: louros.

— Tipicamente escandinavo — disse baixinho o Doutor. — Não que estas características sejam definitivas nessa idade, mas... — Ele espalmou a mão na mesa. — *Por que* ela guarda essas coisas? Como troféus? Ou lembranças?

Segurando outra tira de carne crua diante da boca de Mike e observando-o agarrá-la e rasgá-la, eu disse em voz baixa:

— Ela tem um retrato dele...

O Doutor olhou em minha direção.

— É mesmo, Stevie?

Olhei para ele e assenti com a cabeça.

— Estava na escrivaninha. Um garotinho louro. Olhos azuis. O retrato parecia bem recente.

Isto é, comparado a...

Eu me detive, percebendo subitamente as implicações do que eu estava prestes a dizer.

— Diga, Stevie — pediu o Doutor com voz serena.

— Comparado aos outros — respondi, olhando pela janela para o adro lá embaixo e de repente sentindo frio. — Ela tem mais. Umas duas crianças sozinhas... bebês, como a menina Linares e este menino. E também tem uma fotografia de três outras crianças, todas juntas.

Estas eram mais velhas.

Mais uma vez, o silêncio reinou por um momento; então o Sr. Moore murmurou:

— Você não acha... não *todas* elas...

— Eu não *acho* nada — replicou o Doutor, andando até o quadro-negro.

— Mas isso... — O Sr. Moore foi buscar outra coisa para beber. — Quero dizer, a ideia toda é...

— Anormal. — Marcus dissera a palavra e voltei-me e o vi olhando para mim. Ele estava se lembrando, eu tinha certeza, do primeiro momento em que nos vimos no quintal morto e sinistro do número 39 da Bethune Street.

— Insisto em que vocês prescindam do uso desta palavra — retrucou o Doutor. — Todos vocês. Ela não vale o esforço de pronunciá-la e nos distrai do resultado mais importante desse encontro. Abrimos uma porta e acabamos nos vendo diante de muitas outras. — Apanhando um pedaço de giz, o Doutor pôs-se a trabalhar no quadro. — Temos uma série de novas pistas... e, bastante provavelmente, novos crimes... para rastrear. O pior deste caso, receio, ainda está por vir.

O apetite de todos pareceu arrefecer consideravelmente com essa compreensão — o de todos, menos de Mike. Lentamente tomando consciência de sua mastigação barulhenta, baixei os olhos e o vi sentado em meu colo, mastigando sem parar, provavelmente tão feliz quanto sabia ser. Pus o dedo atrás de sua orelha e cocei o pelo macio.

— Da próxima vez que se lamentar por ser uma doninha e não uma pessoa, Mike —

sussurrei —, quero que se lembre de tudo isso...

O Doutor fez meia-volta, deparando com um conjunto de rostos perplexos e deprimidos, e, percebendo que a motivação estava definhando, voltou ao seu prato e à sua taça de vinho e os apanhou.

— Vamos, vamos — disse, talvez com mais entusiasmo do que de fato sentia. — Esta comida está boa demais para desperdiçarmos e nenhum de vocês vai conseguir trabalhar de estômago vazio.

O Sr. Moore olhou-o, cansado e confuso.

— Trabalhar?

— Certamente, Moore — respondeu o Doutor, comendo um pouco de *foie gras* na ponta de uma torrada e tomando um gole do vinho. — O que fizemos agora foi catalogar as informações que conseguimos com essa pequena aventura. Falta agora interpretá-las. Quando nossa adversária voltar para casa, não resta dúvida de que irá saber o que pretendíamos e que irá ajustar seus movimentos e ações a isso. Assim sendo, o tempo urge, agora mais do que nunca.

— Mas, Kreizler — insistiu o Sr. Moore, não convencido. — O que há para interpretar?

Não podemos tirar a garota Linares de lá, não sem derrubar a casa. Ainda não podemos procurar a polícia. E, assim que essa mulher, seja lá que diabo de nome ela estiver usando, disser a Goo Goo Knox o que aconteceu, todos vamos ter de passar as noites repetindo os ataques dos malditos Hudson Dusters! Agora me diga: que diabos você acha que vamos fazer para mudar a situação?

Lucius tinha o rosto entre as mãos, enterrando-o cada vez mais.

— A mulher se resguardou terrivelmente bem, Doutor. Como Sara disse no outro dia. —

Ele levantou a cabeça e apanhou um lenço, começando a enxugar o suor da testa, mas logo desistindo. — Sei que isso já foi dito antes, mas... o caso Beecham foi tão mais... *direto*. Ele estava nos *desafiando*, e havia coisas a que podíamos nos agarrar, pontos para os quais, ou dos quais, podíamos partir, com algum tipo de lógica. Mas isto... todas as vezes em que se pensa que se está chegando a algum lugar, descobre-se algo novo que muda todo o cenário.

— Eu sei, sargento-detetive, eu sei — respondeu o Doutor rapidamente. — Mas lembre-se de uma diferença essencial

entre este caso e o último: uma parte oculta de Beecham *queria* desesperadamente ser detida.

— O seu lado são — afirmou o Sr. Moore. — Então está dizendo que essa Libby Hatch é *insana*? Porque se for...

— Não insana, John. — O Doutor dirigiu-se ao quadro e escreveu a palavra Sã debaixo dos nomes da mulher, sublinhando-a em seguida. — Mas dotada de uma falta de autoconsciência, de um conhecimento de si mesma tão profundo que seu comportamento se torna incoerente o bastante para, às vezes, *parecer* insano. Por outro lado, com frequência ela pode ser bastante coerente... Como vocês todos observaram, desta vez ela conseguiu resguardar seus atos muito bem.

Marcus olhou para ele.

— *Desta vez?* — ecoou ele.

— Humm, é — disse o Doutor, bebericando o vinho. — *Desta vez.*

Ele desenhou um quadro grande debaixo da seção do quadro denominado A MULHER NO

TREM e seguiu, dando ao quadro o título de CRIMES PASSADOS. Então escreveu os números de 1 a 6 sob o título. Ao lado do número 1, ele inscreveu PETER JOHANNSEN, 1895: SEQUESTRO, MAIO, TORNOU-SE JONATHAN HATCH; MORREU NO ST.

LUKE'S HOSPITAL, JULHO. ASFIXIADO.

— E, de fato — prosseguiu o Doutor, dando um passo atrás —, por que ela *não* deveria estar pronta desta vez? Certamente já teve prática bastante. Se estivermos

interpretando os elementos que nos foram apresentados corretamente, creio que podemos presumir que a Sra.

Hatch acreditava que todas as crianças que Stevie viu nas fotografias... pelo menos seis, pelas minhas contas, talvez mais... fossem seus filhos... ou porque de fato eram ou por meio de outros sequestros. E podemos estar igualmente certos de que foram suas vítimas.

— Ela guarda fotografias das crianças que *assassinou* em casa? — espantou-se o Sr.

Moore.

— Não fique tão chocado, Moore. Afinal, já supusemos que ela não se considera responsável pelas mortes... Sua mente não permite isso. Em sua visão, eles morreram *apesar* dela, não *por causa* dela... São crianças manhosas, imperfeitas, defeituosas, que desafiam seus incansáveis esforços maternos para criá-las.

— Já admitimos tudo isso, Doutor — disse a Srta. Howard, soando um tanto abatida; e ela era sempre a última pessoa a mostrar desânimo. — Mas como isso pode nos ajudar agora? Isto é, falando de um ponto de vista prático? Como podemos usar esse conhecimento para resgatar uma criança cujo pai não tem qualquer interesse em resgatá-la... que, na verdade, manda o macabro criado da família para nos advertir a não resgatá-la?

O Doutor dirigiu-se a ela serenamente:

— E então o que devemos fazer, Sara? Desistir do caso? Quando sabemos que aquela garotinha vai morrer, e em breve? E quando não temos a menor ideia das repercussões políticas que essa morte poderá ter?



— Não. — A Srta. Howard respondeu rapidamente, lutando tanto contra si mesma quanto contra o Doutor. — Mas não consigo mais ver nenhum caminho por que possamos avançar no caso.

Aproximando-se e agachando-se ao lado dela, o Doutor tomou a cabeça da Srta. Howard entre as mãos.

— Isso porque você está pensando como *si mesma*, Sara: de uma maneira direta, exata, linear. Pense como *ela*. Seja indireta. Oblíqua. Até mesmo tortuosa. — Ele apanhou o prato diante dela e o colocou em suas mãos. — Mas, em primeiro lugar, coma.

— Doutor... — Marcus, que conseguira terminar o jantar, levantou-se, apontando o quadro com a garrafa de cerveja. — Acho que compreendo. Nós... Stevie e eu... quando estivemos na casa dela, vimos algumas coisas. E começamos a *entender* outras. A respeito dela, é o que estou dizendo. Ela pode ter planejado bem esse crime, mas... isso não muda o fato de que *não* é a mais capaz das mulheres, em muitos outros aspectos.

— Eu que o diga — intervim. — Vocês deviam ter visto a cozinha daquela casa... eu não comeria lá por nada neste mundo. E o quintal... parece um cemitério.

— Continue — pediu o Doutor, animado.

— Bem — Marcus tomou um grande gole da garrafa —, parece inconcebível que uma mulher assim pudesse perpetrar seis crimes distintos tão eficientemente quanto este. E também temos de lembrar que parte do que aqui parece “habilidade” dela foi pura sorte. Se ela não tinha a menor ideia de quem era Ana Linares, então também não poderia saber que o pai da criança iria se recusar a procurá-la ou a ir à polícia. Assim, na verdade, ela cometeu erros...

só que não podemos fazer nada a respeito. Mas isso não nos impede de ir em seu encalço... no passado, é o que quero dizer.

— Ah, grande! — gemeu o Sr. Moore. — O caso desmantelou-se e agora Marcus pensa que é H. G. Wells. Bem, quando você construir sua pequena máquina do tempo, Marcus, nós todos nos amontoaremos nela e...

— Não. Espere, John. — Os olhos verdes da Srta. Howard haviam recuperado seu costumeiro brilho e ela empertigou-se na cadeira. — Ele tem razão. Ela deve ter cometido um erro em algum ponto no passado... só que ninguém estava atento, na ocasião. Se deixarmos o caso Linares de lado por ora e cavarmos em torno de algumas dessas mortes... então podemos alcançá-la por uma via periférica.

— Afinal, Moore — concordou o Doutor —, veja todas as novas pistas que conseguimos.

Agora sabemos de onde a mulher vem. Isso é crucial e deve ser explorado... pois tais assassinos manifestam algum tipo de comportamento aberrante cedo na vida. E estamos praticamente certos do crime que ela cometeu antes do sequestro de Ana Linares. Na ocasião, foi deixado de lado, visto como ocorrência natural, mas, se entrevistarmos os médicos envolvidos e revirmos a questão à luz do que agora sabemos, temos uma chance muito boa de mudar essa interpretação.

O Sr. Moore estivera ouvindo a tudo isso atentamente e eu podia ver que ele queria continuar discutindo; mas alguma coisa pareceu surgir em sua mente.

— Sara... você disse que a cidade natal dela era perto de Saratoga?

O rosto da Srta. Howard se contorceu diante da natureza incoerente da pergunta.

— Stillwater? É, fica a uns vinte e cinco quilômetros a sudeste de Springs, mais ou menos.

Bem à margem do rio. Por quê, John?

O Sr. Moore pensou por um segundo e então levantou um dedo.

— Tenho um amigo que trabalhava no gabinete do promotor em Manhattan. Mas ele cresceu perto de Saratoga. Há alguns anos teve de ir embora de Nova York e agora está trabalhando no gabinete do promotor de lá. Ballston Spa ainda é a sede do condado, não é?

— É, isso mesmo — respondeu a Srta. Howard, com um aceno da cabeça.

— Bem — continuou o Sr. Moore —, se esta tal Sra. Hatch cruzou algum limite legal por lá, Kreizler, então Rupert Picton é o homem com quem devemos falar. Um promotor nato, ele *adora* cavar sujeira.

— Então, está vendo, John? — O Doutor ergueu a taça. — Que dificuldade você viu nisso?

E não vamos esquecer... estabelecemos um elo entre a mulher e os Vanderbilts na ocasião do último assassinato. Isso deve ser investigado.

À menção do nome da importante família, o rosto do Sr. Moore foi tomado por uma alegria maliciosa, como o de um garoto com uma caixa de fósforos.

— É, e quero tomar parte nisso — disse ele. — Cornell Vanderbilt, aquele velho pomposo e piedoso... quero estar presente quando dissermos a ele que sua criada passava as horas livres

sequestrando e sufocando crianças!

— Não vamos simplesmente tirar conclusões precipitadas, cavalheiros — interveio Lucius.

— Temos apenas um *possível* homicídio, ao lado de dois sequestros definidos.

— Ah, *eu* sei disso e *você* sabe disso, Lucius — afirmou o Sr. Moore. — Mas Vanderbilt não sabe. Quero torcer o nariz daquele...

— Você já se fez claro, John — interrompeu o Doutor —, e vai estar lá quando Vanderbilt for entrevistado. Resta, porém, uma última pergunta.

Ele começou a andar de um lado para o outro, como de costume — um sinal de que havíamos superado o momento de dúvida e que iríamos dar prosseguimento ao trabalho —, e passou a agitar o giz na mão livre.

— Sabemos que Libby Hatch, que é como acredito que agora devemos nos referir a ela, com quase toda certeza chegará a uma crise fatal com Ana Linares. Também acredito, depois de ouvir a história de Stevie e Marcus sobre o estado do marido, que ela o está matando lentamente com morfina, de tal maneira que a morte dele será vista como resultado de sua própria degenerescência, conquistando assim para ela o tipo de simpatia e admiração que a mulher parece, de todas as formas, ansiar. Existem ainda benefícios colaterais com o seu falecimento: herança tanto de sua pensão como do que suspeito seja a casa *dele*,

sem mencionar a eliminação de toda e qualquer obstrução a suas atividades com Knox. A pergunta premente é: como podemos impedir esses acontecimentos? Se continuarmos a nos esconder dela, acreditará que estamos vencidos. Se, por outro lado, fizermos com que saiba que estamos investigando seu passado...

— Então ela não vai se sentir segura para matar outra vez — completou a Srta. Howard. —

Pelo menos não até que a tenhamos deixado em paz.

— O senhor está falando sobre uma conversa direta com ela, Doutor? — indagou Lucius.

— Tenho de lembrá-lo do que John disse sobre os Dusters: se Libby Hatch souber que estamos atrás dela, vai dizer a Knox que os mande atrás de nós.

— E é por esse motivo que você deve ir falar com ela, sargento-detetive. Você e Marcus. E

não em nosso nome... mas sim no de seu departamento. Podemos de fato estar impedidos de fazer disso uma investigação oficial, mas não há razão por que *ela* deva saber disso, não é?

Vocês não precisam apresentar mandado ou pronúncia, apenas a simples afirmação de que o departamento está ciente de seus atos passados e estará atento a seus futuros movimentos. Se criarem a impressão de que estão falando na qualidade de representantes oficiais da lei, ela passará essa impressão para Knox. Os Hudson Dusters, embora violentos, não são nem ambiciosos nem suicidas. É de se duvidar que ponham em risco sua liberdade, seu acesso à cocaína ou seu status como ídolos boêmios românticos por

causa de alguém, nem mesmo da *paramour du jour* de Knox.

Marcus olhou para o irmão.

— Ele tem um bom argumento.

— É muito mais do que um argumento — respondeu o Doutor, recolhendo os recortes de jornal e os documentos hospitalares, e erguendo-os no ar. — Agora nós temos o *passado* dela.

Ou, pelo menos, pedaços dele. Era isso que nos faltava: algum sinal do que jaz por trás de seu atual comportamento, um “caminho para avançarmos no caso”, como diz Sara. Até aqui estivemos incapacitados, basicamente pela falta de alguma orientação por parte de minha

própria profissão, que, como o restante de nossa sociedade, sofre de uma miopia que nos impede de ver que mulheres e mães podem ser capazes de tais crimes. E, assim, viemos avançando hesitante e irregularmente, tentando aprender coisas sobre essa mulher que cada um de nós, em algum recesso da mente, deseja fosse desconhecido e falso. Ah, podíamos ter sua imagem física e evidências de seu comportamento destrutivo mais recente, mas em que grau podíamos interpretá-las? Agora, porém, estamos de posse de detalhes específicos de seu passado: *chaves*. E não devemos hesitar em usá-las.

— Exceto, talvez, Doutor — de repente a Srta. Howard levantou-se e olhou em minha direção —, a fim de reservarmos um momento para agradecer à pessoa cuja bravura nos trouxe até aqui.

Ela ergueu a taça — para *mim*. Remexi-me, desconfortável, enquanto os outros também se voltavam em minha direção. O abatimento havia desaparecido de seus rostos e fora substituído por confiança, disposição — e sorrisos. Um por um, todos levantaram as taças e garrafas; e, não me importo de confessar, aquilo me deixou nervoso como o diabo.

Mas eu também estava sorrindo um pouco.

— A Stevie — continuou a Srta. Howard. — Que fez o que nenhum de nós poderia ter feito, pois ele viveu o que nenhum de nós viveu.

Os outros todos disseram juntos: “A Stevie!”, tomaram grandes goles de bebida e então se aproximaram de mim numa onda.

Apenas olhei para Mike e em seguida pela janela, constrangido e feliz como jamais me lembro de ter estado.

— OK, OK — disse eu, protegendo-me com as mãos de suas demonstrações de afeto e agradecimento. — Temos trabalho a fazer, lembrem-se...

## **CAPÍTULO 25**

No domingo, a doninha Mike voltou para casa com Hickie e eu não mais tinha uma companhia para me ajudar a esquecer o quanto as coisas haviam ficado ruins com Kat. Na manhã de segunda-feira, porém, nossa investigação acelerou-se e logo eu me vi por demais ocupado, levando o Doutor e os outros pela cidade, para ficar muito tempo pensando onde ela poderia estar ou o que andava fazendo. Eu sabia que Kat escrevera para a tia e que aguardava uma resposta antes de seguir para a Califórnia; e eu só podia torcer para que ela pudesse entrar em contato comigo

antes disso. No entanto, torcer já era um progresso, era melhor do que me preocupar, e, como Kat tivesse o dinheiro e a passagem agora, imaginei que fosse seguro deixar meus temores por ela de lado, independentemente de ter ou não notícias dela.

O Doutor, o Sr. Moore e eu partimos na manhã de segunda-feira em nossa longa viagem até o St. Luke's Hospital, que no ano anterior havia mudado de seu antigo endereço na Rua 54

para cinco novos edifícios, entre a Amsterdam Avenue e a Morningside Drive na Rua 114.

Levei o Doutor e o Sr. Moore o mais perto que pude da entrada de um dos pavilhões — por coincidência, o Pavilhão Vanderbilt —, onde enfermeiras em longos vestidos azul-celeste e aventais brancos tentavam manter os pequenos barretes equilibrados no alto da cabeça, enquanto subiam e desciam rapidamente a escada de aço em espiral que cercava um pequeno elevador. O Doutor e o Sr. Moore entraram no elevador e seguiram para um andar superior, enquanto eu voltava para a caleche e seguia para Morningside Heights, a fim de passar as próximas horas fumando um lote de cigarros e olhando, além das íngremes pedras, a ampla extensão do Harlem, lá embaixo.

A visita não transcorreu tão bem quanto o Doutor esperara: os médicos, cirurgiões e enfermeiras da equipe do hospital que atendera à Sra. Libby Hatch e seu “filho” dois anos antes ficaram horrorizados diante da sugestão de que ela pudesse ter matado o garoto, e o Doutor fora obrigado a apelar a autoridades superiores a fim de ter acesso aos registros oficiais. E estes não haviam revelado nada de novo sobre as visitas da Sra. Hatch ao hospital: como os documentos que eu havia roubado de sua casa, todos



diziam que ela agira com presteza e coragem, e que se mantivera composta durante toda a provação, de uma forma que só havia inspirado a admiração e simpatia da equipe do St. Luke's.

Esse último pormenor interessou particularmente ao Doutor, disse ele a mim e ao Sr.

Moore no trajeto de volta. Parecia que na Alemanha havia um grupo de alienistas, psicólogos e especialistas dos nervos (chamados por eles "neurologistas") que, ao estudarem a questão da histeria feminina, descobriram que suas pacientes às vezes se tornavam tão dependentes da atenção de profissionais da área médica quanto qualquer viciado em morfina ou cocaína da droga. Se Libby Hatch partilhasse dessa necessidade, disse o Doutor, ela poderia estar usando as doenças das crianças de que tomava conta (ou falhava em tomar conta) para satisfazê-la. Era matar dois coelhos com uma só cajadada: ela estaria encobrendo suas incapacidades maternais

e, ao mesmo tempo, obtendo atenção e elogios dos médicos e enfermeiras. Saberíamos ao certo se tinha de fato tal desejo quando recebêssemos mais informações sobre seu passado, pois essa era uma característica que se teria formado em seus primeiros anos, voltando a se manifestar repetidamente. Talvez chegasse mesmo o dia em que poderíamos de alguma maneira usar essa necessidade contra ela, pois, como qualquer comportamento doentio, essa era no fundo uma fraqueza e incapacidade grave, que poderia trair e até destruir a pessoa por ela afligida.

O Sr. Moore, depois de considerar todos esses fatores, propôs a ideia de que esse desejo poderia ter sido a razão de Libby Hatch, ou a Sra. Hunter, haver tratado o Dr.

Kreizler de uma maneira muito diferente daquela que dispensara a ele mesmo ou aos sargentos-detetives. Era verdade que ela se aproximara de cada homem de um modo concebido para apelar à fraqueza ou vaidade dele; mas talvez houvesse algo mais no muito respeitoso tratamento que dispensara ao Doutor. Talvez ela não houvesse esperado que um médico tomasse parte na investigação do sequestro, e talvez, ao tentar ser cordial com ele quando estávamos de partida, ela houvesse sentido uma necessidade verdadeira de que ele respondesse da mesma forma, de que acreditasse que ela era inocente. Certamente, isso ajudaria a explicar a fúria com que reagira diante da rejeição por parte do Doutor de suas tentativas de cordialidade. E, continuou o Sr.

Moore, o fato de que ele iria permanecer no caso com a polícia talvez fosse alguma coisa que os sargentos-detetives quisessem incluir em sua advertência a ela: um pequeno germe a ser plantado em seu cérebro, por assim dizer, só para ajudar a mantê-la desestabilizada. Quando nos encontramos com Marcus e Lucius naquela noite, na Rua 17, eles concordaram entusiasticamente com aquela linha de raciocínio e decidiram torná-la parte de sua apresentação.

Isso não ocorreria, porém, antes que eles, com a ajuda da Srta. Howard, aprofundassem a investigação da morte dos bebês na Maternidade de Nova York, pois queriam estar muito bem municiados quando enfrentassem o inimigo. Mas essa investigação paralela mostrou-se especialmente complicada, haja vista a dificuldade, senão impossibilidade, de até mesmo localizar a maioria das mães dos tais bebês, quanto mais de fazê-las falar. A Maternidade de Nova York, como eu já disse, assistia a mães solteiras e pobres, e muitas delas não davam o nome verdadeiro ao ser internadas. Isso acontecia, principalmente, com as mulheres mais abastadas que se encontravam na maternidade a fim

de encobrir os resultados do adultério ou aquelas que haviam desfrutado os prazeres do matrimônio antes de se preocuparem com as suas formalidades. Os sargentos-detetives e a Srta. Howard levaram dias para encontrar uma única mulher que admitisse que um dos bebês mortos fora o dela; e quando por fim encontraram essa mãe solitária e lhe falaram sobre suas suspeitas, a mulher apressou-se em acompanhá-los até a porta, farejando problemas legais e não querendo tomar parte nisso.

Assim, os três se viram obrigados a insistir em sua busca.

Nesse ínterim, o Doutor e o Sr. Moore ocuparam-se da seguinte tarefa: ir falar com o ilustre Sr. Cornelius Vanderbilt II, ele a quem o Sr. Moore referia-se como “Cornell”. (O nome o distinguia do avô, o velho mercenário que pusera o nome da família em evidência, e também de seu próprio filho, Cornelius III, que era chamado “Neily”.) Era um homem generoso quando se tratava de obras de caridade, esse Sr. Cornelius II, mas também era o sujeito mais hipócrita e pretensioso de Nova York; e certamente não tinha o menor interesse em encontrar-se com alguém tão controverso quanto o Dr. Kreizler. Se alguém do nosso grupo quisesse ser

recebido na imensa mansão — conhecida pela classe de arquitetos como um “*château* da Renascença francesa” —, que ocupava toda a extremidade da quadra da Quinta Avenida entre as ruas 57 e 58, teria de recorrer a terceiros: especificamente, o Sr. Moore teria de pedir a ajuda dos pais, coisa que ele detestava fazer. E, embora houvessem de fato marcado uma audiência para a tarde de quinta-feira, também disseram ao Sr. Moore que, fosse qual fosse o assunto de que iria tratar, era melhor não mencionar o filho do Sr. Vanderbilt, Neily, cuja existência o homem no momento não reconhecia.

Aparentemente, o jovem Neily tivera a ousadia de casar-se com alguém a quem de fato amava, mas que para sua família era socialmente inferior. A batalha ocasionada pelo casamento se tornara tão acirrada que Cornelius II chegara a sofrer um derrame e praticamente deserdera o filho mais velho. O jovem fora adiante e se casara, e então fugira para a Europa com a noiva. Tinham retornado havia pouco, embora durante todo o tempo em que estiveram ausentes houvesse burburinhos na cidade sobre suas atividades. A imprensa sensacionalista, naturalmente, tomara partido na história, todos do lado do amor, mais eficaz para vender os jornais. A maior parte da alta sociedade também tinha simpatia pelo casal, pois as famílias nova-iorquinas *realmente* antigas, como as do Sr. Moore e da Srta. Howard, viam os novos-ricos Vanderbilts como penetras em sua festa. O caso continuara a desgastar Cornelius II (que agora dividia seu tempo entre o palácio em Nova York e a propriedade ainda mais ridiculamente elaborada em Newport, Rhode Island), e naquele verão ele havia se tornado tão amargo e presunçoso que isso o estava mesmo matando. Setenta milhões de dólares e o sistema ferroviário central de Nova York, todos seus, e o homem iria deixar as aventuras românticas de dois jovens levarem-no para debaixo da terra: às vezes é difícil entender os ricos...

De qualquer maneira, a tarde de quinta-feira chegou e seguimos para o norte na caleche coberta. A temperatura média vinha subindo constantemente à medida que avançávamos julho adentro, e no dia 8 estava subindo tão depressa que provocava aquele tipo deprimente de chuva quente de verão que nunca consegue refrescar ou limpar a cidade. Chapinhando em meio aos dejetos dos cavalos, de cheiro particularmente detestável, subimos Murray Hill e então entramos na área de mansões entre as ruas 50 e 60, passando pelos outros palácios dos Vanderbilts, todos construídos a poucas quadras do de Cornelius II. O principal

propósito de cada uma daquelas mansões, pelo que sempre me parecera, não era outro senão o de superar o restante, ainda que isso significasse acumular tantos detalhes e supérfluos que as estruturas cruzavam a linha do que se poderia chamar de risível, ou simplesmente feio.

Isso se aplicava em especial ao número 1 da Rua 57 Oeste: o vermelho vivo dos tijolos contrastando com a brancura do calcário usado nas molduras das janelas e nos detalhes pode ter tido o objetivo de recriar um ar de Renascença francesa, mas na minha opinião estava muito mais perto de uma lona de circo. O anexo construído nos fundos da casa pelo Sr. Richard Morris Hunt — o mesmo que havia projetado a nova ala do Museu Metropolitano — era muito mais agradável aos olhos, e podia mesmo ser considerado bonito, se visto isoladamente do restante da casa. O efeito da frente da casa, porém, para o indivíduo que dela se aproximava vindo do centro da cidade, era fazê-lo pensar que estava a caminho de ver algum tipo de palhaço de alta classe. O que, de fato, ia mesmo; era uma pena que o próprio Cornelius II não entendesse a piada.

Cerca de meia quadra antes de chegar à Rua 57, o barulho de nossa carruagem, assim como daquelas à nossa volta, de repente desapareceu: imensos lençóis de algum tipo de forração —

parecia casca de árvore — foram assentados nas quadras em torno do número 1 da Rua 57, para que o atormentado Sr. Vanderbilt não fosse perturbado pelos ruídos de cavalos e carruagens passando por ali. Pode parecer inacreditável, nos dias de hoje, pensar que quadras inteiras de uma cidade fossem repavimentadas somente para que um único homem pudesse descansar melhor; mas Cornelius II era importante assim para a cidade, principalmente por causa de sua obra filantrópica. É claro que não era o barulho que o

estava deixando doente, como observou o Doutor: podiam colocar o homem num quarto forrado com concreto e chumbo e, contanto que ele pensasse no pouco controle que tivera sobre o filho, não conseguindo que este ficasse junto dele, seu corpo teria continuado a deteriorar-se.

Quando chegamos ao número 1 da Rua 57, o Doutor informou ao Sr. Moore que, especialmente porque o encontro fora tão difícil de conseguir, ele não deveria ir até lá com o objetivo de torcer o nariz do Sr. Vanderbilt, como tinha dito que gostaria de fazer. Eles só diriam ao pobre e velho inválido que estavam tentando rastrear os movimentos da Sra. Hatch a fim de contactá-la, pois acreditavam que ela poderia ser de ajuda num caso em que o Doutor estava trabalhando; nada mais. O Sr. Moore concordou, relutante, e então eles subiram os degraus que levavam à imensa entrada, com arcada de calcário. O Sr. Moore tocou a campainha e foram recebidos por um criado, que disse que o Sr. Vanderbilt os aguardava no

“salão mourisco”, no interior da casa. Sabendo o suficiente para perceber que ele se referia a uma sala de fumar, que provavelmente pareceria uma ilustração para *As mil e uma noites* —

esses salões sendo a última moda entre a gente rica naqueles tempos —, desci do assento do cocheiro na caleche e, quando o criado retornou, perguntei-lhe se não se importaria de dar uma olhada na carruagem por um minuto, pois eu tinha uma incumbência a fazer para o Doutor a algumas quadras dali. O homem muito generosamente concordou, e saí em disparada para a esquina da Quinta Avenida, dobrando-a. Quando cheguei aos fundos da casa, perto da bonita entrada para carruagens projetada pelo Sr. Hunt, vi que uma cerca de ferro fundido bastante alta me separava do quintal. Eu não

teria dificuldade em transpor aquele obstáculo, é claro, mas havia algumas pessoas perambulando por ali, mesmo naquela tarde úmida, e assim era preciso um pouco de esperteza.

Tentei um velho truque: olhando para o telhado alto de uma mansão do outro lado da rua, que era apenas um pouco menos suntuosa do que a do Sr. Vanderbilt, apontei lá para cima e gritei:

— Ele vai pular!

Essa frase única, é claro, é a garantia para fazer com que qualquer nova-iorquino pare o que quer que esteja fazendo e volte-se para olhar na direção indicada. Os que passavam pela Quinta Avenida naquela tarde não eram exceção e, nos poucos segundos que levaram para se dar conta de que eu estava lhes pregando uma peça, transpus a cerca dos Vanderbilts e corri, indo me esconder atrás de uma das colunas quadradas da entrada de carruagens. Examinando os fundos da casa, logo avistei uma janela de sacada aberta na extremidade oeste, de onde saíam vozes. Eu podia facilmente me esconder na outra ponta da sacada, e foi o que fiz, permitindo-me uma única espiadela no interior da sala.

Se existe uma palavra para descrever o gosto da família Vanderbilt, não estou de posse dela. Suponho que se pudesse dizer apenas que eles gostavam de “mais”: mais pedra em suas pedras, mais enfeites em seus enfeites, mais objetos decorativos entre seus objetos decorativos, mais comida em sua comida. O “salão mourisco” que espiei naquele dia era um ótimo exemplo disso. Não bastava que a madeira das paredes — com altura de dois andares — fosse a mais cara possível ou que tivesse sido esculpida em padrões mais complicados do que os modelos árabes nos

quais se inspirara; não, as paredes também tinham de ser marchetadas com substâncias preciosas, incluindo, se puder acreditar, madrepérola. Madrepérola nas paredes...

Quando se era capaz de encomendar esse tipo de detalhe disparatado — e encomendá-lo a um designer não menos importante que Louis Comfort Tiffany —, então não era para se surpreender, creio eu, que se tivesse um derrame quando o próprio filho se recusava a fazer o que você mandava. Pendendo do teto alto via-se uma gigantesca luminária Tiffany em forma de bulbo, com pequenas lâmpadas, também de vidro Tiffany, suspensas em círculo do topo desse acessório central. Abaixo dessa conglomeração, dispostas diante de uma lareira mourisca de mármore e sobre vários tapetes persas enormes e espessos, havia algumas cadeiras de veludo de espaldar reto. Em duas dessas sentavam-se o Doutor e o Sr. Moore, parecendo muito pequenos naquele salão; e diante deles — coberto, apesar do calor de julho, por um magnífico manto de pele — encontrava-se o Sr. Vanderbilt, parecendo exatamente o que era: um homem num curso lento porém constante para a morte. O rosto comprido e os olhos penetrantes, no passado capazes de intimidar a maioria dos homens, ainda que de uma boa distância, agora estavam repletos de uma tristeza cansada, e sua voz era áspera.

— E que razões os senhores teriam possivelmente para vir até mim em busca de tais informações? — perguntava ele.

Voltei a me abaixar, escondendo-me e ouvindo o que o Sr. Moore respondia:

— A mulher foi sua criada, Sr. Vanderbilt, durante algum tempo... pelo menos ela incluiu seu nome como empregador em alguns formulários do hospital que examinamos.



— E daí? — replicou o Sr. Vanderbilt, num tom de voz que educadamente poderíamos chamar de superioridade condescendente. — Sim, ela foi empregada aqui. Mas, quanto aos seus assuntos particulares, eles eram precisamente isso, e como tais respeitados. Elspeth Hatch era uma criada de confiança. Foi assim desde sua chegada na cidade.

— E isso foi em... — instigou o Doutor.

Ouvi um suspiro áspero de exasperação vindo do anfitrião, o que fez com que o Sr. Moore acrescentasse:

— Se o assunto não fosse tão urgente, Sr. Vanderbilt...

— Urgente? — interrompeu-o o velho. — Urgente, mas ainda assim vocês não me dizem do que se trata?

— Trata-se do sigilo entre paciente e médico — replicou o Doutor. — Tenho certeza de que o senhor compreende.

— E nós nunca abusaríamos de sua boa vontade — afirmou o Sr. Moore —, se tivéssemos outra escolha.

— Bem — grunhiu o Sr. Vanderbilt. — Pelo menos vocês reconhecem que é um abuso. Se eu tivesse um pouco menos de consideração por sua família, Sr. Moore...

— Sim, senhor — disse o Sr. Moore. — Certamente.

Mais um suspiro de irritação escapou do Sr. Vanderbilt.

— Admitimos Elspeth Hatch em... eu diria que no verão de 1894. Logo após a tragédia.

Tínhamos ouvido falar de seu infortúnio por amigos no norte, e minha mulher pensou que lhe oferecer um

emprego... e precisávamos mesmo de uma criada... daria a ela a chance de sair de lá e deixar o passado para trás. A Sra. Vanderbilt é uma mulher de rara compaixão. — Ele grunhiu outra vez. — *E* educação...

Seguiram-se mais alguns momentos de silêncio, durante os quais imaginei que o Doutor e o Sr. Moore estivessem se entreolhando, tentando encontrar uma maneira de descobrir qual era a “tragédia” mencionada pelo Sr. Vanderbilt. Dada sua atitude, não parecia provável que ele partilhasse qualquer informação sobre o infortúnio particular de sua ex-criada, se pensasse que os visitantes já não tivessem conhecimento dele.

— Isso foi de fato extraordinariamente piedoso da parte de sua esposa, senhor — disse por fim o Doutor. — E não há dúvida de que ajudou a Sra. Hatch a se recuperar. Com frequência uma mudança de ares é o único antídoto eficaz para uma experiência tão desventurada.

— “Experiência tão desventurada?” — ribombou de volta o Sr. Vanderbilt. — Ver os próprios filhos sendo fuzilados diante de você por um louco? O senhor é partidário do eufemismo, Doutor, ou simplesmente o seu trabalho o tornou acostumado à tragédia?

Aquela declaração fez meus olhos se arregalarem; e eu só podia pensar no quanto o Doutor e o Sr. Moore estavam lutando para esconder reação semelhante.

— Eu... certamente não foi minha intenção parecer insensível, senhor — disse, por fim, o Doutor. — Talvez meu emprego de fato me impeça de tratar... um *assassinato* — ele falou a palavra cautelosamente, quase como se esperasse uma contradição; mas esta não veio — com a devida consideração — finalizou ele.

O Sr. Vanderbilt dessa vez mais bufou do que grunhiu.

— Creio que era de se esperar. Seja como for, ela chegou aqui apenas dois ou três meses depois. E trabalhava com diligência incomum, considerando-se que o destino da filha mais velha continuasse tão incerto.

— Ah. Sim, é claro — disse o Sr. Moore. — E ela deixou o emprego, o senhor disse...?

— Eu *não* disse, Sr. Moore. Mas ela deixou nossos serviços no mês de maio seguinte, quando tornou a se casar e o sobrinho foi deixado aos seus cuidados. Eu lhe ofereci uma carta de recomendação, e esta teria sido incondicional, mas ela disse que desejava seguir a carreira de enfermeira. Eu lhe afirmei que, se pudesse ajudar nesse sentido, ela não deveria hesitar em me procurar. Ela nunca o fez. E isso, cavalheiros, é de fato tudo que posso dizer-lhes.

Ouvi o barulho de uma porta se abrindo e em seguida uma voz baixa, cautelosa, dizendo:

— Com licença, senhor, mas a senhora diz que está na hora do seu descanso.

— Certo — replicou o Sr. Vanderbilt. — Estou indo. Bem, cavalheiros. Tenho de obedecer às ordens do meu médico. Espero que os senhores consigam localizar a Sra. Hatch... embora eu acredite que seu nome deva ter mudado.

— É — disse o Sr. Moore. — Obrigado, Sr. Vanderbilt, por nos receber. O senhor foi excepcionalmente bondoso... e prestativo. Vai para Newport em breve?

— Na verdade, amanhã. Motivo pelo qual preciso poupar minhas forças. Vou pedir que acompanhem vocês até a saída.

— Por favor, senhor — disse o Doutor —, não se incomode. Podemos ir sozinhos. E, mais uma vez, obrigado.

Houve alguns ruídos de movimentos generalizados, e essa foi a minha deixa: esperando até que apenas umas poucas pessoas estivessem passando pela avenida, disparei na direção da cerca de ferro, subindo-a então e saltando do outro lado. Aterrissei na calçada e comecei a me afastar jovialmente, ignorando os olhares surpresos de um casal que passava por ali e me dando ares de alguém que pulava as cercas das mansões de milionários todos os dias, e duas vezes aos domingos.

Voltei à caleche alguns segundos depois que o Doutor e o Sr. Moore haviam-na alcançado, o que me obrigou a ter de explicar onde estivera. Esse fato tinha a vantagem de tornar desnecessário que eles me contassem sobre sua conversa com o Sr. Vanderbilt, embora meu segundo ato de invasão de propriedade alheia numa única semana não deixasse o Doutor muito satisfeito. Entretanto, o choque do que haviam ouvido lá dentro superava quaisquer outras considerações.

— Odeio isso! — exclamou o Sr. Moore quando começávamos a viagem de volta ao centro da cidade. — *Odeio! É exatamente* como Lucius disse: todas as vezes que pensamos estar chegando a algum lugar, pronto!, uma nova informação aparece e muda todo o cenário.

— E o que o faz ter tanta certeza de que o cenário mudou, Moore? — indagou o Doutor.

— Você ouviu o que ele disse, Kreizler! — gritou o Sr. Moore, frustrado. — Os filhos da mulher foram fuzilados diante dela por um louco! Que diabo de história era aquela?

O Doutor deu de ombros.

— Pode ser muitas coisas. Pode ser verdade. Ou ainda uma fantasia criada por ela.

— Kreizler — replicou o Sr. Moore, batendo a mão na porta da caleche, irritado —, ele disse que soube do caso através de amigos. O que ela está fazendo? Saindo por aí, pelo *estado* todo, inventando histórias sobre crianças mortas para conquistar a simpatia das pessoas?

— Pelo estado todo, não. Aparentemente, o episódio ocorreu perto da cidadezinha onde ela nasceu. Assim, se existe alguma verdade nisso tudo, seu amigo na promotoria deverá saber dizer. Você já conseguiu entrar em contato com ele?

— Escrevi uma carta na segunda — respondeu o Sr. Moore, sombrio, caindo num estado de espírito que combinava com a temperatura quente e úmida. — E mandei um telegrama na terça. Mas acho agora que é melhor eu mandar outro telegrama ou tentar entrar em contato com ele por telefone. Contar-lhe tudo isso. — Ele agitou-se mais uma vez. — E o que o Sr.

Vanderbilt quis dizer quando falou que o “sobrinho” foi deixado aos cuidados dela?

— Isso com quase toda a *certeza* foi uma fantasia — afirmou o Doutor. — Ou, para ser mais explícito, uma mentira. Ela precisava inventar uma história para explicar o súbito aparecimento do menino Johanssen em sua vida.

— Ah, certo. — A compreensão desse detalhe não fez com que o Sr. Moore se animasse.

— Meu Deus, é como tentar acompanhar as maquinações de três pessoas diferentes.

— É verdade — replicou o Doutor. — Camada sobre camada...

Ao ouvir essa afirmação, o Sr. Moore desistiu de tentar dar algum sentido às coisas estranhas que o Sr. Vanderbilt dissera e pôs-se então a fumar cigarros e bater o pé na lateral da carruagem a cada poucos minutos, dizendo “Eu odeio isso!” repetidamente, como se não tivéssemos entendido. O Dr. Kreizler tentou fazer com que o amigo afastasse a mente do

assunto, comentando a primeira página do *Times*. Mas as notícias ali não iriam animar nenhum de nós. A polícia havia finalmente capturado Martin Thorn, o suspeito no “mistério do corpo sem cabeça” e, exatamente como previra o sargento-detetive Lucius, ele não deixara a cidade durante todo o tempo em que o caçavam. Tínhamos motivos para acreditar que a distração proporcionada pelo caso prosseguiria por mais algum tempo — embora tivesse sido obtida a confissão de Thorn, esta entrava em choque com todas as “provas” e teorias que a polícia reunira —, mas no máximo o caso estaria resolvido em questão de dias. Motivo maior de preocupação era o fato de o senador Henry Cabot Lodge, melhor amigo e afiado político do Sr.

Roosevelt em Washington, estar abertamente instando o presidente McKinley a tomar medidas mais severas contra o Império Espanhol em todas as questões disputadas: o grupo americano favorável à guerra se impacientava e, embora não soubéssemos com exatidão o que isso representaria para nossa investigação, não parecia prenunciar nada de bom. Por fim, havia uma matéria de importância mais pessoal tanto para o Doutor quanto para o Sr. Moore: madame Lillian Nordica, uma de suas cantoras favoritas da Metropolitan Opera, encontrava-se gravemente doente em Londres. O *Times* fazia parecer que ela estava às portas da

morte, se bem que acabamos descobrindo que a reportagem era exagerada; no entanto, mesmo a possibilidade de uma tal perda era suficiente para fazer com que o Doutor se juntasse ao Sr.

Moore num silêncio abatido.

A chuva não abrandou enquanto seguíamos para o centro da cidade, nem tampouco o fedor nas ruas, o que era um sinal muito ruim: essas condições climáticas, nesse período do ano, podiam levar algum tempo para deixar a cidade. E aquele dia veio mesmo a ser o início do primeiro período de fato perigoso do verão, o tipo de fenômeno natural que os jornais haviam começado a chamar de “onda de calor”. Na semana seguinte, a temperatura média não caíra abaixo dos 26° C; e, mesmo à noite, o ar úmido e a ausência de vento tornavam quase impossível dormir. Em nada ajudava o fato de nossa investigação ter logo se reduzido à tediosa tarefa de dar prosseguimento à busca de uma das mulheres cujos filhos estiveram sob os cuidados da enfermeira Hunter na Maternidade de Nova York — uma mulher que estivesse disposta a falar (tarefa essa que me fez levar os sargentos-detetives e a Srta. Howard, nos dias que se seguiram, a áreas desoladoras da cidade ou, pior, aos subúrbios). E ainda nos restava esperar que o Sr. Moore recebesse notícias de seu velho amigo em Ballston Spa. Na segunda-feira seguinte, alguns de nós estavam começando a duvidar da existência de tal pessoa. O Sr.

Moore tinha enviado não só um, mas dois telegramas ao homem, dizendo-lhe em que estávamos metidos, mas não obteve resposta. Isso não significava necessariamente coisa alguma, de uma forma ou de outra; mas, dadas as circunstâncias e o tempo, era causa de muita frustração.

Junte o medo a esses elementos e verá que tivemos um período verdadeiramente árduo.

Essa última emoção surgiu primeiro na forma de aparições ocasionais de membros dos Hudson Dusters na área do Stuyvesant Park. Eles não fizeram quaisquer gestos ameaçadores, pois não estavam interessados em se envolver em confusão num local tão afastado de seu território; mas estava claro que queriam nos lembrar de que se encontravam por perto e que — com ou sem polícia — era melhor cuidarmos de nossa própria vida. Por mais perturbadoras que fossem essas visitas, elas não se comparavam às várias ocasiões em que membros do nosso grupo —

eu, inclusive — avistaram El Niño, o pigmeu filipino a serviço do *señor* Linares. Como os

Dusters, o homenzinho não fez qualquer tentativa de atacar ou mesmo ameaçar qualquer um de nós; mas estava ali, observando, facas e setas a postos, para o caso de nossa investigação começar de fato a avançar de maneira drástica.

Enquanto tudo isso acontecia, os sargentos-detetives precisavam também dar prosseguimento à investigação do caso do Instituto do Doutor. Eles não haviam mencionado seu progresso na questão a ninguém de nosso grupo; na verdade, não falaram nada a respeito, exceto na ocasião em que pediram informação a Cyrus sobre os empregados do lugar, e de uma outra vez em que me perguntaram se eu notara alguma coisa no comportamento de Paulie McPherson que pudesse explicar o suicídio. Respondi que não; e, pelo desapontamento com que receberam minha resposta, concluí que não estavam tendo sorte muito melhor procurando informações em qualquer outra parte.



Então, na segunda-feira, dia 12, os sargentos-detetives apareceram na Rua 17 com um ar bastante soturno. Era fim de tarde e a onda de calor ainda estava no auge: na verdade, o tempo havia reclamado sua primeira vítima naquele dia — uma criança pequena que sofrera insolação e fora levada ao Hudson Street Hospital (não muito longe, foi o que pensei imediatamente ao saber da notícia, da casa onde Libby Hatch vivia como a enfermeira Elspeth Hunter). O Doutor encontrava-se em seu estúdio, trabalhando; Cyrus estava na cocheira, cuidando dos cavalos; e eu, na cozinha, ajudava a Sra. Leshko a limpar meia dúzia de pratos que ela havia partido em pedacinhos com a ponta de um esfregão, num momento de limpeza tipicamente vigorosa porém destrutiva.

Quando a campainha soou, corri para atendê-la, deixando uma queixosa Sra. Leshko para finalizar a limpeza. Os sargentos-detetives tinham a expressão muito séria quando entraram, perguntando de imediato onde o Doutor estava. Indiquei-lhes o estúdio, para onde eles subiram de pronto, parecendo que vinham evitando esse momento, mas que agora estavam resignados a enfrentá-lo. De modo algum eu perderia o que se passou a seguir: dei-lhes um andar de dianteira e então subi, mantendo a distância, por fim disparando para a porta do estúdio quando a ouvi fechar. Aproximando-me furtivamente, cheguei até ali e me deitei no chão acarpetado, espiando pela estreita fresta sob a porta, vendo vários pares de pés, além da base de muitas pilhas de livros e papéis.

— Lamentamos muito importuná-lo, Doutor — ouvi Marcus dizer, no momento em que seus pés descansavam diante das pernas de uma das cadeiras perto da mesa do Doutor.  
— Mas achamos que seria melhor colocá-lo a par do que está acontecendo no... outro caso.

Fez-se uma pausa e os pés de Lucius começaram a bater nervosamente no chão entre as pernas do sofá.

— As notícias não são exatamente más... mas tampouco podemos dizer que sejam boas.

O Doutor respirou fundo.

— E então, cavalheiros?

— Até onde podemos dizer — começou Marcus —, não há razão para acreditar que o suicídio do menino tenha sido instigado por qualquer coisa ou pessoa em seu Instituto.

Interrogamos e tornamos a interrogar toda a equipe de empregados, e reunimos uma cronologia geral de eventos do momento em que o menino chegou ao Instituto até quando ele morreu.

Não há simplesmente nada que sugira que tenha sido tratado de maneira que pudesse ter inflamado tendências autodestruidoras.

— Até empregados que não gostam uns dos outros... não que haja mais do que dois ou três destes... — acrescentou Lucius com cuidado — ... não encontram falhas no comportamento dos outros em relação ao menino. Quanto à família... supondo-se que ele estivesse usando o nome verdadeiro, não conseguimos encontrar absolutamente nenhum parente.

— Também tentei encontrá-los — disse o Doutor baixinho. — Sem sucesso.

— Examinamos a corda que ele usou — informou Marcus, tentando parecer mais otimista

— e esta não combina com os materiais encontrados nos mecanismos dos cortinados no edifício. O que significa que ele deve tê-la trazido de fora...

— Sugerindo que o menino havia premeditado o ato antes de chegar lá — disse Lucius.

— E *isso* — continuou Marcus — será útil no tribunal, creio eu. Agora... sobre a audiência... — Houve outra pausa antes de Marcus prosseguir. — O juiz Reinhart, encarregado de sua audiência inicial, não informou a ninguém que estava se aposentando no fim deste mês.

Os casos de que ele estava incumbido foram distribuídos para vários outros magistrados.

Receio que o senhor tenha sido sorteado para o juiz Samuel Welles. — Ouvi quando o Doutor deixou escapar um ruído como um silvo. — É. Seu caminho já cruzou com o dele antes, nós sabemos — disse Marcus.

— Diversas vezes — acrescentou o Doutor.

— Não o conhecemos — afirmou Lucius —, mas ouvimos dizer que é bastante severo.

— Isso não é o que mais me preocupa — replicou o Doutor. — Ele pode ser severo, sim, mas também já o vi ser indulgente. E esse é o problema. Ele é extremamente imprevisível.

Jamais consegui prognosticar suas reações com precisão suficiente para estruturar meu testemunho de acordo. Além disso, não é um homem que exija amplas provas de má ação em questões como esta. Se a promotoria optar por defender uma tese que lance grave opróbrio moral sobre o Instituto...

— O que certamente irá fazer — afirmou Marcus.

— ... então o simples fato de o menino McPherson ter morrido quando se encontrava sob meus cuidados pode ser suficiente para Welles.

— Exato. — A voz de Lucius era uma estranha mistura de esperança e abatimento. — É

por isso que achamos melhor vir... informá-lo de que tudo vai mesmo depender da audiência.

Que, aliás, foi adiada por algum tempo. Aparentemente Welles vai estar em férias até a primeira semana de setembro e...

O súbito barulho da entrada de pessoas na casa e de vozes altas ecoando pela escada me fez parar de ouvir e virar a cabeça; então, percebendo que o Doutor e os sargentos-detetives provavelmente podiam ouvir também, pus-me de pé e comecei a descer, não querendo ser apanhado escutando às escondidas. Olhando para baixo pela balaustrada, pude ver o Sr.

Moore, a Srta. Howard e Cyrus subindo os degraus.

— Bem, e então, onde diabos ele *está*? — indagava o Sr. Moore, numa voz alta e ofegante.

— Creio que o Doutor está no gabinete, Sr. Moore — explicou Cyrus num tom desconcertado e não muito satisfeito. — Se o senhor puder me dizer...

— Não, não — respondeu o Sr. Moore. — Nós contaremos a ele... nós *todos* contaremos a ele! Venha, Cyrus, você também está nisso. É melhor você ouvir também!

Continuavam subindo no mesmo passo rápido, o Sr. Moore galgando os degraus de dois em dois, e, quando me viu, quase desmaiou aos meus pés.

— Stevie! — arfou. — Ele está aí em cima? Meu Deus, atravessei correndo metade desta maldita cidade...

— Ah, John, por favor... — disse a Srta. Howard. Ela também estava um pouco ofegante, mas nada que se comparasse ao Sr. Moore. — Da sua casa à minha, e depois à Rua 17, não é exatamente metade da cidade. Se você pelo menos fizesse um pouco de exercício de vez em quando...

— É... fato bem sabido — arquejou o Sr. Moore — que... exercício em excesso... não faz bem à saúde. E sou uma prova viva disso neste exato momento... E, então, Stevie?

Indiquei o gabinete com um gesto da cabeça.

— Está ali. Com os sargentos-detetives.

Isso fez com que o Sr. Moore se recuperasse um pouco.

— Excelente — disse ele. — Poupa-nos de outras correrias por aí.

Dirigiu-se à porta do gabinete, o restante de nós seguindo-o; e fiquei surpreso quando ele não se deu ao trabalho de bater, entrando na sala intempestivamente.

O Doutor, de sua mesa, ergueu os olhos, um tanto chocado e, como Cyrus, um pouco aborrecido diante da falta de cortesia. Os sargentos-detetives se levantaram, também parecendo surpresos, enquanto o Sr. Moore apoiava-se na maçaneta da porta, continuando a ofegar.

Então ele ergueu um envelope.

— Isto acaba de chegar... entrega especial... da parte de Rupert Picton. — Tornou a respirar fundo. — Com toda a certeza, eu *odeio* este caso...

## **CAPÍTULO 26**

O Sr. Moore abriu o envelope, enquanto Cyrus, a Srta. Howard e eu entrávamos em fila no gabinete, juntando-nos aos outros. Desdobrando a carta que se encontrava ali, nosso amigo exausto respirou fundo e tentou começar a ler; mas não passou da saudação — “Moore, seu porco!” — antes de cair de joelhos, ainda tentando recuperar o fôlego.

— Sara, você lê — disse ele, entregando a carta à Srta. Howard e então engatinhando até o sofá e sentando-se.

— Qual o problema com ele, Sara? — perguntou o Doutor. — Está bêbado ou simplesmente levou um tiro?

— Pior — respondeu a Srta. Howard. — Esteve correndo. Mas tem razão em relação à carta, Doutor. Ouça isso, com data de ontem: “Moore, seu porco! Eu aproveitaria esse momento para discorrer sobre o quão feculento e mergulhado na lama...”

— Não precisa ler esta parte! — protestou o Sr. Moore do sofá.

A Srta. Howard limitou-se a sorrir e prosseguiu:

— “... mas os seus comunicados, que encontrei empilhados em minha mesa quando retornei hoje das montanhas Adirondack, na verdade merecem precedência. Deixando as brincadeiras de lado, John, ouça o que digo: se, em sua infinita sabedoria, conseguiu mesmo envolver-se numa investigação particular que diz respeito à mulher que era conhecida aqui nesta cidade como Libby Hatch, então seja o

mais cuidadoso possível. A história que você ouviu do Sr. Vanderbilt é de fato verdadeira, ou melhor, é a explicação comumente aceita para um crime hediondo ocorrido aqui faz apenas três anos. Os três filhos dela foram fuzilados, supostamente por um negro lunático e itinerante, que nunca foi visto por nenhuma outra pessoa que não a Sra. Hatch. Duas das crianças morreram. A terceira sobreviveu, mas desde então está muda. Uma extensa busca não conseguiu obter nenhum sinal do negro ou de alguma pessoa que o tivesse visto, ainda que de relance. Não obstante, o caso não chegou a ser levado ao tribunal, tão eficaz foi a inventividade da Sra. Hatch e tão escasso o apoio para qualquer outra interpretação. Eu tinha minhas próprias ideias... e, tendo passado o que passou, estou certo de que você pode adivinhar quais eram estas.

“Quanto às outras questões que diz estar examinando, fico consternado, mas não surpreso em tomar conhecimento delas. Acredito que essa mulher seja uma das pessoas mais perigosas na face da Terra. É uma pena que eu não tenha conseguido convencer ninguém mais disso.

Você indica que sua investigação em Nova York se encontra paralisada. Se isso é verdade, aconselho-o a que veja o fato como um sinal. Não faça mais nenhuma investida direta contra Libby Hatch e, se as pessoas com as quais está trabalhando forem investigadores ao menos parcialmente capazes, não perca tempo e venha imediatamente para cá com elas. O Dr.

Kreizler, naturalmente, eu conheço por intermédio de seus escritos e de sua reputação, e ficarei encantado em conhecê-lo pessoalmente.

“Mande-me um telegrama se vierem, informando-me quando. Falo com extrema seriedade, John: não tente

vencer essa mulher com uma investigação informal. Ainda que tivessem todo o Departamento de Polícia neste caso com vocês, eu ficaria preocupado... ela encontraria uma maneira de enganá-los e de matar você, se fosse preciso. Ou deixem as coisas como estão ou venham para cá e veremos o que podemos fazer juntos. Qualquer outro caminho será desastroso.

“Seu amigo, Rupert Picton.”

A Srta. Howard dobrou a folha de papel e tornou a guardá-la no envelope.

— Isso é tudo — disse ela.

O Doutor ficou imóvel por um instante e então olhou na direção do sofá, onde o Sr. Moore parecia ter se recuperado.

— Parece bastante enfático esse seu amigo, Moore.

— Não deixe que o tom de caçoada dele o engane — replicou o Sr. Moore, dirigindo-se a uma caixa de cigarros que se encontrava sobre a mesa do Doutor. — Ele possui uma das mentes jurídicas mais brilhantes com que já deparei. Poderia ter tido o cargo que quisesse no estado, mas, por ser um tolo, resolveu ser honesto... declarou uma guerra sangrenta à legislatura sobre a corrupção no gabinete do promotor e saiu da cidade fugido. Houve rumores sobre um tipo de colapso mental depois disso. — O Sr. Moore acendeu um cigarro. — Eu nunca soube dos detalhes.

Cyrus falou, numa voz levemente perplexa:

— Então ele está dizendo que *ela* atirou nas crianças?



— É — respondeu a Srta. Howard. — Parece que ele tem certeza disso.

— Mais vítimas para acrescentarmos à lista — observou Lucius.

— Podem ser as do retrato — sugeri. — A foto que vi na escrivaninha, das três crianças mais velhas reunidas.

— Faria sentido — respondeu Lucius. — Não se pode exatamente induzir cianose em três crianças grandes o bastante para lutar... e falar, no caso de sobreviverem.

— Mas isso não se encaixa no padrão, não é? — indagou Cyrus, ainda sem compreender.

— Ela só matou bebês, que saibamos... porque teve problemas com eles nessa etapa da vida.

— Trata-se de uma inovação, Cyrus, certamente — replicou o Doutor, brincando com uma caneta em sua mesa. — Mas a semelhança fundamental permanece: as crianças foram atacadas e a intenção do atacante era claramente de matá-las todas.

Marcus deixou escapar uma espécie de suspiro de perplexidade.

— Se esta história toda não fosse tão horripilante, eu diria que está ficando ridícula...

— Longe disso, Marcus — respondeu o Doutor. — Essa notícia só vem confirmar a natureza entrincheirada das tendências de Libby Hatch. Seu passado está de acordo com seu comportamento presente. — A voz do Doutor tornou-se mais baixa quando pronunciou as palavras que eram a coisa mais próxima que ele tinha de um lema: — A chave está nos

detalhes... — Ele se pôs de pé e voltou-se para olhar pela janela do gabinete para o pequeno jardim nos fundos da casa. — E esses detalhes encontram-se no norte do estado... e não aqui.

Se queremos conquistar algum progresso de verdade, precisamos partir.

— Isso é inteligente? — indagou Lucius. — Se partirmos, ela pode pensar que desistimos...

e Deus sabe o que irá acontecer então.

— Não partiremos antes que vocês dois a confrontem, sargento-detetive — replicou o Doutor. — E agora podem incluir o conhecimento desse incidente em sua declaração. Só podemos torcer para que isso a faça agir com cautela ainda maior. Porque, se ficarmos aqui, continuaremos de mãos atadas. O passado é o nosso caminho... precisamos segui-lo.

Marcus voltou a falar, com muito cuidado:

— E a outra questão, Doutor? O que o senhor acha de partir deixando seus próprios assuntos... sem solução?

O Doutor deu de ombros.

— Como vocês dois disseram, Marcus, há pouco que eu possa fazer antes da audiência. Se houvesse algum segredo a ser desenterrado, sei que vocês o teriam encontrado. Pouca diferença faz se eu ficar ou se for. — Observando-o, vi uma expressão que era quase de amargura passar por seu rosto. — E confesso — continuou ele, outra vez com suavidade —

que nunca estive tão farto desta cidade. Ou de seus cidadãos... — Ele deixou passar o momento e voltou-se para nós. — Sair daqui pode mesmo ser o melhor a fazer.

— Não há dúvida quanto a isso — disse o Sr. Moore, com alegria. — Especialmente tendo em vista nosso destino. Saratoga é o paraíso nesta época do ano. E, quando se pensa nas...

*distrações...*

Todos os outros no gabinete sorriram e deram um gemido, e a Srta. Howard apanhou um livro para atirar no Sr. Moore.

— É, todos nós sabemos por que  *você quer ir, John... mas haverá pouquíssimo tempo para suas atividades de hábito.*

— Só estou falando das horas vagas! — protestou o Sr. Moore, protegendo-se. — Não podemos trabalhar dia e noite, vocês sabem! E, sejamos francos, Saratoga...

— Saratoga é um *antro* vulgar e nojento — a Srta. Howard concluiu por ele —, onde homens ricos e gordos jogam, mentem para as esposas e enriquecem proxenetas e prostitutas.

— A aspereza das palavras deixava claro que aquela era sua opinião sincera.

— Ah,  *você está falando como sua amiga Nellie Bly — replicou o Sr. Moore agitando no ar o cigarro. — Além disso, não sou casado... nem gordo.*

— Isso é só uma questão de tempo — devolveu a Srta. Howard. — E, quanto a Nellie, tudo que ela escreveu no *World* sobre aquele lugar era verdade, e foi preciso muita coragem para dizê-lo.

— Certo — retrucou o Sr. Moore. — Quase tanta coragem quanto foi preciso para se casar com aquele milionário de setenta e cinco anos.

Os olhos da Srta. Howard se estreitaram e ela preparou-se para atacar.

— O Sr. Seaman *não* tem setenta e cinco anos.

— Não. Tem setenta. — Marcus dissera as palavras distraidamente; mas um olhar da Srta.

Howard foi o bastante para fazê-lo arrepender-se delas. — Bem, desculpe, Sara, mas ele *tem*...

— Meu Deus, é um milagre que a espécie humana ainda exista — ferveu a Srta. Howard

— com símios como vocês levando-a adiante!

— Crianças, crianças! — O Doutor bateu palmas. — Temos questões muito mais prementes a tratar. Estamos na noite de segunda-feira. Quando podemos todos estar prontos para partir?

— Amanhã — apressou-se a responder o Sr. Moore, obviamente ansioso em ir para Saratoga Springs, o excelente balneário, onde, como a Srta. Howard dissera, o jogo, a prostituição e o adultério havia muito tiraram as águas do caminho, tornando-se os principais passatempos.

— Eu e Marcus vamos precisar de um pouco mais de tempo — interveio Lucius. — Não creio que tenhamos qualquer problema em vender ao capitão O'Brien a ideia de que iremos acompanhá-lo a fim de vigiar seus passos, Doutor, mas pode levar uns dois dias para arranjar todas as coisas...

e, naturalmente, temos ainda de fazer aquela visitinha à Bethune Street.

— Muito bem — disse o Doutor. — Que tal quinta de manhã?  
— Houve uma concordância geral àquela sugestão e o Doutor apanhou seu exemplar do *Times*. — Podemos tomar um dos vapores até Troy e, dali em diante, seguir de trem para Ballston Spa. Quanto a chegar a Saratoga, Moore, você vai ter de cuidar disso.

O Sr. Moore abriu um amplo sorriso.

— Não vai ser problema. Puseram um bonde elétrico de Ballston até o centro de Saratoga.

Quinze ou vinte minutos, e estarei diante do Canfield's Casino.

— Estou encantada por você — resmungou a Srta. Howard, com acidez.

O Sr. Moore limitou-se a lhe dirigir um sorriso.

— Stevie? — chamou-me o Doutor e me voltei imediatamente para ele. — Amanhã de manhã você vai até o píer da Rua 22 ver o que zarpa na quinta-feira de manhã. Tente o *Mary Powell*, se estiver disponível... Prefiro as cabines particulares; além do mais, costuma estar menos lotado do que as outras linhas diurnas.

— Certo — disse eu. — Quantas cabines?

— Devemos precisar apenas de uma — replicou o Doutor. — Mas compre duas para o caso de a chuva não abrandar. Quanto a fazer as malas, eu recomendaria que nos preparássemos para uma estada de um mês, só por segurança. Moore, deixo as acomodações do hotel aos seus

cuidados e de Sara. Muito bem, então, pessoal... Não vamos mais perder tempo.

Com isso todos saímos do gabinete e nos separamos, a fim de começar a arrumar as malas e nos preparar. A perspectiva de sair de Nova York em pleno verão rapidamente começou a produzir seu efeito costumeiro — alívio e uma espécie de alegria frívola —, a despeito das notícias perturbadoras que havíamos recebido do Sr. Rupert Picton: se tínhamos de dar prosseguimento ao infeliz caso de Libby Hatch, a paisagem verde do norte do estado de Nova York seria um cenário mais agradável para isso do que o calor sufocante de Manhattan.

Pelo menos, era o que pensávamos na ocasião.

## **CAPÍTULO 27**

A casa da Rua 17 esteve em grande atividade pelos dois dias que se seguiram. Não só tínhamos de arrumar as malas, como também alojar os cavalos e fechar a casa pelo que poderia ser uma ausência prolongada. E também havia a tarefa de encontrar alguém para dar uma olhada no lugar de vez em quando, alguém menos destrutivo — e, tomara Deus, com melhor domínio do inglês — do que a Sra. Leshko. O Doutor acabou por fazer discretamente uma oferta, através de Cyrus, a um dos zeladores de seu Instituto, um rapaz a quem, ele sabia, um dinheiro extra poderia ser útil; e, através do mesmo agente, o homem concordou. A sorte esteve conosco todo o tempo nessa etapa, pois, quando dissemos à Sra. Leshko que iríamos viajar e que não precisaríamos dela durante nossa ausência, ela replicou — pelo menos, da melhor forma que poderíamos afirmar isso — que estava tudo muito bem, pois não poderia mesmo continuar trabalhando para nós. Parecia que ela e o marido haviam decidido ir para o Oeste a fim de tentar a sorte, abrindo um restaurante numa cidadezinha que vivia da mineração de prata, no Nevada. O Doutor, aliviado por ela nos ter poupado o trabalho de dispensá-la, deu-lhe o salário equivalente a duas semanas e mais um bônus considerável. Mas nenhum de nós estava otimista em relação às perspectivas de ela conseguir vender sua comida. Duvidávamos até mesmo que os mineiros tivessem tanta fome assim.

Afinal, o *Mary Powell* estava mesmo subindo o Hudson na quinta-feira, e consegui comprar duas cabines particulares. Continuava a parecer que se tratava de uma precaução inteligente, pois a chuva não amainou por toda a terça-feira.

Naquela tarde, o Sr. Moore e a Srta. Howard — ainda discutindo sobre a moralidade das atividades desregradas de Saratoga

— chegaram à casa da Rua 17 para esperar conosco pelos sargentos-detetives, que, um pouco mais cedo, haviam saído para informar a Libby Hatch o que sabíamos sobre ela. Passamos algumas horas de nervosismo no salão, com Cyrus tentando manter todos calmos, tocando canções suaves ao piano. No entanto, apesar de seus esforços, o vento crescente e a chuva lá fora pareciam dizer que algum tipo de calamidade estava a caminho.

Esse medo, porém, veio a se provar descabido. Os sargentos-detetives apareceram por volta das cinco, tomados pelo alívio e ligeiramente tocados. A visita havia transcorrido tão bem quanto podiam ter esperado: a senhora do número 39 da Bethune Street mais uma vez tentara portar-se de modo coquete e sedutor, chegando mesmo a convidá-los a entrar novamente — mas eles se mantiveram firmes e fizeram seu discurso bem ali na soleira da porta, com a chuva e a goteira do telhado caindo sobre eles. Os dois citaram cada ponto importante que havíamos planejado, tanto os falsos quanto os verdadeiros, começando pela declaração de que o Departamento de Polícia estava ciente do que ela vinha fazendo e então passando para nosso conhecimento de seu “esconderijo” secreto no porão e da permanência do Doutor como consultor especial no caso. Eles remataram com o anúncio de que haviam descoberto o que acontecera em Ballston Spa três anos antes e que estavam seguindo para lá a

fim de confirmar suas suspeitas. Se alguma coisa acontecesse ao marido nesse meio-tempo, advertiram, ou se um bebê que correspondesse à descrição de Ana Linares aparecesse morto em algum lugar, ela podia esperar um



encontro com a cadeira elétrica em Sing Sing. Era verdade que poucas mulheres eram executadas nos Estados Unidos, disseram-lhe; mas alguém com sua ficha sanguinária podia definitivamente contar com a entrada para esse grupo seletivo.

Lucius descreveu a reação da mulher a tudo isso. Ela passara da sedutora coquete às lágrimas forçadas e aos protestos de inocência, mudando então para o discurso de que os sargentos-detetives não compreendiam as “circunstâncias extenuantes” do que ela fizera (essa sendo uma expressão de Lucius, não dela). Finalmente, a maldade pura abriu caminho até aqueles olhos dourados. Esse foi o único momento, segundo os dois irmãos, em que se sentiram incertos do que haviam começado. Afinal, encontravam-se no coração do território dos Hudson Dusters e expostos a um ataque da gangue, supondo-se que Libby Hatch achasse por bem mandar os capangas do namorado cuidar deles, em vez de ela mesma abater os dois ali. Entretanto, os Isaacsons haviam-na advertido de que muita gente no Departamento sabia onde eles se encontravam e o que estavam fazendo, e, se não voltassem para lá, não teriam muita dificuldade em descobrir por quê. Quando ele e Lucius voltaram ao fiacre à espera, contou Marcus, ele pôde sentir o ódio puro vindo da porta do número 39, como o sol quente sobre a pele nua; em seguida, quando partiam, ouviram a porta bater com violência e um grito de fúria abafado vindo lá de dentro. Mas saíram do bairro sem problemas e, a caminho da casa do Doutor, pararam só pelo tempo suficiente para se acalmarem com uma dose de uísque de centeio e uma cerveja pequena — coisa rara para Lucius — no Old Town Bar, na esquina da Rua 18 com a Park Avenue.

E assim, como disse o Sr. Moore, a guerra havia sido declarada, e bem na cara de nosso inimigo. O Doutor,

porém, apressou-se a lembrar que, embora pudéssemos estar felizes por tudo ter corrido bem e os sargentos-detetives se acharem a salvo, pensar em Libby Hatch como

“inimiga” não iria ajudar nossa causa. Estávamos a caminho do norte não só para saber exatamente o que ela fizera, mas também por quê; e, embora fosse difícil, devido a tudo que sabíamos sobre ela, tentar ver os fatos como ela os vira durante os anos de seu crescimento e quando se tornara mãe, agora era mais importante do que nunca que tentássemos fazê-lo. Falar sobre “inimigos” e “guerra” não seria útil a esse processo: se quiséssemos entender o que levara a mulher a seus atos passados e presentes de violência, suficientemente para poder prever seus próximos passos, teríamos de nos libertar da imagem que fazíamos dela de uma espécie de criada do demônio. Ela era uma pessoa que se tornara capaz de atos indizíveis em decorrência de eventos desconhecidos que nunca chegaríamos a avaliar de fato, caso não pudéssemos vê-los através dos olhos primeiro da menina e depois da jovem que ela fora um dia.

Essas eram palavras sensatas, e muitas vezes antes eu ouvira outras semelhantes do Doutor; e talvez, se o tempo se houvesse acalmado na quarta-feira, teria sido mais fácil para mim prosseguir com igual sensatez. Mas a aurora daquele dia encontrou o céu negro e todas as janelas da casa começando a chocalhar em suas molduras. Por volta do meio-dia, um vendaval chegou uivando do sudoeste, assolando não só a cidade como também todo o leste do estado.

Mais ao norte, em Matteawan, soubemos mais tarde, a chuva foi tão forte que uma série de represas se rompeu e oito pessoas morreram na enchente que se seguiu. Talvez seja verdade

que o que acontece no céu se deva apenas ao tempo e nada mais signifique; mas a ideia de que havíamos provocado a ira de algum ser poderoso entrava e saía de minha mente o dia inteiro, enquanto fazíamos nossos últimos preparativos para a partida na manhã seguinte.

Tarde da noite na quarta-feira, a tempestade continuava a cair e eu ainda não tornara a ver Kat nem ter notícias dela. À medida que a noite passava, eu percebia cada vez mais apreensivo que ela acabaria partindo para a Califórnia durante nossa estada no norte e, sem meios de comunicar-se comigo lá, iria pensar que eu não me importava com o que lhe acontecera.

Absorta em tais pensamentos, minha mente atormentou-se durante várias horas com a dúvida se eu deveria percorrer rapidamente o circuito que ela costumava frequentar. Quando estive na casa do Doutor, Kat deixou-me a impressão de que não voltaria para o antro dos Dusters; no entanto, a quantidade de cocaína que claramente havia em seu corpo quando ela fora ao número 808 da Broadway me levava a duvidar de que se manteria mesmo afastada do lugar. E, sentado em meu quarto, observando os relâmpagos, trovões e a chuva atirando os galhos das árvores no Stuyvesant Park primeiro para um lado, depois para o outro, minhas dúvidas apenas se multiplicavam. Ela teria um teto numa noite como aquela?, eu me perguntava. Tinha dinheiro para pagar um lugar decente, isso era certo — ou já o teria esbanjado numa orgia de pó? Teria Ding Dong descoberto sua boa sorte e a forçado a entregar o dinheiro? Poderia ela contar com outra pessoa além de mim, que se importasse o bastante para tentar descobrir? Eu esperava que sim. Porque, por mais que me sentisse ansioso naquela noite, percebi que simplesmente não poderia sair por aquela porta. Disse a mim mesmo que eram os ventos fortes e a chuva; mas uma voz dentro de

mim respondeu que muitas vezes eu já perambulara pelas ruas com o tempo assim. Então, argumentei que era sua vez de vir a mim, se precisasse de ajuda; mas eu sabia que, furiosa como estava quando nos despedimos, ela nunca faria isso. A pura verdade era que eu não sabia por que não podia sair à sua procura. Eu me preocupava com a possibilidade de nunca mais ouvir falar dela, me preocupava com onde ela estaria e o que estaria fazendo, mas simplesmente não podia ir atrás dela, e não sabia dizer por quê.

Acordei na manhã seguinte vendo que a forte tempestade seguira para o mar. O sol e uma leve brisa estavam secando rapidamente a cidade, enquanto a temperatura por fim chegara à casa dos vinte graus. Havia alguns galhos caídos sobre a grama e as calçadas do Stuyvesant Park, mas afora isso a tempestade não parecia ter deixado cicatrizes permanentes em nosso bairro. Ainda não eram 7:30, mas a carruagem que o Doutor contratara para nos levar com a bagagem para o píer da Rua 22 chegaria dali a meia hora, e o horário previsto para a partida do navio *Mary Powell* era nove horas; assim, vesti-me e arrumei tudo rapidamente, sentando-me sobre a mala grande e a pequena valise que o Doutor me dera, a fim de fechá-las. Em seguida, desci ruidosamente com elas.

Tanto Cyrus quanto o Doutor já estavam despertos, o Doutor no gabinete, empacotando livros e papéis, e Cyrus na cozinha, mais uma vez fazendo café. Quando este ficou pronto, nós três também estávamos: havíamos empilhado nossas bolsas e malas perto da porta da frente e nada mais nos restava fazer senão beber o café forte de Cyrus e ficar cada vez mais ansiosos para embarcar, a primeira dessas atividades vindo apenas agravar a segunda. Verifiquei pela última vez a porta dos fundos, o quintal e a cocheira, fumando um cigarro furtivamente enquanto me certificava

de que tudo estava muito bem trancado. Então, por fim, a carruagem de aluguel chegou. O cocheiro, um velho alemão com o qual o Doutor falou em sua língua

nativa, ajudou-nos a levar a bagagem para o veículo, e então nos voltamos para nos despedir da casa, sem saber quando exatamente tornaríamos a passar pelo portãozinho de ferro que dava acesso ao jardim da frente.

O tempo melhorou ainda mais enquanto seguíamos para o Hudson, a brisa permanecendo suave e o céu maculado somente por umas poucas nuvens, grandes e apressadas. Quando chegamos à Nona Avenida com a Rua 22, pus a cabeça para fora da carruagem e olhei para o píer à frente: o *Mary Powell* estava atracado e cercado por uma grande multidão. Cruzamos a Décima e Décima Primeira Avenidas e, à medida que nos aproximávamos, o número de pessoas e carruagens que se dirigiam ao píer aumentava cada vez mais. O cheiro do rio e a perspectiva de ir para um lugar novo e excitante faziam meu sangue disparar pelas veias, mas eu não tinha consciência do quanto meus movimentos estavam agitados até o Doutor, brincalhão, segurar minha cabeça com o braço, dizendo-me que essa era a única maneira que lhe ocorria de evitar que meu crânio explodisse.

Os outros passageiros no píer pareciam tão animados e aliviados pela súbita mudança no tempo quanto nós. A maior parte deles, porém, não estava tão carregada com bagagens —

navios como o *Mary Powell* atendiam principalmente a viajantes de um só dia — e não tivemos problema em encontrar um carregador para nos auxiliar com as malas. Eu disse ao Doutor que ajudaria o homem a descarregá-las da carruagem e embarcá-las, caso ele e Cyrus quisessem se

adiantar e verificar no navio quem de nosso grupo já havia chegado. Assim eles fizeram e rapidamente comecei a passar a bagagem para o carrinho de mão do atencioso carregador italiano, com a ajuda de nosso corpulento cocheiro alemão. Não entendi uma única palavra do que os dois homens falaram, mas isso não tinha importância; a visão do vapor fluvial todo enfeitado e pronto para a viagem, a chaminé dupla e as grandes rodas propulsoras inspirando confiança e poder, ao lado da animação que percorria o grupo alegre de pessoas que se juntavam tanto a bordo do navio quanto no píer, deixavam-me feliz, animado e seguro.

Estranho que um pequeno fato possa nos modificar o humor mais rápido do que um piscar de olhos: um ruído, talvez, ou mesmo um simples cheiro pode às vezes mudar seus pensamentos e sentimentos mais eficientemente do que horas de conversa ou dias de experiência. Para mim, naquela manhã, foi uma visão — na verdade, um mero relance — da pessoa que eu menos desejava ver no mundo:

Ding Dong. Estava sentado a cerca de trinta metros de onde eu me encontrava, no alto de uma grande pilha de carga no cais — mas seus olhos estavam fixos em mim. Suas feições corruptas estavam retorcidas no sorriso idiota e maligno que costumava exibir; e, tão logo soube que eu o vira, saltou para o chão, abriu ainda mais o sorriso e fez um movimento vigoroso e obsceno com as mãos e os quadris.

Entendi a mensagem muitíssimo bem: Kat voltara para ele.

O impacto que sofri foi forte, obrigando-me a olhar para o chão, fazendo minha boca escancarar-se. Então, de algum ponto em minha cabeça, soou uma voz: *É claro que ela voltou para ele. Não tinha outro lugar para onde ir, graças a você...*

Quando tornei a erguer os olhos, Ding Dong já desaparecera no meio da multidão.

Provavelmente ele nos havia seguido desde a casa do Doutor e, satisfeito em nos ver deixar a cidade, só queria despedir-se de mim com uma mensagem particular que machucaria tanto meu coração quanto eu machucara seu rosto. E conseguira, com certeza. Deixei cair a mala que

carregava e simplesmente arreei sobre ela, tão atordoado que mal ouvi uma voz familiar —

dessa vez decididamente externa — chamar meu nome.

— Stevie! — Era o Sr. Moore, vindo em minha direção com sua mala na mão. Um carregador seguia atrás dele puxando uma arca. — Stevie — repetiu ele quando me alcançou.

Em seguida acocorou-se. — O que foi, garoto? O que está acontecendo? Onde está o Doutor?

— Eles... — Sacudi a cabeça com força, tentando sair do estado de choque. — Eles... já embarcaram. Eu estou levando nossas coisas... com o carregador.

O Sr. Moore pousou a mão com firmeza em meu ombro.

— Stevie, aconteceu alguma coisa? Você está com cara de quem viu um fantasma.

— Fantasma, não. — Eu não podia explicar tudo, mas precisava dar algum esclarecimento.

— Os Dusters. Devem ter seguido a gente até aqui.

Girando o corpo para examinar o cais, o Sr. Moore estreitou os olhos.

— Eles não embarcaram, não é?

— Não — respondi. — Já foram embora. Só queriam me... nos dizer que ainda estão vigiando.

— Hã-hã — replicou o Sr. Moore. — Bem, venha. Com sorte, ficaremos fora da cidade tempo suficiente para que os Dusters nos esqueçam. — Levantei-me e o acompanhei em direção à prancha de embarque do *Mary Powell*, os carregadores seguindo logo atrás. — Não é próprio de você deixar que o abalem assim, Stevie — observou o Sr. Moore, socando levemente o meu ombro. — Mas depois daquela briga, acho que posso entender.

Não respondi, apenas fiz que sim com a cabeça e tentei normalizar a respiração. Quando chegamos a bordo, eu já havia quase conseguido; mas a brasa da culpa que queimava em minhas entranhas não arrefecia.

Uma vez no navio, o Sr. Moore e eu deixamos os carregadores tomarem a frente até as cabines particulares. Localizadas a meia-nau a bombordo do convés superior, eram de fato belas salas, com paredes revestidas de madeira bem aparada, rico mobiliário e janelas que nos ofereceriam a vista não só dos penhascos das Palisades, logo após a partida, como também das Catskills e de outras belas montanhas ao longo do caminho. No momento, porém, tais prazeres e vantagens estavam perdidos para mim. Assim que vi as malas chegarem em segurança às cabines, onde o Doutor, Cyrus, a Srta. Howard e os sargentos-detetives já perambulavam e exploravam alegremente, murmurei algo sobre querer dar uma olhada no navio e saí, apressado.

Embaixo, no convés principal, logo depois das amplas salas de jantar, encontrei um banheiro público masculino e entrei,



recebendo um olhar um tanto cético do velho empregado que tomava conta do lugar. Trancando-me num dos compartimentos, encostei-me à parede azulejada e acendi um cigarro, tentando espantar os pensamentos e sentimentos diabólicos que me corroíam por dentro. Não tinha feito muito progresso, quando ouvi o empregado diante do compartimento.

— O banheiro é para *cavalheiros* — disse ele, após pigarrear com decisão.

Não era o tipo de atitude a se adotar com alguém em meu estado.

— Este *banheiro* é para *passageiros*, idiota — devolvi. — Portanto, vá se catar, a menos que queira terminar esta viagem com um braço arrebatado. — Ouvi o homem respirar fundo, zangado e ofendido, mas ele não disse mais nada; e, tornando a tragar meu cigarro, lembrei-me

de que ele estava apenas fazendo o seu trabalho. — Não se preocupe, meu camarada — disse eu, agora baixinho. — Vou sair num segundo. — Permitti-me fumar por mais um minuto ou dois, em seguida joguei a guimba na privada e saí sem olhar para o homem.

Enquanto subia de volta os degraus de madeira que levavam ao convés superior, um imenso berro escapou do principal apito do navio: estávamos a caminho. Ainda não estando pronto para retornar aos outros, continuei subindo ao convés superior, afastando-me o máximo possível, espremendo-me no canto estreito entre a amurada externa e a casa do leme. Estava a estibordo, longe do píer, não podendo portanto ver a multidão aglomerada em terra. Então o *Mary Powell* começou a deslizar lentamente, deixando o porto. Não muito depois já havíamos alcançado

o meio do rio, onde as grandes rodas propulsoras engrenaram, ruidosa e impetuosamente. O ruído, porém, não era bastante para aquietar a voz em minha cabeça.

*Ela não é como você, dizia a voz. Não foi criada nesta cidade. Na verdade, ela nunca a entendeu, não importa o que diga. E você a deixou voltar para o que sabia ser problema, só porque ela o envergonhou...*

Perdido nesses pensamentos amargos, praticamente dei um pulo ao ouvir a voz do Doutor atrás de mim:

— Não vai ver muita coisa daqui — disse ele, ficando ao meu lado junto à amurada. — Ou prefere ver a cidade desaparecer às nossas costas?

Voltei-me para olhar a zona portuária de Hell's Kitchen, enquanto passávamos por ela.

— Mais ou menos — foi tudo o que consegui dizer.

O Doutor assentiu com a cabeça e, durante mais alguns momentos de silêncio, simplesmente ficamos ali parados.

— Logo alcançaremos as Palisades — disse ele, por fim. — Vamos para o outro lado?

— Claro. — Larguei a amurada e o segui, dando a volta por trás da ponte de comando.

A bombordo, a paisagem diante de nós mudou tão radicalmente quanto se houvéssemos entrado em outro mundo. À nossa esquerda viam-se as casinhas antigas e graciosas de Weehawken, Nova Jersey, ao passo que à frente os esparsos arredores de outras cidadezinhas formavam um quadro igualmente humilde e tranquilo. Logo a vegetação cerrou-se por completo nas margens do rio,

não voltando a ser interrompida até chegarmos às gigantescas lajes de pedra marrom e cinza, que se erguem dezenas de metros no ar, ao longo de quilômetros a fio, e que são conhecidas como as Palisades. Os penhascos eram os primeiros de muitas maravilhas naturais extraordinárias que o Hudson tinha a oferecer ao viajante diurno, e seu efeito — como o próprio rio — era o de confortar e afastar a pessoa das preocupações imediatas do mundo humano.

Enquanto fitávamos aquelas rochas, o Doutor respirou fundo, e então revelou, no que me pareceu uma estranha combinação de alívio e consternação:

— Esse é um caso estranho, Stevie — murmurou ele. — Estranho e perturbador. A mente humana não aceita facilmente tais eventos e possibilidades. — Continuando a admirar as Palisades, ele ergueu uma das mãos. — E sabe que não posso deixar de pensar em minha *própria* mãe, quando reflito sobre o caso? Acha que isso é estranho?

— Eu... sinceramente não sei — respondi. — Depende do que faz com que se lembre dela, acho.

— Uma simples percepção, na verdade. Nunca consegui compreender por que, quando a situação entre mim e meu pai era a pior possível, minha mãe nunca interferia. Mesmo quando eu tinha apenas três ou quatro anos e era absolutamente incapaz de me defender, ela nunca se envolvia.

Seus olhos pareciam estar interrogando as águas, a floresta e as pedras à nossa frente, como se elas pudessem lhe oferecer uma pista que o levasse à resposta para aquela pergunta. Não havia nenhum sinal de autopiedade naquele olhar, pois o Doutor desprezava e evitava essas tendências.

Era uma espécie de questionamento triste e sincero — e ele tinha motivos para se questionar.

Ao que parecia, a partir do momento em que o Dr. Kreizler fora dado à luz, as pessoas mais próximas só lhe haviam trazido aborrecimento ou mágoa, às vezes as duas coisas. Seu pai, um rico editor alemão que viera para a América após o malogro das revoluções europeias de 1848, desde o início nutria rancor pelo filho. Embora nos círculos sociais o velho fosse um personagem popular e admirado, em casa era um tirano bêbado, que com frequência levantava a mão — assim como o punho — contra a mulher húngara e os dois filhos (o Doutor tinha uma irmã que morava então na Inglaterra). Não sei exatamente o que fizera o Doutor trazer tal assunto à baila naquele dia, mas sentia-me grato por pensar e falar em outra coisa que não fosse Kat.

— Talvez ela não soubesse o que estava acontecendo — sugeri, dando de ombros. — Ou talvez tivesse medo de que ele a espancasse com violência maior do que de costume, se ela fizesse alguma coisa.

A expressão no rosto do Doutor dizia que muitas vezes ele havia considerado essas hipóteses.

— Quanto a ela não saber — argumentou ele —, isso parece muito improvável, se não impossível, dado seu próprio relacionamento violento com o homem. E, quanto a ela não querer incorrer em sua ira, ela o fazia deliberadamente com muita frequência para que eu possa aceitar essa proposição. Eu sempre soube que o tratamento violento que ele lhe dispensava satisfazia uma parte perversa da psique de minha mãe. Mas a violência em relação a mim e à minha irmã? Não creio que ela sentisse prazer com isso. — Ele apertou um pouco os olhos, parecendo debater-se com uma ideia. — Não, desde que começamos este caso, outra

possibilidade me ocorreu... a ideia de que, embora minha mãe se preocupasse com os filhos, o bem-estar destes simplesmente não era sua prioridade número um. E a pergunta crucial não é o motivo de ela ser assim, mas por que essa deveria ser uma teoria tão difícil de formular e aceitar... por que, de fato, seria preciso um caso de assassinato para que ela me ocorresse.

Afinal, um homem que atribua importância secundária aos filhos, embora possa ser criticado por alguns, não pode ser considerado incomum. Por que acreditaríamos que com a mulher é diferente?

— Bem — eu me vi dizendo, simples e automaticamente —, *porque... ela é sua mãe. É*

uma coisa natural.

O Doutor deu uma risadinha.

— Essa resposta vinda de  *você*, Stevie?

Percebi a estupidez do que dissera e tentei me sair com uma evasiva:

— Bem... não estamos falando da *minha* mãe...

— Não. Em discussões desse gênero, parece que nunca estamos falando sobre a mãe de *ninguém*. Falamos sobre o que Sara chamaria de uma abstração... um mito. — O Doutor apanhou a cigarreira. — Já lhe contei sobre Frances Blake?

— A mulher com quem o senhor quase se casou quando estava em Harvard? — perguntei.

— A própria. Ela o teria deixado surpreso. Rica, aventureira... bastante inteligente, mas ambiciosa demais no nível pessoal para perder tempo desenvolvendo seus insights. Pergunte só ao Moore. Ele não gostava dela, absolutamente. — Acendendo o cigarro, o Doutor tornou a rir.

— O que acabou acontecendo comigo também. — Ele expeliu uma baforada e seu rosto adquiriu uma expressão de perplexidade. — Em muitos aspectos, ela não era diferente de minha mãe...

— Então, o que tinha de atraente? — indaguei.

— Bem... além de alguns fatores mais óbvios, tinha um lado bastante vulnerável, que parecia permitir que compreendesse a insensatez destrutiva de grande parte do que fazia. Em minha jovem ingenuidade, eu acreditava que podia cultivar esse seu lado até que ele se tornasse dominante.

— Então... o senhor queria mudá-la?

— Será que estou percebendo um tom de censura em sua voz, Stevie? — perguntou o Doutor, dando uma risada discreta mais uma vez. — Bem, você tem toda razão. Eu me comportei como um idiota... Imagine, pensar em casamento com uma mulher simplesmente porque você a vê vulnerável à mudança. O que ela não era, claro. Era tão teimosa quanto...

bem... inflexível, digamos assim.

Olhei para baixo, para as águas do Hudson, que se agitavam, afastando-se da proa do vapor.

— Hã-hã — murmurei, espetando um dedo na amurada à minha frente e pensando tanto em minha própria vida quanto na história que estava ouvindo.

Uma forte lufada de vento frio atingiu o navio e o Doutor apertou mais o casaco junto ao corpo.

— Isso tudo foi inconsciente, é claro — disse ele. — Mas é possível ser tolo tanto inconsciente quanto conscientemente, não é? — Ele tornou a tragar o cigarro e virou as costas ao vento. — E então, à medida que fui ficando mais velho, percebi que minhas ações haviam abrigado algo mais sinistro do que um simples desejo de mudar Frances. Eu, na verdade, acreditara que, se essa mudança fracassasse e ela continuasse com a vida para a qual seus tolos desejos haviam-na destinado, isso de alguma forma seria culpa minha.

— *Sua?* — perguntei, olhando para ele. — Como foi que concluiu isso?

Ele deu de ombros.

— Eu não “concluí”. Era o que sentia. Eu era um jovem inexperiente, Stevie, um jovem cujo relacionamento com a própria mãe fracassara em um aspecto central. Eu não podia deixar de assumir a responsabilidade por aquele fracasso... precisamente por causa de todas essas coisas que falamos aqui. É “anormal” atribuir à própria mãe a responsabilidade por erros terríveis. Assim, enterrei esses sentimentos e fui à procura de outra mulher, cujo comportamento eu pudesse alterar. A sorte foi que uma outra parte de mim, igualmente primitiva, disse-me que eu não podia sacrificar minha vida toda por um empreendimento desses. E então eu disse adeus a Frances. — Ele estremeceu no vento. — Ainda assim, trata-se

de uma técnica interessante: deixar uma pessoa para trás a fim de encontrá-la em outro lugar. E

*em* outra pessoa.

— É — disse eu silenciosamente, perplexo por ele, como sempre, conseguir expressar exatamente o que estava me perturbando naquele momento, sem sequer mencionar a minha vida.

Nesse instante, tive eu mesmo um pensamento construtivo:

— É parecido com o que estamos fazendo neste caso.

— É mesmo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Estamos deixando a enfermeira Hunter em Nova York para ir à procura de Libby Hatch no norte. A única diferença é que elas não são *parecidas*... são a *mesma* pessoa. Portanto, quem sabe se essa técnica não pode funcionar de verdade... já que está dirigida ao alvo certo.

O Doutor refletiu sobre aquilo enquanto terminava o cigarro.

— Sabe de uma coisa? Talvez tenha talento para esse tipo de trabalho, Stevie. — Ele olhou à nossa volta e então enterrou a guimba do cigarro num balde de areia ali perto.

— Bem, esse vento está congelante. Pedimos o café da manhã. Bife e ovos para você. Desça quando achar que deve.

Ele me lançou um rápido olhar, acompanhado por aquele seu sorriso ligeiro porém tranquilizador. Então, batendo as mãos, caminhou de volta à escada — um pouco vacilante



naquela parte agitada e sujeita às marés do baixo Hudson — e desapareceu lá embaixo.

Voltei-me e olhei para trás, para as Palisades, procurando o maço de cigarros no bolso; no entanto, desisti de fumar novamente. O horizonte à minha frente estava lindo, mas também seria lindo de nosso salão, e de repente percebi que meu humor estava mudando e que eu não queria mais ficar sozinho.

— Bem, Libby Hatch — falei, olhando para a longa e ampla extensão do Hudson à minha frente, e então tamborilando os dedos na balaustrada, enquanto me afastava dela —, você não vai ter mais onde se esconder...

Segui para a escada por onde o Doutor descera sem sequer olhar para as águas que ficavam para trás.

Se eu tivesse dado uma olhadela naquela direção, teria visto uma pequena lancha a vapor seguindo o *Mary Powell* tão rápido quanto permitia seu pequeno motor. E se, tendo visto tal embarcação, eu estreitasse os olhos e firmasse o olhar, é possível que tivesse distinguido uma pequena figura de pé na proa: uma figura cujas feições escuras, cabelos cerrados e roupas folgadas eu teria reconhecido. Entretanto, por mais que olhasse, não teria visto o arsenal de estranhas armas do Oriente que o pequeno e misterioso personagem estava levando — pois estas ele mantinha escondidas da vista, até que estivesse pronto a usá-las.

## **CAPÍTULO 28**

Quando fui morar com o Doutor e comecei a estudar, entre muitas outras coisas, a história do meu país, ele achou que o melhor era começar pela nossa casa. E, assim, minhas primeiras viagens ao que era para mim uma grande escuridão — a história do mundo antes que eu nele

chegasse — haviam sido realizadas nos livros sobre a história da cidade e do estado de Nova York. Além disso, eu já fizera algumas viagens ao norte do estado com o Doutor, quando ele ia visitar as penitenciárias e asilos de loucos que se espalhavam pelo vale do Hudson ou quando ia a Albany testemunhar para uma comissão ou outra sobre o modo como o estado deveria tratar seus cidadãos mentalmente perturbados. Assim sendo, as belas — ainda que ligeiramente fantasmagóricas — paisagens que nos cercavam naquela muito agradável viagem a bordo do *Mary Powell* não me eram de todo desconhecidas; mesmo assim, uma sensação um tanto estranha tomava conta de mim, enquanto subíamos o rio; algo que eu nunca sentira em nenhuma daquelas primeiras viagens. Percebi que estava muito mais consciente, não só das montanhas cobertas de névoa e dos campos verdes que se estendiam a partir das margens (os habituais objetos de estudo do excursionista), mas também das cidadezinhas encravadas na zona rural e das muitas fábricas que haviam sido construídas ao longo dos anos (e ainda estavam sendo) à margem do próprio rio. Em outras palavras, a presença crescente de pessoas

— no que eu sabia ter sido, apenas cem anos antes, uma paisagem virgem e selvagem —

estava, por algum motivo, causando-me forte impressão.

Durante todo o café da manhã eu me perguntei o que poderia estar me fazendo ver as coisas de maneira tão diferente do que vira antes; e eu me preocupava se a mudança não seria permanente. Foi só quando, terminado o café da manhã, subi ao convés superior com a Srta.

Howard para fumar que comecei a compreender meus próprios sentimentos um pouco melhor: era nossa recente descoberta de que Libby Hatch havia nascido e crescido em

um ambiente semelhante que estava mudando tanto meu modo de ver os campos que atravessávamos, e as pessoas que ali viviam. Aquela não era uma região tranquila e simples, onde as pessoas viviam perto da natureza e longe da feiura e violência de cidades como Nova York, eu começava a ver; tratava-se apenas de uma série de pequenas Novas Yorks, onde certas pessoas apresentavam o mesmo tipo de comportamento aflitivo, e em alguns casos até doentio, igual ao de tanta gente na cidade grande. Quando essa triste realidade começava a penetrar de fato em meu espírito, fiquei surpreso ao me flagrar fazendo uma espécie de pedido: o de que a grande vastidão que ainda dominava o topo de montanhas como as purpúreas Catskills — erguendo-se a distância, à minha esquerda, naquela tarde — voltasse a tomar conta da terra e engolissem os pequenos e feios ninhos de seres humanos que haviam brotado no vale do rio. Durante todos esses anos, nunca me esqueci desse pedido, nem tampouco de meu medo original.

E, certamente, em nada se alterou naquele dia, quando chegamos ao trecho central do Hudson, onde as mansões senhoriais das velhas famílias holandesas e inglesas construídas às

margens do rio começaram a pontilhar as encostas à nossa direita. O Sr. Moore veio juntar-se a nós e tanto ele quanto a Srta. Howard calaram-se enquanto fitavam aquelas alturas. Eu sabia que ambos tinham motivos de verdade para se sentir tristes, pois haviam passado boa parte de sua doce e melancólica infância ali. Ao Sr. Moore, o cenário obviamente trouxe lembranças do irmão cuja morte tanto o havia entristecido, além de forçá-lo a uma cisão com o restante da família (o Sr. Moore acusando-os de terem levado seu irmão à morfina e à bebida com os severos modos holandeses). A Srta. Howard, por outro lado, estava visivelmente pensando

nos muitos verões e outonos que havia passado caçando, praticando tiro ao alvo e, num sentido geral, levando a vida de um garoto com seu adorado pai, que não tivera um filho homem (nem qualquer outro além da filha única) com quem partilhar suas atividades esportivas. Ele tinha morrido num misterioso acidente ocorrido durante uma caçada naqueles bosques alguns anos antes, e haviam corrido rumores de suicídio. No entanto, a Srta. Howard — que sentira tanto a morte do pai que fora obrigada a se internar num sanatório por algum tempo — havia sempre negado tais rumores. Considerando-se tudo isso, não era muito surpreendente ver o estado de espírito de ambos cair além da melancolia, enquanto eles observavam os altos montes e as casas grandiosas passarem. E, embora mais tarde houvéssemos descido novamente para consumir um almoço muito saboroso, e até mesmo tivéssemos conseguido tomar parte em alguns jogos tolos porém divertidos depois, a disposição de ânimo geral em nosso grupo continuava o que poderíamos descrever como reservada.

O *Mary Powell* parou muito brevemente em Albany, uma cidade agitada, com muitas fábricas, ferrovias e casas de trabalhadores enfileirando-se ao longo da margem do rio: o tipo de cenário que não iria exatamente deixar a mim ou a qualquer outra pessoa com o ânimo mais alegre. Muitos dos passageiros do vapor desembarcaram na capital do estado, restando apenas aqueles que completariam o último trecho da viagem de ida e volta a Nova York, assim como aqueles de nós que atravessariam a extensão dragada da parte mais alta do rio, indo até Troy.

Somente alguns quilômetros da margem do rio, entre Albany e Troy, ainda estavam despovoados, e as irascíveis fábricas fumarentas por que passávamos, com os grandes grupos de trabalhadores sujos e miseráveis que saíam delas, serviam para realçar o conceito de que o campo

estava se tornando cada vez mais infectado pelos desejos banais porém brutais da humanidade.

Quanto à cidade de Troy, tratava-se de um local próspero porém lúgubre, suas dezenas de olarias e vapores de carga poluindo o rio a fim de oferecer ao resto do mundo a última novidade em equipamento para lavanderias, jardins e locomotivas. Quando desembarcamos, um findo pôr do sol começava a aparecer sobre a parte ocidental da cidade, deixando-me ansioso para sair correndo pelo campo, na direção daquela bola de fogo descendente, para longe da cidade; assim, para mim foi uma grande decepção descobrir, ao chegarmos ao Union Depot e aos escritórios da Companhia Ferroviária de Delaware e do Canal do Hudson, que o grande vendaval do dia anterior havia atingido também essa parte do estado, causando um grave descarrilamento na linha entre Troy e Ballston Spa. Teríamos de esperar até a manhã para concluirmos nossa jornada, o que significava passar a noite no Union Hotel ali perto: não que este fosse um estabelecimento desprezível, mas ainda assim parecia desanimador a um jovem rapaz impaciente para escapar da civilização e desaparecer nas matas.

A viagem de trem na manhã seguinte trouxe-me certo alívio, pois, assim que deixamos Troy e seus arredores para trás, começamos a passar por trechos de campos que indicavam o quanto essa parte do estado devia ter sido mágica antes que a civilização a atingisse como um bonde descontrolado. Havia longas extensões do que pareciam antigas florestas, e passamos por dois grandes lagos de prata; no entanto, após cada um deles, atravessávamos rapidamente alguns grupos de fazendas ou uma cidadezinha fervilhante, e tudo isso insistia em apontar para o fato de que a velha floresta estava perdendo a luta pelo controle da paisagem. Não muito tempo depois, o condutor de nosso trem anunciava que nos aproximávamos de

Ballston Spa e, quando alcançamos as cercanias da cidade, descobri que meu estado de espírito do dia anterior havia voltado, talvez até mesmo piorado; embora essa não fosse uma perspectiva ruim para se ter quando se entrava na sede do condado de Saratoga, foi o que logo descobri.

Cyrus trouxera um pequeno guia das cidades da área setentrional do Hudson e pôs-se a lê-lo em voz alta, enquanto seguíamos lenta e ruidosamente rumo ao fim de nossa jornada.

Ballston Spa, como então aprendi, já fora famosa um dia por sua série de estações medicinais, pequenas e tranquilas, mas durante o último século as coisas haviam mudado radicalmente: muitas das fontes de água mineral haviam secado e as estações medicinais foram substituídas por uma coleção de moinhos. Em seus primeiros dias, essas imensas obras de alvenaria haviam produzido lã, algodão, roupas de cama, mesa e banho, e uma peculiar machadinha, semelhante a uma cimitarra turca (este último produto destinado ao Exército da União durante a Guerra Civil). No entanto, por volta de 1897, os tempos difíceis haviam chegado até mesmo para os moinhos. A maioria deles fora construída ao longo de um riacho veloz que atravessava a cidade — o Kayaderosseras (uma antiga palavra iroquesa que significa algo como “corrente tortuosa de águas”), mas nos anos que se seguiram foi tamanha a derrubada de árvores às margens do riacho que o próprio Kayaderosseras fora reduzido a um pequeno regato gotejante, sem capacidade para prover de energia qualquer coisa de porte. Assim, agora a fumaça negra saía dos fornos e era despejada pelas chaminés dos moinhos — que, embora ainda fabricassem algumas ferramentas agrárias, eram conhecidos principalmente por seus produtos de papel.

O guia de Cyrus tentava relatar todas essas informações de uma maneira que se poderia chamar positiva, mas não havia como esquivar-se à conclusão de que — por causa de sua própria falta de visão e no espaço de apenas um século — os cidadãos de Ballston Spa deixaram de operar as melhores estações medicinais do Norte, passando a gabar-se de sua cidade como a terra “das melhores sacolas de papel do mundo”. Os velhos hotéis da estância hidromineral, que não podiam competir com uma série de concorrentes gigantescos e luxuosos inaugurados na vizinha Saratoga Springs, haviam sido transformados em pensões para os operários das fábricas ou destruídos pelo fogo. Ainda assim, ninguém nunca pensou em rebatizar a cidade, embora, em 1897, não houvesse muita coisa em Ballston Spa que fizesse lembrar um spa.

A estação ferroviária localizava-se no pé de um morro que separava as áreas industriais da cidade das casas dos figurões locais. O alto do morro era cortado pelo que algum sujeito de imaginação fértil batizara como High Street, a rua alta, onde se localizava a maioria das igrejas da cidade, assim como os edifícios administrativos do condado. O prédio da estação em si não era grande coisa, apenas uma estrutura comprida e baixa, do tipo que em geral se vê em tais

lugares; e as poucas pessoas que se encontravam na plataforma, esperando a chegada do nosso trem, pareciam combinar perfeitamente com o local. Todas, exceto uma delas: Ele se encontrava na extremidade leste da plataforma, como se soubesse que o Sr. Moore gostasse de se sentar no último vagão do trem e teria nos convencido a todos a fazer o mesmo (o que, de fato, aconteceu). Fumando um cachimbo como se disso dependesse sua vida, o homenzinho de cabelos louro-avermelhados também puxava consecutivamente a barba e o bigode bem

aparados, e corria a mão pelos cabelos cortados à mesma maneira, o tempo todo olhando para os lados e dando voltas pela plataforma, como se esta estivesse pegando fogo.

Seus olhos, que mais tarde concluí terem um tom cinza muito claro, pareciam prateados a distância e traziam uma expressão ao mesmo tempo determinada e um tanto rebelde. Ele tirou o relógio do bolso nada menos do que três vezes durante o tempo que nosso trem levou para parar — por que eu não saberia dizer, visto que já havíamos chegado — e a cada vez ele tornava a guardá-lo com uma expressão de preocupação, dando em seguida uma baforada no cachimbo e voltando a andar de um lado para o outro. Perdi o sujeito de vista quando nos dirigíamos para a porta do vagão; por alguma razão, porém, eu sabia que esse era o homem que tínhamos vindo ver.

O Sr. Moore voltou-se para o restante de nós enquanto o trem gemia e guinchava, entrando na estação.

— Muito bem, ouçam, todos vocês — disse ele, com um tom de urgência na voz. —

Principalmente você, Kreizler. Tem algo a respeito de Rupert que deixei de falar, pois não queria desencorajá-los a confiar o caso a ele. Rupert é verdadeiramente brilhante, mas... bem, a questão é que ele não consegue ficar calado.

Nós nos entreolhamos com uma expressão que indicava a opinião comum de que aquilo devia ser algum tipo de piada.

— O que está querendo dizer, Moore? — indagou o Doutor.  
— Se ele é verborrágico...

— Não — respondeu o Sr. Moore. — Estou dizendo que ele *não* consegue calar a boca.



Marcus deu uma risada.

— É claro que não. Ele é *advogado*, pelo amor de Deus...

— Não — repetiu o Sr. Moore. — É mais do que isso... é algo físico. Ele já levou o problema a médicos. Trata-se de um tipo de... compulsão, ou algo no gênero. Eu esqueço como chamam.

— Logorreia — adivinhou o Doutor, parecendo intrigado.

O Sr. Moore estalou os dedos.

— É isso. Seja como for, funciona às mil maravilhas num tribunal, mas numa conversa normal pode ser um pouquinho demais... — Batendo na porta fechada do vagão no momento em que o trem parou, o Sr. Moore seguiu em direção aos degraus. — Eu só queria adverti-los...

Ele é a pessoa mais agradável que poderiam conhecer, mas os pensamentos entram em sua cabeça e saem disparados pela boca. Assim sendo, não levem o que ele falar muito para o lado pessoal, está bem? — Observando o rosto de cada um de nós, o Sr. Moore fez um gesto positivo com a cabeça e então nós o seguimos, saindo à plataforma.

O Sr. Rupert Picton ainda estava andando de um lado para o outro e fumando, aqueles grandes olhos prateados parecendo muito ansiosos. Quando o Sr. Moore o viu, abriu um sorriso sincero.

— Picton! — chamou ele, caminhando na plataforma em direção ao amigo. — Santo Deus, homem, você está com cara de quem vai parir gatos!

— Seu trem está atrasado! — replicou o Sr. Picton, sorrindo em meio ao que ele parecia saber ser um nervosismo óbvio.

— Estão sempre atrasados hoje em dia... Falamos em declarar guerra à Espanha, mas não somos capazes de fazer com que nossos trens andem no horário!

Como você está, John?

— Ótimo, ótimo — disse o Sr. Moore, enquanto nos juntávamos a ele. — Deixe-me apresentá-lo a todos. Esta é a Srta. Sara Howard...

— Olá, Sr. Picton — cumprimentou a Srta. Howard, estendendo a mão. — Receio que tenha sido eu a começar toda essa história infeliz.

— Bobagem, Srta. Howard — retrucou o Sr. Picton, apertando-lhe a mão vigorosamente e não só falando muito, mas num ritmo muito rápido. — Não deve pensar assim. Quem começou não foi a senhorita... foi Libby Hatch, quando derramou sangue inocente e descobriu que tinha gosto pela coisa! O que a senhorita fez foi começar a pôr um fim à sinistra história dela, e deve ficar orgulhosa disso... Ah! E aqui está o Dr. Kreizler! — A mão pequena e ativa estendeu-se mais uma vez. — Eu o reconheço das fotografias que apareceram em suas monografias, senhor... trabalho fascinante o seu, fascinante!

— Obrigado, Sr. Picton. É gentileza sua...

O Sr. Picton, porém, já voltara para Lucius e Marcus; ele sorriu e apertou a mão de ambos.

— E suponho que estes cavalheiros sejam os sargentos-detetives Isaacson?

Marcus sorriu e mal conseguira dizer “Bem, somos...”, quando foi interrompido.

— Não me atribuam poderes de detecção — afirmou o Sr. Picton. — Pelo menos, nenhum outro além do olfato. Há um vago aroma de ácido sulfúrico...

Lucius lançou ao irmão um olhar severo, enquanto apertava a mão do Sr. Picton.

— Sinto muito, senhor. Se *alguém* não me tivesse feito realizar aquele teste de estricnina *mais uma vez* antes de sairmos de Nova York...

— Espero que vocês tenham trazido todos os seus produtos químicos e aparelhos — disse o Sr. Picton, assentindo encorajadoramente. — Vamos precisar deles. Agora, então, vamos apanhar suas coisas...

Cyrus e eu, tendo encontrado um carregador para nos ajudar a cuidar da bagagem enquanto assistíamos a tudo isso, nesse momento nos aproximamos do grupo por trás de nosso anfitrião.

Cyrus pigarreou uma vez... mas uma vez foi o suficiente para fazer o Sr. Picton, que não nos vira chegar, dar um pulo.

— Santo Deus! — gritou ele, dando meia-volta e deparando com Cyrus. — Quem é você?

Ah! Não me diga... John falou de você na carta. É o criado do Dr. Kreizler, correto? Sr... hã...

hã...

— Permita-me apresentar-lhe o Sr. Cyrus Montrose — disse o Doutor, com o que o Sr.

Picton apertou a manopla de Cyrus. — E também o jovem Stevie Taggert. Ambos são meus assistentes.

O Sr. Picton voltou a mão em minha direção e estendi a minha para receber o aperto brusco.

— Sr. Taggert! Prazer em conhecê-lo! Bem... — Ele deu um passo para trás e pôs as mãos nos quadris, observando-nos. — Então este é o grupo que conseguiu introduzir o medo no

coração daquela assassina, hein? Devo dizer que os admiro por isso! Libby Hatch certamente nunca encontrou nada que a deixasse nervosa *neste* condado, eu lhes digo. Vamos levar as malas para a carruagem e seguir para minha casa. Precisamos começar a trabalhar o mais rápido possível! Carregador... siga-me!

— Sua casa? — perguntou o Sr. Moore. — Mas, Rupert, eu fiz reservas no Eagle Hotel...

— E eu as cancelei — replicou o Sr. Picton. — Tenho uma casa grande o bastante para um regimento, John, onde só moramos eu e a governanta. Não quero ouvi-los falar se hospedarem em outro lugar!

— Mas — começou o Sr. Moore com cuidado, enquanto caminhávamos em direção a uma velha carruagem de passeio que se encontrava parada diante da estação —, tem certeza de que está em condições para isso, Rupert? Isto é, ouvi dizer que você não estava bem...

— Não estava bem?! — retumbou o Sr. Picton. — Ora, estou tão estável quanto um dólar...

na verdade, estou ainda *mais* estável, dada a atual força de nossa moeda. Ah, sei o que disseram em Nova York antes de eu partir, John, e admito que precisava de um descanso

naquela ocasião. Você conhece a minha disposição... tenho um temperamento nervoso, com certeza, isso não vou negar. Mas aqueles rumores sobre eu ter sofrido um colapso foram apenas mais uma tentativa de desacreditarem minhas palavras.

— Humm... é, estou familiarizado com esse fenômeno — disse o Doutor, enquanto o Sr.

Picton começava a transferir, desajeitado, nossa bagagem do suporte do carregador para a carruagem, o tempo todo fumando furiosamente.

— É, eu entendo, Dr. Kreizler! — respondeu nosso anfitrião.  
— Eu entendo! E então o senhor provavelmente sabe o cansaço que isso gera. Tentar deter o que estava acontecendo no gabinete do promotor público me esgotou, decerto, e deixou meus nervos à flor da pele. Mas isso está muito longe da loucura, o senhor não acha?

— Bem... — respondeu o Doutor lentamente. Aliás, lento demais, para o Sr. Picton.

— É exatamente ao que me refiro! — exclamou ele. — É muito engraçado este mundo em que vivemos, Dr. Kreizler. E não digo engraçado no sentido divertido. Falo de um mundo no qual um homem pode ser rotulado de louco simplesmente por tentar expor a corrupção flagrante! Ah, bem, não importa... — Jogando os últimos itens de nossa bagagem na carruagem, o Sr. Picton dirigiu-se ao lugar do cocheiro. — Embarquem, todos. Sr. Montrose, talvez o senhor e o jovem Taggert não se importem em viajar nos estribos. Podem se segurar na capota; não vamos muito longe.

— Para mim está ótimo! — repliquei, alegremente, percebendo que estava começando a gostar do modo um

tanto amalucado do Sr. Picton falar e agir.

— Naturalmente, senhor — replicou Cyrus, também acomodando-se no estribo depois de os outros entrarem na carruagem.

— Bons homens! — disse o Sr. Picton com um sorriso, saudando-nos com seu cachimbo.

— Segurem-se agora... lá vamos nós! — A carruagem pôs-se em movimento, mas ainda não havíamos deixado o pátio da estação e o Sr. Picton já recomeçara: — Como eu ia dizendo, Doutor, na verdade não importa toda essa história em Nova York e o que aquelas pessoas possam ter dito sobre mim... Não importa, em absoluto, no final das contas. O mundo está indo para o inferno a cavalo e Nova York vai ser um dos primeiros lugares a chegar lá, se é que já não chegou, e eu poderia apresentar bons argumentos para que isso já tivesse acontecido. Essa

foi uma das razões por que voltei para Ballston: na verdade, é possível mesmo fazer alguma coisa de bom aqui sem ter de se preocupar com os magnatas e os mandachuvas. — Ele tirou mais umas baforadas do cachimbo, enquanto conduzia o cavalo por uma rua que seguia para oeste ao pé do morro íngreme. — Mas não vamos nos prender em delongas com essa conversa... Temos outras questões urgentes. — Ele tirou o relógio do bolso e o consultou mais uma vez. — Urgentes, de fato! Vocês precisam se acomodar e se alimentar... A Sra. Hastings irá cuidar disso. É a minha governanta. — Ele abanava a cabeça, enquanto sacolejávamos em direção à extremidade ocidental da cidade. — Um caso terrível. Ela e o marido tiveram um armarinho durante a maior parte da vida. Então, há uns dois anos, três delinquentes... não muito mais velhos que você, meu jovem Taggert... assaltaram o estabelecimento quando

ela estava fora. Espancaram o marido com uma pá até a morte. Fui o promotor no caso e depois ela veio trabalhar para mim, mais por gratidão do que por qualquer outra coisa, acredito.

— Gratidão? — indagou a Srta. Howard. — Porque o senhor a ajudou num momento difícil?

— Porque fiz questão de mandar aqueles três garotos para a cadeira elétrica! — respondeu o Sr. Picton. — Ah! Aquela ali, no fim da rua, é a minha casa.

O Sr. Picton tinha uma casa com as proporções de uma mansão, no cruzamento das ruas Charlton e High, não muito longe do fórum e perto do velho Aldridge Spa (atualmente uma pensão) e da Iron Railing Spring, ambos os últimos remanescentes dos dias exuberantes da cidade como estação medicinal. A julgar pelos quatro torreões que formavam os cantos da casa do Sr. Picton, assim como pela ampla varanda que circundava toda a estrutura, ela não era tão velha quanto muitas das residências que víamos e por que tínhamos passado. Mas o tamanho por si só já era suficiente para dar à casa uma qualidade sinistra e eu me perguntava por que um homem optaria por morar sozinho com a governanta numa construção daquelas. Os jardins da frente e dos fundos estavam repletos de rosas e heras trepadeiras que cresciam um pouco sem controle, ao lado de alguns olmos que deviam ser consideravelmente mais velhos do que a própria casa — tudo isso só vinha contribuir para a sensação de que aquela era uma residência de fato fantasmagórica.

— Meu pai a construiu para minha mãe — explicou o Sr. Picton à medida que nos aproximávamos da casa. — E há trinta e cinco anos era considerada o máximo do estilo gótico vitoriano. Atualmente, bem... a moda nunca

significou muita coisa para mim, assim sendo deixei-a mais ou menos como era. A Sra. Hastings vive insistindo comigo para redecorá-la, mas... ah, lá está ela! — Uma mulher rechonchuda, de expressão bondosa e cerca de sessenta anos, usando um vestido azul com avental branco, surgiu na porta principal da casa, no momento em que entramos no pátio. O Sr. Picton parou a carruagem e então sorriu, enquanto acenava para a governanta.

— Sra. Hastings! Viu só? Consegui encontrá-los sem problemas. Suponho que os quartos dos torreões estejam prontos...

— Ah, sim, excelência — replicou a Sra. Hastings, limpando as mãos cobertas por farinha e comida no avental e sorrindo calorosamente. — E o almoço está à espera de todos vocês.

Bem-vindos, bem-vindos, vai ser um novo alento ter hóspedes nesta casa, vai sim!

O Sr. Picton fez as apresentações e então todos começaram a se dirigir à casa, enquanto eu e Cyrus ficávamos para trás, a fim de descarregar a bagagem.

— E então? — perguntei baixinho ao meu amigo grandalhão.  
— O que achou?

Cyrus balançou a cabeça uma vez.

— É uma figura engraçada, não resta dúvida. O Sr. Moore com certeza não estava exagerando sobre aquela história de falar demais.

— Gosto dele — comentei, começando a seguir na direção da porta com um grupo de malas. Erguendo os olhos para as paredes altas e os torreões escuros diante de mim, parei



por um minuto. — Mas parece que aqui moram alguns fantasmas — sussurrei sobre o ombro.

Cyrus sorriu e tornou a abanar a cabeça.

— Você sempre gosta dos tipos estranhos — observou ele. Em seguida, seu rosto ficou sério. — Mas não quero mais ouvir falar em *fantasmas*.

O pavimento térreo da casa do Sr. Picton tinha uma sala de recepção que bem poderia servir como sala de convenções. Excessivamente mobiliada com peças pesadas e forradas de veludo, arrumadas em torno de uma lareira de pedra esculpida, grande o bastante para que uma pessoa entrasse nela, possuía também os itens recreativos habituais, como o piano e a grande mesa de carteador. No centro da casa havia uma escadaria de carvalho polido e pesado, e depois desta, espelhando a sala de recepção do outro lado da escada, via-se uma imensa sala de jantar abarrotada de cadeiras, aparadores e a imensa mesa — todos no mesmo estilo da mobília da sala de estar. Os quartos nos andares superiores, localizados, como dissera o Sr. Picton, nos quatro torreões, tinham as mesmas proporções gigantescas, cada um com sua própria lareira e a maior parte com um banheiro privativo. No momento em que cheguei ao segundo andar, os outros estavam andando de um lado para o outro, escolhendo seus quartos, e ouvi o Sr. Picton dizer:

— Ah, boa escolha, Srta. Howard... Este é mesmo o melhor quarto da casa! Daqui a senhorita tem uma visão esplêndida do jardim e do riacho.

No terceiro pavimento eu podia ouvir os sargentos-detetives discutindo sobre outro quarto, mas não sabia o que tinha sido feito do Doutor e do Sr. Moore, cujas valises eu estava

carregando. Então o som de vozes abafadas veio do fim de um corredor comprido e eu o segui, indo encontrar os dois num outro quarto.

— Kreizler, eu juro para você: não sei — ia dizendo o Sr. Moore, quando alcancei a porta.

— E não acredito que *ele* saiba tampouco, ou pelo menos nunca me disse...

— Existem várias manias que poderiam justificar seu comportamento — disse o Doutor com cuidado. — Algumas das quais são degenerativas. — Ele lançou ao Sr. Moore um olhar que se poderia descrever como incerto. — Estamos apostando muita coisa nesse homem, John.

— Laszlo, me escute: esse comportamento nunca prejudicou o trabalho dele. Costumava ser motivo de piada em situações sociais, mas no tribunal chega a ser uma verdadeira dádiva.

Ele pode liquidar completamente os advogados de defesa quando se entusiasma... — O Sr.

Moore interrompeu-se ao me avistar à porta; então sorriu, grato, creio eu, por uma maneira de pôr fim àquela conversa com o Doutor. — Olá, Stevie. Por acaso trouxe a minha bagagem?

Ignorando a pergunta, dei de ombros, olhei para o Doutor e repeti o que tinha dito a Cyrus:

— Eu gosto dele.

— Pronto — anunciou o Sr. Moore, apanhando duas das malas que eu carregava. — Não dizem que as crianças e os cães são os melhores juízes de caráter, Kreizler? Não me

lembro de os alienistas terem entrado nessa lista recentemente.

— Asseguro a vocês dois que minha preocupação de modo algum desacredita o caráter do homem — replicou o Doutor. — Ele parece completamente sincero e agradável... e isso não é pouca coisa para um advogado. Tampouco estou dizendo que sua dificuldade seja mental ou emocional em sua origem... Existem várias patologias físicas que poderiam facilmente ser responsáveis.

O Sr. Moore fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Muito bem, então. Vamos deixar esse assunto de lado por ora.

— Por ora — concordou o Doutor, apanhando suas malas e então examinando meu pescoço e minhas mãos. — Santo Deus, Stevie! — exclamou ele, com uma combinação de careta e risada. — O que você andou fazendo? Não deixe de procurar um banheiro antes do almoço, rapazinho.

Assim que Cyrus e eu trouxemos todas as malas para dentro, acomodei-me num quarto no terceiro andar, junto com os sargentos-detetives, e me dirigi ao banheiro para me lavar antes do almoço. O ruído da água corrente ecoava no mármore e nos azulejos do grande cômodo, ao ponto de me fazer ter a sensação de estar ao lado de uma cachoeira: tudo naquela casa, ao que parecia, era anormalmente grande — cavernoso até — e, enquanto enxugava o rosto, o pescoço e as mãos, comecei a me perguntar quem teria construído uma casa como aquela e o que teria acontecido com essa pessoa. No entanto, o que era bastante engraçado, não havia mais medo em minhas cogitações: por maior e mais misteriosa que fosse a casa, percebi que o Sr. Picton a enchia com uma espécie de atividade febril,

porém amistosa, e para mim o lugar já não poderia ser perigoso.

Começando a descer ao pavimento térreo e à sala de jantar, onde os outros já se encontravam reunidos, corri a mãos ao longo do grosso corrimão da escadaria e de repente me dei conta de que seria o lugar perfeito para deslizar. Não sei por que a ideia me ocorreu, só sabia que era a primeira coisa de fato divertida em que eu pensava nos últimos dias. Assim, olhei para baixo, observei o corredor lá de baixo e, não vendo ninguém, resolvi tentar.

Sentindo-me mais brincalhão e relaxado, no patamar do segundo andar subi no corrimão e tomei impulso...

E, cerca de um segundo e meio depois, me encontrava escarrapachado no chão, no hall de entrada. O corrimão provara-se ainda mais adequado — isto é, escorregadio — do que eu pensara e, depois de voar por ele, caí no tapete do hall em alta velocidade, deslizando pelo piso encerado e atingindo a porta da frente com um estrondo. Isso fez com que os outros acorressem da sala de jantar e provocou uma expressão de choque no rosto do Doutor.

— Stevie! — exclamou ele. — Que diabos...

— Ah! — gritou o Sr. Picton, tirando o cachimbo da boca e jogando o corpo para trás numa boa risada. Em seguida, aproximou-se para me ajudar a levantar. — É mais escorregadio do que parece, hein, meu jovem Taggert? Não se sinta constrangido... o mesmo me aconteceu na primeira vez que tentei, e faz poucos anos isso! Não quebrou nada, quebrou?

Abanei a cabeça, sentindo meu rosto ficar vermelho; mas o fato de o Sr. Picton confessar abertamente uma tolice semelhante fez com que eu me sentisse bem melhor.

— Ótimo! — prosseguiu ele. — Então venha, vamos almoçar. Mais tarde vou lhe mostrar alguns truques para reduzir a velocidade... e manter intacto seu traseiro!

Segui os outros até a sala de jantar, recebendo outro olhar perplexo do Doutor no caminho.

O Sr. Picton fez questão de acompanhar cada um de nós ao seu lugar e insistiu para que o Doutor se sentasse à cabeceira.

— Fico perfeitamente bem do lado de cá — disse ele, quando o Doutor protestou. — Além do mais, essa é a *sua* investigação, Doutor... Não quero que pense por um só minuto que eu não tenha compreendido isso. Vamos ter muito que discutir nesta mesa, e quero que o senhor me considere simplesmente seu mais recente aliado... e discípulo.

— É muita gentileza sua, Sr. Picton — agradeceu o Doutor, num tom de voz impassível, enquanto cuidadosa e curiosamente estudava nosso anfitrião.

O Sr. Picton acomodou-se em seu lugar e tocou uma sineta, com o que a Sra. Hastings apareceu por uma porta de vaivém que levava à cozinha, trazendo a primeira de uma longa série de travessas de comida.

— Tudo produzido nas fazendas e riachos de nosso condado — explicou o Sr. Picton. —

E, embora preparado com simplicidade, não menos apetitoso por sua humildade. John, tem um clarete bastante decente naquele aparador ali, se não se importa de nos servir.

Enquanto o Sr. Moore levantava-se prontamente para cumprir a ordem, o Sr. Picton olhou em minha direção.

— E temos uma caixa de refrigerantes na cozinha para o jovem Taggert... A Sra. Hastings lhe trará uma garrafa. John me disse que você adora, e confesso que também tenho uma fraqueza por essa bebida.

Olhando em torno da mesa, enquanto todos começávamos a empilhar porções de frango, truta, ervilhas frescas, cenourinhas tenras e purê de batatas em nossos pratos, o Sr. Picton ergueu sua taça.

— Bem, então... bem-vindos, todos vocês! — Ele tomou um grande gole e seus olhos prateados arregalaram-se. — Pois bem... agora vou lhes contar o que sei sobre Libby Hatch...

## **CAPÍTULO 29**

— Ela chegou aqui — começou o Sr. Picton, enquanto se servia da comida — há pouco mais de dez anos, até onde eu saiba. Vinda de Stillwater.

— É — disse a Srta. Howard. — Foi esse o local de nascimento que ela indicou nos formulários hospitalares que vimos.

— É mesmo? — replicou o Sr. Picton. — Bem, receio que essa tenha sido apenas mais uma mentira. Verifiquei os livros de registros de nascimento de todas as cidades deste condado. Não existe neles nenhuma Elspeth Fraser, que era então o nome dela. No entanto, ela morou mesmo em Stillwater por algum tempo... embora eu não saiba dizer quanto.

— E você nunca descobriu o local onde ela de fato nasceu, ao longo de sua investigação?

— indagou o Doutor, um pouco surpreso.

— O senhor parte do pressuposto de que tive permissão para conduzir uma investigação, Doutor. O caso de Libby Hatch, o ataque a seus filhos e o negro fantasma nunca foram além de umas simples indagações. Meu superior na ocasião não via nada que justificasse o esforço ou as despesas de uma investigação formal, nem tampouco o xerife.

— Nada há de incomum nisso, infelizmente — afirmou Marcus. — Duvido que haja um caso em cada vinte envolvendo crianças mortas que vá além de um mero inquérito. Os crimes são demasiadamente reservados... é muito difícil deduzir quem fez o quê.

O Sr. Picton ergueu os olhos com algum interesse.

— Tenho a sensação de que possuo alguma formação legal, detetive.

Marcus acabara de levar à boca uma porção das ervilhas doces e amanteigadas, e então foi Lucius quem respondeu:

— Marcus estava a caminho de se tornar advogado quando nos envolvemos com o trabalho na polícia. Eu estava me preparando para a medicina.

— Entendo — disse o Sr. Picton, sorrindo e parecendo muito interessado. — Bem, a sua análise está correta, embora eu dissesse que seus números são um pouquinho modestos. Ficaria surpreso se uma de cada *cem* mortes de criança fosse de fato investigada. E quando uma mulher branca afirma que um homem de cor é o responsável... Tenho certeza de que o Sr.

Montrose está ciente de que o preconceito racial está muito vivo no Norte. — Cyrus limitou-se a curvar a cabeça um pouco, como se dissesse que estava mais do que ciente desse fato. —

Assim não fiquei surpreso quando o promotor público e o xerife aceitaram tão prontamente a versão de Libby dos acontecimentos. Quanto a mim, confesso que então ainda não tinha conhecimento do significado que a formação da mulher pudesse ter na questão. Veja, Dr.

Kreizler, eu ainda não havia tido contato com seus escritos, com sua teoria do “contexto”, e estava justamente concentrado nas provas circunstanciais.

O Doutor ergueu os ombros levemente, num gesto polido.

— As provas circunstanciais e materiais são inestimáveis, Sr. Picton... É por isso que dependemos tanto dos sargentos-detetives. Mas existem crimes que oferecem poucas pistas desse tipo e que não podem ser solucionados se a vida pessoal dos participantes não for estudada a fundo.

— Ah, concordo totalmente com o senhor *agora* — replicou o Sr. Picton, comendo em movimentos curtos e rápidos, como um animal ou pássaro. — Mas *naquela ocasião*, como já disse, eu ainda não tomara conhecimento de seu conceito. A única coisa que achava pudesse provar ou refutar a versão da Sra. Hatch era a captura do misterioso negro, e, oficiosamente, insisti nessa busca com tanta intensidade quanto me foi possível e pelo máximo de tempo.

Mas, pouco depois, o promotor ordenou-me que desistisse da caçada e esquecesse o caso.



Agora, porém, vejo que os poucos fatos que consegui reunir sobre a Sra. Hatch durante aquele breve período podem ter alguma relevância.

— Com toda certeza — disse o Doutor. — Sargento-detetive?

Lucius já tinha o pequeno bloco de anotações à mão.

— Sim, senhor. Estou pronto.

— Ah, Sr. Picton — o Doutor fez uma pausa a fim de beber um gole do vinho —, existe alguma loja na cidade onde possamos comprar um quadro-negro?

— Um quadro-negro? — repetiu o Sr. Picton. — De que tamanho?

— O maior possível. E também o mais rápido possível.

O Sr. Picton pensou por um instante.

— Não... não que eu me lembre... — Então seu rosto iluminou-se. — Espere um pouco.

Sra. Hastings! — A governanta apareceu quase imediatamente. — Sra. Hastings, a senhora se importaria de telefonar para a escola secundária? Diga ao Sr. Quinn que eu gostaria de tomar emprestado um de seus maiores quadros-negros.

— Um quadro-negro? — repetiu dessa vez a Sra. Hastings, contornando a mesa para completar as taças de vinho. — O que, em nome de Deus, sua excelência quer com um quadro de giz? E onde é que *colocaríamos* uma coisa dessas?

— Sra. Hastings, por favor, o assunto é urgente — disse o Sr. Picton. — E não sei quantas vezes preciso lhe dizer que sou um promotor-assistente em casa, não um juiz num tribunal... A senhora não precisa se dirigir a mim como “sua excelência”.

— Humm! — resmungou a Sra. Hastings, virando as costas e voltando à cozinha. — Como se aquele júri idiota fosse condenar aqueles garotos se o senhor não os convencesse!  
— Ela passou ruidosamente pela porta de vaivém.

Nosso anfitrião sorriu à sua maneira nervosa e breve, dando puxões na barba e nos cabelos.

— Acho que podemos encontrar alguma coisa que satisfaça a sua necessidade, Doutor...

Bem, então retornemos aos fatos do passado de Libby Hatch. Ou, pelo menos, aos pequenos fragmentos que acabei conseguindo reunir. Libby Fraser, como eu disse, era o seu nome quando chegou aqui. Ela tentou todos os tipos de emprego na cidade, mas nada dava certo...

Era demasiadamente voluntariosa para obedecer as regras de conduta na estação telefônica, expressava muito francamente suas opiniões sobre os gostos das freguesas para manter o cargo de vendedora no departamento de roupas femininas da loja Mosher e não tinha instrução de qualquer tipo, o que reduzia as opções restantes a várias posições domésticas. No entanto, ela

parecia consideram esse tipo de trabalho mais desagradável do que qualquer outra coisa. Em três meses, arrumou e perdeu três empregos como criada.

— E, não obstante, Vanderbilt só teve altos elogios para ela  
— lembrou o Sr. Moore.

— É, observei isso em seu último telegrama, John — replicou o Sr. Picton. — É curioso.

Ela podia estar só fingindo ou pode simplesmente ter deixado o lado menos agressivo de sua natureza assumir o controle durante algum tempo. Afinal, a maior parte das pessoas que conheceram a mulher em seus primeiros tempos em Ballston não pensava que ela fosse uma pessoa má, de verdade... simplesmente determinada a fazer e ter as coisas à sua maneira. Todos esperavam que perdesse tais características, porém, quando aceitou a posição de governanta na casa de Daniel Hatch, o avarento local. A maior parte desses vilarejos tem um personagem como ele. Vivia numa casa imensa e caindo aos pedaços fora da cidade, sozinho, exceto pelos empregados. Vestia-se com trapos, nunca tomava banho... e dizia-se que tinha dinheiro escondido em todas as paredes e colchões da casa. Era tão ruim quanto uma cobra também, e trocava de governanta como se estivesse tentando somar o maior número possível delas.

Libby, porém, aceitou o desafio... e os choques continuaram a vir, durante os anos seguintes.

— Choques? — espantou-se o Doutor.

— Certamente, Dr. Kreizler. Choques! Dentro de poucos meses o velho avarento e a governanta estavam noivos. O casamento seguiu-se algumas semanas depois. Isso, por si só, talvez não fosse nenhuma surpresa. Embora tivesse acabado de completar trinta anos, Libby Fraser era uma mulher jovem e bonita. E Hatch, apesar de ser um bode velho e engelhado, possuía uma boa quantia de dinheiro. No entanto, quando em seguida veio um bebê, apenas nove meses depois do casamento... Bem, Hatch estava com setenta e três anos naquela época.

E quando àquela primeira filha seguiram-se dois meninos num prazo de trinta meses, como o senhor pode imaginar, por toda a cidade as pessoas começaram a comentar. Alguns viam ali a mão de Deus, outros o trabalho do Demônio. E ainda havia aqueles poucos de nós que preferiam observar um pouco mais de perto, tentando determinar se Libby Hatch tinha intenções maléficas.

— Intenções *maléficas*? — repetiu o Doutor, as sobrancelhas arqueando-se ligeiramente.

O Sr. Picton riu e então afastou-se da mesa, depois de comer apenas metade da comida que estava em seu prato.

— Ah, céus! — exclamou ele, levantando-se e consultando novamente o relógio, enquanto tirava o cachimbo do bolso do paletó. — Isso mesmo: o senhor faz objeção a essa palavra, não é, Dr. Kreizler?

O Doutor deu de ombros.

— Não sei se faço objeção a ela — respondeu ele. — Simplesmente considero que esse seja um conceito ambíguo... um conceito em cujo emprego nunca vi grande utilidade.

— Porque acha que ele contradiz sua teoria do contexto — observou o Sr. Picton com um gesto da cabeça, ao mesmo tempo em que começava a andar em torno da mesa, mordendo o cachimbo. — Mas talvez fique surpreso ao saber que, nesse ponto, discordo do Doutor.

— É mesmo?

— É, é mesmo! Aceito sua proposição de que as ações de um ser humano não podem ser totalmente compreendidas

até que se tenha estudado o contexto de toda a sua vida.  
Mas e se

esse contexto houver produzido uma pessoa que seja, simplesmente, má? Cruel, pernicioso, ameaçadora... para usar apenas algumas das definições do Sr. Webster.

— Bem — respondeu o Doutor —, não estou tão certo de que...

— Não estou fazendo uma mera observação acadêmica, Dr. Kreizler... Acredite em mim, isso será de crucial importância, se conseguirmos chegar ao tribunal! — Parando para examinar o prato de cada um de nós, a cabeça girando sobre o pescoço como a de um roedor assustado, o Sr. Picton perguntou: — Todos já acabaram de comer? Importam-se se eu fumar?

Não? Ótimo! — Ele acendeu um fósforo nas calças e então tragou o cachimbo à sua maneira rápida e violenta. — Como eu ia dizendo... sei que o que o senhor procura são explicações para o comportamento criminoso, Doutor, e não desculpas para isso. E reconheço que admiro essa sua busca. Mas num caso como este, e numa cidade como esta, precisamos ter um cuidado especial em moldar nossas explicações, para que estas não provoquem na população ou no júri uma atitude de simpatia em relação a essa mulher. Pois, creia-me, eles já estarão inclinados a isso, pois certamente relutarão em aceitar nossas acusações contra ela. Quaisquer explicações psicológicas devem apenas sublinhar a ideia de que a natureza dela é má.

— O senhor parece muito certo de que o mal de fato existe, Sr. Picton — observou o Doutor.

— Neste caso? Não tenho a menor dúvida! E quando eu lhe mostrar determinadas coisas...

bem, acho que o senhor também irá acreditar. — Sacando o relógio do bolso e olhando a hora mais uma vez, embora não se tivessem passado mais do que alguns minutos desde a última vez em que o consultara, o Sr. Picton assentiu, satisfeito. — Bem, precisamos nos apressar! Receio que não tenhamos tempo para a sobremesa... Haverá doces para você mais tarde, meu jovem Taggert, assim como uma aula sobre o corrimão!

Num movimento rápido, ele afastou minha cadeira da mesa e então adiantou-se para fazer o mesmo, embora mais delicadamente, para a Srta. Howard. Estendendo um braço em direção à porta, ele olhou para os outros:

— Vamos andando até o fórum e, em seguida, tomaremos a carruagem para os arredores ao leste da cidade. — Seus olhos pousaram na cabeceira da mesa. — E lá, Dr. Kreizler, o senhor verá e ouvirá algumas coisas surpreendentes. Sobre como uma mulher solitária pode enfeitiçar uma cidade inteira, primeiro de uma maneira sinistra e, depois, favorável. E, após ouvir e ver os detalhes, para não mencionar os efeitos, da técnica e das ações dessa mulher, ouse afirmar que mudará sua opinião referente à existência do mal.

Com a curiosidade decididamente aguçada, todos nos levantamos para seguir o Sr. Picton até a porta de entrada; e enquanto o acompanhávamos, observei que seus modos agitados tinham uma certa qualidade contagiosa, pois começávamos todos a nos movimentar e falar de maneira muito mais rápida e nervosa. Isto é, todos exceto o Doutor, que, inabalável, atravessou o vestíbulo com uma expressão de curiosidade, a mente nitidamente voltada para a questão de Libby Hatch, mas dispendo de energia extra suficiente para tentar decifrar o enigma que também era nosso anfitrião.

Estava bastante evidente, pelo tamanho das casas da High Street de Ballston Spa, que por muitas gerações a rua havia sido a favorita da gente bem-nascida da cidade. Havia residências ainda maiores do que a do Sr. Picton; e as menores em geral compensavam a deficiência por ser muito antigas e trazer à mente, com seu estilo simples porém refinado, os dias em que os

homens brancos puseram a força do Kayaderoseras por trás de seus projetos financeiros.

Algumas árvores em torno das casas mais recentes eram jovens, mas havia outras veteranas, sólidas e frondosas, dando testemunho da idade da terra onde fora construída a cidade; e, enquanto eu observava aqueles bordos, carvalhos e olmos resistentes, mais uma vez lamentei por aquela que já deveria ter sido uma bela extensão de terra haver se tornado uma feia cidadezinha repleta de moinhos. Não obstante, essa mesma sensação de tristeza e perda fazia do lugar um cenário peculiarmente adequado para se falar de uma mulher como Libby Hatch.

— Até pouco antes do nascimento de seu segundo filho — disse o Sr. Picton quando deixávamos o jardim diante de sua casa —, Libby era a mesma mulher instável que a cidade passara a conhecer com o tempo. No entanto, de repente, ela mudou... drasticamente. Pareceu tornar-se nada menos do que uma mãe amorosa e esposa dedicada, feliz com uma situação que a maioria das mulheres não desejaria ao seu pior inimigo.

— Não haveria a possibilidade — sugeriu a Srta. Howard — de que ela fosse exatamente o que parecia, Sr. Picton? Ninguém conhece a intimidade de um casamento, exceto o próprio casal, afinal de contas. Talvez ela tivesse mesmo aprendido a estimar o homem idoso.

— Não dê ouvidos a ela, Rupert — interveio o Sr. Moore. — Sara só está tentando racionalizar o casamento de sua amiga Nellie Bly com aquele fóssil do Seaman.

Se conhecêssemos o Sr. Picton um pouco melhor, tenho certeza de que a Srta. Howard teria esmurrado o Sr. Moore ali mesmo; no entanto, limitou-se a lhe dirigir um de seus olhares mortíferos.

O Sr. Picton abafou uma risadinha.

— Para lhe dizer a verdade, uma parte de mim gostaria de lhe dar razão, Srta. Howard.

— Sara — corrigiu ela, sua expressão mudando velozmente, como era seu hábito, para um sorriso muito cativante. — Por favor.

Apesar de absorto em sua história, o Sr. Picton enrubesceu e gaguejou um pouco.

— Bem, eu... eu me sinto honrado! — disse ele. — E você então me chame de Rupert, Sara... a menos, é claro, que não goste do nome. Isso acontece com algumas pessoas. Atendo praticamente a qualquer nome, como Moore pode confirmar. Bem, aqui estou eu divagando! É, Sara, se eu pudesse acreditar que Libby Hatch houvesse algum dia se importado de verdade com o marido ou com os filhos, estaria bem menos obcecado por este caso. Mas você me dirá o que pensa dos fatos que se seguem. Cerca de dois anos e meio depois do nascimento do segundo filho, o humor de Libby *mais uma vez* mudou da noite para o dia. Um dia ela era a cidadã agradável e cativante, que as pessoas aos poucos haviam aprendido a aceitar; no dia seguinte, voltara ao que era antes. A bem da verdade, estava pior: tornou-se um feixe de nervos mal-humorado e aparentemente desesperado. Ninguém conseguia explicar a



mudança... até que se espalhou a notícia de que Daniel Hatch estava doente, à beira da morte.

— E isso era alguma surpresa? — perguntou o Doutor. — A essa altura ele já devia estar perto dos oitenta.

— É verdade — respondeu o Sr. Picton. — E, de fato, *não* foi nenhuma surpresa, mas serviu para explicar por que o temperamento de Libby havia se tornado tão perturbado. A mulher parecia profundamente angustiada com o destino do velho avarento que ela e somente ela encontrara motivo para amar.

— Se alguém está com vontade de chorar — disse o Sr. Moore —, Rupert só está sendo sarcástico.

Dando uma risada, o Sr. Picton assentiu com a cabeça.

— Muito bem, confesso. Eu era então e continuo sendo absolutamente cético. Mais tarde, porém, descobri que tinha motivos para isso. Vejam, o velho Hatch sofreu uma doença prolongada, pontuada por dois ataques graves. No entanto, quando consegui reunir uma cronologia do período, verifiquei que a acentuada mudança no comportamento de Libby havia *precedido* o início da doença. Assim sendo, não foi a preocupação com o estado de saúde do marido que a deixara tão abalada.

— Sr. Picton — disse Marcus, fazendo a pergunta que estava na cabeça de todos nós —, exatamente que tipo de “ataques” o Sr. Hatch sofreu?

O Sr. Picton sorriu.

— Isso mesmo, detetive. Foram ataques *cardíacos*. — Enquanto assimilávamos aquela informação em silêncio,

nosso anfitrião parou de andar e levou a mão ao bolso do paletó. —

Depois de receber suas mensagens, John, fui até a casa do velho Hatch. Está caindo aos pedaços agora e as plantas no jardim estão grandes demais. Mas consegui encontrar isto aqui...

O Sr. Picton tirou do bolso uma flor murcha, mas ainda perfeitamente identificável.

— *Digitalis purpurea* — anunciou Lucius em voz baixa. — Dedaleira.

— Ah, não foi fácil matá-lo! — disse o Sr. Picton, num tom de voz que se poderia dizer quase excitado. — Hatch era um velho forte e, como certamente o senhor sabe, detetive, a digitalina induz muitos efeitos colaterais tóxicos, se ministrada em dose insuficiente para produzir uma superestimulação fatal do coração.

Lucius assentiu, enquanto recomeçávamos a andar.

— Náusea, vômitos, visão turva...

— Ele segurou-se à vida quase com tanta firmeza quanto segurava seu dinheiro —

prosseguiu o Sr. Picton, no mesmo tom enérgico. — Resistiu por cerca de três meses, antes de ela finalmente conseguir ministrar-lhe uma dose suficiente da substância sem que os criados percebessem. — Ao som de suas próprias palavras, o sorriso do Sr. Picton desapareceu e sua voz tornou-se menos agitada. — O pobre velho ranzinza. Ninguém merece morrer assim.

— Ninguém nunca suspeitou da Sra. Hatch? — indagou o Doutor.

O Sr. Picton abanou a cabeça.

— Não. Não depois da maneira como ela sempre agira em relação ao marido. Mas, no fim das contas, Hatch deixara-se enganar pela mulher menos do que a maior parte da cidade. Em seu testamento, ela não recebeu virtualmente nada.

— E para quem ele deixou tudo? — perguntou o Sr. Moore.  
— Para as crianças?

— Exatamente — afirmou o Sr. Picton. — E como curador, até que elas atingissem a maioridade, ele nomeou o juiz de paz local, *não* a mulher. Libby deveria receber dinheiro suficiente apenas para sustentar a família. Parece que o velho Hatch havia se tornado bastante amargo, quando o fim se aproximava. Suas ações, porém, foram tolas, pois as disposições do testamento só serviram para expor as crianças a um terrível perigo.

— Ao determinar que, se alguma coisa acontecesse a elas, a fortuna passaria à mãe? —

perguntou a Srta. Howard.

— Exato — respondeu o Sr. Picton. — E, amargo como obviamente estava, não creio que nem mesmo Hatch soubesse que a mulher era de fato capaz de... Ah! Chegamos.

Havíamos alcançado a frente do que o Sr. Picton mais tarde nos disse ser o assim chamado

“novo” fórum, por funcionar ali havia menos de dez anos. Não se tratava de um edifício de aspecto particularmente interessante — apenas uma grande massa de pedra, com empenas e uma torre quadrada erguendo-se a um dos cantos; meu palpite, porém, era de que, o que quer que os especialistas em arquitetura pudessem pensar de seu desenho, como prisão era provavelmente o topo de linha: as paredes eram grossas e resistentes, e as barras de ferro nas janelas das celas no porão eram fortes o bastante para deter até mesmo um experiente artista da fuga.

— Bem, com alguma sorte, em breve este vai ser o nosso campo de batalha! — anunciou o Sr. Picton, erguendo os olhos para uma das quatro faces de relógio engastadas em cada lado do telhado da torre e apanhando seu relógio de bolso para compará-lo à peça maior. Então os olhos cinzentos percorreram com firmeza nosso grupo, avaliando-nos, pareceu-me, um a um.

Depois disso, ele sorriu. — Sinceramente me pergunto se vocês sabem no que estão se metendo...

O Sr. Picton subiu os poucos degraus que levavam à entrada do prédio e então segurou para nós a grande porta aberta; e enquanto entrávamos em fila sem dizer palavra, ele continuava sorrindo, sem explicar por quê.

O interior do fórum de Ballston mais do que compensava o exterior ordinário do prédio. As paredes no vestíbulo principal eram construídas alternando-se tipos e cores de pedra, dispostas em desenhos delicados, e as janelas altas tinham moldura de carvalho escuro, mantido muitíssimo lustroso, assim como as grandes portas de mogno que levavam à sala principal, localizada na extremidade oposta, e à sala de audiências menor, à esquerda. A luz do sol era lançada sobre o piso de mármore vinda de diferentes

direções, e a escadaria também de mármore que levava aos gabinetes no andar superior tinha uma bela janela semicircular no primeiro patamar e uma série de acessórios de iluminação habilmente fabricados em ferro, correndo ao longo da balaustrada. Havia uma guarita a um dos lados do amplo espaço e o Sr.

Picton chamou um homem grandalhão que estava ali, lendo uma edição do jornal local, o *Ballston Weekly Journal*.

— Boa tarde, Henry — cumprimentou ele.

— Boa tarde, Sr. Picton — respondeu o guarda, sem levantar os olhos.

— Aggie trouxe aqueles arquivos do gabinete do escrevente? — perguntou o Sr. Picton, conduzindo-nos para a escada.

— Trouxe — respondeu o homem. — Ela disse que parece que o senhor vai tentar ir atrás daquele negro novam... — O homem interrompeu-se bruscamente quando ergueu os olhos e viu Cyrus de pé perto do Sr. Picton; seus olhos miúdos arregalaram-se e ele esfregou o alto da cabeça, confuso. — Daquele... hã... daquele sujeito que atirou nas crianças da Sra. Hatch. Ela disse que... parece que o senhor vai atrás dele novamente.

O Sr. Picton fez uma parada na base da escadaria de mármore. Por um segundo, pareceu que iria se enfurecer, mas ele simplesmente parou, deixou escapar um suspiro e disse:

— Henry?

— Sim, Sr. Picton? — respondeu o guarda.

— O Sr. Montrose aqui vai estar trabalhando comigo por algum tempo.

— É, Sr. Picton?

— É. Assim, Henry... encontre uma outra palavra. Duvido que você gostaria que eu chegasse aqui todos os dias e dissesse: “Bom dia, Henry, seu estúpido imprestável!”

O rosto do guarda murchou como o de um cão que recebesse um chute.

— Não, senhor, não gostaria.

— Foi o que pensei — replicou o Sr. Picton, voltando-se e continuando a subir a escada à nossa frente.

Assim que chegamos ao segundo andar, ele virou-se para Cyrus:

— Sinto muito, Sr. Montrose — desculpou-se.

— O que aconteceu é comum, senhor — respondeu Cyrus.

— É, e nada útil para nossa causa, exatamente por isso — afirmou o Sr. Picton com outro suspiro profundo. — É uma cidadezinha aparentemente tão *antiquada*, não é mesmo?

O corredor no segundo pavimento era menos grandioso do que a grande entrada do térreo, mas igualmente agradável aos olhos. Havia uma série de portas de carvalho levando à entrada para a galeria da grande sala do tribunal. Demos uma rápida olhada no interior dessa última câmara, pois o tribunal não estava em sessão aquele dia; e embora ali houvesse menos requinte do que na maior parte dos tribunais de Nova York que eu havia frequentado, ainda era belo, com bancos de cerejeira para os espectadores no piso

principal e na galeria, e um estrado alto para o juiz, feito do mesmo material requintado. Baixando os olhos para a sala, comecei a me dar conta de que talvez este pudesse mesmo ser o lugar onde entregaríamos à Justiça a mulher de olhos dourados e muitos nomes, por matar só Deus saberia quantas crianças; e, à medida que meus nervos passaram a se agitar com esse pensamento, comecei a compreender por que o Sr. Picton se perguntara se estávamos de fato prontos para o que pudesse acontecer durante o que viria a ser um julgamento polêmico e provavelmente muito impopular.

O gabinete do Sr. Picton localizava-se na extremidade do corredor, no lado oposto ao da entrada da galeria, depois da esquina formada pelo conjunto de salas muito maior do promotor público. Como um simples promotor-assistente, o Sr. Picton dispunha apenas de duas salas: uma delas era um pequeno espaço para a secretária (embora ele preferisse trabalhar sem ela); a outra, atrás de uma espessa porta de carvalho, uma sala maior que dava vista para a linha e a estação ferroviárias, situadas na base do morro. O gabinete tinha uma grande escrivaninha de tampo corrediço e a costumeira e infundável quantidade de livros jurídicos e arquivos que podiam ser vistos no escritório de qualquer advogado, todos espalhados no que parecia uma grande desorganização. Mas, tão logo nos vimos lá dentro, o Sr. Picton começou a apanhar coisas de uma maneira que mostrava que para ele a desordem fazia perfeito sentido.

— Abram espaço para vocês onde puderem — disse-nos ele.  
— Receio que eu seja um discípulo por demais ardente da filosofia de que, se o escritório está arrumado, a mente está desarrumada. E vice-versa.

— Eu digo amém — concordou o Sr. Moore, rapidamente tirando alguns livros de cima de uma grande poltrona de

couro e então afundando-se nela antes que alguém mais tivesse oportunidade.

Enquanto continuava a examinar alguns arquivos em sua mesa com movimentos rápidos que o faziam parecer um ladrão em ação, o Sr. Picton avistou a Srta. Howard ainda de pé e

então apontou com algum constrangimento para a primeira sala.

— Ah, queira me desculpar, Sara. Tem mais cadeiras lá fora. Moore, seu porco, levante daí e deixe Sara sentar-se!

— Você ainda não a conhece, Rupert — respondeu o Sr. Moore, afundando-se ainda mais na poltrona. — Sara despreza qualquer deferência ao seu sexo.

Cyrus havia trazido uma cadeira de carvalho lá de fora.

— Aqui está, Srta. Howard — disse ele, pondo a cadeira perto dela.

— Obrigada, Cyrus — respondeu ela, sentando-se e, ao fazê-lo, acertando um forte chute na canela do Sr. Moore.

Ele deixou escapar um grito e levantou-se bruscamente.

— Que droga, Sara! Eu *não* vou mais aceitar nenhum insulto! Estou falando sério! Vou para Saratoga começar a jogar imediatamente e você e sua *señora* que se danem!

— Como pode ver, Sr. Picton — disse o Doutor, dirigindo ao Sr. Moore um aviso com os olhos —, o nosso estilo de investigação é um tanto incomum. Mas, por favor, se puder retornar à sua história...



— Certamente, Doutor. — O Sr. Picton entregou-lhe uma folha sobre a mesa. — Aqui está o relatório do xerife sobre o incidente... O nome dele era xerife Jones. Ele já se aposentou.

O Doutor começou a ler o documento rapidamente, enquanto o Sr. Picton narrava o seu conteúdo a nós outros, de uma maneira não só agitada, mas que também insinuava o tipo de dramaticidade de que o homem seria capaz numa sala de tribunal.

— A Sra. Hatch afirmou que, na noite do dia 31 de maio de 1894, ela conduzia a carroça da família após passar a tarde comprando comestíveis e suprimentos de jardinagem na cidade, levando em seguida as crianças até o lago Saratoga para ver o pôr do sol. Por volta das dez horas da noite, segundo ela calculava, na estrada de Charlton, a pouco menos de um quilômetro de sua casa, um homem de cor armado com um revólver saltou de trás de uma série de arbustos e mandou que ela descesse da carroça. Ela se recusou e tentou sair em disparada.

Mas o homem pulou para o lugar do cocheiro e a obrigou a parar. Então, vendo as crianças, disse que se a Sra. Hatch não fizesse tudo que ele mandasse, mataria as três crianças. A essa altura, embora perto da histeria, ela concordou em seguir as ordens do homem.

“Ele lhe disse que descesse da carroça e despisse as roupas. Ela obedeceu ao comando.

Mas, quando estava tirando a roupa de baixo, tropeçou, o que aparentemente fez o homem pensar que ela estava tentando fugir ou apanhar uma arma. O homem então gritou: ‘Sua puta branca nojenta... isso vai ficar na sua consciência!’, e disparou contra cada uma das crianças.

Thomas e Matthew, com três e quatro anos, respectivamente, morreram no ato. Clara, cinco anos e meio, sobreviveu, embora entrasse em coma. O homem, depois dos disparos, saltou da carroça e fugiu de volta para a floresta, deixando a então perturbada Sra. Hatch para primeiro tentar socorrer as crianças e então, ao se dar conta da gravidade da situação, seguir para casa o mais rápido possível. O Dr. Lawrence, um de nossos médicos que faz também as vezes de legista da cidade, foi chamado. No entanto, ele nada pôde fazer. Clara Hatch sobreviveu, mas não recobrou a consciência por algum tempo. Quando isso finalmente aconteceu, descobriu-se que ela havia perdido a capacidade de falar, e também os movimentos da mão e do braço direitos.”

Viam-se algumas expressões silenciosas de tristeza na sala (embora nenhuma de surpresa), assim como o ruído da caneta arranhando o papel, enquanto Lucius fazia anotações.

Então o Doutor perguntou:

— A garotinha foi atingida na cabeça?

O Sr. Picton parecia muito satisfeito com a pergunta.

— Não, Doutor, não foi. A bala entrou pela parte superior do tórax, atravessando-o num ângulo ascendente, e saiu pelo pescoço.

— Mas... isso não faz sentido — disse Lucius baixinho.

— Assim como muitas outras coisas, detetive — replicou o Sr. Picton. — Nosso próximo capítulo — ele entregou outra folha ao Doutor — é o relatório do Dr. Lawrence. Quando ele chegou, a Sra. Hatch e a governanta já haviam transportado as crianças para dentro da casa. A Sra. Hatch estava num

estado de histeria, alternando tentativas de reviver os meninos e ímpetos de correr pela casa... por *todos os quartos* da casa, inclusive o do falecido marido... gritando de maneira incoerente. Lawrence rapidamente verificou que Thomas e Matthew estavam mortos e que o estado de Clara era desesperador. Ele informou tudo isso à Sra. Hatch, provocando-lhe um acesso ainda maior. Ela disse ao Dr. Lawrence... e eu gostaria que os detetives prestassem atenção a isso, particularmente... que o marido durante toda a vida guardara um revólver debaixo do travesseiro e que ela não o tirara de lá após a morte dele. Mas agora, confessou, temia pegar a arma e ferir a si mesma, tamanhos eram seu pesar e sua culpa por permitir que os filhos fossem atacados. Lawrence de imediato administrou-lhe láudano para acalmá-la um pouco e disse à governanta, a Sra. Louisa Wright, viúva que assumira as tarefas domésticas após o casamento de Libby e Daniel Hatch, que apanhasse a arma no quarto do Sr. Hatch e se livrasse dela. Em seguida, o médico fez o que pôde por Clara e mandou buscar em Saratoga um cirurgião especialista.

— E ele fez um relatório sobre os pormenores dos ferimentos das crianças? — indagou Lucius, ainda escrevendo.

— Fez, sim — respondeu o Sr. Picton, entregando-lhe outro papel. — Cada uma recebera um tiro no peito. As balas dos meninos atingiram o coração, enquanto a de Clara, repito, atravessou em ângulo ascendente a parte superior do tórax e o pescoço, raspando na coluna ao sair.

— E a distância? — perguntou Marcus. — Ele arriscou um palpite nesse sentido?

— Arriscou — disse o Sr. Picton, mais uma vez satisfeito por as perguntas certas estarem sendo feitas. — À queima-

roupa. Havia queimaduras de pólvora tanto nas roupas quanto na pele das crianças.

— E onde exatamente elas estavam quando o ataque ocorreu? — quis saber a Srta.

Howard.

— Isso Lawrence não se deu ao trabalho de perguntar — respondeu o Sr. Picton, apanhando mais uma ficha. — Tampouco o xerife Jones. Vejam, ambos aceitaram a história prontamente. Jones, porém, telefonou para minha casa e me pediu que eu fosse até lá...

acreditando perfeitamente que eu também aceitaria a história da Sra. Hatch.

— E o senhor não aceitou? — perguntou o Doutor.

— Não, não. Veja, eu havia... *encontrado* Libby Hatch várias vezes desde meu retorno a Ballston Spa. Aquela ali, que vocês podem ver do outro lado da Bath Street, é a igreja

presbiteriana — ele apontou pela janela e todos olhamos, vislumbrando uma estrutura de tamanho considerável, com um campanário, mais antiga e menos luxuosa do que as outras igrejas na High Street —, onde ela e Hatch se casaram, e que eles frequentavam. Às vezes, depois da igreja, aos domingos, eu ia para casa caminhando e acabamos sendo apresentados por conhecidos mútuos. — O Sr. Picton fez uma pausa, olhando para os homens ali na sala. —

Não preciso lhes dizer como é ser apresentado a Libby.

— Não, não precisa — disse o Sr. Moore, um arrepio percorrendo-lhe o corpo. — Mas o que ela poderia querer de

você, Rupert?

— Vou ignorar o insulto implícito nessa pergunta, John — retrucou o Sr. Picton — e dizer apenas que eu mesmo fiquei desconcertado com seus modos coquetos e sedutores. Em retrospectiva, porém, percebo que ela estava tentando garantir alguma segurança para si mesma quando a crise inevitável viesse.

— Crise? — indagou Marcus.

— A morte de Hatch. Acredito que já naquela época ela estivesse planejando matá-lo e quisesse se acobertar, tentando cultivar uma amizade no gabinete do procurador-geral, ciente de que teríamos de ao menos examinar a morte, quando esta acontecesse. E seu método, sou obrigado a reconhecer, foi bem concebido, pelo menos objetivamente. As conversas comigo, ela as dividia entre indagações sobre questões no gabinete do procurador e aquelas observações coquetos, sedutoras, com as quais tentou seduzir também vocês. — O Sr. Picton fez uma pausa, olhando pela janela em direção à igreja. — Mas, no meu caso, ela calculou mal...

— Verdade? — perguntou o Doutor, pressentindo que estava prestes a obter uma pequena e proveitosa informação a respeito do Sr. Picton. — E por quê?

— Bem, Doutor — começou o Sr. Picton, voltando-se para nós —, entenda, estou muito além dessas coisas. Muito além delas. — Por um único instante, sua atenção pareceu dispersar-se. — Já vi esse comportamento muitas vezes... — Ele estremeceu violentamente. — Como qualquer pessoa que tenha trabalhado na promotoria da cidade de Nova York. É, acho que desde o começo eu estava numa posição capaz de detectar a verdadeira natureza de Libby Hatch!

Pude perceber que o Doutor acreditava nessa última afirmação, mas também podia ver que ele não a aceitava como explicação completa para as suspeitas do Sr. Picton. Este, porém, ainda não conhecia o Doutor o suficiente para reconhecer esses fatos por si só, e assim simplesmente prosseguiu com sua história.

— Tive minhas dúvidas sobre a morte de Daniel Hatch, quando ela finalmente aconteceu, mas não havia como investigar. O Dr. Lawrence tinha citado como causa um tipo de doença cardíaca inexplicada, apesar de o velho não ter qualquer histórico nesse sentido. Mas para o promotor isso bastava. Entretanto, quando as crianças foram atacadas, bem... eu fiz questão de tomar cuidado para que obtivéssemos todos os fatos. Assim sendo, eu mesmo fui à casa dos Hatches para a investigação. Era uma cena horrível, eu lhes asseguro... sangue por toda parte, e a pobrezinha da Clara... Libby, porém, havia sido acalmada pelo láudano, e portanto resolvi tentar conseguir alguns detalhes. Segundo ela, as crianças viajavam na parte traseira da carroça, com os suprimentos de jardinagem. Estavam de costas para o assento do cocheiro e de frente para a parede dianteira da carroceria, e Clara segurava o pequeno Thomas. Libby

afirmou que lhes dissera que ficassem onde estavam quando o atacante apareceu, e que as crianças haviam obedecido.

— O que significa — anunciou Marcus — que o “atacante” precisava ter braços muito compridos.

— É — concordou o Sr. Picton. — Ou ela estava enganada ou mentindo. Da boleia, ninguém conseguiria virar-se e atirar à queima-roupa no peito de três crianças que se encontravam abaixo dessa pessoa, na carroceria, e cujos corpos estavam

voltados para a direção oposta. E mesmo que conseguisse tal ângulo, certamente uma das outras crianças teria se mexido com o primeiro disparo, impedindo a execução à queima-roupa de todos os três. E

ainda restava a questão de por que o homem não atirou contra Libby também... afinal, fora ela quem vira seu rosto claramente. A explicação dada por Libby era a de que ele deveria ser louco e que não havia explicações para o que os loucos faziam... não exatamente o tipo de resposta que inspire muita confiança. O mais perturbador de tudo, porém, era sua atitude em relação a Clara. A mulher parecia não ter problemas em prantear sobre os corpos dos meninos, abraçando-os, beijando-os... porém mal podia se aproximar da filha, e suas perguntas constantes ao Dr. Lawrence se a menina iria ou não recuperar a consciência pareciam advir de uma variedade de emoções. O luto não era exatamente a mais forte delas, no meu modo de pensar. A culpa também estava muito evidente, embora essa pudesse talvez ser atribuída ao seu fracasso em proteger os filhos. Mas pareceu-me ver também o medo em sua expressão.

— O xerife organizou uma busca? — indagou o Sr. Moore.

— Imediatamente. Foi fácil reunir voluntários e a área foi vasculhada com cães durante toda aquela noite e os dias seguintes. Fizeram perguntas em todas as cidades vizinhas e homens que conheciam bem os morros, homens que normalmente teriam relutado em se envolver em tais questões foram convencidos a dar uma busca em todo e qualquer possível esconderijo nos morros, tamanha foi a emoção que o caso provocou. Mas, como eu lhes disse, nenhum vestígio do homem jamais foi encontrado.

— E quanto ao dinheiro? — perguntou a Srta. Howard. — Certamente alguém mais, além de você, considerou o fato

de que a Sra. Hatch ganharia com a morte dos filhos, não é?

— Você esperaria isso, não é mesmo, Sara? — replicou o Sr. Picton. — Mas receio que se enganaria. Abordei o assunto exatamente uma única vez, com o promotor. Ele me disse que, se eu quisesse cometer um suicídio profissional, seguindo essa linha de investigação, podia ir adiante... mas que não teria qualquer ajuda de sua parte ou de qualquer outra pessoa na promotoria! Fiz o que pude nos meses subsequentes: como disse antes, verifiquei os registros do condado, escrevi algumas cartas... Mas Libby foi embora de Ballston em questão de semanas, começando a trabalhar com os Vanderbilts, em Nova York. Afinal, ela não tinha qualquer perspectiva aqui... pelo menos, nenhuma que servisse a uma mulher de natureza inquieta e ambiciosa, como a dela. Apenas um pequeno estipêndio, uma velha casa decrépita e uma filha cuja recuperação seria longa e dolorosa, exigindo atenção e cuidado constantes.

— E por falar nisso — lembrou o Doutor —, a menina foi deixada aos cuidados de quem?

— De um casal que mora na estrada de Malta — respondeu o Sr. Picton, tirando novamente o relógio do bolso e olhando-o. — Eles já haviam adotado dois órfãos e estavam mais do que dispostos a cuidar de Clara. Estão nos esperando daqui a pouco.

O Doutor pareceu ligeiramente surpreso, mas, ao mesmo tempo, satisfeito.

— Claro que é completamente coerente que a Sra. Hatch quisesse evitar cuidar ela própria da criança — afirmou o Doutor. — Mas diga-me uma coisa: quando ela foi embora, os médicos haviam-lhe assegurado que Clara nunca mais falaria?



— Ah, sim, de fato! — disse o Sr. Picton. — Eles achavam que era impossível, embora até mesmo *eu* questionasse por que um ferimento na coluna cervical impedisse a capacidade da fala. Os médicos daqui, porém, não são o que se pode chamar de brilhantes... ou mesmo, em alguns casos, competentes. — O Sr. Picton fechou o relógio com um estalido e tornou a guardá-lo. — Mas precisamos ir — anunciou ele, começando a dirigir-se à porta. — Receio que os Westons... é este o nome do casal... não queiram que Clara se sinta acabrunhada por visitas, assim eu lhes disse que iria levar somente o senhor, Doutor. A garota está ainda bastante frágil no aspecto emocional, e é extremamente tímida em relação a estranhos... na verdade, a pessoas em geral. Espero que não se importem.

— Não — disse a Srta. Howard —, é perfeitamente compreensível.

— Vamos voltar à minha casa e apanhar a carruagem — o Sr. Picton avisou ao Doutor. —

Quanto a vocês, tem uma cocheira de aluguel bem perto daqui e os preços deles são bem razoáveis. Afinal, há muitas outras coisas que vocês podem ver e fazer.

— Com toda certeza — concordou Lucius. — Alguma chance de conseguir aquele quadro-negro ainda hoje?

— Deve chegar no máximo à noite — respondeu o Sr. Picton.

— E quanto à velha casa dos Hatches? — indagou Marcus.  
— E a carroça e a arma do Sr.

Hatch... o que aconteceu com elas?

— A casa e a propriedade estão disponíveis para nossa inspeção — afirmou o Sr. Picton.

— O Sr. Wooley, da cocheira, pode facilmente lhes indicar o caminho até lá. A carroça ainda se encontra na estrebaria, embora eu acredite que esteja caindo aos pedaços. Quanto à arma, isso é um pouco mais complicado. Ou melhor, bem mais complicado. A Sra. Wright me disse que a embrulhou e a jogou num poço seco, que vocês irão encontrar a cerca de cem metros morro abaixo, atrás da horta. Provavelmente vocês irão querer levar os arquivos — ele entregou a pilha de papéis a Marcus — para que possam examinar os detalhes durante o trajeto.

— Só mais uma coisa antes de irmos — disse a Srta. Howard. — As crianças... você por acaso sabe se foram cuidadas por amas de leite quando eram bebês?

— Amas de leite? — repetiu o Sr. Picton. — Não, não sei. Mas não deve ser muito difícil descobrir... A Sra. Wright ainda mora aqui na cidade. Por que, Sara?

— Só estou tentando explicar a idade das crianças. Se sobreviveram até ali, deve haver uma razão.

O Dr. Kreizler fez um gesto afirmativo com a cabeça e seguiu o Sr. Picton, passando para o corredor.

— Parece razoável. Estou certo de que a Sra. Hastings pode lhes dizer como entrar em contato com a governanta, Sara. Agora, Sr. Picton... em relação à nossa visita. Eu certamente compreendo a delicadeza da situação, mas, ainda assim, gostaria que tanto Cyrus quanto Stevie nos acompanhassem. Se o senhor não se importa.

O Sr. Picton parou no alto da escadaria de mármore, olhando de Cyrus para o Doutor, pouco à vontade.

— Dr. Kreizler... Sr. Montrose... não quero parecer rude, mas... com certeza vocês compreendem o risco...

— Eu entendo — replicou o Doutor. — E, no caso improvável de a história da Sra. Hatch vir a ser verdade, será grande a minha responsabilidade.

— Bem... — O Sr. Picton começou a descer as escadas no que, para ele, era um passo lento, embora ainda fosse mais rápido do que o ritmo do restante de nós. — Está bem, mas...

— Ele voltou-se para mim e para Cyrus. — Aviso a vocês dois que a situação é muitíssimo delicada. Tenho que respeitar os sentimentos dos Westons, entendam, e os de Clara também...

eu e ela nos tornamos bons amigos, a pobrezinha... e muito me desagradaria que vocês percorressem o trajeto até lá e então fossem forçados a esperar na carruagem...

O Doutor alcançou o Sr. Picton e pousou a mão em seu ombro.

— Fique calmo, Sr. Picton — disse ele com um breve sorriso. — Não creio que isso vá ser necessário. — O Doutor pensou no assunto mais um instante, então continuou a descer os degraus. — Não, não creio em absoluto que isso vá ser necessário.

### **CAPÍTULO 30**

Depois de voltarmos à casa do Sr. Picton e embarcarmos em sua carruagem, começamos a viagem à fazenda dos Westons, seguindo para o lado leste da cidade, onde Cyrus (que se oferecera para conduzir o veículo) seguiu as indicações do Sr. Picton e nos guiou para a Malta Avenue, assim chamada porque mais adiante transformava-se numa estrada que levava a uma cidade do mesmo nome. Assim que nos vimos em segurança nessa via de tráfego mais

intenso, o Sr. Picton começou a pedir detalhes sobre o caso Linares e sobre tudo por que passáramos durante as últimas semanas em Nova York. O Doutor lutava para acompanhar a avalanche de perguntas, especialmente quando, apesar de todo o ritmo alucinado, iam direto ao âmago do caso.

Assim que deixamos para trás a cidade, mais uma vez as fazendas e os bosques tomaram conta dos campos à nossa volta; e enquanto os observava passar à luz do fim da tarde, tentei imaginar a cena de roubo e assassinato que Libby Hatch afirmara ter ocorrido numa estrada que não podia ser muito diferente daquela ao longo da qual seguíamos. Era um belo cenário, onde brilhavam o ouro e o verde, à maneira que brilha o vale do Hudson durante o mês de julho; mas, ainda assim, não era difícil imaginar a violência marcando com cicatrizes tal lugar, pois eram estradas desertas essas trilhas de terra batida que levavam de uma cidadezinha a outra, sem qualquer sinal de civilização exceto uma ocasional casa de fazenda. Nelas, um criminoso esperto podia ganhar a vida razoavelmente. No entanto, havia detalhes na história de Libby Hatch que não se encaixavam na ideia de um criminoso inteligente. Mesmo se levando em conta a qualidade isolada do ambiente, algumas coisas no suposto ataque não faziam sentido, principalmente para alguém que já convivera com assassinos, ladrões e estupradores, como era o meu caso.

Por exemplo: por que o “atacante” desistira do assalto, uma vez que vira que a Sra. Hatch não tinha arma? E por que matar as crianças, e não a mulher que poderia identificá-lo? E se ele era tão estúpido ou ensandecido ao ponto de ser capaz de tais coisas, como é que de repente se tornara esperto bastante para fugir a uma série de grupos de busca que passara dias a fio no seu encalço? Não, estava óbvio até mesmo para mim que Libby Hatch confiara em que as emoções e não a razão dominariam seus concidadãos

quando ouvissem sua história; e tivera razão também, até agora. Mas até agora era apenas até agora...

O sítio dos Westons era uma propriedade humilde porém bem-sucedida, localizada numa saída à direita da estrada de Malta, a cerca de dois quilômetros e meio de Ballston Spa. Eles criavam vacas leiteiras e galinhas e plantavam verduras e legumes para vender durante o verão e o outono. O Sr. Picton nos contou que o casal nunca conseguira ter filhos e que, quando duas tragédias na cidade — uma delas um acidente ferroviário, a outra um nascimento ilegítimo —

deixaram duas crianças sem família, os Westons as acolheram. Haviam feito um trabalho tão bom e generoso na criação de ambos que, imediatamente, aos primeiros indícios de que Libby

Hatch não iria ficar ali para tomar conta da pequena Clara, o Sr. Picton pensara numa solução semelhante. À medida que nos aproximávamos da alameda que levava da estrada principal até a casa retangular e revestida com tábuas dos Westons, o Sr. Picton nos disse que, embora pudéssemos falar à vontade diante do Sr. e da Sra. Weston, precisaríamos ter cuidado com o que disséssemos na presença das crianças: elas não tinham conhecimento de todas as suspeitas do Sr. Picton referentes ao caso Hatch e, tendo em vista a rapidez com que boatos e notícias se espalham numa cidade tão pequena, não podíamos nos arriscar a que descobrissem alguma coisa antes de estarmos prontos a trazer qualquer informação a público.

Em seguida a esse aviso, o Sr. Picton indagou, ansioso, sobre o motivo de o Doutor ter-se mostrado tão determinado em que eu viesse nessa visita.

— Espero que perdoe a pergunta, Doutor — disse ele. — E você também, Stevie. Entendo, naturalmente, a importância da reação de Clara ao Sr. Montrose...

— Desde que os Westons não tenham predisposto a mente da menina nesse sentido —

interrompeu-o o Doutor.

— Ah, não, em absoluto — respondeu o Sr. Picton prontamente. — Venho até aqui visitar Clara regularmente. Os Westons, repito, estão cientes de minhas suspeitas em relação a Libby, e embora nunca tenham me dito claramente, creio que esses anos em que tomaram conta da filha dela plantaram em sua mente dúvidas em relação à honestidade da mulher. — Ele fez uma pausa, olhando para mim. — Mas Stevie... qual será o papel *dele*?

O Doutor fitou-me com um sorriso.

— Stevie, embora ele odeie admitir, exerce um efeito único e tranquilizador em crianças perturbadas. Já tive oportunidade de observar o fato muitas vezes em meu Instituto. E acho que, ao trazermos pelo menos uma pessoa que não seja adulto, pareceremos bem menos ameaçadores.

— Entendo... — replicou o Sr. Picton.

— Mas, diga-me — prosseguiu o Doutor —, ela não falou uma única palavra desde o ataque? Nem um som?

— Sons, ocasionalmente, sim — respondeu o Sr. Picton. — Mas nenhuma palavra.

— E quanto à comunicação escrita?

— Sem sorte também. Sabemos que ela tem essa capacidade. A Sra. Wright, a governanta, ensinou-lhe as noções básicas tanto da leitura quanto da escrita. Mas, desde o ataque, Clara não praticou nem uma coisa nem outra. O Dr. Lawrence e seus colegas atribuíram o fato ao dano na coluna. O senhor pode não acreditar, Doutor, mas eles chegaram a me dizer que o ferimento deve ter tido algum efeito indireto em todo o sistema nervoso da menina!

O Doutor quase cuspiu de repugnância.

— Idiotas!

— É — concordou o Sr. Picton. — De fato, devo dizer que eles nunca examinaram o caso com muito empenho. Não que eu tenha conseguido me sair muito melhor. Tentei de todas as maneiras que me ocorreram fazê-la me dizer alguma coisa, qualquer coisa, sobre o que aconteceu. Mas não tive sorte. Espero que o senhor tenha experiência em fazer com que pessoas com traumas dessa natureza se comuniquem, Doutor, pois essa garotinha é um caso difícil.

Cyrus e eu nos entreolhamos rapidamente e então eu me virei, olhando para a frente. O Sr.

Picton, claro, não tinha como saber o que acabara de dizer, saber exatamente que tipo de experiência ao mesmo tempo doce e amarga o Doutor *tivera*, estabelecendo contato com pessoas — especialmente com uma delas — proscritas pela sociedade como incapazes de se comunicar com o resto do mundo. Pois o amor perdido do Doutor, Mary Palmer, sofrera exatamente desse mal e os esforços dele em encontrar um meio de comunicar-se com ela haviam determinado o começo do elo que se estabelecera entre eles e que durara até a morte dela.

— Eu... creio que conheço algumas técnicas que talvez venham a ser eficazes — foi tudo o que o Doutor disse.

— Tinha esperanças de que conhecesse — replicou o Sr. Picton. — De fato, esperava isso mesmo. Ah, e mais um pedido, Doutor: quando vir Clara, preste atenção à cor da menina.

— A cor? — repetiu o Doutor.

— Cabelos, olhos e pele — prosseguiu o Sr. Picton, com um gesto afirmativo da cabeça.

— No caminho de volta, vou lhe contar algo a esse respeito que o senhor achará interessante...

Enquanto percorríamos a longa alameda que levava à casa dos Westons, avistamos um homem de meia-idade e braços musculosos, e um garoto que parecia um pouco mais velho do que eu, de pé à beira de um trecho de pasto, localizado entre a casa e o riacho que corria na base de um morro coberto de árvores altas atrás da casa. Os dois lutavam com um pedaço de arame farpado, tentando emendá-lo. Do outro lado da casa, havia uma grande horta, onde uma jovem que não teria mais de vinte anos e uma mulher mais velha capinavam e plantavam.

Como o homem e o garoto, vestiam roupas de trabalho surradas e empenhavam-se no trabalho com uma determinação que era ao mesmo tempo plena de entusiasmo e de uma certa frustração. Era o tipo de atitude que eu vira em muitos outros agricultores ao longo dos anos: os modos das pessoas que precisavam lutar contra tudo que a Natureza e a sociedade dos homens pode pôr em seu caminho apenas para ir vivendo, mas que ainda assim têm um estranho amor por aquela vida levada em comunhão com a terra.



Havia ainda um quinto membro dessa pequena família, uma garota que, eu já sabia, estava prestes a completar nove anos e que não se encaixava no cenário de tranquilidade à sua volta tão descontraidamente quanto os outros. Seu vestido não servia ao trabalho: mesmo com dois braços e mãos bons, uma criança da idade dela não seria capaz de realizar o tipo de trabalho físico que um lugar como aquele requeria, e era óbvio, mesmo a distância, que a garotinha podia usar apenas um dos membros superiores. Ela estava simplesmente sentada à beira da horta, tendo no colo uma boneca e o que parecia um grande bloco de papel, a mão esquerda boa cobrindo o papel repetidamente com algum instrumento de escrita ou desenho.

O cheiro de esterco nos alcançou a cerca de cinquenta metros da casa, que se erguia perto de um grande estábulo de tijolos vermelhos. Quando viram nossa carruagem aproximando-se, todos os cinco residentes vieram em nossa direção, deixando de lado suas tarefas. De todos a garotinha era quem andava mais devagar e cautelosamente, precisando ser impelida pela mulher. À medida que chegavam mais perto, pude ver que o casal Weston aparentava quarenta ou cinquenta anos, as rugas profundas na pele coriácea e os cabelos grisalhos tornando impossível qualquer estimativa exata. Tinham rostos francos e benevolentes, mas isso não queria dizer muita coisa para mim: algumas das piores pessoas que já haviam cruzado meu

caminho eram pais adotivos de aparência bondosa — vários deles agricultores — que acolhiam crianças pobres da cidade e tratavam-nas como escravos, ou ainda pior. Os dois jovens, porém, pareciam bastante felizes e saudáveis, e portanto não havia muito motivo para que eu desconfiasse do casal.

Quando o Sr. Weston — Josiah, como viemos a descobrir que era seu nome — se aproximava do Sr. Picton, lançou um olhar tão inquieto em direção a mim e a Cyrus que nos deixamos ficar um pouco para trás, destacando-nos dos outros.

— Achei que tivesse ficado claro que só haveria um visitante, Sr. Picton — disse ele.

— Eu sei, Josiah — replicou o Sr. Picton. — E este é o Dr. Kreizler. — O Sr. Weston limpou a mão antes de apertar a do Doutor. — Mas o outro cavalheiro e o garoto trabalham com ele, e o Doutor acha que pode precisar deles a fim de avaliar com acurácia a situação.

Josiah Weston assentiu, não exatamente feliz, mas tampouco com hostilidade. Em seguida, a mulher falou:

— Sou Ruth Weston, Doutor, e estes são nossos filhos, Peter e Kate. E, escondida em algum lugar por aqui — prosseguiu ela, fingindo procurar atrás de sua saia, onde Clara se protegia —, encontra-se uma outra senhorita...

Clara não fez nenhum movimento para se mostrar. Vendo isso, Peter sorriu e disse:

— Vamos terminar o que pudermos enquanto tem luz, papai. Venha, Katie, me ajude aqui.

Os dois voltaram à tarefa de emendar a cerca de arame. Pareciam bastante contentes enquanto trabalhavam, e daí deduzi que haviam de fato sido bem tratados durante os anos em que viviam com Josiah e Ruth Weston. Assim que se foram, a pequena Clara começou a surgir lentamente por trás da Sra. Weston, o bloco de papel e a boneca enfiados debaixo do braço esquerdo e um punhado de lápis firmemente seguros na mão do mesmo lado.

— Puxa! — exclamou o Sr. Picton, alegre mas delicadamente. Ele avistara Clara, mas olhava à sua volta como se não houvesse visto. — Onde está a minha garotinha? Eu detestaria pensar que percorri todo esse caminho só para descobrir que ela desapareceu... Nenhum sinal dela? Muito bem, então... Obrigado, de qualquer forma, Ruth, mas acho que teremos de voltar para a cidade.

O Sr. Picton começou a caminhar em direção à carruagem e então Clara saiu apressada do esconderijo, indo puxar a barra do paletó dele com as partes do polegar e indicador que não estavam ocupadas em segurar os lápis. Nesse momento, pude vê-la bem pela primeira vez (embora, na verdade, fosse a segunda vez em que a observava, já que vira sua imagem na fotografia do grupo escondida na escrivaninha do número 39 da Bethune Street). Era uma menina magrinha, com cabelos castanho-claros arrumados numa ampla trança atrás da cabeça; os olhos tinham um tom semelhante ao do cabelo (embora eu tenha percebido, com alguma inquietude, que apresentassem um toque mais dourado); e a pele era pálida, com bochechas rosadas. Como a maioria das crianças que viram numa tenra idade o que ninguém deveria ver, os movimentos retraídos de Clara tinham eco no lastimável nervosismo de seu rosto silencioso.

Fazendo meia-volta em fingida surpresa, o Sr. Picton abriu um amplo sorriso.

— Ora, ei-la aqui! Ela surge do nada, essa menininha aí, Doutor, e nunca me ensina o truque! Venha conhecer um amigo meu, Clara.

Ainda agarrada à barra do casaco do Sr. Picton, a garotinha seguiu-o até o Doutor.

— Dr. Kreizler, esta é Clara. Clara, o Dr. Kreizler trabalha com centenas e centenas de crianças em Nova York, a cidade onde contei a você que já morei. E ele veio de tão longe...

— De tão longe — interrompeu-o o Doutor, dirigindo ao Sr. Picton um sorriso significativo, que dizia que dali em diante ele assumiria — para ver seus desenhos. — Ele ajoelhou-se para fitá-la. — Você gosta muito de desenhar, não é, Clara?

A menina assentiu com um gesto da cabeça; mas era muito mais do que um simples gesto, todos podíamos ver. Era também uma espécie de pedido: um desejo, talvez, de que o Doutor lhe perguntasse mais. E o mais engraçado era que, embora Cyrus e eu permanecêssemos um pouco afastados, compreendemos aquele momento melhor do que os Westons ou o Sr. Picton, pois víamos o Doutor usar o mesmo truque com muitas outras crianças em seu Instituto.

Desenhar, pintar, modelar a argila — estas eram algumas das formas mais rápidas de levar uma criança pequena, que sobrevivera a algo sobre o que simplesmente não conseguia falar, a começar a se comunicar. Era esse o motivo por que o Doutor mantinha tantos tipos de materiais artísticos em seu consultório no Instituto.

— É, pensei que gostasse — prosseguiu o Doutor, lentamente erguendo um dedo para apontar o punho fechado de Clara. — Já que você tem tantos lápis. Mas nenhum *colorido*. —

Ele fingiu uma expressão preocupada, e então seu rosto se iluminou. — Sabia que existem lápis coloridos, Clara?

Os olhos castanho-claros arregalaram-se e Clara balançou a cabeça para assinalar que, embora até então ignorasse a existência desses lápis, certamente gostaria de ter alguns.

— É, sim. De todas as cores que você puder imaginar — respondeu o Doutor. — Amanhã vou lhe trazer alguns da cidade... pois você precisa *mesmo* de lápis coloridos para desenhar as coisas como elas são de verdade, não é? — Clara assentiu. — Meus amigos e eu às vezes desenhemos também — afirmou o Doutor, com um gesto indicando a mim e a Cyrus. — Você gostaria de conhecê-los? — Seguiram-se mais gestos afirmativos da cabeça e então o Doutor fez sinal para que nos aproximássemos. — Este é meu amigo Stevie — apresentou ele, apontando para mim.

— Ei, Clara — falei, sorrindo para ela. — Sua amiga desenha também? — Apontei para a boneca e Clara abanou a cabeça com vigor, batendo com os lápis no peito. — Ah, entendi...

desenhar é com você. Ela que descubra sua própria diversão.

Os ombros de Clara começaram a subir e descer, e um som áspero, que poderia passar por uma risadinha, saiu de sua garganta.

Finalmente era a hora do grande teste: o Doutor apontou para Cyrus.

— E este é meu amigo, o Sr. Montrose — disse ele.

Durante cerca de quinze segundos Clara fitou Cyrus com uma expressão impossível de interpretar. *Alguma coisa* se passava na sua cabecinha, isso estava claro — e embora nenhum de nós pudesse ainda dizer o que fosse, era óbvio, pela maneira como Clara se mantinha firme e calma, que *não* era terror. Mas deveria ter sido: se alguma parte da complicada história de Libby Hatch fosse verdadeira, se algo semelhante ao infame ataque pelo misterioso negro na estrada de Charlton tivesse de fato acontecido, então, ao olhar para Cyrus, a garotinha deveria ter fugido em disparada para o morro, ou pelo menos para a segurança da saia de sua mãe adotiva.

Mas não fugiu.

Finalmente Cyrus sorriu com gentileza e curvou-se.

— Olá, Clara — cumprimentou ele, sua voz soando especialmente grave e tranquilizadora.

— Sabe, quando *eu* era um garotinho, desenhei uma casa maravilhosa. — Ele ajoelhou-se para fitá-la nos olhos. — E você sabe o que é mais estranho? — Clara estudou o rosto de Cyrus intensamente e então balançou a cabeça devagar. — O estranho é que agora eu *moro* nessa casa... É a casa do *Doutor*.

Clara pensou sobre aquilo por mais alguns segundos; então estendeu o bloco de desenho na direção de Cyrus.

Ali estava rabiscado um esboço rudimentar da casa dos Westons. Cyrus sorriu e Clara mais uma vez deixou escapar aquele estranho ruído da garganta.

— Ora, ora — disse Cyrus, baixinho. — Então aconteceu com você também.

Nenhum de nós jamais descobriu se Cyrus tinha visto de relance o que havia no bloco de Clara Hatch antes de lhe dizer aquelas palavras, pois, àquela maneira um tanto divertida, um tanto maliciosa, que ele às vezes apresentava, sempre se recusou a nos dizer. Mas isso de fato não tinha importância. O que importava era que, no momento em que contou a Clara sua historinha, podia-se sentir a confiança começar a fluir da menina: enfiando os lápis debaixo do braço com os outros pertences, Clara afastou-se de Cyrus e pegou a mão do Doutor, um gesto que fez com que Ruth Weston arquejasse e Josiah Weston levasse a mão à boca, perplexo. A menina então levou o Doutor até o Sr. Picton, pousando-lhe os dedos sobre o peito da boneca com muito cuidado, e levantou o rosto, lançando ao Sr. Picton um olhar inquiridor.

O Sr. Picton lentamente abriu um sorriso.

— Ah, isso mesmo — disse ele, baixinho. — Isso mesmo, Clara. Com certeza o Doutor vai fazer sua filhinha melhorar. Esse é o trabalho dele, fazer com que as crianças se sintam melhor.

Talvez fosse melhor você levá-lo para dentro e mostrar o que ela tem.

A menina voltou a segurar a mão do Doutor, mas, antes de ir a qualquer lugar, olhou para a Sra. Weston.

— É claro — concordou a mulher, lendo outra pergunta no rostinho. — Vou com vocês.

Talvez o Doutor possa ajudar alguns dos seus outros amigos também.

Os três dirigiram-se à casa e entraram.

— Isso foi incrível! — exclamou em voz baixa o Sr. Weston, coçando a cabeça. — Há três anos que ela está aqui e nunca a vi afeiçoar-se a um estranho dessa forma.

— Como eu lhe disse, Josiah — replicou o Sr. Picton —, o Dr. Kreizler não é uma visita comum! É único em seu campo, pode-se dizer... E seu campo é composto de casos como o de Clara. Bem, e então, Stevie? Cyrus? Vamos entrar também?

Cyrus assentiu e começou a caminhar em direção à porta com o Sr. Picton e o Sr. Weston.

Mas fiquei onde estava.

— Se não se importa, senhor — disse eu —, acho que já cumpri meu propósito aqui. A menos que queiram algo mais, eu gostaria de ir até a velha casa dos Hatch e ver o que os sargentos-detetives estão aprontando.

O Sr. Picton lançou-me um olhar levemente confuso.

— Fica a quase cinco quilômetros daqui, Stevie.

— Eu sei, senhor. Mas estou acostumado a andar. E posso achar o caminho.



O Sr. Picton assentiu.

— Muito bem. Nós o veremos em casa então.

Olhei para Cyrus, que me deu o OK com um leve movimento da cabeça. Começando a correr pela alameda, de repente me lembrei das boas maneiras e virei-me a fim de gritar:

— Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Weston!

— O quê? — respondeu o homem, ainda meio atordoado pelo que havia testemunhado. —

Ah... sim, e a você também, meu filho! — gritou ele com um pequeno aceno, enquanto continuava a guiar o Sr. Picton e Cyrus em direção à casa. Assim que entraram, disparei a toda a velocidade, esperando até estar bem longe da fazenda para acender um cigarro.

## **CAPÍTULO 31**

Eu ainda não percorrera metade do caminho de volta à cidade quando comecei a me perguntar que ideia brilhante fora essa de caminhar cinco ou seis quilômetros sozinho por aquelas sombrias estradas rurais. O sol ia se aproximando cada vez mais do topo das árvores, mas, mesmo ao meio-dia, os sons estranhos e fugidios que vinham daqueles bosques teriam sido inquietantes. Assim, quando me vi novamente nos arredores de Ballston Spa, uma mistura peculiar de alívio e decepção por estar de volta à “civilização” tomou conta de mim. Continuei a andar depressa, entrando na Charlton Street, estrada esta que, como a Malta Avenue, tirava seu nome da cidade onde ia dar. Não muito depois, eu me via outra vez em meio a fazendas e bosques, seguindo para sudoeste, atravessando campos ainda mais desabitados do que as terras que se estendem ao leste de Ballston Spa. Eu tinha pouco mais de

três quilômetros para cobrir e estava determinado a desfrutar a aventura e não me deixar envolver pelo medo outra vez; mas devo admitir que não foi preciso mais do que o pio de uma única coruja para me lançar de uma caminhada apressada a uma corrida precipitada e, quando por fim comecei a ouvir, a distância, vozes humanas familiares, já estava tão nervoso que de fato abri um sorriso e senti algumas lágrimas de alívio me aflorarem aos olhos.

A visão da velha casa dos Hatch, porém, quando finalmente a alcancei, foi o suficiente para fazer com que um arrepio de puro medo voltasse a percorrer meu corpo, e me peguei me perguntando se não teria sido melhor ficar na casa dos Westons. Pois, se a alegre fazenda onde eu estivera tinha uma imagem inversa, esta era o lugar do qual eu me aproximava, disso não restava dúvida. Não havia vestígio de tinta nas paredes externas do velho edifício de dois andares, apenas um revestimento escuro que com o tempo havia adquirido uma tonalidade enegrecida de marrom, o que quase fazia parecer que toda a casa tinha sido consumida pelo fogo sem de fato ser destruída. Havia sebes grandes e rebeldes crescendo tanto fora quanto dentro das janelas quebradas no andar térreo. No terreno dos fundos, erguia-se um imenso carvalho morto, sob o qual viam-se algumas pedras de sepultura antigas e gastas, encerradas por uma cerca enferrujada. O jardim da frente, por sua vez, tinha praticamente se transformado num campo de feno, e mal se podia ver o estábulo caindo aos pedaços, em razão de um grupo de bordos novos que cresciam ali e de parreiras que haviam brotado diante da construção.

Percebia-se a evidência de algum tipo de vida derramando-se através da porta de entrada pelo chão — garrafas quebradas, latas enferrujadas, urinóis amarelados e bacias de ablução —, mas estavam todos espalhados de forma a indicar que o lugar se tornara nada mais nada menos do

que um ponto popular para as crianças da vizinhança, quando tomadas pelo espírito arruaceiro.

Um grande espaço retangular, que um dia provavelmente fora a horta, constituía o lado oposto do quintal: arbustos, ervas daninhas e o próprio tempo estavam liquidando rapidamente a cerca que um dia a encerrara. Por fim, além desse último sinal de obra humana via-se a orla do bosque, uma linha que se esforçava ao máximo para voltar a dominar toda a área.

Lembrava-me de ter ouvido o Sr. Picton dizer que o poço ficava além da horta, e assim comecei a avançar com dificuldade em meio à grama e aos arbustos demasiadamente grandes do jardim na frente da propriedade, até chegar ao topo de um morro alto à margem do bosque.

Eu ainda não conseguia ver os outros, embora pudesse ouvi-los. Assim, juntei as mãos em concha diante da boca e gritei:

— Sargentos-detetives? Sr. Moore?

— Stevie? — ouvi o Sr. Moore responder. — Estamos aqui!

— Onde é “aqui”?

— Tome a esquerda quando descer do morro! — respondeu ele. — Estamos bem atrás de um grupo de pinheiros! — Comecei a seguir as instruções e então ouvi a voz do Sr. Moore mais uma vez: — Ah, droga, Lucius! Não dou a *mínima* para que espécie de pinheiros é essa!

Quando havia descido a metade do morro, de fato avistei o Sr. Moore e Marcus, de pé, em mangas de camisa, sobre uma série de grandes pedras desmoronadas, no centro da

qual havia um buraco grande o bastante para que um homem passasse por ele. Uma tampa de madeira para o buraco jazia a um dos lados do monte de pedras. O Sr. Moore e Marcus haviam colocado um robusto galho de árvore atravessado sobre o buraco e lentamente puxavam uma corda grossa pela abertura. Por meio dos sons que ecoavam vindos da escuridão lá embaixo, deduzi que Lucius se encontrava dentro do poço.

— Ai! — gritou ele. — Dá para vocês tomarem mais cuidado, droga?

— Ah, pelo menos uma vez na vida, pare de se lamuriar! — replicou Marcus.

— Lamuriar? — devolveu Lucius. — Essa é boa! Estou aqui embaixo, nessa imundície, expondo-me a Deus sabe quantas doenças...!

Quando cheguei junto ao poço, o alto da cabeça calva de Lucius começava a apontar na abertura. Dei uma ajuda ao Sr. Moore e a Marcus, puxando a corda, e assim que Lucius se viu fora do poço rolou para o chão a fim de recuperar o fôlego.

Nos braços ele trazia um embrulho de papel pardo envelhecido.

— É ela? — perguntei. — É a arma?

— É uma arma — respondeu Marcus, começando a enrolar a corda. — E já retiramos as partes da carroça onde as balas possam ter-se alojado: a parede da frente da carroceria e a boleia.

Assenti com a cabeça e então olhei ao redor, percebendo a ausência de uma pessoa.

— Onde está a Srta. Howard?

— Voltou para a cidade na carruagem — respondeu o Sr. Moore. — Ela queria encontrar a tal Sra. Wright, a governanta dos Hatches, e lhe fazer algumas perguntas. E quanto à fazenda dos Westons? Como foi por lá? Ah, você não teria um cigarro, teria, Stevie?

Soltando um suspiro diante daquela pergunta (ele sempre a fazia, embora sempre soubesse a resposta), apanhei o maço e entreguei-lhe um cigarro, oferecendo um a Marcus também.

— Talvez a fumaça afaste esses mosquitinhos — disse Marcus, espantando com um movimento da mão os minúsculos insetos que começavam a enxamear em torno de nossas cabeças suadas. Então ele acendeu o cigarro num fósforo que eu havia riscado e soltou uma grande baforada, que de fato pareceu afugentar alguns dos insetos. — O Doutor encontrou a garotinha?

Fiz um rápido sinal afirmativo com a cabeça.

— Correu tudo bem... Creio que o Sr. Picton ficou surpreso, achando que correu bem demais. Em cinco minutos a menina já estava segurando a mão do Doutor.

— Humm — murmurou o Sr. Moore, incerto, enquanto fumava. — Segurar a mão não é o mesmo que falar. Algum sinal de que a condição da menina seja psicológica e não física?

— Bem, ela emite alguns grunhidos — respondi. — E também consegue rir, ou alguma coisa próxima disso.

Marcus pareceu animado.

— Mas isso é conclusivo... pelo menos, é o que me parece.  
— Ele voltou-se para o irmão, que ainda descansava no chão. — O que acha, Lucius?

— Bem — começou Lucius devagar, sentando-se —, grunhidos e risos desmentem a teoria de um trauma físico ou alguma outra patologia que a torne incapaz de falar. Isto é, supondo-se que a bala não tenha atingido algum órgão na garganta relacionado à fala. Definitivamente não houve dano ao cérebro, segundo o relatório do Dr. Lawrence, e essa seria a causa física comum para o tipo de mudez de que falavam na ocasião.

— Portanto, se não é uma patologia física ou um trauma — afirmou Marcus —, então é psicológico.

— E se for psicológico — fez coro o Sr. Moore —, há grandes chances de que Kreizler consiga algum avanço.

Assentindo e então erguendo os olhos para o topo do morro, Marcus deu uma tragada no cigarro.

— Vamos dar mais uma olhada naquelas partes da carroça — disse ele, começando a subida de volta.

O Sr. Moore, Lucius e eu o seguimos.

— O que estamos procurando exatamente? — perguntei.

— Uma bala — respondeu Marcus, os sapatos próprios para a cidade escorregando ligeiramente na espessa camada de folhas mortas e apodrecidas, acumulada durante muitos anos, que cobria a encosta do morro. — Ou, se tivermos muita sorte, *balas*. Veja, Stevie, o relatório do Dr. Lawrence menciona apenas o ponto de *entrada* dos dois tiros que mataram Thomas e Matthew Hatch. Os dois estavam mortos quando ele chegou à casa; assim sendo, o médico não se

preocupou em entrar em maiores detalhes. No entanto, traçou com mais cuidado o caminho da bala que atingiu Clara, posto que ela ainda estava viva. O projétil percorrera um trajeto em ângulo ascendente, mas assim mesmo pode ter-se alojado em algum lugar da carroça... provavelmente na parte inferior do assento.

— Mas — interrompi, lutando para acompanhar-lhe o raciocínio — não podemos simplesmente *perguntar* ao Dr. Lawrence sobre as balas que mataram os garotos?

— Foi o que fizemos — replicou o Sr. Moore —, no caminho para cá. Lawrence, porém, é legista desde 1884... já viu muitos cadáveres nesses anos todos. E, como diz Marcus, sua atenção nesse caso concentrou-se basicamente na garotinha. Ele não sabe nem mesmo dizer se havia ferimentos de saída nas costas dos meninos.

— O que nos deixa duas opções — continuou Marcus. — Uma apenas tediosa, a outra, praticamente impossível. Podemos separar as partes apropriadas da carroça em pedaços minúsculos, para ver se uma bala alojou-se em algum ponto da madeira, ou...

— Ou?

Marcus suspirou.

— Ou tentamos obter uma ordem do tribunal que nos permita exumar os corpos de Thomas e Matthew.

— O problema dessa última opção — acrescentou o Sr. Moore — está no fato de que qualquer juiz irá querer consultar a mãe antes de ordenar uma exumação. — Ele olhou para mim e sorriu. — Quer apostar qual seria a reação de Libby Hatch a esse tipo de pedido, Stevie?

Abanei a cabeça.

— Não valeria o trabalho de fazer a aposta.

Encostada a uma árvore grande no quintal diante da casa, estava uma prancha de freixo, com 1 x 1,20m aproximadamente, junto a um velho e gasto assento de cocheiro. Nosso grupo reuniu-se em torno daqueles objetos, examinando-os.

— Ainda não entendo — disse o Sr. Moore. — Se foi Libby quem atirou nas crianças, ela não teria feito algum esforço para se livrar da carroça e, junto com ela, de possíveis balas perdidas?

— A balística é uma ciência incipiente, John, mesmo entre os especialistas — respondeu Marcus. — Além disso, o Dr. Lawrence admite que nunca examinou os garotos à procura de ferimentos de saída, pois já estavam mesmo mortos. Assim sendo, nunca teria mencionado tais ferimentos durante sua presença na casa, o que significa que isso também não teria ocorrido a Libby. Naturalmente, porém, Lawrence deve ter dado toda a atenção ao ferimento atrás do pescoço de Clara, que deve ter sido horrível, haja vista a extensão.

— Ela usa o cabelo numa trança farta na nuca — comentei, experimentando uma súbita tristeza que não sentira quando observei os cabelos da menina na *fazenda* dos Westons. —

Provavelmente para cobrir a cicatriz.

Marcus inclinou a cabeça de uma forma que indicava que esse fato se encaixava em sua teoria.

— Mas é de se duvidar — prosseguiu ele — que Libby fosse instruída o bastante sobre armas de fogo para sair por aí



especulando sobre trajetórias de saída.

Nesse exato momento, ouvimos o som de uma carruagem aproximando-se e todos nos voltamos para a alameda da qual o mato tomara conta. Subindo-a vinha a Srta. Howard, sentada no alto de uma carruagem de aluguel aberta, guiando um inquieto garanhão da raça Morgan. Ela forçou o animal compacto e musculoso a parar perto de nós, em seguida afastou do rosto alguns fios de cabelo soltos e saltou para o chão.

— Eu a encontrei! — gritou ela, abrindo um sorriso largo e marchando em nossa direção.

— A Sra. Louisa Wright, da Beach Street... Ela mora numa casa atrás das estufas comerciais Schafer. Trabalhou sete anos para os Hatches... e, aparentemente, não há *nada* de que não esteja disposta a falar! — Ela apontou morro abaixo. — E a arma? Tiveram sorte?

— Achamos que sim — respondeu Lucius, erguendo o embrulho velho e mofado.

— Ótimo — disse a Srta. Howard ao vê-lo. — A Sra. Wright me disse que a colocara dentro de uma sacola de papel pardo antes de atirá-la lá embaixo. Bem, então é melhor voltarmos. Há muito que fazer!

Quando todos nos juntamos para empilhar as partes da carroça dos Hatches em nossa carruagem, Marcus perguntou à Srta. Howard o que mais ela conseguira descobrir em sua visita à ex-governanta de Daniel Hatch.

— Eu lhes conto no caminho — replicou a Srta. Howard, voltando a se acomodar no lugar do cocheiro. — Como eu disse, ela foi muito loquaz. Mas de tudo que disse uma coisa

se destaca: ela desconfia de que somente *um* dos filhos de Daniel Hatch foi baleado naquela noite.

— O que quer dizer com isso, Sara? — perguntou o Sr. Moore, enquanto o restante de nós subia no veículo.

A Srta. Howard, porém, olhou para mim.

— Você viu Clara, não foi, Stevie? — Assenti. — Os cabelos são castanho-claros e finos, os olhos de uma tonalidade semelhante? A pele é clara? — Tornei a assentir. — Bem, pelo jeito essa não era a aparência dos meninos.

Imediatamente lembrei-me do pedido do Sr. Picton, quando nos aproximávamos da fazenda dos Westons, para que o Dr. Kreizler observasse a cor de Clara Hatch.

— Então era a *isso* que ele se referia — falei em voz alta.

— Quem se referia a quê? — indagou o Sr. Moore.

Antes que eu pudesse responder, porém, a Srta. Howard havia estalado as rédeas nas ancas do Morgan e já estávamos a caminho.

Não lamentei dizer adeus à velha casa dos Hatches e fiquei contente em ver a Srta. Howard continuar a fazer uso liberal das rédeas para nos levar rapidamente dali. O Sr. Moore e eu sentamos com ela no alto da carruagem, enquanto os sargentos-detetives iam na carroceria com a prancha de freixo, o assento da carroça e a arma, sendo que este último item eles só pretendiam desembulhar quando voltássemos à casa do Sr. Picton. Por ora, tinham ambos muitas perguntas sobre a Sra. Louisa Wright, perguntas que a Srta. Howard tentava responder da maneira mais rápida e completa possível; e cada pequena informação que ela

revelava deixava claro que a velha governanta teria um papel muito importante em nossa luta contra Libby Hatch.

A Sra. Wright não tivera grande afeição por Libby durante os anos de convívio com ela; felizmente, porém, seus sentimentos por Daniel Hatch eram os mesmos, o que significava que suas observações acerca do que acontecia na casa não pareceriam, aos olhos de um júri, se dever a ressentimentos que ela nutrisse contra a mulher mais jovem e bonita que era sua patroa. Quando Marcus perguntou por que, já que tinha tamanha antipatia pelos Hatches, a Sra.

Wright permanecera tanto tempo com eles, a Srta. Howard explicou que a viúva resoluto e séria fora a única mulher na cidade disposta a servir o casal; por causa disso, com o passar dos anos, a família tornara-se cada vez mais dependente dela. E, nisso, a Sra. Wright acabara chegando a um ponto em que pôde determinar o salário que recebia do velho Daniel: com o tempo, ela conseguira do patrão avarento dinheiro suficiente para comprar uma casa decente na cidade, algo que nenhum outro emprego disponível para mulheres em Ballston Spa teria lhe tornado possível. A Sra. Wright não derramara muitas lágrimas quando o velho Hatch morrera, pois ele nada lhe deixara no testamento; e quando Libby lhe pedira para continuar na casa, a governanta insistira em manter seu salário regular, e Libby concordou em pagar, em vez de se dar ao trabalho de tentar encontrar e treinar uma nova criada. Em outras palavras, as considerações emocionais não haviam deturpado nem um pouco as opiniões da Sra. Wright; assim sendo, o que ela vira e que agora nos relatava merecia toda a confiança.

O que não queria dizer que ela não sentisse nada pelas crianças dos Hatches, as quais, segundo contou a Sra.

Wright à Srta. Howard, viam-se numa situação estranha e confusa que

as mantinha num estado constante de desconfiança. Todas haviam passado os primeiros meses de vida, como suspeitara a Srta. Howard, sob os cuidados de uma ama de leite, circunstância esta que evitara que se tornassem provas vivas das deficiências maternais de Libby Hatch — e, por isso, era a única razão por que haviam sobrevivido. A vida depois daqueles primeiros meses ainda fora bastante difícil para elas. Clara fora a que tivera mais sorte, pois Daniel Hatch tinha tanta certeza quanto possível de que a menina era sua filha. Mas a chegada, primeiro, de Matthew e depois de Thomas trouxera problemas, pois a essa altura Hatch já começara a suspeitar de que a mulher lhe estava sendo infiel. O fato de os dois meninos terem cabelos negros, grossos e encaracolados, olhos castanho-escuros e pele azeitonada (diferentemente dos pais e da irmã) foi considerado por Hatch como prova de que eram filhos de outro homem; e embora nunca tivesse conseguido dizer quem era esse homem, à medida que o tempo passava foi se tornando cada vez mais hostil em relação a Libby e desinteressou-se por completo de Thomas e Matthew.

Por mais estranho que pareça, segundo disse a Sra. Wright, toda essa história não era apenas delírio de um velho: Libby estava mesmo traindo o marido, embora com um homem de quem o velho Hatch jamais teria desconfiado. Parecia que o pastor celebrante do casamento dos Hatches, um certo reverendo Clayton Parker, tinha a mesma cor dos pequenos Matthew e Thomas, e visitava com frequência a casa da família, onde o velho Daniel lhe oferecia o melhor possível, dentro dos limites de sua avareza. Aparentemente, a Sra. Wright mais de uma vez vira Parker e Libby enlaçados em tórridos abraços nos bosques próximos da casa, e a súbita recaída de Libby à antiga rabugice e agitação

ocorrera no verão de 1893, coincidentemente logo depois de Parker informar a seus superiores que seus talentos espirituais estavam sendo desperdiçados em Ballston Spa, tendo sido então despachado para realizar obras de caridade na moderna Babilônia, a cidade de Nova York.

— Um *pastor*? — surpreendeu-se Marcus. — Que diabos um pastor tinha a oferecer a uma mulher casada com um dos homens mais ricos da cidade?

— Juventude, boa aparência e charme, para começar — respondeu a Srta. Howard. —

Embora eu ache que a Sra. Wright tem razão quando diz que Libby não se satisfaria apenas com essas qualidades. Não, havia algo mais. Uma espécie de... respeitabilidade, num certo sentido. Não, mais do que isso. Redenção, talvez.

— Redenção? — repetiu Lucius.

— Um atalho para Deus? — sugeri.

— É, algo nesse sentido, Stevie — concordou a Srta. Howard, incitando o pequeno Morgan negro em direção à casa do Sr. Picton. — Não tenho muita certeza... Quero saber a opinião do Doutor...

Havíamos alcançado o trecho de nosso percurso em que a estrada de Charlton se transformava em Rua Charlton. Ficando de pé para tentar ver à luz opaca do começo da noite, logo avistei os quatro torreões da casa do Sr. Picton — e também vi a carruagem, já desatrelada, perto da varanda.

— Bem, parece que não vai ter de esperar — disse eu à Srta. Howard. — Eles já voltaram da fazenda dos Westons.

Depois de pararmos diante da casa, colocamos as partes da carroça dos Hatches na varanda e entramos, encontrando, na sala de estar, Cyrus sentado ao piano do Sr. Picton, este de pé no

canto oposto, onde o Doutor transferia anotações para um grande quadro-negro que agora se via ali. As esquematizações iam adiantadas, já quase uma cópia do quadro que tínhamos no número 808 da Broadway, e o Sr. Picton estava nitidamente fascinado pelo processo.

— Ora — disse a Srta. Howard com um sorriso, chamando-lhes a atenção para a nossa chegada —, se esta não é uma linda cena familiar!

Cyrus parou de tocar e o Doutor e o Sr. Picton vieram rapidamente até nós.

— Até que enfim! — exclamou o Doutor. — Que notícias vocês nos trazem da casa dos Hatches? Nosso novo quadro nos aguarda!

A hora seguinte foi uma daquelas ocasiões de grande tumulto, quando todos tentavam explicar aos outros os progressos realizados em nosso primeiro dia na cidade. O entendimento entre o Doutor e Clara Hatch continuara a bom passo depois que eu deixara a fazenda dos Westons e, embora a garotinha ainda não houvesse efetivamente pronunciado nenhuma palavra, o Doutor tinha certeza de que acabaria por convencê-la. Mas não seria fácil: Clara estava num estado que o Doutor denominava “dissociação histérica de retração”, o que significava que presenciara algo tão terrível que não fazia sentido, nem para ela nem para qualquer outra pessoa. O Sr. Picton, porém, chamou atenção para o fato de que precisávamos fazê-la falar: ele não teria a menor chance de convencer seu chefe, o

promotor Oakley Pearson, a convocar um júri para julgar o indiciamento de Libby Hatch, a menos que Clara estivesse preparada para dizer categoricamente que a mãe havia disparado contra ela. Podíamos reunir todas as provas materiais no mundo, mas nenhuma delas contaria muito num caso que suscitara tanta emoção — e que certamente desencadearia um novo sentimento de ultraje quando anunciássemos nossa teoria sobre o crime —, se a menina não falasse. Embora se estendesse por algum tempo explicando-nos tudo isso, o ponto central do discurso do Sr.

Picton era simples: caso se queira acusar uma mulher de assassinar os próprios filhos, é melhor que se esteja muito certo de ter não só motivo, oportunidade e meios, mas também uma testemunha.

Motivo, oportunidade e meios, porém, ainda teriam o seu papel, e eram coisas que poderíamos investigar enquanto o Doutor se ocupava do processo de tentar fazer Clara Hatch comunicar-se. A matéria que parecia mais aberta à investigação naquela noite eram os meios, posto que Lucius havia, assim esperávamos, recuperado a arma do crime no velho poço.

Pedindo à Sra. Hastings um pedaço de oleado, com o qual em seguida ele cobriu o piano, Lucius pousou com cuidado o embrulho úmido de cor marrom e então começou lentamente a desdobrar e afastar o papel com alguns de seus instrumentos médicos.

— Perguntei à Sra. Wright se ela havia notado algo incomum na arma antes de atirá-la no poço — disse a Srta. Howard, enquanto nos agrupávamos em torno de Lucius. — Qualquer coisa que pudesse indicar que tivesse sido manuseada ou disparada. Mas ela me disse que estava perturbada demais para prestar atenção nesses detalhes.

— É compreensível — disse Marcus, observando o irmão esticar a sacola de papel, cujo conteúdo oculto ainda formava ali uma protuberância. — Ela falou a idade da arma?

— O velho Hatch contou à Sra. Wright que sempre a guardava debaixo do travesseiro —

respondeu a Srta. Howard. — Ele pessoalmente não lutou na Guerra Civil, pagando um substituto para isso. Portanto, está eliminada a possibilidade de ele ter adquirido a arma no Exército.

— Certo — concordou Marcus. — É mais provável que se trate de uma das marcas mais comuns encontradas nas lojas. E, dada a idade do homem, ao lado da probabilidade de que não a disparava com muita frequência, o mais certo é que quisesse alguma coisa fácil de usar.

— Exato — continuou a Srta. Howard. — Algo na linha de um Colt Peacemaker... Pela silhueta, é o que parece. Um modelo antigo. Os primeiros modelos de ação simples do Exército foram lançados quando? Em 1871? Deve ser mais ou menos dessa época.

— Mas essa arma seria fácil para uma mulher usar? — indagou o Doutor.

Era o tipo de pergunta que Marcus e Lucius, normalmente, teriam respondido; a Srta.

Howard, porém, gostava de ser o centro das atenções, e os dois irmãos eram espertos o bastante para não se interpor em seu caminho.

— Não vejo por que não — disse ela, dando de ombros. — Uma pistola calibre quarenta e cinco pode não parecer uma



arma de mulher, à primeira vista, mas a ação simples militar usava cartuchos de metal e seu mecanismo era muito suave. De fato, é uma peça bastante simples e durável. Junte a isso o fato de que mesmo os modelos de canos mais longos não pesavam mais de um quilo e meio, e Libby não teria problemas, ainda que não tivesse muita experiência com armas.

Vi o Sr. Picton dirigir um olhar de surpresa à Srta. Howard e então voltar-se para o Sr.

Moore.

— Não subestime essa garota, Rupert — aconselhou o Sr. Moore.

Lucius de repente pareceu preocupado.

— Não creio que possa tirar a sacola num só pedaço.

— Alguma razão por que precise fazer isso? — perguntou o Sr. Moore.

— Se pudermos provar que o papel do embrulho é de fabricação local — explicou Marcus pelo irmão —, excluiríamos a possibilidade de que esta arma tenha sido jogada ali mais recentemente por outra pessoa.

— Ora, não é preciso manter a sacola intacta para isso — afirmou o Sr. Picton. — Olhe no fundo dela, detetive. Ali devem encontrar-se as palavras: “Sacolas West, Ballston Spa, Nova York”, num tipo miúdo e preto.

Lucius voltou a atenção para a parte da sacola que cobria a boca do cano da arma; em seguida, seu rosto iluminou-se.

— Tem razão, Sr. Picton. Está aqui! Agora é só soltá-la... — Ele tirou um bisturi cirúrgico do bolso e fez quatro pequenos cortes na base da sacola, puxando então um pedaço retangular do papel marrom e pousando-o com todo cuidado sobre o oleado. — Aqui está. E agora podemos...

Com movimentos ligeiramente mais rápidos, Lucius começou a puxar tiras do papel marrom restante, revelando um revólver de ação simples, do tipo visto nas ilustrações das revistas típicas sobre o Oeste. A coronha marrom-escura estava coberta por uma leve camada de mofo de coloração verde e o cano e a câmara de aço azul estavam vermelhos de ferrugem.

Nenhum de nós sabia exatamente o que pensar até que Lucius levantou a arma, deslizando um de seus instrumentos pela guarda do gatilho, examinou-a com o irmão e então sorriu.

— Muito obrigado, Sr. West — suspirou ele.

— Quer dizer que está em bom estado? — indagou o Sr. Moore.

— Digamos apenas que Ballston Spa *possui*, de fato, as melhores sacolas de papel do mundo — respondeu Lucius.

Marcus assentiu, confiante, começando a examinar a arma.

— Humm, é — disse ele, tentando controlar o entusiasmo.

— Com um pouco de trabalho acho que vamos conseguir fazê-la disparar novamente.

— E isso significa o quê? — quis saber o Sr. Moore.

— Significa um teste de balística — respondeu a Srta. Howard, também sorrindo.

A expressão do Sr. Moore tornou-se perplexa.

— Um o quê?

— Desde que encontremos — acrescentou Lucius, pousando a arma sobre o piano e erguendo um dedo — uma bala nas partes da carroça que trouxemos, para podermos comparar.

— Ei, vamos devagar com isso — queixou-se o Sr. Moore.

— O que diz, Sr. Picton? — perguntou Marcus. — Qual a atitude dos juízes daqui em relação à questão de análise balística?

O Sr. Picton deu de ombros.

— Eles conhecem a matéria, é claro. Mas, até onde eu saiba, ainda não tivemos um caso em que ela tenha sido usada como prova para condenação de um réu. Por outro lado, também não me recordo de nenhum do qual tenha sido excluída. E nossos juízes não têm tendência a ser primitivos nessas questões. Eles não se importam em estabelecer um precedente de vez em quando. Se apresentarmos uma prova convincente, principalmente se esta estiver em conjunção com outras evidências, acho que posso conseguir.

— De que diabos vocês estão falando? — perguntou o Sr. Moore.

Eu mesmo estava bastante confuso e podia ver que o Doutor e Cyrus também não se mostravam muito melhores. Mas preferimos deixar o Sr. Moore continuar a fazer as perguntas idiotas, posto que — e o digo com todo o respeito às qualidades mais admiráveis do homem —

elas lhe eram bem naturais.

— Supondo que possamos fazê-la funcionar — disse Lucius ao Sr. Picton, ainda ignorando o Sr. Moore —, vamos precisar delimitar algum tipo de linha de tiro.

— Bem — respondeu o Sr. Picton alegremente, indicando os fundos da casa —, meu quintal é todo seu, detetive! Não há outra coisa além de um milhoal atrás dele. Se me disser do que precisa...

— Pouca coisa — replicou Lucius. — Só uns poucos fardos de algodão.

— Fácil de conseguir — afirmou o Sr. Picton. — Sra. Hastings! Nós... — Ele voltou-se, deparando com a governanta já de pé no vão da porta, observando-nos com uma expressão pasma e confusa. — Ah! Sra. Hastings. Ligue para o Sr. Burke, por favor, e diga a ele...

— Sim, senhor — respondeu a Sra. Hastings, dando meia-volta e erguendo os braços. —

Alguns fardos de algodão, senhor, para que vocês possam fazer disparos nos fundos do quintal!

— Isso seria ideal — disse a Srta. Howard, ainda observando a arma.

— Ah, decerto — concordou o Sr. Moore, sua voz adquirindo aquele tom de ganido, como em geral acontecia nesses momentos. — Ideal. Entretanto, não precisam se dar ao trabalho de nos explicar o que quer que seja que pretendam fazer.

O Sr. Picton riu e então virou-se para o velho amigo.

— Peço desculpas, John, estamos sendo um tanto descorteses, não é mesmo? Para repararmos o erro, que tal

o seguinte: já cuidamos de praticamente tudo que era possível por hoje. Na verdade, eu diria que essa foi uma tarde particularmente feliz! O que acham de pegarmos o bonde e irmos até o cassino de Canfield? Podemos conversar mais sobre tudo isso durante o jantar... e depois, algumas rodadas de roleta, quem sabe algumas de cartas...

— Silêncio! — ordenou o Sr. Moore, erguendo uma das mãos e subitamente parecendo ansioso e entusiasmado. — Todos para cima, vestindo seus trajes de noite, antes que surja mais alguma discussão ou que Rupert mude de ideia! Andem, todos vocês, vamos!

— E se não quisermos ir? — protestou a Srta. Howard, enquanto o Sr. Moore a empurrava em direção à escada. — Não estou interessada em...

— Então você pode simplesmente comer e voltar direto para casa — replicou o Sr. Moore, interrompendo-a. — Deixe que o restante de nós perca nossas almas libertinas!

Eu já estava correndo para a escada, mas, lembrando-me de algo, virei-me para o Sr.

Moore.

— O senhor faz as apostas por mim? Ouvi dizer que não deixam crianças apostar nesse lugar.

— Não tenha medo, Stevie — respondeu o Sr. Moore. — Seguirei suas instruções ao pé da letra. Mas, mesmo assim, você vai ter de vestir o terno de noite para entrar no restaurante.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça e sorri.

— Foi por isso que eu o trouxe... A única coisa que me faz vestir aquela coisa é um jogo bom e honesto!

Subi correndo os degraus e entrei disparado em meu quarto, fechando a porta. Abri precipitadamente o grande armário de mogno, onde eu havia guardado um traje para a noite que o Doutor comprara para mim fazia mais ou menos um ano. Acho que ele esperava, na época, que eu viesse a desenvolver o gosto pela ópera e chegasse ao ponto em que de fato tivesse prazer em acompanhá-lo, com Cyrus, ao Metropolitan; mas, até ali, eu estivera no camarote do Doutor naquela casa — vestido com o dito traje noturno — exatamente uma vez, e mesmo assim só porque era importante para a investigação do caso Beecham. Dessa vez, porém, eu estava feliz em me enfiar na camisa branca dura e engomada, e no paletó e nas calças pretas, se isso significava que eu poderia fazer algumas apostas numa roleta de confiança, como as que eu sempre ouvira dizer que podiam ser encontradas na famosa casa de jogos de Richard Canfield em Saratoga, conhecida pelo país todo apenas pelo nome de “o Cassino”.

Ainda assim, a vontade de vestir as roupas não bastava para compensar a inexperiência de fazê-lo: eu bufei e praguejei, espremendo-me para entrar nas peças, e por fim deixando a gravata para que outra pessoa ajeitasse. Quando cheguei ao térreo, todos os demais já estavam prontos e o Sr. Moore resmungava, impaciente, enquanto a Srta. Howard, muito decentemente, dava um laço na fita de seda branca que pendia do meu pescoço. Finalmente saímos e caminhamos, na tépida escuridão, até a estação do bonde elétrico de Ballston Spa, onde embarcamos, cheios de animação, num carro pequeno e aberto — sem suspeitar por um só momento que nosso anfitrião tencionava que essa pequena viagem fosse algo mais do que simplesmente recreativa.

## CAPÍTULO 32

O sistema de bonde ligando Ballston a Saratoga funcionava havia apenas um ano, e a aparência era mesmo de novo: o carro em que embarcamos tinha balaustrada lustrosa e aprestos limpos, e corria sobre um brilhante jogo de trilhos estreitos. O veículo cruzou a um bom ritmo os seis ou sete quilômetros de campo que separavam Ballston Spa da rua principal de Saratoga, a Broadway, e a brisa que nos alcançava em nossos assentos na parte dianteira do carro era refrescante, até mesmo emocionante, haja vista o nosso destino. Era o tipo de atmosfera que intensifica a expectativa; e embora a viagem durasse apenas cerca de quinze minutos, estes pareceram à minha jovem alma uma eternidade.

Finalmente o carro entrou no maior centro recreativo dos Estados Unidos pela extremidade sul da Broadway. Daquele ponto, tínhamos uma excelente vista do coração da cidade; e, sou obrigado a dizer, esse era uma maravilha de se contemplar. Ladeada por findos e exuberantes olmos, a Broadway de Saratoga, considerada apenas como rua, seria um orgulho para qualquer cidade, em qualquer lugar; por trás das árvores, das calçadas bem cuidadas e dos postes de iluminação pública, porém, brilhavam as luzes resplandecentes de inúmeras lojas e dos imensos hotéis da cidade — tudo isso prometendo emoções de toda espécie e desmentindo o ultrapassado rótulo de “balneário” da cidade. Não havia qualquer sinal de que retiro e relaxamento fossem bens apreciados (ou mesmo possibilidades) em Saratoga: os velhos tempos, quando políticos, eruditos e artistas de todas as partes do mundo reuniam-se para

“banhar-se nas águas” e falar das coisas sublimes, em 1897 já haviam sido definitivamente encerrados, e o lugar era um

mercado do prazer em pleno apogeu.

O Cassino de Canfield era um edifício quadrado, semelhante a uma mansão, localizado no centro de um parque verde e ensombreado, onde a Congress Spring (uma das muitas e antigas fontes de água mineral da cidade) no passado tinha sido a principal atração. O Cassino fora na verdade construído por outro famoso apostador, John Morrissey, um troncado pugilista irlandês e valentão da Tammany Hall, que empregara seus ganhos para estabelecer-se no ramo de jogos e corridas de cavalos (Morrissey também construíra o primeiro hipódromo de Saratoga). Durante a construção do que era então conhecido como “o Clube”, entre 1870 e 1871, Morrissey havia abarrotado o lugar com todos os luxos italianizados que lhe vinham à cabeça, e desde o início o sucesso fora retumbante. Isso, porém, não bastara para auferir a Morrissey o prêmio que ele mais cobiçava: sua aceitação na sociedade que vinha desperdiçar dólares aos milhares em seu estabelecimento. O irlandês morrera em 1878 e a casa durante um tempo passara pelas mãos de vários operadores de segunda classe até finalmente ser comprada e reformada, em 1894, pelo atual proprietário, Richard Canfield.

Como Morrissey, Canfield ganhara sua fortuna no jogo, embora não tivesse o passado de bandido que impedira o primeiro de ser tratado como cavalheiro. Tendo dirigido casas de apostas em Providence, Rhode Island e depois Nova York, Canfield passara suas horas de

folga (e a breve pena cumprida na prisão) transformando-se numa espécie de erudito e crítico de arte autodidata. Quando assumiu o Clube de Morrissey, pôs tudo que aprendera em ação, enchendo o lugar com mobiliário e obras de arte de primeira linha, construindo um novo salão de jantar gourmet e contratando um dos chefs franceses



mais famosos do mundo para preparar os pratos de seus clientes. E ao proibir que mulheres e crianças jogassem em suas mesas, levava a melhor sobre os reformistas que, durante um curto período nos primeiros tempos de operação de sua casa, haviam tentado reformular as regras em Saratoga, chegando mesmo a conseguir fechar muitas outras casas menores. Ao mesmo tempo, porém, Canfield construía para essas mulheres e crianças um salão grande e bonito, onde podiam divertir-se com sorvetes e passatempos — e dizer aos maridos e pais as apostas a fazer para elas.

O parque ao redor do Cassino era um cenário adequado para toda essa suntuosa recreação, com fontes, lagos, estátuas e lindas árvores ladeando a alameda que levava às paredes cobertas de hera do prédio de três andares. Naquela noite entramos pela porta da frente, os sargentos-detetives observando com alívio que o Sr. Canfield era um dos poucos proprietários de salões de jogos e hotéis em Saratoga que não tinham do lado de fora de seu estabelecimento uma placa dizendo: “Clientes Judeus Não São Bem-vindos.” Assim que entramos, vimo-nos num saguão amplo e superlotado, coberto por um espesso tapete, que antecedia imediatamente o salão público de jogos. Ali, naquela sala, as apostas eram baixas (as fichas brancas valiam um dólar; as vermelhas, cinco; as azuis, dez; as amarelas, cem; e as marrons, mil), se comparadas às que eram feitas nos salões reservados lá de cima, onde tudo era multiplicado por cem.

Por mais impaciente que eu estivesse para começar a jogar, devo confessar que estava ainda mais ansioso, naquela noite, para conhecer o homem que se tornara famoso em toda parte como “o Príncipe dos Jogadores”. Não precisei esperar muito tempo: assim que entramos, avistei um sujeito corpulento, porém de aparência distinta, bem

barbeado, com olhos escuros que abarcavam tudo que se passava à sua volta. (Seu rosto era tão fascinante que acabou por atrair o interesse de um pintor — ninguém menos do que o Sr. J. A. M. Whistler, que o reproduziu na tela.) Quando esse rosto percebeu a entrada do Sr. Picton, assim como o restante do corpo apressou-se em vir ao encontro do recém-chegado, estendendo a mão num alegre cumprimento.

— Ora, Sr. Picton! — exclamou o Sr. Canfield. — Está com disposição para uma noite nas mesas, é? Ou são os pratos de Columbin que o trazem aqui?

— Canfield! — saudou o Sr. Picton, com sincera animação. — Não, estou com alguns hóspedes e lhes disse que não podiam ir embora do condado sem ver nossa maior contribuição à cultura americana moderna! — O Sr. Picton fez as apresentações rapidamente e o Sr.

Canfield cumprimentou-nos a todos daquela maneira afável que é característica de um bem-sucedido magnata do jogo. Mas havia algo mais ali também; parecia que o simples fato de sermos convidados do Sr. Picton significava que receberíamos tratamento especial.

— O Sr. Picton ajudou-me muito num período particularmente difícil — explicou o Sr.

Canfield, como se pudesse ler meus pensamentos. — Durante um terrível ataque de reforma ocorrido aqui na cidade, ele argumentou ao condado que Saratoga podia fechar todas as casas menores se quisesse, mas que tinha de permitir que “estabelecimentos de qualidade”, como o Cassino, permanecessem abertos, a menos que quisessem voltar a depender da água mineral para o sustento.

— Não creio que minha participação tenha sido assim tão fundamental, Canfield —

replicou o Sr. Picton. — Mesmo o mais rígido dos reformistas acabou vendo que estavam cortando as próprias gargantas. Como está a turma hoje?

— Ah, estão todos aqui — respondeu o Sr. Canfield, começando a nos conduzir para o salão de jantar. — Brady, a Srta. Russell, Jesse Lewisohn... e Gates está lá em cima, ainda determinado a bater um recorde.

A lista deixou-me mudo: os nomes de Diamond Jim Brady, o magnata de suprimentos ferroviários com um estômago seis vezes maior do que o normal e um apetite por comida quase tão grande quanto sua lascívia por pedras preciosas, e a Srta. Lillian Russell, a famosa vedete e companhia constante de Brady, eram, naturalmente, bem conhecidos do público em geral naquela ocasião, como ainda até hoje; nos círculos de apostadores, porém, os nomes de Jesse Lewisohn — “o banqueiro apostador” — e do Sr. John Gates (que logo ganharia o apelido de “Aposto um Milhão” por perder e em seguida recuperar essa quantia aproximada — tudo num só dia — em Saratoga) eram igualmente lendários e razão para agitação ainda maior.

— Brady está no salão de jantar, naturalmente — prosseguiu o Sr. Canfield. — Já acabou com metade do estoque de Columbin e está pedindo mais. Vou providenciar uma mesa para vocês, longe dele... mesmo com os diamantes, em momentos assim, ele não faz nenhum bem ao apetite das outras pessoas. — Fazendo um sinal para um garçom à entrada do restaurante, o Sr. Canfield tornou a apertar a mão do Sr. Picton. — Albert irá cuidar de vocês...

Eu o vejo no salão de jogos. Presumo que não irá querer ir lá para cima...

O Sr. Picton balançou a cabeça com um sorriso.

— Com o meu salário? Sem a menor chance, Canfield. O prejuízo já é suficiente no salão público, obrigado.

O Sr. Canfield despediu-se de nós e então, quando já ia desaparecendo no meio da multidão, pareceu lembrar-se de alguma coisa e parou.

— Ah, por falar nisso, Picton. Está correndo por aí o rumor de que você vai reabrir aquele caso... o das crianças que foram baleadas...

Não havia muito que pudéssemos fazer para esconder nossa surpresa, mas o Sr. Picton limitou-se a sorrir e a balançar a cabeça.

— Está bem, Canfield — disse ele. — Eu o mantereii informado.

— Você sabe como é — replicou o Sr. Canfield, dando de ombros, sem que houvesse nesse gesto sinal de desrespeito. — Nesta cidade, as pessoas apostam em qualquer coisa... É

certo que vai haver fila de apostas para as investigações e o julgamento. Eu só queria poder estabelecer probabilidades razoáveis.

— Dois por um nas investigações, por ora — disse o Sr. Picton. — Quanto ao julgamento, eu o informarei.

O Sr. Canfield dirigiu-lhe o que se poderia chamar de olhar de gratidão.

— Dois por um? Confiante, hein?

— Confiante — concordou o Sr. Picton. — Embora provavelmente você vá se surpreender com quem viermos a prender.

O Sr. Canfield assentiu, virou-se e, com outro gesto de despedida, voltou ao trabalho de fazer felizes os tolos.

— E isso, meus amigos — disse o Sr. Picton —, é o que eu quis dizer quando falei que as notícias correm rápido nestas cidades.

— Está querendo dizer que este caso vai ser motivo de *apostas*? — indagou o Doutor, correndo os olhos pela abastada multidão e começando a deixar transparecer certa revolta.

— Sem dúvida alguma. Mas pode tirar esse brilho dos olhos, Moore — advertiu o Sr.

Picton, lançando um olhar ao amigo. — Canfield não chegou aonde está permitindo que pessoas com informações privilegiadas o espoliassem. — O Sr. Picton começou a caminhar em direção à extremidade oposta do saguão. — Bem, então vamos comer, certo?

Nossa mesa no salão de jantar podia ser distante da de Diamond Jim Brady e da Srta.

Lillian Russell, como disse o Sr. Canfield, mas ainda assim tínhamos de passar pelo famoso casal para chegar a nosso lugar; e essa não era exatamente uma experiência encorajadora. Não que tivéssemos algum contato real com o casal ou seu grupo; mas logo descobri, ao observar suas extravagâncias, que a realidade que cria uma lenda engraçada pode às vezes vir a ser bastante deprimente. Eu

sabia tudo sobre as famosas coleções de joias de Diamond Jim, que, no total, chegavam a somar cerca de vinte mil diamantes. E, naturalmente, já ouvira falar de seu apetite. Mas nenhuma dessas histórias me preparara para a visão de um homem com cara de porco — cuja famosa circunferência espremia-se dentro de roupas que a vaidade ditava fossem dois tamanhos menores — ocupando-se com seu costureiro truque na hora das refeições: começar com a barriga guarnecida com botões de diamantes a uns trinta centímetros da mesa e só parar de comer quando aquela tocasse a borda desta. No momento em que passamos por eles, Brady estava devorando toda uma família de lagostas e tinha um babador cobrindo o caro terno branco e seus preciosos diamantes. Além disso, ele era escandaloso; escandaloso, desbocado e muito desembaraçado com o que dizia a suas companhias femininas, sabendo muito bem que, em virtude de seus milhões e da ausência da parte delas de outro talento que não a beleza, elas não só teriam de suportar tudo aquilo, mas ainda sorrir e achar engraçado.

Ao lado de Diamond Jim estava a Srta. Lillian Russell, cujo rosto, naturalmente, eu já vira em cartazes em Nova York — embora, ao vê-la pela primeira vez em carne e osso, me ocorresse que aqueles cartazes fossem extremamente lisonjeiros. Ela também estava babando a vulgaridade espalhafatosa de Brady como um gato diante de um pires de leite. Bem, não é minha intenção parecer pudico: Deus sabe que minha boca não era naquela ocasião e ainda continua a não ser o que deveria. Mas existe uma diferença entre certas escolhas picantes no vocabulário e um comportamento francamente ofensivo, e Brady era o que se poderia considerar a encarnação dessa diferença. Todos tínhamos conhecimento do boato de que a Srta. Russell na realidade não concedia seus favores sexuais a Brady (não parecia possível que alguém pudesse mesmo executar o ato

físico com aquele barril de excessos), mas que estava se deitando com o amigo de Brady, Jesse Lewisohn. Essa noite, porém, concluí que o Sr.

Lewisohn não estava fazendo um negócio tão bom assim: a Srta. Russell podia ser uma artista famosa, mas ostentava uma silhueta que mostrava que também vinha cometendo excessos em muitas mesas de jantar. As pobres criadas que a haviam enfiado no vestido de cintura apertada que usava naquela noite certamente ganhavam a vida de maneira tão árdua quanto operários numa mina de carvão, isso era certo.

Ademais, a atividade naquele salão de jantar — um ambiente belo e comprido, com pequenas janelas de vitral no teto e piso de carvalho polido — seguia o padrão estabelecido na mesa de Brady: todos os presentes ocupavam-se em se empanturrar, em beber como gambás, em falar alto demais e em “flertar” de uma maneira que à prostituta comum de Nova York faria merecer uma noite na cadeia. Mas essas eram também pessoas respeitáveis em suas vidas ordinárias: pessoas que, quando tornavam a descer o Hudson, eram responsáveis por grandes empresas e decisões governamentais, e, de quebra, pelas vidas de milhões de pessoas comuns.

Era bom que tivéssemos vindo ali para jogar, comecei a pensar: se nos encontrássemos ali para alguma atividade social, não creio que eu tivesse suportado.

E não estava sozinho: ao fim de nossa refeição, a disposição de ânimo geral em nossa mesa era de repugnância — e quando saíamos do restaurante, descobri que fora exatamente para isso que o Sr. Picton nos levara àquele lugar.

— Deem uma última olhada, todos vocês — disse ele. — Porque se tivermos êxito em levar Libby Hatch a julgamento, não será apenas a indignação dos cidadãos humildes de cidadezinhas como Ballston Spa que teremos de enfrentar. Não, não... todo o imenso peso desta reluzente sociedade também cairá impiedosamente sobre nossas cabeças. Pois é a essência da hipocrisia requerer máscaras para se esconder atrás delas, não é mesmo, Doutor? E

as máscaras do lar idílico e da santidade da condição de mãe são as primeiras e mais intocáveis de todas. É, se eu estiver certo, vocês podem esperar ver alguns destes mesmos rostos sentados nas galerias do tribunal de Ballston nas semanas por vir.

E esse não era exatamente o pensamento mais caridoso para se partilhar num momento em que alguns de nós tentavam concentrar a atenção no divertimento. A Srta. Howard, de sua parte, tinha visto tudo que podia suportar no salão de jantar e optara por voltar imediatamente para a casa do Sr. Picton no bonde. O Doutor, Cyrus e os sargentos-detetives — nenhum deles tendo nas veias sangue de jogador —, todos concordaram em acompanhá-la, deixando o caminho livre para os verdadeiros entusiastas. O Sr. Moore e o Sr. Picton beberam uns dois drinques rápidos, enquanto eu lhes fazia um breve resumo de minha estratégia na roleta, e, quando seguiram para o salão público, parecia que haviam conseguido abafar sua repulsa à multidão. Quanto a mim, proibido de assistir aos jogos, fui deixado com a opção de ir para o salão das senhoras e das crianças ou sair para fumar um cigarro, o que não era uma escolha exatamente difícil.

Perambulando entre os longos galhos de um salgueiro-chorão que se debruçava sobre um dos laguinhos do parque que circundava o Cassino, puxei o colarinho engomado e a



gravata com um gemido de irritação, desejando poder me livrar deles. Então acendi um cigarro e comecei a pensar, não sobre o quanto ganharia se corresse tudo bem lá dentro, mas sobre o que o Sr. Picton dissera no salão de jantar. Não era exatamente encorajador pensar que, ao processarmos Libby Hatch, estaríamos exasperando — e talvez até mesmo ameaçando —

todos aqueles hipócritas e dom-juans ricos e poderosos; e, a princípio, pensei que fosse apenas a ideia desagradável do que nos esperava que estava me provocando uma nítida sensação de nervosismo. Mas logo me dei conta de que o frio em meu estômago tinha uma causa mais imediata, algo a ver com o local em que me encontrava naquele momento. De início, não soube dizer a que se devia essa inquietude, mas, depois de alguns minutos, consegui identificá-la:

Eu estava sendo observado.

Girando sobre os calcanhares, embrenhei-me ainda mais no meio dos galhos do salgueiro e perscrutei a escuridão ao redor; no entanto, não havia uma única alma à vista naquele setor do parque. Ainda assim, a cada momento que passava eu ficava mais convencido de que alguém, em algum lugar, estava vigiando cada movimento que eu fazia. Afrouxando a gravata e o colarinho mais uma vez, ao começar a suar frio, mudei o peso do corpo de um pé para o outro, a respiração acelerando-se. Finalmente, gritei para o que parecia ser apenas trevas vazias:

— Quem está aí? O que está querendo? — Percebendo que estava sendo um tanto irracional, mas incapaz de me controlar, enfiei a mão no bolso da calça. — Tenho uma arma aqui! — gritei. — E vou usá-la, estou lhe dizendo...

De repente, uma mancha escura passou à minha frente: parecendo cair do céu, surgiu uma sombra veloz, que tocou o solo suavemente, mas que assim mesmo me fez gritar e dar um salto para trás. Tive de agarrar o tronco do salgueiro para não cair no lago; e embora ouvisse passos rápidos afastando-se de mim, no momento em que ergui os olhos a pessoa que os produzira havia desaparecido.

Quando consegui recuperar o fôlego, percebi que agora estava seguramente sozinho: tive essa sensação com a mesma certeza com que pressentira a presença do estranho. Quem quer que estivesse escondido na árvore — decerto algum garoto, deduzi estupidamente —, deve ter ficado aterrorizado quando mencionei a arma, mais assustado comigo do que eu com ele.

Vendo que havia deixado cair o cigarro, acendi outro e então comecei a voltar para o Cassino, rindo de minha própria tolice, sem saber o quão perto eu estivera do verdadeiro perigo.

Mas logo descobriria: pois, em questão de horas, eu me defrontaria com aquele perigo novamente, e lhe veria o rosto.

### **CAPÍTULO 33**

O Sr. Moore, o Sr. Picton e eu não fizemos feio nas mesas naquela noite e, como resultado, acordamos no sábado de manhã com uma perspectiva cor-de-rosa das tarefas que tínhamos pela frente. O Doutor e Cyrus já se haviam aprontado e voltado para a fazenda dos Westons numa pequena carruagem alugada; e Marcus e a Srta. Howard encontravam-se nos fundos da casa do Sr. Picton, no quintal, lutando com três grandes fardos de algodão cru que haviam sido entregues ali mais cedo. Lucius, enquanto isso,

acomodara-se na varanda dos fundos e examinava cuidadosamente cada peça do Colt de Daniel Hatch, tentando recolher impressões digitais antes de começar a tarefa de desmontar e tornar a montar o revólver. Com todos ocupados assim de maneira tão proveitosa, pareceu seguro ao Sr. Picton dirigir-se ao seu gabinete no fórum e dar prosseguimento à pesquisa de casos que apresentassem alguma semelhança com o nosso (o que o pessoal da Justiça chamava de “precedentes”), enquanto o Sr. Moore e eu seguíamos para a sala de jantar a fim de tomar o excelente café da manhã preparado pela Sra. Hastings.

Depois de comermos, foi a nossa vez de sermos convocados ao trabalho: Lucius nos deu um par de lentes de aumento, uma sonda médica e alguns canivetes bastante afiados, e nos disse que começássemos o trabalho no pedaço da prancha e no assento do cocheiro da carroça dos Hatches, que os sargentos-detetives haviam arrastado até os fundos da casa. Deveríamos examinar cada centímetro daquelas duas peças e, quando encontrássemos algo que pudesse parecer um buraco de bala, usar a sonda para ver se de fato havia um objeto de metal alojado ali. Se houvesse, decididamente não deveríamos tentar arrancá-lo: em vez disso, usaríamos os canivetes para desbastar a madeira em torno do objeto, a fim de mantê-lo intacto. O Sr. Moore e eu ouvimos essas instruções com uma visível ausência de entusiasmo, pois estava claro que, se seguissemos tal procedimento, levaríamos um tempo considerável para soltar a bala da madeira, mesmo que tivéssemos sorte e encontrássemos uma sem demora. Entretanto, tentamos reprimir os resmungos e, pouco depois, estávamos absortos no trabalho.

Uma hora se passou antes de nos depararmos com o primeiro provável candidato a buraco de bala. Encontrei

uma pequena abertura num dos cantos do pedaço de prancha e fiquei muito animado ao descobrir que, introduzindo a sonda médica ali, fazia contato com algum objeto que era certamente metálico. Chamei os sargentos-detetives para que nos dessem sua opinião e eles concordaram que o que eu havia encontrado poderia de fato ser um projétil. O importante agora era certificar-me de que, enquanto desbastava a madeira em torno do objeto, eu não tocasse neste com a lâmina do canivete; um cuidado que eu, no calor de meu entusiasmo, confessei sinceramente não compreender. Se a bala pudesse ser reconhecida como tal, que importância tinham algumas marcas de canivete em sua superfície?

Esse, naturalmente, não era o tipo de pergunta que em geral se quisesse fazer a Marcus ou Lucius, a menos que se estivesse com disposição para uma longa preleção sobre determinado

ramo incipiente da criminalística. Nesse caso particular, o Sr. Moore e eu fomos obsequiados com 45 minutos ininterruptos sobre o novo campo da balística, uma lição ainda mais completa pela participação da Srta. Howard. Simplificando, a balística parecia resumir-se no equivalente, para as armas de fogo, das técnicas de identificação das impressões digitais: mais para o início do século, um inglês havia descoberto que as balas, quando passavam pelo cano de uma arma, eram marcadas por quaisquer defeitos (mossas no metal, entre outras coisas) que caracterizassem o tal cano. Em 1897, quando praticamente todas as pistolas e armas de cano longo tinham canos estriados, foi descoberto que as balas também eram marcadas pelo próprio estriamento, que era formado pelos chamados “ranhuras e planos”. As ranhuras eram as linhas espiraladas entalhadas na face interior do cano (girando para a direita ou esquerda) e cujo objetivo era fazer com que o projétil

saísse pela boca do cano num movimento rotatório e, assim, seguisse uma trajetória bem mais precisa pelo ar; os planos eram os espaços entre essas ranhuras. As balas impelidas através de tais ranhuras e planos ficavam marcadas pelas linhas que refletiam exatamente o estriamento específico de determinado cano. Esse sistema de identificação já granjeara certo sucesso, embora não nos Estados Unidos: alguns anos antes, um colega francês dos sargentos-detetives, um tal *monsieur* Lacassagne, havia igualado número, espaçamento e espiral das ranhuras numa bala extraída de um cadáver ao cano da arma de propriedade de um suspeito, que mais tarde foi condenado, com base principalmente na prova balística.

Entretanto, esse julgamento, como admitiam os sargentos-detetives, fora um pouco prematuro, pois os planos e ranhuras das armas nunca tinham sido catalogados, nem mesmo segundo o fabricante ou o modelo, muito menos pelas características individuais de peças específicas; assim sendo, era possível que alguém mais na França possuísse uma arma com o mesmo arranjo de planos e ranhuras da arma pertencente ao sujeito que fora condenado. No entanto, permanecia o fato de que havia agora três maneiras de tentar determinar se uma certa bala viera de uma dada arma de fogo: a primeira, obviamente, era o calibre; depois, as marcas de defeitos nos canos (não que toda arma apresentasse, necessariamente, tais defeitos; muitas, porém, os tinham); e, por fim, havia o número e espirais dos planos e ranhuras. Por mais convincente que tudo isso pudesse parecer, mesmo a combinação perfeita entre um projétil e uma arma, em todos os três aspectos, não podia ainda ser considerada a última palavra em identificação, pois, mais uma vez, não havia uma autoridade que exigisse dos fabricantes de armas o registro das especificações individuais de cada um de seus modelos: ainda existia a possibilidade de que determinada bala, que

se casasse com certa arma segundo o calibre, os defeitos e os planos e ranhuras, houvesse sido de fato disparada por outra arma desconhecida com as mesmas características. Ah, claro, os especialistas em balística, como os sargentos-detetives, podiam argumentar que as chances de duas armas terem exatamente as mesmas especificações eram algo em torno de uma em um milhão; contudo, mesmo uma chance em um milhão deixava margem para a dúvida e, portanto, embora as evidências balísticas houvessem se tornado “uma mão na roda” para os investigadores de ideias modernas, ainda não eram aceitas como legalmente conclusivas.

Quando os Isaacsons e a Srta. Howard chegaram ao fim dessas explicações dirigidas ao Sr.

Moore e a mim, eu havia praticamente terminado o trabalho de soltar meu pedaço de metal da prancha de madeira; meu ânimo, porém, que começara a subir vertiginosamente diante da

perspectiva de submeter de verdade uma bala ao teste da balística, esmoreceu de modo considerável quando percebi que passara quase uma hora inteira resguardando com todo o cuidado uma velha cabeça de prego. Esse tipo de desapontamento, porém, era comum ao trabalho dos detetives, isso eu sabia. Assim, apanhei minha lente de aumento e continuei a examinar a superfície da madeira, procurando outro provável buraco.

Lucius, Marcus e a Srta. Howard, enquanto isso, davam prosseguimento a sua preleção, explicando o que o mais jovem dos Isaacsons estava fazendo com o Colt de Daniel Hatch: pois, ao que parecia, a balística não se resumia à combinação de balas com canos. Lucius também tinha de tentar determinar detalhadamente, com base na

quantidade de ferrugem e poeira acumuladas na arma, quanto tempo se passara desde a última vez em que fora disparada e quantas vezes isso acontecera. A segunda pergunta parecia muito fácil: ainda havia três cartuchos na pistola de seis tiros, indicando que três haviam sido disparados. E isso não era nenhuma surpresa: três era o número de balas que esperávamos estivesse envolvido no ataque aos filhos de Libby Hatch. No entanto, como sempre acontece quando se está lidando com a criminalística, as coisas não eram tão simples quanto aparentavam.

Era uma prática comum, explicou a Srta. Howard, entre as pessoas que mantinham pistolas em casa, deixar uma das câmaras vazia na posição do alto, de modo que, se alguma coisa ou alguém acidentalmente viesse a apertar o cão da arma sem engatilhá-lo, o percussor não atingiria nada a não ser o ar. E enquanto Lucius prosseguia o exame, os três foram ficando cada vez mais convencidos de que Daniel Hatch adotara esse procedimento. Três câmaras da arma ainda estavam, como eu disse, carregadas; mas, das três restantes, apenas duas apresentavam o tipo de depósitos de pó que indicariam que a arma havia sido disparada desde a última vez em que fora limpa. Além disso, a terceira culatra vazia apresentava um acúmulo de ferrugem maior do que o das outras duas, indicando que estava vazia havia mais tempo. E

quanto à improvável chance de que alguém houvesse encontrado a arma, disparando-a, recarregando-a e atirando-a de volta ao poço, Marcus e Lucius achavam que podiam excluí-la com base na medição que fizeram da quantidade de ferrugem no cano: a arma não era disparada havia anos.

Isso tudo era muito inquietante. Pois, para que funcionasse a nossa teoria de que a própria Libby Hatch havia atirado

contra seus três filhos, aparentemente era preciso que três tiros tivessem sido disparados; mas somente dois tinham saído daquele Colt. Essa lacuna deixou Marcus e Lucius muitíssimo perplexos e, enquanto continuavam a recolher impressões digitais na arma, seus rostos mostravam-se tão enrugados quanto as velhas árvores do quintal. De fato eles encontraram várias impressões que combinavam com as de Libby, tanto na coronha da arma quanto no gatilho; e havia impressões parciais no cão, que eles se sentiam seguros em atribuir a ela também; mas não havia o menor sinal de que ela houvesse tocado o cilindro, e isso parecia eliminar a possibilidade de que houvesse recarregado a arma e tornado a dispará-la em algum momento. Sabíamos que uma bala tinha atravessado o pescoço de Clara Hatch (e, com sorte, estaria alojada em algum ponto da carroça, provavelmente na parte inferior do banco do cocheiro); mas se somente *um* outro disparo fora feito, como poderíamos explicar *dois* meninos mortos?

Com os ânimos ainda mais sombrios, Marcus e Lucius cuidadosamente registraram todas as suas descobertas iniciais sobre o estado da arma, e então começaram a desmontá-la a fim de

prepará-la para o teste do disparo. Foi a Srta. Howard quem trouxe a esperança de volta ao apresentar uma possível solução para o enigma das duas balas e das três vítimas. Consultando a pilha de arquivos do Sr. Picton sobre o episódio, que estava dentro de casa, sobre o piano, ela apanhou o laudo da autópsia dos dois meninos realizada pelo Dr. Lawrence, lembrando-nos de que ali não havia qualquer referência a ferimentos de saída dos projéteis, quer no corpo de Thomas quer no de Matthew. E embora o médico afirmasse que havia queimaduras de pólvora nas crianças, ele não afirmava, especificamente, em *quais* crianças. O Sr. Picton supusera que ele se referia às três, já



que todas foram feridas por arma de fogo. Mas talvez esse não fosse o caso. Quanto às declarações de Libby Hatch sobre a posição das crianças ao serem atingidas, não podíamos aceitá-las mais do que podíamos acreditar em quaisquer outras afirmações da mulher. Assim sendo, tínhamos liberdade, dentro de certos limites, para imaginar uma sequência de eventos inteiramente diversa daquela que o Sr. Picton elaborara com base nos relatórios.

Suponham, propôs a Srta. Howard, que o pequeno Thomas estivesse, de fato, sentado no colo de Clara quando a carruagem parou. A garota fora baleada no peito, e não havia maneira de *alguém* atingi-la naquela região sem primeiro tirar Thomas do caminho. Assim sendo, continuou a Srta. Howard, tínhamos de deduzir que Libby havia tirado Thomas e o colocado em algum outro lugar — provavelmente no colo de *Matthew*. Libby então disparara contra Clara, o que com quase toda certeza devia ter deixado Thomas muito perturbado, obrigando Libby a atirar nele imediatamente. Ora, o Colt calibre 45 Peacemaker era uma arma poderosa: a bala que atingira Clara havia-lhe atravessado por completo o peito e o pescoço. Portanto, a bala que acertara o pequeno Thomas devia decididamente tê-lo atravessado de lado a lado, entrando no que quer que estivesse atrás dele — ou *quem* quer que estivesse atrás dele, se admitirmos a ideia de que ele estivera mesmo sentado na frente de Matthew.

Essa hipótese fez voltar o brilho aos olhos de Marcus e Lucius. Estaria a Srta. Howard sugerindo, perguntaram, que os dois meninos haviam sido mortos por uma única bala? Com toda certeza, respondeu ela; nada mais fazia sentido, haja vista as condições em que se encontrava o Colt. No entanto, antes que alguém se entusiasmasse demais, continuou a Srta.

Howard, devíamos lembrar uma coisa: a bala única poderia não estar seguindo sua trajetória com força suficiente para atravessar os dois corpos e alojar-se na parte dianteira do madeiramento da carroça. Nesse caso, estaríamos encrocados; pois, entre as muitas coisas que o relatório do Dr. Lawrence não mencionava, uma delas era ele ter tirado um projétil dos dois pequenos cadáveres. Em outras palavras, se a bala perdida não estivesse nos pedaços de madeira à nossa frente, isso significaria que fora enterrada com Matthew Hatch, no cemitério de Ballston (que, por acaso, ficava bem perto da casa do Sr. Picton). A admissão dessa hipótese fez desaparecer imediatamente o sorriso do rosto dos sargentos-detetives, e também reacendeu o fogo em mim e no Sr. Moore — agora com a colaboração da Srta. Howard — no sentido de partir a prancha de madeira e o banco do cocheiro em palitos, num esforço de encontrar um segundo e mortal projétil; pois, sem este, não tínhamos nem mesmo como sugerir que o Colt de Daniel Hatch estivera envolvido no crime.

Enquanto prosseguíamos furiosamente em nossa tarefa, Marcus e Lucius voltaram ao trabalho com a arma. O Sr. Picton veio para casa na hora do almoço e, durante a refeição, o pusemos a par de nosso trabalho matinal, que ele achou curioso, mas ao mesmo tempo

preocupante. Assim que tornou a sair com destino ao gabinete, voltamos ao trabalho com determinação ainda maior; entretanto, as primeiras horas da tarde transcorreram sem que ninguém fizesse outras descobertas.

A aproximação da noite trouxe o Dr. Kreizler e Cyrus de volta, e ambos se juntaram a nós na procura. Ainda assim, porém, não houve qualquer outro achado promissor. Estávamos começando a não ter mais onde procurar e foi o Sr. Moore quem primeiro se deu conta das terríveis

implicações desse fato. Ao se aproximar a hora do jantar, ele tinha a testa positivamente vincada pelo abatimento; mas, quando o Sr. Picton chegou em casa e sugeriu que todos dessem por encerrado o trabalho e tomassem um drinque antes do jantar, o Sr.

Moore forçou-se a exibir uma expressão de alegria e instou os sargentos-detetives — cujos olhos a essa altura estavam injetados, após todo um dia de trabalho minucioso — a aceitarem o convite do Sr. Picton. Iríamos ter com eles num minuto, disse ele, ao que Marcus e Lucius concordaram, exaustos, entrando em seguida na casa.

Assim que estavam a uma distância segura, o rosto do Sr. Moore foi tomado pela urgência.

— Muito bem — disse, pondo de lado a lente de aumento. — Já chega por hoje. Vamos todos parar.

— Mas por quê, John? — perguntou a Srta. Howard. — Ainda temos um pouco de luz do dia e não falta muito para terminarmos...

— É exatamente essa a questão — replicou o Sr. Moore. — Vamos precisar de uma parte disto aqui intacto pela manhã.

Eu ainda não estava entendendo; Cyrus, porém, começara a assentir com a cabeça, num gesto de compreensão.

— Não está aqui, não é mesmo, Sr. Moore?

— As chances são todas contra — respondeu o Sr. Moore. — A marca deixada por uma bala calibre quarenta e cinco seria grande o bastante para que um de nós já a tivesse visto a essa altura.

— Então, para que conservar uma *parte* disto? — perguntei.

— Por que não quero que Rupert tenha de mentir abertamente no tribunal, ou que Marcus e Lucius tenham de cometer perjúrio. Existe apenas um lugar onde essa bala pode estar... e vamos buscá-la. Então, amanhã de manhã, vamos colocá-la no que sobrou disto aqui e deixar que eles a encontrem. Nenhum de *nós* vai ser chamado a testemunhar sobre esse aspecto particular, então não precisamos nos preocupar por termos de mentir... E até onde os outros saberão, eles estarão falando a verdade.

As sobrancelhas do Doutor arquearam-se ligeiramente.

— John... você se dá conta de que está sugerindo que...

— Sim, sei o que estou sugerindo, Kreizler — afirmou o Sr. Moore, afastando-se da mesa.

— Mas não existe outra opção. Todos nós sabemos que nunca conseguiríamos que um juiz desse uma ordem desse tipo sem a permissão da mãe. Não baseado nas poucas evidências que reunimos até aqui. — Ele fez uma pausa, esperando contestações; mas não se ouviu nenhuma.

— Vou procurar uma pá no porão — continuou o Sr. Moore.  
— Vamos fazer o trabalho à noite.

A Srta. Howard, Cyrus e eu nos entreolhamos, um pouco chocados; o Doutor, porém, resumiu nossos sentimentos mais íntimos, ao dizer:

— Moore tem razão. É a única maneira de termos certeza.

Todas as cinco cabeças ali presentes começaram a assentir lentamente; mas, por mais que concordássemos em que o plano do Sr. Moore era a única maneira tanto de conseguir o que precisávamos quanto de preservar as posturas legal e ética do Sr. Picton e dos sargentos-detetives, isso não

mudava o fato de que estávamos considerando uma ação tenebrosa, assustadora e ilegal, algo por que muitas pessoas já haviam sido enforcadas — ou sofrido pena pior — no decorrer dos séculos. Era preciso algum tempo para se acostumar à ideia.

O Sr. Moore conseguiu mesmo encontrar uma pá no porão, assim como alguns pedaços de corda resistente, e os colocou perto da porta da cozinha, do lado de fora, enquanto o restante de nós se reunia na sala de estar. Em seguida, fomos todos jantar, a perspectiva do que estávamos prestes a empreender fazendo com que a maioria se mantivesse bastante silenciosa durante quase toda a refeição. O Sr. Picton, felizmente, encheu o silêncio com uma torrente de palavras sobre os casos que estivera estudando; depois voltamos à sala de estar para um pouco mais da música que Cyrus estivera tocando no dia anterior. Finalmente, chegou a hora de subirmos.

Teríamos de esperar que o Sr. Picton e os sargentos-detetives fossem para a cama, e então sairíamos, separadamente, e nos encontrar na esquina da Ballston Avenue. Dali, seguiríamos para o cemitério.

## **CAPÍTULO 34**

A casa finalmente ficou completamente em silêncio logo depois de uma hora. Saí do meu quarto com cuidado e fui para o quintal, quase dando um encontrão com o Sr. Moore no gramado da frente, enquanto ele dava a volta, vindo da cozinha, com a pá e a corda. Não vimos qualquer sinal de nossos outros fúnebres companheiros até chegarmos ao local do encontro marcado, logo depois de dobrar a esquina. O Doutor e a Srta. Howard compartilhavam um cigarro, enquanto Cyrus espiava com ansiedade as casas escuras à sua volta, de ambos os lados da rua. Ele poderia ter-se

poupado um pouco do trabalho, na minha opinião, mesmo diante do que estávamos prestes a fazer: Ballston Spa era obviamente o tipo de cidade que fechava as portas cedo e assim permanecia, mesmo numa noite de sábado.

— Muito bem, agora lembrem-se — murmurou o Doutor, quando o Sr. Moore e eu os alcançamos: — O que estamos prestes a empreender é um ato criminoso de gravidade. Moore e eu, portanto, seremos os únicos a ter participação ativa de fato. Stevie, você fica de vigia nesta extremidade da rua. Cyrus, você monta guarda à mesma distância na direção oposta. Sara será nossa última linha de defesa: irá vigiar o portão do cemitério.

— Com a artilharia — disse ela, apresentando a arma que usava em ocasiões muito especiais: um Colt calibre 45 de sua propriedade, de cano curto e coroa de madreperla. Ela verificou a câmara com os movimentos ágeis de um entendido, enquanto o Doutor prosseguia.

— Se vocês encontrarem *alguém, qualquer um* de vocês, devem fingir ignorância completa. Vocês são hóspedes do Sr. Picton e saíram para tomar um ar fresco nesta bela noite.

Compreenderam? Então, muito bem...

O Sr. Moore começou a subir a quadra com a Srta. Howard e Cyrus.

— Por que não fica aqui com Stevie até eu cavar o buraco, Kreizler? Quanto menos pessoas lá dentro de uma vez, melhor, e você não... — O Sr. Moore interrompeu-se imediatamente, embora já tivesse lançado um olhar ao braço esquerdo incapacitado do Doutor.

— É — disse o Doutor, seguindo o olhar do Sr. Moore até seu membro ligeiramente atrofiado. — Entendi, Moore... eu não seria de muita ajuda na escavação. Muito bem. Avise quando estiver pronto.

Assentindo com a cabeça e parecendo um pouco pesaroso pelo que tinha dito, embora estivesse claro que sua intenção não fora a ofensa, o Sr. Moore afastou-se apressadamente com os outros dois.

O Doutor e eu ficamos ali alguns minutos, eu sem saber exatamente o que dizer para quebrar o silêncio constrangido provocado pela referência ao braço. Mas o Doutor logo tornou essa tarefa desnecessária, quando ele mesmo tornou a olhar para o membro e então deu uma risada abafada.

— É estranho — sussurrou o Dr. Kreizler —, nunca pensei que ele viesse mesmo a servir para alguma coisa...

— Hein? — foi tudo que consegui dizer.

— Meu braço — tornou a sussurrar o Doutor. — Estou tão acostumado a vê-lo como fonte de dor e más lembranças do passado que jamais imaginei que pudesse ser outra coisa.

Eu sabia o que ele queria dizer com aquela história de “más lembranças do passado”: quando tinha apenas oito anos, o braço esquerdo do Doutor fora violentamente quebrado por seu próprio pai durante a pior de suas muitas brigas. O homem havia então chutado o filho e o derrubado do alto de um lance de escada, agravando o traumatismo e garantindo que o braço nunca viesse a sarar propriamente. A dor recorrente nos ossos e músculos danificados, assim como o desenvolvimento incompleto do braço, servia para fazer com que as lembranças das provações por que o Doutor passara na infância fossem constantes em sua mente. Mas,

quanto ao que ele queria dizer com o braço “vir a servir para alguma coisa”, isso eu não sabia, e foi o que disse a ele.

— Estava me referindo a Clara Hatch — disse ele, erguendo os olhos do braço e olhando de uma ponta à outra da rua. — Desde nosso primeiro encontro, senti uma empatia natural pelo fato de ela ter perdido o uso do braço direito, talvez em razão de um ato de violência por parte da própria mãe.

Ambos nos viramos quando começamos a ouvir os ruídos abafados de uma pá cavando a terra; mas aquele fora um verão chuvoso e, à medida que a pá atingia uma camada do solo mais profunda e macia, o barulho extinguiu-se por completo. O Doutor continuou sua história:

— Hoje resolvi usar a coincidência de nossos ferimentos no esforço de fazê-la sentir-se segura o bastante em minha presença para começar a permitir que imagens do que aconteceu retornem a seus pensamentos.

— Imagens? — indaguei. — O senhor quer dizer que ela não se lembra de toda a história?

— Uma parte da mente dela, sim — respondeu o Doutor. — Mas a maior parcela de sua atividade mental está direcionada para a tarefa de evitar e apagar tais lembranças. É preciso entender, Stevie, que ela se encontra emocionalmente bloqueada pelo fato de sua experiência não fazer nenhum sentido claro: como pôde a mãe, que deveria ter sido a fonte de segurança e proteção, transformar-se em ameaça fetal? Além disso, ela sabe que Libby está viva e que poderia voltar e atacar outra vez. No entanto, a combinação do conjunto de lápis de cor que lhe dei hoje e a história que lhe contei sobre meu pai e o problema em meu braço parece ter pelo menos plantado



em sua mente a ideia de que talvez seja possível começar a confrontar tais medos e confusões, e quem sabe até mesmo partilhá-los com outra pessoa.

Sorri.

— Ela gostou mesmo dos lápis, hein?

O Doutor encolheu os ombros.

— Você já viu isso acontecer no Instituto. É extraordinário o que objetos aparentemente mundanos podem conseguir em tais situações. Um brinquedo, um jogo... um lápis de cor. Não é de surpreender que o primeiro que ela apanhou fosse o vermelho.

— Sangue? — perguntei baixinho, inferindo que, em seu lugar, eu talvez tivesse feito a mesma escolha.

— Exato — replicou o Doutor, balançando a cabeça e deixando escapar um assovio. —

Imagine a selvageria da cena, Stevie... Não é de se espantar que ela não consiga falar disso, que mesmo a lembrança tenha sido exilada para os cantos mais remotos de sua mente

consciente. E, não obstante, desses cantos, ela pressiona... clama... por ser libertada, mas somente se essa libertação for segura para Clara. — O Doutor fez uma pausa, refletindo sobre a questão. — Um córrego vermelho... lembra do desenho da casa dos Westons que ela mostrou a Cyrus? Tem um riacho que corre por trás da casa, e hoje ela o acrescentou ao desenho. Mas ela o fez em vermelho... torrentes jorrando aos borbotões em vermelho. E, ao lado do córrego, desenhou uma árvore morta, uma árvore cujas raízes se estendem para o regato vermelho. — O

Doutor abanou a cabeça, em seguida ergueu a mão esquerda, cerrando o punho. — Vou lhe dizer uma coisa, Stevie: se durante nossa estada aqui não fizermos nada mais do que ajudar a curar a mente dessa pobre garotinha, a viagem não terá sido em vão.

Fiquei pensando nisso por alguns minutos e então perguntei:

— Quanto tempo acha que vai levar até ela poder começar a falar com o senhor sobre o que aconteceu?

— Na verdade, estou bastante otimista, tomando como base seu comportamento desta tarde. Deve ser apenas uma questão de dias para que possamos discutir o incidente através de desenhos e perguntas simples. Quanto a fazê-la falar... para isso terei de apresentar algumas estratégias novas.

Durante algum tempo, não falamos muito. Acho que eu estava absorvendo a ideia de que a pequena Clara estivesse vivendo lá naquela fazenda, entre pessoas que um dia haviam sido estranhas para ela, tentando desesperadamente, dia e noite, não pensar por que tinha de morar com eles, ao mesmo tempo em que ansiava por entender os motivos para isso. De que forma seu cérebro podia operar quando lhe foram dadas duas sequências de ordens tão opostas e tão urgentes? Como ela podia conseguir dormir, ou mesmo ter paz, com todas aquelas vozes berrando dentro de seu crânio, ordenando-lhe que fizesse coisas diferentes? Era um pensamento terrível; e comecei a me sentir grato, de pé ali naquela esquina, pelo fato de, quando era um garotinho em Nova York, pelo menos saber quem eram meus inimigos e do que eu precisava para sobreviver. Por pior que minha mãe tivesse agido, eu não acreditava que em algum momento ela

tivesse desejado que eu literalmente morresse; e, pela primeira vez, vi que o que me acontecera, ainda que não fosse uma bênção, pelo menos era uma das melhores numa longa lista de opções ruins.

De repente ouvimos o som de passos se aproximando. O Doutor e eu nos escondemos na sombra de um olmo e esperamos: mas era apenas a Srta. Howard, vindo nos dizer que o Sr.

Moore estava pronto para o trabalho do Doutor.

— As coisas estão bastante tranquilas por lá — observou ela, apontando o cemitério. —

Assim, ele pediu uma ajuda a Cyrus para trazer o caixão à superfície. Não que esteja assim tão pesado...

O Doutor assentiu, sombriamente, e então voltou-se para mim.

— Muito bem, Stevie — disse ele. — Vai ficar por sua própria conta por alguns minutos.

Mantenha-se bem alerta.

Os dois voltaram pela Ballston Avenue e permaneci sob o olmo, fitando as sombras delineadas pela lua. Uma brisa morna logo começou a soprar e pintar o diabo com meus olhos

— e com minha imaginação. Todas as sombras que me cercavam transformaram-se em silhuetas fantasmagóricas de figuras humanas, todas movendo-se e dançando, e fui ficando cada vez mais convencido de que elas estavam se preparando para saltar sobre mim. Ah,

decerto, disse para mim mesmo, era o vento e eu não tinha nada com que me preocupar; era só um truque da luz e dos meus olhos, somente uma porção de...

Foi quando percebi uma coisa: uma daquelas silhuetas com aparência humana — uma de tamanho pequeno, sob a árvore do outro lado da rua — não estava se movendo. Não só isso, mas também não estava onde deveria estar, dada a posição da lua. E ainda havia nela dois pontos cintilantes, bem no nível dos olhos...

E, para uma sombra, ela estava fazendo algo que me parecia muito perto de um sorriso.

Fiquei paralisado, assustado e confuso. Quanto mais eu fitava a coisa, mais me convencia de que “aquilo” era uma pessoa de verdade; ao mesmo tempo, porém, o fato de fitá-la tão fixamente começara a desfigurar ligeiramente minha visão. Eu sabia que não chegaria a conclusão alguma se não encontrasse uma maneira de fazer a coisa sair das sombras da árvore e vir para o luar; entretanto, essa atitude poderia resultar muito perigosa. Quem quer ou o que quer que eu estivesse observando, porém, não parecia estar enviando nenhum sinal de alarme nem fazendo qualquer gesto hostil; assim sendo, concluí que não haveria problema em dar alguns passos à frente, deixando a proteção de minha árvore, a fim de tentar vê-lo melhor.

Comecei a andar. Em seguida, um arrepio forte percorreu meu corpo, quando a figura sombria do outro lado da rua imitou meu movimento. Assim que nos vimos fora das sombras, pude distinguir claramente quem era:

El Niño, o pequeno aborígine filipino do *señor* Linares. Vestido com aquelas mesmas roupas que pareciam quatro

tamanhos acima do seu, por alguma razão, ele sorria para mim.

Erguendo lentamente um braço, parecia tentar fazer-me um sinal e, por um instante, meu medo diminuiu. A tentativa de comunicação e o sorriso combinavam-se com as feições arredondadas e agradáveis, fazendo-o parecer tudo, menos ameaçador. Nesse momento, porém, ele fez um gesto diferente: levantando a cabeça, estendeu uma das mãos e correu um dedo em torno do pescoço. Ora, na maior parte do mundo, que eu saiba, isso só tem um significado; mas ele ainda sorria, assim eu lhe dei o benefício da dúvida por mais alguns segundos, na remota possibilidade de que eu estivesse entendendo mal. Mas o que veio a seguir não era de modo algum tranquilizador: ainda sorrindo, ele envolveu o pescoço com as mãos, numa espécie de gesto de estrangular, como se tivesse a intenção de enforcar alguém — nesse caso, pelo que parecia, este seu criado.

Tornando a estremecer violentamente, girei o corpo e disparei rua acima em direção ao cemitério, totalmente convencido de que o homenzinho que eu tomava por assassino iria seguir-me e que dessa corrida dependia a minha vida. Não olhei para trás — eu já vira o quanto El Niño era rápido e não queria perder um só segundo. Quando cheguei à extremidade norte do cemitério cercado, entrei no campo de visão da Srta. Howard, que estava de costas para mim. Sem querer gritar pedindo ajuda, simplesmente ganhei velocidade, torcendo para que ela percebesse o ruído de meus pés. Não demorou para que me ouvisse e, faltando uns dez metros para eu alcançá-la, quando ela já podia ver a expressão em meu rosto, a Srta. Howard sacou o revólver, segurando-o e apontando-o com perícia para além de mim. Sentindo grande alívio, continuei a correr em sua direção; entretanto, quando vi seu rosto assumir um ar de confusão e os braços caírem ao lado do corpo, reduzi

meu passo. Ela limitou-se a olhar para mim e encolher os ombros, e aí estaquei, arfando e finalmente olhando para trás.

O pequeno aborígene não se encontrava à vista.

A Srta. Howard veio rapidamente ao meu encontro, enquanto eu me inclinava, as mãos nos joelhos, inspirando grandes jatos de ar e cuspidando no chão.

— Stevie — disse ela baixinho —, o que aconteceu?

— Aquele criado do *señor* Linares — repliquei. — El Niño... ele estava lá atrás!

Num instante a Srta. Howard tornou a erguer a pistola, embora desta vez não mais que na altura dos quadris.

— O que ele estava fazendo?

— Só... me observando — respondi finalmente, recuperando o fôlego. — E ele fez um sinal com as mãos... Srta. Howard, acho que tinha a intenção de me matar. Mas é estranho... ao mesmo tempo, estava sorrindo o tempo todo.

Com a mão livre, ela agarrou meu braço direito e me puxou em direção ao portão do cemitério.

— Venha — disse ela. — O Doutor vai querer saber disso.

Nunca me considerei um homem religioso de fato; mas, quando chegamos ao portão, olhei o cemitério e me vi diante de uma cena que me pareceu tão profana que me detive de imediato.

A área diretamente à nossa frente estava iluminada em parte pela lua, mas também pelo brilho débil de um par de

postes de luz em arco que ficavam do lado externo da cerca nos fundos do cemitério. Juntas, essas fontes de luz tornavam quase impossível enganar-se sobre o que estava acontecendo ali: o Doutor encontrava-se agachado sobre um pequeno caixão, sem o paletó e com as mangas da camisa arregaçadas. A tampa do caixão estava caída a um lado, próxima a um monte de terra retirado de um túmulo aberto. As mãos enluvadas do Doutor seguravam um bisturi e um par de fórceps de aço: ele trabalhava rápida mas cuidadosamente, como alguém destrinchando um peru numa mesa cheia de famintos. O Sr. Moore, de pé ao lado, olhava em outra direção, um lenço cobrindo a boca. Parecia ter se sentido mal havia pouco.

— Espere — foi tudo que consegui dizer quando a Srta. Howard entrava no cemitério. —

Não vale... não vale a pena interrompê-lo. Podemos contar quando ele sair.

A Srta. Howard dirigiu-me um olhar rápido, deixando claro que entendia minha relutância.

— Você fica aqui vigiando — disse ela. — Mas tenho de dizer a ele... o aborígine pode não estar sozinho. Quer ficar com meu revólver?

Olhei para a arma, mas abanei a cabeça negativamente em resposta; como já disse, as armas nunca fizeram meu estilo. A Srta. Howard caminhou rapidamente na direção do Sr.

Moore e do Doutor, e embora eu não pudesse ouvir o que disseram, pude ver expressões de intenso alarme registradas no rosto de ambos. Mas tínhamos ido longe demais para desistir agora, até mesmo eu sabia disso. Assim sendo, os dois homens mandaram a Srta. Howard de volta ao portão, e a seguir o Doutor voltou ao trabalho com

energia redobrada. Olhei mais além na Ballston Avenue e vi Cyrus, que espiava em nossa direção, obviamente querendo saber que diabos estava se passando.

Pensei em correr até lá e contar a ele; no entanto, nesse momento ouvi um ruído de satisfação — talvez um tanto alto demais, haja vista a situação — vindo da direção do Doutor.

Virando-me, vi que segurava algo entre os dedos enluvados: tinha de ser a bala. O Sr. Moore olhou para o objeto e deu uns tapinhas nas costas do Doutor com um sorriso de alívio. Então começaram a colocar rapidamente a tampa de volta sobre o caixão. Olhando na direção em que eu e a Srta. Howard estávamos, o Sr. Moore chamou num sibilo “Stevie!”, o mais alto que

considerou seguro; e com a parte de meu estômago que não subira para a garganta diante da visão de El Niño, agora começando a se juntar ao restante, corri até eles.

O cheiro de terra e matéria putrefata alcançou-me a cerca de dez metros de distância, embora, felizmente, quando cheguei ao local do túmulo já houvessem recolocado a tampa do pequeno caixão no lugar. Então restou a mim e ao Sr. Moore, usando os pedaços de corda, recolocar o esquite no buraco que ele cavara, o que conseguimos sem muito problema. Essa tarefa me manteve ocupado o suficiente para evitar que pensasse muito sobre o lugar em que me encontrava — bem como no que estava fazendo —, mas assim que vimos o caixão lá embaixo e começamos primeiro a encher o túmulo com a terra e, em seguida, a recobri-lo com grandes seções de grama que o Sr. Moore recortara cuidadosamente, tive chance de olhar ao meu redor, vendo todas as lápides e monumentos que me cercavam.



Com um sobressalto, de repente percebi que na verdade eu me encontrava de pé sobre o túmulo do pequeno Thomas Hatch. Passando rapidamente a cumprir minha função de outro ângulo, olhei para as lápides de Thomas e Matthew. As duas eram idênticas, exceto pelas palavras ali gravadas. Na parte superior de ambas, mostravam os nomes e idades dos meninos, e, debaixo de cada nome, lia-se a inscrição: “Filho Amado de Daniel e Elspeth”. Sob essas palavras, porém, havia duas citações diferentes. A de Thomas dizia: “Um cordeiro que seguiu cedo demais para junto do Cordeiro”, ao passo que na de Matthew lia-se: “Aquele que Crê em Mim Não Morrerá.” Na base de cada lousa, em letras menos banais e mais fluidas do que o restante, via-se ainda uma mensagem: “Amor Eterno da Mamãe.”

Talvez eu estivesse apenas procurando alguma coisa em que fixar minha mente, a fim de me acalmar, mas ocorreu-me perguntar:

— Por que foram enterrados aqui e não na propriedade dos Hatches? Tem um cemitério lá, atrás da casa.

— Muitas cidades agora exigem que o enterro seja feito num cemitério público —

respondeu o Doutor, segurando acima da cabeça o pequeno objeto que encontrara e examinando-o. — Por questões de saúde pública. Estou certo de que a Sra. Hatch não fez qualquer objeção... ela deve ter se dado conta de que as chances de alguém tentar exatamente o que estamos fazendo agora seriam mais remotas num cemitério público.

— É, e ela tinha bons motivos para pensar assim — disse o Sr. Moore, pondo o último trecho de grama no lugar e tentando recobrir os cortes visíveis no chão arrancando moitas soltas de grama e salpicando-as sobre os cortes. — É

muito mais fácil ser apanhado num lugar como este. — Ele se pôs de pé, examinou o trabalho e então fez um movimento com a cabeça, satisfeito. — OK. Vamos dar o fora daqui.

O Doutor dirigiu-se rapidamente para o portão, mas fiquei para trás com o Sr. Moore, que lutava para vestir o paletó, enquanto arrastava a pá e os pedaços de corda. Apanhando estes últimos itens de suas mãos, perguntei:

— Então, vocês encontraram? A bala... é o que quero dizer.

— Parece que sim — respondeu ele, sem querer ficar muito esperançoso antes de ter certeza de que tinha razão para tal. — E em muito boa condição. Mas, quanto a essa ser ou não a bala... somente amanhã teremos certeza. Soube que você teve um entrevero com nosso amigo filipino.

Abanei a cabeça e deixei escapar um suspiro de alívio.

— Pensei que fosse morrer, com toda certeza.

— Duvido que ele tencionasse algo nesse sentido — afirmou o Sr. Moore. — Você o viu em ação... se quisesse matá-lo, é certo que você nunca teria visto ou ouvido coisa alguma.

— Hum. — Parei no portão, percebendo que o Sr. Moore tinha razão. — Mas, então, o que ele queria? — perguntei, enquanto Cyrus vinha correndo para juntar-se a nós.

— Isso não sabemos — respondeu o Doutor, adivinhando de quem e do quê eu estava falando. — Embora devamos tentar descobrir. No entanto, o mais vital agora, Stevie, é que você não mencione o encontro nem para os sargentos-detetives nem para o Sr. Picton. Para eles... aliás, para todos nós — ele olhou mais uma vez para o cemitério, enquanto nos afastávamos —, nada disso jamais aconteceu.

— Não sou eu quem vai discordar — replicou o Sr. Moore, aceitando um cigarro que o Doutor lhe oferecia. — Não estou muito orgulhoso desta pequena travessura.

— Você acha que Matthew Hatch virá puxar seu pé, Moore?  
— alfinetou o Doutor. —

Para repreendê-lo por perturbar seu descanso eterno?

— Quem sabe — disse o Sr. Moore. — Alguma coisa no gênero. *Você* não parece muito preocupado nesse sentido, Kreizler.

— Talvez eu tenha uma visão diferente do que acabamos de fazer — respondeu o Doutor, sua voz soando com maior seriedade. — Talvez eu acredite que a alma de Matthew Hatch ainda não tenha *conhecido* a paz, seja esta eterna ou não... e que representamos sua única chance de obtê-la. — Acendendo primeiro o cigarro do Sr. Moore e depois um para si mesmo, o Doutor deu uma tragada e ficou mais animado. — O que não compreendo — disse ele, sua mente saltando de um assunto para o outro com a mesma agilidade de sempre — é que diabos eles querem. O homem nos manda um aviso no número 808... salva a vida de Cyrus na Bethune Street... e agora *aqui*, numa outra parte do *estado*, obviamente tenta transmitir uma espécie de mensagem mortal a Stevie. Quais serão as intenções dele?

— Está claro que o *señor* Linares — retrucou a Srta. Howard, seguindo as divagações do Doutor — quer que saibamos que ele está ciente de nossos passos... e de nossas ações.

O Sr. Moore assentiu.

— Parece que, contanto que não estejamos compactuados com sua mulher ou tentando encontrar a garota, está tudo bem conosco. Mas, se ultrapassarmos esses limites...

— Seria esse o significado dos sinais do aborígine para Stevie? — perguntou-se o Doutor.

— Que podemos fazer o que quisermos em relação a Libby Hatch, desde que deixemos a família Linares fora disso?

— Talvez — disse o Sr. Moore, dando de ombros.

— Bem, então por que o homem simplesmente não nos diz isso? — indagou o Doutor, em crescente frustração. — Por que todas essas mensagens enigmáticas, enviadas através de um misterioso mensageiro?

Eu meneava a cabeça negativamente.

— Não creio que fosse isso o que ele queria dizer...

— Stevie? — insistiu o Doutor.

— Não sei — respondi, intrigado com a questão. — É só que... bem, essa não era a expressão que ele tinha no rosto. Estou falando de El Niño. Fiquei assustado na hora, claro,

mas... pensando agora que já passou, não creio que ele estivesse me ameaçando ou advertindo.

Era quase como se... como se quisesse alguma coisa.

— O aborígine? — perguntou o Doutor, quando já nos aproximávamos da casa do Sr.

Picton. — O que ele poderia querer de nós?

— Como disse, não sei. — Baixei o tom de voz a um leve sussurro, enquanto formávamos furtivamente uma fila para tornar a entrar na casa. — Mas alguma coisa me diz que não vai demorar muito para ele nos informar.

## **CAPÍTULO 35**

Não podíamos ter esperado que o restante de nosso plano transcorresse mais de acordo com o que prevíamos. Quando retornamos à casa do Sr. Picton, o Sr. Moore introduziu cuidadosamente a bala numa fenda no pedaço de madeira que havíamos tirado da carroça dos Hatches e, na manhã seguinte, fomos todos despertados pelos gritos desvairados de Lucius.

Este havia acordado cedo para tentar examinar pessoalmente a madeira, pensando que talvez alguma coisa nos tivesse passado despercebida — o que agora parecia mesmo ter acontecido.

Futucando o pequeno buraco com uma das sondas médicas, Lucius anunciou que encontrara um objeto decididamente feito de um tipo de metal macio; e enquanto nos vestíamos e tomávamos café, ele e Marcus entregavam-se à tarefa de livrar o objeto da madeira. Era um momento de ansiedade para os dois irmãos, e também para o Sr. Picton; e nós tentávamos fazer parecer que estávamos igualmente impacientes. Até hoje, porém, não sei o quanto fomos convincentes.

Quando as últimas lascas de madeira cederam ao paciente trabalho do canivete dos sargentos-detetives e revelaram uma bala perfeitamente reconhecível — grande e quase intacta

—, ouviram-se vivas de todos os lados. Marcus levou a bala para dentro, depositando-a sobre a superfície de feltro verde da mesa de carteadado para que todos nós a examinássemos. Eu já tinha visto diversos projéteis daquele tipo em minha vida, mas nunca me dera ao trabalho de estudar um deles tão de perto quanto fazia agora através

de uma das lentes de aumento. Tentava vislumbrar as marcas identificadoras de que Marcus e Lucius nos haviam falado no dia anterior; e lá estavam elas, com certeza, nítidas o bastante para qualquer um ver, ou pelo menos ali estavam os tais planos e ranhuras. Quanto a algum defeito produzido pelo cano do Peacemaker, teríamos de avaliar a partir da comparação com outra bala — que já era hora de obter, seguindo para o quintal e fazendo o teste com os fardos de algodão.

Com os gestos de um perito, Lucius disparou as três balas que encontrara na pistola (e que havia recondicionado ligeiramente) contra o algodão na outra extremidade do quintal. Somente um dos cartuchos mostrou os efeitos do tempo, não detonando; os outros foram acionados admiravelmente, depois do quê coube a nós escarafunchar os fardos de algodão em busca das balas, que não levamos mais de vinte minutos para localizar. Marcus e Lucius nos asseveraram que estavam ambas em bom estado, e então era a hora do trabalho de comparação; este, porém, advertiram os dois, poderia levar muitas horas. Todos voltamos para dentro de casa, onde Marcus havia montado o microscópio duplo sobre a mesa de carteado. Baseando-nos na suposição de que acabaríamos conseguindo uma correspondência perfeita entre as balas, começamos a planejar as medidas que precisaríamos tomar nos dias seguintes a fim de conseguir que Libby Hatch fosse levada a um júri de pronúncia.

Normalmente, a pronúncia seria certa, esse tipo de júri sendo fantoche dos promotores; mas, como todos sabíamos muito bem, tínhamos algumas circunstâncias especiais trabalhando

contra nós neste caso, e estas exigiam que fizéssemos mais do que o dever de casa de praxe.

Para o Sr. Picton, isso significava um maior número de horas diárias no gabinete, continuando a repassar todas as informações sobre o caso e reunindo o maior número possível de precedentes, além de determinar quais testemunhas (perito, testemunha ocular ou outro tipo) deveriam ser chamadas a depor. Enquanto isso, para Marcus e o Sr. Moore, significava voltar a Nova York para executar toda uma bateria de tarefas cruciais. Em primeiro lugar, teriam de notificar oficialmente Libby Hatch de que ela seria submetida a uma investigação, no caso de ela querer comparecer aos procedimentos processuais e testemunhar, como era direito seu. (O

Sr. Picton pensou em fazer de Marcus temporariamente um oficial especial do tribunal, para que ele pudesse cuidar da notificação.) Em segundo lugar, os dois teriam de encontrar o reverendo Clayton Parker, testemunha potencialmente decisiva, cujo último endereço conhecido em Nova York o Sr. Moore tentaria descobrir naquela tarde na igreja presbiteriana.

Por fim, se Libby Hatch decidisse que nada tinha a ver com o grande júri (como supúnhamos que faria), Marcus e o Sr. Moore teriam de ficar na cidade e tentar vigiar seus movimentos sem ter a cabeça arrebetada pelos Hudson Dusters.

Lucius e Cyrus, por sua vez, estavam aliados na tarefa de voltar à velha casa dos Hatches na segunda-feira e virar o lugar de pernas para o ar, em busca de outras pistas. A Srta. Howard e eu ficamos incumbidos de descobrir o que pudessemos sobre o passado misterioso de Libby Hatch, uma jornada que começaria com outra visita à Sra. Louisa Wright, depois seguiria para a cidadezinha de Stillwater (onde sabíamos que Libby tinha morado por algum tempo) e então nos levaria Deus sabe para onde. Quanto ao Doutor,

ele naturalmente continuaria a trabalhar com Clara Hatch: não podíamos esperar a indicição da ré, repetiu o Sr. Picton, a menos que a garotinha pudesse responder pelo menos a perguntas simples do tipo sim ou não diante do júri.

O Doutor e Cyrus foram para a fazenda dos Westons logo depois do almoço, enquanto o Sr. Moore ia a pé até a igreja presbiteriana e o Sr. Picton retornava ao gabinete. No entanto, todos estavam de volta antes que houvesse algum sinal de progresso na mesa de carteados no salão. As horas se passavam, enfadonhamente, sem indício de sucesso; por volta das seis e meia, porém, Lucius por fim se levantou de um salto da cadeira e começou a gritar como um louco, atitude que o restante de nós achou por bem entender como um sinal auspicioso.

Reunindo-nos em torno da mesa, logo soubemos que nossas esperanças eram bem fundadas. Não só o espaçamento das ranhuras e dos planos (havia sete de cada, espiralando para a esquerda) ajustava-se perfeitamente ao cano do Colt, como no mesmo ponto, em cada uma das balas, havia outra marca, tão pequena que exigiu horas para identificá-la. Por fim, concluiu-se que tinha sido deixada ali, disse Marcus, por um minúsculo corte no aço do cano da pistola, logo depois da boca da arma. Essa marca daria ao testemunho balístico dos sargentos-detetives (ou de qualquer outra pessoa) aquele peso “não conclusivo mas ainda assim de um em um milhão” que estávamos procurando: mesmo que se aceitasse a ideia de que outro Colt calibre 45 de ação simples, do modelo usado pelo Exército, tivesse exatamente o mesmo padrão de ranhuras e planos que o nosso, a hipótese de que também tivesse o mesmo defeito no cano era muito difícil de engolir. Assim, parecia que havíamos deixado para trás um grande trecho do caminho, e que as



garras de nossa complexa armadilha estavam começando a cerrar-se com mais força.

O Sr. Picton estava tão confiante, na verdade, que anunciou que pretendia marcar a audiência do grande júri para a sexta-feira seguinte; dali a apenas cinco dias. Como descobrimos na manhã seguinte, porém, o chefe de nosso anfitrião, o promotor Pearson, não partilhava da confiança de seu assistente: quando o Sr. Picton lhe falou de sua intenção, o Sr.

Pearson declarou que agora pretendia antecipar em uma semana as férias que vinha planejando para dali a duas semanas, e que não voltaria antes que toda aquela história “antinatural” do caso Hatch já tivesse acabado. O Sr. Picton, de sua parte, não parecia muito preocupado com isso: ele despediu-se alegremente do Sr. Moore e de Marcus (que ao meio-dia estavam preparados para voltar a Nova York) e então recolheu-se ao gabinete, e nesse momento todos nós nos dividimos para cumprir nossas tarefas separadamente.

Para mim e para a Srta. Howard, o primeiro item na ordem do dia era uma visita à casa da Sra. Louisa Wright, na Beach Street. Era um lugar estranho, tão perto das estufas Schafer que vivia numa espécie de dia constante, posto que não havia uma só hora da noite em que uma parte da gigantesca floricultura não estivesse artificialmente iluminada. Por essa razão, a Sra.

Wright — mulher de aspecto agradável mas de palavras duras, de cinquenta e poucos anos, cujo marido morrera durante a Guerra Civil, quando ela era ainda jovem — tinha as janelas cobertas por cortinas pesadas, o que tornava a casa tão silenciosa quanto um túmulo. Um relógio na cornija da lareira, na sala de estar, era a principal fonte de ruído, o tique-taque ininterrupto parecendo gritar que a vida estava

passando. Os muitos retratos do jovem marido de Louisa Wright que decoravam a casa colaboravam para a impressão de funerária que o lugar causava.

A Sra. Wright serviu-nos chá e sanduíches na sala de estar, muito contente, pareceu-me, por se ver ainda mais envolvida em nossa perseguição a Libby Hatch — e ao ouvir que seria chamada como testemunha diante de um júri investigando a questão, seu contentamento pareceu transformar-se positivamente em satisfação. Como logo ficará claro (com alguma sorte), o que a mulher tinha a dizer sobre Libby Hatch, o reverendo Parker, as crianças Hatches e a morte do velho Daniel era muito esclarecedor e reforçava tudo que ela havia originalmente contado à Srta. Howard sobre o caso. Por isso, quando a Srta. Howard e eu deixamos a casa por volta das três, seguindo para a cocheira onde alugamos uma carruagem para a viagem a Stillwater, nosso estado de espírito era de grande otimismo.

Tomamos de aluguel a mesma carruagem aberta — puxada pelo mesmo pequeno garanhão Morgan — que nos havia trazido de volta da velha casa dos Hatches na sexta-feira, e a primeira parte de nossa viagem rumo sudeste, embora não exatamente luxuosa, foi realizada com rapidez e facilidade pelo cavalo de disposição inabalável. Infelizmente, a carruagem propriamente dita mostrou-se muito menos confiável: logo depois de entrarmos na estrada que corria ao longo do Hudson, perdemos uma das rodas traseiras com um baque áspero e desagradável, e embora a queda não houvesse danificado nem a roda nem a carruagem, deteve-nos no acostamento da estrada por algumas horas, até que um fazendeiro que passava por ali carregando uma corda pesada nos ofereceu ajuda para levantar o veículo e recolocar a roda no lugar. Esse processo levou mais umas duas horas e então tivemos de seguir lentamente nosso Bom Samaritano até sua fazenda, onde

ele tinha as ferramentas para cuidar que a roda se mantivesse firme no lugar. A Srta. Howard deu ao homem bondoso, ainda que não muito falante, cinco dólares pela ajuda e então resolvemos que, encontrando-nos ligeiramente mais

perto de Stillwater do que de Ballston Spa (embora estivéssemos a boa distância de ambas as cidades), prosseguiríamos em sentido sul e tentaríamos ao menos iniciar nosso segundo encargo do dia.

Quando chegamos a Stillwater, o sol já estava se pondo sobre a pequena cidade, que não passava de umas duas fábricas à beira do rio e várias quadras de casas que se espalhavam a partir da margem. O local era consideravelmente mais deprimente do que a maioria das cidades que víamos na região: era difícil dizer o que aquelas fábricas produziam, mas havia uma impressão geral de sujeira e degradação em todo o vilarejo, do tipo que normalmente era associado a cidades maiores. Até mesmo o Hudson, que costumava ser limpo e convidativo ali ao norte, parecia apresentar uma película de sujeira naquele trecho. O fato de não haver ninguém nas ruas não contribuía muito para melhorar o ar frio e ameaçador da cidade; e quando o sol começou a se pôr mais rapidamente logo depois de nossa chegada, tanto a Srta.

Howard quanto eu começamos a nos perguntar em voz alta se tínhamos tomado a decisão certa sobre que caminho tomar depois de a roda ser consertada. Naturalmente, tampouco o fato de sabermos que Libby Hatch um dia morara nessa cidadezinha sinistra e atrasada melhorava a impressão que tínhamos do lugar.

Parei a carruagem num local que parecia ser o centro da cidade (apesar de ainda não se ver viva alma), então

saltamos e começamos a andar por ali, imaginando que acabaríamos por encontrar *alguém* que pudesse nos dizer algo sobre o lugar. Finalmente, depois de dez minutos sem divisar qualquer atividade, ouvimos uma porta se abrir defronte a uma das fábricas à beira do rio, e vimos um homem sair de uma das casinhas que mais pareciam barracos perfiladas ao longo do quarteirão.

— Com licença? — a Srta. Howard chamou a atenção do sujeito, cujo corpanzil de mais de 1,80m pareceu saltar uns trinta centímetros no ar.

Caminhamos rapidamente para onde ele estava parado e, enquanto nos aproximávamos, ele olhou ansioso à sua volta, empertigando-se um pouco, como se pensasse que fôssemos representantes da lei ou da igreja.

— Com licença — repetiu a Srta. Howard, quando alcançamos o homem —, mas estamos à procura de informações sobre alguém que morava aqui. O senhor sabe com quem poderíamos falar? Sei que já é tarde, mas...

— Estão todos na taberna — respondeu o homem rapidamente, recuando alguns passos. —

Quem não estiver em casa, está lá. Estão todos lá. — Ele fez um gesto com a cabeça, indicando a área ribeirinha, umas três ou quatro quadras abaixo de onde estávamos.

— Ah. — A Srta. Howard virou-se para tentar localizar a taberna mencionada pelo homem e então assentiu com a cabeça. — Sei... — Ela tornou a se voltar para ele. — Por acaso o *senhor* não poderia nos ajudar? Faz muito tempo, então...

— Morei aqui a minha vida toda, moça — replicou o homem. — Se é alguém que morou *nesta* cidade, vou saber melhor

do que aqueles latinos e irlandeses que vieram trabalhar nos moinhos.

A Srta. Howard fez uma pausa, estudando o homem e então dando um leve sorriso.

— Entendo. Bem, então... estamos procurando informações sobre uma mulher. Quando morou aqui, o nome dela era Libby Fraser, embora depois disso...

— *Libby Fraser?* — O rosto do homem contorceu-se numa estranha dança: em breves ondulações de pânico, ele passou do choque ao medo e por fim ao ódio. — Por que diabos vocês querem saber *dela*?

— Bem, escute, estamos trabalhando numa investigação...

— Não tem ninguém que vá falar com vocês sobre Libby Fraser. Não nesta cidade. Não tem ninguém que tenha alguma coisa para falar. — Os olhos do homem saltavam do rosto sujo, como se ele fosse ficando mais assustado e furioso a cada segundo. — Entendeu? *Ninguém*.

Ela foi embora daqui há muito tempo. Se quer fazer perguntas sobre Libby Fraser, descubra para onde ela foi depois daqui e vá até lá. — Ele cuspiu na rua empoeirada. — Seria a coisa mais inteligente a fazer. — Ajeitando a camisa por dentro da calça, como se para deixar claro que era um homem sério, ele virou-se e tornou a entrar na casa da qual acabara de sair.

Tanto a Srta. Howard quanto eu ficamos observando-o ir com uma expressão de perplexidade.

— Bem — disse por fim a Srta. Howard —, temos de dar esse crédito à mulher: ela inspira reações fortes aonde quer que vá.

Olhando para trás, rua abaixo, vi uma tabuleta pendurada do lado de fora de uma das construções à margem do rio, além das fábricas. Não dava para ler o que estava escrito na quase escuridão, mas estava óbvio do que se tratava.

— Acha que devemos tentar aquela taberna? — indaguei, apontando para lá.

— Creio que não há outra saída — respondeu a Srta. Howard. — Já viemos até aqui.

Não nos demos ao trabalho de subir outra vez na carruagem, mas percorremos a pé as três quadras até o prédio com a tabuleta, que de fato revelava que ali dentro se localizava um estabelecimento que, naquela cidade, podia se chamar “taberna”, mas que em Nova York não passaria de uma espelunca barata. Eu não tinha muita certeza se era sensato uma mulher e um garoto entrarem sozinhos num lugar daquele, e acho que a Srta. Howard pôde ver a preocupação em meu rosto: ela apanhou o revólver de cabo de madrepérola e o mostrou a mim de relance.

— Pronto? — foi tudo que ela disse, enquanto tornava a guardar a arma nas dobras do vestido.

Fiz que sim com a cabeça, embora ainda estivesse muito nervoso.

— OK — concordei e então abri a porta de tela do velho edifício revestido de madeira.

O ambiente ali exalava os maus cheiros de hábito — cerveja, outras bebidas alcoólicas, fumo, urina —, mas, como estivesse localizado acima de uma parte morta do Hudson, a água podre do rio também se incluía na mistura. Havia um balcão comprido e uma mesa de sinuca, e o lugar

era iluminado (ou quase isso) por meia dúzia de lamparinas a querosene. Cerca de vinte homens espalhavam-se por ali, apenas alguns poucos conversando ou fazendo outra coisa que não fosse olhar para as paredes e pelas janelas com os olhos mortos de quem se dedicasse à única recreação que conhecia ou que provavelmente conheceria: sentar-se diante de uma bebida forte. Como acontece em tais lugares, em cidades assim, todos se voltaram simultaneamente na direção da porta quando entramos; e, para nós, foi uma certa surpresa ver, de pé num dos cantos do balcão, o mesmo homem com o qual estivéramos conversando três minutos antes. O que quer que Libby Fraser houvesse feito e sido naquela cidadezinha, fora suficientemente marcante para obrigar um homenzarrão cansado a correr por um caminho mais

longo, no que devia ter sido uma boa marcha, a fim de avisar aos companheiros de que havia estranhos na cidade fazendo perguntas sobre ela.

A Srta. Howard fez um cumprimento com a cabeça na direção do homem.

— Olá — disse ela tranquilamente. O homem, porém, tornou a virar-se para o bar, como se nunca nos tivesse visto. Indecisa quanto ao próximo passo, a Srta. Howard olhou para mim.

Esperei até que o murmúrio baixo no salão recomeçasse para dizer bem baixinho:

— O atendente no balcão.

Encontramos um lugar vazio na extremidade do balcão e esperamos que o homem magro e mal-encarado atrás dele viesse em nossa direção. Ele nada falou, apenas dirigiu um olhar frio à Srta. Howard.

— Boa noite — disse ela, tentando as boas maneiras mais uma vez. Agora, porém, não tiveram melhor resultado: o homem continuou simplesmente a olhar para ela. — Queremos algumas informações...

— Não vendo isso aqui — respondeu o barman. — Tenho bebidas. Só isso.

— Ah. — A Srta. Howard considerou aquela resposta por um segundo e então disse: —

Bem, nesse caso, vou querer um uísque. E um refrigerante aqui para o meu amigo.

— Tenho limonada — replicou o homem, voltando o olhar frio para mim por um instante.

— Tudo bem, limonada então — falei, sem querer mostrar ao sujeito que ele estava me deixando nervoso.

Ele levou apenas alguns segundos para preparar as bebidas e, ao pôr o dinheiro sobre o balcão, a Srta. Howard disse:

— Não esperamos que a informação seja de graça...

Mas isso só pareceu irritar ainda mais o homem: seus olhos se estreitaram e ele se debruçou sobre o balcão na direção dela.

— Agora, ouça, moça... — De repente, todos os homens no estabelecimento estavam nos fitando diretamente. — Já lhe disseram que não tem ninguém nesta cidade que vai lhe falar sobre Libby Fraser. Não é a atitude mais inteligente do mundo *alguém* falar sobre ela...

inclusive estranhos.



A Srta. Howard olhou rapidamente à sua volta, pelo salão escuro e sujo, e então perguntou:

— Não entendo. Do que vocês todos têm medo?

Um estremecimento de pavor percorreu meu corpo: não estávamos no tipo de lugar onde se saísse acusando os homens de ser covardes. Estranhamente, porém, o barman não se atirou no pescoço da Srta. Howard nem tampouco os outros que ouviram a pergunta. Eles simplesmente continuaram a fitá-la com firmeza e, por fim, o homem no balcão, numa voz abafada, respondeu:

— Às vezes o medo nada mais é do que bom senso. O mesmo se aplica a manter a boca fechada. E, depois do que aconteceu com os Muhlenbergs...

— Os Muhlenbergs? — repetiu a Srta. Howard; mas o barman já havia se interrompido, percebendo que falara demais.

— Acabem de beber e deem o fora daqui — disse ele, indo para a outra extremidade do balcão.

— O senhor não pode pelo menos nos dizer onde mora essa gente? — perguntou a Srta.

Howard, abusando da sorte. — Não creio que vocês estejam entendendo: estamos conduzindo

uma investigação que pode resultar num sério processo penal contra ela.

Todos no salão ficaram em silêncio. Então, de um canto, um sujeito cujo rosto não conseguíamos ver disse:

— Eles moram na casa velha amarela na extremidade sul da cidade.

— Cale a boca, Joe! — grunhiu o barman.

— Por quê? — respondeu o homem no canto. — Se eles vão pegar a cadela...

— Ah, é? — interveio aquele com quem faláramos na rua. — E se eles não a pegarem e ela descobrir que você colaborou com eles?

— Ah... — Sua resposta não foi muito mais do que um sussurro assustado; mas foi a última coisa que ouvimos do sujeito nas sombras.

— Não vou repetir — advertiu o barman. — Acabem de beber e *vão embora*.

A atitude mais sensata parecia ser seguir aquela ordem, já que a atmosfera no lugar começava a se tornar muito desconfortável. O medo estava exercendo o efeito que costumava ter nas pessoas ignorantes, deixando-as nervosas e propensas à violência; e supus que seria melhor sairmos e talvez até mesmo ir embora da cidade. A Srta. Howard, infelizmente, via as coisas de outro modo. Quando toquei em seu ombro e então comecei a me dirigir à porta, ela de fato me seguiu; mas, ao passarmos pela extremidade do balcão, parou mais uma vez para olhar a coleção de rostos no recinto.

— Será que todo homem nesta *cidade* tem medo dela? — perguntou a Srta. Howard.

Sabendo que agora ela estava positivamente indo além do que aqueles sujeitos aceitariam calados, quase a empurrei porta afora e, em seguida, em direção à carruagem, embora

ela não estivesse muito satisfeita com essa atitude: não era mulher de recuar diante de provocações ou ameaças masculinas, e o comportamento dos homens no bar só servira para deixá-la mais determinada a ficar mais um pouco em Stillwater e descobrir alguma coisa. Por causa disso, acabamos não tomando a direção norte e saindo da cidade ao retornar à carruagem, mas seguimos para o sul até chegarmos a uma velha casa em ruínas. A construção *podia* ter sido amarela um dia, mas agora era uma massa de trepadeiras mortas e tinta descascando. Podia-se ver a luz fraca de uma lamparina pela janela, e umas duas vezes a silhueta de uma pessoa passou diante dela.

— Vamos entrar aí? — perguntei, na esperança de que talvez ainda houvesse uma maneira de a Srta. Howard mudar de ideia.

— É claro que vamos — respondeu ela tranquilamente. — Quero saber que diabos aconteceu aqui.

Assentindo com o que se poderia chamar de resignação, saltei da carruagem e então segui a Srta. Howard, passando pela cerquinha arruinada que se erguia à volta do malcuidado jardim em frente à casa. Chegamos à porta da frente e a Srta. Howard estava prestes a bater quando distingui alguma coisa na escuridão ao lado da casa.

— Senhorita — eu a chamei, cutucando-a com o cotovelo e apontando naquela direção. —

Talvez queira dar uma olhada ali...

Voltando-se, a Srta. Howard acompanhou meu dedo até ver umas ruínas enegrecidas no terreno ao lado. Eram obviamente os restos de uma outra casa, pois duas chaminés aos pedaços se erguiam em cada extremidade; e, mesmo à luz fraca da lua, podíamos ver dois fogões de ferro

fundido e alguns acessórios de banheiro — uma banheira e uma pia — em meio ao

entulho. Havia árvores novas e arbustos crescendo misturados àquilo tudo, indicando que o incêndio que destruíra o lugar não fora recente.

No geral, a cena recordava imediatamente a velha casa dos Hatches em Ballston Spa.

— Então... — sussurrou a Srta. Howard, afastando-se alguns passos da porta e estudando os lúgubres destroços. Pareceu-me que ambos estávamos pensando a mesma coisa: talvez o medo daqueles sujeitos na taberna fosse justificado.

— Não queria estar *naquela* casa — falei baixinho. — Seria difícil sobreviver a um incêndio assim.

— Impossível, eu diria — replicou a Srta. Howard, assentindo.

Mas, no fim das contas, ela estava errada: alguma coisa sobrevivera àquele fogo. Não só *uma coisa*, mas *uma pessoa* — e estávamos prestes a encontrá-la.

## **CAPÍTULO 36**

Tudo que vimos daquela casinha escura na extremidade sul de Stillwater foi o vestíbulo e a sala de estar; mas a lembrança daqueles ambientes está marcada tão fundo em minha mente que eu provavelmente poderia recriá-los nos milhares de minúsculas rachaduras espalhadas pelas paredes, como vasos sanguíneos ressequidos. Para os propósitos desta história, porém, será suficiente dizer que fomos recebidos no lugar, depois de bater à porta, por uma mulher negra e velha, que nos examinou com uma

expressão que deixava claro que naquela casa não se recebiam muitas visitas e que, para seus moradores, tal estado de coisas estava muito bem.

— Olá — disse a Srta. Howard à mulher, quando ultrapassávamos a porta. — Sei que é tarde, mas eu gostaria de saber se o Sr. ou a Sra. Muhlenberg estaria em casa?

A velha senhora dirigiu à minha companhia um olhar duro, ligeiramente chocado.

— Quem são vocês? — perguntou ela. Antes que a Srta. Howard pudesse responder, porém, ela mesma cuidou disso: — Devem ser estranhos por aqui... Não existe nenhum Sr.

Muhlenberg. Já faz dez anos ou mais.

A Srta. Howard recebeu essa informação com uma expressão ligeiramente constrangida e em seguida disse:

— Meu nome é Sara Howard e este é... — apontando para mim, ela tentava encontrar uma explicação convincente — ... meu cocheiro. Estou trabalhando para o gabinete do promotor do condado de Saratoga, investigando um caso que envolve uma mulher que já morou nesta cidade. Seu nome na época era Libby Fraser. Informaram-nos que os Muhlenbergs tiveram contato com ela...

Os olhos da mulher se arregalaram e ela ergueu um braço, tentando nos despachar dali mesmo.

— Não — apressou-se ela a dizer, abanando a cabeça. — Hã-hã! A senhora está louca?

Vindo aqui, fazendo perguntas sobre... saiam já!

Entretanto, antes que conseguisse nos enxotar, uma voz chegou até nós, vindo da sala de estar.

— Quem é, Emmeline? — perguntou a voz feminina, soando asperamente. — Acho que ouvi alguém dizer... Emmeline! Quem é?

— É só uma mulher fazendo perguntas, senhora — respondeu a velha. — Mas já a estou despachando, não se preocupe!

— Que tipo de perguntas? — replicou a voz e, nisso, notei o que o Doutor teria chamado de uma qualidade paradoxal: o som em si indicava alguém da mesma idade da mulher negra, mas o tom e o ritmo das palavras eram muito vivos e pareciam vir de alguém bem mais jovem.

A mulher na porta encheu-se de pavor, enquanto suspirava e gritava:

— Sobre Libby Fraser, senhora.

Fez-se um longo silêncio e então a voz proveniente da sala de estar soou muito mais baixa:

— Certo. Foi o que pensei ter ouvido... Ela disse que é do gabinete do promotor?

— Sim, senhora.

— Então mande-a entrar, Emmeline. Mande-a entrar.

Relutante, a mulher deu um passo para o lado, deixando a mim e à Srta. Howard adentrar o vestíbulo, que parecia uma caverna, e seguir para a sala de estar.

Não se poderia determinar uma cor para as paredes rachadas daquela sala ou para os velhos pedaços de papel de parede que ainda se grudavam em alguns pontos pequenos delas. A mobília que se amontoava em torno da pesada mesa sobre a qual estava a lamparina também se encontrava em estado de decrepitude. A débil luz amarelada da pequena e fumegante chama da lamparina espalhava-se em direção aos cantos da sala, sem no entanto alcançá-los; e era num daqueles cantos que nossa “anfitriã” se encontrava, sentada num velho e surrado divã, um edredom feito a mão cobrindo-lhe as pernas e a maior parte do corpo. Ela segurava um leque antigo diante do rosto, movendo-o lentamente para se refrescar; pelo menos, foi o que pensei que estivesse fazendo. E, até onde era possível dizer, não havia mais ninguém na casa.

— Sra. Muhlenberg? — perguntou a Srta. Howard baixinho, perscrutando o canto escuro.

— Eu não sabia — replicou a voz áspera — que o promotor tinha começado a empregar mulheres. Quem é você?

— Meu nome é Sara Howard.

A cabeça por trás do leque assentiu.

— E o garoto?

— Meu cocheiro — disse a Srta. Howard, sorrindo para mim.

— E meu guarda-costas. —

Ela voltou-se para a Sra. Muhlenberg. — Parece que preciso de um nesta cidade.

A cabeça continuava a assentir nas sombras.

— Você está inquirindo sobre Libby Fraser. Ela é um assunto perigoso... — De súbito, a Sra. Muhlenberg sorveu uma grande golfada de ar com um gemido capaz de arrepiar os cabelos de um cadáver. — Por favor — continuou ela depois de alguns segundos —, sentem-se...

Encontramos duas cadeiras de espaldar reto que pareciam um pouco mais firmes do que as outras peças na sala e tentamos nos acomodar.

— Sra. Muhlenberg — disse a Srta. Howard. — Confesso que estou um pouco perplexa.

Nós... eu... certamente não vim aqui em busca de problemas. Ou com a intenção de ofender alguém. Mas parece que a simples menção do nome de Libby Fraser...

— Viu o que resta da casa ao lado? — interrompeu a Sra. Muhlenberg. — Aquela era a minha casa. Na verdade, do meu marido. Morávamos ali com nosso filho. As pessoas desta cidade não querem ver suas casas reduzidas a tijolos carbonizados e cinzas.

A Srta. Howard absorveu aquela informação por alguns segundos.

— Está dizendo que... *ela* fez isso? Libby Fraser?

A cabeça voltou a fazer um gesto afirmativo.

— Não que eu pudesse provar. Não mais do que poderia provar que ela matou meu filho.

Ela é muito esperta...

A menção a outra criança morta, numa cidade e numa casa como aquelas, deixou-me pronto a saltar pela janela da



sala, subir na carruagem e fustigar nosso pequeno Morgan por todo o caminho de volta a Nova York. A Srta. Howard, porém, nem mesmo piscou.

— Entendo — disse ela, num tom de voz baixo porém firme.  
— Acho que deveria saber, Sra. Muhlenberg, que o promotor-assistente Picton está tentando indiciar por assassinato a mulher que a senhora conheceu como Libby Fraser... pelo assassinato dos próprios filhos.

Essas palavras provocaram outra daquelas arfadas deploráveis vindas de trás do leque, e um pé na extremidade do divã começou a tremer perceptivelmente.

— Os próprios... — O pé de repente se imobilizou. — Quando? Onde?

— Há três anos... em Ballston Spa.

Uma outra arfada chegou até nós.

— Não foram estes assassinatos a bala... atribuídos a um negro?

— Foram — respondeu a Srta. Howard. — Conhece o caso?

— Ouvimos rumores — afirmou a Sra. Muhlenberg. — E um grupo de homens deu uma busca pela cidade. Aquelas crianças eram filhas de *Libby*?

— Eram. E acreditamos que ela as tenha matado. Assim como a várias outras na cidade de Nova York.

Um som diferente veio de trás do leque; e, passados alguns segundos, concluí que eram soluços roufenhos.

— Mas por que eu iria ficar chocada? — disse por fim a Sra. Muhlenberg, mais calma. —

Se há no mundo uma mulher capaz de fazer uma coisa assim, essa mulher é Libby.

Inclinando-se à frente, a Srta. Howard pôs toda a simpatia de que era capaz — e que era bastante, principalmente quando estava lidando com alguém do mesmo sexo — na pergunta seguinte:

— Pode me contar o que aconteceu aqui, Sra. Muhlenberg? Talvez nos ajude em nossa tentativa de processá-la.

Houve outra pausa e então os soluços amenos cessaram; mas o pé recomeçou a crisar-se.

— Ela será executada?

A Srta. Howard assentiu.

— É bem possível.

A voz da Sra. Muhlenberg se encheu agora de uma espécie de alívio, talvez até mesmo entusiasmo.

— Se ela pode morrer... se vocês podem conseguir isso... então, está bem, Srta. Howard.

Vou lhes contar o que aconteceu.

Em silêncio e com cuidado, a Srta. Howard apanhou um bloco e um lápis, pronta a tomar notas. Quando a Sra. Muhlenberg lançou-se em sua história, a velha negra deixou a sala, sacudindo a cabeça, como se ouvir a história fosse mais do que ela pudesse suportar.

— Foi há muito tempo — começou a Sra. Muhlenberg. — Ou talvez nem tanto tempo assim, do ponto de vista da maior parte das pessoas. Fim do verão... 1886. Foi quando chegou aqui. A família do meu marido era proprietária de um dos moinhos da cidade. Mudamo-nos para a casa ao lado logo depois do casamento. A casa tinha sido da avó dele. Ah, era um lugar lindo, com jardins maravilhosos que levavam até o rio... O administrador da propriedade morava na casa até então. Naquele verão nasceu nosso primeiro filho. Nosso único filho. Eu não podia amamentá-lo e então pusemos um anúncio procurando uma ama de leite. Libby Fraser foi a primeira candidata e nós dois a achamos encantadora. — O breve arquejo de uma risada abafada pontuou a afirmação. — Encantadora... Para lhe dizer a verdade, sempre achei

que meu marido a considerava encantadora *demais*. Mas ela estava desesperada para conseguir o trabalho, desesperada para agradar... desesperada de todas as maneiras. E me compadeci com aquilo. Eu me compadeci...

Depois de uma longa pausa, a Srta. Howard arriscou uma pergunta:

— E quanto tempo levou para seu filho começar a ter problemas de saúde?

A Sra. Muhlenberg tornou a assentir com a cabeça, lentamente.

— Certo. Você sabe *mesmo* a respeito de Libby... É, ele ficou doente. Cólicas, foi o que todos pensamos a princípio, nada mais do que isso. *Eu* conseguia acalmá-lo, e o fazia, tanto quanto possível... mas não podia alimentá-lo. E estar com Libby parecia sempre deixá-lo pior.

Hora após hora chorando, dias seguidos... Mas não queríamos mandar a garota embora... ela estava mesmo

desesperada para ficar com o emprego e era bastante esforçada. Mas, pouco depois, não havia escolha. Michael, meu filho, simplesmente não respondia aos cuidados dela.

Concluimos que era preciso arranjar outra pessoa.

— Como foi que Libby aceitou a notícia? — indagou a Srta. Howard.

— Se ela ao menos *tivesse* aceitado a notícia! — respondeu a Sra. Muhlenberg, a voz ainda macia, mas ao mesmo tempo ardente e inconsolável. — Se ao menos a tivéssemos obrigado a aceitar, a ir embora... Mas ela ficou tão arrasada quando lhe dissemos, e implorou com tanta gravidade por mais uma chance, que não pudemos lhe negar. E, de fato, as coisas mudaram depois disso. As coisas mudaram... A saúde de Michael deu uma guinada... para melhor, foi o que pensamos a princípio. Suas crises de choro e de cólica acalmaram-se e parecia que ele estava aceitando os cuidados de Libby. Mas era uma calma maligna... um sinal de enfermidade, não de felicidade. Uma doença lenta, debilitante. Ele foi perdendo a cor e o peso, e o leite de Libby passava por ele como água. Mas não era água. Não era água...

O silêncio durou tanto que pensei que a Sra. Muhlenberg tivesse adormecido. Por fim, a Srta. Howard olhou para mim com uma interrogação estampada no rosto, mas tudo que pude fazer foi dar de ombros, de uma maneira que eu esperava lhe mostrasse o quanto eu queria dar o fora daquela casa. Entretanto, a Srta. Howard estava atrás de uma coisa e eu sabia que não iríamos a lugar algum antes de ela encontrá-la.

— Sra. Muhlenberg? — chamou ela baixinho.

— Hein? Sim? — respondeu a mulher.

— A senhora estava dizendo...

— Eu estava dizendo...?

— Estava dizendo que não era água... o leite de Libby.

— Não. Água, não. — Ouvimos outro suspiro. — *Veneno...*

Remexi-me nervosamente na cadeira ao ouvir aquela palavra, mas a Srta. Howard continuou insistindo:

— Veneno?

O vulto da cabeça balançou para cima e para baixo.

— Chamamos o médico várias vezes, mas ele não sabia explicar o que estava acontecendo.

Michael estava doente... terrivelmente doente. E então a saúde de Libby também foi ficando debilitada. Isso fez o médico pensar que devia ser uma febre, uma doença infecciosa que meu filho passara para ela. Como poderíamos imaginar... — Seu pé recomeçou a agitar-se nervosamente. — Eu tinha suspeitas. Chame de instinto maternal, se quiser, mas eu não

conseguia acreditar que meu filho estivesse infectando Libby. Não... eu tinha certeza de que *ela* estava fazendo alguma coisa com *ele*. Meu marido disse que, de tão atormentada, eu estava ficando desequilibrada. Disse que Libby estava se expondo ao perigo para ajudar Michael.

Falava como se ela fosse uma heroína, e o médico fazia o mesmo. Mas a cada dia eu estava mais convencida. Só não sabia como ela estava agindo. Não sabia por quê. Mas passei a não sair de perto deles todas as vezes em que ela o amamentava, e logo me recusava a deixá-lo sozinho com

ela... nunca. Mas ele não melhorava. O estado dele foi piorando. Ele estava definhando e ela também estava enfraquecendo...

“Por fim, um dia fui ao quarto de Libby quando ela estava lá fora, tomando ar. Encontrei dois pacotinhos em sua cômoda. O primeiro continha um pó branco, o segundo um preto. Eu não sabia o que aquilo podia ser, mas levei ambos ao meu marido. Ele ignorava o que fosse o pó negro, mas não tinha dúvidas sobre o outro.”

A Sra. Muhlenberg parecia amedrontada demais para prosseguir, mas finalmente conseguiu falar:

— Arsênico.

A Srta. Howard pareceu adivinhar que eu estava prestes a sair em disparada e levou a mão ao meu braço para me manter onde eu estava.

— Arsênico? — perguntou ela. — Libby estava dando arsênico ao seu filho?

— Se você conhece Libby — disse a Sra. Muhlenberg com um pequeno silvo —, sabe que ela é esperta demais para fazer algo tão audacioso quanto dar o veneno a ele diretamente. E eu a vigiava sempre que ela estava com ele. Sempre que estava com ele... mas não quando ela estava *sozinha*. E esse foi o meu erro... Meu marido perguntou a Libby para que ela guardava o arsênico. Ela disse que uma noite acordara com um rato no quarto. Como se tivéssemos ratos...

Mas nenhuma outra explicação nos ocorria. — Tentando reprimir outros soluços, a Sra.

Muhlenberg arfava: — Michael morreu pouco depois disso. Libby fingiu o luto muito bem, durante dias. Foi só quando estávamos enterrando meu filho que a verdade me ocorreu. Libby estava lá de pé, chorando, e percebi que sua saúde retornava. De repente, vi tudo tão claro... tão claro... Ela o havia envenenado... Ela própria tinha ingerido o arsênico, e *este passara para ele através do leite*. Uma quantidade insuficiente para matar uma mulher adulta, mas bastante para matar um bebê. Nem Satanás seria mais esperto.

Isso para mim foi a gota d'água.

— Srta. Howard... — sussurrei.

Ela no entanto apenas aumentou a pressão em meu braço, os olhos sem deixar um só momento o canto escuro do outro lado da sala.

— A senhora a confrontou? — perguntou ela.

— É claro — respondeu a Sra. Muhlenberg. — Eu não podia provar nada, sabia disso. Mas queria que soubesse que eu sabia que fora ela quem fizera aquilo. E eu precisava saber por quê.

Por que matar meu filho? O que ele lhe fizera? — As lágrimas retornaram. — O que um bebê podia fazer a uma mulher adulta para que ela quisesse matá-lo?

Por um minuto pensei que a Srta. Howard talvez tentasse explicar a teoria sobre a mente de Libby Hatch que havíamos elaborado nas últimas semanas, mas ela não o fez; sabiamente, concluí, pois mesmo que a Sra. Muhlenberg pudesse ter compreendido aquelas ideias, não estava em condições emocionais de suportá-las.

— Ela negou tudo, naturalmente — prosseguiu a Sra. Muhlenberg. — Mas naquela mesma noite... — Uma de suas mãos subiu, apontando na direção das ruínas ao lado. — O incêndio...

meu marido morreu. Sobrevivi por pouco. E Libby foi embora...

Seguiu-se outra pausa, enquanto eu rezava para que a história tivesse terminado. E acabara mesmo, mas a Srta. Howard não estava disposta a parar por aí.

— Sra. Muhlenberg — começou ela —, estaria disposta a ir ao tribunal falar sobre suas experiências com Libby? Poderia ajudar.

Aquele gemido terrível e deplorável tornou a soar pela sala.

— Não... não! Para quê? Você pode lhes contar... Outra pessoa pode fazer isso! Não posso provar nada... vocês não precisam de mim...

— Eu *poderia* contar a eles — concordou a Srta. Howard —, mas não vai ter o mesmo peso. Se ouvirem da senhora, e virem seu rosto...

Nesse ponto os gemidos se transformaram em outra risada horripilante e rouca.

— Mas é justamente isso que é impossível, Srta. Howard: eles não podem ver meu rosto.

Nem mesmo eu posso ver meu rosto. — Fez-se uma pausa terrível e, com um súbito arrepio, percebi para que servia o leque: — *Não tenho rosto*. Eu o perdi no incêndio. Junto com meu marido... e minha vida... — A sombra de sua cabeça começou a sacudir-se. — Não vou desfilar esta máscara de



cicatrizes num tribunal. Não vou dar a Libby Fraser esta última satisfação. Espero que minha história possa ajudá-la, Srta. Howard. Mas eu não... não posso...

A Srta. Howard inspirou fundo.

— Entendo — disse ela. — Mas talvez a senhora possa ajudar de outra maneira. Não conseguimos descobrir de onde Libby veio. Ela algum dia mencionou a vocês o lugar onde foi criada?

— Não exatamente — replicou a Sra. Muhlenberg. — Ela falou muitas vezes de cidadezinhas do outro lado do rio, no condado de Washington. Sempre tive a impressão de que viera dali. Mas não tenho certeza.

A Srta. Howard assentiu e, soltando afinal meu braço, pôs-se de pé.

— Compreendo. Bem... obrigada, Sra. Muhlenberg.

A velha negra reaparecera na porta para nos acompanhar até a saída. Quando começamos a nos encaminhar para o vestíbulo, a Sra. Muhlenberg chamou:

— Srta. Howard? — Ambos nos voltamos para ela. — Olhe o rosto do seu menino. Vê o terror nos olhos dele? Você pode pensar que é só a imaginação dele. Mas está errada... o que um dia foi meu rosto é pior do que qualquer coisa que a mente do garoto é capaz de evocar. A senhorita sabe o que é causar esse terror às pessoas? Lamento não poder fazer mais... e espero que compreenda, de verdade...

A Srta. Howard limitou-se a assentir com a cabeça e então deixou a casa, a negra fechando a porta às nossas costas silenciosamente.

Segui para a carruagem o mais rápido que pude e fiquei surpreso quando a Srta. Howard não fez o mesmo. Ela olhava fixamente na direção do rio e cismava com alguma coisa.

— Não passamos por uma estação de barcas a caminho da cidade? — perguntou baixinho, andando lentamente em direção à carruagem.

— Ah, não — respondi mais que depressa, o medo me deixando um pouco atrevido. —

Não vou cruzar esse rio hoje à noite, Srta. Howard... não, senhora. — Depois me recompus,

enquanto procurava nos bolsos o maço de cigarros. — Sinto muito, mas não tem jeito...

Subitamente ouvi um ruído preocupante: passos, muitos deles, arrastando-se em meio à terra seca da estrada. Tanto a Srta. Howard quanto eu nos afastamos da carruagem, perscrutando a escuridão para o norte, e logo avistamos cerca de dez dos homens da taberna.

Eles vinham em nossa direção — e, para usar de um eufemismo, não pareciam interessados em conversa.

— Ah, merda! — disse eu (em minha costumeira reação a tais situações); então olhei rapidamente à nossa volta, tentando decidir o que fazer. — Ainda podemos escapar pelo sul —

resolvi, não vendo naquela direção nada que indicasse encrenca. — Se agirmos com rapidez...

O ruído de um tambor de revólver girando me fez voltar a cabeça para trás. A Srta. Howard havia sacado seu Colt e

verificava a munição com um ar de quem não estava brincando.

— Não se preocupe, Stevie — disse ela com calma, enquanto escondia a arma às costas. —

Não tenho a menor intenção de deixar gente como esta nos intimidar.

Olhei para o bando de homens bêbados e mal-encarados que se aproximava, e novamente para a Srta. Howard, e me dei conta de que estava prestes a assistir a uma cena verdadeiramente assustadora.

— Srta. Howard — disse eu —, não é preciso...

Mas era tarde demais: os homens já nos haviam alcançado e se espalhavam, formando uma linha que cruzava a estrada. O homem com o qual havíamos falado assim que chegamos à cidade deu um passo à frente.

— Imaginamos que talvez não tivessem nos entendido — afirmou ele, aproximando-se ainda mais da Srta. Howard.

— O que há para entender? — retrucou ela. — Vocês são um bando de marmanjos com medo de uma única mulher.

— A senhora não está tratando só conosco — replicou o homem. — Quando o assunto é Libby Fraser, diz respeito a toda a *cidade*. Ela já causou estragos suficientes por aqui.

Ninguém quer ter nada a ver com ela, nem com alguém que tenha algum interesse nela. E se não estou sendo claro o bastante...

O grupo todo aproximou-se mais alguns passos. Não sei o que eles pretendiam fazer conosco, mas não tiveram

chance: a Srta. Howard apresentou o revólver e o apontou para o homem da frente.

— O senhor queira se afastar — disse ela, os dentes trincados. — Eu estou avisando: não terei absolutamente nenhum problema em meter uma bala em sua perna... ou alguma outra parte mais vital, se me obrigar.

Pela primeira vez, o homem sorriu.

— Ah, vai atirar em mim, é? — Ele voltou-se para os amigos. — Ela vai me acertar, rapazes! — zombou, tendo como resposta de seus companheiros as gargalhadas estúpidas de costume. Então tornou a olhar para a Srta. Howard. — Já atirou em alguém antes, moça?

A Srta. Howard fitou-o com firmeza por alguns segundos e então disse, com muita tranquilidade:

— Já, sim. — E, como se para acentuar sua afirmação, engatilhou rapidamente o Colt.

A sinceridade de suas palavras e o ruído da arma sendo engatilhada foram suficientes para apagar o sorriso do rosto do homem, e creio que ele se preparava para fazer meia-volta e

desistir do confronto quando um som leve e sibilante atravessou o silêncio e o homem emitiu um grito, levando as mãos à perna. Arrancando alguma coisa de seu jarrete, ele ergueu a cabeça, olhando para a Srta. Howard, e então lentamente caiu de joelhos. Seus olhos se reviraram e ele tombou para um lado, a mão estendida à frente do corpo.

E nela havia um graveto comum, de uns vinte centímetros, apontado numa das extremidades.

## CAPÍTULO 37

A Srta. Howard e eu trocamos rapidamente um olhar que se poderia dizer de reconhecimento horrorizado, enquanto os outros homens corriam para o amigo.

— Que diabos você fez com ele? — gritou um dos homens: uma pergunta que eu já ouvira antes, em circunstâncias semelhantes.

Só consegui dizer as palavras “Acreditem, não fomos nós...” antes de os homens levantarem o amigo e começarem a correr com ele, aterrorizados.

— Deem o fora daqui! — gritou um deles. — E *fiquem* longe de nós! — Com essas palavras tornaram a desaparecer, tomando a direção da taberna.

A Srta. Howard continuou empunhando o revólver, enquanto ambos girávamos, olhando ao redor.

— Onde ele está? — perguntou a Srta. Howard num sussurro.

— Nesta escuridão? — repliquei, também sussurrando. — Pode estar em qualquer lugar.

Ficamos ali parados, sem nos mover, por mais um minuto, ouvidos atentos, à espera de algum movimento de nosso pequeno inimigo — se, de fato, ele fosse nosso inimigo, do que eu estava começando a duvidar.

Mas não havia o menor sinal de atividade na estrada ou nas sombras das árvores e dos arbustos que a ladeavam, e isso para mim já era o bastante.

— Vamos — disse eu à Srta. Howard, tomando-a pelo braço.

A essa altura ela não precisava de muita persuasão e em meio minuto estávamos a bordo de nossa carruagem, seguindo mais uma vez para o norte, o pequeno garanhão Morgan seguindo a um bom trote. Quando passamos diante da taberna, pude ver alguns pares de olhos furiosos nos seguindo e o corpo do homem que fora atingido pela seta do aborígene deitado sobre o balcão: por quanto tempo ele ficaria inconsciente, ou se na verdade estava morto, eu não sabia, e certamente não poderia dizer por que o criado do *señor* Linares viera mais uma vez em nosso auxílio. A primeira vez, durante a contenda com os Dusters, poderia ser atribuída a um erro do alvo da seta; mas esse segundo incidente deixava claro que o estranho homenzinho que parecia ter-me ameaçado de morte na noite de sábado estava tentando nos manter vivos.

— Talvez ele mesmo queira nos matar — sugeri, assim que nos vimos a mais ou menos um quilômetro de Stillwater.

— Ele já teve oportunidades mais do que suficientes para fazer isso — argumentou a Srta.

Howard, balançando a cabeça. — Não faz sentido... — Ela finalmente tornou a guardar o revólver em seu esconderijo e então respirou fundo. — Você não teria um cigarro, teria, Stevie?

Abanei a cabeça com uma leve risada, aliviado por termos conseguido escapar.

— Acho que as pessoas devem ficar cansadas de me fazer essa pergunta — disse eu, levando uma das mãos ao bolso, enquanto afrouxava um pouco as rédeas com a outra.

Puxando o maço, entreguei-o a ela. — Acenda um para mim também por gentileza, senhorita.

Ela acendeu dois cigarros e então me entregou um. Após dar duas tragadas profundas, pôs a cabeça entre as mãos e começou a esfregar as têmporas.

— A senhorita ficou enfezada lá atrás — observei.

Ela deu uma risadinha.

— Peço desculpas, Stevie. Espero que saiba que eu não o colocaria em perigo deliberadamente. Mas aquela atitude idiota e intolerável...

— O mundo está cheio de homens como aqueles, Srta. Howard. Não pode sair por aí dizendo a *todos* o que fazer, sem esperar que alguns se aborreçam.

— Eu sei, eu sei — disse ela. — Mas tem horas... Ainda assim, espero que saiba que em momento algum corremos risco de verdade.

— Certo — respondi. Em seguida, estudei minha acompanhante por alguns segundos. — A senhorita teria mesmo acertado ele, não teria?

— Se ele encostasse um dedo em um de nós? — replicou ela. — Com toda certeza. Nada como uma bala enfiada na perna para fazer os homens recordarem as boas maneiras.

Dei outra risada, embora soubesse que ela falava totalmente a sério. Decerto não havia outra mulher no mundo que se sentisse tão à vontade com as armas — ou, melhor dizendo, em utilizá-las em pessoas — quanto a Srta. Howard. Ela tinha motivos bem pessoais para ser assim e não cabe a mim citá-los aqui; ela mesma cuidará disso um dia, se assim desejar. Tudo que me importava naquela noite em particular era que, quando disse que atiraria num homem para me proteger, ela falava a sério; e essa certeza

fez com que meus nervos fossem se acalmando cada vez mais, e minha mente se tornando mais curiosa, enquanto percorríamos a estrada ao longo do rio, iluminada pelo luar.

— Como ela é capaz de fazer coisas assim, Srta. Howard? — perguntei por fim, depois de fumar boa parte do cigarro.

Ela respondeu com um suspiro longo e profundo.

— Não sei, Stevie. Essa é a natureza das pessoas torturadas por sentimentos de impotência, creio eu, tentando exercer poder sobre quem ou o que for mais fraco do que elas... E Deus ajude esses seres mais fracos se eles não se submeterem. Homens frustrados e bêbados espancam e matam mulheres; mulheres desesperadas para provar que podem controlar *alguma coisa* espancam e matam crianças; e estas, por sua vez, atormentam animais... Lembre-se também de que os bebês podem parecer encantadores para nós que não temos um, mas existem muitas mães por aí que perdem a paciência com todo o barulho, as noites sem dormir e o puro e simples *trabalho* de cuidar dos filhos.

Eu meneava a cabeça.

— Não, não é a isso que me refiro. O ato de matar, em si, essa parte eu já comecei a entender. Acho. Mas a atitude que ela provoca nas outras pessoas... Como é que consegue *isso*? Olhe o que acabamos de ouvir... e ver também. Algumas pessoas que trabalharam com ela em Nova York a julgavam uma santa; para outras pessoas, *no mesmo local*, era uma assassina. Aquele pobre e tolo homem, que é o marido dela, a trata como se ela fosse sua única salvação... mas aí ela dobra a esquina e deixa gente como Goo Goo Knox mais em brasa do que qualquer prostituta que já cruzou a porta do antro dos Dusters. Então chegamos aqui e



descobrimos que, em Ballston Spa, primeiro acharam que ela fosse uma pistoleira, depois uma

boa mulher... para logo em seguida classificá-la novamente como pistoleira. *Agora*, vamos a *este* maldito lugar, Stillwater, e verificamos que a *cidade* toda morre de medo dela! Como é que uma só pessoa consegue tudo isso?

— Bem — começou a Srta. Howard, com um leve sorriso —, receio que essa pergunta seja um pouco mais complicada.

— Ela manteve o cigarro suspenso no ar, entretida com um pensamento. — Tente pensar em todas as coisas que acaba de mencionar, Stevie... O que elas têm em comum?

— Srta. Howard, se eu soubesse...

— Está bem, está bem. Pense então no seguinte: nenhuma dessas personalidades, dessas várias maneiras como as pessoas a veem, é completa. Nenhuma delas é a descrição de uma pessoa de verdade. São todas simplificações ou exageros. Símbolos, na realidade. O anjo caridoso, a assassina demoníaca. A mulher e mãe dedicada, a prostituta devassa e desavergonhada. Parecem todos personagens saídos de uma história ou de uma peça.

— Como os... sei lá... os “mitos” de que a senhorita falou? Naquele dia na frente do museu?

— Exatamente. E, como aqueles mitos, o impressionante não é o fato de alguém propor tais personagens; qualquer um, louco ou criativo o bastante, poderia fazer isso. Impressionante é que tantas pessoas, e não só cidadãos de lugares como Stillwater, mas sociedades inteiras, de fato aceitam e acreditam nelas. E receio que tudo isso nos leve de volta a algo que talvez seja um pouco difícil para você compreender. — A Srta. Howard deve ter identificado

alguma coisa como orgulho ferido em meu rosto, pois rapidamente pousou a mão em meu braço. —

Ah, não estou me referindo ao fato de você não ter instrução ou inteligência suficiente, Stevie.

Você é um dos representantes do sexo masculino mais inteligentes que já conheci. Mas é homem.

— Certo — repliquei. — E o que isso tem a ver com a discussão?

— Tudo, acho — respondeu a Srta. Howard, dando de ombros. — É de fato impossível aos homens compreender o quanto o mundo não *quer* que as mulheres sejam pessoas completas. A coisa mais importante que uma mulher pode ter, em nossa sociedade (mais importante até do que ter honestidade ou decência), é uma *identidade*. Mesmo quando Libby é má, talvez principalmente quando é má, é fácil categorizá-la, prendê-la num quadro com alfinete, como um espécime de inseto para estudo. Aqueles homens em Stillwater têm pavor dela porque o fato de sentirem pavor faz com que saibam quem ela é... e isso os mantém a salvo. Imagine o quão mais difícil seria dizer: sim, ela é uma mulher capaz de raiva e violência terríveis, mas também é alguém que vem tentando desesperadamente desempenhar um papel criador, ser uma pessoa boa e construtiva. Se você aceitar tudo isso, se conceder que no fundo ela não é nem uma nem outra, mas ambas, o que isso diz sobre todas as *outras* mulheres na cidade?

Como você vai poder dizer o que de fato se passa no coração e na mente *delas*? A vida no vilarejo simples de repente se tornaria imensamente complexa. E assim, para evitar que isso aconteça, eles separam as coisas. A mulher normal, comum, é definida como protetora e amorosa, dócil

e submissa. Qualquer outra que desafie essa categorização deve ser má ao ponto de ser temida, ainda mais que o criminoso comum... Só pode estar investida com os poderes do próprio Demônio. Uma bruxa, é como provavelmente a teriam chamado nos tempos antigos. Porque ela não está só rompendo a lei, está desafiando a ordem das coisas.

Virei-me, dirigindo à Srta. Howard um sorrisinho incerto.

— É melhor tomar cuidado... está começando a falar como se tivesse simpatia por ela.

Ela começou a retribuir o sorriso, mas de repente se deteve.

— Às vezes, tenho a mesma impressão — admitiu. — E então me lembro daquela foto de Ana Linares e percebo o quão desesperada e inconsciente de seus próprios e verdadeiros motivos... e portanto perigosa... Libby é na verdade.

— OK — respondi, tentando reanimar a Srta. Howard ao continuar nossa discussão. — E o que me diz de alguém como Goo Goo Knox? Ele sabe que Libby é casada com Micah Hunter e que banca a boa esposa, *cuidando* dele... mas ainda assim quer continuar com ela.

A Srta. Howard assentiu vigorosamente.

— É a mesma coisa. Knox pode ser chefe de uma gangue, mas é homem também... e deseja enquadrar as mulheres em categorias convenientes, para evitar que elas causem problemas. Ele não acredita que Libby se *preocupe* de verdade com Hunter. Ele supõe que, no mais fundo de sua alma, ela é uma libertina, uma meretriz e que, quando se exhibe para ele, e está com ele, quem está ali é a verdadeira Libby. Entretanto, o que foi que descobrimos? Que ela persuadiu Knox a colocar sua casa sob a proteção da

gangue dele. Seus capangas guardam justamente a casa onde ela construiu uma espécie de esconderijo para os bebês dos quais ainda está tentando desesperadamente provar que pode tomar conta. Assim sendo, até onde sabemos, ela pode *detestar* o tempo que passa no estabelecimento dos Dusters, mas fazer isso para facilitar suas tentativas de ser mãe.

Minha mão foi até a testa, como se, ao esfregá-la, a mente fosse trabalhar mais rápido.

— Bem... então... ela não é a meretriz que Knox pensa que é?

— Pode ser — respondeu a Srta. Howard, tornando a me confundir.

— Mas a senhorita acabou de dizer que ela faz isso para cuidar das crianças...

— Faz isso, também.

— Então, qual é a verdadeira *Libby*? — quase gritei, começando a me sentir um tanto obtuso e não gostando muito disso.

— Nenhuma delas, Stevie — explicou a Srta. Howard, indo um pouco mais devagar por minha causa. — A verdadeira Libby foi fragmentada em vários pedaços há muito tempo. E é exatamente isso que os diferentes personagens que ela assume são: os cacos, separados uns dos outros, não mais coerentes. Ainda não sabemos o contexto específico da infância que transformou Libby na assassina que é. Mas de uma coisa sabemos, principalmente depois do que vimos e passamos desde que chegamos aqui: desde que era apenas uma menina, com quase toda certeza ela ouviu que só havia uma maneira de ser uma mulher plena e completa.

— Sendo mãe — disse eu, com um gesto da cabeça. — No que ela não se saiu muito bem.

— Ou o que, no fundo, ela talvez nem *quisesse* ser — replicou a Srta. Howard. — Não sabemos. Mais uma vez, tudo que sabemos de fato é que a mensagem que as meninas recebem quando estão crescendo, principalmente em confins do mundo como este aqui, é que, se quiser fazer na vida alguma coisa que não seja criar filhos, não só seu caminho será difícil, mas na verdade você nunca será uma *mulher*. Será apenas uma *fêmea*, de um tipo indefinido e não muito interessante. Uma prostituta, talvez. Ou, quem sabe, uma criada. Ou, se seguir uma profissão, uma funcionária neutra. Qualquer que seja o caso, no fundo não irá passar de uma aberração fria e insensível. — Com um piparote furioso, a Srta. Howard lançou sobre a estrada

debaixo de nós uma chuva de centelhas saída da ponta incandescente do cigarro. — A menos que queira ser freira, naturalmente... e mesmo estas nem sempre escapam impunemente... Um homem pode ser solteiro e ainda ser visto como homem, por causa de sua mente, seu caráter, seu trabalho. Mas, e a mulher sem filhos? Ela é uma *solteirona*, Stevie, e uma solteirona é sempre menos do que uma mulher.

— Bem — repliquei, meu cérebro despendendo tanta energia para acompanhar os pensamentos dela que eu não mais me preocupei em ser delicado —, e quanto à *senhorita*, então?

Os olhos verdes da Srta. Howard deslizaram lentamente para o lado a fim de me lançar um olhar dizendo que era melhor eu me explicar melhor.

— O que estou dizendo — acrescentei apressadamente, sabendo com que rapidez seu humor podia inflamar-se — é que nada disso se aplica à senhorita, que não é casada, não tem filhos, mas é... — desviei os olhos, de súbito constrangido. — Bem, a senhorita é tão mulher quanto qualquer mãe que *eu* já conheci. Se entende o que quero dizer...

Essas palavras fizeram-na pousar a mão delicadamente em meu braço outra vez e permitiram que os olhos verdes se abrissem mais.

— Isso é a coisa mais decente que alguém me diz faz muito tempo. Obrigada, Stevie. Mas lembre-se também de que você ainda é jovem.

— Ah! — exclamei, agarrando minha chance de me melindrar. — Então minhas opiniões não contam? Ou irão mudar só porque vou ficar mais velho?

Foi a vez de a Srta. Howard demonstrar certo embaraço.

— Bem — disse ela —, de fato isso acontece às vezes...

— Certo. E quanto aos outros, então? — insisti. — O Doutor, os sargentos-detetives, Cyrus... e até mesmo o Sr. Moore? Todos eles têm a mesma opinião.

A Srta. Howard lançou-me um olhar de dúvida.

— Esse dificilmente pode ser considerado um grupo de americanos típicos. Sinto muito, Stevie. É claro que prezo e respeito sua opinião e a dos outros... talvez você nunca saiba quanto. Mas, para o resto do mundo, provavelmente serei sempre aquela estranha Sara Howard, a detetive solteirona... a menos e até que eu constitua família. Não que uma parte de mim não quisesse isso, em algum

momento. Se um dia eu sentir que realizei um trabalho importante, talvez considere a possibilidade de ter filhos. Só me oponho à ideia de que não serei *completa* até tê-los. Trata-se de um padrão cruel... principalmente com as mulheres que não podem alcançá-lo. Libby não pôde e o fracasso a perturbou. É... apesar de toda sua inteligência, ela está terrivelmente perturbada. Um pouco como sua amiga Kat, da mesma maneira. Inteligente, mas perdida. Perdida e de certa forma... de certa forma...

De repente, o rosto da Srta. Howard, tão apaixonado ao dar voz a ideias que eu sabia terem grande importância para ela, ficou completamente perplexo. Suas palavras morreram com tamanha rapidez que eu soube que ela avistara alguma coisa — e só poderia ser uma “coisa”.

— Onde está? — perguntei, virando a cabeça de um lado para o outro. — Onde está ele?

A Srta. Howard pousou a mão em meu ombro, refreando-me.

— Diminua a velocidade, Stevie — sussurrou ela. — Se não me engano, ele está bem à nossa frente...

Perscrutei a estrada escura à nossa frente. E lá estava, com toda certeza, a silhueta de uma pessoa pequena, a amplidão das roupas e o volume do cabelo denunciando sua identidade. El Niño não se movia — nem se afastava, nem se aproximava de nós. Parecia estar esperando que nossa carruagem o alcançasse e, à medida que fomos nos aproximando, comecei a distinguir novamente aquele maldito sorriso.

— Que diabos... — resmunguei. — Será que ele é mesmo *de verdade*? A criatura é rápida como um cometa.

— Ah, ele é de verdade, isso é, sim — respondeu a Srta. Howard. — A pergunta é: o que ele quer?

— Acha que devemos parar?

Ela abanou a cabeça.

— Não. Continue nesse trote. — Ela sacou o revólver e o pousou no colo. — Vamos ver o que acontece.

### **CAPÍTULO 38**

Obedeci à ordem. O aborígine não se moveu. Ficou lá parado, sorrindo simplesmente, até estarmos a uns seis metros dele. Então, muito devagar, ergueu as mãos no ar. Fiz o Morgan parar e ficamos esperando. Abaixando um braço, o homenzinho apontou para o chão.

— Não machuco vocês — disse, o sorriso se ampliando. Acompanhando a direção indicada pelo dedo, pudemos ver que havia um pequeno arco, mais algumas daquelas pequenas setas e outra *kris* de lâmina ondeada na estrada. — E vocês não atiram em mim — completou ele, tornando a erguer o braço. — Está bem?

A Srta. Howard assentiu; mas manteve a arma onde estava.

— Muito bem — disse ela. — O que você quer?

— Quero ajudar vocês! — foi a resposta do aborígine. — É... posso ajudar vocês, posso, sim! Às vezes, já ajudo vocês.

— Mas você trabalha para o *señor* Linares — respondeu a Srta. Howard. — Por que nos ajuda?

O aborígine fez um gesto para recolher as armas, levando a Srta. Howard a engatilhar o Colt. Os olhos do homenzinho



arregalaram-se e então ele tornou a levantar as mãos.

— Está bem... eu não machuco vocês, moça, e vocês não atiram em mim! Eu *ajudo* vocês!

— Que tal nos contar por que nos ajuda antes de apanhar essas coisas? — ordenou a Srta.

Howard.

O sorriso cativante de El Niño voltou e então suas feições arredondadas começaram a exhibir o que se pode chamar de repugnância teatral.

— Ah, não posso mais trabalhar para o *señor*... não mais! Ele me bate... bate na mulher...

bate em todo mundo, com punhos como... como... — Olhando rapidamente ao redor, o aborígine apanhou uma pedra grande na lateral da rua e então a ergueu na direção da Srta.

Howard.

— Como pedras — disse ela.

— É, é isso, como pedras! — afirmou El Niño. — Deu uma muda de roupas para mim... —

Ele manteve os braços suspensos no ar, mostrando os punhos enrolados do casaco, e então apontou para baixo, indicando a calça, toscamente cortada nos tornozelos. — Grande demais!

Não é para mim. Primeiro, antes, eu trabalhava para o pai... o velho *señor*...

— Para o pai do *señor* Linares? — indagou a Srta. Howard.

— É, moça. Ele era diferente. Bom homem. Este filho... não é a mesma coisa. Bate em todo mundo com os punhos, acha que é um grande homem... porque a mãe ama ele demais!

Com isso, dou uma risada e, por isso, recebo uma cotovelada forte da Srta. Howard; no entanto, ela também está tendo dificuldade em disfarçar que está se divertindo com o homenzinho.

— E, então, o que você quer de *nós*? — perguntou ela, baixando o Colt.

El Niño encolheu os ombros.

— Trabalhar para vocês, acho. É, acho que sim. Eu vigio vocês... vejo vocês tentando encontrar o bebê Ana. É bom. O *señor*, ele não quer que vocês encontrem a menina. Mas é só um bebê! Acho que vocês vão encontrar, porque são gente de bem. Eu trabalho para vocês, é...

com certeza.

A Srta. Howard e eu trocamos olhares perplexos. O que deveríamos dizer? A ideia parecia tão estranha que estava fora de questão, mas nenhum dos dois queria dizer isso a *e/e*. Não com aquele arsenal à mostra ali na estrada, e sabendo que ele vinha seguindo cada passo nosso havia semanas. E ainda tinha o fato de ambos termos identificado algo de simpático no homenzinho — simpático e decente. Então, talvez a ideia não fosse tão estranha afinal.

— Mas o que você quer dizer com “trabalhar” para nós? — perguntou a Srta. Howard. —

O que você faria?

O aborígine estava prestes a responder, mas primeiro olhou para seus pertences na estrada.

— Posso apanhar? — indagou, com cautela, à Srta. Howard.

Ela assentiu, olhando-o como se ele fosse uma criança levada.

— *Devagar* — advertiu ela.

Ele obedeceu à ordem e meteu cada peça de seu arsenal nos grandes bolsos que haviam sido costurados especialmente na parte interna do casaco. Então começou a aproximar-se de nós, pavoneando-se como um homem que tivesse o dobro de seu tamanho.

— Eu faço muitas coisas! — declarou ele. — Protejo vocês de inimigos... mato eles ou ponho para dormir! Cozinho também! — Apontou para a paisagem à nossa volta. — Cobra, cachorro... às vezes rato, se estiverem com *muita* fome! — Tanto a Srta. Howard quanto eu emitimos gemidos de repugnância em meio ao sorriso que se havia fixado em nosso rosto. —

Vejo coisas... descubro coisas! Com El Niño a seu serviço, vocês têm olhos *por toda parte*! —

Ele tornou a fazer um gesto com o braço cruzando o horizonte.

— E qual seria seu salário para tanto? — indagou a Srta. Howard.

— Meu sa... — murmurou o aborígine, confuso.

— O que teríamos de lhe pagar?

— Ah, pagar, está bem! — replicou ele, enfunando o peito orgulhosamente. — El Niño é de Manila... gente de Manila trabalha só por pagamento! O *señor* me paga com nada... com merda! — Deixei escapar outra boa gargalhada e a Srta. Howard nem mesmo tentou me conter; na verdade, ela fez coro a mim, e o mesmo aconteceu com El Niño, satisfeito com nossa reação. — Ele me paga com *merda*! — prosseguiu ele. — Roupas ruins... comida depois que os outros comem... e a *señora* me faz dormir do lado de fora, mesmo no inverno! Vocês podem me dar boa comida... cama para dormir, hein? Casa com muitas camas. E você... — Ele apontou para mim e então executou a pequena dança em volta do pescoço com uma das mãos novamente, fazendo meu sorriso desaparecer de repente.

— Ora, não comece com isso! — exclamei. — Não quero confusão com você...

— Não, não! — respondeu ele. — Confusão, não! Roupa! Sua roupa... três noites atrás...

você não gosta da roupa, não é?

Contando as noites nos dedos e tentando entender do que ele estava falando, lembrei-me da ida a Saratoga; e então, de súbito, veio-me à mente o encontro com o que eu tomara por um garoto nos jardins do Cassino.

— Então era *você*! — afirmei. — Você me viu de smoking?

— Smoking? — indagou El Niño, confuso. — Roupa fina para homem fino... serve em mim! Você não gosta dela — disse ele, levando o dedo ao pescoço outra vez. Foi então que entendi: ele me vira puxando a gravata branca e deduzira que eu detestava vestir aquilo.

— Stevie — disse a Srta. Howard —, o que ele está dizendo?

— Ele me viu no Cassino... viu que não gosto de usar aquelas roupas. Acho que quer para ele. — Falei em voz mais alta para nosso novo amigo: — Você quer aquelas roupas. É esse o acordo?

— Roupa fina para homem fino! — respondeu ele, batendo no peito. — Você dá a roupa para El Niño, ele trabalha para vocês!

Meneei a cabeça.

— Mas você não pode se vestir com elas o tempo *todo*...

— For que não? — interveio a Srta. Howard, voltando-se para mim. — Francamente, Stevie, acho que ele pode fazer como quiser.

Pensei melhor e então assenti.

— É, está certo, a senhorita tem razão. Mas que diabos o Doutor vai dizer?

— Quando lhe dissermos que trouxemos um de nossos principais adversários para o nosso lado? — contrapôs a Srta. Howard com um sorriso. — O que você *acha* que ele vai dizer?

Continuei assentindo com a cabeça e então pensei em nosso anfitrião de Ballston Spa.

— E quanto ao Sr. Picton?

Nem precisei esperar as palavras; a Srta. Howard limitou-se a me olhar e sorri.

— É, tem razão. Ele vai morrer de rir... e este camarada vai ser páreo duro para ele na tagarelice, isso é fato. Bem,

então...

A Srta. Howard voltou-se para o aborígine.

— Muito bem — disse ela, indicando a carroceria da carruagem. — Suba a bordo... e nos diga como devemos chamá-lo.

— Chame El Niño! — disse ele, tornando a bater no peito. Em seguida, sua expressão tornou-se mais cautelosa. — Eu trabalho para vocês? — indagou, como se ainda não acreditasse.

— Você trabalha para nós — respondeu a Srta. Howard. — Agora, suba.

— Não, não! Não é certo assim... El Niño pode andar, enquanto a senhora vai de carruagem.

A Srta. Howard suspirou.

— Não, El Niño, *isso* não está certo. Se trabalha para nós, é um de nós. E isso significa que viaja conosco.

Parecendo prestes a explodir, o aborígine executou uma pequena dança na estrada, saltando em seguida para a carroceria com a velocidade de um gato selvagem. Ficou de pé, às nossas costas, sorrindo de orelha a orelha.

— Com El Niño trabalhando para vocês — declarou ele —, vão *encontrar* pequena Ana! É

certo!

Sem acreditar ou compreender perfeitamente em que havíamos nos metido, dei rédea ao Morgan e seguimos para casa.

Naquela viagem, ouvimos a história completa da vida de El Niño, a qual contamos aos outros assim que chegamos à casa do Sr. Picton. Parecia que, quando garoto nas selvas da ilha filipina de Luzon, o aborígene estava participando de uma caçada com os homens da tribo certo dia, quando foram violentamente atacados por um grupo de espanhóis. Os Aëtas mais velhos foram mortos por diversão; os mais jovens foram levados para Manila e vendidos para uma vida de escravidão. El Niño fugira de seu primeiro senhor depois de alguns anos e então passara o início da vida adulta rondando a zona portuária, transformando-se num vagabundo mercenário. Depois de viver por um tempo como pirata, tomara parte em pequenas guerras por todo o Mar do Sul da China e finalmente voltara a Manila, onde fora preso por pequenos furtos. Levado diante de um magistrado espanhol, recebera sentença de trabalhos forçados perpétuos — e fora aí que o primeiro *señor* Linares, um diplomata, interviera e lhe dera a chance de pagar sua “dívida” para com o Império Espanhol como criado doméstico. Ao ouvir tudo isso, não pude deixar de lembrar minha própria situação com o Dr. Kreizler. Essa experiência comum rapidamente estabeleceu um elo entre mim e nosso novo parceiro.

Ele era um personagem e tanto, isso não havia como negar: todos na casa do Sr. Picton consideraram sua estranha mistura de pose viril e amabilidade generosa, quase infantil, ao mesmo tempo divertida e comovente. Ao ser apresentado a Cyrus, particularmente, reagiu de maneira emocionada e no entanto cômica. Fez uma reverência grave e respeitosa e ficou estupefato quando o homenzarrão — que ele parecia ver como uma espécie de oráculo —

estendeu-lhe a mão. O fato de o “Sr. Mont-rose” (como El Niño pronunciava o nome) viver entre os brancos como um igual — merecendo a confiança deles, vestindo o mesmo

tipo de roupa, comendo a mesma comida e tendo a mesma espécie de acomodação para dormir —

pareceu ao aborígine significar que o homem havia alcançado um alto nível de conhecimento secreto; e El Niño passou a modelar seu comportamento segundo o de meu amigo corpulento e calado. Isso, naturalmente, não era tarefa fácil para alguém tão falante e ativo quanto aquele homenzinho.

Nada disso, porém, nos ofereceu melhor ideia do que iríamos *fazer* com nosso novo aliado.

Não precisávamos seguir ninguém em particular, ou deixá-lo inconsciente, no momento, e ele fatalmente provocaria comentários aonde quer que fosse em Ballston Spa — principalmente depois de eu lhe dar as roupas que havia prometido e que ele vestiu de imediato. Com o andar pomposo de um pavão (ele estava certo ao supor que as roupas teriam o seu tamanho), parecia pronto para conquistar o mundo; no entanto, nós todos nos perguntávamos se o mundo estaria igualmente preparado para ele. Pensando por ora em questões práticas, uma confusa Sra.

Hastings pôs El Niño para trabalhar, lavando a louça do jantar, tarefa esta a que ele se entregou com boa disposição.

Quanto às informações que a Srta. Howard e eu trouxemos de Stillwater, estas foram devidamente registradas no quadro-negro na sala de estar do Sr. Picton. Em seguida, passamos para a varanda dos fundos a fim de discutir a importância daquela história. Não foi surpresa para ninguém que a Sra. Muhlenberg não conhecesse os detalhes do caso Hatch, pois ela morava numa outra região administrativa, o



que significava um xerife diferente — e os xerifes nas cidades pequenas em geral eram ainda menos cooperativos e comunicativos entre si do que nos distritos policiais de Nova York. Em relação à recusa da pobre mulher de testemunhar, o Sr. Picton nos informou que essa não era uma grande perda, pois o Rei Salomão do condado de

Saratoga, o juiz Charles H. Brown, insistia que cada caso fosse examinado por seus próprios méritos e quase certamente não teria permitido que quaisquer alegações sem provas sobre um fato acontecido dez anos antes chegassem ao ouvido do júri. O mesmo se aplicava a todo o trabalho que havíamos feito em Nova York, que, como firmemente nos lembrou nosso anfitrião, nem mesmo resultou numa investigação policial oficial. O caso do assassinato dos filhos de Libby Hatch teria de se restringir apenas a isso; o único propósito a que a história da Sra. Muhlenberg poderia servir seria nos ajudar a melhor compreender o caráter da mulher com a qual estávamos lidando.

O que ela nos oferecia nesse sentido eram provas adicionais (não que precisássemos de mais alguma) da astúcia de nossa oponente. O Doutor nos disse que a pequena teoria da Sra.

Muhlenberg sobre a maneira como Libby havia matado seu filho, Michael, uma história que alguns teriam desconsiderado, julgando-a divagações de uma mulher semienlouquecida pela dor, era muito provavelmente verdadeira: algumas substâncias venenosas, ingeridas por uma mulher amamentando, podem de fato passar através do leite para o bebê. Quanto ao pacote de pó preto que a Sra. Muhlenberg havia encontrado no quarto de Libby junto ao arsênico, o Doutor suspeitava de que se tratasse, para usar o termo empregado por ele, da substância *carbo*

*animalis purificatus*, que, em latim, significa “carvão animal purificado”, e é normalmente usada como antídoto para muitos venenos — inclusive o arsênico. Era provável que Libby o mantivesse à mão para o caso de se impacientar com seu plano e tomar uma dose de arsênico muito alta. Quanto ao *porquê* de ter feito o que fizera, a essa altura todos já sabíamos a resposta: o pequeno Michael Muhlenberg cometera o erro fatal de tornar óbvio que Libby não tinha muitos talentos maternos e, em vez de simplesmente admiti-lo e tentar encontrar outra coisa para fazer com sua vida, a assassina maquinou uma situação da qual saísse parecendo uma heroína por seus esforços para salvar uma criança que, na verdade, ela estava matando.

Era o mesmo padrão que tínhamos identificado nos casos dos filhos “adotivos” de Libby, assim como dos bebês da Maternidade de Nova York: a mulher vinha exercendo seu cruel trabalho havia mais tempo do que qualquer um de nós — exceto, naturalmente, o Doutor —

suspeitara ou em que provavelmente teria acreditado.

Havia, porém, uma informação na deplorável história da Sra. Muhlenberg que vinha a ser uma pista proveitosa: se Libby Hatch havia se empregado como ama de leite, isso significava que ela teria de ter dado à luz um filho em algum momento. Se Libby não mentira nos formulários do hospital que tínhamos visto e agora contava 39 anos, então, em 1886, ela teria 28 anos e a tal criança poderia ter a minha idade — embora o fato de ter se apresentado na casa dos Muhlenbergs sozinha indicasse que a criança provavelmente estava morta (o que não vinha a ser nenhuma grande surpresa para nós). Entretanto, viva ou morta, devia haver alguma prova de sua existência, em algum lugar.

Assim, a Srta. Howard e eu agora iríamos procurar não só os pais de Libby na margem leste do Hudson: com grande probabilidade, mais um túmulo de criança também nos aguardava. A entrevista com a Sra. Muhlenberg nos dera somente uma ideia geral de onde começar a busca — era grande o número de cidadezinhas na margem oposta do rio — e, por essa razão, precisávamos começar o mais cedo possível. Creio que a Srta. Howard teria ficado feliz em partir naquela mesma noite, mas não havia maneira de eu ir a algum lugar na escuridão novamente; além disso, devíamos a El Niño sua primeira noite numa cama que

havíamos prometido. O Sr. Picton o levou até um quarto no último andar da casa, os dois tagarelando como velhos amigos, enquanto subiam a escada: acertáramos ao achar que a natureza vocal de ambos os tornaria amigos desde o início. Quanto ao que aconteceria com El Niño, uma vez encerrado o caso, o Sr. Picton disse que não se importaria em absoluto em mantê-lo como criado; o que certamente daria aos cidadãos de Ballston Spa algo de que falar.

Seu destino assim decidido e contento, o aborígene mergulhou na cama de seu quarto, como se fosse um oceano, parando em sua entusiasmada comemoração somente quando o Sr. Picton lhe disse que a Sra. Hastings não gostaria de vê-lo rolando nas roupas de cama calçado com meus sapatos sociais.

O Doutor decidiu que nosso novo parceiro iria continuar trabalhando com a Srta. Howard e comigo no futuro imediato: era impossível prever que tipo de novas encrucas nossa busca pelas origens de Libby Hatch nos traria, mas era seguro dizer que, se deparássemos com outros perigos, os talentos de El Niño viriam bem a calhar. Essa era uma consideração muito fácil de se entender e aceitar; o que não era tão óbvio, mas que se provaria

agradavelmente verdadeiro ao longo dos dois dias seguintes, era o quão divertido nosso companheiro continuaria a ser.

Enquanto percorríamos aqueles vilarejos na margem leste do Hudson, com a Srta. Howard perguntando a todos que apareciam à sua frente sobre a família Fraser, El Niño e eu fomos nos tornando cada vez mais amigos, fazendo palhaçadas, rindo e dizendo a todos os impertinentes ou ressentidos habitantes da região que encontrávamos para onde podiam ir com sua hostilidade provinciana. A firme lealdade do aborígene — agora entusiasticamente transferida para nós, após anos sendo dedicada com relutância ao filho mesquinho de seu benfeitor original — fez a Srta. Howard estabelecer seu próprio vínculo com ele, de uma forma que não teria sido possível com um americano branco típico: não havia qualquer condescendência ou tentativa de cavalheirismo na forma de El Niño dirigir-se a ela, apenas o respeito simples por alguém que tivera uma atitude generosa em relação a ele.

Precisávamos de toda a animação que pudéssemos reunir naquele primeiro dia de busca, pois ele nada produziu além de respostas negativas às perguntas da Srta. Howard, e mais olhares mal-humorados e desconfiados da população local. O fato de estarmos perseguindo uma assassina não parecia influenciar em nada aquelas pessoas: éramos, antes de mais nada, estranhos, e nenhum objetivo construtivo de nossa parte poderia remover essa barreira. A noite de quarta-feira nos encontrou de volta à casa do Sr. Picton sem nenhum resultado para nossos esforços, mas, na quinta-feira, levantamos antes do amanhecer e tornamos a sair, tentando não deixar a frustração nos dominar. Quando o sol nasceu, estávamos cruzando o rio numa pequena balsa, seguindo diretamente para a luz ofuscante da manhã. Era uma situação que teria sido maçante se não fosse por El

Niño, que se sentava na carroceria da carruagem, amolando sua *kris* e cantando, feliz, uma canção em sua língua nativa, que ele me contou falava da manhã nas selvas tropicais que um dia foram seu lar.

O restante de *nossa* manhã foi repleto de mais decepções, o mesmo acontecendo com a tarde. Cidade após cidade, taberna após taberna, correio após correio, se passaram, com a Srta.

Howard diligentemente entrando em cada estabelecimento e fazendo a mesma série de perguntas sobre uma família chamada Fraser. Quando a luz do dia começou a ganhar a cor do ouro, eu estava mais do que disposto a admitir a improbabilidade de encontrarmos alguma coisa antes de o júri se reunir: não sabíamos nem mesmo, afinal, se Fraser era o nome original

de Libby Hatch, uma alcunha ou o nome por que atendia o pai de seu primeiro filho. Tudo de que tínhamos certeza era que em algum lugar — talvez num estado completamente diferente

— havia um túmulo com o nome daquela primeira criança gravado nele; e à medida que o fim de tarde se desdobrava no início da noite, a Srta. Howard também começou a pensar que talvez isso fosse tudo de que precisávamos saber de fato, pelo menos por enquanto. Se o Sr. Picton achasse que precisava de mais detalhes sobre aquela parte da vida da mulher para o julgamento efetivo (supondo-se que chegássemos lá), poderíamos continuar tentando encontrá-los — e ele poderia interrogar Libby sobre tais questões no tribunal também. Porém, cada vez mais, a Srta.

Howard começava a achar que a violência de Libby era tanto resultado de ter nascido menina numa sociedade

opressora e hipócrita, como de alguma possível irregularidade em sua vida familiar; e, como resultado, nossa busca infrutífera e premente começava a parecer perda de tempo. Desnecessário dizer que a Srta. Howard não era pessoa de tolerar esse sentimento por muito tempo.

E assim, quando o relógio do fórum de Ballston Spa bateu as sete horas naquela noite, nos encontrávamos a uma distância que nos permitia ouvi-lo, tendo seguido para a cidade pela estrada de Malta. Fizemos a volta, passando pelas lojas fechadas e casas silenciosas de Ballston Spa, e então circulamos a estação ferroviária e subimos a Bath Street, passando debaixo da janela do Sr. Picton. El Niño dormia na carroceria, a Srta. Howard estava absorta em seus próprios pensamentos ao meu lado e eu tinha dificuldades em manter os olhos abertos, enquanto minha mente ia sendo embalada pelo tropel lento e constante dos cascos de nosso fiel Morgan.

E esse, naturalmente, era o momento exato para que qualquer calamidade acontecesse.

— Stevie! — Quase pensei que a voz estivesse em minha cabeça, parte de um sonho no qual eu mergulhava. — Stevie! Sara! Droga, vocês não estão me ouvindo?

A Srta. Howard me despertou e juntos voltamo-nos para olhar a rua silenciosa à nossa volta, não vendo viva alma; mas quando a voz tornou a nos chamar, eu a reconheci como sendo do Sr. Picton e me dei conta de que vinha da janela de seu gabinete.

— Aqui em cima! — disse ele, e então olhamos para cima, vendo-o quase pendurado da janela do fórum, agitando o cachimbo numa das mãos e um pedaço de papel na outra, tentando desesperadamente atrair nossa atenção. — Ouça,

Stevie — prosseguiu ele —, você tem de ir até a fazenda dos Westons buscar o Doutor! Eles não têm uma porcaria de telefone e precisamos conversar! Ele iria voltar às nove, mas acabo de receber um telegrama de John...

precisamos examiná-lo *agora!*

— Mas a audiência é pela manhã — tentou replicar a Srta. Howard — e ele ainda tem de...

— Isso não importa... já está tudo resolvido! — gritou o Sr. Picton, confundindo a Srta.

Howard e a mim. — Sara, é melhor você pegar minha carruagem e ir buscar Lucius e Cyrus...

mas, Stevie, você *tem* de ir apanhar o Doutor, o mais rápido que puder!

Num rápido movimento, a Srta. Howard saltou para o chão, disparando na direção da High Street e dos degraus do fórum. Ela parou e fez meia-volta, porém, para me dizer:

— Acorde El Niño, Stevie... ele vai evitar que você volte a dormir!

— Como se isso fosse acontecer! — respondi, cheio de energia. — Quero saber que diabos está acontecendo!

A Srta. Howard sorriu, suspendeu a barra da saia e voltou-se para continuar correndo.

Pensando bem, concluí que de fato uma companhia poderia ser-me útil para quebrar a monotonia de um trajeto pela mesma estrada por que acabávamos de passar; assim, dei ao meu companheiro na carroceria uma boa sacudida,

fazendo-o erguer-se num sobressalto, empunhando a *kris*, pronto para atirá-la, tudo num só movimento relâmpago.

— Tenha calma, meu filho — aconselhei, dando tapinhas na boleia, onde a Srta. Howard estivera sentada. — Passe para cá e se segure... a viagem vai ficar um pouco dura!

Com uma risada de júbilo diante da ideia de ser promovido à boleia, El Niño subiu com um salto para o meu lado e preparou-se para partirmos, enquanto eu fazia a volta com a carruagem e batia com as rédeas nos flancos do Morgan. Não poderíamos seguir à velocidade máxima antes de tornarmos a sair da cidade, mas, assim que isso aconteceu, o pequeno garanhão mostrou que o dia de trabalho não o havia afetado em nada e, enquanto disparávamos a toda, levantávamos tal nuvem de poeira — para não falar da terrível algazarra — que El Niño não pôde resistir e começou a cantar outra canção, que ele me disse ter aprendido durante seus dias de pirata no Mar do Sul da China.

O dia ainda estava completamente claro quando chegamos à fazenda dos Westons, um testemunho tanto da resistência de nosso cavalo quanto de meu talento como cocheiro. Josiah Weston, embora apanhado desprevenido pela visão do aborígene em minhas roupas de noite, disse-me que o Doutor e Clara Hatch estavam na margem do riacho que corria atrás da casa, desenhando mais uma vez. Isso não me surpreendeu; o Doutor tinha uma paciência impressionante quando se tratava dessas coisas, e se uma determinada criança respondesse a certa forma de tratamento ou comunicação, ele podia prosseguir com a atividade por dias a fio.

Dizendo a El Niño que desse comida e água ao nosso cavalo, parti correndo, descendo em direção ao riacho.



Disparando à volta da grande horta, atravessando em seguida um campo de milho e descendo ao longo da margem do regato claro e ruidoso, vi que minha agitação crescia a cada momento que passava, por que razão eu não tinha ideia. Pulei e saltei sobre as pedras e a relva lamacenta da margem, procurando o Doutor e Clara. No entanto, não os encontrei de imediato, e embora soubesse que não poderiam me ouvir acima do barulho da água que corria, gritei seus nomes algumas vezes, sem parar para tentar ouvir a resposta. Por fim, depois de uns cinco minutos correndo e saltando, avistei as costas do Doutor a uns oitocentos metros da casa, rio acima. Ele estava sentado debaixo de um grande bordo, cujas raízes haviam crescido fora da terra, formando uma espécie de plataforma sobre o leito do rio. Clara sentava-se calada à sua frente, desenhando.

Quando afinal cheguei a uma distância que me permitia ouvi-los, reduzi um pouco a velocidade. A parte do riacho onde os dois estavam sentados era uma pequena curva, onde a água se expandia numa piscina de águas serenas, e seus rumores silenciavam o suficiente para que eu ouvisse a voz gentil do Doutor, enquanto ele falava com Clara. Ele se encontrava obviamente num momento crítico de seu esforço em alcançar a garota, pelo que eu podia ouvir de suas palavras:

— ... e veja, Clara, comecei a compreender que o que tinha acontecido não era culpa minha... e que se eu ao menos pudesse dizer aos outros a verdade sobre o que acontecera, isso

ajudaria. E me ajudaria também a ficar em segurança, e ajudaria meu pai a parar de fazer essas coisas.

Isso tudo era bastante previsível: repito mais uma vez, eu já ouvira palavras semelhantes ditas pelo Doutor, e embora conhecesse bastante daquela situação para me aproximar silenciosamente, também calculei que uma pausa na conversa se seguiria, provocada pela tentativa silenciosa da mente jovem de Clara de apreender esse último pensamento. Esperei por ela, imaginando que em tal momento eu poderia graciosamente intervir e transmitir a notícia de que precisávamos dele com urgência na cidade.

Em vez disso, o que aconteceu foi que meu queixo caiu ao som de Clara respondendo ao Doutor numa voz suave, ligeiramente rouca, mas ainda assim surpreendentemente clara:

— E seu pai melhorou?

Eu podia ver o Doutor assentindo lentamente.

— Ele era um homem muito doente. Como sua mãe. Mas ele melhorou, sim, acabou melhorando. E o mesmo vai acontecer com ela.

— Mas só se eu contar a verdade... — disse Clara baixinho, tomada por um medo verdadeiro.

Não havia dúvida: eles estavam conversando.

## **CAPÍTULO 39**

Fiz o que pude para não interromper a cena, sabendo que o que estava acontecendo era crucial; no entanto, a terra encharcada da margem do rio sob meus pés frustrou minha tentativa. Ali parado, prendendo a respiração, comecei a sentir um dos pés afundando num trecho fundo da relva enlameada. Deixando escapar um pequeno grito, puxei a perna para cima, um movimento que produziu um ruído alto

e levemente engraçado. Esse som fez com que o Doutor e Clara girassem o corpo rapidamente e se pusessem de pé. A garotinha correu para se esconder atrás da perna do Doutor, mas quando viu que era apenas eu — e, em seguida, que a parte inferior de minha perna estava coberta por um lodo espesso —, começou a rir, daquele seu jeito meio rouco. O Doutor também sorriu; quanto a mim, podia sentir o rosto enrubescendo.

— Desculpe — disse eu, sacudindo o pé e lançando no ar pedaços de barro e lama da bota.

— Não tinha a intenção de me intrometer, mas... — Simplesmente baixei os olhos para meus pés e então os dois riram com mais vontade ainda.

— Bem, Clara — disse o Doutor —, acho que alguém estava tentando nos espiar. O que você acha? — A risada da menina reduziu-se a um sorriso, enquanto ela me olhava; em seguida, ela levantou bem a cabeça, querendo sussurrar no ouvido do Doutor. Ele se abaixou para ouvir, e então riu novamente. — Não, com certeza ele não é muito bom nisso! —

Dirigindo-me um olhar significativo que dizia que, se meu assunto não fosse importante, era melhor eu ir embora, o Doutor prosseguiu: — E, então, Stevie, o que o traz aqui?

Tentei manter um tom de voz casual, sem saber o que poderia aborrecer Clara.

— É o Sr. Picton, Doutor. Ele diz que talvez seja hora de encerrar o dia. — Pus na voz um tom mais incisivo. — Parece que recebeu um telegrama... do Sr. Moore.

Os olhos do Doutor reviraram-se um pouco, mas ele controlou suas emoções.

— Entendo. — Baixou os olhos para Clara e, em seguida, tornou a voltá-los para mim. —

Está certo. Eu o encontro na casa. Em cinco minutos.

Assenti com a cabeça e parti, o Doutor virando-se para ter uma conversa séria com sua jovem paciente, enquanto eu me afastava.

Quando cheguei de volta à casa, a lama que me cobria o pé e a perna já tinha começado a secar, mas eu ainda parecia suficientemente estúpido para que El Niño desse boas gargalhadas à minha custa. Ele continuou rindo, enquanto eu tirava a bota e tentava limpar-me, mas quando o Doutor e Clara apareceram, ele endireitou-se e tornou-se todo respeitoso e profissional. A garota achou o aborígene uma estranha visão, mas, pelo que parecia, não ameaçador; e ela sussurrou algumas palavras no ouvido do Doutor, assim que terminou de avaliá-lo. O Doutor sorriu e então pousou a mão na cabeça de Clara, dizendo-lhe que o tamanho de El Niño era normal para pessoas como ele.

— Ele vem do outro lado do mundo — explicou o Doutor. — Há *muitas* coisas incomuns por lá. Você poderá vê-las um dia, se quiser. — Nesse momento ele abaixou-se para olhá-la

nos olhos. — Voltarei pela manhã para levá-la ao fórum, Clara. E estarei na sala com você, exatamente como prometi. Só o Sr. Picton lhe fará perguntas. Então, como você vê, não há motivos para ter medo. Isso vai ajudar... a verdade irá ajudar a *todos*.

Clara assentiu, esforçando-se para acreditar nas palavras do Doutor, enquanto Josiah Weston aproximava-se e a abraçava. Obviamente, bastante consciente de que estávamos às vésperas do primeiro grande teste de Clara, o

Sr. Weston apertou a mão do Doutor, aparentemente confiante; ao mesmo tempo, porém, pensei ver uma sombra de dúvida em seus olhos: dúvida se estavam fazendo a coisa certa. Mas, quando o Doutor virou-se para subir em sua carruagem alugada, Clara correu até ele e abraçou-lhe a perna, como eu vira fazer muitas crianças no Instituto; e acho que isso convenceu o Sr. Weston — mais do que poderiam quaisquer palavras — de que eles haviam de fato tomado o único caminho que levaria a menina à paz de verdade.

Quando nos afastávamos da casa dos Westons, levei a carruagem para um lado do caminho, permitindo que o Doutor emparelhasse conosco. Então, lhe dei uma rápida versão da situação na cidade, ou do pouco que eu dela sabia. Quanto ao que o Sr. Picton quisera dizer com o assunto do Doutor na fazenda dos Westons estar “resolvido”, parece que Clara começara a falar naquela manhã e que o Doutor havia despachado Peter Weston à cidade com a notícia imediatamente, para que o Sr. Picton soubesse que podia contar com a última arma em seu arsenal, ao se apresentar diante do júri. Depois de me contar isso, o Doutor reduziu a velocidade do trote, tornou a ficar para trás e depois concentrou-se na tarefa de me acompanhar: o restante do trajeto foi tão rápido e inclemente quanto a ida. Quando chegamos ao fórum, o garanhão Morgan finalmente deixou claro, através de uma série de profundos resfolegos, que já fizera todo o trabalho que podia por aquele dia; e eu disse a El Niño, quando ele se preparava para levar os dois cavalos e carruagens de volta à cocheira, que cuidasse para que o Sr. Wooley desse ao extraordinário animal uma refeição e uma escovada especiais por seu esforço.

A visão da carruagem do Sr. Picton diante do fórum revelou ao Doutor e a mim que a Srta.

Howard havia sido mais rápida no cumprimento de sua tarefa, e a ideia de que os três já estariam lá em cima, arrancando do Sr. Picton quaisquer que fossem as notícias misteriosas vindas de Nova York antes de nossa chegada, fez com que entrássemos em disparada no prédio e subíssemos os degraus de mármore em alta velocidade. O guarda grandalhão à porta, o que o Sr. Picton havia chamado de Henry, gritou-nos, ressentido, dizendo que não podíamos sair correndo pelo fórum, como se este fosse nosso, que havia regras que precisavam ser seguidas; mas não lhe demos atenção. Respeitando a mesma falta de formalidades quando chegamos ao gabinete do Sr. Picton, entramos sem pedir licença, encontrando os outros à espera.

— Até que enfim! — exclamou o Sr. Picton, fumando e mordendo o cachimbo, como um dos tipos mais agitados que eu ocasionalmente observara durante as visitas do Doutor ao Pavilhão de Insanos do Bellevue Hospital, em Nova York. — Eu temia que se vocês não chegassem logo estes três fossem me atacar fisicamente e *tomar* o telegrama! Mas justiça é justiça, foi o que eu disse a eles... O Doutor e Stevie merecem ouvir as novidades ao mesmo tempo que os outros!

— Por favor — disse o Doutor, sem fôlego, ignorando a gentil consideração do Sr. Picton

—, prossiga...

— O telegrama chegou pouco depois das seis — contou o Sr. Picton, deixando o cachimbo de lado por ora e ajeitando-se nervosamente na cadeira. — E a minha esperança é que, juntos, possamos entendê-lo melhor do que eu sozinho. Vou lê-lo para vocês... — Ele desdobrou o papel, agitando-o ruidosamente, então pigarreou e começou a leitura: SR.

RUPERT PICTON, FÓRUM DE BALLSTON SPA. *URGENTE*. L.H.  
RECUSA DIREITO DE APRESENTAR-SE DIANTE DO JÚRI,  
MANDA OLHAREM

DECLARAÇÃO JURAMENTADA ASSINADA POR ELA NA  
OCASIÃO DO CRIME.

NADA MAIS A ACRESCENTAR. LOCALIZADO REV. PARKER  
ONTEM. VIVO, EMBORA NÃO INCÓLUME. IRÁ TESTEMUNHAR  
COM PROTEÇÃO GARANTIDA.

MICAH HUNTER MORREU ONTEM DE OVERDOSE DE  
MORFINA. LEGISTA DIZ

QUE ELE MESMO APLICOU, MAS AGORA SEGREDO ESTÁ  
REVELADO. DOIS

POLICIAIS

ACOMPANHARAM

LEGISTA,

L.H.

SABE

QUE

NÃO

HÁ

INVESTIGAÇÃO

OFICIAL

DE

SUAS

ATIVIDADES.

DUSTERS

AGORA

PERIGOSOS DEMAIS PARA QUE FIQUEMOS DE VIGÍLIA.  
QUASE MORREMOS

SEGUINDO-A QUANDO ELA TRANSFERIA A.L. PARA  
ESTABELECIMENTO

DELES. ESTOU TENTANDO PROVIDENCIAR OLHOS LÁ  
DENTRO. VANDERBILT

VOLTOU À CIDADE. L.H. O PROCUROU DE LUTO FECHADO. V.  
CONTRATOU

ADVOGADO DE CHICAGO PARA CUIDAR DEFESA DELA.  
NOITE PASSADA MARCUS VIAJOU PARA DESCOBRIR QUEM É  
O HOMEM. VOLTO NO PRÓXIMO

TREM. AGRADEÇO TRANSPORTE E FARTO UÍSQUE NA  
ESTAÇÃO. MOORE.

— E isso, meus amigos — declarou o Sr. Picton, tornando a apanhar o cachimbo —, é o resumo de tudo. Já consultei o horário dos trens. John deve estar chegando por volta das onze, embora naturalmente vá haver atrasos. O que nos dá várias horas para decifrarmos exatamente do que ele está falando. — O Sr. Picton agitou o telegrama acima da cabeça. — Algumas partes são óbvias, é claro, e não tão surpreendentes. Com toda honestidade, eu não esperava que Libby viesse para os procedimentos do júri, por



exemplo. Mas há outros elementos que estão bastante confusos.

O Doutor se levantou e estendeu a mão para o telegrama.

— Posso ver?

— Ah, é claro, Doutor — replicou o Sr. Picton, entregando-lhe o papel. — O senhor conhece John por mais tempo do que eu, afinal; assim, talvez se saia melhor com algumas de suas vagas referências, começando com essa declaração de que o reverendo Parker está “vivo, embora não incólume”.

— Ou Moore estava simplesmente demonstrando sua habitual clareza de expressão —

respondeu o Doutor, num tom de voz seco, examinando o pedaço de papel —, ou não queria correr o risco de que alguém pusesse as mãos numa cópia da mensagem. O reaparecimento de Vanderbilt, visto sob essa luz, é um tanto ou quanto sinistro.

— É — concordou Lucius. — Não existe muita coisa que essas pessoas não consigam descobrir, quando se dispõem a fazê-lo.

— Eu poderia apostar — disse a Srta. Howard — que a questão sobre Parker significa que Libby, em determinado momento, mandou os Dusters atrás dele. Se John e Marcus conseguiram encontrá-lo, *ela* também deve ter conseguido. E só Deus sabe em que estado ele ficou.

Cyrus meneou a cabeça.

— Ruim o bastante para viver torturado, creio eu, senhorita — disse ele baixinho. —

Talvez o bastante para fazê-lo desejar estar morto. É possível que ela sentisse mais prazer com essa situação do que se o matasse de fato.

A Srta. Howard lançou a Cyrus um olhar soturno, indicando que concordava com ele; o Doutor também assentiu com a cabeça.

— É — disse o Dr. Kreizler, ainda estudando o telegrama —, mas uma solução mais permanente era necessária no caso de Micah Hunter. Isso também podemos compreender. É

provável que ele nunca tenha sabido de nada sobre o que aconteceu aqui antes de se casar com Libby. Entretanto, quando Marcus levou a notícia sobre seu indiciamento no processo, sem dúvida Hunter começou a desconfiar da verdade. E não seria muito difícil, nem mesmo para seu cérebro atormentado pela droga, tirar as conclusões óbvias sobre as desditosas crianças de que sua mulher vinha “cuidando” em Nova York.

O Sr. Picton inclinou a cabeça, com uma expressão que quase parecia de respeito.

— Matá-lo foi, além disso, uma tática inteligente para o julgamento. Libby agora irá aparecer com as roupas de uma viúva recente que passou anos cuidando de um veterano da Guerra Civil. — Sua expressão de estranha admiração de repente transformou-se numa de sobressalto. — Meu Deus, que ideia mais deprimente! Juízes, júris e o público em geral já são bastante propensos a tomar o partido de uma mulher durante um julgamento... Quanto mais a viúva enlutada de um soldado da União... Nada como um vestido preto e a bandeira para conquistar nossa simpatia. No entanto, diga-me uma coisa, Doutor: o que Moore quer dizer com estar “tentando providenciar olhos lá dentro”?

— Diz respeito a uma outra jogada inteligente da parte de nossa adversária, creio —

replicou o Doutor. — Eu tinha esperanças de que, se intimada a Ballston Spa, Libby fosse providenciar alguém para cuidar temporariamente de Ana em sua casa.

— E de que modo isso ajudaria a nossa causa? — indagou o Sr. Picton.

— Não ajudaria — disse o Doutor. — Pelo menos não no que diz respeito ao julgamento.

Mas, no caso de fracassarmos, e ela ser absolvida...

— Então ela precisaria livrar-se da tal pessoa ao retornar a Nova York — Lucius concluiu para ele, com um gesto afirmativo da cabeça, assimilando a ideia. — E, com alguma sorte, poderíamos estar lá para flagrá-la no ato e evitar que isso acontecesse.

— Ou, se falhássemos nessa tentativa, pelo menos teríamos (e não é minha intenção parecer excessivamente insensível aqui) outro assassinato no qual poderíamos tentar incriminá-la — argumentou o Doutor. — Agora, porém, sabendo que a polícia *não* a está de fato investigando, ela pode ser bem mais audaciosa. Moore diz que, na verdade, eles a *viram* transferindo a criança para o quartel-general dos Dusters, um lugar que a polícia só frequenta com a mais forte das motivações. — Fazendo uma pausa, o Doutor fixou os olhos com maior intensidade no telegrama. — Eu diria que John está se empenhando em encontrar alguém lá dentro, ou pelo menos próximo aos Dusters, que esteja disposto a ficar de olho em Ana. Pois, se conseguirmos condenar Libby, o destino da criança estará selado, a menos que tenhamos ajuda interna.

— Mas... quem ele poderia contatar? — indagou Lucius. — Afinal, basta que se *aproxime* de um frequentador daquele lugar para correr o risco de acabar com a cabeça quebrada.

Nisso, senti um par de olhos fixos em mim e vi Cyrus me fitando.

— Não necessariamente — disse ele, com a voz suave. E, nesse momento, meu coração desfaleceu com a compreensão de a que, ou melhor, a *quem*, ele se referia.

— O que quer dizer, Cyrus? — perguntou a Srta. Howard. — Quem ele poderia estar... —

Seguindo o olhar de Cyrus até mim, a Srta. Howard de súbito também compreendeu. O Doutor e Lucius olharam igualmente em minha direção, conscientes e constrangidos.

Toda essa atenção voltada para mim fez com que eu começasse a alternar o peso do corpo num e noutro pé.

— Mas... — comentei baixinho. — Mas... ela foi embora. — Com o coração batendo mais rápido a cada segundo que passava, não demorou para que eu não conseguisse mais controlar o tom de voz. — Ela foi *embora!* Foi para a Califórnia...

— Não temos certeza, Stevie — disse o Doutor, sereno. — E não parece haver outra pessoa a que Moore possa estar se referindo.

Eu havia começado a menear a cabeça negativamente mesmo antes de ele terminar de falar.

— Não — disse eu, num esforço de convencer tanto a mim mesmo quanto aos outros. —

Ela *partiu*, foi embora! — Nesse momento, porém, lembrei-me da visão de Ding Dong no píer da Rua 22 antes de nossa partida da cidade e minha voz morreu, enquanto me dava conta de que meu argumento não valia o ar que eu expirava para lhe dar voz.

— Acho que estou um tanto no escuro aqui — disse o Sr. Picton, tirando baforadas do cachimbo e parecendo perceber que o momento era delicado. — Naturalmente, pode não ser da minha conta, mas... de quem vocês estão falando?

O Doutor — tendo visto que, embora eu ainda estivesse perturbado, começava a adquirir um pouco de controle — voltou-se para o Sr. Picton.

— É da amiga de Stevie de quem já nos ouviu falar... a Srta. Devlin. Pensávamos que ela houvesse ido para a Califórnia. — Ele olhou para mim mais uma vez. — Parece que estávamos enganados.

— Mas isso é esplêndido! — As palavras enfáticas e calorosas do Sr. Picton deixaram todos na sala aturdidos por um segundo. Ergui a cabeça, lançando-lhe um olhar muito confuso.

— Bem, isto é — prosseguiu ele, com afetuosa sinceridade —, a garota foi de grande ajuda no caso até agora, Stevie. Se ainda estiver em Nova York, que pessoa melhor para continuar a nos ajudar?

A ideia, uma a que nenhum de nós que de fato conhecíamos Kat ocorreria, era estranhamente tranquilizadora, e vi que teve o efeito de acalmar a pulsação que eu sentia nas têmporas e no peito, ao ponto de conseguir até assentir ligeiramente com a cabeça.

— É verdade, Stevie — interveio a Srta. Howard, no seu tom mais encorajador. — Não temos nenhum motivo para acreditar que Kat não vá fazer o que é certo. Afinal, até aqui foi o que ela fez. Independentemente de seus ataques de mau gênio.

Até mesmo Cyrus, que sabia melhor do que todos eles o quão questionável a participação de Kat provavelmente seria, tentou ser positivo em relação à ideia:

— Eles têm razão, Stevie. Ela é uma garota durona, e Deus sabe o quanto é imprevisível.

Mas foi correta conosco em todas as ocasiões.

— É — comentei baixinho. — Acho que sim... — Mas eu não iria engolir aquilo completamente até ver uma expressão de certeza no rosto do Doutor.

Voltei-me para ele — mas a expressão não estava lá.

— Temos de torcer, Stevie — disse ele, uma das sobranceiras arqueadas. Ele nunca mentira para mim antes e acho que sabia que eu não teria querido que começasse àquela altura.

— É tudo que podemos fazer. Mas não vai ser esperança infundada; isso, pelo menos, é verdade. Ela foi mesmo de grande ajuda neste caso.

Limitei-me a assentir novamente, engolindo em seco, pronto para passar a outro assunto, pois eu só poderia começar a sossegar de fato com relação a essa questão mais tarde, quando pudesse fumar alguns cigarros sozinho.

Felizmente, o Doutor chamou a atenção de todos para outros assuntos, voltando ao telegrama.

— A última pergunta, e creio que a mais espantosa, é: quem pode vir a ser esse “advogado de Chicago” que Moore menciona.

— Espantosa, de fato! — exclamou o Sr. Picton, erguendo-se e seguindo até a janela. Ele olhou para fora e começou a puxar os cabelos avermelhados e eriçados com tanta força que pensei que fossem começar a sair em mechas. — Chicago... por que Chicago, em nome de Deus? Nova York tem os melhores advogados criminais do país. E com Vanderbilt por trás, Libby poderia ter qualquer um deles!

— Talvez Vanderbilt tenha algum contato especial em Chicago — disse Lucius. — Ele deve ter algum motivo para ir assim tão longe em busca de ajuda. Afinal, não é nenhum tolo.

— Não — concordou o Sr. Picton, chutando uma pilha de papéis no chão. — Mas é um homem das ferrovias. As únicas pessoas com que ele teria boas razões para estar familiarizado em Chicago seriam advogados de empresas. E não vejo onde um *deles* poderia...

Nesse momento, todos nos voltamos ao som de uma batida à porta externa do gabinete, rapidamente seguida pela voz do guarda lá de baixo:

— Sr. Picton? Sr. Picton?

— Está bem, Henry! — gritou o Sr. Picton. — Entre!

O guarda grandalhão abriu a porta lentamente e então entrou com cautela, curvando-se no que me pareceu um tipo de deferência automática por encontrar-se num dos gabinetes. Ele segurava um envelope.

— Isto acaba de chegar para o senhor — informou o homem, estendendo o braço quando o Sr. Picton atravessou a sala para recebê-lo. — Do escritório da Western Union. Disse a eles que faturassem na conta da promotoria.

— Ora... pensou rápido, Henry — disse o Sr. Picton, enquanto abria o envelope. O guarda franziu a testa, sem saber se o promotor-assistente estava falando sério ou zombando dele.

Entretanto, o comentário seguinte do homem de menor estatura deixou sua atitude bastante clara: — Conhece todos aqui, Henry? — perguntou ele, levantando os olhos para o rosto pálido e de olhos pequenos do guarda e então apontando para nós. — Ou será que tenho de fazer as apresentações?

O homem olhou severamente para o Sr. Picton.

— Não, senhor — replicou, taciturno. Em seguida, voltou o olhar magoado e estúpido para nós. — Acho que conheço todos eles, sim, senhor.

— Bem, então — disse o Sr. Picton —, se está esperando uma gorjeta, só posso lembrá-lo de que essa prática vai contra a política do condado. Boa noite, Henry.

Não sabendo o que responder a isso, o guarda simplesmente assentiu e então tornou a passar pela porta, arrastando-se, desalentado.



— Idiota — resmungou o Sr. Picton, assim que ele saiu. — Pensar que alguém que tivesse um cérebro poderia estar usando toda a comida e o oxigênio necessários para sustentar esse tipo de... — Ele interrompeu-se ao terminar de abrir o envelope. — Ora! Notícias de Marcus.

— Examinando o papel rapidamente, o Sr. Picton deu de ombros e então o entregou ao Doutor, voltando à sua mesa. — Embora muito sucintos! Ele parece ter descoberto o nome do advogado que Vanderbilt contratou! Está tentando reunir informações sobre o homem e falar com algumas pessoas que tiveram contato com ele. Existe uma possibilidade de que possa obter uma entrevista com o sujeito também.

— Tudo isso *poderia* ser útil — observou Lucius, dando de ombros.

— Qual é o nome dele, Rupert? — perguntou a Srta. Howard.  
— Você o reconheceu?

O Sr. Picton estava olhando pela janela, novamente puxando os cabelos.

— Hein? Ah! Darrow. Clarence Darrow. Não consigo lembrar... mas tem alguma coisa...

— *Eu*, certamente, nunca ouvi falar dele — disse o Doutor, deixando o telegrama sobre a mesa.

O Sr. Picton continuou tentando, e então ergueu as mãos no ar.

— Pelo que parece, nem eu — disse ele, o rosto contorcendo-se, infeliz. Então se endireitou. — Ou será que conheço? Tem alguma coisa... espere um minuto! —

Atravessando a sala como uma flecha, ele ergueu nos braços uma pilha de publicações jurídicas que se encontravam no chão, e as atirou sobre a mesa. — Em *algum lugar, tem alguma coisa...* —

Vasculhando os periódicos à sua maneira habitual (isto é, atirando-os pela sala, de modo que ocasionalmente tínhamos de nos abaixar para não receber um deles na cara), o Sr. Picton por fim apanhou o número específico que estava procurando. — Ah! — exclamou, desabando sobre a cadeira. — Isso mesmo, aqui está! Um artigo que menciona Clarence Darrow, que *está*, de fato, na folha de pagamento da Ferrovia Chicago e Noroeste, embora não se trate de um contrato integral. Mas ele já foi consultor jurídico deles e, sem dúvida alguma, foi aí que Vanderbilt o conheceu.

— Mas ainda não compreendo — disse o Doutor. — Por que contratar um advogado comercial num processo penal?

— Bem — começou o Sr. Picton, levantando um dedo —, existem alguns detalhes interessantes que talvez ofereçam uma resposta. Lembra-se da greve da Pullman, nos idos de 1894? — Ouviram-se murmúrios afirmativos por toda a sala, enquanto todos recordávamos a infame ocasião em que a União Ferroviária Americana havia feito uma greve contra a Companhia de Vagões Pullman, em Chicago. As batalhas travadas durante a ação tinham sido tão abomináveis e sangrentas que até mesmo *eu* ouvira falar delas, entre os entusiastas trabalhistas que constituíam a porção mais falastrona da população do meu velho bairro. —

Bem, apesar de ainda ser consultor jurídico da Chicago e Noroeste, Clarence Darrow aceitou representar Eugene Debs e vários outros funcionários do sindicato de trabalhadores

ferroviários. Não se tratava de um julgamento criminal; Debs e os outros foram acusados apenas de incitar os operários à greve, que é, tecnicamente, uma questão antitruste. Darrow, porém, de alguma maneira conseguiu levar a questão até a Suprema Corte. — O Sr. Picton virou mais algumas páginas do periódico, ficando silencioso.

— E então? — indagou a Srta. Howard.

— E perdeu, naturalmente — respondeu o Sr. Picton. — Mas foi uma batalha e tanto. E, o mais importante, enquanto Debs e os outros cumpriam vários meses na prisão por violações civis, foram indiciados num processo penal mais sério: tentativa de interceptação da correspondência através da greve dos ferroviários. Darrow assumiu o caso mais uma vez e ganhou à revelia. O governo acabou por retirar as acusações. Assim, embora tenha perdido o caso civil, menos grave, Darrow ganhou a questão criminal, mais importante.

— O que não nos diz — disse Lucius — por que o Sr. Vanderbilt acha que um homem que divide seu tempo entre o trabalho para as companhias ferroviárias e sindicatos trabalhistas, uma combinação que, por sinal, a mim parece terrivelmente estranha, é o candidato ideal para um caso de homicídio.

— Não — retrucou o Sr. Picton, seu estado de espírito iluminando-se. — Não, não é. Mas vou lhe dizer, detetive: estou aliviado! Pois, ainda que Darrow seja talentoso, Vanderbilt poderia ter contratado um figurão de Nova York, uma vez que decidiu se envolver.

— Talvez seja essa a questão — observou o Doutor. — Talvez o Sr. Vanderbilt tenha o pressentimento de que haja alguma

coisa errada neste caso e não queira seu nome conectado a ele nos círculos nova-iorquinos.

O Sr. Picton pensou um pouco naquela possibilidade e então assentiu.

— Desconfio que tenha razão, Doutor... Suspeito que esteja com toda a razão! Sem dúvida Marcus poderá confirmar essa teoria quando voltar. Por ora, no entanto — o Sr. Picton prendeu o cachimbo entre os dentes e pôs as mãos nos quadris —, voto em que sigamos para casa e tenhamos um jantar agradável. As coisas estão começando a melhorar, acredito!

Sentindo-nos muito aliviados por essa mudança nos acontecimentos, assim como pela confiança do Sr. Picton, começamos a nos dirigir para a porta do gabinete, famintos e mais do que prontos a aceitar o conselho de nosso anfitrião para uma noite relaxante em casa. É

verdade, tínhamos de enfrentar o júri na manhã seguinte, mas com Clara Hatch agora falando, havia poucos motivos para pensar que não fôssemos passar facilmente pelo obstáculo ao julgamento criminal, que nos esperava mais adiante. Confiantes, acreditávamos que, neste, estaríamos nos defrontando com um advogado inexperiente em casos dessa natureza, que não seria capaz de comprar briga com dois homens tão experientes nesse tipo de disputa quanto o Doutor e o Sr. Picton.

Esse foi um dos piores erros de julgamento que cometemos durante todo o caso.

## **CAPÍTULO 40**

O Sr. Moore chegou naquela noite, parecendo arrasado e atormentado, e com toda razão: tivera uma semana infernal

na cidade e somente por um triz conseguira voltar com todos os órgãos e membros intactos. E mesmo quando ele e Marcus não estiveram em situações em que suas vidas corriam perigo imediato — como quando foram ao encontro do reverendo Clayton Parker —, a violência fora um tópico nas conversações: o reverendo tinha sido atacado seis meses antes por vários homens que podíamos seguramente supor fossem os Hudson Dusters, e tivera ambas as rótulas estilhaçadas com bastões de beisebol, bem como uma das orelhas cortadas. Ainda quando nos recontava a história, o Sr. Moore ficou tão abalado que precisou de umas boas doses do melhor uísque do Sr. Picton para acalmar-lhe os nervos. A notícia de que estávamos prontos para enfrentar o júri na manhã seguinte, porém, deixou-o consideravelmente mais animado; para isso também contribuíram as sobras do jantar, com as quais ele se empanturrou até já bem tarde na cozinha do Sr. Picton. Quando se recolheu, já havia absorvido uma quantidade suficiente de informações encorajadoras — assim como também de uísque — para que dormisse tão profundamente quanto o restante de nós.

Antes de deixá-lo entregar-se ao descanso que ele tanto merecia, porém, eu precisava descobrir se de fato entrara em contato com Kat e, em caso afirmativo, qual fora o resultado.

Quando ele, cambaleando, escovava os dentes no banheiro depois de despejar metade de uma lata do pó Sozodont sobre a escova e dentro da pia, entrei sorrateiramente para interrogá-lo.

Com a boca espumando como a de um cachorro louco, o Sr. Moore disse-me que sim, que se encontrara com Kat fora do território dos Dusters e que a colocara a par de nossa difícil situação e então perguntara se ela estaria disposta a ficar de olho em Ana Linares. Kat pedira dinheiro pelo serviço,

dando-me a certeza de que tudo que lhe tínhamos dado, e provavelmente também o bilhete de trem, fora parar nas mãos de Ding Dong; o Sr. Moore, porém, afirmou não ser esse o caso, que Kat lhe havia mostrado o bilhete e que lhe dissera que estava apenas esperando notícias da tia antes de partir para a Califórnia. Quando perguntei ao Sr. Moore se ele achava que Kat ainda estava cheirando pó, ele respondeu que nada percebera, mas ficou tão nervoso que deixou patente que estava mentindo. Concluí, porém, que tudo que eu tinha tempo ou energia para fazer era apegarme ao fato de que Kat ainda tinha o bilhete de trem e que ainda estava disposta a trabalhar para nós. O resto eu teria de enfrentar quando voltássemos a Nova York.

O Sr. Picton nos havia advertido da possibilidade de que alguns dos cidadãos de Ballston Spa viessem a se interessar pelas atividades do corpo deliberativo escalado para se reunir às onze da manhã de sexta-feira, na pequena sala de audiências numa das alas do fórum do condado; mas não estávamos absolutamente preparados (e tampouco ele, creio eu) para a visão que nos brindou quando nos aproximamos do edifício de carruagem. Devia haver uma centena de pessoas de todas as idades, tamanhos e tipos nos degraus e gramado do prédio,

remoinhando por ali como um bando de galinhas famintas. O guarda Henry estava no alto dos degraus barrando a entrada, pois as audiências de pronúncia com júri não são abertas ao público (fato este que muitos daqueles supostos espectadores obviamente desconheciam). Mas o imenso Henry e sua cara de cavalo pareciam estar falando solidariamente à multidão, ao mesmo tempo em que a mantinha afastada. E quanto mais perto chegávamos, mais claro ficava que o estado de ânimo geral entre todos — inclusive Henry — não era de satisfação.

— Ah, ótimo — disse o Sr. Picton, puxando as rédeas para o cavalo parar. Em seguida, bufou, irritado, fazendo o cachimbo lançar centelhas pelo ar. — Eu esperava que meus concidadãos se interessassem pelos procedimentos... mas não que o público se intrometesse em assuntos do governo, principalmente quando são ignorantes demais para saber até que ponto sua intromissão *não* é permitida! — Ele estacionou a carruagem e, apanhando uma das várias e altas pilhas de livros e arquivos que se encontravam no piso do veículo, debaixo do assento do cocheiro, saltou para a rua. — Eu o aconselharia a não ir buscar Clara sozinho, Dr. Kreizler —

disse, enquanto o Doutor passava do assento de trás para o da frente. — Só Deus sabe quantas outras pessoas, em outras partes da cidade, resolveram sair de casa para expressar sua opinião.

— Cyrus e Stevie irão me acompanhar — respondeu o Doutor com um gesto afirmativo da cabeça, enquanto eu assumia as rédeas.

— E El Niño também! — acrescentou o aborígine, balançando-se em nossa direção de seu posto do lado de fora da carruagem. — Se o senhor tem El Niño para guardá-lo, não vai ter problema para o *señor* Doutor! — Ele dirigiu um sorriso ao Doutor que, mesmo naquela situação incerta, não pôde deixar de retribuir.

— Muito bem, El Niño — disse o Doutor. — Você também vem. Mas não seja rápido demais em recorrer às ferramentas de seu ofício. — O Doutor lançou um olhar à multidão diante do fórum. — Pessoas como estas devem ser temidas mais pela ignorância do que pela ousadia.

— Está bem, *señor* Doutor! — replicou El Niño, pulando para o assento traseiro, ao lado de Cyrus, assim que o Sr. Moore desocupou o lugar. — É verdade!

— Não quer que eu o acompanhe também, Laszlo? — ofereceu-se o Sr. Moore, ainda parecendo sonolento depois de sua primeira noite de descanso decente em cinco dias.

— Acho que já somos uma pequena escolta bastante impressionante, John — disse o Doutor, olhando aqueles de nós que ainda estavam na carruagem. — E alguém precisa ajudar o Sr. Picton a atravessar essa multidão. Isto é, alguém — o Doutor dirigiu à Srta. Howard um breve sorriso — que não saque *imediatamente* uma arma de fogo.

— Ah, minhas mãos estarão ocupadas — respondeu a Srta. Howard, sorrindo, enquanto apanhava outra pilha de livros e arquivos. — Felizmente para essa gente.

— Tudo bem com as brincadeiras — disse Lucius, enxugando a testa, que brilhava no sol quente da manhã. — Mas tenha cuidado, sim, Doutor? A garota é a chave para o nosso caso, afinal.

— Certo, sargento-detetive — respondeu o Doutor. — E muito mais do que isso. Nenhum mal acontecerá a ela, nem a outra pessoa tampouco, garanto.

— E El Niño também! — declarou o aborígine, com o que lancei um sorriso ao sargento-detetive.

— E El Niño também — repeti, estalando a língua para o cavalo e pondo-nos lentamente a caminho.

Quando já nos afastávamos, voltamo-nos a fim de observar os outros quatro, que abriam caminho em meio à multidão diante do fórum. O cachimbo do Sr. Picton ainda ardia, como



a chaminé de uma forja, enquanto ele cumprimentava rostos que reconhecia, com uma alegria que não poderia ter sido mais falsa.

— Ah, Sr. Grose, sinto-me aliviado em ver um representante de nosso jornal... e o editor em pessoa! Isso é muito gratificante! Um homem em meu ramo de atividade raramente vivência tal demonstração de apoio!

Começamos a sair do campo de audição no momento em que uma voz irritada replicava ao Sr. Picton:

— O *Ballston Weekly Journal* definitivamente não pretende apoiá-lo, senhor, se de fato está tentando incriminar a infeliz Sra. Hatch!

A última parte da conversa que ouvimos foi a resposta do Sr. Picton:

— Ah! Que pena! Xerife Dunning, por favor, queira lembrar a essas pessoas, inclusive ao nosso amigo Grose aqui, que esses procedimentos são fechados ao público, está bem? Bom homem...

Um profundo suspiro escapou do Doutor e eu voltei-me para ele.

— Maldição — sussurrou ele, desviando os olhos da cena diante do fórum e esfregando o braço defeituoso com a mão direita. — Já está começando...

Quando chegamos à fazenda dos Westons, encontramos a família inteira diante da casa, reunida em torno da carruagem, um veículo simples porém digno que exibia uma camada nova e brilhante de tinta preta. Pareciam prontos para ir à igreja, asseados e vestidos com trajés sóbrios e formais, que provavelmente só usavam aos domingos e em

dia de casamento e funeral. O Doutor subiu na carruagem com eles, sentando-se ao lado de Clara num dos assentos, enquanto o Sr. e a Sra. Weston acomodavam-se no outro, e Kate passava para o banco do cocheiro com Peter, que tinha as rédeas nas mãos.

Clara, naturalmente, era o retrato do nervosismo e da confusão, os olhos dourados arredondados e ariscos como os de um potro assustado. Tão logo o Doutor entrou na carruagem, fez com que a menina abrisse o bloco de desenho e começasse a trabalhar com os lápis: a melhor maneira, como ele obviamente concluiu, de manter longe da mente de Clara pensamentos sobre aonde estava indo e por quê. Quando Peter começou a descer a alameda, eu o acompanhei e, durante todo o trajeto de volta à cidade, Cyrus, El Niño e eu mantivemos os olhos atentos a qualquer rosto curioso ou hostil que pudesse aparecer ao longo da estrada.

Não avistamos nenhum até chegarmos aos arredores de Ballston Spa; mas os olhares frios de que passamos a ser alvos naquele ponto indicavam que a notícia do que estava acontecendo no fórum espalhara-se por todo o vilarejo. A reação geral parecia ser a mesma daquelas bravas almas que haviam subido em bando os degraus do fórum. Não tinham exatamente a mentalidade de uma turba — eu vira turbas em ação, e isso era diferente. Os cidadãos de Ballston Spa pareciam principalmente perplexos: os rostos perturbados e vincados demonstrando o claro desejo de que desaparecêssemos, voltando à cidade maléfica que nos havia vomitado.

— É estranho, *señorito* Stevie — observou El Niño a certa altura. — Essas pessoas... elas não querem que a pequena Ana seja encontrada?

— Elas não sabem da ligação de uma coisa com a outra — respondi, enquanto passávamos pelo Eagle Hotel, atraindo toda uma nova leva de olhares. — E não podemos lhes dizer, pois é assim que quer o *señor*. É um segredo, se você me entende.

— Então — respondeu El Niño, assentindo com a cabeça —, é por isso que estão com estas caras. Se conhecessem a história da pequena Ana, pensariam diferente. É certo.

Eu torcia desesperadamente para que o aborígene tivesse razão.

De volta ao fórum, a cena não mudara muito; e enquanto nossas duas carruagens seguiam ao longo da High Street, um homem truncado, com espesso bigode grisalho, usando chapéu de palha de aba larga e um distintivo na lapela do casaco, aproximou-se de nós.

— Josiah — disse num tom de voz educado porém sério, fazendo sinal para o Sr. Weston.

— Xerife Dunning — respondeu o Sr. Weston com um gesto de cabeça, a voz sem trair qualquer emoção. — Tem um bocado de gente aqui.

— Sim, senhor — replicou o xerife Dunning, olhando com certa preocupação para a multidão. — Não é nada demais... mas talvez vocês queiram ir até os fundos com a carruagem.

E entrar pelo térreo. Seria mais fácil para todos. — Ele lançou um olhar a Clara. — Olá, senhorita — disse com um sorriso. — Veio visitar o fórum, não é? — Como resposta, Clara escondeu-se atrás do Doutor. Nisso, o sorriso do homem desapareceu. — Bem, seja como for, Josiah —

prosseguiu o xerife Dunning —, concluí que essa vai ser a maneira mais fácil de entrar.

O Sr. Weston assentiu e então conduziu a carruagem para a Bath Street, seguindo em direção à entrada dos fundos do fórum. Fiz menção de acompanhá-los, mas Cyrus agarrou meu braço.

— Não, Stevie — disse ele. — A porta da frente. Vamos nos certificar de que essa gente não vai atrás deles.

Eu sabia o que ele queria dizer: com Cyrus e El Niño, a atenção da multidão provavelmente se fixaria em nossa carruagem, aonde quer que esta fosse; e se saltássemos ali em frente ao fórum e seguíssemos direto para a entrada principal, estaríamos garantindo que Clara e os Westons entrariam sem problemas.

Assim sendo, instiguei o cavalo do Sr. Picton a um belo galope e cobri o mais rápido possível o meio quarteirão que faltava para que chegássemos lá. Conforme previra Cyrus, todos os olhares da multidão voltaram-se para nós, quando descemos da carruagem e nos dirigimos à entrada. Ouviram-se algumas risadas; maior, porém, foi o número de estalidos de língua e imprecações; e, naturalmente, um ocasional “negros malditos” resmungado, entre outros insultos — tudo com a intenção de arrancar alguma reação de Cyrus e El Niño. No entanto, aquelas almas brilhantes que davam voz às afrontas não sabiam com quem estavam lidando; pois El Niño, se as ouviu, não registrou consciência do significado, ao passo que Cyrus havia muito aprendera a conter as emoções ao lhe ver lançados tais epítetos.

Na porta de entrada vimo-nos frente a frente com o guarda Henry, que, parecendo bastante preocupado com o que a

multidão acharia de seu próximo gesto, começou a roer as unhas de uma das mãos.

— O que é isso, Henry? — perguntou um homem de terno, de aparência pomposa, cuja voz reconheci como sendo do editor do *Ballston Weekly Journal*: o Sr. Grose. — Então cidadãos respeitáveis desta comunidade e membros da imprensa têm negada a entrada nessa audiência, enquanto crianças e... bem... — os olhos do Sr. Grose passaram de Cyrus a El Niño

— ... *selvagens* têm permissão para entrar?

Claramente sem saber o que fazer, Henry obedeceu aos seus instintos de submissão: cruzou os braços, aprumou-se e então olhou Cyrus nos olhos.

— Sinto muito — disse ele —, mas as de... as deli...

— Deliberações — completou Cyrus, o rosto impassível.

Os olhos do guarda encheram-se de ressentimento.

— As *deliberações* estão fechadas ao público.

— O senhor sabe que somos investigadores a serviço do promotor-assistente Picton —

replicou Cyrus em tom sereno. — E sabemos que o senhor sabe. Assim, tem duas opções: pode nos deixar entrar agora ou pode bajular essa multidão e explicar sua decisão ao Sr. Picton mais tarde. Ele é seu superior. — Cyrus fez um gesto com a cabeça, indicando a multidão às suas costas. — Essa gente, não.

Alguém atrás de mim murmurou “Negro espertinho”, e então vi um braço surgir do meio do enxame de corpos e a

mão agarrar o ombro de Cyrus, tentando puxá-lo para trás. O rosto do homem a quem pertencia o braço estava cheio de ressentimento, obviamente reforçado por alguns drinques matinais. Entretanto, fosse lá quem fosse, deixara a bebida levá-lo a tomar uma péssima decisão: Cyrus agarrou os dedos aferrados a seu ombro e então os ergueu alguns centímetros. Mantendo os olhos fixos no rosto de Henry, Cyrus começou a apertar — e, quando gotas de suor surgiram no rosto do guarda, apertou com força ainda maior.

Bem, meu amigo sempre tivera tamanha força que o aperto de sua mão era como um torno de aço; e depois de uns vinte segundos, podia-se ouvir o homem que segurara Cyrus começar a choramingar. Em seguida, veio o som de ossos sendo esmagados, com o que o homem começou a gritar abertamente.

— Está bem, está bem! — exclamou Henry, afastando-se da porta. — Entrem, vocês três...

mas vou contar sobre isso ao Sr. Picton!

Cyrus assegurou a Henry que ele também informaria ao Sr. Picton exatamente o que acontecera. Então passamos pela porta, fechando-a com estrondo, enquanto a multidão lá fora começava a se tornar mais barulhenta e irascível.

No saguão de entrada, vimos o Sr. Moore, a Srta. Howard e Lucius, ansiosos, andando de um lado para o outro diante da porta da pequena sala de audiências, que ficava à esquerda.

— Que diabos estava acontecendo lá fora? — perguntou o Sr. Moore, enquanto caminhávamos rapidamente até eles.

— Parece que os ânimos já estão ficando acirrados — respondi. — Um daqueles idiotas tentou arranjar encrenca com Cyrus.

— Você está bem? — indagou a Srta. Howard, olhando a expressão inabalada de Cyrus.

— Ele está bem... claro! — respondeu El Niño, erguendo os olhos para Cyrus com admiração. — Ele é *el maestro*... nem todos aqueles porcos lá fora, juntos, podem desafiar o Sr. Mont-rose!

Um tanto constrangido, Cyrus limitou-se a fazer um gesto afirmativo de cabeça para a Srta.

Howard.

— Nada de extraordinário, senhorita. Já começaram a audiência?

— Acho que sim — disse ela. — Deixaram a família entrar com Clara, graças a Deus... Ela estava pálida como uma folha de papel quando chegou aqui.

— Bem — comecei, tentando espiar por uma fresta entre as folhas de mogno da porta de correr da sala de audiências, mas sem nada ver —, parece que, por enquanto, só nos resta esperar. — Ergui as mãos. — Certo, antes que alguém pergunte, tenho cigarros suficientes...

As duas horas seguintes foram de ansiedade, sem lugar para onde ir (uma volta lá fora estava decididamente fora de questão) e nada a fazer senão fumar e nos preocupar. Quem quer que tenha construído as portas naquele fórum, fez um trabalho bastante sólido, pois, além de não conseguirmos ver coisa alguma pelas frestas, nada ouvimos além de vagos murmúrios vindos lá de dentro — e, mesmo

assim, muito poucas vezes. O Sr. Moore observou que isso era um bom sinal; entretanto, bom ou não, era estranho e não pouco perturbador ficar diante de uma sala de audiências sem ouvir os sons usuais de debate. Não ouvíamos nem mesmo o eco ocasional de um martelo batendo com estrondo, pois uma audiência de pronúncia com júri, como eu já disse, era e ainda é um espetáculo comandado pelo promotor (ou, nesse caso, pelo promotor-assistente), e não havia juiz no interior daquela sala para intrometer-se no andamento dos procedimentos. Lá dentro encontravam-se apenas o Sr. Picton, sua prova e suas testemunhas, e o júri. Assim sendo, e pelo pequeno nível de ruído que se filtrava pela porta, parecia haver boa razão para acreditarmos que estivesse tudo correndo muito bem; e, à medida que o tempo se arrastava, cada um de nós lutava para aceitar essa ideia.

Dessa vez acabamos acertando em nossas suposições. Por volta da uma e meia ouvimos o ruído de cadeiras e pés sendo arrastados no interior da sala de audiências, e então as portas de mogno se abriram, cada um dos lados guarnecido por um oficial de justiça. O Doutor e os Westons foram os primeiros a deixar a sala, o Doutor falando com certa ternura à ainda pálida Clara. Ao passar por nós, ele assentiu breve porém firmemente com a cabeça, dizendo com toda clareza que tinham conseguido a pronúncia. Houve um rápido momento de congratulação mútua entre nós, que esperávamos, mas este foi logo interrompido pela visão da família Weston saindo da sala de audiências: o velho Josiah parecia vindo de uma batalha e a mulher, Ruth, estava muito pálida e abatida — acho que teria mesmo desabado no chão se Peter e Kate não a estivessem segurando pelos braços. Quando eles passavam, a alegria que sentimos foi abafada pela fria percepção tanto do que acabara de acontecer quanto do que ainda estava por ser



feito — e do imenso perigo em que todos se veriam, assim que Libby Hatch fosse trazida a Ballston Spa.

Os membros do júri ficaram circulando pela sala de audiências, como se estivessem com medo de sair; e quando o Sr. Picton por fim surgiu com o xerife Dunning, o homem da lei parecia tão abalado e confuso que era fácil ver que a cidadezinha de Ballston Spa, que passara a manhã se comportando de maneira tão confusa e hostil, estava prestes a sofrer uma comoção que multiplicaria esses sentimentos. O Sr. Picton empunhava o cachimbo como uma pistola diante do rosto do xerife, enquanto o admoestava:

— ... e estou falando sério, Dunning: qualquer que seja sua opinião pessoal sobre a questão, a lei foi cumprida, e espero que você e todos os outros funcionários do tribunal e da

lei neste condado respeitem e defendam a decisão do júri. Isso inclui a extensão de sua proteção a quaisquer pessoas que meu gabinete venha a escolher para trabalhar no caso, assim como qualquer outro que eu acredite possa precisar dela. O promotor Pearson estará ausente durante todo este caso, e portanto serei o responsável aqui. Espero que eu não seja o único ciente disso... e espero ter sido claro.

O xerife levantou a mão.

— Sr. Picton, pode poupar o sermão. Admito que não era favorável a essa investigação, tampouco a essa audiência, até hoje... mas depois do que vi e ouvi aí dentro... — Os olhos vincados de sol do homem vaguearam até Clara Hatch; e pareceu-me que talvez uma ou duas lágrimas pudessem rolar deles. — Bem, senhor — prosseguiu ele, cofiando o grande bigode grisalho —, sou homem bastante

para admitir quando estou errado. E estava errado neste caso.

— Os olhos duros voltaram ao Sr. Picton. — Vamos trazer a mulher aqui, senhor, desde que os tiras de Nova York nos deem uma ajuda. E tudo que posso dizer a respeito do que virá depois disso — o xerife estendeu a mão — é que espero que Deus continue ao seu lado, Sr. Picton.

Pois o senhor está fazendo o trabalho dele.

O Sr. Picton, do qual talvez se esperasse pelo menos a demonstração de um *pouco* de gratidão ou emoção em resposta a essa humilhação bastante sincera, limitou-se a apertar rapidamente a mão do xerife e assentir com a cabeça, deixando claro que, para ele, tanto o elogio quanto a maldição daquelas pessoas eram a mesma coisa.

— Bem, neste momento, o trabalho do Senhor exige que eu vá falar com a multidão lá fora

— disse ele com um rápido movimento da cabeça. — Assim, se o senhor e seus homens abrirem um espaço para mim na escada...

— Sim, senhor — disse o xerife prontamente. — É para já. Abe! Gully! Vamos, rapazes!

Os três homens dirigiram-se à porta da frente, ainda firmemente fechada, enquanto nós os seguíamos. Uma estranha espécie de emoção — excitante, mas ao mesmo tempo assustadora e talvez um pouco triste — começava a tomar conta de mim, e creio que todos os outros membros de nossa equipe sentiam-se da mesma forma. Quanto à família Weston, as únicas facetas dessa emoção que eles partilhavam eram o medo e a tristeza, isso estava óbvio: agrupavam-se em torno de Clara como uma muralha

humana, como se acreditassem que alguém pudesse tentar arrancá-la deles. A julgar pelos ânimos lá fora, diante do fórum, essa não parecia uma atitude de todo desarrazoada.

Quando a porta se entreabriu, os mesmos murmúrios irados que tínhamos deixado lá fora havia duas horas e meia recomeçaram, e o xerife Dunning e seus rapazes precisaram usar de lisonja — e, no fim, abertamente de empurrões e solavancos — para deixar livre um pequeno espaço no topo dos degraus para o Sr. Picton. Este saiu do prédio, acendeu o cachimbo, olhou as cabeças se balançando e ouviu os resmungos com uma expressão que se poderia descrever como de profundo desdém. Depois de deixá-los gritar por dois ou três minutos, ele levantou as mãos.

— Está bem, está bem, agora queiram se controlar um pouco, se isso é possível! — gritou.

— Nem o xerife nem eu temos o desejo de declarar esta manifestação ilegal, mas preciso lhes pedir que ouçam o que tenho a dizer *com muito cuidado!* — O nível do barulho caiu um pouco e então o Sr. Picton examinou os rostos diante dele mais atentamente. — O Sr. Grose ainda está aqui?

— Estou! — ouviu-se em resposta a voz do editor do jornal, que caminhou até a frente da multidão. — Embora não esteja muito satisfeito aqui em pé, por horas a fio, debaixo deste sol de meio-dia de julho, senhor, posso lhe garantir!

— É bastante compreensível — replicou o Sr. Picton. — Mas a paga dos agitadores de multidão nunca foi justa, não é, Sr. Grose? Seja como for, gostaria que compreendessem bem os detalhes que vou expor agora, para que não tenha de repeti-los sem parar nas próximas semanas. O júri se reuniu

e tomou a decisão, e todos nós devemos nosso respeito a essa decisão.

— De fato! — exclamou o Sr. Grose, olhando à sua volta com um sorriso. — Espero que o *senhor* esteja preparado para respeitá-la, Sr. Picton!

— Ah, estou, sim, Sr. Grose — respondeu o Sr. Picton, deliciado ao descobrir que o editor supunha que o Estado perdera a causa. — Estou, sim. Neste momento, está sendo preparada a pronúncia contra a Sra. Elspeth Hunter, da cidade de Nova York, ex-Sra. Elspeth Hatch, de Ballston Spa, ex-Srta. Elspeth Fraser, de Stillwater, Nova York. Ela está sendo acusada do homicídio em primeiro grau de Thomas Hatch e Matthew Hatch, assim como da tentativa de homicídio de Clara Hatch. Tudo isso na noite de 31 de maio de 1894.

Admito que pensei que a multidão fosse irromper num tumulto com a notícia. Assim sendo, fiquei surpreso — e também o Sr. Picton, a julgar por sua expressão — quando os sons emitidos por aqueles cidadãos foram gritos abafados de horror, como se algum fantasma tivesse acabado de atravessar o caminho de todos.

— O que... o que está dizendo? — indagou o Sr. Grose. Em seguida olhou para o xerife Dunning. — Phil, ele está dizendo...?

O xerife dirigiu ao Sr. Grose um olhar sério e demorado.

— Eu o deixaria terminar, se fosse você, Horace.

Quando a multidão se aquietou, o Sr. Picton — não mais tão exasperado quanto antes —

terminou seu pronunciamento:

— Temos evidências físicas da culpa da mulher, temos um forte motivo que será confirmado por testemunhas, e temos uma testemunha dos homicídios. A promotoria não agiria em questão dessa natureza com menos do que isso.

O Sr. Picton fez uma pausa, ainda parecendo esperar algum tipo de explosão da multidão; mas tudo que se ouviu foi um súbito grito de “Meu Deus do céu!” vindo de um homem na extremidade da turba, que imediatamente se virou e começou a correr em direção à estação de bondes. Quando corria, vi seu rosto de relance, mas foi o suficiente para que pudesse identificá-lo:

Era o garçom que nos servira no cassino de Canfield. Não era preciso ser gênio para deduzir que ele fora mandado pelo chefe para descobrir os últimos desdobramentos do caso, de forma que as apostas sobre o julgamento pudessem ser abertas para aqueles clientes do Sr.

Canfield que não se satisfaziam com a roleta, o pôquer e o faraó. Era óbvio, porém, que o homem não estava preparado para o que ouvira e, julgando-se pela rapidez com que voltara à estação de bondes, concluí que, a partir daquela noite, os verdadeiros jogadores de Saratoga poderiam apostar alto na condenação, no cassino do Sr. Canfield.

Quanto ao resto da multidão, as pessoas continuaram ali de pé, olhando com expressão vazia para o Sr. Picton, de modo semelhante ao que os habitantes de toda a cidade haviam-nos

olhado quando trazíamos Clara ao fórum naquela manhã: ainda estavam ressentidos, certo, mas agora, além do ressentimento, havia o tipo de confusão que uma vaca irada sente quando é atingida na testa com uma pá. Parecia que

a maioria deles não sabia nem mesmo o que fazer naquele momento, até que o xerife Dunning deu um passo à frente do Sr. Picton.

— Isso é tudo, senhor? — perguntou o xerife.

— É, Dunning — confirmou o Sr. Picton. — É melhor dispersá-los agora... Não há mais nada a dizer.

— Mais nada a dizer? — Era o Sr. Grose, cuja voz estava agora muito diferente de antes: a arrogância pomposa se fora. — Picton — começou ele, baixinho —, você tem consciência do que *já* disse?

O Sr. Picton assentiu com a cabeça, muito sério.

— Tenho, sim, Horace. E ficaria grato se você publicasse na íntegra minhas palavras, na edição de amanhã. — Seus olhos cinzentos passearam pela multidão, enquanto ele fumava. —

Este não é um assunto para conversas na calçada, senhoras e senhores. A cidade de Ballston Spa e o condado de Saratoga serão forçados a vasculhar fundo sua alma, nos dias por vir.

Esperemos poder viver com o que encontrarmos.

Com essas palavras, o Sr. Picton fez meia-volta e tornou a entrar, enquanto o xerife Dunning e seus homens começavam delicadamente a dispersar a multidão. Fechando a porta devagar, o Sr. Picton aproximou-se do Doutor.

— Bem — disse ele —, como suspeitava, Doutor, não teremos tumultos... por enquanto.

O Doutor fez que sim com a cabeça.

— Os sinistros fenômenos envolvidos neste crime reverberam na alma humana muito mais profundamente do que se pode compreender de imediato. O senhor vem lutando com eles há anos, Sr. Picton. Nós, há semanas. E o povo da cidade? Não seria de se esperar, neste momento, uma demonstração de simples raiva. A confusão irá dominar por algum tempo...

talvez muito tempo. Essa situação irá nos beneficiar, pois há muito o que fazer antes da chegada de nossa adversária. E, quando ela chegar, poderemos descobrir que a confusão popular terá dado lugar a algo bem mais desagradável...

O Doutor nos levou para onde estavam os Westons, e então partimos como um grupo —

com exceção apenas do Sr. Picton, que tinha muito trabalho burocrático a fazer —, a fim de nos certificar de que a família chegaria em casa em segurança.

No trajeto de volta à cidade, vindo da fazenda dos Westons, o Doutor nos contou o que acontecera durante a audiência. Embora se tratasse de uma história emotiva, não era particularmente complicada: o Sr. Picton apresentara com cuidado a maior parte da evidência material que havíamos reunido, e então se dedicara a pintar, com a ajuda da Sra. Louisa Wright, um retrato de Libby Hatch como caçadora de fortuna e libertina, um caráter voluntarioso e licencioso que, se não fora diretamente responsável pela morte do marido, tinha decerto esperado lucrar com ela. Quando ficou claro que os filhos a estavam impedindo de obter esse lucro, afirmou o Sr. Picton objetivamente, Libby tentara eliminá-los. O Doutor nos disse que a linguagem do Sr. Picton fora tão persuasiva — e, exatamente como o Sr. Moore previra,

tão rápida e envolvente — que parecera que muitos membros do júri já estavam convencidos de seu argumento, mesmo antes de Clara Hatch ser chamada a testemunhar. E

quando a menina subiu ao banco das testemunhas, o Sr. Picton lhe fizera apenas quatro perguntas:

“Você estava na carroça da família com sua mãe e seus irmãos na noite de 31 de maio de 1984?” A resposta fora um “Estava”, pronunciado não com facilidade.

“Você viu mais alguém no caminho para casa?” Resposta: um firme “Não”.

“Então foi alguém na carroça que atirou em você?” Clara limitou-se a assentir com um gesto da cabeça.

“Clara, essa pessoa foi sua mãe?” Um bom minuto se passou antes que a menina pudesse enfrentar aquela pergunta; no entanto, olhares firmes e tranquilizadores do Doutor, e o amor e apoio de Josiah e Ruth Weston, deram-lhe coragem, e por fim ela sussurrou: “Foi.”

Ninguém na sala de audiências emitiu um único som quando a menina desceu do estrado.

Os membros do júri, contou o Doutor, tiveram a mesma reação da turba do lado de fora do fórum ao receber a notícia da pronúncia: como se todos houvessem sido atingidos por um enorme tijolo. Em seguida, o Sr. Picton havia concluído a apresentação bem rapidamente, e a concordância do júri com duas acusações de homicídio em primeiro grau e uma tentativa de homicídio fora muito rápida.

Esse não era o tipo de história que deixaria alguém cheio de alegria ou triunfante; e, sem exceção, todos nós na



carruagem — tendo visto o que o dia fizera à pequena Clara —

sentíamos profundo pesar e tristeza, enquanto trotávamos de volta à casa do Sr. Picton. No entanto, sob tais emoções do momento, havia algo que talvez nos tocasse ainda mais fundo: um sentimento tácito de que estávamos, como grupo, finalmente chegando a algo que meus amigos jogadores do centro da cidade teriam chamado de “uma barbada”. Nossa investigação se transformara numa espécie de silenciosa locomotiva — e, ao que parecia, estava se aproximando inexoravelmente da mulher que vinha causando tanto mal, havia tantos anos.

Evidência e testemunho — conquistados com dificuldade e trabalho árduo — eram as cordas que estávamos usando para deter a assassina de olhos dourados. Era verdade, nossa responsabilidade em relação a Clara, aos Westons, à pequena Ana e à nossa própria segurança eram consideráveis — mas a responsabilidade de manter a máquina funcionando era a mais importante de todas. E, na noite daquela sexta-feira, parecíamos seguir a todo vapor, e o caminho à frente apresentava-se livre e bom.

Isso antes de Marcus voltar de Chicago.

## **CAPÍTULO 41**

O Doutor estava certo ao supor que o estado geral do que ele chamava “confusão moral”, e que tomara conta de Ballston Spa durante os dias que se seguiram à indiciação de Libby Hatch, facilitaria nosso trabalho. Não que de repente tivéssemos passado a ser vistos com maior simpatia pelo povo do lugar; era só que eles estavam ocupados demais tentando entender o caso — e sua longa e horrível história — para prestar atenção a nós. O fato de

pessoas como o xerife Dunning estarem tão convencidas da culpa de Libby, com base no que ouviram durante a audiência do júri, impossibilitava que os cidadãos simplesmente considerassem o iminente julgamento como a obra de ímpios desordeiros de Nova York; e era difícil mesmo para aqueles que, teimosamente, insistiam, com a história do negro misterioso, justificar o fato de uma menina de oito anos, que suportara anos de dor física e tormento espiritual, pôr-se diante de um grupo de adultos e declarar objetivamente que fora sua própria mãe o agente de tudo isso.

Libby Hatch — ou, como foi denominada na audiência do júri, Sra. Elspeth Hunter — foi presa no número 39 da Bethune Street, em Nova York, na tarde de terça-feira. O xerife Dunning entrara em contato com a polícia da cidade de Nova York na sexta-feira e fora encaminhado à Divisão de Detetives. Com a cooperação de policiais do 9º Distrito, a divisão imediatamente pusera a Sra. Hunter sob vigilância, e no relatório constava que ela não parecia estar tomando nenhuma providência no sentido de sair da cidade. (Durante o período em que a vigiavam, os policiais aparentemente não sofreram qualquer interferência dos Dusters, o que vimos como demonstração adicional de que Libby não tencionava evitar a prisão.) O xerife Dunning instruiu os detetives do 9º Distrito a que não tomassem nenhuma medida para prender a mulher antes de sua chegada, a menos que desconfiassem que ela estivesse prestes a escapar.

Então, na segunda-feira, ele tomou o trem para a cidade, acompanhado por dois de seus assistentes.

Essa maneira ligeiramente descansada de se ocupar da captura de uma assassina deixou a nós da equipe do Doutor um pouco confusos; o Sr. Picton, porém, explicou que

quanto mais se retardasse a chegada de Libby Hatch a Ballston Spa, mais poderíamos nos beneficiar da calma sinistra e espectral que descera sobre a cidade. Assim, quando acompanhou o xerife Dunning e seus rapazes à estação de trem para o embarque, o Sr. Picton não os instou a se apressarem em demasia, instrução esta que Dunning interpretou como um aviso de que ele e seus assistentes estavam livres para desfrutar uma noite na cidade grande antes de voltarem para casa com a prisioneira. Os três homens foram recebidos no terminal ferroviário Grand Central por dois detetives da divisão, que imediatamente os levaram para a delegacia do 9º Distrito, na Charles Street. (Ignorando que detetives da cidade de Nova York estavam envolvidos na investigação do Sr. Picton, o xerife Dunning poupou-se da fria recepção que certamente teria tido, houvesse ele mencionado o nome dos Isaacsons.) Juntos, os policiais decidiram esperar até a manhã de terça-feira para de fato pôr as algemas na Sra. Hunter; e a nós restava-nos imaginar o que o

xerife e seus assistentes aprontaram naquela noite, posto que teria sido difícil sugerir anfitriões mais adequados para lhes mostrar como se divertir na cidade do que os homens do 9º Distrito.

O fato de Dunning haver esperado até a tarde de terça-feira para prender a Sra. Hunter parecia prova bastante de que ele e seus rapazes tinham aproveitado plenamente os “recursos”

culturais de Nova York. Mas, no final das contas, uma ressaca não teria sido muito problemática para eles na terça: quando chegaram à Bethune Street, encontraram a Sra. Hunter de malas feitas e pronta para acompanhá-los — quase, disse o xerife Dunning ao Sr. Picton quando ligou do Grand Central Terminal, antes de embarcar no trem para o

norte, como se estivesse ansiosa para que o julgamento começasse. Dunning informou ainda que, salvo atrasos, ele e os assistentes estariam chegando com a prisioneira à meia-noite.

Durante toda aquela terça-feira os cidadãos de Ballston Spa continuaram a ruminar o que o Sr. Moore, como era de se esperar, insistia em chamar de “implicações morais” do caso. Eles não tinham outra escolha senão perseverar nessa atividade noite adentro, enquanto todos começavam a antecipar a chegada de Libby algemada; de fato, já ia parecendo que essa cisma manteria a cidade ocupada indefinidamente, ou pelo menos até que alguém surgisse com uma explicação para os assassinatos que satisfizesse a sociedade (que, se não houvesse propriamente produzido Libby Hatch, decerto havia acreditado em suas mentiras).

Naturalmente, se eles soubessem que um dos únicos homens em todo o país capazes de apresentar tal explicação se encontrava naquele momento arrumando as malas em Chicago, preparando-se para a jornada até a cidadezinha, a diferença no estado de espírito dos habitantes do lugar teria sido considerável.

Felizmente para nós, porém, a única pessoa que até então sabia dos movimentos do Sr.

Clarence Darrow era Marcus. E no fim da tarde de terça-feira ele retornou de Chicago, à frente do misterioso advogado do Meio-Oeste. Depois de trocar cordiais saudações com o restante do grupo na estação, Marcus entregou-me sua valise (que El Niño imediatamente agarrou, recusando-se a permitir que eu a carregasse) e então pusemo-nos todos a subir a Bath Street, em direção ao fórum. Tínhamos recebido ordens de trazer o sargento-detetive para aquele edifício assim que o trem chegasse, pois mesmo o Sr. Picton

tendo muitas questões prementes a resolver no gabinete (o julgamento estava programado para começar na terça-feira seguinte, 3 de agosto), ele disse que não havia nada mais importante do que aprender sobre o histórico e as táticas do advogado de aluguel que estava sendo trazido de tão longe para enfrentá-lo.

Calculei que um banho quente e uma boa refeição, após a longa jornada, cairiam bem a Marcus, mas ordens eram ordens. Além disso, as descobertas que Marcus fizera sobre o Sr.

Darrow eram tais que ele mesmo estava muito ansioso em partilhá-las conosco. Por isso, o Doutor encerrara mais cedo o dia de trabalho com Clara Hatch (ele continuava trabalhando com ela tão arduamente quanto antes) e nos encontrara na estação de trem, pronto para dar a Marcus sua própria versão de um interrogatório, que incluía uma caixa dos melhores fumos do Doutor, em vez de luzes ofuscantes, e um frasco do excelente uísque do Sr. Picton, em lugar do soco-inglês.

Assim que se acomodou na grande e antiga cadeira de couro no gabinete do Sr. Picton, uísque numa das mãos e cigarro na outra, Marcus começou o relatório.

— As estatísticas vitais foram bastante fáceis de se obter, ou pelo menos a maior parte delas — disse ele, tomando um gole do frasco, pondo-o de lado e apanhando uma caderneta.

— Ele tem trinta e nove ou quarenta anos... Não consegui a data exata de nascimento. Pais: um ministro unitarista, que desistiu do púlpito para se tornar carpinteiro, e uma sufragista da Nova Inglaterra. Ele parece ter puxado ao pai, em quase tudo... o velho nunca perdeu o espírito de

cruzada. O próprio Darrow é fascinado por Darwin, Spencer, Thomas Huxley, e se considera um racionalista. Ah, e ele conhece o seu trabalho também, Dr. Kreizler.

— É mesmo? — perguntou o Doutor, surpreso. — E como foi que você descobriu isso?

— Perguntei a ele — respondeu Marcus simplesmente. — Fui vê-lo ontem à noite. Disse que era um editor de Nova York e queria contratá-lo para defender um anarquista acusado de fabricar bombas em Nova York. A última parte da história é verdadeira... lembra-se de Jochen Dietrich, Lucius? Aquele idiota no centro da cidade que vivia explodindo prédios de apartamentos porque não conseguia fazer seus dispositivos de tempo funcionarem?

— Ah, claro — respondeu Lucius, lembrando-se do nome. — Os camaradas do 7º Distrito pegaram-no pouco antes de sairmos da cidade, não foi?

— Isso mesmo — respondeu Marcus, correndo lentamente uma das grandes mãos pela basta cabeleira negra e em seguida esfregando os olhos castanhos cansados. — De qualquer forma, um dos policiais de Chicago com quem falei disse que Darrow tem um fraco por anarquistas... imagina que, de certa forma, intelectualmente é um deles. Assim, concordou em me receber. — Marcus abanou a cabeça e deu uma longa tragada no cigarro. — É um sujeito estranho... não o que se esperaria de um homem que já conseguiu formar um patrimônio bastante decente com o salário que recebe. Ele parece displicente com a aparência: as roupas são ligeiramente amarrotadas, o cabelo é mal cortado e cai sobre o rosto. Mas tem algo de muito estudado nisso tudo... de calculado, eu diria. É como se ele estivesse *tentando* representar o herói despretensioso, o advogado simples do interior. É a mesma coisa com seu jeito de falar:

ele tem os modos exteriores do cínico solitário, mas procura passar a imagem do romântico idealista também. Exatamente quanto disse é genuíno, e o quanto é representação, isso não posso lhes dizer. — Marcus virou uma página na caderneta. — E tem outros detalhes menores: é fanático por beisebol e agnóstico...

— Bem, é claro que é agnóstico — cortou o Sr. Picton. — É um advogado de defesa. Só há lugar para um salvador supremo neste mundo, e os advogados de defesa gostam eles mesmos de representar esse papel.

— Ora, ora, Rupert — censurou-o o Sr. Moore —, não seja amargo.

— Ele gosta de literatura russa... poesia e filosofia também — prosseguiu Marcus. — Tem uma espécie de grêmio de almas afins... e lê em voz alta para elas nas pequenas reuniões. No fundo, é um caráter muito teatral e manipulador, apesar de todo o seu discurso sobre justiça social. Mesmo as pessoas mais próximas dele dizem isso. Conversei com uma mulher que é sócia na firma dele...

— Ele tem uma *mulher* na firma? — indagou a Srta. Howard.  
— Uma *sócia* de verdade?

— Isso mesmo — respondeu Marcus.

— Só para exhibir para os amigos sufragistas? — continuou a Srta. Howard. — Ou ela faz mesmo alguma coisa?

— Bem, no fundo, isso é que é interessante — replicou Marcus. — Ele mesmo não é um grande advogado dos direitos da mulher... não as considera uma parte “oprimida” da sociedade. Pelo menos não como, digamos, os operários ou negros.

— Ótimo — disse o Doutor —, talvez então sejamos poupados das costumeiras preleções sobre a santidade materna.

— Ah, acho que vamos — replicou Marcus rapidamente. — Mas creio que o que ele usará para nos atacar, em vez disso, será mais perigoso... muito mais perigoso. — Tomando mais um trago do frasco, Marcus deu um silvo de satisfação e voltou-se para nosso anfitrião. — Sr.

Picton, o que o senhor conseguiu compilar sobre Darrow?

— Encontrei um artigo sobre o julgamento de Debs — respondeu o Sr. Picton, dando de ombros. — Mencionava sua experiência na ferrovia, mas não iamuito além.

— Nada sobre o caso Prendergast? — indagou Marcus.

— O caso Prendergast? — repetiu o Sr. Picton, empertigando-se na cadeira. — Santo Deus! Ele esteve envolvido *naquilo*?

— Creio que sim — confirmou Marcus. — Envolvido a fundo.

— Ora, ora, ora — disse o Sr. Picton. — Presumo que se lembre do caso, Doutor.

O Doutor já assentia, sombrio.

— Decerto. Dificilmente se viu um exemplo mais absurdo de deturpação da justiça para satisfazer o público.

Marcus deu uma risadinha.

— Por mais estranho que pareça, Doutor, foi exatamente assim que Darrow viu o caso.



O Sr. Moore estava se esforçando para acompanhar a conversa, batendo a mão fechada na cabeça.

— Prendergast, Prendergast... — Seu rosto iluminou-se. — Não foi o sujeito que matou o prefeito de Chicago com um tiro?

— O próprio — replicou Marcus. — No último dia da Exposição de 1893. O primeiro assassinato na história da cidade. Eugene Patrick Prendergast entregou-se, junto com um revólver de quatro dólares, alegando que havia matado o prefeito Carter Harrison porque sua excelência não cumprira a promessa de encarregá-lo da construção das novas ferrovias elevadas da cidade. Aquela confissão era uma fantasia, naturalmente, e o homem, um lunático, isso era óbvio. No entanto, bem, Harrison fora alvejado na Exposição, o que significava uma imagem *muito* negativa divulgada pela imprensa internacional...

— E assim o estado de Illinois — continuou o Doutor, com amargura, olhando para aqueles de nós que ainda não conheciam a história — decidiu confiar a avaliação da sanidade do homem ao *médico* chefe da Prisão do Condado de Cook, um homem sem nenhuma experiência em patologias mentais. No entanto, nem mesmo esse bajulador escolhido a dedo teve dificuldade em declarar que Prendergast era um psicótico irrecuperável.

— Não que isso tivesse importância — concluiu o Sr. Picton. — Um júri rapidamente declarou Prendergast *são*. E o homem foi sentenciado à forca. E *foi* mesmo enforcado, não foi, detetive?

— A história não para aí — disse Marcus. — Após a conclusão do primeiro julgamento, Darrow, cuja oposição à pena de morte sempre beirou o fanatismo, ofereceu-se para

ajudar o advogado de Prendergast a tentar uma nova audiência de avaliação da sanidade do réu. Esse segundo procedimento começou no dia 20 de janeiro de 1894, e foi muito esclarecedor, especialmente para os nossos propósitos. — Examinando adiante suas anotações, Marcus bebeu mais um gole do frasco. — Darrow tomou a frente na defesa do caso. E sua tática,

segundo várias pessoas que assistiram ao julgamento, representava uma nova maneira de advogar. Desde o início, ele mudou o foco das atenções de *Prendergast* para o *júri*: disse aos jurados que a promotoria estava lhes pedindo que violassem o juramento sagrado de julgar o caso em seu mérito com o intuito de satisfazer o desejo de vingança da sociedade. Bem, havia se espalhado a notícia de que Darrow era especialista em manipular júris; assim sendo, aquele grupo estava até certo ponto prevenido contra ele. Só que ele *sabia* que estariam prevenidos e, em vez de blasfemar contra eles, transformou o fato em vantagem. Em sua abertura, mencionou os rumores de que iria tentar enganá-los com um monte de tecnicismos e encenações. Jurou solenemente que não faria isso, pois se tentasse esse truque e falhasse, disse ele, a responsabilidade... e esta é uma estratégia chave nos argumentos de Darrow: atribuir *responsabilidades*... pela morte de Prendergast pesaria em seus ombros. E ele se recusava, afirmou em sua maneira humilde e direta, a assumir tal fardo moral. Assim, prometeu que seria totalmente franco em seus argumentos e declarou que, se o júri decidisse que seus esforços honestos não eram suficientes, a responsabilidade de mandar um lunático à morte seria deles, e não dele.

— Inteligente — disse o Sr. Picton, abrindo lentamente um sorriso. — Muito inteligente...

— E uma tolice rematada, é claro — acrescentou Marcus. — Na realidade, ele usou todos os truques que lhe ocorreram durante o julgamento. Chorou... é, *chorou* de verdade... pelo prefeito assassinado, e a crueldade de um mundo que podia produzir uma criatura como Prendergast, e *implorou* ao júri que deixasse prevalecer seu sentimento humanitário. E, mais importante, pelo menos no que nos diz respeito, ele passou a atacar *pessoalmente* a equipe da promotoria. Darrow transformou o que se esperava fosse o julgamento de um assassino numa análise eloquente, sarcástica... o homem tem sagacidade, quanto a isso não resta dúvida... e incansável dos motivos do Estado e de seus promotores em processar lunáticos, ainda que lunáticos assassinos. Todos os infelizes que a promotoria chamava a testemunhar eram atormentados e infamados com toda espécie de suspeita que Darrow podia imaginar, de modo que o foco das perguntas passava a ser a testemunha e suas convicções, e não mais Prendergast. Ao argumentar constantemente na negativa, em vez de defender a causa de seu cliente, ele virou o julgamento de pernas para o ar.

Voltei-me para olhar o Doutor, que tinha o olhar fixo no chão e puxava o tufo de pelos sob o lábio inferior.

— Mas não funcionou — disse ele.

— Não, no fim não funcionou — assentiu Marcus. — O júri resistiu à pressão e manteve o veredicto de sanidade anterior. Mas o importante é que ele transformou num julgamento difícil o que pretendia ser pura e simplesmente um julgamento *pro forma*.

O Doutor recostou-se e suspirou.

— Métodos lamentáveis — avaliou ele em voz baixa. — Mas não posso dizer que desaprovo seu objetivo.

— Talvez não nesse caso — disse Marcus. — Mas, se eu estiver certo sobre o que ele tentará fazer *aqui*, sua opinião poderá ser diferente, Doutor.

— É — respondeu o Doutor com um ligeiro sorriso. — Suponho que tenha razão, Marcus.

— Não entendo — pronunciou-se Lucius. — O que ele pode tentar fazer aqui? Bem, certamente pode encontrar peritos que contestem nossas descobertas, e talvez até mesmo conhecidos da Sra. Hatch que irão discordar de nossa interpretação de seus motivos. Mas, e quanto a Clara? Como ele pode discutir com uma testemunha ocular?

— Atacando o homem que está por *trás* da testemunha — disse Marcus, ainda fitando o Doutor. — Ou, pelo menos, a imagem que ele *pintará* desse homem.

— Certo — disse o Sr. Picton —, começo a entender o que quer dizer, detetive. E não podemos depender apenas do testemunho de Clara para aparar esse golpe. As crianças, principalmente se são tão frágeis quanto Clara, não são as testemunhas mais confiáveis. É

muito fácil intimidá-las ou engabelá-las. É por isso que é tão importante que o Doutor continue a trabalhar com a menina: para que ela possa aprender a fornecer explicações *detalhadas* de sua história, a fim de que esta não se desmantele na primeira tentativa da defesa.

— A questão — prosseguiu Marcus — é que nossos papéis, de uma maneira muito estranha, porém potencialmente danosa, serão trocados nesse julgamento: Darrow irá argumentar na *negativa*, sabendo que ninguém deseja acreditar no que estamos dizendo sobre Libby Hatch, e a nós caberá *defender* nossa causa. Como o senhor supôs,

Doutor, o homem não virá com respeitosos argumentos sobre a santidade do sexo feminino e da maternidade. Ele irá atacar, e não defender, e tentar nos acuar antes mesmo que saibamos o que está acontecendo. E o raciocínio lógico no caso de qualquer ataque é começar pelo ponto fraco, que receio, na opinião do público, seja...

— Eu — completou o Doutor para ele.

Reabastecendo o cachimbo com uma sacolinha tirada do bolso, o Sr. Picton riscou um fósforo na cadeira, enquanto todos nós considerávamos aquela afirmação.

— Pois bem! — disse ele, acendendo o cachimbo e mostrando aquele entusiasmo diante das dificuldades que era sua melhor qualidade. — A questão passa a ser: como nos defendermos de tal linha de ataque e preservarmos assim a integridade do testemunho de Clara? — Tragando com força o cachimbo, o Sr. Picton considerou o problema por um momento. — Como o senhor sabe, eu esperava limitar as discussões de teoria psicológica a um mínimo neste caso, Doutor. Se Darrow, porém, atacar com essa estratégia, o senhor deve estar preparado para revidar. Na mesma moeda, e com a força superior que, como especialista, o senhor possui!

O Doutor se levantou, andando lentamente pelo pouco espaço livre que a sala oferecia.

— Não se trata de uma posição com a qual eu não esteja familiarizado — disse ele, esfregando o braço ruim. — Embora eu confesse que tivesse esperado que, ao aceitar este caso, pelo menos por uma vez estaria na ofensiva. Talvez esteja destinado a nunca estar nessa posição.

— Ah, mas isso *precisa* acontecer! — gritou o Sr. Picton, agarrando o cachimbo e brandindo-o no ar. — É exatamente

isso o que quero dizer com “o senhor deve estar preparado para revidar”. Não quero que se *defenda* por trás de uma barricada intelectual. Quero vê-lo *contra-atacar*, no campo aberto das ideias, onde o júri possa vê-lo! Tire sangue desse homem... sangue *fresco*, se puder! Para lhe dar sustentação, vou esmiuçar cada fiapo de informação sobre Darrow que Marcus conseguiu. E não vou hesitar em usá-las! Não vamos deixar esse julgamento nos escapar. — O Sr. Picton deu um soco na mesa, com força. —

Darrow pode ser o representante de uma nova raça de advogados, mas, que droga, vamos estar à altura de cada truque dele!

— *Señor* Doutor? — El Niño, que estivera sentado de pernas cruzadas no chão, levantou-se e aproximou-se do Doutor com respeito cauteloso. — Esse homem... ele é perigoso parador?

Quer que El Niño mate ele?

Aquela pergunta, vindo num momento difícil como aquele, funcionou admiravelmente para quebrar o gelo que se tornava mais denso: depois de fitar o aborígene, perplexos, por alguns segundos, todos começamos a rir e o Doutor pôs o braço direito em torno dos ombros de seu defensor.

— Não, El Niño — disse ele. — O homem não é um perigo nesse sentido. Ele não tem a intenção de me ferir... fisicamente.

— Mas se ele vai se meter com a busca da menina Ana — replicou El Niño, sorrindo diante de nossas risadas, sem saber exatamente do que ríamos —, então devíamos matar o homem, não?

— Acho — respondeu a Srta. Howard, levantando-se e dirigindo-se ao Doutor e ao aborígine — que este é um bom momento para fazermos uma pausa para o jantar. Vamos, El Niño. No caminho de casa vou tentar explicar a você por que matar esse homem não é a melhor forma de lidar com a situação. — Enquanto levava El Niño para a porta, a Srta.

Howard inclinou a cabeça. — Supondo-se, naturalmente, que não seja mesmo.

Quando os Isaacsons os seguiram, saindo do gabinete, o Sr. Moore, Cyrus e eu fomos até o Doutor.

— Você vai ficar bem com tudo isso, Laszlo? — perguntou o Sr. Moore.

— Não é comigo que estou preocupado — respondeu o Doutor. — É com Clara. Esse julgamento já ia ser martirizante para ela... mas agora, servir de alvo a um advogado que usa o tipo de tática de que Marcus nos falou... E, no entanto — prosseguiu ele, levantando as mãos com um suspiro —, suponho que o que tenho a fazer é cuidar de prepará-la adequadamente.

Contanto que ela não encontre a mãe antes do momento de testemunhar, acho que tem chance de sair bem de tudo isso... ou pelo menos intacta.

— O que acha, Rupert? — perguntou o Sr. Moore ao Sr. Picton, que enfiava um punhado de arquivos numa valise de couro macio que levaria para casa. — O juiz Brown é o tipo com o qual podemos contar para estipular uma fiança razoavelmente alta, num caso assim?

— Detesto tentar prever qualquer coisa em relação ao juiz Brown — respondeu o Sr.

Picton. — Mas o brilhante Sr. Darrow ainda não está aqui e, aparentemente, *alguém* contratou Irving W. Maxon, aqui da região, como advogado de Libby também. Maxon é bastante bom, e tem muitas conexões na cidade, mas não creio que vá conseguir uma fiança moderada sozinho.

Lembrem-se, porém: se Vanderbilt está secretamente financiando este caso, não podemos supor com segurança que uma fiança, por mais alta que seja, vá ser proibitiva. Terei de buscar uma negativa absoluta, e isso nunca é uma certeza. E há ainda também a questão do libelo e da contestação do réu amanhã.

— O que tem isso, senhor? — indagou Cyrus, confuso.

— Bem, Cyrus — começou o Sr. Picton, fechando a valise e então levantando os olhos. —

Se Darrow chegar aqui antes do libelo, há a possibilidade de que ele vá tentar equilibrar sua própria contabilidade, dando entrada em outra alegação de insanidade. Consertar o erro no caso Prendergast, libertando Libby Hatch com base em incompetência mental, esse tipo de coisa. Os advogados guardam ressentimento, como todo mundo... talvez até mais. Não estou

preocupado com *meu* lado da questão. Tenho motivos e maquinações suficientes de parte de Libby para provar fria premeditação. Mas essa é outra área em que ele pode tentar pegá-lo, Doutor. O senhor pode demonstrar com sucesso que uma mulher capaz de matar os próprios filhos pode, não obstante, ser sã do ponto de vista mental?

O Doutor respirou fundo.

— Eu me sentiria mais confiante, naturalmente, se houvéssemos descoberto mais detalhes da juventude de



Libby. Numa base hipotética, é muito mais difícil. No entanto, existem precedentes e, como o senhor diz, Sr. Picton, a presença de premeditação fria, até mesmo com requintes de grande inteligência, elimina a possibilidade de qualquer patologia mental claramente demonstrável, tal como a *dementia praecox*, ou de qualquer trauma cerebral suficientemente grave. Para argumentar que ela era louca, Darrow teria de retornar à ideia de

“insanidade moral”: a noção de que uma pessoa pode ser moral mas não intelectualmente insano. Trata-se de um conceito quase universalmente repudiado. E, além disso, existe sempre a chance de que nossos esforçados agentes — nesse momento ele revolveu meus cabelos —

conseguirão descobrir mais sobre o passado da mulher antes do início do julgamento.

— Muito bem, então! — disse o Sr. Picton, apanhando sua valise. — Temos motivos para otimismo, porém com cautela. Principalmente, eu diria, ao considerarmos nossa posição no momento: a mulher está em custódia e vai ser levada a julgamento. Confesso que não tinha muita certeza de que chegaríamos tão longe! Assim, não vamos mergulhar no pessimismo. É

ruim para o apetite, e a Sra. Hastings passou a tarde toda cozinhando. Não devemos desapontá-la!

Com o anfitrião continuando a nos encorajar, saímos para o corredor, juntando-nos aos outros a fim de descer os degraus de mármore até o primeiro andar do fórum. O Sr. Picton fez uma pausa para se certificar de que o guarda Henry havia preparado uma das celas no porão: Libby Hatch passaria pelo menos uma noite na prisão, pois o libelo estava marcado para o dia seguinte. O guarda disse que

sim, uma das celas já estava pronta, e então começamos a sair em fila, para a caminhada pela High Street.

Pouco antes de cruzar a porta da frente, parei e olhei o grande recinto de pedra à nossa volta, iluminado pela luz suave e pálida de um anoitecer de julho.

— O que foi, Stevie? — perguntou o Sr. Picton, vendo-me parar.

Dei de ombros.

— Acho que é a última vez que veremos isso tão quieto assim — respondi. — A partir de amanhã vai ter muita atividade por aqui.

— E, desde que consigamos que a fiança seja negada — afirmou o Sr. Picton, com um aceno da cabeça —, vai haver uma nova inquilina... pelas próximas semanas, pelo menos.

Henry não vai gostar disso. Nenhum dos guardas vai gostar, hein, Henry? — O Sr. Picton sorriu, enquanto escarnecia do homem. — Vocês terão algum trabalho, para variar!

Rindo para si mesmo, o Sr. Picton enfiou o cachimbo na boca e saiu; e enquanto eu o seguia, vi um brilho de ressentimento passar pelos olhos do guarda.

Todos nós falamos e rimos bastante durante o jantar, embora não comentássemos muito o caso. Era como se, sabendo o que estava previsto para acontecer mais tarde naquela noite, não quiséssemos atrair o azar agindo como se Libby Hatch já tivesse chegado com segurança e se encontrasse trancada em sua cela. O Sr. Moore teve um acesso no meio do jantar quando se

deu conta da data: 27 de julho, o que significava que ele havia perdido o dia de abertura da temporada na Associação de Corridas de Saratoga. Numa tentativa de consolá-lo, a Srta.

Howard sugeriu um jogo de pôquer após o jantar. A ideia pareceu conveniente não só com vistas a fazer o Sr. Moore parar de lamuriar-se, como também para afastar nossas mentes de preocupações mais prementes.

Passando para o salão depois de darmos cabo de uma das excelentes tortas da Sra.

Hastings, todos, exceto Cyrus e Lucius, reuniram-se em torno da mesa de cartas. O mais moço dos irmãos Isaacson estava nervoso demais para sentar-se e jogar cartas, enquanto Cyrus preferia passar o tempo tocando o piano do Sr. Picton. Nós outros, porém, lançamo-nos ao nosso jogo de apostas baixas com entusiasmo genuíno. A disputa tornou-se bastante acirrada à medida que a noite ia passando, e foi só quando a Sra. Hastings desceu de seu quarto para nos avisar que era preciso sair já se quiséssemos receber o trem da meia-noite que percebemos o quanto já era tarde. Nesse momento, creio que o coração de todos se sobressaltou; pelo menos, houve um certo corre-corre sem sentido até de fato sairmos pela porta — o tipo de atividade que em geral identifica alguém que chegou a uma situação muito sonhada, mas, ainda assim, de certa forma inesperada.

Nossa caminhada até a estação foi bastante silenciosa, porém notei que havia muitos rostos, em muitas janelas mal iluminadas, observando nossa passagem, um acontecimento muito incomum para uma cidadezinha que, como eu já disse, costumava ir dormir cedo. Não era difícil explicar o comportamento inusitado: a sensação de que toda a comunidade estava em vias de presenciar algo que

poderia mudar sua maneira de pensar sobre vários assuntos

—

até mesmo sobre si própria — era mais palpável do que em qualquer outro momento dos últimos cinco dias; mais palpável até do que quando o Sr. Picton anunciara a pronúncia; e, quando ouvimos o distante apito do trem da meia-noite vindo de muitos quilômetros ao sudeste, eu estava certo que não éramos as únicas pessoas na cidade a sentir o corpo tremer intensamente.

Havia apenas umas poucas pessoas na plataforma da estação quando chegamos: o guarda Henry, que recebera ordens do xerife Dunning para esperar o trem, ao lado do Sr. Grose, do *Ballston Weekly Journal*, e dois de seus empregados. Quanto ao prefeito da cidade, estava de férias desde que chegamos aqui e, após ficar sabendo da pronúncia, decidira estender as férias: como o promotor Pearson, ele concluiu que não havia nenhum ganho político neste caso, apenas prejuízo, talvez um prejuízo considerável. O Sr. Grose não falou muito com ninguém de nosso grupo, e o Sr. Picton não lhe ofereceu nenhuma notícia fresca para o jornal. Não que o Sr. Grose fosse publicar alguma declaração do Sr. Picton; na verdade, acho que estava ali somente para a remota possibilidade de que Dunning aparecesse de mãos vazias ou que algum tipo de calamidade ocorresse na estação. Meu palpite era que, se tudo corresse sem incidentes, as atividades da noite não receberiam mais do que umas poucas linhas na edição de sábado do semanário.

A meia-noite chegou e se foi, fazendo com que o Sr. Picton comentasse que esperava que o governo e o povo espanhóis fossem ainda mais incapazes em cumprir horários do que os americanos, se nosso país tivesse de fato a intenção de entrar em guerra com Madri.

Finalmente, aos 00:15, o apito do trem tornou a soar, bem mais perto desta vez. El Niño abaixou-se e executou o velho truque índio de encostar o ouvido aos trilhos, e então assentiu

entusiasticamente, voltando para junto de nós, na plataforma. O ruído do motor do trem alcançou nossos ouvidos no momento em que uma luz cintilava nos espaços entre os edifícios além da estação; e, alguns segundos depois, a locomotiva fumegante e seus quatro vagões praticamente vazios chegaram com grande ruído, fazendo-nos recuar alguns passos em direção à estação.

O xerife Dunning foi o primeiro a saltar do vagão dianteiro e, mesmo na semiescuridão, seu rosto parecia visivelmente exausto. Um de seus assistentes o seguiu e então fez-se uma longa pausa. Por fim, *ela* apareceu.

O corpo muito bem-proporcionado estava envolto num belo vestido de seda preta, uma anágua de crinolina mantendo a saia em perfeita ordem. As mãos estavam presas por algemas antiquadas. Um pequeno chapéu com uma pena de galo preta retinta assentava-se na cabeça, inclinado para a frente, mantendo um véu negro no lugar; mas a trama do véu era aberta e os olhos dourados estavam perfeitamente visíveis, captando a luz da lâmpada a gás na plataforma e tornando a jogá-la em nossos rostos.

— *Ora* — disse Libby Hatch, da mesma forma como fizera na primeira vez em que a ouvimos falar: num tom que dava margem a meia dúzia de interpretações, e que me fez pensar nas palavras da Srta. Howard sobre a personalidade de Libby estar fragmentada. Então, vendo o Sr. Grose e os outros adiante de nós, Libby exibiu um ar mais melancólico.

— Sr. Picton —

disse, descendo lentamente os degraus do vagão, com a ajuda do xerife Dunning. — Não esperava tornar a vê-lo... certamente não em circunstâncias como estas.

— É mesmo? — replicou o Sr. Picton baixinho, sem conseguir evitar que um sorrisinho lhe aflorasse ao rosto. — Que estranho... já eu suspeitava que provavelmente nos encontraríamos outra vez, e *precisamente* nestas circunstâncias.

Os olhos dourados lançaram ao restante de nós um breve olhar de ódio, e então suavizaram-se ao pousar no Sr. Grose.

— É mesmo o Sr. Grose?

— Sou, Sra. Hatch — respondeu o homem, um pouco surpreso. — A senhora lembra de mim?

— Só nos encontramos uma ou duas vezes — respondeu Libby, com um gesto delicado da cabeça. — Mas é claro que me lembro. — Lágrimas douradas começaram a brotar sob o véu.

— Como está meu bebê... minha Clara? Disseram-me que ela finalmente voltou a falar. Mas não posso acreditar que ela... que ela... — Seus ombros começaram a se sacudir, e o som de suaves soluços escaparam dos lábios apertados com força.

O Sr. Grose, que parecia muito confuso mas também muito emotivo, estava prestes a responder, mas o Doutor interpôs-se entre os dois, imediatamente.

— Sr. Picton — disse ele, a voz baixa porém firme —, permita-me sugerir...

— Naturalmente — respondeu o Sr. Picton, percebendo sem demora a intenção do Doutor.

— Dunning, nós dois levaremos a Sra. *Hunter*, como ela agora é conhecida, para o fórum. Há uma cela esperando por ela. Trouxe a carruagem, Henry?

O guarda, que também parecia comovido com o que vira, deu um passo à frente.

— Sim, senhor.

— Então, vamos agora, senhora — concluiu o Sr. Picton, indicando o pátio da estação. —

Se quiser falar com a imprensa, ou esta com a senhora, as solicitações poderão ser

encaminhadas ao meu gabinete.

O xerife Dunning colocou-se atrás da mulher.

— Vamos, senhora — disse ele. — É melhor fazer o que diz o Sr. Picton.

Libby Hatch continuou soluçando por mais alguns segundos; mas quando viu que isso não a levaria a lugar algum, voltou-se para o Doutor, a tristeza desaparecendo com rapidez assustadora.

— Isso é obra *sua*, Doutor. Não pense que não sei disso. Mas não me importa o *que* o senhor disse para minha filha ou no que fez que ela acreditasse... assim que ela me vir, saberá o que fazer. Sou *mãe* dela.

O Sr. Picton segurou com força o braço direito de Libby e indicou ao xerife Dunning que ele deveria fazer o mesmo

com o esquerdo: juntos, forçaram-na a começar a andar.

— Está me ouvindo, Doutor? — gritou ela sobre o ombro. — Eu sou a *mãe* dela! Sei que isso nada significa para o senhor, mas irá significar para ela... e para *qualquer um* que tenha coração! Seja o que for que o senhor tenha feito, não pode mudar isso!

Recomeçando a soluçar, a mulher seguiu para o pátio com sua escolta, os assistentes do xerife e o guarda do fórum acompanhando-os.

Nosso grupo ficou ali para vê-los subir numa carroça grande e simples, com três bancos, puxada por dois cavalos. Com a única mulher no veículo ainda em lágrimas, começaram a se afastar. Nesse momento, o Sr. Grose virou-se para lançar ao Doutor um olhar carrancudo. Em seguida, fez um gesto de cabeça para seu pessoal e voltou-se para seguir silenciosamente em direção à parte baixa da Bath Street, onde se localizava a redação do jornal.

— Bem, Kreizler — disse o Sr. Moore, enquanto permanecíamos parados ali, no pátio silencioso. — Creio que essa é mesmo a questão, não é?

O Doutor virou-se para ele, a mente distante.

— A questão? — perguntou, devagar.

— Ela é a mãe de Clara — afirmou o Sr. Moore, com uma expressão sombria e ao mesmo tempo curiosa no rosto. — *Você pode* mudar isso?

O Doutor limitou-se a abanar a cabeça, os olhos arregalando-se.

— Não. Mas talvez possamos mudar o que isso *significa*.



## CAPÍTULO 42

A leitura do libelo estava marcada para as dez da manhã seguinte e, quinze minutos antes, estávamos todos reunidos na principal sala de audiências do fórum. O Sr. Picton sentava-se a uma mesa comprida no lado direito da grande câmara, além de uma grade baixa, de carvalho esculpido, que separava a galeria dos funcionários do tribunal. Num local semelhante, à esquerda da sala, estavam Libby Hatch e um homem de cabelos escuros, bem-vestido e com um pincenê de aro de ouro empoleirado no nariz longo e fino. Nenhum óculos elegante ou terno caro, porém, podia manter uma expressão de genuína incerteza longe dos olhos de Irving W. Maxon: ele corria o olhar pela sala, à semelhança de um pássaro nervoso, como se não tivesse certeza de como viera parar nessa difícil situação, ou exatamente o que deveria fazer a esse respeito. Libby Hatch, por outro lado — ainda usando o vestido de seda negro, desta vez sem o chapéu e o véu —, era o retrato da confiança e fitava o alto estrado do juiz à sua frente, o tempo todo parecendo prestes a abrir o sorriso coquete que com tanta frequência exibia.

Quanto ao Sr. Picton, tinha o relógio aberto sobre a mesa diante dele, e fitava-o, mais calmo do que em qualquer outra ocasião desde que o conhecêramos.

O Doutor, o Sr. Moore, os sargentos-detetives e a Srta. Howard encontravam-se todos na primeira fila da galeria, atrás da mesa do Sr. Picton e da grade de madeira; Cyrus, El Niño e eu sentávamos imediatamente atrás. Havíamos submetido o aborígene a um banho caprichado para o evento, e a combinação de sua limpeza e de minhas roupas de noite faziam dele uma das pessoas mais apresentáveis na galeria, que desde as nove horas estava lotada por uma miscelânea do povo do lugar, ao lado de alguns visitantes,

que pareciam apostadores vindos de Saratoga. O xerife Dunning sentava-se a uma pequena mesa à direita do Sr. Picton, e além dele, contra a parede da direita, estava a banca dos jurados, os doze assentos vazios. Havia um guarda de pé do outro lado da sala, e à frente dele, a estenógrafa do tribunal, uma senhora de aspecto respeitável que atendia pelo peculiar nome de Iphegeneia Blaylock. A mesa do meirinho, defronte ao juiz, estava vazia, e de ambos os lados do estrado propriamente dito havia duas luminárias de ferro e igual número de bandeiras, uma dos Estados Unidos, a outra do estado de Nova York. À porta de entrada, de olhar atento naqueles que entravam e saíam do recinto, e no comportamento deles, estava o guarda Henry e um homem uniformizado, ligeiramente mais baixo (mas, a julgar por sua aparência, não menos forte).

Para mim era uma estranha experiência observar todos os detalhes da situação de outro lugar que não a cadeira do réu; a estranheza, porém, logo deu lugar a uma sensação de alívio e até mesmo de animação, quando percebi que aquele era o lugar onde todos nossos mais recentes esforços chegariam a uma conclusão nos dias que se seguiriam. Era como estar na linha de chegada de uma pista de corrida de cavalos, esperando que fosse dada a largada: peguei-me batendo os pés e as mãos, torcendo para que aquilo *começasse* de uma vez. A julgar pelo barulho à minha volta, eu não era o único a experimentar tal sensação: a conversa, o

burburinho e as tímidas risadinhas na sala de audiências foram se intensificando à medida que cada segundo de espera transcorria, até que, faltando três minutos para as dez, vi que precisava quase gritar para me fazer ouvir pelo Sr. Moore.

— *O quê?* — gritou ele, levando a mão à orelha.

— Eu *perguntei*: teve alguma notícia de Canfield sobre as apostas? — berrei de volta.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Cinquenta para um. E tenho certeza de que seria mais alto se o promotor fosse outro que não Rupert!

Assoviei, olhando para o chão; então, ao ter uma ideia, tornei a levantar os olhos.

— O senhor não acha que poderíamos fazer apostas através de uma terceira pessoa, acha?

O Sr. Moore sorriu, mas abanou a cabeça.

— Já pensei nisso, mas prometi a Rupert que não apostaríamos! Ele é supersticioso. Acha que isso dá azar!

Também sorri e assenti: qualquer um com alma de jogador teria entendido exatamente como o Sr. Picton se sentia.

Nesse momento, uma porta nos fundos da imensa sala se abriu e o meirinho entrou, parecendo pronto a enfrentar todo mundo ali que sequer pensasse em tentar transformar seu tribunal num circo. Esse Jack Coffey era outro sujeito grandalhão, com o tipo de olhar duro que se esperaria encontrar num bar de uma região mais remota, e não num tribunal do Leste; quando avistei o juiz Brown, porém, comecei a compreender por que ele mantivera os serviços de um meirinho tão corpulento. Pequeno ao ponto de quase desaparecer atrás do estrado ao subir o pequeno lance de degraus para tomar seu lugar, Charles H. Brown tinha orelhas grandes que se destacavam como as de um macaco, uma camada curta porém cheia de cabelos de um branco puro e muitas rugas no rosto envelhecido e bem barbeado. Seus olhos, entretanto, igualavam os do meirinho

em determinação e em seu claro aviso de que não toleraria absolutamente nenhum despropósito, ao mesmo tempo em que a firme disposição dos lábios finos e franzidos, assim como do queixo quadrado, indicavam-nos com quantas questões de justiça já lidara em sua vida.

Ao vê-lo, fiquei ainda mais feliz por não estar sentado no lugar de Libby Hatch.

— Todos de pé! — trovejou o meirinho Coffey do fundo de seu peito de barril.

Todos se levantaram e fez-se silêncio na sala; e enquanto ele prosseguia anunciando o número exato daquela sessão no tribunal, olhou diversas vezes para a multidão, ainda procurando um espertinho que talvez pensasse que não se encontrava em presença do pleno poder do estado de Nova York. Segurando uma prancheta à frente do corpo, Coffey anunciou em seguida a primeira questão daquele dia:

— O povo do condado de Saratoga *versus* a Sra. Elspeth Hunter, da cidade de Nova York, ex-Sra. Elspeth Hatch, de Ballston Spa, ex-Srta. Elspeth Fraser, de Stillwater, sob a acusação de que ela, no dia ou por volta do dia 31 de maio de 1986, matou intencional e premeditadamente Thomas Hatch, de três anos, e Matthew Hatch, de quatro anos, e que, ao mesmo tempo, intencional e premeditadamente, tentou assassinar Clara Hatch, de cinco anos, tudo isso na pequena cidade de Ballston Spa.

A acusação fez uma onda de murmúrios percorrer a sala, a qual o juiz Brown calou com uma batida súbita e violenta do martelo. De sua cadeira de couro acolchoado — que, apesar de

alta, só o elevava acima do estrado do peito para cima — o juiz Brown lançou um olhar mal-humorado pela sala de

audiências.

— O tribunal — disse ele por fim, numa voz dura e ameaçadora — gostaria de deixar claro desde o início que está ciente do volume de interesse que o público tem neste caso. O tribunal, porém, nunca permitiu que o interesse público interferisse com a busca à justiça, e não é agora, depois de tanto tempo, que vai deixar. Assim sendo, lembro a vocês, nas galerias, que são convidados deste recinto, e advirto-os que, caso se comportem de outra forma, sentirão a bota do tribunal em seu traseiro coletivo. — Essas palavras provocaram muitos sorrisos, mas apenas um homem, no fundo da sala, deixou escapar uma risada de fato. Mas logo se arrependeu de tomar tal liberdade. Com a rapidez de um cometa, os olhos do juiz Brown fixaram-se no sujeito, enquanto a mão fina e enrugada erguia o martelo e o apontava. — Retirem esse indivíduo — disse o juiz —, e certifiquem-se de que ele não volte a assistir a estes procedimentos.

O guarda Henry agarrou o homem pela gola e, antes que a vítima perplexa tivesse oportunidade de protestar, arrastou-o, passando pelas grandes portas de mogno.

— Bem — prosseguiu o juiz, olhando a sala para ter certeza de que se fizera entender. —

A acusada está presente?

— Está, meritíssimo — replicou Irving W. Maxon, a voz um pouco trêmula.

— A senhora ouviu a acusação do Estado — continuou o juiz, olhando para Libby Hatch.

— O que tem a declarar?

O Sr. Maxon interveio, antes que Libby pudesse se pronunciar:

— Pedimos ao tribunal alguns minutos de indulgência, pois estamos esperando...

O juiz Brown o interrompeu com um suspiro profundo e sonoro, que se transformou em grunhido, enquanto esfregava a mão nos cabelos curtos e brancos de sua cabeça.

— Todos nós estamos esperando *alguma coisa*, advogado. Eu mesmo passei minha *vida* esperando um julgamento que não tivesse atrasos desnecessários. — Os olhos cansados fixaram-se no Sr. Maxon. — E *ainda* estou esperando.

— Sim, meritíssimo — replicou o Sr. Maxon, cujo nervosismo aumentava sob o olhar do ancião que caía sobre ele do estrado. — Se o senhor ao menos me permitir explicar...

Nesse exato momento o suave ruído das portas de mogno se fechando fez-se ouvir e o Sr.

Maxon, assim como todos nós, voltou-se para olhar o recém-chegado que provocara o barulho: Mesmo à distância, eu sabia que só podia ser Clarence Darrow, pois encaixava-se perfeitamente à descrição que Marcus fizera dele. Ao contrário do advogado Maxon, as roupas do Sr. Darrow eram de qualidade duvidosa — um terno simples, marrom-claro, e camisa branca, com um nó comum, amarrado sem cuidado ao pescoço — e davam a impressão de que ele havia dormido com elas no trem. Embora não totalmente desleixada como um dia viria a se tornar (o Sr. Darrow apenas começara a estabelecer a aparência amarfanhada como uma de suas marcas registradas), sua imagem ainda assim era muito diferente daquela das outras figuras que atuavam no tribunal, assim como também a maneira de ele

caminhar: lento e curvado, uma espécie de movimento pendente que chamava ainda mais a atenção por causa de seu considerável tamanho. O cabelo, como Marcus nos dissera, não era penteado, e um cacho pendia sobre a testa. O rosto, naturalmente, não estava ainda tão vincado como ficaria nos anos de maior fama, mas já tinha a pele curtida e áspera; e os olhos tinham a mesma cor clara e a

mesma expressão de tristeza, inquiridora, que também no futuro se tornariam lendárias. A boca delicada estava franzida, combinando com os dois grandes círculos sob os olhos: de um modo que parecia falar do alto preço da sabedoria adquirida através de uma exposição demasiada à desumanidade do homem perpetrada contra o próprio homem. Enquanto percorria o corredor central, o Sr. Darrow avaliou a multidão com olhar firme e duro, diferente daquele do juiz Brown, mas que produziu efeito semelhante: no momento em que alcançou a grade de madeira, todos os olhos no recinto estavam fixos nele.

Tudo não passava de representação, naturalmente; mas eu já estivera em muitos tribunais e aquela era uma das melhores que já vira — boa o bastante para me fazer perceber de imediato que as dificuldades que enfrentaríamos seriam maiores do que imagináramos.

Agarrando-se a uma valise velha e surrada, o Sr. Darrow fez um sinal para o Sr. Maxon, que disse:

— Se o tribunal me der licença por um momento... — E correu até o outro advogado.

O juiz Brown não pareceu satisfeito com a situação, mas recostou-se na cadeira com outro suspiro e esperou enquanto o Sr. Maxon abria o portão que havia na grade e deixava o Sr.

Darrow passar ao lado ativo da sala, onde o recém-chegado rapidamente apertou a mão de Libby Hatch.

— Com a licença do tribunal — repetiu o Sr. Maxon, agora sorrindo —, eu...

— Advogado — cortou o juiz Brown, voltando a inclinar-se à frente —, o que exatamente o senhor pretende?

— Meritíssimo — prosseguiu o Sr. Maxon rapidamente —, gostaria de lhe apresentar o Sr.

Clarence Darrow, advogado, do estado de Illinois. É pedido da defesa que o tribunal permita que ele se apresente, *pro hac vice*, como principal advogado da ré.

— Darrow, é? — disse o juiz. — É, recebi alguns comunicados sobre o Sr. Darrow. Do sul do estado.

O Sr. Darrow sorriu humildemente e abafou uma risadinha.

— Espero, meritíssimo — começou ele, numa voz grave e tranquilizadora —, que esses comunicados não o tenham prevenido contra mim.

As pessoas nas galerias gostaram daquele comentário; e também, a seu próprio modo, o juiz Brown.

— Certamente não ajudaram — respondeu, tirando da multidão risos abafados que ele deixou passar. — Se é desejo da ré contratar um advogado de outro estado, isso é prerrogativa dela. Este tribunal, porém, não precisa do conselho de *ninguém* da cidade de Nova York sobre a maneira como conduz suas questões.

— Compreendo, meritíssimo — disse o Sr. Darrow, sorrindo de uma forma que, sou obrigado a admitir, tinha charme. —



Nossa opinião sobre Nova York em Chicago é a mesma.

A multidão tornou a rir, mas o juiz bateu o martelo e lançou um olhar mal-humorado à audiência.

— Se este é de fato um pedido da ré — anunciou o juiz, voltando-se para a mesa da defesa

—, então o tribunal terá prazer em permitir que o Sr. Darrow pratique neste estado, *pro hac vice*.

O juiz então olhou para Libby Hatch, que se levantou e arregalou com inocência os olhos cintilantes.

— Peço desculpas, meritíssimo — disse ela, os lábios franzindo-se levemente. — Mas nunca estudei latim.

Pequenos sussurros que pareciam dizer “Nem eu” e “Ora, é claro que não” circularam pela multidão, provocando outra batida do martelo.

— *Pro hac vice* — explicou o juiz, com toda a gentileza de que, eu suponha, ele era capaz

— significa simplesmente “para esta ocasião”, Sra. Hunter. A expressão concede ao Sr.

Darrow o direito de exercer sua profissão em Nova York, mas somente neste caso. É esta a sua vontade?

Libby assentiu com a cabeça, delicadamente, e então voltou a sentar-se.

— E a promotoria tem alguma objeção? — indagou o juiz.

O Sr. Picton sorriu combativamente, enfiou os polegares no colete do terno cinza bem-passado que estava usando e se levantou.

— Em absoluto, meritíssimo — respondeu, saindo de trás de sua mesa e parecendo ainda mais baixo, magro e ágil em comparação ao Sr. Darrow. — O tribunal conhece a reputação do Sr. Darrow e, se a defesa sustenta que não se pode encontrar no condado de Saratoga um advogado adequado, embora não partilhemos de sua avaliação dos talentos locais, tampouco nos ocorre qualquer motivo por que não devesse ser permitido ao Sr. Darrow exercer sua função.

A plateia não estava com disposição para achar engraçado nada que o Sr. Picton dissesse

— mas não pôde evitar alguns sorrisos de orgulho, satisfeitos, com a declaração do promotor-assistente.

O Sr. Darrow também sorriu, com indulgência; seu rosto, porém, ficou sério quando, olhando na direção do Sr. Picton, avistou Marcus. Recuperando-se rapidamente, ele fez um gesto rápido que dizia que tirava o chapéu para o sargento-detetive, por seu astuto trabalho de pesquisa. Marcus sorriu e respondeu ao cumprimento, enquanto o Sr. Darrow dizia:

— Agradeço ao honorável promotor. E devo dizer que estou impressionado com seus esforços em saber de tudo sobre minha... reputação.

O Sr. Picton, tendo visto a rápida comunicação que ocorrera entre o Sr. Darrow e Marcus, sorriu.

— O Sr. Darrow me envaidece, meritíssimo. Talvez ele não saiba que sou apenas um promotor- *assistente* do condado, e que o promotor Pearson não está, por enquanto, disposto a abrir mão de seu gabinete.

Fingindo com exagero uma expressão de perplexidade, de forma a deixar claro que sabia exatamente qual era o posto

de seu interlocutor, o Sr. Darrow coçou a testa.

— Assistente? Ora, peço desculpas, meritíssimo, mas supus que num caso de importância capital como este o Estado desejaria o promotor sênior para representar o povo.

— Como sua excelência sabe, aqui em Ballston temos tão poucas semanas de clima ameno quanto os cidadãos de Chicago — afirmou o Sr. Picton. — E não era nossa intenção privar o Sr. Pearson de nenhuma delas. Como eu era o oficial na investigação do caso, sentimo-nos seguros em confiá-lo aos meus parcos talentos.

O juiz Brown balançava a cabeça e parecia um tanto aborrecido.

— Se os dois cavalheiros já terminaram de se alfinetar — começou ele —, eu gostaria de ver se conseguimos uma contestação neste caso antes do meio-dia. Sr. Darrow, o Estado não

tendo objeção, o senhor tem permissão para servir como primeiro advogado de sua cliente neste tribunal. Espero que não se arrependa da viagem. Agora, então, Sra. Hunter, já ouviu as graves acusações contra a senhora. O que tem a declarar?

Olhando para Libby Hatch, que o fitava, ansiosa, o Sr. Darrow fez um sinal afirmativo com a cabeça. Então Libby tornou a se levantar, cruzou as mãos diante do corpo e declarou:

— Sou inocente, meritíssimo.

Uma onda de sussurros atravessou o tribunal, fazendo soar mais uma vez o martelo do juiz Brown.

— Muito bem — disse ele, lançando outro olhar carrancudo pela sala. — Agora, Sr.

Picton, quanto à questão do... — O juiz interrompeu-se quando percebeu que o Sr. Picton olhava para o Sr. Darrow com expressão perplexa, tão genuína quanto a que o outro homem exibira poucos segundos antes. — Sr. Picton? O senhor está hipnotizado pelo culto advogado de Illinois?

Sacudindo-se, o Sr. Picton voltou-se para o estrado.

— Hã? Ah! Peço desculpas, meritíssimo. Confesso que não sabia que a defesa havia completado a contestação.

— O senhor acha a contestação inadequada, Sr. Picton? — indagou o juiz.

— Não cabe a *mim* julgar a questão, meritíssimo — replicou o Sr. Picton. — Só pensei que algum tipo de... complemento viesse anexo a ela. “Por motivo disso ou daquilo”, esse tipo de coisa.

O juiz o olhou com dureza.

— Sr. Picton, nós dois já trabalhamos juntos vezes demais nesta sala nos últimos anos para que eu não saiba o que está pretendendo. Mas aqui ainda não tem júri para o senhor afligir com suas sugestões, e não vou tolerar espetáculo para as galerias. O Sr. Darrow é um advogado qualificado e não parece sofrer de impedimento da fala. Se ele desejasse qualificar a declaração da ré de alguma outra forma, tenho certeza de que teria feito. O senhor deseja qualificar a contestação, Sr. Darrow?

— Decerto que não, meritíssimo — disse o Sr. Darrow, com gravidade sombria. — A contestação é um simples, direto e absoluto “Inocente”.

— Bastante claro — replicou o juiz Brown. — No futuro, Sr. Picton, a promotoria pode guardar suas suposições, assim como suas esperanças, para si mesma. — O Sr. Picton limitou-se a sorrir e fazer uma mesura. — Agora — continuou o juiz — sobre a questão da fiança...

— *Fiança?* — deixou escapar o Sr. Picton, recebendo um grunhido e mais um olhar carrancudo do juiz.

— É, Sr. Picton — disse o velho. — Fiança. O senhor conhece essa prática?

— Num caso como este, receio que não, meritíssimo — replicou o Sr. Picton. — A ré é acusada do pior tipo de violência contra os próprios filhos, um dos quais mal escapou com vida e é no momento a principal testemunha da promotoria. O tribunal pretende que o Estado, mesmo que por um só momento, aprove a possibilidade de *fiança* neste caso?

— O tribunal pretende que o Estado siga as regras de um processo penal, *qualquer* que seja a ofensa! — berrou o juiz Brown de volta. — Estou lhe avisando, Sr. Picton: não se esforce tanto em me irritar tão cedo! Como o senhor bem sabe, meu pavio é curto, e uma vez aceso, o senhor pode ter problema em apagá-lo!

O Sr. Picton tentou não sorrir e assentiu com evidente respeito.

— Sim, meritíssimo. Peço perdão ao tribunal. A promotoria chama energicamente a atenção do tribunal para a gravidade do crime do qual a ré é acusada e do perigo que pode representar à testemunha principal de acusação a liberdade da acusada. Pedimos que a fiança, qualquer que seja o valor, seja negada.

— Meritíssimo — interveio o Sr. Darrow, parecendo chocado —, minha cliente é uma mulher respeitável que sofreu a maior tragédia que pode se abater sobre um membro de seu sexo: o assassinato selvagem, diante de seus olhos, de dois de seus filhos, e a tentativa de homicídio de um terceiro...

— Peço perdão ao douto advogado — replicou o Sr. Picton, com forte dose de sarcasmo.

— Eu não tinha ciência de que a questão já havia sido decidida de forma tão conclusiva. Pensei que estivéssemos reunidos aqui, neste tribunal, para *determinar* o que, de fato, aconteceu aos filhos da ré.

Ainda carrancudo, o juiz Brown assentiu com a cabeça.

— Sou obrigado a concordar com a promotoria neste ponto, Sr. Darrow. O dever de provarem as acusações pode ser deles, mas até que tenham falhado, não posso aceitar sua afirmação de que a Sra. Hunter haja sido vítima dessa tragédia, e devo lhe pedir que não inflame ainda mais com tais declarações uma questão que já é bastante acalorada. Tem algum pedido de fiança?

— Temos, sim, meritíssimo — respondeu o Sr. Darrow. — Se, de fato, minha cliente é culpada de violência contra os filhos, será o primeiro caso dessa natureza de que este ou qualquer outro tribunal tem conhecimento. Além de mãe dedicada, ela foi governanta e enfermeira de muitas outras crianças e, nessa capacidade, sempre se comportou tão heroicamente quanto na noite em questão. Pedimos que reconheça que ela não é ameaça nem para a testemunha da promotoria nem para a comunidade e que, dada a delicadeza tanto de seu sexo quanto de sua natureza, que estabeleça uma fiança razoável, para impedi-la de debilitar-

se na prisão do condado pela duração do que poderá ser um julgamento prolongado.

Com a multidão — e especialmente aqueles de nós nas primeiras duas filas — aguardando com ansiedade, o juiz Brown recostou-se em sua cadeira, quase desaparecendo atrás do estrado. Ele ficou ali por um minuto mais ou menos, antes de voltar à posição anterior.

— O tribunal aprecia as observações do Sr. Darrow a respeito do sexo e do caráter da ré —

disse ele lentamente. — Mas também observa que ela é acusada de um crime capital, de natureza particularmente violenta e passional. Lamentamos quaisquer desconfortos que isso possa causar, e instruiremos o xerife Dunning para que tome todas as providências a fim de se certificar de que a permanência da Sra. Hunter neste prédio seja, se não agradável, pelo menos suportável. A fiança, porém, está negada.

Isso fez com que a multidão recomeçasse a murmurar, e o juiz novamente se manifestou com o martelo.

— Lembro aos convidados de minhas primeiras observações! — exclamou ele. — E lhes asseguro de que falava a sério! — Com a serenidade de volta ao ambiente, o juiz Brown olhou as duas mesas abaixo dele. — Voltaremos a nos reunir na manhã de terça-feira, às nove horas, com o propósito de começar a seleção do júri. Antes de partirmos, porém, permitam-me mais uma vez enfatizar um ponto a ambas as partes deste caso: o tribunal está ciente dos

sentimentos despertados pela questão, e recomenda insistentemente que ambos se abstenham de quaisquer apelos acintosos à emoção ou ao sentimento popular. Estes não serão bons para nenhuma das partes e poderão

prejudicar seus propósitos irremediavelmente. A sessão está suspensa!

Mais uma batida do martelo e todos nos pusemos de pé, enquanto o juiz Brown desaparecia pela porta atrás do estrado. Assim que ele se foi, a sala ganhou vida, com conversas e comentários, principalmente depois que o xerife Dunning e o meirinho Coffey conduziram Libby Hatch por uma porta lateral que conduzia diretamente às celas no porão. Na saída, o Sr.

Darrow lhe deu algumas palavras de encorajamento e ela de fato esforçou-se ao máximo para parecer humilde e agradecida; nos olhos, porém, havia aquele brilho sedutor e coquete que ela parecia incapaz de não lançar aos homens assim que os conhecia. Depois que ela saiu, o Sr.

Darrow começou a conversar com o Sr. Maxon, conversa que o Sr. Picton interrompeu, seguindo diretamente para a mesa da defesa e declarando em voz alta:

— Ora, Maxon! Com que então conseguiu ajuda. Não tenho muita certeza de como veria isso se fosse você, embora suponha que, quando a ajuda vem de um homem tão bem familiarizado com as muitas áreas da lei quanto o Sr. Darrow, não se pode objetar! — Ele estendeu a mão. — Sr. Darrow, meu nome é Picton.

— Sim, eu sei — respondeu o Sr. Darrow, apertando a mão do Sr. Picton com evidente falta de entusiasmo e olhando-o com ar de superioridade. — Também já ouvi falar do senhor, embora seja obrigado a dizer que as informações que obtive vieram de canais mais... — ele lançou um olhar a Marcus — ... diretos.

— Bem, os grandes homens fazem o que querem, os menores o que devem — replicou o Sr. Picton em tom



leviano. — Onde Vanderbilt o instalou, Darrow? Em algum lugar confortável, acredito. Não que Ballston tenha muitos luxos a oferecer. Quem sabe você não me dará o prazer de fazer uma refeição em minha casa, se precisar?

À menção do Sr. Vanderbilt, o advogado de Chicago lançou ao Sr. Picton um olhar de aborrecimento absoluto.

— Admito, Sr. Picton, que não parece haver aspecto dessa situação que lhe tenha escapado à atenção. Ou será que toda a Ballston Spa conhece os detalhes das providências tomadas pela Sra. Hunter para sua defesa?

— Ah, meu bom Deus, não! — respondeu o Sr. Picton com uma risada. — E eu não diria nada a eles, se fosse você. A atitude do juiz Brown em relação aos cidadãos de nossa metrópole no sul do estado é, lhe asseguro, bastante típica dos residentes deste condado. Mas não precisa se preocupar que *eu* vá contar a alguém. Não estaria agindo com espírito esportivo, não é mesmo?

Era muito fácil ver que o Sr. Picton se esmerava em irritar o Sr. Darrow, e que estava tendo sucesso.

— Não tenho certeza se “esportivo” é uma palavra que eu usaria em referência a um caso tão trágico quanto esse — murmurou o Sr. Darrow. — E receio que eu não vá poder aceitar sua oferta, pois estarei hospedado no Grand Union Hotel, em Saratoga. Estaremos organizando nossos esforços de lá.

O Sr. Picton franziu o cenho diante dessa informação.

— Humm — gemeu ele. — Bem, eu também não deixaria vazar essa informação. As pessoas em Ballston não fazem melhor juízo de Saratoga do que de Nova York. Elas

imaginam que se trata apenas de um playground para estrangeiros ricos e seus criados. — Os olhos do Sr.

Darrow se arregalaram com o choque daquele insulto, mas o Sr. Picton continuou a falar. —

Espero que não se importe com o fato de eu ser tão pródigo com conselhos, mas quero me certificar de que mantenhamos o campo mais nivelado possível. Bem, até logo, Maxon. Boa sorte. E Darrow, se mudar de ideia em relação ao convite, é só me avisar, OK?

Como resposta, o Sr. Darrow resmungou algo baixinho, enquanto passava pelo portão na grade de madeira, acompanhado pelo Sr. Maxon. Passando por nossa fileira de bancos, o Sr.

Darrow dirigiu ao nosso grupo um olhar duro e frio; reconhecendo o Doutor, porém, ele se deteve e fez meia-volta, aproximando-se da primeira fila de cadeiras com um ar mais amigável.

— É o Dr. Kreizler, não é? — perguntou, a voz profunda tornando-se muito cordial. O

Doutor apertou a mão que o Sr. Darrow estendeu. — Sou um grande admirador de seu trabalho, Doutor, se me permite dizê-lo.

— É claro — replicou o Doutor, analisando o advogado enquanto ele sorria de modo cativante. — Obrigado, Sr. Darrow.

— Diga-me, senhor — prosseguiu o homem de Chicago —, é verdade que está atuando como consultor da promotoria neste caso?

— Isso o surpreende? — indagou o Doutor.

— Admito que sim — afirmou o Sr. Darrow. — Não imaginei que fosse o tipo de homem a colaborar com o desejo do Estado de punir qualquer pessoa que possa pegar, a fim de pôr um fim a essa misteriosa tragédia.

— É essa minha motivação, Sr. Darrow?

Dando de ombros, o Sr. Darrow prosseguiu:

— Não me ocorre nenhuma outra. E sou obrigado a dizer que tal comportamento não lhe parece apropriado. Mas talvez eu tenha tido uma impressão errada. Ou talvez o senhor tenha suas próprias razões para negociar com o Estado. — Vendo os olhos do Doutor arregalarem-se ligeiramente a essa sutil e disfarçada referência à investigação sobre o Instituto Kreizler, que ainda estava acontecendo em Nova York, o Sr. Darrow sorriu. — Qualquer que seja o caso, torço para que tenhamos chance de conversar em algum momento. Fora do tribunal, quero dizer. Estou sendo totalmente honesto ao dizer que admiro o que o senhor faz. O que... *em geral* faz. Bom dia.

O Doutor assentiu com a cabeça, ainda sorrindo.

— Bom dia, senhor.

O Sr. Darrow seguiu o Sr. Maxon até as portas de mogno, onde foram imediatamente detidos pelo Sr. Grose e alguns outros jornalistas que vieram de Saratoga.

— Homem esperto — disse o Doutor, observando o comportamento do Sr. Darrow com os repórteres, que mostrava que o advogado de Chicago estava muito à vontade com a situação.

— Ah, sim — disse o Sr. Picton, vindo até nós. — Um puritano esperto e hipócrita, envolto no tecido ralo do povo. — Voltando-se para arrumar a valise, o Sr. Picton riu com vontade. —

Uma das pessoas mais fáceis de se irritar!

— Você certamente fez o melhor que pôde — disse o Sr. Moore, gesticulando com a cabeça. — *Quer* passar o julgamento altercando com o homem?

— Tenho certeza de que o Doutor irá concordar, John — respondeu o Sr. Picton, pondo o cachimbo apagado na boca —, que quando um homem está constantemente irritado, ele tem maior probabilidade de cometer erros de julgamento.

— É, pensei que fosse este mesmo seu propósito, Sr. Picton — disse o Doutor. — E o alcançou admiravelmente.

— Ah, foi fácil — replicou o Sr. Picton, pondo a valise debaixo do braço. — Advogados como aquele, como eu lhe disse, costumam pensar que não têm nada a aprender nem com o próprio Jesus Cristo, em seu papel de salvadores com uma missão. Irritá-los é tão fácil quanto cair de um tronco rolando, de fato. Bom! O início correu bem, mas eu gostaria que nos reuníssemos e repassássemos os próximos passos, se o Doutor concordar. — Tornando a pegar o relógio, o Sr. Picton o consultou. — Podemos conversar em meu gabinete, se quiser.

— Naturalmente — concordou o Doutor, indo à frente no corredor e desviando-se do pequeno grupo de repórteres que ainda fazia perguntas ao Sr. Darrow e ao Sr. Maxon.

Eles tentaram deter o Sr. Picton também, com perguntas bastante previsíveis: a acusação do Estado contra Libby

Hatch não era um ato de desespero? que motivo a mãe poderia ter para matar os próprios filhos? a mulher que agisse assim não teria de ser insana? — esse tipo de coisa. O Sr. Picton, porém, estava preparado para isso, e muito habilmente desvencilhou-se do grupo sem dizer nada de importante, o tempo todo mandando-os de volta ao Sr. Darrow, que, estava certo, teria declarações muito mais interessantes a fazer do que o humilde promotor-assistente de um condado.

Uma vez em seu gabinete, no andar de cima, o Sr. Picton nos disse que sua principal preocupação a essa altura era descobrir que tipo de cidadãos dariam os melhores jurados para o caso, e elaborar um conjunto de perguntas que separasse tais pessoas do restante dos candidatos a ser convocados. Ele pediu a opinião do Doutor sobre a questão e obteve uma resposta rápida: homens pobres, aconselhou o Doutor, preferivelmente camponeses, seriam as melhores opções — homens que levassem uma vida dura, e cujas famílias estivessem acostumadas a tempos difíceis. Tais pessoas saberiam melhor com que facilidade os conflitos pessoais e as preocupações financeiras podem levar à violência, mesmo numa família feliz e tranquila na aparência: elas provavelmente teriam visto ou pelo menos ouvido falar de mulheres que agrediam os próprios filhos quando a situação ficava especialmente desencorajadora ou frustrante, e não compartilhariam da opinião dos mais abastados sobre a pureza das ações e dos motivos femininos. O Sr. Picton disse que estava aliviado por ouvir essas palavras, pois condiziam perfeitamente com suas ideias; o truque agora seria descobrir formas de identificar esses homens sem sugerir ao Sr. Darrow o que estava fazendo.

Quanto ao Doutor, sua principal preocupação ainda era preparar Clara Hatch para o que estava por vir: agora que

havíamos conhecido o Sr. Darrow, era fácil ver que ele seria esperto o bastante para encontrar muitas maneiras de enganar Clara e fazê-la parecer não tanto uma mentirosa, mas uma garotinha confusa que, na realidade, não se lembrava do que lhe acontecera de fato, e fora instruída pela promotora a contar aquela história. Era provável, disse o Doutor, que o Sr. Darrow fizesse essa tentativa da maneira mais delicada e amistosa possível, e que, em consequência, Clara se sentisse tentada a concordar com ele. Assim, ela precisaria

aprender, com todo cuidado, que mesmo uma pessoa que parece agradável e respeitosa pode estar lhe preparando armadilhas: um fato que ela certamente sabia por experiência própria, mas que talvez não tivesse elaborado totalmente no que o Doutor chamava de “mente consciente”.

O Doutor trabalharia dobrado até a segunda-feira, inclusive no fim de semana, pois passaria os dias preparando Clara e as noites, entrevistando Libby Hatch e avaliando seu estado mental. Tendo eu mesmo passado por esse processo com o Doutor, e tendo-o visto realizá-lo com outros, eu sabia no geral o que aconteceria na cela no porão onde estava Libby: haveria poucas perguntas diretas sobre os assassinatos, somente uma série de indagações aleatórias sobre a infância da mulher, sua família e vida particular. A lei exigia que Libby cooperasse com ele, embora isso não significasse que ela não pudesse pelo menos tentar manipular suas respostas de forma a confundir o Doutor. Mas eu vira criminosos muito mais endurecidos tentar o mesmo com ele e fracassar enormemente: não parecia que Libby teria muita chance, mesmo com toda sua astúcia. Ainda assim, eu sabia que seria uma série de encontros bastante interessante, e esperava ter tempo de assistir a uma parte dela.

Entretanto, isso não parecia provável, pois os outros membros de nosso grupo não estariam exatamente ociosos nos poucos dias que nos restavam antes do começo do julgamento. Os Isaacsons — dessa vez em companhia do Sr. Moore, que usaria qualquer desculpa para voltar às mesas de jogo de Saratoga — assumiram a tarefa de descobrir que testemunhas e especialistas o Sr. Darrow planejava chamar, além de tentar prever o máximo que pudessem de sua estratégia de julgamento. A Srta. Howard ainda estava determinada a encontrar alguém, se não verdadeiramente aparentado com Libby Hatch, que pelo menos soubesse de sua infância, e parecia que eu teria de continuar a ajudá-la nessa busca, pelo menos até terça-feira. Isso não me deixava muito entusiasmado, pois me parecia que estivéssemos caçando fantasmas. Eu teria preferido mil vezes ir para Saratoga com o Sr. Moore; mas sabia o quanto era importante a tarefa da Srta. Howard, e tentei aceitá-la com um humor tão bom quanto o que El Niño demonstrava diante da possibilidade de continuar a brincar de guarda-costas para “a dama”, que fora sua benfeitora original no grupo.

No entanto, boas intenções e trabalho árduo nem sempre dão resultado, e no fim de semana não havíamos descoberto coisa alguma que viesse a ser informação útil. Era quase como se tivesse havido uma tentativa deliberada de apagar qualquer traço da existência de Libby.

Nossas viagens acabaram por nos levar bem para o norte, pelas margens meridionais do Lake George e até a margem da floresta de Adirondack; e embora o campo fosse ficando cada vez mais belo, os povoados também se tornavam cada vez menores e menos frequentes, até que levávamos a maior parte do dia apenas para chegar até eles e quase toda a noite para voltar para casa. Uma coisa, pelo menos, era certa: se Libby Hatch houvesse de fato nascido e sido

criada numa cidadezinha do condado de Washington, então nem ela nem a família saíam muito

— supondo-se, é claro, que ela não tivesse matado a todos, anos atrás, ideia que começou a assombrar meus pensamentos cada vez mais naquelas viagens longas e inúteis, de vilarejo em vilarejo. Quanto à Srta. Howard, ela não parecia gostar mais do que eu da ideia de continuar procurando uma agulha que talvez nem mesmo estivesse naquele palheiro; e eu sabia que, como eu, ela também tinha o desejo de assistir a uma das entrevistas do Doutor com Libby Hatch. Mas a Srta. Howard mantinha a mim e a El Niño alertas, sabendo que qualquer pista sobre o passado de Libby que pudesse ser usada no tribunal significaria muito mais do que nos

entretermos com a batalha de inteligências que estava acontecendo no subsolo do fórum de Ballston.

Entretanto, recebíamos relatórios noturnos sobre tais encontros, sentados à mesa de jantar do Sr. Picton, para o que, em decorrência de nossas atividades, vinham a ser ceias muito tardias. Durante a primeira dessas refeições, o Doutor explicou que o comportamento de Libby em relação a ele fora tipicamente mutável: ela começara com ares de profunda mágoa, como se o Doutor — alguém por quem Libby expressara admiração na primeira vez em que se viram —

houvesse deliberadamente lhe causado algum sofrimento, ao tentar atribuir não só o sequestro da menina Linares, como também as mortes das crianças de quem ela cuidara em Nova York, além do assassinato de seus próprios filhos. Essa era uma atitude astuta da parte dela, disse-nos o Doutor: consciente ou inconscientemente, Libby estava tirando partido do horror secreto que todos sentiam diante



da atribuição à mãe dos crimes hediondos cometidos contra as crianças das quais ela deveria cuidar, e da convicção da sociedade de que aquilo que a Srta. Howard chamava de o “mito da capacidade maternal de nutrir” era, na verdade, tão sólido e seguro quanto as montanhas Rochosas. Mas assim que ficou claro que o Doutor não deixaria seu desconforto sobrepujar o intelecto, Libby passara rapidamente ao que, para ela, era um papel igualmente familiar: o de sedutora. Começara a provocar o Doutor em relação aos anseios e desejos secretos que deviam estar ocultos sob a aparência neutra e disciplinada do médico.

Esse caminho, naturalmente, também não a levou a lugar algum e, assim, no fim, fora obrigada a recorrer ao último de seus comportamentos mais comuns: a raiva. Deixando de lado a vítima e a tentadora, transformara-se na punidora, sentada, petulante, em sua cela, dando às perguntas do Doutor respostas curtas e ressentidas — muitas das quais, ele podia ver, rematadas mentiras

— e pontuando as declarações com ameaças do quanto ele um dia iria se arrepender por se meter com ela. Mas o que Libby não sabia era que essa mudança de atitude por si só dava ao Doutor exatamente o que estava procurando: a capacidade de Libby de analisar o que ele estava tentando fazer e, assim, criar uma série de respostas diversas, porém cuidadosamente planejadas, era evidência de que, como ele sempre suspeitara, nenhuma doença mental ou distúrbio cerebral dominava seu comportamento. O próprio fato de ela elaborar respostas ardilosas e desonestas — todas voltadas a um propósito maior — era prova de sua sanidade.

Isso tudo era muito interessante, e a Srta. Howard e eu continuávamos desejando poder estar presentes a algumas das sessões; no entanto, ninguém invejava o fato de o

Doutor ter-se tornado o objeto específico do ódio de Libby, dado o número de exemplos que descobríamos de como ela lidava com pessoas — crianças ou adultos — que frustrassem seus propósitos.

Confesso que quanto mais ouvia sobre esse processo de avaliação, mais eu me preocupava com o Doutor, até que finalmente perguntei-lhe se tomava o cuidado de ter presente durante as entrevistas alguém que pudesse impedir a mulher de lhe causar, súbita e inesperadamente, algum mal físico. Ele respondeu que sim, o guarda Henry ficava do lado de fora da cela de Libby, prestando atenção a tudo que acontecia o tempo todo em que ele, o Doutor, permanecia ali.

Quanto aos sargentos-detetives e ao Sr. Moore, suas tentativas de descobrir o que o Sr.

Darrow estava preparando em Saratoga foram quase tão proveitosas quanto os esforços de nosso grupo de aprender sobre o passado de Libby — pelo menos, até sábado. Naquela noite, enquanto o restante de nós sentava-se na sala de jantar do Sr. Picton, ouvindo o Doutor falar

sobre sua mais recente entrevista com Libby, os três chegaram mais tarde do que de hábito, num estado de espírito consideravelmente melhor do que o de quando haviam saído de casa naquela manhã. Pareciam ter finalmente conseguido algum progresso, por meio de um investigador particular que estivera trabalhando para o Sr. Darrow em Nova York: Lucius conhecia o detetive e, quando o homem aparecera no Grand Union Hotel para entregar o relatório ao Sr. Darrow, o sargento-detetive o interceptara e arrancara dele algumas informações — sem, naturalmente, dizer que estava trabalhando para o lado oposto. Embora o investigador não houvesse fornecido detalhes, seus

comentários gerais tinham sido suficientes para confirmar que o Sr. Darrow estava de fato tentando descobrir tudo que podia sobre as presentes atividades do Doutor, assim como sua situação na cidade, incluindo os problemas que enfrentava desde o suicídio de Paulie McPherson. Nada disso nos chocou: já no início imagináramos que o Sr. Darrow usaria o Doutor para atacar nossa causa contra Libby Hatch.

No entanto, a breve referência que Lucius fez sobre outro ponto que o investigador Ihe dissera foi causa de preocupação consideravelmente maior para o Doutor.

— Ah, por falar nisso — disse Lucius, sorrindo para a Sra. Hastings, que punha à sua frente um prato imenso e cheio —, ele está trazendo seu próprio alienista para fazer uma avaliação de Libby.

A expressão do Sr. Picton subitamente era de perplexidade.

— É mesmo? Pergunto-me por quê. Ele já deixou bastante claro que não pretende pautar a defesa pela linha da insanidade.

— É verdade — concordou o Doutor —, mas quando a promotoria planeja apresentar testemunhas sobre a condição mental de alguém num caso como este, a defesa costuma sentir necessidade de responder da mesma maneira. Com toda probabilidade, Darrow irá aproveitar a oportunidade para mostrar o quão penosa a morte dos filhos foi para Libby, ao mesmo tempo em que demonstra que ela é uma pessoa totalmente competente, equilibrada o bastante para cuidar não só dos próprios filhos, como também de outras crianças. Seu colega não mencionou o nome do alienista, mencionou, Lucius?

— Humm, mencionou, sim — respondeu Lucius, atacando a comida caseira que todos passáramos a apreciar muitíssimo desde nossa chegada a Ballston Spa. Ele começou a procurar nos bolsos com uma das mãos, recusando-se a depor o garfo. — Escrevi o nome em algum lugar... Ah. — Puxou um pequeno pedaço de papel do bolso interno do paletó. — Aqui está...

White. William White.

O Doutor parou de mastigar de repente, olhando para Lucius, preocupado.

— William *Alanson* White? — perguntou.

Lucius tornou a olhar o papel.

— É, isso mesmo.

— Qual é o problema, Kreizler? — indagou o Sr. Moore. — Você conhece o homem?

— Certamente — respondeu o Doutor, empurrando o prato para um lado. Em seguida, levantou-se lentamente e apanhou uma taça de vinho.

— Algum problema? — quis saber o Sr. Picton.

Os olhos escuros do Doutor voltaram-se para a janela e fixaram-se na noite lá fora.

— Um mistério, certamente. *White*... — Refletindo mais alguns segundos sobre a questão, o Doutor por fim voltou à conversa. — Ele é um dos melhores da geração mais jovem. Tem a

mente brilhante e é altamente imaginativo. Trabalha no Hospital Estadual, em Binghamton, e vem realizando um trabalho fascinante a respeito da mente criminoso; do inconsciente criminoso, em particular. Apesar da idade comparativamente jovem, também tornou-se um perito muito habilidoso, convocado com frequência para testemunhar em julgamentos.

— É seu inimigo? — perguntou Marcus.

— Muito pelo contrário — replicou o Doutor. — Já nos encontramos diversas vezes e nos correspondemos regularmente.

— Que estranho! — exclamou a Srta. Howard. — O normal seria Darrow querer trazer alguém abertamente hostil a suas teorias, já que está se dando ao trabalho de trazer alguém.

— Exato — respondeu o Doutor, com um gesto afirmativo da cabeça. — Mas isso não é o mais estranho, Sara. White e eu tendemos a partilhar uma opinião negativa sobre o sistema penal deste país e de seus métodos de desencorajar o crime e cuidar dos doentes mentais. Mas em geral discordamos na definição em si de doença mental. Suas classificações costumam ser bem mais abrangentes do que as minhas, e ele inclui em sua categorização de “atos insanos”

um número de comportamentos criminosos muito maior do que eu faria. Por isso, quando ele se apresenta como perito, quase sempre é com o propósito de demonstrar que determinado réu tem algum tipo de desequilíbrio e, portanto, não é responsável legalmente por seus atos.

— Hummm — murmurou o Sr. Picton. — O que pareceria levar à ideia de que Darrow pode estar guardando uma espécie de trunfo de insanidade, para o caso de precisar

jogá-lo mais tarde. Embora eu não acredite que seja tão estúpido assim.

— Nem eu tampouco — concordou o Doutor. — O argumento da insanidade, quando apresentado no meio do julgamento, raramente funciona. Poucos júris deixam de ver uma mudança na contestação como um ato de desespero.

— Bem, então — interveio o Sr. Moore, olhando confuso do Doutor para o Sr. Picton —, o que acham que Darrow está pretendendo?

O Doutor limitou-se a abanar a cabeça lentamente.

— Não sei... e isso me perturba. Na verdade, tem muita coisa em nosso oponente que me perturba. — Andando de um lado para o outro diante da janela, o Doutor girava a taça de vinho nas mãos. — Vocês descobriram quando é a chegada de White?

— Na noite de terça — disse Lucius. — Depois do começo do julgamento.

— Deixando-me pouco tempo para conferenciar com ele — completou o Doutor, voltando a assentir com a cabeça. — É, uma jogada esperta. Mas o que, em nome de Deus, Darrow quer que ele diga?

Logo, logo saberíamos a resposta para essa pergunta; e ela, como quase tudo sobre o Sr.

Darrow, fazia com que fosse fácil entender por que ele um dia iria se tornar o maior advogado criminal de defesa que o país já vira.

## **CAPÍTULO 43**

Nosso aprendizado começou na manhã de terça-feira, quando homens convocados nos campos, balcões de lojas e salões de bar, em todo o condado de Saratoga, lotaram o fórum de Ballston Spa para saber se passariam as semanas seguintes como membros do júri, no que estava ficando popularmente conhecido como “o julgamento Hatch”.

Desde o início da sessão, o Sr. Darrow demonstrou saber exatamente o que o Sr. Picton pretendia, e que sua intenção era frustrá-lo a cada oportunidade. Às duas partes foram concedidas vinte “impugnações peremptórias” — o direito de recusar um candidato ao júri sem apresentar justificativa —, e as dez primeiras do Sr. Darrow foram exercidas em relação a indivíduos que não poderiam se enquadrar melhor no conceito que o Doutor e o Sr. Picton tinham do jurado ideal. Eram homens pobres porém inteligentes, donos de uma sabedoria em relação ao mundo que não parecia ajustar-se ao fato de que a maioria nunca havia deixado o condado, muito menos o estado. Chegada sua vez de interrogá-los, o Sr. Darrow era bastante simpático — tinha muito interesse em manipular a multidão nas galerias para que não fosse assim. Ele entabulava uma conversa agradável sobre a situação na cidade ou sobre o quanto a temperatura úmida e fresca naquele verão estava afetando as colheitas; no entanto, no minuto em que um mencionasse, digamos, o fato de que crescera numa casa de um só cômodo no campo ou, ainda pior, que sua mãe, avó, tia ou irmã havia em determinada ocasião manifestado um comportamento violento, via-se dispensado com um amistoso “Obrigado” (sem qualquer explicação) por parte do advogado de defesa.

O Sr. Picton, por sua vez, não se deixava enganar pela maneira aparentemente inocente com que o Sr. Darrow questionava os mais instruídos e mais prósperos candidatos ao júri sobre o “estado natural” de homens e mulheres, e se

a sociedade humana poderia ter-se deteriorado ao ponto em que os vínculos mais básicos entre os membros da espécie — “a lei natural da sociedade dos homens”, como expressou o Sr. Darrow — poderiam ser rompidos sem causa. O

Sr. Darrow não disse abertamente que o elo entre a mãe e os filhos era parte dessa “lei natural”; não era preciso. Estava claro que a maioria das pessoas ali naquele tribunal acreditava silenciosamente que era esse o caso. Entretanto, da mesma forma que o Sr. Darrow dispensava qualquer possível jurado que falasse abertamente de violência feminina, também o Sr. Picton reprovava qualquer um que expressasse a crença em tais vínculos “naturais” ou

“fundamentais”. O Sr. Darrow, em determinado momento, protestou que o Sr. Picton parecia estar jogando fora “todo o conceito de lei natural”, noção que, segundo o advogado de Chicago, era a fundação da Constituição americana e da Declaração de Independência dos Estados Unidos. O Sr. Picton respondeu que a função do tribunal não era entrar em tais discussões filosóficas — a preocupação deles deveria ser com a lei criminal, não com a natural. Essa era uma atitude que, embora não lhe conquistasse nenhuma afeição por parte do

juiz Brown, era perfeitamente própria e estava dentro de seus direitos, e muitos candidatos que se incluíam na preferência do Sr. Darrow foram devida e sumariamente despedidos.

Ao meio-dia, cada homem já fizera valer a maior parte de suas impugnações peremptórias e, ainda por cima, rejeitado alguns jurados por causa específica, de modo que, quando foi anunciado o recesso do meio-dia, somente metade do júri tinha sido selecionada. Parecia que a sessão da tarde viria a ser um pouco mais tensa do que a da manhã, pois



quando um ou outro advogado esgotasse suas impugnações significaria que ele teria de começar a apresentar razões completas para rejeitar determinado candidato. Às três horas, as impugnações de ambas as partes tinham-se esgotado, faltando ainda cinco jurados a ser selecionados. E embora o Sr.

Picton imaginasse que a maioria dos homens já escolhidos para o júri fossem caracteres que ele provavelmente poderia persuadir a ver os fatos à sua maneira, ele também suspeitava que o juiz Brown tendia muito mais a ter simpatia pelas justificativas que o Sr. Darrow apresentava para rejeitar candidatos do que às da promotoria. Essa suspeita provou-se legítima. O Sr.

Darrow continuava a repetir que o conceito da “lei natural” era o esteio de todo o governo e de toda a sociedade americana: se algum homem aceitasse a ideia de que os “elos da natureza”

pudessem ser “caprichosamente quebrados”, disse o Sr. Darrow, estaria em essência afirmando que os próprios Estados Unidos eram um conceito seriamente imperfeito — e se pensasse dessa maneira, tal homem não tinha o que fazer num júri americano.

Essa era, como disse o Doutor, uma “lógica ridícula porém singularmente eficaz”, expressa pelo Sr. Darrow como se fosse uma convicção profunda, porém mais provavelmente criada para esse caso e essa cidade particulares em que trabalhava no momento. (Essa ideia pareceu confirmar-se quando descobrimos que o juiz Brown servira como oficial na Guerra Civil —

fato que o Sr. Darrow provavelmente descobrira.) O Sr. Picton não tinha justificativas filosóficas igualmente simples

para rejeitar candidatos ao júri; na verdade, não tinha nenhuma razão que apelasse ao velho patriotismo do juiz Brown. Ao Sr. Picton só restava continuar a protestar que não se deveria deixar que os sentimentos pessoais sobre política, filosofia ou mesmo religião influenciassem o julgamento num processo penal, onde a culpa e a inocência eram determinadas pelas provas, não por crenças. Esse raciocínio era um pouco pálido para o juiz Brown, e à medida que as sombras se espichavam no chão da sala de audiências, começava claramente a aborrecê-lo, ao passo que as tentativas deliberadas do Sr. Darrow de invocar os mais profundos sentimentos do velho — expressos, como eram, na oratória

“simples” do Meio-Oeste que o Sr. Darrow obviamente dominava — só pareciam tornar-se mais coloridas e persuasivas.

No momento em que os doze lugares no júri se viram preenchidos, não havia maneira objetiva de determinar que lado tinha vantagem em termos das inclinações pessoais dos homens selecionados. Mas, se eu me visse obrigado a fazer uma aposta nesse sentido, teria dito que a balança pendia em favor do Sr. Darrow — e o fato de que o Sr. Moore trouxera do cassino naquela noite a notícia de que a aposta contra a condenação subira a sessenta contra um pareceu confirmar essa sensação. Para o Sr. Picton, a batalha começaria de forma árdua.

Entretanto, tínhamos testemunhas e evidências a nosso favor, e ainda não havia razão para acreditar que estas não modificariam a opinião até mesmo daqueles jurados infimamente inclinados a ver com certa dúvida as acusações contra Libby Hatch; afinal o xerife Dunning no início também mostrara-se cético em relação aos argumentos da promotoria, mas acabara

mudando completamente de ideia por causa da audiência de pronúncia. Ciente de tudo isso, o Sr. Picton ficou no gabinete até muito tarde na noite de segunda-feira, repassando suas alegações iniciais (a ser apresentadas na manhã seguinte) e também o plano segundo o qual ele revelaria as provas circunstanciais e chamaria as testemunhas. À meia-noite, aproximadamente, a Sra. Hastings me pediu que levasse comida para ele no fórum, e fui encontrar o Sr. Picton ainda trabalhando como um louco, fumando, lendo, ensaiando e mais uma vez puxando a barba e os cabelos como se tivesse a firme intenção de arrancá-los. Aquela visão fez com que eu ficasse ainda mais maravilhado com o quão tranquilo e senhor de si ele se apresentou na sala de audiências: eu sabia que não havia como dizer em que lugar do mundo determinada pessoa se sentiria mais à vontade, mas, neste caso, a diferença entre o homem ansioso, ligeiramente excêntrico, que conhecíamos fora do tribunal, e o advogado brilhante e disciplinado que vimos se apresentar no tribunal era tão extrema que chegava a ser desconcertante.

No entanto, confuso ou não, o Sr. Picton *sempre* impressionava no tribunal, especialmente na manhã seguinte, quando abriu o julgamento de Libby Hatch. Às dez horas, o juiz Brown bateu o martelo, pondo ordem no recinto, e Iphigeneia Blaylock posicionou as ágeis mãos, deixando-as prontas para registrar as alegações iniciais do Sr. Picton. Quando o promotor-assistente se levantou para dirigir-se ao júri, não havia em seu rosto sinal do sorriso malicioso que estivera em evidência durante o libelo e a escolha dos jurados: ele estava totalmente sério, sabendo, pareceu-me, que essa mudança no estado de espírito faria o júri manter a atenção fixa desde o início. Vestindo um terno escuro que parecia reforçar a ideia de que ele estava ali, diante deles, para tratar de uma questão na qual não tinha nenhum interesse pessoal, o Sr.

Picton andou de um lado para o outro diante da tribuna do júri por cerca de um minuto antes de começar; foi somente quando viu os doze jurados completamente atentos e, poderíamos dizer, receptivos, que ele abriu a boca.

— Cavalheiros — começou, de maneira bem mais lenta e melancólica do que era de seu costume —, os senhores ouviram as acusações do Estado contra a ré. No entanto, existem fatos que não foram incluídos na pronúncia, dos quais os senhores deveriam ter conhecimento. — O

Sr. Picton ergueu a mão em direção à mesa da defesa sem olhar para Libby Hatch. —

Recentemente esta mulher perdeu o marido, um homem de grande bravura que, no passado, sacrificou a saúde pelas nobres causas da União e da emancipação. Ninguém aqui deve pensar que a promotoria ignora esse fato ou que iria, como o advogado de defesa insinuou para a imprensa local, perturbar o luto dessa mulher simplesmente pelo capricho de solucionar um crime antigo e perturbador. Digo-lhes com honestidade que não faríamos isso. Mesmo que tivéssemos tempo de cumprir uma agenda assim particular e perversa, a memória de um homem que foi um dos muitos heróis deste país num momento crítico nos impediria de continuar, tão seguramente quanto a queda de uma árvore imensa bloquearia o trânsito na estrada de Charlton.

Eu me inclinava à frente na cadeira, não só para ouvir tudo que o Sr. Picton dizia, mas também para ver as reações do Doutor àquelas palavras. À menção do pobre e velho Micah Hunter, o Doutor começou a assentir, esforçando-se para manter a expressão do rosto impassível.

— Ótimo — sussurrou ele. — Ótimo. Não deixe Darrow *apossar-se* deste tema.

O Sr. Picton fez uma pausa, fitando o teto.

— A estrada de Charlton... — Voltou-se novamente para o júri. — Aqui estamos nós...

relutantemente, senhores, nunca duvidem disso... porque algo de abominável ocorreu há três anos na estrada de Charlton. Um acontecimento que nós, como comunidade, rezamos para que nunca se repita. E que gostaríamos de poder esquecer. Mas não podemos. Existem dois túmulos no cemitério da Ballston Avenue que não nos deixa esquecer, e há uma garotinha semiparalisada e, até vários dias atrás, muda de terror, que também não nos deixa esquecer.

Sua própria existência tem sido um lembrete, nesses três anos, do horror ocorrido naquela noite. No entanto, agora, de repente, ela pode nos oferecer mais do que sua presença simples porém comovente. Finalmente, depois de três longos anos, durante os quais ela vem sofrendo um tormento íntimo que está além da imaginação até mesmo daqueles bravos homens que sobreviveram à carnificina de nossa grande Guerra Civil, finalmente, a pequena Clara Hatch consegue falar! E pode alguém aqui acreditar, cavalheiros, que quando ela enfim se sente segura o bastante para dar voz às suas terríveis lembranças, essa criança possa ser persuadida a *mentir*? Algum de vocês pode seriamente crer que, depois de tudo que sofreu, essa garotinha de oito anos possa ser abordada por agentes do Estado e persuadida a fabricar uma história sobre o que aconteceu na estrada de Charlton, onde seus dois irmãos foram assassinados a bala e ela própria sofreu um ferimento que seu atacante claramente esperava fosse mortal?

Fazendo uma pausa de um instante para olhar o júri, o Sr. Picton esforçou-se visivelmente para controlar suas

emoções — esforço este que eu já podia dizer, conhecendo-o como o conhecia, iria fracassar.

— É nisso que a defesa gostaria que vocês acreditassem — prosseguiu ele, assentindo com a cabeça. — De fato, a defesa gostaria que vocês acreditassem em muitas coisas. Ela irá referir-se à declaração juramentada da mulher que era então conhecida como Sra. Libby Hatch, e irá chamá-la ao banco das testemunhas para, mais uma vez, contar sua história estranha, sem nenhuma sustentação, sobre um misterioso assaltante negro, que atacou seus filhos mas não a ela, e então desapareceu no meio da noite, para nunca mais ser visto ou descoberto, apesar das intensas buscas realizadas. No entanto, os fatos, como a única outra testemunha dos acontecimentos daquela noite os conta, são simples demais, claros demais, mesmo em meio a todo o seu horror, para que vocês se deixem levar pelos caminhos de uma história fantástica, apoiada pela defesa. Tenho certeza disso. Certeza, pois ouvi a versão dos fatos dos lábios da pequena Clara. E é só porque ouvi essa história hedionda que o Estado levanta essas acusações contra a ex-Sra. Hatch. Não duvidem disso, cavalheiros. Não duvidem que, se Clara Hatch não houvesse afirmado, exatamente neste prédio, sob juramento e diante de todo o assustador poder de um tribunal de justiça que foi sua própria *mãe* quem cometeu o infame ato, que friamente pôs o cano de um revólver calibre quarenta e cinco de encontro ao tórax das três crianças e, deliberadamente, puxou o gatilho, não uma única vez, porém repetidamente, até estar convencida de que todos os três filhos estavam mortos... não *duvidem* que, se outra pessoa que não Clara Hatch houvesse feito tal afirmação, o Estado nunca teria a temeridade de fazer essa terrível acusação contra esta mulher! Não, cavalheiros! Não temos motivos ocultos aqui. Não iríamos brincar com o equilíbrio mental, com a própria *sanidade*, de uma criança, simplesmente para dar solução a

um crime não resolvido. Antes *cem* crimes sem solução do que o Estado agir de tal maneira! Nós... vocês... estão aqui por uma simples razão: porque a

única pessoa que assistiu ao que aconteceu na estrada de Charlton, naquela noite de maio três anos atrás, apresentou-se para contar sua história. E quando um relato tão horripilante é exposto ao Estado, este não tem escolha senão, relutantemente, e repito, cavalheiros, *relutantemente* pôr em movimento a máquina da justiça, não importa o quanto os acontecimentos resultantes possam perturbar a paz da comunidade, assim como também a paz de cada um de seus cidadãos.

Nesse ponto o Sr. Picton fez outra pausa para respirar fundo, esfregando a testa, como se de fato lhe doesse falar sobre o caso.

— Muito inteligente — Marcus sussurrou para o Doutor. — Ele está assumindo as críticas de Darrow antes mesmo que Darrow as faça.

— É — disse o Doutor. — Mas olhe para Darrow. A mente dele é ágil e está fabricando novas avenidas de ataque, no mesmo momento em que Picton fecha as antigas.

Olhando para o Sr. Darrow, enquanto o Sr. Picton continuava, pude ver o que o Doutor queria dizer: embora mantivesse uma postura relaxada, seu rosto mostrava que o cérebro estava trabalhando como um dínamo.

— Num momento, cavalheiros, os senhores irão ouvir exatamente que provas a promotoria irá apresentar e que testemunhas irá chamar, além do que, como resultado, podem esperar saber sobre o caso. Enquanto ouvirem, porém, uma pergunta irá pairar no fundo de sua mente.

E para que essa pergunta não desvie sua atenção dos detalhes das evidências, creio que devo abordá-la agora. Nem todas as evidências nem todas as testemunhas do mundo irão impedir que vocês se perguntem como... como uma mulher pode ser culpada de um crime dessa natureza? Certamente ela teria de ser louca para cometer um ato desses. No entanto a mulher à frente de vocês não tem nenhuma história de loucura, tampouco a defesa pretende retratá-la como louca. Seus filhos também não eram ilegítimos, nascidos fora do casamento, a outra explicação mais comumente dada para o “filicídio”, o ato de matar o próprio filho. Não.

Thomas, Matthew e Clara Hatch tinham um lar, um pai que lhes dera o nome e essa mãe, cuja mente era e continua a ser totalmente sã. E então vocês se perguntarão: como isso pôde acontecer? O tempo e as normas do processo impedem-me de expor a teoria da promotoria para esses acontecimentos, nesta conjuntura. As evidências é que se encarregarão disso. Peço-lhes agora apenas que se conscientizem da relutância de sua própria mente em aceitar sequer a possibilidade de que esse argumento possa provar-se verdadeiro. Pois somente se os senhores confrontarem seus preconceitos, assim como aqueles de nós que investigaram o caso relutantemente — é, eu torno a repetir, *relutantemente!* — confrontamos o nosso, a justiça poderá ser feita. — Fazendo mais uma pausa para ter certeza de que o júri entendera a mensagem, o Sr. Picton respirou fundo e continuou: — Quanto à questão dos meios e da oportunidade, as evidências irão mostrar...

Nesse ponto, nosso amigo lançou-se numa revisão detalhada porém rápida de cada uma das provas circunstanciais que reunimos, passando desse recital para uma discussão do que suas outras duas testemunhas



principais — a Sra. Louisa Wright e o reverendo Clayton Parker —

teriam a dizer sobre os possíveis motivos de Libby Hatch para cometer o crime.

— Bem, Moore — sussurrou o Doutor, quando tudo isso se passava —, ele está fazendo um trabalho e tanto. *Eu* mesmo chego quase a acreditar que está relutando em levar o processo adiante.

— Eu disse a você — respondeu o Sr. Moore, assentindo com a cabeça, enquanto observava o Sr. Picton. — Ele *nasceu* para esse tipo de coisa.

— É uma estranha inversão — acrescentou a Srta. Howard. — A argumentação dele mais parece a de um advogado de defesa do que de um promotor.

— É esse o truque — disse Marcus. — Ele sabe que Darrow irá argumentar negativamente, assim sendo ele opta pela argumentação positiva. Ele está *defendendo* suas testemunhas e sua causa, mesmo antes que tenham sido atacadas. Muito inteligente... Deve anular alguns dos trunfos de Darrow.

— Gostaria de acreditar nisso — murmurou o Doutor.

Todos voltamos a atenção novamente para a frente da sala, enquanto o Sr. Picton concluía a discussão sobre as evidências que a promotoria apresentaria. Ele retornou à sua mesa, aparentemente preparando-se para se sentar; no entanto, fazendo uma pausa, como se acabasse de lhe ocorrer uma questão que ele não estava bem certo se deveria trazer à baila, o Sr. Picton levou um dedo aos lábios e aproximou-se novamente do júri.

— Mais uma coisa, cavalheiros. O tribunal e a promotoria não fizeram nenhuma objeção ao fato de a ré ser representada por um advogado vindo de outro estado. É direito dela, e o defensor é um advogado proficiente. Gostaria que se lembrassem disso. Um advogado *muito* proficiente. Em seus anos de prática, defendeu os direitos de clientes humildes e poderosos, de grandes corporações e assassinos lunáticos. É possível e natural que vocês se perguntem o que o traz à nossa cidadezinha, tão distante da movimentada Chicago, e a este caso em particular?

A promotoria não pode pretender que não existam forças atuando aqui, pois a ré, durante os anos em que residiu na cidade de Nova York, esteve a serviço de algumas das pessoas mais poderosas daquela metrópole. E elas, talvez naturalmente, procuram ajudá-la nesta hora de necessidade. Assim sendo, foram buscar fora do estado a assistência de, como já disse, um advogado muito proficiente. Esse é o interesse deles. Mas vocês devem estar cientes de algo: no processo de se tornar tão proficiente, o advogado de defesa aprendeu uma ou duas coisinhas sobre júris. Aprendeu como os jurados pensam, como se sentem e como veem a terrível responsabilidade de decidir o destino de um outro ser humano num caso capital. Sim, vocês certamente ouvirão muito sobre *sua* responsabilidade, quando a defesa fizer sua abertura.

Pela primeira vez o Sr. Picton sorriu, ainda que muito brevemente, para os doze rostos diante dele.

— No entanto, qual é a sua responsabilidade, cavalheiros?  
— indagou ele, seu rosto tornando-se sério outra vez. — Avaliar as evidências e os testemunhos que lhes serão apresentados tanto pela promotoria quanto pela defesa. Nada menos... e nada mais. O

advogado de defesa irá lhes pedir que acreditem que ele não pretende manipular suas emoções ou simpatias naturais, apenas que deseja lhes apresentar um argumento o mais claro e franco possível, de modo que, se os senhores jurados decidirem que esta mulher é culpada, a responsabilidade será única e exclusivamente de vocês. Mas, cavalheiros, nosso sistema de júri vem há séculos aperfeiçoando um meio de assegurar que nenhum homem jamais sinta que, à semelhança de Deus, tem o destino de outro nas mãos. Sua responsabilidade é apenas a de avaliar o que lhes é apresentado. É responsabilidade da defesa e da promotoria preparar e comunicar adequadamente seus argumentos. Se vocês considerarem a ré inocente, então a responsabilidade não é sua; é da promotoria. É *minha*, cavalheiros. E o que se aplica a um

lado, aplica-se também ao outro. Vocês não fazem parte da Inquisição dos tempos antigos, encarregados e autorizados a decidir arbitrariamente o destino de um semelhante. Se fossem, aí, sim, seria de vocês a responsabilidade pelo que acontece aqui. Mas essa não é sua atribuição. Sua tarefa é simplesmente ouvir: as evidências, as testemunhas e a voz da dúvida que habita cada um de vocês. Se eu não puder silenciar essa voz a uma medida razoável, então vocês devem decidir contra o Estado. E acreditem, cavalheiros, é a *promotoria* que carregará essa responsabilidade. — O Sr. Picton voltou-se e olhou para o Sr. Darrow, enquanto concluía:

— Pelo menos, é assim que as coisas são feitas no estado de Nova York.

Voltando à sua mesa, o Sr. Picton sentou-se, deixando escapar um profundo suspiro. Em seguida, tirou o relógio, posicionou-o à sua frente e fixou nele o olhar.

O juiz Brown estudou o Sr. Picton por alguns segundos, com uma expressão que combinava aborrecimento com o que se poderia chamar de respeito a contragosto; então virou-se para a mesa do outro lado da sala.

— Sr. Darrow? A defesa deseja fazer a introdução agora ou irá esperar até o momento de sua abertura?

O Sr. Darrow ergueu-se lentamente, dirigindo ao juiz um breve sorriso, enquanto a costureira mecha de cabelo caía em sua testa.

— Era justamente no que eu estava pensando, meritíssimo — disse ele, a voz soando mais profunda e suave do que nunca. — O senhor não teria um conselho para mim?

A multidão riu baixinho, levando o juiz Brown a apanhar o martelo; no entanto a audiência se calou antes que ele começasse a bater.

— Essa não parece uma hora muito própria para frivolidades, advogado — disse o juiz, severamente.

O sorriso do Sr. Darrow desapareceu e as rugas de preocupação em seu rosto pareceram aprofundar-se ainda mais.

— Não... não é, meritíssimo, e eu peço desculpas se faço parecer que penso assim. A defesa fará a abertura agora, com sua permissão. — Saindo lentamente de trás da mesa, o Sr.

Darrow seguiu com passos muito vagarosos em direção à tribuna do júri, os ombros curvados como os de alguém que carregasse um fardo doloroso. — Meu pedido de desculpas foi sincero, cavalheiros... Às vezes a confusão pode provocar um comportamento inadequado. E admito que a promotoria

me confundiu enormemente, e não só em relação a este caso. O Sr. Picton parece saber muito sobre mim... parece saber exatamente o que tenho a dizer a vocês, e com que palavras irei dizê-lo. Sei que já não sou jovem, mas não pensei que já estivesse *tão* velho e previsível assim. — Os jurados sorriram para o Sr. Darrow, que retribuiu brevemente o sorriso.

— Ele me faz parecer uma figura bastante perigosa, não é? Ora, se eu estivesse no lugar de vocês neste momento, eu estaria alerta, pronto para o ataque do advogado da cidade grande que vai... Como é mesmo que a promotoria expressou? “Manipular suas emoções e simpatias naturais.” Um trabalho e tanto, fazer doze homens adultos dançarem como fantoches, todos de uma vez... Deste trabalho, reconheço, cavalheiros, não estou à altura. Principalmente estando assim tão confuso...

Levando a mão ao pescoço, o Sr. Darrow o esfregou com força, apertando os olhos ao fazê-lo.

— Vejam só, a promotoria parece querer que vocês acreditem que teria preferido deixar este caso de lado. Que eles estavam sossegados, cuidando de seus afazeres, quando de repente lá vem uma garotinha, lá vem Clara Hatch, sôfrega para contar sua história sobre o que aconteceu na estrada Charlton, no dia 31 de maio de 1894. Bem, cavalheiros, a verdade é um pouquinho diferente. A verdade é que, depois do... *pesadelo*, a inimaginável *tragédia* na estrada Charlton, minha cliente, a mãe de Clara Hatch, viu-se num estado tão deplorável que se sabia impossibilitada de cuidar de uma menina cujas necessidades seriam tão extremas quanto as de Clara. Então, o que ela fez? Concordou em deixar que dois cidadãos de bem desta cidade, Josiah e Ruth Weston, que a maioria de vocês conhece, cuidasse de sua filha, enquanto

ela saía em busca de um novo futuro para ambas, de maneira que pudessem fugir aos horrores do passado. Sua intenção era voltar para buscar Clara, quando chegasse o dia em que a menina estivesse bem o bastante para deixar os cuidados dos Westons. Até bem pouco, ela acreditava que esse dia ainda estivesse longe. E então recebeu a notícia de que a filha havia recuperado a capacidade de falar... recebeu-a do xerife Dunning, que fora a Nova York prendê-la.

Aparentemente, em razão das primeiras palavras que Clara pronunciou após três anos de silêncio torturado. Que a própria mãe havia atirado contra ela. Essa garotinha atormentada, aterrorizada, um dia retoma a comunicação com o mundo, um fato suficientemente importante por si só. E, *sem que seja forçada a isso*, ela *oferece* à promotoria uma explicação sobre sua trágica experiência, que não casa num só detalhe com a história aceita como verdade por todos neste condado, há três anos, mas que aponta um culpado para o crime, alguém em quem o Estado pode facilmente pôr as mãos!

O Sr. Darrow tirou a mão do pescoço e deu de ombros, num movimento demorado, exagerado.

— Uma história dramática, cavalheiros. E, caso fosse verdadeira, muito difícil de contestar.

Mas o fato é que não é. Clara Hatch não acordou simplesmente numa bela manhã pronta para contar sua história, insistindo para que a ouvissem. Não, ela foi instruída com todo cuidado, instruída e *instigada* de volta ao mundo das palavras. E por quem? Pelo mesmo homem que está agora sentado atrás do promotor. — O Sr. Darrow não olhou para o Doutor nesse momento; entretanto, todos os outros presentes no tribunal o fizeram. — Um homem que

passou a vida trabalhando com crianças vítimas da tragédia e da violência. E um homem que, por acaso, passou a última *semana* avaliando o estado mental de minha cliente e que será chamado ao banco das testemunhas para falar sobre o assunto... pela *promotoria*. — Por fim, o Sr. Darrow olhou em nossa direção. — O Dr. Laszlo Kreizler. Este nome pode não ser familiar a vocês, cavalheiros, ou aos cidadãos do condado de Saratoga em geral. Mas é muito conhecido na cidade de Nova York. Muito conhecido. Respeitado por alguns. Outros... — O

Sr. Darrow tornou a dar de ombros. — Cavalheiros, vocês podem, sim, se perguntar o que e quem me trouxe de Chicago até aqui para defender minha cliente. Mas *eu* me pergunto o que e quem trouxe esse estranho, esse *alienista*, até aqui, vindo dos hospícios de Nova York, para instruir uma garotinha a dizer ao mundo que a própria mãe atirou contra ela. É isso que me deixa confuso, cavalheiros. É isso que intriga o “advogado muito proficiente”, ao ponto de eu não conseguir me controlar para poder “manipular suas simpatias”. Seja lá o que *isto* quer dizer...

Nós, que ocupávamos as duas fileiras atrás do Sr. Picton, trocamos olhares arregalados e ansiosos — pois enquanto o Sr. Picton falara com eloquência ao júri, o Sr. Darrow estava falando a língua deles, e nós todos sabíamos disso.

Esfregando o pescoço novamente, num gesto de cansaço, o Sr. Darrow apanhou um lenço e começou a enxugar as gotas de suor que, à medida que o meio-dia se aproximava, começavam a se formar cada vez mais rápido em seu rosto.

— Meritíssimo — retomou ele, a voz assumindo um tom muito suave e melancólico —, senhores jurados... A vida nos apresenta muitos acontecimentos sem explicação. Alguns são maravilhosos, outros, aterrorizantes. Um pensamento

bastante simples, talvez, mas, como tantas outras coisas simples, cheio de implicações. Porque a mente tende a rejeitar o que não consegue explicar... Rejeitar, temer e depreciar. É o que acontece neste caso, especialmente com os homens cujo trabalho é solucionar crimes e fazer valer a justiça em nome do Estado. O

promotor-assistente rotula a explicação de minha cliente para o que aconteceu naquela noite de uma história “fantástica”. Bem... talvez seja mesmo. Mas isso não quer dizer que seja falsa.

Nem mesmo complicada. Prestem atenção ao que ela disse: que, quando levava os filhos para casa, depois de um longo dia em que se divertiram na cidade e às margens do lago, ela foi atacada por um negro evidentemente lunático, que tentou assaltá-la e ameaçou seus filhos quando ela hesitou em se render. O homem era violento, ensandecido, desesperado... e quando minha cliente fez um movimento súbito que esse homem interpretou como resistência, ele atirou nas crianças e fugiu.

Enfiando as mãos nos bolsos da calça, o Sr. Darrow retornou à frente do júri.

— Não se veem comportamentos como esse com muita frequência aqui no condado de Saratoga, sei disso. Mas isso não significa que não possa acontecer. Acontece toda semana em Chicago. Talvez devêssemos perguntarão Dr. Kreizler... um homem em posição de nos dar essa resposta, cavalheiros... talvez devêssemos lhe perguntar quantas vezes por *dia* isso acontece em Nova York. E lá essa também é uma história “fantástica”? Ou apenas *aqui*, por se tratar de uma cidadezinha tranquila e agradável? A promotoria irá lhes dizer que o fato de que ninguém, além de minha cliente, jamais viu sequer um único sinal do



lunático significa que ele não existiu. Mas lembrem-se, cavalheiros, de que se passaram *horas* antes que minha cliente se controlasse o suficiente para contar a alguém exatamente o que se passara na estrada de Charlton. Tempo mais do que suficiente para que o tal homem chegasse à estação de trem e se escondesse num vagão de carga, ou que entrasse furtivamente numa carroça, e na manhã seguinte se encontrasse longe das equipes de busca em Ballston Spa. Talvez tenha ido parar em Chicago. Talvez em Nova York. Tempo ele teria. Talvez, ao vangloriar-se de ter matado algumas crianças brancas, tenha sido apanhado pela polícia de Nova York, que, não encontrando crianças brancas que houvessem sido baleadas em sua jurisdição, concluiu que ele era louco e o mandou para o famoso Pavilhão de Insanos do Hospital Bellevue. E talvez o Dr.

Kreizler, que faz muitos trabalhos nesse hospital, tenha sido chamado lá para, como dizem os alienistas, “avaliar” o estado mental do homem. Talvez ele tenha pensado que o sujeito estava tendo delírios. Talvez a criatura miserável ainda esteja lá, apodrecendo numa cela, torturada por sonhos com aquelas três crianças na carroça...

Nesse momento o Sr. Darrow olhava para o chão e um tom distante e divagador insinuou-se em sua voz. As sobrancelhas franziram-se sobre os olhos, e ele estremeceu, como se

despertasse.

— A questão, cavalheiros — prosseguiu ele —, é que talvez nunca saibamos. Todos os anos, este caso, e milhares de outros semelhantes, ficam sem solução e se tornam feridas abertas na alma de nossa sociedade. E queremos fechar essas feridas, é claro que queremos.

Quem é que quer viver diariamente sabendo que a qualquer momento um lunático pode surgir na beira da estrada e nos roubar daquilo, ou, pior ainda, das pessoas que mais amamos?

Nenhum de nós. E, assim, procuramos soluções e garantias, e todas as vezes em que encontramos uma, dizemos a nós mesmos que estamos muito mais perto da perfeita segurança.

Mas isso é uma ilusão, cavalheiros, uma ilusão à qual não tenho a menor intenção de ver minha cliente sacrificada. A promotoria pode descansar mais tranquila, pensando que entregou à justiça a assassina de Thomas e Matthew Hatch, e o mesmo podem sentir os cidadãos desta comunidade. Mas isso não irá tornar essas acusações mais verdadeiras, ou mais dignas de crédito para aqueles que têm a coragem de recuar e analisar a situação à luz fria da razão. A promotoria anunciou as evidências que irá introduzir e as testemunhas que irá chamar para provar suas alegações. E lhes digo agora que, para cada um desses pontos, a defesa irá apresentar o depoimento de testemunhas, especialistas ou não, que irão refutar, palavra por palavra, a tese da promotoria.

Erguendo um dedo robusto e apontando na direção do Sr. Picton, o Sr. Darrow começou a desferir os golpes:

— Eles lhes dirão que têm provas materiais, sustentadas por “especialistas”, de que a arma usada para atirar nas três crianças pertencia ao pai delas e que foi disparada pela mãe. No entanto, toda essa teoria está baseada na “ciência” da criminalística, que, como as testemunhas de defesa irão lhes explicar, não é digna de ser chamada ciência. A promotoria irá então lhes dizer que minha cliente

tinha motivos financeiros e românticos para querer os filhos mortos.

Mas, cavalheiros, fofocas domésticas não servem de provas! — Com o sangue esquentando, o Sr. Darrow fez meia-volta para fitar as galerias, seu primeiro movimento rápido até aquele momento. — Por fim, a promotora lhes dirá que minha cliente é *sã* e que, sendo *sã*, merece ser levada para uma sala pequena e horrível na penitenciária estadual, amarrada a uma cadeira que estaria mais adequada à masmorra de um tirano sanguinário medieval do que aos Estados Unidos, e então atingida pela força feroz da eletricidade e levada à morte. Tudo isso para que a promotora possa declarar o caso encerrado e os cidadãos tenham sua “paz” restaurada!

Interrompendo-se de súbito e prendendo a respiração, o Sr. Darrow deixou cair as mãos, impotente.

— Bem, e é isso mesmo, não é, cavalheiros? Minha cliente é mentalmente *sã*. E, nos dias por vir, os senhores ouvirão de pessoas que têm vasta experiência nesses assuntos que nenhuma mulher *sã* poderia perpetrar tamanha violência contra os próprios filhos. Ah, a promotora irá lhes apresentar precedentes. Irá lhes contar uma porção de histórias horripilantes sobre mulheres que cometeram crimes semelhantes no passado, que foram consideradas *sãs* pelos tribunais e trancafiadas para sempre ou enforcadas como punição. Mas, cavalheiros, injustiças precedentes não deveriam fazê-los sentir-se melhor em relação a uma injustiça cometida *aqui*. Sim, tais mulheres existiram. Mas os senhores irão saber, mais uma vez de pessoas que estudaram essas questões com todo cuidado, que elas sofriam de distúrbios mentais terríveis e que foram sacrificadas ao mesmo desejo que move a promotora neste caso.

O desejo, não de justiça, mas de vingança... vingança e, com urgência ainda maior, de um fim para o desconforto, para o *medo* produzido por um crime hediondo que não encontra solução.

Perambulando diante do júri, o Sr. Darrow voltou a mexer no pescoço.

— Cavalheiros, não posso lhes dizer por que isso aconteceu. Não posso lhes dizer uma porção de coisas. Não posso lhes dizer por que bebês nascem mortos e deformados, por que raios e ciclones destroem vidas e lares num instante, sem nenhum aviso, ou por que doenças consomem algumas almas boas porém desventuradas, ao passo que outros levam vidas longas e inúteis. Mas sei que essas coisas acontecem. E me pergunto... se um raio houvesse caído do céu naquela noite e posto um fim àquelas três pobres crianças, da mesma maneira que a promotoria procura pôr um fim à mãe delas, o promotor teria tentado arrancar uma explicação do céu, para que os cidadãos deste condado e deste estado pudessem descansar mais tranquilos? Porque, no fim, é daí que vocês provavelmente irão obter uma explicação para o que aconteceu na estrada de Charlton, no dia 31 de maio de 1894... lá de cima. Se tentarem encontrar uma resposta aqui, neste tribunal, só irão aumentar o horror desta história. E, por isso, vocês... é, vocês, eu e o promotor, e todos os outros envolvidos, iremos arcar com a responsabilidade. O terror fortuito matou os filhos da Sra. Hatch, mas a morte *dela* seria algo muito diferente. Muito diferente mesmo...

Com isso o Sr. Darrow voltou solenemente à mesa e sentou-se. Ele não se voltou uma só vez para Libby Hatch, mas ela olhou para ele; e, em seus olhos, havia uma luz de esperança, que logo se transformou num amedrontador brilho de triunfo quando ela fitou além do Sr.

Darrow, na direção de todos nós que estávamos sentados atrás do Sr. Picton. Ficou claro que ela supunha que iria se livrar; e, ao olhar à minha volta, para o rosto dos jurados e das pessoas nas galerias, honestamente eu não poderia dizer que acreditasse que ela estivesse errada.

Estranho o efeito que esse pensamento exerceu em mim: de repente, tudo em que eu conseguia pensar era na pequena Ana Linares e em Kat, e no que iria acontecer às duas se Libby saísse daquele tribunal em liberdade — uma possibilidade que nunca parecera tão provável.

A julgar pelas expressões tanto do Doutor quanto do Sr. Picton, eles também tinham consciência do dano cometido. O júri e a multidão, que provavelmente teriam aceitado até mesmo uma defesa sem brilho de Libby Hatch, acolhera diretamente no coração as palavras astutas, peritas e apaixonadas do Sr. Darrow. As evidências e os testemunhos, agora mais do que nunca, eram nossa única esperança. E, naquela tarde, o processo de apresentá-las começou com um golpe do martelo, quando Clara Hatch foi chamada ao banco das testemunhas.

## **CAPÍTULO 44**

A garotinha assustada chegou ao fórum com a família no recesso do meio-dia, escoltados pelo xerife Dunning e um grupo de auxiliares especialmente indicados. O Doutor fez questão de ficar à espera, na porta dos fundos, para receber Clara e, a julgar pela expressão no rosto da menina quando viu a multidão que a aguardava, foi bom ele estar lá: mesmo durante o tempo em que rondei pelas ruas de Nova York, poucas vezes eu vira uma criança que parecesse tão confusa, perdida e desesperada. Examinando a selva de rostos e corpos que enxameavam à volta da carruagem da família, Clara pareceu acalmar-se somente quando seus

olhos castanho-dourados pousaram no Doutor; e ela quase voou para o chão, em sua urgência de chegar até ele. Alguns jornalistas ali perto interessaram-se especialmente pelo fato, por motivos que só entendi quando me obriguei a ver a questão do ponto de vista do oponente: para quem se inclinava a pensar que o Doutor estava planejando e controlando o que Clara dizia e fazia, então sua óbvia necessidade de estar perto dele poderia, de fato, parecer sinistra.

Quando os Westons seguiram Clara e o Doutor, entrando no fórum, os homens do xerife Dunning enfileiraram-se diante da porta dos fundos, mantendo a multidão curiosa do lado de fora. Então, todos nós subimos para o segundo andar do edifício, onde nos sentamos no gabinete do Sr. Picton e comemos os sanduíches que Cyrus fora buscar com a Sra. Hastings.

Tentamos parecer o mais alegres possível, dadas as circunstâncias, e ninguém fez comentários sobre o julgamento; no entanto, nada disso parecia deixar Clara mais tranquila. Ela não quis comer, limitando-se a bebericar um copo de limonada que Cyrus lhe deu; e a cada vez que pousava o copo sobre a mesa, a mão saudável, melada com suco de limão e açúcar, procurava a da Sra. Weston ou a do Doutor, que a ladeavam. Parecendo não ouvir as conversas leves ou piadas forçadas que se diziam na sala, ela simplesmente fitava o rosto de cada um de nós, perplexa, até quase a hora de retornarmos à sala de audiências; então, quando pensou que ninguém estivesse prestando atenção, Clara levantou os olhos para o Doutor.

— Minha mãe está aqui? — perguntou ela, baixinho.

O Doutor assentiu, com um sorriso bondoso, mas uma expressão muito séria nos olhos.

— Está. Lá embaixo.

Clara começou a bater os pés nas pernas da cadeira e baixou a cabeça a fim de olhar o próprio colo.

— Este é meu vestido de domingo — disse ela, alisando cuidadosamente o tecido azul-claro florido. — Eu não quis comer para não sujar.

A Sra. Weston sorriu para ela.

— Clara, minha querida, não se preocupe com isso. Se está com fome...

Clara, porém, abanou a cabeça, com força bastante para trazer a trança na qual o cabelo estava preso para a frente do corpo, deixando à mostra um pedaço da horrível cicatriz na parte posterior do pescoço.

O Doutor ergueu a mão, tocando-lhe o alto da cabeça.

— Muito sensato. Quem dera você pudesse ensinar Stevie a ser sensato assim. As roupas dele estão sujas quase o tempo todo.

Clara olhou para mim rapidamente e sorriu.

— É — concordei. — Pareço mesmo um porco num chiqueiro, não posso fazer nada. —

Para dar ênfase às palavras, deixei um pedaço de rosbife do meu sanduíche cair na camisa, o que provocou uma risadinha áspera em nossa testemunha. Em seguida, ela desviou o olhar rapidamente, com timidez.

Às duas da tarde estávamos de volta aos nossos lugares na sala de audiências, enquanto os Westons esperavam lá fora

com Clara. O Sr. Picton optara por começar com o testemunho do ex-xerife, Morton Jones, um velho grisalho e durão que parecia ter passado a maior parte da aposentadoria num banco de bar. Jones contou o que vira ao chegar na casa dos Hatches na noite de 31 de maio de 1894, e que providências ele tomara na ocasião, inclusive o telefonema para o Sr. Picton. Esse resumo pôs o júri a par dos fatos básicos referentes ao caso, fatos que o Sr. Darrow não tentou contestar; na sua vez de interrogar a testemunha, ele dispensou a oportunidade.

O próximo no banco das testemunhas era o Dr. Benjamin Lawrence, médico-legista do condado na ocasião. Ele falou sobre o estado de extrema histeria em que encontrou a Sra.

Hatch quando chegou à casa, e das crianças ensanguentadas deitadas em sofás e numa mesa na sala de estar. Ele dera láudano para acalmar a mãe e então voltara a atenção para as crianças, verificando de imediato que Matthew e Thomas estavam mortos. Clara, no entanto, ainda estava viva, embora Libby e a governanta, a Sra. Wright, pensassem o contrário. Declarando que o pulso da menina estava fraco porém perceptível, o Dr. Lawrence prosseguiu dizendo que aplicara na menina meio tablete de nitroglicerina e em seguida lhe injetara conhaque no braço para acelerar o coração. Depois disso, pusera-se a tentar estancar o sangramento. A ferida, porém, estava além de suas capacidades e ele então telefonara ao Dr. Jacob Jenkins, em Saratoga, cirurgião especializado, pedindo-lhe que viesse o mais rápido possível. Jenkins estava programado para seguir Lawrence no julgamento, mas antes de terminar com a primeira testemunha médica o Sr. Picton perguntou-lhe se o estado histórico de Libby Hatch a imobilizara de alguma forma. Em absoluto, respondeu o Dr. Lawrence; quando chegara à casa, a Sra. Hatch corria velozmente de um quarto ao outro.



— O senhor diria que ela agia assim quase como se tivesse um propósito? — indagou o Sr.

Picton.

O Dr. Lawrence estava prestes a concordar, mas o Sr. Darrow o interrompeu.

— Protesto, meritíssimo. A pergunta pede uma resposta especulativa da testemunha, que não poderia saber o que se passava na mente da ex-Sra. Hatch.

— Protesto aceito — concordou o juiz Brown com um gesto da cabeça. — Já o adverti, Sr.

Picton: nada de sugestões. O júri irá ignorar a pergunta da promotoria.

Sentando-me novamente na ponta da cadeira, ouvi o Dr. Kreizler murmurar:

— Como se pudessem...

Então o vi esconder o sorriso com a mão.

O Sr. Picton tinha algumas perguntas finais para o Dr. Lawrence: ele estivera presente na casa, assistindo à Sra. Hatch, quando de seus três partos? O médico respondeu positivamente.

E qual era o estado da Sra. Hatch após o último parto? Revelando uma pequena informação destinada a preparar o júri para a afirmação do Sr. Picton de que Libby de fato se ressentia dos filhos (e que também se encaixava nas especulações apresentadas no início do julgamento), o Dr. Lawrence disse que o nascimento do pequeno Tommy fora difícil e que deixara a mãe incapacitada para gerar outros

filhos. O Sr. Darrow contestou a importância dessa informação e, como resposta, o Sr. Picton sentou-se, passando a testemunha ao seu oponente. Entretanto, mais uma vez, o advogado de defesa abriu mão de seu direito de interrogar a testemunha.

E fez o mesmo com o Dr. Jenkins: depois de o Sr. Picton repassar o relato da testemunha sobre os procedimentos que utilizou para tratar Clara Hatch — tomando especial cuidado para deixar claro ao júri que não havia nenhuma conexão entre o ferimento a bala que a menina recebera e o fato de ela não ter falado por três anos —, foi a vez da defesa. O Sr. Darrow, porém, limitou-se a levantar-se brevemente e dizer:

— Não temos perguntas neste momento, meritíssimo. — E tornou a sentar-se.

Um burburinho atravessou as galerias com essas palavras e o juiz Brown começou a esfregar a cabeça branca, parecendo um tanto perturbado.

— Sr. Darrow — disse lentamente —, reconheço que vocês têm uma maneira diferente de agir no lugar de onde o senhor vem, mas acredito que ainda sigam os mesmos procedimentos básicos num processo penal. Estou errado?

O Sr. Darrow sorriu e voltou a se pôr de pé, dando uma risadinha levemente constrangida.

— Agradeço ao tribunal pela preocupação. O fato, meritíssimo, é que a defesa não deseja contestar a promotoria no que se refere ao que aconteceu imediatamente *depois* dos disparos.

Pelo menos, não no que diz respeito a *estas* testemunhas.

A multidão pareceu tranquilizar-se com aquela informação; quanto ao juiz Brown, ele assentiu com a cabeça algumas vezes e disse:

— Muito bem. Desde que saiba o que está acontecendo...

— Faço o que posso, meritíssimo — replicou o Sr. Darrow, voltando a sentar-se.

O juiz dirigiu-se ao Sr. Picton:

— A promotoria pode chamar a próxima testemunha.

O Sr. Picton se levantou e respirou fundo; nesse momento, pude ver a mão direita do Doutor apertar o braço da cadeira até os nós dos dedos embranquecerem.

— Meritíssimo — começou o Sr. Picton —, a promotoria tem um pedido especial a fazer neste momento.

Os olhinhos do juiz Brown esforçaram-se para abrir.

— É mesmo?

— Sim, meritíssimo. A próxima testemunha da promotoria é Clara Hatch. Clara tem só oito anos e não vê a mãe... isto é, a mãe consanguínea, há mais de três anos. Os cidadãos de Ballston Spa — neste ponto o Sr. Picton correu o olhar por toda a sala e eu gostaria que sua expressão despertasse um pouco mais de simpatia nas galerias — são tão caridosos e atenciosos em questões como esta quanto aqueles de qualquer comunidade, disso não duvido.

Mas, dadas essas considerações especiais, a promotoria gostaria de pedir que as galerias fossem esvaziadas pela duração do testemunho de Clara Hatch.

— Humm — resmungou o juiz Brown, puxando uma de suas orelhas grandes. —

Normalmente não me agradam essas sessões de julgamento fechadas, Sr. Picton. Para mim,

elas cheiram ao Velho Mundo. Mas admito que o senhor tem um bom argumento. O que a defesa tem a dizer, Sr. Darrow?

Levantando-se ainda mais devagar do que costumava fazer, o Sr. Darrow franziu a testa.

— Meritíssimo — disse, como se isso fosse muito difícil para ele —, como o tribunal, eu também reconheço que se trata de uma testemunha especial, que precisa ser tratada com todo cuidado. Mas a promotoria, e digo isso com sentimentos muito ambíguos, já declarou que essa garotinha é sua principal testemunha. E ela já compareceu a uma sessão fechada, na audiência de pronúncia da mãe. Bem, como já disse, compreendo as sensibilidades de uma criança, mas... meritíssimo, minha cliente está sendo julgada, correndo o risco de ser condenada à *morte*. Qualquer que seja sua idade, se as palavras dessa menina têm capacidade para mandar a mãe para a cadeira elétrica, bem, então creio que ela deva ser capaz de dizê-las diante da mesma plateia e sob a mesma pressão de todas as outras testemunhas que irão depor aqui.

As galerias, mais por motivos próprios e egoístas do que qualquer outra coisa, começaram a murmurar de acordo; o juiz, porém, não hesitou desta vez em bater com o martelo.

— O tribunal está ciente — disse ele, olhando à sua volta com frieza — do preconceito da audiência nesse sentido. Portanto, não quero mais nenhum comentário. Caso contrário, irei esvaziar esta sala imediatamente!

Fazendo uma pausa para ver quanto tempo as pessoas nas galerias levariam para obedecer (apenas alguns segundos), o juiz então tornou a olhar para o Sr. Picton.

— O tribunal aprecia a preocupação da promotoria — disse ele. — E posso lhe assegurar que, se ouvir um alfinete que seja caindo no chão nas galerias, durante o tempo em que a menina estiver testemunhando, concordarei com o pedido do promotor. Até que isso aconteça, porém, receio que a consideração para com a defesa deva continuar preeminente. É

compreensível que a menina esteja nervosa. Mas acredito que a ré também esteja. Traga sua testemunha, Sr. Picton.

O Sr. Picton franziu o cenho e estendeu as mãos.

— Mas, meritíssimo...

— Sua *testemunha*, por favor — repetiu o juiz, recostando-se na cadeira.

Com um suspiro, o Sr. Picton deixou cair os braços.

— Muito bem. Mas tomarei a liberdade de lembrar ao tribunal sua promessa em relação ao comportamento das galerias, caso este venha a interferir com a serenidade de minha testemunha.

O juiz Brown assentiu com a cabeça.

— Eu ficaria muito surpreso se o senhor encontrasse motivos de queixa em nossa assistência antes de mim, Sr. Picton. Mas, por favor, sinta-se à vontade para me dizer caso isso aconteça. Agora... vamos prosseguir.

Com outro suspiro profundo, o Sr. Picton olhou para Iphegeneia Blaylock.

— A promotoria convoca Clara Hatch.

Voltando-se para as grandes portas de mogno, o Sr. Picton fez um gesto com a cabeça para o guarda Henry, que abriu uma das portas e disse “Clara Hatch”, num tom de voz baixo porém firme.

E então eles entraram: a garotinha no vestido simples de verão, a mão esquerda segurando a direita, seguida pelo Sr. e pela Sra. Weston, cuja expressão era a de quem estivesse sendo

queimado pelos olhares abrasadores de cada par de olhos ali presentes. O público nas galerias era, em sua maioria, formado por pessoas que os Westons conheciam há anos; mas, em momentos como aquele, anos de conhecimento e amizade podem ser derrubados e menosprezados pela pressão maior da confusão, da suspeita e do medo puro e simples.

Mais uma vez, Clara esquadrinhou a multidão diante dela com rápidos movimentos da cabeça; e quando descobriu o rosto do Doutor, manteve o olhar fixo nele, como se num farol que pudesse guiar o pequeno navio de sua vida até um porto seguro, depois de ele ter resistido à tempestade que se encontrava além da grade de carvalho, no fim do corredor. E enquanto ela olhava para o Doutor, voltei-me para Libby Hatch: a mãe da menina — sua “mãe consanguínea”, como o Sr. Picton dissera brilhantemente — viu que os olhos de Clara estavam fixos no Doutor, e a expressão suplicante e amorosa que a mulher conseguira forçar em seu rosto, na esperança de comover Clara, rapidamente se transformou em ciúme — e ódio. Mas, assim

que a menina foi conduzida até o outro lado da grade pelo meirinho, Libby conseguiu controlar-se novamente; e embora não fosse tão afetuosa quanto antes, estava mais perto disso do que qualquer outra expressão que eu já a tivesse visto exibir até aquele momento.

A meio caminho do banco das testemunhas, Clara parou, como se pudesse sentir o par de olhos dourados perfurando sua nuca; então, devagar, voltou-se para olhar a mulher vestida de preto, que sorriu gentilmente para ela, antes de levar de súbito as mãos à boca com um arquejo e deixar escapar um único soluço. Parecendo estranhamente calma, a pequena Clara disse três simples palavras — “Não chore, mamãe” — numa voz que não poderia ter sido mais adulta ou solícita; e o som daquelas palavras deixou todos nas galerias tão mudos quanto a testemunha vivera pelos três últimos anos.

Voltando-se novamente, Clara subiu ao banco das testemunhas e ergueu a mão esquerda sadia, seguindo o procedimento para o qual o Doutor passara longas horas preparando-a. O

meirinho Coffey, tendo sido avisado pelo Sr. Picton, segurou a mão direita inerte da menina e a colocou sobre a Bíblia.

— Você jura solenemente — começou ele, com mais suavidade do que de costume — que o testemunho que está prestes a dar neste tribunal...

— Juro — disse Clara, precipitando-se em sua primeira demonstração nítida de nervosismo.

O meirinho se limitou a erguer um dedo, pedindo-lhe que esperasse.

— ... será a verdade, toda a verdade, nada mais do que a verdade?

— Juro — repetiu Clara, o rosto enrubescendo levemente.

— Diga seu nome completo, por favor — pediu o meirinho.

— Clara Jessica Hatch — respondeu ela baixinho. Então, a um sinal de Coffey, ela se sentou.

Nesse momento, Clara lançou outro rápido olhar à mãe, mas com a mesma rapidez voltou-se para o Doutor, que lhe acenou breve mas firmemente com a cabeça, informando-lhe que ela estava se saindo muito bem. Por fim, o Sr. Picton levantou-se e se aproximou da testemunha.

— Olá, Clara — disse ele, com cuidado mas ainda com certa jovialidade. A garotinha abriu a boca para responder, mas só conseguiu assentir com a cabeça, enquanto puxava a mão direita para o colo. — Clara — continuou o Sr. Picton —, gostaria que contasse a esses cavalheiros —

ele indicou com a mão a tribuna do júri — tudo que aconteceu na noite de 31 de maio, três

anos atrás. Com suas próprias palavras. Pode fazer isso por mim, Clara? — A menina fez uma pausa, esforçando-se agora para não olhar na direção da mãe. Após alguns segundos, ela assentiu. — Então, por favor — disse o Sr. Picton —, pode começar.

Enquanto respirava fundo, os dedos da mão esquerda de Clara agarraram com força o braço direito insensível. Soltando o ar dos pulmões, ela começou sua história, naquela voz áspera porém valente.



— Fomos para a cidade comprar algumas coisas. E depois para o lago...

— Lago Saratoga? — indagou o Sr. Picton.

— É. A gente ia até lá às vezes, no verão. Para ver o sol se pôr. E às vezes tinha fogos de artifício. Mas Tommy estava ficando com sono antes dos fogos começarem. E a barriga de Matthew não estava muito boa, porque ele tinha comido muito caramelo. Então mamãe disse que era melhor a gente ir para casa.

— “Mamãe?” — perguntou o Sr. Picton. — Clara, você está vendo sua mãe em algum lugar neste momento? — A garota fez que sim com a cabeça, depressa. — Pode apontar para ela, por favor? — Levantando os olhos por um instante, Clara lançou um olhar a Libby, e então tornou a baixar a cabeça, enquanto apontava para a mesa da defesa. — Vamos registrar que a testemunha reconhece a ré, Sra. Elspeth Hunter — disse o Sr. Picton —, como sua mãe, a ex-Sra. Elspeth Hatch, mais conhecida como Libby Hatch. — O Sr. Picton aproximou-se ainda mais do banco das testemunhas e tornou a suavizar a voz. — Muito bem, Clara. Diga-me uma coisa: você *queria* ir embora do lago naquela noite?

A garotinha sacudiu a cabeça, tomando cuidado para manter a trança atrás da cabeça.

— Não, senhor... Queria ver os foguetes.

— E sua mãe... ela também queria ver os foguetes?

— Queria. Mas disse que precisávamos levar Tommy e Matthew para casa.

— Ela estava satisfeita com isso?

— Não, senhor. Ela estava um pouco... zangada. Às vezes ficava meio zangada.

— Ela disse alguma coisa que fez você pensar que estivesse zangada?

Clara tornou a assentir, embora relutante.

— Disse que o que ela queria não tinha importância... nunca tinha importância. Que ela sempre tinha de tomar conta de nós em vez de fazer o que gostava.

— Ela disse do que “gostava”, exatamente?

Clara encolheu os ombros, ou pelo menos o ombro ainda bom.

— Achei que ela estava falando sobre os foguetes.

Deixando a menina inspirar algumas vezes para se acalmar, o Sr. Picton aguardou antes de dizer:

— Bem, então, Clara... vocês subiram na carroça a fim de ir para casa?

— Subimos, sim.

— Sua mãe fez alguma coisa, estando assim zangada?

Clara pareceu confusa.

— Ela não bateu na gente nem nada parecido, se é isso que o senhor está perguntando. Ela simplesmente me mandou pôr os meninos na carroça, e então fomos embora.

— Mandou *você*? — indagou o Sr. Picton, aproximando-se do júri e fixando uma expressão de surpresa no rosto. — Não foi *ela* quem pôs os meninos na carroça?

— Ela tentou — respondeu Clara. — Mas Matthew começou a chorar. Então ela mandou que eu o levasse e foi até o lago lavar o rosto.

O Sr. Picton olhou para o júri de modo significativo.

— Ela sempre pedia a você para tomar conta dos meninos?

Assentindo, Clara tornou a baixar os olhos para as mãos.

— Hã-hã. Era minha obrigação.

O Sr. Picton assentiu, ainda estudando o júri, que começava a parecer tão perplexo e confuso quanto o xerife Dunning ao sair da audiência de pronúncia.

— Sei — disse o Sr. Picton. — Essa era sua obrigação... E o que aconteceu quando os garotos já estavam na carroça?

— Mamãe voltou do lago e fomos embora — respondeu Clara. As palavras, porém, já não eram tão firmes quanto tinham sido até aquele ponto.

O Sr. Picton, percebendo a mudança, voltou até ela, e posicionou-se de maneira que seu corpo bloqueasse a visão que Clara tinha de Libby, e vice-versa.

— Mas vocês não *chegaram* em casa, não foi, Clara?

Parecendo aliviada que a mãe estivesse fora de seu campo de visão, Clara balançou a cabeça com mais certeza.

— Não, senhor.

— E por que não?

Outro suspiro e outro olhar dirigido ao Doutor, e Clara prosseguiu:

— A gente atravessou a cidade e já estava na estrada que levava para casa...

— A estrada de Charlton?

Clara assentiu.

— De repente mamãe parou a carroça debaixo de uma árvore grande, ao lado da estrada. Já estava escuro naquela hora e eu não sabia por que ela tinha parado. Eu sentia medo ali na estrada.

— E onde você estava sentada, nesse momento?

— Eu estava na carroceria, segurando Tommy para que ele não perturbasse Matthew, que já tinha dormido.

— Matthew?

— É, sim, senhor. Eu não queria que Tommy acordasse Matthew, porque ele começaria a chorar outra vez por causa da barriga. Isso irritava mamãe. Perguntei a ela por que paramos.

Ela não disse nada por uns minutos, sentada no banco da carroça, olhando para a estrada.

Perguntei a ela de novo e então ela desceu e veio até a carroceria. Estava segurando a bolsa.

Disse que tinha uma coisa importante que precisava dizer à gente.

Percebendo que a voz de Clara começava a enfraquecer outra vez, o Sr. Picton disse:

— Está tudo bem, Clara. O que foi que ela disse a vocês?

— Ela disse que parou... que parou...

— Clara?

O olhar da menina estava vidrado e, por um minuto, meu coração se afligiu, pensando que ela poderia ter-se recolhido ao silêncio horrorizado que a dominara por tanto tempo. Vi o maxilar do Doutor apertado e soube que ele experimentava o mesmo temor. Ambos voltamos a respirar novamente, porém, quando Clara respondeu, quase num sussurro:

— Ela disse que tinha visto papai.

O juiz Brown inclinou-se, levando a mão em concha a uma das grandes orelhas.

— Acho que vai ter de falar um pouquinho mais alto, se puder, minha jovem — disse ele.

Erguendo os olhos para ele e engolindo em seco, Clara repetiu:

— Ela disse que tinha visto papai. Disse que ele falou que estava com Deus. E que disse a ela que Deus queria que a gente também ficasse com Ele.

O Sr. Picton assentiu sombriamente, olhando para o júri.

— Para informação do júri, o pai de Clara, Daniel Hatch, faleceu no dia 29 de dezembro de 1893, aproximadamente seis meses antes da noite em questão. A causa foi uma súbita... —

Neste momento o Sr. Picton voltou-se a fim de olhar para Libby — ... uma doença cardíaca *muito* súbita e inexplicável.

— Meritíssimo — interveio o Sr. Darrow, levantando-se o mais rápido que pôde —, esse tipo de insinuação...

— Sr. Picton — concordou o juiz, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça para o Sr.

Darrow e então olhando para o promotor-assistente —, já o adverti...

— Meritíssimo, não insinuei nada — afirmou o Sr. Picton, os olhos arregalando-se com ar de inocência. — A verdade pura e simples é que todos os médicos de Ballston Spa examinaram Daniel Hatch durante sua doença e não conseguiram encontrar nenhuma explicação para seu estado.

— Então diga isso — replicou o juiz Brown. — Meias verdades não são melhores do que mentiras, senhor. Prossiga com suas perguntas.

O Sr. Picton voltou-se novamente para Clara, suavizando a voz mais uma vez.

— E o que você achou que sua mãe quis dizer quando falou que seu pai anunciou que Deus queria que vocês estivessem com Ele?

O ombro esquerdo de Clara tornou a se encolher.

— Não sei. Pensei que quisesse dizer que... que *algum dia*... mas...

— Mas não foi isso que ela quis dizer, não é? — perguntou o Sr. Picton.

Clara balançou a cabeça, desta vez com força suficiente para mover a trança; e quando a cicatriz no pescoço se

tornou visível, percebi que um ou dois jurados avistaram-na e, silenciosamente, apontaram-na aos outros.

— Ela abriu a bolsa — disse Clara. — E tirou a arma do papai.

— A arma do seu pai? — indagou o Sr. Picton. — Como você sabe que era a arma do seu pai?

— Ele guardava o revólver debaixo do travesseiro — respondeu Clara — e uma vez me mostrou. Disse para eu nunca tocar nela, só se alguém mau estivesse na casa. Alguém que estivesse roubando ou... Mamãe deixou no mesmo lugar depois que ele morreu.

A voz da menina falhou e o rostinho parecia assustado: um pavor que nem mesmo a visão do Doutor parecia aliviar. Sabendo que tinha chegado a um ponto muito perigoso, o Sr. Picton aproximou-se dela para perguntar:

— O que aconteceu então, Clara?

— Mamãe, ela... — A cabeça de Clara começou a tremer, sendo imediatamente imitada pelo lado esquerdo do corpo. Envolvendo o próprio corpo com o braço bom, ela forçou-se a continuar: — Mamãe subiu na carroça. Ela acordou Matthew e me disse para passar Tommy

para ele. Eu fiz isso. Então ela olhou para mim de novo. Disse que era hora de eu ir ver papai e Deus. Que lá seria um lugar melhor e que tínhamos de fazer o que Deus queria. — As lágrimas encheram os olhos da menina e começaram a descer pelo rostinho, mas ela não chegou a soluçar propriamente, apenas apertou ainda mais o próprio corpo e tentou ir adiante: — Ela encostou o revólver em mim...

— Onde foi que ela o encostou, Clara? — perguntou o Sr. Picton. A menina apontou para o peito, deixando finalmente escapar um único soluço. — E então?

— Eu lembro que ela puxou o gatilho, ouvi um barulho... e só — respondeu Clara, voltando a controlar-se. — Não lembro de mais nada. Só quando acordei em casa, na cama.

O Sr. Picton assentiu, deixando ele mesmo escapar um suspiro.

— Muito bem, Clara. Está tudo bem. Podemos falar sobre outra coisa agora, se você quiser.

— Está bem — disse Clara, enxugando o rosto com a mão.

Depois de lhe dar alguns minutos de descanso, o Sr. Picton perguntou num tom de voz mais alto:

— Clara, você se lembra do reverendo Parker?

— Ele... ele era o pastor na nossa igreja. E às vezes vinha visitar mamãe e papai.

— E o que ele fazia durante essas visitas?

— Ele vinha jantar — disse Clara. — E às vezes ia andar com mamãe. Papai não gostava de ir. Dizia que o ar não era bom para ele.

— Alguma vez sua mãe levava você ou os garotos junto?

Clara balançou negativamente a cabeça.

— Dizia que não era lugar para nós.

O Sr. Picton levantou a mão e tocou o braço esquerdo da menina, parecendo muito aliviado.



— Obrigado, Clara — disse. Em seguida, acrescentou, não se importando se alguém mais ouvisse: — Você se portou como uma mocinha muito corajosa. — Dando meia-volta para retornar à mesa, o Sr. Picton parou e olhou para o juiz e o júri: — A promotoria não tem mais perguntas para a testemunha, meritíssimo. — Então sentou-se, deixando Clara exposta a toda a força do olhar da mãe.

Libby reagira ao testemunho da filha exatamente como o Doutor previra: primeiro, experimentou derramar lágrimas silenciosas e torcer as mãos, em seguida passou a girar a cabeça de um lado para o outro, tentando fazer Clara olhar para ela. Então, quando o Sr. Picton interpôs-se entre as duas, de modo que Clara não pudesse vê-la, as lágrimas cessaram e a cabeça imobilizou-se, e ela caiu num silêncio imóvel, enquanto seus olhos enchiam-se novamente daquele brilho frio e abominável.

Mas teria o júri percebido a transformação? Ou éramos somente nós, os poucos que conheciam sua história, que tínhamos sido capazes de ler o rosto de Libby?

Parecendo extremamente só sem o Sr. Picton por perto, Clara tornou a baixar os olhos, e começou a mover os lábios em silêncio. Vendo o quase desespero no rosto da menina, o juiz inclinou-se em sua direção.

— Clara? — chamou ele. — Está em condições de continuar agora?

Com um sobressalto, Clara ergueu os olhos para ele.

— Continuar? — perguntou ela, baixinho.

— A defesa irá interrogá-la agora — disse o juiz, com o único sorriso que o vi exibir durante todo o julgamento.

— Ah! — exclamou Clara, como se tivesse esquecido. — Sim, posso continuar, senhor.

O juiz voltou a recostar-se na cadeira, olhando para a mesa da defesa.

— Muito bem, Sr. Darrow.

Durante todo o tempo em que o Sr. Picton fez perguntas a Clara, as mãos do Sr. Darrow ficaram dobradas diante do rosto, de modo que era bastante difícil dizer o que ele estava pensando ou como estava reagindo. Ao se levantar para interrogar a testemunha, porém, toda a preocupação e contrariedade ocasional que o havíamos visto exibir até aquele momento pareciam ter desaparecido, e suas feições tornaram-se serenas e relaxadas de maneira tal que obviamente deixou Clara aliviada.

— Obrigado, meritíssimo — disse o Sr. Darrow, sorrindo com gentileza e dirigindo-se ao banco das testemunhas. Mas ele se colocou num ângulo que impossibilitava Clara de ver o Doutor: em nenhum outro lugar a vida é mais retaliativa do que num tribunal. — Olá, Clara —

cumprimentou ele, aproximando-se da menina. — Sei que isso não é fácil, portanto vou tentar deixar você sair daí o mais rápido possível. — Como resposta, Clara limitou-se a baixar os olhos. — Clara, você diz que a primeira coisa de que se lembra depois daquela noite é do momento em que acordou em casa, certo? — Diante de outro sinal afirmativo da cabeça da menina, o Sr. Darrow prosseguiu: — Mas não creio que tenha pensado que estava acordando de um pesadelo, não é?

— Não — replicou Clara. — Eu estava... machucada...

— Certo — disse o Sr. Darrow, praticamente transpirando simpatia. — Você estava muito machucada. E estava dormindo havia muito tempo. Você sabia disso?

— Os médicos... me contaram depois.

— Às vezes, depois de dormir por muito tempo, as pessoas ficam confusas. Eu, por exemplo, quando durmo muito tempo, às vezes ao acordar não sei onde estou nem como cheguei ali.

— Eu sabia onde estava — disse Clara, ao mesmo tempo com suavidade e firmeza. —

Estava em casa.

— Boa menina — sussurrou o Doutor, esticando o pescoço, na tentativa de vê-la, mas sem querer chamar a atenção de todos para isso.

— É claro que estava — disse o Sr. Darrow. — Mas sabia todas as outras coisas? Isto é, assim que acordou, você se lembrou de tudo?

Como se não conseguisse evitar, Clara mais uma vez olhou para a mãe, que tinha as mãos dobradas sobre a mesa da defesa, como se estivesse implorando por alguma coisa, com os olhos cheios de lágrimas. Vendo aquilo, Clara voltou a baixar a cabeça, como se puxada por uma corda, e disse:

— Lembro de ouvir mamãe gritando. E chorando. Ela disse que Matthew e Tommy estavam mortos. Não entendi. Tentei me levantar e perguntar a ela, mas o médico me deu um remédio. E dormi de novo.

— E quando você acordou da segunda vez?

— Mamãe estava ao lado da minha cama. Com os médicos.

— Sua mãe lhe disse alguma coisa?

— Disse que a gente tinha sido atacada... por um homem. Um louco. Ela disse que ele tinha matado Matthew e Tommy.

— As lágrimas agora rolando lentamente pelo rosto, Clara acrescentou: — Comecei a chorar. Queria ver meus irmãos, mas mamãe disse... que eu nunca mais veria os dois. Nunca mais...

— Entendo — disse o Sr. Darrow. Em seguida, apanhou um lenço (muito mais asseado do que suas roupas) no bolso no peito do paletó. — Quer usar isto?

Clara aceitou o pedaço branco de linho e enxugou o rosto.

— Clara, quanto tempo depois disso sua mãe foi embora?

— Logo depois, acho. Não tenho certeza.

— Mas ela ficou com você o tempo todo antes de ir embora?

Clara assentiu com a cabeça.

— Ela e Louisa, nossa governanta. Os médicos, às vezes, também. E o Sr. Picton fazia visitas.

— Estou certo que sim — afirmou o Sr. Darrow, olhando na direção do júri. — E o que foi que sua mãe lhe disse antes de partir?

Lançando outro rápido olhar a Libby, Clara respondeu:

— Que ela precisava ir procurar outro lugar para a gente morar. Para sairmos daquela casa.

Disse que era triste demais. Papai estava morto, e Tommy e Matthew também. Ela disse que iria encontrar outro lugar e que voltaria para me buscar.

— E você acreditou nela?

— Acreditei.

— Você costumava acreditar em sua mãe?

— Acreditava. Menos...

— Menos...?

— Menos quando ela ficava aborrecida, às vezes. Então, ela dizia coisas e... eu não acreditava nela. Mas não acho que ela estava falando sério.

— Sei — disse o Sr. Darrow, virando-se de costas para ela, sem arredar pé do ponto em que se encontrava. — Então... os últimos acontecimentos de que você se lembra agora sobre aquela noite na estrada de Charlton são de sua mãe encostar uma arma em você, em seguida puxar o gatilho e, depois disso, de ouvir um barulho?

— É.

— Mas você não se lembrou disso quando acordou?

Clara balançou a cabeça.

— E não consegue se lembrar de nada sobre o que aconteceu com Tommy e Matthew?

— Eu não... eu não *vi*... o que aconteceu.

— Tem certeza?

— Tenho.

— E então sua mãe foi embora e você foi morar com o Sr. e a Sra. Weston... certo? —

Clara assentiu. — E você lembrou de alguma coisa que aconteceu naquela noite durante o tempo em que morou com eles?

— Não... — Neste momento Clara tentava nitidamente lembrar-se de alguma coisa. — Não de uma forma que eu pudesse falar sobre isso. Ou mostrar. Eu só podia ver. Na minha cabeça.

O Sr. Darrow virou-se rapidamente para a menina, assustando-a um pouco e fazendo-a tentar, sem sucesso, olhar para o Doutor.

— Isso é um bocado elaborado para uma garotinha *Não de uma forma que você pudesse falar sobre isso ou mostrar. Você só podia ver na sua cabeça.* Pensou isso tudo sozinha, Clara?

A menina baixou os olhos rapidamente.

— Foi isso que aconteceu.

— Você pensou isso tudo sozinha, Clara? — repetiu o Sr. Darrow. Então, sem esperar resposta, aproximou-se dela. — Ou a verdade é que o Dr. Kreizler a levou a ver a situação dessa maneira e lhe disse que usasse essas palavras quando chegasse a hora de contar a história no tribunal?

O Sr. Picton pulou da cadeira como se o assento estivesse coberto de brasas.

— Meritíssimo, protesto! Pedimos tratamento especial para esta testemunha e o que está acontecendo aqui? A testemunha está sendo induzida e atormentada!

Antes que o juiz pudesse responder, o Sr. Darrow ergueu a mão.

— Retiro a pergunta, meritíssimo, e tentarei tornar minhas perguntas mais palatáveis à promotoria. — Sorrindo mais uma vez para a testemunha, o Sr. Darrow indagou: — Clara, quando foi que você começou a lembrar o que aconteceu naquela noite? Refiro-me a lembrar de uma forma de que pudesse falar a respeito?

Clara encolheu os ombros, a expressão parecendo ainda mais apavorada após a breve porém brusca troca de palavras entre os advogados.

— Não faz muito tempo, acho.

— *Antes* de você conhecer o Dr. Kreizler? — Clara, relutante, negou com a cabeça. —

*Depois* de conhecer o Dr. Kreizler? — Clara não se mexeu. — Ou foi *quando* você conheceu o Dr. Kreizler?

O Sr. Picton tornou a se levantar.

— Meritíssimo, com todo o respeito, qual a pergunta o douto advogado de Illinois deseja que a testemunha responda?

— Sente-se, Sr. Picton — replicou o juiz Brown. — O advogado de defesa está dentro de seus direitos.

— Obrigado, meritíssimo — disse o Sr. Darrow. — E então, Clara?

— Eu nunca esqueci — respondeu a menina, mais lágrimas rolando em seu rosto. — Eu nunca esqueci, nunca.

— E o que foi que você não esqueceu? Você nunca soube o que aconteceu a Tommy e Matthew, isso está claro, você nos disse. Portanto, não poderia e não se lembra disso. Mas o que é que você *sabia* e que *não esqueceu*?

— Eu nunca... — Erguendo os olhos para o juiz, suplicante, Clara disse: — Não sei o que ele quer saber.

— O que *quero saber*, Clara — prosseguiu o Sr. Darrow, com um pouco mais de firmeza agora —, é o que você sabe que nunca esqueceu, e o que você sabe que esqueceu e só lembrou há pouco tempo?

O corpo estremeando, Clara finalmente deixou escapar um soluço, enquanto olhava do juiz para o Sr. Darrow, e então tentava enxergar além do advogado, procurando pelo Doutor,

que, por sua vez, também tentava desesperadamente pôr-se numa posição em que pudesse ser visto por ela.

— Que diabos! — sussurrou o Doutor. — Ele está deliberadamente tentando confundi-la...

— Eu não estou entendendo! — repetiu Clara, agora chorando abertamente.

— Clara — continuou o Sr. Darrow —, é muito simples...

— Não é, não! — gritou a menina. — Não estou entendendo...

— O quê? — perguntou o Sr. Darrow, surpreendendo a todos presentes ao endurecer a voz, tornando-a até mesmo um



tanto estridente. — O que você sempre soube e o que esqueceu, mas lembrou há pouco tempo, talvez na mesma ocasião em que conheceu o Dr. Kreizler... e talvez *quando* você conheceu o Dr. Kreizler? Clara! Você precisa...

— *Pare com isso!* — gritou uma voz, silenciando tanto o advogado quanto o burburinho que havia começado nas galerias. Toda a sala voltou-se para a mesa da defesa, onde Libby Hatch, como a filha, estava aos prantos. — Deixe-a em paz! — gritou ela para seu advogado.

— Não pode tratá-la assim, não depois de tudo por que ela passou. Se não se lembra, não lembra e pronto! Pare de intimidar minha filha! Pare com isso... pare! — Escondendo o rosto nas mãos, Libby desabou sobre a mesa, enquanto a multidão recomeçava a zumbir como um enxame, fazendo com que o juiz Brown batesse o martelo mais uma vez.

— A ré queira se controlar! — ordenou ele. — E o mesmo se aplica às galerias! Sr.

Darrow... o tribunal gostaria de saber...

— Se é a vontade do tribunal, meritíssimo — apressou-se a dizer o Sr. Darrow. — A defesa abstém-se do restante das perguntas à testemunha. Diante das circunstâncias, pedimos um recesso até amanhã de manhã.

O barulho da multidão tornou-se ainda maior nesse momento, e o juiz começou a bater o martelo repetidamente.

— Silêncio! Não quero ouvir nem mais um ruído! — À medida que sua ordem começava a surtir efeito, o juiz deixou o martelo de lado, parecendo muito aborrecido. — A testemunha está dispensada — disse ele. — E a sessão está suspensa até as dez horas de amanhã... e é melhor que eu

veja um comportamento muito diferente então. Caso contrário, encerrarei os procedimentos!

Uma última batida do martelo e o meirinho Coffey adiantou-se para ajudar Clara — que a essa altura chorava copiosamente — a descer do banco das testemunhas. O Sr. Picton correu em auxílio, mas os olhos atormentados da menina estavam fixos na mãe, aparentemente arrasada.

— Não chore, mamãe! — gritou Clara mais uma vez, enquanto era levada embora. Desta vez, porém, sua voz soava muito diferente: todo o tom maduro havia desaparecido e o desespero em suas palavras estava sublinhado pela força dos soluços. — Não chore, é para o seu bem! Isso é para ajudar a senhora, eles me disseram...

Libby Hatch não levantou os olhos. Percebendo o que estava acontecendo, o Doutor dirigiu-se rapidamente para o portão na grade; mas quando Clara o viu, sua angústia pareceu aumentar ainda mais, e ela correu, passando por ele, em direção ao Sr. e à Sra. Weston, que a levaram embora rapidamente, primeiro da sala e depois do edifício.

O juiz já havia se retirado; e no momento em que o júri se preparava para fazer o mesmo, o Sr. Darrow ajudou Libby a se erguer, conduzindo-a em direção à porta lateral que levava à sua

cela. No entanto, antes que ela ou o júri tivesse saído, Libby começou a lastimar:

— Ela não se lembra! Não se lembra! Como podem esperar que se lembre? Ela é só uma criança! Ah, minha pobre Clara! Meu pobre bebê!

Nesse momento, o Sr. Darrow voltou-se para os jurados, parecendo preocupado; a visão dos rostos confusos, porém,

pareceu tranquilizá-lo, e ele fez ao guarda de pé atrás de Iphegeneia Blaylock o sinal para que levasse sua cliente para o andar de baixo.

Com a atmosfera finalmente se acalmando, o Sr. Picton caminhou até o Doutor. O olhar que os dois trocaram não indicava nada de bom, e certamente não me era difícil entender o motivo. O restante do grupo se aproximou, todos parecendo profundamente perturbados; apenas o Sr. Moore coçava a cabeça.

— Ora — disse ele —, se querem saber a minha opinião, Vanderbilt está jogando dinheiro fora. Imaginem só, tentar maltratar uma garotinha de oito anos como aquela! Darrow deve estar maluco! Diabos, até mesmo a *mãe* dela... — De súbito, ele parou: olhando o rosto de cada um de nós, ele finalmente percebeu o que já havíamos compreendido. — Droga! — exclamou entre dentes, batendo o pé no chão. — *Odeio* ser o último a entender essas coisas! Ele planejou toda a cena, não foi?

— Filho da puta! — disse Marcus, mais perplexo do que zangado. — Transformou o que seria um desastre incondicional numa possível vantagem para sua cliente.

— E ela desempenhou o papel com perfeição — observou o Sr. Picton, pesaroso. Em seguida, virou-se para o Sr. Moore: — Homens como Vanderbilt não mantêm sua posição na vida fazendo opções estúpidas, John. — Ele sibilou e golpeou com a mão a grade de madeira.

— O que importa a Darrow as pessoas pensarem que *ele* é insensível se, ao mesmo tempo, puder fazer o júri acreditar que Libby ama genuinamente a filha e que nada faria para magoá-la?

Olhei para o Doutor, cujo rosto estava um tanto pálido. Ele voltou-se para fitar as portas de mogno, como se acreditasse que Clara pudesse voltar à sala; tudo que viu, porém, tudo que nós vimos, foi a multidão saindo, alguns virando-se para trás a fim de lançar ao nosso grupo o que educadamente poderia ser chamado de olhares pouco indulgentes. Buscando sua cadeira, o Doutor oscilou para trás e sentou-se, as feições de repente tornando-se mortalmente pálidas: a mesma palidez, percebi com certo pavor, de quando ele recebera a notícia sobre Paulie McPherson.

Enquanto estava ali, observando-o, senti um leve puxão no braço e virei-me, deparando com El Niño olhando-me com ar grave.

— *Señorito* Stevie — disse ele, tentando não ser ouvido pelos outros —, isso não é bom.

— Não — respondi —, não é.

O aborígine considerou a resposta e então assentiu, endireitou a gravata branca de seda e pôs as mãos nos quadris.

— Este homem Darrow... tem *certeza* de que eu não deveria matar ele?

— Para dizer a verdade — respondi, abanando a cabeça —, estou começando a duvidar...

## **CAPÍTULO 45**

Os ânimos estavam muito deprimidos na casa do Sr. Picton naquela noite, muito mais porque, no início do dia, havíamos imaginado que os acontecimentos da tarde nos deixariam firmemente no controle do caso. Em vez disso, o

esperto Sr. Darrow, no combate contra nós, alcançara um empate, ou talvez algo ainda pior: fizera Clara parecer insegura e confusa, e plantara a ideia de que sua confiança e talvez até mesmo sua história haviam sido obra do Doutor, e não mérito dela. Na verdade, os fatos, como ela os contara, trabalhavam a nosso favor; mas, como qualquer um que já tenha estado envolvido com a lei poderá dizer, os fatos nem sempre ou quase nunca são o que decide um caso. Assim sendo, não conversamos muito durante o jantar, os adultos concentrando a maior parte de sua energia em dar um bom desfalque na adega do Sr. Picton. Após a refeição, Marcus e o Sr. Moore tomaram o bonde para Saratoga, a fim de ter uma ideia da reação do público em geral ao testemunho de Clara —

embora a resposta a essa pergunta parecesse bastante óbvia.

Quanto a mim, descobri que o anoitecer me trouxe mais preocupações com Kat. Ana Linares também ainda ocupava minha mente, assim como a de todos os outros; mas o pensamento do que aconteceria se Libby se livrasse das acusações, voltasse para Nova York e descobrisse Kat tentando proteger o bebê revolvía-me o coração e o estômago, de maneira tal que eu não conseguia controlar. Após o jantar saí para uma longa caminhada e, na volta, sentei-me na varanda na frente da casa, ainda tentando livrar-me de meus pensamentos, dizendo a mim mesmo que Kat já devia ter ido embora de Nova York e que a culpa do atual apuro em que se encontrava era exclusivamente dela. Mas isso não funcionou. Quanto mais pensava a respeito, mais eu mergulhava num estado mental que era típico em minhas relações com Kat: uma espécie de tristeza frustrada e, debaixo desta, uma sensação de que, de alguma maneira, eu tinha pelo menos parte da culpa pela situação.

Absorto em tais cogitações e emoções, mal percebi o ruído da porta de tela se abrindo atrás de mim. Sabia que era o Doutor: ele tinha lido a preocupação em meu rosto durante o jantar, e era bem próprio dele querer ter certeza de que eu estava bem. Sem muita disposição para falar

— como sempre, o assunto Kat só servia para fazer com que eu me sentisse estúpido ao discuti-lo com outras pessoas —, fiquei grato quando ele apenas se sentou ao meu lado, sem nada dizer. Ouvimos os grilos por algum tempo e trocamos alguns comentários sobre um exame de vagalumes que fazia, no gramado diante da casa do Sr. Picton, uma boa imitação do céu estrelado acima de nós. Afora isso, porém, continuamos abstraídos cada um em suas próprias preocupações.

Era evidente no que o Doutor estava pensando: o momento em que Clara Hatch passara correndo por ele, saindo pela porta do tribunal, fora terrível, e o fizera perguntar-se se agira corretamente com a garotinha no intuito de ajudá-la, ou se, na verdade, não a usara tendo em vista seus próprios propósitos. Não havia nada que eu pudesse lhe dizer — honestamente, eu

não sabia o que pensar a respeito. Talvez o silêncio e o esquecimento fossem o melhor, pensava parte de mim, para alguém como Clara Hatch; talvez enfrentar os demônios do passado, especialmente em idade tão tenra, fosse apenas um doloroso desgaste; talvez a chave para a vida, a despeito de tudo em que o Doutor acreditava e a que dedicara sua vida, fosse apenas deixar a torpeza que se encontra — que *toda* pessoa encontra — para trás, e prosseguir vivendo. Talvez a memória fosse uma maldição perversa, e a mente que consegue apagar lembranças dolorosas, uma bênção. Talvez...

Ainda estávamos ali sentados na varanda quando o Sr. Moore e Marcus chegaram caminhando. Avistando os dois, o Doutor se pôs de pé e gritou:

— Viram White?

O Sr. Moore assentiu, segurando um pequeno envelope.

— Nós o vimos. — Eles alcançaram os degraus e o Sr. Moore entregou o envelope ao Doutor. — Contudo, ele não tinha muito para dizer.

— E tem mais — acrescentou Marcus, quando o restante do grupo, atraído pelas vozes dos que retornavam, saiu para a varanda: — Vários outros hóspedes chegaram hoje ao Grand Union. Cortesia do Sr. Vanderbilt.

— Testemunhas da defesa? — indagou a Srta. Howard.

Marcus assentiu com a cabeça e em seguida olhou para o irmão.

— Estão trazendo Hamilton, Lucius.

Os olhos do Isaacson mais jovem arregalaram-se.

— *Hamilton?* Está brincando!

Marcus sacudiu a cabeça, enquanto o Sr. Picton perguntava:

— E quem é “Hamilton”?

— Dr. Albert Hamilton, de Auburn, Nova York — disse Marcus. — Embora não exista nenhuma prova de que ele tenha de fato algum doutorado. Era um vendedor de medicamentos.

Agora se passa por especialista em tudo: de balística a toxicologia, passando por anatomia. Um perfeito charlatão. Mas fez nome como perito, e já enganou um bocado de gente esperta.

Mandou muito inocente para a forca também.

— E Darrow o contratou? — perguntou o Sr. Picton.

Marcus assentiu.

— Meu palpite é o de que o senhor irá receber a solicitação da arma e dos cartuchos bem cedo pela manhã, para que Hamilton possa submetê-los aos seus “testes”.

— Mas isso é ridículo! — exclamou Lucius. — Hamilton irá dizer qualquer coisa que quem estiver pagando *quiser* que ele diga!

— Que é a maneira mais fácil de se tornar um perito de sucesso — grunhiu o Sr. Picton. —

Alguém mais?

— Sim — respondeu o Sr. Moore. — E não me agradam as possibilidades sugeridas por essa testemunha. Darrow quer alguém que ele possa apresentar como especialista em psicologia e caráter femininos. Alguém que tenha uma ligação com o lugar, com quem o povo daqui esteja familiarizado e com quem possa até simpatizar. — Ele voltou-se para a Srta.

Howard. — Trata-se de sua amiga, a Sra. Cady Stanton, Sara.

— *A Sra. Cady Stanton?* — repetiu a Srta. Howard.



— Mas ela estava presente — comentou Cyrus, parecendo preocupado. — Quando fizemos o retrato... Ela sabe que estávamos atrás da mulher.

— É exatamente por isso que Darrow a quer, suspeito — disse Marcus. — Ele irá tentar pintar o caso como uma caça às bruxas empreendida pelo Doutor.

— Não irá muito longe com isso — declarou o Sr. Picton com firmeza. — Seu encontro anterior com a Sra. Cady Stanton está ligado a outro caso, não comprovado, que ainda precisa ser oficialmente investigado, e posso usar esse fato a nosso favor. Se Darrow fizer sequer uma *insinuação* sobre o caso no qual vocês estavam trabalhando em Nova York, farei com que o juiz Brown o obrigue a calar-se por fugir ao mérito da questão.

— Certo — disse a Srta. Howard —, mas o fato de saber que estamos atrás de Libby há tanto tempo provavelmente irá tornar a Sra. Cady Stanton hostil. E ela pode ser bastante persuasiva quando seu sangue está quente. — Refletindo sobre a possibilidade, a Srta. Howard chutou uma das pilastras que sustentavam o telhado da varanda. — *Droga!* Aquele homem é muito esperto!

O Doutor ouvira tudo isso, mas não fizera nenhum comentário: estava muito ocupado lendo o bilhete do Dr. White, que pareceu deixá-lo bastante consternado.

— Mais boas notícias, Kreizler? — perguntou o Sr. Moore, vendo a expressão preocupada no rosto do Doutor.

— Certamente não é o que eu estava esperando — disse o Doutor, dando de ombros. —

White diz que, dadas as circunstâncias, ele não acha que seja uma boa ideia nós dois nos encontrarmos antes de ele

testemunhar. Não é o tipo de atitude que combine com ele.

— Talvez não — disse o Sr. Picton. — Mas é coerente. Darrow está mantendo um controle severo sobre tudo e todos conectados ao caso. Acho que ficou um pouco surpreso por estarmos tão bem preparados, e quer ter certeza de que também pode oferecer algumas surpresas em troca. Foi o que vimos hoje, isso é certo.

— Bem, por mais estranho que seja, parece que não precisamos superestimar o que aconteceu hoje — advertiu Marcus, entrando na casa. — Pelo menos, não segundo a linha de apostas de Canfield.

— Como é que está agora? — indagou Cyrus, seguindo Marcus.

— Nenhuma mudança — respondeu o Sr. Moore, seguindo-os. — Ainda está sessenta para um, contra a condenação. E Canfield está encontrando um bocado de apostadores, mesmo com essa desigualdade.

Sem tirar os olhos do bilhete que recebera, o Doutor perguntou:

— E quanto foi que você perdeu enquanto obtinha essa informação, Moore?

O Sr. Moore dirigiu-se à porta de tela.

— Poderia ter sido pior — disse ele, entrando na casa, num tom constrangido que me levou a acreditar que não poderia ter sido *muito* pior.

Ainda assim, por mais dispendiosa que possa ter sido, a notícia de que aqueles que estavam mais atentos ao caso — os apostadores inveterados — não acreditavam que nossa

causa tivesse sido abalada pelas proezas do Sr. Darrow naquela tarde era encorajadora, e todos pudemos dormir um pouco melhor, creio, por causa dela. Lucius foi o último a se recolher: na manhã seguinte, era sua vez de subir ao banco das testemunhas para falar sobre os aspectos circunstanciais do processo contra Libby Hatch, e ele queria ter certeza de ter tudo na ponta da

língua antes de ir dormir. E também acordou cedo; quando descí, encontrei-o caprichosamente vestido, andando de um lado para o outro no quintal dos fundos, murmurando para si mesmo e já suando. Sempre frio como gelo no que respeitava ao seu trabalho de investigação e aos testes científicos, ele (assim como eu) odiava qualquer tipo de atenção direta de multidões de estranhos, e acredito que todos nós estaríamos um pouco mais tranquilos se o irmão bem mais diplomático fosse aquele a prestar testemunho. No entanto, colocar Marcus no banco das testemunhas teria dado ao Sr. Darrow a chance de insinuar, senão declarar abertamente, que fora espionado pela promotoria antes do julgamento, fato este que, embora certamente não chegasse a constituir um ato ilegal, poderia ser apresentado de maneira a nos fazer parecer desesperados.

E, assim, foi Lucius quem, pouco depois das dez, fez o juramento e sentou-se no banco das testemunhas, pronto para revelar todos os detalhes sobre a arma de Daniel Hatch que ele e o irmão haviam reunido durante nossa permanência em Ballston Spa. A atmosfera no tribunal estava agora um tanto diferente com a chegada das novas caras, visíveis por trás da mesa da defesa: o Dr. William Alanson White, um jovem de baixa estatura e óculos; a Sra. Elizabeth Cady Stanton, com a aparência muito bem cuidada; e, por fim, um sujeito de aparência peculiar, que tentava compensar o tamanho insignificante enfunando-se como um galo: o “Dr.”

Albert Hamilton, conhecido “especialista” em balística. O Dr. White e a Sra. Cady Stanton limitaram-se a dirigir um cumprimento formal àqueles membros de nosso grupo que conheciam, deixando claro desde o início que não concordavam com o que estávamos fazendo; e não creio que a natureza tensa da situação ajudasse os nervos de Lucius. Não obstante, ele portou-se admiravelmente, sentando-se e aguardando que começassem a questioná-lo, como se fizesse isso todos os dias.

De fato, durante o tempo em que foi interrogado pelo Sr. Picton, o sargento-detetive comportou-se de forma até impressionante: não se esqueceu de nenhum detalhe, não hesitou nas respostas e nem mesmo suou, pelo menos não muito mais do que qualquer outra pessoa naquela manhã quente e úmida de agosto. Curiosamente, eu me sentia orgulhoso dele, pois sabia o quanto Lucius detestava a posição a que fora forçado; foi só no fim de seu testemunho que as coisas começaram a se tornar mais tumultuadas.

— Só mais alguns detalhes, sargento-detetive — disse o Sr. Picton. — O senhor nos disse aproximadamente quando o revólver foi disparado pela última vez, quantos tiros foram disparados, de que maneira apenas duas balas poderiam ter sido responsáveis pelos ferimentos infligidos às três crianças, e o quão perfeitamente a bala retirada da carroça dos Hatches combina com o cano da arma de Daniel Hatch. Mas algum detalhe encontrado durante a inspeção que o senhor fez da arma poderia levá-lo a aventurar um palpite sobre *quem* a disparou por último?

— Sim, poderia — respondeu Lucius rapidamente.

— E o que é?

— Realizamos um teste datiloscópico. Comparamos os resultados a amostras recolhidas de objetos pertencentes à ré. A combinação é perfeita.

Mais uma vez, o Sr. Darrow levantou-se da cadeira como um raio.

— Protesto contra essa linha de interrogatório, meritíssimo — disse ele. — A promotoria está tentando incluir evidência de um tipo que *nunca* foi aceita num tribunal de justiça dos Estados Unidos, e tenho certeza de que eles sabem disso.

— Está certo — replicou o juiz Brown, dirigindo ao Sr. Picton o olhar crítico que já se estava tornando habitual. — A menos que o promotor-assistente esteja de posse de algum novo dado científico que estabeleça que as impressões digitais, que, para governo do júri, é sobre o que estamos falando aqui... a menos que um novo dado científico estabeleça que a análise das impressões digitais é absolutamente confiável, ou a menos que o Sr. Picton possa me oferecer um precedente para sua inclusão num tribunal americano, não posso permitir que o testemunho continue.

— O meritíssimo não precisa dar sua permissão — disse o Sr. Picton. — Na verdade, a promotoria não deseja continuar. Reconhecemos que a análise das impressões digitais ainda não é aceita nos tribunais de justiça dos Estados Unidos, apesar de ser utilizada como prova em tribunais da Argentina...

— Sr. Picton — advertiu o juiz, levantando o martelo.

— ... e apesar de também o governo britânico na Índia ordenar seu uso pela polícia e pelos promotores, por toda a colônia.

— Sr. Picton, já basta! — gritou o juiz, batendo o martelo.

— Meritíssimo — disse o Sr. Picton, assumindo mais uma vez uma expressão de inocência

—, peço perdão ao tribunal, mas creio que estou sendo mal compreendido. Apenas *mencionei* esses fatos interessantes e, no entender de alguns, importantes. Não estou dizendo que o júri deva dar atenção a eles simplesmente porque argentinos, indianos e ingleses o fazem. Afinal, isto aqui é a América, e aqui as coisas demoram a ser aceitas. Eu *não* apresento esses testes como evidência, mas apenas como uma extraordinária coincidência que pode interessar ao júri.

— Sentando-se rapidamente, o Sr. Picton acrescentou: — Não tenho mais perguntas, meritíssimo.

A essa altura o juiz Brown esfregava com força a pele áspera e enrugada do rosto.

— Sr. Picton — começou ele, tentando controlar a voz —, se algum dia ouvi sofística mais descarada num tribunal, não me recordo. O senhor sabe perfeitamente bem que qualquer coisa dita num testemunho deve ser considerada evidência, ou é imprópria! Posso prendê-lo por desacato, e se o senhor tentar esse tipo de embuste semântico mais uma vez, irei mesmo prendê-lo por desacato! O senhor está aqui para apresentar provas aceitáveis, e não para comentar teorias interessantes e não comprovadas! — Voltando-se para os jurados, o juiz trovejou: — O júri queira desconsiderar tudo que acabou de ser dito, que também será eliminado dos autos! — Então foi a vez de Lucius: o juiz voltou-se para ele e ameaçou: — E se o senhor voltar a mencionar esse assunto das impressões digitais, sargento-detetive, eu o prendo por desacato também!

A testa de Lucius começou a brilhar sob o calor de tais palavras.

— Sim, senhor — disse ele, humildemente.

Bufando, exasperado, o juiz Brown virou-se para a mesa da defesa:

— Muito bem, Sr. Darrow, a testemunha é sua! E já que estou com disposição para advertências, aviso ao senhor também: não quero ver nenhuma cena histérica como a que assisti ontem! Este julgamento irá transcorrer de maneira ortodoxa daqui em diante, e se qualquer um dos lados ultrapassar a linha outra vez, mando prender *todo mundo!*

— O Sr.

Darrow não conseguiu esconder o sorriso; e o juiz apontou diretamente para a cabeça dele com

o martelo quando o viu sorrindo. — Não cometa o engano de não levar estas palavras a sério, Sr. Darrow, ou o senhor se verá num trem, de volta a Chicago, como um vira-lata escorraçado!

O Sr. Darrow fez desaparecer o sorriso quando saiu de trás da mesa.

— Sim, meritíssimo. Peço desculpas. O senhor tem sido extremamente paciente.

— Pode apostar que sim! — afirmou o juiz, fazendo com que as galerias se dobrassem de rir. Com isso o juiz se pôs de pé e começou a bater o martelo como louco. — E o mesmo vale para todos vocês!

À medida que o silêncio retornava, o juiz começou a se acalmar; mas foi só quando a sala ficou completamente

quieta que ele se sentou, resmungando algo sobre “todos os meus quarenta anos de tribunal”. Nesse momento ele apontou outra vez para o Sr. Darrow com o martelo.

— E então? Ande, advogado, não quero *morrer* antes do fim deste julgamento!



Assentindo com a cabeça, o Sr. Darrow aproximou-se de Lucius.

— Sargento-detetive, em quantos processos o senhor diria que a balística já desempenhou papel importante?

— Nos Estados Unidos? — perguntou Lucius.

— Ah, sim, sargento-detetive — respondeu o Sr. Darrow —, pelo bem da saúde mental do meritíssimo, acho melhor restringirmos nossa discussão aos Estados Unidos.

Nesse momento, foram muitos os que *quiseram* rir, mas ninguém o fez.

Lucius deu de ombros.

— Alguns.

— O senhor pode me dar um número?

— Não. Receio que não.

— Mas todo esse negócio sobre o senhor poder determinar quando uma arma foi disparada, a partir do mofo e da ferrugem que se criam nela... Isso já foi usado antes?

— Várias vezes. Começou com o caso Moughon, em 1879. O réu foi dispensado quando um fabricante de armas determinou que, por causa do mofo e da ferrugem acumulados em sua pistola, a arma não poderia ter sido disparada pelo menos nos dezoito meses anteriores. O

homicídio em questão havia ocorrido durante esse tempo.

O Sr. Darrow abanou a cabeça, dirigindo-se à tribuna do júri.

— Eu não sei, sargento-detetive... talvez seja apenas eu, mas... já vi muito mofo e muita ferrugem em minha vida. Parece assombroso que se possa datar seu crescimento tão precisamente como se fosse uma criatura viva.

— O mofo é formado por criaturas vivas — respondeu Lucius, aproveitando a oportunidade para alfinetar o Sr. Darrow, apesar de seu nervosismo. — E a ferrugem nada mais é do que a oxidação do metal, que se ajusta a períodos de tempo conhecidos. Quando se tem a prática, não é nada assim tão complicado.

— É o que o senhor diz, detetive. E creio que temos de aceitar sua palavra sobre o assunto... por enquanto. Com que então a arma foi disparada há cerca de três anos, uns meses a mais ou a menos... E uma das balas foi encontrada cravada na carroça. — O rosto do Sr.

Darrow franziu-se outra vez. — Não tenciono parecer obtuso, detetive, mas o que o senhor pode dizer sobre isso? Sobre a combinação entre a bala e a arma? Quantos casos já foram solucionados usando essas técnicas?

— Bem — disse Lucius, um pouco mais desconfortável —, os fabricantes de armas vêm comparando projéteis com canos de armas há décadas...

— Trata-se de uma ciência exata, então?

— Isso depende do que o senhor chama de exata.

— Exata é exata, detetive — replicou o Sr. Darrow, voltando para perto de Lucius. — Sem margem para erros.

Lucius remexeu-se na cadeira e apanhou um lenço a fim de enxugar a testa.

— Não existem muitas ciências que não tenham margem para erros.

— Sei — disse o Sr. Darrow. — Então, não é uma ciência exata. E o que me diz da bala?

Algum sinal de que esteve de fato envolvida nos homicídios?

— Havia vestígios de sangue nela.

— Alguma ideia do tipo de sangue?

Lucius começou a suar ainda mais visivelmente e tornou a enxugar a testa.

— Não... existem testes, até agora, que possam distinguir um tipo de sangue de outro.

— Ah. — Esforçando-se o máximo possível a fim de parecer que estava sinceramente lutando com o problema, o Sr. Darrow voltou a postar-se diante do júri. — Em suma, o que o senhor está dizendo é que temos uma arma que foi disparada há *cerca* de três anos, por *quem* certamente não sabemos dizer, e que foi encontrada no fundo de um poço atrás da casa dos Hatches. Pode ou não ter sido a arma que disparou a bala encontrada na carroça dos Hatches...

uma bala que pode ou não estar relacionada aos homicídios. É isso mesmo, detetive?

— Eu não caracterizaria a situação dessa maneira — disse Lucius. — As probabilidades são...

— As *probabilidades* são altas o bastante para deixar margem para uma dúvida considerável, detetive. Pelo menos na *minha* mente. Mas vamos tentar uma pergunta

que talvez o senhor possa responder com maior precisão: em quantos julgamentos já foi convocado como perito em balística?

Lucius obviamente foi apanhado desprevenido.

— Quantos?

— É uma pergunta simples, detetive.

Baixando os olhos e levando o lenço à testa mais uma vez, Lucius disse baixinho:

— Esta é a primeira vez.

— A primeira? — respondeu o Sr. Darrow, olhando rapidamente para o banco das testemunhas, e em seguida outra vez para o júri. — O senhor está indo em águas muito profundas para a primeira vez em que mergulha, não acha?

Tentando dar início a uma discussão, Lucius respondeu:

— Faz muitos anos que estudo balística...

— Ah, sem dúvida, sem dúvida. Apenas ninguém pensou ainda em pedir sua opinião. Eu me pergunto por quê? — Desviando finalmente os olhos dos jurados, o Sr. Darrow voltou à mesa. — Isso é tudo, senhor.

Lucius começou a se levantar, mas nesse momento o Sr. Darrow levantou uma das mãos.

— Ah... tem mais uma coisa, sargento-detetive. O senhor declarou durante suas explicações iniciais que é membro do Departamento de Polícia de Nova York. Importa-se se eu perguntar em que missão está trabalhando no momento?

Parecendo muito assustado, Lucius voltou a se recostar na cadeira e tentou esquivar-se:

— Minha atual missão? O promotor-assistente pediu-me que analisasse...

— Refiro-me ao seu departamento — cortou o Sr. Darrow.

Lucius respirou fundo.

— Minha atual missão não está ligada a este caso, e não seria apropriado...

— Não é verdade, detetive — interrompeu-o o Sr. Darrow, sua voz soando de maneira íntegra —, que há várias semanas foi designado para investigar o Dr. Laszlo Kreizler? Mais precisamente o papel dele no suicídio de uma criança que se encontrava aos cuidados do Doutor no Instituto Kreizler, em Nova York?

A multidão não pôde se conter naquele momento e, enquanto começava a tagarelar, surpresa, o Sr. Picton saltou da cadeira.

— Protesto! Meritíssimo, a promotoria protesta energicamente! Que significado a atual missão do sargento-detetive pode ter neste caso?!

O juiz bateu o martelo, silenciando as galerias, então agarrou uma das orelhas e voltou-se para o Sr. Darrow.

— Advogado, eu tinha esperanças de que o senhor fosse deixar as insinuações para o promotor-assistente. O que o senhor pretende trazendo à baila essa questão evidentemente desvinculada do caso em questão?

— Meritíssimo — respondeu o Sr. Darrow —, creio que não posso concordar com a avaliação do tribunal de que esta informação está desvinculada do caso. Quando a argumentação da promotoria repousa tão solidamente sobre o trabalho de um especialista, e quando a integridade e competência deste especialista são o objeto de uma investigação conduzida por *outro* perito da promotoria, bem, meritíssimo, o promotor-assistente não é o único que pode reconhecer uma notável coincidência.

O juiz bateu com força o martelo, os olhos fuzilando.

— Talvez não, senhor... mas este tribunal não irá tolerar a apresentação de coincidências pela defesa mais do que pela promotoria! Se as questões em que o senhor está tocando tiverem algum significado direto neste caso, então explique-o neste exato momento.

O Sr. Darrow limitou-se a erguer as mãos. Era sua vez de fingir-se de inocente.

— Peço desculpas, meritíssimo, se minhas observações foram impróprias.

— Impróprias e inadmissíveis — irritou-se o juiz. — O júri irá ignorar as observações da defesa a respeito da atual missão da testemunha no Departamento de Polícia de Nova York, e tais observações serão excluídas dos autos. — O martelo admonitório foi erguido mais uma vez, na direção da mesa da defesa. — E não tente esse tipo de truque comigo outra vez, Sr.

Darrow. Não irei tolerar nenhuma referência ou exploração de qualquer assunto que não diga respeito única e exclusivamente a este processo. Agora prossiga com suas perguntas.

— Não tenho mais perguntas, meritíssimo — respondeu o Sr. Darrow, sentando-se.

— Sr. Picton? — chamou o juiz. — O senhor deseja fazer mais alguma pergunta?

— Se isso pudesse apagar da memória do júri a difamação, meritíssimo — disse o Sr.

Picton —, então eu faria. Mas, como não pode, não tenho mais nada a dizer.

— O sargento-detetive está dispensado — disse o juiz Brown — e a promotoria pode chamar a próxima testemunha.

— A promotoria convoca a Sra. Louisa Wright — anunciou o Sr. Picton.

Houve uma pequena comoção no fundo da sala, quando a Sra. Wright entrou, passando pelas portas de mogno.

## **CAPÍTULO 46**

Enquanto a ex-governanta atravessava o corredor, o Doutor inclinou-se para perguntar ao Sr.

Picton:

— E o que foi feito de Parker?

O Sr. Picton encolheu os ombros.

— Dois assistentes de Dunning deveriam escoltá-lo de trem até aqui esta manhã. Neste momento já devem ter chegado. Terei de apresentá-lo hoje à tarde.

Usando um vestido azul antiquado, a Sra. Wright passou resoluta e orgulhosamente pelo portão na grade de

carvalho, voltando a cabeça grisalha e as feições argutas para a mesa da defesa uma única vez, sem registrar emoção de qualquer tipo ao ver Libby Hatch. Ao juramento do meirinho Coffey ela quase gritou um sólido “Sim!” e, em seguida, declarou seu nome, como se esperasse que alguém a contestasse. Essa atitude ela não perdeu um só instante durante as primeiras perguntas do Sr. Picton, quando ele estabeleceu um quadro muito claro de como era a vida na casa dos Hatches. Libby era uma mulher de temperamento muito instável, disse a Sra. Wright, e quando sentia que os seus desejos estavam sendo frustrados, era tomada por uma fúria extrema. O Sr. Picton cuidou para que o júri compreendesse que Louisa Wright não nutria nenhum grande amor por Daniel Hatch e, por conseguinte, nenhum ciúme da ex-patroa: como dissera à Srta. Howard assim que chegamos à cidade, as únicas pessoas por quem sentia simpatia ou afeto verdadeiros na casa eram as três crianças, que cresciam tão perturbadas pela rabugice do pai e os humores inconstantes da mãe que às vezes pareciam viver em constante estado de nervosismo.

— Pois, bem, Sra. Wright — disse por fim o Sr. Picton, depois de pintar esse quadro não muito agradável do lar dos Hatches —, a partir de que momento a senhora diria que o reverendo Clayton Parker passou a visitar regularmente a casa?

— Bem — começou ela, refletindo —, ele em geral aparecia nos feriados, no Natal, por exemplo, e naturalmente cuidou do batismo de Clara... mas foi só mais tarde que começou a fazer visitas sociais regulares. O primeiro aniversário de Clara, creio, foi a primeira noite em que ele ficou para jantar.

— E depois disso, com que frequência visitava a casa?



— Ah, pelo menos uma vez por semana, às vezes mais. A essa altura o Sr. Hatch estava se interessando mais pelos negócios da igreja, veja bem. Muitas pessoas fazem isso, quando começam a pensar que não têm mais muito tempo de vida. — A Sra. Wright não tencionava fazer piada, e ficou surpresa quando seu comentário foi recebido por risadas nas galerias. — É

verdade! — insistiu ela, apertando as mãos, como se estivesse constrangida. — Já vi isso acontecer.

— É claro que sim — respondeu o Sr. Picton. — Mas o interesse do Sr. Hatch pela igreja era a principal razão da presença cada vez mais constante do reverendo Parker na casa?

— Protesto, meritíssimo — objetou o Sr. Darrow. — A pergunta pede uma resposta especulativa.

— Vou reformulá-la, então — disse o Sr. Picton, antes que o juiz ordenasse que o fizesse.

— Sra. Wright, era com o Sr. Hatch que o reverendo passava a maior parte do tempo durante suas visitas?

— Não, senhor — respondeu a Sra. Wright num leve tom de troça. — Afinal, quanto tempo se leva para assinar um cheque?

Mais risadas vieram da multidão, e o juiz respondeu da maneira habitual: com batidas irritadas do martelo. Inclinando-se para a frente, ele repreendeu levemente a Sra. Wright:

— A testemunha queira, por favor, manter o elemento de sarcasmo fora de suas respostas.

— Mas é o que *estou* fazendo, senhor! — respondeu ela, parecendo um pouco ofendida. —

Isso era tudo que o Sr. Hatch fazia quando o reverendo chegava: assinava cheques e às vezes conversava por uns poucos minutos sobre teologia. O restante do tempo era a senhora quem cuidava de seu... *convidado*.

— E por que isso? — indagou o Sr. Picton.

— Com certeza, não sei dizer — replicou a Sra. Wright. — Só sei o que vi, umas seis ou sete vezes.

— E o que foi que a senhora viu?

Aprumando as costas e estreitando os olhos, a Sra. Wright apontou um dedo na direção da mesa da defesa.

— Vi *aquela* mulher e o reverendo Parker. No bosque de bétulas, a uns quatrocentos metros da casa.

— E o que estavam fazendo?

— Não estavam fazendo o tipo de coisa que um reverendo costuma fazer com mulheres casadas! — respondeu a Sra. Wright, tão ofendida quanto estaria se as cenas houvessem ocorrido no dia anterior.

O juiz suspirou, cansado.

— Sra. Wright, essa é uma pergunta direta. *Por favor*, tente responder de acordo. Já tenho jogos de palavras demais neste caso.

A Sra. Wright levantou os olhos para o juiz, uma expressão de choque no rosto.

— O senhor quer... que *diga* com todas as letras aquilo a que estou me referindo?

O juiz tentou sorrir.

— Seria bom, para variar.

A Sra. Wright dobrou as mãos no colo.

— Bem, não sei como... mas se o senhor está mandando, juiz, bem... — Ela respirou fundo e continuou. — A primeira vez, fui atrás da senhora porque Clara estava passando mal. Então a vi no bosque com o reverendo. Estavam abraçados e... se beijavam.

Mais murmúrios na multidão produziram novas batidas do martelo do juiz.

— E das outras vezes? — indagou o Sr. Picton.

— Das outras vezes... bem... — A Sra. Wright remexia-se, desconfortável. — Algumas foram a mesma coisa. Outras, porém... bem, estávamos em pleno verão. Quente, como agora.

O chão é macio naquele bosque, com uma boa cama de musgo. E isso é tudo que vou dizer, com ou sem juiz, com ou sem tribunal. Sou uma mulher decente!

O Sr. Picton assentiu.

— E certamente não lhe pediríamos que se comportasse de modo indecente. Mas deixe-me fazer a pergunta então da seguinte maneira, Sra. Wright: seria acertado dizer que a senhora observou a ré e o reverendo Parker parcial ou completamente nus?

Agora começando positivamente a se remexer, a Sra. Wright assentiu com a cabeça.

— Sim, senhor. Seria.

— E entregues à intimidade física?

Com o desconforto parecendo transformar-se em raiva, a Sra. Wright rugiu:

— Sim, senhor... e ela com um marido e a garotinha mais doce que alguém podia desejar na casa! Desonroso, é assim que chamo!

Assentindo enquanto começava a andar de um lado para o outro na frente do banco das testemunhas, o Sr. Picton perguntou lentamente:

— Não creio que pudesse me fornecer datas precisas para esses eventos, poderia?

— Precisas, não, senhor.

— Não. Mas deixe eu lhe perguntar uma coisa: a senhora teria segurança em afirmar que eles precederam o nascimento de Matthew e Thomas Hatch em, pelo menos, nove meses?

— Meritíssimo! — gritou o Sr. Darrow. — Receio que a promotoria esteja se entregando ao seu gosto pela sugestão mais uma vez.

— Não estou bem certo se concordo com o senhor desta vez, Sr. Darrow — respondeu o juiz. — A promotoria, embora tenha sido terrivelmente inconveniente a esse respeito, apresentou evidência que fala de oportunidade e meios,

neste caso. Vou permitir que comecem a abordar a questão do motivo. Mas vá com *cuidado*, Sr. Picton.

Com a expressão de quem seria capaz de beijar aquela cabeça branca e emaranhada que se balançava atrás da bancada, o Sr. Picton disse:

— Sim, meritíssimo. — E então voltou-se para a testemunha. — E então, Sra. Wright? A senhora diria que esses acontecimentos se passaram justamente nove meses antes do nascimento dos dois filhos mais novos dos Hatches?

— Muito perto disso — replicou a Sra. Wright, assentindo com a cabeça. — Lembro-me de ter pensado isso com meus botões na ocasião. E quando os meninos nasceram com aquela aparência, bem... tirei minhas próprias conclusões.

— E qual era a aparência deles? — O Sr. Picton olhou furtivamente para o juiz. — Peço-lhe que não especule neste momento, Sra. Wright.

Agitando o dedo em direção à mesa da defesa outra vez, a Sra. Wright disse:

— Aqueles meninos não herdaram a cor dos olhos, da pele e do cabelo do Sr. ou da Sra.

Hatch. Qualquer um podia ver isso. E havia ainda outra coisa... Quando se mora na casa em que se trabalha, passa-se a conhecer seus ritmos, por assim dizer. O Sr. e a Sra. Hatch dormiam em quartos separados. No início do casamento, passavam algumas noites juntos no quarto dele, mas depois que Clara nasceu... bem, o Sr. Hatch dormia apenas na própria cama. E se a senhora voltou ao quarto dele por outro motivo que não o de lhe levar comida

e remédio quando ele estava morrendo, certamente não fui testemunha disso.

— Entendo. Então qual foi a última vez em que viu a Sra. Hatch entrar no quarto do marido?

— Na noite em que as crianças foram baleadas — respondeu a Sra. Wright. — Ela corria pela casa em disparada... Eu não podia detê-la, estava ocupada demais tentando socorrer as crianças. Mas ela se trancou no antigo quarto do Sr. Hatch por uns bons cinco minutos.

— Ela se trancou? — repetiu o Sr. Picton. — Como sabe que ela trancou a porta?

— Ela ainda estava lá quando o xerife e o Dr. Lawrence chegaram — replicou a Sra.

Wright, dando de ombros. — Eles tentaram vê-la, para que o Dr. Lawrence pudesse lhe dar algo para acalmá-la. Mas a porta estava trancada. Depois de mais alguns minutos, ela tornou a sair, ainda gritando e correndo de um lado para o outro. Disse que havia encontrado a arma do marido e que temia fazer alguma coisa a si mesma com ela. Disse-me para me livrar daquilo e então a embrulhei num saco de papel e a joguei no fundo do velho poço.

— E a senhora se lembra que tipo de saco de papel era?

A Sra. Wright fez que sim com a cabeça.

— O Sr. Hatch comprava tudo a granel, para economizar. Ainda tínhamos uma caixa inteira de sacos da fábrica do Sr. West.

O Sr. Picton dirigiu-se à sua mesa e apanhou o pedaço da sacola de papel que Lucius havia cortado do embrulho do

Colt na noite em que encontrara a arma.

— Então o saco de papel teria esta marca impressa?

Ele entregou-lhe o retalho de papel pardo.

Examinando o pedaço de papel, a Sra. Wright assentiu.

— Sim, é esta mesma.

— A senhora tem certeza?

— É claro que tenho. Veja bem, há dois anos a fábrica de papel West mudou estes escritos aqui, do fundo do saco, para perto da borda. Quando se tem uma boa quantidade deles, a gente repara.

— E a senhora tem uma boa quantidade deles?

— Sim, senhor. Eu nunca os jogo fora. Para uma viúva vivendo da pensão do Exército economizar nunca é demais.

— Não, é claro que não. Bem, muito obrigado, Sra. Wright. Não tenho mais perguntas.

O Sr. Picton sentou-se, ainda parecendo muito satisfeito por nenhuma das respostas da Sra.

Wright ter sido excluída dos autos. O Sr. Darrow, por outro lado, parecia estar passando por mais uma daquelas suas súbitas mudanças de estratégia: as mãos unidas diante do rosto, as sobrancelhas apertadas sobre os olhos, ele esperou um minuto ou dois antes de dizer qualquer coisa ou se mover.

— Sr. Darrow? — chamou o juiz. — O senhor tem perguntas para a testemunha?

Finalmente mostrando algum movimento, ainda que apenas nos olhos, o Sr. Darrow murmurou:

— Uma ou duas apenas, meritíssimo. — Então, após outra pausa, ele se ergueu. — Sra.

Wright, a senhora algum dia observou algo no comportamento da ré que a levou a pensar que ela poderia ser capaz de assassinar os próprios filhos?

O Sr. Picton, que acabara de se acomodar na cadeira, levantou-se de imediato.

— Sou obrigado a protestar, meritíssimo. A testemunha não está qualificada a falar sobre tais questões. Temos alienistas que irão nos dizer do que a ré seria ou não capaz.

— Certo — replicou o juiz —, e não resta a menor dúvida de que irão se contradizer, sem nos levar a qualquer conclusão. A testemunha é uma mulher de bom senso incomum, é o que me parece, Sr. Picton. E foi o *senhor*, afinal, quem defendeu a inclusão das impressões dela nos autos. Vou deixar que ela responda.

— Obrigado, meritíssimo — agradeceu o Sr. Darrow. — E então, Sra. Wright?

Refletindo por um minuto, e lançando mais um olhar furtivo na direção de Libby, a Sra.

Wright respondeu:

— Eu... não contava com essa pergunta.

— É mesmo? — disse o Sr. Darrow. — Bem, lamento surpreendê-la. Mas, assim mesmo, tente me responder. Durante todos os anos em que trabalhou para ela, algum



dia a senhora suspeitou que a Sra. Hatch seria capaz de assassinar os próprios filhos?

A Sra. Wright olhou para o Sr. Picton, e a luta que se travava em sua mente estava patente no rosto.

— Que diabos Darrow está fazendo? — sussurrou o Sr. Moore. — Pensei que esta fosse uma de *nossas* perguntas!

— Ele viu o que o júri está inferindo do testemunho da mulher — respondeu o Doutor. —

E quer constrangê-la obrigando-a a fazer uma acusação direta. — Ele inclinou-se para a frente, ansioso. — Mas será que ela vai se *deixar* constranger...?

O Sr. Darrow cruzou os braços.

— Ainda estou esperando, Sra. Wright.

— Isso... — Louisa Wright torceu as mãos por alguns segundos. — Isso não é o tipo de coisa que se especule por aí...

— É mesmo? — replicou o Sr. Darrow. — Pois a mim parece que a senhora já fez uma série de especulações. Não pensei que fosse hesitar agora. Mas deixe-me então tornar as coisas mais fáceis. A senhora diz que a Sra. Hatch estava envolvida no que parece um caso bastante tórrido com o reverendo Parker. Não acha que teria sido mais fácil para ela fugir com ele, uma vez o marido morto, se não tivesse três filhos para prendê-la?

— É uma coisa dura de se dizer — respondeu a Sra. Wright, olhando novamente para Libby.

— Se puder encontrar um modo mais suave de fazer tais acusações — disse o Sr. Darrow

—, a senhora me diga. E então, Sra. Wright?

— O senhor não compreende — disse a mulher, um pouco mais desafiadora.

— E o que é que não compreendo?

A ex-governanta inclinou-se à frente, fitando o Sr. Darrow.

— Eu tenho filhos, senhor. Meu marido e eu tivemos dois filhos, antes de ele ser morto na guerra. Não consigo imaginar o que levaria uma mulher a fazer uma coisa dessas. Não é natural. A mãe pôr fim a uma vida que ela trouxe ao mundo... Isso não é natural.

— Meritíssimo, sou obrigado a solicitar sua ajuda aqui — disse o Sr. Darrow. — Creio que a pergunta era bastante clara.

— Sra. Wright — interveio o juiz Brown —, o advogado só está pedindo sua opinião.

— Mas é uma acusação terrível, meritíssimo, para se fazer contra alguém! — exclamou a Sra. Wright.

O Sr. Darrow, farejando o medo da mulher, aproximou-se do banco das testemunhas.

— Mas é essa acusação que a promotoria está fazendo à Sra. Hatch, e a senhora é testemunha de *acusação*. Ora, vamos, a senhora sabia que sua ex-patroa fora deixada de fora no testamento do marido e que a única maneira de ela herdar o dinheiro era as crianças morrerem. Isso não levantou suas suspeitas?

— Muito bem, então! — gritou a mulher. — Isso *de fato* me faz suspeitar dela, mas ainda assim é uma acusação terrível para se fazer contra alguém!

— A senhora *de fato* suspeita dela, Sra. Wright? — perguntou o Sr. Darrow com voz calma. — Ou *suspeitou*? Deixe-me ver se entendo. A senhora diz que a Sra. Hatch às vezes tinha o temperamento violento. Diz que ela estava romanticamente envolvida com o reverendo Parker. E diz que ela queria o dinheiro do marido. E tudo isso, segundo diz *agora*, é motivo suficiente para acreditar que ela matou os filhos, embora não tenha feito essa acusação naquela época.

— É claro que não fiz! — protestou a Sra. Wright. — Só pediram minha opinião há uma semana!

— Exatamente, Sra. Wright — replicou o Sr. Darrow, muito satisfeito. — Diga-me... a senhora conhece alguma outra mulher que já levantou a mão para os filhos?

A expressão da Sra. Wright era de confusão.

— Conheço, é claro.

— Já ouviu falar de alguma que tenha sido infiel ao marido?

Remexendo-se nervosamente na cadeira, a Sra. Wright tentou manter a voz sob controle.

— Uma ou duas, talvez.

— E o que me diz de outras que se casaram com homens velhos e ricos a fim de pôr as mãos no dinheiro deles?

— Talvez.

— A senhora acha que alguma delas seria capaz de matar os próprios filhos?

— O que o senhor quer dizer?

— Exatamente o que estou dizendo, Sra. Wright.

— Eu... eu não sei.

— Mas a senhora tem suspeitas bastante definidas em relação à Sra. Hatch. *Agora*, quero dizer.

— Não estou entendendo o senhor.

— Ah, acho que está, sim — replicou o Sr. Darrow, tornando a aproximar-se dela. — Sra.

Wright, não é verdade que a senhora só pensa que a Sra. Hatch pode ter matado os filhos *agora* porque o promotor-assistente e seus investigadores *sugeriram-lhe* que ela fez isso?

— Meritíssimo! — gritou o Sr. Picton, pondo-se de pé num salto. — Se o advogado de defesa está insinuando que a testemunha está mentindo...

— Meritíssimo, não estou insinuando nada disso — respondeu o Sr. Darrow. — Estou simplesmente tentando rastrear a origem das suspeitas da Sra. Wright, e mostrar que esta, assim como tantos outros elementos neste caso, parecem remeter sempre ao promotor-assistente e às pessoas que o estão assessorando no processo.

— Sr. Darrow — disse o juiz Brown —, pensei que já tivéssemos tido nossa cota de insinuações aqui...

— De fato, meritíssimo — replicou o Sr. Darrow, obsequioso.  
— Não tenho mais perguntas para a testemunha.

Fez-se uma longa pausa, durante a qual o Sr. Picton observou o Sr. Darrow sentar-se com uma combinação de raiva e confusão temporária no rosto.

— Sr. Picton? — chamou o juiz Brown por fim. — Deseja fazer mais perguntas à testemunha?

O Sr. Picton voltou-se para o juiz.

— Não, meritíssimo.

— Então a testemunha está dispensada — declarou o juiz, com o que a abalada Sra. Wright desceu do banco das testemunhas. O juiz Brown tornou a olhar para o Sr. Picton.  
— A promotoria irá nos apresentar outra testemunha?

Tentando erguer-se com compostura, o Sr. Picton olhou ansiosamente para a porta e, em seguida, para o xerife Dunning, que se limitou a dar de ombros.

— Na verdade, meritíssimo — começou o Sr. Picton —, a próxima testemunha da promotoria ainda não chegou. Ele deveria ser escoltado até a cidade por dois comissários do xerife Dunning, mas não sei...

Nesse exato momento, um rapazinho transpôs as portas de mogno. Ele usava o uniforme da Western Union e trazia nas mãos um envelope. Depois de fazer uma pergunta ao guarda parado à porta, foi encaminhado à mesa do Sr. Picton, seguindo ao longo do corredor.

Vendo-o, o Sr. Picton conjecturou:

— Deve ser notícia da testemunha chegando, meritíssimo. Se me permite um momento...

— Apenas um *momento*, Sr. Picton — disse o juiz, recostando-se na cadeira.

O garoto de recados passou pelas duas fileiras que ocupávamos, entregou um envelope ao Sr. Picton e lhe pediu que assinasse um recibo. Seguindo rapidamente as instruções, o Sr.

Picton rasgou o envelope do telegrama e o leu de imediato; então tornou a lê-lo, como se o que estava ali escrito não fizesse o menor sentido para ele. Finalmente, na terceira leitura, seu rosto perdeu toda a cor e ele desabou sobre a cadeira atrás dele.

— Picton — sussurrou o Doutor, observando-o —, o que foi?

O juiz Brown inclinou-se adiante na cadeira, parecendo ao mesmo tempo preocupado e um tanto irritado.

— Sr. Picton? O senhor está bem?

— Me... meritíssimo — gaguejou o Sr. Picton, tentando levantar-se outra vez. — Eu... —

Fitando o chão sem parecer vê-lo, o Sr. Picton enfim recuperou o fôlego, pigarreou e ergueu os olhos. — Sinto muito, meritíssimo. Neste momento, a promotoria deveria chamar o reverendo Clayton Parker. Ele deveria tomar o trem hoje pela manhã, em companhia de dois comissários do xerife Dunning. Mas parece que houve um... acidente...

— Um acidente? — repetiu o juiz. — Que tipo de acidente?

Fazendo uma pausa e tornando a olhar para o telegrama, o Sr. Picton informou devagar:

— Aparentemente o reverendo Parker hoje de manhã caiu debaixo de um trem que chegava no Grand Central Terminal. Ele ficou gravemente ferido e foi levado para um hospital próximo, onde morreu há quarenta e cinco minutos.

A notícia atingiu a sala de audiências com a mesma força com que o trem deve ter atingido o reverendo. As pessoas nas galerias — algumas das quais haviam sido membros da congregação de Parker — irromperam em franca comoção, várias sendo levadas às lágrimas.

Quanto ao nosso grupo, estávamos atordoados demais para dizer ou fazer qualquer coisa. Entre nós, naturalmente, não havia a menor confusão: todos sabíamos que não existia a menor possibilidade de que aquela morte tivesse sido de fato acidental. Ser morto por um trem no Grand Central era quase impossível, a menos que alguém o “ajudasse”: alguém com experiência em coisas desse tipo, alguém forte, alguém louco o bastante para levar a cabo esse serviço no meio de uma grande multidão, e alguém que não estivesse preocupado com a presença de dois comissários de polícia. Alguém sob os efeitos da cocaína, por exemplo; alguém como um Hudson Duster.

Quanto a Libby Hatch, ela emitiu um ruído curto e sonoro que eu poderia ter jurado fosse uma gargalhada; quando olhei em sua direção, porém, ela tinha o rosto enterrado nas mãos e parecia estar chorando.

O juiz Brown voltou ao trabalho, restaurando a ordem, embora dessa vez o fizesse com gentileza maior que de hábito. Quando a multidão começou a se aquietar, ele olhou toda a sala com um ar sombrio.

— O tribunal lamenta receber esta notícia — disse. — O reverendo Parker era conhecido e respeitado nesta comunidade, a despeito de quaisquer afirmações que tenham sido feitas nesta sala. Nestas circunstâncias, sugiro que tenhamos um recesso até as duas horas, quando o Sr.

Picton poderá chamar sua próxima testemunha. Ou, se precisar de mais tempo...

Ainda parecendo muito abalado, o Sr. Picton começou a agitar a cabeça.

— Não, meritíssimo. Obrigado. A promotoria estará pronta às duas. Com a próxima testemunha...

O juiz bateu o martelo e, assim que ele saiu, o tribunal tornou a ganhar vida. O Sr. Picton voltou a desabar sobre a cadeira e nenhum de nós fez qualquer movimento em sua direção, sem saber o que poderíamos dizer. Mais uma vez, a situação não estava saindo como ele planejara, e o futuro de nosso caso parecia duvidoso — principalmente à luz da maneira como o Sr. Darrow manipulara Louisa Wright, cujo testemunho agora não mais receberia corroboração. Sabendo de tudo isso, o Sr. Picton deixou-se ficar ali sentado pelo que pareceu um longo tempo, fitando o telegrama que tinha na mão; por fim, levantou o rosto e olhou para nós — sem fixar ninguém em particular.

— Bem, Doutor — disse ele, bem baixinho —, espero que possa estar pronto às duas, pois não posso deixar os jurados refletirem muito tempo sobre o que ouviram hoje. — Ele fez uma pausa, erguendo uma sobrancelha. — O senhor é tudo que nos resta.

O Doutor assentiu com a cabeça, aparentemente dando-se conta da difícil situação em que se encontrava. Quando



falou, porém, sua voz estava muito controlada — até mesmo calma.

— Muito bem, Sr. Picton — disse ele, levando a mão ao cavanhaque. — Devo ter aprendido uma lição ou duas com nosso amigo Darrow...

## **CAPÍTULO 47**

Voltando ao fórum naquela tarde, percebi certa mudança no posicionamento dos guardas no lugar, a que não dei grande importância na ocasião. O guarda grandalhão, que costumava ficar atrás de Iphegeneia Blaylock, agora estava à porta, enquanto Henry, nosso velho amigo de cabeça estreita e cérebro lento, postava-se do lado interno da grade de carvalho, perto da mesa da defesa. Atribuindo a mudança à vontade dos homens de fugir um pouco à monotonia, como disse antes, não prestei muita atenção ao caso; agora, porém, em retrospecto, posso ver que aquele era o primeiro indício de algo mais sinistro, algo que acabaria resultando numa conclusão inesperada e terrível do julgamento. Se eu pudesse ter visto o que aquela mudança de fato indicava, se alguém do nosso grupo pudesse ter previsto isso, teríamos poupado muito sofrimento. Mas o único que se esperaria, pela lógica, poder interpretá-la corretamente era o Doutor, e ele estava por demais concentrado em seu iminente confronto com o Sr. Darrow para atentar a esses detalhes aparentemente pequenos.

Subindo ao banco das testemunhas pouco depois das duas, o Doutor passou a maior parte da hora seguinte respondendo às perguntas do Sr. Picton sobre o trabalho que realizara com Clara Hatch, passando daí à discussão de sua avaliação do estado mental de Libby Hatch.

Quando o Doutor começou a falar, ficou claro que tanto o júri quanto o povo nas galerias estava predisposto a receber seu depoimento com o que se poderia chamar de ceticismo; mas, como tantas vezes acontecia quando ele se apresentava num tribunal, lentamente o Doutor começou a conquistar pelo menos alguns deles com suas declarações claras e compassivas, principalmente quando o assunto era Clara. Deixando evidente que, ao tratar a menina, ele apenas seguira o procedimento padrão para tais casos — e também informando que haviam sido muitos os casos semelhantes que ele já havia tratado —, o Doutor pintou o retrato de uma criança muito inteligente e sensível, cuja mente ficara terrivelmente confusa, mas não destruída, pelos fatos ocorridos na noite de 31 de maio de 1894. A descrição que apresentou de Clara teve o efeito de amolecer os jurados ao ponto de se interessarem pelos detalhes de seu diagnóstico, em vez de serem repelidos por ele; e enquanto falava dos longos dias passados com a menina, desenhando, deixando claro que não a havia forçado a falar nem tampouco posto palavras em sua boca uma vez que ela começou a se comunicar, aqueles doze homens tornaram-se cada vez mais receptivos, de tal modo que, quando o Sr. Picton deu início às perguntas sobre Libby Hatch, estavam prontos para ouvir o que quer que o Doutor tivesse a dizer. Não havia nenhuma manipulação intencional nisso: o fato era que, apesar da aparência incomum do Doutor, de seu sotaque e da estranha natureza de boa parte de seu trabalho, quando ele falava sobre crianças sua atitude era tão honesta e afetuosa que mesmo os tipos mais céticos não poderiam duvidar de que ele honestamente buscava o melhor para seus jovens tutelados.

As perguntas do Sr. Picton sobre Libby Hatch destinavam-se todas a um propósito básico: mostrar que a mulher era calculista, não louca, e muito capaz de empregar uma variedade de métodos para chegar a seu objetivo. O Doutor

falou sobre as três diferentes abordagens que ela empregara, tentando ganhar-lhe a simpatia — representando a vítima, a sedutora e, por fim, a punidora furiosa —, e explicou que nenhuma delas era o que ele chamava de “patológica” por natureza. Tratava-se, na verdade, de métodos comumente usados por muitos tipos de mulheres, tentando obter vantagem em determinada situação — em especial quando esta envolvia homens. Bancando o advogado do diabo por um momento, o Sr. Picton indagou se o fato de uma mulher assassinar os próprios filhos poderia fazer parte de tais esforços — se podia de fato ser visto como uma tentativa de obter maior controle sobre sua vida e seu mundo. Aqui o Doutor pôs-se a recitar uma longa lista de casos semelhantes que ele vira e sobre os quais lera ao longo dos anos, processos em que mulheres haviam de fato matado os próprios filhos, quando estes se interpunham no caminho entre a mãe e o que esta percebia como sua necessidade básica.

Parte dessa conversa foi um longo exame de um caso que todos conhecíamos bem: a vida e os assassinatos de Lydia Sherman, a “Rainha Envenenadora”. O Doutor chamou a atenção para algumas semelhanças muito interessantes entre aquela assassina e Libby Hatch: Lydia Sherman fora do tipo que o doutor descrevera como “temperamental e constitucionalmente inadequado tanto para o casamento quanto para a maternidade”, mas isso não a impedira de sair à caça de maridos e gerar vários filhos. Sempre que a situação se tornava intolerável —

como estava sempre fadado a acontecer, por causa de sua personalidade — ela simplesmente matava a família, em vez de aceitar que o problema podia estar dentro dela. O mesmo tipo de

“dinâmica”, segundo o Doutor, controlava o comportamento de Libby Hatch: por algum motivo (e ele fez questão de mencionar o fato de que Libby nunca discutira sua infância com ele), a ré não podia tolerar a lacuna entre o que ela queria e o que acreditava que a sociedade esperasse da mulher. Voluntariosa e absorta em suas necessidades e seus desejos próprios, Libby não podia permitir que nem mesmo os filhos se interpusessem entre ela e seus planos; ao mesmo tempo, sentia uma necessidade desesperada de fazer com que as pessoas a vissem como boa mulher, mãe zelosa, esposa amorosa. Vista desse ângulo, a estranha história sobre o negro fantasma na estrada de Charlton não era assim tão estranha: apenas uma história fantástica que a fazia parecer uma heroína aos olhos do povo do lugar, em vez de a mulher que matara três crianças que estavam em seu caminho. Mas não havia nada de insano nisso, enfatizou o Doutor: homens com frequência iam para a forca por crimes semelhantes, sem que ninguém sequer sugerisse que eram loucos.

Mas não havia diferenças entre homens e mulheres, perguntou o Sr. Picton, no que dizia respeito a tais questões? Somente aos olhos da sociedade, respondeu o Doutor. O mundo em geral resistia à ideia de que o que a maioria das pessoas considerava a única relação segura no mundo — os laços entre mãe e filho — era tudo, menos sagrada. Ainda não tendo acabado de dar voz às perguntas que ele sabia estar na mente dos jurados, o Sr. Picton prosseguiu, perguntando por que Libby não havia simplesmente abandonado os filhos e desaparecido a fim de começar vida nova em outro lugar, assim como muitas outras mulheres faziam. Fora somente o dinheiro que ela esperava receber do espólio do marido quando os filhos morressem que a levava àquela carnificina? Tais perguntas destinavam-se a levar o Doutor a repetir o tema

central de seu testemunho, martelando-o no cérebro dos jurados — e o Doutor não desperdiçou a oportunidade. Ainda mais forte que o desejo de Libby pela riqueza, disse ele, era seu desejo de ser aceita pelo mundo como boa mãe. Todo ser humano, ele explicou, quer acreditar — e também quer que o resto do mundo acredite — que ele (ou ela) é capaz de desempenhar as funções mais primárias da vida. Isso era particularmente verdadeiro com as mulheres educadas na sociedade americana — a mensagem transmitida às jovens (e nesse ponto o Doutor tomou emprestado um conceito da Srta. Howard, que, afinal, fora a responsável por fazê-lo perceber o fato) era que, se alguém não fosse capaz de satisfazer a propagação da espécie, nada mais que fizesse conseguiria compensar esse fracasso. Libby Hatch fora “doutrinada” nessa crença, provavelmente pela própria família. Ela não podia tolerar ser vista como o tipo de pessoa que não cuidava adequadamente dos filhos; em sua mente, era melhor que morressem do que ela carregar aquela mácula. Mas, interveio o Sr. Picton, esse raciocínio poderia ser interpretado por algumas pessoas como insanidade — e, afinal, não era mesmo um *tipo* de insanidade? Não, respondeu o Doutor, era intolerância. De uma variedade feroz e vingativa, sim, é verdade; mas intolerância ainda não fora — e, a seu modo de pensar, nunca seria — classificada como um distúrbio mental.

Nós que ocupávamos as duas fileiras da frente, naturalmente, já havíamos ouvido tudo isso muitas vezes, nas últimas semanas; mas o Doutor e o Sr. Picton conseguiram injetar sangue novo na discussão, de tal modo que até mesmo nós fomos envolvidos pelos argumentos. O

efeito que eles exerceram sobre o júri foi ainda mais forte, a se julgar pela expressão dos jurados — e esse foi o motivo, imagino, por que o Sr. Darrow foi direto à jugular, assim que o Sr. Picton se sentou.

— Dr. Kreizler — disse ele, encaminhando-se para o banco das testemunhas com o olhar duro —, não é verdade que o senhor e seus associados vêm tentando provar que a ré é responsável pelas mortes inexplicáveis de diversas crianças na cidade de Nova York?

O Sr. Picton nem precisou se levantar: antes que ele pudesse registrar sua objeção, o juiz Brown bateu o martelo, silenciando o alvoroço que a pergunta suscitara tanto nas galerias quanto na banca do júri.

— *Sr. Darrow!* — vociferou ele. — Já estou cansado deste tipo de questionamento irresponsável, de *ambas* as partes! Quero ver o senhor e o promotor-assistente em meu gabinete... *agora!* — Quando se levantava, o juiz voltou-se para os jurados. — E os *senhores*, cavalheiros, irão ignorar esta última pergunta, que será eliminada dos autos! — Voltando-se mais uma vez, o juiz olhou para o Doutor. — A testemunha pode ficar à vontade para andar pelo tribunal. Mas ainda estará sob juramento, Doutor, quando retomarmos a sessão. Andem, cavalheiros!

Caminhando com tamanha rapidez que não parecia mais do que um vulto negro, o juiz Brown desapareceu pela porta nos fundos do tribunal, seguido rapidamente pelos dois advogados. Assim que saíram da sala, a multidão ganhou vida com as conversas. O Doutor, não querendo parecer abalado, ergueu-se devagar e caminhou até onde estávamos sentados.

— É, Doutor — disse Lucius. — Acho que é agora que o *verdadeiro* julgamento começa.

— Ele está erguendo o alicerce para seus especialistas — acrescentou Marcus, olhando para a Sra. Cady Stanton, o Dr. White e o “Dr.” Hamilton. — Ele sabe que não pode acusá-lo

de incompetência, então vai recorrer ao seu motivo oculto. Só não pensei que fosse fazer isso tão rápido.

— Era sua única opção — replicou o Doutor. — Se ele houvesse preparado o caminho aos poucos para a acusação, o juiz nunca teria permitido que chegasse até ela. Dessa forma, ele pelo menos conseguiu que o júri a ouvisse. Vale um sermão no gabinete.

— Falando das testemunhas dele, parece que vêm mais malefícios por aí — disse Cyrus, apontando para a mesa da defesa. Libby Hatch se havia levantado para apresentar-se à Sra.

Cady Stanton e, enquanto apertavam-se as mãos, li nos lábios da mulher mais velha que ela dizia “Obrigada, obrigada”, em resposta, com quase toda certeza, a comentários muito lisonjeiros por parte da ré. O mesmo tipo de lisonja que ela fizera ao Doutor quando o vira pela primeira vez.

— Talvez eu devesse tentar interrompê-los — disse a Srta. Howard, observando as duas continuando a conversar. — Agora que o assunto foi mencionado, digamos assim, tenho certeza de que a Sra. Cady Stanton irá pensar...

— Eu não faria isso, Sara — afirmou o Doutor. — Não vamos dar a Darrow mais nenhuma munição, tentando confraternizar com suas testemunhas. — Os olhos negros seguiram até a porta dos fundos do tribunal, e ele sorriu ao dizer: — Posso bem imaginar o que está acontecendo por lá...

O que estava acontecendo por lá, mais tarde soubemos através do Sr. Picton, era um relato completo, feito ao juiz pelo promotor-assistente, do que nos trouxera a todos a Ballston Spa.

Parecia que os detetives particulares do Sr. Darrow (que, como viemos a saber, eram na verdade detetives particulares do Sr. Vanderbilt), com a ajuda da Agência de Detetives de Nova York e vários empregados tanto da Maternidade de Nova York quanto do Hospital de St.

Luke, haviam elaborado um quadro bastante preciso de nossos passos recentes com relação a Libby Hatch. A única coisa de que o Sr. Darrow parecia não ter conhecimento era o caso Linares, e o Sr. Picton fez questão de não deixar escapar nenhuma informação a respeito. O

juiz Brown ouviu tudo com um ar de exasperação e, embora sua disposição não houvesse melhorado nem um pouco em relação ao Sr. Picton ou a nosso grupo, cresceu ainda mais sua determinação em manter fora dos autos quaisquer questões não relacionadas ao caso que estava sendo julgado no momento. Ele foi muito firme com o Sr. Darrow nesse sentido: a defesa podia dizer o que quisesse sobre os motivos e métodos pessoais ou profissionais do Doutor, mas não podia suscitar o tema de outras acusações ou investigações. O Sr. Darrow argumentou que seria difícil pintar um retrato exato dos verdadeiros motivos do Doutor sem mencionar essas outras investigações, mas o juiz manteve-se inflexível, como o Sr. Picton previu que faria, e disse que o caso Hatch teria de ser julgado por seus próprios méritos. Ele advertiu o Sr. Darrow para que não tentasse envenenar os ouvidos dos jurados com nenhuma outra pergunta surpresa que teria de ser eliminada dos autos (mas que, naturalmente, nunca seria eliminada de fato da memória do júri), e então os três homens retornaram à sala de audiências, onde a defesa retomou o interrogatório do Doutor.

— Dr. Kreizler — começou o Sr. Darrow, assim que as galerias tornaram a se acomodar.



— Qual é exatamente a sua ocupação?

— Sou alienista e psicólogo — respondeu o Doutor. — Trabalho na maior parte dos hospitais de Nova York nessa qualidade. Além disso, realizo avaliações de capacidade mental

para a municipalidade, quando convocado, e compareço como perito em julgamentos como este. Passo a maior parte do meu tempo, porém, no instituto infantil que fundei há vários anos.

— O Sr. Darrow, parecendo impaciente, estava prestes a fazer outra pergunta, quando o Doutor mostrou exatamente o que quis dizer quando mencionou que aprendera algumas lições com o advogado de defesa: — Devo acrescentar, porém, que no momento não me encontro na função de diretor do Instituto, por causa de uma investigação judicial sobre as atividades ali desenvolvidas, iniciada logo depois do suicídio de um menino que havíamos acolhido recentemente.

Parecendo desapontado por não ter a chance de arrancar esta última informação do Doutor, o Sr. Darrow perguntou:

— O senhor, na verdade, recebeu ordem de não retornar ao seu Instituto por um período de sessenta dias, não foi?

— Exato — respondeu o Doutor. — Não se trata de um procedimento incomum adotado por um tribunal em tais circunstâncias. Permite que a investigação sobre o que levou o menino a tirar a própria vida seja conduzida com maior liberdade e eficácia.

— E a investigação já apresentou alguma resposta para os motivos do suicídio do menino?

O Doutor baixou os olhos ligeiramente.

— Não. Ainda não.

— Isso deve ser muito frustrante para um homem que passou a maior parte da vida tentando ajudar crianças.

— Não sei se é frustrante — respondeu o Doutor. — Confuso, certamente. E perturbador.

— Bem, não sou alienista, Doutor — disse o Sr. Darrow, caminhando na direção do júri.

— Mas eu diria que os adjetivos confuso e perturbador, quando associados um ao outro, podem significar frustrante sem muita dificuldade. O senhor não concorda?

O Doutor deu de ombros.

— Talvez.

— E uma pessoa frustrada em determinado aspecto pode sentir-se tentada a buscar satisfação em outro. Pelo menos, é assim que sempre me pareceu. — Voltando à sua mesa, o Sr. Darrow apanhou um livro. — Diga-me... o senhor conhecer o Dr. Adolf Meyer?

— Claro — disse o Doutor, assentindo com a cabeça. — É um colega. E amigo.

— As crianças parecem ser uma área de especial interesse para ele também, a julgar por seus escritos. — O Doutor tornou a assentir, desta vez em silêncio. — Presumo que o senhor tenha lido o que ele tem a dizer sobre crianças que apresentam o que ele chama de

“imaginação mórbida”. — Depois de outro gesto afirmativo do Doutor com a cabeça, o Sr.

Darrow disse: — Talvez o senhor possa dizer ao júri a que o termo se refere.

— A imaginação mórbida — começou o Doutor, voltando-se para o júri — é característica de crianças cujas fantasias não podem ser controladas, mesmo pelo esforço consciente. Tais crianças com frequência sofrem de pesadelos e terrores noturnos, e essa condição pode levar, em sua forma mais extrema, a delírios inclusive.

Apanhando um segundo livro, o Sr. Darrow caminhou em direção ao banco das testemunhas.

— E o que me diz desses dois médicos europeus: Breuer e Freud? O senhor os conhece?

— Conheço.

— Parece que fizeram um estudo bastante completo da histeria e de seus efeitos. Confesso que não sabia de fato o que essa palavra significava até começar a ler este livro. Sempre pensei que ela se referia a mulheres excessivamente nervosas.

Risadas abafadas atravessaram as galerias seguindo-se àquelas palavras, e o Doutor esperou que se aquietassem antes de dizer:

— É, a palavra originou-se com os gregos, que pensavam que distúrbios nervosos violentos fossem próprios das mulheres e originados no útero.

O Sr. Darrow sorriu e sacudiu a cabeça, pondo os livros sobre a mesa.

— Bem, aprendemos que não é assim, não é mesmo? Qualquer um pode ser histérico nos dias de hoje. Receio que, involuntariamente, levei o meritíssimo bem perto disso. — A multidão riu um pouco mais alto desta vez, mas o juiz nada fez, exceto lançar um olhar gelado ao Sr. Darrow. — E peço desculpas por isso — disse o advogado, erguendo uma das mãos.

Então, tornou a olhar para o Doutor. — Mas estou interessado no que esses cavalheiros, Breuer e Freud, têm a dizer sobre a histeria. Eles parecem acreditar que ela se origina na infância, assim como a imaginação mórbida. Doutor, existe alguma chance de que Clara Hatch sofra de imaginação mórbida ou histeria?

Eu podia ver que o Doutor se esforçava para não escarnecer da pergunta.

— Não — replicou ele. — Não na minha opinião. Como eu disse ao promotor, Clara passou pelo que chamo de “dissociação histérica prolongada”, que é bastante distinta do tipo de histeria que Breuer e Freud discutem.

— O senhor parece muitíssimo seguro, após ter passado... *quantos* dias mesmo com a menina?

— Dez ao todo.

— Trabalho rápido — avaliou o Sr. Darrow, fingindo-se impressionado. — E quanto a Paul McPherson, o menino que se matou em seu Instituto?

O Doutor manteve a expressão impassível à menção do infeliz garoto.

— Quanto a ele o quê? O que o senhor quer saber especificamente?

— Ele sofria dessas patologias?

— Não sei dizer. Ele ficou conosco pouco tempo antes de sua morte.

— Ah, é? Quanto tempo?

— Algumas semanas.

— Algumas semanas? Isso não deveria ser tempo suficiente para que o senhor formulasse um diagnóstico preciso? Afinal, com Clara Hatch só levou dez *dias*.

Os olhos do Doutor estreitaram-se quando ele se deu conta do ponto aonde o Sr. Darrow queria chegar.

— Assisto a dezenas de crianças em meu Instituto. Clara, por sua vez, teve minha atenção integral.

— Estou certo que sim, Doutor. Estou certo que sim. E o senhor lhe disse que o trabalho que estavam fazendo juntos a ajudaria, correto? — O Doutor assentiu. — E disse que ajudaria a mãe dela também?

— Numa criança como Clara — explicou o Doutor —, a lembrança de uma experiência aterrorizante provoca uma divisão na psique. Ela isolou-se da realidade dessa experiência ao se recusar a comunicar-se com o resto do mundo...

— Isso é muito interessante, Doutor — disse o Sr. Darrow. — Mas o senhor poderia responder à pergunta?

Fazendo uma pausa e então assentindo, relutante, o Doutor replicou:

— Sim. Eu lhe disse que, se ela pudesse fazer um esforço e falar sobre o que aconteceu, isso ajudaria a ela... e à mãe.

— Ajudar a mãe era muito importante para ela, então?

— Era. Clara ama a mãe.

— Embora pareça pensar que a mãe tentou matá-la? E que matou seus irmãos? — Sem esperar resposta, o Sr. Darrow insistiu: — Diga-me, Doutor... quando estava trabalhando com Clara, quem foi o primeiro a mencionar a ideia de que foi a mãe dela quem fez os disparos na estrada de Charlton? Foi o senhor ou foi ela?

O Doutor hesitou um pouco, parecendo muito indignado.

— Ela, é claro.

— Mas o senhor já acreditava que a mãe era a responsável, certo?

— Eu... — O Doutor estava tendo dificuldade em encontrar as palavras: um fato raro. —

Eu não tinha certeza.

— O senhor veio até aqui, a Ballston Spa, a pedido do promotor-assistente porque *não tinha certeza*? Vamos tentar a pergunta de outra forma, Doutor: o senhor *suspeitava* que a mãe de Clara era a responsável pelo ataque?

— Sim, suspeitava.

— Sei. Então o senhor vem para Ballston Spa e passa o tempo todo com uma menina que não fala com ninguém há três anos, e usa todos os truques e técnicas de sua profissão...

— Não uso truques — interrompeu o Doutor, exasperando-se.

Mas o Sr. Darrow prosseguiu:

— ... para fazer com que essa garotinha confie no senhor e acredite que está tentando ajudá-la, enquanto o tempo todo suspeita de que foi a mãe quem atirou nela. E o senhor honestamente nos pede que acredite que suas suspeitas não se infiltraram em seu trato com a criança, em nenhum momento, durante aqueles dez dias?

O Doutor apertou os maxilares com tanta força que suas palavras seguintes mal puderam ser compreendidas:

— Não estou lhe *pedindo* que acredite em nada. Estou lhe dizendo o que *aconteceu*.

Mais uma vez, porém, o Sr. Darrow ignorou a afirmação.

— Doutor, o senhor descreveu sua própria condição mental após perder Paul McPherson como “confuso” e “perturbado”. Seria correto dizer que ainda se sente confuso e perturbado em relação ao episódio?

— Sim.

— Confuso, perturbado... e potencialmente desacreditado aos olhos de seus colegas, acredito, se a investigação mostrar que Paul McPherson morreu porque não recebeu toda a atenção ou todo o tempo de que necessitava em seu Instituto. Pois, como o senhor mesmo disse, não podia dar àquele menino sua “atenção integral”. E por isso ele morreu. Então o senhor vem para cá, cheio de culpa pela morte do menino e de suspeitas sobre a ré. E se vê diante de uma garotinha a quem pode dar sua “atenção integral”, a quem pode *salvar* do

destino que teve Paul McPherson. Mas apenas, *apenas* se houver uma resposta ao mistério que a vem mantendo em silêncio durante todos esses anos. E assim... o senhor *cria* uma resposta.

— Não criei coisa alguma! — protestou o Doutor, agarrando o braço esquerdo, sem perceber.

— Tem certeza, Doutor? — indagou o Sr. Darrow, elevando também o tom de voz. —

Tem certeza de que não *plantou* a ideia na mente de Clara Hatch, como apenas um hábil alienista seria capaz, de que a responsável foi a mãe dela e não um lunático que depois desapareceu e nunca foi apanhado... tudo isso para que ela possa falar e ter novamente uma vida feliz?!

— Meritíssimo! — gritou o Sr. Picton. — Isso é atormentar descaradamente a testemunha!

O juiz Brown, porém, apenas fez um gesto para silenciá-lo.

Com isso, o Sr. Darrow prosseguiu:

— No entanto, há somente um problema, Doutor, uma coisa que se interpõe em seu caminho. Para que seu plano, seu e da promotoria, dê certo, minha cliente tem de ir para a cadeira elétrica! Mas, e daí? Em que isso lhe importa? O senhor terá tido sua vingança. Em sua mente e aos olhos de seus colegas, o caso McPherson estará mais do que compensado pelo caso Hatch! Sua preciosa integridade estará restaurada, e a promotoria terá resolvido um caso de homicídio sem solução! Bem, perdoe-me, Doutor, mas não estou disposto a fazer essa troca.

Existem tragédias nesta vida que não *têm* respostas!



De repente, num gesto que fez a Srta. Howard, o Sr. Moore, Cyrus e a mim arfamos, o Sr.

Darrow agarrou o próprio braço esquerdo, imitando o que o Doutor fazia; em seguida, estendeu-o, deixando claro que conhecia, que de algum modo *conhecia*, o segredo do passado do Doutor.

— Sim... tragédias sem respostas, Doutor, como o senhor sabe muito bem! E tentar equilibrar o saldo não vai mudar isso! Amarrar a culpa deste crime em torno do pescoço de minha cliente não irá devolver o movimento ao braço paralisado de Clara Hatch, e também não trará Paul McPherson de volta à vida. As coisas não são assim perfeitas, Doutor. Nem sempre têm *explicação*. Um louco cometeu um crime e desapareceu. Um garoto foi até o banheiro e se enforcou. Acontecimentos horripilantes, inexplicáveis. Mas não vou deixar o senhor e a promotora pregarem minha cliente à cruz só porque não podem viver sem explicações! Não, senhor... não permitirei! — Voltando-se para o júri, o Sr. Darrow ergueu um dedo roliço para o céu e então o baixou, como se de repente estivesse completamente exausto. — E espero...

talvez até mesmo *reze*... que vocês, cavalheiros, também não permitam. — Ele respirou fundo e voltou devagar ao seu lugar. — Não tenho mais perguntas.

Parecia que muito tempo se passara desde que o Sr. Darrow começara a falar, e não creio que jamais tenha me sentido mais solidário com o Doutor do que quando ele foi dispensado do banco das testemunhas e teve de percorrer o longo caminho até onde estávamos. Eu sabia como ele se sentia, o quão profundamente as palavras do Sr. Darrow o haviam atingido; e assim, quando ele não parou onde antes estivera sentado, mas continuou andando em direção às

portas de mogno, não fiquei surpreso, em absoluto. Tampouco fiz qualquer gesto de segui-lo, sabendo que gostaria de ficar a sós por alguns minutos; entretanto, assim que o juiz declarou recesso do tribunal até as dez da manhã seguinte, corri para a saída, Cyrus e o Sr.

Moore vindo logo atrás de mim.

Encontramos o Doutor do outro lado da rua, de pé sob uma árvore, fumando um cigarro.

Ele não se moveu quando nos aproximamos, simplesmente continuou olhando para o tribunal com os olhos apertados. Cyrus e eu nos postamos cada um a um lado seu, enquanto o Sr.

Moore olhava-o de frente.

— Bem, Laszlo — disse ele delicadamente, porém com um sorriso —, acho que você tinha mais para aprender do que pensou.

O Doutor suspirou, deixando escapar uma baforada de fumaça, e sorriu muito ligeiramente para o amigo de infância.

— É, John. Acho que sim...

Então ouvimos a voz do Sr. Picton e o vimos surgir no topo dos degraus do fórum, acompanhado pela Srta. Howard, pelos Isaacsons e por El Niño. Quando nos avistaram, correram até nós, o Sr. Picton fumando seu cachimbo e socando o ar com o punho.

— Maldito seja aquele homem! — praguejou, assim que se certificou de que o Doutor estava bem. — Quanto

atrevemento! Lamento, Doutor. Ele está enganado... terrivelmente enganado.

Os olhos do Doutor dirigiram-se ao Sr. Picton, enquanto a cabeça continuava imóvel.

— Enganado? — perguntou ele baixinho. — É, está enganado... sobre Libby Hatch. E este caso. Mas, e sobre mim?

Dando de ombros, o Doutor atirou o cigarro na sarjeta e começou a descer a High Street sozinho.

## **CAPÍTULO 48**

À meia-noite daquela quinta-feira as apostas contra a condenação de Libby Hatch haviam subido para cem contra um no Cassino de Canfield, e não era difícil entender por quê: o Sr.

Darrow conseguira plantar dúvidas na mente dos jurados sobre o testemunho balístico de Lucius antes mesmo de seu “especialista”, Albert Hamilton, subir ao banco das testemunhas, enquanto o depoimento da Sra. Louisa Wright sobre um possível motivo romântico para as mortes fora reduzido a uma afirmação não comprovável pelo súbito e chocante “acidente”

ocorrido com o reverendo Clayton Parker naquela manhã, no Grand Central Terminal. As perguntas muito eficazes do Sr. Darrow sobre os motivos e as técnicas do Doutor serviram de cobertura àquele bolo triste, e estava claro para todos nós que, se as coisas continuassem do modo como iam, a derrota estava próxima.

Não era de se admirar, portanto, que a atmosfera na casa do Sr. Picton naquela noite ultrapassasse o abatimento,

chegando quase a parecer que ali estivesse acontecendo um velório. Resignados, começamos a concentrar nossa energia não no que restava a ser feito no tribunal (o que era praticamente nada, no nosso caso, exceto pelo anúncio oficial do Sr. Picton de que a promotoria estava encerrando sua argumentação), mas em que medidas precisaríamos tomar para tentar tirar Ana Linares do refúgio dos Dusters antes de Libby voltar a Nova York.

Isso significava avisar Kat pela intermediária que o Sr. Moore contratara: Betty, amiga de Kat, que supostamente estava à espera de um telegrama nosso enviado à espelunca de Frankie, assim que soubéssemos que era hora de Kat agir. O simples fato de falar dessa possibilidade voltou a deixar meus nervos em farrapos e por alguns minutos, cheguei a acalentar a ideia de ir para Nova York e me certificar de que tudo estivesse de acordo; no entanto, eu sabia que minha presença só iria tornar a situação de Kat ainda mais perigosa. Assim, fiquei ali, esperando com os outros o que tudo levava a crer que seria o melancólico fim de nossa missão em Ballston Spa.

— E assim o novo século irá trazer uma nova espécie de lei — foi como o Sr. Picton resumiu a situação, quando todos nos sentamos na varanda de sua casa naquela noite. —

Processos nos quais vítimas e testemunhas sejam submetidas a julgamento, em que uma assassina seja identificada como “uma mulher” em vez de um indivíduo... Ah, Doutor, não estamos dando um passo à frente, isso eu posso lhe dizer, e não creio que eu queira fazer parte disso. Se as coisas continuarem assim, logo nos veremos num mundo obscuro, onde os advogados usam a ignorância do cidadão médio para manipular a justiça, da mesma forma que o clero fez na Idade Média. Não, se perdermos este caso... *quando* perdermos este caso...

suspeito que vá ser o meu último.

— Gostaria de ver algum aspecto da questão que pudesse lhe oferecer algum consolo —

respondeu o Doutor em voz baixa. — Mas receio que não haja nenhum. Darrow é o homem da lei do futuro, isso está claro.

— E eu sou uma relíquia — concordou o Sr. Picton, com um aceno da cabeça. Então deu uma risada. — Uma relíquia aos quarenta e um anos! Não parece muito justo, não é? Ora, bem... tais são as condições da nova era.

Era preciso dar crédito ao homem: ao contrário de muitos jogadores que conheço, ele era um perdedor genuinamente elegante, e não creio que houvesse um único de nós que tenha deixado de apreciar sua capacidade de receber a cabeça que lhe fora entregue (a sua própria) no tribunal e ainda ser filosófico — exceto, naturalmente, a Srta. Howard, que era sempre a última entre nós a aceitar o fracasso ou a derrota de qualquer tipo.

— Vocês dois podem parar de agir como se já estivesse tudo acabado — disse ela, sentando-se nos degraus da varanda com uma pequena lamparina a querosene e um grande mapa do estado de Nova York. — Darrow ainda nem começou a apresentar suas testemunhas, pelo amor de Deus! Ainda temos tempo de fazer *alguma coisa*.

— Ah? E o que seria? — perguntou o Sr. Moore. — Encare a realidade, Sara: não se pode lutar contra os preconceitos de toda a sociedade, e uma mulher de astúcia tão letal quanto esta, e uma das gangues mais violentas de Nova York, e *ainda* um ás do direito como Darrow, todos juntos e ao mesmo tempo, e esperar sobreviver. — Ele voltou-se para o

Sr. Picton, baixando os olhos. — Sem querer ofendê-lo, Rupert.

O Sr. Picton, porém, limitou-se a saudar o amigo com o cachimbo.

— Não tomei como ofensa, John, eu lhe asseguro. Você está absolutamente certo. O

homem transformou o que deveria ser um desastre num triunfo. Eu tiro o chapéu para ele.

— Está bem, antes que vocês caiam uns sobre os outros fazendo fila para prestar homenagem àquela cobra — disse a Srta. Howard —, se importariam se eu sugerisse alguns outros esforços para salvar nossa causa? — Ela olhou para o mapa que tinha nas mãos. —

Ainda está nos faltando uma figura importante: alguém que saiba algo sobre a família de Libby Hatch.

— Sara — começou Marcus, apontando na direção do fórum —, aquele júri não vai ser muito receptivo ao exame psicológico do contexto da infância de Libby Hatch, neste momento.

— Não — replicou a Srta. Howard — e não é isso que estou propondo. Não se esqueçam de que ela foi trabalhar na casa dos Muhlenbergs como ama de leite. Para isso, era preciso que ela houvesse tido um filho, e esta criança tem de estar em algum lugar, seja em cima ou embaixo da terra.

— Mas você procurou durante dias, Sara — disse Lucius. — Cobriu praticamente cada centímetro do condado de Washington...

— E pode ser exatamente esse o meu erro — retrucou a Srta. Howard. — Pense bem, Lucius: se você fosse Libby, e quisesse arranjar o tipo de emprego que ela conseguiu na casa dos Muhlenbergs, você lhes daria alguma forma de confirmar os fatos de seu passado?

Antes que Lucius pudesse responder, o Doutor indagou:

— O que você está querendo dizer, Sara?

— Que ela é muito esperta para isso — respondeu a Srta. Howard. — Se ela deixou algum segredo para trás em sua cidade natal, ou mesmo que tenha deixado apenas a família, esta provavelmente saberia de coisas que Libby não quereria que se tornassem conhecidas, especialmente de pessoas que pudessem contratá-la como ama de leite. O senhor mesmo disse, Doutor, que o comportamento característico da mulher *deve* recuar à infância. Assim sendo,

Libby tinha de se assegurar de que ninguém jamais soubesse o verdadeiro local de sua origem.

Por outro lado, ela deveria dizer que veio de um lugar que pudesse descrever, um lugar do qual soubesse pelo menos *alguma coisa*, para que sua história tivesse consistência.

— Isso é verdade — disse Cyrus, ponderando. — Ela teria se resguardado, pelo menos nesse ponto.

— Mas ela pode ter vindo de qualquer lugar! — protestou o Sr. Moore.

— John, faça um esforço e tente me ouvir por mais de trinta segundos consecutivos —

disparou em resposta a Srta. Howard. — Ela *não pode* ter vindo de qualquer lugar. Libby soube que os Muhlenbergs precisavam de uma ama de leite através de um anúncio. Isso nos diz que ela era da região. Libby falava muito de cidades do condado de Washington. Assim sendo, deve ter passado algum tempo lá. Mas, se estava tentando esconder suas raízes, então não *veio* de fato do condado de Washington... o que significa...

O Sr. Picton estalou os dedos.

— Significa que talvez você queira ir até Troy, Sara. Trata-se da sede do condado de Rensselaer, que fica ao sul do condado de Washington... na margem *leste* do rio. E Stillwater fica do outro lado do rio, diretamente à frente da linha que separa os dois condados.

A Srta. Howard bateu no mapa com força e pousou a lamparina.

— Exatamente o que percebi há cinco minutos — disse ela, com um sorriso largo e satisfeito.

— Mas ainda não passa de um palpite — afirmou Marcus, sacudindo a cabeça, abatido. —

E você vai ter de ir amanhã, o que significa perder...

— Perder o quê? — interrompeu a Srta. Howard. — Os “especialistas” de Darrow? A Sra.

Cady Stanton? Já sei o que vão dizer, Marcus, e você também. É óbvio... talvez até mesmo desnecessário, a essa altura. Mas temos mesmo de trabalhar rápido. Cyrus, você poderia me ajudar, se viesse comigo... Stevie também.



— E El Niño, para protegê-la! — quase gritou o aborígine, contaminando-se com o entusiasmo da Srta. Howard.

— Naturalmente — replicou ela, revolvendo-lhe a cabeleira. Em seguida, olhou para o Doutor e o Sr. Picton. — E então?

O Sr. Picton fez uma pausa e deu uma baforada no cachimbo, encolhendo os ombros.

— Não temos nada a perder, suponho. Vá em frente.

— E o senhor, Doutor?

Ele a olhou com um levíssimo traço de esperança no rosto; o que, pelo menos, era mais do que mostrara durante toda a noite.

— Eu diria que vocês todos vão precisar de um descanso. Irão querer tomar o primeiro dos trens, se têm a intenção de ficar um dia inteiro em Troy.

Com isso, nós quatro — a Srta. Howard, eu, Cyrus e El Niño — nos levantamos e nos dirigimos à porta de tela. Não estávamos exatamente confiantes, eu não poderia dizer isso, mas a perspectiva de fazer alguma coisa em vez de passar mais um dia vendo o Sr. Darrow transformar o tribunal de Ballston em seu palco particular dava-nos algum alívio. E eu estava feliz por ter sido incluído no plano. O raciocínio que o fundamentava também parecia promissor, mesmo que o tempo de que dispúnhamos para testá-lo não fosse muito; e quando

entramos na casa e subimos a escada, seguindo para os respectivos quartos, aproveitei a oportunidade de fazer meu cumprimento particular ao trabalho intelectual da Srta. Howard:

— Bom — disse eu, quando chegamos ao segundo andar —, acho que o fato de ser “uma detetive solteirona” lhe dá bastante tempo para pensar.

Mal consegui entrar no quarto sem levar um cascudo — brincalhão porém certo — na lateral da cabeça.

Assim, começou uma nova rodada de busca pela zona rural do vale do rio Hudson, ao mesmo tempo mais restrita em termos de tempo e menos tediosa em termos de método do que todas as andanças que a Srta. Howard, El Niño e eu havíamos feito antes do julgamento.

Tomamos o primeiro trem para Troy na manhã seguinte, e conseguimos chegar aos escritórios da administração do condado de Rensselaer sem muita dificuldade. Alojados num edifício que guardava semelhança mais do que passageira com um banco, os escritórios davam para um pequeno parque no centro da cidade, e das janelas da sala do arquivo a cidade não parecia ser nem metade tão feia do que parecera do trem. Na verdade, o lugar tinha certo encanto, ou pelo menos aquela parte específica. Talvez essa impressão se devesse ao tempo inoportunamente fresco e à minha gratidão por não ter de me sentar no tribunal de Ballston Spa; qualquer que fosse o motivo, dei-me conta de que as duas ou três primeiras horas em que examinamos registros de nascimentos e mortes passaram com bastante rapidez. Não havia ninguém mais na sala espaçosa, exceto o funcionário cuja principal tarefa, além de apanhar os arquivos para nós, parecia ser manter-se acordado. Assim sendo, pudemos conversar e agir com liberdade, fato que não demorou a levar El Niño (que não sabia ler inglês) e eu (que não era de grande utilidade com documentos oficiais) a começar a brincar entre as cadeiras e mesas, deixando Cyrus e a Srta. Howard cuidarem do trabalho de verdade e só nos comportando nos momentos em que nos mandavam

despertar o funcionário e lhe dizer que fosse pegar outro lote de arquivos e livros de registros.

À uma da tarde mais ou menos as brincadeiras brutas haviam deixado a mim e ao aborígine bastante famintos, e saímos para procurar um lugar onde comprar o almoço. Nosso comportamento não melhorou em nada durante a execução dessa tarefa e, no caminho de volta à administração do condado, levando a comida, fomos parados por um policial que, acho, estava mais perplexo com a visão de El Niño do que interessado no que estávamos aprontando.

O homem nos acompanhou até o edifício onde ficavam os escritórios, apenas para certificar-se de que nossa história tinha fundamento, e disse à Srta. Howard que não nos deixasse soltos

“como delinquentes” pelas ruas. Tive de resistir à tentação de dizer-lhe que, se o que estivéramos fazendo era sua ideia de “delinquência”, ele precisava passar algum tempo em Nova York; depois disso, ele finalmente se foi e saímos para comer no pequeno parque.

Uma vez de volta ao arquivo, Cyrus não demorou a descobrir ouro, na forma de um livro pequeno e gasto, que relacionava nascimentos e mortes numa cidade com o peculiar nome de Schaghticoke, durante os anos de 1850 a 1860. Procurando registros contendo o prenome

“Elsbeth”, pouco comum, Cyrus encontrou um acompanhado não pelo sobrenome “Fraser”, mas sim “Franklin”, o nome do pai. Ao que parecia, o nome que Libby Hatch usara ao chegar a Stillwater era o da *mãe*.

— Quer dizer que não eram casados? — perguntou a Srta. Howard a Cyrus, enquanto todos nos juntávamos para olhar

sobre seu ombro as páginas desbotadas do livro de registros.

— Libby é filha ilegítima?

Cyrus deu de ombros.

— Isso explicaria alguns aspectos de seu comportamento. E deve ser muito fácil confirmar.

Stevie, acorde o nosso amigo — Cyrus apontou o polegar na direção do funcionário que dormia — e diga que precisamos dos registros de casamentos da mesma cidade, cobrindo, digamos, os dez anos anteriores a... qual é a data do nascimento dela? Dezoito de março de 1858. Dez anos antes disso.

— Entendi — disse eu, correndo até o funcionário e despertando-o ao bater as mãos no tampo do balcão, onde ele acomodara a cabeça preguiçosa sobre alguns livros.

Resmungando e praguejando enquanto se punha de pé, o homem foi buscar num passo arrastado o item requisitado, que veio a ser mais um livrinho empoeirado. Levei-o correndo à Srta. Howard, que se sentou ao lado de Cyrus e rapidamente começou a examiná-lo, procurando qualquer referência a pessoas cujo sobrenome fosse Franklin ou Fraser.

— Aqui está — disse ela, depois de dez minutos de procura.

— Oficialização de um casamento consensual: George Franklin e Clementine Fraser, 22 de abril de 1852.

— Há mais dois filhos registrados aqui — disse Cyrus, ainda examinando o primeiro volume. — George Junior, nascido em setembro de 1852, e Elijah, nascido dois anos depois.

— Bem — disse a Srta. Howard, parecendo quase decepcionada —, lá se vai a teoria da ilegitimidade. Parece que ela simplesmente adotou o nome de solteira da mãe, ao sair de casa.

— E como descobrimos quando foi isso? — perguntei. — Isto é, supondo-se que a gente não possa localizar os pais.

— Sabemos que ela estava trabalhando para os Muhlenbergs em 1886 — respondeu a Srta.

Howard. — Podemos verificar o censo de 1880. Isso irá reduzir o período.

— Então, mãos à obra! — exclamei, voltando ao balcão e ao funcionário.

Dessa vez o homem ouviu minha chegada e levantou a cabeça antes que eu tivesse a chance de lhe dar outro susto; e quando reapareceu de um canto distante atrás do balcão, obteve sua vingança jogando um livro enorme em minhas mãos. Gemendo ao agarrar o volume, virei-me para levá-lo e murmurei:

— Nada como um emprego público para melhorar seu senso de humor, hein? — E voltei para junto dos outros.

Com o censo de 1880 descobrimos que Libby Hatch de fato ainda morava com a família naquele ano, quando devia ter 21 anos. Também soubemos que a ocupação de George Franklin era “agricultor” (nenhuma grande surpresa) e que os dois filhos homens dos Franklin também ainda moravam em casa, onde trabalhavam como ajudantes do pai. A única outra questão que imaginávamos pudesse ser respondida ali no arquivo era se Libby se casara ou não enquanto morava no condado de Rensselaer: mais uma verificação nos registros de casamento, porém, não produziu

resultados, deixando-nos em dúvida se ela havia contraído os votos nupciais em um outro condado, nos anos entre 1880 e 1886, ou se a criança que sabíamos que ela devia ter dado à luz era ilegítima. Não tivemos esclarecimento para esse último mistério com os registros de nascimento daqueles anos, que não mencionavam ninguém de nome Franklin ou Fraser dando à luz um bebê; e, assim, com todas essas perguntas ainda no ar, devolvemos nossa pilha de livros e arquivos ao funcionário e voltamos à estação ferroviária.

Tomamos o trem das quatro de volta a Ballston Spa, e a viagem foi bastante alegre e animada, em vista das informações que tínhamos obtido. Era verdade, havia todas as chances de que não levassem a lugar algum: era impossível dizer qual o destino da família Franklin desde 1880 (eu ainda achava que eram boas as chances de que Libby houvesse liquidado todos eles), mas pelo menos agora tínhamos um lugar legítimo para começar uma busca sensata.

Ansiosos em dar todas essas informações ao Doutor e aos outros, deixamos a estação de trem de Ballston e subimos correndo a colina até o fórum, somente para descobrir que o tribunal já estava em recesso. Então, seguimos para a casa do Sr. Picton em disparada, a fim de dar a notícia de que a esperança de conseguir novas informações ainda não havia morrido.

Mas vimos que a novidade não animou muito o restante do grupo, devido ao que acontecera no tribunal durante o dia. Como era de se esperar, o Sr. Darrow havia aberto a defesa com seus três especialistas, que tinham todos feito o melhor possível para reforçar a já forte inclinação do júri a considerar Libby Hatch inocente. Albert Hamilton, a serpente vendedora de petróleo que virou perito,

conseguira expor informações confusas sobre armas e projéteis em quantidade suficiente para fazer o testemunho de Lucius parecer, se não errôneo, ao menos improvável. Para começar, dissera ele, a bala que a promotoria encontrara na carroça dos Hatches tanto poderia ter vindo do Colt de Daniel Hatch como poderia não ter vindo: porque não havia registro central para armas de fogo (como Lucius e Marcus haviam-nos dito) e porque o Colt Peacemaker fora um modelo de revólver tão popular durante tantos anos que as chances de que a bala houvesse de fato vindo de outra arma não chegavam nem perto do um milhão para um que Lucius estimara. Quanto às marcas identificadoras na própria bala, Hamilton esmerou-se ao explicar o quanto eram altos os padrões de produção na fábrica de Samuel Colt, e que as especificações de cada peça fabricada eram consistentes com todas as outras do mesmo modelo. Até mesmo o corte no interior do cano da arma de Hatch que produzira a pequena marca nas balas que tínhamos visto poderiam ser o resultado de um defeito de fábrica, afirmou o “Dr.” Hamilton, um defeito partilhado por dezenas, talvez centenas, de outros Peacemakers. Na sua vez de interrogá-lo, o Sr. Picton perguntou como uma fábrica que tinha tão altos padrões de qualidade poderia fabricar centenas de revólveres com o mesmo defeito no cano, pergunta esta que Hamilton não foi capaz de responder; mas, ainda que o homem fosse obviamente incompetente a qualquer pessoa que tivesse algum conhecimento sobre balística, havia causado dano suficiente perante os leigos do júri, e a afirmação do Sr. Darrow de que a evidência balística da promotoria não era digna de confiança parecia provada.

Quanto ao colega do Doutor, William Alanson White, sua função fora contestar a afirmação da promotoria de que uma mulher sã poderia planejar e executar o homicídio dos próprios filhos — e, ao que parecia, ele havia desempenhado sua tarefa com grande eficiência.

Ajudou-o o fato de que, durante sua carreira, ele não havia se dedicado muito à psicologia de relacionamentos familiares, certamente não da forma polêmica com que o Doutor e outros de sua casta (como o Dr. Adolf Meyer) fizeram; como a área de White fosse quase estritamente criminosos e seus distúrbios mentais, ele foi visto desde o início como menos peculiar que o Doutor, e portanto mais digno de confiança. Além disso, ele não fizera nenhum trabalho pessoal e direto com Clara Hatch, fato este que, em circunstâncias ordinárias, poderia tê-lo feito parecer menos informado, mas que, nesse caso confuso e de pernas para o ar, fez com que

parecesse mais imparcial e confiável. Quando o Sr. Darrow pediu-lhe sua “opinião douta”

sobre o estado mental de Clara, o Dr. White respondeu que não acreditava de fato que as lembranças de uma criança que passara por tamanha provação — e que, afinal, ainda era muito jovem — pudessem ser levadas em conta. Era exatamente o que o júri queria ouvir — pois isso era muito mais fácil do que aceitar que o que Clara dissera fosse a verdade —, e assim os jurados pareceram ignorar a afirmação do próprio Dr. White de que não era especialista em crianças e aceitaram o restante do que ele tinha a dizer.

A principal parte de seu testemunho, porém, concentrara-se na própria Libby Hatch, e na questão de ela ser ou não capaz do crime de que a promotoria a acusava. O Dr. White disse que, depois de passar três horas com a mulher, havia formado a mesma opinião que o Dr.

Kreizler: que Libby, embora emotiva e impulsiva, não possuía nenhum distúrbio mental e era, principalmente no âmbito da definição legal da palavra, sã. No entanto, a conclusão que o Dr.



White tirou desse fato era oposta àquela do Dr. Kreizler: a sanidade de Libby era uma indicação muito forte — se não uma prova inequívoca — de que ela não poderia ter atirado nos filhos. Em sua experiência, disse ele, havia apenas três razões para que uma mulher cometesse um crime dessa natureza: insanidade, pobreza ou as crianças serem ilegítimas.

Como nenhum desses motivos estivesse em evidência extrema no caso em questão, a explicação dada pela promotoria do que acontecera “não era verossímil”. “O próprio caráter do crime”, dissera o Dr. White, usando palavras que o Sr. Picton considerara tão afrontosas que as escrevera, “é suficiente para garantir um diagnóstico de distúrbio mental.” Libby Hatch não tinha nenhum distúrbio mental; portanto, usando uma lógica que, mais uma vez, era falha a ouvidos profissionais mas muito atraente ao júri, ela não poderia tê-lo cometido.

Mas, e quanto a todos os outros casos que o Sr. Picton e o Dr. Kreizler haviam mencionado, perguntou então o Sr. Darrow, casos envolvendo mulheres que haviam inquestionavelmente assassinado os próprios filhos e que foram consideradas sãs por tribunais e júris? E quanto a Lydia Sherman, por exemplo? Lydia Sherman, replicara o Dr. White, infelizmente havia cometido seus crimes num tempo em que a ciência mental se encontrava num estágio muito mais primitivo; além disso, as pessoas haviam ficado tão enojadas pelos homicídios de que fora acusada a “Rainha Envenenadora”, e houvera tantas evidências e tantas testemunhas para depor contra ela, que a possibilidade de a mulher conseguir um julgamento justo, muito menos de ser considerada mentalmente incompetente, fora quase nenhuma. Os alienistas daquele tempo tinham sido ingênuos em demasia para compreender o que havia de errado com a mulher, e o público estivera desesperado por

vingança: essa foi a explicação simplória oferecida pelo Dr. White para o motivo de o destino de Lydia Sherman ter sido selado. O Sr. Darrow então perguntou ao Dr. White se, na sua opinião, essa injustiça estava agora se repetindo, quem sabe até mesmo sendo superada, pela tentativa do estado de Nova York de condenar e executar Libby Hatch. Sim, respondera o Dr. White solenemente; na verdade, como Libby Hatch era, em sua opinião, inocente, a injustiça era ainda maior.

Finalmente, foi a vez de a Sra. Cady Stanton fechar a defesa. As perguntas que o Sr.

Darrow lhe fez foram especialmente astutas: como uma defensora de longa data dos direitos da mulher, perguntara ele, a Sra. Cady Stanton não achava que os membros de seu sexo tinham de aceitar tanto os fardos quanto as vantagens da igualdade? Ela não era de opinião de que não se deveria permitir que as mulheres “se escondessem atrás das saias”, que usassem seu sexo como

desculpa ou mesmo explicação para certos crimes? É claro, dissera a Sra. Cady Stanton; e se o crime de que Libby Hatch fora acusada fosse outro que não o assassinato dos próprios filhos, a velha sufragista não se teria dado ao trabalho de ir até Ballston Spa dar seu testemunho. Mas, nessa questão, de concepção e maternidade, disse ela, homens e mulheres não eram e nunca poderiam ser iguais. Repetindo o que nos dissera quando fora ao número 808 da Broadway, a Sra. Cady Stanton discorreu ao júri e às galerias sobre o “divino poder de criação” das mulheres, que se manifestava na conexão entre mãe e filho. Se esse poder fosse usado para propósitos malignos, disse ela, não poderia ser por feito da mulher — afinal, nenhuma mulher poderia trair a força que, sendo divina, era maior do que sua própria vontade. Não, se uma mulher viesse de fato a

cometer violência contra o próprio filho, era por ser insana ou porque a sociedade dos homens de algum modo a havia forçado àquela atitude; provavelmente por ambas as razões.

Este último ponto foi difícil para o Sr. Picton discutir quando chegou sua vez de questioná-la; pois ele, durante a convivência com o Dr. Kreizler, viera a compreender o quanto as ações de Libby Hatch deviam de fato ter sido afetadas pela sociedade dos homens. Mas tanto o Sr.

Picton quanto o Doutor sustentavam que, tais efeitos à parte, Libby ainda era legalmente responsável pelos próprios atos, e o Sr. Picton perguntara à Sra. Cady Stanton se ela não concordava. Não, respondera a mulher, lançando ao Doutor um olhar que dizia que, embora não tivesse permissão para falar a respeito, acreditava que ele estivesse envolvido em alguma misteriosa caça às bruxas. Não, disse ela, uma mulher tão perseguida e atormentada ao ponto de ser capaz de matar os próprios filhos estaria certamente insana — decerto *legalmente* insana, no sentido de inconsciente da natureza de seus atos ou do fato de que estes eram errados — por obra da sociedade dos homens. E como nem os peritos em ciência mental da promotoria nem os da defesa haviam considerado Libby de fato insana, ela não poderia ter cometido aqueles crimes.

Fora preciso apenas um dia para apresentar todos esses testemunhos e, considerados como um todo, representavam, disse o Sr. Picton, prova adicional (não que precisássemos disso) de que o Sr. Darrow era verdadeiramente o mestre da argumentação negativa. Sem nunca pôr sua cliente no banco das testemunhas (sempre uma atitude perigosa para a defesa num julgamento por homicídio), ele conseguira dismantelar os argumentos da promotoria com lógica que era tão torcida — até mesmo

avessa — que parecia fazer certo sentido. Confuso a princípio, o júri foi aos poucos se convencendo; e todos os esforços desesperados do Sr. Picton de ressaltar que era puro embuste verbal afirmar que alguém tinha de ser inocente apenas porque era mentalmente sã, ao passo que o crime de que o acusavam era *insano*, só faziam-no parecer, como ele dissera na noite anterior, a voz de uma era ultrapassada. A lógica inversa e negativa do Sr. Darrow trazia o sabor de um novo século, do pensamento moderno, o que decerto era; mas, como o Sr. Picton também afirmara na noite anterior, o fato de ser nova não a tornava mais digna ou respeitável — simplesmente mais eficaz junto aos júris. O que, no fim, suponho, é a única coisa que a maioria dos advogados vê como progresso.

O Sr. Darrow ainda não havia apresentado a conclusão da defesa e, teoricamente, podia chamar Libby Hatch ao banco das testemunhas na segunda-feira, se quisesse; mas não havia nenhuma razão para isso. Seu breve desempenho quando do testemunho de Clara fora mais eficaz do que qualquer depoimento que ela pudesse dar sobre o quanto amava os filhos; e

oferecer ao Sr. Picton a oportunidade de interrogá-la (a promotoria não tinha permissão de chamar o réu ao banco das testemunhas) só iria trazer problemas. Não, do ponto de vista do Sr.

Darrow, era melhor deixá-la onde estava: na mesa da defesa, a viúva chorosa e mãe amantíssima, cuja vida fora marcada por perdas e tragédias terríveis, e que, a despeito de todas as suas heroicas tentativas de superar um mar de infortúnios, agora estava sendo perseguida pelo governo de um estado constrangido pelo fracasso em solucionar um crime antigo e bárbaro, e um alienista determinado a recuperar sua reputação.

Não era difícil, portanto, ver por que as notícias que trouxemos de Troy ofereciam tão pequeno consolo a nossos amigos: a questão de que fato no passado de Libby Hatch fizera dela a mulher que era hoje, ou na noite em que atirara nos três filhos, parecia ser um navio que já zarpara. Como dissera Marcus na noite anterior, o júri não estava mais interessado em quaisquer explicações psicológicas sobre o *contexto* que produzira uma jovem normal e sã, que um dia seria capaz de matar os próprios filhos; na verdade, para começar, não mais acreditavam que ela houvesse matado os filhos e, se tentássemos introduzir esse testemunho, estaríamos apenas tentando nos segurar no ar. A única coisa proveitosa que poderia resultar daquela busca era Libby ter cometido algum outro tipo de ato violento antes de ir trabalhar com os Muhlenbergs e nós podermos encontrar uma forma de ligar tal ato ao presente processo.

Mas essa possibilidade parecia bastante remota a todos — a todos, exceto, mais uma vez, à Srta. Howard, que simplesmente se recusava a desistir de seus cavalos antes que estivessem mortos de vez. E, assim, bem cedo na manhã de sábado, nós quatro que fizéramos a viagem a Troy nos vimos a bordo da carruagem do Sr. Picton. (O Doutor manifestara sua vontade de ir conosco, mas sentia a responsabilidade de ir pessoalmente até a fazenda dos Westons naquele dia e ver como estava Clara.) A cidadezinha de Schaghticoke localizava-se a uns dez quilômetros da margem leste do Hudson, o que significava mais uma travessia de barca e outro trajeto monótono por uma região rural não muito diferente do território que havíamos percorrido nos condados de Saratoga e Washington. Chegamos ao lugar e vimos os habitantes dali preparando alguns campos para a Feira do Condado de Rensselaer, fato este que tornava a atmosfera geral, assim como as atitudes dos moradores, mais animada do que provavelmente seriam no dia a dia: não tivemos de

perguntar a mais do que umas poucas pessoas pela fazenda dos Franklins antes de encontrar uma alma prestimosa que nos fornecesse instruções bastante exatas sobre como chegar lá.

O sítio ficava a leste da cidade, ao longo de uma estradinha secundária sombria e difícil, que fez com que a Srta. Howard e eu concluíssemos que estávamos a caminho de mais uma casa espectral, assombrada pelos fantasmas de violências e tragédias passadas. Pode-se bem imaginar nosso choque, então, quando depois de uma curva na estrada esburacada vimo-nos diante de dois campos muito bem cuidados de milho, à esquerda, e de uma extensão de pasto com cercas novas, à direita. O mais surpreendente de tudo foi a visão, entre os campos de milho, de uma casa pequena porém de aspecto agradável, as tábuas de seu revestimento cobertas por uma camada fresca de tinta branca e o gramado bem aparado margeado por findos canteiros de flores.

Entramos no pequeno caminho que levava à casa, a princípio sem ver sinal de vida, mas por fim avistando um homem de macacão indo da casa na direção de um grande celeiro verde

escondido atrás de um dos campos de milho. Ele aparentava uns 45 anos mais ou menos, e parecia um tipo decente e amistoso: enquanto espalhava comida de um balde para um grupo de galinhas que cacarejavam no quintal, emitia uns ruídos aprazíveis, talvez até mesmo afetuosos, sorrindo enquanto observava as aves correndo de um lado para o outro a fim de bicar a comida.

Olhando-o, parei a carruagem diante da casa.

— Estamos no lugar errado — foi tudo que consegui dizer.

A Srta. Howard estudou a cena por alguns minutos, parecendo perturbada; em seguida, desceu do veículo e dirigiu-se a um portão na cerca branca de estacas que limitava o gramado na frente da casa.

— Fiquem aqui — disse ela, passando pelo portãozinho.

El Niño não gostava da ideia de ela ir falar sozinha ao homem desconhecido no quintal, mas eu lhe disse que relaxasse, ressaltando que era quase certo que ela estivesse levando algum tipo de arma de fogo. Ainda assim, ele apanhou seu pequeno arco e uma das flechas curtas dentro do paletó (ele havia adaptado o forro da roupa a fim de acomodar suas armas) e manteve o olhar fixo no que acontecia mais adiante.

— Com licença! — gritou a Srta. Howard, aproximando-se da casa.

Ao som da voz o homem voltou-se, sorrindo com simpatia, e seguiu até o local em que ela estava, de onde podíamos ouvir a conversa.

— Olá — disse ele, pondo o balde no chão e enxugando as mãos no macacão. — Algo em que eu possa ajudá-la? — Olhando além da Srta. Howard, ele nos avistou na carruagem; e embora eu não acredite que a visão de dois negros o tenha deixado exatamente à vontade, ele não pareceu excessivamente nervoso com isso.

— Espero que sim — respondeu a Srta. Howard. — Meu nome é Sara Howard. Sou investigadora e estou trabalhando para o gabinete do promotor do condado de Saratoga.

Procuro o Sr. e a Sra. George Franklin.

A menção do promotor de Saratoga também não pareceu abalar o homem tanto quanto deveria, certamente não tanto quanto abalara as outras pessoas que tínhamos visitado na região. Os olhos dele expressavam confusão, mas o sorriso não se apagou de todo de seu rosto.

— São os meus pais — revelou ele. — Ou eram. Meu pai morreu há cinco anos.

— Ah! — murmurou a Srta. Howard. — Sinto muito. E sua mãe?

— Está em Hoosick Falls, visitando meu irmão e a mulher — respondeu o homem. — Eles têm uma loja lá. Creio que ela só volte amanhã à tarde. Do que se trata?

Acompanhando o tom agradável do homem, a Srta. Howard perguntou:

— O senhor então é George Franklin? Ou Elijah?

O homem inclinou a cabeça, surpreso.

— Parece que a senhorita sabe tudo a nosso respeito. Sou Eli... é assim que me chamam.

Alguma coisa errada?

— Eu... — A Srta. Howard olhou para nós, parecendo incerta sobre como prosseguir. —

Sr. Franklin... se me permite perguntar, o senhor tem tido notícias de sua irmã ultimamente?

— Libby? — Pela primeira vez uma nuvem pareceu encobrir as feições de Eli Franklin e ele olhou para o chão, constrangido. — Não. Não, nenhum de nós tem notícias dela



há... bem, já faz alguns anos. — Quando tornou a levantar os olhos, ele já não sorria. — Ela está metida em alguma encrenca?

— Eu... preferiria discutir o assunto quando sua mãe estivesse aqui — replicou a Srta.

Howard.

— Olhe — começou Franklin —, se tem alguma coisa que minha mãe precisa saber, acho que é melhor deixar que eu conte a ela. O que foi que Libby fez?

— Acha que ela fez alguma coisa? — perguntou a Srta. Howard, curiosamente. — Por que não algo que tenha sido feito a ela?

Os olhos de Franklin arregalaram-se de surpresa, enquanto ele refletia sobre aquela possibilidade.

— Alguma coisa aconteceu a ela? Libby está bem?

— Sr. Franklin... — A Srta. Howard cruzou os braços, os olhos verdes fixos nos olhos castanhos do homem. — Lamento ter de lhe dizer que sua irmã está sendo julgada em Ballston Spa. Por uma acusação muito grave.

Franklin absorveu a notícia, que deveria ser bastante desconcertante, com muito menos alarme do que eu teria julgado possível.

— Então... — disse ele, após alguns minutos de silêncio — ... então é isso. — Sua voz não demonstrava afronta ou mesmo atordoamento, apenas uma certa... bem, tristeza era a única forma de descrever seu sentimento. — O que aconteceu? Tem homem envolvido, imagino. Ele é casado, algo assim?

— Algo no gênero — mentiu a Srta. Howard, deduzindo, eu sabia, que provavelmente obteria mais informações do fazendeiro se seguisse as suposições dele, em vez de lhe dizer a verdade. — Por quê? Ela já se envolveu nesse tipo de problema antes?

— Libby? — resmungou Franklin. — Quando o assunto era homem, Libby estava *sempre* envolvida em problemas. — Desviando os olhos e emitindo um leve sibilo de desapontamento, Franklin disse: — Então, por que veio até aqui? Vamos ser chamados ao tribunal? Não vejo por que...

— Não — a Srta. Howard apressou-se a responder. — Nada nesse sentido. Só pensei que talvez o senhor e sua família pudessem nos fornecer alguma informação sobre o passado de sua irmã. Ela reluta em falar a respeito.

Franklin abanou a cabeça.

— Creio que isso não é de surpreender — disse ele. — Bem... então é melhor mesmo a senhorita esperar por minha mãe, se é esse tipo de coisa que deseja. Ela irá saber mais do que eu. Pode voltar amanhã...

— Ah, nós voltaremos — respondeu a Srta. Howard. — Mas se o senhor pudesse me contar alguns fatos básicos... — Ela voltou-se para atravessar o pequeno gramado em direção à casa. — Vocês sempre moraram aqui?

— Moramos — respondeu Franklin. Então se deu conta de sua falha. — Ah, peço desculpas... Posso lhe oferecer alguma coisa? Algo para beber, talvez, ou...

— Ah, seria muita gentileza — replicou a Srta. Howard. — Foi uma viagem longa e poeirenta.

— E seu... seu pessoal, ali? — perguntou Franklin, apontando para a carruagem.

— Hein? — murmurou a Srta. Howard. — Ah, não. Eu não me preocuparia com eles. Não vou demorar mesmo. Vou guardar a maior parte de minhas perguntas para amanhã, quando sua mãe estiver aqui.

— Bem, então... por favor, entre — convidou Franklin.

Lançando-nos um rápido olhar e um aceno com a cabeça, que nos dizia para que ficássemos ali mesmo, a Srta. Howard desapareceu pela porta da casinha, seu anfitrião limpando a lama e o estrume das botas num velho capacho preso aos degraus de pedra diante da porta.

— Não entendo — comentei, enquanto entravam. — Foi *aqui* que Libby Hatch cresceu?

— Não combina, não é mesmo? — respondeu Cyrus, descendo da carruagem para esticar as pernas. — Não se pode mesmo imaginar...

— *Señorito* Stevie — chamou-me El Niño, voltando a guardar o arco. — Esse homem...

ele não vai machucar a *señorita*?

— Não creio — respondi, coçando a cabeça.

— Então... — disse o aborígene, assentindo e deitando-se no banco de trás da carruagem —

... então El Niño vai dormir. — Antes de fechar os olhos, porém, ele levantou a cabeça e me olhou mais uma vez. — *Señorito* Stevie... o caminho que estamos tomando até a

menina Ana é muito estranho, não é? Ou será que é El Niño que não entende?

— Não, você entende, sim — disse-lhe eu, acendendo um cigarro. — É um caminho estranho, é verdade...

## **CAPÍTULO 49**

A Srta. Howard acabou passando apenas meia hora no interior da casa dos Franklins, mas foi o bastante para descobrir algumas pequenas informações, que ela se recusou a contar aos outros ocupantes da carruagem antes de estarmos de volta à casa do Sr. Picton naquela noite e de nos reunirmos em torno do quadro-negro junto com o Doutor e os outros.

Ao que parecia, a casa que víamos era muito velha e tinha apenas alguns cômodos — e destes, apenas dois eram quartos. Os dois irmãos haviam partilhado um deles, enquanto Libby passara toda a infância e o início da vida adulta dormindo numa pequena cama no quarto dos pais. Não havia cortina ou divisória de qualquer tipo no quarto e, portanto, Libby vivera todo o tempo em absoluta falta de privacidade, fato este que o Doutor considerou de extrema importância. Aparentemente, tanto ele quanto o Dr. Meyer haviam realizado um trabalho extenso a respeito de crianças que quase nunca saíam das vistas dos pais, e descobriram que tais crianças desenvolviam uma série de problemas quando era chegada a hora de lidar com o mundo exterior: em geral eram irascíveis, morbidamente sensíveis a qualquer tipo de crítica e, como disse o Doutor, “patologicamente receosos de constrangimentos, quase ao ponto do que o Dr. Krafft-Ebing rotulara de ‘paranoia’”. E, não obstante, sob tudo isso, esses mesmos tipos, quando adultos, podiam apresentar dúvidas exacerbadas em relação à sua habilidade de traçar o próprio caminho no

mundo: em geral eles cresciam com uma forte necessidade de ter pessoas à sua volta, mas ao mesmo tempo se ressentiam dessas pessoas, chegando mesmo a odiá-las.

— Não estamos falando de algo precisamente semelhante a maus-tratos físicos ou verbais violentos, é claro — explicou o Doutor, enquanto começava, pela primeira vez, a preencher a seção do quadro destinada aos fatos concernentes à infância de Libby. — Mas essa falta de privacidade pode produzir muitos dos mesmos resultados: em primeiro lugar, o fracasso da psique em evoluir para uma entidade verdadeiramente unificada, integrada e independente. —

Mais uma vez vieram-me à memória as palavras da Srta. Howard sobre a personalidade de Libby ter sido quebrada, numa idade muito tenra, em pedaços que ela jamais poderia reunir. —

É difícil conceber — prosseguiu o Doutor — o horror sufocante de ser forçado a passar cada hora do dia e da noite na companhia íntima e atenta de um outro ser humano, de raramente estar sozinho. Pense na incrível frustração e raiva, o senso de completa... completa...

— *Asfixia* — completou Cyrus para o Doutor; e eu sabia que ele estava pensando nos vários bebês que Libby havia matado através daquele método.

— Precisamente, Cyrus — disse o Doutor, escrevendo a palavra no quadro com letras grandes e, em seguida, sublinhando-a. — Aqui, de fato, temos a primeira peça que se encaixa tanto no enigma da mente de Libby quanto no manifesto quebra-cabeça de seu comportamento: a asfixia. Mas a que isso levou, Sara, nos primeiros anos da vida adulta dela?

O irmão lhe deu alguma ideia a respeito?

— Eis aí um tema que ele *estava* muito disposto a discutir — contou a Srta. Howard. —

Basicamente, acho, porque não queria que a mãe tivesse de ouvir isso. Parece que Libby teve muito a ver com rapazes, e já desde muito cedo. Ela foi precoce ao extremo, romântica e sexualmente falando.

— Mais uma vez, um resultado lógico — afirmou o Doutor, ponderando a respeito. —

Esse comportamento deveria ser secreto e, portanto, privado. Não obstante, reflete sua incapacidade, muitíssimo frustrante, de alcançar essa privacidade e independência por ela mesma. — Ao escrever esses pensamentos, o Doutor acrescentou: — Não imagino que, em consequência, ela fosse particularmente bondosa com os crédulos rapazes que se envolviam com ela.

— Não — respondeu a Srta. Howard. — Partia muitos corações. Essa é a forma mais...

*caridosa* de descrever a situação.

— Ótimo — avaliou o Doutor, assentindo. — Muito bom.

O Sr. Moore, que estava sentado a um canto com um grande jarro de vidro cheio de martinis que preparara para si mesmo, deixou escapar um resmungo alto; e o som pareceu repercutir com o gemido do apito de um trem a distância. Ouvindo-o, o Sr. Moore ergueu um dedo.

— Está ouvindo isso, Kreizler? É o som deste maldito caso fugindo ao nosso controle. Está desaparecendo noite adentro, e o que *você* está fazendo? Fica parado aí com

essa porcaria de quadro-negro, agindo como se de alguma maneira fosse *pensar* num modo de escapar à derrota. Nós estamos *liquidados*. A essa altura, quem se importa com o porquê de Libby Hatch ser como ela é?

— A eterna voz do encorajamento — disse o Sr. Picton, olhando para o Sr. Moore. —

Beba mais uma seis ou sete doses dessa mistura nojenta, John. Assim talvez você durma... e então poderemos prosseguir em paz.

— Sei que parece tarde demais, Moore — disse o Doutor, acendendo um cigarro, enquanto estudava o quadro-negro. — Mas precisamos fazer o que podemos, enquanto podemos. *Temos* de fazer.

— Por quê? — resmungou o Sr. Moore. — Ninguém quer que a maldita mulher seja culpada, isso já ficou bem claro. Em nome de quem estamos levando isso adiante, a essa altura?

— Ainda há o problema de Ana Linares, John — lembrou Lucius.

O Sr. Moore deixou escapar outro resmungo.

— Uma garota cujo próprio pai não se importa se ela viver ou morrer. Provavelmente, as chances dela com Libby serão tão boas quanto com ele, o patife do espanhol.

— Na verdade, eu não estava pensando em Ana Linares, neste momento — disse o Doutor, a voz baixando de tom.

— Certo — disse a Srta. Howard. — O problema é Clara, não é? Como ela estava? Nem me lembrei de perguntar.

O Doutor deu de ombros, parecendo constrangido.

— Desnorteada. E não muito falante, embora eu não a culpe por isso. Eu lhe prometi que essa provação iria ajudar tanto a ela quanto à mãe. Não fez uma coisa nem outra... E agora, ao terror das lembranças do que aconteceu há três anos, junta-se o medo que ela sente do que irá

acontecer se a mãe ficar livre. Ela não é tão jovem que não veja o perigo que correrá se Libby estiver livre para se vingar do que, sem dúvida alguma, vê como uma criança traiçoeira, a única testemunha de seu ato sanguinário. — Largando o pedaço de giz, o Doutor apanhou uma taça de vinho e fez menção de tomar um gole; no entanto, interrompeu o gesto a meio caminho, como se não estivesse interessado em nenhum tipo de alívio.

— O senhor não pode se culpar, Doutor — afirmou Marcus.  
— O caso parecia firme. Não havia razão para acreditar que tomaria esse rumo.

— Talvez — disse o Doutor, sentando-se e pondo o copo de lado.

— E permitam que eu lembre a todos mais uma vez... — começou a Srta. Howard, mas não pôde ir adiante, interrompida por outro sonoro resmungo do Sr. Moore.

— É, é, já sabemos, Sara, ainda não acabou! Meu Deus, você nunca se cansa dessa ladainha?

— Se você quer dizer se eu não torço para que essa história acabe logo, para que eu tenha uma boa desculpa para mergulhar no fundo de um copo e ficar ali, John, então a resposta é não

— retrucou a Srta. Howard. — É verdade que podemos não ter conseguido muitas informações hoje, mas a mãe deve saber mais, e ela volta amanhã. E faremos o mesmo. — Ela



olhou para o Doutor. — O senhor virá conosco? Não tenho muita certeza se saberei fazer as perguntas certas.

De algum ponto profundo, o Doutor conseguiu trazer à tona os últimos vestígios do que passava por encorajamento.

— É claro — disse ele, apoiando as mãos nas pernas e então se levantando. — Mas agora, se vocês não se importam, acho que vou me retirar antes do jantar. Não estou com fome. Você disse que só precisamos chegar à casa dos Franklins à tarde, não é, Sara?

— Isso mesmo.

— Então, pelo menos não há motivo para acordar cedo. — Ele olhou em torno da sala, um pouco constrangido. — Boa noite.

Todos murmuramos a resposta, e então ficamos em silêncio, enquanto o Doutor lentamente subia a escada.

Assim que ouviu a porta do quarto dele se fechar, a Srta. Howard apanhou um pedaço de giz no quadro e o atirou na cabeça do Sr. Moore, atingindo-o com precisão entre os olhos e fazendo-o gritar.

— Sabe, John — disse ela —, se o *Times* não o aceitar de volta, você pode iniciar seu próprio negócio, chutando cães machucados ou puxando as muletas dos aleijados.

— Um dia — gemeu o Sr. Moore, esfregando a marca deixada pelo giz em sua testa —, você vai me machucar seriamente, Sara. E prometo que vou processá-la! Olhe, lamento se vocês todos acham que estou sendo derrotista, mas simplesmente não vejo o que vocês podem descobrir com a mãe de Libby Hatch que vá mudar as coisas.

— Talvez nada! — replicou a Srta. Howard, bruscamente. — Mas você viu o que o Doutor passou nesta semana... e lembre-se de que nós o trouxemos para este caso a fim de ajudá-lo a esquecer os problemas em Nova York. Agora parece que só conseguimos piorar as coisas.

Você poderia ao menos tentar encorajá-lo.

O Sr. Moore lançou um olhar à escada, parecendo um tanto envergonhado de si mesmo.

— Bem... acho que é verdade... — Ele serviu-se mais uma bebida e então voltou-se para a Srta. Howard. — Quer que eu vá com vocês amanhã? — Ele fez o melhor que pôde para parecer sincero. — Prometo a você: vou tentar manter a esperança.

A Srta. Howard suspirou e abanou a cabeça.

— Não creio que conseguisse manter a esperança nesse momento, nem que sua vida dependesse disso. Não, vai ser melhor se somente Stevie e eu formos. Quanto menos gente, menos constrangedor será o silêncio. — Ela olhou para o teto. — E tenho a sensação de que vamos ter  *muito* silêncio...

Foi uma previsão exata. O Doutor só desceu do quarto já perto do meio-dia de domingo, e não parecia estar com muito apetite. Fez o máximo para se interessar pela tarefa à frente, mas era uma causa praticamente perdida: ele parecia saber o quanto era improvável que descobríssemos algo crucial na fazenda dos Franklins que pudesse mudar nosso destino no tribunal. Quando subimos na carruagem, ele desistira de qualquer esforço de conversação, tornando-se outra vez muito calado e pensativo; e assim se manteve durante todo o longo trajeto até Schaghticoke.

A casa dos Franklins estava tão tranquila quanto no dia anterior; desta vez, porém, além de Eli Franklin trabalhando perto do celeiro, havia uma senhora idosa — corpulenta, mas não gorda —, capinando um dos canteiros de flores perto da casa. A cabeça branca estava protegida contra o sol por um chapéu de palha de abas largas, e o vestido de riscado estava coberto por um avental levemente manchado. Já na metade da alameda que levava à casa podíamos ouvi-la cantando e um cachorrinho saltitando feliz ali perto, dando pequenos ganidos ocasionais para chamar a atenção da mulher e receber um afago na cabeça e algumas palavras afetuosas em troca.

Enquanto o Doutor assimilava a cena diante dele, seus olhos negros começaram a brilhar com uma luz que ali não se encontrava havia alguns dias.

— Então... — disse ele, quando parei a carruagem ao lado do portão na cerca de estacas brancas. Ao descer, tinha um leve sorriso nos lábios.

— Não é exatamente o que o senhor esperava? — perguntou a Srta. Howard, parando ao seu lado.

— A tragédia e o horror nem sempre vêm com a aparência apropriada, Sara — respondeu o Doutor suavemente. — Se fosse assim, a minha profissão seria inútil.

Enquanto eu amarrava as rédeas de nosso cavalo, vi que Eli Franklin percebera nossa chegada e vinha correndo para o portão. Ele parecia movido por um propósito sério.

— Olá, Srta. Howard — cumprimentou ele, a expressão preocupada.

— Sr. Franklin — respondeu ela com um aceno de cabeça. — Este é o Dr. Kreizler, que também está trabalhando no caso.

E não creio que tenha sido apresentado ontem ao nosso jovem companheiro, Stevie Taggert...

Eli Franklin apertou nossas mãos rapidamente, sem nada dizer, então voltou-se outra vez para a Srta. Howard.

— Minha mãe... quando eu disse a ela...

A essa altura, porém, a mulher que cuidava das flores havia se virado em nossa direção e nos vira. O cachorrinho latia mais alto e mais rápido, ele também registrando a presença de estranhos.

— Ah! — exclamou a mulher, numa voz ao mesmo tempo muito alta e melodiosa. — Ah, estes são os amigos de Elspeth, Eli, querido?

Ela veio em nossa direção e Eli Franklin falou ainda mais rápido e com mais urgência:

— Não pude dizer a ela que na verdade Libby estava numa encrenca... Isso a deixaria muito nervosa, e o coração dela já não é tão forte. Existe alguma maneira de vocês descobrirem o que precisam saber sem...

— Tentaremos, Sr. Franklin — afirmou o Doutor afavelmente.  
— Pode ser que sua mãe nos diga tudo que precisamos saber sem que revelemos nosso verdadeiro propósito.

O rosto de Eli Franklin encheu-se de alívio, e ele teve tempo apenas de dizer: “Obrigado, Doutor, eu lhe agradeço...”, antes que a mãe chegasse ao portão.

O cãozinho agora latia mais alto ainda, e enquanto a Sra. Franklin segurava o chapéu na cabeça com a mão, ela olhou para baixo a fim de repreendê-lo delicadamente:

— Leopold, pare com isso! São visitas!

O cão tentou acalmar-se, mas via-se que para ele isso era um esforço.

— Peço desculpas — disse a mulher para nós, a voz melodiosa tornando-se um tanto confusa. — Ele é *muito* protetor! Ora! Então vocês todos são amigos da minha filha? E estão tentando encontrá-la, como meu filho me contou? — Por trás dos olhos cor de âmbar, podia-se ver que a Sra. Franklin, que devia ter sido muito bonita em sua época, não acreditava muito na história, mas que lhe era mais fácil aceitá-la do que considerar outras possibilidades menos agradáveis. — Receio que não possamos ajudá-los — prosseguiu ela, antes que o Doutor ou a Srta. Howard tivessem tempo de responder. — Como Eli lhes disse ontem, não temos notícias de Libby há vários anos. Não que isso me surpreenda! É tão negligente, aquela menina! Ela nunca conseguiu cuidar das coisas mais...

— É, mamãe — cortou Eli Franklin, tocando-lhe o cotovelo para fazê-la calar-se. — Estes são a Srta. Howard e o Dr... Kreizler, não é isso? E o menino se chama...

— Só Stevie basta — respondi, olhando para a mulher e recebendo um grande sorriso em troca.

— Ah, só Stevie, é? — perguntou ela, estendendo a mão e tocando meu rosto. — Bem, já está muito bom... Você é um rapazinho muito simpático!

— Eles acham que talvez alguma coisa que saibamos sobre o passado de Libby possa ajudá-los a localizá-la — continuou Eli Franklin.

A Srta. Howard assentiu com a cabeça.

— Veja, ela não entra em contato *conosco* faz algum tempo também. Talvez, se soubéssemos um pouco mais sobre seus hábitos...

A Sra. Franklin assentiu.

— Não entra em contato com vocês? Ora, isso também não me surpreende! Não sei por que aquela menina jamais conseguiu cuidar das coisas mais simples. Recebemos um ou dois bilhetes em todos esses anos, mas nem uma única visita! Ela vive bailando pela vida, fazendo o que bem entende. Ah, bem, algumas pessoas são assim, suponho. — Ela abriu o portão. — Por favor, por favor, entrem e sentem-se na varanda dos fundos... Pusemos tela ali, então não vão ter de ficar espantando essas moscas terríveis. Com toda a umidade deste verão, acho que os insetos estão decididamente aumentando! — Começamos a segui-la em torno da casa, nenhum de nós conseguindo dizer uma única palavra. — Bem, fiz limonada e chá gelado... Achei que

estaria muito quente para outra coisa. Tem pão de gengibre também, e talvez encontremos algo mais doce para você, Stevie, se for tão louco por doces quanto os *meus* meninos! Quanto a Libby, não sei de que forma posso ajudar... — Chegando à varanda nos fundos da casa, vimos que os grandes painéis de tela haviam de fato nos isolado das irritantes moscas pretas que começavam a enxamear no sol da tarde. — Acho que, na realidade, *vocês* poderão *me* contar mais. Como eu disse, não a vemos... faz quanto tempo, Eli?

Eli Franklin olhou para a Srta. Howard incisivamente.

— Dez anos — respondeu.

— *Dez?* — repetiu a mãe. — Não pode ser. Não, você deve estar enganado, Eli. Não posso acreditar que até mesmo

Libby, negligente como é, passaria dez anos sem fazer uma visita!

Faz *mesmo* tanto tempo assim? Bem, sentem-se, sentem-se todos, e bebam alguma coisa!

Sentei-me numa grande cadeira de vime, suspirando comigo mesmo: tirar alguma informação dessa tagarela seria uma tarefa e tanto.

— Obrigado, Sra. Franklin — disse o Doutor, acomodando-se em outra cadeira de vime.

— A tarde está quente e a viagem até aqui foi longa.

— De fato — concordou a Sra. Franklin, enchendo os copos com as bebidas refrescantes e distribuindo-os. — Vocês vieram de Ballston Spa até aqui! Devo confessar que nunca teria imaginado que Elspeth fosse o centro de tamanha atenção. — Nas palavras, assim como no tom de voz, havia algo que me fazia lembrar desagradavelmente da primeira vez que ouvíramos Libby Hatch falar, na porta de sua casa, em Bethune Street. — Ela nunca foi o tipo de garota por quem as pessoas se interessavam. — Eli Franklin lançou novamente um rápido olhar à Srta. Howard, pedindo-lhe com os olhos que não mencionasse os fatos que ela contara no dia anterior. — Os irmãos eram mais extrovertidos, é claro, mais sociáveis... puxaram a mim nesse ponto, acho. Elspeth, porém, era mais como o pai... uma sonhadora, ocupada demais com a própria mente para, de fato, ser de alguma utilidade.

— Suponho que seu marido já não esteja entre nós — disse a Srta. Howard.

— Não, que Deus o tenha! — respondeu a mulher, contornando a mesa para pôr raminhos de hortelã fresca

em nossos copos e em seguida passando um prato de pão de gengibre. — Faz quase cinco anos que ele se foi. Pobre George, trabalhou até morrer, mantendo a fazenda em funcionamento. Na verdade, nunca foi muito bom nisso... Se não tivesse tido os meninos para ajudar... Mas ambos nasceram trabalhadores, os dois. Herdaram isso de mim também, espero.

Cabeças práticas. Mas George era um sonhador, como Elspeth. Fizemos tudo que pudemos para criar três filhos e manter este lugar próspero.

— E Elspeth? — perguntou o Doutor, com cautela. — Certamente ela ajudava a senhora de alguma forma.

A Sra. Franklin deu uma risada: o som claro e fluido de uma mulher acostumada a dominar os homens.

— Bem, não sei de quantas formas posso dizer isso, Doutor, mas a garota nunca foi útil a *ninguém*, não quando se tratava das questões práticas da vida. Ah, ela era bem bonita. E

esperta, também, principalmente nos estudos. Mas inútil nos aspectos de verdadeira importância para uma jovem. — Vi a Srta. Howard quase engasgar com o pedaço de pão, mas ela conseguiu manter uma expressão agradável no rosto. — Um verdadeiro horror na cozinha

— prosseguiu a Sra. Franklin. — E quanto às outras tarefas domésticas, bem... eu não podia

mandá-la nem mesmo *tirar o pó* dos móveis sem que ela quebrasse o que quer que tivéssemos que *pudesse* quebrar. Uma menina doce, mas que importância tem a doçura na idade adulta?



Não era de admirar que não tivesse pretendentes. Morou conosco até que fosse quase uma solteirona, e nem um único homem veio nos pedir sua mão. Eu não me espantava. Os homens por aqui trabalham duro. Precisam de uma mulher que possa cuidar da casa, não de uma sonhadora inteligente. E a beleza murcha, Doutor, a beleza murcha... — O cãozinho, que havia nos seguido até a varanda e que ofegava, excitado, ao lado da cadeira da Sra. Franklin, tornou a latir. — Ah! Leopold, você quer pão de gengibre! Desculpe! Aqui está...

Dando ao cachorro um pedaço do pão — que tive de admitir era o melhor que já comera na vida —, a Sra. Franklin começou a afagar-lhe a cabeça.

— É, aí está, meu menininho. Você não conheceu Libby, não é, Leopold? Ela foi embora antes de você vir morar conosco... — A mulher ergueu os olhos, perdida em pensamentos. —

Tínhamos outro cachorro naquela época... Era o cachorro de *Libby*. Como era mesmo o nome dele, Eli?

— Fitz — respondeu Eli Franklin, mastigando um pedaço de pão e bebendo avidamente seu terceiro copo de limonada.

— É, isso mesmo. Fitz. Ah, ela adorava aquele cachorro. Chorou muito quando ele morreu... Pensei que ela mesma fosse morrer! Lembra-se, Eli?

De repente, Eli Franklin parou de mastigar: ele olhou ao redor, para todos nós, cautelosamente. Em seguida, engoliu devagar o pedaço de pão que tinha na boca.

— Não — respondeu ele rapidamente, num tom de voz abafado.

— Ora, mas é claro que lembra! — insistiu a Sra. Franklin. — Não seja tolo... Foi pouco antes de ela ir trabalhar com aquela família em Stillwater...

— Os Muhlenbergs? — perguntou a Srta. Howard, esperançosa.

— Ah, então conheceu os Muhlenbergs, Srta. Howard? — replicou a Sra. Franklin, alegremente surpresa. — Gente muito boa, segundo Elspeth... Ela nos mandou uma carta de lá.

Muito boa. E, pouco antes de partir, ela teve aquele ataque de febre biliar...

— Mãe... — começou Eli Franklin, ainda parecendo um tanto alarmado.

— ... e na manhã seguinte, Fitz morreu. Tenho certeza de que você se lembra, Eli... Nós o enterramos ao lado do celeiro. Você construiu um caixãozinho, e Libby pintou uma pedra para a sepultura...

— Mãe! — cortou Eli Franklin, agora com certa aspereza. Em seguida, sorriu para o restante de nós, embora obviamente com esforço. — Tenho certeza de que essas pessoas não querem saber de todos os detalhes que aconteceram com Libby quando ela morava aqui...

Estão interessados no que está acontecendo com ela *agora*.

— Bem... — A Sra. Franklin olhou para o filho, um pouco estarecida. Junto com o choque, porém, havia um traço de uma raiva súbita e fria, do tipo que eu vira algumas vezes surgir no rosto de Libby Hatch. — Eu decerto peço *desculpas*, se estou constrangendo meu próprio *filho*. Mas eu estava lhes contando sobre os Muhlenbergs...

— A senhora estava contando a eles... — começou Eli Franklin, mas, vendo o olhar da mãe, deixou a frase pelo meio. — Muito bem. Vá em frente, conte a eles... sobre os Muhlenbergs.

— Eram gente muito boa — prosseguiu a Sra. Franklin, lançando ao filho um último olhar de advertência, enquanto o tom de voz se tornava outra vez musical. — Foi isso que ela disse na carta. E, naturalmente, fiquei contente, pois parecia o trabalho ideal para ela!

O queixo da Srta. Howard quase caiu, e imagino que o mesmo aconteceu comigo. Alguém dizer que ser ama de leite era o “trabalho ideal” para Libby Hatch significava que essa pessoa não a conhecia; e a Sra. Franklin, embora pudesse ter parecido confusa em alguns momentos, aparentava estar ciente das forças e fraquezas da filha. Antes que a Srta. Howard ou eu pudéssemos dar voz à nossa perplexidade, porém, o Doutor, suspeitando que a história havia sofrido uma mudança em algum ponto da linha de comunicação, perguntou:

— E que tipo de trabalho era esse, Sra. Franklin?

— Ora, vocês não sabem? — replicou ela, surpresa. — Certamente, se conhecem os Muhlenbergs, sabem que Libby era a tutora do filho deles... isto é, antes de ela ir para Nova York. For acaso vocês a conheceram depois de ela ter partido?

— Foi — confirmou a Srta. Howard, rápida e nervosamente. — Na verdade, faz pouco tempo. Só conhecemos sua filha depois que ela chegou à cidade... sabe, nós todos somos de lá.

— Ah, é mesmo? — perguntou a Sra. Franklin. — Bem, se vocês são de Nova York, então certamente sabem mais

sobre minha filha do que eu. Veja bem, só recebi uma carta de Libby desde que ela foi para lá, e isso faz muito tempo... Há anos que não tenho notícias dela. Mas, como já disse, Elspeth sempre foi assim... Duvido que ela sequer se dê conta de que não escreveu! Tão negligente, aquela menina, sempre sonhando com alguma coisa...

Por um momento a mente da Sra. Franklin pareceu perder-se em devaneios, à maneira que já havíamos presenciado; mas, dessa vez, comecei a perceber que aquilo que eu tomara por confusão mental era na verdade apenas um modo de evitar temas que ela não queria ou não podia discutir, talvez porque fossem por demais dolorosos, ou talvez porque revelassem coisas sobre *si mesma* que ela não queria conhecidas, principalmente de estranhos. Assim, esperei que o Doutor começasse a fazer mais pressão para obter informações: ele não era de deixar as pessoas fugir com evasivas. Fiquei duplamente surpreso, então, quando ele se levantou, fitou os olhos da Sra. Franklin, que tinha o olhar perdido na distância, e por fim disse:

— Muito bem. Suspeito que tenha razão, Sra. Franklin. Muito obrigado pelo refresco...

vamos continuar procurando sua filha em Nova York.

Saindo rapidamente de seu aparente atordoamento e parecendo muito aliviada, a Sra.

Franklin também se ergueu:

— Lamento muito não poder ajudá-los, de verdade. E se encontrarem Elspeth, digam-lhe que sua família está curiosa para saber o que ela anda fazendo. — Com essas palavras, começou a nos acompanhar em direção à porta de tela.

— Doutor — disse a Srta. Howard, parecendo preocupada —, não estou bem certa se nós...

— Ah, acho que a Sra. Franklin nos disse tudo que pôde — replicou o Doutor, aprazivelmente. — E essas informações vão se provar *muitíssimo* proveitosas, tenho certeza.

— Ao dizer essas últimas palavras, lançou à Srta. Howard um olhar muito significativo; e ela, acreditando que o que ele dizia era verdade, limitou-se a dar de ombros e saiu pela porta de tela. Quanto a mim, não tinha a menor ideia do que estavam falando; mas, na realidade, não esperava mesmo entender. Eu não tinha sequer certeza se me deixariam entrar na casa e, uma vez lá dentro, concluí que teria de esperar pelas explicações na viagem de volta.

Quando passamos da varanda para o gramado, a Sra. Franklin ergueu um dedo.

— Sabe, Doutor... vocês podem tentar os teatros. Sempre pensei que Elspeth acabaria nos palcos... Não sei bem por quê, mas sempre achei isso! Bem, até logo, então! Foi um prazer conversar com todos vocês!

A Srta. Howard e eu tentamos não parecer ainda mais confusos quando dissemos adeus à Sra. Franklin, que chamou seu cãozinho e desapareceu no interior da pequenina casa.

— Vou acompanhá-los à carruagem — disse Eli Franklin, parecendo bastante aliviado por já estarmos partindo. — E lhes agradeço por não mencionarem à minha mãe o fato de Libby estar envolvida em problemas. Vocês viram como ela está e...

— Vimos, Sr. Franklin. — A voz do Doutor de repente perdera o tom suave e polido que ele usara com a mãe do homem.

— De fato, como o senhor diz, “vimos como sua mãe está”.

Talvez mais do que o senhor imagina. E acho que irei pedir um pagamento por esconder dela nosso verdadeiro propósito.

As palavras e a maneira como o Doutor as pronunciou infundiram um novo nervosismo, talvez até mesmo medo, em Eli Franklin.

— Pagamento? — murmurou ele — O que o senhor...

— O quintal, Sr. Franklin — respondeu o Doutor. — Queremos inspecionar o quintal.

— O quintal? — Franklin tentou forjar uma risada. — Por que vocês quereriam ver isso?

Não há nada...

— Sr. Franklin. — Os olhos negros do Doutor fizeram o riso do homem morrer. — Com sua licença, por favor.

Franklin começou a abanar a cabeça lentamente, um movimento que logo se tornou agitado.

— Não. Sinto muito, mas não sei nem o que vocês querem. Não vou deixá-los...

— Muito bem. — O Doutor voltou-se para a varanda. — O senhor faz com que seja necessário então perguntar à sua mãe... — Ele segurou a maçaneta da porta e Franklin agarrou-lhe o antebraço com uma das mãos poderosas: não com rudeza, mas, ainda assim, com desespero.

— Espere! — disse Franklin. Então, quando o Doutor o olhou com o cenho carregado, ele soltou-lhe o braço. — Vocês...

vocês só querem dar uma olhada no quintal?

— Sr. Franklin, sabe perfeitamente bem o que queremos ver  
— respondeu o Doutor.

Nesse momento, a Srta. Howard levou as mãos à testa de repente, aparentemente compreendendo o que o Doutor pretendia.

Engolindo em seco, Franklin olhou para ela.

— O problema de Libby é muito mais sério do que você disse, não é?

— É — confirmou a Srta. Howard. — Receio que sim.

Parecendo um pouco aflito com aquela informação, Franklin assentiu uma ou duas vezes.

— Muito bem. Venham, então.

Tomando a dianteira com passos longos e lentos, Franklin nos conduziu para além do gramado nos fundos da casa, atravessando o caminho empoeirado, até chegar à área coberta de esterco e lama, ao lado do celeiro. Enquanto o seguíamos, a Srta. Howard e eu nos aproximamos do Doutor.

— O senhor desconfia... — começou a perguntar a Srta. Howard.

— Não desconfio de nada — completou o Doutor. — Tenho certeza. Só precisamos de uma descrição precisa do local para mostrar à mulher que estivemos aqui e que não estamos brincando.

— Descrição de que local? — perguntei, agora o único do grupo a não saber o que estava acontecendo. Tanto a Srta. Howard quanto o Doutor, porém, continuaram seguindo Franklin em silêncio, dando a volta até o outro lado do celeiro.

Havia um poço de água lamacenta numa das extremidades da estrutura, e um extenso canteiro de framboesiras espinhentas, na outra extremidade. Franklin caminhou até uma área das framboesiras e então, suspirando ao olhar novamente para nós, agarrou um velho galho que havia caído de uma macieira retorcida que se erguia não muito longe do poço. Ele usou o galho para forçar e abrir as hastes espessas e espinhentas dos arbustos à sua frente, e então um pequeno objeto pôde ser visto no chão.

Era uma placa de sepultura de madeira, com uns sessenta centímetros de altura. Estava rachada em alguns pontos, mas não muito danificada, e a inscrição que fora ali pintada, embora desbotada, era facilmente legível:

FITZ

1879-1887

PARA SEMPRE COM AMOR, MAMÃE

Ao ler a última linha, tive a sensação de que alguém passara a extremidade dura de uma pena de ganso ao longo das minhas costas: eram as mesmas palavras gravadas nos túmulos de Thomas e Matthew Hatch, em Ballston Spa.

— É claro — murmurei para mim mesmo, recuando alguns passos, assustado, enquanto continuava com o olhar fixo na placa. — É claro... ela era *ama de leite*...



Ao som da voz do Doutor, finalmente levantei os olhos.

— Do que o cachorro morreu, Sr. Franklin? — perguntou ele.

Franklin limitou-se a abanar a cabeça.

— Não sei. Ela o trouxe para mim... morto. Não havia uma única marca nele. Construí o caixão para ela, e ela o levou e lacrou. Então a ajudei a enterrá-lo.

— E quanto à... “febre biliar” de sua irmã? — indagou o Doutor.

— Durou a noite toda — respondeu Franklin, virando-se para olhar a placa tumular. Sua voz tornou-se distante quando ele acrescentou: — A febre a acometeu depois que fomos todos dormir... quase a matou. Mas, sabe de uma coisa? Ela não disse uma só palavra, até de manhã.

Não emitiu um único som... Minha mãe e meu pai, eles dormiram o tempo todo. O tempo todo.

O Doutor assentiu com a cabeça.

— O senhor compreende, Sr. Franklin, que uma pessoa que destrói provas de um crime pode ser indiciada como cúmplice?

Franklin assentiu, o rosto ainda inescrutável.

— É só um cachorro...

O Doutor aproximou-se do homem.

— Espero, pelo seu bem, que sua irmã tenha bom senso e que não torne necessário voltarmos aqui com um mandado do tribunal, autorizando a exumação deste... *cachorro*.  
Nesse

meio tempo, aconselho-o a tomar muito cuidado para que o túmulo não seja mexido.

Franklin não disse nada, só continuou a assentir com a cabeça e a olhar a placa no túmulo.

Satisfeito por o homem haver compreendido seu aviso, o Doutor olhou para a Srta. Howard e para mim, e então voltou-se e começou a se encaminhar para a carruagem.

— Doutor — murmurou Franklin, fazendo-nos parar e nos voltar outra vez —, ela nunca...

Libby, quero dizer... ela nunca teve muita coisa. O senhor ouviu o que minha mãe disse... era apenas uma criada nesta casa. Nem mesmo isso... Uma criada tem seus próprios aposentos. —

Ele tornou a olhar para o túmulo. — Havia homens... garotos, na verdade... que a perseguiram.

Ela era tola. Mas era a vida dela. Ela merecia fazer aquilo, sem arruinar sua vida. Merecia ter mais do que um *cachorro*...

O Doutor assentiu e então seguimos em direção à carruagem.

— O senhor acha — disse a Srta. Howard baixinho — que o juiz Brown irá concordar em expedir um mandado?

— Acredito que não seja necessário — respondeu o Doutor. — Darrow e Maxon terão bom senso, ainda que Libby não tenha.

Enquanto subíamos na carruagem, a Srta. Howard olhou na direção do celeiro.

— E o irmão... ele sabia? Será que ele *sabe*?

— Ele desconfia, com toda certeza — respondeu o Doutor, no momento em que eu punha o cavalo em movimento. — Mas quanto a ter ou não certeza...

— E quanto à mãe? — perguntei. — Ela não é tão estúpida quanto finge ser... Talvez saiba também.

— É possível, é claro — replicou o Doutor. — Ela também desconfia bastante da filha, e não ficaria muito surpresa com isso. Mas não creio que tenha consciência do fato. Uma mulher como Libby Hatch teria encontrado formas de esconder a gravidez... e vocês ouviram o que aconteceu quando ela finalmente deu à luz. Ela *não emitiu um único som*. Numa outra situação, eu não acreditaria, mas neste caso estamos lidando com uma pessoa capaz de uma incrível disciplina quando se descobre encurralada.

— Mas quem era o pai? — indagou a Srta. Howard.

— Todas as perguntas terão resposta mais tarde — disse o Doutor. — Stevie... vi uma hospedaria no caminho, quando atravessamos a cidade. Eles devem ter um telefone.

Precisamos ligar para o Sr. Picton e lhe dizer que nos encontre em seu gabinete assim que chegarmos. Ele também deve entrar em contato com Darrow e Maxon e fazer com que, ao lado de sua cliente, vão ao nosso encontro, digamos... — Apanhando o relógio e consultando as horas, o Doutor fez um rápido cálculo. — Nove horas. É, isso deve nos deixar tempo suficiente para elaborar os detalhes. — Tornando a guardar o relógio, o Doutor cruzou os braços, ansioso. — E então veremos.

## **CAPÍTULO 50**

Às sete e meia daquela noite toda a nossa equipe estava reunida no gabinete do Sr. Picton mais uma vez, para avaliar os resultados da viagem à fazenda dos Franklins e determinar como deveríamos agir em relação a tudo aquilo. Até El Niño estava presente: como sempre, não por que compreendesse a maior parte do que estava acontecendo ou pudesse contribuir de alguma maneira, mas sim porque tivesse sempre a preocupação de que “a senhorita”, “o Sr. Montrose”, o Sr. Picton (seu futuro *jefe*) ou qualquer outro de nós pudesse ser atacado por personagens perversos. Ele se convencera de que era sua missão e responsabilidade pessoal prevenir qualquer ataque; e enquanto aqueles de nós que tinham de fato algo a dizer sobre o caso sentaram-se em círculo em torno da mesa do Sr. Picton, o aborígine ficou parado ao lado da porta, armas à mão. Naquela ocasião, considerei essa atitude, como a maior parte de seu comportamento, divertida e comovente, nada além disso; mais tarde, desejei que tivéssemos todos seguido seu exemplo de prudência.

O principal tópico da conversa — que rapidamente se transformou em debate — era de que maneira iríamos apresentar nossa descoberta aos advogados de defesa, e qual o melhor acordo que deveríamos tentar fechar com eles à luz dos fatos. A opinião geral era que o Sr. Picton dissesse a Libby Hatch que o Estado estava disposto a esquecer o caixão enterrado no quintal de sua família, em troca de ela se declarar culpada — mas culpada de quê? O Sr. Picton relutava muito em abandonar a acusação de homicídio em primeiro grau, que mandaria Libby para a cadeira elétrica; mas ele sabia que dar a alguém a opção de escolher entre a morte agora ou daqui a pouco não era nenhum prêmio. Assim sendo, tentou conformar-se com a segunda melhor opção: homicídio em segundo grau e uma sentença de prisão perpétua, sem a possibilidade de

condicional. Alguns do nosso grupo — Marcus e o Sr. Moore, principalmente

—, em vista da personalidade de Libby, não viam tampouco por que ela aceitaria essa opção: era pouco provável que uma mulher como essa, que parecia gozar de sua liberdade de maneiras tão diversas, considerasse com muito entusiasmo a perspectiva de passar o resto de seus dias atrás das grades.

O Doutor, porém, discordava. Ele achava que, embora a mulher pudesse se rebelar exteriormente diante da ideia de uma sentença dessa natureza, uma parte mais profunda de sua alma a aceitaria e talvez até a acolhesse com alegria. O Sr. Moore e Marcus mostraram-se céticos em relação a esse raciocínio também, até que o Doutor o explicou com mais detalhes.

A prisão, disse ele, na verdade iria satisfazer os anseios conflitantes do espírito de Libby: a necessidade de estar isolada ao mesmo tempo em que tinha pessoas à sua volta; a necessidade de desempenhar o que ela via como uma espécie de tarefa útil (pois uma mulher inteligente como Libby sem dúvida alguma seria aquinhoada com uma posição de certa autoridade entre as prisioneiras, digamos, no bloco feminino da Sing Sing), ao mesmo tempo em que teria a sensação de estar desafiando os hábitos e autoridade sociais aceitos (afinal de contas, seria uma

prisioneira). E havia ainda a questão de seu desejo de controlar o que acontecia à sua volta: muitos criminosos, disse o Doutor, principalmente aqueles da estirpe de Libby, no fundo ansiavam por algum tipo de regras e disciplina em sua vida (ela fora capaz, lembrou-nos ele, de suportar horas de trabalho de parto sem emitir um único ruído alto o bastante para acordar os pais); e embora o controle físico

nesse caso fosse na realidade administrado pela prisão, Libby, com seu talento para iludir a si própria, rapidamente se convenceria de que, na verdade, era ela quem ditava os acontecimentos à sua volta. E, de certa forma, disse o Doutor, ela teria razão, pois teriam sido seus próprios atos criminosos que a levaram para lá. Mas uma consideração pesava acima de todas as outras na convicção do Doutor de que Libby aceitaria o acordo que o Sr. Picton planejava oferecer: repetidas vezes a vimos demonstrar que prezava a própria vida acima de tudo, inclusive da saúde e segurança dos filhos — a oportunidade de escapar à execução seria bastante, disse o Doutor, para fazer Libby cooperar, mesmo sem as outras influências.

Marcus deu-se por satisfeito com esse raciocínio, mas o Sr. Moore ainda tinha suas dúvidas; e o Sr. Picton, embora soubesse que estavam tomando o único curso de ação sensato, continuava a sentir-se um pouco lesado por não poder assegurar a pena de morte. Mas o Doutor insistia que a única coisa verdadeiramente importante era que Libby Hatch fosse colocada num lugar onde nunca mais tivesse contato com crianças — principalmente com a própria filha. Além disso, saber que a mãe seria enviada à prisão para o resto da vida, em vez de ser executada, só ajudaria na recuperação de Clara Hatch, pois a menina não teria de carregar para o resto da vida o enorme peso de ter ajudado a mandar a mãe para a cadeira elétrica. A Srta. Howard afirmou que essa era a melhor razão de todas para fazer o acordo. De fato, disse ela, considerando o efeito que a execução da mãe poderia ter em Clara, ela se perguntava por que o Sr. Picton não tivera desde o início a prisão perpétua de Libby como objetivo. Esse comentário levou a algumas declarações bastante acaloradas de parte do promotor-assistente sobre o futuro incognoscível, e que ele não podia confiar que algum governador não se deixasse iludir — dali a vinte ou trinta anos, digamos — por uma das

eficazes atuações de Libby a fim de revogar a cláusula de sua sentença que excluía a possibilidade de condicional. O Doutor e a Srta. Howard podiam ter feito muito naquele dia para *explicar* o mal em Libby, disse ele, mas nada haviam feito para *removê-lo*: somente a morte poderia proporcionar essa solução.

Isso fez com que o Doutor retomasse o tema de como se esperava que a ciência algum dia aprendesse alguma coisa com criminosos como Libby, se o Estado saía por aí eletrocutando e enforcando todos eles; e essa discussão, seguida por várias outras relacionadas a ela, prosseguiu, enquanto o sol se punha por trás da estação de trem no pé da colina, visto da janela do Sr. Picton. Por fim, passados alguns minutos das nove, ouviu-se uma batida à porta da antessala do gabinete do Sr. Picton. El Niño abriu a porta, deixando entrar o Sr. Darrow e o Sr.

Maxon, o primeiro parecendo curioso porém confiante, enquanto assimilava a cena à sua volta, o segundo aparentando, como sempre, estar muito nervoso. Com discretos movimentos formais, El Niño acompanhou os dois à sala interna do Sr. Picton, e todos nos levantamos.

— Ah! Maxon, Darrow — cumprimentou o Sr. Picton. — Quanta gentileza vocês virem tão tarde numa noite de domingo!

— Está tendo uma conferência e tanto por aqui — disse o Sr. Darrow, olhando para todos nós e fazendo um cumprimento cortês com a cabeça. — Está tendo dificuldades em planejar a conclusão, Sr. Picton?

— Conclusão? — perguntou o Sr. Picton, fingindo surpresa.  
— Ah! Santo Deus, a conclusão! Sabe, com tudo que aconteceu hoje, quase esqueci por completo das alegações

finais! Bem, mas também não tenho muita certeza se vamos precisar deles. — Ele apanhou o cachimbo e o prendeu entre os dentes, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo.

O Sr. Maxon — que já tivera diversos confrontos com o Sr. Picton no tribunal e encontrava-se em posição de saber quando o homem estava arquitetando alguma coisa —

começou a parecer ainda mais irrequieto do que quando entrara.

— O que é, Picton? — perguntou ele, empurrando o pincenê ainda mais no nariz fino. — O

que foi que conseguiu?

— O que ele *pode* ter conseguido? — perguntou o Sr. Darrow com uma risadinha. — A promotoria praticamente já encerrou a fase probatória, Sr. Picton. Espero que não tenha cometido o erro de guardar algo para um teatro de última hora. O juiz Brown não parece o tipo de homem que aprecie isso.

— Sei disso — respondeu o Sr. Picton. — E seu colega Maxon, aí, *sabe* que sei disso.

Portanto, o que quer que eu tenha “conseguido”, deve ser bom o bastante para justificar meu pedido de que viessem até aqui esta noite... Não acha, Maxon? — O Sr. Maxon, ao contrário do Sr. Darrow, parecia ter tomado a peito aquela afirmação; e, satisfeito com isso, o Sr. Picton olhou para mim. — Stevie? Você poderia correr lá embaixo e dizer a Henry que traga a Sra.

Hatch... quero dizer, a Sra. Hunter... até aqui?



— Entendi — repliquei, dirigindo-me à porta.

Quando saía, ouvi o Sr. Picton continuar:

— Doutor, por que não fica aqui com nós três? Os outros talvez possam se sentar na antessala... Não queremos acabrunhar a ré, afinal...

Depois de sair em disparada pelo corredor, desci os degraus de mármore de dois em dois, dirigindo-me ao posto do guarda, na entrada do prédio. Correndo até lá sem levantar a cabeça, comecei a dizer:

— O Sr. Picton quer...

Então olhei para o meu interlocutor. Aquele não era o guarda Henry, mas um dos outros grandalhões que guardavam as portas da sala de audiências durante o julgamento.

— Cadê o Henry? — perguntei.

O homem me olhou com uma expressão azeda.

— O que você quer, garoto?

Dei de ombros.

— Eu, nada. Mas o Sr. *Picton* tem ordens para ele.

Parecendo ainda mais irritado, o guarda fez um gesto de cabeça em direção à porta às suas costas.

— Henry está lá embaixo. Vigiando a prisioneira.

Ouvi a informação, aceitei-a com um simples gesto da cabeça e não pensei duas vezes a respeito. Agora, porém, depois de tantos anos, olhando em retrospecto, vejo-me

mais uma vez desejando desesperadamente que alguma coisa me tivesse feito ver o que estava acontecendo.

— Bem — disse ao guarda —, o Sr. Picton quer que ele leve a prisioneira até seu gabinete.

— *Agora?* — indagou o guarda.

— Não creio que ele tenha dito na próxima quinta-feira — respondi, virando as costas e voltando para a escada. — Se eu fosse você, iria rápido... Estão todos lá esperando.

— Ei! — gritou o guarda às minhas costas, enquanto eu começava a subir os degraus. —

Lembre-se de uma coisa: não sou pago para receber ordens de um garoto! — Em seguida, ele se virou para passar pela porta atrás dele.

— Acabou de receber uma, idiota — murmurei, sorrindo ao chegar ao segundo andar. —

Então vá se catar.

De volta à antessala do Sr. Picton, encontrei Cyrus, os sargentos-detetives, o Sr. Moore, a Srta. Howard e El Niño, todos aglomerados em torno da porta de carvalho fechada, que dava para o gabinete do Sr. Picton. El Niño estava trepado nos ombros de Cyrus, de onde olhava por uma bandeira parcialmente aberta na porta, espiando o que se passava entre os três advogados e o Doutor, e tentando sussurrar informações aos outros. O único problema era que seu inglês não era bom o bastante para compreender muito mais do que cinquenta por cento do que os homens lá dentro diziam.

— Estão falando da menina Clara, agora — sussurrava El Niño no momento em que entrei.

— O que estão falando dela? — perguntou a Srta. Howard.

— Alguma coisa... alguma coisa... — El Niño abanou a cabeça, frustrado. — O *señor* Doutor está falando coisas que não entendo... alguma coisa sobre doença, e sobre a mãe... ela que é a assassina...

— Ah, isso é inútil — disse o Sr. Moore, também frustrado. Em seguida, ele me fez um sinal. — Stevie, troque de lugar com seu amigo. Quero saber que diabos está acontecendo lá dentro.

Eu estava prestes a seguir a ordem, quando soou uma batida à porta externa. Esperando até El Niño descer dos ombros de Cyrus, abri a porta e me vi cara a cara com o guarda Henry e Libby Hatch. Mais de uma semana na cadeia não havia afetado em nada a forma como a mulher se apresentava — o vestido preto parecia tão limpo e engomado quanto na noite em que saltara do trem — ou sequer embotado o brilho diabólico nos olhos dourados. Nunca antes eu estivera tão perto daqueles olhos; tampouco eles se haviam fixado diretamente em mim. E

descobri que o efeito que causavam era me fazer recuar, lenta e silenciosamente, até quase cair sobre a mesa não utilizada que ficava na antessala. Essa reação fez Libby sorrir para mim de uma forma que espero nunca mais ver numa pessoa e que me trouxe à memória as palavras do Sr. Moore no Café Lafayette: não se podia saber, pela expressão dela, exatamente o que essa mulher lhe reservava. Amor, ódio, vida, morte — todas essas coisas, ao que parecia, eram muito possíveis, contanto que servissem aos seus propósitos.

E pela maneira orgulhosa com que ela passou por todo mundo para chegar à sólida porta que levava ao gabinete, ficou bastante claro que Libby Hatch acreditava que seus propósitos estavam muito bem servidos, naquela conjuntura. Ela olhou para cada um dos rostos silenciosos diante dela e continuou sorrindo, então começou a abanar a cabeça, como se dizendo que havíamos todos sido terrivelmente tolos para sequer pensar em enfrentá-la. Henry segurava um de seus braços (ela não usava algemas, outro fato que me deveria ter chamado a atenção, mas não chamou), enquanto batia na porta interna do gabinete e o Sr. Picton lhe dizia

que entrasse. Ele abriu a porta e indicou a Libby que ela deveria entrar. Fez isso com um único olhar, o tipo de olhadela rápida e significativa que somente as pessoas que se conhecem bem usam para se comunicar.

— Entre, Sra. Hunter — ouvi o Sr. Picton falar. — Obrigado, Henry. Mando alguém chamá-lo quando já tivermos terminado.

— Não quer que eu espere? — perguntou o guarda.

O Sr. Picton deu um suspiro.

— Henry, por acaso estou falando grego? Se eu quisesse que você esperasse, teria pedido.

Vá lá para baixo e mando alguém chamá-lo quando terminarmos. Muito obrigado!

Com a expressão que ele sempre assumia quando o Sr. Picton lhe passava uma descompostura — como um animal ferido —, o guarda tornou a olhar para Libby, que fez um gesto afirmativo com a cabeça. Somente com aquele sinal Henry fez meia-volta para deixar a sala, furioso e mal-

humorado. Quanto a Libby, ela acabou de entrar e sentou-se numa cadeira diante da mesa do Sr. Picton, ao lado do Sr. Darrow, enquanto o Sr. Maxon fechava a porta, deixando-nos de fora.

— Muito bem, Stevie — sussurrou o Sr. Moore. — Para o alto!

Num movimento rápido, apoiei o pé nos dedos entrelaçados de Marcus e agarrei as mãos de Cyrus, que me impulsionou para seus ombros. Uma vez confortavelmente sentado, com Cyrus segurando minhas pernas, aproximei o rosto da bandeira entreaberta da porta, que me permitia ver todos os ocupantes da sala, além de uma faixa da mesa do Sr. Picton. Sussurrando aos outros em intervalos regulares, testemunhei e narrei a seguinte cena:

— Por que me chamaram aqui a esta hora? — perguntou Libby suave e melancolicamente.

Sua expressão, que eu só conseguia ver de perfil, parecia muito mais tímida do que na antessala. — É alguma coisa com Clara? Aconteceu alguma coisa com meu bebê?

— Ora, ora, Sra. Hatch — disse o Sr. Maxon, pousando a mão em seu braço. — Ah, perdão... Sra. Hunter. Por favor, acalme-se.

— É, poupe o trabalho, Sra. Hunter — interveio o Sr. Picton, sem o menor traço de simpatia na voz. — A senhora não está no tribunal agora, tampouco há gente da imprensa espiando por aqui. Seu teatro habitual não é necessário.

— Em vez de seus insultos, Picton — disse o Sr. Darrow, cruzando uma perna sobre a outra e então recostando-se na cadeira —, seria bom se nos dissesse que diabos você quer.

— Claro — replicou o Sr. Picton, acendendo o cachimbo com movimentos curtos e rápidos. — Não vejo nenhum motivo para rodeios. — Expelindo grandes baforadas de fumaça, ele inclinou-se à frente. — O canteiro de *framboesas*, para ser preciso, Sra. Hunter. O que fica atrás do celeiro da fazenda de sua família, em Schaghticoke. — Ele abriu os olhos um pouco mais. — Ou será que as framboesas ainda não estavam lá quando a senhora morava com eles?

Não, suponho que não... Seria muito difícil entrar ali embaixo para cavar. Todavia, elas crescem como mato, as framboeseiras... Estão bastante altas agora. Quase escondem aquilo.

*Quase.*

A cabeça de Libby imobilizou-se e suas mãos apertaram com força os braços da cadeira.

Eu só via um dos olhos dourados, mas ele estava arregalado, como eu nunca vira antes: o suficiente para me fazer acreditar que, uma vez na vida, ela podia estar verdadeiramente surpresa e insegura.

— Picton — disse o Sr. Darrow, coçando a cabeça e parecendo muito aborrecido —, você perdeu completamente o juízo? Ou essa tagarelice significa alguma coisa?

O rosto do Sr. Maxon, porém, revelava uma reação muito diferente; ele podia não ter compreendido exatamente o que seu oponente estava falando, mas era óbvio que sabia que o promotor-assistente não perdia tempo com blablablá inútil sobre coisa nenhuma.

— Picton — disse o Sr. Maxon baixinho —, tem alguma informação que pretende incluir?

O Sr. Picton não respondeu a nenhuma das perguntas, apenas continuou fitando Libby, os olhos cinzentos adquirindo aquela estranha cor prateada que ganhavam quando ele estava agitado. Depois de alguns segundos, ele começou a assentir.

— É, Sra. Hunter. Nós os encontramos: sua mãe e seu irmão Elijah. E, mais importante ainda, encontramos *aquilo* e ouvimos a história toda. — Esta última afirmação tinha um pouco de blefe, eu sabia, mas todos os bons advogados conhecem o valor de um blefe calculado.

Libby continuou calada, fazendo com que seus dois advogados se voltassem para ela, preocupados.

— Do que ele está falando? — perguntou o Sr. Darrow, a voz profunda soando como se ele também começasse a suspeitar que o Sr. Picton talvez tivesse em mãos algo palpável.

Libby mantinha-se olhando em silêncio para o Sr. Picton; mas ela parecia pressentir que ele não era a verdadeira causa de seus apuros, e logo os olhos dourados passaram a se fixar no Doutor.

— Quem... *que* diabos é você? — ela quase sussurrou, numa voz tão gélida que pareceu chocar tanto o Sr. Maxon quanto o Sr. Darrow.

De sua parte, o Doutor limitou-se a dar de ombros e fitar de volta a mulher.

— Apenas um homem que sabe do que a senhora é capaz, Sra. Hunter. Nada mais.

Cada vez mais inquieto, o Sr. Darrow se ergueu e enfiou as mãos nos bolsos.

— Muito bem, ouçam... Alguém vai nos dizer o que está acontecendo aqui ou não?

— É muito simples, Darrow — respondeu o Sr. Picton, finalmente desviando o olhar de Libby. — Embora horripilante, em sua simplicidade. Há dez anos... Receio que não possa lhe dar uma data exata, embora suspeitemos que tenha sido na primavera... Há dez anos sua cliente deu à luz um filho. Um filho ilegítimo. Ela o matou e enterrou o corpo atrás do celeiro da família, num caixão que também continha o corpo de seu cachorro. Que, estou certo, ela também matou a fim de ter uma desculpa para o enterro. Vimos o túmulo e ouvimos declarações da família que corroboram nossa história. Estamos dispostos a fazer um acordo.

Os olhos do Sr. Darrow arregalaram-se.

— Ora, de todos os truques desesperados e de última hora...

Ele interrompeu-se quando Libby, silenciosamente, ergueu a mão para que ele se calasse.

— E se não aceitarmos seu acordo? — indagou ela.

— Então — replicou o Sr. Picton, tornando a soltar baforadas —, exumamos o corpo da criança, dando à sua mãe, que, por falar nisso, ainda ignora nossa descoberta, total ciência do crime, e a prendemos assim que o presente julgamento chegar ao fim. Talvez também prendamos seu irmão como cúmplice... Afinal, ele construiu o caixão e cavou a sepultura...

— Mas ele não sabia de nada! — exclamou Libby sem pensar.



Agindo automaticamente, o Sr. Darrow pousou a mão com firmeza no ombro da cliente.

— Não diga absolutamente *nada*, Sra. Hunter. — Satisfeito por ver que ela lhe obedecia, o Sr. Darrow tornou a voltar-se para o Sr. Picton. — Terminou?

— Praticamente — respondeu o Sr. Picton.

Recostando-se e massageando a testa sulcada, o Sr. Darrow estudou o rosto de Libby com cuidado, pelo que pareceu um longo tempo. Obviamente havia algo ali de que ele não gostava, algo que lhe dizia que talvez o Sr. Picton não estivesse blefando.

— Hipoteticamente falando — disse o Sr. Darrow devagar, sem desviar os olhos de Libby

—, de que tipo de “acordo” estão falando?

— Reduzimos a acusação no presente caso para homicídio em segundo grau, se ela admitir a culpa.

— *E* — acrescentou o Doutor, cautelosamente —, se contatar seus comparsas em Nova York amanhã de manhã e instruí-los a deixar a menina Ana Linares sob nossa custódia, quando voltarmos.

O Sr. Picton assentiu com a cabeça.

— Em troca, ela recebe uma sentença de prisão perpétua, sem a possibilidade de condicional.

Libby parecia prestes a responder, mas o Sr. Darrow voltou a pousar uma das mãos enormes no ombro da cliente.

— Não diga *nada* — repetiu ele, com mais firmeza ainda desta vez. Em seguida, olhou para o Sr. Picton. — Concorda em que o Sr. Maxon e eu discutamos a questão em particular com nossa cliente... e nos concede um pouco de tempo para pensar?

— Vocês podem conversar aqui mesmo nesta sala por quinze minutos — respondeu o Sr.

Picton. — Esse é o tempo que têm para dar a resposta sobre o acordo. O Doutor e eu os deixaremos a sós.

Levantando-se, o Sr. Picton fez um gesto de cabeça para o Doutor, que lentamente o seguiu, saindo da sala. Não querendo ser apanhado em flagrante, rapidamente desci dos ombros de Cyrus, saltando para o chão com um baque. Quando a porta se abriu, tive tempo suficiente apenas para me erguer; e, quando saiu, o Doutor lançou-me um olhar curioso, que dizia suspeitar que eu estivera aprontando alguma coisa. Quando o Sr. Picton fechou a porta, porém, a atenção voltou-se toda para outras questões.

— E então? — perguntou o Sr. Moore. Embora eu já tivesse contado a ele e aos outros em que pé estavam as coisas, acho que ele pensou que deveria observar as formalidades.

— Então — ecoou o Sr. Picton baixinho, em resposta —, acho que temos uma chance bastante razoável. Ela parece ter nos levado a sério. Não creio que queira que a mãe tome conhecimento do que fez de sua vida, ou que seja trazida ao tribunal para testemunhar sobre um infanticídio que ocorreu bem debaixo de seu nariz. A possibilidade de o irmão ser processado parece tê-la atingido também.

— Não há como prever as reações dessa mulher, porém — acrescentou o Doutor, ponderando. — Havia algo de... *errado* em seu tom de voz. Ela ficou chocada, com certeza,

mas... Não tinha a atitude de alguém que sente a armadilha se fechar. Ainda não.

— Talvez o que o senhor disse seja verdade mesmo, Doutor — replicou Lucius. — Talvez uma parte de seu inconsciente se sinta atraída pela ideia da prisão.

O Doutor abanou a cabeça rapidamente, debatendo-se com uma ideia.

— Não, a reação dela foi de uma natureza diferente. Não sei definir exatamente o que era.

E não creio que seja capaz de fazê-lo. Não, pelo menos — consultou o relógio — nos próximos quatorze minutos...

Aqueles quatorze minutos passaram-se quase em completo silêncio. As três pessoas no gabinete do Sr. Picton mantiveram um tom de voz muito baixo, fazendo com que fosse impossível distinguirmos o que discutiam; e, quanto ao nosso grupo, acho que estávamos todos nervosos demais para continuar especulando o que poderia acontecer. Tanto o Doutor quanto o Sr. Picton consultavam o relógio a cada minuto, mais ou menos, suspirando pesadamente ao se dar conta de quão pouco tempo havia transcorrido. Por fim, porém, chegou o momento de voltarem ao gabinete. O Sr. Picton fez outro sinal com a cabeça para o Doutor e em seguida bateu à porta de leve. Sem esperar resposta, entrou, mantendo a porta aberta para dar passagem ao Doutor e então fechando-a para o restante de nós.

— Stevie! — sussurrou o Sr. Moore; mas eu já estava escalando as costas de Cyrus e espiando pela bandeira da porta quando o Sr. Picton falou:

— E então, Darrow? Já tomaram uma decisão?

Fitando o chão e examinando os bolsos de uma maneira agitada e sem sentido, o Sr.

Darrow respondeu:

— Creio que, daqui por diante, vai ter de dirigir suas perguntas ao Sr. Maxon, Picton.

O Sr. Picton pareceu surpreso.

— Hã?

— É — respondeu o Sr. Darrow, ainda sem querer olhar o Sr. Picton ou o Doutor nos olhos. — A Sra. Hunter achou conveniente dispensar meus serviços. Assim sendo, pretendo voltar para Chicago no próximo trem.

Trocando olhares atônitos, o Sr. Picton e o Doutor esforçaram-se ao máximo para não mostrar nenhum sinal óbvio de alívio ou satisfação.

— Ah, não pode ser! — exclamou o Sr. Picton.

— Pode me poupar da cortesia profissional, Picton — disse o Sr. Darrow. — Mas, se quiser tripudiar, fique à vontade... Vocês conseguiram uma proeza dos diabos.

Durante todo esse tempo, Libby Hatch manteve-se sentada, olhando um ponto à sua frente, com ar de quem já tinha liquidado todo e qualquer assunto com o Sr. Darrow. Quanto ao Sr.

Maxon, sua expressão quase sempre nervosa, mostrava, pela primeira vez, um certo tipo de alívio.

— Preciso tomar o bonde e apanhar minhas coisas — prosseguiu o Sr. Darrow, seguindo em direção à porta. Os

ombros largos pareciam-me mais encurvados do que de hábito, embora pudesse ser só minha imaginação. — Acho que tem um trem à meia-noite para Buffalo... Lá eu posso pegar uma conexão.

— Ora! — exclamou o Sr. Picton, tornando a acender o cachimbo. — Lamento muito que não vá estar aqui...

— Ah, tenho certeza que sim, Picton — replicou o Sr. Darrow, sorrindo ligeiramente. Em seguida, antes que eu tivesse chance de fazer outra coisa senão bater na cabeça de Cyrus, o advogado agarrou a maçaneta da porta e puxou. Cyrus pulou para a esquerda, para que pelo menos aqueles que ainda continuavam no gabinete não nos vissem; mas, quando o Sr. Darrow saiu e fechou a porta, ergueu os olhos e me viu ainda empoleirado nos ombros de Cyrus. Eu

quase esperava que ele desse início a um sermão afrontado sobre a ética de nosso comportamento; assim, fiquei muito surpreso quando ele se limitou a abanar a cabeça, fazendo com que um cacho do cabelo lhe caísse na testa. Em seguida, deu uma risadinha muito amistosa.

— *Nunca* vi nada que se compare a *isso* — disse ele, saudando nosso grupo com dois dedos e então saindo pela porta da antessala.

Assim que ele se foi, Cyrus voltou a dar um passo para a direita, posicionando-me outra vez diante da bandeira da porta. Com cuidado, espiei o interior do gabinete, deparando com o Doutor, o Sr. Picton e o Sr. Maxon, todos fitando a ainda calada Libby Hatch.

— A Sra. Hunter decidiu que irá aceitar seus termos — afirmou o Sr. Maxon, parecendo mais calmo a cada segundo. — O Sr. Darrow aconselhou-me a não aceitá-lo, mas eu...

— Não precisa explicar, Maxon — cortou o Sr. Picton, jovial.  
— Darrow é um advogado da cidade grande que deseja fazer nome em todo o país. Não dá muita publicidade aceitar um acordo sobre a pena, não é mesmo? Não quando se tinha todo motivo para esperar uma vitória dramática. Mas tenho certeza que a Sra. Hunter sabe que você tem em vista os interesses dela e não a sua própria reputação.

— Obrigado, Picton — disse o Sr. Maxon, com um gesto afirmativo da cabeça. — É muito correto de sua parte. Sim, levando-se em conta a situação, de fato acredito que a aceitação de seus termos é a escolha mais sábia. Precisa de mais alguma coisa de nós agora, ou deixamos o restante para o tribunal, amanhã?

Sacudindo a cabeça, o Sr. Picton disse:

— Não, não preciso de mais nada... a não ser que a Sra. Hunter deseje fazer alguma declaração...

Ainda sentada imóvel, Libby começou lentamente a abanar a cabeça; em seguida, lembrando-se de algo, levantou um dedo.

— Tem só uma coisa — disse ela, em voz baixa. — Meu irmão Eli. Não quero que o importunem. Ele não sabia de nada.

— Certamente suspeitava de alguma coisa... — sugeriu o Sr. Picton.

— Vocês hoje processam pessoas por suspeitas? — respondeu Libby. — Não... quero sua garantia sobre esse ponto.

O Sr. Picton assentiu.

— Não se preocupe, Sra. Hunter. Ao aceitar o acordo, a senhora aborta quaisquer investigações sobre o ocorrido na casa de sua família. Se me perdoam a infeliz escolha de palavras... — Olhando para a porta, o Sr. Picton chamou: — Stevie!

— Deixe-me descer! — sussurrei para Cyrus, que agarrou meus braços e me baixou até o chão, dessa vez com mais delicadeza. Abri a porta do gabinete e enfiei a cabeça pelo vão da porta a tempo de ver o Sr. Maxon ajudando Libby a se levantar.

— Stevie, você pode pedir a Henry para vir e escoltar a Sra. Hunter de volta à cela? —

perguntou o Sr. Picton.

Limitei-me a assentir com a cabeça e saí em disparada novamente — embora, dessa vez, só tenha chegado ao corredor do segundo andar.

Ali, andando de um lado para o outro nervosamente, estava Henry, fumando um cigarro e roendo as unhas da outra mão, a que não segurava o cigarro, entre uma baforada e outra.

— Ei! — chamei. — O Sr. Picton mandou levar a Sra. Hunter de volta para a cela.

Atirando o cigarro no chão e apagando-o com uma das pesadas botas, Henry passou correndo por mim, indo em direção ao gabinete. Não tive tempo nem para me recobrar antes que ele reaparecesse com sua custodiada, que tinha a expressão de alguém cujo mundo houvesse desmoronado. Eu não tinha motivo para não acreditar que ela de fato se sentisse dessa maneira; e enquanto a observava encaminhar-se para a escada, meu ânimo começou a se

e elevar consideravelmente, embora com certa tranquilidade. A rápida partida do Sr. Maxon só serviu para intensificar esse estado de espírito; e quando finalmente voltei ao gabinete do Sr.

Picton, descobri que todos estavam com a mesma disposição: felizes, sim, mas um tanto perplexos com a rapidez com que a situação se invertera.

O Sr. Moore foi o primeiro a falar:

— Bem, qual o procedimento agora, Rupert? É hora de comemorar ou... — Suas palavras morreram quando ele olhou para o amigo.

O Sr. Picton apenas sorriu, deu de ombros e tentou não parecer entusiasmado demais.

— Devagar, John... devagar. O juiz Brown ainda tem de aprovar o acordo, e ele não gosta muito de surpresas.

— Ainda assim — interveio a Srta. Howard, também incerta sobre o quanto deveria deixar-se levar pela alegria —, ele não pode invalidá-lo, pode? Não quando a própria ré concordou.

— *Eu, Sara* — respondeu o Sr. Picton, começando a organizar alguns papéis sobre a mesa

—, sou uma pessoa particularmente supersticiosa. E tenho certeza que você já percebeu. Não me daria ao trabalho de fazer previsões sobre o que irá acontecer amanhã de manhã.

— E quanto ao senhor, Doutor? — indagou Lucius.



O Doutor havia se dirigido à janela do Sr. Picton e olhava a igreja presbiteriana.

— Hein? — perguntou ele.

— Alguma previsão? — disse Lucius. — Ou, para o senhor, alguma coisa ainda parece não se encaixar na história?

— Não *na história*, Lucius — respondeu o Doutor. — Mas em *Libby*. O acordo em si é bastante justo e estou convencido de que o juiz Brown, embora possua a mente singularmente rígida, irá aprová-lo.

O Sr. Picton deixou escapar um leve silvo; e, apesar de sorrir, parecia muito inquieto.

— Gostaria que não dissesse essas coisas, Doutor...

— Ah, vamos lá, Rupert! — exclamou o Sr. Moore, dando voz ao seu entusiasmo. —

Deixe toda essa bobagem de superstição para as regiões mais sombrias do mundo! Você é o senhor de seu destino neste caso. Não sei como poderia tê-lo demonstrado de maneira mais clara. Você e Kreizler... É, e você também, Sara. Você desferiu um golpe de mestre, e acho que devíamos voltar para sua casa e abrir alguns daqueles excelentes champanhes que vi escondidos num canto da adega.

— Isso, isso — concordou Marcus. — Vamos lá, todos vocês. Estamos sendo massacrados há tanto tempo que esquecemos como é aplicar um bom golpe. Foi um ótimo golpe, que diabos... Nós os pusemos fora de combate!

Observando o Doutor com atenção, Cyrus comentou:

— De fato, parece que a maré mudou.

Eu mesmo começava a me sentir arrebatado pela atmosfera de vitória; de repente, porém, ocorreu-me um pensamento prático.

— E quanto a Kat? — perguntei. — Não deveríamos tentar entrar em contato com ela?

— Ainda não, Stevie — apressou-se em responder o Doutor. — Não até que o juiz Brown tenha oficializado o acordo. A Srta. Devlin só irá colocar-se em perigo se tomar uma atitude incomum antes que tenhamos retornado a Nova York para ajudá-la.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça; e continuando a pensar no assunto, não vi nenhum motivo por que não devêssemos ir para casa e comemorar.

— Então, por que ainda estamos aqui? — perguntei. — E por que não podemos festejar?

A Srta. Howard voltou-se para mim.

— Lembra-se daqueles homens em Stillwater, Stevie? — perguntou ela. — Ninguém diria que eles tinham algo a temer tampouco... Faz *anos* que a casa dos Muhlenbergs queimou. Mas o medo nunca desapareceu...

— Ah, parvoíce, como costumava dizer minha avó — foi a resposta do Sr. Moore. — A mulher está presa, e o destino dela, selado. Andem, vocês todos, vamos para casa começar a comemorar!

— Está bem — concordou finalmente o Sr. Picton. — Acredito que merecemos pelo menos uma noite livre de ansiedades. Por que vocês não vão e começam? Eu só

queria rever algumas coisas e deixar pronta a minha proposta de acordo para o juiz Brown pronta. E

agradeço se não beberem todo o champanhe antes de eu chegar, John.

Assim, todos, excetuando o Sr. Picton, partimos, saindo na noite cálida e começando a caminhada num bom ritmo. Nosso ânimo continuou a se elevar à medida que descíamos a High Street e, embora não possa dizer que estivéssemos exatamente em êxtase ao chegar à casa do Sr. Picton, sentíamos-nos seguros o bastante para nos deixar dominar pela animação quando descobrimos que nosso anfitrião havia se antecipado e telefonado para a Sra. Hastings, pedindo-lhe que apanhasse algumas garrafas de champanhe na adega e as colocasse no gelo. O

jantar estava servido, à nossa espera, e o trabalho da velha e amável governanta nunca parecera tão convidativo: frango assado, carneiro frio com curry e passas, uma variedade de batatas deliciosas (incluindo fritas, para mim), e uma perfeita profusão de legumes frescos, chegados naquele dia de fazendas da redondeza. Junte-se a isso bolo de morango e sorvetes caseiros, e ali estava um banquete ao qual nos atiramos, mesmo sem a presença de nosso anfitrião.

Risadas e ditos bem-humorados enchiam a sala de jantar com intensidade cada vez maior, à medida que comíamos e bebíamos; e embora eu estivesse bebendo apenas refrigerante, meu comportamento, pouco depois, era tão relaxado quanto o dos adultos que consumiam vinho.

Em meio a essa atmosfera, não creio que nenhum de nós tenha tido consciência da passagem do tempo: podíamos ter ficado à mesa durante toda a noite, tão forte era o

sentimento geral de alívio ao saber que finalmente estávamos à beira do que parecia um desfecho favorável para o caso de Libby Hatch.

Então, pouco antes da meia-noite, começamos a ouvir um sino dobrar a distância.

Marcus foi o primeiro a perceber: no meio de uma risada, enquanto o Sr. Moore contava sobre o episódio em que fora perseguido por um bando dos Hudson Dusters na Abingdon Square, durante sua recente ida à Nova York, o sargento-detetive de repente inclinou a cabeça

e olhou em direção à entrada da casa. Ele não parou de sorrir, mas sua risada extinguiu-se rapidamente.

— Que diabos... — murmurou. — Vocês estão ouvindo isso?

— Ouvindo o quê? — replicou o Sr. Moore, servindo-se de mais champanhe. — Você está tendo delírios, Marcus...

— Não, ouçam — insistiu o sargento-detetive, apanhando o guardanapo no colo e levantando-se. — É um sino...

Pelo canto do olho vi a cabeça do Doutor erguer-se num movimento brusco: num instante, ele também havia registrado o ruído, e logo o mesmo acontecia com todos nós.

— Que diabos será isso? — perguntou Lucius.

El Niño correu para a porta de tela na entrada.

— Está vindo de uma das igrejas! — gritou para nós.

— *Um ofício religioso?* — indagou Cyrus. — Missa noturna em pleno agosto?

Sentindo-me subitamente inquieto, olhei para o Doutor, que tinha uma das mãos levantadas, na tentativa de fazer com que ficássemos calados. Enquanto seguíamos sua instrução, outro som começou a erguer-se acima do cricrilar pulsante dos grilos e gafanhotos lá fora:

Era uma voz de homem, gritando desesperadamente por socorro.

— Picton — sussurrou o Doutor.

— Essa não é a voz de Rupert — respondeu rapidamente o Sr. Moore.

— Eu sei — disse o Doutor. — E é exatamente isso que me assusta.

Então ele correu para a porta, com todos nós seguindo logo atrás.

## **CAPÍTULO 51**

Movidos por um senso de propósito que apagou toda a alegria que sentíamos durante o jantar (e que também pareceu pôr os adultos sóbrios rapidamente), subimos correndo a High Street, voltando ao fórum. A meio caminho, ficou claro que o sino que ouvíamos era o do campanário da igreja presbiteriana: um mau sinal. Enquanto corríamos ao longo da calçada, lâmpadas e lamparinas foram acesas em várias casas pelo caminho, embora apenas umas poucas almas ousassem sair em roupas de dormir, tentando descobrir o que estava acontecendo. O mistério continuou até quase chegarmos ao fórum, quando de repente reconheci a voz que gritava por socorro.

— É o outro guarda! — berrei para o Doutor. — O que estava na porta quando saímos!

— Tem certeza? — perguntou o Doutor.

— Conversei com ele antes de irem buscar Libby na cela! — respondi, tornando a ouvir a voz. — Sim, é ele mesmo!

Examinando a quase escuridão à nossa frente — havia apenas dois ou três postes de luz entre a casa do Sr. Picton e o fórum —, tentei ver algum sinal de atividade. Então, percebi que o sino parara de tocar. Quando chegamos perto do gramado do fórum, avistei uma figura nos degraus de entrada, cujos braços agitavam-se freneticamente, fazendo-nos sinal.

— Lá está ele! — gritei, quando tive certeza de que era o guarda com o qual trocara algumas palavras mais cedo.

O rosto do Doutor foi tomado pelo horror quando viu que eu tinha razão, mas ele não diminuiu o ritmo; e logo estávamos frente a frente com o homem em pânico.

— Pelo amor de Deus! — disse o guarda, apontando. — Vão lá para baixo! Tente ajudá-los, Doutor! Preciso ir chamar o xerife Dunning!

— Mas o que... — o Doutor começou a perguntar. O guarda, porém, já se afastava, em disparada.

— Ajude-os, Doutor, *por favor!* — gritou o homem, enquanto corria.

Marcus o observou, perguntando-se:

— Por que diabos ele não usou o telefone?

— Ele está aterrorizado além da razão — respondeu o Doutor, recuperando o fôlego. — E

só me ocorre um motivo para isso... Venham!

Tomando mais uma vez a dianteira, o Doutor entrou no fórum, lançando-se em direção à porta atrás do posto do guarda. Esta se abria para um lance de degraus de pedra, que o Doutor não teve dificuldade em transpor, haja vista as muitas vezes em que descera por ali, durante as entrevistas com Libby Hatch. À medida que seus pés deslizavam com rapidez, levando-nos às entranhas do edifício, ele murmurava repetidamente para si mesmo:

— Estupidez... estupidez!

Irrrompendo numa sala central no porão, que era a área de recepção para as várias celas que ficavam além, o Doutor parou de repente — assim como o restante de nós, examinando a cena à nossa frente, naquela câmara de pedra mal iluminada:

Apoiado numa parede estava o guarda Henry, de olhos arregalados e com o maxilar pendendo num ângulo estranho. Sua garganta fora cortada de uma orelha à outra, e tinha outros ferimentos de faca no peito. No entanto, ele não sangrava — pelo menos, não mais. Cada gota de sangue em seu corpo parecia ter-se esvaído, encharcando-lhe as roupas e criando uma poça imensa e escura no chão, em torno de seu corpo.

À frente dele, também encostado a uma parede, estava o Sr. Picton, que também tinha alguns ferimentos feios no peito, e um corte abominável num dos lados do pescoço. Mas, ao contrário de Henry, os olhos abertos continham um tênue brilho de vida, enquanto a boca parecia aspirar o ar, ainda que apenas em pequenas e espasmódicas arfadas.

A poça de sangue que o circundava, porém, era quase tão grande quanto aquela em que jazia o guarda morto.

Enquanto estudávamos a cena chocados, o Doutor seguiu direto para o Sr. Picton, examinando-lhe rapidamente os ferimentos.

— Cyrus! — gritou. — Preciso que vá buscar minha maleta médica em casa! — Sem dizer palavra, Cyrus desapareceu escada acima. — Sargento-detetive! — chamou o Doutor, dirigindo-se a Lucius. — Você também, Sara... Ajudem-me! John, Marcus, vamos precisar de ataduras. Rasguem suas camisas em tiras, os dois!

Enquanto todos se movimentavam para fazer o que lhes fora mandado, El Niño e eu caminhamos lentamente e ficamos atrás do Doutor. Era uma visão terrível, tão terrível que estava além da compreensão imediata, pelo menos para mim. El Niño, por outro lado — que vira muitas cenas de carnificina brutal na vida —, pareceu ter compreendido tudo imediatamente: caiu de joelhos, impotente, deixando a cabeça pender por um momento; em seguida a ergueu e fitou o teto com olhos arregalados e desesperados. De repente, deixou escapar um longo e terrível lamento, que cortou a noite como o uivo de um lobo e me fez perceber, pela primeira vez, o verdadeiro significado do que estava vendo.

— *Jefe!* — lamentou o aborígene, começando a chorar. — *Señor Picton, não! Não!*

O som da aflição de El Niño fez com que o Sr. Picton virasse a cabeça ligeiramente, movimento este que pareceu lhe causar imensa dor. Levantando os olhos para ver o Doutor, Lucius e a Srta. Howard trabalhando em seus ferimentos, ele tentou reunir forças para falar.

— Meu Deus... — arquejou — ... que barulheira infernal, para um único homenzinho...



— Você tem de ficar quieto, Rupert — disse o Sr. Moore, enquanto ele e Marcus rasgavam freneticamente as camisas em tiras. A visão de seu velho amigo ali deitado, com ferimentos tão graves, levou nosso amigo jornalista à beira das lágrimas; mas ele reprimiu a reação rangendo os dentes e continuou a rasgar. — Você vai ficar bom, mas, pelo menos uma vez na vida, *por favor*, fique quieto!

O Sr. Picton engasgou-se com uma risadinha, e então teve um forte estremeçamento.

— Lamento, John — sussurrou. — Lamento que sempre tenha falado demais... Sei que o deixei constrangido algumas vezes...

— Não seja idiota — disse o Sr. Moore, tendo mais dificuldade agora para reprimir as lágrimas.

— E o Doutor... — prosseguiu o Sr. Picton, olhando para o homem que tentava febrilmente fechar as feridas e estancar o sangramento. — O senhor sempre quis... saber, Doutor... por que eu era desse jeito... meu *contexto*... — Uma súbita tosse atirou um jorro de sangue no peito do Doutor, mas ele continuou trabalhando em seu paciente. — Eu ia lhe contar... — continuou o Sr. Picton. — Tinha a intenção de lhe contar...

— Sr. Picton, precisa fazer o que John lhe diz — replicou o Doutor. — É imperativo que permaneça calado.

— Já ouvi *isso* antes... — sussurrou o Sr. Picton. Então deu uma ou duas arfadas, o peito sofrendo uma espécie de espasmo; a crise pareceu amainar, porém, e ele deixou os olhos vagarem até o corpo do guarda Henry. — Eu... fiquei aqui deitado... observando-o... — Ele deu mais uma risadinha. — O idiota... quantas histórias... verdadeiras e

fictícias, Doutor... o senhor imagina que envolvam carcereiros sendo... seduzidos por seus prisioneiros...?

— Por favor, Rupert — disse a Srta. Howard, também parecendo à beira das lágrimas. Ela estendeu a mão, pousando dois dedos ensanguentados nos lábios dele, e então sorriu debilmente. — Tente ficar quietinho. Sei que é difícil para você...

O Sr. Picton afastou a cabeça dos dedos dela e então lhe dirigiu um sorriso.

— Sara... eu preferia... o mínimo de interferência... possível... em minha cena de morte...

— Olhando outra vez para Henry e tornando a inspirar dificultosa e ruidosamente, o Sr. Picton prosseguiu: — Eu... calcularia que existem centenas... dessas histórias... É uma proporção... da ignorância do homem... Isso que é tão interessante... — Ele começou a tossir, cuspidando sangue novamente, e dessa vez o movimento causou-lhe agonia ainda maior: ele agarrou a lapela do paletó do Doutor, os olhos parecendo saltar das órbitas, e puxou com força. — Não foi... ela...

— ofegou ele, o sangue agora jorrando de sua boca e encharcando a barba ruiva. — Ela mandou que *e/le*... me matasse... Mas o estúpido... nem *isso* conseguiu fazer direito... —

Tornando a recostar-se, enquanto o rosto empalidecia assustadoramente, o Sr. Picton acrescentou: — Então *ela* o matou... há mais de uma hora... Ela está um passo à sua frente, Doutor... O senhor precisa ir... *vá*...

— Rupert, em nome do céu, *cale a boca!* — disse o Sr. Moore, as lágrimas agora já lhe escorrendo pelo rosto.

O Sr. Picton sorriu para ele mais uma vez, então tentou olhar em torno, para cada um de nós.

— Vocês todos... quero lhes agradecer... — Agarrando a lapela do Doutor outra vez, ele sussurrou: — Quando me enterrarem, Doutor... olhe os túmulos... de minha família... uma pista...

Nesse momento, sua cabeça caiu para um lado e toda centelha de consciência fugiu-lhe dos olhos.

O Doutor pousou os dedos no pescoço do Sr. Picton, então apanhou o relógio no bolso, abriu-o e segurou a tampa brilhante sob as narinas ensanguentadas do homem.

— Ainda está respirando — anunciou o Doutor, voltando ao trabalho. — Mas muito mal.

O ruído de passos desceu ecoando pelos degraus de pedra e então Cyrus reapareceu, trazendo a maleta médica preta do Doutor. A Sra. Hastings entrou logo atrás e, quando viu a cena sangrenta no chão, as mãos voaram para cobrir a boca.

— Ah, excelência! — O grito saiu abafado e ela correu, parando ao lado do Doutor. — Ah, excelência, não!

— Sra. Hastings — chamou-lhe o Doutor, tentando manter todos sob controle. — Sra.

Hastings! — repetiu ele, agarrando o braço da mulher e chamando-lhe a atenção. — Sabe se o Dr. Lawrence tem algum tipo de equipamento cirúrgico no consultório? O Sr. Picton não pode ser levado para Saratoga, mas não podemos lhe dar os cuidados de que ele precisa aqui.

Tentando sufocar o choro, a Sra. Hastings assentiu.

— Sim... acho que sim... isto é, levamos meu marido para lá quando ele... Ah, excelência, não vou suportar isso!

— Ouça! — disse o Doutor. — Leve o sargento-detetive com a senhora. — Com um gesto da cabeça ele indicou Marcus, que tornara a vestir o paletó sobre a camiseta. — Telefone para o Dr. Lawrence e diga-lhe que prepare tudo. Em seguida, vá até o Sr. Wooley, nas cocheiras.

Peça-lhe para aprontar a carruagem mais confortável que tiver, e que a cubra com o acolchoamento que puder. Sra. Hastings! — O Doutor segurou o braço da mulher pesarosa com mais força. — Pode fazer isso?

— Eu... — Ela começou a assentir com a cabeça e tentou se controlar. — Sim, Doutor. Se o sargento-detetive me ajudar.

— Vamos, Sra. Hastings — disse Marcus, conduzindo-a para a porta. — Se formos bem rápidos, tudo vai ficar bem.

Enquanto os dois saíam, o Doutor voltou a enfaixar os ferimentos do Sr. Picton.

— É... se forem bem rápidos... — disse ele baixinho, numa voz sem muita esperança.

Ouvindo essas palavras, considerei pela primeira vez a possibilidade de que o Sr. Picton viesse a morrer. E ao lado da terrível tristeza desse pensamento, veio a plena compreensão de quem o atacara, e o que aquele ataque significava: Libby Hatch estava solta e, com quase toda certeza, voltando a Nova York.

— E quanto à mulher, Doutor? — perguntou Lucius, continuando a ajudar com as ataduras. — O Sr. Picton tem razão... ela tem uma boa vantagem sobre nós.

— Não podemos fazer nada quanto a isso — respondeu o Doutor rapidamente. —

Devemos muito a esse homem... o que puder ser feito deve ser feito. Precisamos conversar com o xerife Dunning também. Quero que fique absolutamente claro o que aconteceu aqui, para que, quando formos atrás dela dessa vez, possamos fazê-lo abertamente.

Ouvindo essa conversa, e imobilizado pela visão de todo aquele sangue, eu tinha um único pensamento: o que aconteceria com Kat quando Libby voltasse a Nova York? Já passava da meia-noite... uma hora difícil, senão impossível, para mandar uma mensagem para Betty a tempo de ela ir até o refúgio dos Dusters e avisar Kat sobre quem estava indo para lá. O que aconteceria?, eu me perguntava com medo crescente, minhas mãos ficando frias e meus pés mudando nervosamente de posição. Se aquela mulher era capaz de fazer isso com o pobre Sr.

Picton, para não mencionar o homem morto encostado à parede do outro lado da sala, o que aconteceria quando ela...

Senti um puxão nas costas da camisa. Virando-me, deparei com El Niño, que parecia ter deixado de lado seu ataque de aflição, pelo menos até onde podia: em vez de lágrimas, nos olhos escuros agora havia um fogo intenso, e seu rosto, pela primeira vez desde que eu o conhecera, parecia estampar o tipo de violência de que era capaz quando o sangue fervia.

Naquele momento, eu não olhava para um pequeno e amável aborígene, mas para um homem que fora violentamente arrancado de seu povo numa idade prematura, vendido como escravo e que então fugira para se tornar um mercenário errante.

— *Señorito Stevie* — sussurrou ele, impelindo-me para a escada, enquanto os outros continuavam com a atenção fixa no Sr. Picton. Eu o segui, mantendo os olhos nos rápidos movimentos das mãos do Doutor. — *Señorito Stevie* — repetiu El Niño, assim que nos vimos fora do alcance dos ouvidos dos outros. — Preciso ir.

— Ir? — perguntei, olhando para ele imediatamente e vendo seu rosto endurecer ainda mais. — Ir para onde?

— O *jefe* vai morrer — disse El Niño, num tom prosaico que ainda traía grande parte de seu pesar. — Já vi ferimentos assim antes. E também li nos olhos do *señor* Doutor. Ele vai tentar salvar o *señor* Picton... mas vai fracassar. E seu fracasso vai levar horas. Meu futuro aqui vai morrer com o *jefe*. Preciso ir. — De repente, a cintilante *kris* apareceu sob seu casaco.

— Antes que a pista da mulher se apague. Devo isso ao *señor* Picton. Ele ia me dar uma vida...

Agora vou vingar a dele.

— Por que está me dizendo isso? — perguntei, voltando-me completamente para ele.

— Eles não vão me deixar ir — disse, indicando os outros com a cabeça. — Vão tentar me impedir... e vão tentar impedir você também.

— *Eu?* — perguntei.

— Você não pode esperar até o *jefe* morrer — insistiu o aborígene. — Não se quiser salvar sua amiga, e a menina Ana. *Nós* é que temos de fazer isso, *señorito Stevie*, e tem de ser *agora*.

Você conhece os lugares aonde precisamos ir. E eu tenho a habilidade — ele baixou os olhos para a faca em sua mão — para fazer o que tem de ser feito. Mas eles não vão permitir, se souberem.

Voltei-me novamente para olhar o Doutor, sabendo o que El Niño queria dizer. Se eu sequer sugerisse que me permitissem ir sozinho cuidar da segurança de Kat, o Doutor nunca concordaria. Deixara que eu me envolvesse no caso desde o início porque eu prometera não me colocar em perigo desnecessariamente — e havia toda chance de que visse minha ida para Nova York sozinho, no intuito de tentar proteger Kat, como uma aventura por demais arriscada. E provavelmente teria razão.

— Mas — sussurrei — como nós... onde...

— Não é nenhum grande problema — assegurou El Niño. — Você e eu somos pessoas que sabem como essas coisas funcionam.

Pensei no assunto durante alguns segundos.

— Eles esperariam que pegássemos um trem — pensei em voz alta. — Assim, tentariam nos interceptar na estação. Nós podíamos roubar um cavalo nas cocheiras, ir até Troy e pegar um expresso lá...

O aborígine pousou a mão com firmeza em meu ombro.

— Isso. Está vendo, *señorito* Stevie? Nós dois é que temos de fazer isso. Somos nós que sabemos o que fazer.

Respirando fundo duas ou três vezes para tentar acalmar o martelar em meu peito causado pela possível morte do Sr. Picton e o perigo certo a que Kat fora subitamente exposta, assenti.

— OK — disse eu. — Só tem uma coisa...

Indo até a porta que dava para a escada, emiti um pequeno silvo na direção do Sr. Moore.

Tive de repetir umas três vezes antes de atrair a atenção dele, que finalmente se virou.

— Sr. Moore! — sussurrei, fazendo sinal em seguida com as mãos para que viesse até mim.

Caminhando devagar e mantendo os olhos fixos no Sr. Picton, ele veio para onde estávamos, na escada.

— O que é, Stevie?

— Sr. Moore — falei, mudando o peso do corpo de um pé para o outro, em minha ansiedade —, eu... *nós...* vamos. *Agora.*

Essas palavras chamaram-lhe a atenção e ele voltou o rosto banhado em lágrimas para mim.

— O que quer dizer?

— Ela está com uma boa dianteira — respondi. — Vocês precisam tomar conta do Sr.

Picton e esclarecer as coisas com o xerife. Quando tudo isso acontecer...

O Sr. Moore avaliou a questão por um segundo, então lançou outro olhar rápido ao Sr.

Picton.

— Mas o que vocês... — Tornando a virar-se para nós e olhando para baixo, avistou a *kris* de El Niño. Nesse



momento, seu rosto ficou sombrio... mas nele não havia desaprovação. —

Como vocês vão?

— Daremos um jeito — respondi. — Mas vamos precisar de uma dianteira.

Voltando a olhar para o amigo ensanguentado, o Sr. Moore levou a mão ao bolso e tirou a carteira.

— Vão precisar de dinheiro também — disse ele, trivialmente.

— O senhor vai nos *ajudar*? — perguntei, um leve tremor de alívio percorrendo meu corpo.

O Sr. Moore assentiu com a cabeça.

— Kreizler vai comer meu fígado — murmurou ele. — Mas é a única maneira. — Ele me entregou um maço de cédulas, tudo que tinha, e em seguida pousou uma das mãos em meu ombro e a outra no de El Niño. — Não me digam como chegarão lá... não posso revelar o que não sei. E cuidem-se. Iremos assim que pudermos. Assim que...

— Eu sei — repliquei. — E peça ao Doutor... — Olhei para o interior da sala mais uma vez a fim de fitar o homem que fizera tanto por mim, e que agora eu estava desafiando. — Peça desculpas a ele por mim...

— Eu sei — replicou o Sr. Moore. — Não se preocupe... e não percam mais tempo. Vão agora, e façam o que têm de fazer. — Olhou-me fixa e expressivamente. — *Vá, Stevepipe...*

Então virou as costas e voltou para junto dos outros, enquanto El Niño e eu, em silêncio porém com rapidez,

começamos a subir os degraus de pedra, movendo-nos com a experiência de duas pessoas que haviam passado muitos anos dominando a arte de agir furtivamente.

## **CAPÍTULO 52**

Quando El Niño e eu chegamos às cocheiras do Sr. Wooley, encontramos o proprietário da cocheira de pé, despachando a Sra. Hastings e Marcus na carruagem especialmente preparada (ele forrara o chão do veículo com um colchão de penas) que o Doutor pedira. Esperamos que o homem tornasse a entrar na casa, calculando que nunca alugaria um de seus animais a uma dupla como nós; então, disparamos para a cocheira, onde liquidei rapidamente um cadeado grande mas simples com um jogo de gazuas que trazia no bolso. Uma vez lá dentro, comecei a procurar o pequeno Morgan que eu sabia ser um animal forte e confiável; encontrando-o, disse a El Niño que aprontasse os arreios e a sela, enquanto eu vasculhava uma velha escrivaninha perto da porta, em busca de um lápis e um pedaço de papel. Escrevi uma bilhete, explicando onde o Sr. Wooley poderia encontrar seu animal — na estação ferroviária de Troy —, e então embrulhei o papel com dinheiro mais do que suficiente para cobrir o “empréstimo”.

Quando terminei, El Niño tinha já o cavalo pronto para partirmos; e, tendo ele passado algum tempo com um bando de assaltantes montados na Indochina francesa, ajudei-o a encurtar os estribos e então o deixei acomodar-se na frente da sela, tomando as rédeas, enquanto eu saltava para trás dele e me agarrava a seus ombros. Trotando silenciosamente diante da casa do Sr. Wooley, ganhamos um pouco de velocidade ao seguirmos para a ponta sudeste da cidade; e, assim que nos vimos na estrada de Malta, o aborígine deu rédeas ao Morgan e disparamos num passo ao mesmo tempo aflitivo e confortador.

Eram mais de trinta quilômetros até Troy, mas o pequeno cavalo — embora sobrecarregado com dois cavaleiros — deu conta facilmente do recado, como eu esperara e torcera para que fizesse. Menos encorajadoras foram as notícias que recebemos na estação: havíamos perdido o último trem noturno de passageiros para Nova York, e só poderíamos comprar lugar num outro às seis da manhã. Havia, porém um trem de carga da West Shore Railroad que partiria dali a vinte minutos; e assim, deixando para trás nossa confiável montaria, o aborígine e eu nos dirigimos à extremidade do pátio da estação, onde esperamos para pular a bordo de um dos vagões do trem, quando este diminuísse a velocidade para atravessar a cidade. Esse arranjo, embora menos confortável e pitoresco do que uma viagem num trem de passageiros (o West Shore seguia por ferrovias no interior, até Poughkeepsie), veio a ser bem mais conveniente a nossos propósitos, posto que o trem cargueiro só fazia umas poucas paradas em sua jornada para o sul. E embora seu destino final fosse Weehawken, em Nova Jersey, que se defrontava com Manhattan, do outro lado do Hudson, havia nessa cidade uma linha de barcas que cruzava o rio a noite toda, atracando na Franklin Street, a apenas umas 25 quadras do quartel-general dos Dusters, na Hudson Street.

Nada disso tornou a viagem mais amena a nosso estado de espírito. Na primeira parte da jornada de trem, El Niño manteve-se sentado no vão aberto da porta do vagão, os olhos fixos nos campos negros que passavam à nossa volta. Às vezes parecia que o ódio que ele agora

sentia por Libby Hatch o transformara em pedra; outras vezes, sua expressão se suavizava e ele chorava silenciosamente, o rosto enterrado nas mãos, ou batia a cabeça contra a porta. Nada que eu dissesse o consolava, embora eu admita que meus esforços não fossem os mais determinados; além de eu mesmo ainda me achar

interiormente inconsolável com o que acontecera ao Sr. Picton, estava por demais preocupado com Kat para afirmar que as coisas acabariam bem. E assim, quando a visão da margem ocidental do Hudson reapareceu, abaixo de Poughkeepsie, sentei-me ao lado do aborígine e passei a olhar o rio, tentando em vão não calcular quanto sangue o Sr. Picton deveria ter perdido nos longos minutos em que ficara lá sozinho, no chão do porão do fórum, ou com que rapidez Libby Hatch deveria ter saído de Ballston Spa.

Que Libby havia chegado a Nova York consideravelmente à nossa frente era fato; a única pergunta era o que faria ao chegar à cidade. Seria sua principal preocupação agora livrar-se de todas as pistas de Ana Linares, obtendo o dinheiro que pudesse com Goo Goo Knox, e então sair do estado e ir para o Oeste, provavelmente, onde criminosos procurados podiam desaparecer — e com frequência desapareciam —, começando vida nova com um nome falso?

Essa teria sido a série de passos mais lógica, mas ninguém jamais dissera que Libby Hatch era uma pessoa lógica. Esperta e insidiosa, sim, ao ponto de às vezes parecer brilhante; mas, no fundo, suas atitudes — sua vida inteira — eram extremamente absurdas, e eu sabia que, se quisesse prever seus passos seguintes, teria de pensar como o Doutor, em vez de recorrer à minha experiência com criminosos cujos objetivos eram mais práticos.

À medida que entrávamos em Nova Jersey e a aurora começava a tingir o céu de um azul estranho e cintilante, voltei minha mente para essa tarefa e cheguei a uma única consideração que vi como motivo de esperança: com tudo que passara no norte, com tudo que fora descoberto e revelado sobre sua vida de assassinatos e destruição, o desejo — e até mesmo necessidade — de Libby de manter

Ana viva — de cuidar dela como forma de provar que podia, afinal, cuidar adequadamente de uma criança — aumentaria. Ela tentaria fugir da cidade, disso não havia dúvida; mas eu calculava que faria essa tentativa *com* o bebê e, desde que não tentasse fazer nenhum mal a Ana, não haveria razão para Kat intervir e quem sabe ser morta. Esse raciocínio era *lógico*, disse a mim mesmo; e agarrei-me a ele tão firmemente quanto nosso trem se abraçava à encosta interna das Palisades, a caminho de Weehawken.

El Niño e eu saltamos do trem assim que o pátio da estação ferroviária entrou em nosso campo de visão, e em seguida corremos à toda para a estação das barcas, ainda sem trocar palavra. A cada minuto que passava o aborígene parecia entregar-se mais a um propósito: tendo depositado suas esperanças de vida nova no Sr. Picton, estava agora determinado a se vingar, um ato que parecia ser muito importante na parte do mundo de onde ele viera. El Niño dedicou toda a travessia do Hudson, na barca, a afiar suas setas e faca, e a aprontar o pequeno arco, além de misturar ingredientes de alguns saquinhos num pequeno pote de madeira contendo uma substância viscosa, semelhante a uma cola. Aquele, imaginei, era o veneno com que cobria a ponta de suas setas, e eu só podia imaginar que ele estivesse alterando a mistura para torná-la mais mortal do que nas outras ocasiões em que o vira usá-la. Tão sombrio e determinado tornou-se seu rosto, enquanto ele se ocupava dessa tarefa, que comecei a sentir que precisava esclarecer alguns fatos com ele.

— El Niño — eu disse —, ninguém sabe melhor do que eu como você se sente. Mas nossa maior preocupação é tirar Ana e Kat vivas daquele lugar, certo? — O aborígene limitou-se a assentir com a cabeça, lentamente, mergulhando a ponta das setas no pote de madeira. — E

você sabe o que os outros... o Doutor, a Srta. Howard, todos eles... diriam sobre o que virá a seguir, não sabe? Diriam que, se tivéssemos a chance, deveríamos levar Libby Hatch viva e entregá-la para julgamento.

— Ela já *teve* seu julgamento — murmurou El Niño. — E por causa dele quase ganhou a liberdade. Sei que os outros acreditam nisso, *señorito* Stevie... — Enfiando a última seta cuidadosamente no interior do casaco, ele me olhou fundo nos olhos. — Mas, e você?

Limitei-me a abanar a cabeça.

— Estou falando o que *eles* diriam. Uma vez que soubermos que Kat e o bebê estão bem, no que me diz respeito, o que você fizer é assunto seu.

Ele assentiu, olhando em direção à estação de barcas da Franklin Street, à medida que ela começava a assomar à nossa frente.

— É. Você e eu entendemos essas coisas...

Não havia outra maneira de tratar a situação. Se eu tentasse impedir El Niño de fazer o que acreditava que tinha de fazer, só acabaria por me desentender com ele; além disso, não estava absolutamente certo de que aquela não fosse a melhor forma de agir. Libby Hatch era como uma serpente que parecia capaz de sair de qualquer situação difícil em que se encontrasse, mesmo que para isso precisasse matar; e eu não podia imaginar alguém mais adequado a enfrentar uma serpente tão estranha e mortal quanto o homenzinho de além-mar sentado ao meu lado.

Não há momento em que Nova York se mostre mais feia do que ao raiar do dia, nem época em que cheire pior do que no mês de agosto: esses dois fatos ficaram muito claros

naquela manhã, à medida que chapinhávamos e abríamos caminho aos esbarrões, entrando no terminal de barcas da Franklin Street. É verdade que ao longe podíamos ver tudo aquilo que deixava forasteiros idiotas boquiabertos — o Western Union Building, as torres da Printing House Square, o campanário da Trinity Church —, mas nada disso compensava o fedor do lixo pútrido e da água imunda que infestava a zona portuária, ou a visão daqueles quarteirões miseráveis e sujos que se estendiam além da estação. Naturalmente, a disposição em que eu e meu companheiro chegamos não ajudou em nada nossa impressão da cidade; depois de uma noite tão horripilante — e insone — quanto fora a nossa, não havia como uma cidade parecer bela. A única razão por que eu podia me sentir grato era que a missão que tínhamos à frente nos deixava pouco ou nenhum tempo para nos permitirmos ser afetados pela sensação angustiante de estar de volta entre a sujeira e os perigos da metrópole. Assim que desembarcamos, pusemo-nos a correr os quase dois quilômetros até nosso destino, nem uma só vez pensando em tomar um fiacre.

A primeira tarefa, obviamente, era tentar saber o que estava acontecendo no interior do refúgio dos Dusters. Àquela hora da manhã, a espelunca provavelmente estaria morta (embora nunca se pudesse ter certeza, pois todos os Dusters eram viciados em pó, e tais pessoas, quando dormem, costumam fazê-lo em horários estranhos), então pensei que o mais sábio seria nos escondermos em algum lugar, de onde pudéssemos ficar de olho nas idas e vindas ao edifício. O local mais indicado era o telhado de um prédio do outro lado da Hudson Street: não

haveria muitas esquinas ou outro ponto de onde pudéssemos espiar em plena luz do dia sem sermos vistos por algum membro da gangue. Avançando em meio aos armazéns, estabelecimentos comerciais e pensões da

Hudson Street, e em seguida passando pela pequena capela de St. Luke (a mesma rota, observei, que Cyrus, os sargentos-detetives e eu havíamos percorrido naquela primeira noite do caso), acabamos por chegar ao coração do território dos Dusters, tomando a precaução de desviar-nos da Hudson Street propriamente, à medida que nos aproximávamos do quartel-general da gangue. Contornando pela Horatio Street, El Niño e eu escolhemos um edifício no lado oeste da Hudson, que prometia nos dar uma boa visão do que acontecia dentro e fora do antro — imundo porém na moda —, que era o quartel-general da gangue; então entramos no pátio nos fundos do edifício por um beco lateral. Arrombei o cadeado do portão dos fundos e em poucos minutos havíamos chegado ao telhado, onde rapidamente nos posicionamos, agachados, atrás do pequeno muro que se erguia sobre a fachada do prédio.

Ainda não eram oito horas e os únicos sinais de vida no estabelecimento dos Dusters eram uns poucos forasteiros deixando o lugar. Aqueles tipos bem-vestidos estavam obviamente sob o efeito do pó e ainda não se haviam fartado de rolar na imundície da vida violenta e rude da gangue: mas o Duster grandalhão que os botava para fora deixava bastante claro que os próprios “anfitriões” já estavam cansados de receber os hóspedes e queriam um pouco de descanso. Essa era uma boa notícia para nós, pois nos proporcionava algum tempo para calcular como fazer uma mensagem chegar a Kat lá dentro. Naturalmente, *eu* não podia entrar e começar a fazer perguntas; e se El Niño tentasse, havia a possibilidade de Libby vê-lo, caso estivesse lá. A forma mais rápida de resolver a questão pareceu-me ir até a espelunca de Frankie encontrar Betty, amiga de Kat: ela poderia entrar no estabelecimento dos Dusters sem muita dificuldade e apurar a situação. El Niño, nesse meio tempo, continuaria ali no telhado, e se Libby Hatch aparecesse e tentasse fugir, ele a seguiria, agindo



contra ela somente se pudesse ter certeza de que Ana Linares estava em segurança.

Assim, voltei à rua, onde tomei o primeiro fiacre que apareceu. O cocheiro estava começando o dia, depois de apanhar o cavalo numa cocheira a algumas quadras dali, e eu sabia que não conseguiria convencê-lo a ir até a espelunca de Frankie, na Worth Street, por nenhum dinheiro no mundo. Aquela não era uma área onde os cocheiros de aluguel operassem, a menos que estivessem tentando ser roubados e provavelmente assassinados; portanto, indiquei ao homem o ponto mais próximo que me ocorreu como um local provável a que ele estaria disposto a ir: o Tweed Courthouse, o velho tribunal do chefe Tweed, perto da Prefeitura. O

tribunal ficava a poucas quadras de Frankie (embora bem pudessem ser umas cinquenta, considerando-se a mudança no cenário que se via ao percorrê-las), mas eu saíra em plena agitação da manhã: dei ao cocheiro todas as dicas que conhecia para tomar ruas secundárias e manter-se fora das rotas mais movimentadas, mas ainda assim levamos um tempo enorme para chegar ao centro da cidade.

As manhãs nunca foram um momento feliz para se entrar num lugar como o bar de Frankie, e aquele dia não era exceção. Sendo verão, havia garotos “adormecidos” — ou, para falar sem rodeios, derrubados, inconscientes pela fétida infusão que Frankie servia — por toda a rua. Os que se encontravam acordados estavam ocupados vomitando na sarjeta e gemendo, como se prestes a morrer. Passando por cima de corpos e todo tipo de dejetos humanos no

caminho, fiquei aliviado pelo menos ao perceber que estava tudo quieto naquele antro; na verdade, não havia viva alma acordada no interior da espelunca, exceto o *bartender*, um

garoto italiano com expressão rude, de cerca de quinze anos, e uma cicatriz medonha num dos lados do rosto, que parecia iluminada com um brilho feroz, mesmo na escuridão daquele buraco negro e imundo.

Perguntei a ele se Frankie estava ali, só para ouvir que “o patrão” encontrava-se dormindo num dos quartos dos fundos — para sorte minha, com Betty. Disse ao garoto do bar que precisava dar uma palavrinha com Betty, e ele se limitou a abanar a cabeça, dizendo que Frankie deixara ordens para que ninguém os perturbasse. Sabendo que não podia me deixar deter por esse empecilho, comecei a passear os olhos pelo ambiente devagar, examinando os garotos por ali e tentando adivinhar se um deles carregava algum tipo de cacete. Havia um menino mais para o fundo da sala — não podia ter mais de dez anos — de cujo bolso projetava-se um cabo de couro; e, estando ele caído com a cabeça sobre a mesa, numa poça de seu próprio vômito, calculei que não teria muita dificuldade em tomar emprestada sua arma.

Assim, corri direto para a portinhola que levava aos “quartos” dos fundos, com o rapaz do bar me seguindo e começando a praguejar. Mas peguei o porrete do garoto adormecido antes que o *bartender* me alcançasse e, em três segundos, meu perseguidor tinha um belo galo na cabeça para acompanhar a cicatriz do rosto, e estava caído no chão.

Uma rápida inspeção nos quartos dos fundos revelou que Frankie e Betty estavam num dos últimos cubículos, e eu levantei a menina e a arrastei até o bar, onde consegui encontrar um pouco de água para jogar em seu rosto. Ela sacou rapidamente um canivete de 7,5cm, sem ter ideia do que estava acontecendo; e foram somente raciocínio e reflexos rápidos que me impediram de receber aquela

lâmina nas entranhas. Assim que viu que era eu, ela guardou o canivete, embora seu humor não melhorasse muito. Mas, quando lhe falei do perigo que Kat corria, ela se esforçou para se controlar e então concordou em ir comigo e tomar parte em nosso plano — depois, naturalmente, de eu lhe oferecer algum dinheiro. Para uma garota como ela, amizade era amizade, mas dinheiro também era dinheiro, e se houvesse chance de juntar os dois, bem, ninguém a criticaria por isso.

Andando o mais rápido que Betty conseguia, fomos até o Tweed Courthouse, tomamos outro fiacre e seguimos para a Hudson Street.

— Para o hospital da Hudson Street — disse eu ao cocheiro, mais uma vez para lhe dar segurança sobre a corrida.

O hospital ficava perto do estabelecimento dos Dusters, e quando chegamos ao pequeno posto médico, Betty conseguira ficar mais alerta, cheirando um pouco do pó que trazia na bolsinha esfarrapada. Sequer tentei aconselhá-la ou impedi-la — minha preocupação, naquele momento, era Kat —, mas não era uma visão muito estimulante, uma garota tão jovem arruinando o corpo com aquele pó branco maligno, especialmente de manhã. No entanto, ele a ajudou a enfrentar a ideia de entrar na espelunca dos Dusters com um pouco mais de coragem, de modo que, quando nos separamos, corri de volta ao telhado onde El Niño ainda se encontrava a postos, e tinha bons motivos para acreditar que o plano fosse ter sucesso.

Essa perspectiva reforçou-se quando o aborígene contou que tinha, de fato, visto Libby Hatch: ela aparecera rapidamente assim que saí, para chamar uma carroça de leite que passava.

Não parecera muito satisfeita por estar de pé tão cedo para atender ao que muito obviamente

pareciam ser as necessidades da menina Ana, mas o fato de ela tornar a entrar parecia indicar que, pelo menos por ora, não estava pensando em tomar nenhuma medida drástica. Não que houvesse motivo real para isso por enquanto: ela sabia que levaria algum tempo para que o Doutor e os outros a alcançassem e que, mesmo quando isso acontecesse, teriam de contar o ocorrido à polícia e convencer alguém na delegacia na Mulberry Street a invadir o quartel-general dos Dusters; e esse não era o tipo de tarefa que qualquer tira ou companhia de tiras em seu juízo perfeito estivesse disposto a empreender sem um bocado de persuasão. No entanto, o simples fato de sabermos onde estavam a mulher e o bebê já era motivo de certa satisfação.

Menos encorajador foi o fato de Betty deixar o estabelecimento dos Dusters apenas quinze minutos depois, parecendo confusa, desapontada — e não pouco preocupada. De nosso posto, assoviei para ela e então fiz sinal para que me encontrasse na esquina, na entrada de um beco.

Ali ela me contou uma história no mínimo estranha: Libby Hatch havia chegado à espelunca dos Dusters pouco depois das três da manhã e imediatamente se trancara no quarto de Goo Goo Knox com Ana Linares. Kat, fiel ao compromisso com o Sr. Moore, subira imediatamente e conseguira entrar no quarto de Knox, perguntando-lhe se podia ser de alguma ajuda com o bebê. Libby, porém, lembrava-se de que Kat era minha amiga e tivera um acesso de fúria, dizendo que Kat era uma espiã e que seu verdadeiro propósito era raptar Ana Linares e pôr a polícia atrás dela. Bem, normalmente, Goo Goo teria resolvido o problema mandando que Kat

fosse levada para o rio, morta e atirada nas águas; mas nesse momento, Ding Dong — tanto pelo desejo de salvar as aparências na gangue quanto por uma preocupação real com Kat, imaginei — interviera, dizendo que ninguém iria eliminar uma de suas garotas sem o seu consentimento. Knox e Ding Dong haviam então começado uma briga dos diabos, que aparentemente servira como diversão para os forasteiros que tínhamos visto. A princípio, Kat entrara na briga, tentando defender Ding Dong. Mas, depois de cerca de meia hora, a própria Libby, com a imprevisibilidade que passáramos a conhecer tão bem (e que em geral não indicava nada de bom), pusera um ponto final no combate, dizendo que ficaria satisfeita se Kat simplesmente fosse embora dali. Isso Kat fizera, mudando-se para a esquina mais próxima.

Calculei que essa atitude de Kat significava que ela tivera a intenção de continuar de olho nos acontecimentos, mesmo de fora, de modo que pudesse contar àquele do nosso grupo que voltasse primeiro à cidade (ela teria imaginado que não estaríamos muito distantes de Libby) aonde nossa adversária fora, caso deixasse o edifício, e ainda se levava o bebê com ela.

Então, por algum motivo que ninguém no antro podia imaginar, Kat de repente desaparecera, não muito antes de El Niño e eu chegarmos ao lugar. Betty tentara descobrir se alguém tinha ideia do lugar aonde ela teria ido; chegou mesmo a conversar com Ding Dong, que, enquanto cuidava de seus machucados e cortes, disse que não sabia nem queria saber onde

“a pequena megera” estava. O súbito desaparecimento de Kat era a parte mais preocupante da história, posto que, embora ela estivesse pelo menos a salvo do alcance direto de Libby Hatch, havia todas as chances de que Knox

houvesse descoberto que ela estava escondida ali perto e mandado alguém cuidar dela. Além disso, se Kat estivesse em segurança, havia apenas alguns lugares aonde provavelmente teria ido, e a espelunca de Frankie encabeçava essa breve lista.

Obviamente, ali ela não aparecera. Por outro lado, estávamos em agosto, e embora o céu abafado e pesado durante toda a manhã ameaçasse uma tempestade, esta ainda não caía —

Kat poderia estar se escondendo em qualquer um dos parques da cidade ou em dezenas de

outros refúgios ao ar livre à disposição de garotos fugitivos durante os meses de calor. Assim, como as coisas estivessem calmas no interior do antro dos Dusters por enquanto, resolvi supor que Kat estivesse bem, protegendo-se em algum lugar: eu faria uma rápida ronda por alguns dos esconderijos mais óbvios no centro da cidade e então verificaria com meus conhecidos —

inclusive Hickie o Huno — que pudessem tê-la visto, ou que talvez ainda a vissem durante o dia.

Dei a Betty o número do telefone da casa do Doutor antes de deixá-la voltar ao Frankie, e a fiz prometer que ligaria até me encontrar, se Kat aparecesse. Então voltei ao telhado para dizer a El Niño qual era meu plano. Sabia que ele iria querer ficar exatamente onde estava e continuar vigiando os Dusters, para o caso de Libby sair. Assim sendo, dei também a ele o número do telefone, advertindo-o porém de que provavelmente eu não estaria na casa por mais uma ou duas horas. Mas, no caso de Libby sair dali, disse-lhe que a seguisse e tentasse manter contato comigo. Então, deduzindo que o aborígene não tivesse dinheiro, dei-lhe

metade da quantia que o Sr. Moore me entregara, e finalmente encetei minha busca.

A parte inicial e mais enervante dessa missão era uma rápida ida até a zona portuária do Hudson para ver se alguém havia testemunhado uma luta por ali naquela manhã ou se algum corpo tinha sido encontrado na água. Conversei com alguns grupos de estivadores, enquanto seguia até o píer da Cunard, mas nenhum deles sabia de nada. Encontrei inclusive meu velho amigo Narigudo, que, como sempre, estivera bisbilhotando em meio ao desembarque e descarregamento durante toda a manhã, e ele também disse que não vira Kat nem ouvira falar de nenhuma violência por ali. Essas notícias, assim como as informações que ouvi de Betty, tiveram o efeito tanto de me tranquilizar quanto de me deixar ainda mais nervoso em relação ao possível destino de Kat ou o que ela poderia estar fazendo. Mais do que qualquer outra coisa, uma pergunta cravava-se em minha mente: por que Libby Hatch deixara Kat ir embora, em vez de insistir em que partilhasse o mesmo destino que sobreviera ao pobre e estúpido guarda Henry, e quem sabe ao Sr. Picton também? De todas as muitas e complexas características de Libby, a misericórdia não parecia ser uma das mais frequentes, principalmente não quando ia contra sua própria segurança e seus planos. Por que ela permitira que Kat partisse?

Andando até o centro da cidade, através de meu antigo bairro, parando em meia dúzia de outros antros para crianças não muito diferentes do de Frankie, continuei sem encontrar vestígio de Kat. Hickie estava no mercado de peixes da Fulton Street, aproveitando um banho matinal antes que a tempestade iminente caísse sobre a cidade. Ele me contou que andara assaltando uma série de casas no West Side com vários de nossos velhos amigos na noite anterior. Eles só haviam voltado para casa de manhã cedo,

e no caminho tinham parado para uns baldes de cerveja numa espelunca na Bleecker Street. Entretanto, tampouco ele tinha visto ou ouvido de Kat, fato este que parecia motivo de esperança: se algo *houvesse* acontecido a ela, a notícia teria se espalhado por nosso circuito com grande rapidez. Mas onde diabos *estava* a garota?

Outra passada no antro de Frankie (onde o garoto italiano que eu havia nocauteado felizmente não estava à vista) afinal me ofereceu o começo de uma resposta: quando Betty voltara dos Dusters, encontrara Kat à sua espera. Parecia que Kat estava se sentindo muito mal, razão por que desistira de vigiar o estabelecimento dos Dusters: fora acometida por uma forte

dor no estômago e nos intestinos, um mal misterioso que nem ela nem Betty puderam identificar ou aliviar. Ao saber que eu estava de volta à cidade, Kat decidira ir para a casa do Doutor e me esperar, pois, como dissera a Betty, eu tinha acesso a um remédio especialmente eficaz para o tipo de problema de que sofria (referia-se ao suprimento de elixir paregórico do Doutor). Betty quisera ir com Kat, que começara a vomitar intensamente ao partir. Frankie, porém, ainda estava zangado por ela ter saído de manhã e assim Kat teve de ir sozinha.

Provavelmente a essa hora já estaria na Rua 17.

Corri para o City Hall Park para tomar um fiacre, visualizando Kat encolhida no mesmo lugar onde se escondera antes, entre as sebes que limitavam o jardim do Doutor. Naquela ocasião seu estado parecera bastante ruim e, depois do estranho relatório de Betty, não esperava que estivesse melhor quando a encontrasse dessa vez: sua súbita saída dos Dusters provavelmente indicava uma falta de pó, da qual ela agora sentia os efeitos. Teríamos de



repetir o tratamento que a ajudara da última vez, embora aquilo fosse me custar outro sermão do Doutor. Mas pelo menos eu poderia ajudá-la, assim que entrássemos na casa.

Encontrei-a exatamente onde imaginara, enroscada como um gatinho recém-nascido, entre as folhagens na lateral do jardim, usando o vestido que sempre usava no verão: uma peça velha e leve que mostrava as curvas que ainda se delineavam em seu corpo jovem. Estava adormecida, segurando a bolsa com força de encontro ao estômago e respirando em arquejos.

Havia algumas poças de vômito — na verdade não muito mais do que bÍlis, posto que estava vomitando havia tanto tempo — no chão atrás dela, e seu rosto tinha a cor de cinza envelhecida. Grandes círculos negros haviam se formado sob os olhos de Kat, e quando segurei sua mão, percebi que as unhas começavam a adquirir uma cor estranha e inquietante, como se tivessem sido esmagadas.

Até mesmo *eu* podia ver que ela estava mais doente do que da última vez.

Ao tirar alguns fios do cabelo louro encharcado de suor do rosto de Kat, percebi que sua pele estava estranhamente fria ao toque; e quando tentei acordá-la, foi preciso bater de leve nas palmas de suas mãos e chamar seu nome por um bom minuto. Assim que começou a voltar a si, ela agarrou a barriga com força e vomitou novamente, desta vez sem nada expelir. Com a cabeça oscilando, enquanto eu a ajudava a sentar-se, parecia ter dificuldade em focalizar os olhos azuis.

— Stevie... — suspirou ela, caindo de encontro ao meu peito. — Ah, meu Deus, estou com uma dor horrível na barriga...

— Eu sei — repliquei, tentando erguê-la a fim de levá-la para dentro de casa. — Betty me contou. Há quanto tempo está sem o pó, Kat?

Ela abanou a cabeça com a força que pôde reunir, conseguindo apenas movê-la levemente.

— Não é isso. Ainda tenho uma lata cheia, e estou cheirando a manhã toda. É outra coisa...

— Levantando-se, a dor na barriga pareceu aliviar um pouquinho, e Kat ergueu os olhos para ver meu rosto pela primeira vez. — Bem — sussurrou, com um ligeiro sorriso —, nunca estou em minha melhor forma quando nos vemos, não é?

Respondi com o melhor sorriso que pude, tirando outros fios de cabelo de seu rosto.

— Você vai ficar bem. Só precisamos entrar para eu cuidar de você.

Ela agarrou-se à minha camisa com mais força, parecendo muito preocupada e talvez um pouco envergonhada.

— Eu tentei, Stevie... Disse ao seu amigo Sr. Moore que ficaria de olho na menina, e tentei de verdade, mas a dor ficou muito forte...

— Está tudo bem, Kat — falei, segurando-a com mais firmeza. — Você se saiu muito bem... Temos outra pessoa vigiando o lugar agora. Alguém de quem Libby não conseguirá escapar.

— É, mas será que *ele* vai conseguir escapar *dela*, Stevie?  
— perguntou Kat com a voz rouca.

— Não vai precisar — respondi. — Esse camarada é diferente, Kat... Pode enfrentá-la de igual para igual.

Assentindo e então cambaleando um pouco enquanto eu a puxava em direção à porta da frente, Kat tentou engolir: um gesto que pareceu muito difícil para ela.

— Então, ele *deve* ser bom — disse ela, tossindo um pouco.  
— Porque vou lhe dizer, Stevie: aquela mulher é amaldiçoada...

Apanhando minha chave, abri a porta e introduzi Kat no ar tépido e abafado da casa.

Assim que chegamos ao pé da escada, ela tornou a dobrar o corpo, vomitando um pouco de bÍlis amarelada e soltando um grito de agonia. Mas o grito pareceu exigir mais forças do que ela possuía e, deixando meus braços para sentar-se num degrau, Kat começou a chorar baixinho.

— Stevie — conseguiu dizer, enquanto eu me sentava ao seu lado e a abraçava com força

—, sei que você não deveria fazer isso, e não quero metê-lo em encrenca...

Eu havia me esquecido completamente do elixir paregórico.

— Certo — repliquei, recostando-a à parede da escada e então me pondo de pé para ir até o consultório do Doutor. — Você espera aqui. Vou buscar o remédio.

Quando tentei ir em direção ao corredor, senti Kat agarrar-se à minha mão, como se, deixando-me ir, eu pudesse não mais voltar. Virei-me e vi as lágrimas ainda escorrendo em seu rosto terrivelmente pálido. Ela me olhava como se de fato nunca tivesse me visto antes.

— Nunca mereci que você fosse tão bom para mim — sussurrou; e algo em suas palavras me fez voltar correndo para ela por um segundo e abraçá-la com o máximo de força que eu achava que podia aguentar.

— Não fale isso — disse eu, me esforçando para evitar as lágrimas. Talvez fosse efeito da longa noite que tivera; talvez aquele fato terrível que acontecera ao Sr. Picton; ou talvez fosse a enorme alegria que senti ao ouvi-la admitir de fato a existência de um tipo de elo puro e profundo entre nós dois, num momento em que estava tão desesperada de dor. Qualquer que fosse a explicação, a ideia de perdê-la justamente agora era a pior coisa que eu podia imaginar.

— Você vai ficar boa — continuei, enxugando seu rosto com a manga da camisa e olhando no fundo daqueles olhos azuis. — Nós já passamos por isso uma vez, não foi? E vamos passar de novo. Mas desta vez — acrescentei com um sorriso —, assim que conseguirmos, vou colocar você na droga daquele trem *pessoalmente*... e você vai dar o *fora* desta cidade.

Ela assentiu e então baixou os olhos.

— Quem sabe... quem sabe você não vem comigo, hein? — disse ela.

Não tendo a menor ideia do que dizia, eu simplesmente sussurrei:

— É... quem sabe?

Parecendo um pouco envergonhada, Kat murmurou:

— Nunca tive a intenção de voltar para ele, Stevie. Mas não recebi nenhuma notícia de minha tia, e não sabia o que...

— Esqueça — disse eu. — Só temos de nos preocupar agora em fazer você melhorar.

E então corri ao consultório do Doutor para buscar o grande frasco de elixir paregórico, que então passei a administrar a Kat em doses liberais. Ela não se queixou absolutamente do sabor, sabendo o efeito positivo que tivera em suas cólicas da última vez; mas a dificuldade em engolir parecia estar se agravando, e não foi fácil tragar o remédio. Assim que consegui, porém, ele pareceu fazer efeito rapidamente, aliviando-lhe a dor o suficiente para que se pusesse de pé, passasse um braço em torno do meu pescoço e começasse a subir a escada. O

efeito, porém, provou-se temporário: mal chegáramos ao terceiro andar da casa, quando ela se dobrou e gritou novamente, dessa vez de um modo que me fez temer levá-la adiante.

Estávamos diante da porta do quarto do Doutor e decidi que o melhor a fazer era levá-la para ali e deitá-la na grande cama de colunas.

— Não! — arquejou Kat, enquanto eu praticamente a carregava. — Não, Stevie, não posso! É a cama *dele*! Ele vai arrancar sua pele!

— Kat — respondi, deitando-a sobre a colcha fina, de um azul profundo, que cobria a cama —, quantas vezes você vai julgá-lo mal antes de entender? Ele *não* é assim. — Quando sua cabeça afundou na montanha macia de travesseiros de pena de ganso do Doutor, olhei à minha volta no quarto, procurando algo com que cobri-la, e acabei encontrando um edredom forrado de cetim chinês verde e prata, dobrado sobre um divã perto da janela. — Assim —

disse, abrindo-o sobre ela. — Você precisa se aquecer e deixar o remédio fazer efeito.

Mesmo com toda a dor que sentia, Kat conseguiu puxar o edredom de modo que pudesse esfregar o cetim em seu rosto.

— Ele tem coisas boas — murmurou. — Cetim de verdade... por mais que o ar fique quente, ele permanece fresco... Como é possível, Stevie?

Ajoelhei-me ao lado da cama e toquei-lhe a testa, sorrindo.

— Não sei. Os chineses são mágicos. — Ela estremeceu mais uma vez e ergui o vidro de elixir paregórico. — Quer ver se consegue engolir um pouco mais?

— Quero — disse ela; porém, por mais que tentasse, não conseguia engolir mais do que umas gotas do remédio, e por fim desistiu. Contorcendo-se com as mãos na barriga, tornou a gritar e então passou a ranger os dentes de uma maneira assustadora.

Começava a me ocorrer que isso não era algo que iria passar com uma dose de elixir paregórico; e então, dizendo a Kat para aguentar firme, corri para o estúdio do Doutor e abri o caderno de endereços e telefones, finalmente encontrando o número do Dr. Osborne, um bondoso colega do Doutor que morava ali perto e que muitas vezes nos ajudava quando alguém na casa se feria ou ficava doente. Correndo para o telefone ao lado da cozinha, pedi à telefonista que fizesse a ligação, mas a criada do Dr. Osborne disse que ele fora dar suas consultas no St. Luke's Hospital e que demoraria algumas horas. Eu disse à mulher que lhe pedisse para telefonar assim que chegasse, e então voltei ao quarto. Dando um grande suspiro de alívio quando vi que os dolorosos espasmos de Kat pareciam ter passado,

pelo menos momentaneamente, tornei a me ajoelhar ao lado da cama, e tomei sua mão fria entre as minhas.

Ela virou a cabeça para mim e sorriu.

— Ouvi você lá embaixo. Estava tentando conseguir um médico para mim...

— Ele vai chegar daqui a pouco — disse eu, assentindo. Então falei baixinho, em tom de brincadeira: — Acha que pode esperar até lá?

Kat fez que sim com a cabeça.

— Vou esperar muito mais do que isso, Stevie Taggart — sussurrou ela, ainda sorrindo. —

Você vai ver. — Olhando à sua volta no quarto, Kat de repente respirou fundo. — Nunca tive um médico para cuidar de mim. E com certeza nunca tive um edredom de cetim. É bom... —

Em seguida o sorriso desapareceu e temi que a dor estivesse voltando. Mas foi apenas curiosidade que surgiu em seu rosto. — Stevie... uma coisa que nunca perguntei a você...

— O que é, Kat?

— Por que cuidou de mim esse tempo todo?

Apertei sua mão com mais força.

— Essa não parece a garota com grandes planos que *eu* conheço — respondi. — Como posso esperar que me contrate como seu criado se não for bonzinho com você agora?

Ela bateu debilmente em meu braço com a mão direita.

— Estou falando sério — disse Kat. — Por que, Stevie?

— Pergunte ao Dr. Kreizler quando ele chegar aqui. Ele tem muitas explicações.

— Estou perguntando a *você*. *Por quê?*

Apenas abanei a cabeça e dei de ombros levemente, então abaixei a cabeça a fim de olhar a mão dela.

— Porque... eu me importo com você. É por isso.

— Talvez — sussurrou ela —, talvez você até me ame um pouco, não é?

Tornei a dar de ombros.

— É. Talvez.

Levantei os olhos quando ela delicadamente pousou um dedo em meu rosto.

— Ora — disse ela, a boca fingindo uma careta, mas em seguida sorrindo suavemente —, não vai *matar* você *dizer* isso, sabe... — Então ela se virou para a janela, os olhos azuis capturando a luz cinzenta do céu nublado. — Então Stevie Taggert me ama, talvez —

murmurou ela num tom de perplexidade. — O que você sabe sobre *isso*...?

As janelas sacudiram-se um pouco quando o primeiro trovão da tempestade finalmente ribombou sobre a cidade. Kat não pareceu ouvi-lo, porém. Com aquelas últimas palavras ela caíra no sono, um sinal, calculei, de que o elixir paregórico estava enfim fazendo efeito.



Mantendo sua mão entre as minhas, com força suficiente para que eu sentisse o sangue latejando em seu pulso, deitei a cabeça no edredom de cetim e esperei que o Dr. Osborne telefonasse...

Mas o que me acordou não foi o telefone. Foi o toque delicado porém firme do Dr.

Kreizler, forçando meus dedos a soltarem a mão sem vida de Kat.

## **CAPÍTULO 53**

Se minha mente não estivesse de tal maneira toldada por tudo que sentia em relação a Kat, talvez eu pudesse ter visto o que estava errado a tempo de ajudá-la: esse é o pensamento que me persegue desde então. Eu estava certo ao supor que o fato de Libby ter deixado Kat ir embora do antro dos Dusters fora um pouco fácil demais, um pouco misericordioso demais.

Quando o Doutor e os outros chegaram à casa por volta do meio-dia, Kat já estava morta, e mesmo antes de me acordarem, Lucius, levado pela aparência medonha de Kat, havia colhido uma amostra da pequena poça de vômito que ela havia deixado no pé da escada do primeiro andar e realizado um de seus testes químicos. O resultado fora definitivo: o pó que Kat estivera cheirando desde que deixara os Dusters naquela manhã estava misturado com arsênico. Não havia a menor dúvida de quem fizera a mistura; naturalmente, tampouco era grande o mistério sobre quando ou como isso acontecera: enquanto Goo Goo Knox e Ding Dong esmurravam-se um ao outro e Kat tentava fazê-los parar, Libby apanhara a bolsa de Kat e pusera o veneno na lata de pó, fiando-se em que Kat não

seria capaz de perceber a ligeira diferença de cor entre os dois pós.

Ainda tonto pela falta de sono e os choques das últimas 24 horas, fiquei ali sentado na borda da cama do Doutor, ouvindo tudo aquilo, olhando o rosto estranhamente tranquilo de Kat e esperando pelos homens do necrotério municipal que viriam levar seu corpo. Os outros —

exceto Marcus, que fora direto da estação para a Central de Polícia em Mulberry Street a fim de explicar a seus chefes que uma fugitiva estava à solta na cidade — moviam-se silenciosamente pela casa, debatendo entre si sobre o que deveria ser feito a seguir e sabendo que seria melhor não me dizer nada até eu sair da horrível névoa em que me encontrava.

Isso só começou a acontecer quando ouvi o som do carro funerário parando diante da casa.

Quando os dois homens entraram, fui me dando conta pela primeira vez de que iriam levar Kat embora, e que o rosto que, morto ou não, ainda estava ali na minha frente logo desapareceria de minha visão para sempre. Não havia como impedir que isso acontecesse, eu sabia; mas, em minha persistente confusão, descobri que o que eu mais precisava era de uma forma de dizer o adeus do qual Libby Hatch me roubara. Olhando febrilmente à minha volta, meus olhos pousaram na bolsa velha e surrada de Kat. Agarrei-a, rezando para que contivesse os poucos itens no mundo que ela de fato prezava — a carteira do falecido pai, a fotografia da falecida mãe e a passagem de trem para a Califórnia — e agradecendo a Deus quando vi que estavam ali. Eu disse ao Doutor que não podíamos deixar que enterrassem Kat numa vala comum sem aqueles objetos, mas ele disse que eu não

me preocupasse, que providenciara para que ela tivesse um enterro decente no Calvary Cemetery, no Queens.

O som da palavra “enterro” atravessou o último vestígio da estranha névoa em que eu vinha flutuando desde que acordara, e um nó começou a avolumar-se em minha garganta.

Correndo até o carro funerário na chuva que finalmente começara a cair, parei os dois homens

quando embarcavam o corpo de Kat, e então puxei o lençol que a cobria. Tocando-lhe o rosto frio uma última vez, inclinei-me para sussurrar em seu ouvido:

— *Talvez, não, Kat... Eu amava. Eu amo...*

Em seguida, lentamente voltei a cobrir-lhe o rosto com o lençol, e recuei para deixar os dois homens terminarem seu trabalho. Enquanto observava o carro afastar-se da casa, a realidade crua e fria precipitou-se sobre mim numa onda terrível, tão poderosa que, quando me volvei e deparei com a Srta. Howard parada à porta da frente, com o olhar me dizendo que sabia o quanto Kat significava para mim e como eu estava me sentindo, não pude evitar correr até ela, enterrar meu rosto em seu vestido e permitir-me pelo menos alguns minutos de lágrimas.

— Ela tentou, Stevie — sussurrou a Srta. Howard, abraçando-me. — No fim, ela se esforçou muito.

— Mas não pôde superar as adversidades — consegui murmurar em meio à minha dor.

— Não havia adversidades a superar — respondeu a Srta. Howard. — O jogo estava armado contra ela. Desde o início...

Assenti com a cabeça, lavando a dor em lágrimas.

— Eu sei — repliquei.

O Doutor, tendo visto o carro desaparecer, atravessou o jardim, indo até onde estávamos.

— A vida não lhe ofereceu muitas oportunidades — disse ele, baixinho, parado ao nosso lado, olhando pela porta aberta. — Mas, no fim, não foi a vida que lhe tirou a última chance.

Tivesse ela podido fazer o que queria, talvez escapasse a tudo que viveu aqui, Stevie. — Ele pousou a mão em minha cabeça. — Isso deve estar sempre presente em seus pensamentos, nos dias por vir.

Assentindo mais uma vez, enxuguei o rosto e tentei me controlar. Então ocorreu-me algo que havia sido esquecido no tumulto da morte de Kat.

— E o Sr. Picton? — perguntei. — Ele...?

— Morreu — respondeu o Doutor, de modo direto porém gentil. — Morreu onde o encontramos... Perdeu sangue demais.

De repente me senti como se o chão sob meus pés estivesse se dissolvendo.

— Ah, meu Deus... — gemi. Em seguida deslizei pela parede até o chão, segurando a cabeça com a mão e recomeçando a chorar baixinho. — *Por quê?* Para que tudo isso...?

O Doutor agachou-se à minha frente.

— Stevie — começou ele, os olhos também vermelhos em torno dos centros negros —, você cresceu num mundo em que as pessoas roubavam por dinheiro, matavam para adquirir alguma vantagem ou por ódio, estupravam para satisfazer a lascívia... Um mundo onde o crime parecia ter um sentido, por mais terrível que fosse. E as atitudes dessa mulher lhe parecem muito diferentes. Mas não são. É tudo uma questão de *percepção*. Um homem estupra porque não vê outra forma de satisfazer uma necessidade imensa e urgente. Libby mata porque não vê outra maneira de alcançar objetivos que lhe são tão vitais quanto o ar que respira, e que foram plantados em sua mente quando ela era jovem demais para saber o que estava acontecendo.

Ela, como o estuprador, está errada, monstruosamente errada, e é nosso dever... seu, meu, de Sara, de *todos* nós... compreender as percepções que levam a essas atitudes equivocadas, para que possamos ter esperança de evitar que outros sejam subjugados por elas. — Estendendo a

mão para tocar meu joelho, o Doutor olhou-me nos olhos com uma expressão que mostrava toda a dor que ele sentira quando sua adorada Mary Palmer morrera a poucos passos de onde eu estava sentado. — Você perdeu alguém de quem gostava profundamente por causa dessas percepções abomináveis e dessa subjugação. Você é capaz de continuar agora? Não temos muito tempo, e se quiser ficar fora do que ainda resta a fazer...

Ele foi interrompido por dois ruídos: um trovão vindo do céu, seguido pela campainha do telefone ao lado da cozinha. Não soube e ainda não sei dizer exatamente por quê, mas por algum motivo a associação daqueles ruídos me recordou que El Niño ainda estava lá fora, em sua missão, e que eu ainda não tivera notícias dele. Ao me dar conta disso, parei de chorar e fiz um esforço para me levantar.

— É melhor eu atender — disse, começando a caminhar em direção à cozinha. — Deve ser El Niño... Eu o deixei vigiando a espelunca dos Dusters.

— Stevie. — Parei e voltei-me, vendo o Doutor ainda me observando, com simpatia, mas também com determinação. — Se não puder continuar, ninguém o culpará. Mas se optar por prosseguir, quero que se lembre de qual é o nosso trabalho.

Limitei-me a assentir e atravessei a cozinha, apanhando o telefone.

— Sim? — atendi.

— *Señorito* Stevie. — Era mesmo El Niño, sua voz ainda muito profissional e determinada. — Tem notícias de sua amiga?

Suspirei, tentando reprimir outras lágrimas.

— A mulher a pegou — disse eu. — Ela está morta. E o Sr. Picton também.

El Niño murmurou algo baixinho numa língua que não consegui identificar: não era inglês nem espanhol; calculei que fosse o dialeto nativo de seu povo.

— Então — prosseguiu ele, após uma breve pausa —, agora é maior a necessidade de justiça. Lamento muito por isso, *señorito* Stevie.

— Onde você está? — perguntei.

— Na estrebaria em frente à casa da mulher. Ela voltou com a menina Ana. Paguei ao homem aqui para usar o telefone.

— E os Dusters?

— Estão por toda parte na rua.

— Não faça nada, então — disse-lhe eu. — Se está vendo alguns deles, isso quer dizer que existem outros que você *não pode* ver. Fique fora das vistas deles.

— Certo. Mas se surgir a oportunidade... ela morre, está bem?

Olhando para o interior da cozinha, vi que o Doutor e a Srta. Howard haviam entrado no cômodo. Estavam me observando, enquanto eu falava, provavelmente sabendo quem estava do outro lado da linha.

— Sobre isso não sei — disse, olhando para o Doutor.

— Mas, *señorito* Stevie... sua amiga *morreu*...

— Eu sei — respondi. — Mas pode ser mais complicado do que pensamos. Precisamos saber... saber por que ela está fazendo isso.

O aborígine pensou por um instante e deixou escapar um suspiro antes de responder:

— Vou lhe dizer uma coisa, *señorito* Stevie: nas selvas por que passei em minhas jornadas, algumas aldeias ficam perto das tocas e áreas de caça de tigres. Alguns desses tigres matam

homens, outros não. Ninguém sabe por quê. Mas todos sabem que os tigres que matam precisam morrer, pois uma vez tendo bebido o sangue do homem, nunca mais perdem o gosto por ele. — Eu não sabia o que responder: metade de mim sabia que o que ele estava dizendo, por mais terrível

que fosse, fazia muito sentido. — *Señorito* Stevie? Ainda está aí?

— Estou, sim.

— Você vai caçar o tigre comigo ou vai tentar “entendê-lo”?

Olhei mais uma vez para o Doutor, sabendo, apesar da minha dor, o que eu tinha de fazer.

— Não posso — disse, voltando as costas para que nem o Doutor nem a Srta. Howard me ouvissem. — Não posso fazer isso com você. Mas vá em frente. E não ligue para cá outra vez... Eles vão tentar deter você.

Houve mais uma pausa; então El Niño falou:

— É. É melhor assim. Não cabe a nós decidir qual o caminho... só os deuses e o destino podem determinar quem irá alcançá-la primeiro. Eu entendo você, meu amigo.

— É — sussurrei. — Eu também entendo você.

— Espero voltar a vê-lo. Se isso não acontecer, lembre-se de que ainda visto as roupas que você me deu. E, assim, ainda vejo seu rosto e sinto sua amizade. Tenho orgulho disso.

Aquelas palavras me deixaram novamente à beira das lágrimas.

— Tenho de ir — disse eu, pousando o fone no gancho antes que El Niño tivesse chance de dizer mais alguma coisa.

— Era o aborígene? — perguntou o Doutor.

Assenti, passando para a cozinha.



— Está na Bethune Street. Ela voltou para lá com Ana. Mas a rua está formigando com os Dusters.

— Entendo. — O Doutor começou a andar ao redor da mesa. — Será que ela voltou para casa simplesmente para buscar seus pertences? Ou para livrar-se do fardo que é Ana Linares na segurança de seu esconderijo secreto? — Depois de considerar a questão por alguns segundos, o Doutor bateu com o punho na mesa. — Qualquer que seja o caso, nosso tempo se esgotou...

A crise irá se desenrolar *esta noite*. Se Marcus tiver êxito, podemos usar toda a força do Departamento de Polícia para entrar na casa. Se não...

— Mesmo que tenha — acrescentou a Srta. Howard —, poderemos ter certeza de que ela não irá fazer mal à criança antes de chegarmos lá? Ou enquanto estivermos tentando entrar?

— Não podemos ter certeza de nada — respondeu o Doutor. — Mas temos de tentar cuidar do que pudermos. Tendo isso em mente, Sara, sugiro que ligue para a *señora* Linares. Avise a ela que agora precisamos agir, e que os resultados podem não agradar a seu marido. Ela pode querer buscar segurança em outro lugar que não a própria casa.

Assentindo, a Srta. Howard dirigiu-se ao telefone no momento em que Cyrus entrava na cozinha e pousava a mão forte e confortadora em meu ombro.

— Ah, Cyrus — disse o Doutor —, acho que um pouco do seu excelente café se faz necessário. Não poderemos dormir tão cedo e precisaremos ter a mente alerta.

— Sim, senhor — replicou Cyrus, olhando em seguida para mim. — Talvez haja tempo suficiente para que você

descanse um pouco, Stevie. Seria bom para você.

Limitei-me a balançar a cabeça.

— Não quero dormir — objetei, lembrando-me do que acontecera da última vez em que caíra no sono. — Mas faça o café bem forte.

— Como sempre — disse Cyrus. — Ah, Doutor... o sargento-detetive me pediu para lhe avisar que foi à central da polícia para dar uma ajuda ao irmão. Disse que estava preocupado com a demora.

— Assim como eu — respondeu o Doutor, consultando o relógio. — A princípio, parece uma questão muito simples. Como muitas outras neste caso...

Não me sentindo pronto ainda para falar sobre os detalhes do que iríamos fazer em seguida, subi até o salão, onde encontrei o Sr. Moore. Ele havia virado uma das espreguiçadeiras do Doutor de frente para uma janela aberta, de modo que pudesse ter uma boa visão da tempestade que continuava a castigar a cidade. Desabando sobre o canapé, como o Sr. Moore, passei a observar em silêncio as árvores açoitadas pelo vento, no Stuyvesant Park.

— Diabo de tempestade — murmurei, olhando para o Sr. Moore e vendo que seu rosto estava tomado pela mesma tristeza e confusão que me consumiam a alma.

— Diabo de *verão* — replicou ele. — Mas o tempo é sempre maluco nesta maldita cidade... — Virou-se para mim por uns breves segundos. — Lamento muito, Stevie.

— É — respondi. — Eu também. Falo sobre o Sr. Picton...

O Sr. Moore assentiu e expeliu o ar com força, sacudindo a cabeça.

— Então agora esperam que peguemos essa mulher — murmurou ele. — Que a peguemos e estudemos. Não é exatamente o que tenho vontade de fazer.

— Não — concordei.

Ele ergueu um dedo, como se estivesse passando um sermão no céu tempestuoso.

— Rupert nunca acreditou que se pudesse aprender coisa alguma com assassinos depois de apanhá-los — começou ele. — Dizia que era como tentar estudar os hábitos de caça dos animais selvagens, observando a hora da comida no zoológico. Ele seria o primeiro a dizer que devíamos matar essa megera se tivermos chance.

— Isso pode acontecer — repliquei, dando de ombros. — El Niño ainda está por aí. E ele não vai parar para perguntar à mulher por que ela faz o que faz. Tudo que ele quer é que ela fique em sua mira quando não estiver segurando o bebê.

— Bem, espero que ele consiga — respondeu o Sr. Moore sem emoção. — Ou, ainda, que *eu* consiga.

Tornei a olhar para ele.

— Acha mesmo que conseguiria matá-la?

— Você conseguiria? — replicou ele, apanhando um cigarro.

Dei de ombros.

— Estava pensando nisso. Tanto faz se for eu ou um electricista em Sing Sing, se ela vai mesmo morrer. Mas... não sei. Isso não vai trazer ninguém de volta.

O Sr. Moore expeliu a fumaça com um ruído sibilante ao acender o cigarro.

— Sabe — disse ele, o rosto ainda triste, mas ao mesmo tempo irritado —, sempre odiei essa expressão.

Durante mais alguns minutos ficamos ali sentados em silêncio, volta e meia sobressaltando-nos quando um trovão forte soava ou um relâmpago parecia cair no coração da cidade. Então os outros três vieram juntar-se a nós. Cyrus trazendo o aparelho de café e

pousando-o no carrinho de chá. O Doutor podia compreender o estado de espírito em que o Sr.

Moore e eu nos encontrávamos bem o bastante para não começar a falar dos planos imediatamente, e assim ficamos todos bebendo café e olhando a tempestade por mais meia hora — até que um fiacre parou junto ao meio-fio diante da casa e dele saltaram os dois sargentos-detetives. Era óbvio que os dois haviam estado discutindo dentro do veículo, e assim prosseguiram enquanto entravam na casa: parecia que as coisas não tinham ido muito bem no centro da cidade.

— É covardia — explicou Marcus, depois de atenciosamente me dizer o quanto lamentava por Kat. — Absoluta covardia! Ah, eles vão autorizar a ordem de prisão, certo, mas se prender a mulher significa enfrentar os Dusters, não estão interessados.

— Estou tentando lembrar meu irmão — disse Lucius, servindo-se uma xícara de café —

do que aconteceu da última vez em que o Departamento de Polícia tentou um confronto de grandes proporções com os Hudson Dusters. Um número constrangedor de policiais acabou no hospital. As crianças do West Side ainda zombam dos guardas nas ruas cantando musiquinhas sobre o episódio.

— E não vamos nos esquecer de quem costuma ser visto na espelunca dos Dusters —

acrescentou a Srta. Howard. — Um grande número de pessoas bem relacionadas nesta cidade gosta de ir até lá comprar cocaína e romantizar a vida dos gângsteres. Os idiotas.

— Isso não justifica a covardia — insistiu Marcus, ele também servindo-se do café de Cyrus. — Droga, estamos falando sobre *uma mulher* que é uma *assassina em série*, pelo amor de Deus. E o departamento não quer se envolver por medo de perder prestígio?

— O departamento não quer se envolver — disse o Doutor — porque ninguém que eles considerem importante foi morto ainda. Você sabe tão bem quanto eu que esta foi sempre a lei nesta cidade, Marcus... Tivemos uma breve trégua sob o comando de Roosevelt, mas nenhuma das reformas se firmou.

— Então, o que faremos? — perguntou Lucius, olhando à sua volta na sala.

Eu sabia o que *eu* estava pensando, e sabia que o Sr. Moore e Marcus provavelmente tinham a mesma opinião: se ninguém mais fosse se encarregar do trabalho, cabia a nós ir até lá, entrar naquela maldita casa da Bethune Street e fazer o que tinha de ser feito. Mas nenhum dos três iria dar voz a essa opinião enquanto o Doutor estivesse presente,

sabendo, como sabíamos, que ele considerava extremamente importante que pegássemos Libby Hatch viva.

E foi esse o motivo por que sua linha de raciocínio seguinte foi um tanto surpreendente:

— A Marinha — disse ele baixinho, os olhos negros se iluminando.

— *A o quê?* — perguntou o Sr. Moore, parecendo perplexo.

— A Marinha — repetiu o Doutor, virando-se para Marcus. — Sargento-detetive, sabemos que os Hudson Dusters apreciam conflitos com o Departamento de Polícia de Nova York.

Como você acha que eles se sentiriam em relação a um confronto com a Marinha dos Estados Unidos?

— Kreizler — disse o Sr. Moore —, você obviamente está ficando maluco...

Ignorando o Sr. Moore, Marcus começou a assentir.

— A princípio, eu diria que eles recuariam. Os marinheiros são, como o senhor sabe, renomados valentões. E carregam a autoridade do governo federal, não só municipal. As conexões políticas e rivalidades locais não influiriam na questão.

O Doutor começou a bater os nós dos dedos da mão direita contra a boca.

— Certo — disse silenciosamente. Em seguida, outro pensamento pareceu atravessar-lhe a mente. — O cais da

White Star fica, acredito, a apenas algumas quadras da casa de Libby Hatch, na Bethune Street, não é mesmo?

— É, sim — anuiu a Srta. Howard, parecendo confusa. — Na Rua 10. Por quê, Doutor?

Vendo uma cópia da edição matutina do *Times* enfiada no bolso do casaco de Marcus, o Doutor levantou-se e a arrebatou. Folheou-a às pressas, procurando o que parecia uma notícia pequena porém importante.

— Não há nenhum navio da White Star no porto no momento — acabou dizendo, com um gesto afirmativo da cabeça. — Ele poderia mandar uma embarcação para lá, e poderíamos nos aproximar da casa pela retaguarda... tomando a gangue de surpresa.

— *Ele quem?* — quase gritou o Sr. Moore. — Laszlo, que diabos... — De repente, seu queixo caiu, quando finalmente compreendeu. — Ah, não. Não, Kreizler, isso é insano. Você não pode... *Roosevelt*, não!

— Isso mesmo — respondeu o Doutor, levantando os olhos do jornal com um sorriso. —

Roosevelt.

O Sr. Moore pôs-se de pé atabalhoadamente.

— Envolver *Theodore* neste caso? Assim que ele descobrir o que está acontecendo, vai começar sua maldita guerra contra a Espanha aqui mesmo nesta cidade!

— E é precisamente por esse motivo — replicou o Doutor — que ele não deve saber de todos os detalhes. O nome e a linhagem de Ana Linares não precisam vir ao seu conhecimento.

O fato de estarmos tentando solucionar uma série de assassinatos e um sequestro, e de não contarmos com a ajuda da polícia de Nova York, vai ser mais do que suficiente para despertar o interesse de Theodore.

— Mas o que ele pode fazer? — perguntou a Srta. Howard, que, como o Sr. Moore e o Doutor, conhecera o Sr. Roosevelt quase a vida toda. — Ele é secretário-assistente da Marinha, certo, mas...

— E neste momento está tratando toda a esquadra como se fosse de sua propriedade —

replicou o Doutor, segurando um envelope. — Chegou uma carta dele durante nossa ausência.

Parece que o secretário Long está de férias agora em agosto, e Theodore vem tomando atitudes ousadas. Está se tornando conhecido em Washington como “o secretário do tempo quente”, título do qual sente um orgulho desmedido, como é típico dele. Tenho certeza de que há um ou dois navios disponíveis com suas tripulações no Arsenal de Marinha do Brooklyn, talvez até mais perto. Um número de homens mais do que suficiente para nosso propósito. Uma ordem de Roosevelt é tudo de que precisamos.

O Sr. Moore dava leves tapinhas no próprio rosto, tentando absorver aquela ideia.

— Deixe-me ver se entendo: você está propondo que Roosevelt ordene à *Marinha* dos Estados Unidos que *invada* Greenwich Village e trave um combate com os Hudson Dusters?

A boca do Doutor tornou a esboçar um sorriso.

— Em linhas básicas, sim.



Marcus interveio rapidamente.

— Pode soar absurdo, John — disse ele, parecendo entusiasmado com a ideia. — Mas não vai aparecer assim nos relatórios. Caso ocorra alguma violência, esta vai ser registrada como

uma típica rixa entre marinheiros e gângsteres. E, enquanto ela se desenrola, poderemos fazer o que é preciso.

Guardando a carta do Sr. Roosevelt no bolso do paletó, o Doutor correu para a escada.

— Vou telefonar para ele em Washington imediatamente — disse, descendo para a cozinha. — Não há tempo a perder... a mulher pode estar neste exato momento planejando sua fuga da cidade!

De repente, um novo sopro de vida surgia na casa, trazido pela simples possibilidade de um envolvimento mesmo indireto no caso por parte do Sr. Roosevelt. Era esse o efeito que ele exercia nas pessoas, o ex-comissário de polícia: de todos os amigos íntimos do Doutor, não havia outro com um amor mais puro pela vida, pela ação — e, principalmente, por uma boa luta, fosse esta no boxe, na política ou na guerra. Mas, ao mesmo tempo, o Sr. Roosevelt era um homem generoso, mais generoso do que todos os que vinham à casa do Doutor, em todos os anos em que ali vivi. Percebi que até mesmo eu, com toda minha tristeza, ganhei ânimo com o pensamento de que ele pudesse nos dar uma ajuda na tarefa de entregar Libby Hatch à justiça. Ah, aquela era uma ideia louca, nisso o Sr. Moore tinha razão. Mas praticamente todos os empreendimentos em que o Sr. Roosevelt se envolvia pareciam loucos a princípio — não obstante, a maior parte deles terminava sendo não só importante, como também tendo resultados positivos.

Assim, enquanto esperávamos que o Doutor voltasse da copa, começamos a discutir os detalhes do plano com um interesse que beirava o entusiasmo — entusiasmo este que vinha a ser surpreendente, considerando-se tudo por que havíamos passado.

Quando o Doutor tornou a subir, estava, se não completamente alvoroçado, pelo menos muito satisfeito.

— Ele concordou. Quer que esperemos aqui. Vai mandar alguém do arsenal de Marinha nos informar qual navio estará disponível e quando. Mas promete que a ação será *esta noite*.

O Sr. Moore deixou escapar outro gemido de incredulidade, mas até mesmo ele, a essa altura, tinha um ar de riso.

— Que Deus nos ajude...

Assim começaram mais algumas longas horas de espera. Durante as duas primeiras, nossa silenciosa expectativa, alimentada por mais um pouco de café preparado por Cyrus, tornou-se uma estranha espécie de inquietação esperançosa; mas, à medida que a tarde transcorria, essa sensação começou a declinar, mormente porque o telefone e a campainha da porta permanecessem notadamente silenciosos. O Sr. Roosevelt não era homem de perder tempo; e o fato de não termos notícia de seus homens, no Brooklyn ou em qualquer outro lugar, parecia no mínimo misterioso. A chuva não amainou, e seu ritmo constante acabou por favorecer que a exaustão se apossasse de cada um de nós. Podíamos estar ansiosos, mas isso não mudava o fato de que ninguém havia dormido mais do que uma hora, desde a noite do sábado. Um por um, os membros de nosso grupo começaram a buscar os quartos para tirar uma soneca, e todos, inclusive eu, despertaram desses cochilos

intermitentes para a decepcionante notícia de que ainda não havia chegado mensagem de Washington ou do Brooklyn.

Finalmente, já quase às cinco horas, o Doutor desceu para ligar outra vez para o Sr.

Roosevelt; e quando voltou desta vez, seu ânimo estava muito diferente do que na vez anterior.

Ele não conseguira falar com o amigo, mas, depois de uma conversa com o secretário do Sr.

Roosevelt, ficara com a nítida impressão de que o homem estava no gabinete, evitando

especificamente a ligação do Doutor. Ninguém conseguia entender: o Sr. Roosevelt não era homem de evitar um confronto direto, cara a cara, com ninguém, especialmente alguém que ele apreciava e respeitava. Se houvesse descoberto que não podia cumprir a promessa feita ao Doutor, certamente teria ligado para dizê-lo. Qual, então, poderia ser a explicação? Teria ele de alguma forma descoberto a conexão espanhola com o caso de Libby Hatch e decidido seguir um curso separado, por sua própria conta?

Tais questões não vinham exatamente reavivar nosso entusiasmo enfraquecido; e, às sete horas, todos estávamos espalhados pelo salão do Doutor, cochilando. A chuva finalmente amenizara, e eu estava deitado no chão acarpetado, diante de uma das janelas da sacada aberta, deixando o ar fresco que a tempestade trouxera à cidade soprar sobre meu rosto e embalar-me no primeiro descanso decente que tivera durante todo o dia. Ainda assim, foi um sono leve, facilmente interrompido por ruídos lá de fora; e o som que ouvi vindo daquela direção, por volta das sete e meia, era-me ao mesmo tempo tão familiar e tão deslocado

que eu, honestamente, não sabia dizer se estava dormindo ou acordado.

Era o som alto e potente da voz do Sr. Roosevelt.

— Espere aqui! — dizia ele. Então ouvi o ruído de uma porta de carruagem se fechando.

— Quero que nos levem ao arsenal assim que tivermos oportunidade de falar com os outros!

— Sim, senhor! — ouvi a resposta firme e eficiente, que me fez virar de lado a fim de olhar lá para fora.

E lá estava ele, sim, senhor, o secretário-assistente da Marinha, vestido em seu melhor terno de linho preto e caminhando lado a lado com um homem mais velho, que vestia um uniforme de oficial da Marinha.

— Santo Deus — murmurei, esfregando os olhos para ter certeza de que não estava tendo visões. — Santo Deus! — repeti, alto o suficiente para que os outros começassem a despertar de seu sono. Incapaz de evitar o sorriso que surgia em meu rosto, pus-me de pé e comecei a sacudir todos os ombros ao meu alcance. — Ele está aqui! Doutor... Srta. Howard... é o Sr.

Roosevelt! Ele está *aqui*! Santo Deus!

Com aquelas palavras, os outros também se levantaram, parecendo tão confusos e inseguros de sua razão quanto eu me sentira — isto é, até que ouviram o som da porta da frente se abrindo.

— Doutor? — soou o vozeirão lá embaixo. — Moore! Onde é que vocês se meteram? —

Passos pesados ecoaram nos degraus, enquanto os gritos continuavam. — E onde está a brilhante Sara Howard, minha ex-secretária?

Mais alguns passos ruidosos e então aqueles traços inconfundíveis começaram a aparecer nas sombras, no alto da escada: numa espécie de versão às avessas do gato da história de Alice, do Sr. Lewis Carroll, o Sr. Roosevelt em geral tornava-se visível primeiro pelo sorriso, os dentes grandes sobressaindo mesmo na mais completa escuridão. Os próximos a ser vistos eram os olhinhos apertados por trás dos pequenos óculos de aro de aço, e por fim a cabeça quadrada, o bigode amplo e o imenso peito abaulado, adquirido com esforço depois de uma infância de crises terríveis de asma, até se tornar um dos mais fortes do mundo.

— Ora! — gritou ele, atravessando o corredor seguido pelo oficial de Marinha, bem mais tranquilo e de expressão sábia. — Ah, eu gosto *disso*! Crimes e atrocidades correndo à solta, e vocês todos perdendo tempo aí, como se nada houvesse a fazer! — Ele pôs as mãos nos

quadris, entrando no salão, ainda sorrindo de orelha a orelha. Em seguida estendeu a manopla direita para o Doutor. — Kreizler! Encantado em revê-lo, Doutor, *en-canta-do*!

— Olá, Roosevelt — respondeu o Doutor com um sorriso. — Creio que eu deveria ter imaginado que você não perderia a oportunidade.

— Diabos! — disse o Sr. Moore. — *Todos* nós devíamos ter imaginado.

Percorrendo a sala, o Sr. Roosevelt apertou animadamente a mão de todos, e aceitou um afetuoso abraço da Srta.

Howard. Ficou especialmente feliz, pareceu-me, ao ver que os irmãos Isaacson estavam ali, e ainda na força policial — pois fora ele quem os levara para a polícia, como parte de seu esforço em diminuir o controle que o clã irlandês de mercenários de Tammany Hall tinha sobre o Departamento de Polícia da Mulberry Street. Quando finalmente chegou a vez de ele me cumprimentar, eu estava tão animado por sua presença e a esperança que ela parecia trazer que mudava o peso do corpo de um pé para o outro, nervosamente.

Ainda assim, grande parte da tristeza da manhã devia estar ainda em meu rosto, pois o sorriso do Sr. Roosevelt estreitou-se um pouco, enquanto ele se inclinava para apertar minha mão e fitar meus olhos.

— Bem, meu jovem Stevie — disse com genuína simpatia. — Você está passando por momentos difíceis, eu sei. Mas não duvide de uma coisa, meu garoto... — ele pousou uma das sólidas mãos em meu ombro —, viemos até aqui para cuidar que a *justiça* seja feita!

## **CAPÍTULO 54**

Enquanto os Isaacsons começavam a separar todo seu equipamento e suas armas que pudessem ser usados na invasão da casa, calculando o que precisaríamos para o ataque final ao número 39 da Bethune Street, o restante de nós apressou-se em vestir roupas apropriadas para a missão: não se ficava parado e nunca se perdia tempo quando o Sr. Roosevelt estava por perto.

Assim que voltamos a nos reunir no salão, o ex-comissário de polícia parou um instante para nos apresentar a seu acompanhante.

— Tenente William W. Kimball, da Marinha dos Estados Unidos — disse o Sr. Roosevelt, orgulhoso, quase como se o oficial fosse um de seus filhos, em vez de um homem que obviamente tinha alguns anos a mais do que ele. Uns bons anos, na verdade: quando chegou a minha vez de trocar um aperto de mãos com o oficial, perguntei-me por que, na sua idade (quase cinquenta, como viemos a saber), ainda ocupava um posto tão baixo. Só mais tarde alguém me explicou que sua situação não era incomum: como a Marinha não participava de combates reais desde a Guerra Civil, o processo de promoção tornara-se muito lento. — O

tenente Kimball é professor do Colégio de Guerra Naval — continuou o Sr. Roosevelt —, e quando o assunto é planejamento de guerra, ninguém se compara a ele.

— Ah, Roosevelt — zombou o Sr. Moore —, você está planejando uma *guerra*?

O Sr. Roosevelt ergueu um dedo.

— Ora, ora, Moore, você não vai me armar uma cilada com uma de suas perguntas de repórter. A Marinha está *sempre* elaborando planos de contingência, para o caso de conflito com *qualquer* potência.

— Não pensei que precisássemos de planejamento estratégico para o que estamos prestes a realizar esta noite — afirmou o Doutor, estudando o tenente Kimball com curiosidade. —

Embora, naturalmente, o senhor seja bem-vindo, tenente.

— Obrigado, Doutor — respondeu o tenente prontamente. Mas, embora ele parecesse ter a atitude (além do costumeiro amplo bigode) de um marinheiro, podia-se dizer por sua voz que também tinha muito mais cérebro do que o

típico homem de marinha. — Não foi o meu planejamento de guerra, porém, que levou o Sr. Roosevelt a me trazer. Tenho outras áreas de conhecimento que ele julgou pudessem ser úteis.

— De fato! — concordou o Sr. Roosevelt, batendo nas costas do tenente. — O nosso Kimball aqui é um homem à frente do seu tempo. Não ouço a maioria de nossos oficiais falar de outra coisa que não sejam navios de guerra, navios de guerra e navios de guerra, mas Kimball vem se dedicando a desenvolver as armas que irão determinar o curso das guerras navais no *próximo* século, e não no século *passado*. Torpedos! Submarinos! Vou lhes dizer: aquele escritor francês, Jules Verne, não leva nenhuma vantagem sobre o nosso tenente aqui.

Esse comentário atraiu meu interesse, pois o Doutor me dera vários livros de Jules Verne para ler, e as histórias da vida debaixo do mar, das viagens à lua e de armas novas e poderosas,

contadas pelo francês, muitas vezes me mantiveram acordado até tarde, imaginando exatamente para que tipo de mundo estávamos caminhando.

— Verdade, tenente? — perguntei, o mais respeitoso que sabia ser. — Vamos mesmo travar batalhas debaixo d'água, como o capitão Nemo?

O tenente sorriu e estendeu a mão, revolvendo meus cabelos.

— Ah, sim, meu jovem Taggert, mas creio que sem as armas elétricas de Nemo. Pelo menos por enquanto. O *torpedo* será o principal armamento do submarino, e junto a vedetas-torpedeiras, eles serão o inimigo mais mortal de *todos* os navios.



— Vedetas-torpedeiras? — repeti. — O que é isso?

— Isso — respondeu o Sr. Roosevelt — é o motivo por que o tenente Kimball está aqui, Stevie. É uma embarcação pequena, levemente blindada, capaz de velocidades extraordinárias.

Atravessei numa delas de Oyster Bay a Newport, há algumas semanas, e não tenho vergonha de dizer a vocês... foi assustador! É como cavalgar um cavalo selvagem: ágil, rápido, capaz de atacar sem aviso e em seguida desaparecer. — Ele voltou-se para o Doutor. — Exatamente o tipo de embarcação, ao que me parece, que seu assunto desta noite requer, Kreizler.

O Doutor pensou por um momento.

— É... a capacidade de chegar repentinamente e partir a grande velocidade vai ser uma excelente vantagem. E onde está esse barco neste momento?

— Temos vários no arsenal de Marinha — respondeu o tenente Kimball. — Eles necessitam de uma tripulação relativamente pequena, mas podem levar mais homens, se sentirmos que são necessários.

— Quanto mais, melhor, se vamos enfrentar os Dusters — disse o Sr. Moore. — Não creio que esses “torpedos” possam avançar algumas quadras terra adentro, não é, tenente?

— Receio que não, Sr. Moore — replicou o tenente Kimball com um sorriso. — Uma vez em terra firme, teremos de contar apenas conosco.

— Certo — concordou o Sr. Moore, sem muito entusiasmo. — Era o que eu temia.

— Coragem, John! — disse o Sr. Roosevelt, batendo nas costas do velho amigo, assim como fizera com o tenente Kimball. O Sr. Moore, porém, não pareceu apreciar o gesto. — Ora, podemos levar sessenta marinheiros para lutar contra aqueles...

— Teddy — interrompeu-o o Sr. Moore, usando o apelido de infância que, segundo se sabia, desagradava ao Sr. Roosevelt. — Esta vai ser uma noite infernal, e se você começar a me bater agora não vou conseguir nem ficar de pé quando ela chegar ao fim.

— Ah, não queira me enganar com essa conversa. Conheço a verdadeira medida de suas capacidades, Moore... Pude vê-las em ação em nossa última aventura juntos! — Caminhando até a Srta. Howard, o Sr. Roosevelt tomou-lhe as mãos nas suas, afetuosamente. — E você, Sara... esse vestido pode ser simples, mas aposto que tem espaço suficiente para um certo Colt com cabo de madrepérola!

— E para um considerável suprimento de cartuchos — replicou a Srta. Howard com um gesto afirmativo de cabeça. — Portanto ninguém pense em se arriscar ficando de olho em mim para me proteger.

— Como se não soubéssemos disso! — exclamou Lucius, abanando a cabeça.

— Ah, e meus Macabeus! — exclamou o Sr. Roosevelt, indo até os Isaacsons. — Kimball, você nunca conhecerá dois homens que combinem bravura e inteligência melhor do que os

sargentos-detetives aqui. Fui muito criticado por trazer judeus para a força policial, mas mantenho minha decisão. Ora, se tivéssemos seis ou sete homens como estes no serviço secreto naval, acredito... ah... — Dando-se conta de

que estava prestes a falar demais sobre seu trabalho em Washington, o Sr. Roosevelt sorriu e ergueu a mão. — Mas estou me desviando da questão do momento. Cyrus! — Ele adiantou-se, aproximando-se de meu amigo grandalhão. — E você? Vai confiar só nestes punhos ou vai levar algo mais substancial?

— Os punhos me bastam, senhor — respondeu Cyrus, sorrindo. — Devo uns bons socos a alguns daqueles Dusters.

— E vai conseguir pagá-los, disso não duvido. Sabe, precisamos nos enfrentar no ringue por alguns rounds, um dia desses: você e eu! — Erguendo os braços, o Sr. Roosevelt deu alguns socos no ar, na direção de Cyrus. — Seria um bom exercício, não acha?

— Estou à sua disposição, senhor — replicou Cyrus, fazendo uma leve mesura, ainda sorridente.

— Excelente — disse o Sr. Roosevelt. — Vai ser muito bom. Agora estamos sendo esperados no arsenal! As tripulações foram alertadas e estão de prontidão. Todos preparados?

Ótimo! Tenho uma carruagem à espera, Doutor, que pode acomodar a maior parte do nosso grupo, e acho que os outros podem ir numa das suas.

— Vamos precisar de fiacres — respondeu o Doutor —, pois não tivemos tempo de buscar os cavalos nos estábulos em que os deixamos antes de viajar.

— Bem, então, quem vai com o tenente e comigo? — perguntou o Sr. Roosevelt. — Que tal você, Stevie? Quer ouvir mais histórias sobre as armas assombrosas que o tenente Kimball sonha em soltar no mundo?

Lancei um olhar rápido e ansioso ao Doutor, que assentiu, sabendo, acredito, o quanto eu queria ir com o tenente da Marinha, e por quê. A conversa de armas e destruição, longe de me impressionar de maneira infantil, falava a um desejo sombrio e determinado, que fora plantado pela morte de Kat e que vinha crescendo o dia todo: a esperança de que finalmente pudéssemos atacar Libby Hatch de um modo para o qual nem mesmo *e/a* estaria preparada.

— Sim, senhor — disse eu ao Sr. Roosevelt. — Gostaria muito.

— Ótimo! Kimball, eu nomeio o jovem Taggert seu ajudante de ordens nesta operação.

Não o subestime. Vários homens da força policial desta cidade cometeram este erro e alguns deles até hoje não conseguem andar direito. — Quando o Sr. Roosevelt voltou-se para o Doutor, sua expressão tornou-se mais séria. — Espero que *você* também nos acompanhe, Doutor — disse ele. Em seguida, olhou para a Srta. Howard. — Assim como *você*, Sara, pois confesso que gostaria de saber um pouco mais sobre esta mulher diabólica que estamos caçando.

Com as espessas camadas cinzentas de nuvens do temporal que se mantiveram suspensas sobre a cidade durante o dia agora quebrando-se em blocos negros que ousadamente se destacavam contra um céu enluarado, deixamos a casa e nos dirigimos à esquina da Segunda Avenida, seguidos pelo grande landau do Sr. Roosevelt, que tinha as duas capotas levantadas para proteger os passageiros contra o tempo. Assim que conseguimos dois fiacres para o Sr.

Moore, os sargentos-detetives e Cyrus, o restante do grupo subiu no landau, seguindo o Sr.

Roosevelt e o tenente Kimball, e pouco depois as vozes enchiam a espaçosa concha sob as capotas. O Doutor, a Srta. Howard e o Sr. Roosevelt falaram de Libby Hatch e do caso num

tom de voz baixo, demonstrando consideração pelos meus sentimentos, o que apreciei imensamente. Quanto ao amável tenente Kimball, ele parecia tão resoluto a me manter entretido que me perguntei se o Sr. Roosevelt — que obviamente conhecia pelo menos os fatos básicos do que eu havia passado naquele dia — não lhe teria dado instruções para tentar reerguer meu ânimo. Se assim foi, o tenente seguiu suas ordens admiravelmente. De uma descrição de todas as coisas assombrosas que ele esperava que acontecessem nos mares nos dez ou vinte anos seguintes, passou a histórias de terras estrangeiras em que servira, e das estranhas pessoas que lá encontrara: histórias que, embora não pudessem e de fato não houvessem me deixado animado, pelo menos desviaram-me a atenção da tristeza que ainda estava a postos para tornar a invadir minha alma.

Tomamos a ponte do Brooklyn, atravessando a parte mais baixa do East River, em seguida dobramos à esquerda e seguimos ao longo da margem do rio até chegarmos à Wallabout Bay e à entrada do imenso labirinto de diques secos, píeres, guindastes, trilhos ferroviários, docas de artilharia, fundições e galpões de construção, que era o Arsenal de Marinha do Brooklyn. O

local era tipicamente uma instituição nova-iorquina, datando do começo do século e tão familiar aos nativos da cidade quanto qualquer outra parte do porto; mas, por alguma razão, pareceu-me muito diferente naquela noite. Talvez fosse apenas meu estado de espírito, pensei comigo mesmo, ou talvez fosse o fato de visitar o lugar na

companhia do homem que, para todos os efeitos, era o homem mais importante da Marinha naquele momento. Não demorou, porém, para que eu percebesse que nenhuma dessas era a verdadeira explicação: A causa eram as luzes — havia luzes acesas por toda parte e, sob elas, grandes grupos de homens trabalhando com afinco. E isso quase às dez da noite de uma segunda-feira. E, ao observar os homens, percebi em que estavam trabalhando: navios de guerra blindados —

alguns deles ainda por terminar, outros quase prontos para zarpar, todos grandes e impressionantes — enchiam cada rampa e cada canto do local.

— Tem muitos barcos sendo construídos aqui, Sr. Roosevelt — disse eu, observando soldados e ferreiros gritando uns com os outros e atirando cunhas de aço incandescente através da escuridão da noite.

— É — replicou o Sr. Roosevelt, olhando à sua volta como um garoto na manhã de Natal.

— Lançamos o *Maine* daqui faz dois anos, e vários outros depois disso. E ainda tem muito mais!

Com o canto do olho, vi o Doutor lançar um olhar à Srta. Howard: um discreto lembrete do quão importante era que o Sr. Roosevelt *não* descobrisse de quem a criança que estávamos tentando resgatar era filha, ou por que fomos forçados a agir daquela maneira. A filha de um alto diplomata espanhol, desaparecida; esse mesmo diplomata espancando a mulher e parecendo não se importar se nunca mais visse a filha; as mentiras sobre o caso que foram divulgadas pelo consulado espanhol; de repente, todas essas coisas pareciam intimamente ligadas à imensa atividade no Arsenal de Marinha, de uma forma que poderia

significar problemas maiores do que os vividos por *nós* nos últimos dias.

As vedetas-torpedeiras de que o Sr. Roosevelt e o tenente Kimball haviam falado encontravam-se ao longo de um cais de concreto, num canto afastado do arsenal — e elas também formavam uma coleção e tanto. Não muito maiores do que os barcos a vapor e as lanchas que costumavam atravessar o porto, essas embarcações tinham motores muito mais

potentes, que pediam duas e às vezes até três chaminés. Ao mesmo tempo, tinham um desenho mais suave do que os barcos particulares e comerciais, com um gracioso formato de projétil que fazia parecer impossível que fossem de fato blindadas com aço. Não que houvesse muita blindagem nelas — como dissera o Sr. Roosevelt, esses barcos sacrificavam a segurança em prol da velocidade, e podiam seguir a quase cinquenta quilômetros por hora, quando necessário. Cada barco parecia tripulado por apenas 25 ou 30 homens e, em vários pontos do convés, levavam as armas mortais que lhes emprestavam o nome: torpedos, cilindros de aço de mais de quatro metros, cheios de ar comprimido e providos com poderosos dispositivos explosivos na ponta. O ar, quando liberado, lançava os mísseis dos tubos lança-torpedos instalados nos barcos por centenas de metros no ar: tempo suficiente para que essas embarcações pequenas e rápidas que os disparavam se afastassem das explosões resultantes.

Enfim, uma invenção bastante engenhosa, que contrasta vivamente com os enormes couraçados e suas imensas torres de tiro, que eram construídos em outras partes do estaleiro.

Certamente seria interessante ver, pensei comigo mesmo, se os encouraçados de outros países um dia seriam abatidos pelo mesmo tipo de embarcação, pequena, rápida e eficaz, a bordo da qual estávamos prestes a subir naquela noite.

Junto às tripulações das vedetas-torpedeiras, havia mais uns vinte marinheiros dispostos em fila no cais, homens que pareciam especialmente escolhidos para o trabalho que tínhamos à frente. Eu vira muitos marinheiros valentões em meus dias e em minha área, e assistira a mais de uma espelunca ou bar vir abaixo quando um grupo deles era levado por alguma “dançarina”

trapaceira ou crupiê espertalhão; mas nenhum bando que eu encontrara poderia se comparar àqueles rapazes que estavam à nossa espera no arsenal naquela noite. Musculosos, marcados por cicatrizes e obviamente comichando por uma boa e genuína briga, os homens pareciam estar com dificuldade em controlar sua energia o suficiente para ficar em posição de sentido quando o tenente Kimball e o Sr. Roosevelt saltaram do landau. O tenente trocou algumas palavras com os três comandantes das vedetas-torpedeiras, que então reuniram suas tripulações no cais perto dos grandalhões que já se encontravam ali. Passando em revista essa força reunida — que, eu era obrigado a admitir, parecia um páreo justo até mesmo para os Dusters

—, o tenente Kimball ordenou-lhes que descansassem, e então começou a andar de um lado para o outro no cais, enquanto explicava a missão daquela noite.

— Cavalheiros! — começou ele, a voz forte nem de longe sugerindo os quase cinquenta anos ou o costumeiro trabalho como estrategista. — Estou certo de que a maioria



de vocês sabe que é absolutamente impossível singrar em águas salgadas a serviço do Tio Sam por trinta, dez ou mesmo cinco anos sem se imbuir do espírito de que os Estados Unidos da América são a melhor coisa, a mais gloriosa, que existe, e que devem liderar... em *tudo*! —

Nesse momento os homens irromperam em vivas, a que o Sr. Roosevelt aderiu com entusiasmo. O restante de nosso grupo se conteve, sentindo que não era nossa função participar, embora eu experimentasse o impulso de fazê-lo. — Mas — prosseguiu o tenente —, suspeito que vocês também saibam que os Estados Unidos não podem liderar em todas as áreas, enquanto os inimigos estiverem em seu caminho. Inimigos *externos*... que, com sorte, logo irão sentir o poder dos grandes navios que estão sendo construídos à nossa volta. E

inimigos *internos*, que precisam sentir nossa força nesta noite! — Isso fez com que os rapazes recomeçassem a gritar, e o tenente Kimball teve trabalho em fazê-los se aquietar outra vez. —

Peço-lhes agora que deem sua atenção ao excelentíssimo secretário-assistente da Marinha, o Sr. Theodore Roosevelt!

Dando um passo à frente, o Sr. Roosevelt estreitou os olhos e avaliou a companhia diante dele.

— Homens — disse ele, naquele seu modo firme e abrupto —, alguns de vocês poderão considerar estranha a missão que têm à frente. Ora, vocês poderão com toda razão se perguntar: cabe a nós a tarefa de fazer valer a lei desta grande nação em nosso próprio solo? —

Fechando o punho, o Sr. Roosevelt começou a socá-lo contra a palma da outra mão, enquanto continuava a gritar acima

dos ruídos da construção que se espalhavam por todo o estaleiro: —

A resposta, homens, é simples: é porque aquelas pessoas a quem a segurança do público e o cumprimento da justiça nesta parte de nosso país foram confiadas estão deixando de desempenhar seu trabalho! E a quem os Estados Unidos invariavelmente apelam quando seus cidadãos estão em perigo, em qualquer lugar do mundo, e ninguém mais pode ou quer assumir a responsabilidade de protegê-los?

Com uma unissonância ao mesmo tempo muito chocante (a julgar pelos homens) e muito emocionante (a julgar pela situação), os marinheiros todos rugiram:

— *À Marinha dos Estados Unidos, senhor!* — Aquele grito atingiu-nos com violência atrás do Sr. Roosevelt, mas ele apenas sorriu e agitou o punho no ar.

— Exatamente! — gritou. — Espero que vocês lutem com justiça, homens, mas espero também que lutem com *rigor!* Obrigado a todos vocês! — Então o Sr. Roosevelt deu um passo para o lado, deixando o tenente Kimball retomar a palavra.

— Os oficiais levarão espadas, suboficiais e marinheiros, cassetetes! Apliquem violência quando se defrontarem com violência! Esta é a ação de uma polícia militar, cavalheiros. Sei que vocês se conduzirão de acordo. Agora saiam de forma e dirijam-se a seus barcos!

Com outro enorme rugido, este de puro entusiasmo e ânsia pela ação, os homens saíram de fila e seguiram para as vedetas-torpedeiras, embarcando com um salto, enquanto os engenheiros disparavam ruidosamente rajadas sibilantes de vapor da casa de força de cada embarcação. O tenente Kimball conduziu nosso grupo para o barco da frente, onde

tomamos posição atrás da casa de máquinas. Gritavam-se ordens para soltar as amarras acima do rangido crescente dos pistons a vapor, e então — muito de repente, pareceu-me — os hélices do barco começaram a revolver as águas da baía e passamos a deslizar velozmente em direção ao rio, a uma velocidade que eu por certo nunca experimentara na água e que me fez cambaleiar ligeiramente para trás. À medida que o ar que o ritmo acelerado do barco nos lançava contra o rosto e o corpo ia se tornando mais forte, o Sr. Roosevelt passou um dos braços fortes em torno do meu pescoço, mantendo-me firme. Sorrindo para ele, voltei-me para ver os outros dois barcos saindo atrás de nós.

Não creio que um dia tenha sido capaz de descrever verdadeiramente a emoção que me dominou naquele momento, embora muitas vezes tenha tentado. Senti-me encorajado além das palavras pela visão dos dois barcos que nos seguiam, e pelo estrondo dos potentes motores de nossa própria embarcação: todas as emoções da noite e do dia que se acabara — sem mencionar aqueles das duras e muitas vezes amedrontadoras semanas anteriores — de repente saltaram de minha boca num grito, no qual o Sr. Roosevelt me acompanhou. Voltando-me novamente para a frente, avistei a mesma ponte do Brooklyn que havíamos cruzado havia

apenas meia hora, e para a qual seguíamos a uma velocidade que começava a parecer impossível. Ver a ponte de baixo era tão inusitado que chegava a parecer um sonho, principalmente por passarmos tão rápido embaixo dela; no entanto, ainda navegaríamos mais rápido. Quando passamos pelo local preferido de Hickie o Huno para nadar, o mercado de peixe da Fulton Street, e seguimos para a ponta de Manhattan, onde estava localizado o Battery Park, o comandante de nosso barco fez sinal para dar força

máxima ao motor, de modo que, quando a Estátua da Liberdade surgiu em nosso campo de visão, pareceu-nos possível chegar à sua ilha em questão de segundos.

Lançando um olhar ao restante de nosso grupo, pude ver que eles também estavam impressionados pela velocidade e capacidade de manobras do extraordinário barco em que navegávamos: o Doutor, o Sr. Moore e os Isaacsons revezavam-se, crivando o tenente Kimball com perguntas muitas vezes difíceis de ouvir acima da barulhada crescente dos potentes motores. Quanto a mim, não tinha perguntas, apenas mais emoções, tão irresistíveis quanto a arma flutuante em que viajávamos. Quando viramos para o norte a fim de entrar nas águas do Hudson e vi todos aqueles lugares na margem onde eu tantas vezes viera refletir sobre Kat, liberei os sentimentos, deixando lágrimas de tristeza, raiva e determinação misturarem-se àquelas provocadas pelo forte ímpeto do ar que batia com força cada vez maior contra nosso rosto.

— Agora nós vamos pegar você, Libby Hatch — comecei a sussurrar para mim mesmo, através dos dentes cerrados. — Agora vamos pegar você. Ah, *vamos!*

## **CAPÍTULO 55**

Exatamente como o Doutor calculara, o gigantesco alojamento de dois andares do píer da White Star Line ofereceu-nos o tipo de abrigo que um cais comum e aberto não poderia oferecer. À medida que as vedetas-torpedeiras se aproximavam da Rua 10, o comandante da nossa embarcação ordenou à pequena esquadra que reduzisse a velocidade um pouco, e então seguimos silenciosamente em direção à zona portuária, deslizando ao longo do abrigo verde e comprido do píer e amarrando os barcos em estacas perto de algumas escadas de mão que levavam a uma porta

na estrutura. Deixando para trás mais ou menos metade das tripulações a fim de olhar os barcos — mas levando todos os marinheiros extras que haviam sido designados para o trabalho —, subimos rápida e desordenadamente pelos degraus de corda daquele acesso perigoso, chegando então ao piso do píer: a área de entrega da bagagem, um imenso espaço aberto que em geral parecia um hospício, tão enlouquecida era a atividade que se via ali.

Vazio, como naquela noite, apresentava um ar fantasmagórico, e, pela primeira vez, a sensação que eu tinha de estarmos numa missão que não mais podia ser detida começou a se misturar com uma saudável dose de ansiedade. Os poucos guardas e empregados da White Star que se encontravam no local haviam aparentemente sido alertados sobre nossa vinda, pois cooperavam com o Sr. Roosevelt (cujo rosto era toda a identidade de que precisava em Nova York, assim como logo aconteceria em todos os Estados Unidos e no mundo), guiando-nos até a saída, à frente da construção, sem quaisquer perguntas.

Enquanto caminhávamos, o Doutor aproximou-se de mim.

— Ainda não mencionei — começou ele, com a voz serena — o assunto de sua súbita partida de Ballston Spa, Stevie, por causa dos eventos do dia. Tampouco o farei agora. Só lhe peço uma coisa: por favor, fique perto de alguém maior ou mais bem armado do que você, todo o tempo. Não que eu duvide de sua habilidade em se defender, mas essa mulher...

— Não é preciso dizer a *mim* — repliquei, tentando tranquilizar tanto ele quanto a mim mesmo, no momento em que deixávamos o píer, passando à escuridão da zona portuária. —

Não tenho a menor intenção de enfrentar essa mulher sozinho. Embora gostasse de fazer isso.

O Doutor deu-me um rápido abraço.

— Eu sei. Mas ela é uma criatura de infinitos expedientes. Na verdade, mesmo com toda *esta* força, torço para que estejamos adequadamente preparados.

Havia algumas gangues de estivadores vagando pelo porto, mas eles não iriam xingar ou meter-se com cinquenta ou sessenta marinheiros armados, parecendo tão decididos quanto nossos homens. Resolvemos nos manter na West Street, que seguia ao longo do rio, pelas cinco quadras entre o píer e a Bethune Street, calculando que os Dusters não esperariam que alguém entrasse em seu território vindo daquela direção. Assim, poderíamos ao menos nos aproximar da casa de Libby Hatch sem ser detectados. Não havíamos avançado duas quadras, porém, quando silhuetas escuras e misteriosas começaram a mover-se na ampla rua, pelo lado

oposto à margem. A princípio, apareceram aos pares, mas estes logo cresceram, tornando-se bandos, à maneira de cães magros e sarnentos quando farejam uma possível fonte de alimento.

Não parecia que fizessem alguma ideia do motivo de estarmos ali, pois não demorou para que os costumeiros insultos e provocações idiotas comesçassem a ecoar em nossa direção: eram apenas membros da gangue mijando em seu território a fim de dar a conhecer a outros animais que o território tinha dono, isso eu sabia — mas também sabia que, tendo em vista a nossa missão, rapidamente aquela situação poderia transformar-se em algo muito pior.

Quando chegamos à Rua 11, as sombras haviam crescido para um número de quinze, aproximadamente, e sentiam-se com coragem suficiente para começar a atirar pedras e garrafas em nossa direção. O Sr. Roosevelt e o tenente Kimball não iriam tolerar esse comportamento, e deixaram isso claro rapidamente: assim que o primeiro objeto arremessado por eles caiu ao chão, o Sr. Roosevelt gritou:

— Kimball!

O tenente respondeu voltando-se para um de seus oficiais.

— Capitão de corveta Simmons! Pegue dez homens e cuide dessas pessoas!

Ora, eu não queria me intrometer e ensinar àqueles marinheiros o seu trabalho, mas pareceu-me que essa talvez fosse uma atitude errada, pois os Dusters provavelmente não estariam esperando uma reação desse tipo, e sua eficácia poderia muito bem dar-lhes uma pista de que não estavam apenas vendo um grupo de marinheiros de licença em terra, dirigindo-se à cidade para uma noite de apostas e prostitutas. Ainda assim, não era pequena a satisfação de ver um dos comandantes das vedetas-torpedeiras e seu destacamento atravessar em passo acelerado o calçamento da West Street, espadas e cassetetes em punho, e investir contra Dusters confusos, enlouquecidos pelo pó, com tal determinação que o que se seguiu não poderia de fato ser classificado como luta. Um ou dois membros da gangue receberam belos golpes na lateral da cabeça, e outros murros certos na barriga; o restante, porém, alarmado pela visão da pistola do capitão de corveta, limitou-se a correr. Infelizmente, eu sabia muitíssimo bem que corriam de volta à Hudson Street, a fim de buscar reforços e armas e informar Goo Goo Knox e Ding Dong do que estava acontecendo.

— Aqui vamos nós — sussurrei com meus botões, nervoso, quando cruzamos a West Street, entrando na Bethune, e o destacamento que pusera o primeiro grupo de Dusters para correr veio juntar-se a nós.

De repente, a quadra e meia que faltava para chegarmos à casa de Libby Hatch parecia-me uma longa distância, agora que o contato fora feito, e, quando vi a Srta. Howard e Lucius sacarem seus revólveres, decidi ficar atrás deles. Enquanto isso, Cyrus enfiou a mão direita no bolso do casaco e ajustou o soco-ínglês: algo terrível, ambos sabíamos, definitivamente estava por vir.

Vimos mais algumas figuras sombrias sair em disparada de vãos de portas e becos no lado norte da Bethune Street, e também do pátio de obras das novas instalações da Bell Telephone Laboratories, do nosso lado. Os marinheiros que nos acompanhavam pareciam ver toda essa correria como sinal de que os Dusters já haviam entendido a mensagem e que não iriam mais oferecer problema; infelizmente, nós civis sabíamos que não era bem assim. Como a maior parte das gangues, os Dusters não apreciavam uma briga em que não gozassem de uma vantagem tanto em número quanto em armas, e estava óbvio que eles só tinham ido se

reagrupar, provavelmente para nos esperar na Washington Street. Eu tinha certeza de que esse recobrar de forças só iria acontecer depois que uma considerável quantidade de pó fosse cheirada, o que significava que, quando nos defrontássemos com a gangue, eles estariam drogados ao ponto de se acreditarem capazes de enfrentar toda a Marinha dos Estados Unidos, quanto mais alguns homens que agora invadiam seu território.

Durante vários e longos minutos, porém, a Bethune Street à nossa frente continuou silenciosa e vazia, fato que me



pareceu estranho; e meu nervosismo começou a amainar um pouco, enquanto eu me permitia o pensamento de que talvez só estivesse sendo alarmista.

Mas, naturalmente, não estava.

Pouco antes de alcançarmos o cruzamento da Washington Street, eles começaram a surgir numa espessa fila à nossa frente: um número de Dusters — talvez sessenta ou setenta ao todo

— maior do que eu jamais vira reunido em qualquer outro lugar. Ding Dong trouxera a maior parte dos garotos auxiliares, e aqueles jovens arruaceiros estavam todos fazendo o mesmo tipo de movimentos que os víramos executar quando de nossa primeira visita à casa de Libby Hatch: batendo grandes pranchas de madeira na palma da mão, polindo socos-ingleses e parecendo mal se conter para não se atirarem imediatamente contra nós. Para completar, os olhos de todos os membros da gangue estavam acesos como as vitrines da loja de departamentos McCreery numa noite de quinta-feira, mostrando que eu não estava errado ao supor que haviam se drogado antes de vir ao nosso encontro.

Liderando essa corja de aparência perigosa estavam Goo Goo Knox e Ding Dong, que haviam, ao que parecia, apaziguado a rixa da manhã — ou, mais provavelmente, tinham apenas adiado uma boa briga em favor de outra melhor. Como de hábito, Ding Dong sorria como um idiota, daquele modo que, para minha eterna perplexidade, Kat havia achado tão atraente. Knox, por outro lado, embora a expressão de seu rosto e o cabo de machado em sua mão dissessem que estava pronto para atacar, mostrava um ar que também deixava claro que tinha ideia muito melhor de quem estava enfrentando. Era de se compreender: como

líder dos Hudson Dusters, seu caminho havia se cruzado muitas vezes com o do Sr. Roosevelt, durante a gestão de nosso amigo como comissário de polícia, e ele sabia que, se o sujeito corpulento de óculos aparecesse com cara de quem estava procurando encrenca, podia-se contar que não era blefe.

Knox era uma figurinha atarracada e de ar amedrontador, de olhos desvairados e braços musculosos, certamente, mas com a pele tão pálida que o fazia parecer um fantasma. Isso devia-se em parte à herança genética, mas principalmente ao fato de que ele quase nunca via a luz do dia: antes de se tornar um dos fundadores dos Dusters, fora membro dos Gophers, outro grupo imprevisível e assustador, formado por irlandeses, que dominavam a Hell's Kitchen e passavam os dias em porões daquele bairro, bebendo, farreando e fazendo o que mais significasse "viver" em sua cartilha. Somente à noite eles saíam, a fim de fazer ataques surpresa em pátios de estações ferroviárias no West Side, envolverem-se em brigas com outras gangues ou praticar seu esporte favorito ao ar livre: espancar policiais até que perdessem a consciência e então roubar-lhes o uniforme para dar às namoradas como troféu. Em parte era justamente por muitos dos Dusters serem ex-Gophers que a gangue mais recente era temida pelo Departamento de Polícia: além da prática de atacar as estações de trem do West Side, os Dusters mantiveram o gosto dos Gophers pelos homens de uniforme. Eu não sabia se essa

preferência incluía o uniforme da Marinha dos Estados Unidos, mas, a julgar pela expressão no rosto de Knox naquela noite, calculei que era bem possível que sim.

— Sr. Roosevelt — chamou Goo Goo, enquanto nosso grupo se aproximava da gangue. —

Ouvi dizer que estava em Washington, brincando com os barcos. O que o traz ao território dos Dusters?

— A última vez que verifiquei, Knox — respondeu o Sr. Roosevelt —, o West Side de Nova York ainda fazia parte dos Estados Unidos. Estes são homens da Marinha americana, e estão aqui para ajudar aos sargentos-detetives — apontou o robusto dedo para os Isaacsons —

no cumprimento de seu trabalho.

— E que trabalho é este? — perguntou Knox, embora fosse fácil ver que ele já sabia a resposta.

— Isso já não é da sua conta — replicou o Sr. Roosevelt. — É melhor você e seus...

*seguidores* saírem do caminho.

— Acho que não entendeu — disse Knox, olhando para seus garotos com um sorriso, então fungando e passando a língua pela gengiva superior. Este era um sinal certo de que estivera cheirando grande quantidade de pó: a droga, consumida daquela maneira, tinha o efeito de adormecer a parte superior da boca, e que parecia que a pessoa precisava verificar se estava tudo ali, a cada poucos segundos. — Como eu disse — prosseguiu ele —, isto aqui é território dos *Dusters*. Outras gangues não entram aqui, policiais não entram aqui, *ninguém* entra aqui, se não quiser ser surrado.

— É mesmo? — disse o Sr. Roosevelt.

— É — respondeu Knox, com um gesto confiante da cabeça.  
— É mesmo.

— Bem — disse o Sr. Roosevelt, lançando um olhar feroz a Knox —, creio que essa regra tem uma exceção, que você deve ter deixado passar.

— É? E qual seria *ela*, seu monte de...

Com essas últimas palavras, Knox fez um súbito movimento circular e tentou acertar o Sr.

Roosevelt com o cabo do machado: um erro grave. Com uma velocidade que sempre surpreendia, dados seu tamanho e sua corpulência, o Sr. Roosevelt tomou o pedaço de madeira das mãos de Knox, fazendo arregalar-se os olhos de todos os Dusters. Então, num outro movimento rápido, o ex-comissário acertou violentamente a cabeça de Goo Goo com a arma.

— Seria o *governo federal* dos Estados Unidos! — gritou o Sr. Roosevelt, enquanto Knox caía de joelhos, gemendo como um animal ferido, o que de fato era.

Os outros Dusters deram alguns passos à frente, como se fossem atacar; mas ainda estavam confusos demais para tomar uma atitude definida. Eu podia ver, porém, que essa situação não duraria muito: puxei a manga do Doutor, fazendo um gesto com a cabeça na direção do rio e tentando dizer-lhe que sabia que uma batalha de grandes proporções estava prestes a irromper e que, enquanto esta grassava, era melhor que voltássemos à West Street e chegássemos à casa de Libby Hatch por outra direção. Ele entendeu a mensagem, e enquanto os marinheiros cerravam fileiras e se preparavam para o ataque iminente, todo o nosso grupo começou a recuar lentamente — isto é, todos exceto Cyrus, que encarava Ding Dong e não se movia.

A cada segundo o ar ficava mais e mais carregado; nesse momento, Knox, com a testa sangrando, juntou suas forças, olhou para os garotos e gritou:

— E então? Que diabos vocês estão esperando?

Com isso, a tempestade enfim desabou. Formando uma parede sólida e estridente, os Dusters avançaram e os marinheiros fizeram o mesmo. Os dois lados misturaram-se com tanta rapidez que o uso de pistolas por ambos tornou-se praticamente impossível. Seria uma disputa de punhos e cassetetes, isso era óbvio, e provavelmente tomaria toda a quadra em que nos encontrávamos: tínhamos de sair logo dali.

— Corra! — disse eu ao Sr. Moore, que fez um gesto afirmativo com a cabeça e, ao lado dos sargentos-detetives, disparou na direção oeste. A Srta. Howard e o Doutor, porém, ficaram para trás, esperando Cyrus.

— Cyrus! — chamou o Doutor, enquanto a Srta. Howard dava cobertura a nosso amigo grandalhão com o Colt. — Venha conosco, *agora!*

Cyrus, porém, já não ouvia ordens: assim que a briga começou, ele se lançou e agarrou Ding Dong pela camisa e então literalmente o levantou do chão, atirando-o a quase dois metros atrás da linha de marinheiros, onde ele não teria ajuda dos amigos. Chocando-se com brutalidade no chão, Ding Dong deixou cair o cassetete que carregava, e Cyrus rapidamente o chutou para longe. Em seguida, puxou Ding Dong, obrigando-o a levantar-se e disse:

— Nada de cassetetes, facas ou armas. Também não sou nenhuma mocinha de quatorze anos. Vamos ver como você se sai.

Em seguida, começou a esmurrar o Duster, que tinha de se esforçar muito para se proteger e aplicar alguns golpes.

Suspirando, o Doutor voltou-se para a Srta. Howard.

— Vamos ter de deixá-lo, Sara... Ele tem umas contas a acertar. Cyrus vai ficar bem, mas *nós* temos de ir!

Assentindo com relutância, a Srta. Howard voltou-se, mas continuou de olho em Cyrus —

e foi bom que o fizesse, pois assim que começamos a nos afastar, dois Dusters conseguiram abrir caminho em meio ao tumulto mais à frente na rua e corriam para tentar dar uma ajuda a Ding Dong. Ambos levavam barras de metal envoltas em estopa, e Cyrus estava de costas para eles: mais uma vez, parecia que ele seria atacado por trás pela gangue.

A Srta. Howard, porém, girou com toda a calma em direção à peleja, ergueu o Colt e, segurando-o firmemente com ambas as mãos, disparou duas vezes, a explosão ecoando ensurdecadora nos edifícios e no calçamento. Quando a fumaça dos tiros se dissipou, os dois Dusters com as barras de metal estavam caídos no chão, cada um deles com as mãos agarrando uma rótula de joelho estilhaçada. A Srta. Howard sorriu e, vendo que Cyrus agora se virava bem com Ding Dong, voltou-se para nos seguir.

Vendo-me olhá-la estupefato, ela disse apenas:

— Já lhe falei, Stevie... Nada como uma boa bala na perna para fazer os homens lembrar as boas maneiras.

Em seguida, puxou-me em direção à West Street.

Os uivos de fúria e dor vindos do combate agora tomavam conta de toda a redondeza; e enquanto nós seis dobrávamos a esquina da Bank Street correndo, parecia que o próprio Inferno havia aberto as portas na Bethune Street. Até mesmo os estivadores do porto mantinham-se longe da confusão, e os moradores da vizinhança trancavam-se em suas casas: podíamos ouvir ferrolhos sendo passados nas portas, no caminho até a Greenwich Street. O

efeito geral da batalha, porém, veio a nos ser útil, pois, quando viramos para o norte

novamente e nos aproximamos da Bethune Street, não avistamos um só Duster: todos tinham corrido para a “festa”. Assim, o caminho estava livre para nós até a casa de Libby Hatch, e poucos segundos depois, chegávamos lá.

— Duvido — disse o Doutor, sem fôlego — que bater à porta tenha algum resultado.

Sargentos-detetives?

Marcus rapidamente apanhou um pé de cabra e o introduziu à força no batente da porta à direita da maçaneta. Ele e Lucius seguraram a ferramenta e prepararam-se para usar todo seu peso e sua força para suspendê-la.

— Quando puxarmos — disse Marcus, àquela altura suando tanto quanto o irmão —, vocês tentem empurrar a porta. Sara, acho que é melhor você ter seu Colt preparado. — Quando a Srta. Howard recuou um passo, obedecendo ao pedido, o Doutor, o Sr. Moore e eu nos juntamos, tentando encontrar espaço para alcançar a porta. — Prontos? — perguntou Marcus, e todos resmungamos respostas afirmativas. — Muito bem. Então, um... dois...

Quando disse o “três!”, ele e Lucius puxaram com força, e o restante de nós empurrou. A moldura da porta começou a rachar e lascar quase imediatamente, e bastaram mais alguns bons golpes e puxões para destruir por completo o lado direito da estrutura. Com um chute, Marcus abriu a porta, e então todos corremos para um lado ou outro, deixando o vão livre, para que a Srta. Howard pudesse apontar sua arma para...

Nada. Não havia sinal de vida no pequeno vestíbulo da casa, e os degraus junto à parede da direita levavam à escuridão, que mostrava semelhante falta de atividade humana. A Srta.

Howard ia à frente, mantendo o Colt apontado para as trevas, e nós a seguíamos, amedrontados, sim, mas ao mesmo tempo começando a experimentar um tremendo desapontamento.

— Ela não pode... — sussurrou o Doutor. — Ela *não pode* ter fugido *novamente*...

Avançando na casa escura centímetro a centímetro, começamos a nos espalhar, Lucius sacando seu revólver e dando alguns passos em direção à escada. Ele teria continuado, seguido pelo Sr. Moore e por Marcus, mas nesse momento ouvimos o ruído súbito de uma porta batendo na sala de estar. Só havia uma porta naquela área, isso eu sabia, desde minha última visita.

— O porão — sussurrei e então os três homens que subiam os degraus voltaram. Mais uma vez na esteira de Marcus, todos corremos para a sala de estar, liderados pela Srta. Howard e por Lucius.

A princípio, porém, a sala estava escura demais para que vissemos qualquer coisa, exceto os contornos imprecisos da



mobília mais próxima de nós e a entrada do corredor que levava à cozinha nos fundos. E foi por esse motivo que a voz, quando a ouvimos vinda das sombras, soou ainda mais assustadora:

— Agora não tem mais importância — disse Libby Hatch, muito tranquila. — Vocês conseguiram entrar na casa... mas nunca encontrarão o que vieram buscar.

Lucius abriu a boca, aparentemente querendo anunciar à mulher que ela estava presa, mas o Doutor tocou-lhe o braço e falou com a voz serena:

— Ouça-me, Elspeth Franklin... você não precisa enfrentar uma sentença de morte...

Mas Libby grunhiu e praguejou:

— Que se danem todos vocês!

Então vimos o súbito movimento de uma sombra no corredor, indo em direção à cozinha.

Não foi nada mais que um vulto brevíssimo, seguido, para nossa crescente confusão e desespero, pelo ruído de pés subindo degraus.

— Uma escada — disse o Doutor. — Tem uma *escada nos fundos!*

— Diabos! Eu não a vi — afirmei.

— Ela pode ter mandado construir uma passagem secreta — sugeriu Marcus —, quando mandou Bates reformar o porão.

— Na qual sem dúvida será tão difícil entrar quanto no porão lá embaixo — concordou o Doutor, com um

movimento agitado da cabeça. — Rápido, então... Marcus, você, Lucius e Moore vão lá para baixo! Vejam o que podem fazer para conseguir entrar no porão! Sara, você e Stevie, venham comigo!

Com o barulho da rixa ainda ecoando na rua, disparamos nas direções que nos foram apontadas, os homens descendo para o porão, e a Srta. Howard e eu seguindo o Doutor escada acima, passando pelo segundo andar e chegando ao terceiro. Ali encontramos uma escada de aço que levava a um alçapão no teto. A Srta. Howard subiu na frente e, abrindo a portinhola, tentou saltar rapidamente para o telhado.

Devíamos ter visto o erro que era perseguir uma inimiga tão esperta quanto Libby por um caminho tão óbvio. Sendo o último a chegar lá em cima, foi-me impossível ver exatamente o que aconteceu a seguir, mas o Doutor mais tarde relatou-me o ocorrido. Assim que passou a cabeça pelo alçapão, a Srta. Howard foi atingida brutalmente pela coronha de uma pistola, um golpe que a forçou a soltar o Colt (que foi cair no chão, na base da escada) e a deixou inconsciente imediatamente. Com força surpreendente — aumentada, com certeza, pelo desespero de sua situação —, nossa inimiga puxou o corpo da Srta. Howard para cima, forçando-o pelo alçapão, e o largou no telhado coberto por alcatrão, em seguida apontando a pistola para o Doutor.

— O senhor, mais do que qualquer um, sabe que sou capaz de usar isto, Dr. Kreizler —

ouvi Libby dizer. — Agora suba até aqui... e mova-se bem devagar.

Enquanto o Doutor saía pelo alçapão, vi que eu tinha um momento em que estaria fora do campo de visão dela;

assim, desci rapidamente e apanhei a arma da Srta. Howard, enfiando-a em minhas calças e cobrindo-a com a camisa, de modo a fazer parecer que ainda estava desarmado. Então tornei a subir correndo a escada, esperando que Libby acreditasse que eu não tivera tempo para a jogada.

Funcionou. Assim que o Doutor passou para o telhado, vi os olhos dourados de Libby —

arregalados e desvairados a essa altura — correrem para o alçapão e fixarem-se em mim.

— Você também, garoto — disse ela, obviamente sem saber que agora eu estava armado.

— Suba até aqui!

Obedeci, tomando cuidado para que meus movimentos fossem lentos e suaves o suficiente para não deixar cair o Colt. Quando passei pelo alçapão, Libby o fechou com violência e, apontando a arma primeiro para o Doutor e depois para mim, usou a mão livre para arrastar o corpo da Srta. Howard, deixando-o sobre a portinhola, o que dificultaria que a abrissem por baixo. Empertigando-se, Libby movia a arma de mim para o Doutor e vice-versa, tentando decidir o que fazer e parecendo mais desequilibrada e enlouquecida do que eu jamais a vira.

— Qual deles? Qual deles? — murmurou ela. Em seguida, agarrou o braço do Doutor e encostou a pistola em sua cabeça. — Levante as mãos. Você faça o mesmo, garoto, e fique bem imóvel, se quiser manter inteiro o cérebro do Doutor.

Vendo que a Srta. Howard, embora inconsciente, ainda respirava com regularidade, ergui as mãos parcialmente: se

as levantasse mais, revelaria o Colt enfiado em minhas calças.

Convicta de que tanto o Doutor quanto eu faríamos o que ela mandasse, Libby pareceu relaxar um pouco: com uma das mãos ajeitou o cabelo e em seguida o vestido, que, percebi, era o mesmo traje vermelho com renda preta em que a vira pela primeira vez. Nesse momento, sua expressão de loucura deu lugar a algo que poderia quase passar por pesar.

— *Por quê?* — perguntou ela, olhando para o Doutor.

— Pensei que isso fosse óbvio — respondeu ele, mantendo as mãos erguidas.

Antes que Libby pudesse responder, uma onda particularmente violenta de uivos e gritos subiu da rua, e ela voltou-se naquela direção.

— Está ouvindo isso? — perguntou ela. — É culpa *sua...* de *todos* vocês! Nada disso precisava acontecer!

— Se nós a deixássemos livre para continuar assassinando crianças, é o que você quer dizer? — indagou o Doutor.

— Assassinando crianças? — repetiu Libby, agora parecendo positivamente magoada. —

Tudo que fiz, tudo que sempre tentei fazer, foi *ajudá-las!*

O Doutor olhou-a de soslaio.

— Acredito que, de certa forma, você esteja sendo sincera, Elspeth Franklin — disse ele, baixinho.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça, os olhos dourados enchendo-se de lágrimas; então, de repente, bateu o pé no chão, com fúria.

— Se acredita, então por que está me *perseguindo* assim?

— Ouça-me, Elspeth — prosseguiu o Doutor. — Se você se entregar, talvez haja uma forma de ajudá-la...

A voz de Libby soou fria e maligna:

— É claro... na *cadeira elétrica*, seu patife mentiroso!

— Não — insistiu o Doutor, ainda num tom sereno. — Eu posso ajudá-la. Posso tentar fazer as autoridades compreenderem por que você fez essas coisas...

— Mas eu não fiz nada! — berrou Libby, o desespero renovado. — Será que não vê isso?

— Ela fez uma pausa, estudando o rosto do Doutor. — Não. Não, é claro que não. Você é um homem. Por que um homem compreenderia o que tem sido a minha vida... por que tive de tomar as decisões que tomei? Acha que eu *queria* isso? Não foi por minha culpa que essas coisas aconteceram!

Calculei que a única maneira de eu conseguir pegar o Colt era tentar deixar a mulher ainda mais irritada e desequilibrada do que já estava. Assim, embora soubesse que o Doutor não aprovaria, comecei a zombar dela:

— É mesmo? E o que me diz da criança que enterrou com o cachorro? De quem foi a culpa por *aquilo*?

— Você, fique quieto! — espumou ela, voltando-se para mim. — Você ainda não é nem homem... é só *um garoto*!

Tudo que lhe interessa são suas malditas necessidades, suas malditas

*vontades!* Com toda certeza uma mulher se matou de trabalhar para criá-lo, e como é que você lhe pagou, senão cuspiendo no rosto dela? Desobedecendo, lamuriando-se... — Segurando a pistola com mais força, Libby lançou-me um olhar mais feroz do que nunca com aqueles olhos dourados. — Quer saber sobre o menino no túmulo, não é? Eu não o pedi, eu não o queria. Eu tinha um namorado... um rapaz respeitável, de uma família que tinha um lugar em nosso mundo... o tipo de rapaz que eu poderia ter levado em casa para conhecer minha mãe, para mostrar que eu era capaz de... que eu era capaz de... — A voz começando a falhar, Libby baixou os olhos para o telhado revestido de alcatrão por um instante. — Ele teria feito qualquer coisa por mim. E eu *fiz* tudo por ele... mas então a família dele descobriu, e eles não... —

Rapidamente ela tornou a levantar os olhos. — E eu fiquei com sua *semente* mentirosa e suja em mim! Eu não errei em evitar uma desgraça! O que poderia ter sido senão um bastardo...

*mais* um *erro* meu? Assim, fiz o que era *certo*... mas não podia nem mesmo *contar* a ninguém!

Vendo que meu plano surtia o efeito desejado, continuei a pressionar:

— E quando você atirou em Matthew, Thomas e Clara? Suponho que não quisesse fazer aquilo tampouco... seu dedo escorregou no gatilho, ou as crianças *pediram* que atirasse nelas...

A essa altura o Doutor me fitava, perplexo e alarmado.

— Stevie, o que você...

Eu o ignorei.

— O que me diz disso? — insisti, a voz estridente. — Como foi que fez a coisa certa daquela vez?

Respirando agora em arquejos, Libby gritou:

— Era *melhor* para eles! Você acha que eu *queria* atirar neles? Era melhor para eles partir deste mundo...

— Certo! — gritei para ela. — Melhor para que você pudesse pegar o dinheiro deles e ir embora com seu namorado, o pastor!

— *Fique quieto! Malditas crianças, vocês não podem nunca ficar caladas?* — Engolindo em seco, Libby tentou, sem muito sucesso, controlar-se. — Você sabe o que vai conseguir com isso! Eu o avisei, e agora tenho de lhe mostrar!

Subitamente, olhando para mim da maneira como, imaginei, devia ter olhado para todas as crianças que matou segundos antes do ato, ela ergueu a pistola no ar e golpeou o Doutor na cabeça, fazendo-o desabar no chão, ainda consciente, mas sangrando de um corte acima da têmpora. O gesto brutal deu-me o tempo de que eu precisava: quando Libby puxou o Doutor pela gola, fazendo-o levantar-se, encontrou-me empunhando o Colt da Srta. Howard com ambas as mãos e apontando-o para ela.

— Muito bem — disse eu, o coração disparado. — Agora, se quer sair matando as pessoas, vá em frente. Mas eu lhe garanto: você vai ser a *segunda* a morrer.

## **CAPÍTULO 56**

Ela me olhava com a mesma expressão que se estampara em seu rosto no momento em que o Sr. Picton havia revelado que sabíamos sobre o túmulo atrás do celeiro no sítio de sua família: de surpresa e choque. Mais uma vez, tive a sensação de que ela não estivera em tal posição muitas vezes na vida; e isso, eu sabia, podia levá-la a atitudes imprevistas. Mas eu tinha minha própria dose de imprevisibilidade guardada na manga, e estava me preparando para administrá-la.

Os olhos dançando com medo e ódio, Libby primeiro apertou os lábios e então os abriu o suficiente para dizer:

— Eu vou matá-lo! Juro que vou!

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Sei disso — repliquei. — A questão é: você também quer morrer?

— Que opção eu tenho? — gritou a mulher de volta. — Maldito! Você é igualzinho aos outros... não me deixa nenhuma outra *opção*!

— Vou lhe dar uma opção — eu disse. — Você deixa o Doutor vir até mim, depois corre.

Não vamos segui-la.

O Doutor, ainda tonto com o golpe que recebera na cabeça, parecia tão confuso quanto Libby Hatch.

— Stevie, o que você está dizendo?

Mais uma vez, não lhe dei atenção.

— E então? — perguntei, mantendo os olhos fixos em Libby.



Ela brincou com a ideia por alguns instantes, parecendo tentada. Em seguida, tive uma ajuda inesperada, quando a voz do Sr. Roosevelt ribombou lá embaixo na rua:

— Eles estão batendo em retirada! Tenente Kimball!  
Destaque alguns de seus homens...

quero que Knox seja preso!

Permiti-me um breve sorriso nesse momento.

— Ouviu isso? — perguntei, fazendo um gesto com a cabeça na direção da extremidade do telhado. — Seu amigo Goo Goo está dando o fora. Então, como vai ser? Quer ser esperta e ir com ele?

— Como vou saber que vocês não vão me seguir? — indagou Libby.

A etapa seguinte de meu desempenho deveria ser a melhor: respirei fundo, mantendo os olhos fixos nos dela, e disse:

— Você pode levar esta arma. É a única que temos.

O Doutor estava tão atordoado que não compreendeu.

— Não! — exclamou ele. — Stevie, não...

Mas Libby o interrompeu.

— Deslize a arma até mim primeiro.

Balancei a cabeça negativamente.

— Você o solta primeiro. Deixe-o dar dois passos. Então entrego a arma.

— Stevie — insistiu o Doutor —, você não pode confiar...

Ele se calou quando Libby comprimiu o cano da pistola com força de encontro à sua cabeça.

— Ah, é isso mesmo, não é, Doutor? Não se pode confiar em Libby... não se pode confiar na *mulher*. Ela vai quebrar a palavra. Vai atirar em você pelas costas. Afinal, ela matou os próprios filhos, não foi? E todas as outras crianças também. Como se pode confiar em alguém que foi capaz de fazer tudo isso? Bem, vou lhe dizer uma coisa, Dr. Kreizler... — Afastando o cano da arma alguns centímetros do crânio do Doutor, Libby oscilou ligeiramente, como se tudo aquilo começasse a atordoá-la. — Vou lhe dizer — repetiu ela, a voz tornando-se mais suave e distante. — Fiz *tudo* por aquelas crianças. Pelas minhas, passei pela agonia do parto.

Pelas outras, passei pelas longas e *intermináveis* horas de cuidado dedicado a elas, sem poder dormir. Alimentando, limpando, trocando... e para quê? Para *quê*, Doutor? Elas nunca paravam de chorar. Nunca paravam de adoecer. Nunca paravam de querer coisas. — Com a mão livre, Libby agarrou o próprio cabelo, enquanto seu rosto e sua voz eram dominados por uma raiva e uma dor verdadeiramente desesperadas. — Querendo... sempre *querendo*. Não paravam nunca.

Eu fazia tudo que podia, *tudo*, mas nunca paravam! Devia ser suficiente. Era *tudo que eu podia fazer*... devia ser suficiente! Mas não era... nunca era. E então... será que vocês não conseguem ver? Para elas foi melhor que... — De repente, ela baixou os olhos e murmurou: — Então já não precisavam de mais *nada*... — Estremecendo, Libby tornou a levantar os olhos, a luz dourada da astuta assassina tendo retornado a eles. — Muito bem, garoto. Ele dá dois passos, então você desliza a arma.

Assenti.

— Combinado.

O Doutor tentou me deter mais uma vez:

— Stevie, não faça isso...

— Vamos, Doutor — Libby quase gargalhava, com sua voz assustadora. — Dê logo os dois passos...

Enquanto o Doutor se movia, Libby mantinha a arma apontada diretamente para sua cabeça. Quando ele se encontrava a uma distância que eu calculava ser longe o bastante dela, inclinei-me e pus o revólver da Srta. Howard no telhado.

— Stevie... — tentou o Doutor mais uma vez; mas limitei-me a olhar para ele, esperando que ele pudesse ler a mensagem em meus olhos. Foram necessários alguns segundos, mas ele acabou compreendendo. Em seguida, fechou a boca e assentiu.

— Muito bem — disse Libby. — Empurre-a para cá.

Fiz como ela dizia. O Colt parou bem aos pés de Libby, e ela rapidamente abaixou-se para apanhá-lo. Então tornou a se levantar, sem se virar para correr ou abaixar a pistola.

— Na verdade, Doutor — disse ela, com um de seus sorrisos mais ardilosos e sedutores —, o senhor tinha toda razão. — A pistola estalou ruidosamente, quando ela a engatilhou. — Não tenho a menor intenção de deixar nenhum de vocês...

Libby não chegou a completar a frase. Um leve ruído sibilante atravessou o ar noturno e saltei, agarrando as pernas do Doutor e puxando-o para baixo. Um tiro foi disparado, mas

atingiu apenas uma chaminé de ferro na casa ao lado com um clangor metálico. Então, tanto eu quanto o Doutor olhamos para cima.

O sorriso de Libby havia desaparecido, mas seus olhos continuavam abertos e ela ainda segurava a arma fumegante. Uma flecha pequena e rústica projetava-se da lateral de seu pescoço e eu sabia que, embora a mulher ainda se mantivesse de pé, havia uma boa chance de que já estivesse morta: a estricnina poderia tê-la matado antes mesmo que os músculos de suas pernas tivessem tempo de ceder. Após um ou dois segundos, ela desabou, primeiro de joelhos e então, depois de mais uma pausa, caindo para um lado.

O Doutor e eu corremos para ela imediatamente, eu cuidando de tirar-lhe a pistola da mão bem rápido. O Doutor, por sua vez, ergueu a cabeça da mulher e examinou-lhe os olhos, procurando em seguida pela pulsação no pescoço. Ele deve ter sentido alguma coisa, pois chamou:

— Elspeth? Elspeth Franklin?

Quando o último oxigênio deixava seus pulmões, Libby conseguiu formar as palavras

*“sempre querendo”*. Então se foi, e o Doutor estendeu a mão, fechando os olhos dourados pela última vez.

Não sei quanto tempo nós dois ficamos ali abaixados olhando para ela, mas sei que o que finalmente nos trouxe de volta à realidade foi o som de batidas na parte inferior da portinhola do alçapão.

— Sara? — Era a voz do Sr. Moore, gritando debaixo da saída fechada. — Stevie, Kreizler... que diabos aconteceu?

Vocês estão bem?

Tanto a portinhola quanto o corpo da Srta. Howard ergueram-se brevemente, enquanto o Sr. Moore tentava sair para o telhado; e, com o movimento, a Srta. Howard começou a voltar a si, primeiro gemendo, e então, quando os olhos se abriram, rolando para o lado e caindo no telhado com um leve grunhido.

— Sara — disse o Doutor, preocupado. Rapidamente deixou o corpo de Libby Hatch no telhado e correu para onde a Srta. Howard estava caída, no momento exato em que o Sr. Moore saía pelo alçapão, passando para o telhado com um salto.

— Santo Deus! — exclamou ele, examinando a cena. — Que diabos aconteceu aqui?

Ignorando a pergunta, o Doutor tirou um lenço do bolso e ergueu os ombros da Srta.

Howard, apoiando-os em seu joelho. Então começou a limpar e examinar o local na cabeça onde ela fora atingida, logo satisfazendo-se ao verificar que não se tratava de ferimento grave.

Esfregando-lhe delicadamente as maçãs do rosto com as mãos, ele por fim conseguiu fazê-la focalizar os olhos nele.

— Doutor — arfou ela. Olhando à sua volta, tentou mover-se, ainda atordoada. — O que aconteceu... onde...

O Doutor segurou-a, imobilizando-a.

— Fique calma, Sara — disse, com um sorriso, tirando-lhe o cabelo do rosto, enquanto o Sr. Moore e eu nos aproximávamos. — Já acabou. Pelo menos esta parte da

história. — Em seguida, ajudou-a a virar-se, sem mover-lhe muito a cabeça, para que ela pudesse ver o corpo de Libby Hatch.

— Ela está... morta? — perguntou a Srta. Howard; e apesar de estar ainda um tanto grogue, pude perceber um leve toque de tristeza em sua voz.

— Está — disse o Doutor com delicadeza, pressentindo, creio eu, como a Srta. Howard se sentia.

Ela olhou o corpo por mais alguns segundos e então, numa espécie de espasmo, deixou escapar um som que parecia a combinação de um arquejo e um soluço profundo e solitário.

Voltou-se para nós então e pude ver uma lágrima em seu rosto.

— Sinto muito — sussurrou ela, enxugando a lágrima o mais rápido que pôde. — Sei que eu não deveria...

O Doutor a aquietou com um leve “psit” e voltou a esfregar-lhe o rosto suavemente.

— Não se desculpe. Alguém *deve* derramar uma lágrima neste momento. — Ele fez uma pausa e então olhou para Libby Hatch. — Mas confesso que não posso. Não posso...

A Srta. Howard de repente pareceu confusa.

— Mas... — disse ela, tentando sentar-se —, quem...

— Isso é o que eu gostaria de saber — acrescentou o Sr. Moore, olhando para o Doutor e para mim.

— Dê uma olhada no pescoço dela — respondi.

Caminhando com cuidado pelo telhado, como se Libby ainda pudesse levantar-se e atacá-lo, o Sr. Moore examinou-lhe atentamente o corpo, e então assentiu.

— Ah... então, no fim, foi o aborígine. — Ele apanhou o Colt da Srta. Howard e então olhou para os telhados das casas à nossa volta. — Onde ele está? — perguntou.

— Não sei — respondi, dando de ombros. — Bem longe, a essa altura, e indo para mais longe ainda. Espero.

— Bem, é melhor ficarmos com esta flecha — respondeu o Sr. Moore, removendo-a cuidadosamente do pescoço de Libby. — Eu não iria querer tentar explicar isso a Roosevelt —

acrescentou ele, atirando a seta sobre a borda do telhado no quintal dos fundos. — E tenho certeza de que o ferimento será misterioso o bastante para confundir qualquer legista tolo que a polícia convoque. — Voltando rapidamente até nós, ele me dirigiu um olhar inquisitivo porém aprovador. — Vocês dois planejaram isso, Stevie?

— Eu não diria exatamente que *planejamos* — respondi.

O Doutor olhou para mim, incerteza e orgulho transparecendo num leve sorriso.

— Seus instintos de apostador parecem irrecuperáveis, Stevie.

— Não era uma aposta — disse eu. — Não se o conhecesse como conheci.

A Srta. Howard, a mente clareando, levou a mão ao lado do rosto ligeiramente ensanguentado do Doutor.

— O senhor está machucado — disse ela.

— Isso também, graças ao nosso jovem amigo — replicou o Doutor, sinalizando em minha direção. — Mas não é nada sério... Parece que tudo fazia parte do plano de Stevie.

— Ei, esperem um pouco — protestei de imediato. — Eu não sabia que ela iria *acertar* o senhor...

O Doutor já tinha a mão levantada.

— Valeu a pena... um castigo adequado por ter duvidado de sua capacidade de julgamento nessas questões. — Em seguida, seus olhos negros lançaram-me um olhar mais grave. — Falo sério, Stevie. Foi um trabalho brilhante.

Como se para enfatizar a observação, o Sr. Moore revolveu-me os cabelos e a Srta. Howard sorriu para mim — e toda essa atenção, é claro, sempre fazia minha pele formigar. Felizmente, fui rápido em encontrar uma forma de mudar de assunto:

— E quanto a Ana? — perguntei, olhando para o Sr. Moore.

O rosto dele de repente ficou sério.

— Ah, meu Deus — disse, com um tom que me pareceu de terror. — Sim, Ana. — Ele olhou para o Doutor e para a Srta. Howard. — Vocês dois conseguem descer?

A Srta. Howard começou a tentar se levantar.

— Acho que sim — disse ela, enfim se pondo de pé. — Por que, John? O que aconteceu?

O Sr. Moore, com uma expressão ainda inescrutável, limitou-se a abanar a cabeça.



— Eu poderia lhes contar — disse ele. — Mas vocês nunca acreditariam.

## **CAPÍTULO 57**

Quando chegamos ao primeiro andar da casa, a atividade lá fora, na rua, parecia ter-se acalmado um pouco, e a julgar pelos vivas gritados por nossos marinheiros, eles tinham saído vencedores do embate. Ao passarmos pela porta de entrada, Marcus entrou, confirmando que os Dusters haviam fugido, resultado que ele também aparentemente considerava muito animador. Coube a mim ser o desmancha-prazeres, informando a todos que, se de fato os Dusters haviam desaparecido por ora, provavelmente estariam de volta: logo, em número maior (decerto chamariam outros auxiliares) e mais bem armados, o que significava munidos com armas de fogo.

— O que o faz pensar assim, Stevie? — perguntou o Sr. Moore, metendo a cabeça pela porta e olhando lá fora. — Esses rapazes da Marinha os deixaram com um belo olho roxo. Eu não diria que estejam ansiosos em voltar em busca de mais.

— Eles precisam — respondi. — Nós os enfrentamos bem no meio de seu território. Se deixarem as coisas assim, irão *perder* este território para todas as gangues que fazem limite com eles. É um sinal de fraqueza, e eles não podem se dar a esse luxo.

— A lógica de Stevie, mais uma vez, é consistente — disse o Doutor. — Não vamos esquecer que ele conhece este mundo muito melhor do que todos nós. Marcus, sugiro que você encontre Roosevelt. Diga a ele que esqueça a prisão de Knox ou de qualquer outro, e simplesmente designe um

grupo de homens para tirar o corpo de Libby Hatch do telhado.

Então voltaremos para os barcos.

Anuindo, Marcus virou-se para o Sr. Moore.

— Você os está levando lá embaixo, John? — O Sr. Moore fez que sim com a cabeça, e então Marcus voltou-se para mim.

— Foi o jardim que me deu a dica, Stevie. Lembra-se de como parecia malcuidado? E do quão estranhas você disse que aquelas ferramentas lá embaixo eram?

Intrigado, franzi as sobrancelhas.

— Sim?

— Bem — disse o sargento-detetive, tornando a sair à rua —, havia uma razão.

Ainda mais confusos pelo último comentário, o Doutor, a Srta. Howard e eu acompanhamos o Sr. Moore até a porta do porão, seguindo então para a caverna empoeirada lá embaixo.

A única lâmpada elétrica estava acesa, mostrando que tudo estava praticamente da mesma maneira como eu as deixara na noite em que estive ali: em outras palavras, não havia o menor sinal de porta secreta arrombada, fato que surpreendeu não só a mim, como também ao Doutor e à Srta. Howard.

— Moore — disse o Doutor —, pensei que você tivesse dito...

O Sr. Moore ergueu a mão.

— Tornamos a fechá-la para que vocês sentissem todo o efeito — replicou ele, passando pela estante de conservas e indo até a coleção de ferramentas de jardim, velhas e enferrujadas.

— Fizemos tudo que nos foi possível para tentar mover isso manualmente — disse ele, apontando a estante. — E talvez você tivesse conseguido movê-la, Stevie, se houvesse apanhado outra coisa que não aquela velha enxada para tentar alavancá-la por trás.

— O que o senhor quer dizer? — perguntei, ainda sem compreender.

O Sr. Moore apontou para as duas ferramentas maiores — uma pá e um ancinho de ferro

— que estavam lado a lado.

— Abre — disse ele, apontando a pá — e fecha — completou, tocando o ancinho.

— Moore, não temos tempo para jogos — disse o Doutor. — De que diabos está falando?

Como resposta, o Sr. Moore ergueu um dedo e então agarrou o cabo da pá. A ferramenta não saiu do local onde estava encostada; em vez disso, num movimento de pivô, levantou-se de um ponto no chão, ao qual aparentemente estava presa. Quando o Sr. Moore baixou a ferramenta naquele mesmo ponto, imagine só, a estante de conservas começou a se mover, como se tivesse vida própria: afastou-se da parede divisória de tijolos, ao lado do forno, e revelou um buraco — um quadrado de menos de um metro de lado — no chão de pedra, levando a um pavimento abaixo da casa.

— Ah, meu Deus — sussurrou a Srta. Howard, dando um passo à frente, na direção do buraco. O Doutor e eu a seguimos, chocados, incapazes de falar.

— O suficiente para um adulto normal passar — afirmou o Sr. Moore, apanhando uma das tochas portáteis dos Isaacsons, que estava ali perto. — Assim como toda a galeria.

— Galeria? — ecoou o Doutor.

— Vamos — chamou o Sr. Moore, dando alguns passos até uma escada de ferro fixa à lateral de um poço profundo que descia a partir do buraco. — Vou mostrar a vocês.

Com isso ele desapareceu no subsolo, enquanto o restante de nós se entreolhava nervosamente.

— Por que será que não tenho a menor vontade de ir lá embaixo? — perguntei baixinho.

— Você passou por um bocado de coisas terríveis, Stevie — respondeu a Srta. Howard, pousando a mão em meu braço. — E o que vamos encontrar lá embaixo pode não ser muito agradável.

— Seria totalmente compreensível se você quisesse esperar aqui — concordou o Doutor.

Sacudi a cabeça.

— Não é isso. Eu quero ver, mas... — Tentando me livrar do nervosismo, passei à escada.

— Ah, diabos! — exclamei. — Será que ainda pode ficar pior?

Movendo-me com cuidado, segui a tocha do Sr. Moore, que pareceu parar uns cinco metros abaixo.

— Espere um segundo antes de acabar de descer, Stevie — gritou ele para mim —, para que eu entre na passagem lateral. Cada um de vocês terá de fazer o mesmo.

— Passagem lateral? — repeti.

— Vai ver quando chegar aqui.

E foi o que aconteceu. No fundo do poço, cujas paredes eram de concreto rústico, havia uma abertura que levava a um túnel estreito que seguia obliquamente. O espaço era suficiente apenas para dar passagem a uma pessoa agachada, de modo que era possível mover-se

rapidamente sem de fato rastejar. O Sr. Moore me conduziu a esse túnel, e em seguida fez o mesmo com a Srta. Howard e o Doutor, quando eles chegaram. Depois disso, direcionou a tocha naquela que eu calculava fosse a direção do quintal dos fundos, revelando que a passagem — que também era de concreto — seguia por mais de dez metros. O lugar cheirava a umidade, mas não era nem de longe tão asfíxiante quanto deveria ser.

— Isso é uma corrente de ar? — indagou a Srta. Howard, lambendo o dedo e mantendo-o erguido.

— Chega a ser quase uma brisa — respondeu o Sr. Moore, o rosto iluminado pelo clarão da tocha — quando se chega à outra extremidade.

— Mas o que a produz? — perguntou o Doutor.

— Tudo faz parte da surpresa, Laszlo — respondeu o Sr. Moore, começando a descer o túnel em direção a um leve

brilho de luz que invadia a outra ponta. Ele colocou a mão livre em concha diante da boca e gritou: — Lucius! Ainda está aí?

— Estou, John — veio a resposta sussurrante de Lucius. — Mas fale baixo, droga!

Prosseguimos confusamente, curvados como mineiros de carvão, e enquanto avançávamos, um pensamento me ocorreu:

— Não estou ouvindo nenhum bebê chorar — comentei, sombrio.

— Não — replicou o Sr. Moore, naquele mesmo tom de voz inescrutável que usara no telhado. — Não está.

Em mais alguns segundos havíamos alcançado o fim da passagem, chegando a uma pequena porta de madeira ligeiramente entreaberta. Era por essa fresta que passava a luz que víamos na outra extremidade. Aquela porta parecia levar a outra câmara; e enquanto nos ajeitávamos para entrar, meus nervos estavam mais perturbados do que nunca. Imagens de câmaras de suplício em masmorras de castelos começaram a atravessar minha mente: donzelas de ferro, cavaletes de tortura, ferros incandescentes, exposição à imundície e aos ratos — quem saberia o que Libby Hatch usara para tentar fazer com que as crianças indisciplinadas que sequestrara se comportassem? Comecei a me perguntar se não deveria mesmo ter ficado esperando lá em cima — mais uma vez, porém, engoli todas as minhas hesitações.

— Muito bem — disse o Sr. Moore. — Todos preparados? — Ninguém disse que sim, mas tampouco disse que não, e o Sr. Moore aceitou isso como um sinal para que prosseguisse.

—

Então, sigam-me.

Ele abriu a porta e entramos no quarto.

A primeira coisa que se percebia no local era a luz: luz brilhante, produzida não por lâmpadas elétricas simples, mas por pequenos abajures muito agradáveis, que se encontravam sobre um par de criados-mudos de madeira e uma pequena cômoda pintada de um tom suave de rosa. As paredes haviam sido cobertas com papel estampado com desenhos de filhotes de animais pequeninos e sorridentes, sobre um fundo branco. O papel refletia a luz dos abajures e tornava o clarão, principalmente quando se saía da escura passagem, ainda mais ofuscante.

Como dissera o Sr. Moore, a corrente de ar que sentíamos se transformou numa espécie de brisa assim que entramos no quarto — uma brisa que, na verdade, vinha a ser muito refrescante: era produzida, disse-nos ele, por ventiladores elétricos no interior de poços de ventilação menores, que levavam ao quintal nos fundos da casa, trazendo o ar dali. Na parede oposta à da cômoda, havia um lindo berço, coberto com um cortinado de renda branca. Numa

terceira parede, fora instalada a estrutura de uma janela, com vidro inclusive, e por trás dela um pintor talentoso retratara uma bucólica paisagem campestre, que fazia lembrar as colinas onduladas e os pastos abertos do condado de Saratoga. No chão, via-se um tapete feito a mão e uma bela cadeira de balanço de carvalho ficava a um canto; e, por toda parte, havia montanhas de brinquedos, de todo tipo — de uma refinada caixa de música a bichinhos de pelúcia e blocos de montar.

Na realidade, se estivesse sobre a terra, aquela seria um luxuoso quarto de bebê.

— Santo Deus! — murmurei, atônito demais para falar qualquer outra coisa.

Minha perplexidade aumentou ainda mais quando olhei para o canto do quarto onde se encontrava a cadeira de balanço:

Nela estava sentado o sargento-detetive Lucius, balançando suavemente para a frente e para trás, tendo nos braços uma satisfeita Ana Linares.

Diante de três rostos perplexos, o sargento-detetive ruborizou-se ligeiramente.

— Tive de trocar a fralda para que ela parasse de chorar — disse ele, com certo constrangimento. — Mas foi tudo bem. Tive muita prática com os filhos de minha irmã.

— Aparentemente — disse o Doutor, aproximando-se deles e curvando-se para pousar um dedo no rosto de Ana —, saiu-se muito bem, sargento-detetive. Meus parabéns.

A Srta. Howard e eu olhamos à nossa volta.

— Ela está bem, então? — perguntou a Srta. Howard.

— Bem, está subnutrida, com certeza — respondeu Lucius. — E com cólicas. Mas era de se esperar, suponho. — Seus olhos de repente iluminaram-se com interesse. — É o que aconteceu com a Sra. Hatch?

— O aborígine a acertou — anunciou o Sr. Moore. — Os marinheiros estão recolhendo o corpo neste momento. E, segundo nosso especialista em gangues de plantão aqui — apontou em minha direção —, temos de ir embora *todos*, antes que os Dusters voltem procurando ainda mais encrenca.



— Certo — replicou Lucius, nervoso, levantando-se com o bebê, cuidadosamente. — Acho que é uma ideia sábia. Sara, você gostaria de...

A Srta. Howard, porém, não fez o menor gesto para pegar a criança; em vez disso, sorriu um pouco maliciosa.

— Você está se saindo muitíssimo bem, Lucius. E eu ganhei um senhor galo na cabeça.

Tenho medo... de perder o equilíbrio na saída daqui.

— *Importa-se* de levá-la, sargento-detetive? — perguntou o Doutor, percorrendo o quarto e tentando, pareceu-me, gravar a surpreendente imagem em sua mente, antes de partirmos.

— Não, não — respondeu Lucius, ainda embalando o bebê. Então lançou um olhar de advertência para todos nós. — Só não quero ouvir falar do episódio nos próximos anos, só isso. — Dando alguns passos à frente, ele parou ao lado do Doutor e, assim como este, correu os olhos pelo quarto. — Um pouco difícil de aceitar, não é?

O Doutor limitou-se a dar de ombros.

— É? Eu me pergunto...

— O que quer dizer, Laszlo? — interveio o Sr. Moore, apanhando um cachorrinho de pelúcia e esfregando-o no próprio nariz. — Levando-se em conta a mulher com quem estávamos lidando, eu teria esperado algo bem mais... *austero*. Isso para usar um eufemismo.

— Esse era apenas um lado dela, John — disse a Srta. Howard, correndo um dedo sobre os sorridentes filhotes no papel de parede do quarto.

— Com certeza, Sara — concordou o Doutor, baixinho.

— Bem — comentei, recuperando-me por fim de meu atordoamento —, de qualquer forma, uma coisa é certa.

— O que é, Stevie? — perguntou o Doutor, olhando em minha direção.

Dei de ombros.

— Ela finalmente conseguiu um pouco de privacidade. Precisou cavar até a China para isso, mas...

O Doutor assentiu.

— É verdade. — Ele olhou para Ana Linares. — E ainda assim, mesmo aqui, isolada do mundo, ela não foi capaz... não foi capaz... — As palavras do Doutor morreram quando ele fitou os imensos olhos redondos do bebê, quase tão escuros quanto os seus próprios. — Você

— disse ele, esquecendo-se do último pensamento e pondo a mão sob o queixo de Ana, fazendo-a dar aquele sorriso enorme e corajoso que passáramos a conhecer tão bem da fotografia que sua mãe nos dera. — Você foi uma mocinha muito difícil de encontrar, *señorita* Linares. Mas graças a Deus está bem. Graças a Deus...

— Bem — disse o Sr. Moore —, não vai *ficar* assim se nós não sairmos daqui. Portanto, dê uma última e boa olhada à sua volta, Kreizler... algo me diz que não voltaremos ao território dos Dusters por um bom tempo.

Assim, começamos a voltar pela passagem, deixando o Doutor para trás por alguns segundos, a fim de lhe dar um pouco mais de tempo para memorizar o estranho esconderijo que fora a obsessão de Libby Hatch, e que era

agora, estando ela morta, o único esquema remanescente do funcionamento de sua mente perturbada.

De volta ao piso térreo, vimos que o Sr. Roosevelt e o tenente Kimball haviam entrado na casa, junto com Marcus. O restante dos marinheiros se agrupara em torno dos degraus lá fora, e alguns carregavam uma padiola dobrável que deviam ter ido buscar numa das vedetas-torpedeiras. Amarrado à padiola estava o corpo de Libby Hatch, envolto num lençol. O ânimo geral do grupo parecia ter mudado da comemoração para a preocupação: aparentemente dois marinheiros haviam visto alguns Dusters avançando em nossa direção, o que indicava que a gangue estava de fato preparando um novo ataque. Assim, saímos à calçada rapidamente, os marinheiros formando um círculo em torno de Lucius, que ainda segurava o bebê, e dos homens que levavam a padiola. Então, em passo acelerado, começamos a trotar de volta ao rio.

No caminho, emparelhei o passo ao de Cyrus. Suas roupas estavam um tanto desarrumadas, mas, fora isso, ele parecia em ótimo estado — e muito satisfeito.

— Não são muitos os que saem de um confronto com Ding Dong parecendo tão bem quanto você, Cyrus — comentei, sorrindo para ele.

Ele deu de ombros, embora não pudesse evitar um leve sorriso também.

— Isso porque não são muitos os que o enfrentam numa luta justa — replicou Cyrus.

— Então posso adivinhar que você se saiu vitorioso?

Olhando à frente, para o pátio de obras da Bell Laboratories, que agora estava à nossa esquerda, Cyrus respondeu:

— Deixo que você julgue por si mesmo.

Ele fez um sinal com a cabeça na direção de uma pilha alta de tijolos: escorado nela estava Ding Dong, o rosto uma colcha de retalhos de contusões, e os braços e pernas projetando-se em ângulos inesperados.

— Meu Deus! — exclamei, assoviando baixinho. — Ele está vivo?

— Ah, sim, está vivo — replicou Cyrus. — Embora pela manhã talvez deseje não estar. —

Assenti sombriamente, experimentando um profundo senso de justiça; e enquanto marchávamos em direção ao rio, Cyrus dirigiu-me um olhar expressivo: — Você sabe que sempre achei que ela significava encrenca certa, Stevie — disse ele. — Não vou negar isso agora. Mas ela agiu corretamente com você, conosco e com o bebê, no fim... Então, acho que eu estava errado.

Lancei a ele um olhar que esperava transmitisse a gratidão que eu sentia.

— Você não estava errado — afirmei. — Ela era encrenca, sim. Mas era outras coisas também.

Cyrus assentiu com a cabeça.

— Isso era mesmo...

O estado de espírito de nosso pequeno exército melhorou consideravelmente assim que cruzamos a West Street e tomamos a direção, no mesmo passo acelerado, do sul da zona portuária. Quando a imensa silhueta negra do píer da White Star Line começou a avultar-se, podia-se sentir a

nuvem de ansiedade erguer-se acima de nossas cabeças; mas coube ao Sr.

Roosevelt dar o sinal oficial de que podíamos respirar livremente.

— Ora, pois bem, Doutor! — ribombou ele, quando passávamos pela Perry Street. —

Parece que gozamos uma vitória!

— Deixo o julgamento final para quando estivermos em segurança, depois de soltas as amarras — respondeu o Doutor com cautela, ainda vigiando as ruas à nossa volta. — Mas os resultados preliminares são encorajadores.

O Sr. Roosevelt deu uma estrondosa gargalhada.

— Pelo amor de Deus, Kreizler! Se já encontrei um homem mais apto a ver o lado negro de uma situação do que você, não me dei conta disso! É verdade, não prendemos aquele demônio do Knox, mas entregamos uma mensagem que aqueles porcos não vão esquecer facilmente, e à custa de apenas umas poucas contusões em nossos homens! Goze o momento, Doutor... Saborei-o!

— Nossos danos não passaram de contusões? — indagou o Doutor, ainda sem estar pronto para entregar-se à comemoração.

— Bem, está certo, dois homens tiveram um braço quebrado — admitiu o Sr. Roosevelt.

— E outro sofreu uma fratura no maxilar. Mas eu lhe asseguro, os culpados pagaram com juros. Portanto, não aceito nem um pouco da sua melancolia, meu amigo, nem um pouco!

Você precisa aprender a *desfrutar* seus triunfos!

O Doutor sorriu com aquelas palavras, embora eu acredite que fosse mais por divertimento diante da atitude incorrigível do velho amigo do que por alegria verdadeira com o que acabara de acontecer no número 39 da Bethune Street. Ah, ele estava feliz por termos resgatado a pequena Ana, disso eu não duvidava; mas os derradeiros segredos do porquê de todos os horrores que havíamos experimentado agora estavam para sempre ocultos na padiola que os dois marinheiros ao lado do sargento-detetive Lucius carregavam. Legalmente impedido por

ora de usar a sala de operações em seu Instituto, o Doutor não tinha lugar para executar uma autópsia no cérebro de Libby Hatch, a fim de ver se havia nele algum tipo de anormalidade. E

ainda que não houvesse essa restrição, os sargentos-detetives não podiam entregar um corpo com a cabeça dissecada a seus superiores. Eu sabia que, ao lado da morte de Libby, essas considerações iriam sempre evitar que o Doutor visse nossa experiência como um “triunfo”, assim como a morte de Kat tornaria a lembrança da aventura especialmente triste para mim.

Chegamos às vedetas-torpedeiras sem problemas e o corpo de Libby Hatch foi embarcado na primeira delas. Os Isaacsons planejavam acompanhar esse barco até um cais da polícia, perto do Battery, onde poderiam encerrar o caso que o departamento tanto resistira em abrir. A Srta. Howard, nesse ínterim, levaria Ana Linares no barco da frente com o restante do grupo, primeiro para o Arsenal de Marinha do Brooklyn e, dali, para a casa do Doutor, onde, uma vez em segurança, ela telefonaria para a *señora*, que desde aquela

tarde estava à espera de uma mensagem nossa no consulado francês, onde fora esconder-se do marido.

Com a mente agora completamente clara, a Srta. Howard subiu a bordo da vedeta-torpedeira da frente sem dificuldades, e esperou que Lucius descesse a escada com Ana, passando-a para ela; mas, não imprevisivelmente, o Sr. Roosevelt interveio para fazer as honras.

— Pode voltar para seu barco, sargento-detetive — disse ele, tomando a menina nos braços. — Tenho bastante experiência com pequenos fardos como este. Pode ficar tranquilo que vou embarcá-la em segurança! — Aninhando Ana num braço, o Sr. Roosevelt então desceu com agilidade a longa escada, que levava do cais ao barco. Ele movia-se com muito mais facilidade, levando-se em conta sua carga, do que qualquer um de nós teria sido capaz; e lembrei-me, ao vê-lo, de que ele tinha cinco filhos pequenos, os quais muitas vezes deveria ter carregado em situações semelhantes, senão idênticas.

Assim que se viu a bordo, quando estava entregando o bebê para a Srta. Howard, o Sr.

Roosevelt parou um momento para olhar com atenção o rostinho encantador de Ana.

— Ora — disse ele, com suavidade, num tom que não era absolutamente o seu habitual —, que rostinho extraordinário! Olhe para esses olhos, Doutor!

— É — concordou o Doutor, saltando da escada para o barco. — Já os vi, Roosevelt. É

uma criança linda.

Acariciando com um dos imensos dedos o rostinho de Ana, o Sr. Roosevelt perguntou de repente:

— De quem ela é filha?

O Sr. Moore, a Srta. Howard, o Doutor, Cyrus e eu, todos gelamos; felizmente, porém, o Sr. Roosevelt estava por demais preocupado para notar.

— De quem? — repetiu suavemente o Doutor, enquanto os motores do nosso barco roncavam, voltando à vida, e a tripulação começava a soltar as amarras. — Isso importa, Roosevelt?

— Se importa? — replicou o Sr. Roosevelt, dando de ombros.  
— Não sei se importa, mas, depois do que passamos, gostaria de conhecer os pais dela. — Ele abriu um amplo sorriso quando Ana estendeu a mãozinha e agarrou seu dedo. — E de lhes dizer o quanto tiveram sorte em contratar o serviço de todos vocês.

— Os pais dela — disse a Srta. Howard, calma e prontamente — são funcionários diplomáticos. Do consulado *francês*. Infelizmente, pretendem voltar para casa assim que recuperarem a filha. O que é compreensível.

— Ah, sim — concordou o Sr. Roosevelt, ficando sério por um momento. — É

compreensível, suponho... bastante compreensível. Mas espero que deixem claro para eles, Sara, que esse tipo de incidente não é típico de nosso país.

— É claro — respondeu a Srta. Howard.

— Franceses, é? — disse o Sr. Roosevelt, tornando a sorrir enquanto estudava o rosto de Ana. — Pena que não sejam



espanhóis. Ela tem alguma coisa de espanhola, esta menininha.

Seria útil para mostrar àqueles patifes como um povo *livre* cuida de um problema como este!

— Hummm, é — concordou casualmente o Sr. Moore. — Seria mesmo.

— No entanto — prosseguiu o Sr. Roosevelt, enquanto nosso barco cruzava o centro do Hudson —, como você diz, Doutor, pouco importa de quem ela é filha. É uma criança, e agora está em segurança. — Nesse momento, Ana tornou a agarrar o dedo brincalhão do Sr.

Roosevelt, fazendo o sorriso dele abrir-se. — Sabem — continuou ele, baixinho —, acho que a mão de um bebê é a coisa mais bonita no mundo.

## **CAPÍTULO 58**

Uma vez estando todos de volta à Rua 17, Lucius descobriu que o Doutor tinha uma mamadeira no consultório (que ele usava, por ironia, para ensinar mulheres com problema em desmamar os filhos) e começou a preparar nela uma mistura que ele acreditava ajudaria Ana Linares a acabar com o vestígio de cólica que continuava, a intervalos de poucos minutos, a roubar-lhe o sorriso feliz e a risada alegre. Leite, mel e o pouco do elixir paregórico que restara de minhas tentativas de medicar Kat entraram no preparo, e quando o sargento-detetive deu a mamadeira à menina, ela de fato pareceu recuperar a cor e vivacidade. Era um sopro de ar fresco ter um símbolo de vida nova, satisfeito e até mesmo feliz, entre um grupo de pessoas que nada haviam vivido além de violência e morte durante dias e noites intermináveis. Na verdade, tão poderoso foi o efeito da presença de Ana que todos nos revezamos embalando-a e

alimentando-a, deixando que a alegria intocada da menina em estar viva e nossa consciência de que a havíamos resgatado de um encontro muito próximo com a morte efetuassem o tipo de mágica curativa de que somente as crianças são capazes.

Já quase à uma da manhã, o Sr. Roosevelt e o tenente Kimball partiram, voltando para Washington, a fim de retomar o trabalho de planejar a guerra com a Espanha, que eles acreditavam e esperavam estivesse próxima. Até hoje não sei se alguém mais tarde disse ao ex-comissário de polícia o quanto nossa missão daquela noite poderia estar relacionada —

tivessem os acontecimentos se passado ligeiramente diferentes — à deflagração daquela guerra; algo me diz que ele e o Doutor devem ter conversado a respeito antes da morte do Sr.

Roosevelt, no início deste ano. O fato mais importante, porém, tanto na época quanto agora, era que o Sr. Roosevelt viera em nosso auxílio sem saber nada além de que seus amigos e uma criança inocente estavam em apuros. Isso só me fez apreciar e respeitar o homem ainda mais; e ao pensar nele agora, afastando-se da casa em seu landau, a caminho da Grand Central Station, dirigindo-nos aquele sorriso magnífico que um dia daria farto material de trabalho aos cartunistas políticos, pergunto-me por que tão poucos homens têm essa espécie de força que ele possuía: essa capacidade especial de, por um lado, ser delicado e amoroso com um bebê e, de outro, quebrar a cabeça de desordeiros como os Hudson Dusters. Essa é uma questão que ainda me intriga.

Os sargentos-detetives haviam deixado no Primeiro Distrito Policial, na New Street, o corpo de Libby Hatch, que fora

levado para lá após o desembarque no cais da polícia. Do Primeiro Distrito, o cadáver seguiu para o necrotério, fato que me inflamou o espírito: não me agradava a ideia de a assassina encontrar-se no mesmo edifício que Kat, ainda que ambas estivessem mortas. No entanto, nada havia que se pudesse fazer a respeito, pois era preciso efetuar uma autópsia em Libby. (Os resultados desse procedimento, mais tarde soubemos, foram “inconclusivos”, exatamente como o Sr. Moore suspeitara.) Quanto a El Niño, eu quase esperava que ele telefonasse naquela noite, só para se certificar de que tudo dera certo; mas

então percebi que, para ele, tudo já estava certo. Seu *jefe* fora vingado e a menina Ana voltaria para a mãe; tudo que restava para ele em Nova York eram problemas com a lei e, quando parei para refletir a respeito, me dei conta de que preferia que ele fosse rápido em sair da cidade — e quem sabe do país — a retardar-se para arriscar um contato conosco.

A Srta. Howard, por seu lado, havia telefonado, como planejado, para o consulado francês, na parte alta da cidade, imediatamente após nossa chegada à casa do Doutor, a fim de informar à *señora* Linares que estava tudo bem e que, assim que tivesse proteção policial, levaria Ana até ela. Todos sabíamos que os sargentos-detetives eram necessários a essa tarefa, e que era melhor que estivessem armados quando a executassem: não havia como dizer que novos criados o *señor* Linares havia contratado quando El Niño se bandeara para o nosso lado, ou se estes, como o aborígene, estavam vigiando a casa do Doutor. Mas, como veio a se comprovar, essa precaução era desnecessária: a Srta. Howard, Marcus e Lucius levaram o bebê de volta à mãe sem o menor sinal de problema. Quando voltaram, contaram-nos que a *señora* estava decidindo se voltava para a família, na Espanha, ou se seguia para oeste, para

aquelas regiões dos Estados Unidos onde novos começos eram fato comum e onde, eu um dia esperara, Kat poderia ter recomeçado sua vida. Mas a imensa e inexprimível alegria que a *señora* sentira quando lhe entregaram Ana, segundo a Srta. Howard e os Isaacsons, foi bastante para fazer essas decisões parecerem de pouca importância no momento, e deu aos três membros de nosso grupo a forte sensação de que tudo por que havíamos passado valera a pena.

Talvez isso fosse mesmo verdade — para eles. Para o Sr. Moore e para mim, porém, sempre haveria perguntas: se agíramos certo ao envolver pessoas de quem gostávamos profundamente num caso que acabara por lhes custar a vida. Essas perguntas raras vezes têm respostas fáceis, e nunca desaparecem: sentado aqui, escrevendo estas palavras, não posso dizer que esteja mais perto de aquietar essas dúvidas do que estava às três da manhã daquele dia, quando todos finalmente dirigiram-se a suas casas e quartos, e fiquei sentado por uma hora no peitoril da janela de meu quarto, fumando cigarros lacrimosamente e vendo os olhos de Kat por todo o céu estrelado.

Havia ainda os funerais para assistir, e após uma cerimônia simples em homenagem a Kat no Calvary Cemetery, na tarde de quarta-feira — no qual me senti grato por todos os membros de nosso grupo comparecerem —, embarcamos num trem na manhã de quinta-feira, a fim de voltar a Ballston Spa e assistir ao enterro do Sr. Picton no mesmo cemitério da Ballston Avenue que havíamos, fazia poucas semanas, violado. Era tristeza, afeição e respeito, naturalmente, o que nos trouxe de tão longe para nos despedir pela última vez do homenzinho agitado, com o cachimbo eternamente aceso, que se recusara a deixar o caso dos assassinatos na estrada de Charlton morrer, e que, com sua morte, nos dera o motivo legal de que

precisávamos para perseguir Libby Hatch abertamente em Nova York. Também a curiosidade nos levava ao norte: curiosidade sobre o que significavam as últimas palavras do Sr. Picton sobre “uma pista” no cemitério.

De pé à beira da cova aberta, enquanto seu caixão era baixado, cada um de nós lançou olhares furtivos às lápides dos outros membros da família; e ficamos todos ligeiramente chocados ao descobrir que todos naquele jazigo — não apenas os pais do Sr. Picton, como também uma irmã e um irmão mais novos — haviam morrido exatamente no mesmo dia. Isso levou o Doutor a fazer com discrição algumas perguntas à Sra. Hastings após a cerimônia, as

quais ela respondeu dizendo que, de fato, a família do Sr. Picton fora toda morta numa noite, quando dormiam, por um vazamento de gás no casarão no fim da High Street. Quando isso acontecera, o Sr. Picton estava ausente, na faculdade de direito, e ele nunca falou sobre o caso nos anos que se seguiram; e embora a Sra. Hastings não comentasse sobre a estranha coincidência de um vazamento de gás simultâneo em tantos quartos na casa dos Pictons, ela contou que foi após a tragédia que o Sr. Picton decidira seguir carreira como promotor. Isso foi o bastante para o Doutor, que sabia — assim como, acredito, também a Sra. Hastings — que a

“coincidência” dos vários vazamentos de gás era tão incrível que só podia ser desconsiderada.

Alguém havia liquidado deliberadamente a família, e o fato de todas as portas da casa estarem aferrolhadas quando as mortes aconteceram indicava que fora um dos Pictons.

Afora isso, porém, nem o Doutor nem mais ninguém poderia ir além de especulações.

Teria a mãe do Sr. Picton, num acesso de melancolia, matado o marido, os filhos e ela própria por meio do gás — uma prática não incomum, segundo o Doutor, entre mulheres letalmente melancólicas? Teria o Sr. Picton suspeitado a verdade sobre o caso, e teria essa suspeita feito dele não só uma pessoa incessantemente ansiosa, pelo resto de seus dias, como também o impelido por tantos anos a condenar Libby Hatch? Nunca saberíamos. Mas, a mera possibilidade, combinada à triste ocasião do funeral em si mesmo, foi o suficiente para nos manter a todos silenciosos no trem, durante a viagem de volta a Nova York.

As coisas apresentaram-se sinistramente calmas na Rua 17 nos dias que se seguiram — o caso tinha chegado ao fim, mas não havia a menor possibilidade de voltarmos à rotina normal, pois, ainda que nossos espíritos fossem fortes o bastante para se recuperar tão prontamente, ainda estávamos à espera dos resultados da investigação judicial sobre o funcionamento do Instituto do Doutor. Na manhã de sexta-feira, os Isaacsons — que haviam adiado seu testemunho desde que voltáramos à cidade — finalmente apresentaram-se no tribunal a portas fechadas e contaram sua história. Naquela mesma tarde, o reverendo Bancroft foi intimado a dar sua opinião sobre como o Instituto fora criado, se a equipe era qualificada e se, no geral, a instituição era uma proposta saudável. O tribunal esperou até segunda-feira para anunciar sua decisão, e não estou exagerando quando digo que aqueles dois dias foram dos mais longos de minha vida. O ar estava ofensivamente úmido, cobrindo todos na cidade com uma camada fina de suor intenso, da qual parece impossível livrar-se e que irrita qualquer um. A segunda-feira não foi melhor: o termômetro já passara dos trinta às dez, e quando Cyrus, o Doutor e eu

subimos na caleche, seguindo para o tribunal de Tweed, às duas da tarde, eu não tinha muita certeza se Frederick — cujas semanas passadas no estábulo haviam-no deixado um tanto preguiçoso — ou qualquer um de nós iria conseguir chegar lá.

No entanto, conseguimos, em todos os sentidos da palavra. Não só o juiz Samuel Welles nos surpreendeu declarando que o funcionamento do Instituto estava em perfeita ordem e o caso de Paulie McPherson era “uma óbvia aberração”, mas prosseguiu, chocando todo o tribunal, ao passar uma descompostura naqueles que deram início à investigação. Os métodos do Dr. Kreizler podiam não ser ortodoxos, disse o juiz Welles, e algumas pessoas podiam não se sentir confortáveis com eles; na verdade, ele mesmo não tinha tanta certeza de se sentir à vontade com todos eles. Mas não se podia questionar resultados, e a pura verdade era que em todos os seus anos de atividade o Doutor perdera unicamente uma criança, uma criança que, como a investigação dos sargentos-detetives revelara com clareza, havia pelo menos pensado

em suicídio antes de ser levada para o Instituto, e que trouxera o instrumento do “crime” com ela quando fora internada. Lembrando aos críticos do Doutor que os tribunais de Nova York tinham coisas mais importantes para fazer do que perder tempo com investigações injustificadas, o juiz declarou que o caso estava encerrado.

Sabíamos que Welles era um sujeito imprevisível; mas ninguém jamais fizera aquele tipo de declaração em apoio ao trabalho do Doutor, e esse fato foi suficiente para nos fazer pensar que talvez houvesse algum tipo de justiça no mundo, afinal. O Sr. Moore, esperançoso, se arriscara a reservar uma sala particular no restaurante do Sr. Delmonico para depois da audiência (tais salas eram os

únicos lugares no estabelecimento onde Cyrus e eu tínhamos permissão para comer), e durante a refeição que se seguiu os adultos se empanturraram com pratos franceses de nome estranho em número maior do que eu poderia citar passados todos esses anos. Quanto a mim, satisfiz-me com bife e batatas fritas, e o Sr. Delmonico chegou mesmo a me conseguir uma garrafa de refrigerante (embora eu acredite que ele precisou mandar um de seus garotos ir comprá-la num armazém das redondezas). Entretanto, mesmo que eu não consiga recordar exatamente o que todos comeram, posso lembrar que aquela noite foi de um tipo raro para nós: não houvera homicídios ou sequestros, e o tema principal da conversa não era nenhum grande mistério. Na verdade, o tópico crime não foi mencionado muitas vezes — aquele era um momento para desfrutarmos a companhia um do outro, e lembrar que acontecimentos terríveis não eram as únicas coisas que nos uniam.

Como o dia transcorrera tão bem, deveríamos ter sabido que uma surpresa desagradável, ou pelo menos perturbadora, estaria à nossa espera quando ele chegasse ao fim. O Doutor convidou todos à sua casa após o jantar no Delmonico's e, quando chegamos, descobrimos um belo cupê parado na rua, diante da casa. Mas os dois homens sentados na boleia não combinavam com o veículo: usando grosseiros casacos de marinheiro, que indicavam familiaridade com as partes mais rudes da zona portuária, tinham traços escuros e profundos, bigodes finos e caídos, e olhos escuros e grandes que sugeriam imediatamente sua procedência da Índia, ou daquela parte do mundo. Eu ia num fiacre com o sargento-detetive Lucius, cujo rosto — sempre alegre e rosado após uma lauta refeição regada a vinho tinto no Delmonico's



— de repente ficou sério, até mesmo um pouco pálido, quando viu a carruagem e os homens.

— Que... — começou ele. — Oh, não.

— Oh, não? — repeti, olhando para o cupê e então de volta ao sargento-detetive. — Por que esse “Oh, não”? Quem são eles?

Respirando fundo, Lucius respondeu:

— Parecem lascares.

— Lascares? — repeti, agora também um pouco perturbado: até mesmo eu ouvira falar da implacável estirpe de marinheiros e piratas cujo lar eram as águas do Oceano Índico e do Mar do Sul da China. — Que diabos estão fazendo *aqui*?

— Quer saber? — replicou o sargento-detetive. — Os lascares são muito comuns... na zona portuária de Manila.

— Ah — murmurei, voltando a olhar para os dois sujeitos no cupê. Então afundei no assento. — Ah, merda...

Quando o fiacre em que Lucius e eu estávamos parou, os outros já haviam saltado de um segundo coche e da caleche do Doutor, e estavam reunidos em torno da porta do cupê. Não

havia ainda o menor sinal de vida no interior do veículo, e o primeiro que vimos foi uma pergunta:

— Dr. Kreizler? — soou uma voz profunda, com forte sotaque espanhol.

O Doutor deu um passo à frente.

— Sou o Dr. Laszlo Kreizler. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

A porta do cupê finalmente se abriu, e por ela saiu um homem muito moreno e bonito, de altura e compleição medianas, o cabelo cuidadosamente arrumado com goma. Suas roupas pareciam as melhores que o dinheiro podia comprar e tinham aquele corte formal que parece sempre assinalar o diplomata. Na mão, ele levava uma bengala com uma pesada bola de prata como punho.

— Sou o *señor* Narciso Linares. Acredito que já tenha ouvido falar de mim.

O Doutor limitou-se a assentir com um leve sorriso, já tendo adivinhado, como o restante de nós, quem era o visitante.

— Sim, *señor*.

O *señor* Linares moveu a bengala na direção da casa.

— Podemos falar em algum lugar? O assunto é urgentíssimo.

— Por favor — disse o Doutor, indicando a porta de entrada. O *señor* caminhou naquela direção e o Doutor o acompanhou, seguido imediatamente por nós: no entanto, os dois lascares saltaram do cupê e se interpuseram em nosso caminho, no portão que dava entrada ao jardim, cruzando os braços e parecendo prontos para briga.

O Doutor voltou-se, com uma expressão de choque.

— *Señor* — disse ele, muito severamente. — O que significa esse comportamento? Essas pessoas são moradoras e convidados desta casa.

Refletindo por um momento, o *señor* então assentiu com a cabeça e disse:

— Muito bem. — Então dirigiu algumas palavras em espanhol aos lascars, que, taciturnos, retornaram à carruagem. Depois disso, todos entramos, Cyrus mantendo um olhar muito atento nos dois rapazes na calçada.

O Doutor subiu com o *señor* Linares para o salão e ofereceu-lhe uma bebida. Quando o visitante aceitou um cálice de conhaque, o Sr. Moore o serviu, enquanto nós outros nos acomodávamos. Cyrus parou ao lado de uma janela e a abriu, ainda observando os lascars.

— Dr. Kreizler — disse o *señor* Linares, um tanto surpreso, quando viu que todos pretendíamos permanecer no salão.  
— Meu assunto com o senhor é de natureza *particular*...

Certamente não é para os ouvidos de criados.

— Não há nenhum criado aqui — replicou o Doutor. — Estes são meus colegas.

O *señor* olhou para Cyrus.

— O negro também?

Tentando não demonstrar sua irritação abertamente, o Doutor disse apenas:

— Se tem algum assunto a tratar, *señor*, deve fazê-lo diante de todo o nosso grupo. Caso contrário, serei obrigado a lhe dizer que tenha uma boa noite.

Dando de ombros, o *señor* Linares bebeu de uma só vez o conhaque e pôs a taça de lado.

— Vou direto ao assunto, então. Tenho razões para acreditar, Doutor, que o senhor conhece o paradeiro de minha mulher e de minha filha.

— Verdade?

— É. E, se é assim, sugiro-lhe veementemente que me revele o lugar, a menos que deseje provocar um incidente diplomático.

O Doutor fez uma pausa e apanhou a cigarreira.

— Sempre acreditei que os diplomatas fossem homens de tato — disse ele. — Talvez esteja enganado.

— O tempo para o tato já passou há muito — respondeu o *señor* Linares, exasperado. —

Sei que, faz algum tempo, minha mulher procurou a ajuda desta mulher... — Ele girou a bengala na direção da Srta. Howard. — Desde então, minha vida tem sido uma sucessão de dificuldades. Eu lhe advirto de que é séria minha ameaça de um protesto oficial.

Quando acendia um cigarro, o Doutor estudou o *señor* por mais alguns segundos e então se recostou na cadeira.

— Na verdade, não é, não.

O *señor* Linares pareceu levar um bofetão.

— Está me chamando de mentiroso? — gritou, pondo-se de pé.

— Por favor — disse o Doutor, agitando o cigarro no ar, sem o mínimo tom de preocupação. — Poupe-me de seu orgulho latino... ou qual é mesmo o termo que homens como o

*señor* usam? Seu *machismo*? Ele é inútil aqui, eu lhe asseguro.

— Dr. Kreizler — replicou o *señor* —, não sou homem para tolerar tais palavras...

— *Señor* Linares — disse o Doutor —, por favor, sente-se. Acredito que, se de fato tivesse alguma intenção de envolver seu consulado ou seu governo nesta questão, já o teria feito há muito tempo. E certamente não teria chegado em minha casa na companhia de criaturas como aqueles dois homens — ele fez um leve gesto na direção da janela —, cuja presença sem dúvida nenhuma tinha a intenção de obter, através da intimidação física, a informação que o senhor busca. Felizmente para mim, e não tanto para o senhor, não voltei para casa sozinho.

Vamos deixar de lado então essa conversa de incidentes diplomáticos, está bem?

O *señor* pensou por alguns segundos, então tornou a sentar-se e até mesmo conseguiu forjar um sorriso relutante.

— Certo. Ouvi dizer que era um homem esperto.

A expressão do Doutor subitamente endureceu.

— E eu ouvi dizer que o senhor é um homem que não se priva de espancar mulheres, ou qualquer outra criatura menor e mais fraca do que o senhor. E que estava disposto, até mesmo ansioso, em ocultar o sequestro da própria filha. Assim, talvez possa me dizer, *señor*, por que vem até aqui, como se fosse o governador de uma colônia espanhola distante, tentando me intimidar e me forçar a lhe dar uma informação que não possuo?

O *señor* ergueu os olhos rapidamente.

— Então não sabe o que foi feito de minha mulher e de minha filha?

— Se soubesse, dificilmente eu lhe diria. Mas tem minha palavra que não sei. — E isso era verdade: a *señora* Linares deixara Nova York no fim de semana, mas antes de partir não dissera à Srta. Howard qual era seu destino final. Planejava escrever quando estivesse estabelecida, com tudo correndo bem.

Recebendo a afirmação do Doutor, pareceu-me, mais frivolamente do que se esperaria de um homem em sua posição, o *señor* Linares apoiou-se na bengala e disse:

— Entendo. Então, parece que perdi meu tempo vindo até aqui.

Em seguida, olhou para o Sr. Moore, quase como se estivesse aborrecido por ele ainda não lhe ter servido outro conhaque.

Servindo-o, o Sr. Moore não pôde conter-se e entrou na conversa:

— Só porque ela é menina? Elas não têm muita importância no lugar de onde o senhor vem, não é... as filhas mulheres?

O *señor* balançou a cabeça.

— Vocês americanos... provincianos e moralistas! Acham que eu teria agido como agi sem razões prementes?

— Que razões — interveio a Srta. Howard, num tom de voz baixo porém desdenhoso —

poderiam ser “prementes” o bastante para fazê-lo abandonar Ana?

Olhando à sua volta no salão, para cada um de nós, o *señor* Linares virou o segundo conhaque e então começou a abanar a cabeça lentamente.

— Suponho que meus motivos devam parecer horripilantes ao seu muito ingênuo modo de pensar.

— Não temos muita certeza de quais *sejam* seus motivos — disse Marcus.

— Vimos tentando determiná-los desde o início — acrescentou Lucius. — Sem sucesso.

Ainda assentindo com a cabeça, enquanto o Sr. Moore lhe servia mais uma dose de conhaque, o *señor* Linares respondeu:

— Posso entender a dificuldade. Vocês, como o restante de seus conterrâneos, acreditam no que é publicado em seus jornais. O Império Espanhol é uma coleção decadente de militaristas arrogantes, cujo maior prazer seria provar sua virilidade contra qualquer nação que os ofenda. Bem... — Ele bebericou o conhaque. — Vocês têm razão, em parte... mas apenas em parte. — Apontando a cigareira de prata do Doutor, o *señor* perguntou: — Posso?

O Doutor, agora muito interessado no que o homem estava dizendo, assentiu. O *señor* acendeu um dos cigarros retirado da caixa, tragou e soltou a fumaça com uma expressão satisfeita.

— Muito bom — comentou. — Russo?

O Doutor tornou a assentir.

— Da Geórgia. Misturado com um pouco da Virgínia.

O *señor* tragou mais uma vez.

— É. Muito bom mesmo... Diga-me, Doutor. Já ouviu falar de um primo meu, general Arsenio Linares? — O Doutor moveu a cabeça negativamente. — Ele é comandante em Santiago de Cuba. E do almirante Pascual Cervera y Topete, comandante de nosso esquadrão naval em Cádiz. — Mais uma vez o Doutor negou. — Não pensei mesmo que conhecesse. Mas vocês conhecem, *todos* vocês conhecem, o “carniceiro” general Weyler, e a roda beligerante de monarquistas e oficiais militares que cercam a rainha regente... São aqueles cujas palavras são citadas em seus jornais. O Sr. Hearst e o Sr. Pulitzer não irão vender seu produto publicando vozes racionais.

— Racionais? — indagou o Doutor, parecendo intrigado.

O *señor* lançou-lhe um olhar duro e direto.

— O senhor não acha mesmo, Doutor, que nós *todos* somos cegos ao ponto de sermos incapazes de reconhecer a realidade que nos cerca, acha? Certo, há muitos espanhóis em Cuba, e na Espanha, e até mesmo no país em que cresci, as Filipinas, que acreditam que seu país vem

se intrometendo em nossos assuntos e insultando nossos líderes além do tolerável. E eles têm razão. Mas querem resolver a questão por meio da guerra. Eles a desejam quase tanto quanto muitos americanos. Há aqueles em nosso país, porém, que sabem qual seria o inevitável resultado dessa guerra. Os homens que mencionei, por exemplo, sabem. E *eu* sei.

— Importa-se de dizê-lo a *nós*? — perguntou o Sr. Moore.

O *señor* Linares olhou para ele e deu uma risadinha.



— Este país... é como um rapazinho que de repente se tornou homem, e ainda não se dá conta da extensão da própria força. Se a Espanha entrar em guerra com seu país, *señor*, o resultado será desastroso para nosso império. Perderemos o pouco que ainda possuímos neste hemisfério, e provavelmente muito mais. Esses argumentos, porém, são inúteis àqueles que desejam defender nosso orgulho com as armas. Eles não dão atenção aos avisos de oficiais experientes como meu primo, ou o almirante Cervera, que conhecem a extensão de nossa fraqueza. Tampouco dão ouvidos a meros secretários consulares, que viram seus grandes navios em construção no Brooklyn, em Newport e na Virgínia. — Fitando a taça em sua mão, o *señor* Linares pareceu amargamente deprimido. — Não dão ouvidos.

Os olhos do Doutor estavam arregalados.

— Está dizendo — perguntou ele com calma — que o senhor deliberadamente tentou abafar a notícia do sequestro de sua filha a fim de evitar que os extremistas políticos de seu país obtivessem racionalizações adicionais para declarar guerra aos Estados Unidos?

Não parecendo absolutamente envergonhado desse fato, o *señor* respondeu:

— O que o *senhor* teria feito, Doutor? O Império Espanhol está doente... morrendo em razão de sua própria arrogância, que procura qualquer desculpa para irromper. Sei disso. No entanto, ao mesmo tempo, fui criado para fazer *parte* desse império. Minha família o vem servindo há trezentos anos. Preciso fazer tudo que puder para protelar a destruição final.

— Inclusive deixar que sua própria filha morresse? — perguntou a Srta. Howard.

O *señor* Linares não olhou para ela ao responder.

— A Espanha precisa de filhos... e não de filhas. O custo tem de ser ponderado em razão do lucro, como dizem vocês, americanos.

— Então agora — prosseguiu Marcus para ele —, o senhor só está tentando certificar-se de que elas não irão ressurgir em algum lugar. Quer ter certeza de que a questão está de fato encerrada.

O *señor* deu de ombros.

— Quero uma anulação do casamento, se minha mulher não voltar para mim. Quero me casar outra vez. Como disse, a Espanha precisa de filhos.

De súbito, pondo-se de pé, os olhos queimando, o Doutor disse:

— Já lhe informei que não sabemos o paradeiro de sua família, *señor* Linares. É a verdade.

E agora peço que saia de minha casa.

Não parecia que a ordem justificadamente descortês houvesse surpreendido o *señor*: ele levantou-se, apoiando-se na bengala, fez um gesto afirmativo com a cabeça e dirigiu-se ao corredor.

— *Señor* — chamou a Srta. Howard. O homem parou no alto da escada e voltou-se. — Se um homem dá prioridade ao seu país em detrimento da própria filha, e se um país não só tolera como até encoraja essa atitude, então esse país já não está destruído?

— Nos próximos meses — respondeu o *señor* Linares baixinho —, creio que saberemos a resposta para essa pergunta.

Andando com rapidez, quase alegremente, o *señor* saiu da casa e voltou à carruagem, deixando-nos todos ali, em silêncio, refletindo sobre o episódio — a última peça no caso de Libby Hatch.

## **CAPÍTULO 59**

Naturalmente, a guerra entre os Estados Unidos e o Império da Espanha de fato irrompeu, poucos meses depois daquele dia em que nos sentamos no salão do Doutor com o *señor* Linares; e apesar do que muitas pessoas parecem preferir acreditar desde então, o que o *señor* chamou de “arrogância” espanhola foi tão responsável pelo banho de sangue quanto toda a veemência e o frenesi daqueles americanos que apoiaram a ideia. As previsões do *señor* Linares sobre o resultado da disputa também vieram a provar-se tão precisas quanto suas opiniões sobre sua causa: o Império Espanhol ficou bastante destruído, e os Estados Unidos se viram de posse de uma série de novas possessões estrangeiras — incluindo as ilhas Filipinas.

Não creio que fossem muitos, mesmo em Washington, os que tivessem uma ideia precisa de em que estavam se metendo ao assumir o comando de tais lugares: como o Sr. Finley P.

Dunne, humorista de jornal, escreveu na ocasião, a maioria dos americanos antes da guerra não saberia dizer se as Filipinas “eram ilhas ou alimentos enlatados”. Quanto a mim, eu só tinha um pensamento — na verdade, uma pergunta — quando soube que éramos os novos governantes do lugar: teria El Niño retornado à sua pátria

antes de nós a invadirmos, e teria ele então se tornado parte do exército nativo que rapidamente começou a lutar contra nosso país pela independência? Nunca descobri; mas teria sido própria dele essa atitude.

Os sargentos-detetives voltaram às funções de rotina no Departamento de Polícia depois que terminaram a investigação do Instituto do Doutor, mas sua posição ali continuou tão conturbada quanto sempre fora. Com o decorrer dos anos, várias comissões têm investigado a corrupção no departamento — de fato, às vezes parece que há sempre uma comissão investigando alguma corrupção — e Marcus e Lucius testemunharam perante todas elas, numa tentativa de limpar pelo menos a Divisão de Detetives. Entretanto, o único resultado real de seus esforços tem sido o de isolá-los ainda mais de seus “pares”, e tenho certeza de que, não fosse pelo brilhantismo por eles demonstrado em tantos casos, já teriam sido dispensados há muito tempo. Mas eles continuam, discutindo, experimentando e tentando usar a criminalística para fazer evoluir o trabalho da polícia; e são muitos os ladrões, assassinos, estupradores e terroristas que desejam que os oficiais irlandeses há muito tivessem conseguido se livrar dos

“garotos judeus”.

A Srta. Howard manteve em funcionamento as operações no número 808 da Broadway após o término do caso Hatch; na verdade, tanto ela quanto o escritório *ainda* estão em atividade, embora ela tenha acabado expandindo seus serviços de modo que tanto homens quanto mulheres pudessem se beneficiar de suas habilidades. Com o passar do tempo, ela se tornou uma espécie de lenda no mundo dos detetives, fato este que a deixa muito orgulhosa, embora nunca vá admiti-lo. E, apesar de toda sua conversa sobre os defeitos dos homens, na realidade ela arranjou

tempo para envolver-se com um ou dois deles ao longo da vida, embora não caiba a mim revelar os detalhes de tais experiências. O que *posso* dizer é que ela continua

sendo a mulher mais extraordinária que já encontrei, sempre mostrando uma combinação de amizade profunda e independência de que muitos membros de seu sexo são tão incapazes nos dias de hoje quanto Libby Hatch o era há 22 anos. Creio que essa situação se mantém, como a Srta. Howard sempre afirmou, em consequência de todas as bobagens que ensinam às meninas

— e talvez a solução seja mais mulheres andarem armadas, não sei: a Srta. Howard certamente meteu mais algumas balas em pernas masculinas no correr dos anos, e isso só a ajudou a conservar sua individualidade.

A amizade entre mim e Cyrus, bem, esse sempre foi um dos baluartes de minha vida. Ele se casou, não muito depois do encerramento do caso de Libby Hatch, e sua mulher, Merle Spotswood, veio morar conosco, pondo fim à nossa longa procura por uma cozinheira decente.

Ela era e continua a ser uma das melhores que já existiram, além de uma pessoa tão digna e forte quanto o marido. Eu ainda morava na casa do Doutor quando seus três filhos vieram ao mundo, e embora tenham transformado o último andar da residência numa barulhenta *nursery* (as crianças ocupavam o quarto que um dia fora de Mary Palmer), eu não me incomodava. Elas às vezes deixavam o Doutor um tanto maluco, mas sempre se lembravam de andar na ponta dos pés quando passavam diante da porta de seu estúdio, e ter crianças na casa era benéfico para o humor de todos. A Rua 17 foi um local feliz durante aqueles anos, e não lamentei pouco deixá-lo quando chegou a hora de eu me

mudar para o quarto nos fundos de minha loja e começar a vida sozinho.

Quanto ao Doutor, uma vez seu nome limpo, ele mergulhou nas questões de seu Instituto como um homem que tivesse sido privado das necessidades da vida. Não quero com isso dizer que não houve perguntas levantadas durante aquela primavera e aquele verão de 1897 que permanecessem com ele — certamente essas existiram. Algumas delas — O que levava Paulie McPherson a se enforcar? O que de fato acontecera com a família do Sr. Picton? Quantas crianças Libby Hatch havia matado das quais nem mesmo tínhamos conhecimento? — não tinham respostas, e desapareceram aos poucos com o passar dos anos; outras, porém, eram mais pessoais, e não o deixaram. Na verdade, parecem ainda ocupar o Doutor, às vezes, quando ele se senta no salão tarde da noite e reflete sobre as complexidades da vida. Não se pode dizer que tais questões tenham sido exatamente plantadas em sua cabeça pelo engenhoso Clarence Darrow, pois o Doutor sempre se afligiu com dúvidas insistentes; mas a hábil apresentação dessas dúvidas pelo Sr. Darrow, durante o julgamento de Libby Hatch, deu voz ao que de outra forma poderia ter continuado a ser ideias não expressas. Mais do que qualquer coisa, a questão de *por que* o Doutor sempre trabalhava — e ainda trabalha — com tanto afinco em busca de explicações para fatos terríveis com que deparava em sua vida profissional parece difícil para ele conciliar. A sugestão do Sr. Darrow de que talvez, no fundo, ele estivesse usando o trabalho como uma forma de aquietar as dúvidas que nutria sobre si mesmo obviamente tocou-o fundo; e enquanto o Doutor via seu ex-adversário ganhar fama nos tribunais de toda a América, creio que a ideia o perseguia ainda mais. Mas isso nunca o impediu de trabalhar, de ir em frente, e é essa capacidade — de trabalhar em meio às dúvidas sobre si mesmo que qualquer

ser humano de valor sente —, essa é, até onde posso dizer, a única coisa que separa uma vida significativa de uma vida inútil.

E vem então a vez do Sr. Moore. Posso me dar ao luxo de escrever estas palavras finais porque, pela primeira vez desde que abri a loja, tenho um ajudante: bom perdedor que é, o Sr.

Moore reconheceu ter perdido a aposta após ter lido o resto de meu manuscrito, embora tenha tido o cuidado de me dizer que, qualquer vitalidade que a narrativa pudesse ter, esta foi

“lamentavelmente prejudicada por uma estarrecedora falta de estilo”. É o que ele diz. Seja como for, ele está lá fora agora, de avental e tudo, vendendo cigarros aos figurões e, creio eu, desfrutando essa oportunidade de atormentar tais pessoas de um modo de que somente um comerciante é capaz: nada jamais deu mais prazer ao meu velho amigo do que ter a chance de cuspir na cara da elite abastada, da qual ele provém.

Seu retorno ao *Times* após o caso Hatch não foi fácil para ele: o Sr. Moore gostaria de ter feito a crônica de nossas recentes façanhas nas páginas do jornal, mas sabia que os editores não se entusiasmassem muito com a ideia. Assim sendo, decidiu consolar-se assumindo a cobertura do processo que se seguiu ao “mistério do corpo sem cabeça”. A esperança do Sr. Moore era poder injetar algumas das lições que havíamos aprendido em nossa perseguição a Libby Hatch naquela segunda história de assassinato, embora na verdade não devesse ter caído nessa. Não demorou para que a vítima do crime, o esquartejado Sr. Guldensuppe, logo fosse esquecida por praticamente todos, enquanto sua ex-amante, a Sra. Nack, e sua mais recente

conquista e cúmplice no crime, Martin Thorn, tornaram-se o tema de um melodrama público completo. A Sra. Nack rapidamente se tornou, pelo menos segundo a imprensa, o público e a promotoria, uma donzela aflita: ela se fez passar por desencaminhada e corrompida por Thorn, quando na verdade havia participado no planejamento do assassinato e ajudado na tarefa de esquartejar o cadáver. Para completar, ao dar à promotoria tudo de que esta precisava para mandar o infeliz e tolo Thorn para a cadeira elétrica em Sing Sing, a Sra. Nack conseguiu fazer o promotor pedir ao juiz para lhe imputar a pena mais branda possível, e foi o que ele fez: ela recebeu a sentença de quinze anos em Auburn, que, com bom comportamento, poderia ser, e de fato acabou sendo, de apenas nove anos.

Quando chegou o dia de Thorn ser eletrocutado, o Sr. Moore foi até Sing Sing, determinado a obter uma declaração do prisioneiro condenado sobre a sociedade ainda estar disposta a deixar as mulheres escaparem impunes de atrocidades brutais simplesmente por ser incômodo demais acreditar que fossem capazes de cometê-las. O Sr. Moore deteve Thorn quando este era levado à câmara da morte, e perguntou-lhe o que achava sobre a sentença branda dada à Sra. Nack.

— Ah, não sei — respondeu Thorn, abatido e resignado. — Não estou muito preocupado com isso, de uma forma ou de outra.

Assim, chegou ao fim a breve cruzada do Sr. Moore com o intuito de trazer à tona algumas das verdades que havíamos aprendido com Libby Hatch. O “bárbaro” Thorn e a “iludida porém redimida” Sra. Nack (como o promotor os havia rotulado) mostraram-se, na verdade, pessoas comuns, ao passo que os “monstros” que todos na cidade originalmente acreditaram responsáveis pelo crime — os violadores de



túmulos, anatomistas loucos, espíritos necrófilos e sedentos de sangue, e afins — não passavam de sombras, criadas para glorificar policiais, vender jornais e assustar crianças rebeldes. Exatamente como acreditava o Doutor, os verdadeiros monstros continuaram, como continuam agora, a perambular pelas ruas despercebidos, ocupando-se de sua estranha e desesperada obra com um fervor que parece ao cidadão comum nada mais do que o esforço habitual necessário a atravessar um dia como outro qualquer.

Quanto a mim, saí-me melhor do que se poderia esperar, suponho, levando-se em conta de onde vim. A maior parte de meus companheiros acabou na prisão ou morta nas ruas, e embora seja difícil lamentar que aqueles como Ding Dong e Goo Goo Knox tenham seguido esse destino, parece triste que alguém de tão bom coração quanto Hickie o Huno devesse passar a maior parte de sua vida adulta caminhando no pátio da prisão de Sing Sing.

Essa loja tem sido praticamente a minha vida; e embora o tabaco tenha me favorecido em termos de dinheiro, também me deixou — num exemplo do que o Doutor chama de “ironia terrivelmente trágica” — com essa desgraçada dessa tosse seca, condição que irá, muito provavelmente, continuar a me devorar os pulmões até que nada mais haja neles a ser expectorado. Às vezes tenho a impressão de que o Doutor se culpa por nunca me ter feito abandonar os cigarros; mas eu era viciado em nicotina muito antes de conhecê-lo, e por mais atencioso e paciente que tenha sido, havia algumas coisas de minha vida pregressa que nem mesmo sua bondade e sabedoria podiam apagar. Não o julgo responsável, naturalmente, ou tampouco o amo menos por isso, e entristece-me pensar que minha dificuldade física só sirva para lhe dar mais um motivo para se afligir; mais uma vez, porém, creio que é essa mesma aflição, e a capacidade de continuar trabalhando em meio a

ela, na direção de um tipo de vida melhor para nossas espécies mais desgraçadas, que o torna um homem tão incomum.

Tem havido mulheres em minha vida ocasionalmente, mas nenhuma delas me inspirou o tipo de sonhos que uma vez partilhei com Kat na cozinha do Doutor. Esses morreram com ela, creio eu; e se parece estranho que isso possa ter acontecido quando eu era ainda tão jovem, só posso dizer que às vezes me ocorre que aqueles de nós que cresceram nas ruas fizeram tudo cedo demais — cedo e rápido demais. Uma vez por semana tomo o trem até Calvary Cemetery e ponho flores no túmulo de Kat, e algumas vezes — com frequência cada vez maior — pego-me sentado conversando com ela, como fizemos naquela manhã em que ela bebeu grande parte de um vidro de elixir paregórico. Onde quer que esteja, creio que sabe que provavelmente estarei indo ao seu encontro muito em breve; e embora não goste de pensar em deixar meus amigos, e principalmente o Doutor, para trás, sinto uma espécie de estranha emoção ao pensar que no fim a encontrarei novamente, crescida e livre de seu anseio por pó e por luxos. Quem sabe, enfim, possamos construir juntos uma vida agradável e tranquila — o tipo de vida que ela não chegou a conhecer durante o curto tempo que passou neste mundo. Acho que muitas pessoas talvez considerem isso um sonho tolo; mas, para quem veio do mundo de onde viemos Kat e eu, não é assim, absolutamente.

## **AGRADECIMENTOS**

Quando fazia pesquisas para o livro anterior, *O alienista*, ficou claro para mim que, ao contrário da crença popular, as mulheres são tão propensas a crimes violentos quanto os homens. Suas vítimas, porém, são quase sempre crianças — frequentemente seus próprios filhos —, e esse fato

perturbador parece desencorajar o tipo de reportagem sensacionalista que em geral caracteriza casos envolvendo homens violentos, principalmente assassinos em série.

Discuti essa questão com o Dr. David Abrahamsen, que muito me ajudara durante o preparo de *O alienista*, e ele confirmou que as mulheres em geral maltratam ou matam pessoas com quem têm fortes conexões pessoais (ao contrário dos homens, que com frequência selecionam estranhos como vítimas de suas tendências violentas, posto que são mais fáceis de objetificar).

Mais uma vez, agradeço ao Dr. Abrahamsen por sua ajuda e incentivo, sem os quais este projeto teria se desencaminhado desde o início.

Qualquer pessoa que esteja familiarizada com o fenômeno da violência feminina verá no caso de Libby Hatch elementos de crimes não só do século passado, como também de nossos dias. Essa similaridade é certamente intencional, e não poderia ter sido alcançada sem o importante trabalho de analistas que fizeram a crônica de algumas das assassinas contemporâneas mais notórias. Desses, devo mencionar Joyce Eggington, por seu poderoso estudo sobre Marybeth Tinning, Ann Rule por seu trabalho incisivo sobre o caso de Diane Downs, Andrea Peyser por sua reportagem e análise dos homicídios de Susan Smith, e meu amigo John Coston, por seu exame de Ellen Boehm. Todos devem ser louvados por sua recusa em racionalizar sociologicamente os atos do objeto de seus estudos, e pela insistência (parafraseando Rupert Picton) em tratá-las como indivíduos violentos em primeiro lugar e, só em segundo, como mulheres.

As bibliotecas, como sempre, tornam possível a diferença entre a fantasia e a reconstituição. Devo agradecer à equipe

da Biblioteca Pública de Nova York, da Biblioteca da Sociedade de Nova York, e à Sociedade Histórica de Nova York, por sua ajuda incansável.

Também devo agradecer aos funcionários do Museu de Brookside, em Ballston Spa, Nova York, assim como àqueles da Biblioteca Pública de Ballston Spa, da Biblioteca Pública de Saratoga Springs e da Sociedade Histórica do Condado de Saratoga.

Perrin Wright proporcionou auxílio nas pesquisas como também companheirismo em algumas jornadas mentais e físicas que, por mais perturbadoras que fossem para mim, de certa forma eram ainda mais para ela. Agradeço-lhe por ser tão perspicaz, receptiva e encorajadora.

O Dr. Laszlo Kreizler nasceu durante um jantar que tive há muito tempo com John Therese, que continua a me oferecer sua amizade e aconselhamento. Ambos me são tão prezados agora quanto o eram então.

Meu caminho através do labirinto do sistema legal do século XIX no estado de Nova York foi iluminado pela sempre sagaz Julie Glynn, advogada. Além disso, ela e o marido, Andy

Mattson, mordaz analista dos estudos americanos, mostraram-se sempre dispostos a discutir ideias e ouvir diatribes, o que evitou que a pressão se tornasse explosiva. Desnecessário dizer que quaisquer liberdades que eu tenha tomado em relação aos procedimentos legais, por amor ao drama, são de minha inteira responsabilidade.

Mais uma vez, Tim Haldeman forneceu inestimáveis reações e sugestões, assim como a amizade necessária para dar continuidade a um projeto longo e difícil. Devo muito a ele.

Por sua suprema paciência e constante encorajamento, agradeço à minha agente, Suzanne Gluck, e à minha editora, Ann Godoff. Elas toleraram o que algumas vezes deve ter parecido divagações intermináveis de uma alma atormentada, e espero que saibam que eu não poderia ter passado por tudo isso sem elas. Marsinay Smith e Enrica Gadler também facilitaram o caminho, e agradeço seus esforços de coração.

Heather Schroeder trabalhou incansavelmente para supervisionar o destino dessas histórias no exterior, demonstrando sempre compreensão e paciência.

Por me ajudar a me manter na rota, assim como por estender a mão de verdadeira amizade na Mãe Inglaterra, ofereço meus mais sinceros agradecimentos a Hilary Hale.

Também devo agradecer aos esforços dos médicos que se esforçaram para me ajudar a atravessar vários anos muito difíceis: Ernestina Saxton, Tirso del Junco Jr., Frank Petito e Bruce Yaffe apresentaram o tipo de comportamento empenhado e receptivo que todos os médicos deveriam incorporar, mas com o qual a maioria, tragicamente, não pode ser importunada. A eles eu agradeço. Ofereço minha especial gratidão a Vicki Hufnagel, cirurgiã pioneira que me proporcionou esperança quando muitos outros não o fariam ou não poderiam fazê-lo. Por seus esforços para iluminar vários cantos escuros da medicina, a Dra. Hufnagel foi consistentemente premiada com a hostilidade do sistema médico, que continua a proteger seus membros cegos e retrógrados tão assiduamente quanto o fazia há cem anos.

Quando este livro estava em sua infância, quase teve a mesma sina de muitas das vítimas de Libby Hatch em consequência de minhas inocentes divagações por atoleiros criativos ou outro tipo de terreno. Por me ajudar a primeiro

tentar realizar uma visão difícil e então voltar à tarefa de escrever livros, eu gostaria de agradecer, em ordem de apresentação, a Rene Garcia (e Risa Bramon Garcia), Betty Moos, Mike Finnell, Joe Dante, Kathy Lingg, Cynthia Shulte, Helen Mossier, Garry Hart, Bob Eisele, Dan Dugan, Thom Polizzi, Jamie Freitag, Sandy Veneziano, Jason La Padura, Natalie Hart, Deborah Everton, Marshall Harvey, Michael Thau, Kathy Zatarga, Bill Millar, Hal Harrison e o restante da turma da Paramount, ao lado — pois eles não podem ser esquecidos — de John Corbett, John Pyper-Ferguson, Rod Taylor, J.

Madison Wright, Darryl Theirse, Carolyn McCormick (e Byron Jennings and Cooper), Marjorie Monaghan, Joel Swetow e o restante do elenco da Chronicles. O fato de este livro ser lançado antes daquele projeto é evidência não de deficiência da parte deles, mas do porquê de Nova York não precisar temer um certo vilarejo no deserto no sul da Califórnia como rival na inovação artística e no poder cultural.

Agradecimentos especiais a Lynn Freer e Jim Turner, assim como a meu amigo e nêmesis matinal, Otto; a John e Kathy von Hartz; a meu irmão Simon e à mulher, Cristina, e também a meus consultores mais confiáveis: Lydia, Sam, Ben e Gabriella; a meu irmão Ethan e à mulher, Sarah; a Marta von Hartz e Jay Shapiro; a William von Harz; a Debbie Deuble; a Ezequiel Vinao; a Oren Jacoby; a Meghann Haldeman; a Ellen Blain; e ao sempre digno de confiança

Tom Pivinski. Também gostaria de agradecer a Marvin Cochran; acredito que, onde quer que esteja, ele irá me ouvir.

A conclusão deste livro, assim como a sanidade de seu autor, contaram com o auxílio consistente do notável bom

senso e da sensibilidade de Elisabeth Harnois.

[1] *Pipe*, em inglês, significa “cano”. (N. da T.)

# Document Outline

- [Outra obra do autor publicada pela Editora Record](#)
- [Rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Dedicatória](#)
- [Epígrafe](#)
- [Mapa](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)



- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)
- [Capítulo 31](#)
- [Capítulo 32](#)
- [Capítulo 33](#)
- [Capítulo 34](#)
- [Capítulo 35](#)
- [Capítulo 36](#)
- [Capítulo 37](#)
- [Capítulo 38](#)
- [Capítulo 39](#)
- [Capítulo 40](#)
- [Capítulo 41](#)
- [Capítulo 42](#)
- [Capítulo 43](#)
- [Capítulo 44](#)
- [Capítulo 45](#)
- [Capítulo 46](#)
- [Capítulo 47](#)
- [Capítulo 48](#)
- [Capítulo 49](#)
- [Capítulo 50](#)
- [Capítulo 51](#)
- [Capítulo 52](#)
- [Capítulo 53](#)
- [Capítulo 54](#)
- [Capítulo 55](#)
- [Capítulo 56](#)
- [Capítulo 57](#)
- [Capítulo 58](#)
- [Capítulo 59](#)
- [Agradecimientos](#)
- [Nota](#)